UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

***Campus* Rio Claro**

MARCELO BEZERRA DE MORAIS

SE UM VIAJANTE... PERCURSOS E HISTÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO RIO GRANDE DO NORTE

RIO CLARO - SP

2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

***Campus* Rio Claro**

MARCELO BEZERRA DE MORAIS

SE UM VIAJANTE... PERCURSOS E HISTÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO RIO GRANDE DO NORTE

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do *Campus* de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

RIO CLARO – SP
2017

510.07 Morais, Marcelo Bezerra de
M827s Se um viajante... percursos e histórias sobre a formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte / Marcelo Bezerra de Morais. - Rio Claro, 2017
1006 f. : il., figs., fots., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Antonio Vicente Marafioti Garnica

1. Matemática - Estudo e ensino. 2. Narrativas. 3. Singularidades. 4. História oral. 5. Metodologia de pesquisa. 6. História da educação matemática. I. Título.

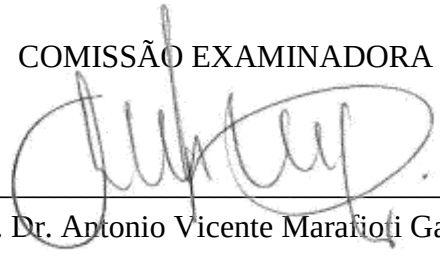
Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

MARCELO BEZERRA DE MORAIS

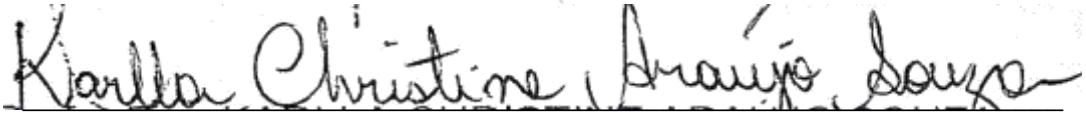
SE UM VIAJANTE... PERCURSOS E HISTÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO RIO GRANDE DO NORTE

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do *Campus* de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

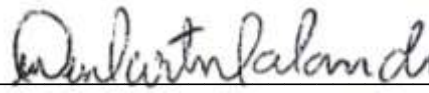
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica



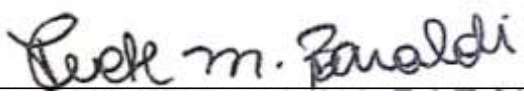
Profª Dra. Karlla Christine Araújo Souza



Profª Dra. Maria Ednéia Martins Salandim



Prof. Dr. Roger Miarka



Profª Dra. Ivete Maria Baraldi

Rio Claro, 17 de fevereiro de 2017.

Dedico este trabalho a todos aqueles que são em mim; que me foram formando ao longo dos meus percursos e histórias.

AGRADECIMENTOS

Hoje, percebo que agradecer é reconhecer que eu não seria sem todas as coisas e experiências que me fizeram ser o que sou – de dado modo, em algum lugar e em um determinado momento. Logo, por ser quem sou e ter feito o que pude fazer, aqui e desse modo, não conseguiria agradecer a tudo o que deveria, mas, mesmo diante da minha certa falibilidade, agradecerei...

À vida criadora, pela poética do meu viver, pelos meus desejos, possibilidades e necessidades que me guiaram de algum modo; pelos caminhos e descaminhos, as estradas e encruzilhadas que possibilitaram minhas travessias; por todos os outros que em mim vivem e pulsam, vibram e tremem; os "acasos", felizes e tristes, mas certamente importantes para a constituição do ser que sou sendo...

À painho e mainha, Francisco e Maria, bem como aos meus irmãos, Márcia, Marcos, Marciana e Barbara, com os quais aprendo muito até hoje. Querido grupo que possibilitou meus passos iniciais, acompanhando-os até se tornarem firmes no mundo. Às preocupações sentidas, aos desejos de vitória construídos, aos sonhos compartilhados, aos sorrisos retribuídos, à afetividade sempre presente, ao aprendizado mútuo, ao amor incondicional; serei sempre e plenamente grato a cada um de vocês.

À minha bela flor, Grazi, por toda a partilha desses últimos anos. Por ter aceitado o convite e embarcado comigo em minhas viagens, tanto as físicas quanto as simbólicas; pela compreensão nas minhas ausências, pelas incansáveis horas de conversas sobre tantos temas dessa tese, por sempre me estimular, por ler e opinar sobre os meus textos e por tornar essa caminhada tão mais agradável e segura. Contigo, aperfeiçoei muitas das compreensões que são apresentadas nesse trabalho e para a minha vida, espero que possamos construir muitos outros mundos adiante... Por tudo isso serei sempre grato a você, minha menina!

Aos cunhados, sobrinhos e demais familiares e amigos, agradeço por tantas coisas que perpassam minhas histórias. Especificamente, agradeço aos esforços que possibilitaram também esse trabalho, como as ajudas financeiras quando estive sem bolsa, o empréstimo de transportes para desenvolver a pesquisa, aos auxílios à distância e à amizade e torcida sempre demonstrados.

A Vicente, em um registro especial, gostaria de agradecer pela amizade, pela confiança em mim depositada, pelo respeito e estímulo às minhas ideias, pela liberdade dada para a condução do trabalho, por me guiar nos momentos de dúvidas e incertezas, pelos tantos ensinamentos e correções sempre necessários e oportunos. Agradeço pelo exemplo de ser

humano, profissional e formador de pesquisadores que é. Certamente, será um exemplo que buscarei seguir. Muito obrigado por todos os percursos e histórias vividos até aqui...

Aos colaboradores dessa pesquisa e do mestrado que, com suas histórias, me possibilitaram tantas compreensões sobre a vida. Serei eternamente grato pelas partilhas de seus percursos formativos e pela atenção com a qual sempre me trataram todas as vezes que precisei procurá-los para realizar os procedimentos desses estudos.

À dona Julieta e seu Titico e à dona Julita e Liziane por todas as vezes que me receberam em suas residências, possibilitando que eu desenvolvesse a produção dos dados dessa pesquisa nas cidades de Caicó e Natal, respectivamente. Serei sempre muito grato por isso.

Aos professores Karlla (UERN), Durval (UFRN) e Hélia (ULisboa) por propiciarem a realização dos estágios nas suas respectivas universidades, nos quais pude produzir tantos elementos que estão registrados nessa tese. De modo especial, agradeço novamente a professora Hélia por todo o cuidado e atenção que nos deu antes, durante e depois de nossa ida a Portugal, proporcionando uma passagem instrutiva, agradável e acolhedora naquele país; serei sempre grato por tão boas recordações.

Aos professores Ailton Siqueira (UERN), Geovana Toscano (UFPB), Rosalvo Carneiro (UERN) e Henrique Guimarães (ULisboa) com os quais, em diferentes atividades durante a realização dos estágios supracitados, também pude produzir distintos e importantes elementos para essa tese.

Aos professores Luzia (UFMS), Ednéia (Unesp/Bauru), Ivete (Unesp/Bauru), Roger (Unesp/Rio Claro) e, novamente, Karlla (UERN) pelas importantes contribuições dadas a essa tese, quando de seu Exame de Qualificação, que certamente contribuíram muito para aprimorá-la para a versão final. A cada um agradeço também, de modo especial, por tantos aprendizados e exemplos que me dão, pelas discussões em outros momentos acadêmicos e não acadêmicos, os quais, certamente, me fizeram crescer muito como pesquisador, professor e ser humano.

Aos queridos amigos que fiz no PPGEM e no Ghoem pela caminhada conjunta, por se tornarem minha família durante um longo período, pelos exemplos de pessoas, docentes e pesquisadores que passei a perseguir; enfim, agradeço profundamente por todos os aprendizados e momentos agradabilíssimos que vivi desde que mudei para Rio Claro.

Aos técnicos das diferentes instituições por quem sempre fui bem tratado e auxiliado na desburocratização de minha vida institucional; em especial, agradeço a Inajara, a Ana, a Eliza e a Zé (todos da Unesp), que sempre, sorridentemente, me auxiliaram quando precisei.

Aos acervos do Ghoem, do Labordoc, do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte, da Escola Estadual Jerônimo Rosado, do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, da Sociedade União Caixeiral, do Colégio Diocesano Seridoense, do Ginásio Municipal de Patu, da UERN, da UFRN, da Escola Estadual Profa. Calpúrnia Caldas de Amorim que disponibilizaram importantes documentos para este estudo.

Aos Programas de Pós Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCSH/UERN) e em História (PPGH/UFRN) que possibilitaram a realização dos estágios acadêmicos vinculados a eles e aos grupos de Estudo do Pensamento Complexo (GECOM), Potiguar de Estudos e Pesquisas em História da Educação Matemática (GPEP) e Cartografia Contemporâneas que me receberam tão calorosamente.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da bolsa de doutorado que possibilitou concluir essa pesquisa de modo mais confortável e estruturado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento inicial desse estudo, assim como pela bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior que possibilitou o desenvolvimento do estágio na Universidade de Lisboa.

E, por fim, às instituições que proporcionaram estruturas para diferentes momentos de desenvolvimento deste projeto (UERN, UFRN e ULisboa) e, em especial, à Unesp e ao PPGEM que possibilitaram e deram o suporte necessário para o desenvolvimento dessa tese.

“Agora que volto o olhar a partir de uma certa longitude às situações das quais estes escritos são testemunho, não gostaria de negar que, no fundo, falam meramente de mim. [...] Oh!, quão longe ainda me encontrava eu [...] ‘do que’ sou hoje, ‘do lugar’ em que me encontro hoje!”. (NIETZSCHE, 2006, p. 77).

“Coisas transformam-se em mim,
É como chuva no mar,
Se desmancha assim em
Ondas a me atravessar,
Um corpo sopro no ar
Com um nome p’ra chamar,
É só alguém batizar,
Nome p’ra chamar de
Nuvem, vidraça, varal,
Asa, desejo, quintal,
O horizonte lá longe,
Tudo o que o olho alcançar
E o que ninguém escutar,
Te invade sem parar,
Te transforma sem ninguém notar,
Frases, vozes, cores,
Ondas, frequências, sinais,
O mundo é grande demais.
Coisas transformam-se em mim,
Por todo o mundo é assim.”
(MONTE; ANTUNES, 2015).

RESUMO

A intenção desta pesquisa foi compreender e elaborar versões históricas, a partir de diversas perspectivas documentais e testemunhais, de como se deu a formação dos professores que ensinavam matemática no estado do Rio Grande do Norte, nas séries que correspondem aos atuais ensinos fundamental e médio, incluindo possíveis aspectos relacionados ao desenvolvimento desse processo de formação, antes e durante o período de criação dos quatro mais antigos cursos superiores que habilitavam professores em Matemática neste estado. Utilizamos como metodologia de pesquisa a História Oral, produzindo e analisando vinte narrativas e documentos acessados em arquivos públicos e privados. Seguindo uma perspectiva transdisciplinar, elaboramos compreensões sobre o processo "formação de professores de matemática" e constituímos narrativas segundo três disposições distintas mas interconectadas: a análise narrativa de narrativas, a análise de singularidades e a análise de convergências. O texto final desse movimento de pesquisa tem um estilo alternativo que pretende dialogar com as teorizações feitas.

Palavras-chave: Narrativas. Singularidades. História Oral. Metodologia de Pesquisa. História da Educação Matemática.

ABSTRACT

The intention of this doctoral thesis is to sketch, from oral and written sources, some historical versions about the process in which Brazilian teachers from the state of Rio Grande do Norte were formed to teach in secondary schooling system. Our main methodological guide was given by Oral History and our research sources were, basically, twenty narratives and a set of written documents collected in public and particular archives. From these sources, following a transdisciplinary framework and three distinct bur interconnected analytical perspectives – the so called narrative analysis of narratives, the analysis of singularities and the analysis of convergences –, it was possible to build a comprehensive discourse on ”Math teachers formation” and, particularly, on “Math teachers formation in Rio Grande do Norte”. The final report composition follows an alternative style in order to emphasize the theorization that underlies all the research process.

Key world: Narratives. Singularities. Oral History. Research metodology. History of Mathematics Education.

LISTA DE SIGLAS

CADES – Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAPMEM – Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio

CCET – Centro de Ciências Exatas e da Terra

CDS – Colégio Diocesano Seridoense

CECI – Centro de Ensino de Ciências

CECIBA – Centro de Ensino de Ciências da Bahia

CECIGUA – Centro de Ensino de Ciências de Guanabara

CECIMIG – Centro de Ensino de Ciências de Minas Gerais

CECINE – Centro de Ensino de Ciências do Nordeste

CECIRS – Centro de Ensino de Ciências do Rio Grande do Sul

CECISP – Centro de Ensino de Ciências de São Paulo

CEIS – Centro Educacional Integrado do Seridó

CEJA – Centro Educacional José Augusto

CEM – Casa do Estudante de Mossoró

CEPE – Centro de Treinamento e Pesquisas Educacionais

CERES – Centro de Ensino Superior do Seridó

CETEB – Centro de Ensino Técnico de Brasília

CFE – Conselho Federal de Educação

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

CONTAP – Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso

DIRED – Diretório Regional da Educação e da Cultura

DSND – Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento

EMC – Educação Moral e Cívica

ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática

EPB – Estudo dos Problemas Brasileiros

ESAM – Escola Superior de Agricultura de Mossoró

ESG – Escola Superior de Guerra

ETFERN – Escola Técnica Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

FACEM – Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró

FAFICIL – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras

FASSO – Faculdade de Serviço Social

FE – Faculdade de Educação

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FFCL – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras

FURRN – Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Gecom – Grupo de Estudos do Pensamento Complexo

GEEM – Grupo de Estudos do Ensino de Matemática

GEEMPA – Grupo de Estudos de Ensino de Matemática de Porto Alegre

GEPEM – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática

Ghoem – Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática

GPEP – Grupo Potiguar de Estudos e Pesquisas em História da Educação Matemática

IBECC – Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

ICEN – Instituto de Ciências Exatas e Naturais

ICH – Instituto de Ciências Humanas

IFRN – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

ILA – Instituto de Lestras e Artes

IM – Instituto de Matemática

Labordoc – Laboratório de Documentação Histórica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MMM – Movimento da Matemática Moderna

NAC – Núcleo de Ensino de Caicó

NEDEM – Núcleo do Estudo e Difusão do Ensino de Matemática

NURE – Núcleos Regionais de Ensino

OEA – Organização dos Estados Americanos

OSD – Orientadores-Supervisores Docentes

OSPB – Organização Social e Política Brasileira

PAPMEM – Programa de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIPEM – Preparação Intensiva do Professor do Ensino Médio

PPGCISH – Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas

PPGEM – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História

PREMEM – Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio

PREMEN – Programa de Expansão e Melhoria do Ensino

PROFORMAÇÃO – Programa de Formação de Professores em Exercício

PROMULMEC – Projeto Multinacional para a Melhoria do Ensino de Matemática e Ciências

SEEC – Secretaria de Estado da Educação e Cultura

SMSG – School Mathematics Study Group

SUDENE – Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Unesp – Universidade Estadual Paulista “ Júlio de Mesquita Filha”

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

URRN – Universidade Regional do Rio Grande do Norte

USAID – United States Agency for International Development

SUMÁRIO

DESACELERAÇÃO: DAS POSSÍVEIS PORTAS DE ENTRADA 14

TOMO TRAVESSIA 23

TOMO PASSOS 23

REFERÊNCIAS 24

Desaceleração: das possíveis portas de entrada

> [...] não se trata de capricho [...] – no fim talvez se entenda a necessidade do delimitado. (Mal e mal vislumbro o final que, se minha pobreza permitir, quero que seja grandioso). (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Prezado leitor,

Não vemos outro modo de iniciar esse texto senão expondo nosso desconforto com introduções. Sim, não gostamos muito das introduções convencionais. Assim, saiba que essa é uma introdução e ela já foi considerada como não sendo parte deste trabalho, portanto, caso deseje pular esse texto e ir direto para o próximo, fique à vontade. Contudo, devemos avisá-lo que essa (nova) introdução, agora, constitui o trabalho, pois ela surge também do processo de desenvolvimento dessa pesquisa e ficaríamos muito satisfeitos se você a lesse... Assim, caso não a leia agora, sugerimos que a leia depois. Contudo, fique à vontade também para não ler nem agora nem depois, afinal, ainda que ela diga algumas coisas, ela não diz nada que o trabalho, sem a introdução, não dirá (em geral, são assim as introduções).

*****

Bem, leitor, se você está chegando a essa parte do texto, ou percorreu o longo caminho dessa tese e retornou, ou continuou a ler para ver se vale percorrer esse caminho, ou, simplesmente, continuou a ler (por curiosidade, por necessidade, por não saber que opção tomar, por ter meramente seguido o fluxo do texto...). Qualquer que seja a hipótese, você já está neste ponto e, antes, deveríamos ter explicado o porquê dessa introdução fazer parte da tese e do processo dessa pesquisa.

Neste trabalho, desejamos narrar fluxos. Nossa cisma com as introduções, como convencionalmente construídas, está na intenção desses textos de reduzir percursos a meros "se... então", sintetizando longas caminhadas a causas e efeitos aparentemente lineares, escondendo análises, problematizações, questionamentos, como se as pesquisas acontecessem docemente, como decorrência natural de uma proposta prévia e totalmente arquitetada. Introduções são, no geral, textos reducionistas que antecipam tudo o que se seguirá, transformando fluxos em selos estáticos, fixos. Aqui, isso é o que não pretendemos.

Na qualificação deste trabalho, argumentávamos pela não elaboração da (e sugeríamos ao leitor que não lesse a) introdução porque: (a) uma tese de doutorado não existe *a priori*, nem se dá linearmente, de modo calmo e doce. Se aqui pretendemos apresentar o fluxo de produção dessa tese, não faz sentido existir uma introdução que, queiramos ou não, é um alinhavo que ocorre apenas ao final de um fluxo; (b) aqui tentamos questionar a forma clássica das teses, propondo um exercício diferenciado de elaboração textual no qual não caberia uma introdução "clássica"; (c) se você já está decidido a ler essa tese, seja por obrigação, seja por ter se interessado nela pelo que leu no resumo, a introdução é completamente dispensável; (d) pedimos que não se antecipe o que não surge prévia e simplesmente. Objetivos, referenciais teóricos e procedimentos metodológicos não são estabelecidos de início, como normalmente se dá nas introduções. Pretendemos que se deixe fluir a narrativa...; (e) essa tese "não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira"[1].

Esses argumentos, àquela altura, eram válidos e ainda o são. Não desejávamos, não desejamos, uma introdução reducionista. Fizemos um primeiro exercício de tentativa de insubordinação às introduções e nossos primeiros leitores, porém, na banca de qualificação, nos fizeram perceber que, ao invés de subverter, fazíamos concessões que não queríamos fazer. É desse processo – que vem em um quase fim, mas também em outros inícios possíveis – que surge esse texto, pois criamos outras perspectivas sobre as introduções, suas possibilidades e impossibilidades. Desse modo, consideramos este texto como parte da tese, como momento de um fluxo, e, portanto, o deixamos existir, materializado, não apenas por obrigação, mas também por necessidade. Ele poderia estar registrado ao fim do trabalho, já que é um começo arbitrário e traz considerações que não traríamos antes do fim. Desse modo, caro leitor que ainda não leu a tese, a leitura isolada dessa introdução pode trazer mais confusão que clareza, pois ele é um exercício de dizer aquilo que o autor não quer dizer ou que gostaria de dizer como consequência legítima de todo esse arrazoado que chamam "tese de doutorado".

*****

Justificamos o fato desse texto ser parte de nosso percurso e, portanto, dessa tese. Contudo, caro leitor, por um lapso, antes deveríamos ter introduzido e apresentado a tese, e, para isso, vamos retomar um movimento próximo àquele registrado no texto submetido ao exame de qualificação:

Como você está aqui e continua a ler, ou você é um leitor que já leu a tese ou é um leitor (1) que espera dessa introdução informações para saber se deve seguir lendo-a, (2) que espera deixemos claro tudo o que foi feito na tese, que gosta de saber em que solo está pisando e/ou espera que sintetizemos, na introdução, cada texto para definir se lerá e/ou qual deles lerá, (3) que espera argumentos mais convincentes de que deve continuar com a leitura dessa tese e/ou que espera saber com quais perspectivas temos trabalhado, (4) curioso, ou, ainda, (5) avaliador. Para o leitor (4) ou (5), não há modos específicos de apresentar a tese e nem será necessário elencar motivos para justificar lê-la: lerão por serem curiosos e/ou lerão por terem que avaliá-la. Fique, portanto, à vontade, leitor (4) ou (5), para agir como lhes aprouver.

Para o leitor do tipo (1), sugerimos, como nos foi sugerido sugerir, que retornem e releiam o resumo. Nele, apresentamos sinteticamente o objetivo deste trabalho, a metodologia adotada e algumas outras informações que consideramos suficientes para fazê-lo optar ou não pela continuação da leitura. Na possibilidade de considerar o resumo insuficiente, e antes de desistir completamente do texto, sugerimos que você inicie a tese a partir do Capítulo Caminhada (presente no Tomo Passos), contudo, esteja avisado, de antemão, que esse texto não é suficiente para dar uma dimensão completa do trabalho, ainda que possa servir para apoiar sua decisão de continuar a leitura. Leitor (2), a você serve também o conselho dado ao leitor (1) e ainda outro: caso queira saber o que foi feito em cada parte da tese para definir se (e quais) lerá e ou se prefere ser avisado sobre o que vai ler, comece a leitura da tese pelo Capítulo Horizontes, também constante no Tomo Passos.

Contudo, vale salientar a vocês, leitores (1) e (2), que o texto permite esse e ainda outros movimentos, pois qualquer parte pode ligar-se a qualquer outra. Contudo, temos intenções de comunicar certas coisas e construir certos mundos com a forma com que estruturamos nossa tese, e criando essas outras arquiteturas estruturais vocês se arriscam a construir mundos outros, com outros significados, com outras compreensões; suas, particularmente suas. Podem ganhar e/ou perder com isso, não podemos prever quais serão as consequências. Fiquem à vontade para se arriscarem como queiram, seguindo os seus desejos ou os nossos, desses leitores que se dão a ler[1].

Ao leitor do tipo (3), não sabemos se desejamos, nós, e ele próprio desejará ser convencido a ler ou não essa tese. O que podemos dizer é que, aqui, repensamos e reforçamos um modo de pensar e exercitar pesquisa como algo em processo, como

[1] Larossa (2007) nos mostra que todos somos leitores, contudo, alguns (comumente chamados de autores) se permitem ser lidos por meio de suas elaborações textuais. Esses seriam os leitores que se dão a ler.

construção coletiva, como criação humana, como resultado de múltiplas vivências e múltiplos diálogos. Assim, "i) se achar que compartilha da mesma visão ou está aberto a compreender esse modo de pensar, vá ao próximo texto, ii) se não compartilha e está em busca do semelhante, escolha outra tese para ler, pois aqui dificilmente encontrará algo que o conforte"[2]*. Caso opte por continuar, sugerimos que você leia a tese antes de continuar nessa introdução, caso contrário, correrá o risco de ficar ainda mais confuso e/ou contrariado.*

A todos os demais leitores, caso já tenham optado por continuar, sigamos...

*****

Talvez possa parecer, a qualquer leitor, que compactuamos com o reducionismo ao tentarmos caracterizar todos os possíveis leitores desse trabalho, enquadrando-os e sugerindo modos de leitura. Certamente existem muitos outros leitores que não se identificam com os perfis traçados, e não queremos deixá-los fora do diálogo. Assim, sendo impossível pensar nessa multiplicidade de leitores e leituras, poderíamos começar dialogando diretamente com um "leitor ideal", aquele que o autor cria, aquele a quem escrevemos, aquele em cuja direção tentamos comunicar algo. Nosso interlocutor: mesmo que imaginário, mesmo que inexistente, mesmo que ainda esteja por nascer[2].

A você, leitor, escrevemos uma tese-narrativa, talvez literária, talvez científica, mas certamente inventada. E você, claro, nos compreenderá no momento oportuno. Você não busca apenas informação, ou lê a tese para acumular conhecimentos, ou para dar opiniões imediatas sobre o que escrevemos; não lê apenas para julgar, tampouco lê pelo automatismo da ação de ler, pois entende que é importante ler parando para pensar, parando para olhar, parando para escutar e pensando, olhando e escutando devagar; sabe que precisa "parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, [...] cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, [...] aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço"[3]*. Para você, "a leitura é algo ao qual cada um deve se aplicar com lentidão, levando tempo, despreocupadamente, sem esperar nada em troca"*[4]*, vive a leitura, reflete, busca sem expectativas, sem verdades pré-estabelecidas, e acha o que lhe é pertinente e importante achar.*

[2] Trecho do parecer elaborado pela Profa. Dra. Luzia Aparecida de Souza, quando da qualificação desse trabalho.

Você lê de modo a se deixar ser marcado, atravessado, transformado: busca experiência. Sabe a importância da experiência e que, para produzi-la, é importante o compasso comedido, o ritmo lento, o vagar. A experiência é mesmo esse "algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto"[5]*, criando, fazendo e dizendo o novo. A experiência é essa coisa que nos move, nos alimenta, nos nutre, nos dá (alguma) forma e que é impossível definir tanto quanto é impossível, propositalmente, criar. Não há como didatizar, predizer, perfazer, programar ou produzir a experiência, pois ela "não pode fundamentar nenhuma técnica, nenhuma prática, nenhuma metodologia; [...] é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece; e em que a experiência, que não sabemos o que é, às vezes canta"*[6]*. Você busca esse canto, apura e reivindica "um olhar que seja capaz de se dar conta da grandeza que há no pequeno, no menor, no insignificante, no ínfimo"*[7]*, que preza e busca experienciar os pequenos acontecimentos, aparentemente insignificantes, mas potenciais transformadores, potenciais rupturas, experiências cotidianas e minúsculas, grandes por sua própria insignificância, das quais depende para que algumas formas de beleza e de sentido, quiçá, se estabeleçam no mundo*[8]*.*

Assim, esse trabalho é feito para você que lê e guarda silêncio, reflete, respira e relê, e novamente reflete, e mais uma vez silencia... Você, leitor, que não que ler e julgar de imediato, não precisa ler e já atribuir juízo de valor, não deseja ler e opinar automaticamente, pois você não está "nesta época buliçosa na qual todo mudo tem opiniões próprias e coisas para dizer, na qual todo mundo julga imediatamente o que lê e, além disso, se sente obrigado a dizer"[9]*, você se permite o estudo, a leitura, a pausa, a humildade e o silêncio, a reflexão, o amadurecimento, a digestão. Portanto, essa tese é para você que vive o texto, que sente o texto, que permite se abrir às novas idéias, dialogar, rever conceitos e construir mundos outros. É uma tese para você, leitor, que sabe que a "experiência da leitura não consiste somente em entender o significado do texto, mas, em vivê-lo"*[10] *e, desse modo, lê o texto não só com os olhos e o cérebro, mas com o corpo, com os sentidos, sentimentos e emoções: você o lê em sua totalidade.*

Essa tese diz de outros leitores, que, como você, se arriscaram em leituras: nós. Compartilhamos o desejo de, ao ler, deixarmos vulneráveis nossas identidades, nossa possessão de nós mesmos, e nos deixarmos atingir completamente por leituras que marquem a ponto de, com elas, termos medo e nos reconheçamos imperfeitos[11]*. Depois dessas*

vivências, devemos largar o texto, deixá-lo ir. Sem nos apegarmos, devemos seguir sozinhos, pois "o importante é assimilar o que o texto tem de força, o que tem de alado e dançarino"[12]*, o que marca e impulsiona.*

Essa é uma tese escrita em movimento para você, leitor que se move, dança, pensa, age. Para você que não espera uma "tese-pregadora", com uma série de verdades, com a indicação de caminhos a seguir, ou que impõe crenças, ainda que as comunique. Nada mais há além de "textos suscetíveis de leituras infinitas. Porque todo texto, como o mundo, como o próprio homem é fluido, é um devir que nunca se aproxima ao ser, pois não existe ser, um movimento que nunca se aproxima à verdade, pois não existe verdade" [13]*, somos sempre interpretáveis, mutáveis, fluxos, contínuos, solúveis...*

*****

Inícios assim deixam abertas fissuras, inclusive aquelas que não são intencionais, portanto, podemos tentar outros movimentos de introdução...

Uma das possibilidades de iniciar a leitura desse trabalho é, antes, lendo a dissertação intitulada "Peças de uma história: formação de professores de matemática na região de Mossoró/RN", defendida no ano de 2012, no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Rio Claro. Essa dissertação será constantemente mobilizada no corpo desta tese.

Outra possibilidade é começar a leitura lendo, antes, os trabalhos que lemos para fundamentar nosso discurso: todos estarão listados nas "Referências", ao fim dos tomos.

Sempre pode haver um antes, um algo a ler antes de começar a ler outro algo. O problema, então, é que essas nossas indicações o levem a postergar a leitura desta tese, ainda que ela nada seria sem esses antes que a fizeram surgir. Riscos que um autor (e um leitor) corre...

Mas, é possível adentrar a essa tese nela própria, a partir do Tomo Travessias, em que se terá acesso a treze narrativas de sujeitos que colaboraram com essa nossa pesquisa; aos documentos escritos a que tivemos acesso a partir dos arquivos visitados, e que aqui mobilizamos; a mapas que poderão auxiliar a atribuir outros significados a todas as narrativas aqui apresentadas; e um texto no qual tentamos dar outros sentidos aos movimentos de produção e análise dos dados produzidos para este estudo. Cabe ressaltar que outras oito narrativas, também trazidas em nossas análises, só poderão ser acessadas integralmente naquela dissertação à qual fizemos referência anteriormente. Outra

possibilidade de começo é por meio do Tomo Passos que traz textos, narrativas, sobre o nosso percurso de produção dessa tese e sobre a formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte.

Todas essas entradas são possíveis e levam a outras muitas entradas. Os textos de "Passos", por exemplo, são produzidos de modo relativamente independentes e, portanto, podem ser lidos isoladamente e na ordem que se desejar, assim como os elementos de "Travessias".

*****

Leitor, esse trabalho foi produzido seguindo bem de perto nove conselhos direcionados a jovens investigadores em Educação, conselhos que dizem de modos de caminhar em pesquisa.

O primeiro deles, "Conhece-te a ti mesmo", fala sobre a necessidade do pesquisador conhecer-se, saber suas dúvidas, aceitá-las, persegui-las, já que "cada um tem de fazer um trabalho sobre si mesmo até encontrar aquilo que o define e o distingue. [...] E sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido. [...] Sem coragem não há conhecimento"[14]. Assim, devemos buscar nos conhecer, saber de nossas potencialidades e persegui-las com coragem.

O segundo conselho trata da necessidade de conhecer bem as regras da nossa ciência, saber das normas, dos ambientes tóxicos, das submissões, mas também da possibilidade de arriscar e transgredir, assumir riscos, pois "se passarmos a vida a evitá-los, renunciaremos à produzir algo interessante, com significados para nós e para os outros. [...] Sem transgressão não há descoberta, não há criação, não há ciência"[15].

O terceiro, a nosso ver, intrinsecamente ligado ao anterior, sugere que devemos conhecer além das fronteiras de nossa ciência e "ler, ler muito, ler devagar, coisas diversas, coisas inúteis. É preciso pensar, pensar muito, conquistar o tempo de pensar"[16] e interligar, unir os diferentes, fazer dialogar, tecer em conjunto, visitar as fronteiras das ciências, pois só assim conseguiremos produzir conhecimento novo[17].

Diretamente ligado a esse, vem o quarto conselho: é preciso conhecer em coletivo, dialogar com outros, com grupos, com pessoas, com os semelhantes e os diferentes, pois não há ciência, criação, sem o diálogo, sem as partilhas, sem a coletividade. Só produzimos coletivamente e para o coletivo.

O quinto conselho diz que devemos conhecer a nossa escrita e que isso nos distinguirá de outros pesquisadores, pois "a escrita acadêmica não é apenas um modo de apresentar dados ou resultados, é sobretudo uma forma de expressão pessoal e até de criação artística"[18]*. Portanto, é importante descobrir nossos modos de escrever, nossas limitações e diferenciações, experimentar, inventar e, assim, (se) reinventar.*

O próximo conselho sugere que devemos conhecer para além das evidências, que devemos nos questionar sobre o conhecimento comum, que devemos desnaturalizar, buscar pelo que não é natural, comum, evidente. Devemos fugir dos discursos certos, dos conhecimentos já "sabidos" por todos, dos discursos congelados, das verdades estáticas.

O sétimo e o oitavo conselhos, juntos, nos impulsionam a observar, respectivamente, nossas responsabilidades com as nossas elaborações, estando atentos, sempre, às necessidades do nosso lugar.

Por fim, o nono conselho, que talvez devesse ser o primeiro (já que perpassa todos os outros), nos diz da necessidade de conhecermos com liberdade e pela liberdade, pois "no princípio e no fim da investigação está sempre a liberdade. É para isso, e por isso, que tens de trabalhar, de pensar e de escrever".

Essa tese talvez possa ser lida como uma tentativa de exercitar todos esses conselhos, à medida das possibilidades do seu autor. Esse, portanto, seria outro modo de introdução.

*****

Antes de tudo isso, talvez devêssemos falar de memória, história, ou narrativas; espaços, sujeitos, ou formação; baratas, viagens, cidades, leituras, ciência... Pensando nas tantas introduções propostas nessa introdução e na impossibilidade de conseguir um dia finalizá-la, percebendo que em nenhuma hipótese conseguiríamos introduzir claramente e/ou completamente esta tese, optamos, simplesmente, por sugerir a você, leitor, que a leia como bem entender e que constitua por si mesmo as suas verdades, construindo, ao fim da leitura deste trabalho, sua perspectiva de como deveria (ou não) ser essa introdução.

[1] (LISPECTOR, 1998, p. 19).
[2] (SILVA; VIOLA DOS SANTOS, 2012; LARROSA, 2007)
[3] (LARROSA, 2002, p. 24).
[4] (LARROSA, 2009, p. 14).
[5] (LARROSA, 2016, p. 10).
[6] (LARROSA, 2016, p. 13).
[7] (LARROSA, 2007, p. 05).

[8] (LARROSA, 2007).
[9] (LARROSA, 2009, p. 14).
[10] (LARROSA, 2009, p. 16).
[11] (STEINER, 1982 *apud* LARROSA, 2009).
[12](LARROSA, 2009, p. 21).
[13] (LARROSA, 2009, p. 27).
[14] (NÓVOA, 2015, p. 14).
[15] (NÓVOA, 2015, p. 15).
[16] (NÓVOA, 2015, p. 15).
[17] (MORIN, 2014; 2015)
[18] (NÓVOA, 2015, p. 17).

Tomo Travessia



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Tomo Passos



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

REFERÊNCIAS

LARROSA, J. **Carta aos leitores que vão nascer**. Conferência COLE 7. 2007.

LARROSA, J. **Nietzsche & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.

LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MONTE, M.; ANTUNES, A. **Chuva no mar.** Intérpretes: Marisa Monte, Carminho. Rio de Janeiro: Som livre, 1 CD.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 21 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. (Tradução: Eloá Jacobina).

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo.** São Paulo: Editora Escala, 2006.

NÓVOA, A. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigação em educação.** 2 Série, número 3, 2015. P. 13-22

SILVA, H.; VIOLA DOS SANTOS, J. R. Sobre teorização, estética ficcional e algumas aproximações entre o Modelo dos Campos Semânticos e a História Oral. In: ANGELO, C. L. et al. **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática**: 20 anos de história. São Paulo: Midiograf, 2012. p. 110-128.

Sumário PASSOS

Sumário TRAVESSIAS

SUMÁRIO (Se um viajante...)

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
***Campus* Rio Claro**

MARCELO BEZERRA DE MORAIS

SE UM VIAJANTE... PERCURSOS E HISTÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO RIO GRANDE DO NORTE

TOMO TRAVESSIAS

RIO CLARO - SP
2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

***Campus* Rio Claro**

MARCELO BEZERRA DE MORAIS

SE UM VIAJANTE... PERCURSOS E HISTÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO RIO GRANDE DO NORTE

TOMO TRAVESSIAS

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do *Campus* de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Vicente Marafioti Garnica

RIO CLARO – SP
2017

“Se escolhesse caminho, ela teria que trabalhar a sua calma diante do medo. Caminho é passagem garantida, mas longa. [...] Escolher caminho é nobre. Caminho é palavra de primeiras pessoas. Filha que usa dessas palavras é orgulho de família.

Se, pelo contrário, ela escolhesse travessia, ganharia crédito nos relógios. Travessia é passagem curta, porém incerta. Travessia tem risco de queda e atropelamento, é caminho cruzado. Travessia é palavra que hesitou. Filha aventureira gosta de travessias, mas leva pra sempre, como lembrança dos pais, o pouco sono que eles tinham.

Caminho ou travessia? [...] Na infância, atravessar corredor é jornada.”

(MORATORI, 2011)

LISTA DE SIGLAS

CADES – Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAPMEM – Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio

CCET – Centro de Ciências Exatas e da Terra

CDS – Colégio Diocesano Seridoense

CECI – Centro de Ensino de Ciências

CECIBA – Centro de Ensino de Ciências da Bahia

CECIGUA – Centro de Ensino de Ciências de Guanabara

CECIMIG – Centro de Ensino de Ciências de Minas Gerais

CECINE – Centro de Ensino de Ciências do Nordeste

CECIRS – Centro de Ensino de Ciências do Rio Grande do Sul

CECISP – Centro de Ensino de Ciências de São Paulo

CEIS – Centro Educacional Integrado do Seridó

CEJA – Centro Educacional José Augusto

CEM – Casa do Estudante de Mossoró

CEPE – Centro de Treinamento e Pesquisas Educacionais

CERES – Centro de Ensino Superior do Seridó

CETEB – Centro de Ensino Técnico de Brasília

CFE – Conselho Federal de Educação

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

CONTAP – Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso

DIRED – Diretório Regional da Educação e da Cultura

DSND – Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento

EMC – Educação Moral e Cívica

ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática

EPB – Estudo dos Problemas Brasileiros

ESAM – Escola Superior de Agricultura de Mossoró

ESG – Escola Superior de Guerra

ETFERN – Escola Técnica Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

FACEM – Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró

FAFICIL – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras

FASSO – Faculdade de Serviço Social

FE – Faculdade de Educação

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FFCL – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras

FURRN – Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Gecom – Grupo de Estudos do Pensamento Complexo

GEEM – Grupo de Estudos do Ensino de Matemática

GEEMPA – Grupo de Estudos de Ensino de Matemática de Porto Alegre

GEPEM – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática

Ghoem – Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática

GPEP – Grupo Potiguar de Estudos e Pesquisas em História da Educação Matemática

IBECC – Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

ICEN – Instituto de Ciências Exatas e Naturais

ICH – Instituto de Ciências Humanas

IFRN – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

ILA – Instituto de Lestras e Artes

IM – Instituto de Matemática

Labordoc – Laboratório de Documentação Histórica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MMM – Movimento da Matemática Moderna

NAC – Núcleo de Ensino de Caicó

NEDEM – Núcleo do Estudo e Difusão do Ensino de Matemática

NURE – Núcleos Regionais de Ensino

OEA – Organização dos Estados Americanos

OSD – Orientadores-Supervisores Docentes

OSPB – Organização Social e Política Brasileira

PAPMEM – Programa de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIPEM – Preparação Intensiva do Professor do Ensino Médio

PPGCISH – Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas

PPGEM – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História

PREMEM – Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio

PREMEN – Programa de Expansão e Melhoria do Ensino

PROFORMAÇÃO – Programa de Formação de Professores em Exercício

PROMULMEC – Projeto Multinacional para a Melhoria do Ensino de Matemática e Ciências

SEEC – Secretaria de Estado da Educação e Cultura

SMSG – School Mathematics Study Group

SUDENE – Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Unesp – Universidade Estadual Paulista “ Júlio de Mesquita Filha”

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

URRN – Universidade Regional do Rio Grande do Norte

USAID – United States Agency for International Development

SUMÁRIO TRAVESSIAS

PARTE TRILHAS: INDÍCIOS DE PERCURSOS 11

TRILHAS DE FELISBELA 12
TRILHAS DE JOABEL 13
TRILHAS DE ARIMATÉIA 14
TRILHAS DE MARIA DAS GRAÇAS 15
TRILHAS DE ALCIR 16
TRILHAS DE LUIZ CARLOS 17
TRILHAS DE RAIMUNDO 18
TRILHAS DE CHIQUITO 19
TRILHAS DE NORMAN 20
TRILHAS DE EUNICE 21
TRILHAS DE ALMIR 22
TRILHAS DE NÉLSON 23
TRILHAS DE OSÓRIO 24
TRILHAS DE JOSIMÁ 25
TRILHAS DE NETA 26
TRILHAS DE BENEDITO 27
TRILHAS DE RIVANEIDE 28
TRILHAS DE CLÁUDIO 29
TRILHAS DE FÁTIMA 30
TRILHAS DE ZILAR 31
TRILHAS DE LUIS GONZAGA 32
TRILHAS DE MARCELO 33

PARTE NARRATIVAS, REGISTROS DE MEMÓRIAS: INDÍCIOS PARA CONHECER TRILHAS, PERCURSOS E CIRCUNSTÂNCIAS 34

PROFESSOR NORMAN 35
PROFESSORA EUNICE 62
PROFESSOR ALMIR 84
PROFESSOR NÉLSON 116
PROFESSOR OZÓRIO 137
PROFESSOR JOSIMÁ 170
PROFESSORA NETA 217
PROFESSOR BENEDITO 264
PROFESSORA RIVANEIDE 290
PROFESSOR CLÁUDIO 315
PROFESSORA FÁTIMA 353
PROFESSORA ZILAR 372
PROFESSOR LUIS 401

PARTE OUTROS REGISTROS, OUTROS INDÍCIOS 427

REGISTRO A – LISTA DE PROFESSORES CDS 1948 428
REGISTRO B – LISTA DE PROFESSORES CDS 1949 430
REGISTRO C – LISTA DE PROFESSORES CDS 1950 432
REGISTRO D – LISTA DE PROFESSORES CDS 1953 434
REGISTRO E – LISTA DE PROFESSORES CDS 1954 435

REGISTRO F – LISTA DE PROFESSORES CDS 1955 436
REGISTRO G – LISTA DE PROFESSORES CDS 1956 437
REGISTRO H – LISTA DE PROFESSORES CDS 1957 439
REGISTRO I – LISTA DE PROFESSORES CDS 1958 441
REGISTRO J – LISTA DE PROFESSORES CDS 1959 443
REGISTRO K – LISTA DE PROFESSORES CDS 1960 445
REGISTRO L – LISTA DE PROFESSORES CDS 1966 447
REGISTRO M – LISTA DE PROFESSORES CDS 1967 449
REGISTRO N – LISTA DE PROFESSORES CDS 1969 450
REGISTRO O – LISTA DE PROFESSORES CDS 1962 452
REGISTRO P – LISTA DE PROFESSORES CDS 1963 453
REGISTRO Q – LISTA DE PROFESSORES CDS 1964 456
REGISTRO R – LISTA DE PROFESSORES CDS 1965 459
REGISTRO S – LISTA DE PROFESSORES CDS 1966 461
REGISTRO T – LISTA DE PROFESSORES CDS 1968 462
REGISTRO U – LISTA DE PROFESSORES CDS 1969 463
REGISTRO V – LISTA DE PROFESSORES CDS 1970 464
REGISTRO W – LISTA DE PROFESSORES CDS 1971 467
REGISTRO X – LISTA DE PROFESSORES CDS 1973 468
REGISTRO Y – LISTA DE PROFESSORES CDS 1974 470
REGISTRO Z – LISTA DE PROFESSORES CDS 1975 471
REGISTRO AA – LISTA DE PROFESSORES CDS 1977 473
REGISTRO AB – LISTA DE PROFESSORES CDS 1979 475
REGISTRO AC – LISTA DE PROFESSORES CDS (DÉCADA DE 1980 – SEM ANO DEFINIDO) 477
REGISTRO AD – LISTA DE PROFESSORES CDS 1984 481
REGISTRO AE – LISTA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL DE MOSSORÓ NO ANO DE 1960 484
REGISTRO AF – TERMO DE POSSE DO BACHAREL ELIZEU VIANNA COMO PROFESSOR E DIRETOR DA ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE MOSSORÓ, 1922 485
REGISTRO AG – TERMO DE POSSE DO DOUTOR ANTÔNIO SOARES JÚNIOR COMO PROFESSOR DE ARITHMÉTICA DA ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE MOSSORÓ, 1922 486
REGISTRO AH – TERMO DE POSSE DO BACHAREL EUFRÁSIO MARIA DE OLIVEIRA COMO PROFESSOR DE FRANCEZ DA ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE MOSSORÓ, 1922 487
REGISTRO AI – TERMO DE POSSE DO DOUTOR ANTÔNIO SOARES JÚNIOR COMO PROFESSOR DE MATHEMATICA DA ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE MOSSORÓ, 1924 488
REGISTRO AJ – TERMO DE POSSE DO MONSENHOR ALFREDO PEGADO DE CASTRO CORTEZ DA DISCIPLINA DE MATHEMATICA NA ESCOLA NORMAL DE NATAL, 1938. 490
REGISTRO AK – TERMO DE POSSE DO DR. LUCAS SIGANO COMO PROFESSOR DE MATEMÁTICA DA ESCOLA NORMAL DE NATAL, 1933. 491
REGISTRO AL – TERMO DE POSSE DO DR. SÉRGIO GUEDES DA COSTA COMO PROFESSOR DE MATEMÁTICA DA ESCOLA NORMAL DE NATAL, 1941 492
REGISTRO AM – TERMO DE POSSE DO PROFESSOR ÉRICO AMORIM DAS VIRGENS COMO PROFESSOR DE MATEMÁTICA DA E. TÉCNICA DE COMÉRCIO UNIÃO CAIXEIRAL, 1950. 493
REGISTRO AN – TERMO DE POSSE DO PROFESSOR RAIMUNDO DE FREITAS MELO COMO PROFESSOR DE MATEMÁTICA DA ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO UNIÃO CAIXEIRAL, 1950 495
REGISTRO AO – TERMO DE POSSE DA PROFESSORA FRANCISCA LAÍS CAVALCANTE SIDOU COMO PROFESSOR DE ESTATÍSTICA DA E. TÉCNICA DE COMÉRCIO UNIÃO CAIXEIRAL, 1950 497
REGISTRO AP – LEVANTAMENTO DA QUANTIDADE DE PROFESSORES DO 8º NURE QUE PARTICIPARIAM DO CURSO DO LOGOS II 499
REGISTRO AQ – ÁREA DE ABRANGÊNCIA DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DE CAICÓ (PRESENTE NO RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO CERES DE 1987). 500

REGISTRO AR – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DO CURSO DE MATEMÁTICA, DO PROFESSOR RAIMUNDO DE FREITAS MELO, OFERECIDO PELO CECINE EM 1968. 501
REGISTRO AS – CERTIFICADO DE REGISTRO DE PROFESSOR APROVADO NO EXAME DE SUFICIÊNCIA, NO ANO DE 1971, DO PROFESSOR RAIMUNDO DE FREITAS MELO. 501
REGISTRO AT – AUTORIZAÇÃO PARA O PROFESSOR JOSÉ MARIA DE ALBUQUERQUE SILVA LECIONAR MATEMÁTICA, 1967. 502
REGISTRO AU – AUTORIZAÇÃO PARA A PROFESSORA MARIA IRENE PEREIRA LECIONAR MATEMÁTICA, 1968. 503
REGISTRO AV – AUTORIZAÇÃO PARA O PROFESSOR RAIMUNDO DE FREITAS MELO LECIONAR MATEMÁTICA, 1968. . 504
REGISTRO AW – AUTORIZAÇÃO PARA A PROFESSORA MARIA IRENE PEREIRA LECIONAR MATEMÁTICA, 1969 505
REGISTRO AX - UMA DAS FOLHAS DO DOCUMENTO DO CECINE ENCAMINHADO PARA A UFRN SOBRE O CURSO INTENSIVO. 506
REGISTRO AY - ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE MOSSORÓ, FOTO DE 1924. 507
REGISTRO AZ – NOTA PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº1 DO JORNAL A FOLHA, AUTORIZANDO O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA NORMAL DE CAICÓ (CAICÓ, 1954). 508
REGISTRO BA – NOTA SOBRE PROFESSORES PRIMÁRIOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº 45 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1955). 509
REGISTRO BB – NOTA SOBRE ESCOLA NORMAL PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº50 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1955). 510
REGISTRO BC – NOTA SOBRE ESCOLAS RURAIS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº55 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1955). . 511
REGISTRO BD – NOTA SOBRE BOLSAS DE ESTUDO PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº99 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1956). 512
REGISTRO BE – NOTA SOBRE CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSORES SECUNDÁRIOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº99 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1956). 513
REGISTRO BF – NOTA SOBRE PROFESSORES APROVADOS NO EXAME DE SUFICIÊNCIA PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº106 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1956). 514
REGISTRO BG – NOTA SOBRE A PRESENÇA MASCULINA NAS ESCOLAS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº129 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1956). 515
REGISTRO BH – NOTA SOBRE A PRESENÇA MASCULINA NAS ESCOLAS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº150 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1957). 516
REGISTRO BI – NOTA SOBRE BOLSAS DE ESTUDO PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº253 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1959). 517
REGISTRO BJ – NOTAS SOBRE A CASA DO ESTUDANTE DE CAICÓ E UM CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADAS NA EDIÇÃO Nº261 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1959). 518
REGISTRO BK – NOTA SOBRE CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº281 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1959). 519
REGISTRO BL – NOTA SOBRE A CONCLUSÃO DE UM CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº285 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1959). 520
REGISTRO BM – NOTA SOBRE UM CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº354 DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1960). 521
REGISTRO BN – NOTA SOBRE UM CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADA NO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1960). 522
REGISTRO BO – NOTA PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº24, ANO VIII, DO JORNAL A FOLHA, CONVOCANDO PROFESSORAS PARA ATUAREM NO ENSINO PRIMÁRIO (CAICÓ, 1961). 523
REGISTRO BP – NOTA SOBRE A DIFICULDADE FINANCEIRA DA CASA DA ESTUDANTE DE CAICÓ PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº93, ANO IX, DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1962). 524
REGISTRO BQ – NOTA SOBRE REALIZAÇÃO DE CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº94, ANO IX, DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1962). 525
REGISTRO BR – NOTA SOBRE PARTICIPAÇÃO DE PROFESSORES DE CAICÓ EM CURSO DA CADES PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº101, ANO X, DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1963). 525
REGISTRO BS – NOTA SOBRE A CONCLUSÃO DE CURSOS DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº93, ANO X, DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1963). 526

REGISTRO BT – NOTA SOBRE CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº145, ANO XI, DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1964)..... 527
REGISTRO BU – NOTA SOBRE A CONCLUSÃO DE CURSOS DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº157, ANO XI, DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1964)..... 528
REGISTRO BV – NOTA SOBRE CURSOS DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº197, ANO XII, DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1965)..... 529
REGISTRO BW – NOTA SOBRE DIFICULDADE ECONÔMICA DA CASA DO ESTUDANTE DE NATAL PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº205, ANO XII, DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1965)..... 530
REGISTRO BX – NOTA PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº13, ANO XIII, DO JORNAL A FOLHA, SOBRE FUNDAÇÃO DA SEDE DO CECINE NO RN (CAICÓ, 1967)..... 531
REGISTRO BY – NOTA SOBRE CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS PUBLICADA NA EDIÇÃO Nº303, ANO XIII, DO JORNAL A FOLHA (CAICÓ, 1967)..... 531
REGISTRO BZ – PLANO DE CURSO DAS AULAS DE MATEMÁTICA DO CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS DA 1ª E 3ª ETAPAS EM NATAL (1965)..... 532
REGISTRO CA – PLANO DE CURSO DAS AULAS DE MATEMÁTICA DO CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS DA 3ª ETAPA EM CAICÓ (1965)..... 538
REGISTRO CB – APOSTILA DE MATEMÁTICA PARA O CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS DE PAU DOS FERROS (1965)..... 540
REGISTRO CC – PLANO DE CURSO DAS AULAS DE MATEMÁTICA DO CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS DA 1ª E 2ª ETAPA EM PAU FERROS (1965)..... 544
REGISTRO CD – RELATÓRIO DA 3ª ETAPA DO CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS EM PAU FERROS (1965)..... 548
REGISTRO CE – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS EM PAU FERROS (1965)..... 563
REGISTRO CF – LISTA DE PARTICIPANTES DAS 2ª E 3ª ETAPAS DO CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS EM NATAL (1965)..... 565
REGISTRO CG – LISTA DE PARTICIPANTES DAS 1ª, 2ª E 3ª ETAPAS DO CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS EM MOSSORÓ (1965)..... 580
REGISTRO CH – LISTA DE PARTICIPANTES DA 3ª ETAPA DO CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS EM SANTA CRUZ (1965)..... 597
REGISTRO CI – PLANEJAMENTO DA PARTE DE MATEMÁTICA DAS 1ª, 2ª E 3ª ETAPAS DO CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS DE MOSSORÓ (1965)..... 601
REGISTRO CJ – RELAÇÃO DE PROFESSORES DO GINÁSIO COMERCIAL DE PATU DE 1969..... 618
REGISTRO CK – RELAÇÃO DE PROFESSORES DO GINÁSIO COMERCIAL DE PATU DE 1972..... 620
REGISTRO CL – RELAÇÃO DE PROFESSORES DO GINÁSIO COMERCIAL DE PATU DE 1973..... 622
REGISTRO CM – ATA DE CONCLUSÃO DO PRIMEIRO CURSO DO PREMEN/CECINE..... 624
REGISTRO CN – LISTA DE CONCLUINTES DO CURSO PREMEN/CECINE DE 1972..... 626
REGISTRO CO – LISTA DE CONCLUINTES DO CURSO PREMEN/CECINE DE 1973..... 629
REGISTRO CP – LISTA DE CONCLUINTES DO CURSO PREMEN/CECINE DE 1974..... 634
REGISTRO CQ – LISTA DE CONCLUINTES DO CURSO PREMEN/CECINE DE 1975..... 644
REGISTRO CR – LISTA DE CONCLUINTES DO CURSO PREMEN/CECINE DE 1976..... 648
REGISTRO CS – SOLICITAÇÃO PARA CREDENCIAR A FFCL DE NATAL PARA APLICAR O EXAME DE SUFICIÊNCIA (DOCUMENTA 31/1964)..... 651
REGISTRO CT – RELATÓRIO DO CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO RN SOBRE O ENSINO NO ESTADO (DOCUMENTA 43/1965)..... 654
REGISTRO CU – LEI DE 1965 QUE ORGANIZA O SISTEMA DE EDUCAÇÃO DO RN (DOCUMENTA 48/1966)..... 667
REGISTRO CV – NOTÍCIA SOBRE O MEC TREINAR 10.000 PROFESSORES (DOCUMENTA 59/1966)..... 671
REGISTRO CW – DECRETO DE CRIAÇÃO DO PREMEM (DOCUMENTA 96/1968)..... 672
REGISTRO CX – PARECER SOBRE CRIAÇÃO DOS CURSOS DE LICENCIATURA DE CURTA DURAÇÃO PROPOSTOS PELO PREMEM (DOCUMENTA 109/1969)..... 675

REGISTRO CY – PARECER SOBRE OS PLANOS DOS CURSOS DE LICENCIATURAS DE CURTA DURAÇÃO PROPOSTOS PELO PREMEM (DOCUMENTA 113/1970). 684
REGISTRO CZ – RESOLUÇÃO QUE DISPÕE SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA LICENCIATURA ÚNICA EM CIÊNCIAS (DOCUMENTA 171/1975). 687
REGISTRO DA – PRIMEIRO PEDIDO DE RECONHECIMENTO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA UFRN, *CAMPUS* NATAL (DOCUMENTA 179/1976). 689
REGISTRO DB – CURRÍCULO APROVADO QUANDO DO RECONHECIMENTO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA UFRN (DOCUMENTA 193/1976). 698
REGISTRO DC – PARECER DE RECONHECIMENTO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA UERN (DOCUMENTA 317/1987) 700
REGISTRO DD – PEDIDO DE CRIAÇÃO DE UM *CAMPUS* DA FURRN EM PATU. 705

CAPÍTULO REGISTROS 710

REFERÊNCIAS 721

APÊNDICES 722

PARTE TRILHAS: INDÍCIOS DE PERCURSOS

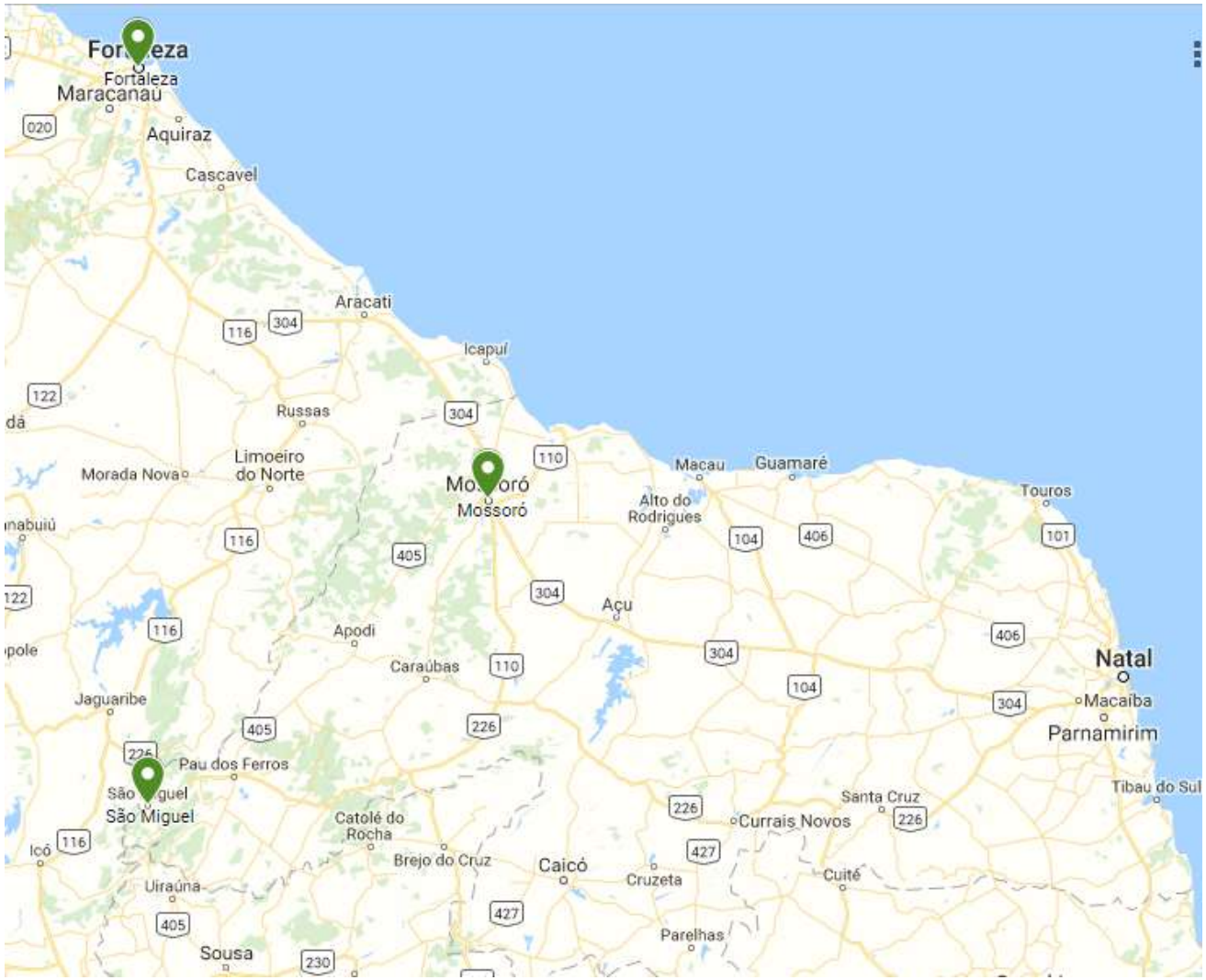
Trilhas de Felisbela



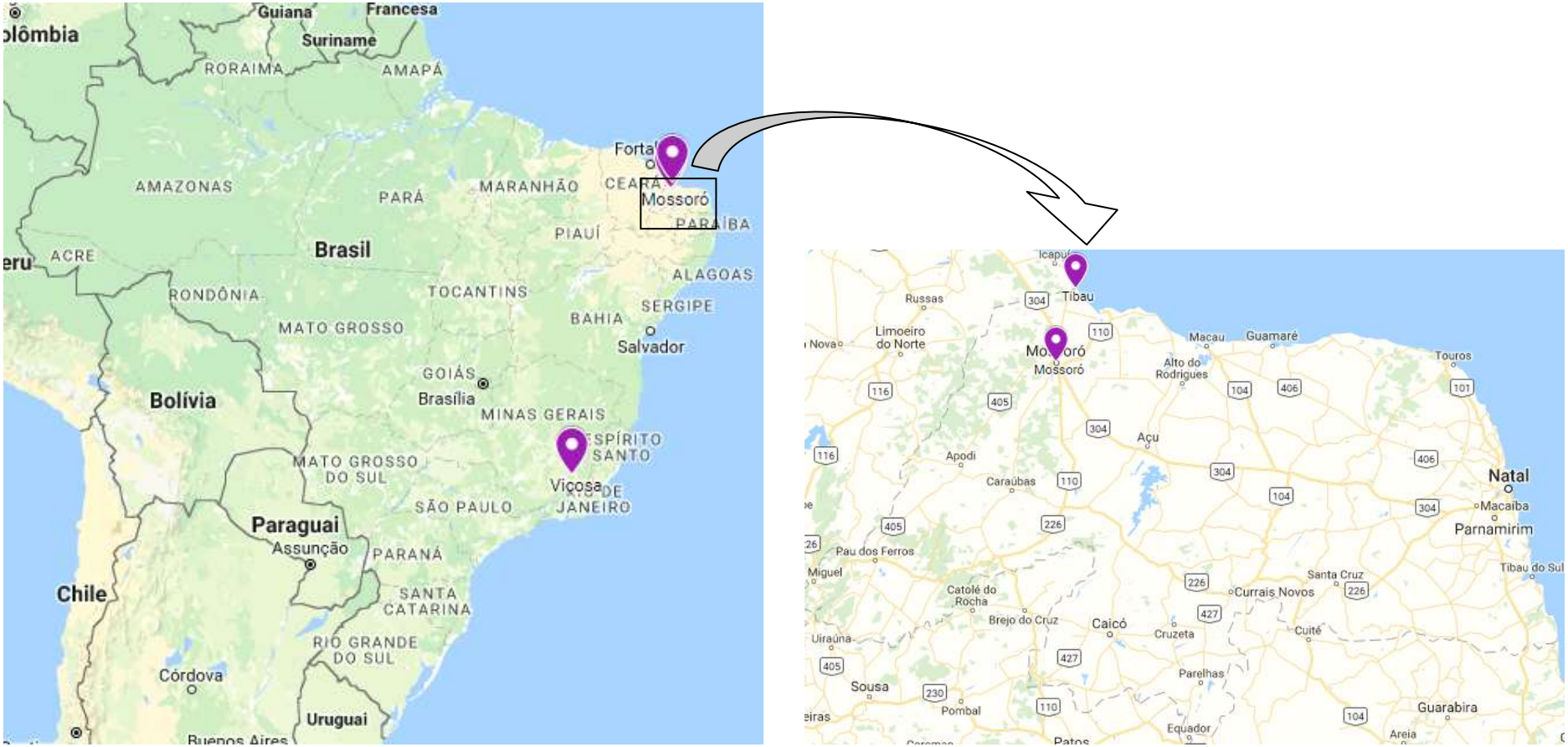
Trilhas de Joabel



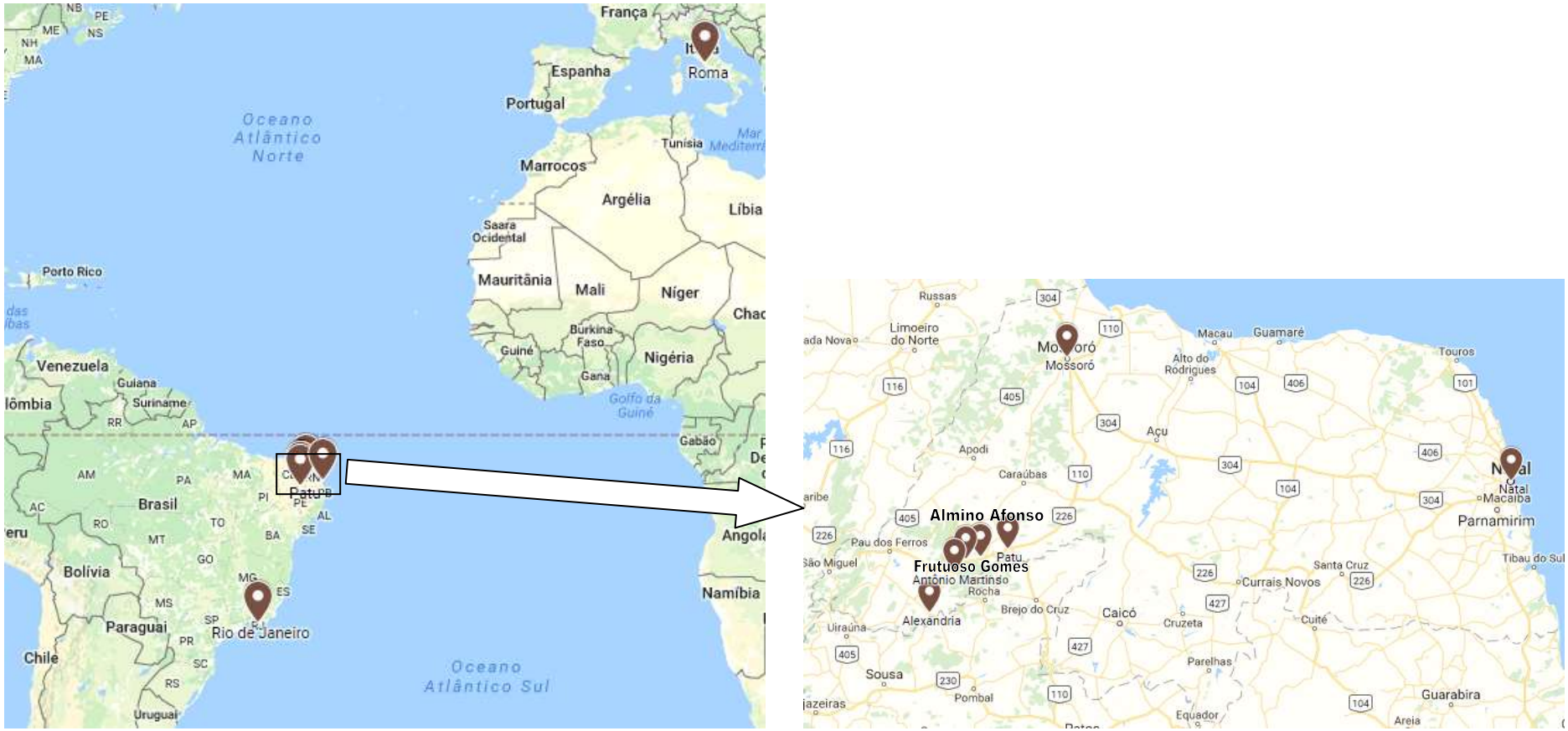
Trilhas de Arimatéia



Trilhas de Maria das Graças



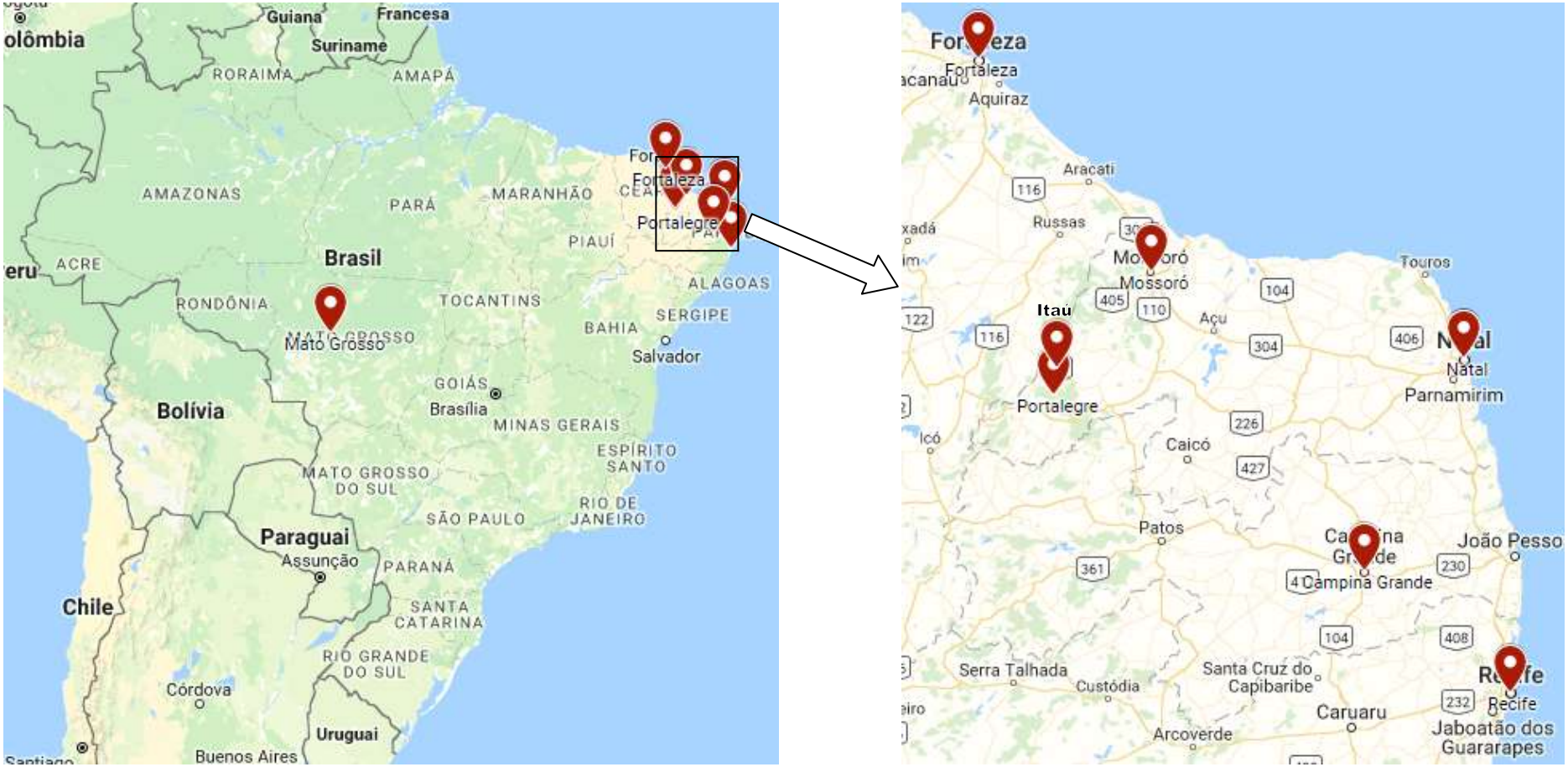
Trilhas de Alcir



Trilhas de Luiz Carlos



Trilhas de Raimundo



Trilhas de Chiquito



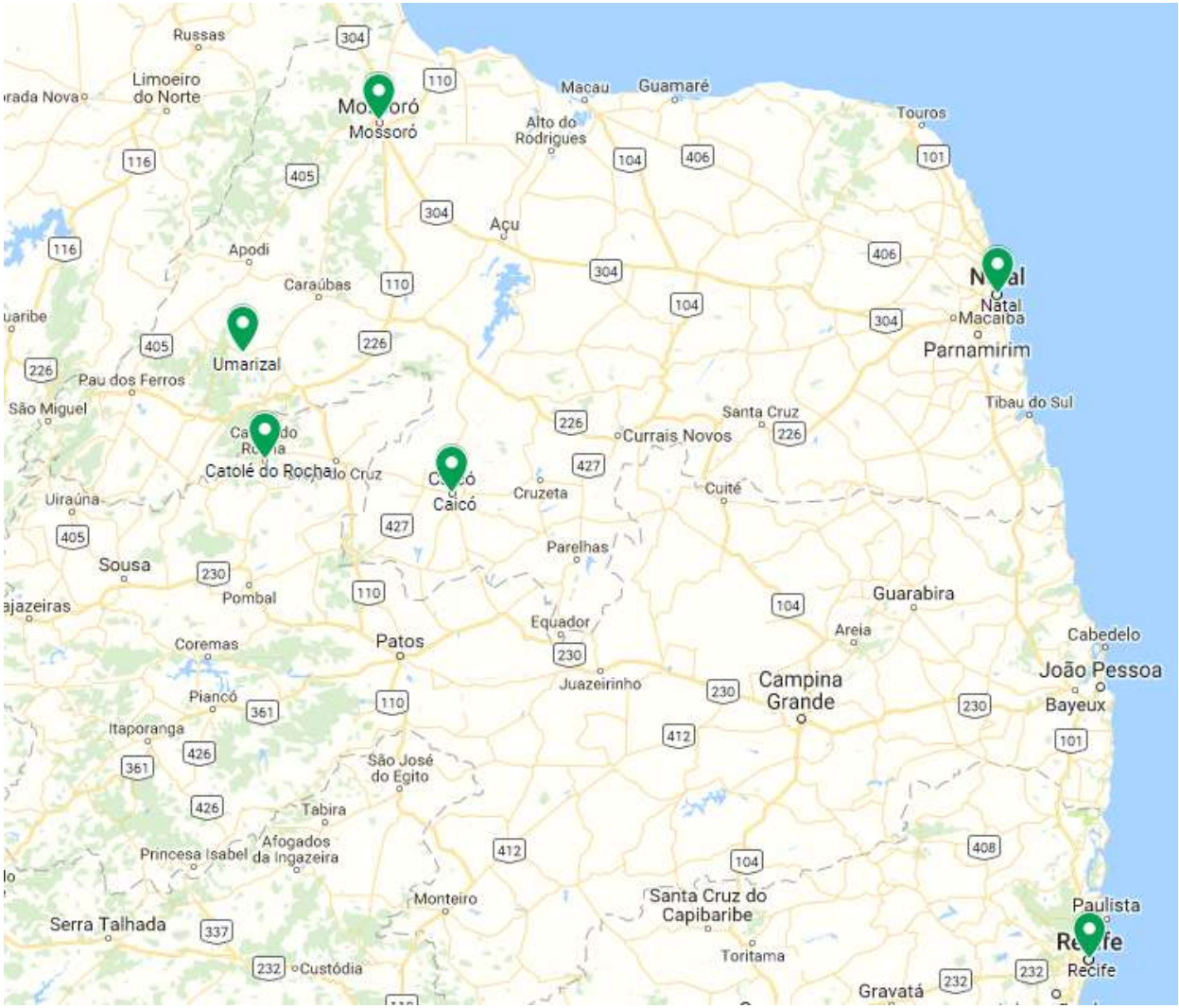
Trilhas de Norman



Trilhas de Eunice



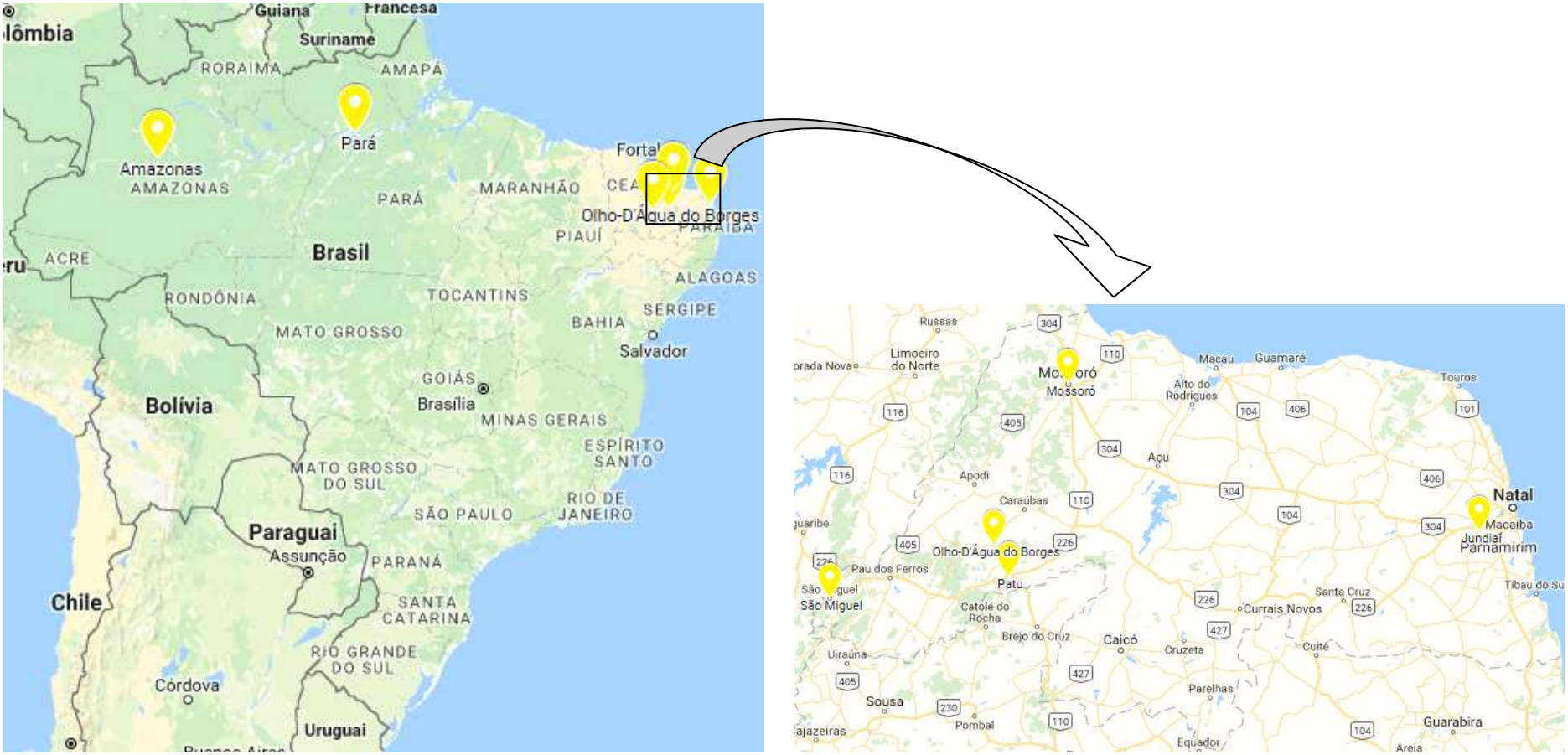
Trilhas de Almir



Trilhas de Nélson



Trilhas de Osório



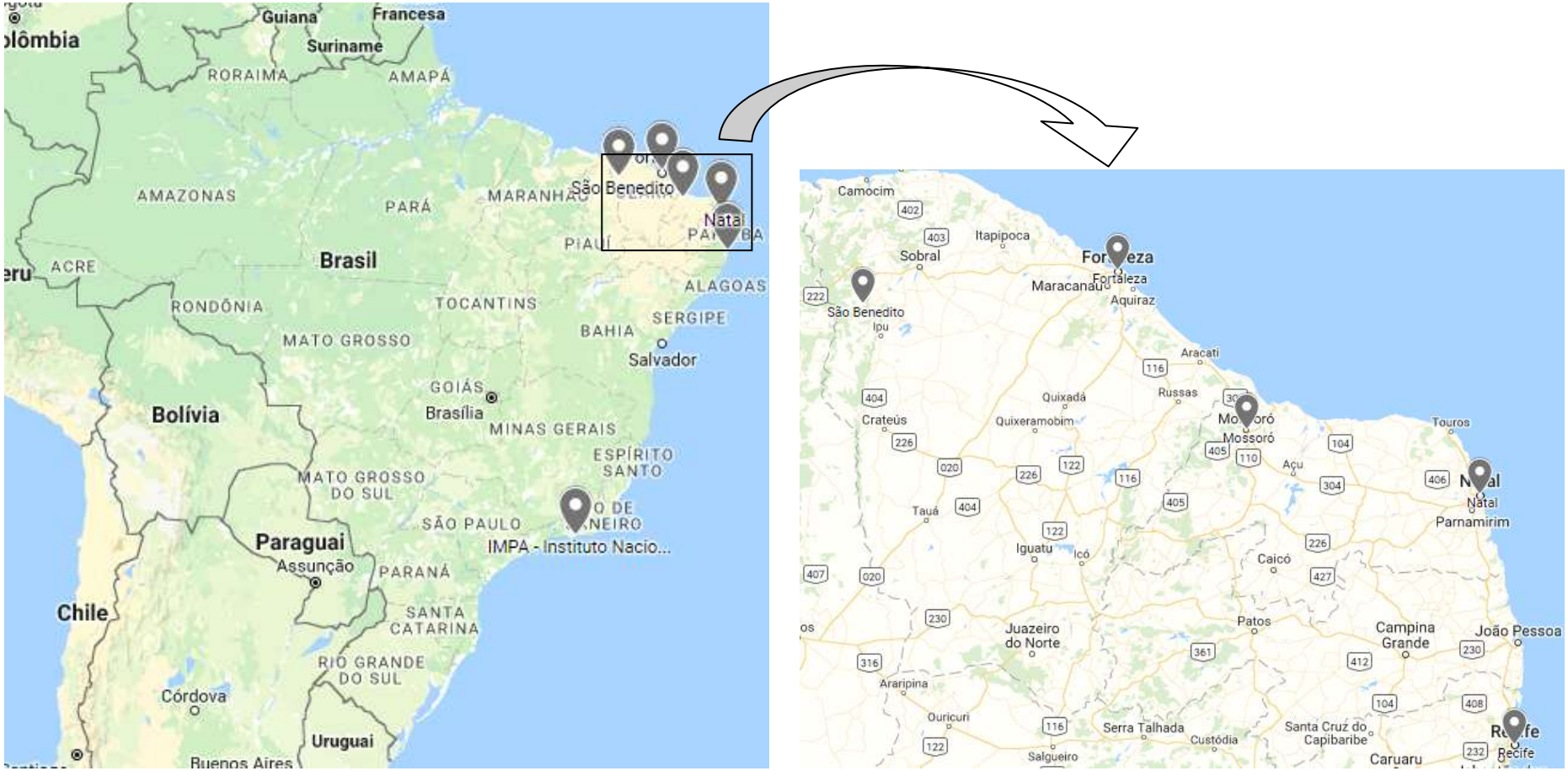
Trilhas de Josimá



Trilhas de Neta



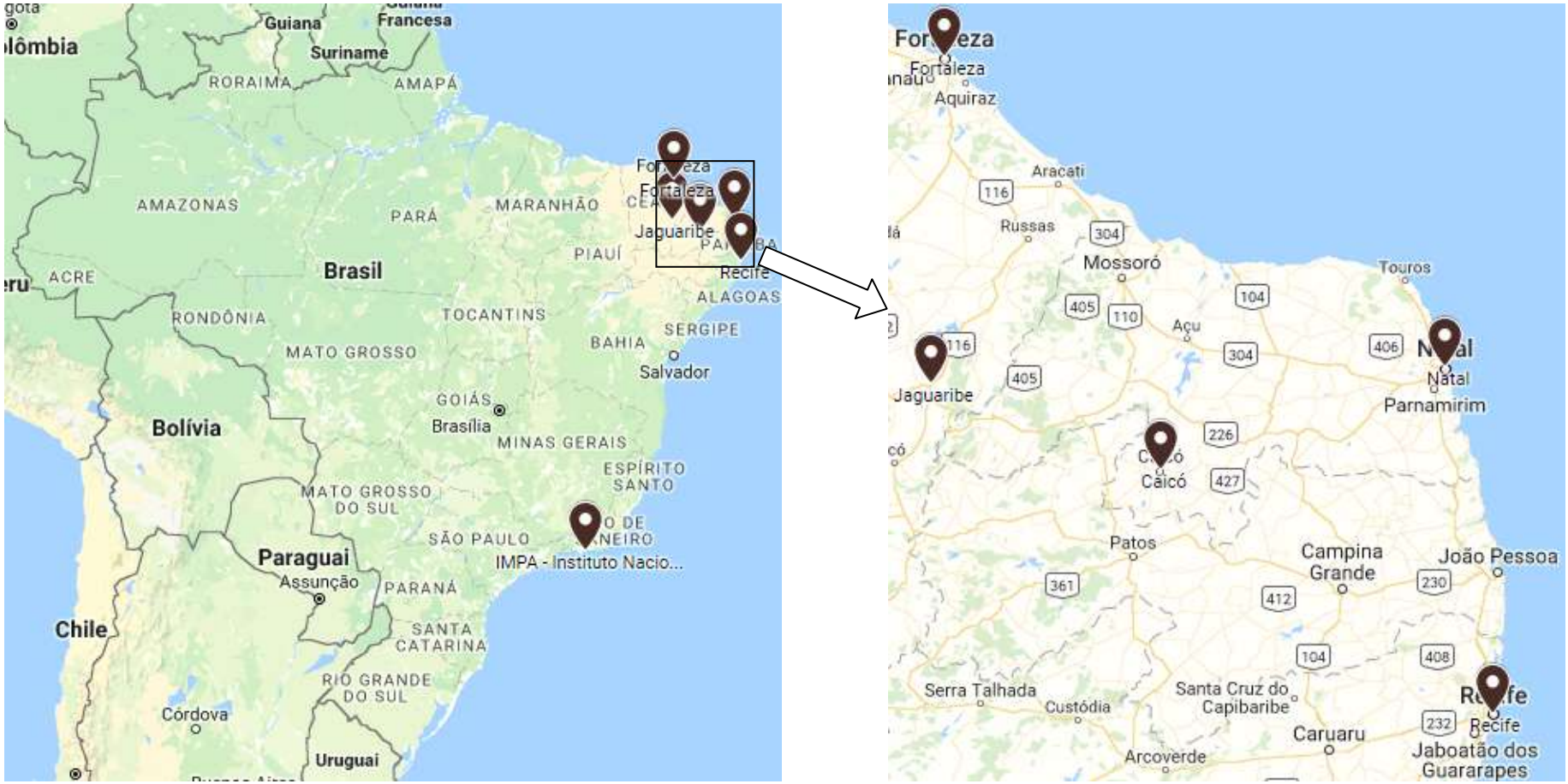
Trilhas de Benedito



Trilhas de Rivaneide



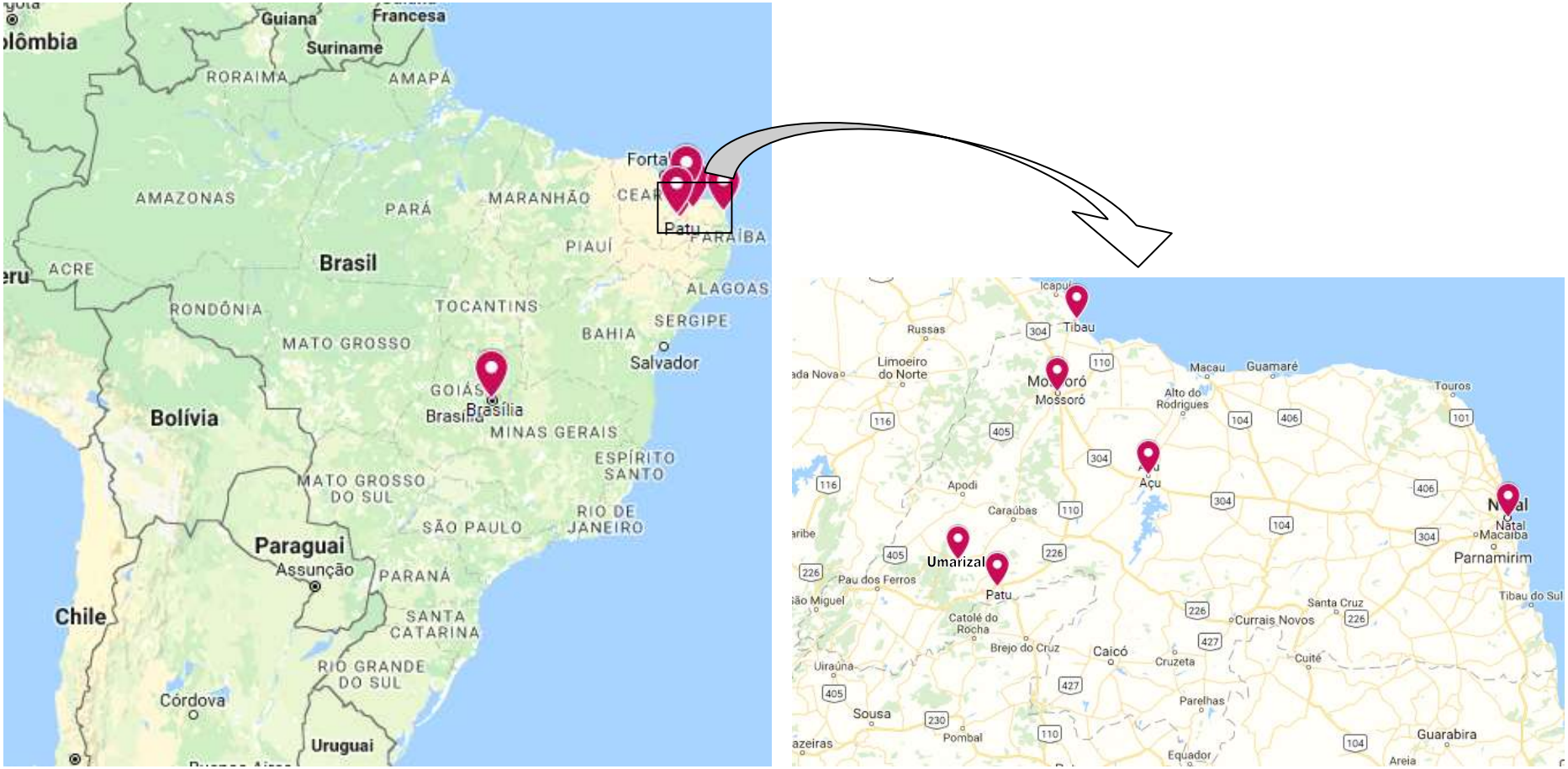
Trilhas de Cláudio



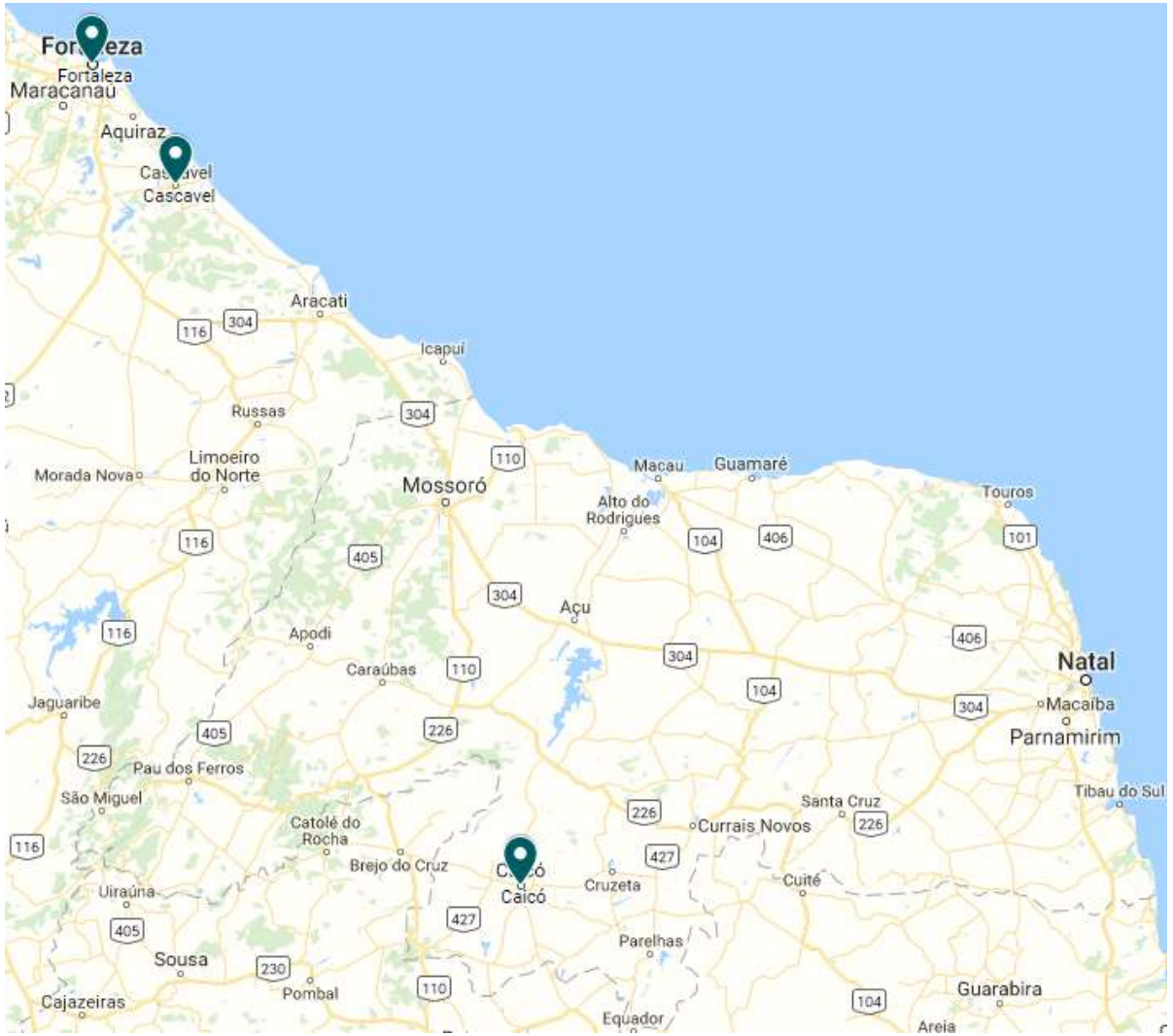
Trilhas de Fátima



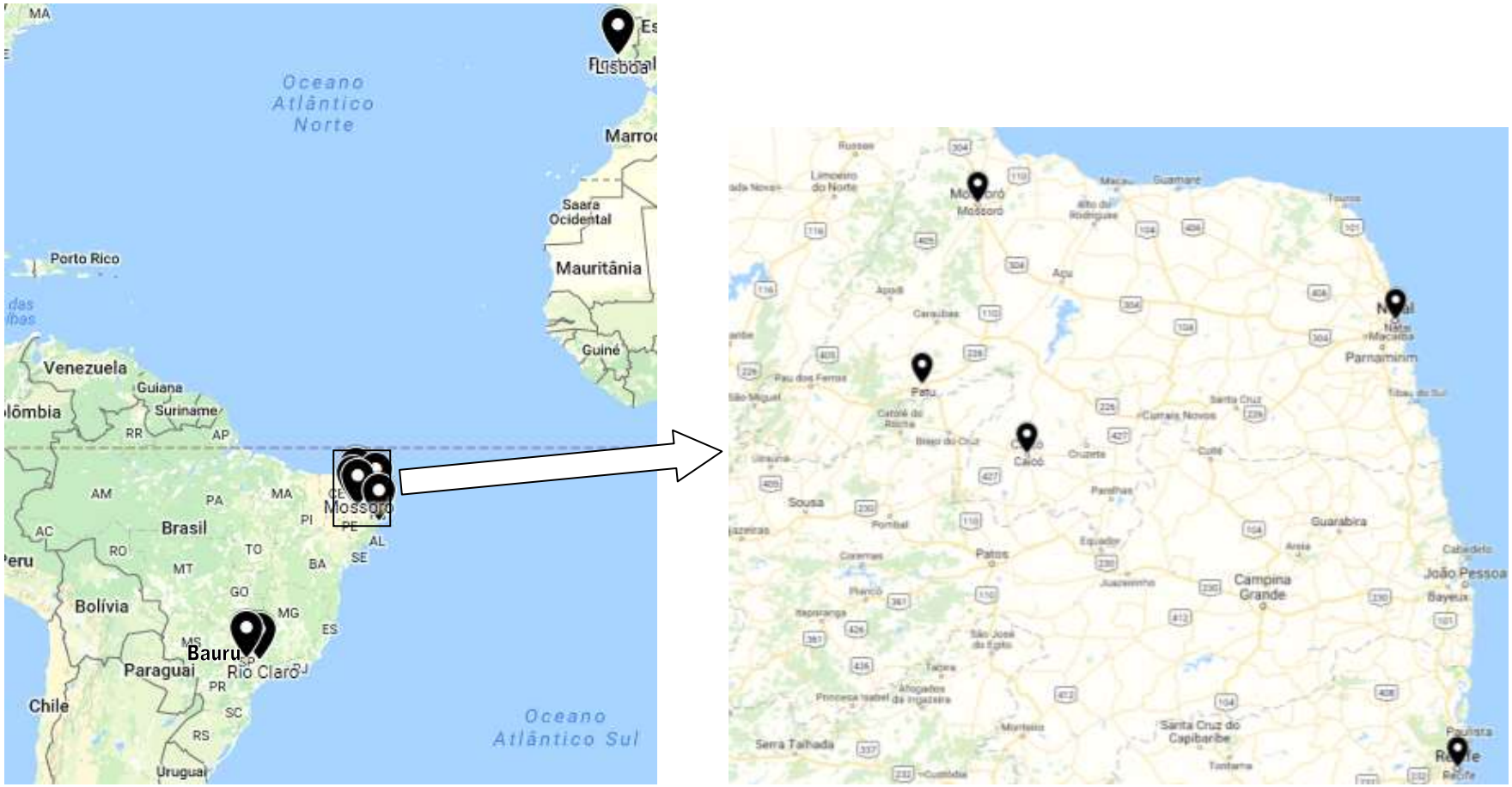
Trilhas de Zilar



Trilhas de Luis Gonzaga



Trilhas de Marcelo



Sumário TRAVESSIAS

PARTE NARRATIVAS, REGISTROS DE MEMÓRIAS: INDÍCIOS PARA CONHECER TRILHAS, PERCURSOS E CIRCUNSTÂNCIAS

Professor Norman

Marcelo: Professor Norman, vou pedir para o senhor começar fazendo uma apresentação pessoal.

Norman: Meu nome é Norman Batista Pereira, sou natural daqui mesmo, [nasci] no dia vinte e seis de maio de mil novecentos e cinquenta. Esse ano vou fazer sessenta e quatro anos. Bom, eu como aluno... Caicó sempre teve muita dificuldade. Caicó não tinha o curso de Matemática, só tinha na capital[3]. Pense uma coisa inerente a todos os outros cursos: você tinha que sair... Saísse para Natal, ou João Pessoa[4], ou Campina Grande[5], ou Recife[6]. Era nessa... Juntou-se um grupo de pessoas: "vamos morar em natal!". Fazer o quê? Fazer o terceiro ano e tomar, já, um certo conhecimento para morar na capital. Porque você, filho de agricultor, sair da zona rural e morar na capital... lá a vida é muito difícil. Assim fiz. Consegui ir morar, com dezesseis anos, na capital, e fiz uma opção, naquele tempo tinha três opções [no vestibular], você fazia uma e depois e depois. Era uma coisa assim mais ou menos. Se você não passasse em Engenharia, ficava em Matemática, digamos assim. Aí, eu fiz Matemática. Fiz Matemática! Matemática. Na época, já era Matemática. Você podia fazer bacharel ou a licenciatura. Eu demorei mais um pouco porque fui tentar fazer o bacharel e não consegui, precisava de mais coisa, aí, eu fui para a licenciatura. Eu passei cinco anos na UFRN[7]. Eu posso dizer que sou, vamos dizer, o aluno fundador da UFRN, [porque] só existia um bloco no campus central. Um bloco de aula. Isso em 1974. Existia a escola de Engenharia com muita distância. Eu consegui terminar o curso de Matemática também com o efeito de trabalho... Na época, Caicó era carente de matemática, não tinha ninguém formado em Matemática. Aí eu fui nessa linha, terminei Matemática e vim pra cá, em 1978. Em 1977, no Campus Central, chegou um chefe de departamento, ou de João Pessoal ou de Campina Grande, levou doze alunos formados em Matemática pra trabalhar, dar aula lá. Então, era uma facilidade pro professor de Matemática. Por isso eu fiz a opção por Matemática, por quê? Pensando no mercado de trabalho. E dei muito certo, porque era o melhor [a fazer]. Porque a função da Universidade é proporcionar o aluno para o trabalho e eu entrei nessa linha.

[3] Natal, capital do Rio Grande do Norte.
[4] João Pessoa, capital do estado da Paraíba. Está localizada a, aproximadamente, 189 km de Natal e 330 km de Caicó.
[5] Campina Grande, a segunda cidade mais populosa do estado da Paraíba. Situada na mesorregião do Agreste Paraibano, localiza-se a, aproximadamente, 192 km de Caicó.
[6] Recife, capital do estado de Pernambuco. Está localizada a, aproximadamente, 286 km de Natal e 395 km de Caicó.
[7] Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Comecei trabalhando para o Estado, a gente trabalhava no Estado como professor pós relator. Você trabalhava um ano sem receber nada. O regime era esse... Aí, por conta de amizade eu cheguei em Caicó, como professor. Eu fui o primeiro coordenador do curso de Matemática em Caicó[8]. Primeiro... As dificuldades eram muitas, porque só tinha praticamente dois professores, professor Borges e eu. Aí eu assumi a coordenação do curso de Matemática, isso em 1979. Mais ou menos isso a minha história.

Marcelo: Certo. Professor, o senhor poderia me falar um pouquinho da família do senhor?

Norman: Vixe Maria! Rapaz, minha família... Eu sou o sétimo neto de Tomaz de Araújo Pereira. Esse homem chegou aqui por volta de 1700. Antes de Tomaz de Araújo Pereira, chegaram os Medeiros. Os netos de Tomaz de Araújo Pereira casaram com as netas dos Medeiros. Então, a minha família é Araújo Pereira. Logo, vieram os Batistas, vieram os Azevedos, vieram os Maias, vieram os Dantas, aí, esse povo se juntou numa família só... Eu sou descendente do chefe da província dessa região do Seridó, da família Batista de Araújo Pereira. Bom, meu pai é agricultor e minha mãe é do lar. Meu pai foi aquela pessoa que trabalhou a vida inteira na zona rural. Você tem, hoje, o bordado, as moagens de engenho, queijo de manteiga e a carne de sol, isso são os produtos, os frutos, da zona rural de Caicó. Todas as famílias passaram por essa linhagem no Seridó: o queijo, a carne de sol, o engenho, a rapadura, o bordado... a vida é essa. Quem chega em Caicó pensa: "como é que a gente vai viver se só tem pedra? Se só tem pedra?". Você pode fazer uma pesquisa... Mas, a gente consegue sobreviver. Com o trabalho, né?

Marcelo: Ah, com certeza! No caso, o senhor é filho único?

Norman: Não! Meu pai... Lá em casa tem mais. São oito. Eu fui o primeiro a me formar. Aí, eu tenho um irmão que é militar, a irmã mais velha terminou Turismo agora, eu tenho uma irmã que é professora pedagoga, que mora no Goiás, a outra é bordadeira, a outra é do lar e as outras... faleceu uma, tem uma falecida e tem uma que trabalha com negócio de bolo, essas coisas. Então, minha família é essa. Eu só tenho um filho, que é formado em contabilidade. Ele já trabalha, numa empresa de negócio de plástico. Então, já tá tudo encaminhado. Tenho dois netos. A minha esposa já é aposentada... Sueli! O nome dela é Sueli. Ela é pedagoga e fez uma especialização em Campina Grande. Saiu de Caicó, passou quase dois anos em João Pessoa fazendo especialização em Programação! Porque no Estado[9] tem esse negócio de

[8] O curso de Matemática começou a funcionar em Caicó no ano de 1979, no, a época, Núcleo Avançado de Caicó, ligado à UFRN.

[9] Refere-se à rede pública estadual de ensino.

trabalhar com computação. Ela foi nessa linha. Eu sou aposentado e ela é aposentada. Nós estamos, hoje, no mesmo barco.

Marcelo: Está certo, professor! O senhor poderia falar então um pouco da infância?

Norman: A infância de Caicó era uma infância muito boa, por quê? Ninguém, ninguém tinha maldade. Você montava, assim, um grupo de 20 meninos e ia jogar futebol nas ruas de Caicó e no Rio Seridó. O Rio Seridó. Eu, com treze anos de idade, ia tomar banho no Rio Seridó com muita gente. A gente atravessava o rio no meio e não morria ninguém, porque a gente nadava. A infância foi essa. Eu gostava também de ir para o sítio dos meus tios, porque lá tinha de tudo, lá não faltava nada. Você tinha a pamonha, você tinha as vazantes, você tinha o queijo de manteiga, não faltava nada. A gente era muito bem alimentado e os velhos de antigamente eram muito conservados porque não bebiam. Nessa infância, ninguém bebia, porque eles não aceitavam bebedeira na casa deles. Era só o trabalho, trabalho... De 1960 a 1980, durou praticamente vinte anos de prosperidade a região de Caicó. Foram vinte anos de prosperidade, com o algodão... uma série de coisas. O algodão foi muito importante pra o povo da zona rural, porque era um dinheiro certo pra o final do ano, aquele dinheiro era sagrado. Outra coisa que tinha na época da infância da gente era pescaria. Os açudes produziam tanto peixe, mestre, produziam tanto peixe que a gente abusava de pescar. Era, era! A vida era boa. Antigamente havia a rede de arrasto: você fazia uma catimboia[10], puxava muito peixe. Puxava até o que não tinha de peixe, numa pescaria. Hoje em dia é proibido, o IBAMA não deixa mais... Minha infância foi mesmo só de prosperidade, e muita. Outra coisa: meus tios, minhas tias, meus avós, tudinho era empregado. Era muito trabalho. Tudo o que produzia, guardava. Guardava num pote[11], guardava num caixão[12], e assim ia. Era o feijão, arroz, milho, a goma, pra fazer a tapioca, e assim vai. A gente não tinha dinheiro, mas tinha as coisas... Dinheiro não tinha, não havia. A não ser que vendesse um bicho, um boi, uma vaca, era assim, mas emprego tinha muito. Nossa infância no Seridó foi boa. Foi muito boa. Aí, eu fui crescendo, crescendo e quando terminou o terceiro ano, não passei no vestibular, vim pra Caicó, aí, comecei a ensinar no CEJA[13], isso, em 1972, como professor de Matemática. Vixe, isso já tá com quarenta e um [anos].

Marcelo: Ah, tá certo! Professor, já que o senhor deu uma entrada: a juventude?

---

[10]Catimbóia é uma técnica de pesca que consiste em mergulhar uma rede ou tarrafa e deixá-la por algum período, depois de certo tempo, o pescador direciona os peixes para a rede.

[11]Objeto feito de barro, muito comum nessas regiões, geralmente utilizados para armazenamento de água.

[12]Refere-se a baú.

[13] Centro Educacional José Augusto.

Norman: A juventude... Meus quinze anos, não é? É porque a juventude de Caicó era aqueles encontros de festa, de jogar futebol, de aniversário da família... Tinha gente que fazia [as comemorações de aniversário]. Uma tia da gente fazia isso, quando ela fazia a gente participava desses aniversários. A juventude... A nossa juventude era o quê? Festa de Sant'Ana[14] (muito bom!)... Festa do Rosário[15] e Carnaval. Só tinham três eventos. Não era como hoje. A gente era mais restrito à zona rural. A zona rural não tinha festa. É, não tinha festa! Mas, a gente tinha essas aí, de alguma forma. Tinha as novenas, que a gente passava quase trinta dias rezando, as novenas no mês de maio, que as escolas, a gente tinha o ginasial... Sim! Eu estudei no Centro Educacional José Augusto, era uma escola muito grande. Centro Educacional... que fica aqui no centro. Isso tinha quase três mil alunos. Porque lá tinha o primário, os pequenos, e tinha o ginasial. Depois, no final dos meus estudos é que lembro do segundo grau. A minha juventude eu participei mais na zona rural, porque meu pai é da zona rural, minha mãe, minha família... Muitas vezes a gente pegava, por exemplo, na Semana Santa o que é que a gente fazia? Ia para o sítio! A gente ia para o sítio nas férias da Semana Santa. A gente não ficava em Caicó. É. Caicó é mais ligado a zona rural. O povo de Caicó ia, a maioria, para a zona rural, na minha juventude. E a minha família também: zona rural. Meus primos? Zona rural! Aí, a gente ia tomar banho, pescar, ia fazer uma série de coisas. A gente fazia atividades, era o quê? Brincadeiras! Jogar, jogar futebol, nadar, pescar, tomar banho no rio Seridó, que hoje não existe, ia nessa linha... Vamos dizer, a gente tinha uma praia aqui no Rio Seridó que dava o quê? Dava umas quinhentas pessoas. A gente não tinha balneário. Como a gente não tinha condição, o Rio Seridó era o caminho mais fácil. Rio Barra Nova. Então, o lazer a gente procurava assim, na nossa juventude, o mais público possível. Público. Pronto: na minha juventude, Caicó tinha um torneio de futebol de salão, como hoje [ainda] tem. A quadra era lotada de gente. Era tanta gente, que não tinha espaço para caber o povo mais, porque era uma competição, nera? Aí, juntava as escolas públicas e o Diocesano[16]. O Diocesano já era bom. Era uma escola particular que tinha uns elementos melhores. Certo? Mas não era melhor porque ganhava não! O estado, aqui, acolá, ganhava também. Era uma competição... [futebol de] salão...

[14] Grande e tradicional festa religiosa, realizada no mês de julho, em celebração a padroeira da cidade de Caicó, Sant'Ana.

[15] Grande e tradicional festa religiosa, realizada no mês de outubro, também em Caicó, em celebração a Nossa Senhora do Rosário.

[16]Colégio Diocesano Seridoense (CDS), uma das mais antigas instituições de ensino da região em atividade. Fundada em 1942, como Ginásio Diocesano Seridoense, é uma instituição vinculada à Diocese de Caicó/RN.

Marcelo: Certo! Professor, no caso, o senhor falou que era do interior e tudo, mas como era o cotidiano da cidade?

Norman: Rapaz, Caicó ele cresceu, por quê? Por que Caicó cresceu? Porque tinha o batalhão de engenharia... eu servi, eu servi! Esse negócio de dizer "de ditadura", isso não existia – "de ditadura" – em Caicó, por quê? Porque a gente era da zona rural. Não conhecia isso. Eu não tinha, porque eu morava na zona rural. Eu tinha um irmão que tentava proporcionar um emprego, mas a gente nem sentia essa ditadura que o exército exercia. Não dava pra gente entender o que era ditadura, não. Caicó não tinha comércio. O primeiro comércio de Caicó, de bodega[17] grande, foi o do Batacã. Que era a alegria do Batacã. Mas, Caicó tinha o quê? Tinha um comércio. Tinha um pessoal do Uruguai... Tudo o que vinha para Caicó, vinha de Recife. Tudo de bom que vinha pra Caicó! Os proprietários levavam a mercadoria (queijo de manteiga, carne) pra Recife e trazia produtos de consumo de outros tipos pro comércio de Caicó. Caicó não tinha geladinho[18]; Caicó não tinha liquidificador. Minha mãe veio comprar um liquidificador, sei lá em que ano foi... Sei que essas coisas foram comprando aos poucos, aos poucos... Vamos dizer: roupa. Roupa, minha mãe costurava. Acho que eu vim comprar uma camisa feita, acho que eu já tinha uns vinte anos. Não tinha. Não tinha... A mãe da gente era quem costurava. Então, a parte de roupa, a parte de confecção, a parte de festa, a gente tinha muito pouco. Tinha um sorvete dançante em Caicó que, aqui e ali, a gente se acomodava, por quê? Porque a gente era tudo jovem e era tudo limitado: "doze horas termina, cada um pra suas casas." É. Era assim o cotidiano... Caicó cresceu, Caicó cresceu pelo seguinte motivo: porque Caicó é um pólo. Caicó é um pólo que agrega... deixe eu ver: Jardim de Piranhas, Timbaúba, São Fernando, Serra Negra, São João do Sabugi, Ouro Branco, Jardim do Seridó, Florânia, São José do Seridó[19], Jucurutu[20]... Aí, pega as cidades da Paraíba com cem quilômetros: Pombal, Brejo do Cruz, Belém do Brejo do cruz[21]... e é assim. Então,

[17]Bodega é como, comumente, são conhecidos os pequenos estabelecimentos comerciais.

[18] Geladinho é uma espécie de sorvete, ou picolé, preparado em sacos plásticos, também conhecido por inúmeros outros nomes: sacolé, sacolete, gelinho, dindim, chupe-chupe, pic-pic, apolo, entre outros.

[19] Cidades do interior do Rio Grande do Norte, todas situadas na Mesorregião Central Potiguar, algumas pertencentes à Microrregião do Seridó Ocidental (Jardim de Piranhas, São Fernando, São João do Sabugi, Serra Negra do Norte e Timbaúba dos Batistas), outras à Microrregião do Seridó Oriental (Jardim do Seridó, São José do Seridó e Ouro Branco) e uma à Microrregião da Serra de Santana (Florânia). Distam de Caicó e Natal, respectivamente: Jardim de Piranhas, 30 km e 313 km; São Fernando, 17 km e 295 km; São João do Sabugi, 39 km e 308 km; Serra Negra do Norte, 47 km e 313 km; Timbaúba dos Batistas, 18 km e 307 km; Jardim do Seridó, 40 km e 239 km; São José do Seridó, 34 km e 250 km; Ouro Branco, 32 km e 250 km; e Florânia, 72 km e 216 km.

[20] Cidade situada na Microrregião do Vale do Açu, a, aproximadamente, 52 km de Caicó e 233 km de Natal.

[21] Cidades localizadas no estado da Paraíba, na Mesorregião do Sertão Paraibano, estando nas Microrregiões de Souza (Pombal) e Catolé do Rocha (Brejo do Cruz e Belém do Brejo do Cruz). Distam de Caicó e João Pessoa,

Caicó é esse pólo. O cotidiano de Caicó cresceu em função de outras cidades. Eu digo que em Caicó convive cem mil habitantes... É! Mas, pelo IBGE, acho que não chega a setenta. Por quê? Porque o povo é de outras cidades. Porque... Pombal? Pombal tá a cem quilômetros, aí o povo de lá vem fazer feira aqui. São Bento[22], que é uma cidade desenvolvida, também ele tem muita gente que vem vender produto aqui. E é muita gente! Caicó não tem luxo, não é? Pronto, hoje tem um comércio que é muito sólido que é o comércio dos Paulino, acho que é um comércio muito forte porque ele mexe com, com uma série de coisas. Eu tenho um primo que ele tem uma fábrica que ele trabalha com esses negócios de reciclagem, trabalha com mais de cem pessoas, eu acho. Já é alguma coisa. Caicó tinha o produto de boné... Os políticos botaram umas normas que não podia fazer aquilo, daí acabou com o emprego de muita gente. Então, [há] uma série de coisas que, hoje, Caicó regrediu. Caicó praticamente não tem como crescer. Por quê? Porque Caicó não tem investimento. Aí, já Jardim de Piranhas, que fica perto, já tem indústria de quê? De rede, de vinho São Bento, desse negócio. Tem condições [de crescer] mais do que Caicó. Você veja bem, Caicó não tem indústria, aí, você pega uma zona rural que tá falida... A zona rural de Caicó tá falida. Por quê? Porque a gente pega o quê? Pega cinco anos de seca, aí acaba com tudo!

Marcelo: Umhum... Professor, no caso, e a cidade e a educação? O senhor já falou um pouquinho sobre, mas como era aqui a...?

Norman: Bom, Caicó. Pela história de Caicó, em termos da educação, a gente vem de longe. Francisco de Brito Guerra[23], padre, ele deve ter nascido em mil e setecentos e não sei o quê[24], veio pra cá, pra Caicó, em 1805, vamos supor. Esse homem abriu uma escola em Caicó. Francisco de Brito Guerra. Era professor. Então, quer dizer que ele fez a base. Isso há mais de duzentos anos. Francisco de Brito Guerra chegou a ser senador da república e essa escola foi crescendo. O monsenhor Walfredo[25], professor nessa linha da escola de Latim; Pedro Guerra,

---

respectivamente: Pombal, 96 km e 370 km; Brejo do Cruz, 48 km e 377 km; e Belém do Brejo do Cruz, 67 km e 396 km.

[22] Cidades localizadas no estado da Paraíba, na Mesorregião do Sertão Paraibano, estando na Microrregião de Catolé do Rocha, está a, aproximadamente, 59 km de Caicó e 413 km de João Pessoa.

[23] Francisco de Brito Guerra, nascido em 18 de abril de1777, foi sacerdote católico, tendo sido expressivamente importante na política provincial e imperial. Assumiu em 1801, por ordens sacras do Seminário de Olinda, a freguesia da Nossa Senhora Santa Ana do Seridó, da Vila do Príncipe, atual cidade de Caicó. Foi deputado geral entre 1831 a 1833 e senador vitalício do império a partir de 1837. É uma eminente figura na história regional de Caicó, tendo desenvolvido importantes tarefas nas áreas religiosa, educacional e política.

[24] Ao longo da entrevista, o professor Normar usará muito a expressão "não sei o quê". É uma expressão popularmente utilizada na região para indicar indefinição, ou, em certos momentos, serve para a continuação da ideia.

[25] Walfredo Dantas Gurgel, nascido em 02 de dezembro de 1908, foi sacerdote católico e um importante político do estado do Rio Grande do Norte, tendo sido deputado federal de 1945 a 1950. Em 1960 foi eleito vice

que terminou o superior em Natal por volta de 1900, ele chegou aqui como professor. Então, Caicó, em termos de educação, no passado, teve uma base muito forte. Amaro Cavalcante[26], que diz que é, da justiça, o mais sábio, estudou em Caicó... E assim vai, né? Hoje você vê que Amaro Cavalcante terminou o doutorado nos Estados Unidos. Esse homem, por volta de 1900, era muito sábio. Hoje, eu acho que a educação está boa. Aqui, a gente tem o campus de Caicó. Trabalhei, não sei quantas turmas são; são mais de... Da turma, de matemática, de oitenta pra cá dá... Trinta, trinta e quatro anos, não é isso? Faz trinta e cinco anos que nós estamos com alunos [aqui]. Tem a turma de setenta e nove, de oitenta, de oitenta e um... essa turma já está se aposentando! Quer dizer que as coisas são passageiras. Então, a educação de Caicó, em termos de Matemática, melhorou muito, muito. O curso de Caicó melhorou muito, porque o curso de Matemática ele tinha uma formação... Pode falar um pouquinho dele aqui? O curso de Matemática. O curso de Matemática nós iniciamos com o curso de Ciências com habilitação em Matemática, a primeira turma. Quando foi para a segunda turma, essa turma não aceitou mais esse curso de Ciências, aí, ficou o quê? Ficou Matemática com licenciatura plena. Aí, veio de lá pra cá [como] curso de Matemática. Realmente, pra o aluno, do jeito que está, é bom. Quem elaborou, botou o curso de Ciências pra gente, tudo de Caicó, era determinação de Natal. A gente pegava... a gente copiava tudo o que vinha de Natal aqui em Caicó. Então, quando eu fui o primeiro coordenador, eu ia a Natal conversar com os professores. Esse negócio de plano de curso, reuniões, a gente trazia de lá pra cá. A gente tinha uma ementa que tinha todos os programas dos cursos da UFRN. Era um livro! Tinha todos os conteúdos. Ali, pronto, a gente pegava aquela ementa e fazia os planos dos cursos aqui... Aí, muitas vezes os alunos diziam: "a gente não tá estudando na realidade do curso". Mas, tudo bem. Acho que aprenderam os cálculos, as coisas... Acho que aprenderam a fundamentação. [Eles diziam isso], porque eles estudavam matemática, física e química. Eles podiam lecionar qualquer uma dessas disciplinas, pra sanar as nossas dificuldades, porque a dificuldade ainda tem.

Marcelo: Professor, e como era a educação aqui na cidade quando o senhor começou a estudar?

---

governador na chapa de Aluízio Alves, deixando essa função para assumir o senado em 1962. Em 1965 foi o ultimo governador eleito pelo voto popular, no Rio Grande do Norte, até o ano de 1982.

[26] AmaroCavalcante Soares de Brito, nascido em 15 de 1gosto de 1849, foi juiz, procurador-geral da República, ministro da Justiça (1897-1898 e, depois, em 1918), ministro do Supremo Tribunal Federal (1906-1914), prefeito do Rio de Janeiro (1917-1918) e ministro da Fazenda (1918-1919). Foi professor e diretor em grandes colégios, como o Liceu do Ceará e o Colégio Dom Pedro II, do Rio de Janeiro.

Norman: A educação era boa, sabe por quê? Porque existia o curso de Pedagogia[27] em Caicó. Então, os professores... vamos dizer que eles não tinham o curso superior, mas tinham uma boa formação, um curso de formação em Pedagogia. Aí tinha o professor de Português, tinha o professor de Matemática – que geralmente era o pessoal do Banco do Brasil –, História, eram pessoas que tinham uma formação boa... [Por exemplo,] padre Tércio. Padre Tércio é formado. Padre Tércio hoje é o quê? Acho que ele é mestre. Era um professor de História. Padre João Agripino era professor de Português. Laércio Lima de Oliveira, formado em Letras. Quer dizer, a formação que nós tínhamos era com professores bons. Eram pessoas capacitadas mesmo. Padre João Agripino, Laércio Lima de Oliveira... eram os padres. Os padres todos... considerados como mestrado. Tem um padre em Natal que ele foi o primeiro diretor daqui, acho que é o padre João Medeiros. Então, os professores aqui, de um modo geral, do primeiro grau, do segundo, eram bons porque eles eram determinados. Era!

Marcelo: Professor, então, no caso, todos eles, que o senhor estava falando agora, esses padres que eram professores, eram todos também professores lá do Centro Educacional?

Norman: Era. É... Era e não era... Porque no segundo grau, o segundo grau que eu já estudei no Diocesano, era padre João Agripino, mas Laércio tinha um colégio que ele era o diretor da escola de primeiro grau. Laércio Lima de Oliveira, formado. Ele e a esposa dele. Padre Zé Mário, que eu acho que terminou o mestrado, chegou a ser meu professor; padre Antenor foi meu professor de Francês. E assim vai...

Marcelo: Certo! Professor, e o Rio Grande do Norte nesse período?

Norman: O Rio Grande do Norte... O Rio Grande do Norte era muito atrasado, por quê? Porque não tinha estrada, o Rio Grande do Norte. A capital não tinha estrutura. [Em] Caicó, não tinha a educação por Natal [pelo Estado], a gente tinha educação do município. O comércio de Caicó por Natal era pouco. Vamos dizer: quem podia estudar [fora], ia pra Recife. Os filhos de proprietário... Natal veio ocorrer, acho, a partir de 1970. Agora, outra coisa que me recordo do Rio Grande do Norte: eu tenho colegas que eles foram fazer escola técnica em Natal. Quer dizer que, nesse período, em 1970, foi o período que eles saíram de Caicó pra Natal. Taí... Mas, Natal era uma contramão. Ia pra Recife. Natal não tinha como hoje é. Veja que [só] foi em 1964 que Natal veio criar a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, porque ela era faculdade. Você tinha Faculdade de Direito, Faculdade de não sei de que, Faculdade de Filosofia... o curso de Matemática [funcionava], acho que era, no Instituto

[27] O curso de Pedagogia, em Caicó, foi criado no ano de 1973. Assim, acreditamos que o professor se refere ao curso que ficou, no estado, conhecido como Pedagógico. Esse curso era o curso Normal, previsto na Lei 4.024/61, que era oferecido nos níveis ginasial e colegial. Esses cursos, à época, eram responsáveis por formar os professores do, então, ensino primário, que equivaleria às turmas das séries iniciais do atual ensino fundamental.

de Matemática, em 1970, por aí... Eu acho que peguei uns professores que, pra mim, eles tinham terminado em 1972, uma coisa assim... É. Então, eu acho que a ligação de Caicó com Natal era muito pouca. Então, nesse período, acho que Natal era muito limitada e muito difícil pro povo ir morar lá. Em 1972, os ônibus só iam até o Machadão[28]. Não tinha estádio. Não tinha. Não tinha avenida... Você saia da Cidade Alta pro Alecrim[29], ou Taipó, não havia [avenidas], não havia como hoje... Havia o Ateneu[30] que recebia quase todos os alunos que vinham do interior. Eu trabalhei no Padre Miguelinho[31], lá em Natal também, e era muito difícil. Eu caminhava de lá para cá, do Alecrim pra Cidade Alta, às vezes não tinha nem ônibus. Natal era muito atrasada nessa década de 1970.

Marcelo: Professor, o senhor disse que foi estudar em Natal. Quando o senhor foi estudar lá, ficou em casa de parente ou...?

Norman: Fiquei! Fiquei na casa de uma tia minha. Mas eu frequentava bastante a casa do estudante[32], porque lá eu tinha colegas... Geralmente eu passava o dia na casa do estudante, pra estudar com os colegas. Frequentava muito a casa do estudante, porque tinha muita gente de Caicó estudando na casa do estudante. Aí, tinha lá... às vezes, [alugavam e] faziam divisão de umas casas próximas, pra ficarem hospedados, porque era muito difícil você ter [vaga], muitas vezes você não encontrava uma vaga. Era gente demais de todo o interior, e a dificuldade muito grande. Na época que eu frequentava, naquele regime [militar], tinha um cara lá que geralmente ia preso, porque ele falava alto demais, aí, era preso, nessas épocas de 1970. Os outros não iam, ninguém abria a boca.

Marcelo: Tá certo, professor. No caso, e a educação familiar?

Norman: Ah! Minha família é muito unida. Meu pai faleceu. Trabalhador familiar... trabalhador braçal. Não tinha riqueza. Meu pai e minha mãe, o que tinham era do trabalho. Riqueza, ninguém tinha. Isso era [todo mundo]. Meus avôs... As pessoas que eu admiro mais são as minhas duas avós, porque não tinham o emprego que tem aí. Viviam do trabalho. Hoje... hoje vive também, porque nem todo mundo tem emprego. Como elas viviam na zona

---

[28] O estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado foi inaugurado em 1972 e ficou conhecido popularmente como Machadão. No ano de 2011 o estádio foi demolido para a construção do estádio Arena das Dunas, um dos estádios que sediou a Copa do Mundo 2014, ocorrida no Brasil.

[29] Cidade Alta é o bairro também conhecido como "Centro", foi a região a partir de onde a cidade de Natal teve origem; o bairro Alecrim é dos mais populares da cidade, localizado também na região central, é hoje considerado um dos principais centros de comércio popular da cidade.

[30] Primeiro colégio desse formato instalado no Brasil, ainda no período do Império, no ano de 1835.

[31] Atualmente Escola Estadual Instituto Padre Miguelinho, foi inaugurada como Grupo Escolar Padre Miguelinho no ano de 1913.

[32] A Casa do Estudante do Rio Grande do Norte (CERN) é uma instituição filantrópica de apoio aos estudantes do estado, fundada em 1946, a instituição está localizada em Natal, hoje, no bairro Petrópolis.

rural, a zona rural proporcionava que elas fizessem alguma coisa. Nos sítios aí, tem muita gente que não tem nada... Agora, hoje é diferente pelo seguinte: quem mora na zona rural tem uma aposentadoria, essa aposentadoria é setecentos, mais setecentos do marido, dá mil e quatrocentos. Quer dizer, hoje é totalmente diferente do tempo dos meus avôs. Eu tenho muito primo que viajava de ônibus. Morava na zona rural, de um sítio pra cá, vamos dizer, são vinte quilômetros, eles tinham que, todo dia, sair da zona rural pra vir estudar em Caicó. A gente tinha privilégio, por quê? Porque meu avô tinha uma casa, e a gente morava nessa casa. Mas papai não tinha nada não. Tinha essa casa vaga, em Caicó, e a gente vivia nessa casa, que a casa era do meu avô. Mas a gente trabalhava... Aí, hoje, pra você ver o que é educação familiar, um estudante não pode trabalhar. Lá em casa, era uma casa de oito filhos, com mais cinco primo e mais num sei o que, juntava tudo isso numa casa só, a casa muito grande, no dia que não trabalhava, a gente fazia alguma coisa, fazia bolo, fazia almoço; fazia qualquer coisa, fazia tudo. Então, a educação familiar, a gente foi criado trabalhando, que hoje não pode... E outra coisa: os livros. Os livros que a gente tinha ia deixando pra outro. Eu pegava os livros dos meus primos... História! História servia pra todos os anos. O livro de história, geografia, português, matemática... A gente procurava assim fazer: o que tinha, dava aos outros. É! A gente não tinha como... A gente pegava ia pedindo, pedindo, fulano, cicrano... Com os livros era assim, mas a gente tinha livro. Hoje em dia é diferente, você entra no computador, pesquisa, tira...

Marcelo: É verdade. Professor, o senhor falou que tinha primos que moravam a vinte quilômetros da cidade. Pra vir [estudar aqui] também? Porque, ônibus não tinha nessa época, tinha?

Norman: Tinha não... num certo período. Mas sabe o que é que acontece: muitas vezes eles ficavam próximos a Caicó, num sítio de Parelhas[33], aí vinha num jumento. Era. Mas, Jardim de Piranhas e... São João tinham ônibus, já tinha ônibus. Jardim do Seridó tinha ônibus... Agora, se desse uma chuva, esses ônibus não passavam, porque não tinha como. Era uma dificuldade, não era? Mas, o aluno procurava, ele tinha um jeito de chegar. O jeito que podia: pegava uma carona, ficava na casa de fulano, cicrano... isso era assim. Desse interior todo, pra vir pra Caicó. Vamos dizer: Ouro Branco. Ouro Branco não tinha um ginasial. Jardim de Piranhas não tinha um ginasial. Só quem tinha um ginasial era Caicó. Mais ou menos de 1964 – acho –, 1968, anos 1970, por aí... Eu acho que demorou a chegar o ginasial nas cidades aqui

[33] Cidade situada na Microrregião do Seridó Oriental, a, aproximadamente, 62 km de Caicó e 246 km de Natal.

perto de Caicó. O pessoal de Jardim do Seridó veio estudar aqui no Diocesano! Demorou, porque Jardim do Seridó é uma cidade um pouco maior...

Marcelo: Umhum... Professor, e como era a escola e a rotina escolar? O funcionamento da escola, o dia a dia...

Norman: Bom. As escolas. A rotina era aquela, como hoje. Vamos dizer... você tinha uns certos critérios que você [deveria cumprir]. Você tinha que entrar na sala de aula, muitas vezes tinha que cantar o hino nacional... Tinha a farda[34], tinha aquela obediência... Tinha um ritual que, eu acredito, era um ritual que tinha que obedecer. Tinham muitas normas. A gente não podia fazer muita coisa não, que era suspenso. Então, a gente ficava com um certo medo, né? Um certo receio de fazer alguma coisa errada. Eu estudei no Senador[35], eu estudei o primário na escola Senador Guerra, então, eu achava muito [exagerado]... Porque você fazer três turnos: a manhã, o intermediário e a tarde, eu acho que esse intermediário prejudicava o aluno, porque era uma coisa muito corrida. Eu me lembro que meu primário, eu achei que não foi bem feito por conta de que eu estudava no intermediário... Era um tempo muito curto. Agora, já no ginasial foi melhor. No ginasial, tinha professor com conhecimento, a gente estudava. É... o ginasial eu achei que foi bem feito. Professor de português muito bom, professor de matemática bom... Eu acredito que o segundo grau não foi bem feito, não, por quê? Porque eu estudei no Diocesano [e] não tinha professor com aquela formação [específica]. Não tinha professor de física, professor de biologia, não tinha professor. Houve uma certa carência. Português tinha, mas as outras disciplinas eram uma coisa assim... O segundo grau eu acho que foi mal feito.

Marcelo: A escola José Augusto que o senhor falou, o senhor estudou lá em quais anos, professor?

Norman: Estudei lá quatro anos, que foi o ginasial. Ah! E outra coisa, eu fazia: um, dois, três e quatro e a admissão[36]. Aí, a admissão eu fiz na escola de Dona Calpúrnia. Era o quê? Era uma preparação pra fazer a complementação, porque era quase impossível... Agora, ela era uma pessoa que dava uma formação que a gente passava no primeiro concurso. É. Sei que era: um, dois, três e quatro, aí, o quinto ano era o admissão. Hoje em dia não existe mais. Você me via que, tinha aluno que eles tinham uma memória, rapaz, era impressionante. Eles diziam todas as capitais do Brasil. A pessoa chegar a cobrar isso para um aluno, era o que o admissão

[34] O professor se refere ao uniforme escolar.

[35] Atualmente Escola Estadual Senador Guerra, foi fundada como Grupo Escolar Senador Guerra no ano de 1909.

[36] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.

[cobrava]... muito deles tinham o quê? Doze, treze anos. Doze anos, não é? Aí, tinha deles, eu tinha colega que decorava todas as capitais do mundo. Do mundo! Era uma memória danada! Era uma memória... Porque era o admissão que fazia com que a gente decorasse essas coisas.

Marcelo: Sim... Professor, e como era o interesse dos alunos por esses estudos?

Norman: Olha, o interesse eu achava bom, por quê? Porque tinha que estudar. Por quê? Porque os pais da gente não tinham preparo... Muitas vezes tinha um empregozinho, um negócio... Então, assim, nosso alunado, naquela época, estudava, porque eu acho que a dificuldade era o espelho de todo mundo. Vamos dizer, meu pai mesmo, da zona rural, tinha o quê? Nada! A não ser que eu fosse trabalhar e fazer alguma coisa, para conseguir algum dinheiro, mas emprego não tinha pra dar não. Isso era o que tinha pra qualquer um... Vamos dizer, tinha um que tinha o pai que era cabeceiro, vai trabalhar na usina carregando coisa na cabeça, ele tinha um salário... A não ser que fosse fazendeiro rico, que, muitas vezes, esse povo que era mais abastado não era interessado em estudar. Eram interessadas aquelas pessoas que não tinham nada.

Marcelo: É... Porque se interessava em ter alguma coisa, não é, professor? Tá certo! Professor, e as disciplinas, como eram?

Norman: Bom. Toda disciplina, nesse primário, ginasial, era no quadro. Era no quadro! Era matemática no quadro, física no quadro, química no quadro, tudo era no quadro. Até o padre Tércio que começava a escrever, começava, começava, escrevia, era no quadro. No giz mesmo! E a gente achava bom porque ele fazia a aula e tinha a ver com o dever, e eram muito objetivos, mas ele botava aqueles negócios todos e era quase um capítulo. Eram uns topicozinhos. Quer dizer, era tudo... Era giz no quadro. Mas, geralmente, aqui a gente procurava ter o livro também. Vamos dizer, a gente estudava tudo o que tinha aqui... estudava, estudava, não sei o quê, e geralmente prova eram duas vezes por semana, coisa assim. Não era como hoje, parece que passa um mês... Eles, geralmente, em quinze dias faziam prova... Ciências. Quase que era reprovado em ciências. A professora, ela fazia tudo o que tava no livro, aí eu deixava escapar alguma coisa, desde que, quando eu ia fazer a prova, aquelas questões estavam no livro. Aí, eu me perdia, eu digo: “oxe, tava no livro, olha!”. Quer dizer, eu acho que era meio infantil ainda, porque tava no livro e eu deixava passar aquelas coisas, aqueles conteúdos, mas, geralmente, as disciplinas no ginasial, no segundo grau, no primário, eram tudo do livro. Não era como hoje, que você pode pesquisar um negócio [no computador], era no livro. Era tudo no quadro! Quadro negro. Era tudo... Na faculdade a coisa pega, porque... vamos supor: calculo 1, você não pode estudar só um livro. Uma vez eu perdi

uma disciplina. A gente tinha que pesquisar em outros livros pra justamente entender o que estava passando, porque, às vezes, um livro não tem, mas aí o outro tem. É. Na faculdade, então, eu pesquisei em muito livro... É interesse. Eu acho que é interesse do aluno ele tentar resolver as questões que estão no livro... e falar pro professor. Não deixar de se comunicar, de perguntar, de... Tem que fazer isso, porque se você ficar calado, muitas vezes você tem uma dificuldade por não falar com o professor. O aluno bom não tem; ele pergunta muito, ele tenta. Tinha bons alunos que se saíam muito bem nas provas. Eu tinha um colega lá em Natal que ele só tirava dez nas disciplinas, estudava todo dia até duas da manhã. Quer dizer, ele tinha base, começou com essa base e foi até o final do curso.

Marcelo: Professor, e como eram os professores e as aulas deles?

Norman: Na faculdade, no meu tempo, tudo o que eu fazia era através de um planejamento, pegava o plano de curso, analisava e ia lecionar o que tinha naquele programa. Lia o texto; um, dois livros... do meu tempo, era tudo no número. Professor? [Não] sei como é que o professor dava sete teoremas de álgebra linear sem um papel, sem olhar num papel. Isso pra mim era impressionante. Os caba[37]... É. Eu, lecionando, pesquisava, escrevia. Eu escrevia no quadro. Essa parte de seminário, não sei o quê, eu não usava isso, não. [Era] mais a disciplina no quadro; era o quadro e era giz mesmo, nem era o pincel não. Porque hoje o aluno o quê? A gente tem aqui um quadro e pincel, né? Porque matemática tem questões que são muito longas... As questões de matemática, pra você resolver, dar a solução, são muito longas. Aí, eu gostava de escrever. Escrever, escrever, escrever, escrever, escrever, escrever... Então, minhas aulas eram assim, eram escritas, e gostava mesmo. Gostava muito de dizer assim: "minha gente, vamos ler o livro"; porque um aluno podia ler o livro e ver uma boa questão, porque a matemática é muito macete, às vezes, a pessoa esquece aquilo ali...

Marcelo: Umhum... Professor, e como foi pra realizar os estudos?

Norman: Rapaz, a realização desde o início. Então, eu não era muito estudioso, não; primário, eu brincava muito. O primário era de brincadeira, eu não ligava muito, não. Aí, com o admissão a gente já começou a estudar. Começou mais a estudar, porque tinha os meus... vamos supor: você tinha os livros de admissão que abrangia todos os conteúdos: matemática, história, geografia e assim ia! Português... Acho que tinha português não, português parece que não tinha, mas tinha tudo dessa outra parte. Então, a gente tentava resolver o que tava no livro. Foi no primário, foi no ginasial, foi no segundo grau. No segundo grau, a gente ia ler, procurava comprar os livros. Isso era de física, de química, de biologia... Era estudo dos

[37] Esta palavra é uma variação do termo "cabra", comumente utilizado em regiões do nordeste para se referir a pessoas do sexo masculino.

livros. Matemática, o professor parece que tinha um livro que era Ari Quintella[38]. Ari Quintella. Hoje, ninguém usa aquilo. A realização dos estudos era no livro. A gente procurava, pronto, vamos ver uma frase de francês. Ele [o professor] lia, e eu procurava entender e ler o que tinha e ver os colegas pra me ensinar aquilo. A gente pedia a quem sabia, ou... Porque estudo é isso, é pesquisar e estudar. Mas, os estudos eram nos livros. Tirando dúvidas com colegas, na biblioteca... Tinha uma biblioteca muito boa lá no CDS. Era completa a biblioteca e muito grande. Lá tinha espaço pra você estudar, se quisesse ir lá pra fazer uma pesquisa... A gente tinha uma biblioteca muito boa. Aqui em Caicó, a gente montou uma biblioteca boa pra matemática [depois], porque [antes] os livros eram velhos e não tinham todos. Muitas vezes, os alunos tinham uma certa dificuldade. Hoje não, hoje tá melhor. Então, os estudos eram todos feitos nos livros. A gente tinha o programa, tinha os conteúdos e estudava aquilo. Hoje está bem melhor, pois o curso de matemática tem cadeiras que são inerentes às que você pode usar no segundo grau, vamos dizer: geometria plana. Antigamente não tinha geometria. Você tem a parte de matemática lógica, que antigamente não tinha; parece que paga três estágios, antigamente só pagava um, e assim vai... Tem umas disciplinas que eu esqueço o nome... Seminário? Ou alguma coisa assim, que bota o aluno justamente pra dar aula. Essas práticas. Foi melhorando muito, em ralação ao meu tempo. O aluno sai melhor do que no meu tempo, porque ele está mais trabalhado na parte da didática.

Marcelo: Certo, professor. No caso, o senhor foi fazer o terceiro ano em Natal. Foi por opção, ou é por que aqui não tinha?

Norman: Foi necessidade. É. Quer dizer, aqui tinha, mas não tinha professor. Ai eu digo: "vou embora pra Natal, porque lá... eu acho que vai abrir algum horizonte." O fato de não conhecer Natal, de estudar... Ia estudar no Churchill[39], que era uma escola nova. Eu achava que ia proporcionar que eu chegasse à universidade.

Marcelo: Aí, nesse período, muitos iam daqui pra morar lá em Natal...?

Norman: Muita gente, muita gente! Vamos dizer, aqui de Caicó, muita gente queria medicina. Eles foram para Natal, porque era pra pegar [o ritmo, se preparar]... Pra passar na concorrência grande de Medicina, né? Bastante. Teve bastante gente... Aí, não podia ficar aqui, esse povo que ia fazer Medicina. Tiveram bem dez que passaram em Medicina, nesse período, pra mais ou pra menos.

[38] Ary Norton de Murat Quintella foi catedrático de Matemática da Escola Militar do Rio de Janeiro, tendo publicado mais de vinte livros didáticos para o ensino dessa disciplina, voltados para os mais diversos níveis.
[39] Atualmente, Escola Estadual Winston Churchill.

Marcelo: Professor, e a legislação e a educação nesse período do senhor? O senhor lembra como era?

Norman: Legislação... Eu não me lembro não, você acredita? Esse nome... legislação e educação, essas normas, eu não me lembro disso. Quando eu fazia faculdade é que diziam: "não sei o quê, cinco, meia, nove, dois[40]". Falavam nisso, porque eu paguei Introdução à Educação com uma professora, essa professora era boa. Ela mexia muito com essas leis, mas eu não... a gente não tava atento a essas coisas, não. A legislação, a gente não tinha pensamento nisso, não. Tava no curso! Eu não tinha conhecimento. E é que eu paguei Introdução à Educação que falava muito nessa estrutura, que falava nas normas da escola, mas a professora falava lá, ela colocava tudo no quadro, ela falava: "pronto, aí, a legislação e a estrutura..." Falava muito nisso. Falava muito de "diretor; pela lei tal; não sei o quê; não sei o quê; aí, o que a gente faz?"...

Marcelo: Sim... Certo professor. O senhor já falou um pouquinho, mas como foram os primeiros contatos com o ensino?

Norman: Eu gostei! Os primeiros contatos, vamos dizer... [Quando] eu fazia o terceiro ano, e eu chegava aqui de férias, eu ia dar aula pros meus colegas. Como eu tava fazendo o terceiro ano, eu chegava em Caicó, ia dar esses conteúdos de matemática, que era do ginasial e depois do segundo grau. Aí, aquilo ali me empolgou. Eu não passei no vestibular um ano, então, esse ano eu fiquei só mesmo de dar aula. De dar aula, de dar aula, de dar aula. Estudava mais matemática e química. Eu dava aula aos meus colegas que [ainda] estudavam. Eu fiquei empolgado: "parece que esse negócio dá certo." Aí, eu fui fazer faculdade. Quando eu fui fazer faculdade, eu peguei um colégio e eu fui dar aula em Natal. Aí, pronto! Fui, dava aula à noite, no Padre Miguelinho. Eu fiquei, digo: "pronto, eu acho que o caminho é esse". Eu me dei muito bem. Me relacionei também muito bem com os alunos, porque professor não deve brigar com aluno; agora, também não pode deixar o aluno fazer o que quer, não é? Pedir, não é? Fazer um entendimento... Eu vou nessa linha. Pra mim, eu acho que eu me dei muito bem pelo meu comportamento. O meu tratamento com os alunos é só: "mestre". Geralmente quando os alunos se encontram comigo é: "diga, mestre!". Aí, eu dizia muito: "vocês leiam o livro; vocês leiam o livro pra poder aprender o que está no livro, não é só o que eu dou não." Porque, às vezes, o professor pode estar nem aí e não vê... Eu trabalhei muito com o curso de geografia, com elementos de matemática, fui professor de estatística aqui, aí, eu pegava o livro de matemática, de geografia e estatística, [e trabalhava] a estatística só as quatro

[40] O professor se refere à Lei 5.692, promulgada em 1971 (2ª Lei de Diretrizes e Bases).

operações, porque os alunos, às vezes, eles tinham dificuldade, aí, a gente tinha que orientar de uma certa forma pra ele aprender alguma coisa. Mas, eu me dava muito bem por conta da clientela, porque a clientela queria estudar. Trabalhei muito com o curso de geografia... Pra mim, os primeiros [contatos] mesmo, foram quando eu vinha de Natal, chegava aqui, aí, eu ia dar aula para os meus colegas, porque estavam carentes, porque aqui não tinha matemática. Aí, eu ajudava e dava aula de graça. [Não] cobrava um centavo. Passava o sábado e o domingo dando aula, porque eles queriam aprender! Tinha essa vantagem também...

Marcelo: Tá certo, professor. Então, no caso, o ingresso no magistério, oficialmente, já foi junto com a faculdade? Porque o senhor falou que quando entrou no curso, pegou umas aulas à noite...

Norman: Foi, foi... Mas a parte do magistério já comecei antes, porque em 1973 eu não estava fazendo faculdade e eu lecionava aqui em Caicó. Ensinava Matemática pro terceiro ano somente. Aí, [depois] eu comecei na sexta série. Àquela época, era o ginasial. Aí, foi o meu ingresso, em 1973, e no CEJA. Quando tem aluno com muito tempo, assim, tem dificuldade. Mas aí a gente não podia [cobrar demais], a gente ficava numa média, né? Porque a gente fazia duas, três, provas, numa avaliação. Eu lembro que o meu ingresso foi justamente aí. Eu achei que era uma opção, eu vi que o caminho era o magistério. Não quis fazer engenharia... Gostava muito de química. Não sei como eu não fui pra Química, porque eu me dava muito bem com química. [Mas,] eu acho que o magistério de matemática é melhor. É mais democrático, como se diz. No curso de Química eu acho que eu tinha que arranjar uma empresa, era mais burocrático. Eu acho o magistério muito democrático, como se diz... A liberdade que a gente tem, eu acho que... Outra coisa: eu nunca cheguei atrasado numa sala de aula. Era meu compromisso chegar cedo, antes do início da aula. Eu tinha isso. Eu procurava chegar na hora, não me lembro de chegava atrasado, não.

Marcelo: Tá certo, professor... Ah, então, no caso, o ingresso no magistério aqui foi na... Eu pensei que o senhor só ensinava aos colegas, mas o senhor foi realmente ensinar na escola?

Norman: Foi! Fui contratado. Isso. Meu primeiro contrato foi em 1973, no magistério. Aí, nesse ano eu tinha dificuldade, por quê? Porque eu não tinha ainda, não tinha ainda... uma formação de magistério. Eu dava aula, porque dava aula. Resolvia as questões, mas não tinha uma... Acho que [tinha] umas poucas páginas de planejamento, de estudar os conteúdos. Mas foi o início...

Marcelo: Eles fizeram esse contrato com o senhor, por que o senhor tinha concluído o terceiro ano?

Norman: Foi! Porque a gente tinha um número, e conseguia, através do diretor, trabalhar, ser professor! Mas com um suporte pedagógico, porque antigamente era muita técnica, e a gente tinha necessidade. Aí, o diretor, que era meu parente, ele queria que eu fosse dar aula de física, aí eu disse: "Rapaz, eu não tenho condições, não... Tenho condições não." Porque física eu tive dificuldade em Natal, quando eu fazia o terceiro ano.

Marcelo: Então, no caso, a formação para lecionar, não precisaria necessariamente de uma formação superior?

Norman: Não, não! A formação para lecionar, no início, não precisava. Você acredita que, hoje, em Caicó, tem muita gente que se formava... Você era professor de... Geografia! Tava lecionando Física. Você professor de Química, tava lecionando outra coisa... Quer dizer que, antigamente, não precisava de formação para lecionar, não. Se você tivesse habilidade, se você tivesse facilidade, você dava aula em qualquer disciplina. Eu tinha um colega, rapaz, que ele era um crânio! Ele tinha facilidade para todas as disciplinas. Ele tirava dez em todas as disciplinas. Até em história ele tirava dez. Ele era professor de Matemática, como eu era também. Pronto, aqui em Caicó tem muita gente que terminou o terceiro ano, que eles foram pro magistério e sem fazer nenhuma formação. Eu tinha uma prima que ela teve uma formação pra ser professor de matemática... é que eu não sei dizer o nome... e era no ginasial. Veja bem: terminou o ginasial, ela foi fazer um curso em Natal para ser professora de Matemática, só pro ginasial... Isso em 1965, 1966. Quer dizer que, formação para lecionar não havia, não. Quer ver pra outra coisa: química! Química. Pronto, eu tinha um colega que ele hoje é médico, que ele era professor de química, porque gostava de química e ele só tinha o terceiro ano. Não tinha essa formação. Aqui em Caicó, não!

Marcelo: Sei. Professor, o senhor comentou... foi uma prima do senhor que foi fazer um curso?

Norman: Um curso pra lecionar matemática. E ela só tinha o ginasial.

Marcelo: Certo... Professor, no caso, curso de formação nesse período...?

Norman: Só tinha essa daí, né? Curso de formação... Não. Não tinha. Existia, vamos dizer, curso de formação pra determinadas pessoas. Eles fizeram um curso de formação aqui em Caicó. Aqui em Caicó tinha, durante um período, um curso de formação. Pegava esse pessoal do Estado e dava o curso de formação nas escolas de Caicó, no CEJA. Eu acho que era um curso de formação. Então, haviam cursos de formação. Havia essa formação para o ensino primário e ginasial, porque no CEJA juntava aqueles professores do Estado e dava um mês de formação a essa gente. Eu acho que era isso. Já era em 1978, por aí. O Estado pegava todos os

professores da região e dava, no CEJA, uma formação. Acho que era no ginasial. Primário e ginasial. Agora, formação, ninguém tinha isso não. Eu fazia, vamos dizer... como eu trabalhei no Marista, seis meses, em Natal, a gente discutia o que é o ensino, fazia um curso pedagógico. Eu fiz um curso desse, assim, em Campina Grande, lá no Marista. Só pra [saber] como ia trabalhar no ensino. Deve ser quase um curso de formação. Mas, lá no Marista. Eu acho que é isso.

Marcelo: Professor, aí, no caso, como era a formação de professores no Rio Grande do Norte nesse período? O senhor tem conhecimento?

Norman: Só conheço a formação na Universidade. Vamos dizer, você fazer um curso, um curso de Matemática, curso de Letras, curso de Economia... Eu acho que formação no Rio Grande do Norte, nesse período... É, eu entendo assim. Fazer um curso de Matemática pra lecionar as cadeiras de Matemática. Bom, a formação que eu tive foi só no superior. Eu não fiz mestrado, eu não fiz nada.

Marcelo: Sim. Professor, o senhor tem conhecimento se existiam outros cursos pra formar professores aqui no Estado, por exemplo, antes de terem criado os cursos de formação específicos?

Norman: Formação... Eu me lembro que os professores de Física, aqui de Caicó, eles tiveram uma formação... Acho que isso é formação. O curso de Física, em Natal, juntou um grupo de professores que trabalham na área de Física e deram esse curso de formação. Eu acho que é, mais ou menos, isso. Eu não sei se houve em Matemática... Não, eu acho que em Matemática não houve, não. Não conheço, não.

Marcelo: Certo. Professor, no caso... o senhor falou, assim, que perto da década de 1970 foi criado o curso de matemática lá em Natal. O daqui só veio ser criado em 1979 e o de Mossoró[41] foi criado em 1974. Assim, professor, como era a formação do professor aqui no Rio Grande do Norte nas outras regiões do estado?

Norman: Bom. Aqui em Caicó. Aqui em Caicó a gente começou em 1979. Daqui de Caicó, eu conheço... tem um colega meu que ele fez [a graduação] em Natal, que é daqui de Caicó, Aroldo, depois fui eu. Então, é pouquíssimo. Aroldo deve ter iniciado em... Eu acho que ele começou em 1972, eu comecei em 1974. Tinham pouquíssimos. Eu conheço poucas pessoas que fizeram Matemática... pra essa formação. Letras, tinha; Geografia, História, tinha; mas, do tipo como... Até hoje a dificuldade de química e física é grande em Caicó. Biologia... Até um tempo desse não tinha professor de Biologia e eu acho que até hoje ainda está com

[41] Mossoró, a segunda maior cidade do estado do Rio Grande do Norte. Situada na mesorregião do Oeste Potiguar, localiza-se a, aproximadamente, 281 km de Natal e 191 km de Caicó.

deficiência. Biologia, física e química. Agora, matemática não tá não. Mas, mesmo assim, talvez [esteja] faltando gente nas cidades [vizinhas], né?

Marcelo: Umhum... Professor, no caso, eram esses cursos que supriam a necessidade do estado todo? Por exemplo, o da UFRN, até ser criado aqui em Caicó, era onde os alunos iam buscar, era em Natal...? O senhor falou no iniciozinho da entrevista que iam também a João Pessoa, Campina Grande, buscar nesses outros locais...?

Norman: Rapaz, olhe, eu acho que foi 1977, o governador de João Pessoa levou dez ou doze professores formados em Matemática para João Pessoa, porque não tinham pessoas de nossa formação. Campina Grande não tinha. Da Paraíba, essa Paraíba todinha aqui vizinha não tinha. Cajazeiras não tinha, não tinha, não tinha professor, a formação de professores.

Marcelo: Nesse caso, os alunos que foram sendo formados aqui é que foram se espalhando no interior, pra poder suprir as necessidades, assim, do estado...?

Norman: Foram se espalhando... Nós temos pessoas... em Pombal, em Pombal! Que [de] Pombal vai pra Campina Grande. Tem uma menina daqui que mora em Pombal e que foi aluna daqui. Hoje, eu acho que ela trabalha em Pombal. Aqui, eu acho que em São Bento não tem professor de matemática, das cidades aqui por perto...

Marcelo: Está certo. Professor, assim, para o senhor, como foi o exercício do magistério?

Norman: O exercício do magistério... É gratificante. Pra mim é gratificante. É gratificante porque eu acho [interessante] a facilidade que a gente tem de se comunicar. Aí, acontece o seguinte, por isso que tem muita gente que diz assim: “eu não tô entendendo nada”; o professor explica, explica... mas, é porque a matemática, o exercício do magistério de matemática, ele é lógico. Se o aluno não tiver, assim, uma formação lógica, ele vai ter dificuldade no exercício. Agora, a gente que exerce, não vai ter dificuldade assim. Se você tiver uma boa formação, aí, no exercício da profissão, acho que a gente se dá muito bem. Porque todo professor de matemática, se tiver [boa formação], ele é calmo... professor de matemática ele é calmo, ele num... Eu sou assim. Mas, eu achei que eu me realizei [em] ser professor de matemática.

Marcelo: Tá certo, professor. E como era o cotidiano das escolas durante o exercício do magistério? O senhor falou um pouquinho como era o cotidiano no período que o senhor estudava, e quando o senhor estava ensinando, como era o cotidiano das escolas?

Norman: O cotidiano das escolas no exercício do magistério... O cotidiano... É porque aqui é quase repetitivo, né? Assim, o cotidiano no exercício, a escola e o cotidiano. Porque o cotidiano...

Marcelo: Mudou alguma coisa depois que o senhor começou a ensinar? Mudou, no dia a dia da escola?

Norman: Não. Não! Como essa vivência a gente já tem, aí o cotidiano pra mim é uma coisa sequente. Agora, aqui está relacionado ao quê? É a obrigação que a gente tem também, né? De você não dar uma aula sem planejamento. Tem que fazer o planejamento pra quando chegar na sala de aula saber o que é que vai dar. Você tem que fazer esse planejamento, não pode... É um cotidiano que exige responsabilidade, não pode ser a qualquer coisa, não.

Marcelo: Professor, deixe-me fazer uma pergunta que eu acho que passou... O senhor falou que foi para Natal estudar lá e tinha muitos alunos que iam do interior pra lá pela questão da formação, não é? No caso, esses alunos, que o senhor falou, muitos deles foram convidados por João Pessoa, pra ir ensinar lá. No caso, era realmente uma necessidade de formação no interior...?

Norman: Era uma necessidade! É. A Paraíba não tinha professor de Matemática... Acho que pela cultura deles lá. Como Caicó também não tinha... né isso? Caicó não tinha, em 1978 Caicó não tinha. Caicó não tinha professor de matemática. Aí, na Paraíba, eu me lembro esse coordenador chegou lá, relacionou de dez a doze pessoas e levava pra Paraíba, não sei qual foi o campus, se foi pra João Pessoas ou Campina Grande, mas foi pra Paraíba. Caicó tinha formação de matemática, Natal tinha formação de matemática, aí pegou esses alunos e levou pra lá.

Marcelo: Professor, o senhor falou que só tinha um bloco lá [em Natal] quando o senhor começou?

Norman: Quando eu comecei, em 1974, em Natal, só tinha um bloco. Só tinha um setor de aula, que era o setor um. Aí, foram construindo, construindo, construindo... Pois eu terminei em 1978, aí, [já] tava no setor cinco. A reitoria não existia. Quer dizer, tudo foi com muita dificuldade. Caicó... Posso falar sobre Caicó? O núcleo de Caicó começou em 1974, no Colégio Diocesano, nas dependências do Colégio Diocesano. As salas de aula, as salas de aula do campus de Caicó começaram lá. Aqui era o quê? NAC – Núcleo Avançado de Caicó. Então, era um curso feito assim... foi botado por um político: "tá aqui, isso aqui vai funcionar". Aí, funcionava: Geografia, História, Pedagogia, Administração e Letras... Esses cinco cursos. Depois, em 1979, veio funcionar Contábeis e Matemática. Só. Mas, ainda dependente do Colégio Diocesano. Isso aqui [o campus] não existia. Foram feitos dois blocos... Sei que a gente saiu de lá. Nós chegamos aqui em 1982. Era difícil, porque, com oito anos depois, foi que veio funcionar [o campus] aqui em Caicó. Mestre, nós estamos com

[quase] quarenta anos pra poder colocar oito salas de aula que estão aqui... Quer dizer, a dependência era uma dificuldade muito grande. O auditório, tem um auditório bom, mas Caicó não tinha, a gente não tinha aqui. Os docentes, a gente, não tinha aqui um auditório. Tudo com muita dificuldade. São muito lentas as coisas pra educação...

Marcelo: Sim... Então, começou, mas tinhas essas dificuldades...

Norman: Rapaz, aqui tem uma planta [baixa], aqui tem uma planta, que se você vê... Tem de tudo. É um projeto, o projeto em si é grande, é pra construir não sei quantos blocos de aula. Aqui a gente tem dois funcionando. Os outros: é sala administrativa, é curso de extensão, sei como é... Tem o laboratório de informática e tem um laboratório grande[42]. Agora, isso, depois de quarenta anos. A dificuldade... Pronto, o curso de matemática foi o primeiro curso avaliado aqui. Foi o primeiro curso, apesar de que era o curso que tinha mais dificuldade, era a gente de matemática. Pra fazer um Projeto Político Pedagógico, a gente foi o primeiro e era o que tinha mais problema! Chegaram aqui os doutores pra fazer a avaliação do curso de matemática: "tem biblioteca?", "tem!". Quando ele chegou lá, tava fechado. Qual foi a nota? Zero! E aí? "Tem sala pra professor?"; "não!". "Tem isso?"; "não!". "Tem isso?"; "não!". Não tinha nada. Pronto. Então, na dificuldade, não tinha na época. "E os outros professores ficam aonde?"; "ficam em casa". Aqui, os professores ficavam em casa. Como eu era um professor antigo, eu tinha uma sala de estudo, lá no setor três! Era pra algumas pessoas a sala, muito acanhada, mas dava pra estudar, fazer um planejamento. Então, a dificuldade é grande.

Marcelo: Professor, como o senhor foi um dos primeiros professores, como foi pra poder estruturar o curso, já que faltavam professores aqui na região?

Norman: Pronto. Isso aí é bem importante. Toda estrutura do curso de Caicó pegou carona de Natal. Essa parte político pedagógica nós pegamos, nós copiamos de Natal. Eu ia a Natal e consegui o programa, por quê? Porque era o mesmo curso. A gente tinha uma ementa com todos os programas das disciplinas, aí, cada professor que ia lecionar a disciplina fazia seu plano de trabalho da disciplina. Tudo era Natal! E o DAE[43] daqui até hoje funciona em Natal... Com toda essa estrutura [que tem hoje], toda parte acadêmica é de Natal. Agora, hoje, é uma facilidade muito grande: você bota no computador, faz tudo! Mas, [antes,] tudo ia à Natal. A determinação era de Natal! As Pró-Reitorias, esse negócio de colação de grau... Tudo, tudo, tudo, tudo era Natal. A gente era uma extensão. A gente não tinha nada aqui, não. Hoje tem. Hoje tem, porque tem o Projeto Político Pedagógico. Aí, no Projeto Político

[42] O professor se refere ao LEM – Laboratório de Ensino de Matemática do campus da UFRN de Caicó.

[43] Atualmente o Setor de Registro Acadêmico da UFRN está inserido no DACA (Departamento de Administração e Controle Acadêmico), da PROGRAD (Pró-Reitoria de Graduação).

Pedagógico vêm essas normas de como funciona o curso. Até os códigos são diferentes. A gente usava os mesmos códigos de Natal. Hoje é diferente, o código é do departamento, do DCEA[44]. Hoje é específico de Caicó. Isso também é importante você mostrar.

Marcelo: Sim, sim! Professor, e quando começou o curso, como foi que vocês fizeram em relação ao corpo docente do curso de matemática?

Norman: Não tinha! As coisas eram assim, vamos supor: você vai ser o diretor de Caicó, aí, você reunia os seus departamentos, os departamentos reuniam quem eram aqueles professores do curso e ali administrava o curso. Assim: o curso de Matemática começou somente com três professores: Norman, Dineuza e Borges e as disciplinas pedagógicas. Quer dizer, que o curso de Matemática só tinha três professores. Aí, o que é que acontecia? Num tinha as cadeiras pedagógicas!? Aí, vinham os professores [do curso] de Pedagogia. Então, já são cinco professores. Aí, iniciamos o curso três professores do curso e dois de Pedagogia, com o curso de Letras. Veio o segundo ano, contratamos um professor de Física. Já foi mais um professor. Nesse período houve uma contratação de outro colega de matemática, pra dar as disciplinas de Álgebra. Aí, a gente ia encaixando as disciplinas com os professores específicos, cada ano... Por exemplo, teve um ano, vamos dizer, quando o curso [de Matemática] começou a funcionar... O curso de Matemática tinha as cadeiras básicas, que davam pra continuar com os professores que tinha. Aí, quando foi no profissionalizante[45], houve o contrato do professor Luis[46], do professor Damasceno, do professor Barroca e do professor Alberto. Houve o contrato de quatro professores, de uma vez só. Aí, a dificuldade... Na época, a parte financeira da universidade não tava muito boa. Ficou: contrata, não contrata; contrata, não contrata; contrata, não contrata. E tinha que contratar, porque o curso tava precisando dessas pessoas. Então, a essas alturas o curso de Matemática tava mais ou menos com dez professores. Já estava muito bom! Dez professores, era!

Marcelo: Professor, no caso, esses que o senhor falou, que foram contratados depois, era feito convite, ou eles eram aqui da região...?

Norman: Não. Isso foi concurso mesmo, da UFRN. Vamos dizer: Luis Gonzaga. Luis Gonzaga ele é do Ceará, aí, ele deve ter recebido informações do colega dele, professor, foi prestar e até hoje tá aqui em Caicó. Ele tá trabalhando aqui já vai com mais de trinta anos. O

---

[44] Departamento de Ciências Exatas e Aplicadas.

[45] O professor se refere à habilitação em Matemática que complementava a formação da Licenciatura Curta em Ciências, possibilitando ao professor, formado com esse nível, atuar no ensino de matemática também a nível de segundo grau, o atual ensino médio.

[46] O professor Luis Gonzaga Vieira Filho é professor do curso de licenciatura em Matemática da UFRN, *campus* de Caicó. O professor também é colaborador de nossa pesquisa, ver a narrativa *Professor Luis Gonzaga.*

professor Luis. Ele é lá do Ceará. Chegou aqui, enraizou, tem mestrado, pronto. Outra coisa: hoje o quadro de professores da universidade está bem melhor do que a dez anos atrás, porque hoje tem mestres e tem doutores, antigamente não tinha. Tem um professor, Tiago, que é doutor, tem a professora Ana que é doutora, tem a professora Bernadete[47] que, em 2006, passou seis meses aqui pra ajudar o curso de matemática, ela é uma doutora. Ela veio dar uma disciplina aqui, justamente para ajudar aos alunos do curso de Matemática. Ela fez projeto, fez tudo. Ela veio aqui e tem uma coisa: você sair de Natal pra passar... Ela passou quase um ano aqui em Caicó, dando aula mesmo. Essa daí sabe ter carinho pelo ensino, viu? Professora Bernadete.

Marcelo: Certo. Professor, o senhor falou que tinham três professores de matemática e dois pedagogos... E como era essa relação com os pedagogos? Eles também participaram da elaboração [do curso]...?

Norman: Ah, aí eu não sei. Esse curso daqui eu acho que... Alguém fez, né? Agora, a parte pedagógica eu não sei, acho que veio tudo de Natal. Nós copiamos de lá.

Marcelo: Sim. No caso, os professores apenas davam as aulas das disciplinas que estavam na grade?

Norman: É. Como tinha Pedagogia [em Caicó], e o currículo tinha, vamos dizer, Introdução a Educação, Estrutura [e funcionamento do ensino], aí, justamente, encaixava esses professores da formação pedagógica, dos cursos de educação, no curso de Matemática. Assim ficava simples, né? [Outro exemplo,] antigamente o curso de Matemática pagava língua portuguesa, e eu achava até que não tava fora do contexto, não... [E tinha o curso de Letras em Caicó.]

Marcelo: Verdade! Professor, e Caicó no início do magistério? Tinha mudado a cidade quando o senhor começou a ensinar? Quando o senhor voltou pra Caicó...

Norman: Não. Não mudou, não. Não mudou, por quê? Porque eu me, eu me encontrei com todas aquelas pessoas que eu convivi, né? Porque eu trabalhei no Estado também. Eu me formei. Chegando, eu trabalhava aqui, na faculdade, e no Estado. Passei bem quatro anos lecionando [assim]. Então, eu lecionava também na escola, eu dava aula também no CEJA, em matemática. Vamos dizer, uma cadeira muito carente era desenho geométrico, lá não tinha professor de desenho com uma formação. Não tinha. Aí, eu peguei... Eu dava aula demais, porque era muita aula... E na época, os alunos que faziam faculdade eram professor lá também. Certo? Eles estudavam aqui na faculdade e davam aula no CEJA. Davam aula nos outros colégios... Quer dizer que, nesse início, eu era professor e ao mesmo tempo colega

[47] O professor se refere à professora Bernadete Barbosa Morey, lotada no Departamento de Matemática do Centro de Ciências Exatas da UFRN, em Natal.

dessas pessoas. O diretor, ele foi meu aluno aqui, foi meu aluno e meu chefe lá no CEJA. Ele era diretor do CEJA, Antônio Miguel. Então, era isso, o início do magistério... Eu dava aula aqui e no CEJA, e, lá, os alunos aqui do curso de matemática eram meus colegas. Pra você ver como são as coisas, né? Era a necessidade, não tinha professor de matemática. Rapaz, olhe: a turma 1981 tinha bem quatro alunos que fazia faculdade e era professor do CEJA e estão se aposentando hoje.

Marcelo: Professor, e o Rio Grande do Norte nesse mesmo início de magistério? Já tinha melhorado ou ainda estava...?

Norman: O magistério tinha dificuldade em Caicó, tinha dificuldade nas cidades vizinhas e tinha dificuldade, também, em Natal. Eu lecionei no colégio Padre Miguelinho. Eu cheguei lá, conversei com uma amiga minha que era professora lá, e estava com falta de professor há uns três meses. Isso em Natal. Isso devia ser em 1977, por aí. Não tinha professor de Matemática no Padre Miguelinho. Aí, eu peguei umas aulas, eu tava precisando também... Aí, peguei essas aulas. Quer dizer... Como apareceu o Crédito Educativo[48], muita gente abandonou o magistério e fazia faculdade. Como tinha o crédito educativo, eu acredito que ele abandonou o magistério. Então, em Natal faltava muito professor nessa área das exatas.

Marcelo: Hum... Por conta da criação do programa...?

Norman: Do Crédito Educativo... O Crédito Educativo naquele tempo era um salário, rapaz! Era um salário! Aí, o caba preferia trabalhar no curso dele e abandonar o magistério. Porque, quem trabalhava no magistério, não tinha condições de trabalhar correto. Química não tinha, Física... O curso de Física era muito... Terminava um, dois; um, dois; um, dois. Não tinha professor de física em Natal. Quer dizer que, no início do magistério, os colégios tiveram muita dificuldade, como também aqui em Caicó. Eu não sei esse interior da gente aqui, eu acho que a dificuldade é muito grande ainda hoje. Uma cidade como Timbaúba, Jardim de Piranhas e assim por diante... Jucurutu! Jucurutu teve, eu acho, pouca gente com formação em Matemática! Eu acho que a dificuldade é grande ainda...

Marcelo: Sim... Professor, o senhor já falou um pouquinho, mas, como foi o magistério em Caicó, para o senhor?

Norman: Magistério... Pra mim, foi minha vida, né? Eu, como professor, sou realizado. Eu acho que eu me relacionei muito bem... É o meio que tinha, como se diz. Eu procurava zelar pela profissão do magistério. É tanto que, quando eu me casei, minha esposa fazia

[48] O Programa Crédito Educativo (PEC) foi criado em 1975, passando a funcionar a partir de 1976. O programa consistia na cessão de empréstimos para gastos com pagamentos de matrículas, anuidades e/ou gastos com manutenção do aluno, utilizando unicamente a renda familiar como critério para a concessão.

enfermagem, aí, eu vim morar em Caicó, ela teve que sair do curso e, para fazer alguma coisa, ela fez Pedagogia e é professora também. Então, o magistério para mim é tudo. É uma coisa que só tem crescimento para o profissional. Eu tinha uma tia também que era professora aqui da Universidade. Quer dizer, são coisas que... É um espelho, talvez, para que eu seguisse o magistério... É! O magistério para mim foi minha vida. Mesmo que eu fosse do Estado, eu era realizado. Eu dava aula no Estado do mesmo jeito que eu dava aqui. Hoje em dia, dizem que o professor do Estado não dá aula. Não sei qual é a dificuldade, porque lecionar, pra mim, é tudo!

Marcelo: Professor, e o Magistério no Rio Grande do Norte? O senhor tem a experiência de Caicó, mas, para o senhor, como é o magistério no Rio Grande do Norte?

Norman: O magistério no Rio Grande do Norte, eu acho que teve muita dificuldade. Assim... Dificuldade eu acho que tinha, porque, pra trabalhar no magistério, vamos dizer, o professor não recebia salário. Eu trabalhava um ano, pagavam, vamos dizer, no final do ano. Pra dinheiro, pra locomoção, pra... [Era uma] dificuldade. O salário que, eu acho, no início, poderia ter sido [melhor]. Agora, eu acho que melhorou. No meu tempo não era bom, não. A parte salarial era muito... As classes, antigamente, eram muito numerosas. Eu acho que, no Padre Miguelinho, [as salas] tinham quarenta alunos. Quando eu era professor no CEJA eu acho que tinha de quarenta a cinquenta. Eram muito numerosas. Então, eu acho que hoje deve estar melhor. A formação do professor hoje é muito boa, porque tem a computação que o aluno pode fazer pesquisa, pode fazer uma série de coisas... A tendência é melhorar. Antigamente, o aluno não tinha o computador. A gente, aqui em Caicó, no Projeto Político Pedagógico, nós fizemos vários módulos de curso e lá eles ensinavam, de certa maneira, o professor a trabalhar a pesquisa. Mostrando ao aluno os caminhos para ver se o aluno chega a determinado conhecimento...

Marcelo: Certo. Professor, e, para o senhor, Caicó no contexto atual? Como é que está a cidade de Caicó hoje, a região...?

Norman: Rapaz, em termo de conhecimento, em termo de conhecimento eu acho que Caicó deve estar do mesmo jeito... Tem gente que diz que Caicó regrediu, mas eu acho que não, porque nós temos a UFRN, nós temos os Institutos[49] aí chegando, nós temos Faculdade de Filosofia[50], nós temos várias outras universidades que... Eu acho que isso soma. Então, o contexto de quem quer estudar, a tendência é, pra mim, melhorar. O curso de Matemática, eu acho que deve ter melhorado cem por cento em relação ao do meu tempo, à capacitação dos

[49] Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN.
[50] Faculdade de Filosofia e Teologia de Caicó, ligado à Diocese de Caicó.

professores, porque no nosso tempo só tinha graduado, hoje tem doutor. Então, a tendência, nesse contexto atual é pra melhor, porque antes não tinha nem doutor, nem laboratório, parece que hoje têm; as bibliotecas, pra mim, estão melhores. Hoje tá melhor!

Marcelo: Certo! E o Rio Grande do Norte no contexto atual?

Norman: Rapaz, eu acho que tá no mesmo caminho... Eu acho que melhorou muito. Vamos dizer, o que tem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte: os laboratórios de alta geração, de Física, de Química, daqueles negócios de Neurociências, tudo isso, nesse contexto atual, já superaram... Os cursos de Medicina... Eu acredito que, hoje, tá bem melhor.

Marcelo: Umhum... Professor e falando em relação ao Estado mesmo, o senhor falou, mais para trás, que naquela época era mais difícil, era muito ruim a questão de estradas, acesso...

Norman: É! Vamos dizer, você vê, hoje, cada cidade tem um ônibus [para a educação], que o governo proporcionou. Quer dizer, a facilidade. Hoje, as estradas estão melhores, a locomoção das pessoas. O aluno, hoje, fazendo a faculdade, ele pode ter uma bolsa de trabalho. Antigamente não tinha. Você não tinha como conseguir uma bolsa de trabalho. Hoje tem! Hoje tá mais fácil, para o aluno que tenha interesse, mesmo que ele seja da zona rural, ele tá num contexto melhor... Tem o Bolsa Família[51]... Tem uma série de [auxílios na] parte financeira que, desse povo que a gente diz que está necessitado, pra mim tá melhor. Agora, uma coisa que pra mim aqui não tá melhor, é a parte de saúde, porque antigamente tinham três médicos para atender o alunado aqui [na universidade] e parece que não está tendo, não. Eu não sei se isso existe, porque, no nosso tempo, tinha. Você podia fazer um exame de vista, ir para um médico. Hoje, eu não sei se está existindo essa relação aí, de aluno-médico. Mas, no contexto geral, [para] o alunado está melhor!

Marcelo: Certo. Professo, o senhor já deu umas entradas nesse assunto também, mas, e o ensino de matemática hoje?

Norman: O ensino de matemática hoje... Pra quem estuda, pra quem pesquisa, pra quem quer estudar, o aluno está mais informado. Tem o computador, tem a formação dos professores, tem os cursos... Tem os projetos de extensão, que o aluno de matemática trabalha com projeto. Antigamente, no meu tempo, não tinha isso. No meu tempo, não tinha projeto. A gente não fazia projeto de extensão com o aluno. Hoje tem. No Projeto Político Pedagógico, de um certo tempo pra cá, o aluno tem duzentas horas de carga horária a mais, que antigamente não tinha isso. Quer dizer que o aluno hoje é mais cobrado. Então, pra ele fazer o curso hoje, tem que interagir mais, aliás, interagir, trabalhar mais com a matemática, porque,

[51] O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda mantido pelo Governo Federal do Brasil. O programa foi instituído pela Lei nº 10.836/2004 e regulamentado pelo Decreto nº 5.209/2004.

antigamente, não. Você pagava as cadeiras e "tchau". Hoje, ele está mais setorizado com o conteúdo, com a profissão, porque ele vai ser um professor de matemática!

Marcelo: Professor, essa daí é a nossa última ficha, para o senhor fazer algumas considerações. O que o senhor quiser falar. Algo que o senhor ache que eu não dei oportunidade, ou que o senhor queira falar [a mais]...

Norman: Vou dizer o quê? Não, não... O curso de Matemática tem vários lados: tem o aluno que gosta de matemática, tem o aluno que gosta de matemática e que não estuda, que não tem condições de fazer o curso, e tem o aluno que é interessado e que quer fazer o curso, que quer estudar, que tem capacidade, que pensa numa profissão e pensa em trabalhar em salas de aula. O que ocorre que a gente vê muito... Se você for entrar numa sala de aula, o aluno tá fazendo o curso de Matemática: "professor, tô fazendo o curso de Matemática, mas eu não quero lecionar." Eu acho que ele não devia fazer Matemática, eu acho que ele devia fazer outra coisa. Porque o curso de matemática é igual ao de Natal, vamos dizer, dez por cento das turmas conseguem terminar o curso aqui. Acho que vai nessa linha. Muitos desses dez por cento vai pegando alunos de outros períodos. Então, o curso de matemática, se você pensar, vai proporcionara ele andar com a condição de arranjar um trabalho, ser professor, porque [como] professor de Matemática eu acho que ele vai ter sucesso. Agora, tem que ter capacidade, gostar da coisa, que, aí, vai...

Marcelo: Professor Norman, mais uma vez, muito obrigado pela colaboração do senhor.

Norman: Pois é, rapaz!

Marcelo: Agradeço muito.

Norman: E eu também!

Entrevista com o professor Norman

Duração da Gravação: 01h 55min 31s

Local: UFRN/CERES/Caicó (Caicó/RN)

Data da entrevista: 28/04/2014

Professora Eunice



Marcelo: Professora, vou começar pedindo para a senhora fazer uma apresentação pessoal.

Eunice: É... Francisca Eunice de Medeiros Brito, professora de matemática a trinta e cinco anos, na rede pública, até 2008 e na particular ainda até hoje. Eu comecei em 1991. E... Por que eu fui ser professora de matemática? Curiosidade. Eu morava na zona rural com meu pai, minha família, e meu pai era uma pessoa analfabeta, mas ele entendia muito de construção. Ele construía porteiras. Porteiras são aquelas grades que colocam nas cercas, né? E eu sempre era curiosa, sempre perguntava por que é que ele colocava aquela porteira e tinha que colocar aquela trave no meio. Aí, ele falava pra mim: "é porque vocês são muito danados e vão sempre quebrar as minhas porteiras"; aí, eu dizia: "pra quê essa trava?"; "pra ficar dura...". Que era justamente [pra formar] o... triângulo. E passou, né? Aí, fiquei na zona rural o primário todo, até a quinta série, que naquele tempo era quinto ano, que hoje quinta série já é fundamental dois[1]. Então, eu fui pra [cidade]... Passei no primeiro exame de admissão[2] que eu

[1] A professora se refere ao, atual, sexto ano do ensino fundamental.

fiz. Lá por novembro de 1972, eu tava na sala de aula – eu nunca tinha saído [sido posta para] fora de sala de aula, minha história é meio engraçada, mas é assim mesmo –, e um professor... eu tinha ganhado uma borracha retangular da minha irmã, bem novinha, meio grande, e o professor tava trabalhando a diferença do retângulo – naquele tempo a carteira era de dois – e eu conversando com a minha colega, dizia assim: "o retângulo, ele tá aqui na minha borracha"; o professor escutou e disse: "o meu retângulo está no quadro, na sua borracha não tem retângulo, que eu já vi"; mandou pra fora de sala de aula, passei oito dias, eu disse: "tudo bem!". E por aí eu comecei a curiosidade com a matemática, despertou, né? E foi passando, foi passando, e, hoje, professora aposentada de matemática na rede pública e, na particular, ainda estou na ativa. Então, isso foi minha caminhada, eu sempre fui boa em matemática por isso, pela curiosidade. Então, estou professora esse tempo todinho, também tenho família, e estou aqui... Eu sou essa professora assim, curiosa, até hoje sou curiosa. (risos).

Marcelo: Certo... E a senhora é natural daqui de Caicó?

Eunice: Sou de Caicó, mas morava na zona rural daqui do município.

Marcelo: Sim... A senhora nasceu em que ano?

Eunice: 1957...

Marcelo: Certo. Professora, a senhora poderia falar um pouco da família?

Eunice: Ah, a minha família é da zona rural! O tronco, né? Depois a gente veio pra Caicó, como eu já contei. Meu pai ficou na zona rural e botou a gente pra cidade, pra estudar... A minha família [é] numerosa, meu pai e minha mãe têm quatorze filhos. Éramos quatorze. E... não tenho mais pai nem mãe, já perdi uma irmã, mas estamos treze vivos e tenho uma coisa interessante pra contar: quase todos gostamos de matemática. Olhe aí, daria uma pesquisa, não é? Mas, era uma família muito unida, não tinha problemas familiares e até hoje a gente é amigo.

Marcelo: Certo, professora. A senhora disse que era do interior, depois é que vieram pra Caicó...

Eunice: É, da zona rural. [Viemos] lá por 1970...

Marcelo: Ah, certo! Professora, e a infância da senhora?

Eunice: A infância foi de muitas brincadeiras, muitas criações... A gente era quem fabricava todos os brinquedos (risos). A gente não tinha brinquedo. Menino, saía cada coisa, até carrinho a gente fazia. Era muito interessante a infância, a gente ajudava o pai e a mãe; na família, tinham as nossas tarefas. Não impedia de a gente estudar, a gente aprendia. Eu acho

[2] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.

que, na infância, o pai e a mãe tem que ensinar o ofício ao filho, que hoje tão proibindo, não é? Eu digo que eu não sou de acordo, entre aspas, certo? Mas foi uma infância saudável. Agora, eu comecei a estudar tarde, porque na zona rural não tinha essas [muitas possibilidades]... Que apareceu em setenta e pouco, aí, já vim pra cá. Hoje em dia o aluno vai pra escola com dois, três anos, né? Naquele tempo a gente só ia a partir dos sete[3].

Marcelo: Sim! Aí, no caso, a senhora entrou depois dos sete por que não tinha, ainda, escola na zona rural?

Eunice: Foi... Agora, só que, naquele tempo, os nossos pais botavam uma pessoa pra nos ensinar a contar e aprender o alfabeto, e quando a gente ia pra escola, já ia com uma bagagem. A família ajudava muito. Então, tirando [isso], exclui a família, botam nas escolas [a partir] de três anos... Por isso a escola avançava tanto e hoje não pode avançar, porque tudo o que a escola deseja, a gente tem que fazer... Não é verdade?

Marcelo: É verdade... Professora, e a juventude da senhora?

Eunice: Ah! (risos) A gente estudava aqui só, morava só. Éramos, acho que, uns seis a sete irmãos... E era só pra estudar. A gente trabalhava porque, naquele tempo a gente tinha uma tia que tinha uma padaria, então, a gente ia pra lá ajudar e ela dava alguma coisa, né? Porque a gente trabalhava só um pouco, não era o expediente todo. E com esse dinheirinho que a gente juntava, a gente ajudava os pais e comprava o nosso material para estudar, porque, naquele tempo, todo mundo tinha que ter seus livros. A gente era quem comprava! Foi uma juventude de estudo e eu lembro que eu, como eu gostava muito de matemática por conta daquela curiosidade do professor, que eu já falei, eu sempre procurava [ajudar os outros]. A gente fazia grupos de três ou quatro e eu era monitora de matemática. Mas, eu vou dizer, eu tinha um grande problema: no dia da prova, muita gente tirava nove, oito, dez e as minhas só eram a média (risos), eu acho que era o sistema nervoso que atacava, porque eu ensinava para os outros e minhas notas eram a média ou oito, nunca chegava a dez e tinha colega que eu ensinava que chegava a dez.

Marcelo: Ai, meu Deus! (risos) Professora, e como era o cotidiano aqui da cidade, onde a senhora cresceu?

Eunice: É... Naquele tempo não tinha televisão. Estava chegando. Poucas casas tinham, e quando tinha, a gente chegava e olhava, só olhava um pouquinho, porque deixavam a janela aberta... Mas a nossa preocupação, o que era o nosso lazer? Fazer grupo de estudos e estudar à

[3] A Primeira Lei de Diretrizes e Bases, a Lei 4.024/61, que regia a educação do período ao qual a professora se refere, previa que a educação primária era obrigatória a partir dos sete anos, sendo essa responsabilidade do poder público. O ensino pré-primário era previsto nesta Lei, em seu Capítulo 1, ficando, contudo, a cargo de iniciativas privadas.

noite. Era assim a juventude... Aos domingos, a gente ia pra um suarê[4] que tinha aqui. Suarê é um... uma baladazinha, mas só que não é dessas baladas da pesada, era balada sadia. Quando era de dez horas, já era pra gente ir voltando pra casa... Quando dava dez, já ia voltando pra casa e ia dormir, no outro dia já tinha escola. Isso era no domingo, na segunda já tinha escola e era normal. Era uma vida saudável.

Marcelo: Umhum... E a cidade, era muito pequena, era uma cidade grande?

Eunice: Não, não era grande ainda, mas também não era [tão] pequena. Certo?

Marcelo: E tinha muito movimento, assim, de comércio, de educação mesmo, de escolas?

Eunice: [Sim...] Porque Caicó sempre foi uma cidade que teve a educação muito forte... Geralmente, as pessoas que saem aqui do seridó, que vão pras outras instituições, por aí a fora, eles se sobressaem... Pessoas do seridó.

Marcelo: Hum... Está certo. Professora, e como era a cidade e a educação?

Eunice: Tinha a escola das meninas, que era o Educandário Santa Terezinha[5], isso da classe média e alta, né? E tinha a escola dos meninos, que era o CDS[6], aí, depois, chegou o CEJA[7], ficou meninos e meninas, e outras escolas... A educação aqui ela sempre foi, teve assim um... Como é que eu quero dizer? Ela foi notificada, em relação às outras regiões, [por] um nível alto, entendeu?

Marcelo: Sim, sim. No caso, o CEJA era a escola pública que tinha, que depois abriu... Mas ela já abriu com turmas mistas? Isso foi em que período, a senhora recorda, professora?

Eunice: Sim, ela já abriu com turmas mistas... Década de 1960. Eu lembro que eu era pequena ainda, mas eu lembro porque minhas irmãs falavam.

Marcelo: Sim, sim... Aí, quando vocês vieram estudar em Caicó já tinha o CEJA?

Eunice: Já, já tinha...

Marcelo: Aí, a senhor estudou no CEJA ou...?

Eunice: No CEJA, depois eu fui para o Joaquim Apolinar[8], aí, voltei para o CEJA para o segundo grau, porque eu fiz a quinta série no... porque foi assim: na zona rural foi até o quarto ano; o quinto ano[9], que era o exame de admissão, que a gente chamava, foi no CEJA; aí, fui pro Joaquim Apolinar, fiz o ginásio; voltei para o CEJA e fiz o segundo grau. Deixe eu só

[4] Do sueco *soaré*, que, em tradução livre, significa sarau.
[5] O atual Educandário Santa Terezinha foi fundado em 1925 como Ginásio Santa Terezinha, ligado à igreja católica, sendo o primeiro estabelecimento de ensino voltado para o público feminino na cidade de Caicó.
[6] Colégio Diocesano Seridoense (CDS), uma das mais antigas instituições de ensino da região em atividade. Fundada em 1942, como Ginásio Diocesano Seridoense, é uma instituição vinculada à Diocese de Caicó/RN.
[7] Centro Educacional José Augusto.
[8] A Escola Estadual Joaquim Apolinar encontra-se desativada.
[9] A Lei 4.024/61 previa que o ensino primário seria desenvolvido, no mínimo, em quatro anos, podendo se estender a seis.

dizer uma coisa aqui interessante, a gente terminou em 1978, nesse curso, a nossa turma eram mais de trinta alunos, quase todos passaram no vestibular, ficaram dois ou três e no ano seguinte passaram e os cursos eram: Medicina, num sei o que, num sei o que, e eu, simplesmente, humildemente, Matemática, por causa de uma curiosidade, queria descobrir algo... (risos)

Marcelo: Certo... Professora, no caso, a senhora disse que fez até o primário lá na zona rural... Era em escola rural?

Eunice: Na rural... Multisseriada[10], aquela que é o diretor [o próprio professor] que fica a mesa e [ensina a] várias séries juntas.

Marcelo: Ah, sim... Então, no caso, tinha o primário na zona rural, né? Aí, era de fácil acesso, professora, pra vocês, pra senhora?

Eunice: Porque na [época], meu pai, ele conseguiu uma escola isolada[11] lá, no sítio, então, uma professora ia e morava lá com a gente. Aí, os vizinhos vinham e era uma mesma sala e, ali, ensinava a primeira série, a segunda e a terceira. A partir da quarta já tinha que entrar numa outra... Havia um grupo escolar, que era [em] Palma[12], era vizinho a esse sítio. Então, era uma légua e meia a pé, eu saía de nove horas da manhã, oito e meia, pra chegar de uma hora lá. Ia a pé! Aí, voltava, quando chegava em casa era sete horas da noite, porque era de uma as cinco a aula. Isso, o quarto ano. É por isso que no quinto ano a gente já veio pra cá, por causa da dificuldade... Também, lá não tinha? Tinha! Lá tinha, sim. Só que, por conta da dificuldade a gente veio pra Caicó.

Marcelo: Então, no caso, a escola isolada, essa que o pai da senhora conseguiu, começou na casa da senhora? Ah, que legal... E eram muitos alunos que tinham nessa turma, professora?

Eunice: Foi! Era na faixa de dez a quinze.

Marcelo: Certo... Ah! E a professora que ensinava a vocês na escola isolada, ela era daqui de Caicó, não?

---

[10] As conhecidas classes multisseriadas não eram previstas em Lei, mas foi um fenômeno que aconteceu em instituições brasileiras, desde o período do império, notadamente nas regiões rurais, onde havia escassez de professores e/ou alunos, bem como recursos, tornando-se inviável a manutenção de diferentes classes com diferentes níveis de ensino. Essas classes eram, em termos gerais, formadas por alunos de diferentes níveis de ensino e mantidas por um único professor, que ocupava, ao mesmo tempo, a função de diretor da instituição.

[11] As Escolas Isoladas (EI) foram previstas pela Lei Orgânica do Ensino Primário, promulgada em 1946 sob o número 8.529. As EI se caracterizavam por ter apenas uma única turma, entregue a um único professor.

[12] Nome de um sítio; hoje, distrito.

Eunice: Foi assim: primeiro momento, minha irmã terminou pedagógico, porque ela participou daquela escola de Paulo Freire[13] que funcionou aqui em Caicó. Só que foram lá na minha avó, que ela morava aqui, pegaram esse material todinho e deram fim, era o que continha tudo... Aí, ela foi pra zona rural, foi ensinar lá, pela Prefeitura de Caicó, porque a escola isolada quem pagava era a prefeitura. Pronto, ela passou um ano, aí, como ela já tinha o pedagógico, naquele tempo acharam que ela não deveria ficar na zona rural, porque o nível dela era alto, então, ela veio pra Caicó e mandaram outra professora.

Marcelo: Hum... Entendi. Aí, essa outra professora não? Ela não tinha alguma formação, ou tinha?

Eunice: Não, parece que ela só tinha até... Não sei dizer se só tinha até o ginasial, se era até o quinto ano[?] Eu tenho a impressão que ela só tinha até o quinto ano, porque ela era da zona rural mesmo e não veio pra cá fazer o ginásio.

Marcelo: Entendi... No caso, quando tinha um professor, assim, com uma formação melhor, eles traziam para a cidade?

Eunice: É... Pra cidade. Eu tenho a impressão que ela fez Logos II[14], essa professora que chegou lá, era do quinto ano [e fez Logos II]... Num tinha o Logos II, num era? Que era pra irradiarem, aquele negócio todo?

Marcelo: Sim... Exatamente! Mas, ela fez aqui em Caicó mesmo?

Eunice: Aqui! Aqui em Caicó, sim...

Marcelo: Certo! Ela fez o Logos II... Professora, e o Rio Grande do Norte nesse período? Para o conhecimento que a senhora tem, como era o estado...?

Eunice: Esse Rio Grande do Norte nesse período... Era uma coisa que não tinha muita comunicação, porque a comunicação era pouca. Só tinha rádio naquele tempo. Eu não gostava muito de rádio, gostava mais de brincar, não prestava muito atenção. Mas eu acho que aqui, esse Rio Grande do Norte, em termos, assim... Eu lembro muito de uma pessoa que contribuiu muito com a nossa cidade e eu acho [que] também para o Rio Grande do Norte, Dinarte Mariz[15]. Porque essas escolas de Caicó, principalmente o CEJA, foi ele que trouxe, a universidade[16] foi ele que trouxe pra cá. Era um político que ele trazia as coisas pra Seridó,

---

[13] Paulo Reglus Neves Freire foi um educador brasileiro. Elaborou um método de ensino que pretendia alfabetizar alunos em tempo recorde. Uma de suas primeiras com esse método envolveu a alfabetização de 300 pessoas, na cidade de Angicos, interior do Rio grande do Norte, em apenas um mês.

[14] O Logos II foi um projeto criado pelo Governo Federal, na década de 1970, com o objetivo de formar, em nível médio, à época segundo grau, professores que atuavam sem esse tipo de formação.

[15] Dinarte de Medeiros Mariz foi um político brasileiro, tendo assumido os cargos de prefeito de Caicó (1930-1932), senador (1955-1956; 1963-1984) e governador do Rio Grande do Norte (1956-1961).

[16] Refere-se à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

entendeu? E hoje parece que não está acontecendo mais isso, eu não vejo muito, como antigamente... Muitas coisas boas. Então, assim, em termos de educação era isso... em todo [o estado] eu não lembro, eu lembro mais daqui.

Marcelo: Certo, professora! E a educação familiar, como era nesse período?

Eunice: Ah, era rígida! Bastava um olhar e a gente já obedecia. Ela dava limite aos filhos e tinham pessoas que diziam que os pais batiam, o meu não batia, quando ele falava sério a gente já obedecia. Então, a educação da família, ela hoje, eu acho que é esfacelada... Eu acho que a família era mais família.

Marcelo: Sim. Professora, e como eram as escolas e a rotina escolar?

Eunice: A escola, ela era assim... Quando a gente chegava, a gente cantava o hino nacional, aí, fazia a fila pra poder entrar na sala. Isso, já aqui, porque lá na zona rural não tinha isso não, agora, nas quintas feiras a gente tinha que cantar o hino nacional, o hino da bandeira, ou então o hino do Rio Grande do Norte, que hoje não canta mais isso.

Marcelo: Até na escola isolada?

Eunice: Na escola isolada! A escola ela... Agora, ela era assim, era muito... Era como uma ditadura, você parecia (faz posição de continência – risos)... Você tinha que ficar calado, assim, como se você não pudesse falar muito. A indisciplina rolava, mas quem era indisciplinado, o problema, sofria muito, num era? (risos)

Marcelo: Certo. Aí, aqui, quando a senhora chegou, como era a rotina, todo dia cantava o hino?

Eunice: Aqui era! Aqui era... Fazia fila e cantava, todos os dias antes de entrar na sala... Aí, geralmente, eles deixavam o hino nacional pra quinta-feira, eles colocavam o hino da bandeira, do Rio Grande do Norte, esses outros [para os outros dias]. A gente sabia todos mesmo, quando pedisse... (risos)

Marcelo: Sim... E o dia a dia da escola, professora, como era? Assim, dentro da sala de aula...[?]

Eunice: A professora só mais falava, a gente falava muito pouco, porque não éramos permitidos...

Marcelo: Certo... E o interesse dos alunos pelos estudos?

Eunice: O aluno de antigamente era mais interessado que o de hoje. Eu acho que é porque naquele tempo não tinha muita opção de lazer, a escola era como um lazer pra gente, por isso que a gente aprendia. Eu acho que a gente aprendia mais, por ter menos coisas aqui fora da

escola. Por exemplo, tem internet hoje, tem o lazer etc., etc. Isso aí já tira muita atenção do aluno, porque o aluno vai para onde lhe dá prazer...

Marcelo: Professora e como eram as disciplinas?

Eunice: Isso no primário ou já mais no ginásio?

Marcelo: Pode ficar a vontade, no primário, no ginásio...

Eunice: No primário tinha estudos sociais, matemática, português, tinha boas maneiras... desapareceu, não é? Artes, eu não lembro de artes no primário, não lembro de educação física no primário... Era mais voltado, assim, pra estudos sociais, matemática e português, no primário. No ginásio já tinha educação moral e cívica, que hoje não tem mais, OSPB[17] não tem mais. A gente tinha um padre de francês, pagava francês e inglês, ele gostava muito de dar aula de boas maneiras também, introduzia dentro da aula de francês, e, às vezes, quando precisava, na aula de civismo também... o professor já orientava muito a juventude, né? Matemática tinha muita coisa também, que, até hoje, na opinião da gente, não vê onde se utiliza... Português, normal, história e geografia, também, e ciências. Sim! No primário tinha ciências também. Mas as disciplinas diminuíram um pouco e botaram [algumas juntas], por exemplo, civismo e OSPB botaram dentro de história... Aí, pronto. As disciplinas eram quase as mesmas de hoje, só com essas diferenças.

Marcelo: Sim, sim... E os professores, e as aulas deles, professora?

Eunice: Professores rígidos... muitas vezes o de matemática era o pior que tinha, dessas áreas todinha, porque toda vida o professor de matemática só ele estava certo. Se a pessoa fosse dizer alguma coisa, estava errada e dava problema. Deixe-me ver... nas aulas, um atrás do outro, do mesmo jeito. Tradicionalismo. Ninguém podia se mexer. Se ele perguntasse, a gente respondia, se não, a gente não podia estar perguntando, né? E quando alguém se atrevia, ele respondia, e se perguntasse de novo ele já... brecava! Agora a professora de língua portuguesa, eu me lembro, era muito interessante, porque quando chegou a universidade aqui em Caicó, ela nos levou... Ela fez uma [atividade] pra gente interpretar uma música, mandou a gente construir um conjunto. Sendo que eu já era boa, lá da zona rural, de fazer os brinquedos, aí, a gente construiu: com uma lata de doce a gente fez o bambo, com as quengas de coco a gente fez o prato e assim por diante, e apresentou a música "O Rabo do Jumento" pra ela e ela adorou e levou a gente pra apresentar na universidade. E a gente foi, lá pro curso de letras... Interpretou e apresentou a música! Foi bem interessante! Nesse tempo, lá, essa professora de língua portuguesa já tinha uma abertura [em relação ao aluno]... Também, ela já trabalhava na

[17] Organização Social e Política Brasileira.

universidade, né? A abertura já era melhor, mas os outros eram cada vez mais um pior do que o outro, em termos de abertura pra gente, você tá entendendo? Que não dava muito espaço. Era o que eles diziam e acabou-se.

Marcelo: Como a senhora falou, eles brecavam o aluno...

Eunice: Brecava! E já essa de língua portuguesa a gente amava, porque a gente tinha espaço...

Marcelo: Umhum... E a questão do sistema de ensino, professora, como era? Assim, eles tentavam aplicar alguma metodologia diferente?

Eunice: Não... Não tô dizendo que era tudo tradicional? Só essa professora de língua portuguesa... Era tudo tradicional.

Marcelo: Era tudo no giz, no quadro, falando...

Eunice: No giz, no quadro, falando e questionário pra gente fazer umas trinta questões... A de geografia [colocava] pra gente decorar pra responder e, as vezes, se a gente errasse uma coisinha, não queria opinião, tinha que ser do jeito que ela tinha colocado e assim ia...

Marcelo: Sim... Então, o sistema de ensino era dessa forma...

Eunice: Era! Tradicional!

Marcelo: E, aí, depois que a senhora entrou também na faculdade, do mesmo jeito, ou não?

Eunice: O da universidade? Da universidade? Tradicional! Que eu acho que é no quadro até hoje, porque não muda... No meu trabalho científico[18] eu fiz uma crítica em relação a isso, porque muitos conteúdos que a gente trabalha lá, pra ensinar aqui no ensino médio, não servem. A gente trabalha mais conteúdos para você dar aula na universidade... E, pra cá, você tem que se dedicar nos livros e estudar. Você tá entendendo?

Marcelo: Sim! Certo... Professora e como foi para a senhora poder realizar os estudos?

Eunice: Os meus estudos? Foi o seguinte... Eu realizei o fundamental um, o primeiro fundamental, na zona rural, aí, vim pra cá, fiz o fundamental dois aqui, o segundo grau aqui, o terceiro... Eu queria o curso de matemática, aqui em Caicó não tinha... Isso foi em 1978, e eu apavorada, não sabia qual curso ia fazer, quando, dei fé[19], chegou esse curso em Caicó. Abriu em julho de 1979, para o vestibular de julho de 1979, a gente fez esse vestibular em janeiro de 1979 e eu fui aprovada, graças a Deus. E deu certo! Eu terminei os estudos em 1983.2, não fiquei devendo nenhuma disciplina, graças a Deus, apesar da minha turma ser de trinta, só passaram, só conseguiram [concluir] onze, e é porque a maioria já era professor e eu não era

[18] A professora se refere a um trabalho monográfico que fez para um curso de Especialização. Em outra parte da entrevista ela falará mais sobre o trabalho.

[19] Expressão muito utilizada na região que seria, aproximadamente, equivalente a "quando, de repente", ou "quando percebi".

professora. Naquele tempo, eu fui fazer o vestibular, eu dizia: “eu vou concorrer com essa ruma de professor, eu vou ser reprovada” (risos). Aí, no final, teve professor meu que foi reprovado... Aquele que me colocou pra fora da sala de aula, só passou no ano seguinte, o coitado, mas depois eu fui entender o porquê, porque ele não estava com a bagagem que eu estava. Sim, aí, eu fui convidada pra ensinar, porque naquela época do militarismo não tinha concurso. Então, eu fui convidada para ensinar porque estava faltando professor na área de matemática em vários cantos. Aquelas pessoas que entraram na turma e não eram professores, porque a maioria já era, eles foram convidados para assumir as escolas, e eu fui, porque era uma maneira de arranjar um emprego, né? E isso aconteceu com muitas turmas, porque, só depois [apareceu concurso]... Aí, teve 1979, 1980, acho que até oitenta e pouco, acho que 1981, 1982, esses professores de matemática eram dessas turmas. Eles aproveitavam: quem passava no vestibular, no exame da universidade, eles faziam o convite, isso era assim mesmo, porque depois, logo depois, que apareceu os concursos.

Marcelo: Certo... Professora, e como era a legislação e a educação, a senhora lembra?

Eunice: A legislação e a educação... Não... Essa educação ela era tradicional mesmo...

Marcelo: Certo, mas, aí, em relação a, por exemplo, leis que regiam o ensino, a senhora não recorda, não, né? Sim... Tudo bem!

Eunice: Não, não lembro... E tinha uma coisa, o meu curso não era especificamente Matemática, não. Era o curso de Ciências. Chegou aqui em setenta e nove. Quando terminasse em oitenta e um, o conteúdo de ensino era voltado para a área de ciências, aí, você habilitava. Por exemplo, se fosse o curso de Matemática, habilitação em Matemática. Aqui em Caicó só tinha a habilitação em Matemática, quem quisesse fazer outras habilitações, Biologia, Química, ou Física, aí, ia pra Natal. Aí, Caicó não habilitava não... No ano seguinte, a outra turma já não quis mais o curso de Ciências, houve uma revolta lá, entre os estudantes, e eles conseguiram colocar só Matemática mesmo, a partir de 1980, que a de 1979 foi a única turma que teve Ciências, só que a gente habilitou em Matemática.

Marcelo: Professora, e os primeiros contatos com o ensino?

Eunice: Ave Maria! (risos)

Marcelo: Que a senhora falou, né? Que foi convidada, quando passou no vestibular...

Eunice: É! Foi uma coisa assim... Eu me sentia com bagagem porque eu já era monitora dos meus colegas, como eu já falei, eu tinha uma prática, assim, entre colegas. Mas eu achei muito angustiante chegar à sala de aula no primeiro momento. Eu quase ia desistindo, mas, não

desisti (risos)... E o que eu gosto mais de fazer hoje é dar aula de matemática, você já imaginou, mas...

Marcelo: Mas, os primeiros contatos que a senhora teve com o ensino, na verdade, foi sendo monitora, né?

Eunice: Monitora!

Marcelo: E esse sistema de monitoria era da escola, do CEJA, não?

Eunice: Não. A gente que criou. Os próprios alunos. A gente criou isso lá no Joaquim Apolinar, que era o ginásio, levamos pra o CEJA e levamos também pra universidade. O nosso grupo... A gente tinha um grupo que eu monitorava, sabe?

Marcelo: Que legal... Aí, no caso, tinha de todas as disciplinas, ou só de matemática?

Eunice: Só de matemática, que era a maior dificuldade. Sempre foi a maior dificuldade, foi matemática... Eu acho que, com isso aí, fez com que eu aceitasse esse ensino.

Marcelo: Sim... Aí, foi quando a senhora ingressou oficialmente no magistério, não é?

Eunice: Foi! Em 1979. Em primeiro de abril de 1979. Parece que foi mentira, mas foi verdade. (risos) Isso o registro da carteira, agora eu entrei em março, né?

Marcelo: Ah, sim! Registrada... Em março a senhora já estava ensinando...

Eunice: Já estava ensinando... Meu curso só começou no segundo semestre de 1979 e eu comecei em março de 1979 [a ensinar].

Marcelo: Passou no vestibular e já começou...

Eunice: Já fui convidada! Porque eles tinham muita carência de professores naquela época, aqui, na área de matemática, como hoje tem de física, química e biologia. Aqui em Caicó tem essa carência muito grande. Matemática tá suprido, porque tem turma aqui desde setenta e nove, né?

Marcelo: Sim... Professora, e a formação para lecionar, no caso, nesse período? A senhora falou que quando abriu o curso era só passar no vestibular que já era convidado, né? Mas... antes disso, a senhora tem conhecimento de qual formação que precisava?

Eunice: Era! Eu... Eu tinha que buscar da minha formação, tinha que me inspirar nos professores anteriores, mas, só que eu queria me espelhar no meu professor de matemática tentando fazer o inverso do que ele fazia... Eu querendo ir à carteira do aluno, eu querendo atender aos alunos, procurar tirar dúvida do aluno, e foi essa a minha caminhada todinha, esses trinta e cinco anos, até hoje. E minha prática... Eu fiz um trabalho científico, porque eu fiz um curso de especialização: “Formação de professores por uma perspectiva interdisciplinar”. Em noventa e oito chegou um curso dos PCN aqui em Caicó e foram nos

formar, né? Era da rede estadual de ensino e chegou um professor da universidade e foi falar sobre matemática e interdisciplinaridade. Começou a apresentar, apresentar, e como eu vinha tentando só, sem conhecimento nenhum, reverter algo, que eu não queria que tivesse mais... Aí, ele começou a dar o curso, e eu comecei a mostrar exemplos de trabalhos que eu fazia em sala de aula e ele ficou muito interessado. Quando foi em 1999 chegou um curso de especialização, aqui na universidade, e eu fui fazer, e meu trabalho científico eu vou lhe dizer o título: "Matemática, arte e imaginação: buscando uma prática transdisciplinar"; porque algumas práticas minhas são transdisciplinares, precisa de outras disciplinas pra chegar ao meu conhecimento, eu transcendo, entendeu?

Marcelo: Umhum... que maravilha! A senhora lembra quem era esse professor, que deu essa disciplina não?

Eunice: Era... Ele é daí, ainda tá aí, como era o nome dele? Agora eu não lembro... Eu só sei o da universidade, do curso de especialização, que é o doutor Iran Abreu Mendes[20]. Esse veio de Natal, ele é até do Pará, e ele é do doutorado e do mestrado aí da UFRN. Iran Abreu Mendes.

Marcelo: Hum... Aí, foi ele que orientou o trabalho da senhora?

Eunice: Ele começou a orientar e precisou viajar para Portugal, pra trabalhar com Edgar Morin[21], que ele é da área do Edgar Morin, aí ele passou pra outra professora, professora Grinaura[22].

Marcelo: Ah, certo! Aí, esse curso de especialização foi organizado aqui pelo...

Eunice: Pelo CERES. É. E a coordenadora era a professora Grinaura...

Marcelo: Sim! Aí, essa especialização era pros professores da rede, ou era [aberta]...?

Eunice: De Caicó, do município, pra quem quisesse...

Marcelo: Sim. Pra quem fosse formado em matemática...

Eunice: Era! Teve uma seleção... Eram 120 inscritos pra 20 vagas... e eu passei no décimo nono lugar. Pensava que eu não ia nem conseguir. O trabalho foi inédito, o meu, minha pesquisa científica foi inédita na região do seridó, essa experiência. Eu defendi em dois, janeiro de 2001, porque era uma especialização, passava dois anos. Especialização não é pra ser um? Eu digo que a gente fez um mestrado e eles não sabem (risos).

---

[20] O professor Iran Abreu Mendes atualmente está lotado no corpo docente do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal.

[21] Edgar Morin é pseudônimo de Edgar Nahoum, antropólogo, sociólogo e filósofo francês. Considerado como um dos maiores pensadores da atualidade e um dos principais autores da Teoria da Complexidade, possuindo uma vasta obra.

[22] Grinaura Medeiros de Morais é professora do Departamento de Educação, do Centro de Ensino Superior do Seridó/UFRN, em Caicó.

Marcelo: Sim, sim... Professora, aí, no caso, [voltando um pouco] os professores da senhora eles tinham formação, não?

Eunice: ... [faz sinal com a cabeça negativamente] Os do ginásio? Tinha não! Eles tinham o segundo grau, só. Só tinha o segundo grau. Eles num foram fazer o curso de matemática no período que eu fiz? Tinha professor formado em Matemática aqui não.

Marcelo: Certo! Professora a senhora falou uma coisa interessante, quando a senhora foi falar que fez o vestibular, [que] aqui não tinha o curso de Matemática, aí, a senhora disse que se viu até aperreada com que curso ia fazer. Mas, assim, no caso, se não tivesse aberto o curso aqui... Até então, já que não existia, como era que os professores faziam pra buscar formação?

Eunice: Só faziam os cursos daqui mesmo... Porque, quem tinha dinheiro ia pra capital, quem não tinha, ficava, e eu, por certo, ia ficar aqui, meu Deus, com o quê? Não sei!

Marcelo: Certo... E aqui na região tinham cursos? Assim, eram ofertado, oferecido algum tipo de curso pra formar o professor?

Eunice: Quem formava um pouco era, no mês de janeiro, a DIRED[23]. Certo? Era a DIRED. Eles traziam de Natal e era no CEJA isso, pra os professores. Mas eu não participei dessa formação, não. E foi antes de chegar a universidade aqui, que eles faziam...

Marcelo: Eram, tipo, capacitações?

Eunice: Capacitações!

Marcelo: Certo... Professora, no caso, a senhora estava falando agora um pouquinho dos cursos de formação... Quando foi criado, como foi o curso de Matemática aqui?

Eunice: Ele foi criado... Veio de lá pra cá, de Natal, porque aqui era um campus, né? Essa formação eu lembro que tinha o professor Borges quem foi o coordenador do curso (1979)... Eu achei que esse curso não forma muito o professor pra sala de aula, não, ele forma mais o professor pra lecionar na universidade... Não sei se mudou hoje. Eu acho meio difícil porque, pelo que eu vejo, é a mesma coisa. Aí, os cursos de formação que a gente recebia, depois do curso dali [da universidade], aqui e acolá, a DIRED trazia alguma coisa e a gente fazia algum estudo. O curso de formação de professores se preocupava muito em trazer cursos, aqueles cursos que eles fazem, seminários, debatendo as práticas educativas, aí, naquilo dali a gente ia se orientando e fazendo alguma coisa.

Marcelo: No caso, mesmo os professores que já tinham, por exemplo, a senhora que já tinha o curso na universidade, o curso de ciências, participavam também das capacitações do DIRED? Que eram capacitações pedagógicas...[?]

[23] Diretoria Regional de Educação.

Eunice: Era! Agora, às vezes eles dividiam por cursos, por exemplo, só professores de matemática, só professores... Aí, já era uma formação mais direta, entendeu? Acho que era pra suprir as necessidades, porque tinha ainda muitos professores que não tinham formação acadêmica.

Marcelo: Umhum... E a senhora lembra, mais ou menos, como eram esse cursos? Assim, o conteúdo que eles davam?

Eunice: Eles... Não lembro muito, assim, não, porque, as vezes, eles perguntavam se a gente tinha dúvida, o que é que a gente tinha de dificuldade de passar. Eles faziam uma triagem antes, sabe? Aí, com isso aí eles construíam [o curso] de formação para professores...

Marcelo: Sim, entendi. Mas, aí, a metodologia que eles aplicavam era... [?]

Eunice: A tradicional... Que não servia de nada, era a mesma coisa, e a gente atrás de coisa nova e não existia, ficava quase do mesmo jeito...

Marcelo: Sim... Professora, e a formação no Rio Grande do Norte, nesse período?

Eunice: Formação no Rio Grande do Norte... Acho que em todo canto era a mesma coisa... Eu penso que sim. Porque pra onde a gente partia era a mesma coisa! Não tenho certeza, porque eu não saia pras outras regiões.

Marcelo: A senhora nunca mudou daqui de Caicó?

Eunice: Não, nem tive vontade, pois a minha carga horária era cheia nas escolas que trabalhava...

Marcelo: Certo! No caso, e a formação dos professores no Rio Grande do Norte e nas outras regiões do estado, professora? A senhora sabe dizer como é que foi feito pra os outros interiores que não tinham formação...?

Eunice: Eu acho que foi a mesma coisa, a DIRED era quem era responsável por eles... Dava os cursos de capacitação. Em toda as DIRED's teve esses [cursos] de formação para professores... Por exemplo, era igual a DIRED agora, tinha em várias cidades, eles traziam as pessoas de várias cidades pra cá. Isso era no mês de janeiro.

Marcelo: Certo! Professora, e, no caso, o curso daqui de Caicó, como era? Era aqui em Caicó, mas tinham alunos de outras regiões?

Eunice: Tinha. Tem, até hoje tem! Uma boa parte do Seridó estuda em Caicó, principalmente os alunos que moram próximo a Caicó. A região de seridó todinha estuda aí...

Marcelo: Então, no caso, quando foi criado o curso aqui, os alunos das outras regiões também vinham pra cá?

Eunice: Até da Paraíba! Olhe, eu tinha uma colega que era do Brejo do Cruz[24], da Paraíba... Eu tinha colega de Jardim de Piranhas[25], eu tinha colega de Acari[26], de Caicó... Era assim, eles vinham, como até hoje vêm. Todo dia tem ônibus que vem dessas cidadezinhas pro CERES...

Marcelo: Verdade... Professora, como era o curso quando ele foi criado? Vocês tinham estrutura? Não?

Eunice: Não... A gente começou num prédio lá [no CDS], onde funcionava a universidade, que a universidade estava sendo construída no bairro Penedo de Caicó... A primeira turma a pisar na sede construída pela UFRN foi a nossa. Tinha um grande riacho fazendo parte dela e quando chovia não conseguíamos passar. Aí tinha dois colegas que tinham carro e eles que passavam a gente de um lado para o outro por causa da lama, tinha a turma de Matemática e o curso de Administração que já era antigo, que veio [para o campus]. Mas só tinham só construído a primeira ala, a ala "A". Que, aí, depois as alas "A", "B" e apareceu a "C". Só tinham construído a "A", e a "B" ainda tava sendo construída, mas a gente já tava lá. Era só: quadro e giz, quadro e giz, nada mais.

Marcelo: Professora, a senhora sabe mais ou menos em que período a faculdade aqui foi criada? Quando chegaram os primeiros cursos superiores aqui em Caicó?

Eunice: Ah, é... Foi em sessenta e oito.

Marcelo: 1968... Mas a universidade realmente só foi criada mais tarde, né?

Eunice: Não, [já era] a universidade, era Universidade do Rio Grande do Norte[27]. Dinarte Mariz construiu lá em Natal, só que ele trouxe os campus para o interior, aí, veio pra cá em sessenta e oito, funcionava no colégio Diocesano. Aí, como ficou pequeno começaram a construir aí [o campus]. A maquete é a coisa mais linda do mundo. Hoje ainda não construíram a metade...

Marcelo: Certo. E aí, só em setenta e nove é que veio chegar o curso de Matemática?

Eunice: De Matemática, foi! Só no segundo semestre...

Marcelo: Professora e em relação ao resto, por exemplo, vocês tinham biblioteca, livros?

---

[24] Brejo do Cruz é uma cidade localizada no estado da Paraíba, na Mesorregião do Sertão Paraibano, estando na Microrregão de Catolé do Rocha. Dista de Caicó e João Pessoa, respectivamente, 48 km e 377 km.

[25] Jardim de Piranhas é uma cidades do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Ocidental. Aproximadamente a 30 km de Caicó e 313 km de Natal.

[26] Acari é uma cidades do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Ocidental. Aproximadamente a 30 km de Caicó e 313 km de Natal.

[27] A Universidade do Rio Grande do Norte foi criada por meio de Lei Estadual, em 1958, e federalizada em 1960, a partir do agrupamento de algumas instituições de ensino superior já existentes em Natal. Esta universidade tornou-se, mais tarde, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Eunice: Não! Não! Depois foi aparecendo... O meu curso, a gente não utilizou quase biblioteca porque não tinha, depois foi que foi chegando. Mas hoje já tem uma biblioteca muito organizada aqui. É muito boa a biblioteca da UFRN...

Marcelo: Sim! Mas durante o período que a senhora estava estudando lá, não teve?

Eunice: A gente fazia cota, o professor trazia os livros de Natal e a gente comprava os livros... Os que [a gente] precisava...

Marcelo: Então, tiveram que comprar os livros quando iam usar...?

Eunice: Os meus eu comprei, emprestei a uma pessoa e até hoje ainda não me devolveu (risos). Fiquei sem...

Marcelo: Certo! Professora, a senhora era da primeira turma, né? E a senhora lembra o corpo docente? Era formado por professores daqui? Vinham professores de fora?

Eunice: Tudo de lá... de natal. Agora, só [que], essas disciplinas assim, estrutura, didática, que o curso de Pedagogia já era antigo aqui, aí, eram professores desses cursos. [Mas] da área de Matemática foram todos professores de Natal. Tinha até um do Ceará, que ainda tá aí hoje, que eu perguntei: "vai se aposentar?"; aí, ele disse: "não, vou ficar aqui até quando puder..." (risos). É até um professor da primeira turma, ele é do Ceará...

Marcelo: O Professor Luis Gonzaga[28]?

Eunice: É!... (risos)

Marcelo: Sim, sim. Professora, a senhora estava falando dos professores da parte pedagógica, né? Como era a relação deles com os professores de matemática? Tinha alguma relação, ou...?

Eunice: Não... No dia a dia, assim, fora [da universidade], [era] normal, mas tinham coisas que eles [os professores da parte pedagógica] achavam que não era para acontecer... por causa da didática, né? Tinha umas coisas assim. A professora que dava aula em Matemática, ela é bem tradicional...

Marcelo: E a senhora lembra como era a relação deles, assim, no curso [na universidade]? As disciplinas eram voltadas para o ensino de matemática, ou não, era algo mais geral?

Eunice: Era mais geral! Porque eles não têm o conhecimento específico da área de matemática... Era geral.

Marcelo: E eles não eram do departamento de matemática[29], né?

Eunice: Não! [Eram] da Pedagogia!

---

[28] O professor Luis Gonzaga Vieira Filho é professor do curso de licenciatura em Matemática da UFRN, *campus* de Caicó. O professor também é colaborador de nossa pesquisa, ver a narrativa *Professor Luis Gonzaga.*

[29] Vale ressaltar que não existe Departamento de Matemática na UFRN/CERES/Caicó. O curso de Matemática é administrado pelo Departamento de Ciências Exatas e Aplicadas.

Marcelo: Certo! Professora, como era a escola e o cotidiano escolar durante o exercício do magistério da senhora?

Eunice: [...] Era... Num primeiro momento, eu não, não gostava muito de ir não, pra escola, sabe? Mas, [com] o exercício do magistério, eu fui me adaptando, fui me adaptando e fui tentando adequar a minha realidade... Houve uma mudança muito grande das primeiras aulas, lá do começo, pra agora, é uma diferença muito grande, uma caminhada muito grande... Agora, isso também porque eu busquei. Tivesse ficado, eu acho que eu era a mesma de quando eu iniciei. [Em relação] a escola, num primeiro momento, era uma escola mais calma, os alunos mais disciplinados... hoje tem muita violência no meio, droga, desarranjo familiar, aí, barra a aprendizagem. O professor tem que... Eu digo que o professor, hoje, é tudo, não é só mais professor não, tem que ser muita coisa.

Marcelo: Sim! Professora e como era o dia a dia da escola, depois que a senhora começou a ensinar, continuou a mesma coisa, mudou?

Eunice: Mudou. Ela mudou em relação a prática... Assim, porque as supervisoras elas se preocupavam muito, tinha uma supervisora que ela trabalhava muito a área interdisciplinar, acho que foi a minha salvação. Então, ela motivava muito a gente a buscar, a buscar, e houve uma mudança nesse [sentido]... Você está entendendo? Em relação a metodologia de alguns professores... Mas teve professores que não conseguiram mudar, aqueles professores que eram mais velhos não conseguiram, agora, os mais novos... Acho que era a vontade, né? A gente conseguiu mudar, avançar um pouco.

Marcelo: Aí, foi quando a senhora disse que foi buscar e conseguiu mudar...

Eunice: Agora, teve momentos... As vezes, tinha uma escola que eu trabalhava que, por exemplo, se eu quisesse trabalhar área – área, perímetro, por exemplo – lá na quadra de esportes, eu poderia ir, mas já a outra escola não aceitava. Quer dizer, numa eu conseguia fazer, na outra eu não conseguia... Nessa outra que eu não conseguia. A uns dois anos atrás, 2011, eu pedi a coordenadora pra trabalhar na piscina os conteúdos de área, perímetro, volume, e era uma aula que tomava banho, mas ao mesmo tempo tava trabalhando matemática; a coordenadora aceitou, mas quando chegou lá, a direção soube, aí... foi proibido. [...]

Marcelo: Umhum... Professora, e como era o exercício do magistério?

Eunice: O exercício do magistério... [...] O exercício do magistério era, ai meu Deus (risos). De manhã eu trabalhava numa escola, de tarde na outra. O que eu procurava fazer numa, eu procurava fazer na outra. Certo? Só que na escola pública você tinha mais abertura... [...] Na

privada você não tem. Agora, eu não sei se são os pais, ou se é falta de conhecimento de alguém que dirige, ou de alguém que coordena. A gente não tem muita abertura... Faz! Mas, muito pouco em relação à outra. Então, [na outra] avança mais... E o exercício do magistério, hoje, pra mim, eu exercitei de um lado de um jeito e, do outro, eu acho que de outro, porque não consegue... Apesar da escola privada dar mais material a você, eu não conseguia aplicar totalmente na privada...

Marcelo: Por um lado ela dá mais recursos, mas, em compensação, tira um pouco a liberdade da forma de trabalho...

Eunice: É! Eu penso assim, que pode ser os pais que não aceitam, pode ser a coordenação e pode ser a direção. Mas tem horas que a coordenação abre, tá entendendo? Aí, eu não tenho a certeza...

Marcelo: Umhum... Certo. Professora, e Caicó no início do magistério? Como era a cidade, quando a senhora começou a ensinar?

Eunice: Caicó era menor. Não tinha tanta violência como tem hoje. A droga, se existia, eu não sabia, porque eu não ouvia falar em droga na década de 1970 e o magistério... era mais fácil pra gente trabalhar, nesse sentido. Era mais fácil trabalhar com o aluno de antes do que o de hoje, em relação ao tipo de comportamento do aluno. Eles eram mais interessados nos estudos... E é porque eu não era, eu nunca fui uma professora agressiva, eu procurei sempre a amizade, o diálogo, acho que esse é o caminho, e hoje, até o diálogo, muitas vezes, tá dando problema, porque a gente não tá conseguindo como conseguia antes...

Marcelo: Certo! Professora, deixe eu só fazer uma pergunta que eu lembrei agora... a senhora falou que, no início, entrou um pouco mais tarde na escola, a senhora não começou com sete anos, porque teve que esperar quando juntou a turma pra poder abrir a escola isolada?

Eunice: É. É porque lá, antigamente, a escola aceitava na sala de aula quem tinha sete anos. Só ia pra escola mesmo, essas escolas registradas, quem tinha [mais de] sete anos.

Marcelo: Certo... As isoladas também?

Eunice: É. Só com sete anos. Quer dizer, a criança já ia mais madura... Agora, o pai, o pai tinha obrigação de... não era alfabetizar totalmente, era ensinar a contar e, pelo menos, o alfabeto, porque, aí, já quem ia fazer [alfabetizar] era a escola.

Marcelo: Entendi... No caso, a senhora começou a estudar com quantos anos, a senhora lembre?

Eunice: Eu acho que na faixa de seis, um ano antes, um ano antes.

Marcelo: Está bem. Professora, voltando, e o Rio Grande do Norte no início do magistério da senhora? A senhora tem conhecimento de como o estado [era]?

Eunice: Não sei, só fiquei aqui, em Caicó. Caicó, eu lembro que naquele tempo tinha o algodão aqui... E foi por causa desse algodão que a gente conseguiu vir morar na cidade, numa casa alugada. Aí, painho chamava o ouro branco, porque tinha muito lucro naquele tempo. Quando acabou, foi frustração, porque acabou a safra do algodão no Rio Grande do Norte. Então, Caicó, nesse tempo aqui, era um pouquinho desenvolvido. Digo que Caicó, nas décadas de 1980 e 1990, ela parou, aí, começou já no século vinte e um, na primeira década do século vinte e um, a melhorar e desenvolver. Está mais desenvolvido agora, também...

Marcelo: Então, o que deu a oportunidade para vocês virem pra cá foi o algodão? Por conta da produção do algodão ele conseguiu alugar a casinha e conseguiu mandar os filhos pra cá...

Eunice: Foi... Como eu sou a [filha] do meio – sou a sétima subindo e sou a sétima descendo (risos) –, meus outros irmãos, meu pai conseguiu botar no Diocesano (CDS), porque era um internato masculino, queria botar minhas irmãs no Santa Terezinha que também era um internato, quer dizer, os mais velhos quando iam crescendo...

Marcelo: Sim, mas no caso a senhora e mais alguns outros... [?]

Eunice: Não. Aí, já foi... É porque, na década de 1970, depois, o algodão num acabou, num foi? Depois de setenta? Aí, já não deu mais... Começou em 1970 a declinar, mas na década de 1960, tudim, os outros que eram maiores, estudavam aqui [nos internatos] devido o algodão.

Marcelo: Sim... Aí, quando vocês vieram, alugaram a casa e foram estudar no CEJA?

Eunice: É, é...

Marcelo: Professora, e como foi o magistério em Caicó, pra senhora?

Eunice: O magistério, pra mim, em Caicó... [...] Ele me deu... Foi a renda, a minha renda familiar. Que até hoje a nossa renda vem do magistério, é da renda que eu leciono... [...] É o sustento da minha família e eu gosto do que eu faço. É a minha salvação... (risos)

Marcelo: Certo... E pra senhora, professora, Caicó no contexto atual?

Eunice: No contexto atual, Caicó tá com... Em termos de magistério ele tá bem. Porque no meu tempo... Hoje é na faixa de umas dez universidades aqui em Caicó, públicas e particulares, [para] as pessoas que vêm de fora e os que estão aqui... E, em relação a cidade, hoje... A periferia, principalmente, os problemas criminalísticos. Êxodo rural. Aí, vão ficando nas periferias e vai acontecendo os problemas... E hoje, hoje, nesse mês de maio, do início desse ano pra cá, houve muitos casos de morte aqui em Caicó. Amanhece morto aí na

periferia, ninguém sabe porquê. Dizem que é a droga. [...] E com essa educação todinha, ainda tá acontecendo isso...

Marcelo: Umhum... Professora, e, para senhora, hoje o ensino na zona rural? A senhora acha que tá melhor, ou...?

Eunice: tá bem melhor! Porque as pessoas hoje pra trabalhar até na zona rural, eles tem que ter formação acadêmica. Eles não aceitam mais nenhum professor sem formação acadêmica.

Marcelo: A questão do acesso? tá mais fácil o ir e vir?

Eunice: É! E outra coisa, todo mundo em sua área [de formação]. Não tem mais ninguém fora de área de jeito nenhum... No município, não tenho conhecimento. E se tiver é muito pouco. Porque na década de 1980 eles começaram a organizar isso. Quando chegou o curso de Matemática aqui... Por exemplo, o curso de Ciências, a minha primeira turma, você poderia ensinar matemática, física, biologia e química, porque a gente recebeu a carteirinha do MEC. Aí, essas outras áreas pegavam alguns professores dessa turma, e depois o povo começou a fazer fora, aí, vieram [retornaram] pra cá. Há alunos daqui, filhos daqui, que foram fazer curso em Natal, que ficou mais fácil o acesso, que a gente não tinha acesso. Aí, ficou mais fácil. Aí pronto! Caicó hoje, principalmente a DIRED, é todo mundo na sua área... E no Município[30] também tem que ser do mesmo jeito. Deve estar, né?

Marcelo: Umhum... Sim. Professora, e, para a senhora, o ensino de matemática hoje?

Eunice: [...] tá havendo mudanças... Agora, depende muito de quem está na sala de aula, e as vezes são barrados, não aceitam. Porque tem pessoas que estudaram no tempo do tradicionalismo e não aceitam mudanças, por exemplo, uma aula fora da sala de aula, porque acham que a aula só é dentro de uma sala de aula, dentro das quatro paredes. Eu costumo dizer que uma sala de aula ela tem quatro paredes, mas são as paredes do mundo... Eu não sei onde é que estão essas paredes! Em qualquer lugar eu posso dar uma aula de matemática, muito bem, não é? Tem pessoas que não tem essa visão, aí, já complica. Mas, aí existe professores completamente tradicionais, a meu ver, e ainda existem professores que estão buscando e outros que estão mais além, mas não conseguem avançar também.

Marcelo: Professora, agora, eu ia só pedir para a senhora fazer [algumas] considerações. O que a senhora achar que não pôde falar, que eu não dei oportunidade de falar, ou que queira falar mais, trazer mais informação, pode ficar a vontade...

Eunice: Eu já fui pra fora da sala de aula quatro vezes, a escola particular pediu as salas, por causa da metodologia que era inovadora, e ainda me fez transcender outros conteúdos pra

[30] Refere-se à rede Municipal de ensino.

poder dar minha aula de matemática. Hoje, eu estou fora da minha sala de aula. Eu estou fazendo um nivelamento, o que é o nivelamento? Tirando dúvidas dos alunos, porque a escola não quer me demitir, porque eu não vou pedir demissão, eu estou com vinte e três, vou fazer vinte e quatro anos e eu não vou perder minha aposentadoria. [...] Certa vez, acho que foi ano passado, não, no ano da Copa, 2010, fui trabalhar no projeto da Copa, durante o mês de Junho. E a gente tinha o projeto, aí, toda turma tinha que levar uma a rainha. Aí: "não, não vai ninguém de rainha, não, vamos fazer uma rainha: Maria Geométrica". Pegamos cabo de vassoura, pegamos cola, pegamos não sei o quê, fizemos um trabalho de arte belíssimo envolvendo as formas geométricas e fomos com essa danada pra desfilar e a gente ganhou. No final da história... Sim! Aí, a gente estava na sala de aula fazendo – isso foi noutro dia, que no horário daquela aula eu tinha que tá lá fazendo conta, né? Marquei outro horário, aí, fui pra escola... –, chegou a professora de artes na sala dizendo que eu tinha tomado a ideia dela. Eu digo: "por que é que eu tomei a sua ideia?"; Aí: "não, é porque eu também vou fazer uma boneca de vassoura"; não tinha nada a ver, vassoura com bola, né? Porque a cabeça da que a gente estava montando era uma bola. Menino, pois essa criatura chorou tanto, porque eu estava tomando o seu conteúdo dela... Aí, tinha isso na escola, sabe? Que eu tava tomando os conteúdos do outro. Eu fui suspensa, porque eu estava tomando o conteúdo, ao invés de estar dando matemática, estava dando ciências. Não! Mas é porque eu fazia assim: eu ia, buscava o conteúdo de ciências e trazia pra dentro de matemática, pra chamar atenção [dos alunos]; eu ia lá em artes, trazia algo de artes, pra poder trabalhar os meus conteúdos, porque aí o aluno prestava mais atenção e ele se interessava mais. [...] E foi isso que aconteceu... Mas, eu estou aqui e só vou desistir no dia que eu me aposentar, porque, aí, eu não vou poder mais trabalhar, mas eu não desisto nunca! Pronto: sou professora a trinta e cinco anos em sala de aula, sempre procurando mudar, e muitas barreiras foram... [...] Eu deixei de fazer muitas coisas porque eu fui impedida. O que é que eu acho, por que é que eu fui impedida? Falta de conhecimento de algumas pessoas. [...] Eu não tenho nada contra ninguém... e eu fico aqui na minha. [...] Eu não posso fazer mais nada...

Marcelo: É... Certo... Mas vamos lutando, não é, professora?

Eunice: É sim! Mas, agora, o ensino de matemática ele tem que evoluir. Porque, cada vez mais eu noto assim, que o aluno, ele... É como se tivesse um mito: o curso de matemática é difícil; e o curso de matemática não é difícil. É a maneira de se passar, que a gente tem que pensar como é que a gente vai fazer... Eu penso assim.

Marcelo: Certo, professora! Mais uma vez, muito obrigado!!

Eunice: Disponha!

Entrevista com a professora Eunice

Duração da Gravação: 00h 59min 06s

Local: Residência da Colaboradora (Caicó)

Data da entrevista: 29/04/2014

Professor Almir



Marcelo: Professor Almir, o senhor poderia fazer uma apresentação pessoal?

Almir: [Silêncio]

Marcelo: O nome do senhor completo.

Almir: Meu nome completo é Almir da Costa Dantas, natural de Mossoró[1]. Nasci em 28 de junho de 1951. O que mais que você gostaria de saber?

Marcelo: Pronto. Pode ficar a vontade, professor, mas... O senhor poderia falar um pouco da família do senhor?

Almir: É... a minha família é de origem humilde, de agricultores. Moramos em diversas localidades... Em 1966 foi quando a gente veio pra Caicó, onde eu ingressei no ginásio, no Colégio Diocesano Seridoense[2]. Posteriormente fui estudar no Colégio Agrícola[3] do Catolé do

[1] Mossoró, a segunda maior cidade do estado do Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Mossoró. Localiza-se a, aproximadamente, 191 km de Caicó e 281 km de Natal.

[2] Colégio Diocesano Seridoense (CDS), uma das mais antigas instituições de ensino da região em atividade. Fundada em 1942, como Ginásio Diocesano Seridoense, é uma instituição vinculada à Diocese de Caicó/RN.

Rocha[4]. Em 1969 retornei pra Caicó, onde fiz o científico de 1970 a 1972. Depois fui pra Natal, onde cursei o curso de matemática de 1974 a 1978. É mais ou menos isso aí...

Marcelo: Certo. O senhor é filho único, não?

Almir: Não. A minha família é de uma família bastante numerosa, são dez irmãos, cinco mulheres e cinco homens.

Marcelo: Sim... Todos nascidos em Mossoró?

Almir: Não. Em diversas localidades, porque papai morou em vários outros lugares. É filho de Caicó, filho de Messias Targino[5], de Umarizal[6], de Mossoró. Quer dizer, foi nessas localidades onde nossos irmãos todos nasceram.

Marcelo: Certo. O pai do senhor viajava tanto por conta da agricultura?

Almir: Exatamente. Porque era uma pessoa humilde e sempre, vamos dizer, morava numa propriedade de uma pessoa, depois não dava certo, procurava melhoras pra ele e ia morar em outro local, né?

Marcelo: Está certo. E como foi a infância do senhor, professor?

Almir: Apesar de ser uma infância humilde, mas foi uma infância boa. Eu não posso reclamar, muito pelo contrário, tenho muita saudade... Foi uma infância onde nós procuramos, nossos pais sempre procuraram nos educar, e a gente, como sempre, muito obedientes, procuramos vencer na vida através dos seus ensinamentos.

Marcelo: Umhum... Então, a infância do senhor foi viajando muito também, ou o senhor passou um tempo em Mossoró?

Almir: Não. É... Eu nasci em 1951 no sítio Jucuri, no município de Mossoró, houve uma seca muito grande e papai só passou esse ano lá. Só fiz nascer. De lá a gente foi morar no Cangaíra, [que] é município de Messias Targino. De Messias Targino a gente foi morar em Umarizal e de Umarizal nós fomos morar em Natal. A nossa família, né? Porque eu morei em vários lugares estudando. Estudei em Umarizal, estudei em Caicó, estudei em Catolé do Rocha, estudei em Natal, estudei em Recife[7]...

---

[3] Fundado em 1952 como Colégio Agrícola de Catolé do Rocha, a, hoje, Escola Agrotécnica do Cajueiro, é o campus IV da Universidade Estadual da Paraíba e está situada na comunidade do cajueiro, na Mesorregião do Sertão Paraibano.

[4] Catolé do Rocha, cidade localizada no estado da Paraíba, na Mesorregião do Sertão Paraibano, Microrregião de Catolé do Rocha. Localiza-se a, aproximadamente, 78 km de Caicó e 413 km de João Pessoa, capital da Paraíba.

[5] Messias Targino, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião do Médio Oeste. Localiza-se a, aproximadamente, 82 km de Caicó e 309 km de Natal.

[6] Umarizal, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal. Localiza-se a, aproximadamente, 118 km de Caicó e 345 km de Natal.

[7] Recife, capital do estado de Pernambuco. Está localizada a, aproximadamente, 286 km de Natal e 395 km de Caicó.

Marcelo: Então, nem sempre acompanhou a família?

Almir: Não, não, pelo contrário, a gente estudava sempre longe da família...

Marcelo: Ah, sim! Professor, e a juventude do senhor?

Almir: Ótima! Ótima. É, como todo jovem, dentro das possibilidades, vamos dizer, aproveitar a vida da melhor maneira possível.

Marcelo: Sim... Mas, também viajando muito?

Almir: Não... Viajando não, porque a gente não tinha condições de viajar. A viagem que a gente dava era sair de casa para estudar fora de casa. Era a viagem que a gente fazia.

Marcelo: Nesse período o senhor estudava...?

Almir: Nesse período eu estudei em Caicó, Catolé do Rocha, Natal e estudei em Recife, né? Recife foi o seguinte: em 1974 eu fiz o vestibular em Natal, passei no curso de Matemática e houve um vestibular pra Licenciatura de Curta Duração em Ciências[8] em Recife, onde eu passei um ano e meio. Depois que eu terminei a Licenciatura Curta em Recife eu retornei pra Natal, pra concluir o curso de Matemática, em Matemática, né?

Marcelo: Ah, tudo bem! Professor, e como era o cotidiano da Cidade em que o senhor cresceu?

Almir: Cotidiano, como toda cidade de interior, onde a gente procurava brincar como toda criança, normalmente, né? A vida normal.

Marcelo: Sei! O senhor cresceu mesmo em quais cidades, professor? O senhor passou por muitas, mas...?

Almir: Na verdade, a cidade onde eu passei mais tempo foi em Caicó. Em Umarizal, eu fiz o curso primário. Em Caicó, fiz as duas primeiras séries do ginasial no Diocesano, as duas últimas séries do ginasial fiz no Colégio Agrícola de Catolé do Rocha e, posteriormente, fiz o científico em Caicó. Depois fui fazer faculdade em Natal. Em Natal me ausentei [por] um ano e meio em Recife, pra fazer o curso de Licenciatura de Curta Duração e depois vim concluir o curso em Natal e quando terminei o curso vim ensinar em Caicó.

Marcelo: E como era Caicó nesse período, era uma cidade... grande, movimentada? Não, uma cidade menor...?

[8] Os cursos de Licenciatura de Curta Duração foram criados pelo Programa de Expansão e Melhoramento do Ensino Médio (PREMEM), com a incumbência de formar professores, em nível intermediário superior, em tempo recorde de um ano e seis meses, para atuarem nos ginásios polivalentes, ou ginásios direcionados para o trabalho, que funcionariam com cursos técnicos em nível ginasial. Entre 1971 a 1976 o PREMEM fez acordos com a Universidade Federal de Pernambuco, para oferecer esse curso para os estados da Região Norte, Nordeste e Centro Oeste do Brasil.

Almir: Caicó, apesar de ser uma cidade [pequena], ela era uma cidade de referência para a região do seridó, como até hoje ainda é, né? Onde era tido como um dos melhores ensinos a nível médio[9], tanto na escola pública, como na escola privada, era tido como uma [cidade] das melhores escolas, do Rio Grande do Norte, era Caicó.

Marcelo: Umhum... Professor, o senhor poderia me falar um pouco mais sobre a educação aqui na cidade?

Almir: A cidade de Caicó, nos anos de 1960, que é [o] que eu posso falar, sempre foi tida como uma das melhores educações do estado. É tanto que os estudantes das nossas escolas, vamos dizer, sempre se destacavam nos concursos que faziam, seja pra o Banco do Brasil, Caixa Econômica, Banco do Nordeste[10], eram pessoas que se destacavam, sempre o índice de aprovação era muito elevado, como também no vestibular o índice de aprovação era muito alto. E a maior referência que tinha em Caicó era o Colégio Diocesano Seridoense.

Marcelo: Certo, professor. O senhor me falou que normalmente estudava em locais diferentes de onde a família do senhor morava, é por que no interior não tinha? No interior, nessas cidadezinhas menores [em extensão] do interior?

Almir: Sim. É. Por exemplo, o ginásio eu vim fazer em Caicó, porque em Umarizal, onde meus pais moravam, não tinha o ginasial. Eu fiz a primeira e segunda série ginasial em Caicó e fui pra Catolé do Rocha, porque eram três irmãos que estudavam na casa de uma mesma tia, então, pra... vamos dizer, a despesa pra essa minha tia se tornava muito elevada e me colocaram no colégio agrícola onde eu estudei interno dois anos, certo? Aí, depois vim estudar o científico novamente em Caicó e estudei na casa do estudante[11], certo?

Marcelo: O senhor falou que fez o primário lá em Umarizan, né? Era escola isolada, professor, ou não?

Almir: Não. Era escola do município.

Marcelo: Ah, sim! Era grupo escolar, no período?

Almir: Na época era grupo escolar. Grupo Escolar Zenon de Souza[12].

---

[9] Durante a entrevista, o professor Almir usará distintas nomenclaturas para se referir aos atuais níveis de ensinos fundamental (anos finais, de 6º a 9º anos) e médio (1º a 3º anos). O Ensino Médio ao qual o professor Almir refere-se, em distintos momentos da entrevista, diz respeito ao nível de ensino instituído pela Lei 4.024/61 (a primeira Lei de Diretrizes e Bases) que compreendia os ciclos ginasial e colegial. Para referir-se ao ensino fundamental (anos finais), oras ele utilizará o termo "ginásio", oras a expressão "primeiro grau", e para referir-se ao atual ensino médio, oras utilizará "colegial", oras "segundo grau".

[10] Banco do Brasil, Caixa Econômica do Brasil e Banco do Nordeste do Brasil são instituições bancárias estatais brasileiras.

[11] A Casa do Estudante de Caicó (CEC) é uma instituição filantrópica de apoio aos estudantes do Estado, a instituição de Caicó foi fundada em 1957.

[12] O Grupo Escolar Zenon de Souza, hoje Escola Estadual Zenon de Souza, foi fundado no ano de 1923.

Marcelo: Certo. E como era o grupo escolar lá em Umarizal? Assim, como era o cotidiano da escola? O dia a dia?

Almir: Era uma escola normal... Vamos dizer, nós tínhamos bons professoras lá e a prova disso é que naquela época quem saia do curso primário de Umarizal, que ia fazer tipo uma seleção, um mine vestibular – era o acesso ao ginásio e chamava-se exame de admissão[13], não é? –, geralmente todo mundo passava, era aprovado. Quer dizer, isso é uma prova de que o curso lá, apesar de ser uma cidade pequena, era de boa qualidade.

Marcelo: Sim. Mas, no caso, lá não tinha ginásio... Daí, quem terminava o primário...?

Almir: Quem terminava o primário teria que, se quisesse continuar seus estudos, se deslocar pra uma cidade onde tivesse o ginásio o ensino mais elevado, né?

Marcelo: E nesse período, o ginásio perto de Umarizal, ou um pouco mais próximo, tinha aqui em Caicó...?

Almir: Caicó, Catolé do Rocha, Mossoró. Eram as cidade, na época, que tinham o curso ginasial [próximos].

Marcelo: tá certo, professor. E o Rio Grande do Norte, nesse período, como era aqui o estado? Assim, em relação ao desenvolvimento, a acessos...

Almir: Era bastante atrasado. Onde as estradas vicinais entre as cidades eram de péssimas qualidades. Estradas de barro, né? Não tinha asfalto. Realmente era uma calamidade em termo de rodovias no estado. Eu me lembro muito bem que Umarizal, naquela época, no período do inverno ficava ilhada porque os rios que circulavam a cidade não davam passagem, então não tinha como atravessa, não é? Ficava esperando que passasse o inverso pra ir pra outra cidade. Realmente, era de péssimas qualidades os acessos, as estradas, naquela época.

Marcelo: Sim, certo. Professor, e a educação familiar? O senhor poderia me falar um pouquinho como era a educação familiar nesse período?

Almir: Bom... Na minha casa, uma família grande que papai e mamãe sempre procurou educar, a gente procurou sempre fazer com que pudesse vencer na vida... Todo mundo lá em casa estudou, eu só tive apenas dois irmãos que só fizeram até o segundo grau, os demais cursaram graduação, outros fizeram pós-graduação, né? Mas, apesar de ser uma origem humilde, todo mundo procurou se educar, viu?

Marcelo: Sim... Mas, a educação familiar nesse período era rígida...?

Almir: Rígida, acompanhada de perto... Ia pras escolas, pras reuniões de pais e mestres, e ai daquele que tirasse nota perdida... (risos)

[13] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.

Marcelo: Sim. Professor, e como era a rotina escolar? O senhor falou um pouquinho como era o grupo escolar, mas aqui em Caicó, depois que o senhor chegou no ginásio, como era o dia a dia da escola?

Almir: O dia a dia da escola era rojão. Pela manhã a gente assistia aula... eu achava muito bom porque eu tinha uns colegas, onde a gente tinha uma verdadeira disputa pra ver quem tirava as notas melhores. A gente estudava junto, e eu achava bom porque, na verdade, a gente ia estudar na casa de um colega e a mãe dele preparava lanche pra gente e num sei se esse era um ponto de motivação, mas acredito que sim (risos). Então, a gente não perdia uma tarde pra estudar, todo mundo estudava junto e, às vezes, até pela madrugada a gente se levantava pra estudar junto e, realmente, as notas eram excelentes. Tanto as minhas, quanto as dos meus colegas, eram todas notas boas. A gente sempre procurou passar por média.

Marcelo: Sim... Está certo. Então, o interesse dos alunos pelos estudos...?

Almir: Era, era, era bastante grande! É. Exatamente na perspectiva de um dia poder vencer na vida, né? E eu vou já lhe dizer uma coisa interessante: naquela época, quem fizesse o ginásio é como se hoje, talvez, [fosse comparado com] quem fizesse pós-graduação, porque, quando eu ensinava no ginásio, um dos assuntos que eu levantava em termos de motivação era a questão de que você com um ginásio bem feito, você poderia fazer um concurso para o Banco do Brasil, a polícia rodoviária e por aí vai. E a prova disso é que nós temos muitos ex-colegas que se aposentaram como bancários, com carreiras, realmente, de destaque da época, e chegaram a fazer só o ginásio porque [se] ingressaram nessas instituições, onde ganhava relativamente bem, né? [Além disso,] não tinham a oportunidade, vamos dizer, de se deslocar para outras cidades... Mas se fazia um ginásio com um aproveitamento excelente e faziam concurso e realmente eram aprovados, não é?

Marcelo: Professor, aí, o senhor fez o ginasial no Diocesano, quando veio para Caicó?

Almir: Isso, no Colégio Diocesano Seridoense. Uma coisa interessante é que era uma escola privada, mas na época existia uma seriedade de que, realmente, os bons alunos tinham acesso a esse tipo de escola, privada, através de um concurso, chamado, Concurso de Bolsa de Estudo, e eu fiz, passei, e por isso eu fui estudar no Diocesano, apesar de ser de uma família humilde, mas eu estudava junto com a elite de Caicó, porque tive acesso através do exame de bolsa de estudo. Tudo pago. Não sei se na época era Governo Federal, era Governo Estadual, sei que o governo era quem pagava. Certo?

Marcelo: Está certo. Professor, e como eram as disciplinas?

Almir: As disciplinas eram... Disciplinas comuns [como] as de hoje, né? Se eu não me engano, eram seis disciplinas na época, era português, matemática, educação física, história e geografia, ciências e uma língua estrangeira, inglês ou francês, eram as disciplinas que a gente pagava no ginásio. Na primeira e segunda série ginasial era francês e na terceira e quarta série ginasial era inglês.

Marcelo: O senhor morou na casa do estudante, não é? Como era o dia a dia na casa do estudante, professor?

Almir: Era um ambiente muito bom, muito agradável, apesar de ser um ambiente coletivo, mas era um ambiente bom. Na época, o governo se preocupava muito em oferecer alimentação, era, relativamente, uma alimentação boa, rapaz. Eu mesmo não tinha o que reclamar não.

Marcelo: O senhor morou na casa do estudante no período do científico, certo? O científico o senhor fez também no Diocesano?

Almir: No Diocesano. Eu vou contar aqui um detalhe: quando eu fui fazer o científico, naquela época não tinha concurso para professor, então, havia, vamos dizer, uma verdadeira sindicância procurando os melhores alunos, e eu tive o privilégio de ser indicado pra ir ensinar matemática, que eu era um bom aluno de matemática, ensinar no Colégio Estadual Joaquim Apolinar[14] e eu fui. Fui ensinar lá através de convite, por me destacar como bom aluno no Diocesano, né?

Marcelo: Sim. Aí, o senhor ensinava matemática no ginasial?

Almir: Ensinava o ginásio. Quer dizer, com o ginásio, no primeiro ano do científico, eu já ensinava a primeira série ginasial.

Marcelo: Certo. Professor, e a escola agrícola, que o senhor falou que fez lá os dois últimos anos do ginasial. Aí, a rotina escolar da escola agrícola?

Almir: Lá era regime de internato, certo? Era regime de internato, tudo pago pelo governo, como até hoje eu acredito que deve ser a mesma coisa. Eu não tenho conhecimento. A única coisa que eu sei do colégio agrícola onde eu estudei é que hoje é uma faculdade de Agronomia, em Catolé do Rocha.

Marcelo: Umhum... Professor, e em relação à mudança de ensino, teve mudança? Porque o senhor fez os dois primeiros anos aqui no ginasial...

Almir: Praticamente eu não senti nenhuma mudança. Nenhuma mudança. Tanto era bom o ensino aqui como lá. Certo? Eu tanto gostava do Diocesano, como do colégio agrícola, pra

[14] A, hoje, Escola Estadual Joaquim Apolinar encontra-se desativada.

mim não teve nenhuma diferença, como também não sofri, vamos dizer, nenhuma dificuldade em acompanhamento. Tanto aqui como lá.

Marcelo: Certo. Na escola agrícola, professor, tinha curso de formação pra trabalhar com a agricultura ou...?

Almir: Tinha, exatamente. Lá era uma escola, vamos dizer, profissionalizante. Certo? Você fazia o ginásio no colégio agrícola em Catolé do Rocha, posteriormente ia pra Bananeiras[15], fazer o curso técnico de Agronomia, e depois ia pra Areias[16]. Quem quisesse continuar na parte de agricultura. Aí, lá você terminava o curso superior em Agronomia, em Areias. Certo? Só que eu não tinha vocação pra agricultura (risos). Eu deixei o colégio agrícola e vim fazer o científico. Na época, eu entrei como professor, não por vocação e sim por necessidade, porque, na verdade, eu tinha completado, na época, o tempo pra entrar no batalhão, servir às forças armadas, só que, eu fui dispensado e uma das maneiras de continuar meus estudos era arrumar um emprego e esse emprego foi a educação. Convidaram e eu fui ensinar... Me dei bem, graças a Deus. Entrei por necessidade e depois tive uma verdadeira vocação voltada para a educação.

Marcelo: Sim. Professor, vou só fazer mais uma pergunta em relação à escola agrícola. O curso ele era distribuído entre as quatro séries do ginasial ou era concentrado...?

Almir: Era distribuído entre as quatro séries do ginasial, só que, a única diferença que tinha em relação a Caicó, vamos dizer, que aqui tinha essas matérias comuns como geografia, história, matemática, português, inglês é ciências, lá eram acrescidas algumas disciplinas voltadas exclusivamente para a agricultura, como zootecnia... Como era a outra, meu Deus? Não me lembro, não recordo agora o nome, mas eram disciplinas voltadas pra agricultura, certo? Como a gente também fazia prática de agricultura: a gente plantava, colhia, limpava de inchada, trabalhava de trator... (risos)

Marcelo: Certo. Professor, e como eram os professores e suas aulas?

Almir: Excelentes! Eu não tenho nada a reclamar dos meus professores. Eram pessoas comprometidas. Hoje, inclusive, às vezes eu sou até, vamos dizer, tachado, porque eu digo muito que os grandes culpados da escola pública estar em decadência são os próprios professores e eu vou lhe dizer o porquê. Na época que eu ingressei no Estado, como professor, a gente recebia salário no final do ano. Passava o ano todinho ensinando, quando era no mês

[15] Bananeiras, cidade localizada no estado da Paraíba, na Mesorregião do Agreste Paraibano, Microrregião de Brejo Paraibano. Localiza-se a, aproximadamente, 250 km de Caicó e 129 km de João Pessoa, capital da Paraíba.
[16] Areia, cidade localizada no estado da Paraíba, na Mesorregião do Agreste Paraibano, Microrregião de Brejo Paraibano. Localiza-se a, aproximadamente, 208 km de Caicó e 139 km de João Pessoa, capital da Paraíba.

de dezembro era que recebia. Nunca a gente faltou uma aula, sempre dava aula. Eu me lembro uma vez que eu tive uma virose, passei dezessete dias com febre, mas nunca faltei uma aula. Quer dizer, havia uma responsabilidade do professor voltado pra sala de aula. Então, por que é que eu condeno o professor e digo que ele é o culpado? Porque o professor da rede pública é o mesmo professor da rede privada, ele ganha melhor na rede pública do que na rede privada e na rede privada ele não faz greve e na rede pública faz. Por isso é que eu digo que ele é muito culpado desse momento de dificuldade que passa a escola pública, principalmente a nível médio, né? De primeiro e segundo grau... Bom, esse é o meu ponto de vista!

Marcelo: Sim, sim. Claro... (risos) Professor, no caso, esses professores, o senhor lembra se eles tinham formação...? Ou qual formação tinham pra ensinar...?

Almir: Geralmente, eram como eu quando comecei a ensinar. Eram, vamos dizer, ex-alunos que se destacavam nas suas escolas e iam ensinar. Agora, tinha um detalhe interessante, na época, que o Estado, nas férias, eles davam os chamados cursos de atualização. Por exemplo, eu tenho um curso que fiz quando comecei a ensinar no Estado, nas férias, que era chamado PIPEM, curso de Preparação Intensiva do Professor do Ensino Médio, certo? Então, durante as suas férias você fazia esses cursos, tanto no meio do ano quanto no final do ano, onde você tinha um estímulo através de uma bolsa. Além de preparar você como professor, você tinha esse incentivo através da bolsa de estudo pra você se atualizar. Então, o professor se atualizava. Hoje em dia não existe mais isso aí, né?

Marcelo: Certo. O senhor lembra mais ou menos quando começaram esses cursos, professor?

Almir: Não. Não me lembro, porque quando entrei no Estado já existiam esses cursos. Certo? Aí, se você me perguntar: “há quanto tempo existia isso no estado?”, só sei que durante o tempo que eu ensinei no ginásio, sempre existiam esses cursos.

Marcelo: Certo. Professor, o senhor lembra quais os conteúdos que eram dados, ou eram mais voltados para cursos didáticos, essas coisas...?

Almir: Além da matéria específica que a gente lecionava, por exemplo, no meu caso a matemática, a gente tinha a disciplina de matemática, de desenho, aulas de didática... Era, vamos dizer, disciplinas que realmente preparavam o professor para preparar aula. Como tem, na universidade, essas disciplinas de educação, de psicologia, de prática de ensino, essas mesmas disciplinas a gente via nesses cursos de atualização de professor do ensino médio.

Marcelo: Sim, sim... No caso, eram para os professores do ensino ginasial e do ensino médio [segundo grau], ou só do ginasial?

Almir: Na época, eu não sei se existia pra o segundo grau, porque, na verdade, eu ensinava ao ginásio. Não me lembro, não recordo se tinha para o segundo grau. Como eu era professor do ginásio, [fazia] esse curso voltado para os professores do ginásio.

Marcelo: Professor, aí esse curso acontecia aqui mesmo em Caicó?

Almir: Não, em Natal! Os professores viajavam pra Natal.

Marcelo: Aí, passava todo o período de férias lá?

Almir: Todo o período de férias lá! Muitas vezes acontecia das aulas [nas escolas] começarem e agente ainda estar terminando as atividades lá em Natal. Tudo pago pelo governo!

Marcelo: tá certo... Professor, e como era o sistema de ensino no período em que o senhor estudava?

Almir: A metodologia era praticamente a que era usada até hoje. Aulas expositivas, aulas práticas... Praticamente a metodologia que é utilizada hoje, não é? O que eu posso dizer é que realmente existia muita dedicação por parte do professor e, naquela época, a gente sentia, vamos dizer, uma responsabilidade da comunidade, como um todo, em termos da educação dos alunos. O pai ia constantemente às reuniões de pais e mestres nas escolas, né? Acompanhavam de perto. Eu me lembro muito bem que eu tinha um aluno, que hoje é deputado, no ginásio, e eu ia a pé pra escola e todo dia quando eu passava lá em frente a casa desse aluno, a mãe dele vinha me perguntar: "como é que tá fulano? tá se comportando direto?". Quer dizer, existia uma preocupação, um acompanhamento da família junto ao aluno nas escolas, né? O que hoje a gente não vê.

Marcelo: Professor, e para o senhor realizar os estudos? O senhor já me falou um pouquinho que teve algumas dificuldades, por conta da questão de não ter estudo no local onde morava...

Almir: Exatamente pela questão financeira, né? Mas quando você tem boa vontade, você consegue tudo. Na verdade, existia boa vontade da minha parte, como também existia boa vontade por parte dos pais da gente, de procurar [conseguir] fazer com que os meios necessários para que os filhos fossem estudar fora de casa. Mesmo não tendo o ensino na cidade onde eles moravam, eles faziam um verdadeiro esforço sobre-humano pra que os filhos fossem estudar fora. Mamãe, por exemplo, fazia bolo, cocada, doce, pra vender nas escolas justamente pra dar alguma coisa pra gente que ia estudar fora. E tem um outro detalhe, eu me lembro que quando eu voltava de férias pra cidade de Umarizal, que era onde os meus pais moravam, papai tinha uma carroça e eu ia botar lenha, areia, água, na carroça, justamente pra ganhar alguma coisa, pra quando fosse estudar levar alguma coisa em termos de dinheiro.

(risos) Quer dizer, era de dificuldade, mas quando se quer vencer na vida não existe dificuldade.

Marcelo: É verdade, é verdade... Professor, e os pais do senhor eles chegaram a estudar também, ou...?

Almir: Não. Pelo contrário, meus pais eram só alfabetizados. Naquela época, chamavam alfabetizados quando aprendia a ler e escrever, pronto, era como se já estivessem formados, né? (risos) Em termos de instrução de ensino, eles eram alfabetizados.

Marcelo: Certo. Professor, deixe-me perguntar, voltando lá ao grupo escolar de Umarizal: o senhor lembra a formação do professor, professora, que o senhor tinha lá?

Almir: Eu acredito que era uma formação muito precária, porque eles sabiam o que ensinavam a gente, nada a mais do que isso. Certo? Mas como eles eram dedicados, faziam com que os alunos aprendessem. Eu não tenho o que reclamar em relação aos meus professores do primário. Apesar de a gente saber que a formação deles era, em termos de instrução, limitada, mas nada deixava a desejar.

Marcelo: Sim... E lá só tinha um grupo escolar, professor?

Almir: Só tinha um grupo escolar, que era esse.

Marcelo: Professor, o senhor lembra, por acaso, nesse período, a legislação e o ensino?

Almir: Não, eu não me recordo bem com relação a legislação, não. Mas, eu acredito que deveria existir alguma coisa. Não sei se, à época, a legislação que regia isso era a lei de diretrizes e bases, não me lembro muito bem não. Com relação à legislação, não me recordo nada não.

Marcelo: Ah, tudo bem! Professor, então, no caso, os primeiros contatos com o ensino, do senhor, foi aqui em Caicó, quando começou...?

Almir: Ensinando, foi em Caicó! Eu terminei o ginásio em Catolé do Rocha, aí, vim pra Caicó, fiz o primeiro ano Científico e... A coisa mais interessante que existia na época é que, quem ensinava matemática lá no Joaquim Apolinar, era um irmão meu, aí, ele foi pra Natal, se preparar para fazer vestibular, e eu era aluno do Diocesano: “quem é que vai substituir Ângelo?” – que era o meu irmão. Disseram: “aqui tem um irmão dele que é muito bom em matemática”. Aí, eu fui procurado, né? Procuraram, na época, padre Tércio, que era o diretor do Diocesano, fizeram uma verdadeira sindicância ao meu respeito, meu comportamento como aluno, se eu era realmente um aluno estudioso, coisa e tal, e eu também fui, vamos dizer, sabatinado, lá pelo diretor, que era o professor Joaquim, e fui contratado dessa maneira. (risos)

Marcelo: Está certo. Professor, qual foi mesmo o ano que o senhor começou a...?

Almir: Em 1971, porque em 1970 eu fazia o primeiro ano do científico.

Marcelo: Certo. Pronto. Aí, no caso, em 1971 o senhor já começou a ensinar.

Almir: É! Ensinei 1971 e 1972 aqui, quando eu fazia o segundo ano do científico, foi quando eu comecei a ensinar.

Marcelo: Certo... Professor, e como foi que o senhor fez, já que o senhor não tinha ainda uma formação específica, pra poder dar as aulas do senhor?

Almir: Você num sabe que a gente sempre se espelha em alguém? (risos) Tem sempre um ponto de referência, assim como, vamos dizer, o jogador de futebol, que tem seu ídolo que desempenha as suas atividades no futebol de acordo com aquele ídolo dele? A mesmo coisa, eu procurava me espelhar naqueles professores que eu tinha como ídolo, por exemplo, matemática tinha João Bangu, tinha D. Neta[17] que eram casados, ambos tinham sido meus professores, muito bons professores, então eu procurava me espelhar neles. E por coincidência, eles me tiravam muitas dúvidas. Às vezes eu tinha dúvidas quando tava lá, ensinando, você com a formação do ginásio, ensinando o ginásio, é claro que só podia ter dúvidas, né? E eu procurava sempre eles, e nunca se negaram de me tirar as dúvidas, me ajudaram bastante, me incentivavam. Era dessa maneira que a gente procurava, vamos dizer, desempenhar as nossas atividades como professor.

Marcelo: Sim. Então, digamos, que a formação que o senhor buscou foi o exemplo do...

Almir: O exemplo dos meus professores. [Está] vendo?

Marcelo: Certo. Está certo, professor. Então, o ingresso [oficial] no magistério já se deu neste mesmo período?

Almir: Foi, foi nesse período e eu ingressei através de convite, né? Como eu já lhe ressaltei, na época tinha uma pesquisa a respeito da pessoa. Precisava de um professor: "quem a gente poderia contar como professor?", aí, vamos dizer, fazia, assim, uma pesquisa dos melhores alunos e convidava e se aceitasse ingressava como professor.

Marcelo: Sim. Professor, e tinha algum registro, o senhor recebia algum registro, alguma licença para ensinar, não?

Almir: Não, não, não, não... A única coisa que a gente tinha, quando a gente ingressava, é que tinha esses cursos de atualização, né? Mas era tudo com carteira assinada, tudo direitinho. Certo? Não havia, vamos dizer, apadrinhamento político nessa época, não. Na verdade, como

[17] A professora Isabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz, conhecida como D. Neta, é aposentada como professora de matemática pela rede estadual de ensino. Ela também é colaboradora de nossa pesquisa. Ver o texto "*Professora Neta"*.

eu disse a você, uma sindicância através de seus ex-professores, de ex-diretores. Havia uma seriedade com relação à educação.

Marcelo: Mas, como a necessidade era grande, eles não exigiam nenhum tipo de formação, né? Aí, no caso do senhor, a formação pra lecionar, como o senhor já falou, foi essa do exemplo dos ex-professores e tiveram os cursos de atualização?

Almir: Exatamente! Eu procurava me espelhar nos ex-professores, seguir os seus exemplos, né? E tinham os cursos de atualização. Que eram muito bons esses cursos e preparava realmente os professores pra ensinar naquele nível que ele estava sendo preparado, no [meu] caso, a nível de primeiro grau, que era o ginásio, né? Eram disciplinas voltadas exclusivamente para o ginásio. As disciplinas que a gente via lá nesses cursos, como matemática, era matemática da primeira, da segunda, da terceira e da quarta séries. Certo? Não eram disciplinas de matemática diferentes do que a gente lecionava, não. Certo? Era te preparando para realmente saber se você sabia daquilo que tava ensinando.

Marcelo: E tinham avaliações, professor?

Almir: Tinham! Constantemente a gente era avaliado, como também reprovava. Viu?

Marcelo: Ah, tá certo! E, no caso, se reprovasse, professor? Tinha algum problema?

Almir: Aí... Se fosse reprovado, ele tinha uma segunda oportunidade, se na segunda oportunidade não obtivesse êxito, aí, automaticamente, era eliminado do quadro.

Marcelo: Sim, certo. Aí, fazendo esses cursos vocês recebiam alguma coisa, professor? Algum certificado?

Almir: Recebia! Recebia certificado, diploma, tudo bem direitinho. Certo? Inclusive, recebia até o incentivo também de melhorar o salário da gente, né? Por cada curso desse de atualização, a gente recebia um certificado e um aumento nos vencimentos. Certo?

Marcelo: Certo... Professor, o senhor lembra quem eram os professores desses cursos?

Almir: Eram professores de Natal. Eram professores, vamos dizer, de uma formação, já, bem superior a nossa, né? Professores especialistas em cada disciplina que lecionava lá. Realmente eram professores preparados.

Marcelo: Umhum... Professor, além desses cursos de formação que o senhor disse que tinha, durante o ano, tinham outro cursos também que formavam professores para a região, não?

Almir: Que eu saiba, não. A não ser, quando fazia universidade, se preparava lá fora, em Natal, aí, prepara professores mesmo, a nível [superior]... Outros níveis, não tinha, não. Certo? E esses cursos eram específicos só pra professores, quem já exercia a profissão de professor. Não era, vamos dizer o seguinte: “eu queria ser professor”, mas ainda não era

professor, e ir fazer esses cursos de atualização? Não! Era permitido só para quem já era professor, quem se encontrava em sala de aula.

Marcelo: Certo. Professor, e iam [professores] de todos os interiores, ou era só de Caicó?

Almir: De todos os interiores! De todos os interiores... Onde existia o ginásio, iam fazer atualização lá para o ginásio. Agora, eu não sei se tinha esses cursos de atualização em nível de segundo grau, eu não sei.

Marcelo: E eram obrigatórios, professor, esses cursos? Os professores tinham que ir, ou não, eles poderiam ficar, optar por não fazer?

Almir: Podiam optar por não fazer, mas, em compensação... Todos nós queremos, vamos dizer, angariar melhores dias, em termos de profissão, não é? Então, ninguém se negava a ir, não. Todo mundo ia fazer esse curso. E tinham uns cursos [específicos], vamos dizer, em nível de todas as disciplinas, por exemplo, no meu caso, matemática, era um curso específico de atualização de matemática. Ensinava ciência, tinha o curso de atualização em ciências; geografia... E assim por diante. Certo?

Marcelo: Certo... E recebiam materiais também, professor? Apostilhas...?

Almir: Recebia, tudo direitinho! Apostilha. Tudo direitinho.

Marcelo: O senhor tem esse material, ainda?

Almir: Não, tenho não.

Marcelo: Certo. Professor, o senhor começou a fazer, no caso, em 1971 também, que foi o ano que começou a ensinar?

Almir: Eu fiz em 1971 e em 1972, certo? Foram vários cursos que a gente fez, eram só cursos de atualização. Né?

Marcelo: Sim. Aí, no caso, em 1973 o senhor já não fez mais porque...[?]

Almir: Em 1972 eu fui [para Natal]... outro detalhe também, o Estado ele se preocupava, vamos dizer, hoje você tá fazendo uma universidade, aí você vai fazer um mestrado, um doutorado, a universidade fica pagando normalmente o seu salário. Na época, eu fui fazer o curso de Licenciatura de Curta Duração em Recife, o Estado ficou me pagando normalmente o meu salário, e eu tinha lá uma bolsa, em Recife, que era bem superior ao que eu ganhava no Estado. Por isso que era bem motivante a gente ir fazer esses cursos.

Marcelo: Sim. Professor, então, só pra entender melhor, o senhor começou em 1971 a ensinar aqui, né? Aí, o senhor entrou no vestibular lá em Natal quando?

Almir: Foi em 1973. Passei no vestibular em 1973 e em 1974 fui pra Recife fazer Licenciatura de Curta Duração. Aí você me pergunta: “por que você deixou o curso de

matemática, pra fazer esse curso de Licenciatura de Curta Duração?" Porque era um curso que lhe dava, vamos dizer, ascensão em termos financeiros, pro Estado, além de conhecimento. O Estado incentivava você a ir. Você ficava recebendo do Estado o salário normalmente, [além de] uma bolsa lá, então, a minha ida pra Recife foi essa, em termos de melhorar os meus vencimentos em um curto espaço de tempo e melhorar o meu salário. Né? Como também, a Universidade liberava para que você fosse e depois retornasse, que sua vaga estava garantida. Certo?

Marcelo: No caso, professor, o senhor não deixou de ensinar nenhum ano, só quando foi pra Recife?

Almir: Só quando fui pra Recife!

Marcelo: Aí, no caso, o senhor foi pra Natal porque passou no vestibular. Automaticamente o senhor já conseguiu uma vaga lá pra ensinar, também?

Almir: Consegui uma vaga automaticamente pra lá. Naquela época não tinha muita dificuldade de você ser transferido de um canto pra outro não. Todo tipo de incentivo se dava para o professor. Não é? Se você tava procurando melhorar os seus conhecimentos, ia fazer uma universidade, e a universidade só tinha em Natal, então, não tinha porquê o Estado, vamos dizer, me prender aqui. Liberava automaticamente, não tinha problema nenhum.

Marcelo: No caso, formação superior, como o senhor estava dizendo, só tinha em Natal, nesse período?

Almir: Só tinha em Natal. Geralmente todo mundo ia pra Natal.

Marcelo: Certo. Então, a formação das outras regiões aconteceu da mesma forma... [?]

Almir: Da mesma forma, exatamente.

Marcelo: Professor, e o curso de Matemática lá de Natal, o senhor passou em 1973, ele já existia há muito tempo?

Almir: Eu tenho a impressão que naquela época era um curso bastante novo o curso de matemática, tinha mais curso de engenharia, curso de medicina, curso de direito... É tanto que foi criado inicialmente, em Natal, o Instituto de Matemática[18], onde se dava o curso de Matemática, certo? O vestibular, [de] primeiro, o que eu tenho conhecimento é o seguinte, que você prestava o vestibular para a área de tecnologia. Aí, dependendo do seu desempenho, você procurava ingressar no curso de Matemática, no curso de Física, no curso de Engenharia, no curso de Arquitetura e por aí vai. Mas só que, quando eu fiz o vestibular, já foi especificamente pra Matemática. Nessa época, você já fazia o vestibular especificamente pra

[18] O Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (IMURN) foi instalado no dia 03 de junho de 1966.

aqueles cursos que você gostaria de fazer. Mas, anteriormente, que eu tenha conhecimento, era assim que era feito, na área tecnologia, na área biomédica... Aí, depois você escolhia qual era o que você ia seguir. Não sei bem como era. Só sei que, na época, quando eu fiz o vestibular, foi especificamente pra Matemática.

Marcelo: Certo. Professor e como era a infra estrutura que tinha disponível lá pra o curso?

Almir: O curso de Matemática, à época, era um curso que, vamos dizer, estava engatinhando. A dificuldade era muito grande. Por exemplo, aulas de... como era meu Deus? Aulas de informática? Não sei se era bem informática o nome da disciplina, mas você não tinha acesso a computador, não é? Primeiro de tudo que a gente não tinha acesso aos computadores, a gente fazia os programas e mandava. Muitas vezes a gente comentava entre os colegas, porque a gente preparava determinados programas que iam pro computador, todos iguais... O seu ia correto, o meu não ia correto e era igual ao seu, aí, a gente não sabia como era feito aquilo, né? Eu sei que era engatinhando, era muita dificuldade nesse setor de informática. Certo?

Marcelo: Certo... Isso era no setor de informática, não é? E, por exemplo, biblioteca, tinha infra estrutura? Não?

Almir: Não, era muito pequena a estrutura. Mas, era praticamente a gente que comprava os livros mesmo, porque a biblioteca era também muito arcaica.

Marcelo: Sim. E o corpo docente professor?

Almir: O corpo docente era de professores de formação em nível de graduação. Praticamente, naquela época, quando eu comecei, não tinha mestre, não tinham doutores, mas eram professores que se dedicavam, né? Assim como eu quando comecei a ensinar o ginásio, só tinha o ginásio; eles só tinham a graduação e ensinavam a graduação, mas se dedicavam e, realmente, não tinha nada a desejar, não.

Marcelo: Professor, o curso era novo ainda, né? Esses professores eles eram de onde?

Almir: Esses professores... Tinha professor de Natal, tinha professor do Ceará... [De] onde tinha muito era cearenses (chiando), a gente dizia: “o danado é cearense” (risos). Né? Porque, na verdade, a gente sentia que o Ceará era bastante avançado em termos de preparação de professores, né? A maioria desses professores era do Ceará.

Marcelo: Certo. Mas o senhor tem conhecimento se tinha de outras regiões também, ou não? Por exemplo, tinha da Paraíba, ou de Recife?

Almir: Tinha, tinha! Tinham professores da Paraíba, tinham professores de Recife, mas a maioria era do Ceará.

Marcelo: Certo, professor. E como era o funcionamento do curso? Ele funcionava com disciplinas específicas e didáticas?

Almir: Eram disciplinas específicas. Hoje eu não sei, mas deve ser também o ensino específico, pro exemplo, Calculo um, dois, três e quatro, né? Álgebra Linear um e dois, Álgebra Abstrata, Geometria Descritiva... Essas disciplinas que são dadas hoje. O sistema de avaliação era através de créditos, certo? Você fazia a avaliação, do primeiro crédito, o segundo crédito, terceiro e quarto créditos e assim por diante, né?

Marcelo: Certo! No caso, era bacharelado, a formação, ou era licenciatura?

Almir: Eram as duas, tinha o bacharelado e tinha a licenciatura. No meu caso eu fiz a licenciatura.

Marcelo: Certo... Mas a formação era igual, não?

Almir: Não, não! As disciplinas específicas, sim! Só que as disciplinas, vamos dizer, pedagógicas, que a gente chama, praticas de ensino e outras que tem, psicologia, essas coisas, no curso de bacharelado não eram dadas essas disciplinas. No curso de licenciatura, que era preparando professor a nível de primeiro e segundo grau, aí, tinham essas disciplinas voltadas para educação, né?

Marcelo: Certo. Elas eram distribuídas ao longo do curso, ou elas eram concentradas em um período?

Almir: No final do curso. Praticamente no último período era um período só dessas disciplinas específicas voltadas pra educação. É... Aula de prática, que a gente estagiava nos colégios, né? Que chamavam de Prática de Ensino de Matemática, então, você estagiava nos colégios, dando aula nos colégios e acompanhado pelo professor da disciplina. Era a prática de ensino da universidade, tá certo?

Marcelo: tá certo... Professor, e a formação lá do curso de Recife que o senhor falou, a Licenciatura de Curta Duração?

Almir: A licenciatura de curta duração era chamada de Licenciatura de Curta Duração em Ciências. Então, preparava, vamos dizer, o professor para [ensinar] matemática, física e biologia. Essas três disciplinas. Certo? Mas, vamos dizer, eram dadas essas disciplinas comuns, era professor voltado para a área de ciências.

Marcelo: Certo. E não existia habilitação para esse curso?

Almir: Não. A habilitação... Vamos dizer, no meu caso, eu quando fui, fui com o interesse em Matemática, mas, as mesmas disciplinas que eu fazia, vamos dizer, para Matemática, você, se

fizesse pra Biologia, pagava[19] as mesmas disciplinas. Inclusive, eu tive várias disciplinas que eu paguei lá, nesse curso em Recife, que foram aproveitadas em Natal, como Fundamentos de Matemática que eu paguei lá, foi aproveitado em Natal.

Marcelo: Professor, o curso era de um ano e meio, não é? Esse curso é o que era ofertado pelo PREMEN[20], eu acho, pelo CECINE[21]?

Almir: CECINE! Exatamente! Na época era CECINE. Acho que era Centro de Ciências Exatas do Nordeste. Esse curso abrangia o Norte e Nordeste, a gente tinha colegas do Amazona, do Pará, do Acre, de todo canto a gente tinha...

Marcelo: Sim... Professor, e como era pra ingressar nesse curso, era por seleção, não?

Almir: Era seleção! Era tipo um vestibular. A gente fazia tipo um vestibular, aí, ingressava. Os aprovados eram chamados, né?

Marcelo: E todos os alunos ganhavam bolsa?

Almir: Todos os alunos ganhavam bolsa! Agora a gente tinha, vamos dizer, a mesma regalia dos alunos normalmente da universidade[22], a gente fazia refeição no restaurante universitário, tudo direitinho. Os professores, eram professores da universidade...

Marcelo: Professor, o sistema lá também era de crédito?

Almir: Sistema de crédito.

Marcelo: E o funcionamento, semestral? Não era intensivo, não... o curso?

Almir: Eram cursos intensivos... Você não tinha férias, você terminava uma disciplina, automaticamente começava outra. Agora, sistema de crédito.

Marcelo: Era por blocos, não? Era por disciplinas?

Almir: Era por disciplina.

Marcelo: Aí, como era o funcionamento, professor, o curso era só pela manhã, ou era manhã e tarde?

Almir: Era manhã e tarde! Era intensivo mesmo. A gente só faltava se matar de assistir aula (risos).

Marcelo: Isso, o ano e meio de curso todo?

---

[19] Na região, quiçá no estado, é muito comum o emprego do tempo "pagar" para se referir a cursar determinadas disciplinas no nível superior.

[20] O Programa de Expansão e Melhoramento do Ensino Médio (PREMEM) foi criado na década de 1960 pelo Governo Federal. No ano de 1972 esse programa é ampliado e ganha a denominação de Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (PREMEN).

[21] O Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE) foi criado pelo MEC em 1965 e tinha, entre outros objetivo, o de formar professores nas áreas de ciências e matemática, para os níveis de ensino ginasial e colegial.

[22] O professor refere-se à Universidade Federal de Pernambuco.

Almir: Exatamente! O curso todo. E no final a gente tinha, vamos dizer, aulas práticas de ensino, a gente estagiava nos colégios, eu estagiei num colégio de... como é o nome, meu Deus? Boa viagem! Né? Naquela praia famosa de Recife.

Marcelo: Certo, professor. Aí, existia um número limite de vagas por estado, ou não?

Almir: Existia, existia. Existia um número. É tanto que preenchidas aquelas vagas, pronto, automaticamente não entrava mais ninguém.

Marcelo: Entendi. Então, a seleção era feita por estados, não?

Almir: Feitas por estado! Eu prestei esse, vamos dizer, vestibular em Natal. Aí, de lá eu fui aprovado e fui pra Recife.

Marcelo: Sim! E tinha alguma coisa em relação a regiões, professor, não? Por exemplo, a região de Caicó tem tantas vagas, a região... [?]

Almir: Não. Era destinado, vamos dizer, cinquenta vagas pra o Rio Grande do Norte, os cinquenta melhores alunos eram aproveitados, né? Os demais não podiam ir, não.

Marcelo: E não tinha nada a ver também com o aluno estar na graduação, não? Tinha diferença?

Almir: Não... E tinha outro detalhe, eu vou só lhe dizer, você pode perguntar: "esse curso era específico só para professores?" Não. Ele era aberto pra todo mundo. Certo? Se você fosse professor, se não fosse... Só que o professor tinha essa regalia de ter esse direito de ter essa bolsa de estudo e tinha os vencimentos dele do estado normalmente!

Marcelo: No caso, ele tinha que voltar para pagar o tempo que passou afastado do Estado, ou não? Porque hoje, por exemplo, o professor da universidade se ele quiser o afastamento para fazer a pós-graduação ele tem, mas aí ele tem que voltar para a universidade e passar o mesmo período que passou, fora, na universidade, ou não tinha isso?

Almir: Não, não, não. Não existia isso, não. Vamos supor o seguinte, se eu voltasse de lá e fizesse concurso para a escola federal, não tinha problema nisso aí, não. Não tinha problema nenhum, não, viu?

Marcelo: Certo... Professor, e a estrutura do curso de Recife?

Almir: Excelente! Excelente! Inclusive, lá a gente tinha laboratórios de práticas, né? E o melhor que eu achava de lá, dos laboratórios, o laboratório de ciências, era um laboratório excelente. Em que a gente pesquisava mesmo! Era muito bom.

Marcelo: Professor, o senhor lembra a carga horária desse curso, não?

Almir: Se eu não me engano, eram 1.650 horas.

Marcelo: E o de Natal o senhor recorda?

Almir: O de licenciatura? Se eu não me engano eram 2.200.

Marcelo: Nossa! E a diferença de tempo era bem [pouca]...

Almir: Era, pouca coisa! Era. Era por aí, viu? Eu tenho a impressão que era 1.650 e 2.200 horas.

Marcelo: Certo! Lá, embora fosse uma formação mais geral, como o senhor falou, né? Que era para habilitar professores para o ensino de matemática, ciências... O senhor pagava também disciplinas específicas de Matemática, no caso, Álgebra Linear...?

Almir: Não, não, não, não.... Lá, eram, vamos dizer, disciplinas voltadas para... tipo o curso PIPEM. O PIPEM preparava a nível ginásio, lá era, vamos dize, a nível de ginásio e de científico. Eram disciplinas que [preparavam para o ensino]... Era tanto que, das disciplinas específicas que foram aproveitadas, foi aproveitado psicologia do ensino, prática de ensino... EPB[23] a gente pagou também lá, foi aproveitado, né? Quer dizer, tinha umas disciplinas que eram [de] nível universitário e tinham outras que eram específicas do curso, pra ensinar o conteúdo, certo? É. Pratica de ensino foi aproveitado. A prática de ensino que eu paguei lá em Recife foi aproveitado em Natal, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Marcelo: Certo... E os professores de lá, o senhor recorda quem eram? Eram professores da Universidade, né? Mas vocês tinham vínculo com a Universidade, não?

Almir: Era na própria Universidade Federal. Na própria Universidade Federal de Pernambuco. Vamos supor o seguinte, Natal tem o Centro de Biociências, que é um centro específico, né? Lá tinha, vamos dizer, os departamentos, departamento tal, departamento tal e tal, e lá é como se fosse um departamento de um curso, né? Era o curso de ciência, de curta duração.

Marcelo: Umhum... O senhor lembra de algum professor que ensinou ao senhor nesse curso lá? O nome de alguém?

Almir: Eu me lembro do professor de EPB, que inclusive era autor do próprio livro de EPB, na última avaliação era que cada um falasse sobre, fizesse um trabalho sobre o seu estado. O nome do professor era Antônio Rafael de Menezes, era o autor do próprio livro. Eu me lembro que eu coloquei na capa do meu trabalho a bandeira do Rio Grande do Norte e, além de você fazer o trabalho sobre o seu estado, você tinha que apresentar, era como se você estivesse defendendo uma tese, certo? E eu me lembro que eu comecei expondo o meu trabalho [pela capa], explicando o que era cada coisa daquela [na bandeira do estado]. Tinha a carnaúba, tinha o barco, que era a pesca, né? Tinha o negócio do minério, o algodão da

[23] Estudos de Problemas Brasileiros.

época... Eu não me lembro bem... Quer dizer, eu comecei explicando o que era cada coisa daquela no Rio Grande do Norte, e no final o professor me deu nota dez pela minha exposição (risos).

Marcelo: tá certo. Professor, agora me veio outra pergunta, era tudo pago, o senhor recebia a bolsa e tinha também os vencimentos do Estado, mas e pra ficar lá hospedado, eles ofereciam algum local para ficar hospedado, não?

Almir: Não. Essa bolsa era justamente para que a gente... A universidade fornecia a alimentação, mas a gente pagava. Eu não sei se Natal hoje paga, na minha época pagava também. Era uma taxa simbólica, mas pagava, assim como lá a gente comprava os tickets de refeição, ou vale de refeição, né? A gente comprava para o mês todo, ia lá e comprava e tinha para cada dia aquele vale refeição. Lá em Natal, na época que eu estudei lá, também era assim, o restaurante para você fazer refeição era através do vale refeição ou ticket refeição, alguma coisa assim.

Marcelo: Sim... Professor, e esse curso era ofertado por estado, ou não? Tinha a seleção nos estados, mas ele era dado para todo mundo junto?

Almir: Era dado para todo mundo junto. Eu acredito que lá as salas de aula eram por ordem alfabética. É tanto que, na sala de aula tinha gente de toda parte. Se eu não me engano era assim. Era ordem alfabética... Letra a, letra b, letra c... Vamos supor, se uma turma não dava para completar com a letra b, aí entrava na letra c e por aí vai, né? Mas era em ordem alfabética.

Marcelo: E o senhor lembra aproximadamente quantos alunos tinham por turma?

Almir: Eram em torno de quarenta e cinco a cinqüenta alunos. Era. Era nessa faixa. [E no geral,] se eu não me engano, era em torno de uns quatrocentos alunos... Era em torno de uns quatrocentos alunos. Era muita gente!

Marcelo: Sim. O senhor se lembra de outros alunos aqui do Estado, de quais regiões eles eram? O senhor teve contato com outros alunos [daqui] que foram fazer esse curso?

Almir: Tive. Me lembro, tinha gente de Caicó, tinha gente de Mossoró, tinha gente de Natal, tinha de Santa Cruz[24], tinha de Patu[25]. Certo? Eu acredito que praticamente de todo estado tinha gente. Fosse aprovado no exame de seleção, ou no vestibular, [ia]. Porque era aberto, como eu digo, pra todo mundo, né? Aí, [aqueles com] as melhores notas eram aproveitados.

---

[24] Santa Cruz, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Agreste Potiguar, Microrregião de Borborema Portiguar. Localiza-se a, aproximadamente, 151 km de Caicó e 122 km de Natal.

[25] Patu, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal. Localiza-se a, aproximadamente, 85 km de Caicó e 317 km de Natal.

Marcelo: Certo... Professor, e o senhor tem conhecimento de algum aluno que tenha ido fazer o curso e não tenha voltado?

Almir: Que tenham desistido? Tenho conhecimento de muitos. Vamos supor o seguinte, quando houve um período de umas férias que parece que foram oito ou foram quinze dias, alguns alunos não retornaram mais, certo?

Marcelo: Aí, no caso, quando acontecia isso, professor, eles tinham que devolver o [dinheiro]...?

Almir: Quando... Não, eles não devolviam o dinheiro, mas em compensação não obtinham o diploma, né?

Marcelo: Professor, e os conteúdos de matemática, o senhor lembra quais eram vistos no curso?

Almir: O conteúdo, como eu disse a você, era um conteúdo específico das disciplinas que a gente lecionava em nível de primeiro e de segundo grau, tanto na parte de ciências gerais, como na de biologia, na parte de física, na parte de matemática, era o que a gente via, normalmente, na parte do ginásio e do científico, certo? Era tudo, tudo, tudo, tudo o que tinha em nível de ginásio e científico a gente via. Agora, é claro que era dado com um nível bem mais elevado do que como se você fosse aluno do ginásio, aluno do científico, né? Era dado um curso muito corrido. A gente via muita matéria em curto espaço de tempo, né? Era um curso muito arrojado.

Marcelo: Esse curso o senhor fez em 1974, início de 1975?

Almir: Foi... Não. Eu vou já lhe dizer, foi no meio do ano de 1974, ao final de 1975. A gente entrou lá em agosto e foi até dezembro de 1975.

Marcelo: E foi a primeira turma, professo, desse curso... não?

Almir: Não, já tinham entrado várias turmas...

Marcelo: Aí, as outras edições o senhor não teve conhecimento? Ou o senhor não tentou?

Almir: Não, é porque na época eu não tinha terminado o científico, né? Aí, não tinha tentado. Na hora que eu terminei o científico, que eu tente, aí, fui aprovado e fui pra lá.

Marcelo: Ah, certo... E ele tinha turmas entrando todos os anos, ou [não]?

Almir: Quando terminava um curso, vamos dizer, um período de ano e meio, aí, entrava outra turma.

Marcelo: Ah, entendi! Então, no caso deve ter acontecido em setenta e três e metade de setenta e quatro, aí, entrou outra em setenta e quatro.

Almir: Exatamente. Eu sei que, quando terminava um curso de Licenciatura em Curta Duração, aí, só havia vestibular pra outro curso de CECINE quando aquela turma terminasse por completo. Certo?

Marcelo: Entendi! Então, no caso, tinha que terminar em um ano e meio ou eles prorrogavam?

Almir: Não, prorrogavam não! Se você não fosse aprovado, você não receberia o diploma, né? E é tanto que esse período era um curso intensivo. E eu acredito que não havia seleção durante outros períodos porque não tinha espaço pra atender esse pessoal. Porque todas as salas de aula eram ocupadas até terminar o curso.

Marcelo: Sim... Professo, voltando aqui [para as fichas], no caso, como eram as escolas e o cotidiano, durante o exercício do magistério do senhor?

Almir: Como assim?

Marcelo: Como era durante o período que o senhor tava ensinando, o cotidiano escolar? Mudou do período que o senhor estudava, ou não, era a mesma coisa?

Almir: Era a mesma coisa. Era a mesma... As mesmas disciplinas, os mesmos métodos de ensino, tudo era a mesma coisa.

Marcelo: Tanto aqui em Caicó como lá em Natal também, ou não?

Almir: Como lá em Natal também, era a mesma coisa.

Marcelo: Certo. Lá em Natal o senhor ensinou em quais escolas mesmo, professor?

Almir: Rapaz, eu ensinei em tanta escola em Natal (risos). Eu ensinei no Churchill[26], ensinei no Padre Monte[27], ensinei no Nossa Senhora das Neves[28], ensinei no Café Filho[29]... Em que mais meu Deus? Na Escola Técnica Federal[30], ensinei no curso Delta, que era curso de preparação pra o vestibular. Tinha semana de eu dar cinqüenta e seis aulas por semana... Aguentava porque eu era novo. Saia de manhãzinha de casa e chegava de dez, onze, doze horas da noite em casa (risos). Era uma correria grande, né?

Marcelo: E isso fazendo também a graduação junto, ou não? Já tinha terminado?

Almir: Fazendo a graduação. Eu saia de casa, vamos dizer, de seis horas da manhã, ia pra Universidade, almoçava no campus universitário; do campus universitário eu ia direto pro curso Delta, dava aula até três horas no curso Delta; do curso Delta ia pro Padre Monte, dava

[26] Atualmente, Escola Estadual Winston Churchill.
[27] Atualmente, Escola Estadual Padre Monte.
[28] Atualmente, Escola Estadual Nossa Senhora das Neves.
[29] Atualmente, Escola Estadual Presidente Café Filho.
[30] A Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN), foi assim nomeada em 1968, atualmente recebe o nome de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

aula até seis e meia da noite; aí, ia para o Café Filho, no Café Filho dava aula até dez horas da noite. Era muito pesado, num tô dizendo, só aquentava porque era novo. Agora, um problema também de eu dar essa ruma de aula é porque a gente foi morar em Natal, uma família grande, e os únicos que ganhavam dinheiro era eu e mais dois irmãos. A gente é que mantinha os demais irmãos, por isso é que a gente tinha que dar muita aula, pra ganhar um pouco [mais] pra sustentar os demais irmãos, certo? Nossos pais muito pobres, né? Uma vida de muita dificuldade, mas eu não tenho nada a reclamar.

Marcelo: Sim... Professor, aí, como era que o senhor fazia pra estudar pras disciplinas da faculdade?

Almir: Final de semana! Dia de sábado, dia de domingo... aí, a gente tirava [pra estudar], tinha aquela turma de colegas que já se reunia pra estudar. Festa a gente não tinha direito, só no período de férias. Era uma vida voltada, praticamente, só pra dar aula e estudar (risos)...

Marcelo: Professo, o senhor terminou a graduação em 1979, mais ou menos, ou não?

Almir: Terminei em... Acho que foi em 1978. Em 1978 ou em 1979. Eu sei que eu atrasei um ano porque pagava poucas disciplinas, devido dar muita aula. Não tinha condição de pagar as disciplinas todas que eram oferecidas durante o período. Mas, mesmo assim, ainda consegui ser o primeiro da minha turma (risos).

Marcelo: Isso, mesmo indo pra Recife...?

Almir: Num tô dizendo, mesmo [indo] pra Recife... Exatamente! Aqui de Caicó, quem concluiu comigo foi Norman. Norman foi um colega meu no científico, aqui, e eu terminei a faculdade com ele. Fui pra Recife, fiz o curso de lá, voltei e ainda terminei com ele (risos).

Marcelo: Olhe aí! Certo! Professor, e como foi o exercício do magistério para o senhor?

Almir: O exercício do magistério, assim, em qual sentido você pergunta?

Marcelo: Quais as impressões que o senhor guarda, do período que o senhor ensinou?

Almir: As melhores possíveis! As melhores possíveis! Porque, como eu já lhe ressaltei, existia um comprometimento muito grande, por parte dos professores, pro ensino. Muito grande mesmo. Em termos de responsabilidade, cumprimento do dever... Eu acho que no momento que você se compromete com alguma coisa, com alguma causa, mesmo que você tenha carência em alguma área, você consegue superá-la através dos seus esforços, da sua dedicação, né? Era assim que a gente educava, e os professores que ensinavam a gente também. Eu acredito que deve ter sido todo mundo a mesma coisa... No sentido do comprometimento.

Marcelo: Umhum... Professor, e os alunos que estudavam com o senhor, lá da graduação da UFRN, todos eles ensinavam já, ou não?

Almir: Não. Não, mas a grande maioria ensinava. Certo? A grande maioria ensinava, quem era do curso específico de matemática... Que era uma maneira de, vamos dizer, de se custear, né? Porque, na época, eram pessoas que lutavam com muitas dificuldades. Emprego era muito difícil, né? Uma válvula de espace era ensinar.

Marcelo: Entendi! Professor, e Caicó no início do magistério? Como era aqui a cidade, quando o senhor começou a ensinar?

Almir: Ai que saudade daquele tempo (risos). Era uma cidade muito boa. A gente dormia no meio da rua e não tinha problema nenhum. Hoje, é um Deus nos acuda com relação à segurança, né? Você levantava de madrugada pra fazer educação física, nas escolas, saia no meio das ruas, não tinha problema nenhum, não existia tanta insegurança como tem hoje. Mas, é isso mesmo, isso faz parte da evolução do tempo, né?

Marcelo: É verdade... Professor, e como foi que o senhor retornou a Caicó?

Almir: Que eu sempre fui tarado por Caicó. Eu digo tarado porque eu sempre gostei muito de Caicó. E meu sonho... É tanto que eu fui fazer educação porque era uma das maneiras de eu voltar, era me fazendo ser professor de Caicó. Como eu queria muito bem a Caicó, eu digo: "meu curso vai ser um curso voltado pra educação". É tanto que eu fiz um curso pra matemática, porque o meu pensamento era de um dia retornar a Caicó. Certo? Como eu retornei mesmo. Na época, quando eu terminei minha faculdade... Vou lhe dizer mais um detalhe: naquela época a gente recebia convites pra vir ensinar. O concurso que a gente fez pra universidade foi uma monografia, tipo um trabalho inédito, aí aquele trabalho foi avaliado... Eu me lembro que o meu trabalho foi "estudo da Matemática através do ensino personalizado", mostrando que você poderia, por exemplo, aprender matemática sem precisar do professor. Certo? Quer dizer, foi um trabalho dessa natureza, foi como eu ingressei na universidade, foi através de uma monografia, onde essa monografia, vamos dizer, era tipo uma tese! Você defender uma tese, né? O meu trabalho foi estudo personalizado da matemática, que era mostrando que você poderia aprender matemática sem precisar do professor. Era mais ou menos nesse sentido.

Marcelo: Muito interessante! Professor, no caso, essa seleção era pra UFRN de Natal, ou já era pra cá?

Almir: Pra cá! E outra coisa... Mesmo assim, tinha muita dificuldade de conseguir professor que quisesse vir ensinar aqui em Caicó, porque todos queriam ficar em Natal. Mesmo Natal

tinha carência de professor, como eu já disse a você, vinha professores de outros estados pra ensinar em Natal, imagina o interior do Estado, né? Hoje não, hoje aqui a gente tem concurso que é aberto, tem gente do país inteiro. Eu soube que tem professor do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, praticamente do país inteiro têm professores aqui.

Marcelo: Certo. Professor, e aí, no caso, o senhor chegou aqui, voltou, em que ano?

Almir: 1980! Em 1979 eu ensinava no Estado e na escola técnica federal de Natal. [Há] um detalhe bem interessante do meu ingresso na escola técnica federal. O meu professor de prática de ensino era diretor da Escola Técnica Federal, Marcones Muniz Guimarães. Não sei o que era que ele via em mim, eu sei que... uma amizade, um laço de amizade muito grande, que ele me pediu que quando eu terminasse o curso de Matemática, levasse o currículo pra escola técnica federal. Eu levei e quando foi, mais ou menos, em março, já tinha começado até as aulas, eu digo: "Ah, eu acho que Marcones esqueceu de mim!"; quando foi um dia, eu recebi um telefonema dele, era me chamando pra ir ensinar na escola técnica federal. Aí, ensinei um semestre lá, ou foram dois semestres, e vim pra Caicó.

Marcelo: No período era ETFRN, ainda?

Almir: ETFRN, exatamente! ETFRN ainda.

Marcelo: Ah, então o senhor entrou lá no ETFRN também por convite, não?

Almir: Por convite! Foi, foi! Levei apenas o currículo, né? Meu currículo, sem modéstia, era muito bom, e o professor Marcones, que era o diretor, foi quem me pediu para levar o currículo pra lá e foi quem telefonou pessoalmente pra mim, pra eu me apresentar (risos).

Marcelo: Certo! Professor, e aqui em Caicó, quando o senhor veio, professores, tinha o senhor, professor Norman...?

Almir: Rapaz, era uma dificuldade muito grande. Pra você ter uma ideia, a gente dava em torno de quatro disciplinas todo semestre, e disciplinas diferentes. Era Cálculo, Álgebra Linear, Estatística... A gente era, vamos dizer, um professor polivalente na área de Matemática. Hoje não, porque, vamos dizer, um professor de Matemática se dedica a parte de Álgebra Linear, outro de Cálculo... Não. A gente ensinava era todas, até prática de ensino a gente dava (risos). Tudo! Todas as disciplinas do curso de matemática eu lecionei. Todas. Sem exceção. É tanto que, por exemplo, eu não saí para fazer mestrado por falta de condições de ir, porque não tinha quem desse aula no meu lugar. Hoje, não. Tem como suprir essa deficiência, tem os professores, né? O número de professores é bem maior. Mas, na minha época, era muito reduzido o número de professores. A gente se matava mesmo dando aula. A gente dava em torno de trinta, quarenta aulas por semana.

Intervenção de um cliente que estava no local: você deve ter lembrado daquela época que entrou todos da universidade que eram professores do segundo grau, que a faculdade era ali, onde hoje é o ensino de [...] Caicó...

Almir: É, exatamente, no colégio Diocesano, começou a funcionar lá. Eu vou dizer uma coisa aqui a você... Eu costumo dizer que os cursos de Caicó não deixa nada a desejar a nenhum curso dos outros cantos, pelo menos na nossa parte, apesar de ser professor só graduado, a grande maioria era assim, era raro um professor que tinha mestrado. Muito difícil. Mas eram professores que se dedicavam mesmo ao ensino, de corpo e alma. Aí, eu dizia que não tinha nada a desejar porque ex-alunos nossos faziam concurso pra universidade e eram aprovados, concorrendo com outros professores que vinham de outras cidades, de outros estados, de outras localidades, né? E nós temos vários exemplos aqui em Caicó, muitos! Muitos já se aposentaram, mas têm muitos em atividade. Por exemplo, Ione. Ione era aluna nossa de Geografia, tô citando um exemplo, Eugênia, Dasineide, Isabel... Eram alunos nossas, aqui do campus de Caicó, que terminaram o curso de graduação, veio concurso para professores e foram aprovadas e concorrendo com professores de outros centros, né? E, hoje, não sei se você sabe, o curso de Direito de Caicó hoje está em terceiro lugar no País, e o melhor do estado do Rio Grande do Norte. Isso feito avaliação através do MEC. Não sou eu que tô dizendo (risos).

Marcelo: Professor, no caso, os primeiros professores, como era que vocês faziam para tentar trazê-los, era por concurso, convite?

Almir: Sim. Inicialmente era convite. Convite, [mas] como eu disse a você, a seleção era feita através dessa monografia. Depois, não. Aí, começou concurso normalmente. Começou a aparecer, vamos dizer... A procura começou a ser grande. A evolução do tempo... Antigamente, com o ginásio você assumia os melhores empregos da região, hoje, você com a graduação, não assume mais. Não é verdade?

Marcelo: É verdade... Professor, e como era a estrutura do curso aqui? Vocês tinham muita estrutura quando começou o curso?

Almir: Não. Quando começou era uma dificuldade muito grande. Muito grande. A biblioteca paupérrima, né? Os alunos que compravam seus livros, a grande maioria, outros não, outros preparavam apostilha, tirando cópia, tirando xérox de livros. Hoje não. Hoje, o campus de Caicó não deixa nada a desejar, um grande centro. É um campus altamente equipado, né? Com laboratórios, na parte de informática, muito bons, a biblioteca, que eu tenho conhecimento, muito boa, com auditório, com tudo. Alias, a gente tomava emprestado os

auditórios nos cantos pra poder fazer a formatura do pessoa, porque não tinha local. A universidade, o campus de Caicó, hoje tem tudo.

Marcelo: Certo... Professor, no caso, e o Rio Grande do Norte, no início do magistério, para o senhor? Como era o estado?

Almir: Apesar de toda dificuldade, eu acredito que era muito melhor do que o de hoje, em nível de [ensinos de] primeiro e segundo grau. Bem melhor mesmo! A prova disso é o número de profissionais que hoje estão aposentados, como eu já citei, desses empregos de destaque, de banco, de Estado, de polícia rodoviária... De todos os itens, não é? Eram, vamos dizer, pessoas que tinham primeiro grau, segundo grau, que faziam um concurso e, realmente, passavam e davam conta do recado, não é?

Marcelo: Umhum... Professor, só para voltar um pouquinho e fazer uma pergunta ainda sobre o curso aqui de Caicó... Ele trazia alunos aqui da região, ou ele funcionava mais com alunos de Caicó?

Almir: Na verdade, na verdade esses cursos de Caicó surgiram pela grande necessidade de pessoas que não tinham oportunidade de se deslocar pra outros centros, certo? Então, vamos dizer, ouve uma campanha muito grande aqui em Caicó, a nível de Diocese, das instituições como um todo, de uma campanha junto aos políticos, aos órgãos competentes, pra trazer o curso pra Caicó, justamente para dar oportunidade a essas pessoas, a profissionais, como professores, que não tinham a oportunidade de fazer um curso superior na Capital, [por conta] das dificuldades, não é? Então, isso surgiu por uma necessidade da região. E... eu acho que trouxe muitos benefícios para a nossa região, muitos mesmo! Hoje, Caicó tem outra mentalidade. Antes e pós universidade. Não é?

Marcelo: Hum... Então, o curso daqui ele forma realmente [o pessoal da região]?

Almir: É! Eu vou lhe dizer o seguinte... esse curso de Caicó, da universidade, ele abrange além daqui, da região oeste, alto oeste do Rio Grande do Norte, uma boa parte da Paraíba. Nós temos muitos alunos aqui da Paraíba, de Brejo do Cruz, de Belém do Brejo do Cruz, de Catolé do Rocha... Tem muitos alunos daqui, da universidade daqui, que são dessas cidades, de... Meu Deus [?]... Santa Luzia, né? Essas cidades circunvizinhas, praticamente convergem todas aqui pra Caicó em termos de ensino superior, pelo menos dos cursos que são ministrados aqui, né?

Marcelo: Certo... Professor, no caso, aproveitando essa fala do senhor, de que vem muitos alunos aqui da região, de outros cantos também do interior da Paraíba... Porque o senhor me

falou antes que no Rio Grande do Norte era meio precária a situação de acessos, então melhorou um pouco nesse sentido, né?

Almir: E como! E como! É uma pena que o tal do comprometimento por parte das pessoas em termos de ensino público [tenha diminuído]... Porque, como eu frisei bem, eu não, eu não sei por que é que o professor ganha menos na escola privada do que na escola pública, e na escola privada ele não faz greve e na escola pública ele faz. Aí, não dá aula. Não é uma contradição grande? Aliás, o setor público de uma maneira geral. É tanto, que hoje você vê, os setores públicos estão privatizando essa parte de serviços prestados, né? Terceirizando, como se diz. Porque hoje o povo quer emprego, não quer trabalho (risos).

Marcelo: Ah, é verdade! (risos) Professor, e o magistério em Caicó, para o senhor? Como foi o magistério em Caicó? Como é hoje?

Almir: Ah, o magistério em Caicó... Eu acredito que as escolas privadas desenvolvem bons cursos, o Diocesano, Santa Terezinha[31], o Cuca[32], né? É tanto que o índice de aprovação em termos de vestibular é muito elevado. Acho que não tem nada a desejar aos demais do Estado. A escola pública é que, realmente, está uma verdadeira calamidade... por falta de comprometimento do professor, (risos) como eu já frisei bem.

Marcelo: Professor, quando o senhor começou, como não tinha ainda uma formação específica, a formação do senhor foi o exemplo dos ex-professores, não é? E depois que o senhor fez a graduação, o curso lá do PREMEN, o senhor percebe se mudou ou não o exercício do magistério do senhor?

Almir: Eu acredito que não... Melhorou em termos de conhecimento. Claro que nisso aí melhorou bastante, né? Agora, em termos de comportamento, vamos dizer, da minha maneira de como expor uma aula, acredito que nada mudou, porque eu sempre tive uma linha de trabalho e sempre procurei seguir aquela linha de trabalho. O que melhorou foi em termos de conhecimento. É claro que o universo ficou bem mais amplo, em termos de conhecimento, pra você ter outra visão das coisas, né? Nesse sentido melhorou consideravelmente. Agora, a linha de trabalho continuou sendo a mesma.

Marcelo: Certo. Professor, e o magistério no Rio Grande do Norte, porque o senhor falou do magistério aqui em Caicó, mas, e no estado pra o senhor?

---

[31] O atual Educandário Santa Terezinha foi fundado em 1925 como Ginásio Santa Terezinha, ligado à igreja católica, sendo o primeiro estabelecimento de ensino voltado para o público feminino na cidade de Caicó.

[32] Cuca Colégio e Curso.

Almir: Eu acredito que a mesma coisa de Caicó. Apesar de Caicó ter sido uma cidade de referência, em anos atrás, mas eu acredito que deve ser a mesma coisa aqui de Caicó. As dificuldades que essas outras cidades enfrentam é a mesma que enfrenta Caicó. Né?

Marcelo: Certo... Professor, e para o senhor, Caicó no contexto atual?

Almir: Caicó no contexto atual... Eu tenho a impressão que melhorou muito com a chegada da universidade. Depois que a universidade entrou em Caicó, a mentalidade das pessoas mudou em termos de... Todos os níveis! Como, por exemplo, em termos de visão das coisas. Uma vez uma aluna minha fez um depoimento que fazia universidade não com o intuito de exercer atividade profissionais de ensino, ou de uma profissão no estado, o que a motivou a entrar na universidade, foi de ter uma outra visão para desenvolver o comércio dela, que, aí, ela teria uma outra mentalidade, de uma pessoa com nível superior. Então, nesse sentido, eu acredito que a universidade trouxe uma contribuição muito grande para Caicó e região. tá certo?

Marcelo: Sim. E a cidade também cresceu ou [não]...?

Almir: Cresceu, né? Com isso, o comércio melhorou, houve um crescimento muito significativo em termos de emprego, haja visto o número de pessoas que se deslocam de outras cidades pra cá... Melhorou em termos de estruturas de prédio, de aluguel. Um bocado de coisa, melhorou muito pra cidade de Caicó.

Marcelo: Professor, e o Rio Grande do Norte no contexto atual?

Almir: Rapaz... (risos) No contexto atual tem melhorado numas coisas piorado noutras... Uma das coisas que a gente pode ressaltar, em termos de melhoria, foi no sentido de que o Rio Grande do Norte hoje tem uma estrutura melhor em termos de estradas, em termos de escolas, com a interiorização da universidade... e piorou em outro sentido, em termos de nossos políticos. Naquela época, os políticos, vamos dizer, eram mais honestos, né? E hoje... A roubalheira é grande demais. A coisa pública, eu não sei a que ponto vai chegar. Nesse sentido eu acho que piorou. Agora, no sentido de melhoria estrutural, melhorou muito, de estradas, a interiorização das universidades... uma série de coisas. Nesse sentido melhorou muito.

Marcelo: Certo... Professor, e o ensino de matemática hoje, pra o senhor?

Almir: Eu não tenho nenhum conhecimento de como que está funcionando o curso de matemática. Espero que tenham melhorado, porque pelo menos em termos de qualidade de conhecimento dos professores, a gente tem conhecimento que melhorou bastante. Nós temos hoje muitos mestres, vários doutores, então, eu acredito que tenha melhorado muito nesse

sentido. Não sei se o comprometimento é o mesmo dos professores que, na [minha] época, tinham suas deficiências, mas a gente tinha um comprometimento muito significativo com a universidade. Aí, nesse sentido, não sei se melhorou, mas em termos de conhecimento melhorou. Né?

Marcelo: Sim... Professor, deixe eu só fazer mais uma pergunta em relação ao período em que foi criado o curso aqui e que o senhor fez o curso em Natal. Como era a relação dos professores da graduação, do curso de matemática, com os professores das disciplinas pedagógicas?

Almir: Excelente! Muito bom. Era um relacionamento muito bom... Assim, trocavam muitas ideias, né? Porque, vamos dizer, tinha a parte dos professores da parte prática e os professores da parte específica, mas se comunicava em termos do que deveria ser explorado. Havia muita união. Certo? Eu me lembro bem [que], aqui em Caicó, todo fim de semana a gente, os professores, tínhamos por obrigação nos reunirmos em algum canto, algum passeio, em rio, em açude, em fazenda, em casa de colegas, era muito bom. Eram os professores da universidade. Ia todo mundo. Existia muita união, na época.

Marcelo: Professor e os professores pedagogos, no caso, os que eram responsáveis pela parte pedagógica, eles também ajudaram nas reestruturações da grade curricular do curso, quando teve? Eles participaram desse processo ou [não]...?

Almir: Participaram! E como participaram! Sempre a gente procurava discutir o que era melhor, o que precisava ser explorado, existia muita integração entre os professores.

Marcelo: Certo... Pronto, professor. Agora, na verdade, eu só ia pedir para o senhor fazer algumas considerações, algo que o senhor acha que deveria falar, que eu não dei oportunidade... Não sei, alguma coisa que o senhor acha que poderia acrescentar... Fique a vontade.

Almir: Não. Acho que o que a gente conversou aqui [talvez] não tenha sido, vamos dizer assim, bem claro os pensamentos, porque nessas horas a gente esquece de muita coisa, né? E como faz muito tempo que eu estou afastado da universidade, que eu me aposentei em 1998 (risos)... É tanto que no dia que eu me aposentei, que saiu a minha aposentadoria, eu peguei meus livros, coloquei numa caixa, e fiz uma doação a biblioteca, e disse: “a partir desse momento não tiro mais dúvida de ninguém” (risos); e realmente não tiro, não. Chega um neto meu e me procura pra eu tirar uma dúvida, eu digo: “Não! Procure o seu professor, eu já deixei de ser professor, hoje sou aposentado...” (risos). Eu, realmente, fiquei completamente ausente. Me dedico a essa copiadora hoje em dia, que eu tenho como um hobby, pra não ficar

parado, pra não ficar ocioso, né? Aí, fico aqui durante o dia todo, acho bom... Mas em termo de saber como é que tá a universidade hoje, eu me desliguei completamente, certo?

Marcelo: Está certo. Está bom, então, professor. Eu agradeço muito a gentileza do senhor...

Almir: Nada, rapaz! E, qualquer coisa, se você por acaso tiver alguma dúvida em relação ao que a gente conversou aqui, depois, se você quiser telefonar pra mim, pode telefonar, não tem problema nenhum!

Marcelo: Com certeza (risos). Muito obrigado!

Entrevista com o professor Almir

Duração da Gravação: 01h 30min 55s

Local: Gráfica Copiamax

Data da entrevista: 29/04/2014

Professor Nélson



Marcelo: Professor Nélson, o senhor poderia começar, por favor, fazendo uma apresentação pessoal?

Nélson: Pois não! Meu nome é Nélson Moysés de Araújo. Sessenta e cinco anos, aposentado e residente aqui em Caicó. Toda a minha vida foi aqui em Caicó.

Marcelo: Certo... Então, o senhor é natural daqui?

Nélson: [Faz sinal positivo com a cabeça]

Marcelo: O senhor poderia me falar um pouquinho da família?

Nélson: Pronto. Minha família... Eu sou de uma família, conhecida em Caicó, como família Caju, [mas] na realidade é Araújo, né? Sou casado, tenho a esposa e uma filha. Filha também já formada.

Marcelo: Certo... O senhor é filho único?

Nélson: Não. Eu sou membro de uma irmandade de sete filhos, sendo que eu sou o mais novo da família.

Marcelo: Certo... O senhor nasceu em que ano mesmo, professor?

Nélson: Nasci no dia onze de maio de 1949. Vou completar sessenta e cinco anos, próximo...

Marcelo: Professor, e a infância do senhor?

Nélson: Minha infância foi... Eu vivi mais na zona rural, né? Eu sou oriundo da zona rural. A gente morava na zona [rural] e a minha infância foi lá. Como meu pai era agricultor, comecei logo cedo trabalhando, assim como os outros irmãos, certo? E estudando lá, eu estudei lá também, na zona rural. Enquanto foi possível, eu estudei na zona rural, de modo que minha infância foi toda lá, até por volta dos dezoito anos morei na zona rural, né?

Marcelo: Certo. Professor e a juventude do senhor?

Nélson: Olha, a juventude também foi praticamente lá, né? Como eu disse, até os dezoito anos eu morei lá. Aí, depois dos dezoito anos eu perdi meu pai, aí, decidi vir embora pra cidade. Os estudos lá já tinham paralisado, acho que, há uns oito anos ou dez e meu pai queria que eu viesse estudar na cidade, eu não quis vir porque era muito apegado aos pais, a família, e fiquei lá, né? Só depois que ele faleceu que eu decidi vir pra cidade e continuar os estudos.

Marcelo: Professor, então, no caso, lá tinha o quê? Era escola isolada[1]?

Nélson: Era escola isolada do município[2]. Mas, naquela época, nem grupo escolar lá tinha. Assim, quando existia uma família grande, então o dono da casa pedia uma professora, né? Aí, o Município botava uma professora na casa dele e a escola funcionava lá. Eu tive que estudar lá em duas escolas, uma era pertinho, [mas] só depois que eu fui estudar nessa escola, mas logo, inicialmente, eu fui estudar em uma escola... acho que [a] uma légua e meia de distância. Andava a cavalo. Nesse tempo não tinha transporte escolar. Nem lá e nem, como hoje tem, que transporta os estudantes da zona rural para a cidade. Nesse tempo não tinha, era tudo lá. Mas não tinha grupo escolar, a escola funcionava em uma residência e [ia] pra lá os alunos lá da redondeza, como se diz. Estudavam lá.

Marcelo: Certo. Aí, o senhor fez todo o primário na isolada, na escola isolada?

Nélson: Foi, todo o primário! Só que, naquela época, a gente fazia até o quinto ano primário, mas não concluía porque não existia diploma lá. Então, como eu fiquei uma temporada lá sem estudar, depois que meu pai faleceu, como eu já falei, aí vim pra cidade e aqui eu fiz novamente o quinto ano primário. Aí, depois... naquela época existia exame de admissão[3], que

---

[1] As Escolas Isoladas (EI) foram previstas pela Lei Orgânica do Ensino Primário, promulgada em 1946 sob o número 8.529. As EI se caracterizavam por ter apenas uma única turma, entregue a um único professor.

[2] A forma como o professor emprega, ao longo da entrevista, a expressão "escola isolada", nos leva a supor que a utiliza por indução do pesquisador, e não pelo fato de ter conhecido a escola nesses termos.

[3] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.

era um verdadeiro vestibular, eu fiz esse exame de admissão, que era admissão ao curso ginasial – que é o ensino fundamental hoje, certo? –, fui aprovado e comecei a cursar o ginasial. Depois [que] terminei o ginasial, fui e cursei o ensino médio. Isso já aqui na cidade. Então, o primário, minha parte, foi toda no sítio, na zona rural.

Marcelo: Certo... Professor, e como era o cotidiano na cidade onde o senhor cresceu, no caso, lá do sítio? Como era o dia a dia?

Nélson: Bom, lá no sítio era assim: era trabalhando e estudava pela manhã, certo? Pela manhã ia pra escola, frequentava a escola, e a tarde trabalhando. Trabalhando nos afazeres lá do sitiozinho que a gente tinha lá, cuidando dos animais, do gado. Trabalhando e ajudando por lá. Essa época de chuva, como nós estamos agora, no período do inverno, o trabalho se resumia mais a pastorear o gado, os animais, pra eles pastarem né? Também a gente tinha... naquela época, praticamente não existia o arado de tratores, né? Aí, arava a terra com boi. Uma carpideira[4] e um boi manso, certo? Esse boi tinha que ser puxado por alguém, e o meu serviço, como um garoto ainda, era puxar esse boi. Meu serviço nessa época era mais isso: pastorear o gado e puxar o boi... e frequentava a escola na parte matutina, não é?

Marcelo: Sim... Professor, e Caicó, depois que o senhor veio pra cá, como era a cidade? O cotidiano da cidade, o dia a dia?

Nélson: A cidade já era um pouco mais desenvolvida. Nessa época já tinha as escolas, né? Escolas particulares e também escola do governo, né? Eu vim pra cá estudar na escola do governo. Inicialmente, esse primeiro ano, como eu falei antes, foi num grupo escolar, à noite, estudando a noite! Meus estudos aqui na cidade foram todos a noite, porque durante o dia eu trabalhava no comércio, como empregado do comércio. Trabalhava no comércio, oito, nove horas por dia, né? Então, estudava a noite. Quando eu chegava da aula à noite, ainda ia fazer minhas atividades escolares, porque durante o dia eu não tinha tempo, porque eu trabalhava. E assim eu fiz o curso ginasial – que é equivalente ao ensino fundamental hoje –, o ensino médio... O ensino médio, eu fiz o último ano que teve de científico, né? Depois, terminei, passei no primeiro vestibular pra Matemática, curso de Matemática, que na época era, na época era Ciências, com habilitação em Matemática, mas, logo depois, um ano e meio depois, mudou pra ser Matemática pura mesmo, aí, eu fiz matemática[5]. Tudo isso estudando a noite e

[4] Máquina utilizada na agricultura para capinar, também conhecida como capinadeira.

[5] Em outro momento da entrevista o professor explicará melhor sobre este ponto, mas, para esclarecimento: o professor passa no vestibular e ingressa na turma de 1981 para o curso de Ciências, com habilitação em Matemática – esta seria a segunda turma desse curso –, contudo, após algum tempo, o curso muda para Licenciatura em Matemática. Portanto, ele é da primeira turma de Licenciatura em Matemática, especificamente, formada pelo Campus da UFRN em Caicó.

trabalhando durante o dia no comércio. Quando eu terminei o ensino médio, então eu fui convidado pela direção regional da, naquele tempo era NURE, né? Núcleo Regional e Educação. Eu fui convidado pela diretora pra ensinar, já pra ensinar na escola do ensino médio. Aí, eu já comecei ensinando no ensino médio, né? Eu já deixei o comércio e fui ensinar no ensino médio, que rendia bem melhor do que trabalhar no comércio. Comecei a ensinar pelo Estado, naquela época não existia concurso público. Então, eu fui convidado pela chefia da Direção Regional de Ensino pra ensinar já no ensino médio. Eu fazia Matemática, e a chefe me convidou pra iniciar ensinando biologia. Eu até achei difícil, eu disse: "mas, professora, como é? Eu faço Matemática, como é que eu vou ensinar Biologia?"; ela disse: "não, você aproveita a oportunidade, pra você entrar no Estado. Logo depois a escola, então, vai lhe botar pra você ensinar na sua área". E assim foi. Acho que eu só ensinei biologia dois anos, aí, já passei pra ensinar matemática que era a minha área. Aí, ensinava o ensino fundamental e o ensino médio. A escola que eu trabalhei, trabalhei trinta anos nessa escola, só numa escola, só... do governo, escola estadual, trabalhei trinta anos num colégio só. Lá funcionava ensino fundamental e ensino médio e eu trabalhava com os dois graus.

Marcelo: Certo. Foi ali no CEJA?

Nélson: [Responde positivamente com a cabeça] No Centro Educacional José Augusto, CEJA. Depois, também, eu ensinei em três escolas particulares, tinham três escolas particulares aqui, e eu trabalhei nas três escolas particulares. A primeira, eu trabalhei só um ano, a segunda eu trabalhei... acho que cerca de um ano também, só, aí, na terceira foi que eu trabalhei mais de cinco anos. Aí, conciliava a escola pública com a escola particular. Trabalhava nas duas ao mesmo tempo.

Marcelo: Certo... Professor, e quando o senhor chegou aqui, em Caicó, como era a cidade e a educação? O senhor falou que já tinha algumas escolas...

Nélson: Já! Tinha escolas. Na época, tinha duas escolas particulares, nera? Era o Educandário Santa Terezinha[6] e o CDS[7], que era da Diocese, depois surgiu mais outra, e tinha as escolas públicas, né? Tinha as duas maiores escolas públicas, era a Escola Estadual Joaquim Apolinar[8], à época, era Ginásio Estadual Joaquim Apolinar, depois foi que mudou, e o Centro Educacional José Augusto, certo? Depois foram surgindo outras escolas públicas, mas as duas maiores eram essas duas.

---

[6] O atual Educandário Santa Terezinha foi fundado em 1925 como Ginásio Santa Terezinha, ligado à igreja católica, sendo o primeiro estabelecimento de ensino voltado para o público feminino na cidade de Caicó.

[7] Colégio Diocesano Seridoense (CDS), uma das mais antigas instituições de ensino da região em atividade. Fundada em 1942, como Ginásio Diocesano Seridoense, é uma instituição vinculada à Diocese de Caicó/RN.

[8] A Escola Estadual Joaquim Apolinar, como o professor informará, foi desativada.

Marcelo: Umhum... E o senhor chegou aqui em que ano, professor?

Nélson: Eu ceguei aqui, eu acho que... Eu acho que 1979[9]. 1979. Meu pai faleceu em 1968, eu ainda fiquei uns anos por lá, né? Depois, decidi vir pra cá pra continuar os estudos... e trabalhar no comércio... e depois na educação.

Marcelo: Certo... Aí, quando o senhor mudou, veio a família toda também, ou não?

Nélson: Não. Já nessa época, solteiro só tinha eu. Os outros já eram casados. Moravam todos no sítio. Aí, nessa época já só tinha eu. Veio pra cá só eu e a minha mãe. Depois foi que eu casei... Minha mãe ainda ficou comigo uns tempos, depois foi embora morar com os outros lá no sítio, novamente. Eu fiquei por aqui e até hoje.

Marcelo: Sim. Professor, e como era o Rio Grande do Norte nesse período, o senhor lembra?

Nélson: O Rio Grande, o estado? Lembro. O estado era quase como hoje. Não houve muito desenvolvimento, não é? O Estado... funcionava essas escolas públicas, nera? Existia, ainda mais do que hoje, muito assistencialismo por parte dos políticos. Eram dois grupos políticos que comandavam o estado, né? Quando saía um político, passava pro outro. Essa época aqui era o grupo político dos Alves, que hoje ainda tem ministro da previdência, Garibaldi Alves[10], e o presidente da câmara dos deputados, Henrique Alves[11], são todos daqui, né? E existia o grupo Mariz, que [tinha] o senador Dinarte Mariz[12]. Ele foi governador do estado, depois senador da república. Hoje essa família Mariz quase não exerce mais o poder, né? O velho faleceu, depois ficou o filho dele que era o deputado federal[13], mas, que também só se elegia mais por causa do pai. O pai faleceu, aí, acabou o prestígio, certo? Hoje eles são proprietário aqui no município Serra Negra[14], fazendeiros, mas [o grupo político] não existe mais. Aí, já mudou mais, o domínio do grupo Alves e os Maias, família Maia. Mas, assim, o estado desenvolveu muito pouco, né? Muito pouco. [Era] mais essa situação assim...

Marcelo: Está certo... Professor, e como era a educação familiar nesse período?

---

[9] O professor Nélson afirma ter se mudado em 1979 e depois reafirma essa data, mas, por outros dados que surgem na narrativa, acreditamos que essa mudança ocorreu no ano de 1969.

[10] Garibaldi Alves Filho foi eleito prefeito de Natal (1985), deputado estadual (1970, 1974, 1978, 1982), governador do Rio Grande do Norte (1994) e senador do Estado (1990, 2002, 2010), encontrando-se ainda nesse cargo. Atuou, ainda, como ministro da previdência social entre 2011 e 2014.

[11] Henrique Eduardo Lyra Alves, foi deputado federal pelo Rio Grande do Norte por onze mandatos consecutivos (1971-2015). Foi presidente da Câmara dos Deputados do Brasil entre 2013 e 2015. Pleiteou o cargo de governador do Rio Grande do Norte nas eleições de 2014, sendo derrotado por Robinson Mesquita Faria. É o atual ministro do turismo.

[12] Dinarte de Medeiros Mariz foi um político brasileiro, tendo assumido os cargos de prefeito de Caicó (1930-1932), senador (1955-1956; 1963-1984) e governador do Rio Grande do Norte (1956-1961).

[13] Vigolvino Wanderley Mariz, filho de Dinarte Mariz, foi eleito deputado federal por três eleições consecutivas, exercendo o cargo entre os anos de 1975 a 1987.

[14] Serra Negra do Norte é uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Ocidental. Aproximadamente a 46 km de Caicó e 319 km de Natal.

Nélson: A educação familiar... [...] Na época era melhor do que hoje, né? Porque naquela época, a família não enfrentava tantos problemas quanto enfrenta hoje. Hoje a família enfrenta muitos problemas: o caso da droga, alcoolismo, prostituição e a questão da violência. Mas, assim... A família educava seus filhos do modo como podia, né? Naquela época, existia um analfabetismo muito grande ainda. Hoje, graças a Deus, já é mais reduzido. Se bem que... a educação daquela época parece que era melhor, porque o pessoal tinha mais interesse, né? Os estudantes tinham mais interesse e também os professores tinham mais interesse. A educação era melhor. Hoje é um negócio, assim, muito bagunçado.

Marcelo: Hum... Professor, e como era a escola e a rotina escolar?

Nélson: Bem, a rotina escolar é como eu falei antes, né? Eu estudava e trabalhava. Aí, depois eu passei a ensinar, então, ensinava e estudava. Certo? Até quando eu terminei o curso superior... Foi por volta de [...] 1985, por aí assim. Aí, fiquei somente trabalhando, né? Trabalhava os dois expedientes, certo? As vezes, até três expedientes eu cheguei a trabalhar porque tinha a escola particular. Tinha que conciliar o tempo para atender a escola pública, a escola particular. As vezes eu cheguei a trabalhar até três expedientes... Mais aquela rotina.

Marcelo: Certo. E como era a rotina, o dia a dia, da escola isolada, professor? Onde o senhor estudou...

Nélson: A escola isolada... A escola particular, você se refere?

Marcelo: A escola isolada da zona rural, que o senhor disse que estudou lá no sítio...

Nélson: Ah! Lá... Sim! Lá na zona rural? O dia a dia era assim: a escola funcionava em um único turno, pela manhã, e a professora era polivalente, ensinava tudo, certo? Além de ensinar tudo, ensinava da primeira série até a quarta. Não sei como ela conseguia conciliar tanta coisa, né? Ensinava matemática, português, geografia, história, ciências, e ainda ensinava primeira, segunda, terceira e quarta séries. Era o dia a dia. Então, a rotina escolar era mais essa, né? Aí, eu morava no sítio. Minhas atividades eu fazia mesmo durante o dia, né? Quando eu tinha um tempinho, não tava trabalhando, fazia minhas atividades, essa era a rotina da escola isolada nessa época.

Marcelo: Certo, certo... E as quatro turmas eram juntas professor? [...] O senhor disse que ela ensinava primeira, segunda, terceira e quarta, era tudo... [?]

Nélson: Numa sala só. Tudo numa sala só! A sala era uma sala grande... Assim, normalmente, nas casas de fazenda têm os cômodos grandes, uma sala grande, funcionava tudo numa sala só.

Marcelo: Certo... Aí, quando o senhor chegou aqui em Caicó, no grupo escolar no caso, o dia a dia era diferente? Acho que, no período...

Nélson: Era diferente. É! Era seriado! Aí, já era seriado, né? Aí, tinha professores para cada série. [Eram] específicos. Tinha professor do primeiro ano, segundo, terceiro e quarto ano, e, no caso, no meu caso, já cheguei aqui e já fui para o quinto ano, também eram professores diferentes, né? Aí, era seriado mesmo, nessa época.

Marcelo: E, aí, quando passava para o ginasial também continuava do mesmo jeito?

Nélson: Também, seriado, era!

Marcelo: Certo... E como era o interesse dos alunos pelos estudos, professor?

Nélson: Era bom. Nessa época os alunos se interessavam muito. Se esforçavam bastante. Até que... ensinar, eu já comecei nessa época. Eu fazia o curso ginasial e eu era... Tinha assim, eu e mais uns cinco colegas, que a gente era bem desenvolvidos em matemática, aí, a gente já ensinava para os colegas, aqueles que tinham menos tempo para estudar e também não tinha, assim, a facilidade que a gente tinha para assimilar, então, a gente dava aula para os colegas. Eu era um desses que dava aula pra os colegas, certo? Eu tinha um colega que era sargento da polícia aqui, o Sexto Batalhão da Polícia Militar é aí [mostra a direção]. Ele era sargento da polícia, então ele me levava pra lá, porque ele não podia sair de lá, e ali ele juntava um grupo de colegas, né? Oito, dez colegas, e eu ia pra lá dar aula pra eles. No colégio mesmo, onde a gente estudava; fim de semana, sábado, domingo; eu e mais esses outros colegas que eram mais desenvolvidos, que tinham mais facilidade pra matemática... Você sabe que na matemática tem muita gente que tem muita dificuldade, né? Então, a gente já dava aula pra eles nos sábados a tarde, no domingo... Então, na realidade, eu já comecei a ensinar nesta época. Eu era estudante e professor ao mesmo tempo (risos); professor dos colegas.

Marcelo: Certo. Professor, e como eram as disciplinas?

Nélson: As disciplinas... Era matemática... É isso que você quer? Matemática, geografia, história, ciências, biologia, física, essas disciplinas fundamentais, né? E, aí, a gente tinha também... educação física, né? Lembro muito que a gente fazia educação física, saía... tinha que ir de madrugada para a escola. Aí, o professor botava pra arrebentar: a gente saia correndo no meio da rua, correndo, corria a cidade quase toda. (risos) Aí, voltava pra escola; chegava lá, ficava todo mundo formado, e ele ainda ia fazer uma seleção pra gente, era bem caxias. Ainda hoje é vivo o professor de educação física, meu professor de educação física. Mas, as disciplinas eram essas, nera? Português, matemática, geografia, história, ciências, inglês, geografia. Tinha essas disciplinas todas.

Marcelo: Certo... E essas eram as mesmas da escola isolada também?

Nélson: Lá não eram as mesmas. Lá na zona rural, na época, só era: português, matemática, geografia e história. Certo? Que, aí, história entrava uma parte em ciências, né? Mas a gente não tinha noção de inglês, nem de outras disciplinas, só eram essas.

Marcelo: Certo. Professor, e como eram os professores e suas aulas?

Nélson: Os professores eram bons, né? Professores interessados. Muito bons, amigos, né? Não eram professores que prejudicavam; gostava do aluno, era amigo. Também, nessa época os alunos eram esforçados, né? Nessa época, geralmente eram turmas grandiosas. Trinta e cinco, quarenta alunos... a grandiosa maioria dos alunos eram interessados, a gente tinha poucos alunos que não tinham interesse, e isso até forçava os professores serem interessados, né? Eles eram muitos interessados, trabalhavam muito bem. Eram muito bons.

Marcelo: Certo... Professor, o senhor lembra se eles tinham algum tipo de formação pra ensinar?

Nélson: Tinha. Lá na escola pública, já eram formados. Cada um na sua área, né? Professor de história, formado em História; professor de português era formado em Letras; o professor de matemática era formado em Matemática, né? Cada um já tinha sua área, né?

Marcelo: E a professora que ensinou ao senhor lá na zona rural, ela também tinha formação, professor, o senhor lembra?

Nélson: Formação? Não! Formação superior, não. Não tinha formação superior, não. Ela tinha... era assim: tinha estudado na cidade. Nessa época, era professora porque tinha estudado na cidade, mas, acho que só tinha feito o curso científico, nessa época, só existia mais o curso científico e curso técnico, né? Só esses cursos, assim... Mas, formação superior, não tinha.

Marcelo: Sim. E como eram as aulas deles, professor?

Esposa do professor Nélson: Ela ainda é viva até hoje, ela ainda é viva...

Nélson: Eram aulas boas. Elas eram professoras muito esforçadas, como eu disse antes, polivalentes, né? Ensinavam todas as séries, numa sala só, num horário só e eram professoras muito esforçadas. Ainda hoje, essas duas professoras – tive duas professora porque eu estudei em duas escolas lá –, por sinal, são vivas, né? Uma mora em João Pessoa, não exerceu [mais] a profissão, depois ela casou-se com um sargento do exercito, aí, deixou de ensinar – por sinal ela é tia da minha esposa; mas, a outra, exerceu a profissão até se aposentar. Essa mora aqui. Eram interessadas. A gente aprendia bastante... Também, a gente tinha muito interesse, né? Tinha muito interesse. Aprendia com elas.

Marcelo: Certo... E os professores daqui também? Assim, as aulas deles eram...

Nélson: Boas! Aulas boas! Agora, nessa época não existia aula prática, né? Laboratórios, essas coisas, não existiam... Era tudo aula teórica. Não existia aula prática, não, nessa época.

Marcelo: Então, o sistema de ensino era mais o tradicional, mesmo?

Nélson: Mais tradicional... Era o tradicional! Sistema tradicional! Quando a gente começou, no ginasial, não tinha nem livros! Os livros, quem queria e podia comprava, certo? Eu comprei um bocado de livro, principalmente os de matemática, ainda tenho a coleção de livros guardada ali[15]. Quem não podia, não comprava, se virava com os outros, nem livros tinham, né? A gente escrevia muito... Quadro de giz, né? O professor escrevia com o giz no quadro negro e a gente transcrevia pro caderno. Escrevia muito, né? Até no ensino médio, na minha época, também não tinham livros. Não tinham livros. Depois, foi que foram surgindo [os livros]... O sistema de governo – isso vem do governo federal – passou a fornecer livro, aí, eu já era professo, eu já ensinava. Mas, na época que a gente estudava, nem livro tinha. Era a escola tradicional mesmo, escola tradicional.

Marcelo: Certo... Professor, e a realização dos estudos? Assim, pra o senhor fazer os estudos, como foi? O senhor falou um pouquinho como foi lá na zona rural, que o senhor tinha que ir a cavalo...

Nélson: Era... Eu estudava e trabalhava ao mesmo tempo, como eu disse, né? Então, na escola a gente tinha bastante interesse, procurava aproveitar o máximo e, como eu disse anteriormente, as minhas atividades, quando eu estudava a noite, quando chegava da escola, dez e meia da noite, onze horas, ia fazer as atividades que tinha que fazer, porque durante o dia não tinha como. Ia fazer as atividades, para no outro dia levar prontas, né? Porque durante o dia trabalhava o dia todo. Mas, a realização dos estudos foi assim, foi com muita dificuldade, muita dificuldade!

Marcelo: Professor, o senhor... Disse que veio pra Caicó em setenta e nove? É isso, não?

Nélson: Foi! Eu acho... Não lembro precisamente, mas eu acho que foi 1979.

Marcelo: Certo... Aí, foi mais ou menos nesse período que o senhor continuou os estudos aqui, né? Que aí foi a parte do ginasial...

Nélson: Foi! A partir... Porque lá no sítio, eu acho que fiquei uns oito ou dez anos sem estudar. Meu pai queria que eu viesse pra cidade, aí, eu tinha que ficar aqui na cidade e eu, muito apegado aos pais, o filho mais novo, não quis vir, né? Não vim. Então, fiquei um tempo lá, mas, depois que eu vim pra cá, eu dei sequência até terminar. E nunca perdi um ano!

[15] Após a entrevista, perguntei ao professor Nélson se poderia ter acesso aos livros, e a esposa lembrou que ele havia feito uma doação de todo esse material há poucos dias.

Nunca perdi um ano! Na, na universidade, quando tava na universidade, eu lembro que um ano eu fiquei desnivelado em física, professor de física era muito rigoroso, exigia muito e eu tive... eu tive um problema de dificuldade de aprendizagem, né? Nessa época, eu fiquei, fiquei... (Esposa do professor Norman: você teve um cansaço mental...) Logo em seguida eu fiz a prova, aí, eu não consegui pagar junto com os outros alunos, mas, em seguida, ele me ofereceu uma prova, me deu um tempo pra eu estudar; eu fiz [essa] prova, passei e pronto. Nunca mais desnivelei, até terminar o curso.

Marcelo: Professor, e o senhor recorda sobre a legislação e a educação, nesse período?

Nélson: [Silêncio] Era... [...] Legislação escolar era... Bom, era um regime... Começou CLT[16], aí, depois mudou pra o atual, né?

Marcelo: Certo, professor. Então, os primeiros contatos com o ensino, que o senhor tava falando, foi já no ginasial?

Nélson: Como aluno do curso ginasial, eu já comecei a dar aula pros meus colegas... E, assim, teve continuidade: terminei o ginasial, entramos pra o ensino médio – e como eu disse antes, foi o último ano do curso científico lá no CEJA – e a gente continuou, praticamente, os mesmos colegas; e a gente sempre continuou [com as aulas]: aqueles mais desenvolvidos dando aula pra esses colegas [que precisavam]. Aí, já não era só mais matemática. No ensino médio a gente já dava aula de matemática, física e química, né? Mais essa parte de cálculo que a gente era mais desenvolvido, né? Tinham outros que eram mais desenvolvidos em história, em geografia, e assim a gente foi indo.

Marcelo: Certo... Mas o ingresso no magistério mesmo, [de forma oficial,] ele se deu só quando o senhor passou no vestibular?

Nélson: Foi antes! Foi já quando eu terminei o ensino médio, no mesmo ano eu fui convocado. Na época, a direção regional do ensino convocava por aqueles alunos que tinham o desenvolvimento melhor, notas melhores, certo? Eu fui convocado, aí, já aceitei e depois eu fiz e passei no primeiro vestibular, né? Foi assim: o vestibular que eu fiz, eu fiz no final do ano, mas só começou no meio do ano seguinte. Ai, antes disso eu já comecei, já fui convocado para ensinar.

Marcelo: Ah, entendi! Então, o senhor, assim que terminou o ensino médio, já passou no vestibular, mas teve o período que o senhor ficou esperando... Aí, já começou a ensinar. Certo, certo... Professor, aí, como foi pra o seu ingresso no magistério? Assim, porque o

[16] A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) é uma norma legislativa que regulamenta o Direito do Trabalho e o Direito Processual do Trabalho no Brasil, aprovado pelo Decreto-Lei 5.453/43.

senhor ainda não tinha formação, o senhor ainda ia começar o curso, como foi que o senhor fez para começar a dar aula sem ter ainda uma formação?

Nélson: Eu fiz baseado no que... Eu estudei muito, né? Eu era um bom estudante... Aí, eu aprendi muito bem. Então, eu transmitia para os meus alunos o que eu sabia, o que eu tinha aprendido, né? Eu não tinha formação superior, então, [fui] nessa perspectiva do que eu tinha aprendido. Eu dominava muito bem a matemática, eu dominava muito bem, então, eu transmitia para os meus alunos já nessa época.

Marcelo: E, aí, foi dessa mesma forma que o senhor fez para ensinar aos colegas no ginasial, no científico? Que o senhor disse que ensinava...

Nélson: Foi, foi! Exatamente!

Marcelo: Certo... Mas, aí, essa parte de didática o senhor nunca teve dificuldade pra...?

Nélson: Não. Não tinha muita dificuldade, mas... didática mesmo, a gente só veio ver na universidade, que a gente tinha professores de didática, que, por sinal, era muito bom o professor, mas, a didática que a gente empregava era a que a gente recebeu quando estudante. Era o que a gente empregava para ensinar...

Marcelo: Sim... Então, a formação do senhor foram os professores que o senhor teve?

Nélson: Foi!

Marcelo: Ah, tá certo! Professor, o senhor começou a ensinar em oitenta e dois? Foi isso?

Nélson: Foi... [...] Foi em 1981! Em 1981, porque em 1982, a filha da gente nasceu em 1982 e eu fui participar de um curso de formação em Currais Novos[17], eu ia todo final de semana e, então, a gente já tinha ela, uma garotinha pequenininha, né? Ela [a esposa] ficava com ela [a bebê] e eu ia todo final de semana pra Currais Novos, passava sexta, sábado e domingo...

Esposa do professor Nélson: Ela só tinha um mês, Nélson! Ela só tinha um mês quando você foi fazer esse curso.

Nélson: Era!

Marcelo: E esse curso, professor, era oferecido pelo estado, ou era um curso particular?

Nélson: Não. Lá era da universidade. Era um curso da Universidade.

Marcelo: Mas era um curso para professores?

Nélson: Para professores, só para professores!

Marcelo: Era meio que um curso de capacitação?

Nélson: Era! Capacitação! Era...

[17] Currais Novos é uma cidades do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Oriental. Aproximadamente a 99 km de Caicó e 177 km de Natal.

Marcelo: Ah, certo... E como foi esse curso professor? Era de conteúdo, ou era de parte de didática?

Nélson: Era de conteúdo. Só mais conteúdo... E só era mais matemática e física. As outras disciplinas não tinham, era só matemática e física.

Marcelo: E quem foram os professores que deram esse curso?

Nélson: Professores que vinham de Natal, da universidade de Natal. Eles já eram professores universitários e vinham dar esse curso aqui, aí, a DIRED[18], nesse tempo era Núcleo Regional de Educação, selecionou uns professores e mandou pra Currais Novos pra fazer esse curso lá.

Marcelo: Ah, sim. Então, houve uma seleção dos professores?

Nélson: Houve uma seleção para ir pra lá fazer esse curso!

Marcelo: E essa seleção, professor, era feita como, o senhor lembra?

Nélson: Não... Era mais assim: a escola era quem escolhia, a direção da escola, né? O Núcleo Regional de Educação encarregou à direção da escola de escolher esses professores, né? Foram mais pra área de matemática e física, só iam mais esses professores mesmo.

Marcelo: Certo! Professor, vocês recebiam alguma ajuda do governo pra poder fazer o curso? O governo que pagou a realização do curso, ou foi a universidade?

Nélson: Pagou os professores, né? Aí, aqui, a gente tinha um ônibus que levava a gente na sexta-feira e trazia no domingo a tarde, a alimentação e a estadia, lá também, era pago pelo Estado.

Marcelo: Pelo Estado! Certo... Ele acontecia em um final de semana?

Nélson: Só no final de semana, mas foram, acho, que uns seis meses, né? [Pergunta se direcionando a esposa] Acho que uns seis meses.

Marcelo: Então, foi um curso extenso, até... E no final, vocês receberam algum certificado desse curso, professor, não?

Nélson: Não, não. Não entregaram certificado para a gente, não.

Marcelo: Certo. No caso, esse curso realmente não teve nada de didática, foi mais conteúdo mesmo... Era mais pra formar os professores que não tinham algum tipo de formação?

Nélson: Foi mais de conteúdo mesmo... Era exatamente pra preparar melhor a gente pra enfrentar a sala de aula.

Marcelo: Certo, certo... Aí, no caso, era pra região?

Nélson: Era pra região. Toda a região aqui era... Aliás, tinham professor de todo [o] estado lá. De todo estado! Esse era... Foi dado o curso em Currais Novos e vinha de todo [o] estado. Era

[18] Diretoria Regional de Educação.

muito professor! A gente, o curso lá era na universidade de Currais Novos[19], na sala de aula da universidade de Currais Novos. Eram muitos professores, era de todo o estado!

Marcelo: Umhum... E tiveram outras edições desse curso, professor? Não, foi só essa?

Nélson: Não, só essa! Que teve a duração de seis meses... Aí, depois só a universidade, a gente continuou na universidade.

Marcelo: E tinha algum nome, professor, o curso? [...] O senhor não lembra?

Nélson: Não, não lembro. Parece que era... [...] Era mais um curso de atualização, né? Curso de atualização.

Marcelo: Professor... Eu já perguntei, já me adiantei um pouquinho, mas, aí, a formação que o senhor teve foi essa que o senhor falou, o senhor meio que seguiu o exemplo dos professores, no começo, né?

Nélson: No início foi... Aí, depois, teve esse curso lá de Currais Novos e a universidade, o curso universitário.

Marcelo: Certo... E o senhor percebe que teve alguma diferença, depois que o senhor fez esses cursos, na forma que o senhor lecionava, ou...?

Nélson: Teve! Ajudaram muito, melhorou muito pra gente, né? Teve, foi bem melhor. Auxiliou bem mais a gente no desenvolvimento do trabalho da sala de aula.

Marcelo: tá certo... Nesse período, então, já era mais fácil também o acesso a formação, já que tinha o curso aqui de Caicó?

Nélson: Era! Era...

Marcelo: O senhor entrou em oitenta e um na faculdade, né? O senhor é da terceira turma é isso, aqui do... [?]

Esposa do professor Nélson: Ele é da primeira!

Nélson: Da primeira turma[20]... Da primeira turma, porque quando eu passei no vestibular, ainda não era Matemática pura, era Ciências, com habilitação em Matemática, aí, logo depois, eu acho que só ficou o primeiro ano como Ciências, houve a mudança, ficou Matemática pura, Matemática mesmo! Licenciatura em Matemática. Minha formatura é Licenciatura em Matemática.

---

[19] Currais Novos possui um Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O campus de Currais Novos, juntamente com o campus de Caicó, constituem o Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN).

[20] Como explicado anteriormente, o professor refere-se à primeira turma de Licenciatura em Matemática. Antes dessa, houve uma turma de Ciências que habilitou professores em Matemática.

Marcelo: Ah, certo! Pronto. Professor, tinham outros cursos de formação aqui na região ou no estado, além desses que o senhor falou? Além da faculdade e desse curso que teve de seis meses em Currais Novos, ou não?

Nélson: Não, não tinha! As vezes apareciam uns cursos em Natal, mas eram cursos rápidos, mas eu não tive de ir em nenhum. Mas, quase não existiam esses cursos, um curso pioneiro mesmo foi esse de Currais Novos, que teve duração de seis meses, né? Depois só a universidade.

Marcelo: E esse de Currais Novos, quando teve, o senhor já estava cursando a universidade há algum tempo, já?

Nélson: Já tava cursando a universidade!

Marcelo: Certo! Professor e a formação de professores aqui no Rio Grande do Norte nesse período, como era? [...] O senhor tem conhecimento? Assim... o senhor falou que aqui na região, praticamente não tinham esses cursos, o pioneiro foi esse de Currais Novos, mas, assim, no estado como um todo, o senhor lembra como era a situação da formação dos professores?

Nélson: Era a formação, aqui era... Pronto! A gente tava iniciando essa parte, a universidade tinha vindo pra cá há pouco tempo, né? Chamava núcleo de educação[21], a universidade. Só existia uma formação melhor, mais adequada mesmo, na capital, né? Mas [antes] não tinha aqui em Caicó, nem Currais Novos, só nessa época que eu participei. Era recém aberta a universidade aqui e em Currais Novos também. Era coisa nova. A universidade veio aqui pra Caicó, não tinha nem prédio; veio pra o prédio da Diocese de Caicó, que tinha ali, que era o antigo Seminário, aonde estudavam os seminaristas, né? Aí, a universidade veio pra aqui, era aqui pertinho, depois foi que começou a construir o prédio da universidade lá em cima. Eu só fiz começar aqui, depois mudou pra lá. Mas, esses cursos aqui eram recém chegados, né? Recém chegados. A formação mais adequada e melhor mesmo, era na capital.

Marcelo: Então, antes da criação do curso aqui, os professores que queriam ter algum tipo de formação tinham que ir pra Natal?

Nélson: Tinham que estudar fora! Tinham que estudar fora... Pra Natal, Recife[22], João Pessoa[23], não é? Estudavam fora!

---

[21] Em 1973, o campus de Caicó, ao ser criado, recebeu o nome de Núcleo Avançado de Caicó.

[22] Recife, capital do estado de Pernambuco. Está localizada a, aproximadamente, 286 km de Natal e 395 km de Caicó.

[23] João Pessoa, capital do estado da Paraíba. Está localizada a, aproximadamente, 189 km de Natal e 330 km de Caicó.

Marcelo: Sim, sim... Professor, e antes de fazer o vestibular, o senhor já sabia que ia ter o curso aqui, ou...?

Nélson: Já tinha. Nessa época já tinha! Tinha a primeira turma de Ciências, com habilitação em Matemática. Eu fui da segunda turma de Ciências, com habilitação em Matemática, mas já tinha o curso aqui. Aí, pronto, nessa segunda turma, quando eu tinha começado o curso já fazia um ano, aí, houve a mudança para a Licenciatura em Matemática.

Marcelo: Ah, tá certo! Professor, e a formação dos professores de Matemática no Rio Grande do Norte, das outras regiões que não tinham formação? O senhor sabe como é que acontecia? Que, por exemplo, tinha Natal, aí depois foi criado aqui, lá em Mossoró o curso foi criado também, mais ou menos, na década de setenta, setenta e pouco...

Nélson: É... Mossoró parece que foi primeiro, acho que foi. Mas, eu acho que Mossoró era uma cidade mais desenvolvida. Eu não tenho exatamente essa informação. Mas eu acho que veio antes do que o de Caicó.

Marcelo: Sim... O de Mossoró foi criado em 1974, mas, assim, das outras regiões que não tinham formação específica? Como é que era feita a formação de professores dessas regiões?

Nélson: Eram eles [os professores] que queriam ter essa formação específica, que tinham que se deslocar pra essas cidades mais desenvolvidas, né? Mossoró, por exemplo. Quando aqui só tinha em Caicó, essas cidades próximas a Caicó, todo mundo vinha aqui pra Caicó, estudar aqui... E antes de Caicó, tinha que ir pra Natal; Natal, ou então João Pessoa, Recife...

Marcelo: Professor, e como eram as escolas e o cotidiano delas durante o exercício do magistério?

Nélson: As escolas eram... [...] Muito precária a situação. O ensino era tradicional, né? Só no quadro negro e no giz. Não tinha parte de laboratório, nessa época, logo quando a gente começou. Quando eu cursava o ensino médio, já existia a parte de laboratório lá no CEJA, que era a maior escola da cidade, né? Aí, a gente já tinha algumas aulas de laboratório, mas, poucas, era mais o ensino tradicional. Inicialmente, eram muito precárias as escolas. Mas, mesmo assim, os alunos tinham muito interesse e os professores também. Funcionava os três turnos, nera? Matutino, vespertino e noturno. Aí, no meu caso, foi tudo no noturno, só estudei no noturno.

Marcelo: Aí, quando o senhor começou a ensinar também continuava do mesmo jeito professor?

Nélson: Era. Foi aparecendo umas melhorias, mas poucas, né? Continuava do mesmo jeito. Quando a gente tava na universidade [e] mudou daqui, que era pertinho aqui [aponta a

direção], lá pro campus, lá em cima, era uma dificuldade terrível, porque àquela época ninguém tinha carro, ninguém tinha carro! Moto não existia. Aí, o que é que tinha do governo? O governo tinha uma espécie de bondes... uns, uns... a gente chamava trenzinho; era puxado por um trator e tinha, parece que eram, três bondezinhos que carregavam os estudantes; mas, também passavam distante, acolá na BR, passava lá na BR. Aí, daqui, a gente ia mais a pé, ia por aqui [mostrando a direção]. Muitas vezes... (**Esposa do professor Nélson**: chovendo...) levando chuva, nessa época do inverno... Ali e aqui pra cima quase não tinha casa, a gente ia por dentro do... (**Esposa do professor Nélson**: uma vereda...) é, de um caminho mesmo, só uns caminhos dentro dos matos. Aí, as vezes chegava lá todo molhado, ou as vezes saia de lá, levava chuva e chegava em casa todo molhado; na época do inverno... Era uma dificuldade. Era muito difícil!

Marcelo: Sim! Professor, o senhor falou agora do acesso a universidade, e como era a questão da estrutura quando o senhor começou a fazer o curso?

Nélson: Lá também era mais tradicional. O meu curso foi, quase todo, a parte tradicional... A parte de laboratório só veio mais depois, né? Já pro final foi que eu peguei, mas era tradicional... Nessa época, também quadro negro e giz. Agora, tudo era novinho, né? O prédio era novo. Quando a gente começou lá só tinha um bloco! Parece que era dez salas de aula: cinco de um lado e cinco do outro. Aí, depois foi que foram construindo [mais]... Mas, era mais o ensino tradicional. Agora, professores bons, formados! Professores bons! Mas era o tradicional.

Marcelo: Certo, professor. Mas, e, por exemplo, estrutura em relação a biblioteca...? Como era?

Nélson: Tinha biblioteca. Biblioteca tinha! A gente fazia muitas pesquisas na biblioteca. Tinha também o sistema de empréstimos de livros: a gente preenchia uma ficha e trazia os livros pra casa pra fazer uma pesquisa, né? Tinha essa prática. A parte de biblioteca tinha!

Marcelo: Sim... E tinha muitos livros, já?

Nélson: Tinha, tinha bastante livro. Agora, isso dependia também da área, né? No meu caso era mais a parte de cálculo, né? Matemática, física, química... Mais essas três áreas aí.

Marcelo: Certo... E os professores, o senhor falou da formação, mas chegou a faltar professor, não? Que o curso ainda estava começando, né?

Nélson: Era! Não... Não faltava, não. Quando a gente mudou, já tinham os professores de cada disciplina. Já, já tinha!

Marcelo: Está bem! Professor, e como foi o exercício do magistério para o senhor?

Nélson: [...] Foi bom! Mais para o final foi que eu enfrentava muita dificuldade, por falta de interesse dos alunos. Mas, quando eu comecei, ainda existia um bom interesse dos alunos, nera? E... as vezes eu até reconheço que eu exigia muito dos alunos, né? As vezes eu até reconheço que eu exigia demais, [mas] depois foi que eu fui maneirando a barra... Porque eu fui educado os professores exigindo muito de mim, exigiam muito de mim, aí, no começo, eu também exigia um pouco, né? Talvez até eu tenha tido que... eu tenha reprovado aluno indevidamente, que eu não deveria fazer isso porque eu era muito exigente, não é? Mas, depois, fui maneirando a barra. Eu fui reconhecendo que tinha que acompanhar a evolução, porque o pessoal daquela época, o índice de interesse do alunado foi diminuindo, foi decrescendo, aí, a gente não podia continuar exigindo muito. Mas, a gente foi maneirando a barra, maneirando, de forma que quando eu terminei – me aposentei com trinta anos de idade [de trabalho] –, era bem maleável, né? Já quase não reprovava ninguém, só era reprovado mesmo quem queria, quem não queria mesmo, de jeito nenhum, ser aprovado, aí, reprovava, mas não dependia de mim, era deles, dos alunos. Mas... foi bom, né? Apesar da gente ter poucos recursos pra trabalhar, era o tradicional, mas a gente desenvolvia bem.

Marcelo: Sim! Professor, e, pra o senhor, Caicó no início do magistério?

Nélson: [...] Era mais difícil um pouco, mas a gente acompanhava bem, né? Nós enfrentamos também, nesse período, os processos de greve, porque já existiam essas dificuldades do governo, [que] não tinha muita disponibilidade, como hoje existe, de pagar bem os professores, né? De forma que quando eu iniciei, eu deixei o comércio, que eu trabalhava no comércio, pra ir ensinar, porque recompensava... Era muito; bem melhor. Eu ganhava bem melhor do que no comércio, né? Mas, depois foi caindo, caindo, caindo e a gente enfrentava essas dificuldades... Dificuldade mais de falta de responsabilidade dos governantes, na educação. Mas, isso não só em Caicó, praticamente em todo [o] estado, né?

Marcelo: Professor, e a cidade? Como era a cidade no período em que o senhor iniciou o magistério?

Nélson: A cidade... [...] Desenvolveu bastante; cresceu bastante. Era uma cidade pequena, hoje é uma cidade de porte médio, né? Desenvolveu bastante... Foram criadas várias escolas, principalmente escolas municipais... Foram criadas várias escolas públicas estaduais, mas também várias escolas municipais, né? Desenvolveu mais... Se bem que enfrenta até hoje dificuldades... Dificuldades por parte dos governantes, [que] não se dispõem muito a colaborar com o pessoal. Ainda hoje essa questão de greve é muito acentuada. Antigamente não era tanto assim, né? Antigamente, quando eu comecei, a gente fazia uma greve... um mês

de greve, já era muita coisa; hoje, dois meses, três meses de greve, né? O problema é mais grave.

Marcelo: Umhum... Certo! Professor, e o Rio Grande do Norte no início do Magistério?

Nélson: Pronto, o Rio Grande do Norte também, como eu falei, já falei mais com uma abrangência maior... Inicialmente, apesar do ensino ser tradicional, era mais favorável, né?A situação era mais favorável. Depois foi ficando mais difíceis... Mas, hoje, já existe mais a parte tecnológica, que melhorou... Hoje o ensino não é mais aquele ensino tradicional da minha época, porque tem a parte tecnológica, as escolas têm núcleo de computadores, né?

Marcelo: Umhum... Para o senhor, professor, o magistério em Caicó? Como foi?

Nélson: A gente enfrentava essas dificuldades no dia a dia, mas, como eu me reportei antes, havia sim um interesse maior por parte dos alunos, consequentemente os professores se interessavam mais, né? Como os alunos tinham muito interesse, a questão de greve era menos acentuada, o professor pensava duas vezes pra poder entrar de greve, né? Muitas vezes, aconteciam greves só parciais. Uma grande parte dos professores não entrava. Eu mesmo me recusei de entrar de greve logo, só entrava na pior das hipóteses, né? Mas, era assim, nessa época era mais desenvolvido porque existia mais interesse dos alunos... A aprendizagem era melhor do que hoje. Hoje, a aprendizagem tá muito ruim. Hoje, o que funciona mais é a escola particular. Na escola pública, há uma dificuldade terrível, né? Várias escolas aqui em Caicó fecharam esse ano... [...] O CEJA ali, o próprio CEJA, que é a maior escola, tem muitas salas de aula desocupadas, porque o pessoal hoje – devido à dificuldade, falta de interesse, tanto dos alunos, como os professores também não tem mais esse interesse todo –, os pais decidem pagar a escola particular porque é melhor para o aluno do que a escola pública, né? Porque é melhor para o aluno...

Marcelo: Sim! Professor, e o magistério no Rio Grande do Norte?

Nélson: Pronto, no Rio Grande do Norte... Na nossa região era a realidade que eu acabei de relatar, mas... lá pra capital, centro mais elevado, era melhor, né? O ensino era melhor; o magistério tinha mais proveito. Tanto [é] que, muitas pessoas que tinham boas condições, botavam os filhos pra estudar na capital, porque lá o desenvolvimento era maior. No interior era menos proveitoso, né? Aproveitava mais nos grandes centros. Então, era melhor nos grandes centros do que no interior.

Marcelo: Certo. Professor, e pra o senhor, Caicó hoje? No contexto atual?

Nélson: Hoje, Caicó ta... mais bem sucedido, na questão da educação, a escola particular, né? Tanto [é] que existem várias escola particulares aqui, e por essa razão fecharam várias escolas

públicas. Esse ano fecharam várias[24]! Eu acho que foram umas quatro escolas públicas que fecharam. A primeira escola pública que eu estudei aqui, que era o Ginásio Estadual Joaquim Apolinar, depois passou a ser Escola Estadual Joaquim Apolinar, tá fechada. Agora, vai abrigar a UERN, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, que não tem prédio, funcionava lá no CAIC, lá na zona oeste, e vai ocupar essa escola que fechou definitivamente, não tem nenhuma sala de aula funcionando. Então, abriram várias escolas particulares. Aqui tem várias escolas particulares que o pessoal, os que podem, colocam os filhos. Já devido essa dificuldade, né? Por exemplo, quando uma escola pública entra em greve, aí, passa uma temporada de greve; aí, quando volta, aquela questão de repor as aulas, é uma... história pra boi dormir! Não existe, realmente, essa reposição de aula. Então, por isso os pais fazem mais dificuldade e colocam os filhos nas escolas particulares, e, por esse motivo, várias escolas públicas aqui estão fechadas.

Marcelo: Professor, uma pergunta que eu esqueci de fazer: quando o senhor falou do curso de currais novos, o senhor falou que foi feito uma seleção para os professores irem e tudo, mas, esse curso, no caso, o professor que era selecionado, ele era obrigado a fazer o curso ou não, era optativo?

Nélson: Não, não, não era obrigado, não. As direções das escolas faziam contato com os professores, e, esses professores que se dispuseram, foram fazer esse curso. Mas, nem todos foram, porque era um pouco difícil, né? A gente saia daqui de Caicó na sexta feira de manhãzinha cedo e só voltava no domingo à tarde, e lá, aonde a gente ficava hospedado, a pousada, era muito... inadequada, né? A gente ficava lá... A parte de refeição era boa, mas a questão de abrigo, dormitório, a parte de dormitório, era muito ruim! Aí, só foi quem se dispôs mais a ir, não era obrigado a ir, tanto que boa parte dos professores não foram.

Marcelo: Certo... Professor, o senhor lembra os conteúdos que vocês viram nesse curso?

Nélson: Lembro... A parte de matemática era mais a parte de álgebra, gráficos... de álgebra, né? E física, era mais aquela parte tradicional mesmo. Mas, o que a gente viu mais mesmo foi matemática, a parte algébrica, né? Foi bom!

Marcelo: Certo! Professor, foram feitas avaliações também, não?

Nélson: Eram feitas avaliações! A gente fez avaliações... Fazia avaliações! Todo mês tinha avaliação, todos os meses, pra acompanhar os estudos. Os professores faziam a avaliação pra acompanhar, ver como estava desenvolvendo o trabalho.

[24] Três escolas, em Caicó, iniciaram o ano de 2014 desativadas, nomeadamente: Escola Estadual Joaquim Apolinar, Escola Estadual Manoel Fernandes Jorge e Escola Estadual Iracema Bezerra Trindade.

Marcelo: Mas essa avaliação ela servia, no sentido, assim, se não passasse, por exemplo, se não atingisse certo ponto, ou...?

Nélson: Não, não. Não era eliminatória, não.

Marcelo: Era realmente só para avaliar mesmo?

Nélson: Era só pra avaliar mesmo, pra os professores se basearem como era que estava se desenvolvendo o trabalho.

Marcelo: Ah, tá certo! Pronto, então, voltando aqui professor: e o Rio Grande do Norte no contexto atual? Para o senhor, hoje, com é que está o Rio Grande do Norte?

Nélson: Hoje tá melhor devido a parte tecnológica, né? tá bem melhor. Mas, a aprendizagem não melhora porque falta interesse. Por parte do alunado não tem interesse e, devido os alunos não se interessarem, os professores também não se interessam muito, né? Faltam muito a aula e, assim, a escola pública hoje, tá funcionando muito precária. Apesar da tecnologia que tem, mas, não existe interesse. Não existe interesse por parte do governo, né? Aí, essa parte afeta os professores: os professores também não se interessam muito; e, além disso, o desinteresse do aluno também faz com que os professores não se interessem muito. Então, tá assim, nessa situação: ficando precária a escola pública! O funcionamento melhor, o desenvolvimento melhor, é da escola particular.

Marcelo: Certo... Professor, e pra o senhor, o ensino de matemática hoje?

Nélson: [...] Matemática hoje... Está melhor, né? tá mais fácil pra o aluno, porque não é só na parte do quadro negro, na parte tradicional, [mas] na parte tecnológica, na parte de computadores, que ajuda muito, né? tá bem melhor... O que falta, eu acho, é o aluno aproveitar mais... Mas, que tem mais condições de aprendizagem, tem; porque, na minha época, era mais a parte do tradicional, né?

Marcelo: Certo... Professor, no caso, agora eu só ia pedir para o senhor fazer algumas considerações; ficar a vontade para falar alguma coisa que o senhor acha que eu não dei oportunidade de falar; que o senhor queria colocar, ou, não sei, complementar alguma informação... Fique a vontade para o senhor falar o que quiser.

Nélson: Não, eu só... Até me sinto, assim, feliz! Porque... eu acho que essa foi, praticamente, a primeira vez que aconteceu isso, né? Eu já tive, assim, de participar de entrevista, pra fazer colocações, mas assim, dessa forma, hoje foi a primeira vez, né? Então, eu me sinto honrado e desejo que minhas informações sirvam para o seu trabalho, que você possa desenvolver um trabalho bom dentro das minhas informações, né?

Marcelo: Ah, certamente ajudarão muito, professor! Eu que fico muito feliz. Eu agradeço mais uma vez: muito obrigado, professor!

Entrevista com o professor Nélson
Duração da Gravação: 01h 15min 09s
Local: Residência do Colaborador (Caicó)
Data da entrevista: 29/04/2014

Professor Ozório



Marcelo: Professor, vou pedir para o senhor começar fazendo uma apresentação pessoal.

Ozório: Ok. [Meu nome é] Ozório Barboza de Menezes. Eu sou do estado do Rio Grande do Norte, filho de Olho D'Água do Borges[1]... Meu pai era agricultor e minha mãe era doméstica, né? E após [ter] ajudado a criar doze filhos nas atividades agrícolas, com quatorze anos, eu fui alfabetizado. Eu comecei a estudar e sonhava muito com a universidade. Eu consegui fazer Engenharia Agronômica, depois fiz especialização em Metodologia do Ensino Superior e da Pesquisa Científica, fiz mestrado na área de Fitotecnia e comecei o doutorado na área de Educação, só que era com Cuba, aí, teve uma série de relações cortadas, à época, principalmente financeira, da parte de Cuba, mais ou menos quando eu tinha pago setenta por cento dos créditos, o doutorado praticamente se acabou e eu não concluí mais. E faz... Vou completar agora trinta e quatro anos que sou docente da universidade.

Marcelo: Professor, o senhor nasceu em Olho D'Água do Borges em que ano mesmo?

[1] Olho D'Água do Borges, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal. Localiza-se a, aproximadamente, 20 km de Patu e 321 km de Natal.

Ozório: 1954. Dia 29 de novembro de 1954. Vou fazer sessenta anos agora.

Marcelo: Certo. Professor, o senhor poderia falar um pouco da família?

Ozório: A família... Eu tava até ministrando uma disciplina agora e falando para a menina que é da área de psicologia: a família e a escola são a base de tudo! Certo? É toda base, é a primeira praticamente... O início da Constituição Federal fala sobre a escola e a família, né? Sem qualquer família, a solidez da educação ela deixa de existir, apesar de que a nossa formação familiar, não é ela [que] conduz à totalidade, por quê? Por [conta] do caminhar da história humana [de cada um]... Então, se tem três filhos: esse tem uma amizade, esse tem outra, esse tem outra, que, aí, começa a se ramificar de acordo com os laços sociais que você vai [criando]... interagindo. Mas, a família, a princípio, é a base da educação... É a base da partida pra educação, porque depois vem a escola. E a escola é um relacionamento público... Eu conheço muito da escola. Apesar de alguns autores dizerem que a escola é muito reprodutivista, mas, a escola é crítica e também é transformadora. E nós temos um autor, da área de Pedagogia, chamado Edgar Morin[2], que é um francês, que ele evidencia muito como a família e a escola transformam o homem. Por sinal, na capa do livro dele tem uma borboleta. Isso é interessante, né? Porque a borboleta é um inseto que tem a transformação completa, ou seja, ela é holometabólica. Ela tem o ovo, tem a larva, tem a pupa e tem o adulto, então é completo. O inseto que não é holometabólico, só é metabólico, ele só tem o ovo, a ninfa e o adulto. Aí, a analogia que ele faz entre os lepidópteros, que as borboletas pertencem aos lepidópteros, é que na escola, junto com a família, nós temos uma transformação completa. Agora, é claro: quando a pessoa canaliza pra o lado... porque umas escolas privilegiam só a cidadania, outros privilegiam só a técnica, o ideal é que haja uma convergência entre a técnica e a cidadania, né? Porque se você não convergir pra cidadania e pra técnica, pode acontecer horrores. Por exemplo, o exemplo de uma técnica perfeita foi o lançamento daqueles aviões nos Estados Unidos no dia 11 de setembro de 2001. A técnica perfeita, mas sem cidadania, destruiu pessoas que não tinham nada a ver com a problemática que estava tentando ser resolvida. E também só a cidadania não resolve, não: se eu sou engenheiro, eu tenho que saber construir; se eu sou médico, eu tenho que saber fazer a sua cirurgia, ou fazer intervenção e assim por diante, mas, com certeza, tudo nasce na família.

Marcelo: Sim! Professor, aí, no caso, aproveitando, e a família do senhor? O senhor poderia falar um pouquinho da família do senhor?

[2] Edgar Morin é pseudônimo de Edgar Nahoum, antropólogo, sociólogo e filósofo francês. Considerado como um dos maiores pensadores da atualidade e um dos principais autores da Teoria da Complexidade, possuindo uma vasta obra.

Ozório: É... Você diz pai...? Posso sim! Meu pai faleceu faz seis meses – quase oitenta e nove anos –, minha mãe vai completar noventa anos no próximo ano, tenho doze irmãos e tenho três filhos. Dois filhos são turismólogos e tenho uma filha que faz engenharia química. Meus demais irmãos não tiveram oportunidade de se formar, porque nós éramos muito pobres. O meu [caso] foi mais uma predestinação... (risos) Eu gosto muito de dizer que o meu caso foi mais [por conta de] uma motivação, porque na minha época... eu comecei a frequentar a escola na época da Ditadura Militar. Então, nós éramos obrigados a entrar na sala de aula cantando o hino nacional e a professora toda a vida dizia assim: "Ozório, Ozório Duque Estrada é o nome do autor!"; do hino nacional, né? E aquilo me dava uma motivação muito grande. E a aprendizagem depende muito de motivação, né? O conceito de inteligência é fundamental, porque o conceito de inteligência não só é uma questão genética, é uma questão ambiental, é uma questão temporal e uma questão de motivação, né?

Marcelo: Professor, o senhor poderia me falar um pouco da infância do senhor?

Ozório: Eu acho que eu meti... (risos) Já falei, né? Minha infância... Muito gostosa a minha infância! Apesar da gente ser de origem muito humilde, mas nós brincávamos, nós trabalhávamos na agricultura e meu pai, apesar de ser semi-analfabeta, ele tinha uma virtude muito grande: ele nos ensinava. Eu me lembro bem da didática do meu pai ensinar, porque eu precisava aprender a dividir um número por dois números, um número por três, um número por quatro, ele mostrava os exemplos, ele dizia: "olha, se você precisa saber quantos meses têm quatrocentos dias, você vai ter que dividir por trinta, que são dois números, então, por isso que precisa; se você vai precisar saber quantos anos têm três mil dias, então, você vai dividir por trezentos e sessenta e cinco dias, porque...". Então, a minha infância foi maravilhosa, graças a Deus. Eu nunca fui muito ligado a preconceitos, apesar de saber que tem algumas coisas que às vezes a gente acha esquisito, né? Mas, às vezes é apenas uma questão de subjetividade e a subjetividade é uma coisa que eu posso pensar que você é uma coisa e que você não está refletindo isso na realidade... Houve uma época que os filósofos gregos diziam que: "mente sã, corpo sã"; a gente sabe que isso não é verdade mais hoje. Por exemplo, atualmente às vezes o cérebro está enviando mensagens para o nosso organismo dizendo que você está doente, sem estar doente, é apenas uma ansiedade que você pode muito bem se policiar com isso, né? Mas, minha infância foi muito maravilhosa...

Marcelo: Certo. Professor, o senhor cresceu lá no Olho D'Água do Borges?

Ozório: Foi, no Olho D'Água do Borges! Saí de lá eu tinha vinte e um anos, quando eu saí pra estudar... Naquela época, a escola primária... Era escola primária, que corresponde à

educação básica de hoje, até o quinto ano, aí, o ginásio, correspondia hoje o sexto ano até o nono ano e, vinha: ou o científico ou o famoso clássico, que era exatamente pra quem ia fazer Direito, quem ia fazer Letras, quem ia fazer Filosofia, geralmente fazia o clássico porque preparava você em línguas, preparava você em moral e civismo, preparava você mais nas questões de áreas sociais e nas línguas em geral; e nós, que íamos fazer engenharia, nós íamos para o científico, porque tinha química, física, biologia, matemática e as demais complementares, como história e geografia, até que íamos prestar exame de vestibular, que na época era extremamente difícil, porque nós tínhamos bem pouquinhas universidades e a concorrência era muito desleal, né? Porque uma pessoa como eu, que não tinha nada, ia concorrer com pessoas que vinham altamente preparadas de cursinhos; graças a Deus que eu passei, né?

Marcelo: Verdade... Certo! E a juventude do senhor, professor?

Ozório: A minha juventude... Eu dediquei ao trabalho e a estudar. Aí, eu aqui trabalho com o sistema educacional também, eu gosto muito de dizer aos meus alunos que quem ganha a juventude, perde a velhice e quem perde a juventude, ganha a velhice e tem uma trova... Não sei bem se você conhece esse nome, nós temos aqui umas pessoas semi analfabetas que constroem poesias que nós chamamos de literatura de cordel[3] e tem um poeta que diz um verso fantástico que a velhice pagará os prazeres banais da mocidade (risos). Então, a juventude também foi muito gostosa! Foi mesmo na época da jovem guarda[4], né? No tempo de Roberto Carlos, Wanuza, e aí por diante. E a gente, mesmo pobre e distante talvez dos aconchegos sociais, mas, no fim, a mistura do sertão da vivência da época, que a gente construiu, né? Porque, realmente, a maioria das coisas da gente quem faz somos nós mesmos. Por exemplo, o médico é apenas o mediador, mas eu tenho [que], além de tomar medicação, cortar alguns problemas que eu não devo fazer, por exemplo, refrigerante, sei lá... Você já ouviu falar que no hospital tenha guisado de porco? Já ouviu falar que num hospital tenha guisado de camarão? Não tem! Então, significa dizer o quê? Que esses alimentos são altamente prejudiciais, porque a carga protéica é elevadíssima, né? Então, a juventude da gente foi muito boa. Outra questão de mediação é a do professor. O professor é apenas o

[3] Forma literária de escrita muito conhecido, principalmente, na região nordeste do Brasil. Entre muitas de suas características principais, as mais marcantes dizem respeito aos padrões, as normas, de métrica, ritmo e oração. Muitos são os estilos, formas e normas adotadas na Literatura de Cordel, mas, tradicionalmente, o estilo ficou muito conhecido por ser apresentado em pequenos livros, conhecidos como "livretos", com capas produzidas a partir da xilogravura (técnica milenar de esculpir, em madeira, um molde).

[4] A Jovem Guarda foi, inicialmente, um programa de televisão, criado na década de 1960, apresentado pelos cantores Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléia, que tomou proporções maiores e, mais tarde, deu nome a um movimento musical do país, tendo, além dos cantores mencionados, inúmeros outros interpretes; este movimento teve como base o *rock and roll*.

mediador. Se o professor tem experiência, melhor para o aluno; mas, se ele não tem experiência, pelo menos da literatura[5] você pode ser autodidata e, mais cedo ou mais tarde, vai ultrapassar o professor. Isso aí é normal. Normal, normal! [...] Foi muito boa a minha juventude.

Marcelo: Certo... Professor, no caso, a infância e a juventude o senhor passou em Olho D'Água do Borges, como o senhor falou... Vocês moravam na zona rural ou era na zona urbana?

Ozório: Zona rural! Aí, vou repensar a terminologia... Zona rural, quando a zona rural era igual ao agrícola. Porque hoje a zona rural não é igual ao agrícola. Na zona rural nós temos o motel, nós temos a mercearia, nós temos o bar, nós temos venda de água mineral, nós temos venda de botijão de gás, então, nessa época, quem morava na zona rural era exatamente uma pessoa agrícola, que vivia exclusivamente da agricultura, né? Estava submetido exatamente ao risco do clima. Só que, estando aqui, submetido ao risco da seca, porque em outras regiões são furações, são desastre com enchentes no nosso caso do norte do país, geadas quem está nos pólos, e daí por diante, né? Mas nós tínhamos o nosso. Tínhamos não, sempre tivemos o martírio da seca, né? Que em dadas condições eu digo que é melhor do que o martírio da enchente, que, como está a região amazônica eu não sei se daqui a oito anos ela tem recuperado, né?

Marcelo: Certo, professor. E como era o cotidiano da região onde o senhor cresceu?

Ozório: Na época era extremamente humilde! Nós vínhamos à cidade de mês em mês... O centro básico, na época aqui, era Patu, que tinha a chamada feira, né? Nessa época, a nossa economia maior era a cultura algodoeira. Então, todo mundo trabalhava o ano, e quando era no final do ano é que nós vínhamos realmente pra Patu duas vezes, três vezes. A cidade nessa época não tinha eletricidade, depois foi que houve a expansão da energia de Paulo Afonso[6], que fica lá no Rio São Francisco. Mas, a cidade só tinha energia até dez horas da noite, depois das dez horas da noite tudo era cortado. Completamente diferente, né? E a cultura, que é uma coisa que eu tenho muita lembrança, é que... A televisão quebrou a nossa visão regional, né? As novelas, hoje... O sertanejo de antes desapareceu, né? O pessoal que tocava forró, corriqueiramente, desapareceu. Isso também era tudo nas cidades... Nós vínhamos nos divertir nas cidades, nos forrós, nas cantorias... [Quando] tinha que fazer as nossas compras.

[5] Em inúmeras passagens da entrevista o professor utilizará o termo literatura, mas, ao que entendemos, se refere, no geral, a bibliografia acadêmica.

[6] Paulo Afonso é uma cidade localizada no estado da Bahia, onde está localizado um complexo hidrelétrico homônimo, uma das maiores capacidades produção entre as usinas do Brasil.

Geralmente os nossos pais vinham semanalmente, aqui, no caso de Patu, era no sábado, nos outros locais, em geral, as pessoas que não tinham maioridade, nós só vínhamos pra rua duas três vezes durante o ano (risos).

Marcelo: Então, só quando era extremamente necessário...[?]

Ozório: É... Extremamente necessário. Às vezes, nós [filhos] vínhamos, depois é que eles [pais] vinham. Nós éramos trazidos por carroças, jumentos, e aí por diante. Depois passamos a vir com a bicicleta, depois foi [que] apareceu a motocicleta e hoje ninguém quer mais nem saber de motocicleta, só quer saber de carro, né?

Marcelo: É verdade... Professor, e como era o cotidiano na zona rural? Que foi onde o senhor realmente ficou mais tempo, não é?

Ozório: Exatamente. Na zona rural era... trabalhando de dia e de noite. Realmente, nós não tínhamos descanso, não é? A cultura básica, na época, a economia regional era a cultura algodoeira, aí, nós começávamos a trabalhar desde muito cedo... [...] desde as capinas, depois vinha o trabalho do solo, quando vinha a chuva, nós plantávamos, aí, vinha a colheita. Nós começávamos a trabalhar cinco da manhã e trabalhávamos até essa hora [por volta das 18h]. Quando chegávamos em casa, ainda íamos colocar a água em casa, em uma coisa que chamava de cambão, galão... Nós chamávamos errado de galão, por desconhecer o que significava galão; era um pau que vinha com duas latas de dezoito litros e isso era praticamente de segunda aos sábados. Quando era no domingo, a gente já ia colocar lenha, fazer toda uma véspera, para no dia seguinte começarmos tudo de novo. Só tínhamos direito a uma roupa durante o ano. Mas era todo mundo satisfeito, todo mundo era feliz. Não existia roubo, você podia dormir com as portas abertas; a cordialidade era muito grande, não havia competição. Uma época muito boa!

Marcelo: Imagino... Professor, e como era a cidade, no caso, a região e a educação?

Ozório: Ah, extremamente difícil! Pra começo, nós não tínhamos escolas... Aqui em Patu, muito cedo, por volta dos anos 1950, foi fundada uma escola chamada Ginásio Comercial de Patu[7]. Pra aqui isso era uma novidade, mas quem queria estudar teria que ir ou pra capital ou pra Mossoró, aqui próximo, quem quisesse avançar os estudos mais adiante... E é bom lembrar que as universidades de Mossoró, elas só começaram a fluir pra valer a partir de 1968, porque até 1968 a única universidade que tinha lá, era uma universidade na área de economia[8], parece que era economia, que foi fundada em 1943, o resto tudo era em Natal. A própria Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi fundada, eu creio, mais ou menos

[7] Primeira instituição com ensino ginasial em Patu.

[8] O professor refere-se à Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró (FACEM).

um pouco além da metade dos 1950, aí, depois ela começou a vir pra o interior. Hoje nós temos a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, que, além do campus central, têm os campi avançados e, por enquanto, tem núcleos[9] que, segundo a política do novo reitor, eles vão ser extintos por uma exigência do Ministério da Educação, que é uma exigência das Diretrizes Curriculares, e elas descem até os Conselhos Estaduais de Educação, [e dizem] que precisa de professores permanentes, [nos núcleos] dão aula, mas não tem uma permanência lá. Você que é universitário, que tem experiência universitária avançada, você sabe que pra você ser universitário, você tem que ter uma vida centrada ali, seja nas ciências humanas, seja nas ciências sociais; que seja nos cursos de tecnologia, que seja nos cursos da área biomédica, não é? Pra que você passe o dia em laboratório, pra que você tenha experiência com o ensino, a pesquisa e a extensão. E o pessoal dos núcleos não tem essa oportunidade, não usufrui dessa oportunidade... tem aulas presenciais, mas são aulas, praticamente, eminentemente teóricas, né?

Marcelo: Verdade... Professor e na zona rural, como era a educação? Tinha ou ... [?]

Ozório: Praticamente não tinha... Praticamente não tinha...

Marcelo: Certo... E o Rio Grande do Norte, professor, nesse período? [...] O senhor lembra como era, assim, o contexto do estado?

Ozório: Me lembro! [...] Bem! Eu nasci em 1954, né? Então, eu nasci três meses após o suicídio de Getúlio Vargas[10], né? E na época que eu nasci quem assumiu o Estado... não sei se você sabe, quem assumiu a presidência do Brasil foi um Norte Rio-grandense, Café Filho[11]. Ele passou, eu não sei se foi seis meses ou se foi um ano e seis meses, uma coisa desse tipo, eu não estou bem lembrado. Aí, quem assumiu após isso aí foi Juscelino Kubitschek[12]... Naquela época, Juscelino Kubitschek, numa sucessão de Getúlio Vargas, começou a incentivar o desenvolvimento urbano, né? Por causa do desenvolvimento urbano, as pessoas

---

[9] A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), hoje, além do campus central (em Mossoró) e de cinco campi avançados (localizados em Assu, Pau dos Ferros, Caicó, Patu e Natal), possui, ainda, onze Núcleos de Ensino Superior (situados em Areia Branca, Apodi, Caraúbas, Umarizal, São Miguel, Alexandria, João Câmara, Touros, Macau, Nova Cruz e Santa Cruz).

[10] Getúlio Dornelles Vargas foi um político brasileiro. Ocupou as funções de deputado estadual (1909-1913 e 1917-1924), deputado federal (1924-1926), governador (1928-1930) e senador (1946-1951) pelo estado do Rio Grande do Sul; ministro da fazenda (1926-1927) e, por dois períodos, presidente do Brasil (1930-1945 e 1951-1954).

[11] João Augusto Fernandes Campos Café Filho foi político brasileiro. Ocupou os cargos de deputado federal (1935-1937 e 1946-1951) e senador (1951-1954) pelo estado do Rio Grande do Norte; foi o vice presidente de Getúlio Vargas em seu segundo mandato (1951-1954), assumindo a presidência da república após a morte de Vargas (de agosto de 1954 a novembro de 1955).

[12] Juscelino Kubitscheck de Oliveira foi um médico, oficial da polícia militar mineira e político brasileiro. Prefeito de Belo Horizonte (1940-1945), deputado federal (1935-1937 e 1946-1951) e governador (1951-1955) pelo estado de Minas Gerais, senador (1963-1964) pelo estado de Goiás e presidente do Brasil (1955-1961).

começaram a migrar do meio rural para o meio urbano. Naquela época, o contexto do Rio Grande do Norte... Realmente é provado mesmo, não posso dar os dados, assim, não tenho nenhum dado do IBGE[13], não, mas eu posso lhe assegurar que se nós tínhamos muito no meio urbano, era quinze por cento, vinte por cento [da população], a maioria se encontrava no meio rural. Então, a nossa convivência no Rio Grande do Norte era totalmente rural, nera? Nós tínhamos a costa salineira do Rio Grande do Norte que sempre foi poderosa, né? Areia Branca, Macau[14], e aí por diante... Na metade dos anos 1970, houve uma façanha no Rio Grande do Norte, que foi a descoberta da bacia potiguar de petróleo, né? Depois disso, o Estado teve um crescimento muito grande. Coincidentemente – isso foi mais ou menos em 1979 –, dez anos [antes] tinha acontecido a escola de Agronomia em Mossoró[15]. Então, nós fomos formando muitos engenheiros agrônomos e nós [nos] tornamos muito poderosos em hortigranjeiros. Pra você ter uma ideia, aproximadamente, noventa e cinco por cento da produção e exportação de melão do Brasil, é do Rio Grande do Norte, onde noventa por cento é de Mossoró. Então, o agronegócio na região tornou-se muito forte. Nós temos, por exemplo, Mossoró, Baraúnas, foi construído em 1983 a barragem Armando Ribeiro Gonçalves, que tem um volume de aproximadamente dois virgula três bilhões de metros cúbicos... [Então,] eu considero o Estado não tão pobre como o governo diz. O grande problema – como eu conheço um pouco de política econômica, é que o Estado... o Estado dos Estados, que é o Brasil, tem uma dívida interna muito grande, né? Uma dívida social muito forte... – é a nossa folha de pagamento do Estado com cento e doze mil servidores ainda é muito grande e, há alguns anos atrás, por sinal, em 1990, Collor[16] fez uma política em cima disso. Nós tínhamos os funcionários públicos completamente desacreditados, né? Era muito, ficava tudo sem serviço. Hoje não, nós realmente procuramos dar conta do recado, somos mais exigidos, apesar de ainda haver muita deficiência, né? Mas, o estado do Rio Grande do Norte, nessa época, ele era forte só na cultura algodoeira, era forte no sal, praticamente, e na pecuária. Então, nos anos 1970 foi consolidado a questão do petróleo e a questão de... muitas frutas tropicais. Nós somos bastante exportadores, nós temos empregado muita gente após o movimento da antiga Escola de Agricultura de Mossoró, que hoje é a UFERSA, que é a Universidade Federal

[13] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
[14] Areia Branca e Macau são cidades do litoral norte do Rio Grande do Norte, situadas na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Mossoró. Localizam-se a, aproximadamente, 163 km de Patu e 330 km de Natal.
[15] O professor refere-se à Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), criada em 1967, atualmente é a Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA).
[16] Fernando Collor de Melo é, dentre outras coisas, político brasileiro. Ocupou os cargos de prefeito de Maceió (1979-1983), deputado federal (1983-1987), governador de Alagoas (1987-1989) e presidente do Brasil (1990-1992). Atualmente, ocupa a função de senador pelo estado de Alagoas (eleito em 2007).

[Rural] do Semi-Árido. Porque quem cresce uma região... quem cresce uma região são as universidades. Vou dar um exemplo... como se projetou o Paraná, que tem seis ou sete universidades estaduais, tem ou é seis ou é sete. É o estado mais desenvolvido do País. Nós temos o nordeste... O Ceará tem três universidades estaduais e temos a Bahia que tem quatro universidades, coincidentemente são os estados mais desenvolvidos [da região]. Nós temos Alagoas que não tem nenhuma universidade estadual e por incrível que pareça é o estado menos desenvolvido do país. É muita coincidência esses dados para dizer que a universidade não desenvolve a região. Aí, não tem nem como pensar diferente, principalmente hoje, com uma política que foi implantada nos anos 1970 da pós-graduação, não é? Naquela época era mais concentrado nas áreas de ponta, tecnologia, mas hoje são muitas as áreas... Licenciaturas, nas áreas de educação, propriamente dita, que entra a questão das ciências sociais, né? E com isso, agora, nas ciências sociais tem uma coisa muito séria, é que, quanto mais se escreve sobre pobreza, mais se conhece a pobreza, [por isso que] os pobres não têm direito de construção de conhecimento pra ver da pobreza, quem tem é os ricos. Aí, os ricos conseguem saber como manobrar cada vez mais os pobres. É um grande problema, né? [...]

Marcelo: É verdade... Professor, e como era a educação familiar nesse período?

Ozório: A educação familiar era muito rigorosa e muito ligada a questão da religião católica, né? Hoje, nós temos expansão do protestantismo, que, naquela época, era altamente hediondo. Mas nós éramos educados exatamente de acordo com o rigor familiar de respeitar as pessoas mais velhas, porque supostamente eram bons conselheiros... Mas os conceitos educacionais dizem que nós aprendemos com os mais antigos, né? Quer dizer, realmente, nós não podemos dizer que... Porque uma coisa é a aprendizagem, outra coisa é o desenvolvimento. Nós não podemos dizer que nós só aprendemos com os mais velhos, mas a experiência dos mais velhos é mais brilhante do que a dos mais jovens. Por exemplo, se você fosse hoje fazer uma cirurgia... do coração, e o médico que fosse fazer em você a sua cirurgia, se você tivesse que escolher dos médicos: um que tem doutorado, [mas] que vai fazer a primeira cirurgia e um que não tem doutorado, [mas] que já fez três mil cirurgias, você escolhia qual? [...]

Marcelo: muito provavelmente o que já fez três mil cirurgias...

Ozório: Pois é, porque a experiência ela é fundamental. Então, na família, a gente era muito centrado na questão da experiência, ela é fundamental. Ouvia muito os mais velhos, porque os mais velhos... Interessante! Na minha época de jovem eu sabia o nome dos meus avós, bisavós, trisavós, tios, etc., os ancestrais, hoje as pessoas não sabem mais. Era uma educação muito centrada na questão da genealogia. O da religião... Claro! O catolicismo! Credo do

cristianismo, fundamentado, então, no cristianismo. Nós éramos muito domados, né? Que as pessoas colocavam... As ciências sociais trabalham hoje nessa direção, colocando que nós éramos muito conformados, mas é um sistema de respeito do que um sistema de bagunça, né? Tinha tudo fragilizado, porque tudo na vida tem seus pontos fortes e tem seus pontos fracos, mas com certeza a família vivia bem melhor do que a de hoje, porque a família de hoje vive muitos conflitos, não é? [...]

Marcelo: Professor... Como foi o primeiro contato do senhor com a escola e a rotina escolar? E como era?

Ozório: O meu primeiro contato com a escola foi um pouco triste, né? Eu fui pra escola, cheguei lá, aí, a professora disse para mim: "O que é que você veio fazer aqui? [...] Eu não vou ensinar ninguém não, né?". Aí, eu fui para uma vizinha e pedi para me matricular na escola dela. Aí, a escola, nessa época, nós tínhamos a carta de ABC... Você estudou química muito bem, né? Porque a carta do ABC era como se fosse a tabela de química. Realmente, pra eu escrever alguma coisa sobre química, eu tenho que saber sobre a tabela periódica, eu tenho que saber quem é alcalino terroso, quem é simplesmente alcalino, quais são os elementos de transição, se existe eletronegatividade, o que é uma valência, o que é um *cation*, o que é um *anion*... Pra eu construir um texto sobre a química, não é? Então, o que é que a gente fazia? Nós aprendíamos, nós tínhamos enumerado as letras do "a" até o "z", na época era vinte e seis letras, né? Nós tínhamos o "w", nós tínhamos o "y" e nós tínhamos outra letra que eu estou esquecido agora, né? O "k"! Pronto. E depois, dividíamos as consoantes e as vogais, pra mostrar que a partir dali nós éramos capazes de construir as sílabas, por exemplo, pegar o "e" e o "s" pra "es", o "c" e o "o" pra "co" e o "l" e o "a" pra... Pra depois contextualizar e formar o nome "escola". Então, na época, a educação ainda era muito tradicional, era muito reprodutivista, mas isso nós não deixávamos de aprender, porque, primeiro, pra você me chamar de Ozório, você tem que decorar meu nome, né? Então, nós tínhamos uma coisa chamada decoreba, né? (risos) Por exemplo, eu lia aqui e via "escola e rotina escolar", "escola e rotina escolar", "escola e rotina escolar" [como se estivesse decorando]... Bem, isso é uma coisa que eu tenho que gravar mesmo, né? Por exemplo, pra eu saber que o "f" é ferro na tabela periódica, tenho que saber que "f" é ferro, porque senão eu não sei; pra eu saber que ele tem três mais aqui [notação química], é porque existe uma legenda que me diz que são três valências, tá certo? Ou seja, que ele está num nível que eu só posso ligar lá onde diz que tem cinco elétrons, pra poder haver uma organização molecular perfeita, que nós chamamos de estabilidade, né? Por isso que ninguém bebe no galitó, porque, segundo a história, já estão

estáveis, né? Aí, depois nós aprendíamos é... um “l” e um “a”, “l”, “a”, “la”; um “l” e um “e”, “l”, “e”, “le”; um “l” e um “i”, “l”, “i”, “li”; um “l” e um “o”, “l”, “o”, “lo”; e um “l” e um “u”, “l”, “u”, “Lu”; até formar as palavras né? “Luna”! Aí, eu pegava da família “l” e “u” e o “na”, da família “n” e “a”. Essa era a forma que era construída. Depois disso aí, começava a construir as frases, né? Sei lá... Seu nome? Marcelo é estudante de doutorado, por exemplo, uma frase, né? “O que é doutorado?”; “Doutorado é um nível considerado top na vida acadêmica...”, e a gente ia gravando essas questões como decoreba e era importante, porque mais tarde veio a questão do entendimento da questão da formação de conceitos, que eu preciso ter mentalizado algumas coisas na minha cabeça, para eu conhecer os conceitos, né verdade? Por exemplo, o meu conceito de “porta” é que é um retângulo vertical; meu conceito de “janela” é que ele é horizontal; o conceito de “porta” é que ela parte do piso até uma certa altura e o de “janela” é que é uma abertura que não é a partir do piso, ela é uma região mediana entre o piso e o pé direito da construção. Então, isso já foi um conceito mais avançado, que é o conceito de desenvolvimento, que é diferente do conceito de aprendizagem. Aprendizagem é uma coisa, desenvolvimento é outra. Interessante isso, porque você pode aprender e não ter a capacidade de fazer as relações entre teoria e prática, já o desenvolvimento não... Por exemplo, se eu sou desenvolvido, eu não preciso decorar os fusos horários, por quê? Eu sei que a terra é ligeiramente uma esfera, né? Está certo. Tem trezentos e sessenta graus, o dia tem vinte e quatro horas e trezentos e sessenta dividido por vinte e quatro dá quinze; coloco o transferidor aqui em cima do mapa mundi, e de quinze em quinze graus vai ter uma diferença de uma hora no fuso horário. Então, não vai ficar decorando essas coisas, né? E, finalmente, muitas outras coisas que pudesse imaginar, por exemplo, lembra da propriedade associativa? Se eu pegar aqui essa multiplicações, essas divisões, essa soma e tenho que fazer um rearranjo aqui pra ser igual, então, o que é que isso me representa na prática? Eu chegar no supermercado e dizer: “Ei! Eu só tenho um dinheiro pra comprar duzentos e cinquenta gramas de açúcar”; e alguém dizer: “não, mas eu não tenho peso de duzentos e cinquenta gramas” – hoje não, que as balanças são digitais, mas antigamente não tinha; então eu digo: “não, mas é muito fácil. Eu tenho aqui duzentos e cinquenta gramas de café, então, eu vou associar, duzentos e cinquenta gramas de café pra duzentos e cinquenta gramas de açúcar”. Então, são poucas pessoas que tem essa capacidade... Às vezes você tem doutorado, pós-doutorado, morre velhinho na academia e você não consegue fazer, tem dificuldade de fazer essas associações... E na época, a escola... era tradicional, estudada por leis, mas ela tinha dois objetivos e alcançava: era que quando você terminasse, você estudasse

três meses, você já sabia ler uma carta, ler uma correspondência – que hoje chamam o e-mail, né? Você já sabia ler o e-mail que alguém mandava para você e escrever... pra namorada, pro amigo, ou pra alguém que você deve uma conta, "não posso pagar hoje", ou recebia de lá pra cá e você não queria fazer esses seis meses; o outro objetivo era aprender as quatro operações, que era uma contribuição no mundo mercadológico, né? Porque no mercado tem que saber somar, tem que saber subtrair, saber o produto e saber o cociente, né? E ela conseguia fazer isso!

Marcelo: Certo... Professor, e essa escola que o senhor falou que teve contato, o primeiro contato, foi ainda na zona rural?

Ozório: Zona Rural! Tudo ainda na zona rural. Só comecei a ter contato na cidade... Eu tinha quinze anos. Foi em 1969, com o fechamento [encerramento] do quinto ano primário... Por sinal, na época, a professora reconheceu que eu tinha muitos predicados, facilidade de aprender, que me pegou do segundo ano e passou logo pra o quinto ano primário, e eu fui lá e dei conta do recado: fui aprovado, ainda me lembro, com a nota nove vírgula um, à época, né?

Marcelo: Isso no exame de admissão[17]?

Ozório: Não, o exame de admissão foi depois. É... Foi bom você falar nisso aí. Quando eu terminei o ano, em 1969, em 1970 eu não pude estudar, porque houve uma seca aqui na região. Aí, eu fui trabalhar no serviço de emergência das secas, da época, né? Pra ajudar a meu pai a criar os filhos, que ainda eram pequenos. Aí, quando foi no ano seguinte... Eu ganhava na época um valor X qualquer lá, que, me parece que, semanalmente, eram quatorze, que deveria ser quatorze cruzeiros, ou qualquer coisa desse tipo... Eu dava a ele [pai] nove cruzeiros e ficava com cinco, guardando pra quando desse certo ir estudar. Aí, no ano seguinte fiz o admissão e entrei no ginásio, em 1971.

Marcelo: Professor, no caso, o senhor estudou na zona rural... Tinha uma escola na zona rural, ou o senhor estudava em casas?

Ozório: Não, eram em casas particulares. Em casas particulares...

Marcelo: Entendi... E era perto de onde o senhor morava, não?

Ozório: [...] [Responde negativamente com a cabeça] Dois quilômetros e meio... A gente ia a pé e vinha a pé, a pasta que levava os materiais, era um saquinho plástico. [...]

Marcelo: Todos os dias?

[17] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, foi extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.

Ozório: Todos os dias... Não! Todos os dias, não! Tinha dia que eu não ia porque tinha que ajudar meu pai. Era alternado. Lá a professora considerava minha ausência porque eu era estudioso... À noite, eu estudava no claro de uma lamparina.

Marcelo: Sim... O senhor chegava a ir quantas vezes por semana, professor, o senhor lembra? Ou o senhor tinha...

Ozório: Até o quarto ano primário eu ia muito pouco, aliás, até o segundo ano primário eu ia muito pouco, aí, no quinto ano primário eu ia todos os dias. Aí, parei [e depois] fui continuar... Quando terminei [o primário], vinha fazer o ginásio aqui pela manhã, aí, a tarde ia trabalhar. Depois eu passei, fui pra Mossoró, estudei o primeiro ano do segundo grau lá, aí, fiz a seleção de uma escola federal próxima a Natal, fui aprovado na seleção. Lá, era internato com tudo de graça, ninguém pagava o estudo e a alimentação também era grátis.

Marcelo: Certo... Era na Escola Agrícola de Jundiaí[18]?

Ozório: Era, na agrícola de Jundiaí, exatamente!

Marcelo: Ah, está certo! E, aí, o senhor foi morar lá pra terminar o ensino médio, então?

Ozório: Isso, fui morar lá. Era internato. Exatamente!

Marcelo: Aí, o senhor fez lá o segundo e terceiro ano...[?]

Ozório: Segundo e terceiro ano... exatamente.

Marcelo: Depois o senhor voltou para Mossoró, pra fazer...?

Ozório: Aí, depois... Não podia continuar a universidade. Então, fui trabalhar no Norte do país. Trabalhei no Amazônas, trabalhei no Pará, aí, quatro anos depois, fiz vestibular pra Agronomia e passei, entrei na faculdade. Então, [meus estudo foi] todo interrompido. Eu acho que você, pra o seu trabalho, pegou uma pessoa boa, cheia de contradições, viu? (risos)

Marcelo: Na verdade, é uma experiência muito boa realmente... Professor, quando o senhor veio estudar aqui, no ginasial, em Patu, o senhor estudou no municipal[19], ou foi no comercial?

Ozório: Não, não, foi no Ginásio Comercial. No Ginásio Comercial...

Marcelo: Certo... No caso, o senhor tinha alguma bolsa ou o senhor pagava com o dinheiro que conseguiu juntar?

Ozório: Não, pagava com o dinheirinho pouquinho que eu tinha juntado... Mas, era baratinho na época. Era um valor simbólico.

Marcelo: Ah, sim, certo! E como era o interesse dos alunos, nesse período, pelos estudos?

---

[18] Fundada em 1949, como "Escola Prática de Agricultura", a instituição foi incorporada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 1967. Ela está localizada na antiga fazenda de Jundiaí, distante, aproximadamente, 3 km da zona urbana da cidade de Macaíba e 25 km de Natal. Hoje, a EJA é a Unidade Acadêmica Especializada em Ciências Agrárias, da UFRN.

[19] O Ginásio Municipal de Patu, primeiro ginásio público da cidade.

Ozório: Ah, o interesse era efervescente! Aqueles que saiam para estudar... Todos aqueles que saíram pra estudar naquela época – não estou menosprezando os outros cursos –, [mas] fizeram Medicina, Engenharia... porque éramos canalizados para isso, né? Engenharia, Medicina e Advocacia. Nós temos juízes federais... Nós temos casas aqui que tem três médicos, casa que tem cinco engenheiros... Passavam mesmo! Isso aqui, na época, quem estudava na escola de Jundiaí, oitenta por cento eram aprovados nas engenharias, medicina e advocacia. Só não passava quem era mais relaxado, quem o interesse era mais difícil. Olhe, isso... – eu vou usar essa palavra, eu poderia usar a palavra sequioso, mas eu vou usar a palavra fome, na sua produção você escreva da forma como você quiser – nós éramos famintos pelo conhecimento! Eu, por exemplo, eu só acreditava que eu fosse bom aluno se eu tirasse dez em inglês, dez em história, dez em geografia, dez em matemática, dez em química, dez em biologia e daí por diante. Se eu tirasse um nove, eu ficava decepcionado comigo mesmo. Isso era um pouco generalizado... Aqueles que não tinham interesse, foram ser policiais, foram ser vigias, ficaram em funções sofridas, mas todos aqueles que despertavam interesse, que era a maioria na época, com certeza todos vivem muito bem financeiramente... Muitas pessoas já da minha idade, com sessenta anos, sessenta e dois, e aí por diante...

Marcelo: Certo... Professor, no caso, aqui em Patu? O interesse dos alunos aqui em Patu... E em Mossoró, que o senhor fez o primeiro ano lá também, era do mesmo jeito, não?

Ozório: Não! Lá em Mossoró já começou a haver uma dispersão. A cidade era maior; a oportunidade era maior, e aquela história da estatística: à medida que aumenta a amostra, o erro diminui, né? Então, quando eu aumentei a amostra, tava com outra amostra, então, o desinteresse era bem maior. Agora, em Jundiaí não! Porque quando nós entramos em Jundiaí, [como] lá era internado, [para entrar] lá era uma seleção a duras penas. Por exemplo, fazia seleção, sei lá... Quatrocentos? Passavam vinte. No meu grupo, parece que passaram... não sei se foram vinte e seis. Alguma coisa desse tipo. Eu sei que na época eu fui o primeiro lugar na seleção, porque lá é a mesma história de classificar os alunos. Eu tirei oito vírgula vinte e três na nota e passei; aí, lá tinha duas vagas pra bolsa, eu fiz a seleção, também passei na primeira bolsa e pronto. Aí, fechei o quadro. Na universidade eu tive quatro bolsas de iniciação científica. Aí, pronto, tudo melhorou. Saí da universidade preparado, pra assumir emprego... Aí, deu tudo certo.

Marcelo: Professor, e quando o senhor estudou aqui em Patu, ainda no ginasial, o senhor vinha e voltava todos os dias da...[?]

Ozório: De bicicleta! Eram treze quilômetros...

Marcelo: Eram treze quilômetros. Todos os dias de bicicleta?

Ozório: Todo dia! Todo dia, todo dia, todo dia, todo dia...

Marcelo: Nossa senhora... Certo! Professor e como eram as disciplinas?

Ozório: As disciplinas da época enfatizavam muito a matemática... no ginásio. [...] Bem, no primário era: história, geografia, língua portuguesa e matemática. No ginásio era: língua portuguesa, matemática – sempre estudamos matemática –, tinha moral e civismo – que é do período da ditadura militar –, tinha OSPB[20] também – que era da mesma linha de pensamento, né? – e tinha história, geografia e inglês. [...] Aí, no segundo grau: no primeiro ciclo de escolaridade, pra aqueles que iam para o científico, acresciam física, química e biologia; pra aqueles que iam para o clássico, aí, era grego, latim, noções de espanhol, italiano, e aí por diante. Ele era preparatório pras pessoas que iam fazer... Geralmente, esse curso aí do clássico, era mais para o pessoal elitizado. Esse pessoal que já faz o ensino super canalizado, né? "Tem que ser juiz"; "tem que ser promotor". Esse pessoal era muito canalizado, não é? [...]

Marcelo: Certo... E como eram os professores e suas aulas?

Ozório: Rapaz, eu tava pensando isso... ou foi ontem, ou hoje. Eu tinha um professor, que tinha uma didática perfeita, o professor de geografia. [...] Até hoje, eu não tive nenhum professor que tenha uma didática perfeita daquela ali. Ele levava os mapas pra sala de aula e saía... colocava o mapa do Brasil, o mapa mundi, o mapa do Rio Grande do Norte, e com um apontador ele... olhe, ele dava um show de aula! Ele fazia, da geografia, você saber de tudo! Meu professor da língua portuguesa também era muito bom! É... Era um pouquinho irresponsável, mas era um professor muito bom. O professor de matemática também era um professor muito bom e as aulas ainda eram à base do quadro negro e giz. Mas você sabe... O seu curso é? Você é formado em que licenciatura?

Marcelo: Eu fiz a graduação em Matemática e o mestrado e, agora, o doutorado em Educação Matemática...

Ozório: Em Educação Matemática? Bem! Você já leu um artigo de Suely Druck, o drama do ensino da matemática no... O Ensino da matemática... [...] O drama do ensino da matemática no Brasil[21]?

Marcelo: Não, não, não conheço... O drama do ensino de matemática... [anotando]

---

[20] Organização Social e Política Brasileira.

[21] O artigo ao qual o professor se refere, foi publicado no jornal Folha de São Paulo em 25 de março de 2003, sob o título "O drama do ensino da matemática".

Ozório: Eu acho que eu tenho uma cópia aqui. [...] Muito interessante... É uma discussão sobre a Matemática pura e a Educação Matemática. Quer dizer, não bem isso, mas canaliza para isso aí... Então, exatamente, questionando a questão do excesso de didática, né? Porque, pra ela o conhecimento precede a didática e... você sabe que na licenciatura, a didática precede o conhecimento. Eu acho que essa discussão não é por aí... A minha linha de pensamento é assim: nenhuma coisa, nem outra, né? Eu tenho que canalizar as duas situações. Eu nem posso desvalorizar os modelos matemáticos e nem posso desvalorizar a didática, porque... você imagina esse exemplo que eu dei aqui da questão do fuso horário. Já pensou: você usando uma didática dessa, nunca mais ninguém precisaria decorar o fuso horário, né? Nunca mais na vida... Eu gosto muito de dizer aos meus alunos que pra eu aprender, eu não preciso de aula grande, pode ser uma aula pequena e eu aprender muita coisa, porque eu sempre fui *recepet*. O que é ser *recepet*? Partindo da ideia que os meus alunos primeiro receberam o material e se eles estudaram – e mesmo se não estudaram – eu digo: "eu acho até melhor você em casa, se você quiser a nota eu dou, não atrapalhe ninguém a aprender, não, pelo amor de Deus, certo?". Então, apesar deles serem pessoas simples, eles contribuíram muito para a minha formação... e de vários outros, aqueles que foram exatamente essa gama de pessoas que eu falei pra você de médicos, engenheiros, advogados, juristas... Tem um cara que é desembargador federal, de Olho D'Água do Borges... E ele vinha de jumento para a escola. De jumento... [...]

Marcelo: Certo... Professor, o senhor lembra se esses professores tinham alguma formação? O senhor tinha conhecimento disso, não?

Ozório: Não, não! Eles não eram formados em nada... Só tinha uma professora em inglês, que era muito boa – que por sinal ainda é viva e ainda mora em Patu, aqui nessa rua –, ela tinha curso de inglês mesmo, nos Estados Unidos. Ela tinha uma vivência assim, impressionante, né? Mas, a maioria... O meu professor de história era só com o segundo grau, né? Hoje ele mora, parece que ele é de Assu[22], aqui no Rio Grande do Norte... Ele era fantástico: dava uma aula de história perfeita. Minha professora de geografia, como eu falei pra você, era perfeita! Primeiro ela preenchia no [quadro] aquelas questões todinhas... No Esquenta[23], domingo, passou uma planta do Amazonas, Samauma... Pronto, foi domingo! Foi ontem mesmo! Eu me lembrei disso porque falou de Samauma, eu me lembro que ela anunciou que era a maior árvore... [...] Regina Casé tava mostrando que [a sabaúba] era a rainha da floresta, e tal, tinha

[22] Assu, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião do Vale do Assu, dista, aproximadamente, 207 km da capital Natal e 110 km de Patu.
[23] Programa de auditório, de televisão, transmitido aos domingos.

cinquenta metros de altura, aí, eu me lembrei dessa professora... Era fantástica! Ensinava muito bem...

Marcelo: Sim... Professor, e como era o sistema de ensino?

Ozório: Assim, em que sentido?

Marcelo: Como era o funcionamento, como era a sistemática no dia a dia, como era na sala de aula...?

Ozório: Não... Na sala de aula era muito bom. Agora, se você falar de sistema, no sentido de organização, como secretaria, MEC[24], Secretaria do Estado do Rio Grande do Norte, secretaria dos municípios e essas correlações que existem, era muito fragilizado... Tinha um tal de um inspetor que vinha uma vez na escola de dez em dez anos, certo? Agora, interessante! Essa fiscalização não existia, mas é impressionante como a escola era respeitada. É impressionante como a escola ensinava e nós avançávamos. Impressionante isso, né? E hoje, com tanta legislação, tanta coisa... Pronto, você vai começar numa universidade, uma pessoa jovem como você... Vai entrar na universidade hoje, passar trinta e cinco anos com tanta mudança de uma hora pra outra: "isso aqui"; "agora, isso aqui"; "isso aqui, que foi isso aqui, agora, é isso aqui"; "isso aqui, agora, é a mesma coisa disso aqui há dez anos"; eu acho que vai ficar todo mundo é louco... Eu acho até que, quando eu terminar, me aposentar – faltam vinte meses pra eu me aposentar –, vou até fazer psicologia pra ganhar muito dinheiro de professor universitário louco, né? (risos) Porque é muita coisa, não é? Hoje tem uma resolução sobre isso assim, amanhã tem uma portaria sobre assim, depois já tem uma diretriz sobre assim, depois de amanhã tem uma dizendo que não é mais assim... E é uma coisa que tá deixando muito louco em relação a questão jurídica do sistema. Era extremamente deficitário, né? Agora, não impedia das pessoas aprenderem, não. Não tinha essas avaliações que tem hoje... Porque avaliação é uma coisa muito subjetiva, né? Avaliação é muito subjetiva... [...] Eu posso fazer uma pergunta que acabe com a sua vida, né? Por exemplo, eu vou dar um exemplo de Biologia. Se eu perguntar a você: "em quantas partes se divide um crustáceo?" [...] Então, não tô dizendo nada. Se você botar a resposta na prova: "depende da cacetada, se ficar todo quebradinho..."; aí você tá certo, eu não posso botar zero na sua questão, não. Agora, se eu perguntar: "em quantas partes se divide um crustáceo anatomicamente?". Aí, sim, vou ter que ter as partes anatômicas que a biologia requer. As perguntas, a avaliação, é uma coisa muito subjetiva. A forma como o ENADE faz é muito complicado, principalmente para o norte do país e para o nordeste do país, por quê? Porque geralmente as pessoas que

[24] Ministério da Educação.

estão credenciadas é o pessoal do sudeste, do centro oeste e do sul. O que é que acontece? A realidade de lá é outra, né? E... vem aquela questão: se eu pegar cem engenheiros da USP e cem engenheiros da UFRN, provavelmente eu vou pegar mais engenheiros com cabedais, com capacidade científica [da USP] do que da UFRN, mas isso não descarta a possibilidade de eu pegar o mais ruim da USP e o melhor do UFRN, porque é uma coisa muito pessoal, muito incerta. Não posso ir e jogar no rifle e disparar... [...] Eu não sei se eu estou satisfazendo a sua expectativa...

Marcelo: Ah, sim... Nem se preocupe, está ótima a conversa! Professor, o senhor já falou até um pouquinho, mas como foi para a realização dos estudos? O senhor falou que no início foi bem difícil, porque o acesso era complicado, era distante...

Ozório: Era! Muito difícil... Nós temos um açude – não sei se você viu, está quase seco –, nessa época, não tinha esse açude não, aí, de vez em quando, tinha uma cheia, a gente tinha que levar a bicicleta nadando... As dificuldades eram muito grandes. Nós vínhamos a pé, vínhamos de bicicleta... quando nós nos deslocávamos, por exemplo, pra estudar em Mossoró, tinha aqui uma ferrovia, tinha um trem[25], que ele ia apenas uma vez [por dia]... às vezes era um dia e outro não. Então, quem perdesse aquele dia, já sabia que perdia [aquele dia]... Lá em Mossoró, a gente ia pra casa do estudante[26] passar uma série de necessidades. Quando eu fui pra Jundiaí, não! Quando eu ia pra Jundiaí, eu só tinha dinheiro pra ir e pra vir daqui a quatro meses. [...] Então, nessa época, o nosso google era as enciclopédias Barsa e Delta La Russa, não sei se você conhece... Os dicionários! Agora, era bem melhor, por quê? Porque nós íamos e pesquisávamos, depois fazíamos um macro resumo e depois um micro resumo. Aí, você imagina a fixação, né? No Google, hoje, a pessoa olha e tem muitas coisas vagas. Não vai para os autores que tem trabalhos publicados em revistas de credibilidade e as informações torna-se, às vezes, confusas... Ter acesso ao conhecimento não é ter domínio do conhecimento. Certo? Eu posso ter acesso ao conhecimento, mas se eu não... Só tem dois medicamentos pra você aprender: amassar a bunda na cadeira e queimar as pestanas. E depois, claro, a vivência acadêmica, dentro das universidades, com todos os aparatos hoje que as universidades têm, porque hoje nós temos as tecnologias, que avançam muito. Você não vai comparar se eu estudar hoje, por exemplo, hoje, o que tem de exercícios aí importante na

[25] A Estação Ferroviária de Patu era um ramal da linha Mossoró-Souza, foi inaugurada em 1936 e funcionou oficialmente até 1979, mas é possível que tenha funcionado alguns anos a mais (http://www.estacoesferroviarias.com.br/rgn/patu.htm).

[26] A Casa do Estudante de Mossoró é uma instituição filantrópica, que tem como finalidade auxiliar os estudantes que chegam a essa cidade. Esta instituição foi inaugurada em 1957 e sua sede está próxima das escolas Diocesano Santa Luzia e Estadual Jerônimo Rosado.

internet de geometria, de trigonometria, tem, sei lá, você coloca [pesquisa na internet]... "exercícios resolvidos de integral por partes", por exemplo, aí, vem uma quantidade de exercício. Você avança muito mais rápido, não é? Naquela época, a gente ainda ia procurar o livro. Era uma dificuldade tão grande... Perdia tempo; batia, batia numa questão e não tinha certeza se estava certo... Você sabe que a repetição é um exercício muito importante na pesquisa. Quanto mais eu repito, mais eu me garanto, não é? Vou me aproximando da realidade. Aquela história da cirurgia, não é? Vou dar um exemplo pra você... [...] Eu vou fazer uma seleção pra professor da USP e você também; eu estudei três vezes todo o conteúdo e você estudou só uma vez; você acha que quem é que tá mais perto de passar? É... Uma das garantias da aprendizagem é a repetição, que a pedagogia às vezes critica, mas eu acho um absurdo. À medida que eu vejo [mais] as coisas, fica muito mais fácil de me apropriar... Você tá fazendo [os estudos] onde? Faz quanto tempo que você mora lá?

Marcelo: Eu estou fazendo lá em Rio Claro; três anos, mais ou menos, só...

Ozório: Quem é mais fácil de encontrar hotel lá, eu ou você?

Marcelo: É! Sou eu...

Ozório: Bom, porque você... [...] É isso aí! Então, quanto mais eu resolvo listas de exercícios... por isso a repetição é importante! Que a pedagogia condena, né? Não sei o que ampara o curso sem isso aí, não... Eu não consigo me imaginar sem resolver muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes e você parado aí...

Marcelo: Pois é... Professor, deixe-me só voltar aqui um pouquinho: o senhor falou que quando foi estudar em Mossoró, morou na casa do estudante e que lá tinha muita dificuldade... tinham muitos alunos que moravam na casa do estudante nesse período? que buscavam [a casa do estudante]... [?]

Ozório: Não, na época era pouco; tinha uns cem alunos, só, mais ou menos... Eram aproximadamente cem alunos, era muito reduzido.

Marcelo: Ia de todo interior, né?

Ozório: Era, de todo interior: era Pau dos Ferros[27], Grossos[28], Patu, Olho D'Água do Borges, Almino Afonso[29], Janduís[30] e etc.

---

[27] Pau dos Ferros, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, na Mesorregião do Oeste Potiguar, dista, aproximadamente, 392 km da capital Natal e 71 km de Patu.

[28] Grossos, cidade localizada no litoral norte do Rio Grande do Norte, na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Mossoró, distando, aproximadamente, 332 km da capital Natal e 170 km de Patu.

[29] Almino Afonso, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal, localiza-se a, aproximadamente, 339 km da capital Natal e 19 km de Patu.

[30] Janduís, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião do Médio Oeste, dista, aproximadamente, 286 km da capital Natal e 41 km de Patu.

Marcelo: Professor, o senhor foi estudar lá porque aqui não tinha... [?]

Ozório: Porque não tinha o segundo grau.

Marcelo: Não tinha segundo grau... E a cidade mais próxima que tinha era Mossoró?

Ozório: Graças a Deus, aqui na época não tinha segundo grau, porque eu não fiquei me acomodando, né?

Marcelo: Ah, é! Então, no caso, o senhor foi para Mossoró e teve essas questões com a casa, tudo?

Ozório: É... Aí, houve uma seleção pra Jundiaí; aí, eu fui.

Marcelo: Certo... Professor, o senhor já falou um pouquinho, mas como era a legislação e a educação? O senhor lembra?

Ozório: Não! Não, porque nessa época a escola era muito fechada pra os alunos. Bem, a LDB[31] é desde mil novecentos, 1972, 1971... Então, quer dizer, já existia a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, mas as escolas não tinham muito acesso como tem hoje, não. Era tudo feito... Era tanto assim que, como eu disse a você, eu pulei logo do segundo ano para o quinto ano [no primário], que, provavelmente, hoje não fosse permitido, né? Mas, que existia legislação, na verdade, existia! Mas, nós não tínhamos muita acesso, não. Sobre isso eu não tenho muito o que dizer sobre a época.

Marcelo: Certo, tudo bem! Professor, qual foi o ano que o senhor entrou no curso lá da UFERSA? No caso, a ESAM?

Ozório: 1981.

Marcelo: Certo, professor... E como foram os primeiros contatos do senhor com o ensino?

Ozório: Com o ensino? Assim... Na época, quem fazia Agronomia – você que é de Mossoró – era Jesus Cristo (risos). Você podia ensinar química, você podia ensinar física, você podia ensinar matemática, você podia ensinar tudo no mundo, até a língua portuguesa, porque ser aluno da escola de agronomia, naquela época, era um deus... Até se tinha uma brincadeira – que era uma coisa bem absurda, né? – que na escola de agronomia tinha dois mata burro, tinha de um lado e do outro[32]; diziam que as pessoas que passava na antiga FURRN[33], que hoje é a UERN, não iam pra lá, não passavam pra lá porque tinha dois mata burros na entrada, né? (risos) Era algo absurdo. Nós éramos considerados uns deuses, né? Nós éramos logo chamados pra ensinar em cursinho; quando faltava professor do Estado, nós éramos

[31] A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) foi promulgada em 1961, pela Lei 4.024, porém o professor refere-se à segunda LDB, promulgada pela Lei 5.692, em 1971.

[32] A UFERSA, antiga ESAM, em Mossoró, é separada pela BR-110, ocasionando a divisão o campus em dois lados (conhecidos como campus leste e oeste).

[33] Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN).

automaticamente chamados pelas diretorias... Mas, eu comecei a trabalhar na área de agricultura mesmo. Tinha uma escola de técnicas agrícolas[34], e eu fui convidado para trabalhar nessa escola agrícola e nos cursinhos. Na época, aqui [na universidade] não havia concurso, não. Eu entrei no último grupo de pessoas que entraram sem concurso público mesmo, isso em 1986; 1987 começou, foi instituído o concurso público [...]

Marcelo: Então, no caso, os primeiros contatos do senhor com o ensino foi, mesmo, na área de agricultura...

Ozório: Na área de agricultura. Aí, depois, quando eu entrei na universidade, tive que começar a trabalhar nas questões pedagógicas, que são extremamente necessárias, né?

Marcelo: Sim, sim... Professor, o senhor falou que ensinou cursinho também; aí, no cursinho, o senhor ensinava?

Ozório: Matemática. Matemática e biologia.

Marcelo: Certo. Isso, ainda lá em Mossoró, durante o período que o senhor cursava Agronomia... Isso foi mais ou menos em que período?

Ozório: É, exatamente... Entre 1981 a 1985.

Marcelo: Certo... Aí, o senhor veio pra cá em oitenta... [?]

Ozório: Vim pra cá em 1986. Cheguei aqui em dezessete de dezembro de 1985. Aí, quando foi no dia dezoito de fevereiro de 1986, já estava dando aula aqui.

Marcelo: No caso, o senhor veio por convite, professor? Não?

Ozório: Não, tava saindo umas pessoas pra mestrado; aí, eu sabia que tinha as vagas em calculo diferencial e integral e vim; fiz uma seleção, entrei; aí, pronto, me consolidei... Tinha meus pais aqui; comecei a comprar umas [terras]... Hoje, tenho uma fazenda ainda.

Marcelo: Certo... Então, no caso, o interesse em voltar foi por... [?]

Ozório: Também foi por causa da agricultura...

Marcelo: Sim, sim... Mas, professor, lá em Mossoró o senhor tinha outras oportunidades também?

Ozório: Tinha nove empregos à disposição.

Marcelo: Pois é! Aí, o senhor quis mais voltar por conta... [?]

Ozório: Exatamente porque eu sonhava com ensinar na universidade...

Marcelo: Ah, tá certo! Então, o senhor queria ensinar aqui na universidade?

Ozório: Na universidade. Aí, foi uma boa oportunidade.

---

[34] Por alguns anos, foi mantido na ESAM, à época, um colégio de aplicações que oferecia cursos em nível técnico.

Marcelo: Quando a gente conversou a primeira vez, o senhor também falou que queria voltar também por conta de gostar muito da região...

Ozório: Ah, sou apaixonado! Essas serras me encantam! Eu posso ir para os Estados Unidos, posso ir para a Europa, para a Ásia; quando chego ali em Caraúbas que começo a avistar as serras, me dá uma emoção bem grande... Se eu fosse espírita, dizia que é porque eu já tinha, sei lá... diria que eu já tinha vindo aqui muitas vezes, né? (risos)

Marcelo: Professor, o senhor já me falou do ingresso no magistério, como foi... E a formação pra lecionar? Porque, no caso, a formação do senhor é em Agronomia...

Ozório: É! Não... porque eu fiz metodologia do ensino superior[35], que foi uma exigência daqui da universidade. Depois do curso – os dois anos a especialização –, quando eu terminei os créditos da especialização, já tinha passado para o mestrado – por sinal, fiz a monografia do curso de especialização, já cursando as disciplinas do mestrado. Aí, pronto, me consolidou como professor de uma série de disciplinas, inclusive da psicologia, né? Psicologia, sociologia, essas cadeiras que todo mundo deixa de lado em Matemática... Por um lado, às vezes, há algumas críticas [com relação a] isso, mas, antigamente, os filósofos eram ecléticos: engenheiro, artistas, desenhistas, não sei o quê, e... O conhecimento verticalizado é bom até um certo ponto, né? Você vai apenas de um pouco conhecer muito; mas o conhecimento horizontalizado tem a vantagem de que você é eclético; você tem muito mais possibilidade de conseguir fazer as interlocuções, que os pedagogos chamam isso de interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, não sei mais o que, e tal, tal, que eles não conseguem fazer isso... [...] Só consegue – me desculpe a minha audácia –, porque eu digo até pra eles: "vocês me perdoem, mas só consegue ser interdisciplinar quem conhece as ciências exatas e as naturais". [...] Aí, é possível... Disso aí, eu consigo dar a você uma aula do tamanho do mundo no final... [...] Você consegue ver uma série de coisas no mundo que ele não consegue. Eu consigo ver, por exemplo, imaginar, que o dentista pra recuperar uma arcada dentária, tem que saber que ele tem que construir por parábolas, que eles chamam curva de spim, né? Que a estrada tem esse comportamento [faz com a mão um movimento ondulado]... é uma equação de segundo grau com uma concavidade voltada para baixo, uma pra cima; que pra fazer terraplanagem eu tenho que aterrar isso; que é que significa o sinal de mais e o sinal de menos? O que eu tô tirando é menos, o que eu tô botando é mais. Aí, é uma gleba de coisas que eles não conseguem fazer como nós; infelizmente não. [...]

[35] O professor refere-se ao curso de especialização em Metodologia do Ensino Superior e da Pesquisa Científica, oferecido pela própria UERN no início dos anos 1990.

Marcelo: Certo... Professor, como eram os cursos de formação? Porque o senhor veio ensinar no curso pra formação de professores de matemática, né?

Ozório: Certo! Nessa época aqui era Ciências com habilitação em Matemática. Como eu tinha um certo conhecimento em biologia, comecei a trabalhar com a biologia e com o cálculo diferencial e integral, né? Aí, depois foi que, agora, em 2006, por causa das novas diretrizes curriculares, que fomos obrigados a transformar o curso de Ciências, em Licenciatura em Matemática. Inclusive as pessoas que terminaram até 1998, poderiam entrar no mercado de trabalho assim; os quem não, então, tiveram que pagar as cadeira de matemática pra terminar o curso, pra poder ter direito de fazer concurso público, concurso no Estado, nos municípios, nas universidades e etc. [Depois de] um certo tempo, como tinha, na época, matemática básica em pedagogia, tinha matemática básica também em contabilidade, quem tomava de conta delas era eu.

Marcelo: Professor, e como era o curso quando o senhor chegou aqui? Assim, em relação a estrutura... [?]

Ozório: Ah, era totalmente elementar! Aqui, na época, só tinha um mimeógrafo, o quadro negro ,giz... Nem geladeira tinha, tinha um pote[36] d'Água; a água era num pote. Depois de 1997 pra cá é que a coisa foi se consolidando mais, aí, já melhorou consideravelmente, né? Está bem melhor. Computador; só tinha um computadorzinho desse tamainho [faz com as mãos], era quase do tamanho desse calendário aqui, pra todo mundo. Não tinha departamentos; tinha uma sala ali onde se concentravam todos os professores de todos os cursos. Biblioteca não existia; era uma coisa, assim, bem elementar; como hoje a nossa biblioteca é bem fragilizada, mas já está bem melhor.

Marcelo: Sim. Professor, e como era o corpo docente, porque em 1985 o curso já estava com cinco anos, né? Assim, faltava professor?

Ozório: Não. É o seguinte: até 1987 nós éramos horistas – a universidade era municipal, do município de Mossoró; aí, houve uma pressão muito grande docente, com o reitor da época, os políticos da época, e 1987 ela foi estadualizada. Ela sendo estadualizada, deu a oportunidade pra vários concursos, para professores fazerem mestrado, doutorado e, hoje, na UERN, nós temos muitos mestres, muitos doutores, nós temos cursos de mestrados consolidados, temos os famosos Dinter [e Minter][37] – que são associações de universidades

[36] Objeto feito de barro, por um período muito comum nessas regiões, geralmente utilizados para armazenamento de água.

[37] Os programas de Mestrado e Doutorado Interinstitucionais (Minter e Dinter) possibilita a capacitação em nível de mestrado e doutorado, respectivamente, e são desenvolvidos por uma instituição promotora (que já possua cursos de pós-graduação consolidados) nas dependências da instituição receptora. A UERN mantinha, em

mais poderosas com a nossa que, em alguns pontos, é considerada mais fragilizada – que emite, de acordo com as normas do Conselho Federal de Educação, com o CNPq e com a CAPES, diploma para os alunos que chegam ao título de doutoramento e de mestrado, né?

Marcelo: Certo. Professor, o senhor tem conhecimento de como era a formação de professores, no caso, aqui no Rio Grande do Norte nesse período? Quando o senhor ingressou aqui no curso?

Ozório: Não. A formação de professores é... na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com todos os cursos da área como História, Geografia, que isso já vinha desde 1970, e a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Então, veja bem: nessa época, a universidade já começou em cima das licenciaturas: Pedagogia, História, Geografia, Letras, Educação Física e aí por diante, né? E também já tinha consolidado o curso de Economia e de Administração, mas a formação de professor... Então, só a UERN e só a UFRN eram responsáveis, depois foi que veio a propagação das universidades particulares, que viu que era um grande negócio, né? Aí, hoje, nós temos a invasão dos Institutos de Educação que são obrigados a colocar as licenciaturas, né? São obrigados! Você vê que a própria UFERSA é cheia de licenciaturas atualmente.

Marcelo: Professor... O senhor foi um dos casos que teve que sair daqui de Patu pra se formar fora, né? Isso aconteceu também com quem quisesse ser professor? Porque não tinha curso aqui...

Ozório: Na época sim. Na época não tinha, aqui não tinha. A interiorização da universidade... Eu gosto de dizer assim: "se é um mal, foi um mal necessário". [...] Porque hoje nós temos um corpo pedagógico... Olhe: eu tenho três ex-alunas aqui, são professoras daqui, que uma terminou doutorado e a outra tá terminando o doutorado em educação. Quer dizer, é aquela questão que eu falei para você, há poucos minutos, não é o curso em si, foi elas que se projetaram e venceram... [...] Elas pegaram a base da literatura e com a literatura foram construindo os seus próprios saberes, né? Os seus próprios conhecimentos e tentando; fazendo especialização, fazendo mestrado...

Marcelo: E era necessário, porque não tinha...

Ozório: Ah, com certeza! Tinha que se deslocar para outras regiões. Aqui não tinha.

Marcelo: Certo... Professor, e como era a formação de professores no Rio Grande do Norte e as demais regiões do estado? Por que tinha formação em alguns locais específicos, o senhor falou, no caso, em Mossoró tinha, à época, em Natal...

---

parceria com a UFRN, um Minter em Direito e um Dinter em Ciências da Saúde, sendo, dos dois programas, a instituição receptora.

Ozório: Era; basicamente era só... Sim, em Caicó também muito cedo a UFRN se expandiu pra Caicó, por quê? Porque Caicó era a terra do governador que criou a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Era Dinarte Mariz[38]. Em 1976, época também que foram criados os cursos de Pedagogia, de Letras e História em Assu, e de Economia em Pau dos Ferros. Nos anos 1970, época da Ditadura Militar; já foi uma expansão na metade dos anos 1970, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Aqui foi consolidado em 1981. As primeiras aulas aqui foram no dia onze de março de 1981. [...]

Marcelo: Aí, no caso, professor, as demais regiões do estado onde não tinha formação era mesma situação daqui: se quisesse...

Ozório: Exatamente... Se quisesse tinha que ir buscar.

Marcelo: No caso, professor, quando não ia – que, acho, é o que muito acontecia também – os professores que ensinavam na região... [?]

Ozório: É... Os professores eram professores leigos. A maioria fez um curso que chamava Logos II[39] – não sei se você sabe disso aí? – e também as escolas normais, que davam direito a ter um professor de nível médio, que foram, depois da LDB de 1996... Nessa época aí, quando foi em 1999 houve aqueles cursos que eles chamavam aligeirados, que foi o PROFORMAÇÃO[40]. Foram programas especiais de formação de professores, porque a LDB de 1996 deu um prazo de dez anos pra que as instituições se regularizassem nesse sentido, porque, a partir de 1996, quem não tivesse graduação, não poderia exercer o magistério, nas séries iniciais, né? Eu não sei nem como é que está isso... Eu tenho até um livro escrito em 2007, dez anos após a instalação da LDB no Estado... Porque de lá para cá teve novas emendas, né? Eu acho que ainda tem pessoas que ensinam... que o Brasil vai tolerando, não é? Eu não sei, eu não tenho muita segurança nisso aí não, certo? Mas naquela época, sim.

Marcelo: Certo... Professor, e como eram as escolas e o cotidiano durante o exercício do magistério? No caso, o senhor não chegou a ensinar em escola... O senhor ensinou na, acho que era uma escola de aplicação, não é? Lá na ESAM?

Ozório: É; somente na escola técnica de agricultura, eu não tive experiência com as escolas do ensino [normal]...

---

[38]Dinarte de Medeiros Mariz foi um político Brasileiro, tendo assumido os cargos de prefeito de Caicó (1930-1932), senador (1955-1956; 1963-1984) e governador do Rio Grande do Norte (1956-1961).

[39]Projeto criado pelo Governo Federal, na década de 1970, com o objetivo de formar, em nível médio, professores que atuavam sem esse tipo de formação.

[40] O Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO) é um programa do Governo Federal, para formação de professores em nível médio, com habilitação em magistério. Suas atividades, no geral, são desenvolvidas a distância com encontros presenciais concentradas aos sábados e nos períodos de férias.

Marcelo: Mas, no caso, como era a rotina lá da escola técnica e aqui da universidade depois que o senhor entrou aqui?

Ozório: Era meio diferente de hoje, né? Nós éramos horistas, então, nós dávamos a nossa aula e não tinha mais nenhuma obrigação a cumprir. Diferente de hoje que nós temos que estar aqui dentro; por exemplo, eu tenho monitoria, eu tenho o Núcleo[41], eu tenho comissões, eu tenho estágio, eu acompanho aluno no estágio supervisionado, e daí por diante... Quer dizer, a minha vida acadêmica, é toda acadêmica mesmo, ela é completa. Isso é muito bom para o docente, que, de certa forma, naquela época, era muito esfacelado. O professor via o aluno na sala de aula e ficava por isso. Você reproduzia um conhecimento e esse conhecimento para o aluno se tornava verdade; "verdade verdadeira", como diz o pessoal. Então, não era questionado. Hoje a coisa já tem outra dimensão, né?

Marcelo: Professor, inclusive pela questão da estrutura da universidade, né? Porque a universidade era dividida com a escola...

Ozório: Claro, exatamente! Os departamentos... Com a exigência agora, estão sendo criados, tá já com licença até, o núcleo estruturante. É uma nova exigência, até a resolução estava aqui... [...] Aí, tem a questão da criação dos projetos políticos pedagógicos, que tem que estar constantemente sendo modificado para a questão da realidade do curso, né? E que, na realidade, é a nossa bíblia, né? Se diz que o curso de graduação tem que ter uma boa produção de artigos, nós temos que fazer do jeito que tá lá escrito; se disser, lá, que quem termina a especialização faz um artigo, não uma monografia, então, não pode fazer diferente, senão, não vai ter validade nenhuma; temos as horas complementares: os alunos do curso de matemática tem que ter uma carga horária de duzentas horas complementares, que sejam direcionadas para as atividades de matemática e também as atividades pedagógicas relacionados as questões matemáticas, né? Porque estamos também sendo avaliados pelo Conselho Estadual de Educação. Nós fomos avaliados há dois anos e meio atrás, e nós estamos com a autorização, me parece, até quinze de fevereiro do próximo ano. Aí, já estamos retrabalhando o projeto político pedagógico para nossa reavaliação... É a tal da avaliação contínua, né? Eu acho que pra saber se o curso está de acordo com a realidade nacional...

Marcelo: Professor, e o campus aqui de Patu, no início, ele funcionava no espaço de uma escola, né?

[41] Os professores que dão aulas nos Núcleos de Educação Superior são os professores dos campi mais próximos, e que podem dar assistência para a coordenação dos cursos nesses núcleos. O Campus de Patu assiste a dois núcleos: Alexandria (onde é ofertado o curso de Ciências Contábeis e Pedagogia) e São Miguel (onde a instituição oferece o curso de Ciência Contábeis).

Ozório: Isso, isso... Acho que, por sinal, eu fui diretor oito anos aqui, e foi na minha época que foi mudado. No dia três de maio de 1999, a escola Xavier Fernandes[42] foi alocada pra outra escola [estrutura] que nós conseguimos com o governo do Estado e, na época, eu propus, com os cartórios locais, a doação desse terreno pra Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Marcelo: Professor, e pra o senhor, como foi e como é o exercício do magistério?

Ozório: Você quer dizer sobre prazer? Ah, pra mim é tudo! Gosto de dizer que a palavra [que mais gosto de ouvir], fora o meu nome Ozório – porque dizem que a música mais bonita que você escuta é o seu nome, né? –, é ser professor! E eu digo a meus alunos que tanto prazer em ser professor, é porque o professor nunca fica velho no conhecimento, a não ser que ele seja acomodado; mas é inadmissível que o professor caduque no conhecimento, porque eu acho que toda a vida ele está em estudo direto, a literatura... É pra estar, né? Porque se não tiver; aí, o bicho pega! (risos) Por quê? Porque além da experiência que eu tenho em toda a minha vida na docência, a literatura de autores diversos me dá a solidez pra que eu tenha um discurso que eu saiba dizer alguma coisa pra os alunos, fundamentado na literatura [e] calhando com a prática, né?

Marcelo: Sim, sim... Professor, e pra o senhor, lembra como era Patu quando o senhor começou a ensinar por aqui?

Ozório: Eu lembro! Eu lembro... Você quer dizer geograficamente, ou nos magistérios, né? Ah, com certeza avançou... Porque, é aquela história: como as escolas têm o estágio supervisionado, e tem a intervenção dos professores da universidade, nós, a corrente pedagógica, e a outra aula, é claro, isso melhorou muito; indiscutivelmente.

Marcelo: Certo... E a cidade em relação a desenvolvimento, economia, o senhor lembra como ela era? Geograficamente também?

Ozório: Geograficamente, Patu é muito legal porque é central; e realmente ele conflui os municípios do estado da Paraíba, do estado do Rio Grande do Norte; tudo, mais ou menos, certo? Como se fosse Brasília, né? Agora, economicamente, Patu é meio paradinha... Viu? Nem a agricultura, aqui, que deveria ser a base da região, não tem; as indústrias? Não tem indústria. De fato, aqui, hoje, a economia está em volta do salário dos servidores do Município, Estado, comércio, e os recursos federais. Então, economicamente, Patu é muito estacionado, muito estacionado mesmo... [...]

[42] Escola Estadual Doutor Xavier Fernandes.

Marcelo: Professor, quando a gente conversou, naquele outro encontro impessoal que a gente teve... O senhor falou da questão – vou usar esse termo – da fluidez dos professores no curso, não sei se o senhor lembra? O senhor falou inclusive assim: que muitos professores passaram aqui no curso de Patu como chuva de verão; que vieram, passaram pouco tempo e já foram para outros locais, por exemplo, pra Mossoró, pediram transferência...

Ozório: Isso; pronto! Agora você... É o seguinte, é o tipo da situação – nós temos até um exemplo agora: uma professora terminou o doutorado, a universidade deu toda a... Quando terminou o doutorado, com menos de três meses, faz seleção para a UFERSA e entra na UFERSA. Isso é horrível, por quê? Porque aqui em Patu nunca vai ter direito a ter doutores. Por quê? Porque na universidade, eu não sei se é o caso de uma regional, não permite que professores desse nível se acham à vontade de estar com a família aqui; o nível de exigência, eles são mais exigentes... Preferem ir pra Mossoró, fazer concurso federal e daí por diante. Por exemplo, até mesmo Pau dos Ferros e Assu não conseguem segurar esses professores, geralmente eles são sazonais mesmo, né? Pau dos Ferros foi conhecido como o campus que tinha um trabalho muito sólido, mas até quando não se expandiu, quando se expandiu, a maioria dos professores que passaram nos concursos foram professores que vieram de fora; então, eles vão lá, passam três, quatro, dois dias, e vão embora; não se dedica a pesquisa, nem extensão, e daí por diante, só os professores antigos, né? Então, isso é muito complicado. E o pior é: a universidade permite! Porque isso é permitido na universidade, né? Era pra ter uma legislação rigorosa mais dura que segurasse o professor; porque tem aquela história de: o mesmo tempo que esteve fora, tem que ficar aqui; mas não funciona, não funciona. O professor pode pedir afastamento temporário... Portanto, ele prefere ficar na universidade federal; isso é normal.

Marcelo: Aí, o senhor acha que isso pode ter alguma relação com o desenvolvimento da região, professor? Que o senhor estava falando...

Ozório: Eu creio que sim! É como se... "Não tendo praia, não tem lazer, não tem rede de supermercado a minha altura, não tem escola a altura dos meus filhos"; e é verdade mesmo, né? Não temos uma área de turismo que abrigue... Realmente, a bibliografia diz que o que temos em Mossoró não é a geografia; mas, só que, se alguém pode e quiser passar um final de semana num *spa*, vai pro Thermas[43], e vai pra isso, vai pra aquilo, vai pra aquilo outro. E o pessoal de Mossoró tem uma vantagem, né? Que tem a ponte Natal/Fortaleza. Tem duas grandes capitais muito perto, né? Quer dizer, com duas horas e meia de viagem, tanto para um

[43] Thermas Hotel & Risort é uma estrutura privada, em Mossoró, com parque aquático de águas termais, restaurantes, salão de eventos, hotel e hotel fazenda.

lado, quanto pra outro – hoje, talvez, pra os loucos que andam muito rápido –, três horas... Então, as pessoas preferem as cidade maiores.

Marcelo: Professor, e o Rio Grande do Norte, nesse contexto? Quando entrou no magistério, como era o estado?

Ozório: [...]

Marcelo: Em relação a desenvolvimento, a política... Quando o senhor começou a ensina, no caso, como era o estado para o senhor?

Ozório: Com certeza a Universidade Federal do Rio Grande do Norte já era um potencial; já era um potencial. Já tinha mestrado e doutorado credenciado e com conceitos elevados, né? A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte não. Eu fui de uma época em que a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte só tinha seis mestres, no qual eu estava [entre eles]. Então, nós éramos a salvação da universidade, né? Aí, depois teve um cara que terminou o doutorado – até no Canadá –, então: ele chegou aqui numa porta, no outro dia já viajou; passou num concurso, parece que da cidade de Ijuí, acho que foi em Santa Catarina, ou no Paraná, e ficou por lá! [...] Não deu em nada, ficou por isso e ficou isso muito costumeiro na UERN: terminou o doutorado, viaja no outro dia e fica por isso, né?

Marcelo: E ele era daqui de Patu, não?

Ozório: Não. Esse era de Mossoró mesmo.

Marcelo: Certo... Então, em todo canto isso acontecia?

Ozório: É... Até Mossoró; por certo não preenchia os requisitos dele, né?

Marcelo: Sim... Professor, o estado, assim, em relação ao contexto político, econômico... [?]

Ozório: O estado é o seguinte... Eu considero o estado do Rio Grande do Norte um estado em desenvolvimento. Nós temos muitas coisas em desenvolvimento. Então, logo, o nosso problema é a dependência política e econômica... Por isso o petróleo novamente saiu[44]. Por quê? Porque isso é o que nós chamamos em economia de política de transbordamento, né? A política de transbordamento faz com que os grandes investimentos vão para os centros mais poderosos. Infelizmente, isso é desde a antiguidade... [...]

Marcelo: Professor, e nesse período, como era o Rio Grande do Norte? Em relação a acessos, era fácil o acesso daqui para Mossoró? Daqui para Natal?

[44] Acreditamos que o professor refere-se ao fato do Rio Grande do Norte ter perdido, mais uma vez, a instalação de uma refinaria de petróleo em terras potiguares. O governo federal, nos últimos anos, instalou três grandes refinarias de petróleo no Nordeste: em Pernambuco, no Maranhão e no Ceará. Vale ressaltar que o estado do Rio Grande do Norte é o segundo maior produtor de petróleo do país, perdendo apenas para ao Rio de Janeiro, sendo, ainda, o maior produtor em terra.

Ozório: Era muito difícil! Muito difícil! Como eu disse, quando eu era estudante era difícil, mas, desde que eu entrei na universidade já tinha essa RN 117. Aí, foi uma porta muito boa, porque veio a rede ferroviária e foi extinta, porque ninguém queria mais; depois veio as redes rodoviárias e foram extintas, porque as pessoas preferiam esses carros de linhas, essas Vans, né? Hoje eles já estão preferindo, já tão deixando a Van e estão em carros pequenos porque é mais confortável; você vai num carro que só vão cinco pessoas, mesma quantidade de pessoas, mais selecionadas e você chega mais rápido. Então, nessa época era mais difícil, mas tinha o fluxo de veículos, já era normal.

Marcelo: Umhum... Professor, na hora eu não lembrei de perguntar, mas o senhor falou que quando ia pra Natal, no caso, pra escola agrícola de Jundiaí, o senhor só voltava depois de quatro meses...

Ozório: É! Por conta da questão financeira...

Marcelo: Por conta da questão financeira... Era muito caro?

Ozório: Tinha carro todo dia... Era caro e eu não podia, né? E quase todos que estavam lá não podiam; os que vinham, vinham de loucura, de carona... Ia lá pra Macaíba[45], lá pra Polícia Rodoviária Federal, ficava ali esperando na polícia federal... Eu só uma vez, vinha de uma vez... Como eu era estudioso, não queria perder tempo, não; porque os que vinham eram mais uns malandros...

Marcelo: Sim... Professor, e como era pra o senhor passar quatro meses sem vir em casa, sem ver... [?]

Ozório: Apesar de eu ser uma pessoa muito emotiva, eu sempre fui uma pessoa que não fui solitário; aí, vem a questão do conceito de solidão. Eu consigo estar muito bem estando sozinho. Porque o conceito de solidão mais clássico que existe é: a vontade de você viver o passado, a frustração do presente e o medo do futuro. E eu não tinha isso. Então, como lá tinha televisão, eu estando em casa, deitado, alimentado, com a televisão, eu posso viver muito bem. Então, eu não tive problema com isso, não. Eu me lembro que uma vez, numa semana santa, só ficou duas pessoas lá, eu e um menino de Upanema[46]!

Marcelo: Certo! Professor, e Patu no contexto atual? Pra o senhor, como é que o senhor vê a cidade, a região?

Ozório: Você diz do ponto de vista educacional?

Marcelo: Também. No caso, educacional, enquanto região mesmo, enquanto política...

---

[45] Cidade localizada na região Metropolitana de Natal, a 14 km da capital e aproximadamente 286 km de Patu.

[46] Upanema, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião homônima, dista, a aproximadamente 258 km de Natal e 78 km de Mossoró.

Ozório: Por incrível que pareça, Patu já foi mais forte! Bem, educacionalmente avançou... [...] Mas, se você soubesse que nós tínhamos aqui Banco de Nordeste[47], perdemos; se você soubesse que nós tínhamos Banco do Rio Grande do Norte[48], perdemos; nós tínhamos a APERN, que era uma espécie de Caixa Econômica, nós perdemos; nós perdemos a coletoria estadual; nós perdemos a COSERN[49]; Patu teve uma perda incomensurável. O batalhão de polícia de Patu é histórico, o batalhão de Patu existe desde os anos 1950, hoje se fala até dele perder esse batalhão, não sei se é pra Caraúbas ou pra Umarizal, é alguma coisa desse tipo, não sei bem. Então, economicamente Patu está muito fragilizada. A cultura algodoeira era muito potente e até a pecuária, mas isso está totalmente acabado... A cultura algodoeira ficou a zero, porque em 1985 houve uma praga, chamada praga do bicudo, que dizimou a cultura, né? De 2010 pra cá, a agricultura foi ao chão, porque de 2010 pra cá nós estamos com uma estiagem prolongada; até os açudes não tem mais água, né? Praticamente tem só prato d'Água. Então, como eu disse a você nesse instante, a base econômica de Patu é o salário do pessoal do Estado, o salário de alguns poucos federais, o pessoal que é pensionista do INSS[50] como trabalhador rural, a prefeitura e o comercio muito fragilizado. Não é só em Patu, não, e sim em toda a região circunvizinha. E com o processo de industrialização, a tendência é os pequenos sucumbirem, né? Isso aí é indiscutível, isso aí é indiscutível...

Marcelo: Professor, e o Rio Grande do Norte nesse contexto? O Rio Grande do Norte hoje?

Ozório: Não... O Rio Grande do Norte a história é diferente, né? Nós temos, hoje, tanto da rede pública como da rede particular, universidades que tem credibilidade; tanto nas licenciaturas, como na área de tecnologias, como na da saúde, né? Também a questão econômica [que] eu falei pra você: nós temos petróleo, nós temos uma agricultura sólida; nos grandes centros de posses de água – o vale do Assu, Mossoró, nós temos o arenito, assim, que tem grandes quantidades de água, naquela região de toda a bacia potiguar – nós temos irrigação com o melão, nós temos irrigação com uva...; no sal, nós somos poderosos; vem a questão do pré-sal; nós somos também poderosos na carcinicultura, ou seja, no camarão... Então, eu lamento o seguinte: que o estado do Rio Grande do Norte, no contexto atual, se você fizer uma avaliação analítica, ele não fica a desejar economicamente e também educacionalmente, não [...]; agora, os grandes problemas são os bolsões de miséria, né?

[47] Banco do Nordeste do Brasil S/A é uma instituições bancárias estatal brasileira.
[48] O Banco do Estado do Rio Grande do Norte S/A (Bandern), foi uma instituição financeira estatal potiguar, fechada em 1990 e extinta em 2008, quando foi liquidada.
[49] Companhia Energética do Rio Grande do Norte (COSERN) é a empresa responsável pela distribuição de energia elétrica no Rio Grande do Norte.
[50] Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Porque os municípios pequenos normalmente são acomodados, né? Você sabe disso; isso é normal. As pessoas se conformam; aí, vem essa bolsa família, essa bolsa escola, terminou de acomodar as pessoas, né? Sem desafio você sabe que ninguém chega a lugar nenhum, não sabe? Você sabe disso...

Marcelo: Pois é! Professor, e, para o senhor, o ensino de matemática hoje?

Ozório: [...] Bem... Aquela questão, né? [Sobre o texto da professora Suely Druck] Então, é o seguinte, ela lançou uma discussão bem grande sobre isso, certo? A questão dos procedimentos e o conhecimento acadêmico... A questão é assim: eu não tenho como saber transmitir equações diferenciais, sem eu saber equações diferenciais. Ela não disse, eu que estou dizendo; mas [o artigo] é nessa linha de pensamento, certo? Então, o ensino de matemática hoje [...] passa muito a mão na cabeça dos alunos, com essa história que devemos relacionar o teórico com o cotidiano, querendo facilitar o processo de aprendizagem de uma forma que pode ser mais perigoso; por exemplo, jogos. Todo mundo sabe que jogos são muito bons no ensino de matemática; agora, se o aluno entender aquilo como uma brincadeira? É um risco muito grande. Eu acho que o ensino de matemática hoje, a gente tem que ter muita cautela, pra evitar essa questão de só falar no prazeroso, no prazeroso... Saber que pra saber matemática tem que dar um duro medonho, né? Porque se você não estudar, não chega a lugar nenhum. Quando você ler o artigo, você vai exatamente entender... [...]

Marcelo: Professor, agora, só vou pedir para o senhor fazer algumas considerações. Fique a vontade. O que o senhor quiser falar; qualquer coisa que o senhor acha que eu não dei espaço; ou se quiser complementar alguma informação. Pode ficar a vontade...

Ozório: Não. O que eu quero dizer para você é o seguinte: que a valorização do conhecimento é uma coisa fantástica, né? É tão fantástica que a educação é um elemento belo e estético. [...] A educação não é o fim, a educação é o meio em todos os sentidos da vida, não é? Eu com o conhecimento educacional, eu tenho maior possibilidade de ser tratado igualmente, eu tenho mais a possibilidade de ouvir um jornal e entendê-lo, certo? Eu tenho como conquistar um emprego que satisfaça as minhas necessidades econômicas e pessoais. Então, pra mim a educação é um fenômeno no mundo inteiro... Ela, inclusive, ao lado da família. Certo?

Marcelo: Certo! Está ótimo, professor... Então, queria só agradecer ao senhor mais uma vez pela atenção e pela oportunidade da entrevista. Vou parar a gravação, agora.

Ozório: Pois não, amigo, pois não...

Entrevista com o professor Ozório

Duração da Gravação: 01h 53min 31s

Local: Campus de UERN/Patu

Data da entrevista: 12/05/2014

Professor Josimá



Marcelo: Então, professor, vou pedir para o senhor começar fazendo uma apresentação pessoal.

Josimá: Hum... Bom, meu nome é Josimá Gomes Guimarães. [...] É... Nascido em Brejo do Cruz[1], natural de Brejo do Cruz, aos vinte e nove de maio de 1954, é... [...] Pode se...[?]

Marcelo: Pode, pode. Pode ficar a vontade!

Josimá: Então... Curso de formação em Matemática[2], pela Universidade Federal da Paraíba. Concluí no dia nove de março de 1982. Nesse tempo eu já lecionava em duas escolas, uma no estado da Paraíba, outra no estado do Rio Grande do Norte, que chamava-se Catolé do

[1] Brejo do Cruz, cidade localizada na Paraíba. Situada na Mesorregião do Sertão Paraibano, Microrregião do Catolé do Rocha. Localiza-se a, aproximadamente, 39 km de Patu e 378 km de João Pessoa.

[2] Como o professor esclarece em outro momento da entrevista, quando realizou a graduação, fez Ciências com habilitação em Matemática.

Rocha[3], na Paraíba, e João dias[4], no Rio Grande do Norte. [...] Filho... Pode dizer nome de pai e mãe?

Marcelo: Pode sim, professor. Pode falar à vontade...

Josimá: Nome do meu pai José de Souza Guimarães e mãe Lindaura Gomes de Andrade. Nasci em Belém do Brejo do Cruz[5], mas, como lá era um distrito que pertencia a Brejo do Cruz, então, eu sou registrado, documentado, natural de Brejo do Cruz. Então, eu acho que... Se faltar mais alguma coisa você pode...

Marcelo: Certo, professor! O senhor falou um pouquinho, mas o senhor poderia falar um pouco mais da família do senhor?

Josimá: Posso! A nossa família é da região aqui da Paraíba, de Belém[6] e Brejo do Cruz. Nossa família é Gomes em Brejo do Cruz e os Guimarães por parte de Belém. Família pobre, mas que sempre teve aquela linha de: ou o filho trabalhava ou estudava. A nossa família são cinco filhos, quatro homens e uma mulher. No início, todos foram estudar, mas depois, muito cedo, vieram trabalhar e eu fui quem me destaquei... (risos) [...] Me destaquei porque eu tive coragem de enfrentar os estudos, os outros não tiveram. Eu saí com quatorze anos para estudar em Brejo do Cruz, [por]que [em] Belém só tinha o primário. Naquele tempo não existia... A gente fazia, tinha aquela escolinha tipo particular, mas a formação mesmo, principal, era estudar [e] fazer o exame de admissão[7]. E a minha família foi dando cobertura, assim, como pobre, mas vendo o meu interesse... Aí, eu me destaquei por conta que eu fui. Naquele tempo a gente estudava o admissão o ano todinho. No final de 1968 eu fiz o exame, aí, não passei. Eu passei em matemática e em português eu não passei. Tive que repetir o ano novamente. Em 1969 eu passei em primeiro lugar no exame de admissão. Quer dizer, estudei o ano todinho, quando foi no fim do ano fiz as provas, são só quatro provas: português, matemática, história e geografia. Eu consegui uma média oito virgula três. Então, de lá pra cá eu nunca fiz uma recuperação e nunca fui reprovado, sempre passei por média em todas as matérias, desde o ginásio, desde o ensino fundamental até o ensino médio. Com exceção de

---

[3] Catolé do Rocha, cidade também do interior paraibano. Situada na Mesorregião do Sertão Paraibano, Microrregião homônima. Localiza-se a, aproximadamente, 31 km de Patu e 434 km de João Pessoa.

[4] João Dias, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal. Localiza-se a, aproximadamente, 42 km de Patu e 372 km de Natal.

[5] Belém do Brejo do Cruz, cidade localizada na Paraíba. Situada na Mesorregião do Sertão Paraibano, Microrregião do Catolé do Rocha. Localiza-se a, aproximadamente, 18 km de Patu e 396 km de João Pessoa.

[6] Em vários momentos da entrevista o professor Josimá falará de "Belém", contudo, vale salientar que sempre se refere a Belém do Brejo do Cruz. Esta ressalva se faz necessária, pois, no estado da Paraíba, existe uma cidade chamada Belém.

[7] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, foi extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.

uma prova, no terceiro ano, que a gente pagava essa matéria chamada sociologia e era um padre que era o nosso professor e eu fiquei no final do ano no provão, precisando de pouco coisa. Aí, eu expliquei pra ele que eu morava na casa do estudante[8] e que não tinha condições de ficar, porque a casa do estudante ia fechar, só tava aberta até o dia dos aprovados, quem ficasse reprovado ia passar quinze dias na casa, mas sem alimentação, aí, por esse motivo ele disse: "então, nesse caso, eu vou ajeitar aqui a sua nota pra você viajar!" (risos). Pronto. Então, foi a única falha que eu tive no ensino, foi em sociologia, mas nas outras matérias sempre passei por média e o meu destaque era matemática. [...] Mas, alguma coisa que eu estiver fora... Você vá, viu? É que eu sou... Quando eu falo nisso eu fico emocionado. Viu?

Marcelo: Certo! Mas, não se preocupe, professor. Não está nada fora... Professor, o senhor poderia falar um pouquinho da infância do senhor?

Josimá: A infância, a gente nasceu e se criou... Uma família pobre e a gente era... Naquela época não existia água saneada [encanada], não tinha o saneamento básico, aí, a gente usava lá tipo um, chamava-se barrica ou roladeira: era um bicho de madeira que tinha uns aros de borracha, e a gente puxava elas. Então, a gente, era tipo... botava água de ganho[9]. A gente ia pegar ou na cacimba ou no açude e ficava vendendo por lata; aí, geralmente, essa roladeira pegava uma faixa de cinco, seis latas d'água, e a gente vendia, era eu e meus irmãos. Aí, a gente foi crescendo e, como eu falei, uns iam estudar, outros iam trabalhar, porque naquele tempo os pais da gente tinham muito interesse da gente trabalhar, nunca de estudar; aí, a gente teve essa vida aí sofrida, mas que até hoje a minha família ainda está, como se diz, assim... pode dizer que de parabéns, porque todos seguiram o trabalho, o caminho correto, direito, sem briga e sem falta de respeito, sem desonestidade; nós somos quatro homens e uma mulher e até agora todos casados e todos tem o seu trabalho; uns, um trabalho individual e outros... Eu sou o único que sou do Estado, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, por conta... Os outros trabalham, é, como se diz, assim, são autônomos. A gente cresceu... meu pai e minha mãe tudo direitinho, inclusive, a minha mãe veio falecer com noventa e um anos, o meu pai com oitenta e quatro; moraram mais de cinquenta anos na mesma casa, na mesma rua e completaram sessenta anos de casados. Então, a gente, cada um tomou seu rumo: é um na Bahia, é uma em São Paulo, um em Campina Grande, um em Belém e eu em Patu. Quer dizer,

[8] As casas do estudante são instituição filantrópica, que, embora aparentemente tenham suas características próprias de organização, têm como característica comum e finalidade auxiliar os estudantes que chegam as cidades em que estas estão instaladas. O professor Josimá, como deixará claro ao longo da entrevista, morou em três casas distintas, em Brejo do Cruz, em Mossoró e em João Pessoa, respectivamente.

[9] Eles comercializavam. Era um serviço de distribuição de água.

são cinco pessoas, cada um mora em uma cidade diferente. Hoje cada um tem a sua família, tem seus filhos... Pronto. Se tiver mais alguma coisa aí...

Marcelo: Certo... Professor, o senhor falou que vocês moravam em Belém do Brejo do Cruz, não é? Belém do Brejo do Cruz é zona rural de Brejo do Cruz, não, é outra cidade?

Josimá: Não, era um distrito que pertencia a Brejo do Cruz. Então, a gente foi registrado natural de Brejo do Cruz, mesmo tendo nascido em Belém. Agora, Belém hoje é uma cidade e que já tem muito... É claro que hoje quem nasceu lá é registrado como natural de Belém do Brejo do Cruz, mas nós somos registrados naturais de Brejo do Cruz por conta que Belém não era cidade. Era um distrito que pertencia a Brejo do Cruz...

Marcelo: Certo! Professor, e a juventude do senhor como foi?

Josimá: A juventude, eu, camarada, fui estudar com quatorze anos e tal... Logo no início a gente não tinha aquela coisa de sair de casa. Lá em casa mamãe botava a gente pra lavar prato, varrer casa, varrer o quintal, desarmar rede, armar... Lá, mamãe não... Lá, a gente foi criado nessa... Logo, lá em casa era muito restrito, só eram quatro homens nessa época e lá quase não entrava... Namoro mesmo, eu vim namorar já com dezessete anos e mamãe não queria que a gente namorasse, não. Aí, quando a gente começou, uns iam trabalhar e outros iam estudar, aí, foi com dezessete anos foi que eu comecei a namorar; festa, muito pouco; vício... na nossa família mesmo, a gente, nem cigarro – não tem esse vício de fumar; agora, beber, a gente sempre bebe. Eu também gosto de beber, mas é uma bebida normal. Meu pai não gostava de fumar, mas gostava de beber aqui, acolá, e mamãe, só dona de casa mesmo, doméstica, nunca botou um cigarro na boca, nem [bebida]... A gente teve essa [criação]... Eu, quando vim, assim, fazer mesmo parte da sociedade, já tinha quase dezoito anos. Foi quando eu arranjei uma namorada e aquele negócio todo. Na vida de estudante, eu completei nove anos de casa de estudante. Eu morei três anos em Brejo do Cruz; quer dizer, eu morava em Belém, mas estudava em Brejo, porque em Belém só tinha até a quarta série primária, aí, a gente [pra] fazer o exame de admissão... Eu estudei dois anos do admissão[10] em Brejo do Cruz e a quinta série[11]; as outras três séries eu vim pra Mossoró; estudei mais três, morei mais três anos na casa do estudante, terminei o ginásio lá – que é o ensino fundamental; aí, os outros três anos eu fui para João Pessoa, estudei mais três anos lá, terminei o segundo grau. Isso, a

[10] À época, o ensino primário era desenvolvido em, no mínimo, quatro anos, podendo se estender a seis, como previsto em lei. Acreditamos que era comum, na região, a existência de um quinto ano primário que servia como preparatório para o exame de admissão. Ao que entendemos, esses "anos de admissão" a que o professor se refere, são essas turmas preparatórias.

[11] O professor está fazendo uma referência a quinta série do antigo ensino fundamental (estrutura prevista na Lei 9.494/96), o atual sexto ano, que é o correspondente ao, à época, primeiro ano do ginasial.

gente tinha uma bolsa de estudo; esses nove anos era bolsa de estudos pago pela prefeitura de Belém, isso era numa faixa de uns quinze estudantes, que a prefeitura pagava. Aí, então, a gente estudava em escola pública, né? Nunca estudei em escola particular. Estudava na escola pública e a casa do estudante, que era a moradia, era paga pela prefeitura de Belém. Aí, foi três anos em Brejo do Cruz, três anos em Mossoró e três em João Pessoa. Terminei o segundo grau, tinha feito vestibular para Engenharia Civil, [mas] não passei, quando cheguei aqui no interior, aqui em Belém, o prefeito tava fundando, criando um ginásio, aí, mandou fazer uma pesquisa na cidade pra saber quem tinha capacidade para ensinar matemática e eu fui escolhido. Comecei a ensinar matemática da quinta à oitava séries só com o ensino médio. Aí, fiquei. Depois veio uma professora de Catolé do Rocha, uma professora de educação física, veio lecionar lá em Belém, eu arranjei um namoro com ela, fiquei namorando, ela foi [e] conseguiu me tirar de Belém e me levar para Catolé do Rocha, já pra ensinar lá numa escola maior e com um contrato pelo Estado. Aqueles contratos por emergência, né? Minha carteira profissional, à época, foi assinada lá em Belém, professor do ginásio, professor de matemática. Foi assinado no dia primeiro de março de 1977. Aí, eu fui pra Catolé do Rocha e fiquei ensinando, já deixei Belém e fiquei ensinando lá. Depois eu arranjei um contrato no Rio Grande do Norte, em João Dias, através do prefeito, que era prefeito de João Dias e morava em Catolé, e através de amizades ele conseguiu um contrato também. Aí, eu fiquei com dois contratos: um no Rio Grande do Norte, em João Dias, e outro em Catolé do Rocha [na Paraíba]; morando em Catolé. Também foi a época que eu me casei... Aí, fiquei. Quando eu já estava lecionando nessas duas cidades, só com o ensino médio, resolvi fazer o vestibular para Matemática. Fiz na UFPB[12], pra Cajazeiras, e passei. Quando foi no dia nove de março de 1982 terminei meu curso, cinco anos. Terminei o curso de Matemática, aí, ingressei no estado definitivo; tanto no Rio Grande como na Paraíba. Eu era daquele contrato de emergência no Rio Grande do Norte e na Paraíba, aí, [com] o curso superior fiquei sendo professor estatutário dos dois estados. [...] Pronto, aí, de lá pra cá, graças a Deus, trabalhei trinta anos nesses dois estados só ensinando matemática. Aí, cheguei até... o último ano que eu trabalhei foi 2010; 2011 pra cá eu me aposentei nos dois estados, Paraíba e Rio Grande, e graças a Deus estou realizado.

Marcelo: Certo... Professor, e como era o cotidiano da cidade onde o senhor cresceu?

Josimá: Ah, a cidade pequena, calma e a gente não chegou... Eu não tenho uma história de briga pra contar, por conta que a gente, cada um, tinha a sua ocupação. Eram os que

[12] Universidade Federal da Paraíba.

trabalhavam, os que estudavam. A gente [foi] criado de uma maneira diferente de hoje. Então, a gente nasceu e se criou dentro de um regime que hoje é difícil criar, porque quando eu me casei a frustração que eu tive foi não criar meus filhos da maneira que eu fui criado, porque hoje a facilidade é muito grande pra fazer coisa errada, né? E no meu tempo não existia... Tinha, mas era muito pequena essa facilidade pra essa coisa de fazer, [de] seguir um caminho errado. E hoje a gente tem o maior cuidado em criar o nosso filho, por conta que a facilidade é muito grande pra colocar um filho num caminho errado, mas... [...]

Marcelo: Mas a cidade onde o senhor cresceu – Belém do Brejo do Cruz era um distrito na verdade –, as pessoas que moravam em Belém do Brejo do Cruz, professor, elas sobreviviam de quê? Da agricultura, ou... [?]

Josimá: Lá, é o seguinte, era a agricultura, o trabalho manual, né? A agricultura ou outro trabalho, meu pai mesmo era pedreiro, que construía as paredes e tal, emadeirava, cobria tudo. E muitos viviam também de fazer a telha, de fazer o tijolo ali naqueles arredores onde só tinha mato. Eles pegavam e cavavam aquele barro, fazia tipo uma olaria ali, só pra fazer tijolo e telha, e, ali, ia existindo os que trabalhavam nessa área e os outros; meu pai mesmo era da área de construção, pedreiro e tal, e não existia... Naquele tempo, quase não existia esse negócio de aposentadoria e os funcionários eram muito poucos, né? Aí, Belém, depois que passou a ser cidade, foi que teve a parte de empregos através da prefeitura e de alguma escola, né? Geralmente, a maioria dos professores, naquele tempo, só tinha o ensino médio, nera? Difícil era encontrar um professor numa escola daquelas pra ter um curso superior. Aí, a gente nasceu e se criou assim: só trabalhando e estudando... [...] Chegamos aonde a gente chegou.

Marcelo: Sim... Professor, e como era a cidade e a educação?

Josimá: Educação... Eu digo: apesar de ser precária, sim, mas que a gente aprendia mais naquele tempo do que hoje. Não sei por que os professores tinham mais compromisso, mais responsabilidade e mesmo um pouco, assim, atrasado em termos de conhecimento, lá a gente aprendia mais do que hoje, por conta que... O alunado, naquela época, tinha muito interesse em aprender, porque sabia que só tinha dois caminhos naquele tempo: ou ia pro trabalho pesado ou ia estudar. Lá, os meus irmãos foram pro trabalho pesado, ajudar meu pai, e eu me decidi a estudar. Depois fui estudar fora, né? Com quatorze anos tive que estudar na casa do estudante, em Brejo do Cruz, pra fazer o admissão, e lá, ainda no primeiro ano fui reprovado, mas no segundo ano fui aprovado em primeiro lugar e consegui... Aí, pronto, de lá pra cá fui estudar em Mossoró, fui estudar em João Pessoa... Pronto.

Marcelo: Certo. Professor, em Belém do Brejo do Cruz tinha escola já?

Josimá: Só tinha uma escola, não era nem do Município, era um grupo escolar e ele era mantido pelo Estado. O Município depois criou algumas escolas e essa, que ele criou, depois transformou para criar o ginásio e eu fui convidado pra ser professor de matemática dessa escola. Mas era um grupo escolarzinho mesmo, mantido pelo Estado. Tinha os professores contratados, mas era difícil ter um formado; todos eles só tinham o ensino médio. Era aquela professora primária que ensinava da primeira a quarta série... [...] Eu deixei a escola do município porque eu fui pra uma escolinha particular. Eu pagava através de água: eu botava água nessa casa e era descontado pra eu estudar. O que me fez mesmo aprender, não foi tanto por causa da escola particular, foi porque lá existia, naquele tempo, o tal do argumento, que era na sexta-feira e tinha a palmatória. A gente tinha que aprender a soletrar e a tabuada, que é pra poder, naquele dia, responder; quem não respondesse, a professora pegava a palmatória e dava um bolo em cada um. A gente se preparava bastante, por isso eu acho que foi o caminho que eu me dediquei à matemática, porque eu estudei muita tabuada pra poder responder lá no dia, na sexta-feira. Era soletrar e a tabuada. Aí, graças a Deus a gente conseguiu ir à frente com os estudos.

Marcelo: Então, estudava bastante pra fugir da palmatória? (risos)

Josimá: Era; exatamente! Porque a gente tinha medo... E o bolo dela era pesado. O da gente, quando a gente ia dar nos colegas, dava maneirado, mas ela... O soletrando, ela dava uma palavra pra pessoa soletrar e, aí, ia passando, ou, se não, perguntava uma quantia em matemática: nove vezes oito; e saia perguntando. Quem respondesse, bem, pegava a palmatória e ia passando em cada um, um bolo, e se não respondesse, ninguém conseguisse responder, a professora respondia, e lá ela vinha [e] passava na mão de todo mundo aquela palmatória.

Marcelo: Ah, então, quem acertava...

Josimá: Quem acertava, pegava a palmatória e batia nos outros que errasse, né? Se ninguém conseguisse acertar, a professor que dava! E ela não ia dar, não... ela ficava lá sentada no birô[13], e a gente que se levantava e ia lá, estirava a mão e ela... E era um bolo, era forte! Agora, quando a gente acertava, a gente levantava, pegava a palmatória e saia [dando o bolo]... Aqueles que erraram, todos eles iam levar... Pois, isso aí fez com que a gente se preparasse, se dedicasse mais a aprender, né? E eu, desde pequeno que eu gostava de matemática, sempre eu ensinava aos meus colegas... Toda vida eu me dediquei, esses trinta

[13] Mesas com gavetas. É muito comum na região chamar as mesas dos professores de birôs. Essa palavra vem de Bureau, da língua francesa.

anos de professor e mais essa parte escolar, era a matéria que eu me destacava, era matemática.

Marcelo: Certo! Professor, no caso, tinham muitos alunos estudando nessa escolinha?

Josimá: Era na faixa de vinte alunos. Era vinte e poucos alunos, não chegava a trinta, às vezes até menos. Era nessa faixa, não ultrapassava...

Marcelo: E tinha muitas turmas?

Josimá: Não! Era uma turma só. Tanto fazia ser da primeira série, como da quarta, como da terceira, era unificado! Era uma turma só. E naquele tempo não tinha cadeira, era um banco, um banco de madeira no pé da parede... Uma mesa, assim, que representava o birô, que a gente chamava, e pronto. E ali ficava todo mundo sentado naqueles bancos, tanto fazia ser da primeira série, da quarta, da terceira, ela ia passando aquelas tarefas, bem dizer, quase individual, né? Porque, claro, a tarefa que ela passava pra mim era diferente do outro, né? Quase não passava matéria no quadro, não tinha, era tudo manual, pegava o caderno de cada um [e] ela mesma passava aqui e era [individual]... Aí, a gente ia conseguindo aprender e dava certo. Quando chegava na quarta série, a gente fazia... Uns faziam exame de admissão direto. Fazia o exame, aquelas quatro provas, se fosse aprovado ia fazer a quinta série, sexta... né? Caso contrário, tinha o ano todinho pra você estudar. Eu mesmo preferi estudar o ano todinho. Estudei o ano todinho em 1968 lá em Brejo do Cruz, aí, quando foi no final do ano pra fazer aquelas provas, fazia uma e só ia fazer a outra se fosse aprovado, eu fiz português, tirei seis vírgula oito, aí, fui fazer matemática, tirei... Quem tirasse menos de cinco não fazia mais as outras. Aí, pronto, repeti em 1969. Aí, em 1969 eu tirei notas boas. Cheguei a tirar nove vírgula dois em matemática, naquela prova do exame de admissão, uma prova que se botar pra um aluno do terceiro ano, hoje, eu tenho certeza que ele não faz a metade... (risos) A tendência já tava aí pra matemática, nera? Aí, eu passei em primeiro lugar, foi a média oito vírgula três das quatro matérias – português, matemática, história e geografia. Geografia eu tirei dez, história eu tirei sete e meio, matemática nove vírgula dois e português foi seis virgula oito. Aí, deu um total, dividido por quatro, deu oito vírgula três. Pronto, de lá pra cá, graças a Deus, não encontrei nenhum empecilho no estudo, não. Eu estando assistindo aula, eu nunca tive medo de professor. Eu chegava: “quer fazer a prova hoje, pode fazer”, porque eu estudava, eu me preparava pra ir pra aula. Quer dizer, mesmo o professor... Só se ele fosse dar um assunto novo, mas assunto que ele já deu, podia fazer a prova que eu estava preparado. Agora, era mais em matemática. Em português eu era um pouquinho... Era mais razoável, né? Principalmente em redação...

Marcelo: Está certo... Professor, e o senhor lembra como era o estado, como era a Paraíba nesse período?

Josimá: A Paraíba era um estadozinho atrasado naquele tempo. Não era em toda cidade que existia o saneamento de água, era mais ou água de cacimba ou de açude, e aquilo era transportado em jumento, com aqueles barris, né? Ou, se não, era tipo uma roladeira, que era de madeira, mas tinha umas barras, uns aros de pneu, e a gente puxava ela através de uma corda. E, assim, era uma cidadezinha... A gente quase não via... Quem estudava, quem fazia curso superior, estudava longe, era no Recife! Era João Pessoa, Recife, uma cidade bem distante pra ter, pra dizer: "fulano tá fazendo um curso superior", né? Mas, na nossa região mesmo, pra dizer assim: "fulano é formado", não existia, não. Quando dizia fulano é professor, ou professora, ela só tinha o ensino médio, e isso já era estudado lá fora, porque na nossa região, por perto, não existia. Pra fazer o ensino médio tinha que ir pra Mossoró, ou Caicó, Cajazeira[14], Catolé tinha naquela época a escola agrícola[15] e o colégio estadual[16]. Aí, pronto. Tinha que se deslocar da sua cidade pra [estudar]... Eu fui logo pra fazer o ginásio, porque lá em Belém só tinha até a quarta série. Então, os estudantes tinham que sair, e a gente ficou acostumado a morar na casa do estudante. Eu mesmo foi nove anos, porque foi dois do exame de admissão, foi quatro do ensino fundamental e três do segundo grau. Agora, quando eu fui fazer o curso de matemática, aí foi outra coisa, que eu fui morar de hotel. Tinha uma bolsa de estudo dada pelo governo federal, que era pra quando a gente se formar pagar, e nunca veio essa cobrança também... Também nunca paguei (risos), mas aquilo ali o governo até dispensou. Foi até 1982, a gente estudava, fazia o curso de matemática, [e] tinha mais uma bolsa de estudo. Eu, pra lecionar, botei um substituto no Rio Grande do Norte, lá onde eu trabalhava em João Dias, e na Paraíba, lá em Catolé, a gente chegava na quinta-feira, pela madrugada, e trabalhava os três expediente quinta e sexta, pra poder da cobertura, né? Aí, voltava pra Cajazeiras. A gente só estudava lá em Cajazeiras, no curso de Matemática, até a quarta-feira, pedia até aos professores pra não marcar nenhuma avaliação nem quinta, nem na sexta, e às vezes quando eles, aqueles professores mais duros, assim, que marcava e não queria desfazer, a gente faltava lá o trabalho pra poder [fazer a prova]... Lá, o curso da gente era à tarde, quando terminava o curso na quarta-feira a gente já pegava um ônibus, vinha em busca de Catolé do Rocha. Chegava já na quinta-feira pela meia noite. Aí, pronto. Quando era

[14] Cajazeiras, cidade localizada na Paraíba, no Sertão Paraibano, a aproximadamente 164 km de Patu e 488 km de João Pessoa.
[15] Fundado em 1952 como Colégio Agrícola de Catolé do Rocha, a, hoje, Escola Agrotécnica do Cajueiro, é o campus IV da Universidade Estadual da Paraíba e está situada na comunidade do cajueiro, no Sertão Paraibano.
[16] Atualmente, Escola Estadual de Ensino Médio Obdúlia Dantas.

no outro dia a gente trabalhava, que não era só eu não, era eu e mais dois que estava em Cajazeiras fazendo Matemática, e a gente já era professor, já lecionava matemática. Aí, pronto, a gente conseguiu realmente que, até hoje, graças a Deus, me gratifica...

Marcelo: tá certo... Professor, e pra o senhor, nesse período, como era o Rio Grande do Norte, o senhor já conhecia?

Josimá: Já, já... O Rio grande do Norte, o destaque era Natal, né? Tinha as cidades maiores que era Mossoró, Caicó, as cidades que tinha... Inclusive, lá em Caicó existia até um seminário, que me convidaram até pra eu ser... Eu assisti catecismo através de um colega meu que foi pra lá, e meu conterrâneo lá de Belém, e ele queria que eu fosse também. Eu já com quase dezessete anos, nem namorar, eu: "agora vou ser padre mesmo", mas, aí, não consegui, porque lá tinha que pagar e a prefeitura não dava bolsa de estudos lá pro seminário, só dava pra casa do estudante, e lá era mais caro. Mas, foi o destino que sabe, né? Aí, eu me dediquei por outro lado, como professor... Aí, o Rio Grande do Norte era aquela... umas cidadezinhas atrasadas; tinha Catolé do Rocha que era mais um destaquezinho, mas as outras cidades menores... João Dias mesmo, quando eu cheguei pra trabalhar em João Dias, primeiro de março de 1980, você jurava, não tinha cabimento, uma cidadezinha tão pequena, já era cidade, né? Lá não tinha mercado, lá não tinha... Só tinha a igreja, a capelinha, e uma casazinha que chamava-se prefeitura; a delegacia era uma garagem com um portão de ferro, só pra dizer que prendia hoje e soltava amanhã e, aí, pronto. Aí, uma cidadezinha atrasada! Os professores... Essas cidades pequenas, tudinha, os professores eram mais de fora, ia na faixa de uns dez professores de Catolé ensinar em João Dias, porque a cidade era atrasadazinha, sabe? Eu mesmo morava em Catolé; fui trabalhar em Catolé, fiquei trabalhando em Catolé e João Dias. Aí, eu já tava casado, porque quando eu fui fazer meu curso de Matemática eu já tava casado. Eu me casei primeiro, pra depois fazer o curso superior. Eu comecei a namorar com essa professora e quando eu fiquei trabalhando em Catolé, lá me casei pra depois que estava já casado, ensinando matemática nos dois estados, Paraíba e Rio Grande, foi que eu fui fazer o curso de Matemática. Mas é um estado ainda atrasado, menor que a Paraíba, porque a Paraíba toda vida foi maior que o Rio Grande do Norte, viu? É tão provável que hoje o Rio Grande do Norte tenha destaque em certas economias, mas a Paraíba é bem maior. Mas, naquele tempo tanto fazia, tanto a Paraíba quanto o Rio Grande do Norte, eram uns estados pequenos e pobres, assim, que se alguém quisesse ir mais além tinha que ir pra uma cidade maior.

Marcelo: Que normalmente eram as capitais, ou...?

Josimá: É! Ou as cidades como Mossoró, como Caicó, que eram os destaques, né? Na Paraíba era Cajazeiras, Campina Grande[17]... Eram as cidades de destaque, maiores.

Marcelo: Umhum... Professor, no caso, o senhor falou que a maioria dos professores que ensinavam lá em João Dias eles vinham de fora. Porque na cidade não tinha?

Josimá: É, não tinha... É; exato! Lá tinha, ainda, aquela professora da primeira a quarta série, aí, era pra ensinar o ginásio naquele tempo, da quinta a oitava série. Aí, vinha de fora. Eu mesmo fui ensinar matemática lá, outro foi ensinar português, inglês e tudo, e tal... E o contrato era feito pelo Estado. Agora, o prefeito da cidade mantinha um transporte: era uma caminhoneta, com a cabine de madeira, uma lona, e aí, todos os dias ia buscar e ia deixar os professores de Catolé. A caminhonete era da prefeitura, apropriada só para carregar os professores. A gente ensinava lá à tarde. A gente saia de doze horas, mais ou menos, de Catolé, mas só eram doze quilômetros para João Dias, agora, só que era subindo uma serra, só no barro. Aí, pronto: a gente chegava lá, trabalhava até as cinco horas, cinco e pouco a gente já tava voltando; e a noite eu trabalhava em Catolé. Quando eu chegava, ia pro colégio estadual, trabalhava lá no estadual. E assim a gente foi levando até... Aí, depois eu me transferi de João Dias pra Patu. Em 1988 eu vim aqui pro Ginásio Comercial[18] que é uma escola particular, mas que era conveniada do Estado, e eu fui trabalhar lá pelo Estado, mesmo a escola sendo particular. Trabalhei também oito anos lá, depois vim pra escola Edino Jales[19]. Aí, foi, eu vim ensinar matemática só ensino médio, que o Edino Jales só tem do primeiro ao terceiro ano, científico, e Catolé do Rocha também... Eu trabalhei muito tempo o ensino fundamental, mas depois fui ensinar o ensino médio, aí pronto, chegou um tempo que eu só ensinava matemática segundo e terceiro ano, eu tinha dois segundos e dois terceiros em Catolé do Rocha e tinha dois segundos e dois terceiros aqui, no Edino Jales. Então, eu ficava pra lá e pra cá: ia pra Catolé, lá era à tarde, e a noite aqui. E fiquei assim, nessa situação, até eu me aposentar.

Marcelo: Sim! E isso morando lá em Catolé, ainda? Aí, vinha pra cá só pra ensinar?

Josimá: Ainda! É! Depois eu consegui... Eu me separei da minha ex-mulher lá em Catolé do Rocha, aí, vim pra cá e me juntei com essa professora aqui. Aí, pronto, fiquei indo pra lá e trabalhando aqui, né? Mas morei dezoito anos em Catolé do Rocha. Aí, pronto, fiquei aqui.

---

[17] Campina Grande, a segunda cidade mais populosa do estado da Paraíba. Situada na Mesorregião do Agreste Paraibano, Microrregião homônima. Localiza-se a, aproximadamente, 343 km de Caicó e 134 km de João Pessoa.

[18] Ginásio Comercial de Patu, primeira instituição com ensino ginasial em Patu.

[19] Escola Estadual Doutor Edino Jales.

Marcelo: Certo! Professor, e lá em João Dias tinham muitas escolas ou só tinha esse grupo escolar... [?]

Josimá: Não! Só tinha essa escola mesmo, que atendia, pela manhã, da primeira a quarta série e a tarde atendia da quinta a oitava série...

Marcelo: Ah, tudo bem, então era na mesma escola, na verdade, depois é que implantaram o ginasial...

Josimá: Era na mesma escola; é, exato! Foi, depois foi que... E passou até o ensino médio também. Mas, no ensino médio eu já tinha vindo pra cá... Mas lá era assim, o expediente à noite era fechado, aí, durante o dia, pela manhã, era da primeira a quarta série e, durante a tarde, era de quinta a oitava, na mesma escola. Só existia essa escola.

Marcelo: Certo! Professor, e como era a educação familiar nesse período? O senhor já falou um pouquinho que a educação era rígida, né? Era diferente da de hoje...

Josimá: É, realmente, a educação familiar era mais rígida e... mesmo os pais da gente, assim, tendo aquele ar de ignorância, de brutalidade, a gente era educado de uma maneira bem diferente de hoje, porque não existia aquelas regalias que o filho, a criança, tem hoje, né? A televisão eu vim assistir, vim ver uma televisão pela primeira vez em 1970, foi quando houve os jogos da copa, e aí o prefeito de Catolé do Rocha comprou uma televisão preto e branca e botou numa praça pra população assistir os jogos da copa através de uma televisão. Nós saímos, nesse tempo eu estudava em Brejo do Cruz, nós saímos em uma três quartos, quase meio dia pra assistir um jogo lá, Brasil e outra seleção, por volta de três horas da tarde, três e meia lá em Catolé, e isso era uma coisa que a gente ficava, né? Quer dizer, a gente foi criado com uma educação dada simplesmente só pelo pai e pela mãe, porque a televisão tanto ensina de uma maneira para o bem, como ensina para o outro lado. Quer dizer, a gente não teve aquela regalia que a criança tem hoje: amanhece o dia com a televisão ligada e tal, informatizando e tal, né? A gente não teve essa coisa. Então, mas eu digo que a educação... a gente foi muito bem criado, até porque aquele lado da maldade, de fazer coisa errado, era bem menor do que hoje. Aí, graças a Deus a gente... É como eu disse: eu tive uma frustração porque não pude criar meus filhos da maneira que fui criado, mas tá dando certo até agora. Hoje a minha família está entre cinco filhos e um neto. Eu tenho três lá em Catolé, duas moças e um rapaz, todos três formados, todos três têm seus empregos: uma é psicóloga, uma é enfermeira e outro é administração de empresas, e aqui eu tenho meu filho com dezenove anos, que já faz faculdade, faz letras, já foi pra universidade, que o curso dele é pela manhã e

essa menina vai fazer treze anos e faz o sexto ano. Então, graças a Deus eu estou realizado com a minha família.

Marcelo: Certo... Professor, e como eram as escolas e a rotina escolar de onde o senhor estudou?

Josimá: Bom, as escolas era aquela coisa que a gente chegava lá, era como se tivesse em casa, mas que a gente tinha uma autoridade ali. Se fosse um professor, a gente tinha ele como pai, se fosse uma professora, a gente tinha ela como uma mãe. Horário marcado, tudo, não tinha esse negócio de sair, de brincadeira, quer dizer, só ia à escola quem tivesse com o intuito de aprender e de estudar, caso contrário... A gente quase não via ninguém, assim, dizendo: "não, eu tava na escola, vim só pra brincar..."; não, não era! Já hoje é o contrário. Hoje a gente vê uma boa parte do alunado vai pra escola só como refúgio de fazer alguma obrigação em casa, aí, vai pra escola pra brincar, pra fugir um pouco, né? Mas, que a gente tinha esse lado escolar... Logo, a gente morava na casa do estudante, a gente não tinha como dizer assim: "eu não vim pra estudar"; porque a gente, lá na casa do estudante, a gente tinha a liberdade de fazer outras brincadeiras, mas, a principal mesmo, [a] obrigação principal era estudar. E ali, a gente morava em grupo, era quinze, vinte pessoas na época, aí, quando a gente precisava de fazer uma tarefa, a gente tinha os colegas mas adiantados, né? E a gente se valia deles, e ali a gente aprendia. Aí, a gente não podia nem fugir da escola e nem também das obrigações de estudar, porque aí era uma obrigação que a gente tinha, e o pai dizia, a mãe dizia: "olha, você tá lá na casa do estudante, mas lá só tem uma obrigação que é você estudar, é a única"; e, realmente... Pra isso foi que eu morei nove anos de casa do estudante e agradeço muito; tudo o que eu aprendi, agradeço muito. Assim, a conviver com as pessoas, a sair, a andar por aí sem... Sempre tem os dois caminhos: tem o errado e tem o certo, mas sempre a gente procurando o lado certo. A única coisa que a gente aprendeu mesmo, assim... uma coisa que não é errado, foi a beber, mas a bebida é inofensiva, não é? A fumar; eu nunca, nunca botei um cigarro na boca... Mas pelejaram muito lá pra eu fumar e tudo, eu digo: "Não. Não quero, não".

Marcelo: Certo... Professor, o senhor falou como era a rotina escolar lá de Belém do Brejo do Cruz, e como era a rotina escolar da escola onde o senhor estudou em Brejo do Cruz mesmo?

Josimá: Sim... Lá, realmente era um grupo escolar, quando a gente fez o exame de admissão que eu fui aprovado, aí, depois foi que a gente foi pra uma escola... O grupo era do Estado, mas essa escola foi construída mesmo pro ginásio funcionar lá e eu fui um dos estudantes fundadores porque eu fui aprovado no exame de admissão, então, eu tava com o direito de ir

fazer a quinta série e lá a gente pegou esses professores... Naquele tempo, é o seguinte, eu falei que a maior parte dos professores tinha só o ensino médio, mas, por exemplo, o médico ia ser professor de biologia, ou o analista ia ensinar química, física, certo? Eles sempre pegavam um profissional... Um agrônomo, botavam pra ensinar biologia... Naquelas cidadezinhas, chegava um agrônomo pra trabalhar, ele era convidado pra dar aula. Quer dizer, os professores que a gente tinha formado na época era um dentista, que ia ensinar biologia, era um agrônomo que às vezes ensinava física, até química; um analista; às vezes um médico, quando morava na cidade, era convidado pra ensinar; até o camarada que era advogado também... juiz, promotor, sempre era convidado pra ser professor na escola do Estado. E eles iam também, porque era a maneira também deles terem um ganho a mais, né? Aquilo era um contrato feito pelo Estado, não era nem Municipal. Os professores formados que a gente tinha era isso daí. Era juiz de direito, era promotor, era um dentista, era advogado... Mas a outra parte mesmo, todos eles só tinham o ensino médio.

Marcelo: Porque quando não tinha formado...

Josimá: Exato; quando não tinha formado; e pra ser formado naquela época era uma coisa... Ia pro Recife, pra João Pessoa, pra Natal, Fortaleza, né? Era difícil ver dizer assim: “não, o cara foi formado aqui por perto”, não; era mais distante pra ser [formado]... Agora, o alunado era totalmente diferente do alunado de hoje. Um alunado que era obediente, que estudava, que tinha aquele compromisso, né? Como o professor também. Hoje a gente vê muitos professores sem compromisso, tem o trabalho, tem o emprego e não quer trabalhar, falta, é bastante... Quando não falta, entra com o atestado falso, porque muitos deles, muitas vezes, nem adoecem, mas, tem onde conseguir um atestado falso pra dizer que estava doente e tal. E assim, hoje, o sistema educacional da nossa região, o problema, os defeitos, a falha maior é essa; não é o ganho, não, não é o salário, não: é a falta de compromisso, que boa parte não tem. Compromisso com o trabalho, com a educação. Eu tive minhas falhas, meus defeitos, mas graças a Deus eu fiz muita coisa diferente de muitos professores... Eu mandava, preparava uma prova e mandava colar: “pode abrir o caderno”; “é mesmo professor, a gente pode?”; “pode”. A minha prova não tinha nada a ver com o caderno, e tinha sim, alguns exemplos, mas diferentes. Jamais eu ia botar uma questão do caderno na prova, né? Então, com isso aí, muita gente... Ah, pegava o aluno colando era zero! E eu nunca reclamei não. E quando eu fui ensinar o segundo e o terceiro anos, matemática mesmo, aí eu deixei de reprovar aluno. Uma vez numa reunião uma diretora perguntou: “você, professor de matemática, não reprovou nenhum aluno?”; eu digo: “eu não vim aqui reprovar aluno, não.

[...] Eu vim aqui pra fazer aluno aprender! Se ele não aprendeu, eu não sou o culpado. E eu nem posso obrigar um aluno em maior idade fazer o que não quer. E outra coisa, reprovação ficou pra professor lá da quarta série, da quinta e da sexta. O aluno só pode deixar a quarta série quando ele souber ler e escrever corretamente e as quatro operações de conta; então, o aluno passa da quarta e vai pra quinta e vai... quando chega no segundo e no terceiro é Josimá que vai reprovar? Não! Eu não vou reprovar, eu vou ensinar a ele. Eu não posso consertar erro que já vem de longas datas. Ele era pra ter sido reprovado realmente, mas lá nas séries anteriores, agora mesmo, não. Não vou reprovar, não, porque se eu for reprovar aluno em matemática, então eu tenho que reprovar cinquenta por cento de uma turma e a secretaria de educação diz o seguinte: todo professor que prejudicar cinquenta por cento de sua turma, o culpado é ele e não a turma, e não o alunado. Então, já fica sabendo". Então, em matemática cinqüenta por cento passa, mas não era capacitado pra passar. Não vou me ocupar a reprovar dois, três alunos, pra dizer que estou reprovando. Eu prefiro não reprovar nenhum, a não ser que deixe reprovar cinquenta por cento da turma, aí eu acento, mas, caso contrário, eu não vou reprovar porque eu sei que essa deficiência já vem lá do primário. Então, o aluno já no segundo, terceiro ano, não posso mais prejudicar ele por conta disso. Pronto. Outra vez eu fui chamado por uma diretora pra aprovar um filho de papai. Eu reprovei oito alunos na oitava série, aí, quando ela soube, foi olhar, tinha o filho de um fazendeiro muito afamado ali em Catolé do Rocha; aí, ela mandou me chamar e disse: "olhe, tá aqui, eu quero que você aprove fulaninho aqui, que vai estudar em João Pessoa, já está com emprego garantido e tal"; eu disse: "ta certo!"; peguei os dois diários, aprovei todos os oito. Rasurei o diário... Naquele tempo não tinha corretivo, era só passando a borracha na ponta da língua e apagando. Aprovei todos os oito! Quando cheguei lá e mostrei a ela, ela disse: "não, aqui tá errado, eu pedi pra você passar só fulaninho aqui"; eu digo: "olhe, a senhora agora vai ficar com essa batata quente na sua mão: ou todos aprovados, ou todos reprovados, o que é que a senhora quer?"; aí, ela resolveu: todos aprovados. Eu digo: "olhe, se eu cometesse essa injustiça, nem professor eu era, porque eu jamais vou reprovar um aluno, ou aprovar, por isso ou por aquilo. Eu detesto injustiça". Aí, pronto, depois desse tempo pra cá eu digo: "olhe, eu nunca mais vou reprovar, porque eu sei que pra filho de pobre não tem jeito, mas pra filho de papai tem um arrumadinho". Aí, comigo, deu desse jeito. Pronto, quando eu cheguei pra ensinar segundo e terceiro ano, matemática, ai eu digo: "pronto, aqui nós vamos fazer tudo pra ele aprender, agora, reprovar, jamais! Não há condições". A não ser aquele aluno que deixava de fazer as provas e não aparecia mais, pronto, esse era prejudicado porque ele se evadiu, né?

Marcelo: Sim... Professor, no caso, o senhor estudou em que escola lá em Belém do Brejo do Cruz? Como era o nome do grupo escolar, o senhor lembra?

Josimá: Belém? Era Grupo Escolar Meco Maia. Ele não era Municipal, era do Estado. Eu só estudei até a segunda série do primário, depois eu fui pra essa escolinha particular fazer a terceira e a quarta série nessa escolinha particular, aí, quando eu terminei, eu fui fazer o admissão. Na minha documentação escolar, eu não tenho aquela nota do primário, eu tenho assim: exame de admissão – português, seis vírgula oito; matemática, nove vírgula dois; história, sete e meio; geografia, dez. Pronto, o meu histórico escolar do primário era esse. Agora, eu tenho a outra documentação da quinta série ao oitavo e tenho o histórico do ensino médio, primeiro, segundo e terceiro ano do científico. Esse eu concluí em João Pessoa, Escola Estadual Tambiá. Lá em João Pessoa tinha duas escolas importantes, assim, as maiores, era o Liceu Paraibano[20], a escola de maior porte de aluno matriculado, e o segundo lugar era o Tambiá; a terceira chamava-se ABC, Escola Estadual do ABC[21]; três escolas do ensino médio. Pra entrar nessas escolas, a gente fazia o exame de seleção, não era você chegar lá: "eu vou estudar nessa escola", não; você vai fazer, vai haver um exame de seleção. Os aprovados com as maiores notas iam pro Liceu Paraibano, em segundo lugar, que fazia assim por classificação, ia pro Tambiá, e a terceira ia pro ABC. Era assim, tinha até destaque, viu? E eu terminei lá, estudei lá os três anos, graças a Deus foi muito bom. Aí, pronto, foi o tempo que eu vim aqui pro interior.

Marcelo: Professor, em Brejo do Cruz o senhor estudou em que escola, o senhor lembra o nome?

Josimá: Do grupo? José Olímpio Maia[22]. Depois fui estudar na Escola Estadual José Olímpio, porque botaram o mesmo nome. Pronto, lá foi aonde eu estudei também.

Marcelo: Certo. Professor e em Mossoró?

Josimá: Em Mossoró... Eu estudei [no] Centro Educacional Jerônimo Rosado[23]. Lá eu estudei e, realmente, terminei o ginásio lá. Até a oitava série. Aí, depois de lá eu vim pra João Pessoa e fiz os três anos lá no Tambiá.

Marcelo: Quando é que o senhor foi pra Mossoró, professor?

---

[20] Fundado como Lyceu Parahybano em 1836, ainda no período do Império, a Escola Liceu Paraibano está em funcionamento até os dias atuais.

[21] Foi fundada como Colégio Estadual do ABC em 1971, atualmente é a Escola Estadual de Ensino Médio Profº Pedro Augusto Porto Caminha.

[22] Atualmente Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Olimpio Maia.

[23] Atualmente Escola Estadual Jerônimo Rosado, mais conhecido na região por Estadual, é um dos maiores e mais antigos colégios em funcionamento da região de Mossoró.

Josimá: Em Mossoró eu cheguei em 1974. Não! Minto. Eu cheguei lá em 1971; 71, 72, 73. Terminei. Aí, João Pessoa foi 74, 75, 76. Pronto. Aí, em 1977 eu já tava lecionando em Belém, depois fui pra Catolé. Depois foi que eu fui fazer o curso de Matemática em Cajazeiras, já pela Universidade Federal da Paraíba.

Marcelo: Certo. Professor, e quando o senhor estudou lá em Mossoró, como era a rotina lá do Jerônimo Rosado?

Josimá: Ah, lá já era diferente de Belém, de Brejo; era mais aberto, tinha uma abertura lá; você chegava na hora que queria, você saía na hora que queria, tudo, portões abertos, não tinha aquele negócio de fechar, mas que os professores também exigiam muito e a gente, como toda vida gostei de matemática – era matemática, inglês, essas matérias, assim, mais... eu tinha facilidade. Mas que a rotina era essa. A gente morava na casa do estudante, a casa do estudante era quase por trás lá do Instituto de Educação Jerônimo Rosado, que eles chamavam de Estadual. [O Estadual] é um prédio alto, de primeiro andar; quem vai pra Tibal, indo por dentro da cidade, passa mesmo em frente, é o Diocesano[24] e ele de lado e mais atrás era a casa do estudante. Pronto, aí, terminei lá e graças a Deus a gente...

Marcelo: Sim... Professor, e o senhor foi estudar em João Pessoa por opção? Porque lá em Mossoró também já tinha ensino médio há essa época, não é?

Josimá: Já, é, tem... Foi o seguinte... Era que nós morávamos, éramos bem doze estudantes da minha cidade de Belém que moravam na casa do estudante em Brejo do Cruz, quando a gente terminou o ginásio, lá em Brejo do Cruz não tinha ensino médio, aí, correu todo mundo pra Mossoró, pra morar na casa do estudante, aliás, quando a gente tava num certo período lá – admissão, quinta série – a gente correu pra Mossoró, lá nós terminamos o ginásio; só que esses mesmos estudantes fizeram a opção pra ir pra João Pessoa morar na casa do estudante. Quer dizer, o prefeito pagou a casa do estudante em Brejo do Cruz, depois pagou a de Mossoró; como a gente sabia que a gente tinha essa bolsa, pra onde a gente fosse ele pagava, então a gente fez a opção por João Pessoa. A gente poderia ter ficado em Mossoró, como dois colegas nossos ficaram na casa do estudante de Mossoró, mas a gente foi pra João Pessoa. Eu tinha a minha tia e a minha avó que moravam em João Pessoa, então, a opção para morar lá foi bem melhor. Mas, sempre morei na casa do estudante. Ia lá final de semana e tudo, mas os três anos... a casa do estudante era na rua da areia, mesmo no centro de João Pessoa. Ainda é, hoje.

[24] Colégio Diocesano Santa Luzia, instalado em Mossoró no ano de 1901, ainda encontra-se em funcionamento, foi, e ainda é, um dos mais importantes colégios da cidade.

Marcelo: Aí, então, o senhor optou [por] ir para João Pessoa porque tinha parentes mais próximos?

Josimá: É; exato! E em Mossoró eu não tinha. Tinha alguns conterrâneos lá, que às vezes no final de semana a gente ia comer na casa deles, porque nos finais de semana, às vezes, não tinha... Só tinha água e a dormida. Aí, a gente ia pra casa daquelas pessoas conhecidas, né? Lá em João Pessoa, nos finais de semana, eu ia pra casa da minha avó ou pra casa da minha tia. Pronto, aí...

Marcelo: Certo! Professor, o senhor poderia me falar um pouquinho mais das casas do estudante, por onde o senhor passou?

Josimá: Sim! A casa do estudante... Em Brejo do Cruz, na época lá, nós só tínhamos, era na faixa de dezesseis estudantes. A casa do estudante era o seguinte: a gente tinha aquela rotina de acordar pra tomar o café; já tinha lá, já; tinha um camarada na casa que chamava o diretor da casa do estudante, ele não era estudante... naquela época, era um camarada indicado pelo Estado pra assumir, ser o diretor da casa do estudante. Ele dormia lá, bem dizer, morava lá. Ele fazia aquelas compras e tudo. Aí, tinha duas cozinheiras, era uma empregada e uma cozinheira, pra ajeitar as coisas, né? Lá, fornecia aquele café pela manhã – pão, café, às vezes com cuscuz e... –, aí tinha o almoço e o jantar. Agora, ali a gente pagava essa taxa que é exatamente pra dar a cobertura a algumas despesas da casa, né? Mesmo ela recebendo alguma verba do Estado, pouquinho, mas a gente tinha que pagar. Então, a prefeitura era quem pagava essa casa do estudante, dava, tinha essa bolsa de estudo. Aí, depois desse tempo, a gente fez a opção por Mossoró e ficamos também desse jeito. Lá em Mossoró, quando eu fui pra lá, eu queria ficar com o dinheiro da bolsa, né? E um... Esse Neto Maia que era um cara já veterano, já fazia o ensino médio – e a gente foi fazer o ginásio, né? –, ele arranjou lá, através da presidência, que eu era um filho de uma viúva e que eu ia fazer limpeza nos refeitórios depois do café, depois do almoço e depois da janta, três vezes por dia eu ia fazer a limpeza do refeitório, depois das refeições, pra eu não pagar a mensalidade da casa do estudante, aí aceitaram. Só que essa bolsa de estudo lá de Mossoró, o prefeito não pagava direto na casa do estudante, esse camarada, Neto Maia, ele que vinha a Belém, recebia o dinheiro de todos os estudantes e a minha ele devolvia, né? Eu ficava pra me manter de outra maneira: uma merenda, outra coisa, né? Às vezes, num domingo a gente ia pra Tibau[25], que é a praia mais próxima de Mossoró é Tibau, aí, a gente queria ir pra Tibau, sabe? Tudo bem, né? Aí, esse camarada chegou a ser presidente da casa do estudante, havia aquela eleição, ele foi eleito;

[25] Cidade litorânea próxima a Mossoró.

quando ele foi eleito, cadê ele querer dispensar mais? (risos) Aí, ele queria... Dizia: "Ah, você vai pagar o dinheiro"; eu digo: "então, eu vou deixar de fazer limpeza aí, e tal e tal..."; pronto, aí foi, depois ele voltou atrás, disse: "não! Fique lá no seu serviço e você não vai precisar fazer limpeza, você vai toda noite dormir lá no almoxarifado", porque os estudantes eram danados pra arrombar a porta pra carregar pão, alguma coisa, né? Açúcar, leite em pó; os caba[26] tomavam muito aquele leite com açúcar e água; a gente, quando queria, pegava um copa de leite, misturava com açúcar e botava água dentro, fazia aquele, tipo uma garapa, sendo mais grossa, aí a gente tomava aquilo ali (risos). Eu fui, dormia no almoxarifado e pronto. Aí, Toda manhã eu ia comprar os pães. Ele me dava uma caderneta, tinha uma padaria que fornecia o pão mensal, eu ia comprar o pão lá e o cara vinha trazer; eu ia só pra [dizer] a quantidade, aí, o caba anotava e vinha deixar numa bicicleta. Pronto. Aí, eu fiquei tomando de conta e tal, foi o tempo que eu terminei o ginásio e vim pra João Pessoa.

Marcelo: O senhor era quase um trabalhador também da casa, um empregado...

Josimá: Ah, era! Como um empregado... Ele só dispensava a mensalidade se você tivesse uma função.

Marcelo: Então, o senhor pagava, só que de outra forma.

Josimá: É; exato! Era... Mas, graças a Deus correu tudo bem.

Marcelo: Certo... E durante esses três anos foi tranquilo? Só, assim, finais de semana que às vezes faltava uma alimentação, que o senhor falou, né?

Josimá: Foi! Era, exatamente... Era! Aí, a gente tinha que correr pra casa de um parente ou um conhecido que a gente tinha, pra poder a gente se alimentar, porque... [...] Uma vez a casa do estudante passou lá quinze dias sem fornecer alimentação. E nós ficamos numa situação lá... Tinha uma cantina perto lá do colégio, que a gente comprava fiado, e a gente quase que não paga a essa mulher; e tinha uns cajueiros, assim, depois da murada da casa do estudante, depois que a gente chegava do colégio à noite, dez horas da noite, a gente ia roubar caju (risos), pulava a murada e enchia as sacolas de caju, aí chupava e ia dormir, quando era no outro dia: tome caju; mais o bicho era forte! Até que sustentava. Depois é que a gente ia lá na cantina da mulher, comia um pão com ovo, um negócio, um pedaço de bolo com um copo de leite e assim ia. Sei que nós passamos quinze dias desse jeito. Depois voltou ao normal e aí a gente conseguiu pagar lá essa merenda, porque a conta já estava voltando assim (risos) [mostra o movimento como se passasse mais de uma coluna numa folha de caderno]. Quando chegava um dinheirinho de casa, assim, os pais mandavam às vezes – mandava um bolo,

[26] Esta palavra é uma variação do termo "cabra" que, comumente, é utilizado em regiões do nordeste para se referir a pessoas do sexo masculino.

mandavam um queijo, uma rapadura, aí, vinha um dinheirinho. Pronto. O dinheiro que vinha era... Às vezes, uns iam farrear e não pagava as contas, e às vezes a gente ia: "não, vamos pagar primeiro, o que sobrar...". E assim a gente conviveu... [...] Foi uma experiência... a casa do estudante! Agora, a casa do estudante [de Mossoró] já tinha uma faixa de oitenta estudantes. Em Brejo do Cruz era uma faixa de quinze, dezesseis; agora, lá não, lá era uns oitenta estudantes. Lá tinha uns beliches. Cada quarto tinha três beliches. Três beliches daquele pegava seis, né? E ainda dava direito a armar duas redes. Tinha quarto que tinha oito estudantes. Agora, cada um tinha seu quarto por turma, né? A nossa turma mesmo era de Belém, era na faixa de oito, morando nesse mesmo quarto. Aí, ali, a merenda que vinha, a gente fazia logo o racha pra todo mundo, porque se você trancasse os caba vinha e arrombava e roubava (risos). Né? Mas, foi uma experiência boa.

Marcelo: Certo... E João Pessoa, professor?

Josimá: Sim! João Pessoa, já, a casa... Lá tinha mais de cem estudantes na casa, e lá já era mais... Lá, os apartamentos eram menores. Lá, quase... Belém estudando era o quê? Era mais na base de rede; aí, o nosso [quarto] era três. Era um quartinho estreito, com três redes armadas, pronto! Cada um tinha sua mala num canto, aí, botava um varal para estender roupa, pronto, e ali... Lá tinha um refeitório; manhã pegava o café, onze e meia era o almoço, e a janta. Geralmente, eu digo aos camaradas que eu passei nove anos só jantando sopa (risos). Porque, geralmente, a maioria das jantas da casa do estudante é sopa. Quando não era sopa, era aquela farofa de farinha de sardinha, com um copo de café e um pão com margarina. Pronto. Às vezes faziam papa, mas, a maioria mesmo eram sopa; sopa com pão e uma xícara de café, pronto. Ali, o caba... Quem gostava de sopa tudo bem, mas quem não gostava... Aí, tinha uns que tinha um dinheirinho sobrando, ia merendar, ia jantar fora e tudo... Mas, até que não foi tão ruim, não. A gente passou por esse perrengue todo; eu mesmo, sinceramente, era melhor a casa do estudante do que a casa de um parente. Porque na casa de parente é diferente, né? Você não tem aquela regalia de dormir a hora que quer, levantar a hora que quer, e lá a gente... Final de semana a gente pegava uma praia; juntava uma turma boa e ia pra praia, fazia aquelas brincadeiras, à tardinha, a gente tava voltando... O almoço nesse dia a gente perdia. Vinha só pra janta; porque, chegou aquele horário também, terminou, "tchau", ali não tinha mais, quem chegasse atrasado não tinha mais direito de pegar, o refeitório era fechado. Lá em João Pessoa mesmo era fechado, só abria na hora certa; terminou aquele horário, fechava, pronto.

Marcelo: Professor, o senhor falou das jantas como era. O almoço era normal?

Josimá: Não, o almoço era normal. Era o feijão, a carne, arroz, macarrão, isso aí... O mais difícil era verdura; quando aparecia era novidade. Até porque a casa do estudante também não tinha condições de oferecer uma alimentação melhor. Mas era uma alimentação razoável, né? Dava pra sustentar.

Marcelo: Sim, sim... Professor, o senhor já falou um pouquinho, mas, o interesse dos estudantes, dos alunos pelos estudos? O senhor falou que era mais interessado?

Josimá: Era! No meu tempo era. O alunado tinha mais interesse, estudava mais. Já comparando com os de hoje, eles são mais devagar, uma boa parte não tem interesse. Eles querem terminar, querem concluir, mas não querem estudar. A maior parte... Quando [tem] um trabalho, por exemplo, eles procuram um professor... Eu mesmo, por exemplo, atendi muito aluno que vinha com trabalho da escola, que ele não queria... Queria que eu fizesse o trabalho pra ele levar e chegar lá o professor dar [a nota], né? No tempo da gente, não. A gente juntava dois três colegas e ia estudar aquele trabalho, concluir, de uma maneira que cada um fazia a sua parte e cada um aprendia. E outra coisa: o alunado de hoje dá mais trabalho do que o alunado de antigamente. Porque antigamente a gente tinha aquele respeito pelo professor, pela professora, e hoje não, ele quer discutir com o professor, quer ganhar terreno... Eu mesmo, eu era um professor que eu não gostava de discutir com aluno, não. Eu podia estar como tivesse, eu dizia: "ó, rapaz, aqui... eu não vou colocar você pra fora, agora, você também vai ficar calado aí, que você não vai poder bagunçar, não". Uns saíam, outros ficavam perturbando, mas nunca fui professor de levar aluno na secretaria, ou chamar diretor para resolver problema de sala de aula... Lá na sala de aula quem resolvia era eu. De uma maneira ou de outra, a gente resolvia. Logo, matemática era uma matéria mais... né? Tinha uma facilidade maior de reprovar aluno, aí eles temiam muito; não era por mim, era pela matéria... Aí, sempre a gente facilitava também, porque matemática a gente não pode só exigir, não; tem que facilitar também para que o aluno possa ver que a gente tem interesse que eles não sejam prejudicados. O alunado de hoje, quando ele descobre que o professor tem interesse em prejudicar, eles vão pra cima, eles querem bagunçar, eles querem... Nessa parte aí, eu dizia: "não, aqui eu vou fazer da maneira que vocês gostam, mas não vá pensar que eu vou... Aqui eu não tenho interesse de prejudicar nenhum de vocês, não. Eu quero que vocês aprendam alguma coisa, pra não sair daqui dizendo que não aprenderam nada". Pronto, só o segundo e terceiro ano também, já um pessoal de maior idade, né? Dificilmente, coisa rara, a gente ver um aluno com a idade menor de dezoito... Eu trabalhava à noite, tinha muita mãe de família, umas meninazinhas que tinha uns filhos nos braços, mãe solteira, tinham muitas;

tinha enfermeira, tinham umas religiosas atrás de terminar o segundo grau: “mas, Josimá! Eu vou passar em matemática?”; “vai, não se preocupe, não. Vamos fazer tudo pra você...”. Ainda hoje quando eu me encontro aí com alguém, diz: “ah, Josimá! Se não fosse você, não tinha terminado o segundo grau”; eu digo: “ah, minha querida, eu tava ali pra te ajudar, fazer com que... Você tinha o seu trabalho, passava o dia trabalhando, chegar na escola...”, muitas vezes não tem condições mesmo de fazer uma prova. Eu dispensava! Eu digo: “olhe, os que não têm condições de fazer a prova, é melhor sair do que enfrentar a prova”; pronto. Uns saiam, faziam depois; às vezes eu até dispensava, passava um trabalho, pra ir amenizando, pronto. E assim, a gente chegava ao nosso trabalho final.

Marcelo: Sim. Certo... Professor, e como eram as disciplinas, quando o senhor estudava, o senhor lembra?

Josimá: Eu sei! As bases mesmo: matemática, português, inglês; aí, tinha geografia, história, ciências; e tinha OSPB[27] e outra matéria que hoje a gente não vê, essas duas matérias a gente não vê: OSPB e desenho geométrico. Que era uma matemática quase... E o professor era muito exigente, esse professor de desenho. O caba tinha que está com esquadro, transferidor, compasso, régua, borracha, lápis grafite... Era um dos assuntos que muita gente não queria encarar, mas a gente teve que dá conta, era desenho geométrico; e OSPB. Aí, depois disso, quando a gente foi pro ensino médio apareceu sociologia, né? Quando eu fui ser professor tinha artes, no ensino médio, que não era pra ter, era pra ter no ensino fundamental; economia do Rio Grande do Norte, cultura do Rio Grande do Norte, tem no ensino médio, então... Uma vez me botaram, pra completar carga horária, mesmo eu tendo duas turmas de matemática do segundo ano e duas do terceiro ano, me botaram pra eu ensinar artes e economia do Rio Grande do Norte, eu disse: “olha, eu vou assumir, agora, lá eu não ia não...”; então, eu ia e combinava com a turma, eu digo: “olhe, eu sou professor de matemática e tudo e tal, e a minha formação foi pra ensinar matemática, então, essas duas matérias que colocaram pra mim, é uma aula por semana, eu vou dar matemática, agora, vocês vão ter a nota de vocês, independente aqui de qualquer coisa, de seis a dez vocês vão ter nota. Ninguém vai ficar prejudicado nessas duas matérias. Agora, aqui as aulas são [de] matemática”. Então, tinha turma lá que tinha seis aulas de matemática. [Pra] esses alunos, os que gostavam de matemática, eles tinham interesse porque a gente chegava no final, como se diz, a gente batia a capa do livro, porque hoje a coisa mais difícil no ensino médio é um professor de matemática dizer assim: “eu consegui chegar ao final do livro!”. Quando chega à metade, já

[27] Organização Social e Política Brasileira.

chegou de mais! E pode crer que eu tive e tenho interesse de ensinar matemática, e quanto mais aulas... porque geralmente só querem dar quatro aulas de matemática por semana, e não é. Português e matemática, em qualquer ensino, seja fundamental ou médio, tem que ser cinco aulas. Aí, botam essas outras matérias que... Hoje tem também sociologia, mas... Eu digo que quanto mais aula de matemática e português, melhor para o alunado. O programa de matemática é extenso... É como física também. Olhe, física, hoje; duas aulinhas de física por semana, não chega nem na metade do livro. Não chega, não. Já matemática ainda chega na metade, a outra metade o alunado fica sem o conhecimento. Aí, é quando o aluno corre, muitos deles, pra escola particular, pra poder ter conhecimento de mais assuntos, né? O nosso alunado, hoje mesmo, ele é um pouco atrasado. Tem a deficiência pra aprender matemática, física, e é uma boa parte. Agora, tem aqueles que se destacam, realmente. Eu tinha uma meia dúzia de alunos que eles aprenderam matemática mesmo e tem deles, hoje, uns ensinam física, outros ensinam matemática... Uns bons alunos meus, todos eles seguiram a disciplina de professor, ou matemática ou física. Por conta que se dedicaram e conseguiram aprender. Mas, o que a gente vê hoje é um alunado com certa indisciplina. Eles não têm muito... ou é interesse ou é conhecimento. A base, não tem.

Marcelo: Sim! E os professores e suas aulas, quando o senhor estudava? O senhor lembra?

Josimá: Sim! Eles, esses professores aí, na minha época, eles tinha um compromisso... Dificilmente um professor daquele faltava aula. E eles mantinham também certa ordem em sala de aula. Lá, era um silêncio que parecia... Naquela época, a gente tinha o professor como uma autoridade, era o pai ou era a mãe, e a gente jamais ia responder com estupidez um professor daquele. Nera? Então, era realmente, tanto as aulas quanto a ordem disciplinar, nessa hora aí, era bem melhor do que hoje. E fazia com que o alunado aprendesse mais do que hoje... Agora, é como eu digo, os professores eram baseados nisso aí, uns só tinham o ensino médio, outros eram formados, já exerciam outra função, né? Era o analista, o advogado, o promotor, até o juiz chamavam. Lá em Catolé do Rocha, no colégio estadual, o juiz chegou a ser o diretor do colégio; e o promotor, o professor de português, sabe? Aí, como eram da justiça, a disciplina lá era bem curtinha, era dura, o regime escolar era... Aluno lá não tinha condição de fazer qualquer baderna, porque... Pois é isso! Toda vida sempre eles aproveitavam, o agrônomo pra ser... E essas aulas eram ministradas de uma maneira totalmente diferente de hoje. Eles davam o conhecimento deles, claro, né? Tinha o livro, tudo... Naquela época, a gente quase não podia possuir um livro, por conta do valor... Quando vieram exigir livro mesmo, foi quando eu fui estudar em João Pessoa. Aí, tinha aquela

exigência de livro, pra comprar e tal, aquele negócio. Mesmo na escola pública, né? Porque na escola particular, não; quando você vai, você já tá sabendo que o alunado tem que comprar o material. Mas, mesmo assim deu pra gente realmente aprender muita coisa, mesmo sem ter o livro.

Marcelo: Sim, sim... Certo. Professor, e como eram os sistemas de ensino?

Josimá: Olhe, o sistema de ensino era um ensino regular, e realmente tinha aquela carga horária, e aquelas disciplinas já vinham, assim, indicadas pelo Estado. Então, você não podia fugir daquele sistema. E outra coisa: aquele horário, cada professor tinha que cumprir a sua carga horária e o seu horário mesmo, sem poder nem chegar atrasado e nem sair sem antes tocar. E eu digo o seguinte: tinha a diferença de hoje, sempre teve, mas que melhorava muito a situação do alunado, pra estudo, pra aprender... Hoje, o sistema de ensino hoje tem muita coisa irregular, principalmente o número de aulas nessas duas matérias que eu digo, português e matemática... E física, química e biologia, é bem menor. Então, dificulta muito o aluno ter o conhecimento de vários assuntos. Tem de alguns assuntos, mas a maior parte deixa de aprender, ou de ver, como se diz. Então, depende muito de... Cada Estado tem um sistema diferente, né? A Paraíba tem um sistema de ensino diferente do Rio Grande do Norte. Aqui no Rio Grande do Norte a deficiência, que eu digo, é na média, porque a média aqui é seis, na Paraíba é sete. Lá, só passa no ano se fizer vinte e oito pontos; quatro vezes sete. E aqui, com vinte e quatro o aluno já é aprovado. E quando vai pra recuperação a média se torna cinco. Quer dizer, o Rio Grande tem muita facilidade de aprovar aluno, já na Paraíba... Outra coisa [que] na Paraíba não existe: dependência. Se você for reprovado em história, você perde o ano todinho, pronto; e ali vai ter que repetir. Aqui não, aqui você fica devendo. Pode ficar devendo até três matérias. Aí, você vai estudar o ano seguinte num horário e pagar aquela disciplina que você ficou devendo em outro. Isso já é uma coisa que eu acho que só vem diminuir a aprendizagem, facilitando cada vez mais o aluno passar, ir a frente sem ter um bom conhecimento, né? Isso é o sistema de ensino; aí, varia. Já o Ceará, hoje o Ceará é considerado um dos estados com o ensino médio mais eficiente. Eu me lembro, quando estudava em Mossoró, existia a faculdade de Agronomia[28], os cearenses eram os que tomavam as vagas quase todas de Mossoró... Até mesmo aqui na Paraíba, no Rio Grande do Norte, esses cursos de Engenharia, Medicina, os cearenses vem e tomam vagas, porque eles já vêm mais preparados do que o nosso alunado aqui do estado. Paraíba, o sistema de ensino é mais reforçado do que o daqui do Rio Grande por conta dessas duas coisas aí: a média baixa e essa

[28] O professor refere-se à Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), criada em 1967, atualmente é a Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA).

tal da dependência. E lá, não. Lá a média é alta e foi reprovado numa matéria, vai repetir o ano por completo.

Marcelo: Certo! Professor, e como foi a realização dos estudos para o senhor?

Josimá: É, realmente eu tive... Como estudante pobre, eu tive que estudar muito e também teve uma parte de sofrimento, né? Porque eu tinha interesse de aprender e ao mesmo tempo tinha uma certa despesa que... implicava, né? Mas, a gente que já tinha uma consciência melhor, dizia assim: "aqui é o seguinte, a gente tem que sofrer, mas tem que aprender". Eu, como disse, estudei em Brejo do Cruz, Mossoró, João Pessoa, depois que estava trabalhando em dois estados, Paraíba e Rio Grande, ensinando em duas escolas, aí, foi quando eu fui fazer o vestibular pra matemática e passei, aí consegui terminar em cinco anos o curso de Matemática, na Universidade Federal da Paraíba. Eu recebi o meu certificado dia nove de março 1982. Agora, eu já era professor de matemática, então, eu tive a facilidade de fazer o curso... eu não tive muita dificuldade, não. Falar logo até assim. Porque a gente já era professor de matemática, já ensinava até o ensino médio. Eu ensinava até o segundo ano, mesmo só com o ensino médio; só não ensinava o terceiro ano lá em Catolé do Rocha. Nesse tempo era Catolé e João Dias, no Rio Grande. Em João Dias era só de quinta a oitava séries. Aí, pronto, a gente terminou. Quando terminou, ingressei no Estado, já no regime estatutário, tanto na Paraíba como no Rio Grande. No Rio Grande do Norte eu era o regime CLT[29], mas você tinha a opção pra deixar aquele regime e entrar estatutário, sem concurso nenhum. Naquela época não tinha concurso, não. Aí, eu fiz a opção por estatutário... Por uma questão de segurança, né? Pronto. E na Paraíba porque eu já tinha dois anos... O governador, na época, ele disse o seguinte: "todo professor que já trabalhou dois anos na escola, eu vou passar ele pra ser estatutário"; aprová-lo, né? Sem concurso, sem nada. Depois que eu fui aprovado foi que apareceu o concurso, tanto no Rio Grande do Norte como na Paraíba. [...] Aí, eu já era professor dos dois estados, pronto, não precisei fazer concurso. Hoje ainda tem funcionário que é da educação, professor CLT, porque ele só sai agora, se ele fizer concurso e for aprovado, se ele faz o concurso, não sendo aprovado, ele continua sendo professor do estado em regime CLT, é aquele carteira assinada. A minha profissional foi assinada pela primeira vez em Belém, pela prefeitura de Belém, o prefeito doutor Germano. E na época foi assinada pelo governador Lavoisier Maia[30] como CLT, né? Lá em Belém eu dei baixa porque fui pra

[29] Consolidação das Leis do Trabalho é uma norma legislativa que regulamenta as relações individuais e coletivas do trabalho.

[30] Lavoisier Maia Sobrinho é médico e político, ocupou os cargos de governador (1979-1983), senador (1987-1995), deputado federal (1999-2007) e deputado estadual (2007-2011), todos pelo Rio Grande do Norte.

Catolé, já pra escola do Estado e aqui no Rio Grande do Norte eu dei baixa porque optei pelo regime estatutário. Foi quando eu terminei o curso superior, aí eu digo, agora eu vou ingressar no Estado com o curso. Aí, pronto. Então, de lá pra cá foi trinta anos de trabalho na educação e, graças a Deus, me aposentei com o curso superior, trinta anos de trabalho, tanto na Paraíba quanto no Rio Grande do Norte.

Marcelo: Certo. Professo, o senhor estudou em muitas cidadezinhas como o senhor falou. Lá em Brejo do Cruz, Mossoró, João Pessoa e Cajazeiras. E como foi, assim, a questão de acessos? Era fácil viajar entre essas cidades?

Josimá: Foi... Não. Não era fácil. Agora, só que a gente ia morar, né? Ia de moradia na casa do estudante. Por exemplo, de Belém pra Brejo do Cruz era uma distância pequena; lá, a gente ficava, quando dava quinze dias, um mês, a gente vinha a Belém. Em Mossoró, como tinha o trem[31] até Patu, nessa época a gente andava de trem, todo dia tinha o trem pra ir e voltar. Aí, geralmente a gente passava lá um mês, dois, pegava um feriado, a gente pegava um trem até Patu, de Patu a gente ia pra Belém. Pronto. Agora, quando a gente foi estudar em João Pessoa, aí, a gente quase... Saia de Belém pra estudar em João Pessoa, a gente ficava lá, só vinha no meio do ano. Dificilmente a gente... Feriado não compensava devido às despesas. Só se você pegasse uma carona. Aí, não compensava você vir em um feriado pra Belém. Então, a gente chegava lá no mês de fevereiro ou março e só voltava no meio do ano. No meio do ano, ficava trinta dias de férias, naquele tempo era trinta dias, aí, retornava, só vinha no final do ano. Lá em João Pessoa, naquela época, tinha também o sistema que quando você passava por média, em todas as matérias, você vinha quinze dias antes de encerrar as aulas, quem não passava, ficava em recuperação ou no provão, aí ficava pra esses quinze dias, pra poder fazer as provas e poder voltar. Aí, eu, toda vida, quinze dias antes já chegava em Belém, já de férias. E aí, graças a Deus... Agora, Cajazeiras, eu morava em Catolé. Cajazeiras tem o ônibus. Aí, a gente estudava lá a tarde até a quarta-feira, pegava o ônibus a tardinha, já a noite, chegava a meia noite em Catolé, pra no outro dia trabalhar, quinta e sexta, os três expedientes. Em João Dias eu tinha deixado um substituto, já por conta do curso lá. Pronto, depois que eu terminei o curso de Matemática foi que eu assumi as aulas normais, tanto em Catolé quanto em João Dias.

Marcelo: Professor, e como era? Assim, era tranquilo pro senhor morar nessas cidades e passar um tempo distante, sem ir em casa?

[31] A Estação Ferroviária de Patu era um ramal da linha Mossoró-Souza, foi inaugurada em 1936 e funcionou oficialmente até 1979, mas é possível que tenha funcionado alguns anos a mais (http://www.estacoesferroviarias.com.br/rgn/patu.htm).

Josimá: Não, a gente tinha que se acostumar. Sempre me interrogavam: “mas rapaz, como é que você aguenta e tal, pra lá pra cá?”; então, dizia: “não, rapaz, eu... é uma coisa que a gente tem que se acostumar. Porque a gente também não pode... Se não tiver um sacrifício, você não vai conseguir também boa coisa”. Eu sei que era um sofrimento, mas compensava, porque a gente tava procurando realizar uma coisa que até hoje a gente sabe que... só fez gratificar a gente. É essa satisfação que a gente tem de ter concluído, ter trabalhado, ter se formado. Hoje a facilidade é... Meu filho sai de manhã, de sete horas, pra ir ali pra universidade e tal, ir pro campus; quando dá onze horas, onze e meia, ele chega. No meu tempo não tinha essa facilidade, né? Quer dizer, eu já fui só pra... pode dizer que eu terminei só o primário em Belém, já fui fazer a outra parte em Brejo; de Brejo fui pra Mossoró; de Mossoró pra João Pessoas. Aí, pronto. Depois pra Cajazeiras. Realmente, uma correria, mas que valeu a pena.

Marcelo: Certo... Professor, e a legislação e a educação? O senhor recorda, assim... Tem conhecimento do período?

Josimá: Não, aí é... Essa parte aí... Aquelas coisas que... A escola não pode deixar de fugir, tem que obedecer. É como eu digo: tinha uma dessas, que faz parte aí; dizer que todo professor que prejudicar cinquenta por cento de sua turma, do alunado, a culpa é do professor e não do alunado. Então, por esse motivo é que eu deixei de reprovar aluno, por conta que, se fosse pra reprovar, em cada turma cinquenta por cento praticamente era prejudicado em matemática. Mas, como isso aí a gente não podia fazer... E mesmo a gente procurava voltar atrás, né? Muitas vezes a gente tinha que voltar os conteúdos pra fazer uma revisão para que o aluno, realmente, não saísse sem ter o conhecimento daquele conteúdo. E, depois, a gente fazia muito trabalho individual, trabalho em grupo a pesquisa era bem menor, mas que, nessa parte aí, um trabalho ajudava muito. O trabalho era quase uma pesquisa, mas eles, eu sabia que tinha muitos deles que não se preocupavam em aprender, mandava alguém fazer e tal, mas sempre mandava fazer em grupo que é pra poder, assim, entre eles, cada um procurar discutir e aprender. Mas essa parte aí eu tenho pouca...

Marcelo: Tudo bem, professor. E os primeiros contatos com o ensino? O senhor acabou falando já um pouco. Quando o senhor terminou o ensino médio, voltou de João Pessoa, aí, teve a seleção, né? O prefeito fez uma consulta pra ver quem poderia...

Josimá: Certo. Exato, foi. Aí, indicaram meu nome: “bom. O estudante aqui que terminou... Ele realmente tem mais... que gosta de matemática, tem facilidade, é Josimá”. Mandou me chamar na prefeitura, eu fui lá, aí: “bom, eu quero que você vá ensinar, tem condição de ensinar matemática da quinta a oitava série?”; digo: “dá pra ensinar!”; pronto: “tire sua

carteira profissional e traga pra cá que eu quero, a prefeitura vai assinar um contrato"; "ta certo". Aí eu fui e, realmente, chegando lá... Pra você ver, veio professor de Brejo do Cruz pra ensinar lá, veio de Catolé. Pronto, essa minha ex-mulher ela veio trabalhar aí como professora de educação física, vinha de Catolé. Vinha dois professores de Catolé: um homem para ensinar educação física pra os alunos e minha ex-mulher ensinava a parte feminina. Aí, pronto, vinha de Brejo do Cruz. Inclusive, o diretor mesmo nomeado na época foi um professor lá de Brejo do Cruz, ele já trabalhava em Brejo. Era um professor formado, aí, então, ele veio ser o diretor. Ele era formado em Odontologia e tinha o consultório dele em Brejo do Cruz. Era professor lá no Brejo e veio ser diretor em Belém. Aí, com isso aí foi formando, pronto. Alguns de Belém que já tinham alguma formação, ele ia colocando... Pronto, chegou a um ponto que hoje Belém não tem nenhum professor, assim, de fora. Todos são de Belém, inclusive o diretor. Aí, a gente foi pegando esses contatos com o alunado e foi trabalhando e foi melhorando o conhecimento com o alunado e tal, até que de Belém a minha namorada arranjou pra eu trabalhar em Catolé, de Catolé eu já arranjei pra trabalhar em João Dias no Rio Grande do Norte, aí, fiquei trabalhando em Catolé e João Dias, e tal. Pronto. Aí, até hoje a gente... Aí depois, vim pra Patu, lá pro Comercial. Comercial foi muito bom. Hoje têm muitos alunos que conquistaram a arte comercial, quase todos os alunos... Era uma escola de referência em Patu, o Comercial. Vinha aluno dessas cidades vizinhas: Belém, aqui, Rafael Godeiro[32], Messias Targino[33], tudo vinha estudar aqui no Ginásio Comercial de Patu. Eu era professor de matemática de quinta a oitava série e o pessoal se saiu muito bem, quem estudou aí. Terminava aí o ginásio, ia fazer o ensino médio ou, naquele tempo tinha também, o magistério. Eu ainda fui professor do magistério também, inclusive, no ultimo ano que teve, ensinava matemática no magistério. Aí, depois acabaram com o magistério. Mas com isso aí eu, graças a Deus, aprendi muita coisa com meu alunado e mesmo dentro da escola, né? A gente vê o que pode fazer e o que não pode. Pronto...

Marcelo: O ano que o senhor ensinou no magistério, professor, o senhor já era formado em Matemática, né? Aí, o senhor ensinava a parte de didática da matemática?

Josimá: Já! Aí eu já era formado! Era, exato. Era uma matemática só a parte didática eu acho, a parte operacional era pouca coisa. Era... Só algumas orientações e tudo, e tal, mas era bem diferente da matemática do ensino médio.

---

[32] Rafael Godeiro, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal. Localiza-se a, aproximadamente, 17 km de Patu e 332 km de Natal.

[33] Messias Targino, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião do Médio Oeste. Localiza-se a, aproximadamente, 16 km de Patu e 309 km de Natal.

Marcelo: Sim, sim... Professor, então, no caso, os primeiros contatos do senhor com o ensino foi o mesmo momento que o senhor ingressou no magistério, né? Que o senhor realmente começou já a ensinar...

Josimá: Foi, foi... Graças a Deus, esse ingresso no magistério... Eu já ensinava aos meus colegas e, quando eu cheguei aqui no interior que eu fui escolhido para ensinar matemática da quinta a oitava série, então, eu já fui muito satisfeito porque como eu gosto de matemática, e é uma matéria que... Aí, eu me lembro a coleção de matemática que eu recebi e tal. Muita coisinha assim... Porque o admissão, esses dois anos que eu fiz o admissão, eu aprendi muita coisa que deu o direito de eu passar por média em todas as matérias do ensino fundamental, porque o admissão daquela época era tipo o vestibular. Quando dizia assim: "fulano foi aprovado no exame de admissão", era como se fosse o vestibular e era o passo que dava pra ingressar no ensino fundamental, né? Aí, depois houve a abolição, tiraram, aboliram o exame. Aí, hoje, da quarta série já vai direto pra quinta, pra sexta. Inclusive, criaram aí o nono ano, né? No meu tempo só tinha até a oitava. Eu já digo o seguinte: se os educadores analisassem direitinho, o segundo grau era pra ter já um quarto ano do ensino médio, porque, pelos conteúdos que têm – física, química, matemática, biologia e português –, só dá para o aluno ver todos esses conteúdos se criassem o quarto ano do ensino médio, caso contrário, eles... Na escola pública, eles não vão conseguir nunca ver, quando vê é cinquenta por cento dos conteúdos, né? Já na escola, no cursinho ou na escola particular, exige porque a matemática é desmembrada: é o professor de matemática e o professor de geometria, é o professor de matemática e o professor de trigonometria, né? Porque não há condições de você dar tudo. Aí, então, isso daí já melhora muito. Então, com isso aí... E química, física e biologia, ou você tem um número de aula de quatro aulas pra lá ou, senão, vai ver pouca coisa. Então, na minha opinião, se eu fosse um dos membros aí da educação, eu ia fazer essa opção de criar o quarto ano do ensino médio. Muito embora o ENEM tá tomando de conta de tudo aí, tudo indica que vão abolir até o vestibular já, pra prevalecer só a prova do ENEM, né? O nosso alunado mesmo, aqui da nossa região, ele fica muito... Não é que ninguém aprenda: "porque, só na escola particular...", não. Os que tem interesse mesmo, que se destaca na escola pública – aqui acolá meia dúzia de alunos numa escola se destaca, estuda e aprende tudo –, eles recorrem a outros recursos, a livros, a uma pessoa, uma aula de reforço, né? Porque, se depender mesmo só do ensino da própria escola pública, o alunado... Muita gente não vai ter condições de fazer um vestibular, por exemplo, na área de engenharia. E a gente hoje tá vendo muitos, muitos e muitos alunos correndo pra faculdade particular. [...] O meu queria fazer em Mossoró, na

UnP[34]. Eu disse: "Vai não! Eu fiz... Estudei sempre na escola pública e quando eu fui fazer vestibular, só fiz na Federal. Então, ou na Federal ou na Estadual." Então, aí ele fez aqui na Estadual e passou. Porque realmente, hoje, não é brincadeira. Porque é um investimento muito alto... Aí, pronto. Eu acho que não tem... Sei lá. Toda vida eu fiz opção, e pros meus filhos eu digo: "olhe, faça na pública, faça na federal, na estadual, o curso, o vestibular, mas na particular não invente, não... eu sei que você passa, agora, vamos saber se eu vou poder pagar".

Marcelo: Sim, tá certo... Professor, e como foi, no caso, a formação que o senhor teve para lecionar? Porque o senhor ingressou, tinha o ensino médio, não tinha uma formação específica, né? E como foi para o senhor ensinar, encarar a turma?

Josimá: Só, somente... Eu fui... Eu fui só com o ensino médio. Agora, passou-se, passou-se, depois apareceu uns cursos de capacitação. Aí, geralmente era em Umarizal, no Rio Grande do Norte era em Umarizal, e na Paraíba era em Souza[35], que lá tem um centro de treinamentos para professores[36]. Aí, sempre o Estado tirava uma semana, um período, a gente ficava hospedado; tanto a gente ficava em Umarizal, ou, na Paraíba, em Souza. Aí, tinha aqueles cursos de capacitação. Às vezes, tinha época que era só professor de matemática, né? Quer dizer, ajudava, claro. Ia ajudando mais um pouco, esclarecendo muitos pontos que a gente não tinha conhecimento e tudo. Aí, quando eu fui fazer o curso superior mesmo, a gente pagou muitas didáticas, né? Didática da matemática e tal, e teve aulas práticas... Já que eu já era professor, nunca tive... Mas quem nunca teve experiência com o ensinar, com o lecionar, e já estava terminando o curso, teve muita dificuldade, nessa parte... Mas, graças a Deus, a gente deu a volta por cima, por conta que a gente já lecionava, já tinha um certo conhecimento. E esses cursos de capacitação também ajudavam muito a ter outra formação. Melhorar a formação que a gente já tinha, né? Porque só o ensino médio num... Hoje mesmo o ensino médio não dá direito a ninguém a lecionar. Hoje é proibido. Nenhuma escola pode mais colocar um camarada, um professo, uma professora, pra ensinar só com o ensino médio. E o certo é cada macaco no seu galho. Agora, toda vida eu fui contra lecionar mais de uma matéria. Pelejaram comigo pra ensinar física, e eu tinha bons livros de física e tudo, paguei[37] três físicas lá nesse curso de matemática, mas eu digo o seguinte: "eu só ensino matemática, porque eu terminei Matemática, me preparei todo esse tempo pra matemática, então só vou

[34] Universidade Potiguar, uma das maiores instituições particulares de ensino superior do Rio Grande do Norte.
[35] Souza, cidade localizada na Paraíba, no Sertão Paraibano, está a, aproximadamente, 124 km de Patu e 444 km de João Pessoa.
[36] Centro de Treinamento e Formação de Professores Governador Antônio Mariz.
[37] Termo muito utilizado na região para dizer que os alunos cursaram as disciplinas.

lecionar matemática"; nunca quis não, pronto. Porque eu tenho uma interrogação comigo: um professor que leciona três matérias, eu quero saber qual é que ele está preparado? Porque pra você se preparar em uma matéria já é difícil, imagine um cara está preparado pra três. Quer dizer, não vou discutir, mas eu tenho essa interrogação. Eu nunca aceitei não. Porque quanto mais a gente estuda, aprende, e quanto mais você ensina, mais você aprende. Eu vim, depois de muitos anos de matemática, eu disse: "pronto, eu agora pude crer que quanto mais você ensinar, mais você aprende", e aí eu me dediquei só a matemática já pra isso. O primário, nunca ensinei não, mas da quinta série até a oitava série ensinei muitos anos, depois comecei primeiro ano, segundo e terceiro ano. Depois chegou um ponto que... falar até assim: os conteúdos de matemática, do segundo e terceiro anos, eles são bem melhores de ensinar do que o do primeiro ano. Aí, eu abandonei os primeiros anos, eu digo: "não, agora só aceito o segundo e terceiro ano, matemática". Pronto. Lá em catolé completava a carga horária, porque lá eram cinco horas de matemática e aqui tinha que pegar artes, economia do Rio Grande do Norte, ou, senão, cultura do Rio Grande do Norte. Eu digo: "eu vou assumir, agora, é tapar o sol com a peneira"; chegava pro alunado eu dizia: "olhe, isso daqui vocês vão ter as notas de vocês, eu não faço um trabalho; agora, eu vou aproveitar essas aulas e vou dar matemática, vocês já fiquem sabendo, viu? Então, se vocês têm quatro aulas por semana, vão ter agora seis". Aí, aquele pessoal que gostava de matemática ficou comemorando: "Ô coisa boa!"; porque quatro aulas ainda é pouco pra o curso de matemática, seis aulas melhorou muito. Pronto, com isso aí... [...]

Marcelo: Certo... Professor, no caso, assim, como foi que o senhor fez para começar a ensinar? Porque, como o senhor só tinha o ensino médio, o senhor seguiu o exemplo de algum professor que o senhor teve? Ou o senhor procurou estudar pessoalmente questão de didática?

Josimá: Não, não... Eu, matemática, eu sempre me espelhei nos meus professores. Eu adorava... E a gente sabe: todo aluno conhece o bom professor, aquele que tem segurança, aquele que tem, assim, desempenho nos conteúdos, porque, claro, isso aí... Essa semana eu tava lendo uma revista – eu recebo ainda aquela revista Cálculo –, e eu vi uma entrevista aí o professor dizendo o seguinte, que professor não é doido pra ensinar um assunto de matemática que ele não tenha conhecimento, né? Então, eu ensinava o que eu realmente sabia, o que eu realmente aprendi e... Depois de tantos anos, hoje, eu dou uma aula aqui: o livro tá dizendo assim, eu dou desse jeito [faz movimentos diferentes com as mãos, indicando caminhos diferentes], sabe por quê? Porque o livro está dando aqui uma coisa arrodeando e eu mostro como eu dou com mais facilidade. Eu gosto muito de fazer a coisa direta, contanto que essa

coisa direta seja boa pro aluno aprender. Não adiante eu ir ensinar o que tá dizendo o livro, sabendo que ele tá complicando a aprendizagem do aluno. Eu tenho que procurar maneiras que venham facilitar a aprendizagem do aluno. Às vezes eu pego um livro adotado pela escola: “mas professor porque o senhor não ensina do jeito que está nos livros”; “porque isso é mais complicado, é mais difícil. Eu não quero ser aquele professor que só queira fazer as coisas que o livro manda, não. Até porque eu não posso copiar o livro pra vocês, não. Eu tenho que dar maneiras, eu quero mostrar pra você maneiras diferentes, que venham facilitar a aprendizagem”. Então, com isso aí, eu tinha o livro adotado pela escola, mas eu tinha a minha maneira, [a] que eu aprendi lá no tempo que eu era aluno, estudante, aprendi com os professores mais veteranos, não é? Que quando eu terminei o segundo grau, já tinha professores formados em Matemática, licenciados em Matemática. Eu tinha uma professora, lá em João Pessoa, que ela era formada em Matemática, licenciada em Matemática, que ela exigia do aluno mesmo e eu dizia a ela: “olhe, eu estando assistindo aula aqui da senhora, se a senhora quiser fazer prova aqui amanhã, não precisa nem dizer, pode fazer que eu estou pronto”; “mas por que isso?”; “porque eu estou assistindo aula e estou aprendendo e lá, quando eu chego em casa, eu tiro duas horas pra fazer uma revisão desse assunto, e eu tenho certeza que eu estou preparado para fazer uma prova, não desse assunto que a senhora vai começar hoje, mas o de ontem, se a senhora quiser fazer a prova...”; os alunos, meus colegas da turma: “você tá doido, rapaz, um negócio desses, essa professora mata a gente aqui”. Ora, matemática já era uma matéria que exige e a professora era [exigente]... Aí, pronto. Com isso aí eu fui aprendendo. Aí, hoje, depois de trinta anos que eu lecionei em dois estados, em duas escolas, hoje eu tenho muitas técnicas diferentes. Eu estou com um projeto aí, chama-se, eu que criei essa sigla aí: CONSULTEMA, que é Consultoria em Técnicas do Ensino da Matemática. Já mandei até fazer uns cartazes: professor Josimá, tal e tal... Aí, botei uma frasezinha, assim, que eu criei, coloquei assim: “sem professor não há educação e sem educação não há cidadania”. Essa frase eu tirei... andando lá em Catolé do Rocha e vi no carro de um advogado: “sem advogado não há justiça e sem justiça não há democracia”. Aí eu fiz, botei lá no meu cartaz. Pronto. Estou com esse projeto aí, agora, é tipo uma consultoria. Na hora que o aluno tiver qualquer dúvida em matemática pode vir até aqui, eu vou botar nessa garagem aqui, vizinha a minha casa, né? Eu tenho bons livros de matemática, eu não dei fim aos meus livros de matemática, não. Os meus livros de matemática são aqueles que têm, vamos dizer, três volumes de matemática do ensino médio, aí eu tenho os três cadernos, todos os exercícios que tá aqui no livro, tem no caderno resolvido do jeitinho que eu dou no quadro.

Então, quer dizer, estou aqui no livro de matemática, eu vejo uma questão aqui que eu não tenha condições de resolver, pode ir lá no caderno que já está resolvido, quer dizer, você não tem como não aprender... Essa coleção serve tanto pra um aluno como pra um professor. Pronto. Aí, meus livros eu tenho aí seis coleções nesse sistema: são três livros com três cadernos. Quer dizer, depois de trinta anos que eu estudei e mais com esse material que eu tenho, não há como ter dúvida em alguma coisa. Se tiver, tem aonde recorrer e tirar a dúvida, sem ir à outra pessoa, né? E, aí, futuramente isso aí pode ser um cursinho, pode ser uma escola, quer dizer, vai depender... Eu já escrevi muita coisa aí, como ensinar assunto, desenvolver assunto com outras maneiras mais fáceis sem recorrer ao livro, diferente do livro. Então, tá aí; vou ver se eu consigo esse projeto, ver se eu consigo tirar do papel, botar na prática, né? [Por]que eu não quero deixar matemática, não. Todo dia eu estudo matemática. Todo dia. O livro que eu abro é o livro de matemática. Eu gosto de estudar materiais novos de matemática, ver se é diferente, se é mais facilitado, porque um conteúdo se vê que tá dificultando a aprendizagem, eu quero procurar, desmembrar ele pra que a gente mostre uma maneira que venha facilitar a aprendizagem. Um aluno de uma professora chegou aqui com uma questão, ela resolvia era quase a folha do caderno, quando ele trouxe, eu disse: “ah, essa questão aqui, vou aplicar a propriedade da PA, e eu vou resolver essa questão aqui, se gastar cinco linhas, é o máximo”, e realmente, eu apliquei a propriedade, aí: “pega, achei”. Enquanto ela fazia numa folha, eu apliquei em cinco linhas. O aluno levou, ficou mais facilitado pro aluno, ganhou tempo. Porque hoje, matemática, conta, tem que ganhar tempo, tem que saber resolver com mais rapidez e com mais facilidade. Pronto. Aí, quando chegou lá: “que é...? Quem foi que lhe ensinou?”; “não, Josimá é professor de matemática, e aqui a senhora só é aplicar a propriedade. No momento que a senhora aplica a propriedade, facilita o desenrolar da questão. Tá aqui”. Outra vez, eu ensinei um camarada a resolver umas questões de matemática do primeiro ano, quando chegou lá que o professor viu, não disse nada; quando foi entregar a prova, disse: “quem foi que ensinou essa maneira?”, aí o aluno disse: “foi Josimá”; disse: “eu tô por bem não considerar”; “bom, o senhor é que sabe, ele disse que se o senhor não considerar, eu botasse na justiça, porque o senhor não pode obrigar a resolver questões só da sua maneira, ou da maneira que o livro indica, você tem que respeitar o meu conhecimento”; aí, ele disse: “mas rapaz, já pensou...”. Porque matemática, rapaz, se o aluno teve a habilidade de resolver de outra maneira, e tá correto, o que é que você vai reclamar? Você pra dar até os parabéns pra um aluno desse que fez uma coisa diferente. Porque tem professor que quer bitolar só o livro, do jeito que o livro ensina, se tiver aqui dois, aí tem que

ser dois... Só quer viver do jeito... Não, rapaz! Vamos procurar. Eu tenho essa vivência. De tanto eu ensinar, graças a Deus aprendi muita coisa diferente.

Marcelo: Certo! Professor, e... Cursos de formação. O senhor falou que fez alguns cursos de capacitação, isso o senhor começou a fazer já desde o período que começou a ensinar?

Josimá: Foi. Esses cursos de capacitação foram no correr, no desenrolar do meu ensinamento, ou seja, eu era já professor contratado dos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, aí foi quando apareceram esses cursos de formação.

Marcelo: Aí, professor, eles tinham todos os anos?

Josimá: Não. Eixe! Isso demorava. Passava dois, três, quatro, cinco anos para aparecer um curso desses. Porque geralmente quando aparecia era por área, né? "Área de ciências", aí, todos os professores de matemática, física, química e biologia iam. Aí, vinha na outra área, os professores de português, de... né? Então, vinha por área, esses cursos de formação.

Marcelo: Ah, entendi, entendi... Professor, e o primeiro que o senhor fez, o senhor lembra quando foi?

Josimá: O primeiro... Rapaz, pra me lembrar agora...

Marcelo: Ah, mas se não lembrar, não tem problema!

Josimá: Mas, geralmente, o curso de formação, de capacitação, era na área das ciências, né? Então, a parte de matemática, mostrando alguma coisa diferente pra gente lecionar melhor e pro aluno também aprender... Mas sempre vinham esses cursos. Mas eu não tô lembrado...

Marcelo: Ah, certo. Não tem problema. E esses cursos, o senhor falou, eles tinham normalmente duração de uma... [?]

Josimá: Uma semana, é! A gente ia segunda-feira, quando era na sexta-feira à tarde já estava formado. Geralmente os professores vinham de Natal.

Marcelo: Quando acontecia aqui em Umarizal, né? Aí, lá em Souza?

Josimá: É, aqui em Umarizal. Lá em Souza, vinha de João Pessoa. Era professor que já era professor da universidade, uma boa parte já eram professores da universidade.

Marcelo: Sim, entendi... E eram cursos de conteúdo, ou eram cursos de didática?

Josimá: Não, era mais... Eles entravam pela didática, aí, depois davam alguma formaçãozinha na parte operatória. Mas, a gente que já era [professor], muitas coisas a gente já... quando eles queriam puxar coisa diferente, a gente já sabia, na parte operatória, agora, na parte didática, a gente tava tendo conhecimento naquele momento...

Marcelo: Sim, sim... e os conteúdos, quando eles iam dar conteúdo, eram os conteúdos do ensino fundamental e médio? Que era pra os professores que estavam sendo formados, né?

Josimá: É! Exatamente... Sempre eles batiam muito nas questões dos conteúdos, que fossem feitos, pra laboratórios, né? Toda a vida eles quiseram implantar laboratório no ensino médio, mas nunca... Teve, mas não teve resultado, né? Era pra matemática, pra química, pra física, pra biologia; e matemática, principalmente, hoje é mais sala de vídeo, computador e tudo. As salas de computação aí, que geralmente já tira essa parte. E mesmo assim, com essa parte de computação, o professor ainda é a melhor opção pra o aluno aprender. Quer dizer, ele aprende também pelo sistema de computação, mas sem o professor também ele não vai a lugar nenhum. Quer dizer, não há como dispensar, trocar o professor pela tecnologia, a maior tecnologia ainda é o professor, pode correr pra onde correr... Eu penso desse jeito, até porque lá tem que ter um professor e alguém tem que saber pra poder mexer, né? E o professor pega aqui você despreparado, ele é quem vai preparar, ele é quem vai ensinar, ele quem vai... Eu já me deparei com aluno que queriam saber mais do que eu, eram aqueles alunos que se preparavam e eles vinham com aquele costume de derrubar professor, né? Eu naquele tempo não tinha o curso superior, aí um aluno do segundo grau, do segundo ano, disse: "professor, o senhor ensina o segundo ano, o senhor tem curso pra ensinar matemática no segundo ano?"; "tenho não, eu só tenho o ensino médio"; "Ah, só dá pra ensinar até a oitava série"; "é, mas eu estou com um compromisso aqui, como tal professor tá em falta e as escolas do estado tem essa coisa, quando não tem, quando não tapa o sol, tapa com a peneira, então eu vim tapar com a peneira, agora, só digo uma coisa: não vou ensinar nada que você já sabe, se você tiver pensado, tá errado, porque, primeiro, se eu souber que esse assunto que eu vou ensinar hoje você já sabe, já tô tirando. Não vim aqui pra ensinar o que vocês já sabem, não. Agora, eu tenho certeza que você aprende comigo. Você pode estudar aonde você quiser, mas o que eu vou ensinar, eu tenho certeza que você vai aprender comigo". E realmente. Eu fui fazer uma revisão, um potencial sem radiciação, o caba disse: "ei professor, tá na hora do senhor mudar esse assunto aí, que isso é muito elementar"; eu digo: "quando você diz assim 'elementar', é porque você já sabe, ou é porque isso aqui tem facilidade pra você aprender?"; quis gritar, eu disse: "olhe! Um aluno só pode dizer que sabe potenciação quando ele tiver apto a resolver esse tipo de questão...", aí eu coloquei, assim, entre parêntese: menos dois terços, elevado a menos dois. "Pronto, se o senhor estiver habilitado a resolver esse tipo de questão, aí o senhor realmente está capacitado, é sinal que o senhor está sabendo tudo sobre potenciação. Resolva aí!". Ele já tinha colocado no canto de parede um professor de química – aquele professor que ensinava ciências, colocava pra ensinar química –, já tinha botado um professor de física... Acho que ele só não tinha brigado ainda com o professor de português e eu. Como eu era

novato, aí ele disse: “pronto, vou colocar esse professor no canto de parede”; mas aí ele começou a resolver e tal, mas no fim não conseguiu fazer a resposta correta. Eu: “olhe, bem que eu digo a vocês que vocês vão aprender comigo”. Aí, eu fui... Menino! Quando eu terminei de resolver, os caba deram uma vaia nesse camarada. Que ele queria ser o tal, né? Sim, as notas dele, que eu cheguei lá no meio do ano, só era dez em matemática, aí eu digo: “eu vou pegar esse camarada”, aí, toda prova que eu fazia, eu botava uma questão, digo: “aqui eu quero ver se ele...”, aí ele tirava oito. Quando ele tirava oito, o alunado era de cinco a baixo. Rapaz, o que o alunado entendeu é que se fosse do jeito que tava, ia continuar... Ele passava, mas o alunado, a maioria, ia ficar prejudicada. Aí, os cabas pegaram ele um dia num canto de parede, encostaram e: “olhe, a partir de hoje, se você discutir com aquele professor de matemática, ou se a gente ficar prejudicado por conta de você, vamos lhe dar uma surra aqui dentro”. Aí me contaram... Ah, meu amigo, eu sei que quando foi no outro dia, eu digo: “É... bote na cabeça de vocês que vocês vão aprender comigo, que eu tô aqui pra ensinar”. Aí eu fui maneirando, sabe? Fui maneirando e tal... Até pra poder não prejudicar a turma, mas por conta dele... Mas ele não chegou a tirar nenhum dez, não. Toda prova minha eu botava uma questão, aí eu dizia assim: “rapaz, você não resolveu essa questão por quê? Você não disse que sabe matemática? Então, vamos aprender comigo. Eu vou resolver aqui pra você aprender como se resolve essa questão”, era desse jeito. Toda aula, toda prova, quando eu ia fazer a correção tinha que dar um chá nele, pra ele... Depois disso eu ganhei a confiança dos caba: “Ah, professor que sabe matemática aqui é esse camarada aí... (risos) O camarada quis botar ele no canto de parede mas não conseguiu, não.” Porque tem aluno meio... Outra vez foi um aluno... Eu tava resolvendo uma questão, matemática do segundo ano, se eu não me engano era um determinante, aí, quando eu tava terminando, chegando à resposta mesmo – tava bem pertinho de tocar –, aí uma aluna foi, pegou meu livro que tava assim em cima do birô, puxou, abriu, olhou a resposta, quando eu terminei ela disse: “professor, tá errado!”; eu disse: “você fez?”; “não!”; “e como é que você diz que tá errado sem você ter feito a questão?”; “não, é que eu olhei agora no livro do senhor e a resposta tá errada”; eu digo: “é! Se está errada a resposta do livro, vamos chamar o autor para corrigir, porque se você estiver pensando que só eu tenho o direito de errar, fique sabendo que quem faz isso aqui também erra”. Aí, tocou, eu saio. Aí eu digo: “Mais rapaz”; e eu fui olhar a resposta no livro e realmente deu diferente, mas lá mesmo na sala dos professores eu fui corrigir, fui provar e realmente [eu] tava certo mesmo. Ma! Não demorou meia hora a aluna chegou: “professor!”; eu digo: “que foi?”; “não, o senhor me desculpe, mas... a resposta do livro tá errada” (risos);

eu disse: “Ah, já?”. Aí, pronto, do outro dia em diante foi: “ah, professor que sabe matemática é esse aqui, menino, olhe! Ele faz e manda ‘olhe, rasgue o livro aí e mande queimar que o certo é correto...’” (risos); aí, pronto. Que aqui, acolá, acontece, né? Algumas respostas do livro dá diferente da que você resolve. Pronto, com isso aí eu ganhei a confiança e... graças a Deus...

Marcelo: Certo... Professor, o senhor poderia falar um pouquinho mais do curso lá de Cajazeiras? Professor, esse curso, quando o senhor foi, o senhor começou lá em setenta...?

Josimá: Foi em 1977. Não, 1978, no início de 1978. Foi, que a gente passou pro vestibular pro primeiro período.

Marcelo: Certo. Então o senhor começou em 1978. E esse curso já existia há muito tempo ou não?

Josimá: Não! Existia em João Pessoa, na universidade federal. João Pessoa e Campina Grande, Matemática. Agora, em Cajazeiras como estava... Esse campus avançado da Universidade Federal da Paraíba, esse curso foi o primeiro curso a ser formado em Cajazeiras foi esse.

Marcelo: Então, o senhor foi da primeira turma?

Josimá: Eu fui da primeira turma de Matemática do campus de Cajazeiras. Foi! Inclusive, lá tinha Física e Matemática e eu fiz a opção, eu e mais dois colegas, fizemos a opção por Matemática e passamos, e outro foi pra Física, inclusive ele foi professor aqui da UERN, João Sales[38]. Era professor de Física aí; ele terminou lá. Evilásio[39] terminou Química lá, em Cajazeiras. E a gente terminou Matemática. Pronto. Aí, foi cinco anos o curso de formação. Agora, já existia na Paraíba, no estado, mas em Cajazeiras foi o primeiro vestibular de Matemática foi esse.

Marcelo: Certo... Era curso de Matemática, ou era de Ciências com habilitação em Matemática?

Josimá: Não, era de Ciências com habilitação em Matemática! É, é!

Marcelo: tá certo... Professor, e como era, assim... Já que o senhor foi da primeira turma, como era a questão de estrutura do curso? Vocês tinham espaço? Tinham biblioteca?

Josimá: Ah! Não... Lá pela universidade tinha, tinha espaço, tinha biblioteca e tinha um laboratório muito bom pra Química e Física. É! Inclusive, a gente mexeu lá com muito material e, inclusive, tinha em Matemática, eles tinha aqueles blocos lógicos e a gente manuseou muito lá, tinha um professor só pra essa parte aí. Era geometria através dos blocos

[38] João Sales dos Santos é professor aposentado da UERN, campus Patu.
[39] Evilásio Ferreira de Sousa é professor aposentado da UERN, campus Patu.

lógicos, né? Não, lá, a estrutura, tava bem estruturado... E Cajazeiras, naquele tempo, eles estavam ganhando um alunado muito grande, sabe? Porque de João Pessoa é uma distância muito grande. De João Pessoas pra Cajazeiras já fica nos extremos, né? João Pessoa lá no litoral e Cajazeiras aqui já se limitando com o Ceará. Mas, muito bom. O curso foi bom e a gente tinha professores bem preparados, tanto que a gente teve que pagar química, física, língua estrangeira, nós pagamos duas línguas estrangeiras. Lá, o professor da gente que ensinava física, era um alemão, porque foi o seguinte: veio dois alemães ensinar lá em Cajazeiras e foi dois professores daqui ensinar lá, só pra troca de... né? Então, com isso aí, era o de física e o de química da Alemanha, todos dois, o de matemática era um camarada já formado em Matemática. Tudo bacana mesmo...

Marcelo: E o de matemática ele veio lá de João Pessoa ou não?

Josimá: Foi! Veio de João Pessoa pra isso. Porque lá não pegou nenhum professor de Cajazeiras, não, todos eles vinham de fora. Vinha de João Pessoa.

Marcelo: Por que não tinha pessoas formadas em Cajazeiras...

Josimá: Não, tinha não!

Marcelo: Esse não foi o primeiro curso a ser criado no interior porque já tinha o de Campina Grande, né? Mas fora o de Campina Grande...?

Josimá: Exatamente... Em João Pessoa e Campina Grande já existia o curso de Matemática.

Marcelo: Certo... Mas, fora Campina Grande, no interior, não tinha em nenhum outro lugar?

Josimá: Não, não, tinha não. Porque existia outros cursos: Souza, Patos[40], era... Mas matemática mesmo, era João Pessoa, Campina Grande, aí, veio pra Cajazeiras.

Marcelo: E o de Campina Grande existia há muito tempo, professor, ou não?

Josimá: Já, não, já vinha... Tinha aqueles cursos de Engenharia, Engenharia Civil, Elétrica, Mecânica e já tinha o curso de Matemática, e lá em João Pessoa também.

Marcelo: E o senhor optou por fazer lá em Cajazeiras por que era mais fácil [o acesso]?

Josimá: Mais perto! Mais perto de Catolé do Rocha. Porque pra ir pra Catolé, só vai pra Souza, Souza/Cajazeiras, se fosse pra Campina ou João Pessoa... teve um colega meu que fez em Campina Grande, mas ele não pôde ter essa regalia, teve que morar lá. Ele só veio ingressar na educação depois que terminou. Eu, como já era da educação, já era professor, Rio Grande e Paraíba, então eu não podia, pra fazer [o] curso, ficar lá permanente. Aí, pronto, Cajazeiras foi a opção.

[40] Patos, cidade localizada na Paraíba, Sertão Paraibano, a, aproximadamente, 169 km de Patu e 317 km de João Pessoa.

Marcelo: E a bolsa que o senhor falou que recebia do governo, era pra auxiliar na realização do curso?

Josimá: Era pra manutenção. Era pra auxiliar na estadia, alimentação... A gente morava de hotel, aí, recebia essa bolsa. Dava pra pagar hotel e ainda sobrava um dinheiro pras despesas, pra viajar... pra alguma farra, que a gente queria fazer lá algumas vezes, porque as vezes... Uma vez Nélson Gonçalves[41] foi dar um show lá, primeiro de maio, e a gente, esse final de semana, ficou em Cajazeiras. E aí, tinham uns professores lá que também gostavam de beber, a gente se acoloiava[42] com eles, sabe? Ai, diziam assim: "Rapaz, que é que diabo esses professores daqui só andam com esses caba de Catolé do Rocha?", era três; ora, eles gostavam de beber e a gente também. Aí, o curso era à tarde, começava uma hora da tarde. Aí, pronto, às vezes, à noite, a gente se encontrava ia beber, aí, o outro pessoal via e... Mesmo quando a gente ia pro campus, às vezes pegava carona com eles. Mas, graças a Deus foi muito bom...

Marcelo: Professor, no caso, como foi fazendo pra ir completando os professores do curso? Porque eles foram mandando os professores aos poucos, né? Já que não tinham turmas... Era a primeira ainda, né? Sempre vinham chegando outros professores de fora, era isso, ou não?

Josimá: Era, exatamente! Agora, o seguinte, tinha professor lá que além de dar [aula] no curso de Matemática, ele fazia parte de outros cursos da mesma instituição. Inclusive, a didática lá foi dada por uma freira, essa freira formada, e ela trabalhava lá no Diocesano[43]. Então, aproveitaram ela também pra... Agora, química, física, matemática, tudo já vinha de Campina Grande ou João Pessoa. Aí, tinha esses dois camaradas que era da Alemanha; inclusive esses camaradas da Alemanha, em física, eles queriam apertar a gente, a gente quase perdia uma cadeira de física... Aí, quando foi uma noite a gente foi uma bebedeira com eles (risos), eu e mais dois colegas, aí lá a gente falou com eles por que era que a gente tava fazendo o curso de Matemática, que a gente já era do Estado, já era professor, e a gente tava atrás de melhorar o conhecimento e ao mesmo tempo também melhorar a... que a educação só paga melhor quem é formado, né? Tem que ter curso. E que ele tava apertando a gente em física e tal. [...] Aí, ele disse: "é, como vocês já são profissionais da educação, já são professores, eu vou maneirar, vou passar um trabalho pra vocês, pra todo mundo, pra ver se melhora a nota em física". E realmente ele passou um trabalho e lá a gente tirou umas notas até boas. Aí, com isso a gente não foi prejudicado, mas ele queria apertar. Outro foi um professor de inglês. Era um senhor de idade, esse era de Cajazeiras mesmo, ele já era um

[41] Nome artístico de Antônio Gonçalves Sobral, cantor e compositor brasileiro.
[42] Termo comum na região para designar aqueles que andam juntos, parceiro.
[43] Colégio Diocesano Padre Rolim, foi um dos primeiros colégios da Paraíba, estando ainda em funcionamento.

professor formado em inglês, tinha curso de inglês, ensinava em bem duas escolas do Estado lá em Cajazeiras, aí, ele foi aproveitado pra lá, né? Ah, meu amigo, e o velho bebia que só. Um dia nós tivemos uma bebedeira com ele, aí, falamos; ele: "É! Eu vou... ajeitar a nota de vocês...". Aí, ele tava com uns trabalhos da gente pra entregar, aí, quando ele foi entregar, só era Josimá, oito e meio, Ramalho, nove, Antônio Fernandes, nove e meio (risos). Aí os outros: "oxente! E esses caba nem inglês não fala, nem o curso de inglês tão fazendo que preste, tão com essas nota alta" (risos). Isso era as médias que ele tava... (risos) Mas, coitado. Logo quando a gente terminou o curso ele faleceu. Mas foi bom! Agora, realmente, hoje lá o campus lá é um senhor... Hoje lá tem muita coisa. O número de universitários lá é bem maior.

Marcelo: Sim. Professor, só voltar aqui pra falar um pouquinho da bolsa que o senhor recebia. O senhor recebia essa bolsa do Governo Federal, mas essa bolsa tinha alguma relação pelo fato do senhor ser professor do Estado, ou ela era dada a qualquer um?

Josimá: Não, ela era dada pela universidade. Quer dizer, se você não fosse universitário, você não tinha direito a essa bolsa, não.

Marcelo: Mas era dada a todos os alunos, não?

Josimá: Não! Tinha uma seleção e eles é que iam saber. Se fosse comprovado que você não residia em Cajazeiras, você tinha direito pra transporte ou pra alimentação, agora, lá rezava que quando você terminasse o curso, quando começasse... tinha que pagar. E graças a Deus, até hoje nunca chegou... Me parece que houve aí um governo, não sei quem foi o governo que deu uma [dispensada]...

Marcelo: Certo... Professor, no caso, depois que o senhor terminou esse curso foi que o senhor disse que entrou aqui, entrou nos dois Estados, né?

Josimá: É, como professor já estatutário com o curso de formação, porque jamais a gente poderia entrar no Estado só com o segundo grau. Foi preciso a gente ter esse curso pra que desse entrada como professor definitivamente nos dois Estados.

Marcelo: Certo. Professor, no caso aqui [ficha sobre a formação no RN], a gente conversou um pouquinho como era a formação no interior do estado [da Paraíba], mas como o senhor estava com o pé nos dois estados, digamos assim, o senhor tem conhecimento de como era a formação de professores no Rio Grande do Norte nesse período?

Josimá: Aí, é o seguinte... Eu tinha os meus colegas de trabalho lá, esses que iam de Catolé comigo pra trabalhar em João Dias... De João Dias, eu vim pro Ginásio Comercial. O período que eu passei lá, oito anos que eu passei em João Dias como professor do Estado, ensinando só o ensino fundamental, a gente [teve] uns dois cursos de capacitação, e depois que eu vim

aqui pro Ginásio Comércial, eu trabalhei oito anos aí, e não me lembro de nenhum curso de formação. Parece que teve um... Espere aí, deixe eu lembrar. [...] Não, teve não. Teve depois que eu tava no Edino Jales, já no ensino médio, aí teve um em Umarizal. Esse, foram só dois dias. Era só na área de ciências. Os professores que iam pra lá era: matemática, física, química e biologia. Veio uma equipe de Natal e tudo. Eu dei até um... [Eles] dizendo que a educação do Rio Grande do Norte tava boa, tava melhorando cada vez mais, eu digo: "mas os fatores que atrapalham, você pode... dar o aval na secretaria da educação, dizendo o seguinte, que essa média baixa, essa média seis, e esse sistema de aluno ficar devendo matéria isso atrapalha muito... vai só beneficiar o aluno, mas a aprendizagem vai ser bem menor, porque essa média seis aí não tem cabimento de um aluno ficar reprovado e, depois, reprovado não fica, porque o aluno fica devendo a matéria, né?. Pronto, isso aí e a coisa errada na área de ciências é o número de aulas que são ministradas nas matérias: química, física, biologia e matemática". Aí, eles ficaram de levar essa proposta pra lá, pra aumentar o número de aulas e também aumentar a média, né? Não falaram em acabar a tal da dependência, mas não conseguiram nada. Continua do mesmo jeito. Porque na Paraíba toda a vida lá a média era sete, quer dizer, são quatro bimestres, são quatro notas sete.

Marcelo: Professor, o senhor que ensinava em João Dias, Caicó, por exemplo, não era uma opção... Na verdade Caicó não tinha curso ainda nesse período, não é? Curso de Matemática?

Josimá: Não, tinha não, tinha não. Aí, nesse tempo, você tinha que ir pra Natal. O curso de Matemática mesmo, o caba dizer assim: "vou fazer Matemática!", tinha que ir pra Natal, João Pessoa, Campina Grande, nem Mossoró... Eu não me lembro de lá em Mossoró... Nem Mossoró não tinha esse curso de Matemática. Porque Mossoró mesmo passou muitos anos só o curso de Agronomia. Aí, pronto. Mas, Matemática mesmo...

Marcelo: Aí, quando apareceu a oportunidade o senhor foi. Professor, o curso lá de Cajazeiras ele funcionava normal de segunda a sexta? Mas o senhor só podia ir de segunda a quarta?

Josimá: Foi! Era, era! Na quinta feira a gente vinha embora.

Marcelo: E como era que funcionava, assim... [?]

Josimá: Agora, quando a gente chegava lá a gente tinha que procurar os conteúdo pra botar em dias, sabe?

Marcelo: Eles não colocavam falta, mas vocês tinham que estudar...

Josimá: É, exato! Nem também eles marcavam avaliação nesse período, nesses dias, não. Já era combinado, sabe?

Marcelo: Entendi. Aí, foi o curso todo desse jeito? Assim, indo de segunda a quarta?

Josimá: Foi! Desse jeito... Que eles já estavam sabendo que a gente tinha esse compromisso com o Estado, na escola.

Marcelo: E o Estado não liberava pra fazer o curso, professor?

Josimá: Não! A gente não teve esse acesso não. [...]

Marcelo: Entendi... tá certo. Professor, e a formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte e as demais regiões do estado? No caso, assim, o senhor falou que teve um curso em Umarizal, né? Que o curso de Umarizal era pra atender toda uma região. Aí, iam todos os professores dessa região pra lá... Mas, como era que funcionava, professor, vocês recebiam auxílio do Estado pra poder fazer esse curso?

Josimá: Lá... lá recebia! Eles davam a alimentação e a gente ainda recebia lá um... A última vez, cento e trinta reais. Era, a gente recebia uma quantia. Tanto esses da Paraíba como [os do Rio Grande do Norte]. Nesses cursos de capacitação, a hospedagem nesse tempo a gente pagava, só tinha só a alimentação lá, a hospedagem era por conta da gente. A gente recebia lá um recurso, tipo uma bolsazinha de estudo.

Marcelo: Certo... Professor, e o senhor, por ser professor de uma região, no caso, contando do Rio Grande do Norte o senhor era professor de João Dias, quando o senhor foi fazer o curso lá em Cajazeiras, o senhor por ser professor de uma região e por estar indo fazer um curso superior, o Estado não dava nenhum tipo de auxílio?

Josimá: Não. Nem o Rio Grande do Norte, nem a Paraíba... Lá no Rio Grande eu botei um substituto através de amizade com a diretora, porque na época a diretora era esposa do prefeito e eles moravam em Catolé do Rocha, como eu também morava, agora, já em Catolé, não. Em Catolé, ela fez um horário pra ministrar aula nos três expedientes quinta e sexta.

Marcelo: No caso, lá em Catolé o senhor conseguiu falar com a direção e conseguiram concentrar e em João Dias o senhor colocou um substituto, por isso o senhor conseguia ficar de segunda a quarta lá... Ah, entendi. Mas, no caso, esse substituto ele ficou no nome do senhor?

Josimá: Foi! Ficou... Lá ele nem assinar nada ele assinava, aqui, acolá eu tinha uma oportunidadezinha eu ia assinar.

Marcelo: Então, no caso, o senhor realmente tinha que voltar na quinta e sexta porque lá o senhor não conseguiu conversar pra colocar substituto, nada disso? O senhor tinha que ir, mas conseguiu concentrar, pelo menos...

Josimá: Não, de jeito nenhum. Não, até porque lá a diretora lá não aceitava, não. Nesse caso ainda faltava... É porque não tinha um substituto pra matemática lá em Catolé, nessa época lá não tinha, não. Que eram dois professores de matemática da escola que estavam se ausentando pra ir fazer esse curso. Era eu e outro. Mas lá como eu peguei esse menino, esse rapazinho pra substituto, ele era o professor, assim, mais da escola do município... Aí ele aceitou.

Marcelo: Entendi... E esse rapaz ele tinha formação, professor?

Josimá: Não, só o ensino médio também...

Marcelo: Certo... Professor, e as escolas e o cotidiano durante o exercício do magistério? [...] Depois que o senhor começou a ensinar, como eram as escolas?

Josimá: As escolas realmente foram bem diferentes, porque primeiro eu comecei em Belém, né? Depois fui pra Catolé, depois fui pra João Dias. Foram as cidades em que eu trabalhei: Belém, Catolé, João Dias e Patu. Pronto, por final, fiquei só Catolé e Patu, foi quando eu me aposentei nessas duas cidades. Patu, aqui, já era o Ginásio Comercial. A diretora me aceitou, porque professor de matemática... Quando eu vim pra cá, eu já tava formado em Matemática e a escola aí, escola particular pegar um professor formado em Matemática, era [bom] pra escola e mais: eu recebendo pelo Estado. Mas chegou um tempo aí que eu trabalhava e recebia pelo Estado e pela escola, porque aumentaram a minha carga horária, aí ficou: uma parte era pelo Estado e a outra particular, mas... Realmente, durante todo esse exercício do magistério, eu tive a experiência nessas quatro escolar. Duas do Rio Grande, João Dias e Patu, e duas na Paraíba, que foi Belém Catolé.

Marcelo: E o cotidiano dessas escolas, professor? Eram diferentes?

Josimá: Cada escola dessas era um sistema diferente. Aqui, o Ginásio Comercial, por ser comercial era o mais diferente. E era mais trancado e mais... Dona Vanda trazia o professor aqui, mesmo sendo do Estado, como se fosse um professor da particular, sabe? Com toda exigência... E em João Dias era mais aberto; Catolé também. Mas aqui, mais diferenciado foi só o Ginasio Comercial de Patu. Aí, depois eu fui pro Edino Jales ensinar o ensino médio. Aí, pronto. Então, lá eu fiquei só com matemática e foi outra experiência que eu já fui... Apesar de que lá em Catolé eu já ensinava ensino médio... Pronto. Mas, graças a Deus, deu certo.

Marcelo: Certo. Professor, pra o senhor, como foi o exercício do magistério?

Josimá: Sinceramente eu fiz... Às vezes a pessoa fica meio que, assim, desgostoso... Antigamente era o salário, que a gente ganhava bem, mas depois, de um certo tempo pra cá, foi diminuindo, foi diminuindo, mas, eu mesmo nunca gostei de reclamar do magistério, por

conta que eu tinha os dois Estados e eu nunca fui de reclamar, não. Reclamava, assim, sobre essa questão do número de aulas, outras coisas que a secretaria de educação aceitava e eu não queria aceitar. Aí, tinha que fazer dois tipos de trabalho, dois tipos de avaliação e tal... Pronto. [Mas] o magistério mesmo, eu nunca pude reclamar, porque eu me dava bem. Toda a vida gostei de ensinar, diziam: "mas rapaz, você é um caba inteligente, ao invés de ter feito um vestibular para um outro curso"; digo: "não... a educação me acolheu muito bem e eu também gosto de ensinar", [por]que matemática eu nunca tive preguiça de dar aula. Agora, eu tinha uma coisa: aqui, à noite, eles botavam duas aulas consecutivas que era pra sustentar o alunado, aí eu, quando dava, assim, uma aula e a metade da outra; faltava, assim, mais ou menos, uns vinte minutos, vinte e cinco, para encerrar, eu dizia: "vamos embora". A diretora dizia: "já encerrou?"; eu dizia: "já, por quê?"; "não tocou ainda"; "não, mas na minha aula quem manda sou eu. Eu tenho é duas aulas consecutivas. Olhe, duas aulas de matemática eu aguento dar as aulas, agora, o alunado é que não aguenta assistir, porque é cansativo, já é final de noite, então, tem cabimento não. A senhora vai ter que se conformar com isso". Aí, Tchau! (risos) Tinha aquela exigência de você não entrar depois do toque, depois do início, nem sair antes do toque. Aí, aqui acolá eu fazia isso, mas não era [sempre]... era uma vez por outra. Quando era uma sexta-feira à noite, aí, pronto, às vezes. Mas, falta não, nunca gostei de faltar. Não era professor de faltar.

Marcelo: Certo... Professor, o senhor lembra como era Patu quando o senhor começou a ensinar aqui?

Josimá: No início, quando eu cheguei em Patu, em 1988, e comecei a ensinar. Patu é o seguinte... É uma cidade que já teve um desenvolvimento maior, assim, tinha três bancos, tinha a Secretaria de Educação[44], era aqui e depois levaram pra Umarizal, tinha a Coletoria Estadual, que era aqui e levaram pra Umarizal ou pra Pau dos Ferros[45]. Aí, Patu foi e ficou por último só o Banco do Brasil, depois foi e criaram essa agência do INSS, mas que houve um atrasozinho nessa parte. O desenvolvimento da cidade foi caindo, em Patu se resolvia muita coisa. Graças a Deus que ainda ficou o Banco do Brasil, né? Pronto. Agora, hoje não, hoje com essa agência do INSS, com a criação aí do campus avançado, depois com o batalhão da Polícia Militar que aumentou aí a companhia, pronto. Tem isso aí, hoje, um desenvolvimento... Hoje Patu é uma cidade pequena, mas uma cidade que, pelo que tem em Patu, não é toda cidade do tamanho de Patu que tem essa coisa toda, não. E hoje, esse campus

[44] O professor refere-se à 14ª Diretoria Regional de Educação (DIRED).

[45] Pau dos Ferros, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, Oeste Potiguar, dista aproximadamente 392 km da capital Natal e 71 km de Patu.

aí deu outra... Quer dizer, faz mais de trinta anos que tem esse curso superior aqui em Patu, quer dizer, melhorou muito o sistema educacional. Hoje o Edino Jales é uma escola de destaque, no ensino médio. Antigamente era o comercial, mas hoje, o Edino Jales é uma escola que tem bons professores. Agora, a falha é o professor sem compromisso, gostar de faltar. [As vezes], professor que tem duas carga horárias, né? Aí, uma ele trabalha, a outra bota não sei quem pra trabalhar. Pois pronto, então...

Marcelo: Certo... Professor, e o Rio Grande do Norte no início do magistério do senhor? Como era, assim, o estado?

Josimá: O estado, realmente, como eu dizia, só tinha de destaque mesmo Natal. Natal, Mossoró... essas cidades. Aqui, a nossa região ainda é uma região que... como se diz, quem não tem cachorro, caça com gato. É sempre tapando o sol com a peneira, né? Porque muitas vezes botava um professor pra lecionar uma coisa que não tinha nada a ver com o curso dele. Aqui no Comercial, não, mas lá em João Dias, até educação física me botaram lá [pra ensinar]. Professor de educação física, pra completar a carga horária. Mas, realmente, toda a vida eu fui contra você ter um curso numa área e ensinar outra. Nunca fui a favor...

Marcelo: Certo... Professor, e para o senhor, como foi o magistério em Patu?

Josimá: Não, eu... Vir pra uma escola de nome, que era de destaque na região, e sinceramente [que] a diretora me acolheu muito bem... Eu me senti muito a vontade e por esse motivo, eu acho, fiz um bom trabalho, porque realmente me sentia muito bem. Do meu trabalho lá que era ensinar matemática de quinta a oitava série, nunca recebi reclamação, e Dona Vanda sempre dizia: "olhe, aqui se ele reprovar tá reprovado, não adianta vir pedir nem a mim, nem a ele, porque não vai ser atendido"; e eu ainda cheguei a reprovar, no ginásio eu reprovei aluno, mesmo aí, nessa escola particular. Aluno da oitava série, aluno de quinta série, mas aí depois que eu fui pra o ensino médio, eu vi muitas coisas... Aí, eu digo: "não, aqui não vai...". O ginásio aí era uma escola que vinha esse alunado todinho aqui: Belém, Messias Targino, Olho D'Água[46], Rafael Godeiro... Porque na região não tinha [escola melhor]. Era uma escola que tinha nome em Patu, era essa daqui... E eu me dei muito bem graças a Deus. Não tenho o que reclamar do magistério, não, principalmente em Patu.

Marcelo: Certo... Professor, e pra o senhor, o magistério no Rio Grande do Norte? Como foi ter sido professor do Rio Grande do Norte, do Estado?

[46] Olho D'Água do Borges, cidade localizada no Rio Grande do Norte, na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal, está a, aproximadamente, 20 km de Patu e 321 km de Natal.

Josimá: Eu realmente não tive nenhum momento de dizer assim: “não, eu não tô gostando, eu tô achando ruim”, não. Sempre gostei e fiz um trabalho porque realmente tinha interesse e gostava, mas outro ponto aí eu não posso falar...

Marcelo: Está certo... Professor, pra o senhor, Patu no contexto atual? Patu hoje?

Josimá: Hoje, Patu, graças a Deus, tá em destaque porque tem o campus aí, que é o destaque. Tem o Edino Jales, que é a escola de ensino médio, que todo ano aprova na faixa de vinte, vinte e poucos alunos no vestibular. Quer dizer, é diferente de dizer assim: “não, foi aprovado porque estuda numa escola particular”, né? Eu digo [que] a única falha que existe mesmo atualmente é essa parte de alguns professores não quererem assumir a sua responsabilidade, mas que hoje o Edino Jales aqui em Patu... Pra você tirar um menino aí, um estudante daqui pra botar em Catolé, ou botar em Mossoró, numa escola particular, só se for pra curso universitário, mas se for pra ensino médio, esse aqui dá pra resolver o problema. Dependendo do alunado também, né? Que tenha interesse pra aprender, porque pra aprender a gente aprende em qualquer escola...

Marcelo: Sim, sim... Professor, e pra o senhor, o Rio Grande do Norte hoje?

Josimá: Não, o Rio Grande é um desenvolvimento muito grande, né? Começando de Mossoró, que Mossoró só tinha Agronomia, hoje já tem vários cursos, né? Aí, tem Caicó, Pau dos Ferros... Quer dizer, o Rio Grande do Norte quase em peso tem curso superior. As cidades maiores, né? Natal, nem se fala. Natal hoje é uma capital que cresceu muito e na área de educação tem desenvolvido muito, né? Quer dizer, hoje, o alunado universitário do estado do Rio Grande do Norte é uma numeração muito grande.

Marcelo: Certo... Professor, e o ensino de matemática hoje?

Josimá: O ensino de matemática hoje tá melhor do que antigamente por conta da formação, né? Quer dizer, hoje, eu tenho certeza que ninguém vai ensinar matemática se não tiver um curso superior, a formação universitária. Então, melhorou muito. Devido esse campus aí ter o curso de Matemática, hoje, em Patu mesmo, tem vário professores de matemática com formação em Matemática. Olhe, tem professora formada em matemática aqui que ensina no primário, da primeira a quarta série. Tem delas também aí, coitadas, que não têm condições de dar uma aula de matemática porque não tiveram, assim, oportunidade, né? Quer dize, terminaram o curso de Matemática... Agora, é como lá no Edino Jales, tem professor que ensina biologia, ensina química, ensina física e o curso dele é Matemática. Têm vários nessa situação. Eu mesmo fui um camarada [que] fui taxativo: “só ensino matemática e só quero as séries altas, o primeiro ano eu não quero não”; “e por quê?”; eu digo: “Eu já me dediquei à

matemática, pra mim a série quanto mais alta melhor, por conta que o alunado dá menos trabalho", sabia? O alunado do primeiro ano, ele ainda vem daquelas escolas, termina o ensino fundamental e vem com muita coisa na cabecinha. Aí, pra você corrigir, ajeitar tudinho dá um trabalho. Segundo e terceiro ano não. Mas para mim, o ensino de matemática hoje, no Rio Grande do Norte e especialmente em Patu, melhorou muito e não tem o que reclamar, principalmente aqui na UERN, né? A UERN prepara... É um dos melhores cursos da UERN é o de Matemática. Professores? Tem deles que já tem mestrado, né? [...]

Marcelo: Certo... Professor, só pra finalizar, na verdade eu queria pedir para o senhor fazer umas considerações, falar qualquer coisa que o senhor o senhor ache que precise, ache que eu não dei oportunidade, ou falar alguma coisa a mais, aprofundar algum assunto, pode ficar bem à vontade.

Josimá: Não, aí... As considerações aqui é o seguinte: eu quero dizer que talvez eu não fui bom na minha entrevista, né? Até porque eu, sinceramente, nunca fui de falar, acredita? Mesmo sendo professor, mas eu fora da sala de aula... A coisa que, assim, eu tenho mais pavor é microfone, mas eu quero agradecer aqui o seu trabalho, a sua entrevista, [por]que você realmente tá fazendo um papel aqui muito simples, muito bacana e eu tenho certeza que talvez comigo não, mas com outras pessoas que tenha uma desenvoltura melhor pra falar, você vai conseguir um trabalho bem melhor do que o meu. E muito obrigado! Só tenho que agradecer.

Marcelo: Nada professor! Na verdade, eu que agradeço. E a entrevista foi muito boa, sim, com certeza vai nos ajudar muito no trabalho! Muito obrigado mesmo.

Josimá: Pois muito obrigado! Foi um prazerzão...

Entrevista com o professor Josimá
Duração da Gravação: 02h 44min 21s
Local: Residência do colaborador (Patu)
Data da entrevista: 13/05/2014

Professora Neta



Marcelo: Dona Neta, vou pedir para a senhora começar fazendo uma apresentação pessoal.

Neta: As pessoas me chamam Neta, [mas] na realidade meu nome é Izabel. Izabel era o nome da minha avó materna e naquela época achavam que eu pequenininha com o nome de Izabel, uma pessoa velha, não combinava. Como eu era neta de uma Izabel, deveria ter o apelido de Neta. Mas meu nome é Izabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz. Nasci em Caicó no dia vinte e oito de julho de 1943. Desde cedo eu tinha uma facilidade de transmitir, de conhecer, mas eu não imaginava nunca em ser professora, eu sonhava em ser médica. Era o sonho de uma menina pobre, que, criada pela mãe e pela avó, sem pai na sua companhia, só sonhava. E eu vi que realmente era só um sonho, porque eu alimentei esse sonho por muito tempo... Quando terminei o primário (1955), no Grupo Escolar Senador Guerra[1], meu tio tomou conhecimento aqui em Natal de uma bolsa de estudos, do Fundo Nacional de Ensino, proveniente do MEC, que era obtido através de exame prestado para esse fim. Cabia, no estado, a responsabilidade

[1] Atualmente Escola Estadual Senador Guerra, foi fundada como Grupo Escolar Senador Guerra no ano de 1909.

de providenciar o acesso, à representação do MEC, no caso, à "seccional RN", a inscrição dos candidatos e aplicação das provas por seu Inspetor de Ensino. Então, em Caicó, eu me inscrevi nessa bolsa e fiz o concurso, fui avaliada e passei em quarto lugar no estado. Fui muito bem... as vizinhas de mamãe não acreditavam, porque uma aluna do Grupo Escolar Senador Guerra não podia passar num negócio desse, a nível de estado, de Brasil e de tudo. Mas, o certo é que eu tinha direito a sete anos de estudo, podia ser quatro anos em Caicó e três anos em Natal para o científico, já que eu sonhava em fazer medicina. Mas, como era somente sonho, não se realizou. Eu fiquei em Caicó mesmo e fiz o curso técnico de contabilidade, mas eu dizia também que não seria contadora, toda chateada da vida porque tinha perdido o meu sonho. E o certo é que eu casei cedo. Logo no último ano do curso de contabilidade já tive a primeira filha e passei a ensinar, porque na época, mesmo eu estudando a quarta série ginasial, eu já tinha alunos particulares, eu já ensinava. A facilidade com matemática era grande, com português também, então eu comecei como professora de português e matemática, até 1964, quando eu tive que optar só por uma disciplina, porque vim fazer a primeira formação aqui em Natal, um mês de curso promovido pela CADES, que era a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário. Como [em] Caicó português era muito fácil conseguir, matemática era mais difícil, eu deixei de lecionar português – que eu já lecionava no Santa Terezinha[2] fazia dois anos, no curso doméstico de lá, onde eu fiz o curso técnico de contabilidade, era aluna e professora ao mesmo tempo –, aí, fiquei só com matemática. Tomei conhecimento da matemática moderna de Oswaldo Sangiorgi[3], achei a coisa mais maravilhosa do mundo ensinar a matemática na teoria dos conjuntos, enquanto outros professores achavam a pior coisa do mundo, eu fiquei logo, assim, embevecida diante das perspectivas que me abriam pra fazer o meu aluno compreender mais e amar a matemática. E o certo foi que eu fiz esse curso. Ele foi oferecido para os professores em 1964, 1965 e 1966. Em 1966 a Universidade Federal do Rio Grande do Norte abriu para que se fizesse um exame de suficiência na disciplina que ensinávamos, pela falta de professor qualificado, permitindo o registro no MEC. Fiz e fui aprovada. Chegando em Caicó, o diretor do Colégio queria que eu assumisse matemática do científico, eu disse: "não, não quero"; ele disse: "por que você não quer? Não se acha capaz?"; eu disse: "não, padre, é que eu prefiro trabalhar a base. O que adianta eu dar aula no científico, se eu não sei quem preparou esse

[2] O atual Educandário Santa Terezinha foi fundado em 1925 como Ginásio Santa Terezinha, ligado à igreja católica, sendo o primeiro estabelecimento de ensino voltado para o público feminino na cidade de Caicó.
[3] Um dos professores responsáveis pela divulgação e disseminação da Matemática Moderna, na década de 1960, no Brasil.

aluno na base e eu vou ter dificuldades no aprendizado dele?"; aí, ele ficou olhando para mim: "Mas é assim, padre, eu quero ensinar a primeira série ginasial. Pode ser até a quarta série ginasial, não tem problema. Mas eu não quero ensinar o científico. Agora, se o senhor me deixar acompanhar uma turma da primeira série ginasial, chego na quarta série ginasial, aí o senhor deixar que essa mesma turma eu continue com ela no primeiro ano científico, eu acompanho, se for acompanhando a turma, fora disso eu não aceito passar direto pro científico, não"; ele disse: "tudo bem, pensei que a senhora estava se sentindo medrosa, que por sinal a sua nota foi muito boa e foi fazer aquelas avaliações todas...". O meu esposo tinha feito comigo o exame, e também tinha sido aprovado, então, eu disse: "deixe João ensinar o científico". Porque é pela forma de tratar, eu prefiro tratar o pequeno, o menor, o pré-adolescente que a gente chama hoje, naquela época era tudo criança, dez anos, onze anos era tudo criança. Eu amava aquela turma pequenininha, embora existissem alunos com mais idade. Aí, ele disse: "então, está certo". E fizemos, de certo modo, uma época muito bonita em Caicó, em matemática, onde todo aluno que saía de lá era aprovado. Meu marido ficou conhecido, João Diniz Fernandes, o apelido João Bangu; ficou conhecido em matemática, o professor João Diniz, o professor João Bangu, e muito famoso. Algumas pessoas devem falar nele, eu acho que, assim, com muita satisfação de dizer que foram alunos de João. Aí, quando ele estava, assim, muito ufano dessa situação, eu dizia: "João, você não imagina como eu fico feliz"; ele dizia: "do quê?"; "do reconhecimento que você recebe dos seus alunos do científico"; aí ele: "mas, por... explique!"; a primeira vez que eu falei, assim: "sabe por quê? Esses alunos só foram estrelas com você, porque eu preparei todos eles na base, você recebeu uma turma que amava a matemática e sabia o que era estudar matemática" (risos); aí ele ficou olhando assim... Eu digo: "é, não pense que você fez sozinho, não! (risos) Porque eu não tenho falsa modéstia, eu vou direto ao assunto, eu preparei os alunos pra você, aí você pegou uma turma que sabia tudo, tinha sido bem preparada na primeira série, na segunda, na terceira, na quarta...". Naquela época, a introdução à álgebra só começava na segunda série ginasial, com os primeiros fundamentos de utilização das letras nos cálculos, eu dizia: "eu familiarizei essa turma todinha com isso, então, você não teve mais nenhuma dificuldade (risos) [...]. Eu me sinto responsável até por quem aprendeu bem física e química, porque aquelas fórmulas todas eles só desenvolviam porque eu tinha ensinado" (risos); a partir das quatro operações. Essa sou eu... E outra coisa, o fato de eu não ter me tornado uma médica não me deixou frustrada pra descarregar em ninguém a minha frustração. Lá no meu coração eu mantinha: "meu Deus, aquele sonho era tão lindo, eu me imaginava médica...", e eu ainda pensava em

uma casa... Em Caicó tinha uma casa que eu achava a mais bela do mundo quando eu era criança, ela tinha duas alas laterais bem grandes, um jardim no meio, lá no fundo eu dizia que era a parte de administração da casa, porque lá estava tudo: a sala de visitas, a sala de jantar, e depois disso ia para a cozinha, os anexos; e eu achava aquilo lindo, aí, eu imaginava assim: "poxa vida, eu quero construir uma casa daquele jeito pra ser ali meu consultório, naquelas alas os alunos que estudam, os pequenos que eu vou acolhendo que não têm condições..."; eu me imaginava... (risos) Mas o interessante é que, quando eu me aposentei, meu marido perguntou assim: "eu tenho tanta vontade da gente fundar uma escola, o que é que você acha?"; ele ia se aposentar também, eu me aposentei um ano antes, aí, eu disse: "Ah, ótimo!"; ele disse: "você topa comigo?"; eu disse: "onde?"; aí, "aqui em Natal mesmo, vamos procurar". Então, andamos; mas a gente viu que condições não teríamos, por falta dos recursos que não tínhamos. Eu até sugeri João Faustino[4], eu disse: "vamos falar com João Faustino, ele é nosso amigo..."; porque ficou muito amigo nosso, desde o primeiro curso que fizemos aqui em 1964, ele era o professor de didática especial da matemática. Aí, eu disse: "vamos falar com João Faustino que ele pode dar uma mãozinha pra gente na liberação de um prédio lá na zona norte", que hoje é uma escola, o Expansivo[5]; aí eu disse: "a gente fala com ele, se a gente falar com João Faustino, eu tenho certeza que ele intermediaria..."; ele disse: "botar político nessa história? Não quero! Esse colégio tem que ser nosso, dos professores que vierem trabalhar com a gente. Não quero político no meio!"; "tudo bem. Então, vamos sem político"; ele disse: "e em Caicó?"; aí, eu disse: "poxa vida, a gente já veio de Caicó..."; "É! Mas a gente fazer lá o que poderia ter feito, fazer mais, não sei o quê..."; eu disse: "certo. Então, vamos pra Caicó". Em Caicó, a gente conseguiu uma escola que ia fechar por falta de condições, alugamos o prédio, e o certo é que nós fundamos o Centro Educacional Integrado do Seridó, e, olha, sinceramente, eu espero viva ainda, porque depois que eu estiver morta que o povo for dizer não adianta, ouvir dizer assim: "o Centro Educacional Integrado do Seridó, o CEIS, que Neta e João Diniz fundaram aqui em Caicó, fez um marco na educação do Seridó". Não quero que diga só de Caicó, quero que diga do Seridó. Eu quero ouvir isso antes de morrer, um dia. Porque a gente inovou. O que era que a gente queria? Fazer educação com aprendizagem! Com responsabilidade! Então, a gente fundou essa escola, uma empresa limitada, mas os professores sócios, com participação, onde a gente pegava metade da receita,

[4] João Faustino Ferreira Neto foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tendo se graduado em Pedagogia e Matemática. Além disso, ocupou as funções de deputado estadual (1979-1987 e 1991-1999) e senador (2010-2011) pelo Rio Grande do Norte.

[5] Expansivo Colégio e Curso.

rateava entre os professores, e a outra metade ia aplicando e pagando as contas, que a gente fez muitas pra que pudesse mobiliar e preparar a escola, e o certo é que essa escola, que começou com cento e cinco alunos em primeiro de fevereiro – que foi o primeiro dia de aula – de 1997, hoje essa escola tem mais de oitocentos alunos. Tem do infantil até o terceiro ano. Alunos nossos passam nos vestibulares... Já teve o primeiro lugar de odontologia na UFRN, quando tinha o vestibular, em todas as áreas os nossos alunos são aprovados! E isso foi a realização de um sonho, eu vou lhe dizer por quê: eu estava certo dia sozinha, saí da diretoria – eu era a diretora – e fiquei no pátio, assim, em frente a diretoria observando, o silêncio quebrado só pela fala que eu ouvia dos professores, as salas ficavam fechadas, porque eram todas climatizadas, que foi a primeira coisa que a gente fez: climatizar, usar quadro branco com pincel; nenhum professor nosso usou giz, nenhum aluno recebeu poeira de giz na cara (risos), eu dizia que foi inovação também nesse sentido, as carteiras foram especiais, foi um modelo que a gente mandou fazer... Então, todo esse cuidado se teve pensando no aluno, pensando no resultado do aprendizado, lucramos, graças a Deus. Eu fiquei olhando assim, de repente bateu aquela consciência de que meu sonho tinha se realizado, sim, que Deus tinha me dado a oportunidade não de eu ser uma médica, mas eu ter contribuído para que muitos médicos fossem formados! E não só médicos, mas outros profissionais. Pois quando eu olhei naquele dia o pátio da escola, a escola é feita assim: duas alas enormes de sala de aula e no meio tem exatamente a parte, assim, administrativa: tem cantina, tem banheiros, no lado esquerdo tem diretoria, tem secretaria, tem tudo... Eu! Eu chorei... As lágrimas desceram dos olhos, eu disse: “meu Deus obrigada! Eu pedi tanto a oportunidade de realizar aquele meu sonho, não foi do jeito que eu queria, mas ficou muito melhor do que o que eu pensei! Foi melhor do que eu pensei!”. Eu, sinceramente, quando eu me lembro da emoção que eu senti naquele dia, menino. Eu digo: “eu seria uma só médica...” Você não imagina a alegria de reencontrar um ex-aluno e ser abraçada por eles. A primeira cirurgia que eu precisei fazer, foi um ex aluno meu, doutor Aldo Medeiros... Eu fui pra uma urgência e disseram: “cirurgia de vesícula”; quando eu fiz os exames, eu disse: “bem, então eu vou escolher o médico que vai me operar, Aldo Medeiros”. Foi até minha mãe que sugeriu: “minha filha, ele é o mais famoso aqui em Natal, você vai pra ele”. Aí, quando eu cheguei, ele ficou olhando assim pra mim [desconfiado]... ele disse: “eu conheço a senhora!”; eu ri, ele disse: “a senhora é Dona Neta, não é?”. Ele tava com o exame na mão, Izabel Maria Nobrega Montenegro... Eu disse: “sou”; aí, eu digo: “você imagine, eu ia ser sozinha e hoje eu tenho tantos ao meu redor. Quantos eu encontro?”... Eu estive em Caicó, nessa festa de Sant’Ana, agora, quinta-feira, eu fui abraçada

tantas vezes, tantas vezes... Era chamada onde passava. Houve um jantar de confraternização na quinta-feira da festa, onde eu ia passando: “Dona Neta venha cá; Dona Neta venha cá...”; alguns eu reconhecia, outros não... Colegas minhas, que convivemos sete anos no Santa Terezinha, re-encontrei depois de muitos anos lá na festa. Então, isso é tão bom meu filho, você não tem noção! Eu fico pensando: “meu Deus, esses professores de hoje não vão viver essa maravilha que eu vivo hoje, porque eles não sentem o que eu sentia quando eu ensinava”; eu não estou dizendo que eles não são capazes de sentir, é que a vida hoje, a evolução, a nossa cultura, as gerações vão passando, os costumes vão mudando, tá entendendo? Os princípios deveriam permanecer intocáveis, mas algumas coisas também são mudadas pela nova sociedade, não é assim? Então, eu acho que há menos comprometimento dos professores. Eu vejo isso! Eu vejo, porque quando eu fiz as primeiras reuniões no colégio, que eu colocava como devia ser, aí, aqueles mais novos faziam: “Neta, mas a escola hoje não é assim”; eu dizia: “a escola não é assim porque deixaram que ela deixasse de ser assim...”; olha só: deixaram que ela deixasse... Mas acontece que a gente fez a diferença: o aluno que tinha dificuldades, no contraturno a gente dava reforço sem custos para esse aluno... E eu digo: “eu quero ouvir que digam que a nossa escola fez a diferença”; não quero que digam quando eu morrer, chegarem no meu caixão e dizer assim: “ah, ela foi ótima, uma excelente professora; ela depois de aposentada veio pra Caicó e fundou uma escola que foi muito boa, que até hoje...”; eu quero que digam isso junto do meu caixão, meu filho? Deus me livre, quero não! Todo mundo conversando, brincando, fofocando, do jeito que eles gostam de fazer, mas vem tecer elogios depois que eu tiver morrido, por favor. Eu acho o fim, horrível, essa coisa... Se querem me dar um abraço, me dê agora que eu estou viva, digam que eu fiz alguma coisa... e apontem também as minhas falhas, que eu tive muitas! Eu sou humana! Porque a gente tem mesmo muitos defeitos... Essa sou eu!

Marcelo: Ah, ótimo! Dona Neta, a senhor poderia agora falar um pouquinho da família da senhora?

Neta: Olhe... Família é tudo o que você possa imaginar! Se a minha não foi completa... Pai, mãe, filhos; mas eu tive uma mãe e uma avó que supriam todas as necessidades. Eu tive mais dois irmãos. Ao me casar, eu e meu esposo optamos por ter filhos e tivemos onze! Onze filhos. Duas menininhas Jesus levou, são minhas estrelinhas, meus anjos especiais e são nove vivos. Dos nove, seis já me deram netos, são dezenove netos e já tenho sete bisnetos. A minha bisneta mais velha já vai completar dez anos em novembro. Isso só me deixa muito feliz. Quando me perguntam: “mas como foi que... como era isso?”; “mas eu dava aula três

expedientes"; "e tinha um filho todo ano?"; "tinha um filho todo ano!". Eu nunca ouvi falar que filho atrapalhasse a vida de ninguém. Nunca houve um momento que eu dissesse: "não devo ter mais filho, não quero mais esse, esse não deve nascer", ou o que chegasse não era bem vindo. Todos foram bem vindos. Meu marido bem que queria que eu tivesse tido mais (risos). Eu brincava, às vezes, porque em Caicó nasceram nove, uma tinha morrido lá, ficaram oito, quatro casais, aí, quando a gente veio pra cá nasceram mais, eu dizia: "poxa vida, se eu soubesse que ainda tinham essas pra nascer eu tinha emendado, porque esse espaço de onze anos não foi nada agradável, eu tava tão tranquila sem menino novo e recomecei tudo..." (risos). Então, família é muito importante sim! Quantas vezes eu visitei famílias de alunos meus... E aqueles alunos que me davam mais trabalho, que mereciam mais atenção, eram aqueles que não tinham aquela família bem organizada, bem estruturada, e eu me lembrava das palavras da minha avó: "minha filha, tudo é o berço, se não tem berço a gente vê logo as diferenças". É muito importante a família. É uma pena que nos tempos de hoje a gente esteja, assim, não valorizando a família tanto quanto ela merece... como um todo na sociedade. [...]

Marcelo: Sim... Dona Neta, a senhora poderia falar sobre a infância da senhora?

Neta: Eu diria que foi uma infância muito bonita. Muito boa. Brinquei muito de boneca, que hoje as crianças não sabem brincar de boneca. Eu teimo ensinar aos meus netos, e agora ensinar às bisnetas e brinco com eles... Eles ficam adultos muito rápido e não aproveitam a infância. Então, a minha infância foi muito bem vivida. Brinquei muito. Apanhei [!] que era uma loucura (risos). Porque na minha geração, tudo se resolvia com peia. Minha mãe dizia: "você não pode ir pra casa da vizinha, Dona Cinta"; era só pular o muro; um muro que tinha uma cisterna, que nos ajudava a passar a perna por cima, de um lado para o outro. Era eu e minha colega de mesma idade, Avani Medeiros, somos amigas até hoje, ela mora aqui em Natal. Aí, mamãe, quando me procurava não achava. Ela havia dito que eu não podia, e a desobediência era o maior pecado que podia existir. Então, eu tinha desobedecido, ela me chamava. Eu vinha pra casa a primeira vez; a segunda vez, de novo; a terceira vez era uma surra! Não era pisinha, não, era surra de corda, de relho de laçar – tinha lá em casa ainda um relho do tempo do sítio, de laçar boi –, mamãe dobrava não sei quantas vezes e tome nas minhas pernas (risos). Eu ficava com vergonha, mas isso não me traumatizou não, porque era aquilo mesmo. Desobedeceu, apanhou. Eu fui muito feliz. Nas férias, ia para o sítio. Nossa, eu amo o sítio até hoje. Aquela vida rural, o leite cru no curral de manhã; quando chegava a

época de moagem de cana, aí, ia pra lá, o caldo de cana, fazendo alfinim[6], vendo aqueles homens batendo a rapadura; chegava a época de farinhada, ia pra lá e via o pessoal trabalhando na casa de farinha. Então, eu tenho recordações belíssimas da infância. Vivi, eu digo, uma infância linda. A adolescência muito castrada, porque minha mãe não deixava sair, então, não tinha condição. Naquele tempo era suarê[7], eu nunca tive oportunidade de participar do suarê. Meu primeiro suarê foi depois que eu me casei. Aí, eu dizia: "meu casamento foi a libertação". Mas a infância foi belíssima, foi maravilhosa, eu tenho só recordações belas da minha infância, com minha mãe, minha avó e meus dois irmãos.

Marcelo: Que coisa boa! A senhora falou um pouquinho, mas... um pouco mais sobre a juventude Dona Neta?

Neta: A minha juventude, como eu disse a você, era muita castração. Por quê? Eu não podia ir para um cinema sozinha, não podia ir para um suarê, minhas colegas organizavam uma brincadeira, mas eu não podia participar porque minha mãe não deixava. Eu acho que ela estava certa praquela época. Criou a gente sem a presença do pai, então, ela se sentia na obrigação de cuidar mais severamente de nós. Mas, o que foi de informação... eu li muito! A minha avó ficou cega... a única lamentação dela era dizer mesmo assim: "é! Que pena que eu não posso ler". Nunca vi vovó reclamar por que não saiu, por que não fez isso, por que não fez aquilo, mas o fato de ter deixado de ler... E porque ela lamentava, eu comecei a ler, ela me ensinou a ler, minha mãe me alfabetizou nas letras e ela me ensinou a formar as palavras, as frases, e eu comecei a ler pra ela ouvir. Quando eu fui para o grupo escolar, eu já entrei no terceiro ano. [...] Então, essa alfabetização me deu o gosto pela leitura. Li demais para ela ouvir! Depois de casada, eu ainda continuava procurando livros e trazia pra casa pra ler, assim como comprando também, e leio muito até hoje. Eu digo que hoje eu estou lendo menos do que lia antes (risos). Li muito, li muito, li muito e ensinei, porque eu estudava de manhã, passava a tarde dando aula e de noite estudando. E vovó era minha companheira de estudo. Sempre ali junto na mesa, eu com ela estudando, e quando era história, ou geografia, ou ciências, não sei o quê lá, eu procurava explicar alto pra ela tudo aquilo que eu estava estudando. Mas, eu digo que a juventude de hoje não sente mais as alegrias que a gente sentia, porque hoje é tudo muito liberado, não é? Aí, o excesso de liberdade tirou aquela coisa gostosa do encontro, do olhar, do pegar na mão. Não existe mais isso. Passou. Nem a

[6] Alfinim, ou alfenim, é um doce muito popular e tradicional de algumas regiões do nordeste, que usa como ingrediente principal para a sua preparação o açúcar.

[7] Suarê, originária da palavra francesa *soirée*, refere-se a espetáculos, ou outras atividades culturais, que aconteciam à noite.

criancinha sente mais isso, porque ela já tá tão conhecedora dos sentimentos e das reações das pessoas diante da imagem da televisão, não é? De tudo o que é apresentado nas novelas, e a própria publicidade é feita com verdadeira apelação, muitas vezes da sexualidade. Um dentifrício que se anuncia na televisão, é com apelação da sexualidade. Então, a criança já não tem mais aquele sentimento puro. E nem o jovem também, mas cada um vive a sua época. Com certeza as minhas netas vão dizer: "ah, vovó, bom é agora, melhor do que no tempo da senhora (risos). No tempo da senhora não tinha internet, não tinha IPhone, não tinha não sei o quê, não tinha WhatsApp...", né? Mas, cada um vai gostar daquilo que viveu. E valorizar à medida que usufrui disso. São as experiências diferentes... O interessante é saber conviver com essas experiências. Nisso, eu lembro muito a minha avó. Minha avó foi uma mulher nascida em 1882 e a ela eu agradeço até hoje as atitudes que tenho. [...] Porque ela, que hoje é do século atrasado – não é mais do passado, do passado sou eu –, ela não se escandalizava com nada. Nada, nada, nada. Sempre conversava muito aberta comigo. Mas pra a gente conversar, não podia ser na frente de mamãe, porque mamãe ignorava tudo! (risos) Sabe aquela pessoa turrona? A minha avó dizia que ela parecia com o meu avô, bem durona. Ela fazia, se ela me visse conversando com vovó: "que falta de respeito é essa? O que é que você já tá conversando com mamãe?". Aí, vovó fazia: "Hylarina, eu estou conversando com Neta! Não tem nada de falta de respeito aqui. Aqui é tudo com muito respeito, estamos conversando, pode ir pra lá fazer suas coisas, que a gente tá conversando aqui sem problema". Era assim. As minhas primas iam para as festas, que elas tinham o direito de ir – eu já estava casada – aí, iam para aquelas suarês e quando chegavam em casa, no outro dia, vovó fazia: "como foi? Dançaram muito? Encontraram algum rapazinho por lá? Namoraram?"; aí: "não, vovó, a gente só flertou". Aí, elas conversavam com vovó, como mamãe não podia nem ouvir, pra não ficar aquela altercação entre as duas, vovó simplesmente fazia: "sua mãe vem aí, vamos mudar de assunto!". Então, minha juventude também foi muito bonita nesse aspecto, porque junto com minha avó eu vivi tudo, eu vivi tudo: eu conversei, eu fui franca, fui sincera e ela me ensinou mais.

Marcelo: Muito legal, Dona Neta. A senhora poderia falar um pouquinho do cotidiano da cidade onde a senhora cresceu? [...] No caso, foi em Caicó mesmo, né?

Neta: Caicó! Foi. Nasci em Caicó, amo minha cidade... Pessoal muito hospitaleiro, mas é interessante que quem chega é muito bem recebido, eu não sei se eu vou estender isso às outras cidades do interior, não sei se nas outras cidades as pessoas têm esse comportamento: quem chega é tudo; fazem tudo, favorecem tudo, facilitam; mas [para] o da terra, são de uma

criticidade fora do comum! Se puderem derrubar, eles não botam o acentozinho para a pessoa se escorar. Eles são muito, muito exigentes, digamos assim. Olham demais, vêem demais, criticam demais e uma coisa – acho que típica de uma cidade que não tem muita perspectiva de trabalho, de ocupação: muita bebida. Muita bebida! Você vê uma proliferação, via já naquela época, os barzinhos, as bodegas onde se bebia, tá entendendo? Mas... As famílias tinham o habito bonito da visita. Naquela época a gente ia fazer uma visita, saía de casa... Quantas vezes mamãe foi com a gente, eu e minha irmã – que é mais nova do que eu, depois foi que nasceu o meu irmão –, pra fazer uma visita a pessoa amiga. E a gente saía e fazia uma visita. Porque havia o costume. Não havia televisão para atrapalhar a vida de ninguém. Não existia nada, muito mal o rádio. Então, as pessoas se visitavam, as pessoas tinham cordialidade uma com a outra, sabe? Sentavam à calçada. Como era gostoso. E as crianças brincando na rua? Brincar de roda? Nossa! Enquanto eu fui criança... E nossa adolescência começou bem tarde, porque até os quinze anos eu brinquei de boneca. Com dezesseis anos minha mãe deu um escândalo tão grande que eu resolvi guardar minhas bonecas de pano e ela deu um fim a elas para eu nunca mais brincar. Eu chorei tanto de desgosto. Porque ela fez uma zoada muito grande chamando a atenção dos vizinhos, "que eu ainda tava brincando de boneca"... Aí, eu deixei de brincar, [foi] a última vez que eu brinquei em dezembro do ano que eu completei dezesseis anos, imagine. Aí, pronto, conheci meu marido logo no outro ano e nos casamos com um ano de conhecimento. Mas, eu gostava daquele ambiente. Eu hoje digo que não é mais uma cidade pra gente viver. Eu saí de lá no tempo certo. Por quê? Por não oferecer perspectivas, tá entendendo? Como não tinha o que fazer, então, aquela juventude toda solta na rua, sem ter o que fazer, brincando. Não havia maldade, certo! Mas não havia trabalho, não havia ocupação. E o fato de estar desocupado não é nada bom. Primeiro, não prepara pra vida, não é assim? Não habilita ninguém. Então, quem podia, o filho terminava o ginásio, o filho já saía de lá. Já saía de lá, porque lá não oferecia condição pra continuar, pra crescer. Muitas pessoas que fizeram lá o científico, o curso técnico, o magistério, é porque os pais não tinham condições de trazer para Natal. Mas, eu amo a minha cidade e principalmente essa época de julho, quando diz: "a festa de Sant'Ana[8], da gloriosa Santa Ana"; nossa! É uma maravilha a gente pensar naquele tempo. E também tem a festa do Rosário[9], que é outra festa linda no mês de outubro, Nossa Senhora do Rosário, com a irmandade dos negros e tudo. É uma cidade que tem história, tem tradição, um povo bom,

[8] Tradicional festa religiosa, realizada no mês de julho, em celebração à padroeira da cidade de Caicó, Sant'Ana.
[9] Tradicional festa religiosa, realizada no mês de outubro, também em Caicó, em celebração à Nossa Senhora do Rosário.

pacato. Lá a gente dizia, quando tinha uma briga, que podia olhar que as pessoas não eram nascidas em Caicó (risos)... Aquela época foi muito boa, na década de 1960 que começaram a surgir as coisas desagradáveis de morte, de não sei o quê... [...]

Marcelo: Certo. Dona Neta... já faz um tempo que Caicó é como um centro da região, ali do seridó, né?

Neta: É! É como se fosse um pólo. Inclusive, a nossa escola, fundada em 1997, ainda ficou congregando, porque antes era o Colégio Diocesano[10], o Instituto de Educação[11] que traziam alunos de Ipueira[12], São João do Sabugi[13], Jucurutu[14], Serra Negra[15], Timbaúba dos Batistas[16], todas são cidades que ficam ao redor. Então, Caicó é como se fosse um pólo educacional do seridó, por isso eu disse que o CEIS colocou o nome do seridó, Centro Educacional do Seridó, porque vêm alunos de todas essas cidades. É micro-ônibus, taxi mesmo, carro pequeno. Quando na cidade só tinha dois alunos ou três pra trazer, vinha mesmo no carro pequeno, mas vinham de todas as cidades. E o pessoal de uma formação elevada. Caicó tinha teatro, Caicó tinha cinema. Eu fico triste hoje, porque a gente diz assim: "Caicó, mesmo hoje, ainda é assim: tinha, houve, aconteceu aqui...". Eu era menina, Caicó tinha cinema, tinha teatro amador... Então, havia movimento cultural na cidade e hoje Caicó não tem um cinema. Então, Caicó foi isso quando eu era menina... E o seriado no domingo! Minha mãe não podia manter a gente indo pro seriado no domingo, mas a vizinha de mamãe, dona Cinta mandava os filhos dela, aí: "Hylarina, Neta e Ísis vão também com os meninos"; ela pagava e a gente ia ao Cine Pax, assistir o seriado, e era bom porque cada domingo passava um capítulo e cenas do próximo capítulo, pra no domingo seguinte a gente estar de novo lá pra assistir a continuação daquele seriado. Era maravilha aquela cidade... Houve uma época que eram três cinemas, hoje não tem nenhum. [...]

Marcelo: Ah, então, o cotidiano da cidade era completamente diferente, tinham outras atividades, tinham...

---

[10] Colégio Diocesano Seridoense (CDS), uma das mais antigas instituições de ensino da região em atividade. Fundada em 1942, como Ginásio Diocesano Seridoense, é uma instituição vinculada à Diocese de Caicó/RN.

[11] Centro Educacional José Augusto. Atualmente encontra-se desativado.

[12] Ipueira é um município do interior do Rio Grande do Norte, situado na Mesorregião Central Potiguar, Microrregião do Seridó Ocidental. Dista aproximadamente 49 km de Caicó e 322 km de Natal.

[13] São João do Sabugi é uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, Microrregião do Seridó Ocidental. Dista de Caicó e Natal, respectivamente, 39 km e 308 km.

[14] Jucurutu é uma cidade do interior do Rio grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião do Vale do Açu, a, aproximadamente, 52 km de Caicó e 233 km de Natal.

[15] Serra Negra do Norte é um município do interior do Rio Grande do Norte, situado na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Ocidental a, aproximadamente, 46 km de Caicó e 319 km de Natal.

[16] Timbaúba dos Batistas é uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, Microrregião do Seridó Ocidental. Dista aproximadamente 18 km Caicó e 307 km Natal.

Neta: Tudo diferente. Nesse período que eu voltei pra Caicó, eu vi quanta diferença estava existindo na cidade, porque, aí, era a época dos bares nas calçadas, dos restaurantes, os barzinhos na frente cheio de mesas e tomou a cidade inteira. Eu disse: "poxa vida, como cresceu, desapareceram os pontos culturais, desapareceu o teatro, desapareceu o cinema e surgiram os bares"; os restaurantes, lanchonetes e bares nas calçadas, foi uma evolução que sinceramente eu não gostaria de ter visto em Caicó (risos). Mas é maravilhosa a cidade, as pessoas também... Mas é o tempo, né assim? Digamos que eu seja uma saudosista (risos).

Marcelo: tá certo... Professora, a senhora falou um pouquinho, mas como era a cidade e a educação? Como era Caicó e a educação nesse período?

Neta: Digamos que a educação, pela época que a gente vivia, era o que existia de importante na cidade. Então, isso era visto com muito cuidado, com muito esmero. O Educandário Santa Terezinha eminentemente feminino; freiras do Amor Divino, como essas que têm em Natal, no Colégio das Neves; [e] tinha internato. O Colégio Diocesano Seridoense era o masculino. Tinha as escolas públicas de primeiro grau: Grupo Escolar Senador Guerra, depois foi construído o Centro Educacional José Augusto, depois foram sendo construídas outras escolas. O percentual de alunos era muito grande pelo acesso permitido aos alunos que vinham de cidades vizinhas, não é que toda a população de estudantes fosse de Caicó, era daquela região ali do seridó. Havia os internos nos dois colégios, masculino e feminino, e havia também os alunos que vinham para os primeiros colégios públicos que foram sendo criados na cidade. Sempre, assim, quando não tinham os públicos, o Santa Terezinha e o Diocesano mantinham aquelas bolsas... Naquela época existia, o próprio Ministério da Educação criava algumas bolsas de estudos, os deputados tinham uma cota de bolsas, sabe? Aí, mandavam para o colégio, escolhiam alunos, de modo que a gente sentia que existia, em termos de educação, uma formação muito grande, muito boa. Os alunos de Caicó chagavam em Natal e eram reconhecidos entre os demais, pela formação e pelo conhecimento que eles tinham das disciplinas, porque, se era só daquilo que a gente vivia, então, se fazia bem, não tinha outra opção. A educação era muito boa. Os professores eram muito bons, eram excelentes. Eu tive excelentes professores, excelentes mesmo. Professores que eu, quando vim pra cá, eu não mais vi... Não encontrei mais nas escolas onde eu ensinei daquela época. Mas não se pode viver do passado, o presente é dádiva de Deus, a gente tem que viver intensamente cada momento, mas aquilo serviu para que a sociedade do Seridó seja quem é hoje. Uma das minhas filhas diz mesmo assim: "interessante, mamãe, é como se o Seridó fosse uma nação, porque – ela disse – nas entrevista que eu andei fazendo, eu ouvi muito a

expressão: ‘ah, eu sou seridoense’, ‘ah, é? De onde?’, ‘de Currais Novos[17]’; ‘eu sou seridoense’, ‘de onde?’, ‘de Caicó’; ‘sou seridoense’, ‘de onde?’, ‘de Santana do Seridó[18]’; ‘sou seridoense’, ‘de onde?’, ‘de Cruzeta[19]’”. Quer dizer, primeiro diz sou seridoense, pra dizer de onde. A pesquisa dela é sobre a construção, ela é arquiteta, inclusive ganhou o primeiro prêmio, ano passado, da Odebrecht, prêmio de cultura. E ela diz: “mamãe, na pesquisa é tão engraçado, eu ouvi muitas vezes, eu cheguei a pensar: ‘nossa, o seridó é uma nação, não é só uma região’” (risos); porque eles dizerem com tanto, assim, orgulho: “sou seridoense!”. Eu acho que essa questão cultural, foi muito arraigado realmente na nossa região do Seridó, a educação sempre foi especial... No tempo do império, padre Guerra, senador do império, nomeou o primeiro professor de latim pra Caicó, só tinha vinte e um anos ele, foi o professor Joaquim Apolinar. Aí, quer dizer, é uma coisa de educação mesmo, de formação educacional cultural, está no sangue do caicoense, a educação.

Marcelo: Que maravilha. Professora, voltando àquela questão de Caicó ser um pólo da região, isso se dava também, eu acho, pelo fato de Caicó ter alguns níveis [de educação que] a maior parte das cidades pequenas [não tinham], elas tinham só o grupo escolar ou escolas isoladas, escolas rurais, né? Então, eu acho que por conta disso acabava realmente chamando desses outros interiores...

Neta: Exato! Chamando, agregando os demais... Como no Santa Terezinha, por exemplo, que acho que já com uns oitenta anos, o Diocesano também por aí, porque eles tinham uma formação que as outras cidades pequenas [não tinham]... E cidades que foram aparecendo depois, e que não conseguiram se desenvolver como Caicó, [porque] sendo atravessada por estradas, o contato com outro estado, com outras cidades maiores da Paraíba, Pernambuco, tá entendendo? Então, isso fez ela se tornar pólo, foi ficando maior... Mas em compensação aquelas cidades vizinhas passaram a viver, quase que, através de tudo aquilo que recebia de Caicó. Pra isso, nas feiras de Caicó você via os carros que vinham de Jucurutu, de Timbaúba, de Serra Negra... No dia da feira vinham pra Caicó, porque é um pólo maior, onde se congregava mais coisas, havia mais possibilidades, e as pessoas pra lá se dirigiam. Então, ela vem sendo pólo em todos os aspectos, não só na educação, mas também no comércio.

---

[17] Currais Novos é uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Oriental. Aproximadamente a 99 km de Caicó e 177 km de Natal.

[18] Santana do Seridó é um município do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Oriental. Aproximadamente a 66 km de Caicó e 261 km de Natal.

[19] Cruzeta é uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Oriental. Dista aproximadamente 69 km de Caicó e 232 km de Natal.

Marcelo: Certo... Professora, e o Rio Grande do Norte nesse período? A senhora tinha conhecimento? Ou ouvia falar do estado, de um modo geral?

Neta: Olhe, por incrível que pareça, a educação no Rio Grande do Norte também era muito boa. Por quê? Aqueles cursos que eu vim fazer, 1964, 1965 e 1966, eu vinha como professora do Estado e nós éramos convocados *ex officio* pelo Governo do Estado. [...] Então, Aluízio Alves[20], ele que não pagava ao professor em dia, só recebia em dezembro ou janeiro do ano seguinte, passava o ano todinho sem receber dinheiro (risos), mas havia uma formação para o professor. É até um contra senso: forma o professor e não paga (risos). Mas havia e era uma exigência que o professor se atualizasse, que o professor fosse preparado. Mas, eu me lembro de conhecer, não aqui de Natal, mas o meu marido morou uma época aqui e ele estudou, fez o científico no Ateneu Norte-riograndense[21], e através dele eu ouvi muito falar do Ateneu e dizer que os professores eram os melhores possíveis, o nível era altíssimo de aprendizado e de cultura, e que as pessoas davam preferência, muitos que tinham condições, a botar seus filhos lá pelo auto nível do ensino. Eu conversando com um ex aluno meu, foi aluno meu em Caicó e quando terminou o científico foi pra Mossoró fazer Agronomia, ele me disse que lá, ensinando matemática, foi diretor também de uma escola, e teve a oportunidade de, conversando com dona América[22], esposa de Dix-Huit Rosado[23], os filhos dela estudavam na escola que ele era diretor, ele perguntou: "dona América, por que seus filhos, a senhora que tem tanta condição, estudam lá no colégio tal?" – ele disse o nome, como eu não conheço lá; aí, ela disse: "meu filho, porque é onde tem o melhor ensino... Então, eu não quero colocar nas outras escolas aqui de Mossoró, só porque eu posso pagar"; que tinha Colégio Diocesano[24] lá também, tudo, ela disse: "não, porque eu quero para eles o melhor e eu não quero que eles pensem [que] só porque tem dinheiro vão estudar num colégio que paga". Mas hoje, quem é que tendo condições vai botar na escola pública? Não vai, porque eles sabem que não tem lá o ensino que vai ter em outra escola, não é assim? Então, houve no passado, realmente, uma boa escola em todo estado. Eu tive esse depoimento quinta-feira de noite, conversando com Francisco Saraiva. Ele disse, me contando – porque fomos nós que

[20] Aluísio Alves foi um importante político do Estado, governador nos anos de 1961 a 1966. Foi cassado pelo AI-5 em 1969.
[21] Primeiro colégio desse formato instalado no Brasil, ainda no período do Império, no ano de 1835.
[22] América Fernandes Rosado Maia.
[23] Dona América, na verdade, foi casada com Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, vereador de Mossoró. Esteve à frente da implantação da antiga Escola Superior de Agronomia de Mossoró (ESAM), atual Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA). Além disso, fundou a Coleção Mossoroense, editoras brasileira com um enorme catálogo de títulos publicados.
[24] Colégio Diocesano Santa Luzia, instalado em Mossoró no ano de 1901, ainda encontra-se em funcionamento, foi, e ainda é, um dos mais importantes colégios da cidade.

indicamos, dissemos que ele tinha condições de ser professor de Matemática: “eu saí daqui de Caicó... Era impressionante! Para ser escolhido professor de matemática, até os professores desse pessoa eram consultados pra saber se realmente ele era capacitado ou não e... eu fui com essa indicação toda de vocês!”. O professor Laércio Segundo de Oliveira foi quem deu a indicação pra ele procurar a pessoa lá em Mossoró, que ele conhecia, aí, ele disse: “pronto, você vai pra lá, procura essa pessoa...”, e ele tornou-se lá até diretor de escola. [...] Porque existia realmente uma preocupação com a educação. Eu não entendo, eu fico assim pensando: “poxa vida, a gente se preocupava tão mais com a educação, do que eu vejo os professores se preocupando hoje...” [...] Acho que vão me achar velha gagá, eu não estou nem aí! (risos). [...]

Marcelo: Que história... (risos) Dona Neta, e a educação familiar?

Neta: Interessante é que aquela família bem estruturada, organizada, naturalmente os filhos obedeciam a seus pais, e os pais transmitiam para os filhos as responsabilidades que eles tinham diante dos outros, para com os outros, para com o professor. E quando ele vinha pra escola, o pai e a mãe não estavam, assim, aliás, a mãe, se desobrigando de ficar com o filho aquele espaço de tempo; ela estava mandando porque queria que ele recebesse uma formação, e ela dizia: “olha, cuidado com sua professora, seu professor, porque lá ele é seu pai, é sua mãe. Você me respeita aqui, tem que respeitar lá também o seu professor”; e chegasse um filho em casa dizendo: “ah, que a professora tá com marcação, brigou comigo”; aí, a mãe perguntava: “que foi que você fez?”. [...] Não acreditava na primeira história... Porque ela estava ensinando valores que transcendiam. Não era só da família, iam para a escola, iam para a sociedade. Hoje, se um filho chegar em casa e disser assim: “ah, mamãe, hoje a professora me chamou de gorda”; ela vai à escola, chama a professora e diz: “a senhora está discriminando a minha filha, isso é bullying! Chamou a minha filha de gorda diante da turma toda, ela foi humilhada...”. E a professora? [...] Onde está? [...] Não é ninguém! Isso aconteceu há poucos dias. A menina conversando comigo disse: “acredita dona Neta que eu fiquei sem ação? A menina na escola, na sala, danada, terrível, aí eu pedi: ‘meu amor, já terminou sua tarefinha, então fique paradinha só um pouquinho pra tia ver a dessa menina aqui’; ‘você é muito chata’ – arrochou o grito bem alto; aí ela: ‘ah, sou chata mesmo, não sou redonda, não, sou chata’ – respondi brincando pra menina. A menina ficou emburrada na cadeira, não disse nada comigo, mas chegou em casa e disse que eu tava chamando ela de gorda, porque na hora que eu disse: ‘ah, tá certo eu sou chata, eu [não] sou redonda’, aí ela disse: ‘pronto, chamou redonda fazendo alusão a mim’”; e a mãe acreditou que ela só disse que era redonda porque estava chamando a filha dela de gorda... Olha só a diferença dessa

educação familiar... Preparar para a vida e preparar pra quê? Como será essa pessoa no mundo? [...] Não é? Sem respeito pelo outro... Então, são muitos valores que estão sendo perdidos.

Marcelo: Verdade, é uma educação completamente diferente... Dona Neta e a escola e a rotina escolar desse período? A senhora poderia falar um pouquinho como era? [...] O período em que a senhora estudou...

Neta: A rotina era assim... Por exemplo, na minha casa eu chegava, sabia que minha mãe não tinha condições de me ensinar, então eu estudava só. Quando eu tive meus filhos, toda aquela geração estudava só. Ninguém... escola particular era pra quem ia fazer a primeira série, a segunda, a terceira, a quarta, até fazer o exame de admissão[25] e entrar num colégio. Não era de complementação da escolaridade e fazer exercício de casa, essas coisas. Esse exercício começou quando eu já estava no meu ginásio, no ginasial. Então, na terceira série ginasial, começaram as crianças, os meus colegas tinham irmãs menores que estavam tendo dificuldade na aprendizagem e já começavam as mães a arranjarem pessoas para as ensinarem. Isso já em 1958, 1959, já começava a acontecer, porque eu comecei a dar aulas particulares, a preparar as lições de alunos. Eu fazia a terceira série ginasial, mas tinha menino da primeira, menino da quarta, da terceira, da segunda, que a mãe preocupada porque não estava sabendo ensinar, me pagava para que eu ensinasse. E o meu primeiro salário foi muito alto: uma nota de "cinco" (risos), não lembro nem qual era a moeda, se era cinco cruzeiros, se era cinco sei lá o que, nem me lembro[26]. Eu me lembro que recebi a nota de cinco, cheguei em casa felicíssima, porque era meu salário: "mamãe, olhe o que eu recebi de dona Adeilda, meu pagamento"; ela tinha quatro crianças que estavam precisando, eu era colega de uma, mas essa que era colega minha não sabia ensinar aos irmãos – e é que estudava comigo, na mesma série do Santa Terezinha –, e dona Adeilda me pagou para ensinar os irmãos dela. Aí: "olha só o dinheiro que eu ganhei"; dinheiro demais (risos). Entreguei a mamãe o meu primeiro salário. Isso, fiquei recebendo todo mês essa quantia. Foi quando veio surgir a necessidade dessas [aulas]... Antes, no tempo da minha avó haviam aqueles preceptores que os pais contratavam, vinham todos os dias, as vezes ficava até morando na casa pra ensinar, mas eu não peguei assim, totalmente não, peguei uma pessoa o ano inteiro, indo todos os dias na minha casa para me dar aula de todas as matérias, porque eu lia tudo, mas não conhecia o resto das coisas. Aí, foi contratada uma pessoa pra me ensinar. Esse estudo com Dona Zefinha, que vinha para a

[25] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, foi extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.

[26] No período a que a professora faz referência, a moeda em vigor no Brasil era mesmo o Cruzeiro.

minha casa dar aula todos os dias. Aí, depois de um ano de aulas com D. Zefinha, eu fui para o grupo escolar fazer um teste, para saber em que ano eu entrava, então, entrei na terceira série.

Marcelo: Ah, então, na verdade a senhora fez, digamos assim, uma parte do primário em casa, né?

Neta: Em casa! A leitura com minha avó! Mamãe alfabetizou, ensinou as letras, naquele tempo tinha a carta de ABC que nem existe mais hoje, e depois minha avó começou a ensinar [a ler], porque ela não enxergava, mas eu dizia quais eram as letras e ela formava as palavras e terminei lendo fluente e ela me ensinando, tendo o cuidado e tal... Mas, era sempre assim: vai pra escola de manhã, chegava em casa ia estudar, porque a mãe botava. Ela não sabia o que fazer, mas o menino tinha que fazer, tinha que estudar, tinha que fazer as tarefas dele. E quando eu comecei a ensinar também, então, passei a estudar de noite. A minha rotina era essa: estudava de manhã; a tarde dava aula, saia pras casas, preparar as aulas dos meninos; e de noite eu estudava, fazia as minhas tarefas. Mas havia uma rotina, sim, porque as mães, mesmo sem saber ensinar, exigiam: "ei, já estudaram? Olhe, tem que estudar, não sei o quê... [!]". E ai daquele que a professora os encontrasse e dissesse: "olhe, ele não está estudando, não está sabendo da tabuada, não tá sabendo não sei o quê [!]" (risos), porque havia mais responsabilidade. Mas eu vejo sempre isso, a gente sempre diz: "havia mais", mas é porque eles não tinham em que se ocupar. Hoje tem em que se ocupar. Eu acho até que a gente está sendo bombardeado... Esse é um bombardeio muito grande de informações que as crianças hoje recebem. Na escola são não sei quantos livros, quando chega em casa, ainda tem o judô, a menina tem balé, e outras atividades mais. Uma neta minha tem o balé, mas tem também o caratê, tem aula de inglês... Menino! É uma loucura uma rotina hoje. Aí eu digo: "bem, naquela época a rotina era mais simples. Chegava em casa brincava, estudava, corria na rua brincando de pega-pega, de jogar bola, de roda", mas porque era o que se tinha naquela época. [...]

Marcelo: Dona Neta, e aí quando a senhora entrou no grupo escolar, a rotina continua do mesmo jeito? De manhã pra escola...

Neta: De manhã ia pra escola, de tarde, quando chegava em casa, tinha que estudar. Minha mãe estudou até a quinta série ainda, no Colégio Imaculada Conceição, e a irmã dela na Escola Doméstica[27], ela fez até o quarto ano. Então, o quarto ano feito naquela época era muito bom, mas ela não tinha paciência, então ela não ensinava a gente. A gente tinha que se

[27] A Escola Doméstica Popular Darcy Vargas foi criada na década de 1940, vinculada ao Educandário Santa Terezinha e, consequentemente, à igreja.

fazer mesmo. Então, de manhã era na escola, de tarde estudava um pedaço, brincava, não era pra sair de casa, porque quando a gente fugia era uma desobediência, a soma das desobediências ia dar em surra... mas era meio difícil.

Marcelo: Sim, e na escola, professora, como era?

Neta: Na escola, o interessante é que... Eu me lembro que, naquela época não havia uma determinação do Ministério da Educação e Cultura dizendo que era obrigado educação moral e cívica, que era obrigado OSPB[28], que era obrigado não sei o quê, essas coisas todas, no entanto, a nossa rotina, a gente tinha português, tinha aulas de matemática... Na de português, a gente ainda na terceira série tinha caligrafia, que era pra melhorar a letra, já na quarta e na quinta não existia mais caligrafia, mas tinha ditado, tinha muita redação, lia... havia diferença entre a redação e a descrição, no dia de descrição ia no quadro pra gente descrever, no dia da redação um tema... Era feito assim com muito rigor [!], certo? Havia um rigor e, assim, um horário a ser cumprido. Cada dia tinha uma coisa diferente. Na sexta-feira de manhã, a primeira coisa que a gente fazia era ficar todo mundo em filinha, no pátio da escola, pra cantar o hino nacional; nós tínhamos aulas de civismo, tinha que aprender a compreender o que é uma pátria, a ter um verdadeiro amor pelos símbolos da pátria. Um menino não brincava com uma bandeira se enrolando com ela, de jeito nenhum! A bandeira, hoje, você faz qualquer coisa, o que você quiser você faz com a bandeira. Faz calça, vestido, sapato... pinta a bandeira onde você tiver vontade. A evolução... Tornar mais acessíveis as coisas banaliza, não é? Umas tantas coisas ficam banalizadas. E a gente tinha que saber o hino nacional brasileiro, tinha que saber o hino da proclamação da república, tinha que saber o hino da independência, a gente sabia o hino do estudante, e ainda tinha a canção do exército, a canção da marinha... O diretor da escola tocava flauta, então, dava o tom e ensinava a cantar todos... Então, era muito gostoso, sim, sabe? Mas a gente sabe que aquilo pra hoje não dá. Não encaixa em nada dos dias de hoje. Eu compreendo perfeitamente. Essa é uma coisa... digo: “eu aprendi a evoluir”, por isso que eu não estou mais tentando ensinar em canto nenhum, porque, apesar de eu amar a matemática, saber que se eu entrasse numa sala de primeiro ano eu ia fazer com que os meninos amassem a matemática, mas, em compensação, os meninos não iam amar a professora, porque iam dizer que a professora é velha. [...] Então, a gente tem que saber viver nesse mundo de transformações, de evolução, a gente tem que evoluir com ele. E procurar aquilo que está de acordo com o nosso pensamento, com a nossa formação. [...]

Marcelo: Está certo... Professora, e como era o interesse dos alunos pelos estudos?

[28] Organização Social e Política do Brasil (OSPB).

Neta: Eu acho que cai exatamente naquilo: eles não tinham outras opções, aí, se encantavam com o estudo. E tinha aquele também que por mais que você se esforçasse, ele não queria nada! Esse aluno sempre existiu. O aluno que não progrediu, o aluno que não cresceu. Algumas vezes você dizia: "não, é porque não teve boa formação...", mas eu vi muitos que vinham num jumento pra Caicó e que se formaram e muitos que os pais deram tudo, porque não tiveram, e que eles não aproveitaram... Então, é tudo muito relativo, muito relativo. É como se cada um já tivesse em si aquela centelha do que quer, do que não quer... ou não souberam fazer com que aflorassem nele o bem querer. Tá certo, cada um tem uma motivação que é intrínseca, vem de dentro, está em você, e você, por ela, constrói o seu sonho, você vai adiante; mas tem também a de fora, a do meio em que você vive, ou a de alguém que possa despertar em você. Eu tinha um aluno terrível [!] no colégio, quando a gente fundou lá em Caicó. Ele ainda conseguiu estudar dois anos, mas no segundo ano, um dia que ele tava muito medonho e tudo, eu chamei – já não sei nem qual era a vez, a enésima vez –, aí, eu conversando com ele, eu só conversava e ele assim, com a cabeça baixa, rodando a cabeça pra um lado, pra o outro, e nunca me fitando; quando eu falava no nome dele, ele olhava assim pra mim, aí, de repente, baixava os olhos. Aí eu parei de falar, disse: "olhe pra mim!" – ele levantou a vista – "Eu vou continuar falando e você vai continuar olhando pra mim"; aí, ele foi e baixou. Eu disse [com voz um pouco mais firme]: "não! Levante, olhe pra mim. Você não é homem, não?". Aí, ele tomou aquele susto bem grande, eu disse [com voz mais branda]: "meu filho, eu sei que você é do sexo masculino, isso eu sei, mas, quando eu digo homem, não é o macho" – usei essas palavras – "Eu digo um homem, aquela pessoa que é do sexo masculino, que tem um caráter, que deseja ser exemplo para os outros, porque ele se ama, ele se respeita. Meu filho, você não está se amando nem se respeitando. Você tem medo de quê, que você desvia os olhos o tempo inteiro? Os professores já disseram que ninguém consegue conversar com você, porque você não olha pra ninguém". Eu disse: "Bem que me disseram que os olhos eram a janela da alma, você tá com uma coisa escondidinha e não quer que a gente veja". Aí [com voz mais grave]: "não, não tenho nada escondido", ele falava bem grosso, assim... Aí eu disse: "pois vamos fazer um pacto: de hoje em diante, você vai se comportar como um verdadeiro homem, de caráter, que se respeita, que quer ser respeitado e que vai olhar as pessoas nos olhos, sem medo das pessoas, porque você não tem de que ter medo". Aí, eu: "você é um menino bonito, você tem uma família linda"; na realidade não era, porque os pais viviam num choque muito grande, mas a gente não pode dizer isso para um jovem. Eu disse: "eu sei que seu pai é ocupado, viaja muito e tudo, mas a sua mãe é fantástica,

conheço, por que você tem medo das coisas? Então, você não vai ter medo. Você vai olhar todo mundo nos olhos. Tá certo assim?"; Aí ele virou, eu disse [com voz mais firme]: "responda se vai ser assim!"; "vai!". O tempo passou, ele só fez terminar o ano lá [e] veio morar aqui em Natal. Já tinha um irmão que morava aqui, a mãe achando que talvez na presença desse irmão mais velho fosse melhor pra ele... Meu filho, ele terminou o científico, ele fez faculdade, e eu estou em Caicó, no ultimo ano que eu passei lá, quando eu, na pracinha, à noite – numa praça de alimentação que tem, aquela praça, lá em cima, José Augusto –, quando eu ouvi foi aquele grito: "Dona Neta!"; eu disse: "meu Deus do céu, essa voz eu conheço", quando eu me virei lá vinha ele correndo! Desesperado! Me levantou do chão num abraço: "obrigado!"; eu disse: "o que foi meu filho?"; "me formei em Direito! Agradeço a senhora. Se lembra do que a senhora me disse, porque eu só baixava a vista quando falava com as pessoas? Dona Neta, a partir daquele momento eu nunca mais esqueci das suas palavras e me transformei naquilo que a senhora disse que eu deveria ser, um homem". Meu filho, eu fiquei tão emocionada quando ouvi aquilo! Porque, realmente, ele não tinha interesse pelo estudo, não tinha. Estava desmotivado. O pai tinha dinheiro, dava dinheiro, ele fazia besteira, ia nas festas demais. Ele tinha muita facilidade, então, o estudo pra ele ficava em segundo plano. Se o pai não era formado e tinha dinheiro, então ele podia, sem se formar, ganhar dinheiro, não é? Isso fazia desestimular também muita gente: "meu pai tem dinheiro e nunca se formou, então, eu posso continuar com o dinheiro do meu pai", sem se lembrar que se não souber administrar, o dinheiro do pai se acaba. Pois é, a gente também tem esses momentos de felicidade no encontro de um ex aluno, sabendo que um, naquela turma todinha aproveitou bastante... O interesse está muito condicionado à vida que a pessoa leva na família.

Marcelo: É verdade. Dona Neta, e como eram as disciplinas? A senhora falou um pouquinho, a senhora falou da OSPB, da...

Neta: Não existia a obrigatoriedade e a gente tinha essas aulas todas, porque a direção da escola se preocupava com a formação do indivíduo, não só com a informação que ele ia receber, mas com sua formação enquanto ser humano, cidadão e...

[Entrevista interrompida por alguns instantes]

Marcelo: Pronto, dona Neta, a senhora estava falando das disciplinas, de...

Neta: O interessante é quanto se tem modificado os currículos ao longo desses tempos. Quando eu estudei, a gente tinha como disciplinas: português, matemática, geografia e história; francês, inglês e latim; e a gente tinha como obrigação, ainda, canto orfeônico e

trabalhos manuais. Mas, hoje, é tanta disciplina... Agora, era cada ano: primeira série é história do Brasil, na segunda série, ginasial, era história das Américas, na terceira série era história geral, aí, na quarta série a gente tinha do Brasil e Geral... Assim, [ia] dividindo ao longo do tempo. Eu diria que havia uma formação que preparava melhor. tá entendendo? Hoje eu vejo disciplinas demais, os alunos enlouquecidos, quatorze disciplinas numa série? Tem série com quatorze disciplinas. [Mas] também é um desdobramento, porque, matemática, um professor só sabia de tudo, hoje o professor não sabe tudo, então, tem um professor que só sabe a parte de álgebra, tem um professor que só sabe a parte de trigonometria, tem o professor que só sabe a parte de geometria plana... Pelo amor de Deus! Então, eu digo [que] a gente pensa que a evolução é pra crescimento, mas não é; é pra fracionamento. Fraciona tudo. Aí vem a especificação, a especialização, não é? Surgem os especialistas. E não há aquele que tem o conhecimento... Porque é assim: o melhor professor, não era o que mais sabia, era aquele que tinha melhor condições de conduzir o assunto. Então, mesmo sem ele ser doutor de todos os assuntos, mas ele tinha condição de encaminhar o aluno para que ele aprendesse. [...] Isso, eu vivi muito, a experiência de ver, eu orientava outras pessoas para se tornarem professores, orientava e dava oportunidade para que se tornassem professores também. Eu fui diretora do curso pedagógico; uma menina terminou o curso pedagógico num ano, no outro ano eu botei pra ela fazer uma formação aqui em Natal, pra ela voltar pra ensinar lá no pedagógico; olhou pra mim: “mas dona Neta, eu terminei o pedagógico agora, a senhora quer que eu seja professora do pedagógico?”; “quero, porque eu sei que você tem condições, eu estou lutando por uma formação de professores, um quadro de professores que se dedique e faça bem e você tem essa condição”. Mas, porque a gente valorizava tanto quem sabia, quanto quem queria aprender cada vez mais. E eu acho, assim, que na hora que a gente fraciona demais, quebra um pouco daquela continuidade que deve existir, sabe? Porque ficam departamentos tão estanques, tão... como se não tivessem nada um com o outro, não é? Mas... Achavam que essa é a melhor maneira, quem sou eu? Não é? Quem sou eu que vivi em outra época? São muitas disciplinas hoje, naquela época era uma quantidade menor, mas eu acho que a gente vivia mais aquela situação... Hoje: “ah, tem os laboratórios, tem muita prática, tem não sei o quê lá...”; mas eu também vivi uma experiência de laboratório no Santa Terezinha, porque eu ficava me perguntando porque era que tinha uma estante lá cheia de instrumentos, e tinha uma freira que a gente perguntava: “o que é isso? O que é aquilo?”; numa aula de ciências uma vez ela disse o nome de tudo aquilo, pois nossa aula estava exatamente na sala onde tinha essa estante cheia de material para aulas de ciência. Aí ela

mostrava, mas nunca usou nenhum. Então, quando eu me tornei professora de ciências no Educandário Santa Terezinha, a primeira coisa que eu disse foi que eu queria usar o material daquele armário; a diretora construiu uma sala de ciências e eu fui professora lá com a sala construída. Então, todo aquele material eu usei com os alunos.

Marcelo: Maravilha... Dona Neta, e como eram os professores e as aulas deles? [...] Que a senhora falou um pouquinho agora que os professores eram muito bons, né?

Neta: Eram bons, sim! E o interessante é que eles eram excelentes professores, mas não tinham formação. Aqueles professores que a gente tem na lembrança como grandes professores, não eram pessoas com a formação de magistério. No meu tempo de ginásio, sim, porque eram as freiras. Foram freiras e padres que foram professores. Francês, inglês, português... eram padres que ensinavam a gente lá no colégio. Eu fui aluna de português, no ginasial, na terceira e quarta série, do monsenhor Walfredo Gurgel[29], que foi governador do Estado, ele foi professor de português. Aí, depois que ele saiu para ser governador, quem ficou ensinando foi padre Itan Pereira, outro padre. Então, eles tinham formação. Naquela época até os padres tinham melhor formação do que tem hoje, porque é o que a gente observa, e eles tinham uma condição muito grande de preparar bem. Por quê? Eles se dedicavam. Se eles iam ser professores é porque eles tinham sido bons estudantes... Aquele bom médico ia ser professor de biologia, um farmacêutico bioquímico ia ser professor de química, tá entendendo? Então, não tinham uma formação pedagógica, mas tinham um conhecimento daquele conteúdo que eles iam ministrar. E de posse daquele programa que deveria ser levado para o aluno, eles supriam a necessidade do curso. Tinham o livro, tinha a sequência do que deveria ser dado, eles davam com muito cuidado, eles cumpriam fielmente aquela disciplina. Não passavam enrolando: "ah, eu sou médico, eu não tenho nada a ver com isso, vou passar aqui enrolando o ano todo", não! Era dado a ele: "olha, é [esse] aqui o programa do nosso ano escolar"; ele pegava aquele conteúdo, dava o ano inteirinho. "O livro é esse"; entregava o livro. Meu marido, em matemática – naquele tempo tinha segunda época, segunda chamada, quando o aluno não conseguia a pontuação para aprovação em dezembro, então, ficava para fazer uma prova no final de janeiro –, aí, perguntavam: "professor, qual vai ser a matéria da segunda época?", ele pegava o livro pelas duas capas [virando-as ao contrário e pendurando o livro] e dizia: "isso aqui"; o que estava pendurado em baixo, quer dizer, tudo. Ou seja, todo o conteúdo. O aluno precisava passar realmente por isso, mas o professor era bom. O professor

[29] Walfredo Dantas Gurgel, nascido em 02 de dezembro de 1908, foi sacerdote católico e um importante político do estado do Rio Grande do Norte, tendo sido deputado federal de 1945 a 1950. Em 1960 foi eleito vice governador na chapa de Aluízio Alves, deixando essa função para assumir o senado em 1962. Em 1965 foi o ultimo governador eleito pelo voto popular, no Rio Grande do Norte, até o ano de 1982.

exigia silêncio. Aluno não podia, não devia se mexer, fazer brincadeira, ficar jogando bolinha de papel em ninguém, nem dizendo: “professor, professor, não sei o quê é lá (no quadro)”, gritando, não! O professor era respeitado dentro da sala de aula. E como ele era respeitado, ele conseguia dar bem sua aula e cobrava. Existia aquele muito exigente e existia aquele que era menos exigente, mas que também dava o seu conteúdo e cobrava do aluno o seu conteúdo. De certo modo, é porque naquela época a gente vivia a expressão: “faça o seu giz falar”. Era só o giz e o quadro. Não tínhamos recursos audiovisuais, outros recursos didáticos que não fossem quadro e giz. Então, era só quadro e giz que o professor tinha para dar sua aula. Muitas vezes, aqueles que ficavam sentados só: “blá, blá, blá, blá, blá...”; não deixavam também que o aluno ficasse conversando. Eram rigorosos, chatos... A gente tinha também esse tipo de professor. Mas, as aulas eram menos barulhentas, porque como o aluno era obrigado a ficar quietinho... Era um ensino muito dogmático: professor falava e o aluno tinha que aprender, e tudo aquilo que ele dizia era o correto, ele [o aluno] só tinha que aceitar.

Marcelo: Sim... Dona Neta, e como eram os sistemas de ensino nesse período? A senhora lembra?

Neta: Olhe, eu paro assim, fico pensando: “meu Deus, como foi? Onde começou? Onde entrou outro? Qual era o princípio da pedagogia daquela época que a gente seguia? O que era? Qual era o método?” (risos). Eu não... Eu me dou conta que parece que o meu eu fiz, sabe? Eu fiz o meu e as irmãs lá do Santa Terezinha fizeram o delas. Não era “a letra com sangue, entra”, mas era algo parecido (risos), porque ninguém apanhou. Eu nunca apanhei para aprender. Não tive esse tipo de escola, apesar da minha idade. Fazia uma tarefa ou uma tabuada, mas em compensação era muito... direcionado para aquilo que o professor exigia. Recebia-se um direcionamento do MEC e havia o acompanhamento pra saber se as coisas estavam sendo dadas corretamente. Havia nos Estados as inspetorias seccionais e para as cidades eram nomeados os inspetores para acompanhar, para saber se o ensino estava dentro daquele parâmetro que vinha determinado pelo MEC. Eu me lembro de visita do inspetor à escola e o inspetor ir para a secretaria para olhar o conteúdo que estava sendo dado, olhar as cadernetas... Eu me lembro muito [!], porque uma classe da gente [ficava] no corredor que ia para a secretaria; passava: “eita, o inspetor tá hoje aqui, tá fiscalizando, olhe aí, passou pra secretaria”, sabe? A gente conhecia o inspetor, inclusive era pai de uma colega minha, que estudamos juntas sete anos lá, Eugênia. Então, quando doutor Jofre passava, todo mundo sabia que ele estava inspecionando, porque o sistema era assim, sabe? De cima pra baixo. Vinha, não tinha... “sentar, um planejamento, vamos estudar que metodologia, que

pedagogo...", sabe? Como eu não tive formação pedagógica, eu fiz curso técnico de contabilidade, eu vim ter essa formação pedagógica nos cursos de aperfeiçoamento que fiz aqui em Natal. Aí, fui tomando conta dos métodos de ensino, dos princípios, daquela coisa toda da didática e tal, mas era tudo direcionado pelo MEC. Então, só cumpria. A escola recebia e cumpria. Então, eu tive isso enquanto estudei, enquanto comecei como professora do Santa Terezinha ainda era assim, e no Colégio Diocesano ainda foi assim. Tudo vindo de cima pra baixo, tudo arrumadinho, sem que a gente alterasse nada! Mas, eu... para aquela época, foi bom! A gente viu resultados, a gente teve excelentes resultados daquela forma como se processava o ensino. Eu não sinto que houve falha naquela forma de ser, porque estava de acordo com a época que a gente vivia. Quando a gente foi se aprofundando e conhecendo e participando de cursos de formação, às vezes eu vinha no mês de julho também pra mais uma formação... Quando a gente sabia que tinha uma formação aqui, eu e meu marido, a gente vinha participar. Fazíamos nossa inscrição no curso para conhecer algo mais. Sempre houve em nós dois, aquele interesse de saber mais da educação, pra acompanhar um pouco mais sua evolução. Mas, essa coisa de cima pra baixo é muito desagradável, porque, muitas vezes vendo a realidade local, a gente podia fazer até algo pra modificar um pouco, mas a gente ficava preza naquele rigor da não mudança. Quando passamos a participar mais de um planejamento, a gente começou a sentir que funcionava mais, era melhor, havia mais resultados. Era a flexibilidade no planejamento. [...]

Marcelo: A senhora lembra, dona Neta, se aconteceram muitas mudanças desse tipo, por exemplo, veio um sistema de ensino, uma orientação, como a senhora disse... [?]

Neta: Olhe, sabe quando foi que eu vim notar diferença? Já com meus filhos. A Lei de Diretrizes e Bases[30], que era quem norteia o nosso sistema de ensino e tudo, eu vim notar, sentir uma diferença, quando meus filhos começaram a estudar, que aí eu comecei a perceber mais, por quê? Eu era professora de matemática e, na minha disciplina, não ocorreu, assim, mudança, a não ser: "ah, nós temos cinco anos, exame de admissão", aí, acabaram com aquele exame de admissão ao ginásio, deixou de ser de cinco anos, o que se chamava primário, passou a ser de quatro. Aí, foi a primeira mudança, não lembro a época em que aconteceu, passou a ser de quatro. Então, a gente tinha: quatro anos de primário, mais quatro anos de ginásio, agora chamados de primeiro grau, e três anos que seriam, ou um curso técnico de

[30] A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) foi promulgada em 1961, a Lei 4.024/61. Contudo, é possível inferir, pelas informações dadas pela professora, mais à frente, que aqui ela se refere à segunda LDB, promulgada em 1971, a Lei 5.692/71.

contabilidade, em Caicó era contabilidade, ou o curso pedagógico, porque lá também tinha o magistério, o segundo grau...

[Novamente a entrevista é interrompida por alguns instantes]

Marcelo: Pronto, Dona Neta, a senhora estava falando das possibilidades que tinha do ensino médio lá. Que tinha o científico, tinha o pedagógico...

Neta: Então, quando houve essa primeira reforma, não me lembro [o ano]... Eu ensinava no quinto ano, no Santa Terezinha, quando houve essa reforma, eu deixei de ensinar, que não tinha mais quinto ano, fiquei só a partir da primeira série ginasial e... diziam assim: "os alunos já não estavam aprendendo muito, agora tiram mais um ano desse primário, como é que vai ser?". Tinha sempre aquelas reclamações, né? Estavam sempre dizendo que não fazia sentido, que tiraram, que não sei o quê. Mas foi passando, e deu certo, foi uma experiência boa. Aí, a gente ouvia os comentários também: "o que dá certo nos Estados Unidos, eles querem que dê aqui". Aí, vem as novas reformas: veio [a] implantação da reforma do ensino no ano... Que, aí, foi a que eu mais senti, [por]que foi com meus filhos. [Foi] quando [houve a nossa] mudança pra vir de Caicó para cá, porque a implantação tinha que ser gradativa, a partir da primeira série e da quinta, e as escolas introduziram logo em todas as séries essa mudança. Mudança em termos: altera o currículo, substitui uma disciplina, não tinha mais aquela quantidade toda de língua, a língua era opcional, porque, enquanto a gente estudava três, só tinha agora duas, só uma estrangeira, e nessa mudança incluía também, em algumas disciplinas, reformas – como houve a reforma no ensino da matemática, quando entrou a matemática moderna, que de moderna, pra uns, só era o nome na realidade, eu acho que quem primeiro abraçou lá em Caicó fui eu, achando uma maravilha a teoria dos conjuntos pra trabalhar com os alunos. E eu me lembro que pra transferir os meus filhos de lá pra cá houve dificuldade, porque o colégio em que estudavam em Caicó tinha aderido à reforma, tinham implantado, mas de forma gradativa, como deveria ser. Então, meus filhos vieram e, aqui, eu tive que encontrar um colégio que tivesse a reforma [de forma gradativa], que foi o complexo Manoel Dantas - Sebastião Fernandes[31] e o Jerônimo Gueiros[32]. Jerônimo Gueiros para os meninos que estavam da primeira à quarta série, o Manoel Dantas, quinta e sexta, Sebastião Fernandes sétima e oitava, naquela época, 1975. Então, eu vim perceber quando meus próprios filhos tiveram que entrar nessa reforma de ensino, nessa modificação. Porque, eu fui batalhar pra conseguir: onde era que eu ia matricular Izabel, que não tinha pego a reforma,

[31] Atualmente, Escola Estadual Manoel Dantas e Escola Estadual Sebastião Fernandes, a primeira fundada em 1964 e a segunda em 1971. Juntas, formavam o Complexo Educacional de Ensino.

[32] Atualmente, Escola Estadual Jerônimo Gueiros.

que cursaria ainda a terceira série ginasial antiga? Aí, ela foi pra o Churchill[33] e, de lá, veio para o Instituto Kennedy[34]. Aí, no segundo grau, não, no segundo grau já pega a reforma, com o novo currículo, novas disciplina... Já foi mais tranquilo.

Marcelo: tá certo... Então, eu acho que essa reforma que a senhora está falando foi a segunda LDB, a 5692, de 1971...

Neta: A segunda LDB! 5692, é! Eu digo que eu sou apaixonada por matemática, mas não sou boa pra gravar datas, nem números.

Marcelo: Pronto. Professora, e a senhora lembra se... Que a senhora falou da matemática moderna, a senhora lembra se aconteceram outras mudanças no currículo de matemática?

Neta: Não, não... A principal foi essa, e para o ensino fundamental. Porque no médio, praticamente, os conteúdos continuaram os mesmos. A não ser a parte de teoria dos conjuntos que acompanhou, e é dada hoje em todo curso... Na hora que a gente implantou a teoria dos conjuntos na quinta série, primeira série ginasial, eu me lembro que o mais famoso de imediato foi Oswaldo Sangiorgi. A gente até veio aqui pra Natal assistir a palestra de Oswaldo Sangiorgi, apresentando seu novo conteúdo. Aí, tinha outros também, Scipione di Pierro Netto[35], mas o melhor mesmo na época foi Oswaldo Sangiorgi. Hoje mesmo tem *n* livros com essas abordagens.

Marcelo: Certo, professora. Dona Neta, e pra realização dos estudos da senhora?

Neta: Olha, foi interessante porque, como já falei, o primário em casa, minha mãe me alfabetizou, minha avó me ensinou a ler e Dona Zefinha passou um ano na minha casa ensinando; fiz o primário no Senador Guerra, os três anos – terceira, quarta e quinta série – e era tudo gratuidade, porque era escola pública; e foi gratuidade também o meu ensino ginasial [e] o curso técnico de contabilidade, pela bolsa de ensino. Hoje eles têm Bolsa Família[36], bolsa isso, bolsa aquilo, e tem muita escola com gratuidade, tem FIES[37] e o ENEM[38] também há a possibilidade de gratuidade. Naquela época, a gente tinha que fazer uma prova para ter acesso a essa gratuidade. Foram sete anos. Foi do Fundo Nacional do Ensino Médio, essa

[33] Atualmente, Escola Estadual Winston Churchill.
[34] O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) é um complexo de educação pública que oferece desde a educação infantil ao ensino superior, mantendo cursos voltados à formação de professores.
[35] O professor Scipione foi autor de livros didáticos de matemática na década de 1960, durante o período da matemática moderna, fundando, mais tarde, a Editora Scipione. Foi professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade de São Paulo (USP).
[36] O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda, mantido pelo Governo Federal do Brasil. O programa foi instituído pela Lei nº 10.836/2004 e regulamentado pelo Decreto nº 5.209/2004.
[37] O Financiamento Estudantil (FIES) é um programa do Governo Federal que financia estudos em instituições particulares de ensino superior para alunos de baixa renda.
[38] Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

bolsa. Então, eu tive oportunidade de estudar num bom colégio, fazer um bom ginásio, um bom curso técnico de contabilidade – porque no colégio não tinha científico –, com o pagamento, com esta bolsa, minha mãe não gastou nenhum centavo. Agora, ao terminar esse ginásio e o curso técnico de contabilidade, passei a ensinar o segundo grau, fui diretora de escola de segundo grau tendo só o segundo grau, porque isso, no interior, se tornava possível pela ausência de pessoas com a formação adequada àquela função. Quando em 1974 foi aberto em Caicó o campus avançado da UFRN – eu morria de vontade de vir morar aqui e meu marido não queria –, aí, fizemos o vestibular juntos, ele e eu, e escolhemos Administração. Eu era tão ligada nos cursos, que quando eu escolhi Administração eu pensava assim: "eu faço Administração, passo e me especializo em educação escolar!". Eu não tinha noção, eu não procurei informação de nada! "Vai fazer inscrição em que no vestibular?"; "Administração"; "Pia! Você é diretora na escola..."; "Exatamente, eu preciso aprender a administrar!". Oh! (risos). Olhe a minha cabeça. Totalmente desfocada dos cursos da universidade, de pré-requisitos, de especializações desses cursos, de tudo. Quando passei, digo: "muito bem, tem nada não!". Fiz o vestibular em 1974, em Administração, [e] passei, em vez de quatro anos, cinco, e saí com as duas habilitações: bacharela em administração pública e em administração de empresa. Já tinha o título, o registro de professora de matemática, no ensino médio, porque eu já tinha conseguido – sou registrada no MEC como professora de matemática, porque fiz exame de suficiência no Instituto de Matemática da UFRN. Aí, depois me deu vontade: "eu vou fazer agora Letras", minha paixão era Letras. Aí, fiz vestibular de Letras, também me formei em Letras. E fiquei assim: matemática, Administração, Letras (risos). É meio, assim, eclético, mas deu certo.

Marcelo: Muito interessante! Dona Neta me deixe perguntar, que a senhora falou agora e me deu curiosidade: então, essa habilitação que o Instituto dava, é...

Neta: Me dava o direito de ser professora de matemática!

Marcelo: Mesmo depois da LDB? Porque eu acho que a de setenta e um ela passou a exigir curso superior...

Neta: Mesmo! Agora, assim, a princípio dizia assim: "é em locais onde haja insuficiência de professores". Era a primeira condição, tá entendendo? Só que depois, aquela coisa do direito adquirido? tá entendendo? Então, eu passei a ter o direito.

Marcelo: Entendi! Então, a senhora continuou sendo professora de matemática mesmo não possuindo a formação superior em matemática. Ah, muito, muito interessante... tá certo. [...]

Dona Neta, a senhora falou da questão dos sete anos que a senhora estudou com a bolsa do MEC e tudo; foi em que período isso, mais ou menos?

Neta: Eu terminei em 1955 o primário. 1956, 1957, 1958, 1959, o ginásio; 1960, 1961, 1962, o curso técnico. Ai, Jesus, quase que eu não me lembro (risos).

Marcelo: Certo. tá ótimo. Professora, eu vou colocar isso [o tema] aqui, mas a gente já falou um pouquinho. Sobre a legislação e a educação, a senhora falou que não lembra muito essas questões das mudanças...

Neta: Não, não, não lembro muito. Porque, como eu não tive uma formação pedagógica, então, eu nunca parei pra estudar legislação educacional... Eu passei a ver essas reformas e os sistemas educacionais quando eu fui fazer cursos de formação de professores. [...]

Marcelo: Tudo bem, então. Professora, e os primeiros contatos com o ensino? A senhora já falou um pouquinho que foi quando a senhora ainda no ensino ginasial começou a ensinar os alunos de outras séries anteriores...

Neta: De outras séries, é... Agora, o interessante é que quando eu terminei o curso técnico de contabilidade, assim que eu terminei, eu já fui convidada para ensinar no Colégio Diocesano Seridoense. Porque no Educandário Santa Terezinha, onde eu estudei, eu já ensinava. Só não ensinava oficialmente, pela minha idade. Então, para todos os efeitos, a professora de matemática e português era a irmã Agostinha. Então, eu já ensinava... Eu só comecei, oficialmente, em 1963, porque eu já estava casada e tinha a maioridade. Estava com dezenove anos.

Marcelo: Entendi. Mas antes disso a senhora já ensinava... A senhora ensinou quantos anos dessa forma, professora?

Neta: Já ensinava! No Santa Terezinha, eu ensinei... 1958, 1959, 1960 e 1961.

Marcelo: Então, antes mesmo de começar o curso técnico a senhora já tinha começado a ensinar... Mas, não oficialmente...

Neta: Já comecei a ensinar! Por isso eu nem falo! Porque não era oficial, não consta em canto nenhum que eu era professora... Eu encontro às vezes alunas, que foram minhas naquele tempo: “ah, você foi minha professora no quinto ano... Foi professora no primeiro ano doméstico, foi professora do segundo ano doméstico...”, português e matemática.

Marcelo: Mas, é muito interessante isso pra minha pesquisa, porque a gente tenta encontrar realmente essas coisas que aconteciam e não era documentado...

Neta: Era. Era a necessidade, a necessidade do professor que tivesse condições de assumir aquela disciplina. Não havia o professor qualificado, mas havia o professor que tinha o

conhecimento. Como eu era aluna do colégio e a diretora, irmã Maria Agostinha de Abreu, me conhecia, ela chegou e disse: "Maria, você – meu nome é Izabel Maria, ela me chamava Maria – Maria, se prepare que você vai me substituir que eu estou muito cheia, não posso, vai dar aula de português e matemática no quinto ano!"; então, eu dei aula de português e matemática no quinto ano no lugar dela. Aí, quando foi no ano seguinte, que terminei o ginásio, aí, ela disse: "agora, você vai ser professora de português e matemática na Escola Doméstica". Naquela época o Ministério da Agricultura tinha um convênio com as escolas particulares, onde funcionavam cursos de formação chamados cursos domésticos.

Marcelo: Ah, então escola doméstica não existe só aquela daqui de Natal[39], não?

Neta: Não. Existiam cursos domésticos, formação doméstica financiado pelo Ministério da Agricultura, porque tinham práticas agrícolas, orientação, formação doméstica de puericultura, de tudo. Era muito interessante o curso, Escola Darcy Vargas. Agora, eu não me lembro até que ano funcionou a escola Darcy Vargas, porque foi do tempo ainda de Getúlio[40]. A filha de Getúlio é quem era a coordenadora desse departamento do Ministério da Agricultura, ao qual estavam ligadas as escolas domésticas.

Marcelo: Sim, entendi... Então, professora, o ingresso no magistério, de fato [oficialmente], da senhora, ele se deu depois que a senhora...

Neta: De fato e de direito só aconteceu em 1963. Quando terminei o curso técnico de contabilidade.

Marcelo: Sim, mas muito interessante isso. Oficialmente, a senhora já entrou com uma carga de experiência enorme... Certo. E antes disso, professora, a senhora entrou no curso técnico, a senhora ensinava quantas turmas?

Neta: Quando eu estava no curso técnico eram duas turmas, uma do primeiro ano e uma do segundo ano do curso doméstico. Era ginasial. [Esse curso] dava uma habilitação doméstica para a turma que não fosse continuar. Inclusive, quem não fosse fazer o segundo grau depois, já entrava no segundo ano. Eles consideravam, porque o primeiro ano era básico, aí, eles passavam para o segundo, [no qual] eram [dadas] as matérias específicas, continuando só português e matemática. No segundo ano tinham as específicas e mais português e matemática.

---

[39] Refere-se à Escola Doméstica de Natal, fundada em 1914, com o objetivo de dar uma formação especial para o público feminino, formação essa que ressaltava os valores e saberes domésticos, familiares e sociais. Foi a primeira instituição desse tipo fundada no Brasil, a partir de um modelo suíço. Atualmente esta escola faz parte de um complexo educacional.

[40] Getúlio Dornelles Vargas, político brasileiro. Ocupou as funções de deputado estadual (1909-1913 e 1917-1924), deputado federal (1924-1926), governador (1928-1930) e senador (1946-1951) pelo estado do Rio Grande do Sul; ministro da fazenda (1926-1927) e, por dois períodos, presidente do Brasil (1930-1945 e 1951-1954).

Marcelo: Ah, entendi... Então, professora, quando a senhora ingressou oficialmente no magistério, a senhora ficou ensinando ainda o nível ginasial?

Neta: Quando eu ingressei oficialmente, entrei também no segundo grau, porque eu fui ensinar no terceiro ano, técnico em contabilidade. Eu diria até que eu não fui nem ensinar, eu fui jogada (risos) diante de uma turma pra ensinar contabilidade industrial e elementos de estatística. Então, eu ensinei contabilidade industrial e estatística no curso técnico de contabilidade... No ano de 1963, já. Aí, responsável por três disciplinas de imediato. Então, eram disciplinas que eu estudei no meu curso técnico de contabilidade, e que eu tive que ensinar no curso técnico de contabilidade no primeiro ano de 1963. Ensinar mecanografia sem ter uma máquina pra você mostrar, já ouviu falar numa coisa dessa? Aí, a partir de 1964 houve uma reforma [e] mecanografia não existia mais, então, a gente não precisava da mecanografia.

Marcelo: Sim... Aí, no caso, foi em 1963 que a senhora começou os cursos aqui em Natal, que a senhora veio a primeira vez, né?

Neta: 1964.

Marcelo: 1964. No ano seguinte. Professora, aí como foi, no caso, que a senhora ficou sabendo desse curso? Veio... um ofício...[?]

Neta: Não, primeiro, o colégio... O colégio que eu ensinava em Caicó, o Colégio Diocesano... Os colégios recebiam ofícios informando que ia haver esse curso, e que esses cursos eram para habilitar os professores que não tinham formação pedagógica específica. Então, eles já mandavam que a gente viesse. Sugeriam que a gente viesse. E a gente, que já queria ter essa formação, vinha. E o Estado também, porque eu já estava ensinando... Em 1964 eu fui convidada para ensinar em escola do Estado.

Marcelo: Pra ensinar no Estado também... A senhora ensinou em que escola no Estado, professora?

Neta: No Instituto de Educação de Caicó, o Instituto Educacional José Augusto, que hoje é o Centro Educacional José Augusto, CEJA.

Marcelo: Certo... Então, a senhora veio. E pra vir fazer esse curso aqui, vocês recebiam algum auxílio ou não?

Neta: Não! Não do colégio particular. Mas o Estado dava uma pequena bolsa de ajuda. Dava, assim, para pagar as passagens... A gente tinha pessoas da família, ficava na casa da família...

Marcelo: Entendi... Aí, o curso era de um mês?

Neta: Era de um mês! Quatro semanas.

Marcelo: Certo. Aí, fazia esse curso de um mês, que tinha...

Neta: Durante todo esse curso tinha avaliação. A avaliação era feita durante o curso. Nas reformas, o que foi muito interessante, foi essa avaliação feita ao longo do curso, não só naquela prova, mas uma avaliação de acompanhamento, de apreciação do rendimento do aluno. Aí, o curso da gente já era desse jeito, durante o curso a gente já estava sendo avaliado. Não só uma avaliação no final.

Marcelo: Mas tinha também uma avaliação ao final do curso, professora, não?

Neta: Não! Nesse de formação, não. Agora, no ano de sessenta e seis, sim, porque não foi mais só um curso, foi na universidade.

Marcelo: Então, a senhora fez esses três anos o curso, né? Todos os anos foi só de um mês, aí, no final, só no terceiro ano, que teve essa avaliação na universidade...

Neta: Foi, no Instituto de Matemática[41]... Aliás, a formação dada pelos professores do instituto da universidade, agora, como o curso tinha sido dado no Ateneu, então, continuaram as provas sendo feitas no Ateneu. Os professores vinham e aplicavam...

Marcelo: Sim. E os professores desse curso da CADES eram da universidade... Sim. Tudo bem. A senhora lembra se vocês recebiam algum tipo de documento, ou algum certificado ao final do curso, de cada ano, não?

Neta: Eram da universidade. Eram professores da universidade. [Mas] Não! A gente recebia, assim, era... um atestado de participação do curso.

Marcelo: Ah, sim... Entendi. Vocês não recebiam uma carteirinha?

Neta: Não. Só recebemos a carteirinha de registro quando a gente foi registrado no MEC.

Marcelo: Mas esse registro foi depois da prova da UFRN?

Neta: Foi!

Marcelo: Sim, entendi... Professora, e vinham muitos alunos do interior? Assim...

Neta: Professores? Vinham muitos! Havia uma formação...[?] Alunos que estudavam em Caicó, porque lá achavam que o ginásio de Caicó era melhor, mas tinha ginásio lá que o professor vinha... Eu me lembro que a mãe de doutor Aldo Medeiros, o médico que eu disse que foi meu aluno e que fez minha cirurgia, ela era uma de minhas colegas, ela era professora de matemática em Jardim do Seridó[42] e ela também vinha aqui pra Natal, a gente se encontrava nos cursos... O estado inteiro mandava professores. Professores de Pau dos

[41] O Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (IMURN) foi instalado no dia 03 de junho de 1966.

[42] Jardim do Seridó é um município do interior do Rio Grande do Norte, situado na Mesorregião Central Potiguar, Microrregião do Seridó Oriental. Dista, aproximadamente, 40 km de Caicó e 239 km de Natal.

Ferros[43]... do estado! Onde tinha escola de primeiro grau, segundo grau, os professores não titulados, preparados, eles vinham fazer esse curso aqui. [...]

Marcelo: Muito interessante... E no caso, as turmas eram muito grandes, professora?

Neta: Eram grandes! Turmas de trinta, quarenta professores numa sala. Só houve um que a gente recebeu um certificado, foi no ano de sessenta e seis, no meio do ano, no mês de junho. Houve um curso no Instituto de Matemática, para professores, e a gente veio fazer, eu e meu esposo, e o professor do Instituto de Matemática, Álax Jorge Tupinambá de Morais, eu nunca esqueci o nome dele. Ele era professor da UFRN e ficou muito amigo nosso, era nosso professor de conteúdo de matemática. Ele não se conformava, porque eu e João, marido e mulher, nas cadeiras da frente, eu numa cadeira e João aqui de lado e ele dizia: "eu não entendo como é que marido e mulher, eu aplico uma prova e as provas, eles, lado a lado, ninguém olha, parece até que eles têm uma birra, assim, um com o outro, ninguém depende do outro, não existe nada de igual nas provas deles. Quando é uma demonstração, uma coisa, um usa o método dedutivo, o outro usa o indutivo, até parece que se combinaram pra fazer diferente, mas nada bate"; aí ele disse: "agora, as provas de Izabel, sinceramente eu devo dizer a vocês, eu uso como gabarito na correção das provas de vocês. Eu não me preocupo em fazer gabarito, eu uso a dela. Mas, como eu não acredito em matemática de mulher, eu prefiro as de Diniz" (risos). Olhe, ninguém aguentava! Eu disse: "não, professor, só em ter dito aqui, na turma todinha que a minha prova é a melhor, eu já tô satisfeita". Eu levava na brincadeira. Pois, olhe, quando a gente recebeu o certificado, o conceito que ele botou... Ele botou: excelente em João e muito bom em mim (risos). Olhe, foi... Mas essa turma riu na hora que entregaram esses certificados, esse povo tomou conta. Aí, faziam: "Ah, dona Neta, tem jeito não. Diniz é melhor que a senhora"; e Álax rindo, mangando da gente. Eu digo: "complexo de cearense!". Aí, outro: "é complexo de cearense, machismo de cearense".

Marcelo: Ai, ai... E os professores – bom a senhora ter falado nisso – eram do Ceará? Não, tinha algum daqui de Natal?

Neta: Não... porque eles faziam o concurso? Aí eles vinham de fora, faziam o concurso, passavam...

Marcelo: Nesse período a senhora conheceu outros professores da UFRN, Dona Neta? Tinha algum professor que era aqui do estado, que tinha se formado aqui mesmo ou não? Eram todos de fora?

[43] Pau dos Ferros, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião homônima. Dista, aproximadamente, 392 km da capital Natal e 156 km de Caicó.

Neta: Conheci... Não, tinham muitos daqui. O Instituto estava novo ainda. Tinham uns de fora. Jovens de fora, tinham...

Marcelo: Pronto, eu vou perguntar se além desse curso a senhora teve conhecimento, nesse período, de outros cursos... [?] Esse do meio do ano que a senhora falou que fez, também era da CADES?

Neta: Não, não... Foi o Instituto de Matemática mesmo, a UFRN mesmo que ofereceu.

Marcelo: Ah, foi o Instituto mesmo que ofereceu... Era de conteúdo?

Neta: De conteúdo. Esse foi mais de conteúdo, só conteúdo. Porque os outros a gente tinha as duas coisas, tinha o conteúdo e tinha a formação pedagógica. Sabe? Os outros, a gente tinha aulas de didática geral, de didática especial da matemática, de biologia educacional e psicologia educacional. Principalmente o de 1966. A professora de psicologia educacional era esposa de doutor Quinho, que foi que nos deu outra disciplina, biologia educacional. Ele era médico e ela era psicóloga, e eram professores da UFRN. Doutora Maria Isaura, que era [a] mais completa professora de didática geral que a UFRN tinha naquela época (risos), foi a nossa professora de didática geral; ela era doutora em didática e tudo mais. Então, os professores eram especiais realmente naquela formação. Nenhuma outra oportunidade eu tive... Eu dava aula de manhã, de tarde e de noite. Então, eu só podia participar de cursos que fossem dados no período de férias, e em período de férias os que foram oferecidos, que houve aqui em Natal, eu fiz todos. Então, não fiz nenhum tipo de outra formação pedagógica, não tive.

Marcelo: Certo... A senhora falou, no caso, de dois cursos diferentes, né? Que teve o que era oferecido [pela] CADES e esse oferecido pelo Instituto de Matemática no meio do ano. Tiveram alguns outros, ou algum outro, que a senhora chegou a participar? Nem mesmo depois, na década de 1980...?

Neta: [Não...] Olhe, por incrível que pareça, após o governo de Aluízio, os governos não mais se preocuparam com a formação dos professores, assim, com aquele cuidado *ex officio*. Havia uma formação que eles davam de seis meses para titulação, uma titulação, assim, pra formalizar uma autorização de ensino. Então, os professores, as pessoas vinham pra cá, faziam o curso de seis meses e recebiam a autorização para ensinar.

Marcelo: Sim, entendi... E esse curso de seis meses ele tinha algum financiamento ou não?

Neta: Eles tinham uma bolsa.

Marcelo: Então, vinham do interior pra fazer o curso em Natal e aí passavam seis meses aqui e depois é que retornavam com essa habilitação...

Neta: É, retornavam com essa habilitação...

Marcelo: Sim, tá certo... Dona Neta, quando a senhora chegou aqui em Natal, aí a senhora passou a ensinar aqui também, né? E como era a rotina aqui em Natal, quando a senhora chegou aqui?

Neta: Também... Eu, primeiro eu fui ensinar no Instituto Montessori e no Colégio Nossa Senhora das Neves. Pela manhã ensinava nos dois, dividia meu tempo entre essas duas escolas, e à tarde, aluna da UFRN, consegui, fui convidada... o pró-reitor de assuntos acadêmicos naquela época era casado com uma pessoa de Caicó, me conhecia e convidou e colocou-me como bolsista – isso era fácil entre as pessoas que se conheciam –, aí, fiquei bolsista da UFRN e trabalhei na Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos durante todo o ano de 1975. Em 1976, eu deixei todas as escolas, porque eu conheci na universidade Regina Barreto, a filha de Telmo Barreto, que era dono da fábrica TBarreto, uma fábrica de confecções masculinas que existia lá onde é o Carrefour hoje... Através da matemática. Quando eu cheguei na sala, no primeiro dia de aula, que Solange – uma pessoa também que eu conhecia, que era de São João do Sabugi[44], que trabalhava aqui na educação, e como eu era diretora de escola de Caicó, então eu vinha e me relacionava com eles na secretaria de educação – foi me vendo, disse: "ai, salvou minha vida, que bom que você está aqui, veio estudar aqui?"; eu disse: "vim"; aí, ela olhou pra Regina disse: "Regina, estamos salvas em matemática!". Aí, ela me apresentou a Regina, e ficamos muito amigas e, realmente, a gente pagou[45] elementos de matemática, pagou cálculo um, cálculo dois, matemática financeira, estatística... no curso de Administração tem muita matemática também e eu sempre, pela facilidade em matemática, ensinava a elas. Aí, quando chegou no final do ano de 1975, ela perguntou pra mim: "Neta você já pensou o que é que vai fazer no próximo ano?"; disse: "do mesmo jeito, faculdade de noite, de manhã eu dou aula, o Instituto Montessori tá querendo abrir o científico e tá querendo contar comigo, não sei se vai dar certo, e de tarde na minha bolsa, que eu estou muito satisfeita trabalhando na programação acadêmica"; aí, ela disse: "você não pensa em mudar, não?"; eu disse: "depende, eu só mudo pra uma coisa se for compensar financeiramente tudo o que eu estou fazendo, além de me dar satisfação". Aí eu disse: "por que você tá me perguntando isso?"; disse: "porque painho vai precisar de uma pessoa na fábrica pra ser assessora da diretoria, chefe do escritório geral e eu tenho certeza

[44] São João do Sabugi é um município do interior do Rio Grande do Norte, situadas na Mesorregião Central Potiguar, Microrregião do Seridó Ocidental. Está a, aproximadamente, 39 km de Caicó e 308 km de Natal.

[45] Na região, quiçá no estado, é muito comum o emprego do tempo "pagar" significando "cursar" determinadas disciplinas no ensino superior.

que você é a pessoa ideal pra trabalhar com ele"; aí, eu brinquei, eu disse: "é, depende, quanto é que vai me pagar?". Quando eu cheguei e disse ao meu marido, ele disse: "você é louca? Você disse logo isso?"; eu disse: "claro, você acha que eu vou deixar de ensinar, que é o que eu amo"... Sim! Porque eu ainda dava aula à noite no Estado, eu não deixei o Estado de jeito nenhum, porque eu amava os meus alunos do Estado, não deixei de jeito nenhum... Eu disse: "claro, você acha que eu vou deixar de ensinar, que é uma coisa que eu faço com amor, pra entrar trabalhando numa empresa, que eu nunca trabalhei numa empresa privada, numa fábrica de confecções, só por que eu faço um curso de Administração?". Porque ela disse: "olhe, é uma oportunidade pra você, você vai administrar! Você vai ver a prática do que você está estudando". Aí, ele disse: "você vai esperar?"; eu disse: "vou esperar que ela me faça a oferta". Realmente, ela fez uma oferta que era mais do dobro de tudo aquilo que eu estava recebendo. Aí, você acha que eu com oito filhos ia dizer que não? [...] Aceitei! Aceitei, terminei o curso de Administração, fui laureada na universidade... Ao ser laureada, no ano seguinte, fui convidada, não mais como bolsista, mas pra ser professora, porque naquela época não tinha concurso, e eu não aceitei. [...] Por quê? Eu não imaginei... Foram me chamando logo e dizendo: "é dedicação exclusiva, você tem que deixar o Estado e a fábrica"; a fabrica pra mim não era o problema deixar, mas deixar o Estado eu não queria, deixar meus alunos... E... Eu não conversei... Eu poderia ter dito: "não, vamos fazer o seguinte, eu quero um contrato só de vinte horas". Eu não entrei em conversa, não conversei com ninguém, mesmo [jeito] quando eu fui fazer o vestibular que não procurei saber de nada do curso, a mesma coisa eu fiz essa época, não procurei saber: "quer dizer que eu só posso ser contratada se for quarenta horas, dedicação exclusiva? Eu não posso pegar só vinte horas?"; eu não, não... Eu não entrei em contato pra conversar, pra dialogar, pra saber quais eram os requisitos para uma contratação, eu simplesmente disse que não. Quando disseram dedicação exclusiva, eu disse: "não quero!". [...] E continuei lá na fábrica.

Marcelo: E na verdade a senhora também não deixou a escola, né? Continuou na fábrica e a noite na escola?

Neta: Deixei não! À noite ensinando... À noite dando minhas aulas no Instituto Ary Parreiras, lá no Alecrim. Aí, quando, doutor Diógenes da Cunha Lima foi escolhido reitor... Ele era Secretário da Educação, quando eu era diretora do curso Pedagógico em Caicó, ele me conheceu e viu meu trabalho e tudo no mundo. Ele foi uma vez lá por conta de um problema que houve duma greve no Instituto – o diretor geral com os outros professores –, e o curso pedagógico não aderiu. Nenhum professor do pedagógico eu deixei descer pra participar da

greve. Eu disse que ninguém estava ali para contestar um secretário, [...] nem governo, a gente estava ali para fazer educação e cumprir as ordens, porque era educação a nossa formação, "se nós somos professores, se a gente está formando professores, que exemplo a gente vai dar?". Aí, não houve. Porque era uma ordem que tinha havido e eles estavam achando que estava errado, e que, na realidade, não era, os professores quiseram ficar solidários com o diretor geral. Aí, como ele me conhecia, quando ele assumiu como reitor mandou me convidar. Aí, como eu, depois de ter dito não, nunca procurei saber de nada, de novo estava sem saber de nada [!], eu poderia pelo menos ter ido lá conversar... À mesma pessoa que fez o convite eu disse: "não, olhe, eu agradeço". Então, pela segunda vez, agradeci. (risos)

Marcelo: Entendi... Dona Neta, agora me veio uma coisa [dúvida]: quando a senhora veio para Natal, como foi que a senhora conseguiu ensinar na escola?

Neta: É porque é o seguinte... Quando a gente fez o vestibular pra estudar no campus avançado de Caicó, ao se aproximar o final do ano, surgiram as conversas de que o curso de Administração e de Direito não teriam condições de continuar em Caicó, teriam que vir pra Natal. Quem quisesse continuar fazendo Administração ou Direito, teria que vir pra Natal. Aí, eu vi essa minha grande chance de sair de Caicó. Meu marido disse logo que não vinha, não sei o quê lá e tal. Sim! E quem ficasse em Caicó trocasse de curso. Eu podia ter trocado pra pedagogia, mas a essas alturas eu queria vir pra Natal. Aí, como eu queria vir, eu procurei [saber] de que maneira eu poderia vir pra Natal. Aí, era através da transferência, da permissão pra gente continuar aqui, só simplesmente fazer a matrícula e pronto, não tinha problema nenhum, não tinha burocracia nenhuma, e a gente vinha pra cá. Só que, com oito filhos, tinha que tomar uma decisão e eu tomei a decisão: vim pra cá numa reunião de professores de escolas de segundo grau, eu era diretora do curso pedagógico, então, aproveitei e telefonei pra casa dizendo que precisava passar mais um dia aqui e esse mais um dia foi pra arranjar a transferência. Então, consegui achar colégios pra onde ia, colégio particular, andei feito uma louca, passei em vez de um, dois dias e consegui tudo. Quando voltei pra Caicó, eu disse: "a gente vai!"... E a gente conseguiu morar nas residências universitárias, eu na feminina e meu marido na masculina e os filhos ficaram em Caicó com mamãe [até nos organizarmos].

Marcelo: Entendi, Dona Neta, que legal. Aí, no caso, as escolas pra ensinar aqui a senhora foi batendo na porte...[?]

Neta: Fui batendo na porta! Eu era professora em Caicó no Educandário Santa Terezinha, o Educandário Nossa Senhora das Neves também das freiras, eu conhecia algumas, aí, eu fui lá. Minhas informações eles tinham lá do Santa Terezinha. Aí, eu fui ensinar a mesma coisa que

eu ensinava no Santa Terezinha: matemática e ciências – sim, que aí eu me tornei professora de ciências também.

Marcelo: Sim... Professora, [...] e como era a formação dos professores no Rio Grande do Norte, no caso, mais especificamente aqui em Natal? A senhora conseguiu vir, ela [a escola] já tinha um contato da senhora e tudo, mas aqui já tinham muitos professores com formação, ou também não?

Neta: Não, ainda tinha... Nas escolas onde eu lecionei, nem todos tinham formação completa. Tinha muita gente que vinha de um curso pedagógico, ensinando o ginasial. Ensinando o curso ginasial, tendo o curso pedagógico.

Marcelo: Umhum... Entendi. Ah, isso também nas escolas estaduais?

Neta: Nas escolas estaduais.

Marcelo: Certo... Então, a formação nesse período, realmente, era mais esses cursos... [?]

Neta: Ainda existia a carência de professores devidamente preparados e formados.

Marcelo: Sim... Isso, já na década de 1970 e aqui em Natal também, né?

Neta: Já, já na década de 1970. Nas escolas onde eu ensinei, nem todos tinham formação completa. Tinham feito o curso ginasial e o pedagógico.

Marcelo: Sim, certo. Professora, e a formação no Rio Grande do Norte e as distintas regiões do estado? A senhora poderia me falar um pouquinho sobre isso?

Neta: Eu não tenho condição de lhe explicar. Não tenho porque eu trabalhava muito, eram três expedientes. Eu não tinha, assim, muito contato, de saber como é que a coisa funcionava fora, eu não tinha...

Marcelo: Mas, assim, pelos cursos que a senhora participou...

Neta: Agora... os cursos que eu participei, o que eu observei daqueles meus colegas que vinham das diversas regiões do estado pra fazer o curso, é que havia gente de um conhecimento muito pequeno! Tá entendendo? Eu dizia: "meu Deus, como é que funciona essa escola? Se essa pessoa ensina ginásio e científico e é desse jeito?". Fazia umas perguntas tão inocentes durante a hora da aula, quando o professor estava expondo um assunto de conteúdo – por que assunto pedagógico, não, eu também estava aprendendo, porque eu não tinha formação pedagógica. Aí, eu conversava com meu marido quando chegava: "João, pelo amor de Deus, naquela cidade, aquele pessoal, você viu as perguntas que fizeram a Faustino? As perguntas que fizeram a Fernando[46]?" – um ensinava a didática, o outro o conteúdo propriamente dito. Aí, eu dizia: "você viu as perguntas que fizeram?"; aí, ele disse: "eu não

[46] Fernando Melo, professor de Matemática.

entendo como ele é professor de científico naquela cidade com esse conhecimento que aqui não tem nem pra acompanhar uma aula normal". Então, dessa vivência, com esses, que vinham para aqueles cursos, dava pra perceber... A gente sentia, eu e meu esposo, a gente ficava pensando como seria a formação lá, desses alunos, se o professor não tinha esse conhecimento. Apresentava completamente ignorância daquele conhecimento que era dado pelo professor. Mas eu prefiro não falar mais, certo?

Marcelo: Ah, tudo bem, claro! Então, em relação à formação do professor, pelo menos falando da região de Caicó, a única possibilidade eram esses cursos oferecidos aqui em Natal... Lá na região mesmo não aconteciam? tá certo... Professora, e como era o cotidiano das escolas durante o exercício do magistério da senhora? Mudou ou ... [?]

Neta: Olhe, minha vida foi de correria... Certa vez nesses cursos de formação eu vi a expressão professor taxi, porque ficava correndo de uma escola pra outra. Eu vivi essa experiência de professor taxi. De manhã eu ensinava no Educandário Santa Terezinha, a primeira e a segunda aulas, no intervalo, no recreio, eu corria para o colégio Diocesano pra dar a terceira e a quarta aulas. À tarde eu ia para o Instituto de Educação, comecei ensinando o pedagógico, depois terminei sendo diretora – lá ensinando matemática. Aí, de lá eu saia, vinha pra casa – no intervalo é que eu vinha almoçar, depois é que vinha jantar – e saia para o colégio Diocesano. Lá, funcionava o ginásio, o curso ginasial, funcionava o curso técnico de contabilidade, e funcionava o científico. Tá entendendo? Então, era correndo realmente, em toda a direção... Era muito difícil. O cotidiano da gente era muito difícil. Não era só pra mim... por opção tinha três expedientes, mas os outros tinham dois!

Marcelo: Por conta da questão de necessidade...

Neta: Necessidade de professor! [O] Que obrigava a gente a se sobrecarregar. E como a gente tinha a possibilidade de assumir, ia pegando mais aulas pela necessidade de ter mais dinheiro. Porque, afinal, a situação financeira exigia que a gente faturasse um pouco mais.

Marcelo: Sim, sim... Professora, e como era o cotidiano das escolas, o dia a dia das escolas? Tinha mudado muito em relação ao período em que a senhora estudou? Não...? Tirando algumas modificações em relação, por exemplo, a bandeira, essas coisas que a senhora disse que tinha...

Neta: Não! Não... Mudou não... Em relação a mudança de currículo, né? Das disciplinas: introdução de novas disciplinas, retirada de outras. Nomenclatura dos cursos: o que era ginasial... o que era primário, não é mais; o que era ginasial agora juntou com o primário, de primeira a quarta e os quatro de ginásio, é o primeiro grau. Aí, diziam: "imagine, se com nove

anos o aluno saia sem saber de tudo, e agora com oito, como é que vai ser?", porque ficou reduzido a oito anos com aquela... pra mim foi a grande, a primeira grande mudança que eu vivi, porque era [professora] de quinta série, deixei de ensinar na quinta, passei a ensinar só primeiro e segundo curso doméstico no Santa Terezinha. Mas, em compensação, na escola havia aquela rotina... À noite tinha um transporte que vinha buscar e vinha deixar, pra facilitar durante a noite, mas durante o dia a gente que se locomovia só e: aula, recreio, aula, pra casa; aí, segundo turno: aula, recreio, aula, pra casa; à noite: aula, recreio... tá entendendo? Era uma rotina mesmo que a gente seguia, não tinha mesmo como fugir daquilo. Os processos de avaliação foram mudando. Foram mudando, aí, a gente não tinha mais as provas escritas, no meio do ano, não tinha mais a prova final oral, não tinha mais a prova de segunda época, segunda chamada – que era no final de janeiro. Então, a rotina foi mudada nesse sentido, dessas pequenas mudanças... porque não eram mudanças que se faziam tanto sentir. Não existia na escola, por exemplo, merenda. Não existia merenda escolar. Merenda escolar surgiu muito depois. Então, era só aula mesmo. Professor ia, dava a aula, no intervalo vinha para a salinha, ficava ali conversando na sala dos professores, às vezes alguém tinha um suco para os professores tomarem, um negócio assim... Mas, praticamente não era... Eu não senti. Até 1974, [que] foi enquanto eu vivi lá.

Marcelo: Umhum... Certo. E aqui em Natal? Mais ou menos do mesmo jeito... [?]

Neta: A mesma coisa... Agora, aqui diferente pra mim, porque eu só ficava um pedaço em cada escola e corria pra outra... e tudo muito distante! Não dava nem pra viver, pra saber como era o cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Neves, não dava pra saber como era o Instituto Montessori, porque eu passava duas horas em cada escola e só!

Marcelo: tá certo... E a correria talvez foi até maior nesse período, né?

Neta: Foi! Foi. Corri mais até pela distância.

Marcelo: Sim, certo. Professora... Eu lembrei de uma coisa que a senhora falou: teve um período que o Governo do Estado só pagava no início ou no final do ano?

Neta: Foi! No tempo do governador Aluísio Alves, umas reformas, assim, no quadro do magistério, de tudo, pra concurso, aí tinha: tabela de mensalista, tabela de não sei o quê, tá entendendo? Então, a gente iniciava o ano, mandava toda a documentação – precisava de um procurador aqui em Natal, senão, a gente tinha que vir aqui pra Natal pra fazer isso, mandava a documentação pra ele, com a procuração –, a gente era inscrito na Secretaria de Educação. Aí, ia implantar seu cadastro e a burocracia levava um ano. Chegava dezembro... feliz de

quem recebia em dezembro! Eu acho que durante três anos, só em um ano eu recebi em dezembro, nos outros eu recebi em janeiro. [...] Passava o ano todo sem receber um centavo.

Marcelo: E todo ano tinha que fazer esse negócio, mandar a documentação? Aí, demorava o ano todinho...

Neta: Tudo de novo! Tudo de novo. Aí, no final do ano, empenhar processo pelo valor total do que você fez, pelas aulas que você deu... [...]

Marcelo: Isso durou quantos anos, professora?

Neta: Pra mim, durou três anos essa agonia... Até que, com o concurso feito, contratação efetiva... Aí, desapareceu. Eu demorei a receber mais de seis meses, mas a partir daí nunca mais.

Marcelo: Certo... Professora, como foi pra senhora o exercício do magistério?

Neta: [...] Olha! Foi simplesmente maravilhoso! Foi ótimo. Foi uma experiência linda que eu vivi. Eu que tive raiva por não ter vindo fazer o científico aqui, e meu tio disse a minha mãe: "que invenção é essa de você levar Neta pra Natal"... A diretora do colégio já tinha falado com o representante do MEC aqui em Natal, já tinha conseguido a transferência da minha bolsa pra Natal, no ano de 1960 a minha bolsa já estaria transferida para Natal, porque eu ia para o Colégio Nossa Senhora das Neves, ia ser interna lá... E a bolsa custeava tudo do internato, se eu precisasse, assim, de material, de farda, tudo, a bolsa era completa! Dava toda a formação. Era só mostrar que o aluno não tinha condições financeiras para atender às necessidades da escola, a bolsa vinha e complementava tudo. Então, minha mãe não ia gastar absolutamente nada, nem com enxoval pra mim, porque a bolsa daria, cobriria. Mas meu tio, porque eu não tinha pai, disse a mamãe que era invenção minha de querer vir estudar aqui, e que ela tinha era que me botar pra fazer o curso pedagógico pra eu ser professora, pra começar a ganhar dinheiro pra ajudar a ela. [...] Aí, eu fiquei lá. Eu com raiva, disse que não faria o curso pedagógico, porque eu jamais seria professora de filho de ninguém (risos). Só que Deus estava preparando outro caminho pra mim. Deus tinha outra coisa, tinha outros planos pra mim, esse eram os meus, não eram os dEle... E eu dou graças todos os dias por isso: "obrigado senhor porque não foi do jeito que eu pedi, mas saiu melhor". Saiu melhor. Foi muito bom, foi muito bom ensinar. Olha, quando eu me aposentei como professora do Estado, na outra semana eu já estava arrependida. Se eu pudesse, eu tinha desmanchado aquele processo. Porque eu fiquei sem contato com os meus alunos.

Marcelo: Ah, meu Deus! Tá certo... Professora, e como foi pra senhora esse movimento de viajar durante o período que estava ensinando, procurar formação?

Neta: Isso não me cansava. Eu tinha filhos pequenos, não me preocupava, deixava em Caicó com minha mãe e uma empregada, às vezes tinha duas – deixava duas pra minha mãe não ter tanto trabalho, duas pessoas. Enquanto eles foram pequenos, naquela época, tinham sempre duas pessoas na minha casa, e minha mãe vivia lá. Foi de um jeito que terminou saindo da casa dela pra minha, porque vivia mais na minha do que na dela (risos).

Marcelo: Sim, certo... Mas, aí, tinha que ter esse movimento, viajar e...

Neta: Tinha! Tinha que ter. Precisava e eu sentia a necessidade. Então, adorava quando havia um curso de formação, porque era aquilo que a gente precisava. Tinha que viajar, eu não fazia questão nenhuma. Morria de enjoar daqui pra lá e de lá pra cá, chegava muito mal, passava dois dias doentes de tanto que eu enjoava. Mas isso pra mim não era nada, comparando com o que eu tinha adquirido aqui de conhecimento, na formação.

Marcelo: Professora, e quanto tempo vocês ficaram morando nas residências universitárias?

Neta: Nas residências universitárias a gente passou só três meses... Dois meses e meio, três meses. A gente não passou até julho – porque eu só trouxe meus filhos em julho. Eu vim pra cá em fevereiro, onze de fevereiro, e dezenove de julho é que eu fui buscar nossos filhos. Quando a gente estava aqui na residência, uma sobrinha do meu marido, uma menina maravilhosa, ela e o esposo, a gente um dia fazendo uma visita a eles, aí, ela disse: "eu não acredito, vocês não vão morar lá não, venham morar na minha casa, eu só tenho um filhinho e a casa grande, três quartos, aí o terceiro quarto desocupado, vocês vêm pra cá...". Aí, a gente foi pra lá, passou só dois meses e meio na residência universitária. Passamos fevereiro, março, abril, não, a gente foi em maio pra casa dela, [em] julho fui buscar os meninos. Alugamos casa e trouxemos a turma. João ficou aqui arrumando nossa casa, feira e tudo, pra colocar nossos filhos quando chegasse e eu fui buscá-los.

Marcelo: Mas essa experiência foi bem diferente, não é, dona Neta?

Neta: Foi. Porque eu ia pra Caicó a cada quinze dias pra visitá-los. A gente alternava, eu ia num sábado, ele ia no outro. Só que muitas vezes eu estava em Caicó, eu chegava lá de noite, ele chegava no domingo de manhã (risos). Ele fazia: "não, não deu certo eu ficar lá só, eu vim ver os meninos também" (risos).

Marcelo: Dona Neta e transporte nesse período era fácil encontrar? Assim, pra ir pra Caicó, ligar Caicó a Natal?

Neta: Era ônibus. Pagando disciplina de férias, eu saía da universidade de onze e meia, pegava, ia de ônibus pra rodoviária, da rodoviária pegava um ônibus pra Caicó, chegava lá de noite, no sábado. Voltava no domingo. À noite eu estava aqui.

Marcelo: Certo... Dona Neta, e Caicó no início do magistério? Que a senhora falou um pouquinho da cidade na infância e juventude, e no início do magistério, a senhora acha que mudou muita coisa na cidade...

Neta: Mudou porque foi o seguinte: padre Galvão resolveu fundar em Caicó uma escola Normal, em nível de ginásio. Então, tinha... chamavam "a escola de padre Galvão", era o curso normal, Escola Normal de Caicó, do Estado. Ele conseguiu esse curso pra lá e os professores eram do Estado e tudo mais, então, funcionava o curso normal. Depois, com a fundação do Instituto de Educação, foi criado lá o pedagógico que dava continuidade exatamente àquele curso normal. E mudou, porque, foi aí quando começaram as professoras, mesmo aquelas escolas isoladas dos sítios e tudo, começaram a vir pra Caicó pra ter uma formação. Quem tinha feito o ginásio, fez o normal; quando chegou o pedagógico, fizeram o curso pedagógico... Aí, foram se preparando. Então, se não haviam professores formados na universidade para ensinar no segundo grau, pelo menos esse pessoal que já tinha recebido uma formação pedagógica, a nível de segundo grau, já ficou melhor preparado para as disciplinas... história, geografia, ciências, que foram sendo ensinadas.

Marcelo: Sim, sim... e a cidade, professora, ela mudou muito da... [?]

Neta: Não, eu não digo que mudou porque os costumes permaneceram... Mas, pelo menos as pessoas que tinham acesso [a uma formação], que era menor quantidade, passaram a ser maior, tá entendendo? Porque tinha aquelas pessoas que se formaram por aqui, que foram pra lá e que ficaram morando lá. Que eram as pessoas de letras da cidade. Os médicos, doutores, advogados, não sei o quê lá, farmacêuticos, dentistas...

Marcelo: Certo... Professora, e o Rio Grande do Norte no início do magistério? O estado, como era assim, que a senhora tem conhecimento?

Neta: Eu prefiro, eu não, não... Não, não quero fazer...

Marcelo: Não! Mas eu digo, assim, o estado em relação, por exemplo, ao país, era um, tinha... A questão da situação financeira...[?]

Neta: Olhe, deixe eu dizer... O estado não era um estado rico, tá entendendo? Mas, foi um estado que sempre teve grandes homens, grandes líderes, pessoas que mesmo sem formação universitária brilharam no cenário nacional. Em Caicó, a gente teve o padre Guerra[47] que foi senador na República, que nomeou professores, como eu já falei no início, o primeiro

[47] Francisco de Brito Guerra, nascido em 18 de abril de1777, foi sacerdote católico, tendo sido expressivamente importante na política provincial e imperial. Assumiu, em 1801, por ordem do Seminário de Olinda, a freguesia da Nossa Senhora Santa Ana do Seridó, da Vila do Príncipe, atual cidade de Caicó. Foi deputado geral entre 1831 a 1833 e senador vitalício do império a partir de 1837. É uma eminente figura na história regional de Caicó, tendo desenvolvido importantes tarefas nas áreas religiosa, educacional e política.

professor de latim que foi nomeado e tinha a escola de Padre Guerra, lá – que hoje é a Casa da Cultura em Caicó, o prédio. Então, o Rio Grande do Norte teve sempre pessoas de destaque na política nacional. Por exemplo, o senador Dinarte Mariz[48] ele fez o curso primário e ele dizia que era formado na universidade do mundo, tinha um conhecimento incrível e foi um grande líder no estado, sem uma formação universitária. Então, as pessoas procuravam conhecimento mesmo no contato com outras pessoas que eram cultas e na leitura. Então, iam adquirindo conhecimento, cultura... Aí, é onde cabe um ditado popular que diz assim: "acompanha-te dos bons, que serás um deles... Acompanha-te dos maus que serás pior que eles". Então, se ele procura uma boa companhia, um bom ambiente... Então, era um povo todo de muita formação, de boa cultura. A minha avó costumava dizer: "olha, o seu avô era um homem de sítio, mas um homem que sabia o que era bom. Ele viajava pra Recife pra comprar as novidades". Na casa da minha avó não faltavam compotas, esses doces de figo, doces de não sei o quê lá, as ameixas em caldas... porque vovô viajava, ia de burro até Campina, de Campina pegava o trem pra Recife, de Recife fazia as compras e voltava. O pessoal procurava o que era bom que existia fora. Então, no seridó sempre foi assim e isso nota-se no Rio Grande Norte.

Marcelo: Certo, professora! E pra senhora, como foi o magistério em Caicó, em Natal? Resumindo: o magistério no Rio Grande do Norte. Como foi pra senhora ensinar aqui no estado?

Neta: Eu não senti dificuldades, tá entendendo? Talvez eu sempre tenha sido muito ousada. Me disseram certa vez que eu era orgulhosa [...], porque eu era... dizia: "você é muito orgulhosa!"; eu dizia comigo: "não, eu não sou orgulhosa. Eu procuro fazer bem, aquilo que eu me proponho a fazer e dou tudo de mim. E quem não estiver fazendo tão bem quanto eu, estou pronta pra reclamar e pra mostrar onde é que tá o erro, pra ver se melhora. Então, não sei se isso é orgulho"; aí, disse: "não, é porque ninguém manda em você!"; eu disse: "não, não é ninguém mandar. É porque para a pessoa me dar ordens, ela precisa saber tanto quanto eu ou mais! Pra me fazer mudar tem que saber mais do que eu. Tenha uma boa justificativa". Eu não vejo isso como orgulho, vejo como convicção do seu conhecimento. Você é convicto daquilo que você sabe e você defende os seus princípios. Você vai até o fim da necessidade de defender aquilo que você se propôs a fazer. Então, no magistério eu senti isso e tive contato com isso e não me dei mal com os meus colegas. Me dei bem e a gente sempre comungou dessa coisa de fazer o melhor.

[48] Dinarte de Medeiros Mariz foi um político Brasileiro, tendo assumido os cargos de prefeito de Caicó (1930-1932), senador (1955-1956; 1963-1984) e governador do Rio Grande do Norte (1956-1961).

Marcelo: Sim, certo! Professora, pra senhora, como está Caicó hoje? No caso, como esta Caicó no contexto atual?

Neta: Olha, eu fiquei em Caicó até 2007. No dia primeiro de fevereiro de 2007 eu passei a direção da escola que havíamos fundado, para a pessoa que eu já tinha escolhido pra ser meu vice diretor – fazia um ano que ele era meu vice diretor, pra poder aprender como era que as coisas deveriam mais ou menos caminhar, ele está dando conta melhor do que eu imaginava. Então, o que eu vejo, é que ainda muita coisa na cidade podia ser mudada, mas o povo ainda é muito ligado a picuinhas, a coisas pequenas. Já era pra ter aumentado, ter avançado um pouco mais culturalmente, tá entendendo? Mas eu sei que a coisa caminha lento, em passos curtos, e as coisas vão acontecendo devagar. Porque hoje, Caicó já não tem só cursos ditados, uma extensão, que tem chegado lá à distância... Lá já tem a UERN[49] e já tem UFRN. Primeiro foi a UFRN, depois a UERN, e agora até o curso de medicina da UFRN. Então, isso precisa que as pessoas compreendam o quanto cresceu a cidade em forma educacional, não é? Fazendo jus àquele conceito maior... Quando Jarbas Passarinho[50] foi ministro da educação, que agora me falha a memória o ano, quando falou sobre o maior índice de estudantes e de média, tudo, foi Caicó o exemplo que ele deu. Por quê? Não era que os estudantes fossem todos de Caicó. Era o pólo que eu falei, Caicó era o pólo. Então, aquelas cidades vizinhas todas convergiam, estudavam em Caicó; já não tinha ginásio, fazia o ginásio lá; o pai que podia, preferia pagar em Caicó, aí, vinha pros colégios particulares de Caicó, e faziam também o científico. Então, imagine todas essas cidades, somando aluno de ginásio e científico dentro de Caicó. Só podia ser muito alto o percentual de estudantes em relação à população, era muito alto. Hoje, já tá acontecendo... assim, digamos que seja um retorno... Embora a escola pública tenha acabado, tenham fechado escolas públicas[51]. E é uma coisa que me dá muito desgosto é ver que o prédio onde foi criado o Centro Educacional José Augusto, podendo ser hoje a universidade, UERN... Aí, colocaram a universidade para funcionar lá no CAIC[52], sem nenhuma condição de nada, gastaram absurdos para dar o mínimo de estrutura. Aí, quando é hoje, reconhecendo que lá não tem condições de continuar pela amplidão de cursos implantados... Olha, me dá uma tristeza ver a que chega a mentalidade de nosso povo... É sem visão! Tem horas que eu

[49] A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) tem um campus avançado em Caicó.

[50] Jarbas Gonçalves Passarinho é militar e político. Ocupou as funções de governador (1964-1966) e senador (1967-1983 e 1987-1995) pelo estado do Pará. Foi ainda ministro do trabalho e da previdência social (1967-1969 e 1981-1983), ministro da educação (1969-1974) e ministro da justiça (1990-1992). Vale ressaltar que a promulgação da segunda LDB, a Lei 5.692/71, é promulgada no período em que ele ocupava a função de ministro da educação.

[51] Três escolas, em Caicó, iniciaram o ano de 2014 desativadas: a Escola Estadual Joaquim Apolinar, a Escola Estadual Manoel Fernandes Jorge e a Escola Estadual Iracema Bezerra Trindade.

[52] Centro de Atenção Integrada à Criança Senador Dinarte Mariz (CAIC).

digo: “parece que tem horas que não enxerga um palmo à frente do nariz, não vê que cresceu, que a comunidade estudantil precisa de algo mais, isso é cultura pra cidade, isso é crescimento”. Mas é uma regressão meu filho, que é uma loucura. Eu fico triste quando eu vejo uma coisa dessa. Quando eu soube, fechando duas escolas do Estado porque o ensino caiu tanto que não sobrevive mais... Eu tinha aluno no colégio, lá no CEIS, filhos de lavadeiras! Ganhando por lavagem de roupa, pagava em dia a escola, pra proporcionar a sua filha escola melhor, porque escola pública não dava o que a sua filha precisava! Aí, eles fecham as escolas e deixam um prédio imenso sem utilização! Se acabar com o tempo, porque a manutenção é cara, podendo lá ser uma universidade. Eu fico triste quando vejo as atitudes do povo de Caicó, dos meus irmãos caicoenses. E tenho pena por não existir uma liderança em Caicó que tenha visão, que tenha capacidade de discernir e convocar pessoas a terem atitudes mais racionais. Mas... infelizmente alguém já disse que o povo tem o governo que merece. Mas eu não acredito que o povo de Caicó merecesse isso, eu acho que o povo de Caicó merecia algo mais. A prova tanto é que eles têm se esforçado em ter levado os cursos pra lá, e o número de alunos cresce, o número de cursos cresce, precisa apenas que a mentalidade das pessoas de Caicó também cresça, porque continua a mesma. [...] Ou quase a mesma. Se eu estivesse dizendo isso numa rádio, ainda bem que é pra você, eu já estaria sendo, o quê meu Deus? Eu juro a você que eu tenho vontade de chegar lá e falar, dar um depoimento... Juro a você que eu tenho vontade! Mas aí vão dizer assim: “o que é que essa gagá ainda tá aqui falando? (risos) Que autoridade essa criatura tem pra falar de uma coisa dessas?”

Marcelo: tá certo... Professora, pra senhora, o Rio Grande do Norte hoje? [...] Como é que a senhora falaria, ou veria, o estado hoje?

Neta: [...] Olha... Eu vejo com certo desgosto. [...] Porque a política tá se aproximando, o período das eleições tá se aproximando, e eu não vejo uma liderança capaz de ser um governador pra fazer funcionar uma democracia, um governador pra fazer funcionar a educação, a saúde... porque ao longo do tempo, os bons gestores foram desaparecendo. Gestores no sentido de honestidade, porque tem muito gestor aí... de uma incompetência [!], e onde a corrupção vai na frente. É um toma lá da cá. Toma lá, dê cá o tempo inteiro. Então, eu fico triste quando eu vejo isso. Eu disse: “olha, eu –comento toda vida – ainda bem que setenta e um anos, eu não estou obrigada a votar, porque saber que eu tenho que escolher dos piores, entre os ruins [!], o que tem um percentualzinho a menos de ruindade do que os

outros". [...] Eu vou escolher o que é menos ruim, o melhor entre os piores... [...] ou o melhor dos piores. É um contra censo.

Marcelo: É verdade... Professora, pra senhora, o ensino de matemática hoje?

Neta: Eu confesso que são sete anos que eu deixei o colégio, eu não estou sabendo. Eu não tenho condições de fazer qualquer comentário, até porque, nem aluno particular de matemática apareceu pra mim (risos). Algumas vezes que eu precisei ver com meu neto, que aparece aqui: "vovó, eu quero tirar uma dúvida hoje" – ele faz o nono ano. Aí, eu: "meu filho, isso, seu professor..."; "não, vovó, é porque, assim, ele deu isso aqui, vai no terceiro capítulo, né? Mas ele disse que era bom, agora, dar esse aqui, vai lá no final, aí alterou"; eu disse: "meu filho, mas é porque pra dar esse aqui, precisava desse conhecimento que estava logo depois desse"; "não, vovó, mas ele disse que era melhor...". Aí, eu fiquei [pensando]: "eu desconfio que esse camarada não sabe esse aqui do meio, aí, passou direto pra..." (risos).

Marcelo: Ah, meu Deus... Pois tá bom, professora! Professora, pra finalizar, eu queria pedir pra senhora fazer algumas considerações. O que a senhora quiser, fique a vontade pra complementar alguma coisa, falar alguma coisa que a senhora acha que eu não dei oportunidade... Pode ficar a vontade!

Neta: Olhe, você foi muito bom. Eu desejo que você seja muito feliz na apresentação do seu trabalho. Muito interessante. Mas, olhe, realmente eu me apaixonei, eu amo matemática, mas como professora de matemática, eu dizia muito: "eu não sei como é que uma professora de matemática não tem facilidade de gravar números, de gravar datas, de gravar não sei o quê"... Mas eu fico feliz, sim, porque pra falar sobre educação, eu fico feliz, eu me disponho. Porque educação pra mim tem um sentido muito especial, sabe? Você não pode imaginar um ser humano que não passou pelo processo educacional, não é assim? Porque a educação não é só a formal, a da escola, mas é toda a sua vida. Não é porque eu estou com setenta e um anos e fora de uma escola seriada que eu não estou me educando. Porque a cada dia a gente está aprendendo, é um constante renovar-se. Então, falar de educação é muito gostoso, é muito prazeroso. Falar das minhas conquistas também, falar das minhas experiências... Às vezes a gente pensa assim: "mas só falou coisa boa?". Sabe por quê? Eu procuro me deter no que é bom [!], porque, essa coisa de pólos diferentes se atrair é na física. É na física. No dia a dia, energia positiva atrai energia positiva e a negativa atrai negativa. Positiva não vai atrair nunca a negativa. Só na física é que os pólos tem que ser contrários pra se atraírem, aí, é aquele choque, mas... (risos). Então, o que é que a gente precisa ver? É que o crescimento do homem é físico, mas é também intelectual e é espiritual! Eu acho que a gente, na escola mais antiga,

havia também essa preocupação, porque a vida da gente, como não tinha outras opções, a gente poderia se voltar mais pra igreja, pra religião, não é? A gente se voltava muito pra o ser humano, pra formação dele como pessoa, a gente se formava, formava quem se aproximava da gente. Hoje a gente não tem tempo, não é? Feliz de quem procura a sua própria formação, de quem lê muito pra se instruir. [...]Não é? Feliz de quem dedica um pouquinho do seu tempo pra isso. Porque é todo mundo: "não tenho tempo, não tenho tempo". Mas esse jargão já se tornou lugar comum: não tenho tempo! E assim vai... E assim caminha a humanidade (risos). Embora eu ame, continue amando a educação, quando eu vejo um professor dedicado eu fico feliz demais [!] e incentivo! Quando vejo uma pessoa dizendo que vai voltar a estudar, não importa a idade que a pessoa tenha, eu dou a maior força [!]: "vai lá, volta a estudar, faça isso, é bom!". Eu só não volto a estudar porque eu não tenho coragem de fazer um ENEM (risos). Se eu tivesse coragem de fazer o ENEM, meu filho, meu curso de medicina ia sair agora! Eu digo: "hoje eu não tenho mais condições de fazer nem uma prova de português no ENEM". A mente começa a ficar cansada, a gente não tem mais aquela mesma capacidade de interpretação de antes. Não tento porque eu não quero que os outros se decepcionem comigo, porque eu já sei o quê eu sei (risos). Eu já sei o quê eu sei, já sei do que sou capaz, já sei que estou com a mente cansada, não vou, não vou me meter, não é? Mas, para que os outros não se decepcionem comigo: "o quê? Dona Neta não passou? Eu que acreditava que ela sabia de tudo?". Deixe o povo enganado pensando que eu sei (risos).

Marcelo: Tá bom, então, professora! Dona Neta, mais uma vez eu vou agradecer muito à senhora pela disponibilidade, pela entrevista que foi muito boa mesmo! Com certeza vai me ajudar muito!

Neta: Eu espero que lhe ajude, meu filho.

Entrevista com a professora Neta

Duração da Gravação: 02h 51min 03s

Local: Residência da colaboradora (Natal)

Data da entrevista: 23/07/2014

Professor Benedito



Marcelo: Professor, vou começar pedindo para o senhor fazer uma apresentação pessoal.

Benedito: Meu nome é Benedito Tadeu Vasconcelos Freire. Hoje sou Professor aposentado. A minha formação é toda na área de Matemática. Conclui o Bacharelado em Matemática e posteriormente fiz o Mestrado, na área de Álgebra na Universidade Federal do Ceará. Fiz concurso em 1972 para professor do Departamento de Matemática da UFRN. Depois, passei um período no Rio de Janeiro, no IMPA - Instituto de Matemática Pura e Aplicada, onde cursei todas as disciplinas a nível de Doutorado, não conclui a tese. Na UFRN[1], ministrei todas as disciplinas de matemática do Curso de Graduação em Matemática, tanto para alunos de Licenciatura como do Bacharelado, excluindo as da área de educação porque elas não fazem parte da relação das disciplinas do Departamento. Posteriormente, coordenei durante dezoito anos a Olimpíada Brasileira de Matemática no Estado do Rio Grande do Norte. Também coordenei a Olimpíada de Matemática das Escolas Públicas durante dois anos.

[1] Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Exerci, ainda funções administrativas, como Coordenador do Curso de Matemática, Chefe do Departamento de Matemática, Diretor do Centro de Ciências Exatas e da Terra, Pró-reitor de Planejamento, Presidente da Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura – FUNPEC, da UFRN, e Chefe de Gabinete do Reitor.

Marcelo: Certo... O senhor é natural daqui do Rio Grande do Norte mesmo?

Benedito: Não, sou natural do Ceará.

Marcelo: Ah, o senhor é do Ceará. Fortaleza[2] mesmo?

Benedito: Não... Da cidade de São Benedito[3]. Vim para o Rio Grande do Norte há cerca de quarenta e cinco anos.

Marcelo: O senhor nasceu em que ano professor?

Benedito: 1947.

Marcelo: Certo. Professor, o senhor poderia falar um pouco da família?

Benedito: Sou casado com minha esposa Maria Socorro há quarenta e três anos e temos três filhos. Ela é Bióloga. Nossa filha mais velha, Patrícia, é Engenheira Química, tem Mestrado e é funcionária concursada da PETROBRAS; o segundo, Leonardo, é formado em Ciência da Computação e trabalha numa empresa de computação em Florianópolis; o mais novo, André, Engenheiro Eletricista, pela UFRN, formado também em Automação Industrial pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, em Natal, e concluiu Especialização em Segurança do Trabalho na UFRN. Atualmente, ele trabalha numa empresa no Rio de Janeiro. Os três falam algumas línguas (Inglês, Espanhol, Francês). Temos quatro netos e aguardando a chegada de um quinto.

Marcelo: Certo! Professor, e dos pais do senhor?

Benedito: Meus pais nasceram no interior do Ceará. Meu pai era servidor público, da Receita Federal. Ele trabalhava em São Benedito. Quando se aposentou em 1958, fomos morar em Fortaleza para dar continuidade aos estudos, porque no interior não tinha faculdade. Eu sempre estudei em escolas publicas. Naquela época, as escolas públicas eram de ótima qualidade. Os melhores professores de matemática, português, história e geografia pertenciam às escolas públicas. No último ano do Científico, hoje Ensino Médio, como eu já tinha um irmão formado em medicina e que vivia bem, ele pagou os meus estudos no Colégio Cearense do Sagrado Coração-Marista, em 1966. Em 1970, conclui o Curso de Matemática-Bacharelado, na Universidade Federal do Ceará. Naquela época não havia muito interesse dos

[2] Fortaleza, capital do estado da Ceará, está localizada a, aproximadamente, 530 km de Natal e 435 km de Caicó.
[3] São Benedito, município localizado no interior do estado do Ceará. Situada na mesorregião do Noroeste Cearense, microrregião de Ibiapaba, localiza-se a, aproximadamente, 320 km de Fortaleza e 468 km de Natal.

alunos em fazer Licenciatura. Em 1972, fiz concurso para o Departamento de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em 1975, conclui o Mestrado em Matemática na Universidade Federal do Ceará. Em 1977, passei um período no IMPA onde fui fazer o Doutorado. Sempre me mantive no Departamento de Matemática da UFRN ministrando disciplinas básicas para alunos das áreas de Ciências Exatas e Tecnológicas, bem como cursos de aperfeiçoamento para os professores de matemática da rede oficial de ensino do Estado. Ao longo desses quarenta e um anos que fui professor no Departamento de Matemática, sempre tive a preocupação em contribuir para a melhoria do nível dos professores de matemática. Com a criação da Semana da Matemática pelo Departamento de Matemática, colaborei ministrando cursos, dando palestras e participando das diversas atividades voltadas para professores de matemática, inclusive com convidados de outras Universidades e do IMPA.

Marcelo: Tá certo, professor... O senhor falou que tinha outro irmão, ou era só o senhor... [?]

Benedito: Não, eu tenho muitos irmãos. Meu pai foi casado duas vezes, ficou viúvo e casou novamente. Somos quatorze irmãos, sendo seis homens e oito mulheres. Dois são professores de matemática, outros são: médico, dentista, agrônomo, fisioterapeuta, pedagogas e do lar. Tenho também dois sobrinhos que concluíram o Doutorado em Matemática nos Estados Unidos.

Marcelo: Muito bom. Certo. Professor, o senhor poderia falar um pouco da infância?

Benedito: A minha infância, do nascimento até os onze anos de idade vivi em São Benedito - no interior do Ceará, onde frequentei uma única escola, na época chamava-se Ginásio Municipal[4]. Eu e meus irmãos estudávamos nessa escola. Meus pais tinham a preocupação de que as pessoas só conseguiriam progredir na vida se fosse através da educação. Meu pai gostava muito de ler e passou essa coisa boa para todos nós. Então, todos os meus irmãos homens são formados e algumas irmãs. Meu pai sempre nos incentivou para os estudos. Ele só tinha o primário porque na cidade dele só tinha escola primária, mas, ele estudou francês, latim e português e não cometia nenhum erro de português, além de ter a letra muito bonita. A distância da minha cidade natal até Fortaleza, cerca de 317 km, demorávamos para percorrê-la umas oito horas em estrada de piçarro (barro). E no tempo do meu pai, levava mais de dois dias para chegar em Fortaleza, capital. Ainda tinha que pegar um trem em Sobral[5], cidade mais desenvolvida próxima de São Benedito, para a gente chegar em Fortaleza. Era uma luta.

[4] Atualmente, Ginásio Ministro Antonio Coelho.

[5] Sobral, segundo município mais desenvolvido do estado do Ceará, atrás apenas de Fortaleza, de acordo com o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), localizado no interior do estado do Ceará. Situa-se a, aproximadamente, 88,2 km de São Benedito**,** 232 km de Fortaleza e 744 km de Natal.

Foi muito boa essa trajetória desse jeito porque nos deu mais maturidade, responsabilidade e a pessoa tem mais oportunidade de fazer reflexões da vida para valorizar. Eu acho que isso foi importante. Minha infância foi boa, saudável, com a família sempre próxima, unida, apesar do pouco recurso financeiro para criar 14 filhos. Normalmente, a gente criava os próprios brinquedos, pois não tinha essa coisa de brinquedo de plástico, nem brinquedo fabricado na China (risos). Então, era carro de madeira, de lata de doce, brincava de bila[6], biloca, carrinho de rolimã[7], castanha nos buracos[8] – por onde caía a água das chuvas e jogávamos bola. Eu jogava muito ruim, mas jogava com os outros também (risos). A vida foi assim...

Marcelo: Sim... Professor, o senhor falou que era do interior, mas era do interior... O senhor morava em sítio ou era em uma cidade?

Benedito: Morava na cidade em uma casa no centro. Meu pai era funcionário da Receita Federal em São Benedito, cuja função era de Coletor Federal. Em 1958, meu pai aposentou-se e a família toda foi para Fortaleza para que pudéssemos concluir os estudos. Nessa época, somente meu irmão mais velho era formado em Medicina – formou-se na Bahia porque, até o começo da década de cinquenta, no Ceará ainda não tinha faculdade de Medicina, nem em Pernambuco, só na Bahia e a pessoa ia de navio de Fortaleza pra Salvador. Ele foi e só voltou quando terminou a faculdade porque não tínhamos condições financeiras para ele ficar vindo e voltando. Então, ele só voltou quando concluiu o curso.

Marcelo: Certo... Professor, e a juventude do senhor?

Benedito: A minha juventude foi muito boa! Em Fortaleza. Você sabe que os melhores anos da vida da gente são aqueles que a gente passa na Universidade. Você até se esquece de alguns colegas do primário, mas dos colegas da faculdade é mais difícil, até porque você já tem uma certa maturidade. Você faz amizades que duram até o fim da vida. Minha esposa eu conheci nos tempos de Universidade. Ela fazia Ciências Biológicas e eu fui Monitor da disciplina de Cálculo I desse curso. Então, quer dizer, até isso tem, era um ambiente – como ainda é hoje – muito interessante. A gente tinha atividades múltiplas de diversão, muito estudo, seminários, jogos universitários, tertúlias, festas em Clubes, essas coisas boas da juventude.

Marcelo: Certo... Está certo! Professor, e como era o cotidiano da cidade em que o senhor cresceu?

---

[6] Trata-se da esfera de vidro usada na brincadeira de crianças, também conhecidas como bola de gude, biloca, berlinde, entre outros.

[7] Outro brinquedo popular, construído, normalmente, de forma artesanal, com madeira e rolamentos de aço.

[8] Jogo popular em que se lança castanha de caju, ou alguma semente, e tenta acertá-la e fixá-la em um buraco feito no chão a certa distância.

Benedito: Quando cheguei em Fortaleza, em 1958, a cidade não tinha uma estação de televisão. Posteriormente, inauguraram uma TV, a TV Ceará. E a TV só começava a funcionar das 18 horas em diante. Telefone, só existia o fixo e não existia o telefone celular. A maioria das pessoas andava de ônibus e eu sempre andei de ônibus ou a pé. Minha escola ficava a 15 quarteirões de minha casa. Naquela época andar a pé era seguro, você ia e voltava sem problemas. Na minha juventude a gente ia para as festas e voltava de madrugada caminhando– ninguém tinha dinheiro para pagar taxi –, mas nunca aconteceu nada com ninguém porque era seguro, sem essa violência de hoje em dia. Fortaleza é uma cidade praiana e nos domingos frequentávamos as praias, tinha futebol e todo mundo gostava de jogar ou ficar olhando. Organizavam-se festas dançantes em casas de famílias com rapazes e garotas. Alguns fumavam cigarro e gostavam de beber Rum com coca-cola. Foi uma juventude sadia.

Marcelo: Certo. Professor, e São Benedito? Como era o cotidiano da cidade?

Benedito: A minha cidade, São Benedito, tem hoje 65.178 habitantes, mas naquela época devia ter aproximadamente uns 15 mil habitantes, era bem pequena e pacata. Tinha, aos sábados, uma feira tradicional, no centro, e das redondezas vinham pessoas para comprar os seus produtos e que até hoje ainda ocorre, de forma mais ampla. Era uma cidade pequena. Praticamente, a gente vivia em torno da família, dos primos e amigos. Na cidade moravam meus pais, minha avó paterna, tios e tias. A família de minha mãe era de outra cidade, Santana do Acaraú[9]. A vida das crianças era bem tranquila, íamos a escola e muitas brincadeiras na rua. Tínhamos muitos amigos, todos se conheciam, se sabia quem era filho de quem. Aos domingos íamos a Igreja Matriz de São Benedito para a missa. Também ocorria as Festas folclóricas e religiosa, com ampla participação das famílias.

Marcelo: Está certo... Professor, como era a cidade e a educação?

Benedito: Minha cidade São Benedito tinha um Grupo Municipal, um Ginásio Municipal e tinha um Patronato. Naquela época, o Ginásio só era para os homens e o Patronato, dirigido pelas freiras católicas, só tinha mulher e não existia escola mista. Era tradição, da cultura da época. Todo mundo era preocupado em estudar. Alguns, que os pais tinham mais recursos, iam para a capital estudar. Então, a maioria dos meus colegas de infância, de famílias de classe média, foram estudar em Fortaleza; ou iam para o Seminário em Sobral, porque

[9] Santana do Acaraú**,** município do Estado do Ceará, banhado pelo Rio Acaraú, distante 123 km de São Benedito, 228 km de Fortaleza, 35 km de Sobral e 270 km de Parnaíba – Pi, tem hoje uma população estimada em 30 041 habitantes.

naquela época muita gente fazia a formação no Seminário, que o ensino era de boa qualidade. Alguns primos foram seminaristas, mas muitos não chegaram a ser padres. A gente vivia muito também em função da igreja católica. O Padre era uma autoridade com muito prestigio na cidade. Normalmente, os jovens iam à noite para a Casa Paroquial conversar com o Padre e jogar gamão, dama etc. Muitas vezes os pais iam também, ficavam conversando com o Padre, enquanto a gente brincava. Antes das 21 horas todos retornavam para suas casas porque a luz elétrica funcionava somente até 22 horas. Fatos interessantes em uma Cidade do interior.

Marcelo: Ah, muito legal... Professor, o senhor fala da igreja e tudo, isso foi mais ou menos em que período?

Benedito: Foi na década de 1950...

Marcelo: Certo... Aí, a educação da cidade ela ia até que nível? Só o primário, ou... [?]

Benedito: Até o Ginasial. O Ginasial corresponde hoje da sexta a nona série do Ensino Fundamental. Próximo a nossa ida para Fortaleza foi criado o Científico, que corresponde hoje ao Segundo Grau. Os meus irmãos mais velhos já frequentavam o científico. Em São Benedito só cursei o primário. Em Fortaleza, em 1958, fui estudar no Grupo Municipal e posteriormente no Ginásio Municipal de Fortaleza, que funcionava no Centro de Fortaleza e hoje chama-se Colégio Municipal Filgueiras Lima. Naquela época, Fortaleza era uma cidade pequena, tinha aproximadamente uns 200.000 habitantes e hoje ultrapassa 2 milhões e meio de habitantes.

Marcelo: Hoje tem muita gente... Professor, e, nesse período, o Rio Grande do Norte para o senhor?

Benedito: Os meus tataravôs vieram do Rio Grande do Norte para o Ceará. Eles eram portugueses, viveram aqui no Rio Grande do Norte e depois migraram para o Ceará. Então, desde cedo a gente tinha uma certa ligação. Minha avó paterna dizia que seus pais tinham esse sotaque do "di, di"[10] – pegaram isso aqui do Rio Grande do Norte. Meu irmão mais velho já conhecia Natal, mas eu só conheci quando vim morar e trabalhar na UFRN.

Marcelo: Sim... Nesse período, então, o senhor só ouvia falar do Rio Grande do Norte?

Benedito: Sim. Não havia necessidade e as estradas eram precárias. O Cearense tinha mais ligação com o Mossoró do que com a capital Natal, devido à distância[11]. Na década de 1970 foi asfaltada a estrada Mossoró-Fortaleza, o que melhorou bastante o intercambio. O trecho

[10] Uma das diferenças mais notáveis no sotaque dos dois estados é na pronuncia do "di" e do "ti", tendo em vista que no Rio Grande do Norte a pronúncia dessas sílabas é não palatal, como é no Ceará.

[11] A cidade de Mossoró encontra-se na região oeste do estado do Rio Grande do Norte, fazendo fronteira com o estado do Ceará. Encontra-se a, aproximadamente, 245 km de Fortaleza pela BR-304.

Mossoró-Natal era na piçarra. Nesta época, quando eu viajava de Natal-Fortaleza quando chegávamos em Mossoró a gente já se sentia no Ceará porque o trecho Mossoró-Fortaleza já era asfaltado (muito bom). Na minha época de juventude, muitos mossoroenses e de municípios vizinhos estudavam em Fortaleza no Colégio Castelo[12], que era um colégio muito famoso, dirigido pelos padres, e no Liceu do Ceará.

Marcelo: tá certo, professor. O senhor falou alguma coisa que eu tentei gravar aqui [para perguntar, mas esqueci]... Qualquer coisa, eu retorno. Professor, e a educação familiar?

Benedito: Minha educação familiar foi no sistema conservador e tradicional da época. Tínhamos muito respeito aos pais, aos mais velhos e uma família muito unida. Normalmente, quando terminávamos as refeições meu pai ficava contando estórias, tanto após o almoço como após o jantar, pois não tinha televisão e todo mundo ficava atento as estórias e causos contados pelos conhecidos e que passavam de boca a boca. A maioria das pessoas que moravam nos arredores da cidade de São Benedito eram analfabetos porque não tinha escola rural. Tínhamos todos que ir para a escola, estudar em casa os deveres (tarefa escolar) e se comportar com educação.

Marcelo: Sim, que legal... Professor, e o Ceará? Assim, o contexto do Estado nesse período, como era?

Benedito: No Ceará tinha boas Escolas Municipais e Estaduais e a Universidade Federal do Ceará.

Marcelo: O Estado, economicamente falando, politicamente... [?]

Benedito: O Estado do Ceará tinha uma cultura forte de algodão, castanha de caju, pesca, uma indústria têxtil também muito forte, Distrito Industrial de Maracanaú, e o Porto do Mucuripe, em Fortaleza. Fortaleza sempre foi uma cidade muito desenvolvida; competia com Recife, que era outro polo de desenvolvimento aqui no Nordeste. No início, era Salvador, que era o polo de desenvolvimento, porque foi a primeira capital do Brasil. O Ceará sempre foi muito desenvolvido, com aeroporto, porto e estradas intermunicipais e estaduais. O Ceará era um estado de referência para o Piauí, Maranhão, porque era mais desenvolvido. A região do Cariri sempre foi mais desenvolvida economicamente e politicamente. Meu pai morou uma época lá, porque ele foi transferido da minha cidade para Barbalha[13], cidade próxima de Crato

[12] Colégio Castelo Branco. Foi fundado em 1900 como Instituto Miguel Borges, passando a Colégio Castelo Branco em homenagem a seu fundador, após a morte em 1921. Essa instituição foi ligada à Arquidiocese de Fortaleza, tendo sido desativada no início dos anos 2000.

[13] Barbalha, município localizado no interior do estado do Ceará, na mesorregião do Sul Cearense, microrregião do Cariri. Dista, aproximadamente, 553 km de Fortaleza e 618 km de Natal.

e Juazeiro[14]. Em Fortaleza, em termos de educação, teve um grande progresso a partir da criação da Universidade Federal do Ceará – UFC. Mas, mesmo antes da UFC, existia o Colégio Liceu[15], que corresponde aqui em Natal ao Ateneu Norte-Rio-Grandense[16], com os melhores professores – de física, matemática, português, geografia. Quando se realizava um concurso para professor do Liceu era um acontecimento na cidade. Muitos escritores e intelectuais do Ceará, eram professores do Liceu. Posteriormente, na década de 1960, houve uma expansão do número de escolas, sendo criadas escolas estaduais em vários bairros da capital. Esse crescimento rápido baixou um pouco a qualidade do ensino, porque isto foi feito sem uma política de qualificação para o professor e, muitas vezes, sem acomodações físicas adequadas para as escolas. Como em todos os estados do Nordeste, a Universidade Federal do Ceará influenciou fortemente para o progresso do Estado. Em todos os Estados, antes de surgirem as universidades federais, criaram várias faculdades. A Faculdade de Direito foi a primeira criada. No Nordeste do Brasil, a primeira faculdade de Direito foi em Recife, onde Castro Alves[17] estudou, que veio da Bahia para estudar em Recife. Depois criaram as outras faculdades: Farmácia, Odontologia, Economia, etc. Quando eu era estudante universitário, da Universidade Federal do Ceará, foram criados vários Centros de Cultura: Cultura Inglesa, Cultura Germânica, etc, onde os universitários estudavam línguas estrangeiras. Naquele tempo estes cursos eram gratuitos.

Marcelo: Sim... Professor, o curso de Matemática lá do Ceará, o senhor tem ideia de quando ele foi criado? O período, não?

Benedito: Foi anterior a 1966, porque em 1967 foi quando iniciei o curso já no Instituto de Matemática. Inicialmente, o Curso de Matemática foi criado semelhante ao daqui de Natal, associado à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (criada em 1961), que era particular e depois foi federalizada. Com a Reforma Universitária que ocorreu em 1966, como em outras universidades federais do Brasil, criaram os Institutos Básicos, onde o Instituto de Matemática era um deles.

Marcelo: Será que foi 1968 ou não?

---

[14] Juazeiro do Norte, município localizado na mesma região que Barbalha. Dista, aproximadamente, 549 km de Fortaleza e 626 km de Natal.

[15] O atual Colégio Estadual Liceu do Ceará foi fundado em 1844. É a terceira instituição desse formato fundada no Brasil.

[16] Fundado como Atheneu Norte-Rio-Grandense, o atual Colégio Estadual Ateneu Norte-Rio-Grandense foi o primeiro colégio desse formato instalado no Brasil, ainda no período do Império, no ano de 1835.

[17] Antônio Frederico de Castro Alves, poeta brasileiro.

Benedito: Não. Foi antes. Eu entrei em 1967. Criaram os Institutos Básicos antes disso e era composto de Instituto de Matemática, Instituto de Física, Instituto de Biologia e o Instituto de Química[18].

Marcelo: Ah, na verdade a de 1968 ela reforma esse modelo...

Benedito: Sim. Nessa reforma, foi criado um outro modelo, onde passa a ser Departamento de Matemática dentro da estrutura do Centro de Ciências**.**

Marcelo: Entendi... Certo. Professor, e como era a escola e a rotina escolar, no período de infância e juventude, que o senhor estudou lá em São Benedito e em Fortaleza?

Benedito: Nós tínhamos uma só professora para todas as disciplinas. Primeiro eu fui alfabetizado por uma professora particular, na casa dela. Naquela época, se o aluno não respondesse correto ou não se comportasse corretamente tinha a palmatória para como corretivo; eu recebi palmatórias na mão algumas vezes. Posteriormente, fui para o Grupo Municipal e continuava a ter uma única professora que ensinava todas as disciplinas. Naquela época, as mulheres faziam a Escola Normal, para ensinar no primário (Ensino Fundamental). Tínhamos tarefas para fazer em casa diariamente e no dia seguinte tinha que corrigir, mais ou menos a coisa que tem hoje. Mas os alunos não tinham acesso a livros, a computador, a bibliotecas, como hoje em dia. Você dependia muito do nível e do interesse do professor, crescia a medida que ele ensinava muito ou pouco.

Marcelo: Entendi... Isso é em São Benedito que o senhor fala, que era só uma professora... No ginásio continua dessa mesma forma?

Benedito: Quando fui pra Fortaleza estudar no Grupo Municipal era o mesmo sistema, uma professora para cada Série. Somente quando cursei a Quinta Série Primária tinha um professor para cada disciplina. Naquela época, no Ginásio o aluno estudava francês e latim, sendo um professor por cada disciplina. No Ginásio, o meu Professor de Matemática era excelente, seu nome era prof. Adroaldo Castelo. O que me influenciou a fazer Matemática

Marcelo: (risos) Certo... Professor, o senhor ia dizendo – desculpa, na hora eu interrompi – que nesse período vocês faziam matemática, latim... no ginasial?

Benedito: Era. Na escola tinha aula de português todo dia. O horário de aula contemplava diariamente as duas primeiras aulas: Português e Matemática. O restante do horário era ocupado pelas aulas de História, Ciências, Geografia, Latim, Francês, trabalhos manuais e, também Educação Moral e Cívica, não me lembro se era este nome.

Marcelo: Era OSPB[19]?

[18] Os Estabelecimentos Isolados de Ensino Superior, como eram legalmente classificados, eram previstos, à época, pela Lei 4.024/61, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Benedito: OSPB... não me lembro. Também o aluno tinha que fazer Educação Física. Como eu estudava pela manhã e as aulas começavam as 7h, a educação física começava às 5:30h. e o aluno tinha que estar na escola mais cedo para fazer as atividades, em seguida tomava banho, trocava de roupa, e ia assistir as aulas.

Marcelo: Sim... [...] Certo, professor. O senhor falou que começou na escola particular...

Benedito: Foi só durante a alfabetização. Hoje se chama Jardim da Infância, só que, como não tinha essa figura do Jardim nas escolas, então, essa alfabetização era feita por uma pessoa amiga da família, que ensinava na casa dela. Depois que você se alfabetizava ia frequentar o Grupo Escolar.

Marcelo: Está certo... Professor, e o interesse dos alunos pelos estudos nesse período?

Benedito: Nesse período era muito grande! Porque a pessoa que estudava a família e os amigos valorizavam mais e as oportunidades de trabalho seriam melhores. Estou me referindo aos jovens de classe média, porque as pessoas pobres eu não tinha como avaliar, pois eu não convivia com eles para entender a sua realidade.

Marcelo: Sim, está certo... Professor e as disciplinas? O senhor acabou já falando um pouquinho das disciplinas que vocês cursavam, mas, houve muitas mudanças em relação às disciplinas? O senhor lembra disso no período que o senhor estudava? Ou não, foram mais ou menos sempre as mesmas?

Benedito: Aconteceram algumas mudanças. No Ginasial, estudávamos as disciplinas: Português, Matemática, Geografia, História, Francês, Latim. Depois, quando eu tinha concluído o Ginasial, retiraram o Latim.

Marcelo: Sim... O senhor chegou a fazer o exame de admissão[20], professor?

Benedito: Sim, fiz o Exame de Admissão, que eu considere das coisas que influenciaram para que o ensino público naquela época fosse de boa qualidade. Eu fiz o Exame de Admissão para escola Municipal de Fortaleza.

Marcelo: O senhor lembra mais ou menos como era o sistema das provas professor do exame?

Benedito: Normalmente, as provas eram mensais e dissertativas. Algumas disciplinas submetiam o aluno a uma arguição oral. Não tinha prova tipo Múltipla Escolha.

Marcelo: Certo... Professor, o senhor também já acabou falando um pouquinho... E como eram os professores e as aulas deles?

---

[19] Organização Social e Política Brasileira.

[20] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, foi extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.

Benedito: Geralmente, tínhamos bons professores, que ministravam suas aulas usando o quadro-negro. Praticamente nunca tive aula em laboratório. Na aula, o professor era a figura central. Dele provinha todo o conhecimento e os alunos constituíam a plateia atenta. Eram extremamente rigorosos com a disciplina. Para o aluno fazer uma pergunta, tinha que pedir licença levantando a mão e só falava após autorização. Após o toque anunciando o término da aula, só saímos da sala depois que o professor saía. Quando o professor entrava na classe todos os alunos levantavam-se. Como parte da organização da sala de aula, no Ginásio Municipal de Fortaleza cada sala tinha um bedel, uma pessoa que tomava conta da sala, que mantinha a disciplina quando não havia professor em sala e encaminhava os alunos para o recreio, para cantar o hino nacional e organizava a volta à sala.

Marcelo: Certo... Professor, o senhor me falou que lá em São Benedito a igreja era muito forte e falou agora há pouco que lá no Municipal, quando o senhor estudou, tinha um professor que era padre. Tinham muitos padres ensinando nessa escola, não?

Benedito: Não. Em Fortaleza, no Colégio Municipal, só tinha um padre, que era o professor de história, professor concursado do Município em São Benedito, o padre ensinava algumas disciplinas, como Português, Latim e Religião. Havia carência de professores.

Marcelo: Umhum, certo... Professor, e os sistemas de ensino? O senhor recorda?

Benedito: O sistema de ensino era aquele em que o professor era a figura central, bem diferente dos dias de hoje em que o professore é um facilitador do processo de aprendizagem. O professor era quem dava o ritmo da aprendizagem, se era ágil, o aluno aprendia muito e rápido, caso contrário, aprendia pouco e devagar. Normalmente, as provas eram programadas, raramente tínhamos uma prova de surpresa.

Marcelo: Certo! Professor, e a realização dos estudos como foi pra o senhor?

Benedito: Como? Em que sentido?

Marcelo: Assim, o senhor... Foi fácil realizar os estudos? Ou o senhor teve alguma dificuldade?

Benedito: Na minha casa nós tínhamos um bom ambiente de estudo, quer fazíamos como parte do trabalho de cada um na família. Se alguém fosse reprovado, era um acontecimento drástico, de modo que o estudo era levado a sério pela família.

Marcelo: Professor, o senhor falou que quando o pai do senhor se aposentou vocês foram pra Fortaleza. Foi a família toda?

Benedito: Sim. Nessa época eu tinha uma irmã, casada, meu irmão médico, que já moravam em Fortaleza e outro irmão que cursava o Científico e morava com a minha irmã. Em 1958, meu pai com toda família passamos a viver em Fortaleza, para facilitar a educação da família.

Marcelo: Sim... Pra todo mundo estudar lá em Fortaleza...

Benedito: Sim. Algumas irmãs tinham concluído o Normal e ensinavam em escolas públicas e os mais novos estudavam.

Marcelo: Está bem, então. Professor, o senhor lembra a legislação desse período, assim, em relação à educação?

Benedito: Eu só vim tomar conhecimento da legislação para educação já na universidade, onde eu via colegas estudantes discutindo as reformas universitárias e legislações pertinentes ao Ensino Fundamental e Médio

Marcelo: Certo... Professor, e como foram os primeiros contatos do senhor com o ensino?

Benedito: Quando eu estava no segundo ano do Curso Científico, começando a me preparar para o Vestibular, apareceram dois garotos, netos de uma senhora que morava próxima a minha casa, querendo estudar matemática. Essa foi minha primeira experiência com o ensino. Posteriormente, quando passei no Vestibular, no primeiro ano de Matemática, dei aulas num Curso Pré-Vestibular, que foi onde comecei a perceber que eu tinha que entender de algum mecanismo que facilitasse a transmissão do conhecimento matemático que possuía. Eu tive excelentes professores, que eram pesquisadores em Matemática e possuidores de excelente didática. Então, eu me espelhei muito em meus professores, que influenciaram muito a minha parte didática, meus estudos e meu relacionamento com os estudantes.

Marcelo: Sim. Então, a formação que o senhor buscou pra poder ensinar foi se espelhar em outros professores, na prática de outros professores... tá certo. Professor, aí, o senhor fez o vestibular? O ingresso era por vestibular? O senhor fez vestibular já assim que terminou o científico e já passou?

Benedito: Sim. O acesso à Universidade era através do Vestibular.

Marcelo: Certo... Aí, o senhor prestou realmente pra Matemática ou não?

Benedito: Não, me candidatei para Engenharia Civil. Matemática não tinha grande prestígio na época. Mas, naquela época tinha um mecanismo que permitia, uma vez preenchidas as vagas para Engenharia, você optar por outro Curso: Matemática, Física ou Química. Essa opção era no ato de inscrição do Vestibular. Eu fiz o Vestibular para Engenharia Civil e coloquei com segunda opção o Curso de Matemática, que concluí em 1970.

Marcelo: Ah, certo, certo... Aí, tinha a opção de licenciatura e bacharelado ou não?

Benedito: Na minha época eu nem sabia que tinha essa opção da Licenciatura. Eu só ouvi falar de bacharelado. Inscrevi-me no Curso de Matemática, modalidade Bacharelado.
Marcelo: Mas já existia o curso? Ou não...?
Benedito: Existia. Na minha turma que tinha quarenta alunos, um ou dois faziam Licenciatura, o restante eram alunos do Bacharelado em Matemática.
Marcelo: Mas, é por que não era conhecido, professor?
Benedito: Talvez porque a Licenciatura encaminhava o egresso para ensinar nas escolas e entendíamos que havia baixos salários ofertados. Por outro lado, éramos informados que se aprendia mais matemática fazendo o Bacharelado e que facilitava para cursar o Mestrado e Doutorado, para nos tornarmos pesquisadores.
Marcelo: Pensava em ir para pesquisa... Como o senhor falou, pensava em fazer mestrado.
Benedito: É isso. Pensava ser professor da Universidade, para concluir o Mestrado e o Doutorado.
Marcelo: Entendi, entendi... Aí, o ingresso no magistério, professor, se deu de fato quando? Que o senhor disse que começou a ensinar alguns colegas, mas aí...
Benedito: Quando eu era aluno do Curso de Matemática da Universidade Federal do Ceará, fui contemplado com uma bolsa de Iniciação Científica do CNPq. Naquela época, o Departamento de Matemática tinha o Curso Mirim de Matemática. O Mirim era um curso, gratuito, que eles ofereciam para os estudantes do Ensino Médio de então. Eles tinham um organograma lá: Mirim um, Mirim dois, Mirim três, dependendo do nível do estudante. Como uma das contrapartidas da bolsa de Iniciação Científica do CNPq[21], eu ensinei no Curso Mirim e era Monitor das disciplinas de Cálculo, tomava conta da turma no dia de aplicação das prova e algumas vezes corrigia as provas. Nessa época, cada aluno da Matemática tinha um Orientador. Meu Orientador era o Prof. José Euny Moreira, uma pessoa muito legal e que ajudava a todos. Quando conclui o Curso de Matemática – na minha turma iniciaram uns quarenta alunos mais ou menos, só concluíram aproximadamente uns vinte – fui convidado para trabalhar no Rio Grande do Norte, porque naquela época não existia aqui quantidade suficiente de docentes para atender a demanda. A UFRN estava crescendo e precisava de mais docentes. Vieram comigo dois colegas, o Cláudio Carlos Dias[22] e Aláx Jorge de Morais[23]. Tomamos um ônibus em Fortaleza, passamos dez horas viajando para chegar aqui. Como falei

[21] Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
[22] O professor Cláudio Carlos Dias é professor do Departamento de Matemática da UFRN. Ele também é colaborador de nossa pesquisa. Vide sua narrativa no texto *"Professor Cláudio"*.
[23] Áláx Jorge de Morais, aposentou-se como professor do Departamento de Informática da UFRN.

antes, a estrada não era asfaltada no trecho Mossoró/Natal. Um ano antes de mim, tinham vindo dois colegas Pedro Nicola Papaléo e José Cordeiro de Farias Neto. Assinamos um Contrato Especial, em regime de Dedicação Exclusiva. Posteriormente, fizemos concurso. O Presidente da banca foi o professor João Faustino[24], que foi depois foi deputado federal e suplente de senador. Depois, quando eu já estava trabalhando, fui liberado para fazer o Mestrado.

Marcelo: tá certo... Professor, o senhor já falou na formação pra lecionar, mas, eu queria saber, assim, o senhor tinha conhecimento, lá no estado do Ceará, como era a questão de buscar uma formação pra lecionar? Porque o senhor, na verdade, não foi buscar pra lecionar, o senhor foi buscar uma formação superior, mas...

Benedito: De uma maneira geral, naquela época em Fortaleza, as mulheres faziam a Escola Normal[25] num bom colégio estadual, Escola Estadual Justiniano Serpa. Já a formação dos homens se davam nos cursos de Pedagogia e Licenciatura.

Marcelo: Sim, certo. Professor, lá no Ceará, qual era a possibilidade de formação que tinha? Curso superior pra formar professor de matemática só tinha em Fortaleza?

Benedito: O Curso de Matemática da UFC passou a existir em 1962 de acordo com os termos da Lei no 3.866, de 25 de Janeiro de 1961, que criou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, depois surgiu no Crato e em Sobral também, que são cidades polos de desenvolvimento do Estado.

Marcelo: O senhor não lembra mais ou menos o período, né?

Benedito: Esse período que me refiro é na década de 1960. Em Fortaleza, toda essa formação do professor – de matemática, de física – era na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Marcelo: Sim, certo. Professor, o convite para cá, o senhor começou a ensinar em setenta...

Benedito: Eu comecei a ensinar aqui na UFRN em 1971.

Marcelo: Aqui, em 1971, e lá no Ceará o senhor começou em 1966?

Benedito: Sim. Em 1966 e 1967 eu já ensinava.

Marcelo: Certo. Aí, aqui surgiu o convite para vir...

Benedito: Inicialmente, eu vim trabalhar na UFRN com um Contrato Especial de Professor com Dedicação Exclusiva. Depois fiz o Concurso.

---

[24] João Faustino Ferreira Neto foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tendo se graduado em Pedagogia e Matemática. Além disso, ocupou as funções de deputado estadual (1979-1987 e 1991-1999) e senador (2010-2011) pelo Rio Grande do Norte.

[25] A Escola Normal do Ceará foi fundada em 1837, mas por falta de recursos só iniciou suas atividades em 1884. Posteriormente, a escola muda de nome e passa a chamar-se Escola Normal Justiniano de Serpa. Atualmente, é o Instituto de Educação do Ceará.

Marcelo: Certo... Professor, no caso, esse convite... O senhor falou que vieram inicialmente com o convite, né? Mas, ao todo, tinham quantos professores de Matemática, nesse período, para o curso aqui?

Benedito: No início, eram aproximadamente dezoito professores.

Marcelo: Uns dezoitos. Desses, o senhor saberia me informar quantos eram daqui do estado mesmo? Não?

Benedito: A metade era daqui. No início, era Instituto de Matemática e Física. Posteriormente a nossa chegada houve uma separação, criando o Departamento de Matemática e o Departamento de Física Teórica e Experimental.

Marcelo: Certo... Mas, os professores que tinham aqui, a formação deles era em engenharia?

Benedito: A maioria deles eram engenheiros. Porque naquela época, o aluno estudava matemática e física nas engenharias. Os cursos de Filosofia, Ciências e Letras eram muito fracos nessa parte de laboratórios.

Marcelo: Sim, sim... Aí, professor, no caso, vocês foram convidados a vir ensinar aqui também pra estruturar o curso de Matemática, ou é por que... [?]

Benedito: Para reforçar o curso de Matemática, que estava começando, e também atender a demanda dos estudantes das engenharias, porque havia carência de professores para ensinar Cálculo I, Cálculo II, Álgebra Linear etc. Estando aqui, nós suprimos as deficiências de professores no Curso de Matemática, que também tinha poucos professores. Alguns dos bons professores antigos, que tinham concluído Engenharia, nunca haviam estudados algumas disciplinas finais do Curso de Matemática. Depois, alguns alunos que nós formamos aqui, passaram a ser professores juntos com os que vieram de fora, aumentando o quadro docente e diminuindo a relação turma/professor.

Marcelo: Das primeiras turmas, né?

Benedito: É, das primeiras turmas.

Marcelo: Professor, e como foi, assim, a criação? O senhor lembra mais ou menos como foi pra esse processo de criação desse curso?

Benedito: O processo de criação desse curso se deu a partir da reforma universitária, que criou os Institutos Básicos. Aí, naturalmente, dentro dos Institutos Básicos: a Física criou o curso de Física, a Matemática criou o curso de Matemática, a Química criou o curso de Química, e dentro do Museu Câmara Cascudo foi criado o Curso de Biologia. O conjunto desses Cursos, com seus professores e servidores técnicos-administrativo, formaram os Institutos Básicos (Instituto de Matemática, Instituto de Química, Instituto de Física) .

Posteriormente, os Institutos de Matemática, Física e Química foram transformados em Departamento que compuseram o Centro de Ciências Exatas e, mais tarde do Departamento e Curso de Geologia, passou-se a se chamar Centro de Ciências Exatas e da Terra.

Marcelo: Sim, sim! Professor, como foi o funcionamento no começo do curso de Matemática aqui em Natal? O senhor lembra, assim, tinha estrutura, ou vocês...[?]

Benedito: Apresentava alguma carência. Na parte de Matemática, a biblioteca era muito incipiente, tanto na parte de livros como de periódicos. A bibliografia que nós tínhamos era pessoal de cada professor. O contrário de hoje em dia, onde o aluno entra no computador e acessa praticamente todos os livros que deseja. Naquela época não; era difícil. Quando eu vim para a UFRN, alguns livros, originalmente em inglês, que eu conhecia no Ceará começaram a ser traduzidos para o português, como o "Álgebra Linear" e o "Cálculo I" ambos do francês/americano Serge Lang, que eram os livros que adotávamos, porque já conhecíamos como bons lá no Ceará. O livro, em espanhol, Curso de Cálculo Diferencial, de Pablo y Merino, era popular entre os estudantes de Engenharia. Logo em seguida, foi traduzido o livro de Cálculo de Georg B. Thomas, que é um livro muito bom, com muitos exercícios e bastante útil para os estudantes de Engenharia, sendo muito usado pelos professores e estudantes da área de Ciências Exatas e Tecnologia.

Marcelo: Professor, o senhor estava falando lá do curso do Ceará e falou de vários professores de fora. Lá, tinham muitos professores de fora ou não?

Benedito: Tinha muita gente do Ceará, mas também tinham Professores Visitantes. Encontrei um período lá, como Professor Visitante, dando curso para os estudantes do último ano do Curso de Matemática e para alunos do Mestrado, o professor Elon Lages Lima, do IMPA, que foi professor lá. Teve um período que tinha muitos franceses, por conta de algum Convênio. Esta parte de intercâmbio era muito intensa lá. A UFC sempre foi muito arrojada nesse aspecto. O Curso de Matemática da UFC está entre os melhores do País e no mesmo nível está a pós-graduação.

Marcelo: Sim, sim... Professor, e aqui, o curso daqui? Como foi que vocês conseguiram melhorar, assim, a questão da estrutura, da biblioteca?

Benedito: Contamos com nosso Diretor do Centro de Ciências Exatas e da Terra, Prof. Gilvan Trigueiro, que tinha relações familiares com o do reitor e nosso colega, Joaquim Elias de Freitas, teve um papel importante no sentido de indicação de novas contratações, apontando possibilidades de melhoria, aperfeiçoamento do quadro docente e nas reivindicações de melhoria da infraestrutura, incluindo a biblioteca.

Marcelo: Professor, e nesse período vocês recebiam apoio financeiro de alguma instituição, ou da própria universidade, não sei, pra fazer esse tipo de coisa?

Benedito: No início, o financiamento era todo da Universidade. Depois foi do MEC/CAPES, que concedia bolsa de estudos. Nos meados da década de setenta, criamos no Departamento de Matemática uma espécie de consórcio. Dividimos os docentes do Departamento em grupo de três pessoas, uma das três se afastava para fazer curso fora e os dois restantes assumiam a carga horária dos três. Fizemos isso durante vários semestres seguidos como uma forma de permitir o aperfeiçoamento do quadro docente. Com isso, fui passar uma temporada no IMPA, cursando algumas disciplinas de pós-graduação a nível de doutorado. Depois, já em funcionamento Plano Nacional de Capacitação, da MEC/CAPES, os que quiseram saíram para pós-graduação, tanto no Brasil como no exterior.

Marcelo: Ah, certo... E para o Instituto vinha algum recurso de algum lugar ou não?

Benedito: Alguns professores qualificados tinham projetos junto ao CNPq. Com recursos desses projetos vieram Professores Visitantes e compramos livros para a biblioteca. Naquela época, não existia computadores pessoal. Os primeiros computadores que apareceram tinham como monitor um aparelho de televisão. Esses projetos individuais do CNPq nos proporcionou um avanço nas nossas atividades.

Marcelo: Sim... Professor, no documento do curso, no PPC, o Projeto Político do Curso aqui de Matemática, vem informando lá que a SUDENE, eu acho...

Benedito: Isso foi bem antes de eu chegar aqui. Pelo que eu sei, foram realizados cursos de treinamento para professores de matemática e física. Pelo que eu sei, não era uma coisa sistemática ao longo dos anos. Um período teve aquele projeto, depois acabou.

Marcelo: Ah, entendi. Então, foi só inicialmente, realmente, para dar alguns cursos?

Benedito: Eu acho que era até mais para o pessoal da Física, do que para os professores de Matemática. Penso que tinha uma ênfase na parte experimental.

Marcelo: Certo... Quando o senhor chegou aqui em 1971, já tinha formado turma, o curso?

Benedito: Já tinha formado uma turma de Bacharelado. Eu cheguei em janeiro de 1971, tinha formado uma turma em dezembro. Esses formandos foram ser professores do Instituto de Matemática.

Marcelo: Ah, então, no caso, os alunos da primeira turma eles já entraram como professores do curso? Não?

Benedito: Sim. Dada a extrema carência de professores de Matemática na universidade este egressos da primeira turma foram contratados. Naquele período, além de não ter nenhum professor pós-graduado, parte dos professores eram oriundos da própria universidade.

Marcelo: Umhum... Professor, o senhor não tava aqui à época ainda, mas pode ser que o senhor saiba. O senhor sabe me informar se esses alunos que ingressaram como professores assim que concluíram, se eles começaram a ensinar no próprio curso antes, ainda, ou não? Porque isso foi uma coisa que aconteceu, por exemplo, em Mossoró: é como se eles fossem uma espécie de monitores das turmas...

Benedito: Não, pelo que eu soube, eles eram monitores, mas não tinham responsabilidade por disciplina. A responsabilidade eram os professores.

Marcelo: Ah, entendi. Certo... Mas, muito interessante saber isso, que eles se formaram e já acabaram ingressando como professores do curso...

Benedito: É. Só porque o mercado era carente de pessoal formado na área. Foi preciso importar muita gente do Ceará. Naquela época, o cursos de Matemática da UFC formava um número expressivo de bacharéis e o Ceará exportou muitos formados em Matemática para cá, para a Paraíba, para o Piauí, para o Maranhão, para Mossoró.

Marcelo: Sim, sim... Professor, e além do Ceará pra cá, pra Natal, vieram professores de outros estados, por exemplo, Pernambuco, Paraíba, ou não?

Benedito: Veio um colega da Universidade de Brasília, Almir Serra Martins Menezes Filho, e colegas de Alagoas, Rubens Leão de Andrade e Carlos Roberto Leão de Andrade que tinham estudado no Ceará. Mais tarde, vieram colegas de outros Estados, como Roberto Hugo Bielschowsky, que veio do Rio de Janeiro. Naquela época, buscávamos participar de atividades no Departamento de Matemática da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE que tinha um curso de alto nível, contando inclusive, com professores portugueses que estavam refugiados aqui no Brasil. Cheguei a assistir aula com dois deles: Professor José Cardozo Morgado Junior, que era da área de Álgebra, e Prof. Ruy Luís Gomes, que era da área de Análise, professores de altíssima qualidade e que estavam no Brasil como asilados políticos no período de 1962 a 1974, eram perseguidos pela ditadura do Salazar[26] e ficaram no Brasil até a Revolução dos Cravos[27].

[26] O regime político do Estado Novo, como ficou conhecida a ditadura portuguesa, foi instalada em 1933 e chegou ao fim em 1974, durando, assim, 41 anos. Teve como seu fundador e líder António de Oliveira Salazar, o que levou o regime a ser conhecido também como salazarismo.

[27] A Revolução dos Cravos foi o golpe que derrubou o Estado Novo. Orquestrado pelos militares das Forças Armadas de Portugal, é considerada uma revolução "não sangrenta". No dia de sua realização (25 de Abril de

Marcelo: Sim... O senhor chegou a estudar lá em Recife também?

Benedito: Assisti algumas aulas de Álgebra e Análise do Programa de Pós-Graduação da UFPE. Toda sexta-feira nós íamos de carro para Recife, passava o dia e voltava de noite.

Marcelo: Entendi... Mas eram cursos organizados pela instituição?

Benedito: Era, eram disciplinas do Programa de Mestrado da UFPE

Marcelo: Ah, entendi, muito interessante. Aí, desses cursos, professor, vocês chegaram a receber algum certificado?

Benedito: Não. Ia realmente só para assistir as aulas, pois estava interessado em Álgebra e o professor José Morgado era um algebrista e excelente professor.

Marcelo: Certo... Professor, o senhor me falou que vocês sempre ofereciam cursos de formação para professores do Estado; organizados pelo Instituto de Matemática, não é?

Benedito: Sim, organizados pelo Instituto de Matemática, geralmente era nas férias de final de ano.

Marcelo: O senhor poderia me falar um pouquinho desses cursos professor?

Benedito: Nós ministrávamos Curso de Aperfeiçoamento. Elaborávamos um projeto e encaminhava-o para a Pró-Reitoria de Extensão, que depois de aprová-lo, destinava algum recurso para viabilizar as aulas. Selecionávamos os estudantes mediante indicação da Secretaria Estadual de Educação e Secretaria Municipal de Educação de Natal. Em alguns desses cursos, as disciplinas eram: Análise Combinatória, Geometria Plana e Álgebra. Aos aprovados, expediam-se diplomas, que os professores-alunos usavam para promoções. Alguns desses cursos chegaram a receber financiamento da CAPES, mas os professores do Departamento não recebiam pagamento pelas aulas dadas.

Marcelo: Sim, que legal... Professor, e esses cursos eram cursos de quanto tempo, mais ou menos, de duração?

Benedito: A carga horária do cursos era de trezentos e sessenta horas.

Marcelo: E esses outros mais curtos que vocês davam?

Benedito: Chegamos a ministrar cursos nas férias, nos meses de janeiro, e fevereiro.

Marcelo: Aí, vinha alunos de todo o Estado?

Benedito: A maioria era da capital, mas eu lembro que tinham muitos do interior também.

Marcelo: Esses cursos, professor, eles chegaram a ser oferecidos em outras regiões também? Ou todos que foram organizados aqui no Instituto foram aqui?

Benedito: Não. Que eu lembre, foi sempre em Natal.

1974), a marcha que levou os militares à ocupação de pontos estratégicos, e que praticamente não encontrou resistência, contabilizou apenas quatro pessoas.

Marcelo: Sim... Professor, o senhor talvez já tivesse participando, não sei, [mas] depois que foi criado o curso de Matemática na UERN, em 1974, eu acho que na década de oitenta, em 1981, foi oferecido um curso de Especialização pros professores da UERN...

Benedito: Eu, eu participei desse curso em Mossoró.

Marcelo: Pronto! Foi oferecido pelos professores daqui, né? Como era esse curso?

Benedito: Era um curso em módulos. A sistemática era um curso de uma semana. Ministrei uma disciplina de Álgebra Linear. O curso era coordenado pelo Padre Sátiro[28], que era o reitor. Eu me lembro que eu participei do concurso para a escolha dos professores, no ano de 1973 ou 1974. Na época, passei uma semana em Mossoró.

Marcelo: Mas tá certo... [...] Ela durou quanto tempo o senhor sabe informar, essa Especialização?

Benedito: Normalmente a carga horária era de trezentos e sessenta horas.

Marcelo: Sim, certo... Professor, e esses cursos de formação que vocês ofereceram, no caso, eles receberam algum financiamento? Só o que o senhor falou que ele ia para a Pró-reitoria, às vezes eles conseguiam algum recurso?

Benedito: Conseguíamos financiamento da própria Universidade. Mas, houve também financiamento da CAPES.

Marcelo: Sim, sim... Verdade! Professor, deixe-me só fazer outra pergunta em ralação ao curso daqui de Matemática. Que eu entrevistei um professor lá de Caicó, o professor Almir, eu acho que ele foi inclusive aluno de vocês. Ele me falou que ele fez um curso, que era chamado de curso de Licenciatura de Curta Duração[29] em Recife. Eu acho que foi oferecido pelo PREMEN do Governo Federal... Isso na década de 1970. Ele me falou que já fazia o curso aqui. Ele foi fazer o curso lá em Recife e que foi, entre aspas, liberado do curso daqui, tanto que, quando ele voltou, [estava] no período normal, aproveitou disciplinas e tudo... Tinha alguma ligação do curso daqui com esse curso oferecido pelo PREMEN? Não?

Benedito: Almir foi meu aluno! Como era oferecido por uma Universidade Federal, era fácil naquela época você aproveitar as disciplinas que eram feitas lá. Esse Curso de Licenciatura de

---

[28] Padre Sátiro Cavalcante Dantas foi reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte de 1985 a 1987. Durante o período em que esteve à frente da instituição ocorreu o processo de Estadualização, passando de Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN) a UERN.

[29] Os cursos de Licenciatura de Curta Duração foram criados pelo Programa de Expansão e Melhoramento do Ensino Médio (PREMEM) – posterior PREMEN –, com a incumbência de formar professores, em nível intermediário superior, em tempo recorde de um ano e seis meses, para atuarem nos ginásios polivalentes, ou ginásios direcionados para o trabalho, que funcionariam com cursos técnicos em nível ginasial. Entre 1971 a 1976 o PREMEM fez acordos com a Universidade Federal de Pernambuco, para oferecer esse curso para os estados da Região Norte, Nordeste e Centro Oeste do Brasil.

Curta Duração foi também criado na UFRN, mas, não dava os frutos desejados. Aquele tipo de curso não dava uma formação sólida ao futuro professor.

Marcelo: Sim, entendi... [Então] esse curso tentaram implantar aqui no Rio Grande do Norte, professor? E era pela UFRN mesmo?

Benedito: Sim. Uma colega do Departamento de Matemática, Estela Araújo, foi a Coordenadora.

Marcelo: Tinha a licenciatura curta, que era aquela licenciatura de três anos, que formava geral e depois habilitava; você fazia a licenciatura curta, que era a licenciatura em Ciências...

Benedito: Era, essa mesmo. O estudante ao concluir, poderia voltar para cursar a Licenciatura Plena.

Marcelo: Pronto... Professor, e nesse período, a formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte?

Benedito: Era toda feita no Cursos de Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Posteriormente, criaram no Kennedy[30], um projeto visando preparar professores de matemática, mas eu não tenho ideia de como foi feito. Aqui em Natal, teve um período em que na Universidade Potiguar – UnP, universidade privada, funcionava um Curso de Licenciatura em Matemática, que já deixou de funcionar.

Marcelo: Certo... Aí, só depois é que houve a interiorização do curso, né?

Benedito: Sim, inicialmente para Caicó. Acho que teve também em Macau.

Marcelo: Vou verificar isso aí. Vou procurar saber. Se houve, então, também foi por um curto período?

Benedito: Em Caicó ficou. Até hoje funciona.

Marcelo: O senhor não lembra se chegou a formar turma, ou algo assim, não, né?

Benedito: Em Caicó sim, muitas turmas. Em Macau não lembro.

Marcelo: Certo... Aí, no interior depois, já na década de 1970, apareceu em Mossoró, depois em Caicó, por último em Patu. Mas, além dessas possibilidades de formação de professores de matemática... [?]

Benedito: Não existia, que eu tenha conhecimento.

Marcelo: Década de setenta praticamente era, então...

Benedito: Aqui temos o Departamento de Educação que formava professores na área de Educação. Talvez alguns tenham se especializado em Matemática.

[30] O Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP) é um complexo de educação pública que agrega desde a educação infantil ao ensino superior, mantendo cursos voltados à formação de professores.

Marcelo: Certo... Professor, a ficha formação de professores de Matemática no Rio Grande do Norte e nas distintas regiões do estado... Vocês tinham muitos alunos aqui do interior, no curso de Matemática?

Benedito: Muitos alunos.

Marcelo: E esses alunos, o senhor sabe me informar se eles voltaram para os interiores ou não?

Benedito: Alguns voltaram. Por exemplo, o Almir, de Caicó, foi um dos que voltou; tem outros colegas deles lá também. Como havia maior demanda na capital do Estado, a tendência era o Licenciado ficar aqui.

Marcelo: Certo... Professor, quando o senhor chegou aqui só uma turma da UFRN, os alunos acabaram ingressando como professores do curso. Na verdade, a demanda da cidade ainda era muito grande, não é?

Benedito: Não, ainda era pequena. Existiam em muitas escolas e cursinhos engenheiros ensinando Matemática, porque não havia ainda uma Lei disciplinando a questão. Após a aprovação dessa regulamentação, que obrigava a escola a contratar somente Licenciados para ensinar, foi que a demanda aumentou.

Marcelo: Professor, o senhor participou do processo de elaboração do curso de Matemática de Caicó? Não?

Benedito: Não.

Marcelo: O senhor não lembra como foi esse processo, não é?

Benedito: Isso era conduzido pela Pró-reitoria Acadêmica da UFRN, hoje Pró-reitoria de Graduação.

Marcelo: Sim... E os professores pra ensinar lá em Caicó? Foram muitas daqui, também convidaram de fora? Ou não? O senhor sabe dizer?

Benedito: Em princípio levaram algumas pessoas daqui, mas temporariamente. Posteriormente, foi aberto Concurso Público para preenchimento de vagas de Caicó. Alguns, que eram de lá e tinham terminado aqui, naturalmente foram para lá.

Marcelo: Sim, sim... Como já foi na década de oitenta, eu acho que não funcionava mais por convite, não é, professor?

Benedito: Não, já era concurso público, já estava em vigor uma lei que exigia a realização de concurso público para preenchimento de vaga no serviço público federal.

Marcelo: Tudo bem, então... Professor, o senhor não chegou a ensinar em nenhuma escola depois que veio pra cá, pro Rio grande do Norte? Só na universidade?

Benedito: Não. Eu tive colegas que ensinavam, mas eu nunca, pois meu regime de trabalho era de Dedicação Exclusiva. Eu participei de atividades nos colégios, dando palestras como parte das atividades da Olimpíada de Matemática ou nas Semanas de Matemática, em várias escolas de Natal e fui também a Mossoró, no Colégio Diocesano.

Marcelo: Sim. Certo... Então, professor, como era o cotidiano aqui da UFRN, quando o senhor chegou aqui?

Benedito: Passávamos o dia todo no Departamento preparando aula, atendendo os alunos e participando de reuniões. Nas férias de verão, quando não estávamos dando curso, íamos fazer curso em Fortaleza ou Rio de Janeiro.

Marcelo: Sempre tinha que buscar a formação em algum canto também... Pelo que o senhor falou, não é? Como não tinha, aqui, pessoas que tivessem uma formação mais aprofundada etc, então tinha que buscar fora...

Benedito: Éramos muito preocupamos com a necessidade de qualificação. O primeiro Mestre da Universidade foi do Departamento de Matemática, Joaquim Elias de Freitas, que concluiu na UFC, e o primeiro Doutor também, Airton von Sohsten, que concluiu no IMPA - Rj.

Marcelo: Muito interessante. Certo... Professor, e o curso no início ele funcionava o quê? Só à noite ou... [?]

Benedito: O Curso era diurno com a maior quantidade de aulas pela manhã. O curso noturno foi criado na administração do professor José Ivonildo do Rêgo[31] que foi reitor da universidade.

Marcelo: Ah, entendi... Professor, e, pra o senhor, como foi o exercício do magistério?

Benedito: Ah, eu venho de uma família de professores. Todas as minhas irmãs eram professoras. Meu irmão que era médico, era professor da faculdade de Medicina; meu irmão que era dentista, era professor da faculdade de odontologia. Para mim, ensinar era algo estimulante, um exercício muito prazeroso. Até hoje eu faço textos de matemática, que disponibilizo, através do site da Olimpíada de Matemática do Estado do Rio Grande do Norte, para os estudantes que estão em treinamento para participar das Olimpíada de Matemática.

Marcelo: Certo... Professor, e Natal, no início do Magistério? Como era a cidade?

Benedito: Uma cidade pequena, muito agradável. Tínhamos tratamento respeitoso por parte das pessoas por ser professor da Universidade.

[31] José Ivonildo do Rego foi reitor da UFRN por três mandatos: 1995 a 1998, 2003 a 2006 e 2007 a 2010.

Marcelo: Que legal. Certo. Professor, o senhor acabou indo buscar formação mais ou menos onde? O senhor falou que já foi fazer alguns cursos, estudos em Recife, foi fazer também no Rio né?

Benedito: Cursei o Mestrado em Fortaleza e fiz muitos cursos no IMPA.

Marcelo: O senhor tem mestrado...

Benedito: Em Fortaleza, na UFCE, em Matemática, com uma dissertação na área de Álgebra.

Marcelo: O senhor fez mestrado quando, professor? Em que período mais ou menos?

Benedito: Concluí em 1976. Meu orientador, Prof. Gervásio Gurgel, que é cearense e excelente professor, tinha Doutorado no IMPA, na área de Álgebra e tinha passado um período na Alemanha. No Ceará sempre teve muito bons professores.

Marcelo: Certo... Professor, e o Rio Grande do Norte no início do Magistério do senhor aqui?

Benedito: Era um Estado que carecia de política públicas voltadas para o desenvolvimento. Nesse aspecto, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte contribuiu, como agência de fomento, formando técnicos indispensáveis ao progresso, contribuindo para melhorar a indústria, como a têxtil, o polo petrolífero, o turismo etc. que expandiram nossa economia. Já a política era, como em todo o Nordeste, dominada por famílias que se degladiavam em busca do poder.

Marcelo: Sim, sim... Professor, o magistério em Natal, para o senhor?

Benedito: Hoje temos bons cursos superiores, escolas de boa qualidade, incluindo as escolas técnicas, formadas pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, que tiveram sua quantidade aumentada nos últimos doze anos.

Marcelo: Certo. Professor, e o magistério no Rio Grande do Norte? Assim, o senhor chegou a conhecer a o magistério no interior do estado ou só...?

Benedito: Conheci. Visitei vários municípios, porque eu trabalhei um período com Coordenador do Curso de Matemática a Distância.

Marcelo: Professor, e pra o senhor, Natal no contexto atual? Assim, a cidade...

Benedito: Natal é uma cidade agradável de viver, sem poluição, ainda com um trânsito perfeitamente suportável. Belas praias, excelente gastronomia. Na parte cultural, temos dois teatros, um deles é um dos mais modernos do Brasil.

Marcelo: É verdade... E o Rio Grande do Norte, professor, nesse contexto?

Benedito: Tá melhorando a cada dia. Para acelerar e consolidar nosso progresso, precisamos de uma política de governo voltada para educação, saúde, segurança e infraestrutura.

Marcelo: Sim... Professor, e o ensino de matemática hoje, pra o senhor?

Benedito: Eu estava até estranhando que você não tinha perguntado ainda sobre isso (risos). Recentemente, li alguns documentos sobre o ensino de matemática no mundo e pude constatar que o viés do ensino hoje é a formação de um jovem preparado para resolver problemas. Se ele for um jovem que tem técnicas boas pra resolver problema, ele faz qualquer coisa com sucesso. Li um livro, escrito por um médico americano, onde o autor conta que foi ao maior hospital de urgência de uma grande cidade (acho que era Nova Iorque) e perguntou ao Diretor do hospital: "qual é a primeira qualidade que você exige para uma pessoa trabalhar aqui com você?"; ele respondeu: "que saiba resolver problema". A partir da resposta do Diretor do hospital, ele comentou mais ou menos o seguinte: "espere, aqui não é centro de Matemática", acarretando a seguinte resposta do Diretor: "aqui nós temos que tomar decisões muito rápidas, sobre pena de perder a vida do paciente, fazemos esse procedimento ou fazemos outro, de forma que permita manter a vida do paciente. Então, a primeira qualidade aqui que eu procuro num candidato a trabalhar conosco é que a pessoa saiba resolver problema, que saiba tomar decisões". O professor de matemática treina os jovens para aperfeiçoar suas qualidades para resolver problemas. Por isso, espera-se que o Curso de Matemática desenvolva nos estudantes os mecanismos de resolver problemas, aqueles desenvolvidos pelo matemático húngaro George Polya (1887-1985) que podem ser encontrados num de seus belíssimos livros, traduzido para o português como "Arte de resolver problemas". Então, o viés do ensino de matemática hoje é esse de apontar caminhos para resolver problemas, tornando o aluno ativo, participante do processo de ensino e aprendizagem.

Marcelo: Verdade... Professor, agora, na verdade, pra concluir, eu ia pedir para o senhor fazer algumas considerações, falar alguma coisa que o senhor ache que eu não dei oportunidade de falar, ou acrescentar... Fique a vontade!

Benedito: Acho que temos que nos debruçar sobre os objetivos do Curso de Matemática, entender precisamente o que se pretende com a formação do professor de matemática e o exercício da docência. Espero que, com sua tese, você consiga fazer uma reflexão que aponte caminhos facilitadores para a formação do futuro professor de matemática e o efetivo exercício do magistério nas escolas. Boa sorte.

Marcelo: Obrigado, professor... Eu vou agradecer mais uma vez a disponibilidade do senhor. Muito obrigado!

Entrevista com o professor Benedito

Duração da Gravação: 01h 49min 35s

Local: Residência do colaborador (Natal)

Data da entrevista: 23/07/2014

Professora Rivaneide

Marcelo: Professora, vou pedir pra senhora começar fazendo uma apresentação pessoal.

Rivaneide: [...] Bom, aqui... Sou natural, sou do Mundo Novo[1], no município de Patu. Meu nome é Maria Rivaneide dos Santos Ferreira. Nasci no dia, quer a idade também? Vinte e cinco de maio de 1953. Tenho quatro irmãs. Hoje eu sou casada, tenho o meu marido e tenho um filho de dezenove [anos], faz psicologia, agradeço a Deus todo o dia. Hoje eu posso dizer... [que] tenho vida de princesa. Hoje eu posso dizer que, com muito esforço, muito sacrifício, tenho uma vida, assim, boa. Mas não é orgulho com isso, porque Deus me deu e eu mereci também. Trabalhei muito na minha vida, trabalhei demais até. Acho que só.

Marcelo: A senhora poderia me falar sobre sua história de vida?

Rivaneide: A gente tinha pertinho lá de casa um pé de Juazeiro, bem grande! A gente até comia a fruta, o juazinho maduro. Muito, era muito no chão... Às vezes, íamos no sol quente, que tudo é quente no interior, e pouca sombra, né? Então, a gente ia pro juazeiro, armava a rede e ficava brincando um tempo; levava até água, [por]que [era] longe de casa. Mas eu me lembro muito bem dessa passagem, que a gente comia o juá, e tinha também o pé de Pereiro, que a gente não subia em cima desse pé, mas a gente brincava, porque a fruto do Pereiro é tipo uma galinha... tinha umas asinhas pintadas. A gente brincava muito, dizendo que eram as galinhas, porque era parecido! Boneca? A gente não tinha. A minha mãe que fez uma boneca de pano pra gente. A gente brincava de boneca de quê? Era melancia, cortava as melancias e fazia as bonecas, sabugo [de milho], de telha, [por]que a gente muito pobre não tinha recursos. Morava também no sitiozinho chamado Mundo Novo, que era um interiorzinho de Patu, depois a gente foi morar no Horizonte. Muito bonito o nome... eu gostava. Isso tudo quando eu tinha oito, nove, dez anos, por aí. Morava mesmo no mato! No mato brabo. Só tinha a casa do meu pai, que era eu, minha irmã mais velha, outra irmã... Vou dizer o nome das minhas irmãs: Rusineide, que era a mais velha, morreu com vinte anos, de uma doença que foi desconhecida pros médicos...; minha irmã Trindade, a segunda; a terceira, eu; e Zezé que é a quarta. Tem outra, que é Graça, mas mamãe já teve ela lá em Patu. A minha vida também foi parecida com a dela [Felisbela][2], assim, porque a gente tomava banho de açude, não tinha maldade, assim, a gente tomava banho só de calcinha... [...] A gente brincava... Mas,

[1] A professora se refere ao sítio onde nasceu e passou parte da infância. Localizava-se na zona rural de Patu.

[2] Ao inicio da entrevista, a professora Rivaneide solicitou ter acesso a outra narrativa, para ter um exemplo de como iniciar sua fala. Apresentamos a ela o início da narrativa da professora Felisbela, disponível integralmente em Morais (2012), em que essa colaboradora fala sobre sua infância.

assim, eu não tive uma infância... Até aí tudo bem, porque eu morava com minha mãe e meu pai, todo mundo junto, a minha avó também morava lá; mas, como nesse interiorzinho não tinha quase ninguém, era pouca gente, não tinha como brincar muito, sabe? Mas eu não fui uma pessoa, assim, forçada a trabalhar, apanhar algodão... meu pai cuidava disso. Eu era doida pra ganhar um dinheirinho; então, o que era que a gente fazia, eu e minhas irmãs? A gente ia apanhar fruta de Oiticica – que é muito antigo isso, nem existe mais; no meu interior lá, perguntei a meus tios, não tem mais Oiticica –, e era dentro de um lamaçal; as frutas de Oiticica caiam, a gente apanhava na lama e tinha muita formiga. Esse dinheiro das frutas, eu juntei; e o que é que eu fiz com esse dinheiro? Eu passei o ano apanhando fruta, dentro d'água, dentro da lama; as formigas comendo as pernas da gente, eu tinha alergia e ainda tenho até hoje, ficou muitas feridas nas pernas; mas eu continuei apanhando... quando foi em maio, no dia das mães, eu comprei uma tigela de ágata – me lembro como se fosse hoje –, e dei pra ela. Ai, tô me emocionando, devia ter trazido água pra tomar... E, assim, era muito sacrifício pra gente, sabe? Porque a gente não tinha dinheiro. Então, foi bom? Foi. A gente tinha saúde... Eu não tive uma infância muito legal, assim, de ter dinheiro farto, não; a gente não tinha isso, sabe? Então, a gente apanhava para ter um dinheirinho extra, porque meu pai não dava dinheiro, mas dava, assim, feira, dava uma coisa, e minha mãe trabalhava muito! Não tinha empregada... ela cuidava da gente e lavava, engomava, pelava, moía, tudo era assim, não tinha nada ao alcance das mãos... Isso, claro, não tinha energia, na época, era no escuro, lamparina... Catava, desfiava o algodão para fazer o pavio, botava um querosene na lamparina, botava o pavio pra gente ter [luz]... [...] Então... foi boa. A gente foi crescendo e foi pra escola... Eu acho que eu fui pra escola, já tinha até aprendido a ler em casa.

Marcelo: No município em que a senhora morava havia muitas escolas? Quando iniciou os estudos? Onde estudou? Como era o seu cotidiano escolar?

Rivaneide: Pra estudar foi uma novela. [...] Até que era perto. No início, no primário, era perto, porque um tio meu casou com uma professora, o nome dela é Terezinha Jales – que até morreu agora –, e a gente foi pra escola. Ela ensinou a gente até a terceira série primária e... depois a gente ia pra Patu de Fora[3]; uma légua! Uma légua do meu sítio pro Patu de Fora, que já é perto daquela serra bem linda – que já é no início de Patu. [...] Daí, tinha Toinha Benjamim, que era professora e ensinava mais... Era assim: Terezinha Jales ensinava uma parte do primário, e Toinha Benjamim, por ser mais adiantada – ela ensinou em Patu e tudo,

[3] Patu de Fora é outro sítio, que fica nas proximidades da zona urbana de Patu.

já tinha uma formação melhor –, ensinava a gente da terceira série em diante... desarnava[4], assim, com mais [facilidade]. Terezinha só ensinou bem a alfabetização, essas coisas, e ela, Toinha, ensinava melhor porque a gente já tava na terceira série. A aula começava de uma hora; a gente saía de casa de doze e chegava lá de uma. Não tinha lanche, era um pedaço de rapadura preta. Eu me lembro que tinha uma outra colega que ia com a gente, o nome dela era Rita, já era uma moça, mas como não tinham outros professores, ela seguia o mesmo caminho que a gente. A gente era menor, mas ela já era uma moça... [...] A gente ia todo dia pra esse Patu de fora, pra estudar, e vinha de cinco horas. Cinco horas da tarde começava a entrar o gado no curral, que tinha umas vacas dadeira, sabe? A gente ainda estudou lá nesse Patu de fora, assim, uma légua da casa da gente bem três anos. Foi sofrimento. Aí, [...] foi quando a professora repetia o ano inteiro a mesma coisa do outro ano, porque não tinha mais o que dar pra gente. Ela disse que passou três anos ensinando a mesma coisa e que não adiantava pra gente, que a gente fosse pra cidade, que era Patu. Foi quando a gente foi, fui eu e minha irmã pra casa de uma tia. [...] Lá a gente não teve muita vida boa, por que... casa de tia, nunca tem, né? [Por]que tem a gente de empregada... E foi isso que aconteceu: a gente fazia tudo pra comer e minha mãe até ajudava na despesa. A gente foi e estudou o primário. Eu chegue já na quarta série; fiz a quarta e o quinto ano. Um livro muito grande, que tinha tudo: matemática, português, geografia, história. Eu comprei de segunda mão, porque eu não tinha dinheiro pra comprar o livro novo, aí, uma menina que já tinha estudado, vendeu pra mim de segunda mão, porque nós não tínhamos. Um livro pra nós duas, pra mim e pra minha irmã... Então, eu passei de ano, o quinto ano primário. Quando eu fiz o exame de admissão[5] – na época era muito difícil, é como se fosse um vestibular hoje; era muito difícil –, eu não tava preparada, não passei. [...] Meu pai se chateou, teve raiva porque eu não passei – nem eu, nem minha irmã. Passei de ano, mas não passei no exame de admissão, que era no Ginásio Comercial de Patu[6]. Só tinha ele! Então, existia um número de vagas, não é como agora que entra todo mundo. Nesse meu tempo foi assim, só tinha o Ginásio Comercial e eram limitadas as pessoas, tinha que fazer tipo um vestibular, que era muito difícil, não era fácil... Então, eu, infelizmente, não passei na prova. Aí, o que foi que meu pai fez? Com raiva por eu não ter passado, me levou pro mesmo sitiozinho; disse que eu não queria estudar... Passei o ano todinho de castigo. Pense! Eu gostava de dançar, na época; aí, ele me viu dançando, disse que

[4] É uma corruptela do termo desasnar, ou seja, tirar as orelhas de asno.
[5] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, foi extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.
[6] O Ginásio Comercial de Patu foi a primeira instituição com ensino ginasial na cidade.

eu não queria estudar. Só que eu estudei. Gostava das duas coisas. Eu gostava tanto de dançar, que às vezes eu andando, parava e dançava, e ele me viu dançando. Meu pai era muito ignorante! Muito orgulhoso! Não deixava a gente cortar cabelo, não podia usar roupa curta, namorar, não, nem pensar nisso, sabe? Era muito rigoroso. Uma criação muito, muito... assim, que não podia nada. Que tudo era... não podia! Era tudo demais pra ele... Mas ele fumava e bebia. Pra ele não fazia mal, agora, pra gente fazia. [...] Não podia cortar cabelo, não podia ir pra festa, não podia dançar, não podia fazer nada, porque a gente era pequena, e não dava... Eu já tinha uns quatorze anos, mais ou menos, quando eu terminei o primário. Então, ele me levou pro sítio porque me viu dançando Iê-Iê-Iê – na época era Iê-Iê-Iê, na década de 1960, 1970 –, fui pra casa, passei o ano todinho lá. Com raiva, mas não podia abrir a boca, porque se ele estirasse o dedo, a gente já tava tudo com medo e entrava pra dentro de casa; não tinha esse negócio de bajulação; era isso e acabou-se! Se eu quisesse ter me frustrado por isso, eu tinha, porque eu passei de ano, não passei no vestibular porque era muito difícil... Como eu lhe falei, era só um colégio e tinham poucas vagas. Eu não culpo o professor, eu não culpo ninguém, eu acho que a única culpada sou eu mesmo, porque não estudei muito, talvez, não tenha dado muito valor. Uma prima minha foi passar um dia lá em casa e pediu a meu pai... e isso já no final do ano, viu? Eu me lembro como se fosse hoje, eu lavando os pratos no chão – isso, nem mesinha tinha, eu lavava os pratos do almoço no chão, nas bacias d'água –, aí, ela pediu a meu pai pra me deixar ir pra casa dela – o nome dela é Consuelo –, que já era de outra [tia]. E... [...] ele disse: "se for pra estudar ela vai". Mas eu já tinha tanta vontade de estudar, tanta vontade de ir pra rua – porque a gente chamava de rua, não era Patu, era rua; a gente morava no sítio, então ia pra rua –, que eu passei, assim... Eu não passei um ano estudando, eu passei uns três meses estudando; mas estudei com tanta vontade de passar, que eu digo a você... não existe esse negócio de psicólogo – hoje em dia, tudo é psicólogo; se o filho não quer estudar, se o pai bate no filho; isso é frescura, porque não existe nada disso; hoje em dia existe, porque o filho é preguiçoso leva pro psicólogo, não sei o quê. Meu pai não bateu em mim, não, mas me deu um castigo, passei o ano todinho; aí, minha prima foi, pediu a ele e ele deixou, disse: "se ela quiser estudar eu deixo, mas tem que estudar mesmo, porque se ela não passar, ela nunca mais vai". Rapaz, eu estudei com unhas e dentes! Vivia estudando. Pegava o caderno, ia pra aula, tudo o que a professora dizia eu sabia; era português, matemática, geografia e história. Resultado: só tirei dez. Acho que o único nove e meio que eu tirei foi em português, o resto foi tudo dez! Arrasei, arrasei! Fui a primeira da turma. Olhe a vontade que eu tava de estudar. Pra mim, na época eu sofri porque eu era pequena e não sabia... mas foi

uma lição que ele me deu, disse: "olhe, você não quer, mas você vai aprender... você vai estudar quando você quiser...". Aí, me deu vontade mesmo. Só tirei dez nas provas do exame de admissão, eu fui a primeira! Na época, eu não tinha muito tempo de estudar, porque eu trabalhava o dia todo; chegava da escola, ajeitava as coisas, fazia, lavava prato, lavava, engomava, fazia tudo. Estudava de noite, sabe como? A energia na rua apagava dez horas, ficava tudo no escuro; então, quando a luz apagava, sabe o que eu fazia pra estudar, pra tirar notas boas e não ser reprovada – pra não ir mais pro interior, pro meu sitiozinho? Pegava a lamparina, que eu já expliquei como era, e estudava... Pegava a lamparina e ficava deitada no chão, com os cadernos na mão. Eu trabalhava no café do meu tio sendo empregada, tipo empregada... muitas vezes, quando ele chagava de noite, e [estava] eu agarrada, de tão cansada, eu dormia com a lamparina na mão, que era um perigo. Muitas vezes ele tirou a lamparina da minha mão, eu dormindo no chão. [...] Eu sei que eu passei; aí, saí de lá, fui pra casa de outra tia minha. Aí, foi melhorando as coisas. A luta ficou menor pra mim e eu estudei mais. Ainda estudei a quinta e a sexta séries na casa de outra tia, só que meu pai resolveu morar em Patu. Então, as coisas foram melhorando... da sétima série em diante foi que melhorou, foi todo mundo estudar – eu e minhas irmãs. Todo mundo estudou lá e tudo; foi tudo muito bem até aí. Eu fiz a segunda série, o quinto ano primário, espere, deixe eu me lembrar aqui... [...] É... Terceira e quarta. Eu fiz a primeira e a segunda no Ginásio Comercial, aí, surgiu o Ginásio Municipal[7], que era como uma competição. Era como uma politicagem danada, porque o Comercial era de um político poderoso e o Municipal era do prefeito, João Pereira de Araújo. Foi o primeiro prefeito de Patu que conseguiu o Ginásio Municipal para Patu, na época o governo, acho que era o governador de Maia, Lavoisier Maia[8]. Como lá era político, o colégio era político, então, eu e minha irmã, minha irmã tinha uma bolsa... Não, a gente era muito pobre, tinha as duas bolsas. Espere, deixe eu ver como foi que eu... Porque era assim: o Ginásio Comercial era pago, que até hoje é ainda, mas tinha umas bolsas que o governo dava. Quem tinha duas pessoas numa casa, não podia ter as duas bolsas, só podia ter uma. Então, a minha irmã tinha uma bolsa e a minha mãe pagava a minha. E como a gente – veja bem como são as coisas do interior – era do outro lado, do lado de João Pereira, então, eu perdi minha bolsa porque eu não votei com eles lá. Era Adécio Dutra, o nome do prefeito de

[7] Fundado como Ginásio Municipal Francisco Francelino de Moura, foi o primeiro ginásio público da cidade. Atualmente, Escola Municipal Francisco Francelino de Moura.

[8] Lavoisier Maia Sobrinho é médico e político, ocupou os cargos de governador (1979-1983), senador (1987-1995), deputado federal (1999-2007) e deputado estadual (2007-2011), todos pelo Rio Grande do Norte.

Aluízio, do tempo de Aluízio Alves[9]. O diretor, ou diretora, cortou a bolsa porque a gente, meu pai e minha mãe, votou em João Pereira. Eu não votava nesse tempo, mas eu era da frente da Ala Moça, então, não podia nem dizer que minha mãe não tinha votado nele, porque eu era a primeira da Ala Moça. Gostava de dançar, né? A primeira, carregando faixa e tudo. Aí, João Pereira ganhou e eu perdi a bolsa. Resultado: eu tive que sair da escola; nós duas saímos de lá, porque se tinha de graça, pra que pagar, se eu tinha perdido minha bolsa? Aí, fomos pra lá pra outra escola, que era escola Municipal Francisco Francelino de Moura, e lá eu fiz a terceira e a quarta série. A quarta série era com bem pouquinho, eu acho que uns treze alunos, porque o resto ficou tudo lá [no Comercial]. Tem até a placa lá, se você for na escola... Escola Municipal, de onde você tirou meu nome. O Ginásio Municipal era lá no Xavier Fernandes[10], que hoje é a faculdade[11]; quando começou o Ginásio Municipal foi lá, no Xavier Fernandes, aí, depois construiu o aquela escola perto do cemitério. Então, terminei a história do primário e do ginásio, né? Quando eu terminei o primeiro grau, lá em Patu ainda não tinha o segundo grau... Aí, eu e minha irmã terminamos juntas – parece que foi na mesma turma, acho que foi –, e a gente foi pra Mossoró, porque lá em Patu não tinha. Tinha o segundo grau só lá em Mossoró. Aí, a gente foi pra Mossoró, eu e minha irmã, e minha mãe ficou sozinha. Ela fazia cocada, ela fazia doces, fazia bolo pra vender, pra dar o dinheiro pra gente comprar o lanche, comprar a farda, sabe? Ela ia deixar uma feirinha da Nova Brasília[12] pra estação – porque a gente pegava um trem[13], era de trem... [...] Menino, foi sofrimento. É uma história, é uma novela minha vida. Mas... Aí, a gente ia, passava as férias lá em Patu, e vinha de trem. Terminamos, que também não foi fácil, viu? Porque a gente também não tinha emprego. Então, eu terminei o segundo grau, também não foi lá muitas coisas, [porque] lá em Mossoró também não tive vida fácil. Difícil, muito difícil! [...] Porque eu fazia tudo: lavava, engomava, continua a mesma luta. A minha tia não fazia nada. Se não fizesse um jantar, não tinha janta. Era tudo eu e minha irmã. É, foi muito sofrimento. E era muito longe a casa dela pra a escola. Eu estudava no Elizeu Viana[14], fiz o primeiro, segundo e terceiro ano lá, fiz Secretariado Executivo; era um colégio novo, parece que era o segundo ano do colégio, e era

[9] Aluísio Alves, político do Rio Grande do Norte, tendo sido governador nos anos de 1961 a 1966. Foi cassado pelo AI-5 em 1969.
[10] Escola Estadual Doutor Xavier Fernandes.
[11] A professora se refere ao espaço onde hoje funciona a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus Patu.
[12] Um dos bairros de Patu.
[13] A Estação Ferroviária de Patu era um ramal da linha Mossoró-Souza, foi inaugurada em 1936 e funcionou oficialmente até 1979, mas é possível que tenha funcionado alguns anos a mais (http://www.estacoesferroviarias.com.br/rgn/patu.htm).
[14] Centro de Educação Integrado Professor Elizeu Viana.

muito longe, sabe? Eu saia de casa doze hora, chegava lá uma... Muito alagado, muita muriçoca, aquela coisa, aquele calor! Que Mossoró é quente, viu? Saía de lá cinco horas, chegava em casa de seis. Tinha dia que chovia tanto, e Mossoró era tão alagado, que teve um dia que eu perdi o tênis. Eu ia a pé, não tinha ônibus; tinha ônibus, mas eu não tinha o dinheiro pra pagar e um dia choveu muito e alagou, pra eu ir pro Elizeu Viana, Diocesano[15], tinha umas águas ali no meio do tempo, ali não tinha nem pista, eu acho que era só barro, e o tênis preto, me lembro como se fosse hoje, ficou dentro do buraco, eu fiquei só de meia. Perdi meu tênis, não encontrei mais. Aí, vim descalço mesmo pra casa. Tudo foi muito difícil pra mim, sabe?

Marcelo: Quando e por que começou a lecionar? Qual o nível de escolaridade que ensinou? Foi em escola regular?

Rivaneide: Chegou o bendito vestibular, terminei no sofrimento [o segundo grau], mas terminei; eu e minha irmã. Aí, fui fazer o vestibular, não passei. Nem eu nem minha irmã. Estudei muito não. Pra ser sincera: era concorrido, poucas vagas; não estudei muito, não passei. Aí voltamos pra lá pro interiorzinho, pra Patu. [...] Quando cheguei lá, o prefeito, era doutor Epitácio de Andrade, muito bacana, muito bom, foi meu professor de geografia, na oitava série. Ele sabia que eu tinha condição, assim, de... Eu era uma aluna muito boa. Eu estudava, decorava – tudo era na decoreba, e pra decorar eu era boa porque era só: "o que é isso? O que é isso?", e eu respondia na ponta da língua... Isso, no ginásio. Quando eu voltei pra Patu sem emprego sem nada... foi a única oportunidade que me apareceu, foi ser professora de matemática. Doutor Epitácio como era meu professor, me conhecia, me deu. Nessa época não tinha concurso, então, ele botava quem ele queria. Como ele era amigo de meu pai, amigo da minha mãe; a mulher dele também muito legal, dona Lurdinha, que também foi professora, na época, era eu, ela... Aí, ele me deu o meu emprego... Pra ensinar o quê? A matéria que eu mais... odiava! Pra minha sorte ele me deu matemática. Tava faltando um professor de matemática, que veio aqui pra Natal, ficou uma vaga pra mim. Acho que eu sou abençoada, porque surgiu essa vaga. Na época eu tava precisando... Ele foi lá em casa. Sabia que eu tinha vindo de Mossoró, não tinha passado, minha mãe já tinha contado a história, aí ele disse: "tem uma vaga lá, pra professora de matemática, será que ela vai querer?"; aí, mãe disse: "eu não sei, tem que perguntar a ela". Mãe me perguntou [...], eu disse: "mulher, eu quero, porque eu não vou ficar sem trabalhar, não, eu quero". Aí... Eu fui. Rapaz, pelo amor de Deus! A única coisa que eu sabia, que eu aprendi de cor e salteado, do

[15] Colégio Diocesano de Santa Luzia.

ginásio, em matemática, me lembro como se fosse hoje, foi números relativos. Mais, menos; positivo e negativo. A única matéria que eu aprendi. Aí, eu disse: “meu Deus, como é que eu vou ensinar?”. Só era a quinta e a sexta série pra mim, pra sétima e oitava era outro professor. Eu disse: “meu Deus, a única matéria que eu sei de cor e salteado dessa matemática é isso, números relativos”, aprendi muito, aprendi com gosto de gás! Porque era a matéria mais difícil, pra mim... Pros meus outros colegas, eu ensinava. A professora dava, mas quem fazia os exercícios tudinho era eu; corrigia com eles e tudo. Aprendi muito bem essa matéria. Então, eu fui... Só via isso na minha frente. Aí, o que foi que eu fiz? Como eu tinha que trabalhar de tarde e de noite, então, eu tinha que estudar a noite, depois que chegava da escola... planejar, fazer meus planos de aula, sem saber de nada. Aí, peguei o livro do professor, fazia aqueles rascunhos, fazia meus planos de aula num papelzinho, cadernozinho, e aprendi, aprendi tudo! E o que eu aprendi fui só passando pros meus alunos. Professora de primeira viagem, sem gostar da matéria, sem saber bem, mas, assim, eu fui gostando e fui levando, né? Os alunos horríveis! Sofri demais, porque eu nem tinha base, assim, e os alunos muito danados! Sessenta alunos numa turma sem querer nada. Ai meu Deus do céu, um sofrimento danado! Passava à tarde todinha gritando com esses alunos pra ver se eles se calavam, tudo inquieto na sala de aula. Mas me saí bem. E... sem passar em vestibular, né? Isso sem passar em concurso. Como eu ensinava matemática, aí, fui pra Mossoró, fiz [vestibular para] Matemática, mas também não passei; também não estudava, sabe? Não tinha tempo de estudar pra fazer vestibular. Era concorrido demais na época. Só era quarenta vagas... Não tinha essas chances de vestibular em todo canto... Caicó já tem, em Patu tem, não sei aonde tem. Então, era muito difícil; só tinha em Mossoró, e esse pessoal, todo mundo daquela região, ia pra lá, era muito concorrido... Ou então aqui em Natal. Não passei de novo. Aí, eu disse: “quer saber? Eu não vou mais fazer isso, não. Eu não passei, vou ficar ensinando, sem faculdade mesmo”. Quando o campus avançado foi pra Patu, aí, eu fiz; ainda demorei bem uns três anos pra passar, sem estudar. Um ano resolveram – não sei se foi minha capacidade, ou se foi de tanto eu fazer, bater na mesma tecla sem passar –, um ano eu passei... Passei e acho que eu terminei em 1989; então, eu comecei em 1985? Era dois de março de 1989 quando eu terminei o curso. Eu estudava na faculdade de noite; trabalhava à tarde, quinta e sexta série; e ainda tinha uma loja de confecções. Aí, minha vida foi melhorando, né? Porque já tinha meu emprego, já tinha um dinheirinho pra comprar as confecções e já tinha passado no vestibular. Então, eram três trabalhos, três empregos. Muita coisa pra uma pessoa, né? Muito corrido... Mas eu dei conta. [...] Eu sei que, aí, casei e vim morar aqui em Natal.

Trouxe minha transferência de lá pra cá, trabalhei em três escolas aqui e me aposentei em... Não me lembro o ano, mas não tem problema, né? Pronto. Lá em Patu era tudo muito melhor. Aqui, os alunos meio danados, assim, todos inquietos. Quando eu chegava na sala – isso faz uns vinte anos que eu casei e vim pra cá –, os alunos não queriam nada, sabe? Eu estranhei muito. Porque lá a gente controlava mais ou menos, mas, aqui não; aqui não. Quadro pichado... E aquilo me incomodava, sabe? Sem o aluno querer nada e me incomodava. Mas, assim: eu falava com as outras professoras, elas diziam que era assim mesmo, que eu ia me acostumando. Eu sei que eu sofri pra ir me acostumando... Porque lá no interior não tinha isso, né? E tinham as vendinhas... um senhor vendia lá no meio do tempo, debaixo de um pé de árvore, drogas. Quando foi um dia eu cheguei à sala – isso em uma escola daqui muito boa, do Estado, trabalhava lá – e foram sete alunas presas. Procurei os alunos na sala, disseram: "não, Rivaneide, a polícia levou porque estavam se drogando"; eu disse: "e é?". Ai eu fiquei doente com isso. Porque lá em Patu ainda não tinha isso; hoje em dia tem. Então... Eu acho que é isso. Graças a Deus estou aposentada, estou bem. Agora, deixa sequelas, viu? Estou aqui perdendo a minha voz, falando com você, querendo falhar aqui acolá, de vez em quando tem que beber um gole de água. Agora, vamos falar da infância, é? Ou não?

Marcelo: Pronto, podemos sim, com certeza. Eu vou passando aqui as fichas, aí, qualquer coisa que a senhora queira complementar...

Rivaneide: O nome do meu pai era Raimundo dos Santos, ele já morreu; minha mãe é viva, vai fazer oitenta e cinco anos agora, dona Cleonice. Linda e maravilhosa minha mãe. Muito boa; muito boa mesmo! Fez tudo pela gente. Agora, não deixe de botar no seu relatório que ela saia com uma caixinha de baixo do braço e ia pra estação deixar uma feirinha... [...]... pra gente que morava em Mossoró. É... [...] Uma feirinha, uma caixinha pequena que ela levava no braço. Ia uma pessoa conhecida, assim, e ela mandava pra gente. [...] Toda semana. [...] Uma santa. Mas é muito bom... [...]... Mas é sofrido, sabe? É sofrido...

Marcelo: Sim... Professora, eu vou passando algumas fichas aqui, porque, na verdade a senhora já abordou algumas delas, aí, eu vou só passar aqui, caso a senhora queira acrescentar alguma coisa... Aqui é a família, que a senhora já falou dos pais, das irmãs...

Rivaneide: Já falei.

Marcelo: A infância, que a senhora também acabou falando no início, das brincadeiras, o trabalho que tinha na infância...

Rivaneide: Apanhava frutas... Você vai botar isso aí, que isso aí é muito importante. Eu passei o ano juntando dinheiro para comprar presente pra minha mãe.

Marcelo: Pronto. Já está registrado e com certeza vai estar. A juventude; que a senhora também acabou falando como foi, o processo que foi pra cidade, acabou voltando pra casa... No caso, essa daqui eu vou pedir para a senhora falar um pouquinho: o cotidiano da cidade. Como era a cidade, como era Patu?

Rivaneide: Juventude. Essa minha juventude, até que eu aproveitei mais um pouquinho. Como meu pai morava no interior, no sítio, na época, e eu tava na rua, então, tinha umas tertúlias, que era na casa de uma colega. Uma noite na casa de uma colega, outra noite na casa de outra colega, outra noite na casa de outra, e a gente ia. Eram umas cinco moças. Eu morava lá na casa das minhas primas e a gente ia pra essas tertúlias. Tinha também a praça João Carlos, que nos domingos a gente ia pra missa e depois da missa a gente ficava lá. Na praça João Caros tinha um primeiro andarzinho que fizeram, o prefeito de lá fez, pra umas tertúlias de noite, aos domingos; então, a gente ficava lá, dançava, dava umas voltinhas, sentava nos banquinhos da praça... Não tinha muita coisa. Era a praça que tinha em Patu. Em dia de semana, sexta e sábado, a gente ia pras casas das colegas. Uma noite na casa de uma amiga, outra noite na casa de outra, outra noite... Então, a minha juventude foi isso. Eu não tive namorados... [...] Não, nada disso. Proibida de tudo, não é? Não podia fumar, nem fazer nada. A minha juventude foi boa, mas não tinha muita coisa na época. Não tinha muita coisa pra falar da minha juventude. Eu quase não tive.

Marcelo: Certo... E o cotidiano da cidade, professora, como era? O cotidiano de Patu?

Rivaneide: Era uma cidadezinha pouco habitada... Não tinha muita coisa. Tinha a escola João Godeiro[16], que foi a primeira escola, e tinha o Ginásio Comercial de Patu. Tinha essa praça João Carlos... Cotidiano da cidade em que cresceu. Tinha isso, essa igreja nos domingos, as tertúlias que a gente ia, o cotidiano era esse... E tinha uma feira em dia de sábado, que até hoje ainda tem, mas a feira mesmo, falada, era em dia de sábado. Que tinha até um, que hoje não tem mais... Todo mundo trazia das outras cidades pra vender lá... Era um mercado, Mercado Público de Patu. Então, o pessoal se encontrava nos sábados, tinha aquela cantoria de cordel, versos, sabe? Tinha o Lima[17]... que não era asfalto, era barro; dia vinte e um de novembro a gente subia a pé e tinha a festa, até hoje ainda tem, de Nossa Senhora dos Impossíveis. [...] Não tinha energia. Tinha até dez, como eu já falei. Era cidade calma, tranquila... Era muito pouca coisa. Mas, assim, em relação a hoje não teve muita mudança, porque também eu vejo a cidade lá tão parada, mas, pelo menos, hoje tem muito comércio que não tinha, né? O

[16] Atualmente, Escola Estadual João Godeiro. Criada em 1927, como Grupo Escolar João Godeiro, foi o primeiro estabelecimento de ensino público da cidade de Patu.

[17] A professora se refere ao Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, localizado na Serra do Lima, em Patu.

cotidiano da cidade em que eu cresci foi isso. Eu andava muito nas calçadas, sentava nas calçadas, com as colegas pra conversar... Acho que era só isso mesmo. Não tenho muito a falar da minha juventude, não.

Marcelo: Professora, a cidade e a educação a senhora já falou, na verdade, que tinham as duas escolas, tinha o primário, João Godeiro, e o Comercial, depois foi que chegou mais escolas...

Rivaneide: O Municipal que chegou depois. Eu concluí lá no Ginásio Municipal, porque, na verdade, tomaram a minha bolsa. Política, que eu era da Ala Moça de João Pereira... Na verdade, acho que era ARENA e MDB[18]. Eu era da ARENA e lá era MDB. O Comercial era do verde, partido verde, que era de Aluízio Alves, ele quem comandava. O outro era Arena, que era Tarcísio Maia[19]. Esse Aluízio Alves era muito cruel. Eu me lembro que tinham pessoas lá que passavam um mês na cidade, passava um mês em outra, passava o ano todinho mudando de canto porque não votou com ele. Era muito perseguidor, esse Aluízio Alves. Ele perseguia muito as pessoas. Então, quem não votasse com ele, era perseguido na hora. Como eu não votei, eu fui perseguida, porque tomaram minha bolsa. Eu achei foi bom, porque eu ia sair mesmo, eu ia pra onde eu votava, né?

Marcelo: Está certo... Professora, a educação no sítio, a tia da senhora ensinava, era só a vocês mesmo, os sobrinhos?

Rivaneide: Não. Ah, era o pessoal lá, dos moradores... Tinha uns vinte alunos a tarde, tinha merenda... Uma escolinha na casa dela, na sala da casa dela, depois...

Marcelo: Era uma escola isolada[20]?

Rivaneide: Uma escola isolada. Ela recebia do governo! Uma escolinha isolada. Os alunos: tinha a gente, o pessoal lá de vovó – as minhas tias estudavam com a gente também –, e tinha o pessoal dos moradores. Talvez tivesse uns dez, quinze alunos dos moradores. Dos moradores, que nessa época tinha o pessoal do Saco, o pessoal do Arizona, o pessoal do Mundo Novo, todo mundo ia pra lá. Entendeu? Onde tivesse gente... Só tinha essa escolinha, então, ia pra lá mesmo.

Marcelo: Sim. Professora, e o Rio Grande do Norte nesse período? Assim, a senhora conhecia, ou ouvia falar de como era o Estado?

Rivaneide: Na minha época, na minha adolescência? Olhe, sinceramente não.

---

[18] Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) foram partidos políticos brasileiros criados na década de 1960. O primeiro grupo era opositor do Regime Militar de 1964.

[19] Tarcisio de Vasconcelos Maia foi deputado federal (1959 a 1963) e governador do Rio Grande do Norte (1975 a 1979).

[20] As Escolas Isoladas (EI) foram previstas pela Lei Orgânica do Ensino Primário, promulgada em 1946 sob o número 8.529. As EI se caracterizavam por ter uma única turma, entregue a um único professor.

Marcelo: Tudo bem. A educação familiar a senhora também acabou falando, não é?

Rivaneide: É, meu pai era muito rigoroso e ele... proibia a gente de tudo, até mesmo de cortar o cabelo. Educação familiar, ele era muito rigoroso com a gente. Mas, isso aí, eu tive raiva na época, mas... Foi até bom ele dar essa educação. Não precisava ser tão rigorosa, sabe? Mas era o jeito dele, era uma pessoa ignorante. Ele era filho de professor, mas ele só aprendeu a fazer o nome. Meu avô era professor. Minha mãe estudava, não era analfabeta, mas meu pai, só fazia o nome.

Marcelo: Certo... Professora, e a escola e a rotina escolar, como era a rotina na escola?

Rivaneide: No primário, no interiorzinho, no meu sítio, era assim... Não tem muita coisa porque era uma rotina só. Era o quadro, o giz... [...] três horas tinha uma merenda, que era um mingau de milho, isso era a prefeitura ou era o Estado que mandava, à época. Tinha o dia das mães que eu gostava de recitar, ganhava até prêmios... Cantava, no dia das mães, mais minha irmã Graça. Tem até umas fotos lá em casa no monóculo. Era só isso mesmo, não tinha muita coisa, não. Tinha isso, assim, era dia de pai, dia das mães, dia do professor, a gente dava uma lembrancinha, os parabéns, mas não era muita coisa não, porque a gente também não tinha... Esses professores do interior nem se reciclavam... Nada moderno, tudo era escrito! Tudo. Lápis, papel, caderno; os livros, quando tinha, quando não tinha... E o professor, escrevendo e apagando, escrevendo e apagando... Que a minha não foi diferente. Não tinha internet. Televisão também, muito pouca. Tinha uma televisão em Patu que a gente assistia a novela – isso já em Patu. Tinha uma televisão numa casa, que eles botavam na calçada, e todo mundo da escola, na hora do intervalo, ia pra lá pra assistir a novela. Todo mundo usava, ele foi muito bom, porque só tinha uma televisão lá em Patu.

Marcelo: Certo! Aí, depois que a senhora foi pra cidade, a rotina no ginásio era mais ou menos a mesma?

Rivaneide: Era. Tinha a merenda, tinha os professores... Mas o ginásio era diferente, porque no primário era só uma professora; no ginásio tinha professor de matemática... [um pra cada disciplina,] como tem hoje. Mas não era muito diferente, não. Era muito caderno, muito escrito e muito apagado. Apagava, escrevia; apagava, escrevia e era isso. Não tinha nada de diferente, nada. Apenas que era numa sala, que a gente ficava; tocava, tinha um intevalozinho. O Comercial era perto de uma pracinha, aí, a gente ia pra essa pracinha e era muito bom. Quando era no início da semana, quando era segunda feira, a gente se encontrava nessa pracinha, chegava cedo pra conversar, botar o assunto em dia. E foi bom. Nesse período da

escola, do ginásio, foi bom, sabe? Foi quando eu me soltei mais. Mas eu era muito [presa]... Foi quando eu me soltei mais, tinha mais amigas.

Marcelo: Professora, a senhora estudou, estudo mais ou menos em que período, a senhora lembra, não?

Rivaneide: Não, lembro não...

Marcelo: Não tem problema... Depois que a senhora foi pra Mossoró, a senhora lembra o ano que foi pra Mossoró, não? Não! Mas a senhora foi logo em seguida, assim que terminou o ginasial?

Rivaneide: Foi! Assim que terminou o ginásio, não tinha o segundo grau em Patu. No outro ano já teve, mas, como a gente já tava em Mossoró, aí, ficamos. Terminamos os três anos, eu e minha irmã Trindade, mas aí a gente fez o vestibular, não passamos e viemos pra Patu. Ela arranjou um emprego, eu arranjei o meu...

Marcelo: Isso foi na década de 1970?

Rivaneide: Não me lembro... Eu terminei... Eu comecei a trabalhar em 1977. Então, foi década de 1970 mesmo, porque foi em 1977 meu primeiro. Foi! Eu comecei a trabalhar em 1977 e o meu dinheiro foi sair em setembro. Passei, trabalhei o ano todinho, só recebi, em setembro, até que o pessoal dizia: "você não vai receber esse dinheiro"; aí, eu digo: "não é possível que eu não receba". Foi! Em Patu, no Ginásio Municipal.

Marcelo: Ah, tudo bem... Aí, professora, lá em Mossoró a senhora morava na casa de uma tia também?

Rivaneide: De uma tia e era muito escorona também, sabe? Eu que fazia tudo também, eu e minha irmã que fazíamos tudo. Nem, nem gosto de pensar. Não tinha nem comida, não tinha nem janta. Era café com pão. Sofri, viu? Sofri!

Marcelo: E como era o cotidiano de Mossoró, quando a senhora chegou lá, professora? Ou a senhora nem chegou a conhecer muito?

Rivaneide: Assim, a gente não saía muito, porque meu pai passava ordem, né? Não podia sair. Mas a gente ia, assim, a gente estudava de tarde no Elizeu Viana... Lá em Mossoró, eu conheci, eu andava, eu ia pras missas na Santa Luzia... O primeiro ano que eu estudei em Mossoró foi muito bom. Eu fui morar no centro da cidade, meu tio trabalhava num hotel e foi muito bom pra mim. Foi o melhor ano da minha vida. Assim, morava no centro, ia assistir a missa lá em Santa Luzia. Foi muito bom. Depois, a gente foi morar nos subúrbios, que era longe lá pro Elizeu Viana, era muito longe. Foi quando eu perdi meu tênis... Ia pro ACEU[21], a

[21] Associação Cultural Esportiva Universitária.

gente ia pra umas festinhas, se encontrava lá com as colegas de Patu que também estudava lá – como lá em Patu, até então, não tinha o segundo grau, quem quisesse estudar, tinha que partir pra Mossoró. Elas também estudavam no Elizeu Viana e a gente dizia: "olhe, vamos pra tal canto no final de semana, sábado"; aí, a gente se encontrava e ia pras festas, ACEU e tinha até outro também que a gente foi uma vez que era num mato... Não sei bem onde era, sei que não era bem na cidade, mas eu também só fui uma vez. Era longe! Eu fui com o pessoal, até umas colegas da gente da escola. Pronto, só isso mesmo; a gente não saía muito não. Que era presa, papai não deixava.

Marcelo: Professora, nesse período, como era o interesse dos alunos pelos estudos? Tanto lá em Patu quanto lá em Mossoró?

Rivaneide: Não... Era um interesse muito bom. Eles eram interessados, respeitavam os professores... Esse interesse dos alunos pelos estudos era muito bom. Era... Alunos faziam perguntas para o professor, tiravam notas boas e não davam muito trabalho, em relação aos de hoje, que hoje a maioria não quer nada, né? Mas, na minha época, os alunos eram bem... Pelo menos na minha turma, eles eram bem esforçados, respeitavam o professor. Os professores não tinham muito o que reclamar, não, viu? Éramos bons alunos... [...] Nesse período lá de Mossoró, [em] setembro eu tava de férias, louca pra ir-me embora pra Patu, eu fazia a minha prova no final do ano se eu quisesse, mas em setembro eu já tava, já tinha ponto pra passar. Em toda a minha vida eu fui muito estudiosa, só fui reprovada, assim, no vestibular, porque eu nunca estudei pra vestibular. Sabia nem o que caia, estudar pra um monte de coisa... e não saber nem o que era, sem cursinho, sem nada, só com um monte de livro. Não tinha cursinho. Então, era muito difícil pra eu estudar, e não tinha esse tempo, aí, eu levei na esportiva. Um dia eu entrei, terminei, tudo bem... Bom, isso aqui [o tema] eu já falei.

Marcelo: Certo... Tudo bem. Professora, e as disciplinas? A senhora lembra as disciplinas?

Rivaneide: Lembro; ah, lembro! As disciplinas em geral, de um modo geral, de colégio, de tudo? Bom, as disciplinas eu gostava de matemática... [...] Só da sexta... Eu comecei a gostar de matemática só a partir da sexta série, que, aí, foi os números relativos que eu dominava. Ensinava aos meus colegas todos e... Mas eu sempre passava por média. Eu gostava. Eu não era muito boa em redação. É tanto que eu não quis coisa com Português, Pedagogia, não, porque tinha medo da redação. Eu nunca fui muito boa. Eu achava melhor conta, sabe? A matemática tradicional. Que era a mesma matemática tradicional. Hoje, não, [por]que aderiu geometria e eu não dominava muito isso. Mas... Eu gostava de todos os professores, eu não

fui aluna da primeira fila, [mas] todos os professores me elogiavam; era aquilo ali, eu gostava. Não tenho nada do que reclama, não, das disciplinas.

Marcelo: Certo... Pronto. Professora, e os professores e as aulas deles?

Rivaneide: Professores e suas aulas. É como eu já lhe falei. Não tinha muito... não tinha internet... Era só quadro mesmo. Tinham alguns trabalhos que eles passavam, a gente fazia. Eu tô falando do ginásio... Eu não tinha nem livro; eu não tinha o dinheiro pra comprar meu livro, então, era o livro o professor, ele me emprestava, pra copiar os exercícios, mas eu respondia todos. Passava à tarde todinha estudando. Trancava a minha porta e estudava, fazia, batia... E você sabe que a gente tá fazendo as questões, copiando as questões, tinha a resposta lá atrás, né? Então, eu fazia as questões, respondia, e olhava a respostinha certinha; então, aquilo me dava uma vontade tão grande de fazer outras, que eu ultrapassava, eu passava a tarde estudando. Equações de segundo grau, eu tirei dez na minha prova. O professor era o capitão. Ele não tinha tempo de dar aula no horário dele – ele só tinha tempo de dar aula de dez, onze horas –, então, a gente ia pro quartel; isso, na oitava série... Pra ele não sair lá do quartel, ele arrumou uma salinha lá pra gente, era na faixa de dez, treze alunos; a gente ia pra o quartel da polícia estudar a oitava série, isso foi por pouco tempo, depois ele ia dar as aulas de noite, porque durante o dia ele não podia sair. Tinha noite que parece que ele viajava, porque ele dava de tarde, quando ele viajava aqui pra Natal... O nome dele era capitão, tenente, não sei o quê lá, e era muito rígido. Era equação de segundo grau e ele me disse... Eu fui a primeira a entregar a prova, ele corrigiu, tirei um dez; ele disse na frente de todos os alunos: "nunca na minha vida, até hoje" – ele se admirou – "até hoje, eu como professor de matemática, nunca botei um dez num aluno, você foi a primeira, até hoje". Aí, eu disse: "que bom professor". Eu saí ensinando aos meus colegas todos. O que desse tempo eu fazia pra eles e eles tiravam também muita nota boa.

Marcelo: Depois foi que a senhora acabou perdendo o gosto por matemática? Nas outras séries?

Rivaneide: Sim! Até o segundo grau eu gostava de matemática, depois foi que eu perdi... foi na faculdade; álgebra. Nunca entendi! Era com Ozório[22]. Álgebra, cálculo um, cálculo dois, que coisa difícil, cálculo, né? Passei na cola. Se meus colegas não tivessem me ajudado... Era muito difícil. Ozório também ele é um professor bom... ele ajudava, sabe? Acho que eu não tinha tempo, sabe? Porque quando eu tinha tempo, eu estudava, eu fazia os meus exercícios de matemática até a oitava série, até o segundo grau eu fazia, eu passava por média. Faculdade

[22] Professor Ozório Barboza de Menezes é professor do curso de Matemática da UERN, *campus* de Patu. Ele é colaborador de nossa pesquisa. Ver sua narrativa em *"Professor Ozório"*.

eu não tinha tempo, porque eu trabalhava, tinha minha lojinha e estudava pra faculdade de noite. Não tinha tempo pra me interessar por aquilo ali mais, entendeu? Já tava ganhando meu dinheiro, eu acho que eu me desinteressei foi aí.

Marcelo: Sim... E os sistemas de ensinos a senhora lembra se tiveram mudanças? Ou não?

Rivaneide: Pra falar a verdade, muito pouco. Não tinha vídeo, a gente nunca estudou por um vídeo. Era só quadro. Escrevendo e apagando. Fátima Dutra[23] foi uma das minhas professoras, Ozório também, e eu não me lembro de diferença, não. Não tinha um vídeo, não tinha uma televisão pra gente ver... Uma coisa diferente? Não tinha. Eram só os exercícios que eles passavam, a gente fazia aqueles trabalhos... Pra você ter ideia, no meu tempo não tinha nem monografia, era só relatório, ou seja, tudo o que você viu naquele período da faculdade, você escrevia no relatório; as aulas que você dava pros seus alunos, no estágio... Você passava pro relatório aquilo que você passava pros seus alunos, não tinha nada de diferente. Não mudou muito, na minha época. Hoje é tudo mudado, hoje é tudo na internet, hoje é tudo... O meu filho, ele faz uma prova, ele entrega na mesma hora pra o professor pela internet, né? Faz tudo, envia. "Já enviei minha prova"; "que bom"; já esperava a nota. E tudo isso, a gente não tinha. Era muita dificuldade. Muita dificuldade.

Marcelo: Sim. Professora, e a senhora lembra se ocorreram mudanças, assim, na questão da forma de ensinar, ou de conteúdo de matemática? Isso também não?

Rivaneide: Não, não. A diferença, se mudou, como eu falei, foi muito pouco, porque era só o quadro, escrevia e apagava... Uma apostila aqui e acolá pra você ler e depois, tudo o que você viu na apostilha, passavam. Era tipo assim uma coisa decoreba, que hoje não existe mais isso, hoje é mais cabeça, hoje é mais interpretação. No ginásio não foi diferente, nem o segundo grau também foi e na faculdade também não foi essas diferenças, não. Foi muito parecido com o meu segundo grau.

Marcelo: Certo... Professora, e a realização dos estudos? Na verdade a senhora já acabou começando, falando isso já no começo, que a senhora falou que foi um pouco difícil, que tinha que ir até a escola, depois foi morar na cidade, na casa de umas tias... Mas, pra realização dos estudos da senhora, sempre foi envolto dessas dificuldades? Ou não, a senhora teve outra?

Rivaneide: Até o ginásio, quando eu terminei o segundo grau, foi com muita dificuldade. Eu não tive vida fácil, não. Eu era dona de casa, se eu não fizesse um jantar não tinha janta. Todas as minhas tias [para onde] eu fui foram assim, esperavam muito por mim, entendeu?

[23] A professora Maria de Fátima Dutra é professora do curso de Matemática da UERN, *campus* de Patu. Ela é colaboradora de nossa pesquisa. Ver sua narrativa em *"Professora Fátima"*.

Não foi vida fácil, não. Agora, eu tive vida fácil quando eu terminei o segundo grau, que, aí, eu fui pra casa, fui pra casa da minha mãe. Aí, sim. Aí, eu já tinha minha loja, já tava trabalhando e tava estudando a faculdade. Mas, até o segundo grau, eu dei duro, trabalhei nas casas pra concluir meus estudos. Veio melhorar quando eu arranjei o meu emprego, que os meus pais vieram morar na cidade, que eu deixei de ser piniqueira, na verdade, deixei de ser empregada, pra ter a minha vida.

Marcelo: Sim... Professora, e legislação e educação? Eu acho que a senhora já sinalizou que não lembra muito bem? Mas a senhora lembra alguma modificação na legislação que tenha afetado a educação? Ou não?

Rivaneide: Tenho, tenho... Essa legislação é cinco mil não sei o quê, não sei o quê, você sabe o nome dela?

Marcelo: É a cinco, meia, nove, dois, a 5.692 de 1971?

Rivaneide: Acho que é a legislação que mudou um monte de coisa. Porque foi assim, já foi ficando mais fácil o estudo, não tinha mais esse tal vestibular que eu fiz; já mudou, porque não tinha tanta exigência assim, no meu tempo tinha. No Comercial, você só entrava pro ginásio se você fizesse uma prova e essa prova era muito difícil como eu já falei. Então, teve essa lei que modificou... E tinha também, no meu tempo não tinha isso, mas nesse tempo já tinha, nessa legislação, não sei se foi antes dessa legislação, sei que tinha uns carros que levavam o pessoal do sítio pra rua, que no meu tempo não tinha isso. Trazia e levava. Hoje tem, no meu tempo não tinha, mas [há] um tempo atrás já tinha isso. E acabou aquela burocracia do vestibularzinho que você fazia pra entrar no ginásio. O exame de admissão! Pra mim foi difícil, mas, quando eu comecei a trabalhar, as coisas foram melhorando pra eles, porque não tinha mais esse exame de admissão tão perigoso. Todo mundo passava porque já tinham duas escolas. Ficou mais fácil.

Marcelo: Sim, entendi... Professora, a senhora também acabou já comentando sobre isso daqui, não é? A senhora acabou falando, e falou também sobre o ingresso no magistério, que foi quando a senhora voltou pra Patu, foi convidada...

Rivaneide: Que eu não queria! Na verdade eu não queria ser professora. Foi a oportunidade que surgiu. A primeira oportunidade foi pra ser professora. E eu agarrei com unhas e dentes porque eu queria trabalhar e queria ter meu emprego, entendeu? E foi a oportunidade que surgiu, então, eu agarrei e fui estudar pra dar minhas aulas, e me saí bem até hoje. Não me frustrei, porque eu fiz vestibular pra Matemática, me formei em Matemática, sou professora e me aposentei sendo o que eu não queria, mas eu não tenho nenhuma frustração por isso. Ao

contrário, eu sinto muito assim... [...] agradecida! Porque na hora que eu precisei... chegou. Então, eu não tinha nem o que dispensar. O que eu tinha que fazer? Estudar para dar minhas aulas. Então, agarrei com tudo. E não me decepcionei, porque eu consegui o que eu quis na minha vida. Meus sonhos todos foram realizados através do meu trabalho e do meu esforço.

Marcelo: Está certo... Professora, e a formação pra lecionar? A senhora falou que quando começou, a senhora não tinha formação, não é? Tinha acabado de concluir o segundo grau... Como que a senhora fez, assim, pra poder ensinar, mesmo não tendo uma formação? Como foi que a senhora se preparou?

Rivaneide: Nem tendo base, não tendo uma experiência, não é? Estudei, estudei! Estudava de noite... fazia meus planos, tudo. Fazia os exercícios, corrigia. Eu trabalhei, eu lutei pra conseguir fazer isso, pra dar minhas aulas. Eu estudei muito, porque tinha coisa que eu não sabia e apreendi sozinha, porque eu não me interessei muito no período de aula. Mas, tinha coisas que... Na verdade, a gente não aprende tudo, né? Eu não era aquela professorinha que passava um exercício só e pronto, ficava por ali, não. Eu queria que os alunos respondessem comigo, eu respondia tudo o que tinha no livro. Tinha uns vinte exercícios, eu não passava só um, dois, três, quatro. E tudo o que eu fazia pra eles fazerem, eles faziam e depois eu ia corrigir tudo; não deixava eles fazerem só. Então, eu sou muito perfeccionista, eu me dedico no que eu faço; acho que os outros não fazem direito, sabe? Isso, desde pequena eu tenho isso comigo. Tudo o que eu faço é assim. Então, até hoje levo isso comigo. Mas é uma, é uma cruz, viu? Porque a gente adoece, a gente fica com sequelas...

Marcelo: Sim... Professor, e, assim, porque, pelo que a senhora está dizendo, a senhora aprendeu na prática, no dia a dia, né? Em relação à didática, como foi que a senhora fez? A senhora pegou algum exemplo de algum ex professor, ou a senhora leu sobre? Ou nem se preocupava com isso, foi estudando o conteúdo?

Rivaneide: Não, eu nem li nada! Eu peguei o livro do professor e fui estudar, fui batalhar sozinha. Ninguém me orientou. Eu estudei sozinha pra passar pra eles.

Marcelo: Certo. Professora, e nesse período, pra buscar algum tipo de formação, a senhora até falou que pra alguns cursos só existiam em Mossoró ou Natal, as possibilidades... Mas, existia algum outro tipo de formação? Por exemplo, a senhora lá de Patu, se a senhora quisesse buscar um outro tipo de formação, que não necessariamente a superior, existia, pra poder ensinar? Algum curso emergencial? Alguma coisa assim?

Rivaneide: Sim! Tinha em Umarizal[24], tinha o – até hoje tem também – o NURE[25]. Quando eu trabalhava lá, tinham umas aulas, tinha uns cursos de aperfeiçoamento de como você trabalhar seus alunos. Era, tipo assim... Hoje que é inovação, inovar, na época não era esse nome, era aperfeiçoamento. Então, em Umarizal tinha. Eu ia pra lá, todo professor ia, eu passava a semana. Tinha gente que ia todo dia. Eu não, eu passei a semana lá. Era de manhã, de tarde e de noite. Acho que era... E era no NURE mesmo, os professores daqui de Natal, Mossoró, que iam dar esse curso pra gente, eu acho. Esse curso beneficiava também a gente, porque era tipo, assim, curricular, entendeu? Você ganhava mais um dinheirinho se você fizesse. Com tantos cursos que você tivesse, aumentava o seu dinheiro. Então, eu tinha esses cursos, que eu ia fazer em Umarizal. Umarizal que dava, porque tinha o NURE, que chegou a ser em Patu, mas depois o prefeito de Umarizal levou pra lá.

Marcelo: Sim... Esses cursos oferecidos pelo NURE, professora, eles eram em períodos de férias, ou aconteciam durante o ano? A senhora lembra, não?

Rivaneide: Eu acho que, não era durante o ano, porque a gente passava semanas. Eu acho que era nas férias.

Marcelo: Sim, certo... A senhora não lembra o período em que aconteceram não?

Rivaneide: Não...

Marcelo: Acontecia anualmente?

Rivaneide: Eu tenho uma pasta lá em casa que eu tenho os diplomas. Duzentos e oitenta horas, sabe? Que eu fiz em Umarizal, mas... Também outros em Mossoró.

Marcelo: Pronto, e esses cursos eles aconteciam em todo o estado, ou a senhora não sabe? A senhora sabe lá da região de Patu, que acontecia...

Rivaneide: Era, mas que ia todos os professores, viu? Iam todos os professores da rede Estadual; ia de primário, ia de ginásio, iam todos, a gente encontrava...

Marcelo: Assim, da região de Patu, ou de outras do estado?

Rivaneide: De todo canto perto. Ia de Patu, ia de Umarizal, acho que de Caraúbas[26], onde não tinha NURE. Parece que só tinha em Umarizal e em Mossoró; o pessoal perto de Mossoró ia pra Mossoró, o pessoal perto de Umarizal ia pra Umarizal.

---

[24] Umarizal, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião homônima, dista, aproximadamente, 334 km de Natal e 32 km de Patu.

[25] Nesse período eram os Núcleos Regionais e Educação (NURE); atualmente, Diretorias Regionais de Educação (DIRED).

[26] Caraúbas, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, situada na mesorregião do Oeste Potiguar, microrregião Chapada do Apodi, dista, aproximadamente, 296 km de Natal e 49 km de Patu.

Marcelo: Entendi... Tudo bem, então. Esses cursos eram oferecidos pra todos os professores, ou eram por disciplina? Por exemplo, os professores de matemática...

Rivaneide: Não, não. Só matemática, não. Era... pra todos os professores. Eu me lembro que era professor primário e pra o ginásio. Não era do segundo grau, era do ginásio e primário.

Marcelo: Ginásio e primário... Certo. Aí, no caso, depois é que chegou o curso de licenciatura em Ciências em Patu, que a senhora fez? Além desse curso que chegou em Patu, professora, foi criado alguma possibilidade de curso perto de Patu? Que era uma possibilidade de formação ou não?

Rivaneide: [...]

Marcelo: Assim, antes de criarem os cursos de licenciatura lá, a única possibilidade eram esses cursos do NURE, não é?

Rivaneide: Não tinha não, era só... Caraúbas vinha pra Patu, Catolé[27] vinha pra Patu, Umarizal vinha pra Patu. Todos eram em Patu, mas, porque estudavam lá na faculdade. Só tinha faculdade, era campus universitário, lá em Patu.

Marcelo: Certo. Aí, Patu começou meio que a agregar alunos de outras cidades também, né?

Rivaneide: Foi! De Pau dos Ferros[28], vinha aluno de Caraúbas, vinha aluno de Catolé do Rocha, vinha alunos de Frutuoso Gomes[29], Almino Afonso[30], todos! Porque, quando eles vieram fazer o campus na cidade, eles procuraram uma cidade que ficasse, que fosse o centro, que as outras viessem, que não fosse tão longe. Então, foi escolhido Patu. Porque era perto de Catolé, era perto de Umarizal, Caraúbas, Almino Afonso, Frutuoso Gomes... Então, foi o mais central, por isso que a faculdade foi pra lá.

Marcelo: Certo... Então, a formação de professor no Rio Grande do Norte, nesse período, eram essas as possibilidades: Mossoró, Natal; aí, depois apareceu Patu, Caicó...

Rivaneide: O campus avançado de Patu foi primeiro que Caicó, eu acho... Porque Patu abrangia muitas cidades que não tinha faculdade, então, foi escolhido. Por isso que eu disse que era a cidade que ficava mais central. Então, pegava, um ia de ônibus... de Pau dos Ferros, Catolé do Rocha, Frutuoso Gomes, Almino Afonso, Mineiro[31]. Tinha até um menino,

---

[27] Catolé do Rocha, cidade também do interior paraibano. Situada na mesorregião do Sertão Paraibano, microrregião homônima. Localiza-se a, aproximadamente, 31 km de Patu e 434 km de João Pessoa.

[28] Pau dos Ferros, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, microrregião homônima, dista, aproximadamente, 392 km da capital Natal e 71 km de Patu.

[29] Frutuoso Gomes é uma cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, na Mesorregião do Oeste Potiguar, microrregião de Umarizal, localiza-se a, aproximadamente, 349 km da capital Natal e 25 km de Patu.

[30] Almino Afonso, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, microrregião de Umarizal, localiza-se a, aproximadamente, 339 km da capital Natal e 19 km de Patu.

[31] Mineiro é como se chamava o município de Frutuoso Gomes, e como ainda é conhecido por alguns.

Benedito, que era de Frutuoso Gomes, muito bom aluno que estudou comigo; tinha Vaininha que estudou comigo, eu me lembro desses meninos...

Marcelo: Está bem... Professora e a formação de professores no Rio Grande do Norte e as distintas regiões do estado? A senhora já estava me falando um pouco sobre isso que, como o curso, a cidade era meio que central, então, a formação nas outras regiões se davam nessas cidade pólo, digamos assim? Por exemplo, Mossoró era uma cidade pólo, porque agregava determinada região; Patu era uma cidade...

Rivaneide: Quem tinha condição, se o pai fosse rico, botava o filho pra estudar na ESAM, que tinha o curso de Agronomia, né? Também [outros cursos]... porque lá em Patu só tinha três: era Pedagocia, Matemática e Ciências Contábeis. Só tinha três. Eu não sei se hoje tem mais, no meu tempo só tinha esses três, você não tinha muita opção. Agora, pra quem tinha condição, Mossoró tinha: Direito, Serviço Social, Economia, Letras, História, Geografia... Agora tem até Medicina, né?

Marcelo: Tem, verdade. Certo. Professora, e as escolas e o cotidiano durante o exercício do magistério?

Rivaneide: Escolas e cotidiano durante o exercício do magistério. Durante o tempo que eu lecionei, né? De um modo geral? [...] Não... não existia muita mudança, muita coisa não. Era só o quadro e o giz. Não existia muita escolha, não tinha como o professor não se livrar do giz e do quadro, não tinha. Hoje você dá uma aula, bota um vídeo, bota um... fica passando num refletor, aquele coisa, lá... Não tinha isso. Eu acho que não mudou muito.

Marcelo: E em relação a convivência, durante o período que a senhora lecionou, a convivência da senhora com os alunos, da senhora com os outros funcionários?

Rivaneide: A minha convivência com os meus alunos... [...] Eu, sinceramente, não tenho do que reclamar, porque eu tratava todos por igual, sabe? Podia ser filho do prefeito, podia ser filho de uma lavandeira, eu tratava igual. Então, eu não tinha esse problema. Outra coisa... [...] eu não tinha problema com nenhum aluno, mas eles tinham comigo porque o fato de eu chegar na sala de aula, no primeiro dia de aula e dizer: “boa tarde, eu vou ser professora de matemática”, isso pra eles era a gota d’água. Eles já tinham raiva do nome, de matemática. Então, a raiva que eles tinham de matemática, eles tinham do professor, sem eu ter culpa; eles não gostavam da matéria, aí, descontavam no professor. Era assim, tinha alunos que gostavam de estudar, de tirar nota boa, mas tinha alunos que, coitados... e eu passava porque eu nunca gostei de reprovar ninguém. Eu passava porque passava mesmo. Eu não gostava de deixar ele um ano atrás, porque um aluno que não gosta de... Veja bem a minha situação: um aluno que

não gostava de estudar, se ele ficar reprovado, aí é que ele vai ter raiva de estudar. Aí, eu passava. Mesmo sendo difícil, porque matemática e português é a matéria base da escola, né? História e geografia você leva numa boa, mas português e matemática já era mais complicado. Então, o que era que eu fazia pra não deixar esse aluno reprovado? Conversava com a professora de português... Me dava bem com todos, merendeiro, funcionários, a diretor, passei [muito tempo]... Pra você ter ideia, quando eu comecei, eu passei dezessete anos trabalhando na mesma escola, só saí porque eu me casei e vim morar aqui. Então, eu não tive problemas, porque quem tem problemas vive se mudando, eu não tive isso, problemas não. Não corri pra nenhuma outra escola, porque tem professor que fica pulando de uma escola pra outra por causa de uma besteira. Nunca eu saí do Ginásio Municipal pra ir pra outra escola. E tinham várias escolas; o Comercial, me chamaram pra ir, mas eu não fui. Modéstia a parte, mas eu era uma professora boa, porque eu não faltava e dava conta do meu recado, isso ninguém reclamava de mim. [Sim. Então,] quando o aluno tava com dificuldade, eu chamava a professora de português pra gente conversar, pra não deixar esse aluno reprovado: "como é que tá esse menino com você?" – perguntava – "vamos passar esse aluno, vamos melhorar, vamos fazer uma recuperação, um re...", sei lá quantas vezes eu fazia uma prova, pra não deixar. Então, o meu relacionamento com meus alunos... Alguém, algum aluno podia até ter queixa, pelo fato de ser professora de matemática, mas, eu não. Pelo contrário, gostava de todo mundo, de diretor, a coordenador, não tinha nada pra reclamar. Todo o meu tempo foi assim. Tanto na escola, quando eu estudava, eu ficava na frente, era uma das primeiras e era, assim, uma aluna exemplar, até o segundo grau. Aí, depois, foi que eu... não liguei muito, porque não tinha tempo de me dedicar. Passei por passar. Na faculdade! Mas eu continuei dando minhas aula direitinho, tudo.

Marcelo: Certo. Professora, e pra senhora, como foi o exercício do magistério? Como foi, pra senhora, ensinar?

Rivaneide: Um desafio, né? Ser professora de matemática. Eu não digo que foi difícil e que foi brabo, porque eu queria muito, entendeu? Então, foi tipo um desafio... Eu me desafiei. Eu fui em frente, porque foi como eu já lhe falei, eu tinha que trabalhar e ganhar o meu dinheiro. Eu queria isso pra mim. Então, eu me dediquei. E foi a única coisa que me surgiu, foi o tal do magistério, que eu não queria isso. Eu queria ser uma pediatra, ou então uma economista. Meu primeiro vestibular foi pra Medicina e não passei, fiz aqui em Natal e não passei; aí, o segundo, eu vim pra Mossoró, pra fazer Economia, também não passei. Aí, me desestimulou, sabe? "Dois vestibular e não passar, vou fazer aqui mesmo. Quando vier em Patu eu faço".

Aí, chegou, eu fiz, ainda tentei umas duas ou três, não se eu passei no terceiro, em Patu. Mas eu fiquei tentando também em Mossoró, só que eu não passava; eu não estudava. Já tinha o meu emprego, então, no dia que eu fizesse era bom pra mim. Então, surgiu, eu passei, pronto.

Marcelo: Certo. Professora, a senhora já acabou falando um pouco, mas, se tiver algo para acrescentar: Patu no início do magistério? Como era a cidade pra senhora, quando a senhora começou a lecionar?

Rivaneide: Eu já falei... Patu no início do magistério. Economicamente mudou... Em toda esquina tem uma lojinha de confecção, que ante não tinha, era uma, duas, três, o pessoal vive mais; a renda familiar de Patu é só o Estado e o Município. Tem, assim, a parte comercial também, mas que não tem esses lucros todos, não. Acho que a única pessoa que ganha mais ali é quem vende em mercadinho, sabe? Mas, cresceu, pelo menos na saúde e na educação... Na educação não mudou tanto; que tinha merenda e hoje tem, tinha professores, também hoje tem; tinha a biblioteca, hoje tem também. A única coisa que mudou, que eu vi na escola municipal, foi os computadores que tem aula de computação; isso aí mudou. Em relação ao financeiro mudou, porque hoje está bem mais rico, era meio pobre. Mudou, tá bem melhor. [A cidade] cresceu, assim, em termos de construção... porque, no meu tempo, era só a Nova Brasília e aquela rua da estação, que tem o trem, que tinha o trem, e o trem passava ali. [...] E hoje não, hoje tá maior, cresceu mais. Eu acho que em todos os sentidos melhorou um pouco. Também, não é? Quantos anos?

Marcelo: Professora, quando a senhora estava falando de Patu, lembrei de perguntar sobre o curso de Matemática, quando a senhora cursou lá na UERN – que na verdade era FURRN, à época. Como a senhora ainda pegou no início do curso, como era em relação à estrutura? O curso já era bem estruturado? Tinha sala, tinha bibliotecas, tinha recursos pra vocês, ou não? Como era em relação a isso?

Rivaneide: Salas tinha... O campus começou no Ginásio Municipal, à noite. Como só tinha três salas, dava pra ficar o Ginásio e a faculdade, [por]que eram só três cursos. Eram três salas que foi emprestada pra faculdade, que não tinha. Depois foi pro Xavier Fernandes, aí, a estrutura melhorou, mas antes não tinha muita coisa, não. Eu não cheguei a estudar no início, parece que foi dois anos lá no Municipal, nessas três salas não. Quando passei, já estava no Xavier, que já estava mais estruturado. Já tinha biblioteca, sala do diretor, sala do coordenador, já tinha as coordenações, sabe? Cada curso já tinha sua coordenação. Já foi bem estruturado, no meu tempo.

Marcelo: Sim... E na biblioteca, vocês tinham muitos livros, professora, ou não?

Rivaneide: Você sabe que eu nem me lembro? Eu não pegava livro emprestado na biblioteca. Não sei se tinha, não.

Marcelo: Mas em relação aos professores? Tinham todos, não faltavam, nada disso?

Rivaneide: Tinham, tinham... Bons. Eram até bons. Vinham de Mossoró... Tinham uns que vinham de Pau dos Ferros, trabalhavam até num banco. Muito bom! Eu me lembro que o professor de história era Aurélio, era um professor bom, muito bom! A professora de biologia era a professora dele, ela trabalhava aqui em Natal, aí, casou, foi embora pra lá pra Pau dos Ferros e era uma professora boa. Tinha umas que eram meio... meio, assim, que não dava [as aulas] muito bem... Era psicologia, que não era muito boa. Mas, aí, a gente não tinha outra opção. Ficava calado.

Marcelo: Sim. Professora, essa a senhora também acabou falando um pouco, mas, o Rio Grande do Norte no início do magistério? Pra senhora, como era o estado? A senhora não chegou a ensinar pro Estado, ou ensinou pro Estado também?

Rivaneide: Não; o meu foi pelo Estado! Agora, não fui concursada; o meu emprego quem deu foi o prefeito, que era através de [indicação]... Ele indicava as pessoas, não tinha concurso, na época, então, ele botava quem ele queria.

Marcelo: Certo... Então, o magistério pra senhora no Rio Grande do Norte, professora, e o Rio Grande do Norte em si...? Como foi?

Rivaneide: Foi tranquilo... Não teve muito problema, não.

Marcelo: A senhora falou agora há pouco, naquela outra ficha, como está Patu hoje, não é? E pra senhora, como é que está o Rio Grande do Norte no contexto atual?

Rivaneide: No contexto atual. Hoje? O Rio Grande do Norte está uma bagunça. [...] Os políticos estão deixando muito a desejar, e, assim, a saúde, a educação, está muito... tá sem condição. Agora mesmo, as aulas começaram depois da copa, tem salas aí... o Floreano Cavalcante, que é uma das melhores escolas estaduais, que tem milhares de alunos, acho que nem começou ainda, porque falta professor, falta merenda; uma das melhores escolas... [...] Quando eu trabalhei lá tinha; não faltava professor, a gente ia, era mais exigente. Hoje não, começou, depois da copa, e não tem... [os alunos] já nem vão, é aula vaga. Eu vi até uma reportagem essa semana. Eu acho que a diferença está aí; eu culpo, talvez, os governantes que não... Tudo é uma greve. Os professores em greve, a saúde em greve, polícia em greve. Então, de um modo geral o Rio Grande do Norte está uma... [...] assim, muito sem controle, está descontrolado. [...] tá precisando de uns bons administradores, de uns bons governantes que levantem essa cidade [Natal], porque está muito devagar, tá muito necessitada. De um modo

geral... Em tudo. É uma cidade maquiada, como se diz. Eu pensei que ia melhorar depois da copa... Mas parece que vai, né? Porque estão fazendo os túneis, tão fazendo passarelas, né? Vai mudar, talvez mude, mas não agora. [...] Na minha opinião, era pra tá bem melhor, sabe?

Marcelo: Certo, professora. Eu sei que faz um tempo que está afastada, mas, pra senhora, o ensino de matemática hoje – ou até, pelo menos, quando a senhora ensinou? O que a senhora poderia falar sobre?

Rivaneide: Matemática hoje... [...] Hoje eu não sei mais, não. Porque eu tô aposentada faz tempo, sabe? E eu me desliguei; não sou uma pessoa que queira nem ver mais isso pra mim, sabe? Então, eu não sei dizer nada a respeito do ensino de hoje, porque eu tô de fora mesmo.

Marcelo: Não, tudo bem, então. Professora, só pra finalizar, eu queria pedir para a senhora fazer algumas considerações; falar alguma coisa que ache que eu não dei oportunidade de falar, ou aprofundar em algum assunto... Enfim, pode ficar a vontade.

Rivaneide: Considerações... Não, acho que o que eu tinha de falar, eu acho que não faltou nada pra [acrescentar]... Faltou não, acho que não faltou nada. Eu acho que eu falei até demais já...

Marcelo: Tudo bem. Então, professora, eu agradeço mais uma vez.

Entrevista com a professora Rivaneide
Duração da Gravação: 02h 04min 18s
Local: Residência da Colaboradora (Natal)
Data da entrevista: 23/07/2014

Professor Cláudio



Marcelo: Professor, eu gostaria de pedir para o senhor começar fazendo uma apresentação pessoal.

Cláudio: [Meu nome é] Cláudio Carlos Dias, [sou] do interior do estado do Ceará, Jaguaribe[1], [nasci em] 1947. Eu sou professor da UFRN há quarenta e três anos. Antes disso, a minha formação – antigamente era o ginasial – foi feita no interior do Ceará; posteriormente, fui concluir o ensino, que hoje se chama o ensino médio – na época era o científico –, em Fortaleza[2], né? Daí, fiz o vestibular pra Matemática, entrei e terminei minha... terminei o bacharelado na época. Terminando o bacharelado, eu vim aqui pra Natal ensinar, né? Isso foi em janeiro de 1971, e estou até hoje. Depois saí pra fazer mestrado no IMPA[3], posteriormente, doutorado, não é? E depois trabalhei um tempo, em pesquisa e, atualmente, o meu interesse é mais em educação a distância. Eu participei como coordenador implantando o primeiro curso de educação a distância em Matemática do Nordeste, que foi a Secretaria de

[1] Jaguaribe é um município do interior cearense. Situada na mesorregião homônima, microrregião de Médio Jaguaribe, localiza-se a, aproximadamente, 308 km de Fortaleza e 492 km de Natal.
[2] Fortaleza, capital do estado da Ceará. Está localizada a, aproximadamente, 530 km de Natal.
[3] Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA).

Educação a Distância, e atualmente estou implantando o curso de especialização que vai ser a partir de agosto/setembro desse ano, pra ser também, o curso de especialização, em educação a distância. Esse é um curso que eu estou coordenador no Rio Grande do Norte, mas que se estende por todo o Brasil.

Marcelo: Tudo bem... Professor, o senhor poderia falar um pouquinho da família?

Cláudio: Olhe, a família... Eu venho de uma família grande – numerosas nos dias de hoje, mas que, antigamente, não era –, de sete irmãos, que são cinco homens e duas mulheres... A coisa que mais se falava em casa era educação. Era quase como dizia antigamente, era uma cachaça, né? Então, era a única meta, que nossos pais seguiam; faziam de tudo pra gente fazer; estudar, estudar e estudar.

Marcelo: Sim... Professor, o senhor poderia falar um pouquinho sobre a infância?

Cláudio: A infância é fácil, porque foi a parte mais feliz da minha vida, né? Vivi muito no interior, na minha cidade, em Jaguaribe. Onde... Claro, você tinha as responsabilidades domésticas, de ajudar na casa, né? Com a família numerosa, todo mundo tinha que fazer a sua parte; a gente ia fazer os deveres de casa, os estudos. [Mas,] daí, o resto do tempo era pra brincar mesmo. Então, naquela época era o quê? Era futebol, que eu [sou] viciado até hoje, jogava; tinha também, naquela época, a gente podia caçar, pescar... Então, quer dizer, uma coisa mais livre impossível, né? Fui criado numa cidade onde a casa da gente, na realidade, era a cidade. Então, é como se fosse todo mundo irmão, como se fosse uma família só. No fundo, era uma tribo, né?

Marcelo: Verdade... Professor, e a juventude do senhor?

Cláudio: Ah, a juventude, uma parte já foi na minha cidade, Jaguaribe, e posteriormente em Fortaleza, onde eu fui [estudar]... porque, naquela época, a gente terminava o que chamavam primeiro grau e, durante um tempo, no nosso interior, como não tinha o curso que na época chamava o científico, tinha que ir pra Fortaleza, que era a capital do Ceará, né? Então, eu fui morar [lá] e morei na Casa do Estudante do Ceará[4], daí, fiz o científico. A juventude, na época, era mais, estudar e ter lazer [...] O meu lazer era mais praia, futebol, esse tipo de coisa, que era o que tinha na época.

Marcelo: Certo... Professor, e como era o cotidiano das cidades? Porque o senhor passou uma temporada em Jaguaribe, depois Fortaleza...

Cláudio: Olhe... aquele cotidiano de cidade de interior, onde você, praticamente, todo dia faz a mesma coisa, né? Quer dizer, as pessoas de um modo geral têm os seus ofícios e segue, né?

[4] A Casa do Estudante do Ceará (CEC) é uma instituição filantrópica de apoio aos estudantes do estado do Ceará. Foi fundada em 1934.

Por exemplo, no caso, particularmente, da minha cidade, não tinha indústria, não tinha nada, era mais ou menos, assim... a coisa mais artesanal das pessoas, né? Mais ou menos esse tipo de cotidiano, onde você tinha... era muito difícil. Era uma cidade que por muito tempo não tinha energia elétrica, entendeu? A geladeira era a querosene, daquele pavio que você tinha que mudar todo mês... quando tinha! Não é? Isso, na década de 1950, depois, na década de 1960 veio energia. Então, era naquelas energias a motor diesel, onde você tinha aquela rotina noturna: ia pra praça central da cidade, quando chegava perto de dez horas, davam três sinais pra apagar, aí, você voltava. Acendia sete horas, apagava as dez horas. Então, aquilo na época era maravilhoso. Esse era só o cotidiano da noite; durante o dia era normal, como ainda é parecido hoje com muitas cidades do interior.

Marcelo: Sim, sim... Isso em Jaguaribe, não é? E em Fortaleza era mais ou menos assim?

Cláudio: Em Fortaleza, pra mim, já era muito grande; era uma cidade cosmopolita. Então... era aquele cotidiano mesmo de uma cidade. Na época, ela devia ter em torno, não sei, de quinhentos mil habitantes, quatrocentos mil, por aí, não sei. Então, era uma cidade de porte médio, e era aquela rotina das pessoas pro trabalho; final de semana o divertimento geral [era a] praia ou ia assistir jogo de futebol no estádio. Então, era também, não tinham muitas diversões[!] As pessoas, nessa época, iam muito a cinema. Era uma época em que havia também muitas lutas de Box, né? Tanto é que o Ceará, na época, produzia grandes campeões, né? Tinha o campeão sulamericano de Box [que] era sempre de lá. Então, isso aí também era o cotidiano, apesar de eu não gostar de luta, mas, as pessoas iam. Eu ia, mas quando começava a apanhar um cara lá eu saía (risos), gostava de ver não.

Marcelo: Está certo, professor. E como era a cidade e a educação?

Cláudio: [...] Olha... Da minha, é o seguinte, era o que restava de futuro pras pessoas. Então, a orientação era realmente: educação, educação, educação! Na maioria das famílias, né? Sempre a meta era isso. Você estava ali, [mas] era uma coisa que a gente sabia que era passageira, todo mundo do interior já sabia que um dia ia pra Fortaleza pra estudar, porque era uma meta das famílias do interior, até por uma questão de ascensão social, né? De você terminar um curso superior. [...] Estudar, estudar, estudar. Então, tudo era feito em função disso, os pais faziam tudo, pra que nada atrapalhasse o estudo.

Marcelo: Aí, tinha que ir pra Fortaleza porque no interior não tinha possibilidade... Nem pro segundo grau?

Cláudio: Não tinha... Não, não. Na época era luxo... Não tinha professor! O ponto é esse: não tinha professor. Os próprios professores que eu peguei, vinham de Fortaleza... notadamente

professores de português, né? Professores de latim – que na época tinha latim –, professores de francês, de inglês. A gente estudava, três línguas: latim, francês e inglês. Latim, tudo bem que sempre tinha o padre da cidade que resolvia o problema, né? Que eram os ex seminaristas, eles estudavam muito latim. Mas, boa parte dos professores tinha que vir de Fortaleza, mesmo pro curso ginasial, que hoje é chamado fundamental maior[5]. Na época a gente chamava ginasial, que depois começou a se chamar primeiro grau, que depois do primeiro grau, passou a ser hoje fundamental maior, que chama... Entendeu? O negócio é o seguinte: esses nomes eu nunca decoro, porque quando eu aprendo um, vem um novo ministro da educação e muda. Muda o nome sem mudar a educação (risos). Fico todinho enrolado... eu sempre ainda chamo ginasial e científico, não é?

Marcelo: Certo, tudo bem... Professor, para o senhor, nesse período, o Rio Grande do Norte? O senhor ouvia falar, ou...?

Cláudio: Já ouvia falar! Conhecia o Rio Grande do Norte, né? Tinha pessoas conhecidas daqui, até, de um certo modo, parentes afins. Natal eu já conhecia, ouvia falar muito e tal. E do Rio Grande do Norte, pelo menos quem é cearense, a coisa mais conhecida é Mossoró, né? Ao ponto que eu acho que todo cearense tem como se Mossoró fosse uma cidade nossa, entendeu? A gente nunca, dificilmente, pensa em Mossoró no Rio Grande do Norte, por causa da estrada; a comunicação fica mais próxima, tinha estrada, né? A comunicação com Mossoró era muito fácil. Na realidade, era a cidade mais conhecida pra gente, mais que na Natal.

Marcelo: Certo... Nesse período; o senhor está falando, assim, mais ou menos que anos? Do ensino ginasial?

Cláudio: Desde a minha infância, desde a minha infância... Década de 1950, Mossoró era, realmente, bombava... Era uma cidade que todo mundo do interior do Ceará conhecia.

Marcelo: Certo... Professor, interessante que o senhor falou agora de Mossoró... Mas, era uma possibilidade de estudo pra o pessoal do interior? Ou não, era mais Fortaleza mesmo?

Cláudio: Não, não... Era mais a parte, assim, tipo comercial mesmo, de transporte de cargas, notadamente de sal, essas coisas. Tinha muita comunicação terrestre. Num é...

Marcelo: Entendi. Professor, e como era a educação familiar?

Cláudio: Olha; aquela educação familiar de antigamente. Muita rigidez, que os pais de antigamente... não é? Qualquer coisa era castigo físico mesmo; muitos que hoje em dia não são aceitáveis. Isso tudo era pra, como é que se diz? Como os pais tinham muito tempo, a gente tomava café da manhã todo mundo junto; almoço, todo mundo junto; e janta também –

[5] Refere-se aos anos finais do ensino fundamental.

pai, mãe e os sete, né? A noite, lá ia... como não tinha televisão nessa época, a gente ia botar as cadeiras nas calçadas, que era muito comum, e contar história; o pai contava e aquelas coisas de criança, né? Era tudo em função disso... Isso durou muito tempo. Mais ou menos isso...

Marcelo: Tudo bem! Professor, e como eram as escolas onde o senhor estudou e a rotina escolar?

Cláudio: A escola é o seguinte... Você tinha só dois turnos, não tinha a noite; ou você estudava de manhã ou estudava à tarde. Então, era de sete as onze, você ia pra escola e as nove tinha merenda, só que na merenda você vinha pra casa, ia merendar em casa, porque tudo é perto no interior, né? Depois voltava pra escola. Em casa você sempre tinha os trabalhos, o para casa, chamava dever de casa na época. A gente fazia pra entregar. Era mais ou menos isso. Não tinha essas coisas de cultura... Na época, além das disciplinas normais, era interessante porque a gente tinha também, por exemplo, canto orfeônico, onde a gente aprendia... tinha trabalhos manuais, né? E, por incrível que pareça, tinha nota por comportamento. E como é que era acompanhado tudo isso? Tinha uma cadernetinha, os alunos, cada aluno tinha uma classificação mensal e, cada mês, você tinha uma nota também por comportamento; isso era uma coisa legal na escola, porque ou o pai, ou a mãe, ou o responsável tinha que assinar dizendo que viu aquilo, entendeu? Então, tinha a classificação, primeiro lugar, segundo lugar, que hoje em dia isso seria politicamente incorreto, mas naquela época não era... Tudo com a nota de cada mês e, em baixo, a classificação: primeiro lugar, segundo lugar, terceiro, até... Pelas notas, né? Vermelhas eram notas abaixo de cinco. Então, você tinha uma coisa também, um acompanhamento muito duro a partir da escola, pra família, porque valia nota, no passado. Tinha também notas por desenho a mão livre, desenho técnico, de figuras geométricas, no caso; aí, mais para o lado da matemática. Isso, já no ensino fundamental, você fazia desenho técnico, por exemplo, era comum a gente construir sólidos geométricos no ensino que hoje em dia é o segundo grau; naquela época a gente construía prismas, construía dodecaedros, icosaedros, a partir de papel, não era cartolina, eram uns papéis que eram daqueles cadernos de caligrafia, né? E você produzia. Como era difícil essa coisa no interior, a gente produzia a partir de goma de tapioca para colar. A gente fazia a planificação, aquela que até hoje se faz... A planificação, vamos dizer, do icosaedro; então, a gente depois colava as abas com grude – a gente chamava grude, que você, numa vasilhazinha, botava um pouco de goma de tapioca, botava água, levava ao fogo e só era mexer. Já pro último ano é que começou a aparecer no interior goma arábica! Que vinha no

vidrinho, que vinha um pincelzinho que a gente utilizava para passar nos moldes... isso era um luxo! Porque não tinha facilidades de cola que tem hoje. Mas, na sua maioria, a gente fabricava a cola pra colar, que essa cola servia pra colar pipa, né? Que a gente brincava com pipa, essas coisas... Aí, isso se estendia [para escola]...

Marcelo: Certo... Professor, essa era a rotina mais ou menos do primário, do ginásio e do científico também, quando o senhor foi pra Fortaleza?

Cláudio: Não. De Fortaleza já era mais difícil, já era mais diferente, porque... Essa rotina também, por exemplo, tinha as coisas cívicas, não é? Que seguia uma rotina, mas era uma rotina anual. Por exemplo, você tinha todo dia que cantar o hino, hastear a bandeira, né? Hasteava a bandeira, você perfilava, cantava o hino; na verdade, a gente cantava o hino da cidade, aí, eu não me lembro se era uma vez por mês, era o hino nacional, da bandeira – a gente tinha que decorar o hino da bandeira, também cantava. Então, todas essas coisas cívicas as escolas acompanhavam; parada de sete de setembro, por exemplo. Então, tudo isso era comemorado a partir da escola. Dia de Tiradentes... Tinha o grêmio escolar, então, dia de Tiradentes, os alunos, tudo era a partir dos alunos, a gente fazia discurso, aquela coisa de comemorar a independência do Brasil, a proclamação da república. Tudo isso era realmente festejado. Fazia parte das rotinas anuais das escolas. Não era do dia a dia, mas era uma coisa que se realizava...

Marcelo: Professor e quais foram as escolas que o senhor estudou, o senhor recorda?

Cláudio: Recordo, recordo... Em Jaguaribe foi Ginásio Clóvis Beviláqua[6]. Aí, quando eu fui pra Fortaleza, era o Colégio João Pontes, que era um colégio também estadual, né? Escola privada, pelo menos nessa época, a gente inclusive colocava um apelido, era PP, pagou passou, né? Ninguém queria escola privada! A não ser aquelas escolas confessionais, aquelas escolas católicas, tipo o Marista, escolas Batistas, essas não, essas eram consideradas privadas, mas de bom nível, mas o restante era... Era o que a gente chamava popularmente de PP, pagou passou, entendeu?

Marcelo: Entendi. O senhor chegou a fazer, o exame de admissão[7], professor?

Cláudio: Fiz. Na minha época tinha. E não podia fazer... se eu não me engano, a data limite era onze anos. Quer dizer, era tudo por idade, inclusive o meu irmão mais velho, ele teve que repetir porque ele não tinha idade pra passar pra primeira série, ele começou mais cedo, né? Ele passou um ano repetindo, acho que o quarto ano, porque não podia fazer o exame de

[6] Atualmente Colégio Clóvis Beviláqua, foi fundado em 1948 como Educandário Clóvis Biviláqua.

[7] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, foi extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.

admissão ao ginásio se não tivesse, acho que era, onze ou doze anos, se eu não me engano, um desses dois aí. Se não me falha a memória, acho que era doze anos. Entendeu? Era obrigado a fazer...

Marcelo: Certo... Professor, e como era o interesse dos alunos pelos estudos?

Cláudio: Olha... Sempre aluno tem aquele interesse difuso. A gente vai na realidade por uma obrigação, não é? Na realidade, a gente vai por uma obrigação, não por prazer. E é todo mundo, porque, na realidade, é mais pelo seguinte: é escolha dos pais, né? A gente ia, mas, pelo menos no interior, como a cidade era pequena, não havia, assim, um interesse... quando a gente mostrava interesse maior, era nas épocas de prova: juntava-se a turma, se estudava coletivamente, né? Na época, por exemplo, os cursos de história e ciência era na base da decoreba. Eu lembro muito bem que eu ia com meus amigos, a gente ia pra o interior, não tem aqueles pés de Oiticica grande? A gente ia pros galhos da Oiticica decorar lá em cima; a gente pegava, lia um texto, aí, um fazia pergunta pro outro, de um galho pro outro (risos). Então, é isso, né? Ainda o que era mais assim... que a gente tinha que fazer em casa, era matemática, porque tinha que escrever, produzir. Então, o restante era decoreba mesmo... Entendeu? Era todo decoreba... Não tinha... Poucas ilustrações; a dificuldade de livros. Antigamente, um livro, você escolher um livro era luxo pra você. Na minha escola não tinha biblioteca. Nenhuma das duas: nem no interior, em Jaguaribe, nem em Fortaleza, que era metrópole, porque havia uma dificuldade muito grande de livro. No geral, era um livro que você [e] várias gerações estudavam. Não tinha essa rotatividade que tem hoje. Poucos autores, né? Aqueles autores que praticamente se perpetuavam, por conta da dificuldade, talvez, da parte de material impresso, que era uma dificuldade...

Marcelo: Sim... Professor, e as disciplinas? O senhor acabou falando um pouquinho que estudava latim, francês, inglês...

Cláudio: É... Exatamente. A gente tinha, como é que se diz? As normais, tinham as disciplinas de ciências, história, geografia, matemática e português. Aí, a gente tinha, além disso, ao logo do curso: latim, inglês, francês, canto orfeônico, que são todas disciplinas que tinham notas, trabalhos manuais, que a gente tinha que fazer em casa, também valia nota, né? [...] Além disso... Deixe eu ver outras disciplinas que podem... Era isso. Um tanto de disciplinas lá, mas, como eu falei, a maior parte na decoreba. E também tinha isso... também tinha nas escolas as disciplinas mais influentes. Quem é que era o cobra[8] da escola? Era aquele cara que era bom em matemática e português. Aliás, na minha cidade, era muito mais

[8] Expressão regional utilizada, nesse sentido, para qualificar o aluno como inteligente, aquele que se destaca.

em português do que em matemática. Se valorizava muito o ensino de português; e o ensino de português era o seguinte: tinha o ditado, que hoje em dia é proibido, pra você aprender a escrever correto, né? Você fazia redação, ou então você passava, tinha uma cena, tipo assim, tinha um gado, um pastoreio, você ia descrever aquela cena, tá entendendo? Então, tinham várias modalidades. Português era uma das disciplinas que realmente tinham o maior cuidado lá na escola. Então, normalmente o cobra, se ele fosse cobra só em matemática não era considerado cobra, tinha que ter português também. Era uma coisa que tinha um cuidado muito grande o estudo do português, me lembro hoje, muito mais do que o de matemática, que as pessoas sempre pensam o contrário, mas na época... Isso era uma coisa normal, não era só na minha escola, não. Pelo menos onde eu estudei no estado, português era tido como uma disciplina muito séria.

Marcelo: Sim... Professor, e os professores do senhor e as suas aulas?

Cláudio: Ah! Aí, os professores é o seguinte... Você não tinha quase ninguém com formação. Por exemplo, a professora de matemática era uma pessoa que tinha feito escola normal. A maioria era normalistas, né? Por isso que não tinha o segundo grau, o científico, né? Porque a maioria era normalista. Todas mulheres, a maioria, ficava no interior... E a formação delas era o seguinte, a motivação que elas tinham era muito pouca, porque era o: adotar o livro; aquelas aulas, tipo, no decoreba mesmo; as provas era perguntando datas, geografia era perguntando regiões de leste europeu, não sei de onde – não estudava-se a geografia local, até porque não tinha texto, não se tinha pesquisa da nossa geografia –, a história, tinha história brasileira e a história universal, né? Então, era tudo, assim, compartimentalizadozinho, que você tinha, né? E os professores seguiam esse ritmo ai. Com exceção, que eu me lembro, da professora de matemática, que inclusive era a diretora da escola, que dava um pouquinho mais, que era mais interessante, né? Não sei, talvez a própria disciplina forçasse a pessoa, não podia ser só decorar, se não, não vai pra frente; você vai sempre fazer os mesmos exercícios todos os anos. E na maioria das vezes tinha... a gente, aqui acolá, tinha a sorte de pegar um professor, por exemplo, um dos grandes professores que eu tive foi o professor de inglês, que era o juiz de direito da cidade e ele realmente sabia inglês. Na época, ele inclusive mantinha, fazia aula, do que eu vim conhecer muito tempo depois, de conversações. Na aula a gente só fazia conversando, todo mundo só falava inglês e era um curso que era diferenciado de outras cidades mesmo, ou até de Fortaleza, de pessoas que davam só aquele inglês básico; ele não, era inglês do dia a dia. Realmente esse professor foi um dos excelentes. Ao ponto de que praticamente eu aprendi inglês aí, entendeu? Quando eu tava na quarta série, montei um curso

de inglês, eu tinha quinze anos, eu fiz um curso de inglês, onde eu tinha carteira e tudo e eu era um professor de inglês, porque, realmente, tive um professor diferenciado. Mas, na maioria das vezes... você vê, ele era o quê? Um juiz de direito, foi pra lá [ensinar] porque ia trabalhar na cidade e sabia muito inglês. Entendeu? Ele trabalhou muito tempo com americanos, então, ele desenvolveu o inglês do dia a dia e isso ele passava. Então, um professor tão moderno naquela década – eu estou falando, assim, do início dos anos 1960 – quanto hoje! Então foi o mais, assim, que eu me lembre de diferenciado, ele e em segundo lugar a professora de matemática. A professora de matemática também era a professora de desenho, que tinha o curso de desenho também, desenho técnico e desenho à mão livre, né? Agora, esse desenho técnico, era pra desenhar aquelas figuras que eu falei há pouco tempo, que a gente fazia nos moldes, fazia a figura, né? Material concreto, que é chamado hoje. E a gente também tinha que desenhar perspectiva, tudo. Olhe que era o ensino fundamental maior. Eu me lembro de desenhar prismas, desenhar dodecaedro; tinha que fazer os desenhos mesmo. Entendeu? Isso valia nota, era uma disciplina. Essa disciplina tinha a parte prática, que era de oficina, como chama hoje em dia, e tinha isso, que hoje em dia isso é feito só no segundo grau, quando fazem! Quando fazem.

Marcelo: Então, o senhor chegou a ter aulas com metodologias bem diferenciadas, não é, professor?

Cláudio: Foi sim, com certeza... E isso era comum nessa época! Não era só na minha cidade. Se trabalhava muito as... até pelo seguinte: eram os moldes que tinham nos livros. Você pegava um livro de geometria, tava aquilo lá, tinham aquelas coisas planificadas, e como o pessoal, a formação era pouca, seguia o livro, o que tava lá no livro a gente via. tá entendendo? O diferencial provavelmente ficava por conta dos alunos aqui... certo?

Marcelo: Certo... O senhor lembra, qual era o livro que vocês usavam professor, não?

Cláudio: Olha, tem vários livros. Eu me lembro do livro Ary Quintella que era um tradicional... [...] Não sei se é Carlos Galante, passou muito tempo. Tinha aquela coleção FIC, pros livros de geometria plana, né? [...] Depois, mas já lá na frente, em Fortaleza, Oswaldo Sangiorgi. Acho que era isso. Já em Fortaleza o Serrão, Alberto Nunes Serrão, que ele tinha uma coleçãozinha de livros e tinha, ouvi falar também em Fortaleza, Manoel Jairo Bezerra, né? Que inclusive é aqui do Rio Grande do Norte, é aqui de Macau. Era um livro que era tradicional de usar, era usado no científico, que era, num volume só, tinha os três anos. Você tinha esses livros... Era mais esses: Ary Quintela, que era o mais usado, no segundo grau, o Manoel Jairo Bezerra; tinha Galante, eu não sei se é Carlos Galante... e tinha os de geometria

que foram os livros do FIC, né? Que era aquela coleção Elementos de Geometria, esse tipo de coisa. Eram muito restritos os autores.

Marcelo: Sim... Professor, e os sistemas de ensino? O senhor recorda desse período?

Cláudio: Olha, eu posso falar particularmente de matemática, que os sistemas de ensino são as tais modas, né? Que sempre existiu, cada geração pega uma moda. Eu me lembro, pronto, que houve um choque, por exemplo, quando eu mudei para Fortaleza, que foi mais ou menos o seguinte... Naquela época, tinha o ensino tradicional que era aquele do Manoel Jairo Bezerra, os programas, né? Em que começava no primeiro ano, eram logaritmos, exponenciais, progressão aritmética, progressão geométrica, mais ou menos isso; no segundo ano, trigonometria e determinantes; no terceiro ano, geometria no espaço, geometria espacial, geometria analítica e tinha limites e derivadas, né? Que a gente via e inclusive isso caía no vestibular, quando a gente ia fazer, e tinha... disciplina também... geometria descritiva. Geometria descritiva. Então, o que me recordo é o seguinte: começou-se a falar numa tal de matemática moderna, né? Eu me lembro que eu estudava num colégio, lá no João Pontes, e minha matemática era a tradicional, e eu tinha os meus amigos, da casa do estudante, que estudavam no Liceu do Ceará, que fazia matemática moderna, funções e conjunto; era só função e conjunto. Eu tinha, assim, era uma verdadeira inveja dos meus amigos, que eles estavam aprendendo coisa nova e eu só coisa velha, eu fiquei... De modo que eu entrei na universidade, mal sabia o que era uma função e conjunto, porque não era dado... só que aquilo levava o ano todinho. Muitos anos depois, que a gente cresce um pouco, vê que aquilo era uma invenção, uma moda que veio importada dos Estados Unidos na época, né? A gente sabe que isso é por conta daquele... Do primeiro homem no espaço, de 1958, do Gagarin, né? Na época, o presidente dos Estados Unidos era o Eisenhower e depois assumiu o Kennedy, na década de sessenta, que ele começou a dizer... Os Estados Unidos tinha aquele propósito de botar o homem à lua primeiro que a Rússia e, pra isso, tinha que haver uma modificação, uma reforma no ensino. Aí, houve grandes, vários, aqueles conselhos, com aquela associação dos professores americanos, aqueles que eles chamam, então, fizeram pra várias áreas, né? Matemática eram aqueles livros do SMSG[9], que era o tal da matemática moderna; o da física era o SPPC[10], e tinha o da química que eu não me lembro o nome. Então, na área de ciências e Matemática, eles fizeram uma total modificação porque tinha que estar na corrida, ganhar dos russos, entendeu? Então, houve essa mudança e, depois de um certo tempo, isso caiu por terra.

[9] School Mathematics Study Group.
[10] Refere-se ao PSSC - Physical Science Study Curriculum.

Inclusive, eu tinha até o livro que era do Vance, Elbridge P Vance[11], que hoje tem a edição bilíngue, na época era tudo em inglês. De modo que houve essa moda, que eu me lembro de ter havido esse tempo, mas, antigamente não mudava muito, porque você não tinha professores, os professores não se reciclavam. Ficavam num canto e era a vida toda; não faziam, não existia pós-graduação. Daí, onde vem, né? Então, como não existia pesquisa em ensino, na época não se pesquisava, então, a variação era muito pouco. Que eu me lembro, eu só participei dessa variação do sistema de ensino, e que hoje eu dou graças a Deus de eu ter ficado no João Pontes e ter feito aquilo, porque esse resto foi enganação. Era coisa que ninguém sabia também, professores viam só aquilo nos livros, então, o que tava ali era tudo na base da decorada e o lance da tal moda, né? "Como os Estados Unidos estão fazendo, a gente tem que fazer também". Hoje, por aí, você ainda encontra em sebo, vários livros desse que eu estava dizendo, matemática é SMSG. São três volumes, um pra cada ano. Essa é a grande mudança que eu vi, mas, depois voltou tudo ao normal.

Marcelo: Certo... Professor, quando o senhor estudou lá João Ponte, os professores lá tinham formação, não?

Cláudio: Não, não... Muito pelo contrário, vou só lembrar: meu professor de física, era aluno de Medicina – aí, você vê; meu professor de matemática era um estudante de Química... Porque não tinha professor formado. Então, a maioria dos estudantes universitários tinha que dar aula. Meu professor de português, era um estudante de Filosofia, [até] mais ou menos... Agora, excelente... Tem mais essa: meu professor de matemática era excelente! Era um aluno do terceiro ano de Química, Osanam, ainda me lembro do nome dele, excelente! Eu não quero, hoje, mesmo olhando hoje em dia, eu não queria um professor melhor do que aquele! Entendeu? E tinha um detalhe, só pra você ter uma ideia... Quando a gente chegava no primeiro dia de aula, o professor abria um livro: "nós vamos começar aqui"; hoje em dia, isso é anti qualquer coisa aí, dessas coisas. No final do ano, quando ele terminava, tava na capa do livro, batia: "olhe, começamos aqui, terminamos aqui" [levantava o livro só pelas capas]. Chega virava o livro. Eu me lembro que eu ficava com uma pena do livro, que eu digo: "esse cara vai arrancar as páginas desse livro" (risos). Era comum esse tipo de coisa, principalmente desse professor de matemática fazer isso; era a maneira dele dar satisfação de que tinha concluído o programa e que tinha concluído a responsabilidade dele como professor. Hoje em dia, se você for fazer isso, o pessoal mata, né isso? O excelente professor que eu tive de biologia, ainda me lembro do nome dele, professor Cardoso, ele era estudante de Agronomia,

[11] Refere-se ao livro *Modern College Algebra*.

depois fez Medicina; esse não, esse realmente era um médico... Ele fazia a feirinha, a gente ajudava a ele nas feirinhas com os fetos, que ele arranjava na faculdade de Medicina, isso tudo por mérito dele, e olhe que ele era cobrador de ônibus de Fortaleza! E mesmo assim arranjava tempo pra dar aula, levava material, a gente era obrigado, naquela época não tinha nada de computador, a gente era obrigado a desenhar aqueles tecidos, tudo, com lápis de cor e ponta e ele cobrava aquilo tudo, foi uma maravilha, foi realmente um dos que... realmente ele tava [em uma área] próximo da aula dele. Antigamente não existia as biologias, né? Quem ensinava biologia, em Fortaleza, no caso, era ou o aluno de Agronomia ou o aluno de Medicina. Ele tinha feito Agronomia, fez o primeiro ano, não gostou, depois fez Medicina, que eu me lembro que ele levava pra escola... Quais outros professores? O professor de História! O professor Sucupira, que era o diretor do colégio, esse era no decoreba! (risos) Sem fim, né? Qual professor? Tinha isso: biologia, física, química, matemática e história, que era o que tinha, e tinha descritiva. Os professores de descritiva, no geral, eram pessoas ligadas à matemática ou então – na época era difícil, em geral – os professores dessas disciplinas vinham das escolas militares; em geral, eram dadas por coronéis, que era a formação, porque não tinha formação de professores, né? Como em Fortaleza tinha colégio militar, então, as escolas, em geral, pegavam professores das escolas militares, pra dar descritiva, né?

Marcelo: Certo... Professor, e pra realizar os estudos? O senhor acabou falando um pouquinho também que no interior era muito valorizado, mas, quando o senhor foi pra Fortaleza, por exemplo, foi morar na casa do estudante, como o senhor falou. Como foi esse processo, professor, pro senhor?

Cláudio: Olhe, não... No fundo, no fundo é muito traumático, né? Foi traumático porque, assim, eu vinha de um interior que a gente não sabia o que era calçado, nem nada, passava o dia de calção; era uma cidade que, quando dá trinta graus, tá fazendo frio, né? Então, era na rua, rio, tomando banho, aquelas coisas que eu lhe falei, na caça, pesca. A gente só botava sapato quando ia à escola. Aí, chego em Fortaleza... Pá! Você é obrigado (risos) a mudar radicalmente os seus hábitos, entendeu? Então, tinha, como é que se diz? A casa do estudante tinha refeitório, pra almoço, janta, tinha o restaurante; e tinha também a cantina, pra merenda, o iniciar da noite, da manhã. De modo que eu tive que mudar radicalmente, quer dizer, no início foi um choque pra mim. Choque, né? E o primeiro choque foi também que, você pra entrar na casa do estudante, tem o trote. Um negócio completamente novo pra mim, que vinha do interior, não tinha notícia dessas coisas, que era os mais velhos descontando nos mais novos, e era mais ou menos isso, né? Depois, a gente na casa do estudante era a rotina normal

de... Se falava pouco em estudo, era mais de futebol, filme, aquela coisa... Quer dizer, naquela tal história: o estudo pra gente era uma obrigação pra vencer na vida, num certo sentido; não tinha aquele interesse próprio. No meu caso, eu vim começar a ter o próprio interesse, depois que eu realmente fiquei no meu interesse que era Matemática; aí, não; aí, realmente foi diferente. Antes, não. Antes, era aquela obrigação de ir pra escola, mostrar pros pais que estava estudando (risos).

Marcelo: Certo... Professor, o senhor foi pra Fortaleza em que ano, o senhor lembra?

Cláudio: Lembro. 1964, em março.

Marcelo: Aí, estudou até 1967, não?

Cláudio: Não. 1964, 1965 e 1966 foi o científico; aí, fiz o vestibular em janeiro de 1967 e fui pra Matemática.

Marcelo: Já passou em Matemática. Professor, e como foi o curso superior? O senhor continuou morando na casa do estudante durante...?

Cláudio: Foi, ainda passei um pouco na casa do estudante secundarista; ainda passei um ano. Aí, depois eu vi que eu tava tomando lugar de uma pessoa que podia vir do interior... Eu tava mais porque, o seguinte, como a gente já era dos mais velhos, os veteranos, a gente fica quase dono da coisa, então, se a gente quiser, a gente fica. Aí, eu, mesmo com sentimento, disse: "não; assim como eu vim pra cá, tem pessoas do interior precisando". Existia a casa do estudante universitária e tinha prioridade pra ir, qualquer vaga que morava na casa do estudante secundarista. Aí, pra mim foi realmente fácil. Inclusive, a gente fez... teve, na época, um gestor desse negócio da casa do estudante, que ele não quis obedecer isso, e a gente ocupou, a gente invadiu a casa do estudante lá; que a gente sabia que tinha vaga e ele foi obrigado a dar as vagas pra gente, que era da casa do estudante. Essas coisas de politicagem, né? Aí, daí, depois eu fiquei na casa do estudante universitária. Mas... faz como o outro, mas meu ambiente era na casa do estudante [secundarista]. No final de semana eu ia pra lá, por causa dos meus amigos, né? Você não faz logo amizade de cara, lá [na outra] tinha aquela coisa... Então, todo tempo... Comemorar futebol: a copa de 1970 era toda na casa do estudante com os amigos da velha guarda, que estavam todos lá ainda, né?

Marcelo: Sim... Professor, e como foi o curso? Assim, pra o senhor, quando o senhor entrou na faculdade?

Cláudio: Olhe, Matemática é o seguinte... O curso, na realidade, era um curso onde você tinha, na época, era só o bacharelado. Pra você ter uma ideia, a gente só fazia disciplina de Matemática! A gente começou a fazer disciplina de física, aí, depois o pessoal da Matemática:

"não, deixe isso pra lá, isso aqui é só estudar matemática". A gente não tinha ainda reforma universitária, ainda não tinha sido implantada a reforma universitária, que veio a ser promulgada em 1968, com centro, em departamentos. Na realidade, era Instituto de Matemática, que aqui em Fortaleza tinha o Instituto de Matemática, o Instituto de Física, o Instituto de Química, o Instituto de Biologia; que chamavam os institutos básicos. Então, na Matemática, não era por cadeira, era por ano. Tinha uma vantagem e uma desvantagem; qual era a desvantagem? É que você não podia avançar muito, porque tinha que ir junto com a sua turma; qual era a vantagem? Que você começava com uma turma e terminava, então, você fazia um grupo de amigos. Você terminava realmente com um grupo de amigos que conviveu quatro anos todo dia. Então, isso era uma grande vantagem nessa socialização. Que é que acontece? Na época que eu estudei, em Fortaleza já existia o mestrado em Matemática. Nessa época, em 1967, já existia o mestrado em Matemática. Então, já existia uma coisa direcionada pra uma progressão de estudo, né? Já existiam dois professores do Ceará que faziam doutorado nos Estados Unidos, que era o professor Ubirajara Alves e Gevasio Colares. Ubirajara Alves eu me lembro que depois ele fez Topologia Algébrica e, Gevasio, Geometria Diferencial. Então, já existia essa coisa... Então, os alunos eram muito... como é que se diz? No fundo, paparicados pelos professores, porque... e tinha muita gente. Pra você ter uma ideia, no meu vestibular, quando eu fiz, tinha duas turmas de quarenta alunos pra Matemática. Tinham duas turmas. Depois, como sempre, todo mundo vai desistindo, ficou só uma turma, que foi a turma que terminou. A gente tinha na época, um programa de bolsas do CNPq, que ele pegava aqueles alunos laureados depois do primeiro ano. Aí, ofertava bolsa, orientada por professores... Entendeu? Tinha, como é? As disciplinas que a gente chamava o M1, a Matemática um, do primeiro ano; o M2, M3, M4. Certo? Então, por exemplo, de Matemática, eu me lembro que o M1 a gente tinha um professor de cálculo, [que] realmente... era muito pesado, no sentido de que, quando você ia fazer prova, a gente tinha tipo três notas, que a gente chamava de NTI, Nota de Trabalho Individual, NPC, Notas Parciais de Conhecimento que eram as provas, que essas provas em geral eram dia de sábado e a NEF, Nota de Exame Final... Esse tal de NEF, quando a gente fazia no final era um massacre,– não tinha esse negócio de passar por média, tinha que fazer; no início, depois que foi implantada a reforma, aí, não tinha isso aí, esse NEF –, chegava lá, pra você ter uma ideia, era o seguinte: você fazia uma prova de manhã, que a gente chamava de prova "A" e de tarde fazia a prova "A estrela", que essa "A estrela" era pra tirar todo mundo do sério, né? Era aquela que era pra quebrar mesmo. Então, tinha isso, era mais ou menos assim. A gente tinha sala; cada aluno bolsista

tinha sala, gabinete. Pra ficar bem entendido, os alunos bolsistas CNPq. De modo que, o seguinte, minha vida universitária, eu passava o dia na universidade, como se eu trabalhasse lá; até de noite a gente marcava de se encontrar lá. Então, a gente tinha um ambiente de estudo muito bom. Aí, daí, não; daí, foi como eu lhe falei anteriormente, não dependia mais da obrigação de mostrar pros meus pais, eu realmente tinha um interesse muito grande e tinha um ambiente muito bom, que na universidade, naquela época, já tinha curso de mestrado funcionando, professores fora, no exterior... Na época, era normal a pessoa sair para o exterior para fazer doutorado, com um detalhe: como no início não existia muitos, não existiam muitos professores brasileiros, então, a Universidade Federal do Ceará fez um convênio com a França, aí, vinham professores franceses dar aula, né? Que tinha um professor, o professor Francis, depois tinha Luc, que a gente chamava, Luc Brameau de Bouchevan. Foram os dois professores francês que eu peguei. Aí, a coisa boa disso aí tudinho é que, por exemplo, o professor francês quando vinha, eles adotavam os livros em francês. Porque nessa época dificilmente existia livro em português de matemática, ensino superior. Existia mal uns de cálculo, que era um livro que a gente chama, que era o livro do Thomas, mas, não tinha esse negócio, tinha que ler em inglês e francês! A sorte é que a gente já vinha de uma escola que estudava inglês e francês, antigamente. Então, a dificuldade era só pegar os termos técnicos e adaptar, então, não tinha... Pra você ter uma ideia, eu não estudei em nenhum livro que fosse em português, no ensino superior! Ao ponto, que eu fiquei com um negócio, que eu fiquei até preocupado, porque quando eu via um livro de matemática em português, eu levava um tempo pra ler (risos). Eu digo assim, parece arrogância, mas não é... É porque, eu digo, eu fui alfabetizado praticamente em inglês, né? Eu leio mais rápido, ainda hoje, quando é matemática em inglês, eu tô aqui com um texto em português eu levo mais tempo. Ultimamente não, tá mais... Mas, por quê? Porque minha alfabetização foi em inglês, e da minha geração, por quê? Porque não tinha. Hoje você tem, né? Naquela época...

Marcelo: Sim... Então, a estrutura do curso, nesse período, professor, já era muito boa.

Cláudio: Muito boa... O curso de Matemática já era um curso que tinha uma certa penetração em nível de Brasil... Eles tinham uma certa preocupação...

Marcelo: Certo... Tinham muitos professores que eram do próprio estado, professor? Ou não?

Cláudio: Fora os estrangeiros, todos eram! Todos eram de lá. Só tinham os... A gente tinha também professores americanos. Por exemplo, a minha professora de cálculo foi uma professora americana, da Universidade da Califórnia ou de Berkeley, não me lembro, era a professora Joane. A gente tinha essa vantagem, naquela época já, desses professores que

vinham dos Estados Unidos, da França. Então, dava um diferencial muito grande. Professores, em geral, com doutorado, algumas com mestrado; na época, ter o mestrado já era muita coisa, mestrado era muita coisa.

Marcelo: Certo. Professor, e durante esse período – da infância, adolescência, até depois da faculdade também –, o senhor lembra as questões de legislação e educação?

Cláudio: Olhe... [...] não... Isso aí nunca me passou, não... A única coisa que eu me lembro, é que quando a gente tava no curso superior, pra gente terminar, que era na época do governo dos militares, tinha uma disciplina que chamava OSPB[12], que foi implantada com a reforma de 1968, e que a gente tinha que fazer um trabalho só pra terminar o curso; tanto é que a gente fez por aqui... Uma colega nosso lá fez... inclusive foi um trabalho que a gente foi com uma gozação danada, né? Que a gente queria provar a existência de Deus usando matemática e misturou com uns textos lá, ficou uma... Como aceitavam tudo, a gente botou lá. Mas, assim, nunca houve essa preocupação na legislação... Realmente, o foco era no estudo, no aprender, aprender, aprender, só isso. A parte de legislação, àquela época, não...

Marcelo: Certo... O senhor chegou a comentar sobre a reforma universitária, ela causou algum impacto, teve alguma diferença, fez alguma coisa assim?

Cláudio: Olhe, na realidade, eu vim mesmo pegar a reforma depois que eu vim trabalhar aqui em Natal, porque ela foi em 1968... eu terminei em 1970. Ela foi, praticamente, lentamente se aplicando. Tanto é que quando eu terminei ainda era Instituto de Matemática, depois que passou a ser departamento e fazia parte de um centro. Quando eu terminei, até onde eu me lembro, ainda não existia, embora tivesse a legislação, mas como tudo no Brasil, tem a legislação, mas depois tem a lei pra ver como é que faz na prática... Na realidade, eu vim vivenciar isso aqui já como professor, entendeu? E que até onde eu me lembro, não senti nenhum impacto, achei inclusive até legal, por quê? Porque o aluno pode progredir. Por exemplo, eu quando era estudante de Matemática, como tinha M1, M2, M3, M4 e eu tinha que cumprir, aí, o que é que acontece? Eu sempre fazia umas disciplinas na frente, às vezes com a turma, entendeu? Eu podia ter terminado o meu curso no terceiro ano, mas fiquei esperando a turma todinha, aí, o que é que acontece? Eu comecei a fazer disciplinas do mestrado, como ouvinte, pra não ficar parado. Entendeu? Basicamente no segundo semestre. Eu podia ter terminado em três anos e meio... porque podia: "traz essa disciplina pra cá"; mas, ninguém oferecia, [na época] eu não podia fazer, porque não era horrível, tinha que ter a minha turma. Aí, eu disse: "quer saber de uma coisa?", aproveitei... Às vezes eu fazia só uma

[12] Organização Social e Política Brasileira.

disciplina. Pronto, no quarto ano eu acho que eu fiz uma disciplina no primeiro semestre – ou duas no primeiro e uma no segundo –, aí, aproveitei e comecei, fui fazer as disciplinas do mestrado. Foi muito bom, nesse sentido, mas eu poderia ter terminado muito antes e ter ingressado bem mais cedo no mestrado, porque na época também a gente não supunha terminar e ficar parado, isso aí... mesmo a gente quando veio pra cá. Veio eu e mais dois colegas do Ceará. Aqui em Natal também tava começando, porque a Matemática daqui foi fundada em 1967; quando chegamos aqui, o departamento tinha três anos.

Marcelo: Sim, sim... Professor, lá no Ceará, funcionava já o curso de licenciatura e bacharelado? Ou só bacharelado?

Cláudio: Só bacharelado. Não tinha o curso de licenciatura. Enquanto eu tive lá, só formou bacharel...

Marcelo: Sim... Professor, e como foram os primeiros contatos do senhor com o ensino?

Cláudio: Primeiros contatos com o ensino. Primeiro foi aquela coisa, que é comum às pessoas estudar na casa dos outros, eu era professor quase que particular, não cobrava; na maioria das vezes, dos meus próprios colegas. A gente ia lá pra casa, aquela coisa; como eu tinha certa facilidade em matemática e também noutras disciplinas [eu dava aula]. Tanto é que eu dava, às vezes, quando havia... Pronto, eu me lembro que na minha cidade não tinha colégio público, todos eram particulares, né? Pra fazer o ginasial; [porque] o primário tinha grupos escolares e tal, mas a partir do ginásio tinha isso [só tinha particular]. Então, o que é que acontece? A Inspetoria de Ensino do Ceará, que hoje seria a Secretaria de Educação, dava bolsas de estudo pra os alunos, então, tinha que fazer um concurso. Eu me lembro bem que a primeira coisa que eu fui [as primeiras aulas que dei], foi estudando pra esse concurso, eu dando aula pras pessoas, mas, na minha casa, né? Lá na garagem tinha uma mesa grande; a gente estudava, que era se preparando pra esse concurso, pra passar e ganhar uma bolsa, pros pais da gente não pagarem escola (risos). Então, daí, ficou esse costume: sempre quando tinha coisa, eu ensinava, mas, o ensino particular. O meu primeiro contato oficial, onde eu assumi uma cátedra, por incrível que pareça foi de inglês, quando eu botei esse meu cursinho, que era na minha casa, uma sala; meu pai ajeitou, tinha quadro negro, tinha tudo, eu fiz lá. Esse cursinho durou um ano e meio, se eu não me engano; eu dei aula ainda um ano e meio. Aí, quando eu fui pra Fortaleza, na casa do estudante eu também dava aula particular, [por]que eu tinha amigos que, às vezes, quando ia fazer vestibular me chamavam... Mesmo [quando] eu saí, às vezes tinha, lá tinha um... Como que chama? Academia de polícia. Então, tinham uns colegas meus que as vezes eles pediam pra eu ensinar lá. Aí, nessa época era só matemática.

Eles faziam um... Estavam se preparando para oficiais, eu ia pra lá dia de domingo, passava o dia todinho, filava a bóia, era bom, né? (risos) Os militares não pagavam [as aulas], eu ia lá e eles não pagavam, então, era só isso que eu ganhava. A gente ia também por amizade... Depois disso, eu tive uma experiência de ensino, já... Porque, depois disso, eu entrei na faculdade, no Instituto de Matemática do Ceará, aí, depois que ganhamos bolsa, a gente tinha a obrigação... no Ceará tinha um curso, que a gente chamava Curso Mirim, que era para preparar alunos do ensino médio, quem quisesse estudar, saber um pouco mais de matemática, que era matemática do ensino médio; então, a gente dava aulas para esses alunos. Eu passei três anos dando aulas para esses alunos, que a gente selecionava em Fortaleza. A gente, os alunos bolsistas tinham que dar aula no Curso Mirim, entendeu? Esse curso mirim não obrigava, não era pra pessoa fazer vestibular pra matemática. É claro que isso fazia uma propaganda positiva, muita gente que tava lá nem sabia que tinha Matemática, né? Aí, de repente... Porque naquela época todo mundo achava que quem sabia matemática era engenheiro, fazia Engenharia. Não tinha esse nível de penetração que tem hoje nos cursos de Matemática. Depois, foi quando eu vim aqui pra Natal. Na época, a gente foi convidado. Foram os professores daqui – por exemplo, o Joaquim Elias e o Damasceno, que já era professor – pra Fortaleza convidar a gente, era quando a gente tava terminando. Aí, eles [disseram] que tava precisando, que tinha que manter o bacharelado e tal... A gente se aplicou pra cá e pra João Pessoa, e também pro mestrado no IMPA e na PUC, na época a gente foi aceito, pedimos para prorrogar um pouco [por]que a gente queria ganhar um dinheirinho, né? Aí, depois, que "ganhar esse dinheirinho" está até hoje. Foi bom! Foi uma experiência muito boa. Daí, pronto, não parou mais, até hoje...

Marcelo: Sim, sim... O ingresso no magistério do senhor, de fato, então, se deu aqui mesmo, na UFRN?

Cláudio: É. Oficialmente aqui na UFRN. Teve no Ceará esse Curso Mirim, que realmente era um curso que existia, que a gente dava aula mesmo, com frequência, toda semana, direto... Mas, assim, no sentido de você trocar por um salário, foi aqui. Na época, lá, você era bolsista, entendeu?

Marcelo: Certo... Professor, aqui, o curso da UFRN, ele precisava de professores da área, no caso, pra poder... Por que o senhor falou do bacharelado, não é?

Cláudio: Na área! Na área. Porque tinha que dar cursos... o quê que acontece? Tinha que dar curso de análise real, topologia, variáveis complexas, álgebra abstrata. Então, não tinha, porque o pessoal que tinha aqui, ou eram os engenheiros, formação de engenheiros, ou

licenciados, entendeu? Os licenciados faziam o quê? Os cálculos, as álgebras lineares e aquelas matemáticas básicas, por aí. Então precisava, né?

Marcelo: Sim... E os que eram licenciados, eram aqui mesmo pela UFRN?

Cláudio: É, aqui pela UFRN.

Marcelo: Então, no caso, os alunos das primeiras turmas foi que ingressaram como professores aqui do curso, depois?

Cláudio: Como professores; é!

Marcelo: Certo... Professor, então, a formação pra lecionar nesse período, ou eram engenheiros, ou...?

Cláudio: É; pra matemática, em geral, a maioria eram engenheiros. Ou, no caso, eram professores, estudantes, de Química, de Física; mas eram mais comuns engenheiros...

Marcelo: Sim... lá no Ceará?

Cláudio: Lá no Ceará.

Marcelo: Mas, e aqui, no Rio Grande do Norte, depois que o senhor chegou, também [era assim ou não?

Cláudio: Aí, não sei. Porque daqui a gente se isola na universidade, passa o dia, então, a gente vive mais na universidade. Assim, dos professores da cidade eu não sei...

Marcelo: Está bem... Professor, o senhor lembra de existir algum outro curso de formação aqui pelo estado, ou lá no Ceará mesmo, que formasse professores de matemática? Cursos específicos ou emergenciais?

Cláudio: Não...

Marcelo: Não... Mesmo depois que o senhor entrou aqui no Instituto?

Cláudio: Não, não... Até porque, acho que não existia mesmo, né? Não existia... [...] À época, a gente, às vezes por curiosidade... Eu mesmo, no Ceará, eu me lembro que eu fiz umas disciplinas de psicologia lá, que eu tinha curiosidade por isso, né? Aquele negócio de trabalhar Skinner, aquela coisa, que eu fazia na Faculdade de Filosofia porque eu gostava, porque era meu. Eu ia, ainda fiz, passei um ano estudando essas coisas, fazendo Matemática, né? Mas, depois desisti... Assim, essas coisas, quando aparecia às vezes – porque nessa época era muito difícil qualquer coisa, novidade –, qualquer coisa que aparecesse eu ia mesmo, porque era pra pegar.

Marcelo: Professor, o Instituto de Matemática aqui da UFRN, acho que na década de 1970 e talvez 1980 também, algum período assim, parece que ele ofereceu alguns cursos pra formar professores do Estado, do Município, o senhor lembra desses cursos?

Cláudio: Lembro. Inclusive eu fui... Isso acontecia, as vezes um projeto, né? Ou então nas férias. Às vezes, a gente ficava aqui nas férias, então, a gente fazia o seguinte: como Natal ainda era muito pequena, a gente conhecia todos os professores, porque eles tinham sido alunos nossos, então, a gente – inclusive era de boca os anúncios – fazia curso de férias pra preparar pra dar aula de matemática. Muitas vezes a gente perguntava: "que é que vocês querem pra... o que é que vocês têm mais dificuldade pra gente ensinar?". Então, era mais uma coisa... vamos dizer, informal, entendeu? Depois, lá pro final da década de 1970, começou a aparecer os projetos do MEC... eu não estou lembrando, teve vários deles.... negócios oficiais, né? Que inclusive davam dinheiro. A essa época, não; era mesmo coisa da gente, que a gente queria. Quando a gente ficava nas férias aqui, a gente não queria parar, dizia: "não, vamos fazer" – que a gente chamava de cursos de férias – "cursos de férias pros professores do segundo grau". Isso era mais uma atitude nossa; que a gente não fazia projeto de especialização, não era nada. Hoje não; tudo o que você faz tem que estar no papel, mas nessa época, não, era tudo solto. A gente fazia porque queria. A gente fez uma época, inclusive, quando cheguei aqui na década de oitenta, um curso de especialização em Matemática, que era pra professores do segundo grau. Esse curso durou pouco tempo. Eu fui até coordenador dele. Em oitenta e um foi o ano que eu terminei meu doutorado, em oitenta e dois eu cheguei aqui já coordenado esse [curso]; pediram pra eu coordenar esse curso. Era direcionado pra professores. E também, novamente, era uma criação do departamento que eu acho que não era nem registrado na pró-reitoria lá. Era uma coisa nossa, a gente fazia e era aprovado na reunião do departamento, ficava aqui... Mas, a gente dava a declaração, não é? Não me lembro se tinha um diploma, assim, formal, eu acho que não tinha. Mas a gente nunca deixou de fazer isso. Nunca. Hoje não; hoje você já faz como políticas do MEC, de coisa, né? Vem os projetos e tal, mas antes eram iniciativas próprias. Inclusive, a iniciativa da primeira Semana de Matemática, que a gente fez sem financiamento nenhum; nosso! Não é? Que começou... eu acho que a primeira Semana de Matemática foi em 1982, 1981. Até hoje tá bombando... Então, pra resumir, na realidade, no início foi tudo assim, um desbravamento, né? Desbravamento. Onde não tinha... talvez se você for encontrar aí, provavelmente encontre essas coisas nas atas do departamento, mas em canto nenhum eu acho que você vai encontrar mais. Fazer uma retrospectiva das atas, porque essas coisas todinhas passaram em reunião. Eu acho que ainda existem as atas da década de setenta aí, que isso foi mais ou menos no início da década de setenta.

Marcelo: Sim, sim... Professor, lá no campus da UERN em Mossoró, quando eu estava estudando, fazendo o meu mestrado, alguns professores me falaram de um curso de especialização que teve lá, que foi feito, na verdade, pelos professores aqui da UFRN. O senhor chegou a participar desse curso, não?

Cláudio: Não, não cheguei, porque quando eu cheguei aqui... Foi na época que eu tava... Foi na década de oitenta, mas eu acho que chegou a formar pouca gente. Houve muita desistência, entendeu? Pode falar com o André, André Gustavo, que a iniciativa foi dele, desse curso. Ele foi o coordenador, ele pode dizer melhor sobre isso.

Marcelo: Certo... E esses outros cursos que o senhor falou que o departamento organizou, eram pra professores da rede de ensino só de Natal, ou do estado [todo]?

Cláudio: A meta era só de Natal, porque você não tinha como penetrar em termos de divulgação. Não tinha como...

Marcelo: E esses cursos eles aconteciam durante o ano, ou eram no período de férias?

Cláudio: Não, era esporádico. O único que aconteceu durante o ano, já foi na década de oitenta, que foi a especialização, mas eram esporádicos, quando a gente tava de férias. O que é que a gente fazia? A gente preparava e chamava os professores. Como a gente conhecia, chamava um e dizia: "ah, avisa pra fulano, pra cicrano", porque eram poucos colegas, pouca coisa, então, a gente tinha o contato mais direto, né? Hoje em dia isso seria impossível. [Eram cursos] meio soltos, né? Porque eram... que não existia uma política institucional pra isso. Então, era mais uma vontade nossa, dos professores, muito preocupados com o nível de ensino do ensino médio, né?

Marcelo: Sim, sim... Professor –voltando um pouquinho –, o senhor me falou do convite pra vir ensinar aqui, que os dois professores foram lá convidá-los, não é? Vieram professores lá do Ceará, mas vieram de outros estados também, não?

Cláudio: Não. Só do Ceará. Porque na época era o curso, era o departamento, que preparava mesmo, formava matemáticos, né? No sentido... o restante... Não tinha. Que era, exatamente, antes de implantar os bacharelados. O curso que tem mais coisa... Também houve essa invasão de cearenses na Paraíba. Muita gente do Ceará foi pra João Pessoa, né? João Pessoa, Campina Grande, tem muitos... Tudo nessa época, nesse período.

Marcelo: Certo... Professor, e a formação de professores e as distintas regiões do estado? [...] Vocês tinham muitos alunos, aqui na graduação, do interior? Ou não, eram mais da capital?

Cláudio: Olhe, até onde eu me lembro, eu acho que era da capital. Tinha, sim, gente do interior, mas, às vezes dessas cidades mais próximas, aqui... Acho que sim. Eu não tenho um levantamento disso, não sei precisar, mas tinha gente do interior sim.

Marcelo: Certo... Professor, aqui [essa ficha], na verdade... Como o senhor não chegou a ensinar em outras escolas, como era o cotidiano da universidade no período em que o senhor ensinou aqui?

Cláudio: [...] Olhe, na realidade, o que a gente fazia, na época... [...] A gente chegou aqui com a graduação, então, nossa maior preocupação era preparar pra o mestrado, né? Então, às vezes a gente fazia seminários internos, no nosso caso... [...] era mais nesse sentido. E também, a nossa preocupação com os alunos, né? Que, aí, a gente começou a fazer aquilo que faziam com a gente: a gente ganhava as bolsas do CNPq, cada professor ganhava um certo número de bolsas, e tinha que escolher os alunos pra cuidar, então, a gente orientava esses alunos também, né? Que era uma rotina, você orientar e depois fazia com que ele fosse fazer mestrado lá fora. Era uma maneira de ter, de não perder essa continuidade, né? Teve também uma época, em 1971, 1972, a gente – um grupo de professores aqui – conversou com Pernambuco, com a Universidade Federal de Pernambuco, que tinha o curso de mestrado já... Então, a gente pediu pra eles fazerem uma coisa pra gente, pra podermos fazer disciplinas do mestrado lá. Agora, como? A gente viajava na sexta-feira – a gente acordava de quatro horas da manhã, tomava o café na estrada (risos) –, chegava lá de sete horas da manhã. Então, eles tinham um curso intensivo de sete até duas horas da tarde, pra atender a gente do Rio Grande do Norte. Nessa época o Instituto de Matemática era na praça do estudante, onde hoje é a secretaria de finanças, por trás do Banco do Brasil, que na época nem o Banco do Brasil existia; ali era o Instituto de Matemática, de Física e a Escola de Música em baixo; eram as três instituições. Aí, quando a gente voltava de Recife, ainda ia estudar de noite lá, de modo que isso passou durante um ano, isso era a rotina durante a sexta-feira. A gente fazia cursos, nessa época, eu me lembro, de álgebra, variáveis complexas, mas era assim, não era que a gente fosse do programa deles, é como se fosse como ouvintes, seria o equivalente hoje. Oque é que a gente queria? A gente não queria ficar parado; isso era pra não ficar parado, está entendendo? Quem eram os professores? Eram eu, Álax[13], Benedito[14], Almir[15] e Airton Von Sohsten[16]. Todos esses estão aposentados, menos eu (risos).

[13] Álax Jorge Tupinambá de Morais.

[14] O professor Benedito Tadeu Vasconcelos Freire é aposentado pelo Departamento de Matemática da UFRN. Ele é colaborador de nossa pesquisa. Ver sua narrativa no texto *"Professor Benedito"*.

[15] Almir Serra Martins Menezes Filho.

[16] Airton von Sohsten de Medeiros. Ex pesquisador do IMPA.

Marcelo: Certo... Professor, e esses cursos que vocês foram fazer lá, eram oferecidos especialmente pra vocês, ou era aberto [aos alunos do curso]?

Cláudio: Pra gente... Não, só pra gente. Porque era uma coisa que a gente não tinha como [ir em outros dias], a gente trabalhava aqui. Então, foi até uma benevolência deles fazerem isso com a gente; disponibilizarem um professor pra tempo integral. Eles viram; eles: "não, a gente tá vendo o interesse de vocês". A gente chegou lá de cara lisa, peitando pra fazer... Como é perto daqui[17] pra ir pra lá, a gente tirava em torno de três horas, três horas e meia, então, ia todo mundo num carro só, passava o dia todinho e voltava, almoçava na estrada, na volta, chegava aqui em Natal já de noite, seis horas, por aí.

Marcelo: Sim... Professor, e, pra o senhor, como foi o exercício do magistério?

Cláudio: Olha, até hoje tem sido muito prazeroso. Eu tenho tido só prazer... Na realidade, eu não me lembro de, hora nenhuma, eu ter chegado e dito que escolhi a profissão errada. Hoje se eu fosse escolher de novo... Tanto é que, a coisa que eu mais adoro é quando a pessoa me chama de professor; pra mim é um elogio. Eu prefiro só isso, o resto é... Pra mim, tem sido. Porque foi durante a minha vida todinha. Sempre adorei dar aula, gosto de dar aula ainda hoje, né? Entra o ano, eu dou aula como se eu tivesse entrando na universidade, vibro do mesmo jeito, entendeu? Tanto é que o seguinte, como eu tinha falado, eu tenho uma segunda matrícula; porque eu me aposentei no tempo do governo FHC[18]. Aposentei por uma questão de estratégia, porque o governo, na época, eles estavam querendo tirar direito de quem já tinha... Eu até fui na universidade, falei com o departamento jurídico pra ver se eles garantiam meus direitos, ele disse: "não, direito só com rescisão, se você tiver o tempo se aposente". Aí, depois, eu fiz concurso de novo, só que eu fiz pra Caicó, que, como eu sou do sertão... Queriam que eu fizesse aqui, então me chamaram; eu disse: "não, pra Natal eu tenho que dar oportunidade pros alunos da gente, eu não vou chegar aqui, concorrer com ex aluno meu e tomar a vaga dele?" Tanto é que, na época, um ex aluno meu que fez, Marcelo, que até hoje tá aí. Me chamaram pra fazer, eu disse: "não, não vou tirar a vaga de Marcelo porque ele tem mais direito". Aí, apareceu um concurso em Caicó, cobrando gente com doutorado pra ir pra Caicó, eu disse: "vocês são doidos, é? Vocês acham que vai aparecer?". Aí, eu conversando, disse: "sabe de uma coisa, eu sou interiorano mesmo, minhas raízes sempre viveram lá, meu pai mesmo é do interior, vou lá sempre; sabe de uma coisa, eu vou pra Caicó". Só que eu

[17] A Universidade Federal de Pernambuco está localizada em Recife, capital de Pernambuco, que está a, aproximadamente, 286 km de Natal.

[18] Fernando Henrique Cardoso (FHC) exerceu dois mandatos consecutivos como Presidente da República, de 1995-2002.

disse: “eu só vou fazer inscrição no último instante, se não aparecer ninguém, [por]que eu não vou aí pra tomar vaga de ninguém, de gente nova; o pessoal novo tem que ter oportunidade, eu já tenho minha parte; eu vou aí, que eu quero dar uma contribuição, mas...”. Tanto é que eu fiquei em contato, eu só fui – viajei aqui no domingo de tarde –, mas no outro dia, na segunda-feira, fiquei esperando lá quase até o final da tarde, pra ver... porque, se aparecesse alguém... Só que depois eu poderia cancelar, mas pra ser fiel a coisa, eu fiz bem isso assim. Fiz, passei, fiquei acho que uns três anos, três anos e meio lá; tenho uma experiência muito boa, deu pra gente... também implantar essa mentalidade dos alunos terem uma pós-graduação. Hoje, Caicó tem gente com doutorado; os alunos, tem gente que já saiu pra mestrado; a gente instituiu lá a Semana de Matemática que tinha aqui. Temos, hoje, mais estreita a ligação aqui [com eles]. Tanto é que depois Bernadete foi lá, daqui, passou seis meses; tem o Bandeira lá, que é da área da educação, né? Não deixou, como é que diz, Caicó isolado e foi muito bom isso. Até o Luiz Gonzaga saiu agora pra mestrado, que eu vivia dizendo: “rapaz, vai fazer teu mestrado, caba”; tai, acho que já terminou em Campina Grande.

Marcelo: Verdade... Professor, o senhor falou agora do curso lá de Caicó, ele foi criado no início da década de oitenta, não é? O senhor lembra desse processo? Teve alguma vinculação com o departamento aqui?

Cláudio: Não; com a gente, não, de jeito nenhum... Tanto é que era uma coisa que eu sempre cobrava. Cobrava porque eu conhecia umas pessoas de Caicó, eu dizia: “homem, procure a gente aqui, pra gente fazer um intercâmbio, uma coisa”. Mas eles nunca se interessaram... e a gente também não podia chegar lá e [fazer], porque se não poderiam achar que a gente estava querendo... não é? Essas coisas que a gente tem que ter um cuidado no dia a dia, né? Mas, aí, depois que eu fui pra lá, abriu. Porque no fundo, sabe o que era? Eles tinham vergonha de... “não, porque Natal, o pessoal todo...”; eu digo: “não, que vergonha, rapaz! tá aí pra fazer uma interação, tem nada a ver isso”.

Marcelo: Sim, sim... Professor, o senhor falou agora de Caicó, mas vocês tiveram algum tipo de vinculação, ligação, com outros cursos do interior?

Cláudio: Não, não... Até onde eu saiba, não...

Marcelo: A UFRN chegou a criar algum outro curso de Matemática no interior? Ou só o de Caicó?

Cláudio: Só o de Caicó!

Marcelo: Certo... Professor, e pra o senhor, como foi conhecer Natal no início do magistério, quando o senhor ingressou aqui?

Cláudio: Olhe, aquela... Num certo modo, como eu já morava só, era acostumado pelo fato de eu ter vindo do interior, então, minha adaptação não foi tão complicada. Claro, tem aquelas coisas, falta dos amigos, né? Então, teve que reconstruir tudo do zero, mas... Até onde eu me lembro, adaptei facilmente. Era acostumado a morar fora de casa, não teve aquele choque inicial... Então, pra mim... [...] foi muito legal.

Marcelo: Umhum... E como era Natal, nesse período, professor?

Cláudio: Na época, como a gente vinha de uma cidade maior, era uma cidade mais parada, com menos atividades, menos coisas, né? Então, na época que eu cheguei aqui – pra você ter uma ideia, Natal, eu acho, devia ter em torno de duzentos e cinquenta mil habitantes, por aí, menos do que Mossoró é hoje – tinha basicamente a universidade e, depois, o divertimento era a praia, ou então a gente jogava, tinha uma turma que jogava bola e tal, né? Aquelas coisas, que isso vai adaptando, vai... já com professores daqui, que é uma maneira de ir entrosando. Também, na época, cinema... tinha uma cadeia de cinema que era o Rio Grande, o Nordeste, que era... A gente manteve, de um certo modo, o costume de lá, aqui. De modo que não teve muitas dificuldades. Dificuldade, porque na época era em plena a ditadura militar, né? A dificuldade de todo mundo; uma época que todo mundo [que] trabalhava com educação era muito... tinha que ter muito cuidado na época.

Marcelo: Sim, era? Vocês chegaram a sentir, professor, algum impacto, assim, alguma coisa por conta da ditadura, ou só essa questão do cuidado?

Cláudio: Não, teve... Porque tinham, inclusive, pessoas, até professores, que uma palavra mal interpretada, você podia ir para o interrogatório, entendeu? Muito... Na época... Especialmente nessa época, que foi na época do governo Médici[19], que chamam os anos de chumbo da Ditadura Militar. Então, a gente tinha nessa época... o reitor, ninguém, nada era escolhido por eleição de seus pares; os reitores eram escolhidos por quem? Indireto. Era uma lista tríplice, mas, na verdade, era carimbado. Na realidade, quem escolhia os reitores do Rio Grande do Norte era Dinarte Mariz[20], o senador, porque ele tinha um prestígio político muito forte. Isso é o que se contava na época. Então, na época, ele quem impunha os cargos. Inclusive, o nosso segundo reitor – eu fui contratado ainda na gestão do primeiro reitor, de Onofre Lopes –, que foi Genário Alves da Fonseca, era um major reformado da Aeronáutica. Então, tinha aquela coisa do militarismo, né? Por quê? Porque ele foi escolhido. Não sei se ele seria eleito, podia

[19] Emílio Garrastazu Médici foi presidente do Brasil no período da Ditadura Militar, entre os anos de 1969 e 1974.

[20] Dinarte de Medeiros Mariz foi um político Brasileiro, tendo assumido os cargos de prefeito de Caicó (1930-1932), senador (1955-1956; 1963-1984) e governador do Rio Grande do Norte (1956-1961).

até ter sido, que ele era da Faculdade de Farmácia... Foi inclusive ele que começou a construção do campus, e depois foi concluída pelo Domingos[21], que foi o terceiro reitor.

Marcelo: Certo. Professor, nesse período, vocês recebiam algum financiamento para o Instituto de Matemática, ou não?

Cláudio: Não... Pronto. Agora que eu me lembrei, o grande, não foi um grande choque, mas o choque que eu tive foi mais ou menos das instalações físicas, né? A gente vinha de uma coisa que desde aluno a gente tinha nossas salas, com ar condicionado, com tudo, e acostumados a ter um ambiente de trabalho já... muitos se inspiravam na escola de Matemática. Aí, aqui a gente sentiu um baque nisso aí. Por isso que a gente procurou Recife, pra não se isolar. Porque lá [no Ceará], não; naturalmente a gente já tinha, as pessoas faziam mestrado, outras já... tinha uma oxigenação mais ou menos. Aqui, isso foi mais o baque, e também as acomodações, né? Que era, de certo modo, tudo improvisado, inclusive as salas. Era tipo aquelas salas que não iam até o teto, era aberto em cima (risos). Era tipo assim, tipo uns biombos. Era de alvenaria, mas era aberto em cima. Então, tudo da gente tinha que ser trancado, nas estantes, nos birôs[22], ninguém deixava nada solto. Então, esse foi mais o choque, no sentido de... E também tudo espalhado. Como não existia o campus, a gente dava aula na antiga Faculdade de Economia, tinha que ir ali, depois de onde era a antiga Faculdade de Educação, na praça Pedro Velho, naquele prédio. Então, era tudo espalhado, a gente dava aula... No prédio lá [onde era o Instituto de Matemática], eu acho que tinha, parece, só uma ou duas salas de aula. Então, era mais ou menos isso. A gente vinha de um canto onde tudo funcionava bem, por isso houve realmente um choque inicial, mas depois...

Marcelo: Sim, sim... Mas como era em relação ao restante da estrutura, professor, o curso daqui ele já tinha certa estrutura, ou, não, ainda tava...?

Cláudio: Não, ainda tava tudo pra ser consolidado, especificamente o bacharelado.

Marcelo: Sim, o bacharelado, né? O senhor falou agora da infra-estrutura; por exemplo, tinha biblioteca, tinha muitos títulos disponíveis?

Cláudio: Nada... Era quase nada. A biblioteca não servia de nada pra gente. Na verdade, a biblioteca era a nossa, individual mesmo. Não tinha projeto pra compra de livro, não tinha nada nessa época. Depois não, veio aos poucos, foi entrando dinheiro e tal...

Marcelo: Sim... E pra fazer esses cursos em Recife, professor, vocês recebiam alguma ajuda financeira?

---

[21] Domingos Gomes de Lima.

[22] Mesas com gavetas. É muito comum na região chamar as mesas dos professores de birôs. Essa palavra vem de *bureau*, em francês.

Cláudio: Não. Do bolso da gente. A gente rateava a gasolina e, como iam quatro pessoas no carro, ficava barato...

Marcelo: Certo... Professor, e o Rio Grande do Norte nesse período, no início do magistério do senhor, como era o estado?

Cláudio: Olhe, não tinha muita ligação. Como eu não tinha família aqui, porque essas coisas é mais quando você tem família e tal, mas, eu não. Eu, sinceramente, fora Natal... não. Tinha, assim, as notícias de Mossoró, que sempre foi muito presente pra gente, né? Mas, o resto... Pronto, eu tinha muita vontade de conhecer Caicó, que falavam do Seridó, que era curiosidade, na época, né? Mas nunca eu fiz essas viagens, porque, quando eu tava de férias, ou eu ia, no final do ano, fazer cursos de verão fora – em geral, no IMPA, no Rio de Janeiro –, ou, quando era no meio do ano, não tirava férias, né? E quando eu tinha férias, eu ia visitar minha família, que é do Ceará? Então, não houve esse tempo de tentar... Eu tinha, sempre gostei muito disso, tanto é que eu fui depois pra Caicó... Essa minha coisa sertaneja, que ainda hoje eu tenho; essa minha veia, que hoje ainda funciona bem...

Marcelo: Certo... Professor, como foi pra o senhor o magistério aqui em Natal? Na verdade, chegou a ensinar em Caicó também, né? Como foi pra o senhor, assim, o magistério em Natal, em Caicó?

Cláudio: Olhe, eu digo... é a mesma coisa. Não tenho... Como é que se diz? foi muito prazer sempre. Eu também sempre fui muito mais ligado... Logo quando eu cheguei, na época, a gente dava aulas pra alunos de engenharia, porque tinha – não sei se você sabe – o indiferenciado, aqui na UFRN. Que era o seguinte: o cara fazia o vestibular pra grandes áreas, era a área de saúde, a área tecnológica e a área de humanas. Todos esses cursos eles entravam... O cara não entrava [em um curso], por exemplo, aqui na área de tecnológicas – a área de exatas também entrava na área tecnológica, Matemática, Física e Química –, todo mundo queria Engenharia Civil, que na época era o que tinha; na área de saúde, nem precisa falar que era Medicina; e na outra área, de humanas, todo mundo queria Direito. Só que é o seguinte: só depois de dois anos é que os alunos podiam escolher. Não era a nota do vestibular. Porque a idéia era que o vestibular era uma coisa... Às vezes, até o cara por sorte... Então, existia isso. Pra todo mundo tinha matemática, pra universidade todinha. Então, nessa época eu era o coordenador de Matemática, [do] que a gente chamava de indiferenciado, e todo mês a gente tinha reunião com a equipe central da universidade! Com o reitor e tudo. Como se fosse o CONSEPE[23] na época. A gente tinha essa reunião, pra você ver a

[23] Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão (CONSEPE).

importância que era dada; nós coordenadores íamos a essa reunião do CONSEPE. Era como se fosse membros natos do CONSEPE; nós éramos, tínhamos que prestar contas. Aí, nisso, a gente, começou dando aulas pra isso. Nessa época, a gente dava aula por demais. Todas as provas eram dia de sábado. Pra ficar no mesmo horário, era tudo junto, pra não ter aquele privilégio, porque podia numa turma um professor bonzinho dar uma nota melhor do que outro. E eles reclamavam. Nessa época havia uma coisa boa: os alunos estudavam muito, porque todo mundo queria ser... escolhia Medicina; então, todo mundo botava pra quebrar. Agora, qual era o lado negativo? Porque perdia o coleguismo. Eu de vez em quando dizia: "converse com teu amigo"; aí: "não... aqui ninguém dá nada pra ninguém, não, a gente tem que perguntar pro senhor". Por quê? Porque quando... E outra coisa, às vezes, quando tinha um professor que antes da prova fazia uma lista de exercício parecido, que resolvesse, os alunos deduravam: "olhe, essa turma fez assim, assim...", e era o jeito chamar. Então, a gente tinha um colegiado, essa prova era dia de sábado e era um negócio tão cuidadoso que a gente fazia. Em cada sala, eram quatro provas diferentes, pra evitar que ninguém... podia ver a prova do outro, mas era diferente. E a gente tinha o cuidado pra poder não fazer uma injustiça, porque era a vida de uma pessoa que estava em jogo, o futuro, para escolher uma futura profissão. Não podia deixar que ninguém fosse privilegiado na desonestidade. Então, isso foi o início. O início não, porque ainda comecei dando aula no bacharelado... Aí, depois dava aula nesses cálculos pras engenharias. Daí, quando a coisa tomou conta, lá para o final, a segunda metade da década de 1970, eu comecei a me dedicar só mais a Matemática. Desde lá, desse tempo, dificilmente eu dou aula pra outro curso. A partir daí, ainda hoje, eu sou dedicado só mesmo aos alunos de Matemática. Licenciatura ou bacharelado.

Marcelo: Umhum... Está certo. Professor, e para o senhor, como foi ter sido professor aqui no Rio Grande do Norte? O senhor chegou a pensar em mudar, em voltar pro Ceará, ou...?

Cláudio: No início a gente chega! Porque é o seguinte... Uma das coisas que a gente veio pra cá, foi por conta do seguinte: na época, quando a gente terminou no Ceará, eles queriam – como lá tinha o mestrado –, eles diziam: "não, vocês ganham a bolsa de mestrado e ficam dando aula aqui"; aí, a gente: "não, ninguém vai dar aula" – porque, na época, a gente tinha um movimento estudantil muito forte, então, se cobrava muito essas coisas e a gente dizia – "não, a gente não vai, a gente só trabalha aqui se tiver um contrato" – como não tinha concurso na época. Aí, eles disseram não; queriam... Aí, eu digo: "não, porque se for pra fazer mestrado, eu prefiro ir fazer no Rio" – na PUC, na época, ou no IMPA – "a gente não quer ficar aqui só com..." – eles davam, parece, uma bolsa também por fora pra pessoa dar aula.

Aí, a gente: "não, a gente não quer, não" – na época, o movimento estudantil falava muito isso – "não, a gente só quer o contrato". Foi daí que a gente veio pra o Rio Grande do Norte. Por conta disso, eles jogaram quase que uma praga pra gente: "é, vocês vão pro Rio Grande do Norte, mas lá não tem nada de Matemática, vocês vão se enterrar lá". Eles diziam isso pra gente. O resultado é que não foi isso (risos). A profecia não se cumpriu. Mas, era aquela outra história... Realmente, no início, como todo mundo que sai da sua terra, tenta voltar. Só demorou dois anos. Até o primeiro ano eu pensava em fazer o concurso mesmo pro Ceará. Aí, depois, no segundo ano pintou o concurso lá, chamaram a gente, eu digo: "não, não quero mais", porque a gente já tava aqui... e outra coisa, aqui tinha tudo por fazer, então, pra gente que gosta de ensinar e dar aula, a gente viu que era muito mais desafiante. Ceará, não; já tava caminhando. A gente disse: "não, aí vocês não precisam mais da gente, a gente vai fazer agora o do Rio Grande do Norte".

Marcelo: Certo... Professor, vocês tinham algum contato mais próximo com o pessoal de Recife, por conta daqueles cursos, ou não?

Cláudio: Não, mais com o pessoal do Ceará. Recife, pelo seguinte... Recife já era uma geração muito, já era uma geração com idade pra ser nossos pais, talvez até avós. Tinham dois professores portugueses, né? Tinha o Morgado, que era algebrista, e o Rui Gomes que era da área de análise. Então, a gente não tinha esse diálogo tanto... E a maioria era só aluno, que eram só nossos colegas [de turma], que hoje a maioria desse pessoal, que a gente fazia cadeira, foi depois professor. Mas, como a gente veio do Ceará e a família era de lá, a gente tinha muito contato mais com o Ceará. Tinha também uma matemática mais forte, na época.

Marcelo: Umhum... Professor, na década de setenta, o governo Federal criou um curso de curta duração, que era inclusive chamada Licenciatura de curta Duração, acho que pelo PREMEM[24]...

Cláudio: Eu me lembro...

Marcelo: Pronto. Ele era oferecido, aqui no Nordeste, em Recife. Esse curso, vocês chegaram a ter algum tipo de vínculo com esse curso?

Cláudio: Acho que teve. Eu não sou a pessoa mais adequada... Mas eu acho que a gente teve aqui... Se eu não me engano, a professora Estela, se eu não me engano, era até ela que

[24] Os cursos de Licenciatura de Curta Duração foram criados pelo Programa de Expansão e Melhoramento do Ensino Médio (PREMEM) – posterior PREMEN –, com a incumbência de formar professores, em nível intermediário superior, em tempo recorde de um ano e seis meses, para atuarem nos ginásios polivalentes, ou ginásios direcionados para o trabalho, que funcionariam com cursos técnicos em nível ginasial. Entre 1971 a 1976 o PREMEM fez acordos com a Universidade Federal de Pernambuco, para oferecer esse curso para os estados da Região Norte, Nordeste e Centro Oeste do Brasil.

coordenava esse PREMEN aqui. Acho que ela tem... Eu acho que Estela, se eu não me engano coordenava isso. Com ela você pode tentar descobrir, ela pode lhe indicar melhor isso aí.

Marcelo: Está bem. Professor, e para o senhor, Natal hoje? Como é que tá a cidade no contexto atual?

Cláudio: Hoje é a minha cidade, né? (risos) É a minha cidade ao ponto de... Às vezes papai dizia: "Ah, tu hoje é mais rio-grandense" – porque cearense é considerado muito bairrista – "você só fala nas coisas do Rio Grande do Norte"; eu: "papai, mas eu moro lá, vivo lá, foi lá onde eu criei meus filhos, todos os meus filhos são de lá... (risos)"; ele diz: "é, você não é mais cearense não"; eu digo: "é, eu sou nascido", mas realmente minha vida é aqui. Natal, hoje, é a minha cidade... jamais sairia daqui pra outra cidade. Elegi mesmo como minha cidade.

Marcelo: Certo. Professor, o senhor fez o doutorado do senhor em que período mesmo?

Cláudio: Eu fiz o doutorado, terminei em 1981. Foi de 1977, se eu não me engano, a 1981. O mestrado é que eu fiz a prestação, porque naquela época não deixavam a pessoa ficar fora por muito tempo. O que é que acontece? Por que a gente não podia ficar fora por muito tempo? É porque, na época que o Genário era Reitor, como não tinha como liberar para você passar um ano fora, dois anos, na época... o pessoal dizia mais o seguinte, que o importante era o ensino, esse negócio de pós-graduação era tido como coisa de luxo. Aí, como a gente viu que não tinha jeito de sair, a gente fez o seguinte: um consórcio, com os professores do departamento. O que era isso? A gente pegou os professores que queriam, tinham nove professores que queriam. Então, a gente botou em três grupos de três; a cada semestre, saía um desse grupo de três e os outros dois assumiam a carga horária [dos três]. Pra poder sair, pra você ter uma ideia da luta, como era difícil... Aí, fizemos isso. Fomos falar com o reitor que era o Genário, na época, pra legalizar esse consórcio... Legalizar pra poder toda pessoa que quisesse sair, ter que fazer um grupo de consórcio pra não ter privilégio, porque tinham pessoas que ficaram de fora. Fomos falar com Genário, explicamos, aí, ele disse: "como é isso aí? Eu vou ter que contratar algum professor?"; "não"; "então, pronto. Como eu não tenho que contratar nenhum professor, eu faço vista grossa pra isso, agora, legalizar, eu não legalizo; porque eu acho" – ele disse a seguinte frase – "eu acho um luxo pós-graduação pra UFRN". Ele, reitor [!]: "Eu acho isso um luxo, pós-graduação pra UFRN". Aí, nós aproveitamos... A gente na época fez esse grupo, e só admitia que, quem saísse, ou tinha que ir pra um centro de excelência do CNPq ou já um mestrado reconhecido pelo MEC, porque nessa época... pra poder ter a seriedade da coisa. Aí, nós pedíamos; dizíamos: "magnífico, nos arrume pelo menos uma

passagem pro Rio, no semi leito"; ele: "não! Passagem também eu não ajudo, eu já falei que era um luxo. Então, pra luxo eu não dou dinheiro". Tudo bem. A gente ia com recursos próprios, num semi leito daqui pro Rio de Janeiro, na Aparecida, na época – era uma empresa que tinha aqui que faliu. Aí, tudo bem. A partir daí nós fizemos isso... Os primeiros doutores do departamento foram os que saíram daí. Por isso que eu não fiz mestrado direto, porque eu fui pro IMPA, fiz um ano; por que é que eu fiz um ano? Porque eu fui o último a sair do meu grupo, aí eu disse: "eu fui o último a sair, agora eu quero ser o primeiro do outro grupo". Aí, com isso eu passei um ano, porque eu digo: "como eu vou pro IMPA, pro Rio que é muito longe" – porque tinha gente que, às vezes, ia aqui pra Recife, Fortaleza, ou Brasília, eu preferi ir pro IMPA – "não, só quero fazer mestrado se for no IMPA". Isso foi em 1973, passei esse ano no rio. Voltei em 1974, dei um ano aqui, entrei de novo nesse processo, aí, passei um ano lá e terminei o mestrado. Na realidade, dava pra ter terminado o mestrado com um ano e meio, porque naquela época não tinha monografia, mas eu fiquei fazendo umas cadeiras do doutorado, porque eu tinha uns seis meses, aí, eu disse: "não, vou aproveitar aqui e já levo mais conhecimento". Pronto, todos os doutores iniciais do departamento saíram desse grupo, desse esforço da gente. [...] Eu acho que todo mundo é dessa época, os primeiros doutores, que fomos: Almir, eu... quem mais? Não estou lembrado, assim, de cor... E os mestres; os primeiros mestres, porque na época era mestrado... com toda certeza, boa parte dos mestres daqui saiu por conta desse consórcio! Porque ninguém parou. Mas, tinha dessa: tinha semestre que a gente, além de acumular cargos, tinha de dar aula a cinco turmas distintas, mas a gente dava por quê? Sabia que era pra um bem maior. Agora, pra você ver como é que são esses caras– isso eu estou falando em 1972 –, quando é 1975, no governo do Geisel[25], o ministro da educação é Jarbas Passarinho[26]. Ele bota uma política de pós, de incentivo a pós-graduação no Brasil, porque ele disse que o Brasil tinha que formar não sei quantos mil doutores, até não sei quando, pra não ficar atrasado no boom tecnológico. Aí, começou dinheiro, começou vacas gordas pra pós-graduação, começou... Numa dessas reuniões, logo que começou, o Genário ainda estava no final da gestão dele; disse que o Genário – isso numa reunião em Brasília, a gente soube: "senhor ministro, eu queria dizer à vossa excelência que nós, no Rio Grande do

[25] Ernesto Geisel foi um político e militar. Foi o quarto presidente do Brasil no período do Regime Militar (1974-1979). Ocupou ainda os cargos públicos de ministro chefe do Gabinete Militar (1964-1967), ministro do Superior Tribunal Militar (1967-1969), presidente da PETROBRAS (1969-1973).

[26] Jarbas Gonçalves Passarinho é militar e político. Ocupou as funções de governador (1964-1966) e senador (1967-1983 e 1987-1995) pelo estado do Pará. Foi ainda ministro do trabalho e da previdência social (1967-1969 e 1981-1983), ministro da educação (1969-1974) e ministro da justiça (1990-1992). Vale ressaltar que a promulgação da segunda LDB, a Lei 5.692/71, acontece no período em que ocupava a função de ministro da educação.

Norte, já nos antecipamos, aí" – foi dar o exemplo do departamento – "nós, no Departamento de Matemática, fizemos um consórcio" – filho da mãe se lembrava de tudinho, tinha memória boa, e disse – "saímos na frente, nós já temos gente em tudo...". Quer dizer, ele já saiu daqui preparado, pegou a história... quando, [na verdade,] ele dizia que era um luxo. Aí, fez a maior média em cima da gente. A partir daí, quando foi pro meu doutorado... já estava ótimo. Exatamente por conta do ministro, parece que foi no governo Geisel que começou. Aí, começou dinheiro demais pra pós-graduação, qualquer projeto era aceito e aprovado... Pra você ter uma ideia, no tempo de Domingos – que foi um Reitor que deu um impulso na pós-graduação no Rio Grande do Norte, foi o primeiro reitor que fez isso –, eu me lembro que teve uma época que tinha quatrocentos professores da universidade fora, fazendo mestrado. Fazendo mestrado por quê? Porque a cada dois que saía, entrava um colaborador pra suprir a carga horária. Então, ele fez. Domingos foi um reitor que, realmente, hoje eu reputo como um dos grandes reitores da UFRN, ele pisou fundo nisso aí. Hoje, a universidade, essa formação que tem, deve muito a ele... Parece que foi o estado do Brasil que mais aproveitou esse boom de dinheiro. A Paraíba também; foi o Rio Grande do Norte e a Paraíba, eles aproveitaram... Você pode olhar: tanto é que aqui, os grandes departamentos que têm aqui hoje, nasceram exatamente desse esforço, a Engenharia Elétrica que nem [tinha], a Física, a Geologia, né? A própria Química cresceu; porque, na época, o melhor departamento qualificado era o nosso. O primeiro doutor da universidade foi nosso, Airton Von Sohsten, formado aqui no Rio Grande do Norte. E o primeiro mestre foi nosso aqui também, Elias, em mil 1967, fez no Ceará, Matemática. Então, quando falava em pós-graduação, era Matemática, entendeu? Porque era aquela coisa, faz parte daquela história que eu digo, como a gente já veio do Ceará, então, deu continuidade a história, não deixou morrer... Está certo?

Marcelo: Certo... Muito legal essa ideia do consórcio. Professor, o senhor falou de Natal para o senhor hoje, e o Rio Grande do Norte?

Cláudio: Olha, o Rio Grande do Norte pra mim... Hoje eu estou mais, assim, o Seridó e Natal que é onde eu estou mais... e sempre, né, a *hors concours*, que é Mossoró. Mas fora isso eu não tenho muito contato com as outras regiões. A não ser, regiões de praia, tipo Baía Formosa[27], essas coisas, que eu curto muito. E no sertão, realmente, é o Seridó, notadamente Caicó. Sempre que posso vou lá, digo aos meninos por telefone: "olhe, se precisar aí de mim pra palestra, qualquer coisa, pode chamar que eu vou aí; qualquer hora; não precisa vocês terem dinheiro, nem coisa nenhuma, eu vou mesmo no meu caro... Não quero deixar vocês

[27] Baía Formosa é um município litorâneo do Rio Grande do Norte. Situado na mesorregião do Leste Potiguar, microrregião do Litoral Sul, está a, aproximadamente, 90 km de Natal.

aí... desabonados"; eu digo, se precisarem, entendeu? Então, eu tenho muitos [amigos], fiz muitas amizades também com pessoas de outras áreas, porque lá tem os cursos de Direito, História... Fiz um ciclo, de modo que hoje eu estou mais ou menos mais situado no Rio Grande do Norte, do que a muito tempo atrás... Porque é o seguinte, você, quando chega numa cidade nova, deve ter esse negócio [essa convivência com outras regiões], você passa o tempo todinho trabalhando, então, não tem... quando você tem, é um final de semana, que você sai com sua turma. Então, não tem como você alardear; a não ser que você chegue solteiro, case com uma pessoa da cidade, aí, pode ir, de um certo modo, vai se situando, mas é difícil essa... Essa coisa não é fácil. Quando você tem tempo, não; a gente não tem esse tempo. Foi uma grata satisfação trabalhar em Caicó.

Marcelo: Sim... Professor, e o Ceará, pra o senhor, hoje?

Cláudio: Tenho mais como lembrança. O pessoal da infância, juventude... Não tenho mais... Mesmo assim, eu vou lá; na realidade, antes eu ia ao Ceará só porque era a trabalho, e agora eu só vou lá por causa da minha família, boa parte dos meus irmãos moram em Fortaleza, meu pai ainda mora no sertão, mora em Jaguaribe, né? Aí, é onde eu vou, mas, fora isso... Minha referência, quando eu digo: "eu estou em casa", é quando eu estou no Rio Grande do Norte. O Ceará não é mais minha casa...

Marcelo: Certo. Professor, e, pra o senhor, o ensino de matemática hoje?

Cláudio: Olha... Isso aí merecia era uma mesa redonda, um debate, é muito complicado falar nisso hoje, por que... como é que se diz? Eu diria hoje, que você vive, é uma das coisas que eu abomino, é a febre do modismo, lembra do modismo da matemática moderna? Hoje está no modismo de que tudo tem que ser contextualizado. Isso é ruim, porque, pra falar nisso, a gente tem que falar na história da matemática, na pré-história da matemática, até os dias de hoje. Porque há uma mística de que a Matemática, tudo o que foi feito na Matemática, saiu do dia a dia. Isso é ledo engano; não é verdade. Contam a história da geometria, aquela coisa que nas margens do Rio Nilo, os reis, quando tinham aquelas enchentes, acabavam todas as demarcações, aí, tinha que fazer e tinha as medições. Isso é uma história que fecha bem bonitinha, mas não é a história da matemática que se tem; porque a história da matemática é mais ponteada pela filosofia, do que por qualquer coisa aplicada. Embora, quando eu falo isso, não é aquela... quando eu digo isso, eu tomo cuidado, porque quando a pessoa fala isso, pensam: "então, esse cara é só matemática pura, não quer matemática..."; não, não é nada disso! É que há um desvirtuamento das pessoas que dizem que tem que ser isso, porque a matemática não é diferente das outras áreas que foi do contexto do dia a dia; não foi. A

história da geometria, a história do quinto postulado de Euclides, é uma história puramente filosófica. Isso dá para a gente comprovar; qualquer um que lê a história sabe que não teve nada disso! Que até permitiu a construção de nova geometria, tipo a geometria hiperbólica, a geometria riemanniana – que deu origem à teoria da relatividade –, se não fosse essa pergunta, que é o quinto postulado, de cunho puramente filosófico... [Isso,] porque ninguém nunca aceitou aquele quinto postulado; só depois de dois mil anos é que os caras começaram a negar; isso tem a ver com o dia a dia? Não tem. Foram questões que vieram realmente de... Porque, é o seguinte, muita gente fala da Matemática depois do Newton, né? Depois da Física, do Galileu, que inventou o método científico, mas acontece que a Matemática não começou aí. Tudo bem que a Física, com o Newton com as experiências dele, ajudou muito a Matemática a partir daí, mas acontece que ao mesmo tempo Leibniz fez o cálculo, e Leibniz não usou nenhuma experiência de Física. Ele fez o cálculo como o Newton fez. Fez o teorema fundamental do cálculo e não usou nenhum experimento, não é? Mas acontece é que há uma desvirtuação. Então, na realidade, a gente sabe que uma das áreas de conhecimento que mais influenciaram a matemática foi a Filosofia, porque ela é feita do contexto, até hoje você faz Matemática com perguntas filosóficas, né? Não tem nada a ver, ninguém está preocupado com aplicação. Nesse sentido, eu acho um exagero. Não é que eu seja contra, pra ficar bem entendido, o que puder ser usado pra melhorar o ensino, tudo muito bem. Ora, eu vi uma vez um trabalho de uma pessoa, que fez uma contextualização... [...] Que eu digo: "homem, ensina da maneira tradicional que é mais fácil pro rapaz". Forçando a barra, porque é uma "forçação" de barra... A contextualização, um projeto multidisciplinar, é um projeto com começo meio e fim, onde tem profissionais de várias áreas, não é matemáticos, entendeu? Vamos dizer que eu queira um projeto pra um, sei lá... na biologia, pra um genoma humano ou coisa parecida, então, vamos juntar aqui quem? Vamos botar um geômetra, um cara de topologia combinatória, outra cara... aí, [tem] o projeto – onde a gente quer chegar –, depois tem o resultado final. Não é assim, essas coisas: que já estão lá e o cara vai inventar uma aplicação. Até porque aquilo não saiu com essa invenção dessa aplicação. É isso que eu digo. Então, hoje, é comum pegar: "não, matemática hoje é contextualizada"; eu digo: "não; o problema é o seguinte, pra contextualizar a matemática, além de você saber a matemática pura, você tem que saber contextualizar a matemática envolvida". E hoje, a matemática, no ensino médio, é muito pouca pra se aplicar. Então, fica essa história, as pessoas não dão as coisas básicas... a gente que tá aqui na universidade sabe. Está cada vez pior. O aluno da engenharia, na década de setenta, quando entrava na universidade, já fazia cálculo e álgebra

linear. Hoje ele vai fazer: geometria plana, geometria analítica, análise combinatória, trigonometria – que é a matemática básica de outro tempo. A gente tá com disciplina aqui até do ensino fundamental, por quê? Porque vai piorando. O lance desses modismos. Eu não tenho nada contra quem queira melhorar o ensino de matemática, nesse sentido, mas, daí, condicionar a isso é o que é complicado. Porque a gente que trabalha, vê que não é por aí... Existem os métodos matemáticos que tem umas partes que é somente aquela parte básica... que não tem jeito; você não aplica aquilo. E também... Eu tenho um exemplo dentro de casa: minha filha é professora de matemática do Município, quando ela entrou: "painho, pelo amor, quero que o senhor me dê jogos e não sei o quê, porque a diretora e a coordenadora pedagógica estão me cobrando e eu estou doida que eu não sei"; eu disse: "Renata, o que você tá dando? O lance é o seguinte, se você está dando uma coisa que dê pra usar, então, vamos estudar, tem materiais bons, tem muitos materiais bons; agora, se não tiver, paciência, não vá inventar". Então, quando eu falo isso, é no sentido do exagero dos modismos – como eu falei, da década de sessenta, da matemática moderna, que veio importado dos Estados Unidos, com livros feitos por pessoas de... Você já ouviu falar do SMSG, esse livro de matemática? Ninguém encontra mais, por quê? Aquilo na época era uma febre; uma febre pior do que isso aí. A gente só falava nisso! Eu tinha uma... eu dizia: "o que é que eu tô aprendendo em matemática? não tenho nada disso". Hoje, eu dou graças a Deus não ter entrado naquele negócio... E era quente, quem fizesse na época era quente, só se falava nisso. Então, é o que eu digo: precisa ter muito cuidado, porque é uma disciplina bimilenar, a matemática; então, ela vai, de uma hora pra outra, mudar da noite pro dia? Claro que tem as pesquisas, cada vez mais quem trabalha com o ensino, que não tinha antigamente, descobrindo coisas novas pra ensinar... Ninguém de Matemática é contra isso, agora, é contra os exageros. De dizer que o aluno só aprende se for contextualizado. Aí, é pra passar um atestado de burrice pros alunos e não querer que eles criem uma ideia mental do processo matemático, que vai ajudar noutras coisas da vida, das disciplinas. E outra coisa, é como se todo mundo aprendesse do mesmo jeito. Eu te dou um exemplo, eu falei no início que eu fazia aquele sólido geométrico, tudo bem, aquilo é um material... eu olhava pra aquilo, mas, pra mim, naquela época, sabe o que é que funcionava? Meu modelo mental. Eu pegava aquilo e fazia um modelo mental, eu olhava pra ele, pronto. Pra mim, eu olhava a aresta, vértice, ângulo, tudinho através do modelo, não era aquilo que me dava prazer de fazer, não. Aquilo ali, pra mim, é porque eu tinha que fazer pra escola pra ganhar nota, mas, quando eu estudava isso, aqueles modelos pra mim não adiantavam muita coisas, não. Entendeu? Então, eu não aprendia [com aquilo]... Quer dizer, é

uma maneira de aprender diferente. Então, nem todo mundo aprende desse jeito. Agora, é claro, que isso é um desafio, é! Porque, ainda hoje, se você me fizer uma [certa] pergunta, eu não sei... O problema que eu acho, a grande interrogação no ensino de matemática é: o quê você deve ensinar no ensino médio? Porque, é o seguinte, você chega numa turma: "quem é que vai fazer Matemática?", se tiver um, tem muito; "quem é que vai fazer Engenharia ou Física?", poucos. Então, o desafio é: como você vai ensinar uma matemática boa pro pessoal escolher, pra quem vai fazer [diferentes áreas]? Porque, por exemplo, um aluno que tá ali provavelmente vai fazer Direito, outro vai fazer, sei lá, Medicina... Porque, na época que eu era estudante, tinha uma coisa que melhorava isso, que era o científico, tinha o clássico e o técnico. Tinham três cursos, além do curso normal, pra professoras, as normalistas. Então, tinha quatro modalidades. Então, aí, tudo bem... Eu ainda acho que, claro, tem que melhorar esse sistema, mas, precisa de uma coisa desse tipo. Porque, aí, quem vai fazer as áreas tecnológicas e exatas, não pode reclamar de que tem muita matemática. Eu concordo que você realmente tem que ter um critério, isso aí eu acho mais difícil. O quê ensinar pra esse pessoal? Como você ensinar, manter o interesse pra uma turma de gente que vai fazer engenharia, ao mesmo tempo do cara que vai fazer direito, que está tudo ali? Aí é a grande interrogação. Eu acho que, não é com saudosismo, mas eu acho que na época que eu era estudante, ainda tinha mais um respeito por isso. Porque eu acho que é por aí, não tem como! Você pegar um estudante que tem um interesse da área de humanas e pegar um que tem um interesse da área tecnológica e exatas, eles vão ter que estar em conflito; e matemática é um instrumento fundamental pra esses [últimos] aí, não é pra Direito. Agora, ao mesmo tempo vem uma pergunta: como é que o cara que entrou no ensino médio, sabe que vai fazer Direito ou que vai fazer exatas? Sempre tem um prejuízo. Aí, você tem que avaliar, fazer um estudo, ver qual o melhor... A gente tem essa experiência do indiferenciado aqui, é outra coisa que ninguém nunca estudou. Estão fazendo aqui de novo, aqui na Engenharia, ouvi falar. É um modelo parecido com aquele. Quando eles foram fundar isso, eu disse: "vocês já estudaram os resultados do indiferenciado pra fazer isso que vocês estão fazendo aí? Pra saber o porquê que malogrou o indiferenciado?". Que eu nem sei o porquê que malogrou, nessa época eu saí pro mestrado, quando eu voltei, eu acho que já não existia mais. Então, significa que foi um modelo que não deu certo. Vamos ter que estudar pra saber por quê... Aí, eles criam um, do nada, sem... Os caras nem sabiam que tinha tido isso [e era] parecido! Só que esse é concentrado numa área, o outro era um modelo pra universidade toda, era mais radical. Mas, mesmo assim, ele é um filhote desse modelo que não deu certo.

Marcelo: É verdade... Certo. Professor, pra finalizar, eu gostaria de pedir pra o senhor fazer algumas considerações. Falar alguma coisa que o senhor acha que eu não dei oportunidade, acrescentar...

Cláudio: Eu acho que eu já falei, né? Isso aqui que eu tô falando, do ensino e tal, e extrapolo até o lance, porque é minha opinião e de muita gente. Porque a gente tem que ter o cuidado... aquela coisa: é como se o cara que vai pra área de ensino não tivesse que saber matemática e ao mesmo tempo quem tá na área de ensino, diz que os matemáticos só são conteudistas. Não é bem isso, nem é verdade de um lado, nem é verdade de outro. Eu acho que precisa se unir as duas correntes e ter uma proposta, entendeu? Porque eu sei que todas as duas correntes estão fazendo a coisa pro bem, ninguém tá fazendo pro mal. O problema é que essa, vamos dize, fleuma, de não querer... tanto é que aqui no Departamento de Matemática, continuo ensinando e convivo muito bem. Tem a matemática pura, tem a aplicada e tem ensino. Se convive todo mundo e tem um dia a dia maravilhoso, as pessoas envolvidas... Então, é isso que eu digo: eu só tenho medo das modas, porque isso pode destruir uma geração. O negócio da moda, eu costumo dizer pros meus alunos: "olhe, a gente tem que ter cuidado em errar em educação, porque o médico quando erra, ele mata uma única pessoa; um professor quando erra, ele mata uma geração, deixa uma geração sem oportunidade". Então, a gente não pode ser irresponsável. Se alguém tem alguma ideia revolucionária, que faça um projeto piloto, onde tenha um relatório no final, em que, quem vai avaliar não é quem fez; avaliação de fora pra ver, porque todo mundo faz um projeto, diz que faz mil maravilhas, ninguém vai jogar contra o patrimônio, né? Agora, precisa ter seriedade nas coisas que se faz. Pronto, eu acho o seguinte, a questão é todinha seriedade. Porque hoje há um esforço, que, no fundo, tem o bem e tem o mal, que é de publicações... Então, as pessoas, na ânsia de publicar pra ganhar mais bolsa e ganhar isso e aquilo, publicam qualquer coisa. Tem coisas até impublicáveis, tem coisa que a gente vê que, pelo amor de Deus... Isso gera uma deformidade, né? Às vezes feito... claro que quem fez isso, fez no bom sentido – talvez seja melhor ter isso do que não ter, sabe? –, mas, tem que [parar]... Isso lá fora já tá começando; quando começa nos Estados Unidos, então, o resto do mundo já começa, de um certo modo a ver isso. Então, é isso. Como eu passei a minha vida todinha aí, posso dizer, né? Sou professor dentro de sala de aula há cinquenta e um anos; a gente já deu aula em vários níveis, né? A gente acumula uma certa experiência e... é bom, por exemplo, a gente ter esse cuidado de fazer as coisas... sem moda, entendeu? Sem modismo... Qualquer moda pode até pegar, mas pra pegar, tem que ser um projeto piloto. É aquela história assim... Porque projeto piloto, só aquela turma vai ser

prejudicada, e se for bem naquela turma, aí, todo mundo vai ser beneficiado. Não é verdade? Acho que é isso.

Marcelo: Pronto, professor Cláudio. Então, eu queria, mais uma vez, agradecer demais pela disponibilidade do senhor.

Cláudio: Ah, eu queria só me desculpar, porque, assim, quando a gente faz de memória, a gente puxa, mas nunca dá tudo, né?

Marcelo: Não, nem se preocupe, foi ótimo...

Entrevista com o professor Cláudio
Duração da Gravação: 01h 58min 58s
Local: Sala do professor (UFRN/Campus Natal)
Data da entrevista: 24/07/2014

Professora Fátima



Marcelo: Professora, eu gostaria de pedir para a senhora começar fazendo uma apresentação pessoal, por favor.

Fátima: Meu nome é Maria de Fátima Dutra, mas todos me conhecem aqui no campus por Fátima Dutra. Eu sou de uma família de dez irmãos. Meu pai era comerciante e funcionário público, minha mãe também comerciante e professora do Estado, trabalhou no Estado por quase quarenta anos e aposentou-se... Me pai também, aposentou-se, mas trabalhou no comércio até a morte; morreu quando ia fazer oitenta e um anos, continuava na ativa, minha mãe também era uma pessoa muito ativa. No meu tempo, aqui em Patu só tinha até o Ginásio Comercial[1], que hoje equivalente ao fundamental, fundamental maior[2]; no meu tempo era primário, da primeira à quinta série, chamado quinto ano, e quando a pessoa estava na quarta série, no quarto ano, tinha o programa de admissão. Esse programa de admissão era para

[1] O Ginásio Comercial de Patu foi a primeira instituição com ensino ginasial na cidade de Patu.
[2] A professora se refere aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º anos) e aos anos finais (6º ao 9º anos), respectivamente.

entrar no ginásio – o ginásio, hoje, é o fundamental maior –, fazia um teste[3]. Quem não passasse nesse teste, ficava sem estudar até o próximo teste. Era, tipo um concurso. Como só tinha o Ginásio [Comercial], era muito concorrido... A gente fazia um cursinho, chamado programa de admissão. Eu e uma irmã mesmo com idade diferente, estudávamos no mesmo colégio; terminamos o ginásio e Patu não tinha segundo grau, então, a gente foi pra Natal, pra o Winston Churchill[4], colégio Estadual, mas muito bem conceituado! Uma vaga no Winston Churchill era difícil. Meu pai falou com um professor que é daqui de Patu, mas professor lá no Churchill, e conseguiu vaga pra nós duas e nós fizemos o científico. Terminamos o científico e fizemos o vestibular. Minha irmã fez em Natal para Odontologia e passou, minha irmã é dentista em Natal, e eu fiz em Mossoró para Agronomia e pra Letras, passei nos dois e fui fazer os dois. Eu disse assim: "eu vou fazer"; me informaram que lá em Mossoró tinha residência na ESAM[5] – que hoje é UFERSA, fui morar lá na antiga ESAM, na vila acadêmica feminina. Estudava durante o dia na ESAM e durante a noite na FURRN[6] – que hoje é a UERN –, terminei os dois cursos. Aqui em Patu tinha fundado esse campus[7], mas não era como hoje funcionou em escola do Município, depois nesse prédio que era uma escola estadual do ensino fundamental. Uma amiga falou: "Fátima, por que você não vai dar aula lá em Patu?"; eu disse: "pois eu vou mesmo...". Estou aqui desde aquele tempo. Naquele tempo, era particular – chamado FURRN –, o reitor era doutor Laplace[8], foi no tempo dele que eu entrei aqui tenho mais de trinta anos, já posso me aposentar, eu não gostava de ser professora, mas, agora não quero a aposentadoria. Em 1999, o reitor, com muita habilidade, conseguiu com o Governador o tão sonhado prédio próprio. O governo construir um novo prédio para o ensino fundamental e ficamos com esse. Depois do prédio próprio melhorou muito foi um grande avanço para a consolidação da nossa Universidade no município de Patu. Até 2005, O curso não era Matemática, era Licenciatura em Ciências, habilitação Matemática, a partir de 2006 passou a funcionar como Licenciatura Plena em Matemática. Aqui em Patu, só Fiz o fundamental, naquele tempo chamado de primário, fiz o primário com professores não

[3] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, e extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.
[4] Atualmente, Escola Estadual Winston Churchill.
[5] Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), criada em 1967, atualmente é a Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA).
[6] Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN), fundada em 1968; atual Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
[7] Refere-se ao campus de Patu da UERN.
[8] Laplace Rosado Coelho foi nomeado reitor da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN) de 1976 a 1985.

graduados; alguns, nem ensino médio tinham. O governo de Aluízio Alves[9] contratava os professores por indicação política, então, se a pessoa terminasse o fundamental e tivesse uma força política, era professor do Estado. Ao ser contratado em caráter efetivo, o professor durante três anos nas férias que na época era três meses – a saber: dezembro, janeiro e fevereiro – tinha que ir para Mossoró durante três anos nas férias para qualificação que era chamado curso de treinamento. Todos os professores eram convocados para esse treinamento. Minha mãe era dessa época. Houve um ano que mamãe alugou uma casa e levou todos os filhos para passar os três meses em Mossoró, a casa ficava próximo ao Estadual onde o curso era realizado. O Curso era de excelente qualidade, preparava o professor para uma boa atuação em sala de aula. Os professores recebiam todo o material, muito bom por sinal e recebiam também uma ajuda de custo. Aqui, na região, nos anos 70, salvo engano em 1975 foi fundado o Ensino Médio em Patu. Grande avanço das cidades circunvizinhas Patu era a única que tinha o 2º grau, e atendia os alunos de Almino Afonso, Rafael, Lucrécia, Messias Targino, Olho Dágua dos Borges etc., [assim como] após a fundação do Campus Avançado de Patu, a educação do município melhorou, pois graduamos pessoas que, por questões financeiras, não conseguiriam o curso superior. Hoje, Temos graduados até na zona rural. Pra você ter uma ideia de como a situação na área educacional melhorou. Esse campus atende vinte e três cidades do estado, atende também cidades da Paraíba e zona rural. A zona rural está muito bem na parte de graduação, devido ao nosso campus, porque se não fosse esse campus, a maioria não tinha condições de sair para estudar em outra cidade. Esse campus aqui muito melhorou o nível intelectual das pessoas. Melhorou muito! E continua melhorando. Os egressos do Curso de matemática conseguem aprovação no concurso do Banco do Brasil, de Caixa Econômica, concurso da justiça, das prefeituras, do Estado do RN, da Paraíba, do Ceará; é quando a gente vê a grande contribuição do Curso de Matemática para a ascensão social dos jovens do município.

Marcelo: Sim, sim... Certo! Professora, a senhora é natural aqui de Patu?

Fátima: Sim, de Patu!

Marcelo: Certo... A senhora nasceu em que ano, professora?

Fátima: Em 1955.

Marcelo: Certo. Professora, a senhora poderia falar um pouquinho da família? A senhora já falou que era...

[9] Aluísio Alves foi um importante político do Estado, tendo sido governador nos anos de 1961 a 1966, foi cassado pelo AI-5 em 1969.

Fátima: Dez irmãos, Mamãe era uma mulher muito ativa, muito, muito disposta, quando foi agora, trinta e um de maio, de 2014 ela morreu. Foi o seguinte, mamãe estava boazinha, boazinha, ela sentiu uma dor em agosto do ano passado, ela foi pra Natal, fez uma ressonância magnética, aí, o médico disse assim: "é câncer, em estágio terminal"; morreu dez dias antes de completar oitenta anos, mas parecia que tinha cinquenta anos, Ninguém dava oitenta anos, mesmo com a doença tinha muitos planos; morreu sem saber qual era a doença.

Marcelo: Certo... A senhora poderia falar da infância?

Fátima: Da infância, Infância... Por incrível que pareça, eu era uma criança muito tímida, na minha infância, era magrinha, mamãe tinha muito cuidado comigo. No colégio, eu mal falava com os coleguinhas. Eu me lembro muito que, quando no colégio alguém implicava comigo, eu dizia: "eu pego você lá fora!" (risos). Como eu era muito, inteligente, os colegas iam lá em casa para tirar dúvidas em matemática, os colegas do tempo do ginásio. No tempo do primário tinha o recreio – hoje, intervalo –, que ia pra quadra, a gente brincava, sabe? Aquelas brincadeiras de roda, de pular, de gato, de não sei o quê, era muita coisa que tinha naquela época e toda data tinha uma comemoração. Dia das mães, na festa tinha de tudo, alunos cantavam, recitavam. Sete de setembro tinha aquele desfile com os pelotões; das seringueiras, da família real; cada um tinha um pelotão, as balizas; era lindo o sete de setembro. Cada pelotão representava a cultura do Brasil por região, os índios... era um grande desfile, a gente saía nas casas atrás de pena pra fazer a representação de índio; os escravos também eram bem representados, cheios de correntes nas mãos, Dom Pedro naquela carruagem, princesa Isabel, tudo era representado. Toda data tinha uma comemoração... Dia dos pais, dia das mães, dia das crianças. Na cidade todos os domingos à tarde, tinha um show de calouros, era uma grande diversão para a juventude e as crianças da cidade esse show era realizado no Ginásio Comercial. Uma irmã que mora em Natal, dançava o twist[10], era a atração: as meninas dançando o twist. Foi uma infância bem movimentada. Aqui era muito movimentado, as pessoas eram bem criativas. Tinha os circos, que vinham para cá. Na minha infância, a gente ainda tinha tempo de brincar de anel, passar anel na calçada, aqui ainda não tinha energia de Paulo Afonso[11]... de dez horas apagava a luz, mas tinha, um sinal. Primeiro sinal apagava e acendia; no segundo, todo mundo ia pra casa, porque no terceiro apagava. A gente ficava até nove horas, nas calçadas, brincando e, com minhas colegas, tinha brincadeira também de

[10] O Twist é uma dança que fez muito sucesso principalmente nos anos de 1960, com origem nos Estados Unidos, teve suas raízes principalmente nos ritmos do Rock and Roll e do Jazz.

[11] Paulo Afonso é uma cidade localizada no estado da Bahia, onde está localizado um complexo hidrelétrico homônimo, uma das maiores capacidades produção entre as usinas do Brasil.

bonecas... pegava emprestado das meninas, levava pra casa, era assim, pra se conseguir um brinquedo, mas hoje não tem mais isso. Fazíamos aniversário das bonecas, hoje quase ninguém brinca mais de boneca, o computador, substituiu as antigas brincadeiras. No meu tempo, não tinha telefone, criaram aqui o posto da TELERN – hoje é Telemar[12] –, então, as pessoas ligavam pra TELERN, tinha o mensageiro que dava o recado: "pessoa tal quer falar com você", a gente ia pra o posto para aguardar o telefonema. Ah, eu ia pra Mossoró no trem[13], só tinha o ônibus à tarde da Jardinense, que passava de duas, três horas da tarde.

Marcelo: Certo, professora. E a senhora poderia falar um pouquinho da juventude?

Fátima: A juventude eu posso dizer a você... A maior parte eu passei em Natal, onde fiz o ensino médio. Outra parte passei em Mossoro onde fiz as faculdades. A juventude aqui também era muito diferente do que é hoje. A gente tinha a nossa turminha, quando vinha nas férias. Nossa turminha de ir pra festa na boate aqui, mas tinha uma pessoa que ia com a gente, não íamos só, papai não deixava; ela já era de idade, aí, todo mundo ia com ela pra festa. Toda festa ela ia pra casa pedir aos pais da gente, se comprometia em cuidar bem da gente. Toda festa que a gente ia, era com Raimunda de Nazaré. No carnaval tinha bloco; também tinhamos o nosso bloco. Aqui era muito movimentado, tinha a semana universitária, mesmo sem ter faculdade tinha aqui semana universitária; aqueles universitários que estudavam fora nas férias vinham pra cá e faziam a semana universitária, os jogos universitários, animava muito. Tinha também as tertúlias, Era assim, toda semana, sábado ou domingo, tinha numa casa de uma pessoa amiga, colocava uma radiola na sala e ia dançar. Outra diversão era o banho de açude, naquele tempo o açude de seu "Ozim" era a praia de Patu. Eu passei muito tempo fora, em Natal e Mossoró.

Marcelo: Certo... Professora, a senhora acabou já falando um pouquinho na hora que estava falando da juventude e infância, mas, como era o cotidiano da cidade onde a senhora cresceu?

Fátima: Ainda voltando o tempo da infância. Morava um senhor de nome seu Nestor que tinha uma difusora. Todas as noites, a difusora ia ao ar com o programa: com os pedidos de músicas para um alguém, "a pedido de não sei de quem" – sabe, aquele negócio – "de fulano para fulano", a música, fulano oferece a música tal, para sicrano. Era assim a difusora de seu Nestor. Aqui tinha uma praça, na praça onde os jovens iam às noites. Nessa praça tinha muita coisa, o pessoal vendendo algodão doce, vendendo picolé, vendendo sorvete, vendendo

[12] A Telemar Norte e Leste (Telemar), empresa fundada em 1998, passou a usar a marca Oi em 2007. Uma das empresas que inicialmente participaram de sua constituição foi a Telecomunicações do Rio Grande do Norte (TELERN).

[13] A Estação Ferroviária de Patu era um ramal da linha Mossoró-Souza, foi inaugurada em 1936 e funcionou oficialmente até 1979, mas é possível que tenha funcionado alguns anos a mais.

pipoca, os rapazes passavam, olhavam para as moças; já estavam paquerando.... Dizia assim: "quer dar uma volta comigo?" – na praça – "você quer dar uma volta comigo?"; chegava assim para passear na praça, se ela não quisesse, não estava namorando, mas, se quisesse, estavam namorando. Era muito engraçado! Nesse tempo também, na Boate Pântano, que ainda é desse tempo, anos setenta, tinha que ter uma carteirinha pra entrar na boate, e tinha muitos cantores famosos que vinham... Na época, veio cantar aqui: Elza Soares, Jerry Adriani, outro que eu me lembro, veio até Waldick veio; acho que Ronnie Von. Eu sei que sempre vinha cantor pra aqui, era muito bom, a boate era muito chamativa. Uma vez até – mas isso aí eu não lembro, não, eu era bem pequena – veio pra cantar aqui no mercado público, sabe quem? [...] Luis Gonzaga! Tocou aqui no mercado público; o povo não dava nem valor, o povo nem escutou... Pra você ter uma ideia, sabe, de como era... ele tocou sozinho, Luis Gonzaga. Me lembro quando Elza veio pra cá, a gente foi com ela lá pro Lima[14], conhecer o Lima, com Elza Soares, eu e minha irmã. Minha irmã ganhou o mais belo rosto. Quer dizer, então, tinha muita coisa aqui naquele tempo, tinha a revista de Patu "Roteiros de Patu", que fazia a história de Patu. A noite aqui era assim, o pessoal ia para praça, ia aproveitar cedo, porque a luz apagava cedo; tinha que correr para casa antes das dez horas, porque a luz apagava. Não ia ficar no meio da rua no escuro, mas, depois que chegou a energia de Paulo Afonso, foi outro avanço muito grande, a energia de Paulo Afonso; só tinha aula durante o dia, chegou a energia de Paulo Afonso, começou a aula à noite; era outra novidade. A juventude era assim: não tinha drogas, não tinha esses assaltos... As casas podiam passar a noite abertas que ninguém entrava, ninguém fazia nada. A gente saía pra ir pra boate, ou pra praça, para tertúlias; saía, ficava a porta aberta. Não, não tinha quem mexesse. Até um tempo desses, era assim, até uns dez anos atrás, eu já trabalhando aqui, eu vinha pra cá, pra casa de uma amiga minha, ficava até uma hora da manhã a gente conversando e ia pra casa sozinha a pé. Não tinha quem me dissesse nada, quem assaltasse. Hoje aqui é droga, assassinato [no] meio da rua, qualquer hora do dia, ninguém sabe quem foi, não sabe por quê, não sabe nada... Mas, antigamente não, aqui havia cultura, esses eventos culturais; era muito intenso esses shows, dançar o twist, cantar, a mais bela voz, também tinha a farda de gala. No tempo do primário, tinha farda. Todo dia tinha que ir com a farda. Naquele tempo tinha farda, quem fosse se apresentar, ia marchar com a farda de gala, como se fosse mesmo uma apresentação.

Marcelo: Certo... Pronto, professora, aproveitando – que já era o próximo assunto –, como era a cidade e a educação?

[14] A professora se refere ao Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, localizado na Serra do Lima, em Patu.

Fátima: Já Falamos sobre isso aí... Escola só tinha, nesse tempo, até o fundamental – que é o que eu chamo de primário e ginásio –, mas era muito movimentado. Aí, depois fundou o outro colégio também... Ouvi falar que tá voltando agora os desfiles, mas, passou muito tempo sem ter isso.

Marcelo: Sim... Professora, e pra senhora, o Rio Grande do Norte nesse período? A senhora ouvia falar, assim, como era a situação do Estado... questões políticas? Na infância, juventude, nesse período...

Fátima: No meu tempo de criança? Não sabia nem o que era isso. Olhe, a gente recebia do colégio uma bolsinha verde, eu me lembro até hoje, com a mãozinha assim [desenhada] e AA, de Aluízio Alves. Eu me lembro dessa bolsa, era assim na frente dela: "ordem e progresso", aí, tinha: USAID[15]. USAID parece que era um convênio que ele tinha com os Estados Unidos, com as iniciais AA, Aluízio Alves. Mandava pros colégios e mandava também o caderninho assim; eu lembro que eu botava o caderninho dentro da bolsinha; tinha também a merenda que eu gostava muito, que era o tal do mingau. Que mingau gostoso! Servia bem quentinho e vinha no copo. Nesse período assim, negócio de política, não entendia nada, não sabia nem o que era isso, só sabia que vinha essas bolsinhas que "o governo mandou"; a merenda "que o governo mandou", e tinha o leite também vinha para as escolas "o governo mandou". Nesse tempo a gente vivia numa ditadura, mas nem sabia o que era isso. No colégio fazia fila, para entrar na classe e uma vez por semana cantava o hino nacional; as carteiras eram de dois lugares.

Marcelo: tá certo... Professora, nesse período, então, a senhora estava só em Patu, não ouvia falar em sair de Patu, só na juventude, quando foi... [?]

Fátima: Como falei anteriormente, quando terminei o ginásio, fui para Natal cursar o ensino médio. Não tinha segundo grau aqui.

Marcelo: A única possibilidade que tinha mais perto era em Natal, ou...?

Fátima: Não, é que eu tinha família lá. Em Mossoró eu não tinha ninguém, entendeu? Não tinha ninguém em Mossoró, que era muito mais perto, mas, em Natal eu tinha família.

Marcelo: Entendi... Isso foi em que ano, mais ou menos, que a senhora foi, professora?

Fátima: 1974... Fui fazer o primeiro ano científico lá no Churchill, Winston Churchill. Eu e minha irmã.

Marcelo: Professora, e como era a educação familiar nesse período?

[15] United States Agency for International Development (USAID).

Fátima: lá em casa, minha mãe era quem mandava. Lá em casa, tudo era com a mãe: fazer matrícula, comprar as fardas, comprar as coisas, mamãe que resolvia tudo. Eu digo que lá em casa era o sistema matriarcal. Papai passava o dia fora, o dia no comércio, chegava em casa a noite.

Marcelo: Está bem... Professora, e como era a rotina escolar? O cotidiano da escola? Acho que a senhora acabou falando das festas...

Fátima: Quando eu era menina?

Marcelo: Sim, criança; depois, na juventude também, lá em Natal; como era, assim, o cotidiano [escolar]?

Fátima: Lá em Natal já era o segundo grau. A gente, nesse tempo, era tudo regulado! Cheguei lá, no primeiro ano, a gente morava no Alecrim, na casa do meu tio, eu e minha irmã. Pra você ter uma ideia, a gente todo domingo ia pra praia! A gente ia com aqueles tickets [do ônibus] escolares. Gostava de uma praia! Não faltava uma praia no domingo. E também cinema... também era época do cinema. Tinha o tal roda de samba! No Saravá. A gente ia muito pra esse Saravá, sabe? Aos sábado, a gente ia muito pra esse Saravá. Juntava a turma das minhas amigas, pagava um taxi para voltar, porque era muito tarde; ninguém ia pra casa de ônibus muito tarde. Era bem diferente do que é hoje. Poucos assaltos lá... Tinha essas coisas todas não, tinha muitos assaltos, não; muito diferente, criatura. Você podia ir para uma praia,.. Você ia para o cinema, Cine Rio Branco – que eu morava na Cidade Alta –, às vezes ia a pé. Muito diferente. Droga, ninguém falava nisso. Drogas? Ninguém nem sabia o que era isso... Naquele tempo, era muito menor Natal, não era como hoje. Natal cresceu muito, Não tinha nenhum shopping;

Marcelo: Certo... Professora, e o dia a dia da escola, mudou muito daqui para lá, ou não? A senhora lembra se tinha muita diferença do dia a dia nas escolas, não?

Fátima: Tinha... O seguinte, lá no Churchill era assim: também de farda, sem farda não entrava; tinha o porteiro; entrava... no intervalo, você tinha que ficar no pátio do Churchill, não saía; se fosse sair, tinha que ir na secretaria pedir uma ordem, pra entregar ao porteiro. Aí, a gente ia lá pedir uma autorização por escrito, entregava ao porteiro e saía; senão, não saía. Tinha também aula aos sábados, lá. Aos sábados você podia ir sem farda... mas, dias de semana não podia ir. Lá não tinha moleza, não tinha moleza; era todo mundo, assim, como se fosse em escola particular. Lá era rígido naquela época, era o portão fechado, o porteiro na porta!

Marcelo: Certo... Professora, e aqui em Patu a senhora estudou no Ginásio Comercial, não, não era tão rígido, assim?

Fátima: Também tinha que ser de farda. Que aqui só tinha ele, era muito rígido.

Marcelo: Umhum... Certo! Professora, e o interesse dos alunos pelos estudos, nesse período?

Fátima: Criatura, olhe, na minha turma do ginasial era assim... Na minha classe, na aula de matemática, era como hoje: o pessoal reclamava demais; era zero, mas eu era muito boa em matemática, só tirava dez, eu e minha irmã. Chegou um dia que um aluno disse que a professora adulava a gente, aí, ela disse: "por que eu adulo elas?" – ela perguntou "por quê?". Quer dizer, desde aquele tempo que tem dificuldade em matemática; não é de hoje que o povo tem dificuldade. Quer dizer, os melhores da turma se deram bem, eu me lembro que as pessoas estudiosas se deram bem. Os que estudavam mais, que tinham aquele compromisso com a escola, com as aulas, com as matérias, se deram bem na vida. Hoje são Médicos, engenheiros, advogados, professores etc. Muita gente que terminou aqui, no Ginásio Comercial, porque era exigente. Tinha que trazer o livro. [...] Tinha que comprar o livro. Em Natal, do mesmo jeito, a mesma rigidez... Os professores, tudo era da UFRN; o professor de física, fazia Física; botar o povo pra estudar, entendeu? Era diferente de hoje.

Marcelo: É verdade... Professora, e como eram as disciplinas? A senhora lembra?

Fátima: Como [assim]?

Marcelo: Eram as mesmas que tem hoje, com a quantidade de disciplinas que temos hoje?

Fátima: Olhe... Lá no ginásio comercial você tinha [...]: OSPB[16], história, geografia, matemática, inglês, português, ciências – que incluía química e biologia – e tinha mais sabe o quê? Prática de escritório e prática de comércio, que era comercial... Tinha prática de escritório e prática de comércio. Você terminava o ginásio, você era auxiliar de escritório, entendeu? Isso que não tem mais hoje, essas práticas de comércio e escritório, tem mais hoje não. Todos que tinham na minha época eram muito exigentes. Ele passava assim, pra decorar mesmo, um capítulo do livro, sabe? Era... Você sabia todos os nomes de todos os ministros do país! Todos os governadores de todos os Estados. Tinha que saber de tudo isso. Saber de tudo! O pico mais alto, não sei o quê; tinha que saber tudo. E se colasse, ele [o professor] pegava, tomava a prova na frente de todo mundo, ficava a pessoa na maior vergonha. Era, sistema da ditadura militar nesse tempo; ninguém sabia o que era, era a ditadura militar que a gente vivia... Eu soube depois que era ditadura militar.

[16] Organização Social e Política Brasileira.

Marcelo: Verdade... Professora, a senhora falou agora da ditadura, vocês ouviam falar muito sobre coisas da ditadura? Sentiam no dia a dia, não?

Fátima: Sim! No tempo do ginásio... Tinha aqui uma senhora, que morava no centro, dona Mundá, que era mãe de Cezildo Câmara, que era perseguido pelos militares, a gente via muito ela no rádio, escutando as coisas, [as notícias], "o negócio piorou, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê". Já [era] esse negócio de perseguição política ao pessoal, entendeu? Diziam que eram os comunistas. O povo dizia que eram os comunistas, que a polícia estava procurando. Não sabia o que era comunista, sabia que a polícia estava atrás, e a mãe de Cezildo na rádio, na rádio. Aí, tinha esse negócio: "não, a polícia tá atrás disso aí, blá blá blá". Aí, nem sabia o que era. Hoje em dia é que a gente sabe o que era a perseguição dos militares; soube depois, na época não sabia.

Marcelo: Sim... Está bem. Professora, no caso, voltando à questão da escola: como eram os professores e as aulas deles?

Fátima: Vou dizer a você, A maioria passava o ponto... aquele negócio pra você decorar; aí, tomava lição![17] Outros escreviam tudo no quadro; outros faziam passeio: a gente passeava, ia ao Lima, tudo a pé com as crianças; outro, a gente ia pra um sítio de uma pessoa. Me lembro que um dia eu fui em cima de um caminhão pra fazenda Niterói, passamos o dia lá; banho de açude e tudo, né? Aí, ia cantando uma música, né? Eu tô me lembrando agora... Começava assim: "o passeio é um bom proveito da educação, me diga se quer passeio... como é lindo o passeio, como foi belo...". Essa cantiga é da época da minha tia, ela era professora, ou seja, duas tias e minha mãe eram professoras nessa escola, no meu tempo de estudante: "ouvindo os pássaros". Depois foi lá [na fazenda] Niterói, que lá era açude também, passamos o dia lá, lá era bom, ficava lá na casa grande, almoçava lá e tudo, era uma festa quando chegava lá, na zona rural. Isso, quando era menino, no primário. Hoje em dia tem mais isso não, esses passeios... Fazia uma redação do passeio. Chamava, de outra coisa... composição sobre o passeio! Falava: dia tal, tal, tal; quando foi, quando chegou. Era muito bom aquele tempo. Tinha muita coisa nesse tempo que não tem hoje, sabe?

Marcelo: Sim... Professora, a senhora lembra quem era o professor de matemática da senhora lá no colegial?

[17] Expressão regional para enfatizar o fato de que o professor passava lições em demasia.

Fátima: Lembro! Foi minha aluna aqui, na faculdade, Zilar Rocha[18]; lá no Ginásio. Era uma fera, ela! Só tirava dez, era uma fera... Foi minha professora no ginásio, depois foi minha aluna aqui, na faculdade, no curso de Matemática. Está aposentada, já.

Marcelo: Sim, certo... Professora, e sistemas de ensino? A senhora lembra de sistemas de ensinos diferentes, ou foi sempre mais ou menos o mesmo?

Fátima: Nesse tempo? Era a mesma coisa. Só assim: mudou... a matemática moderna; "Mudou a matemática, mudou; agora é a moderna"; "o que é isso? Matemática moderna, o que é isso?". Matemática moderna mudou a ortografia, não sei o quê, mudou... tinha isso aqui: a matemática moderna e a ortografia.

Marcelo: Certo... E a senhora chegou a estudar a matemática moderna, não?

Fátima: Estudei! No comercial e no João Godeiro. Mas eu não sabia... como era misturado, né, dizia: "agora é moderna", mas eu não sabia, não entendia porque era moderna. [Só ouvia falar] que tinha mudado para moderna.

Marcelo: tá bom... Professora, e a realização dos estudos? A senhora falou que começou aqui, fez o primário, o ginásio e foi pra Natal, como foi esse processo para senhora? Ter que viajar... Foi só a senhora e a irmã?

Fátima: Foi... Não, mas a gente já tinha bem conhecimento que tinha que ir fazer o segundo grau, porque aqui não tinha. A gente já tinha isso na mente a gente era responsável... sabe? O interessante é que ia; tinha que prosseguir... A gente já era preparada pra isso. Tinha que prosseguir. Então, não teve muita dificuldade, entendeu? Ia pra Natal, porque não tinha segundo grau, tinha que ir mesmo foi colegas nossas aqui de Patu.

Marcelo: Então, já vinham se preparando, porque quando chegasse [no segundo grau] tinha que ir embora...

Fátima: Se preparando pra isso! Não tinha mais, era, tinha que ir embora.

Marcelo: Está certo... Professora, e a legislação e a educação? A senhora lembra alguma coisa desse período em relação à legislação? Leis que tratavam da educação, se mudaram leis, coisas desse tipo, não?

Fátima: A lei era cantar o hino nacional lá fora! Bem quietinho na classe, porque tinha que seguir as normas; a lei era obedecer, entendeu? Se dissesse "não...", qualquer coisinha ia ser suspenso. Nesse tempo tinha suspensão, tinha até expulsão. Qualquer coisinha "tá expulso do colégio", aí, não tinha mais onde estudar...

---

[18] A professora Zilar Rocha Fernandes foi professora do curso de Matemática da UERN do *campus* Patu e professora de matemática em outras instituições de ensino dessa cidade. Ela é colaboradora de nossa pesquisa, ver sua narrativa no texto *Professora Zilar*.

Marcelo: Sim... Professora, deixe-me voltar e perguntar só uma coisinha sobre a realização dos estudos... A senhora falou que ia de trem, a senhora ia de trem até Mossoró ou até Natal?

Fátima: Quando eu estudava em Mossoró, já! Já tava na faculdade...

Marcelo: Ah, certo... e Natal, era fácil acesso daqui pra lá? A senhora vinha sempre, não?

Fátima: Era; o ônibus que havia aqui era à noite, Jardinense; só vinha nas férias.

Marcelo: Certo. Só nas férias, no caso... Professora, e como foram os primeiros contatos da senhora com o ensino? Já foi depois que terminou a faculdade?

Fátima: [...] Deixe eu me lembrar... [...] Quando eu era, assim, adolescente, às vezes, minha tia que era professora, não ia dar aula, aí, dizia: "vá, no meu lugar, ficar com meus alunos". Aí, eu ia, lá no João Godeiro; a gente fazendo o ginásio, ela dizia: "Fátima, eu não posso ir hoje, você vai?"; eu: "vou!". Aí, eu ia. Também o pessoal do ginásio que pedia pra eu dar uma explicação, sabe? O pessoal de matemática; eu ia, dava matemática pra eles, O pessoal pedia uma explicação. Eu trabalhei no cartório aqui, sabe? Quando eu comecei o ginásio, trabalhava no cartório, aqui, de seu Dino.

Marcelo: Certo... Mas o ingresso no magistério realmente se deu só quando a senhora terminou a faculdade? A senhora terminou a faculdade em Mossoró...

Fátima: Foi; aí, disseram: "Fátima, por que você não vai lá pra Patu, pra o campus?"; eu digo: "é mesmo!". Eu nem pensava nisso. Nunca pensei nem em ser professora. Nunca pensei. Estou até hoje, gostei, não quero mais nem me aposentar, entendeu?

Marcelo: Certo... Professora, a senhora veio pra cá em que ano mesmo?

Fátima: Que eu entrei aqui, 1984.

Marcelo: 1984. tá certo... Então, o curso ainda estava começando, né?

Fátima: Começando! Funcionando ainda em prédio emprestado, tudo muito assim, ainda... parecido com o ensino médio, sabe? Um ensino sem credibilidade. Foi uma luta grande pra chegar aonde chegou. Agora melhorou muito, melhorou trezentos por cento.

Marcelo: A senhora se formou em Agronomia e Letras. Quando a senhora veio, já veio como professora de matemática mesmo, ou não? A senhora veio...?

Fátima: De matemática! Por quê? Porque eu entrei como... No caso, Agronomia tem muito cálculo, aí, me chamaram aqui por conta da Agronomia, porque é um curso que tem muito cálculo.

Marcelo: Certo! Professora, e tinham muitos professores aqui já, em Patu, no curso?

Fátima: Não, a maioria de fora. Não era como é hoje, sabe? Era por hora aula, você era horista. E tem mais essa: atrasava! Atrasava cinco meses, sabe? [...] Atrasava cinco meses,

Chegava com o dinheiro aqui: “o seu, o seu, o seu...”. Rapaz, pra você ver como era aqui. Ave Maria! Depois que passou pro Estado, tudo mudou.

Marcelo: Então, tinha gente que trabalhava em outras coisas, vinha ensinar aqui só pra fazer um bico? Certo. Era só pra complementar o salário...

Fátima: Várias coisas... Ensinar aqui era só o bico! Era criatura... Só pra isso e porque sabia que não sobrevivia só como esse dinheiro, sabe? Era horista! Tinha gente do Banco do Brasil, banco da Caixa Econômica, que vinha de fora pra cá.

Marcelo: Sim, certo... Professora, então, a formação pra lecionar dos professores daqui do curso de Matemática eram também as mais variadas?

Fátima: As mais variadas! As mais variadas... Hoje temos cinco mestres. Agora, um foi pra Mossoró, transferido. Hoje tem Josimário que é mestre em Matemática, fez o PROFMAT; tem um que é mestre em Matemática pela UFRN, esse aí também que entrou no concurso, entendeu? Passou no concurso. Tem Manasses que tá fazendo doutorado, também é mestre; tem Ozório[19]. Melhorou, está melhorando também aqui o nível do curso. Diferente de quando começou... Só tem dois provisórios.

Marcelo: Certo... Professora, e quando a senhora chegou aqui, os professores eles vinham mais ou menos de onde, assim?

Fátima: Sempre! Vinha de Catolé do Rocha[20], de Martins[21], de Umarizal[22], de Caraúbas[23]... [...] Eu me lembro desses locais,

Marcelo: Os alunos do curso, né?

Fátima: Os professores! Os alunos também vinham... Aqui tem vinte e três cidades. Até hoje tem muitas cidades, até hoje...

Marcelo: Sim, certo... Então, os professores eles vinham de outras cidades. Eles moravam em cidades vizinhas e vinham ensinar aqui?

Fátima: sim... Hoje ainda tem, de cidades vizinhas... [...] Hoje tem, hoje ainda tem gente que mora fora.

---

[19] Professor Ozório Barboza de Menezes é professor do curso de Matemática da UERN, *campus* de Patu. Ele é colaborador de nossa pesquisa. Ver sua narrativa em *“Professor Ozório”*.

[20] Catolé do Rocha, cidade também do interior paraibano. Situada na Mesorregião do Sertão Paraibano, Microrregião homônima. Localiza-se a, aproximadamente, 31 km de Patu e 434 km de João Pessoa.

[21] Martins, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal, localiza-se a, aproximadamente, 380 km da capital Natal e 61 km de Patu.

[22] Umarizal é uma cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião homônima, está a, aproximadamente, 334 km de Natal e 32 km de Patu.

[23] Caraúbas, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, situada na mesorregião do Oeste Potiguar, microrregião Chapada do Apodi, dista, aproximadamente, 296 km de Natal e 49 km de Patu.

Marcelo: Certo... Professora e aqui, em relação ao curso, a senhora já falou que em relação à estrutura ainda era muito precária, não é?

Fátima: melhorou muito, com a estadualização....

Marcelo: E no início, tinham poucas salas de aula, inclusive?

Fátima: Eram só as salas de aula do... Xavier Fernandes; usava as mesmas salas. Chegávamos na sala de aula, [tinha] o filtro de água, tudo para as criancinhas... Com o copo em cima... Era assim. Hoje em dia já temos salas de professores lá no outro bloco, já temos laboratórios.

Marcelo: Biblioteca nesse período também?

Fátima: Nem falar! Era só uma prateleira...

Marcelo: Sim, sim... Certo. Professora, e tinha outros cursos pra formar professores de matemática aqui pra região? Ou pra o Estado?

Fátima: Antes desse aqui? [Não]... De jeito nenhum... Matemática tem que estudar muito durante toda a faculdade, por isso é pouco concorrido devido ao medo de estudar, entendeu?

Marcelo: Sim... Professora, o curso de Agronomia lá em Mossoró, a senhora começou em que ano? Em 1979?

Fátima: 1978.

Marcelo: Certo, deixe eu fazer uma pergunta: porque lá em Mossoró, quando eu fiz a entrevista com alguns professores, eles falaram que muitos alunos do curso de Agronomia lá eram professores na cidade, davam aulas; os alunos do curso de Agronomia davam aulas na cidade, pra poder... A senhora chegou a dar aula?

Fátima: Não até porque eu fazia duas faculdades. Inclusive, alunos do curso de Agronomia davam aulas na FURRN, curso de Matemática; disse a você que eu fazia dois cursos? Não podia dar aula.

Marcelo: Eram alunos da ESAM que davam aula...

Fátima: Alunos da ESAM que davam aulas no curso de matemática da FURRN! Sem ser formados. Pra você ter uma ideia como era naquele tempo. Pra dar aula de matemática, lá no curso de Matemática, muita gente era... que morava lá na vila mesmo, dava aula lá. Agora, eu estudava a noite também, não tinha como; mas era, era muito fácil o pessoal conseguir dar aula lá, nesse tempo, sabe?

Marcelo: Certo... Professora, e nesse período, formação de professores no Rio Grande do Norte? Assim, aqui na região de Patu não tinha, mas, em outros locais, tinham possibilidades de cursos?

Fátima: Não, só esse povo que entrava no Estado, no governo de Aluízio Alves, né? Que a pra Mossoró nas férias fazer esse curso, quem não tinha formação. Pronto, esse aí; não me lembro de outro. Aí, depois que já estava lá... depois, tinha gente que ia pra Umarizal fazer esses cursos que sempre tem, assim, de aperfeiçoamento.

Marcelo: Esse curso que a senhora falou da época de Aluízio Alves, foi na década de 1960?

Fátima: De 1960 pra 1970, foi!

Marcelo: Aí, eram três anos?

Fátima: Três anos. Nas férias, que antigamente eram três meses de férias para o pessoal do Estado. O pessoal passava três meses em Mossoró, nas férias, por causa desse curso... Lá no Estadual[24]. Três meses lá! Aula de Manhã e de tarde, lá no Estadual.

Marcelo: Certo! Professora, e a formação dos professores do Rio Grande do Norte e as distintas regiões? Aqui mesmo, por exemplo, a senhora falou que é uma espécie de pólo de formação, não é?

Fátima: Depois dessa UERN. É!

Marcelo: Sim, aqui depois que foi criado... E antes, por exemplo, tinha o curso de aperfeiçoamento em Umarizal que a senhora falou, né?

Fátima: Mas só para professores do Estado.

Marcelo: Sim... Aí, tinha essa capacitação em Mossoró também...

Fátima: Naquele, naquele tempo, aquele pessoal chamado de professores leigo tinha que fazer esse curso, mas eram professores do ensino fundamental, na época conhecidos como professores primário...

Marcelo: Certo... Então, no caso, as pessoas de algumas regiões sempre tinham que se deslocar, pra determinadas cidades? É isso? Por exemplo, esse curso para professores leigos tinha em Mossoró, mas não tinha aqui em Patu, né?

Fátima: Não. Era só pra professores que entraram nessa época e tinham que se qualificar. Esse pessoal é do tempo da minha mãe... Não era pra todo mundo. Era só pra esse povo mesmo, que entrou nessa época da minha mãe, anos 1960, governo dos Alves. Ele contratou sem ter o segundo grau, aí, deu formação.

Marcelo: Professora, e os alunos que se formam aqui na UERN de Patu, eles atuam só aqui em Patu ou não?

[24] Escola Estadual Jerônimo Rosado, mais conhecido na região por Estadual, é um dos maiores e mais antigos colégios em funcionamento da região de Mossoró.

Fátima: Não, Todas as noites vem ônibus das prefeituras, conduzindo estudantes das cidades vizinhas. Vem tudo de fora; a maioria fora. Fazem concurso, onde passar vão ficando... E não moram aqui.

Marcelo: Certo... Então, realmente, meio que Patu ele forma pra outras cidades?

Fátima: Pra outras cidades, pra todo o estado! Até para cidades da Paraíba.

Marcelo: Sim, certo... Professora, e as escolas e o cotidiano? Na verdade, a senhora não chegou a ensinar em outras escolas, não é?

Fátima: Ensinei, eu fui do Estado! Criatura, eu passei no concurso. Em 1984, pro concurso do Estado; governo de José Agripino[25], pra professor de português. Como era a minha formação, me inscrevi. O povo dizia: "Vai perder seu dinheiro, porque já tem a lista de quem vai passar, já tem a lista"; digo: "Mas, eu vou fazer! Eu vou seguir o que o edital diz que fazendo mais da metade passa". [...] Todo mundo dizia uma coisa só: que já tinha a lista de quem ia passar; "Mas eu vou fazer...". E eu adversária do prefeito e do governador; eu era da oposição. Fui fazer esse concurso, em Umarizal. Digamos, o concurso abriu hoje, aí, tinha um livro que eu tinha em casa, comecei a ler... Rapaz, eu cheguei lá, que eu abri a prova, tinha cinco questões iguais as do livro. Cinco questões! Eram setenta questões a prova... eu contei: a metade; "eita, passei, porque é a metade" – eu tinha feito trinta e cinco consciente! Digo: "o edital diz cinquenta por cento, e eu já fiz"... Aí, nesse tempo não tinha computador, não tinha internet, não tinha gabarito [não tinha como saber de nada]... no centro de Mossoró, encontrei um amigo meu que fez também o concurso: "parabéns!"; "parabéns por quê?"; "você passou... Só passou você! Só passou você, amiga" – ele disse assim – "saiu no rádio seu nome..." nesse tempo não tinha gabarito, não tinha internet, eu não vi nem a prova, não vi nada. Ainda passei oito anos lá no Estado, então, eu pedi dedicação exclusiva (DE) aqui, aí, tive que sair de lá.

Marcelo: Sim... E como era o cotidiano da escola, professora?

Fátima: Do ensino médio... Era um povo, mais dono de si. Começou já nessa época, que culminou no que é hoje, sabe? Mas, eu era muito esperta, o aluno que era mais trabalhoso ficava amiga dele, começava a elogiar essa pessoa, a dar tarefa pra ele fazer, sabe? Eu não tive problema com nenhum, por causa disso; "me ajude aqui nesse quadro", pedia ajuda a eles.

Marcelo: Sim... Professora, a senhora entrou no Estado por concurso, que a senhora falou, e aqui na UERN? A senhora também teve concurso, não?

[25] José Agripino Maia foi prefeito de Natal (1979-1982), governador do Rio Grande do Norte (1983-1986 e 1991-1994) e atualmente é senador pelo Estado.

Fátima: Não, no meu tempo não tinha concurso, como falei era particular e pagava muito mal e atrasado! Ninguém queria trabalhar aqui!

Marcelo: Certo... Professora e pra senhora, como foi o exercício do magistério?

Fátima: Eu digo a você o seguinte... Eu disse a você que quando eu comecei não queria ser professora, mas com o tempo fui abraçando o magistério e hoje não quero a aposentadoria.

Marcelo: Certo... Professora, e pra senhora, como era Patu quando a senhora começou a ensinar?

Fátima: Em que sentido?

Marcelo: Como era a cidade? Já tinha mudado muito desde a época da infância da senhora aqui ou não?

Fátima: Já! Já tinha vários colégios, já tinha até faculdade, entendeu? Em prédio emprestado, mas era faculdade. Na minha opinião o Município de Patu não deu o valor que merecia, porque não doou um terreno para construir um prédio próprio. Passou muitos anos com três cursos, só – agora tem quatro, com Letras. Quer dizer, então, por muito tempo só com três cursos, se tivesse tido o apoio. Um campus avançado bem grande, um local apropriado... Foi isso, não teve apoio nenhum...

Marcelo: Sim... E o Rio Grande do Norte, professora, no início do magistério da senhora, como era o estado?

Fátima: Bem, quando eu comecei, logo com uns quatro anos aqui, já foi logo inicialmente o salário aumentando... Com uns quatro anos, esse campus aqui, foi o governo que assumiu. Eu digo que dei sorte a UERN (risos). Não tem o que dizer, nunca houve, assim, atraso de pagamento. Já estou acostumada: "esse governo deixou, esse outro deixou isso assim, assim". Com os impostos que a gente paga, eles fazem o quê com esse dinheiro?

Marcelo: Sim... Professora, e pra senhora, como é o magistério em Patu? Pra senhora foi bom ensinar aqui? A senhora pensou em mudar de cidade?

Fátima: Não, eu nunca quis sair daqui. Eu sempre gostei aqui do campus de Patu. Eu gosto, entendeu? Acho que o ensino fundamental funciona muito bem. Eu não quero sair daqui...

Marcelo: Certo... Professora, a senhora inclusive comentou rapidamente que vários professores passaram por aqui, mas pediram transferência, não é?

Fátima: Vários! Fizeram concurso para Patu e foram para Mossoró, vários!

Marcelo: Certo. E Patu hoje? No contexto atual, como é que a senhora vê a cidade?

Fátima: Patu, se tivesse tido uns políticos mais atuantes, já era pra ser uma potência, porque Patu tem a serra do Lima que é um ponto turístico. Bastava colocar isso na internet, ou então

na televisão, porque eu fui ao Rio de Janeiro, tem aquele Cristo bem alto, que lá tem uma serra bem alta, botasse uma santa naquele alto da serra [do Lima], ficava muito bonito... Então, aqui não tem pessoas, políticos, que se importe com Patu, porque se visse esse santuário como ponto turístico e investisse lá, rapaz, eu tive lá em Aparecida do Norte... tanta imagem na cidade. De onde você olha: a santa bem alta. Aqui não tem a santa em canto nenhum. Fazem isso pra pegar os romeiros, pra o turismo religioso. Aqui não tem, não tem... Aqui em Patu, era pra ter uma santa nesse alto da serra, santa aqui na entrada, como eu vi lá em Aparecida do Norte.

Marcelo: Umhum... Certo. Professora, e o Rio Grande do Norte no contexto atual? Como é que a senhora acha que o estado está hoje?

Fátima: Muito bem, apesar de a governadora dizer o contrário. Bem demais, porque tem muitos impostos que a gente paga, né? É só subindo, subindo, subindo, e como é? Esse dinheiro tá indo pra onde? Entendeu? Na minha opinião, o estado está muito bem; agora, algo está errado!

Marcelo: Certo... Professora, e o ensino de matemática hoje?

Fátima: O ensino de matemática hoje... O ensino de matemática hoje, que era pra estar muito bem, devido muitos professores daqui estarem com o nível superior, mas, os alunos tem um pavor à matemática. Eu acho que é desde criança. Já em casa, dizem que matemática não presta, é muito difícil. Então, eu acho que é psicológico esse negócio de matemática ser um bicho papão... "bicho papão". Não, criatura! Matemática é como qualquer outra disciplina, mas a criança ao chegar, já é moldada, já tem uma.idéia na cabeça "que a matemática é difícil, difícil, ninguém aprende"; botam na cabeça dela. Mas existe os que gostam da matemática e conseguem sucesso.

Marcelo: Certo... Professora, agora, na verdade, eu só ia pedir para a senhora fazer considerações finais; falar alguma coisa que a senhora acha que eu não dei oportunidade, alguma coisa que a senhora queira acrescentar, ou falar um pouco mais; pode ficar a vontade...

Fátima: Sobre qualquer assunto? Sim, sobre... Como eu vinha falando pra você, eu acho que essa aversão que se criou pela matemática, os próprios professores antigamente divulgavam isso. Hoje, já tem a Educação Matemática, que é outra visão. Então, eu agora estou na fase da Educação Matemática. Mudei agora pra Educação Matemática, vejo que é muito melhor... Muito melhor. Eu digo: "é porque vocês não interpretam o texto, porque matemática é pura interpretação; se você não entender, você não faz nada", não aprende porque não interpretou o

problema, a questão, não é? Está aí na interpretação e mais nada. Os alunos dizem que não vêem geometria no ensino médio, quando chega aqui, a gente dá primeiro a matemática básica; a matemática básica que você vê no fundamental maior – que chama hoje. Eles não sabem. Geometria, eles não vêem! Ave Maria! A reprovação é muito grande em matemática fundamental, que é só conjunto, funções, ou seja, uma revisão do ensino básico.

Marcelo: Certo... Pronto, professora. Eu queria, na verdade, agradecer pela disponibilidade da senhora, pelas vezes que a senhora me atendeu muito prestativamente. Então, muito obrigado.

Entrevista com a professora Fátima
Duração da Gravação: 01h 54min 59s
Local: UERN (Campus Patu)
Data da entrevista: 29/07/2014

Professora Zilar

Marcelo: Professora, a senhora poderia, por favor, começar fazendo uma apresentação pessoal?

Zilar: Meu nome é Zilar Rocha Fernandes e tenho sessenta e cinco anos, nasci em 1949, sou professora aposentada de Matemática da UERN[1]. Antes da UERN, passei muito tempo ensinando o primeiro grau, de quinta a oitava série, na época era primeira a quarta série [do ginasial], passei dezesseis anos. Nesse período, também fui diretora da Escola Estadual João Godeiro[2], uma escola de primeiro grau – duas vezes eu fui diretora – e [durante] isso aí, o tempo todo, fui professora de matemática. [...] Gosto de ser chamada de professora, adorei ensinar. Estou aposentada, mas sinto muita falta da sala de aula, principalmente o contato com o aluno, que ali é uma grandeza, você está ali junto com aqueles alunos aprendendo muita coisa com eles e eles aprendendo com a gente; em todo canto que chega encontra aquela amizade: "professora, professora!". [Como] professora de matemática, sempre me considerava muito, muito rígida. Logo no início, na época, só tinha o ginásio na escola que eu ensinava aqui em Patu[3]; e [na região] só aqui em Patu. Era particular a escola. Esses municípios, Rafael Godeiro[4], Olho D'Água do Borges[5], Messias Targino[6], o pessoal se deslocava pra vir estudar aqui. É tanto que eu tive alguns professores da UERN que já foram meus alunos, depois foram meus professores, depois foram meus colegas; a professora Fátima[7], o professor Ozório[8], professor Raimundo[9]... Todos na área de matemática... eu digo: "vocês aprenderam matemática comigo, por isso que amam desse jeito" (risos). Tinha outro, professor Hélio[10] também, que hoje é professor da UERN lá de Mossoró, foi meu aluno e depois meu colega.

---

[1] Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

[2] Atualmente, Escola Estadual João Godeiro. Criada em 1927, como Grupo Escolar João Godeiro, foi o primeiro estabelecimento de ensino público da cidade de Patu.

[3] Refere-se ao Ginásio Comercial de Patu foi a primeira instituição com ensino ginasial na cidade de Patu.

[4] Rafael Godeiro, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal. Localiza-se a, aproximadamente, 17 km de Patu e 332 km de Natal.

[5] Olho D'Água do Borges, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal. Localiza-se a, aproximadamente, 20 km de Patu e 321 km de Natal.

[6] Messias Targino, cidade localizada no Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião do Médio Oeste. Localiza-se a, aproximadamente, 16 km de Patu e 309 km de Natal.

[7] A professora Maria de Fátima Dutra é professora do curso de Matemática da UERN, *campus* de Patu. Ela é colaboradora de nossa pesquisa. Ver sua narrativa em *"Professora Fátima"*.

[8] Professor Ozório Barboza de Menezes é professor do curso de Matemática da UERN, *campus* de Patu. Ele é colaborador de nossa pesquisa. Ver sua narrativa em *"Professor Ozório"*.

[9] Raimundo de Oliveira Paiva é professor aposentado da UERN.

[10] Francisco Hélio da Costa é professor do Departamento de Matemática da UERN, *campus* Mossoró.

Marcelo: Certo... Professora, a senhora é natural daqui de Patu mesmo?

Zilar: Sou natural de Patu. Estudei pouco tempo aqui, a gente morava na fazenda... e vinha estudar aqui em Patu, mas passei pouco tempo. Mamãe alfabetizava a gente – mamãe era professora também –, depois daí, com nove anos, dez anos, eu fui estudar interna no colégio das freiras[11] em Mossoró, como todas as minha irmãs, e os irmãos estudavam internos no colégio dos padres[12]. Daí, eu fui fazer a quarta série lá, o quinto ano – tinha o quinto ano –, fiz exame de admissão[13] – na época tinha o exame de admissão pra poder ir pro ginásio –, e estudei esse período de quarta série, até a oitava série no Ginásio Sagrado Coração de Maria, em Mossoró. Daí, saí pra estudar em Brasília, fiz o segundo grau em Brasília, estudei também no colégio de padre, no Salesiano[14], e fiz vestibular. A primeira vez, fiz vestibular em Brasília e não passei, vim pra cá, casei logo em seguida; fui ensinar, me convidaram logo pra ensinar. Me chamaram pra ensinar inglês, eu disse: "inglês eu não ensino, não"; "então, vamos ensinar matemática". Daí, pronto; fui e com um ano... depois eu fiz um curso. Na época, o Estado oferecia um curso que chamava-se curso da CADES[15], mais ou menos isso... Quem fazia aquele curso, se fosse aprovado, automaticamente estava contratado no Estado; depois, na época de João Faustino[16], ele governador, colocou lá uma lei determinando que esse curso passou a ser [considerado] um curso de nível superior. Essa foi minha vida... Sim! Fui, depois de casada, fazer o vestibular aqui, passei; inclusive, passei em primeiro lugar no vestibular. Passei os quatro anos de faculdade passando em... era a primeira [dos] três cursos – Pedagogia, Ciências Contábeis e Matemática. O primeiro período era igual pra todos, então, eram cem alunos... dos cem alunos, a nota mais alta foi a minha e eu recebi uma bolsa de incentivo na época, passei seis meses estudando [sem pagar]... Porque eu gostava demais de matemática. E os professores diziam assim: "Zilar, quando você sair daqui, quem vai ser professora é você!", daí, no ano seguinte eu fui convidada e fui, mudei pra lá.

Marcelo: Certo, professora... Está ótimo! A gente vai retomar alguns desses pontos... A senhora poderia falar um pouquinho da família?

---

[11] Colégio Sagrado Coração de Maria, mais conhecido por colégio das irmãs ou colégio das freiras; instalado em Mossoró no ano de 1912, ainda encontra-se em funcionamento.

[12] Colégio Diocesano Santa Luzia, instalado em Mossoró no ano de 1901, foi uma das primeiras instituições de ensino instaladas na cidade, encontrando-se ainda em funcionamento.

[13] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, foi extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.

[14] Colégio Dom Bosco Salesiano.

[15] Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES).

[16] João Faustino Ferreira Neto foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tendo se graduado em Pedagogia e Matemática. Ocupou as funções de deputado estadual (1979-1987 e 1991-1999) e senador (2010-2011) do Rio Grande do Norte, tendo sido, ainda, secretário da educação do Estado (1975-1979). Concorreu ao governo do Estado em 1986, mas perdeu para Geraldo Melo.

Zilar: Olha, eu sou casada há... casei em 1973. Meu esposo era viúvo, tinha dois filhos e ficaram morando comigo; casei, tive cinco filhos. Os meus filhos são três homens e duas mulheres, são todos casados. Só tem uma que mora aqui, que fez curso de Pedagogia, não gostou, aí, está fazendo Enfermagem, termina próximo ano, a outra filha é advogada e os outros, todos entraram na faculdade, mas não quiseram mais estudar, entraram no comércio e todos moram em Natal; tem um comércio de venda de carro lá no shopping. Tenho hoje sete netos... [...] Minha vida foi sempre essa aí. Todos os anos, quase, era um filho (risos), durante esse período... A coisa que eu achei e acho melhor na vida foi ser professora e ser mãe. É a coisa melhor que eu achei e acho... Que os filhos são a coisa mais importante da minha vida, presente de Deus, e agora são os netos. Agora estou só... Depois que eu me aposentei – me aposentei em 1999 –, mas logo em seguida apareceu o PROFORMAÇÃO[17], me convidaram pra ensinar, aí, fiquei no PROFORMAÇÃO, depois foram criados os núcleos [de ensino superior], aí, eu fiquei ensinando no núcleo de Alexandria, no curso de Ciências Contábeis. Até que os cursos foram terminando, e a prioridade era de quem estava na ativa, aí, eu fiquei... Só tem uns quatro anos mesmo que eu estou, basicamente, aposentada, porque, até então, dede 1999, tinha sempre... Eu sinto muita falta de ser professora...

Marcelo: Professora, a senhora não foi filha única, né?

Zilar: Não! Sim... sabe quantos irmãos eu tenho? Quatorze! Meu pai era viúvo, tinha quatro filhos quando casou com minha mãe, e minha mãe teve dez filhos. Então, eu sou a décima segunda dos filhos! Eles moram... só tem um que mora aqui e eu fiquei aqui... Depois que eu vim de Brasília, eu sempre dizia: "eu não quero nunca na vida casar pra morar no interior", aí, casei e nunca mais saí (risos). Mas são muitos irmãos, tem uns que já morreram, outros moram no Rio, moram em São Paulo, moram em Natal...

Marcelo: Certo... Professora, a senhora poderia falar um pouquinho da infância?

Zilar: Da infância? Minha infância... foi aqui em Patu. Nós nascemos aqui, todos os filhos de mamãe nasceram aqui em Patu, e morávamos aqui na cidade, mas com, mais ou menos, cinco anos de idade, meu pai tinha... era fazendeiro, aí, resolveram morar na fazenda. Então, durante esse período era na fazenda; brincando, nadando, nadava muito tomando banho de açude, criando pássaros, rolinhas; eu ia atrás dos ninhozinhos das rolinhas e o que eu lembro muito da infância era de criar pássaros, era galo de campina, era rolinha... foi muito bom porque na fazenda é muito gostoso. A gente conviver com a natureza... É tanto que hoje estou

[17] O Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO) foi instituído pelo Governo Federal para a formação de professores em nível médio. Suas atividades são desenvolvidas a distância com atividades presenciais concentradas aos sábados e nos períodos de férias.

aposentada, nós temos uma fazenda, toda tarde a gente vai pra lá; eu adoro aquilo ali. Eu deixei de ter contato com os alunos, mas estou com os animais, com ovelha, com galinha, com tudo. Isso me gratifica muito. Minha infância foi isso aí. Logo no início a gente vinha estudar aqui, como eu já falei, mamãe ensinou a gente; mamãe era professora [e] diretora na mesma escola que eu fui diretora depois. Minha mãe passou muitos anos sendo professora e diretora na escola e depois fui eu... Com nove anos de idade, já fui estudar interna no colégio de freiras. A gente passava o dia interna. Naquela época, a gente já amanhecia o dia de farda; bem cedinho, já era de joelho, eram muitas internas já rezando; depois, outras orações... aprendi muita coisa boa no colégio, muita mesmo. Naquela época, se tinha um monte de mulheres estudando, mocinhas, e nunca se ouviu falar em outras coisas; hoje em dia está difícil, né? E os meus irmãos estudando no colégio de padres, só era homem, e não tinha muito esse negócio de homossexualidade, essas coisas que se vê hoje, né? Que qualquer amizade, o povo já começa a falar. Era tudo uma coisa simples, uma coisa bonita, uma coisa ingênua... Era assim. A gente passava o dia... De manhã estudava na sala de aula e a tarde a gente passava uma tarde sentada lá estudando e uma freira olhando pra gente. [...]

Marcelo: Certo... E a juventude, professora? A senhora poderia falar um pouquinho, por favor?

Zilar: A juventude também já foi nisso aí. Juventude... Estudando; estudava, aí, vinha de férias pra cá. Aqui, meu pai só deixava a gente sair pra uma festa se fosse com meu irmão... era as festinhas que tinha aqui em Patu. Sim! E aqui também tinham os amigos, a gente se encontrava, assim, nas praças, tocava violão, cantava e aquela amizade bonita que tinha. Daí, eu fui pra Brasília também na juventude, eu tinha dezessete pra dezoito anos, morava na casa da minha irmã, não saía muito. Mas, sempre com aquelas amizades... Não era de muita festa. Era só isso aí. Meu pai, pra deixar a gente ir pra uma festa, era um... Vixe; o mundo se acabava! (risos) Sempre ia à missa, todos os domingos a missa; a gente não faltava... A juventude foi essa, com muita pureza, muita coisa boa.

Marcelo: Sim... Professora, a senhora poderia falar um pouquinho do cotidiano da cidade em que a senhora cresceu?

Zilar: O cotidiano? É aqui; é uma cidade um pouco pacata, né? Não tem muito divertimento, mas é uma cidade que todo mundo se conhece... A gente tem os valores das pequenas coisas, os valores das pequenas cidades: é você conhecer todo mundo, todo mundo é como irmão, como uma família. Eu acho bom, como eu digo: eu saio ali, vou ao banco, todo mundo me conhece, dona Zilar ou Zilar; encontro com gente de outras cidades; do jeito que eu tiver aqui

eu vou, todo mundo me dá atenção. Assim, isso é um valor do interior e da nossa cidade. Você pode observar, aqui nós não temos lazer, as crianças... é bom criar os meninos um pouco, um tempo, no interior, porque ele oferece mais segurança... hoje em dias já está menos seguro, mas, antigamente você podia dormir com essas portas abertas. E tudo é perto! (risos) Aqui você vê a igreja... como minha sobrinha que mora no Rio disse: "tia, você mora perto dos três poderes: igreja, banco e hospital" (risos) – que tem um hospital aqui em frente –, são os três poderes (risos). Então, tudo é perto, você vai a pé, não precisa estar esperando transporte pra se deslocar, né? O cotidiano do interior eu acredito que sejam quase todos iguais, Patu não é diferente. É isso aí...

Marcelo: Certo... A senhora passou uma parte da infância aqui e depois foi pra Mossoró, né? Lá a senhora, na verdade, não viveu muito o cotidiano da cidade, porque era em colégio interno, não é, ou não?

Zilar: É. Era em colégio interno, era... Daí, a gente vinha pra fazenda [nas férias], só vinha pra rua de vez em quando, aqui na cidade, a gente vinha com papai, ou então vínhamos na casa de uma... Sim! E tinha muito... umas primas minhas que estudavam internas, a gente vinha e se encontrava aqui também, era assim a juventude: a gente vinha pra casa dessa minha prima, lá a gente botava a radiola, como chamava, e todos aqueles amigos, moças e rapazes, iam dançar. Lá na fazenda, o meu irmão também botava; tinha a casa dele um pouco separada lá de casa também, reunia os jovens, os rapazes e as moças, e também ia dançar com a radiola. Na época, ele botou até uma luz negra; menino, foi um sucesso aquela luz negra! (risos) Pai quando soube que tinha essa luz negra, não deixou nem os filhos irem mais lá. Então, o cotidiano dessa cidade é isso aí; a maioria do povo era católico, hoje em dia muita gente está indo pra outras religiões – que aparecem não sei quantas igrejas –, mas, a maioria é católica. A maioria é católica e praticante, basicamente. Nós temos o santuário do Lima[18] aí, que é uma atração, né? Então, é isso mesmo. E na nossa idade é só ir a missa, conversar com os amigos nas calçadas, você pode ver que é o povo sentado nas calçadas, ainda tranquilo, conversando, que isso é o bom do interior também, que oferece essa tranquilidade de sentar na calçada, né?

Marcelo: Sim, verdade... Professora, e como era a cidade e a educação?

Zilar: Cidade e educação? [...] A educação, logo a princípio, eu acho que os alunos... Como eu já falei, aqui só tinha o Ginásio [Comercial], tinham poucas escolas, eram poucas escolas, nem todo mundo estudava, hoje todo mundo tem oportunidade de estudar, né? Aí, educação

[18] A professora se refere ao Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, localizado na Serra do Lima, em Patu.

antigamente eu achava que era, assim, não sei... em relação ao aluno, ele era mais atencioso, mais interessado, eram menos alunos na sala de aula! Era muito menor a quantidade de alunos, mas, o interesse por aquilo que estavam fazendo era maior do que hoje. Eu nunca ensinei nos anos iniciais da educação, mas eu fiquei muito tempo como diretora de uma escola e vejo uma diferença muito grande. Mas agora está melhorando, assim, em termos de oferecer muito mais opções, muito mais disciplinas, que antigamente era mais decoreba... Matemática, história, geografia e ciências, só era isso aí. Hoje já tem um monte de outras disciplinas como artes, pra criança desenvolver, não é? E o método hoje eu acho que tá melhor de ensinar do que o método... O sentido da educação hoje, que é mais amplo, tá bem melhor do que antigamente, mas, antigamente, era melhor para o professor, que você tinha mais tranquilidade em sala de aula do que hoje.

Marcelo: Sim... Professora, só pra eu poder entender bem direitinho: a senhora disse que morava na fazenda e vinha estudar aqui em Patu? Na fazenda não tinha escola ou é por que...?

Zilar: Não tinha escola, nada...

Marcelo: Não tinha, tinha que vir pra Patu?

Zilar: Tinha que vir pra Patu. Minha mãe, lá... Meu pai tinha, assim, uns sessenta e tantos moradores; era uma fazenda que tinha umas duzentas pessoas, [por]que cada família era um casal e tinha não sei quantos filhos; e esse pessoal, quase ninguém estudava, mas minha mãe alfabetizava a maioria. Ela tinha aquela vontade... Além de alfabetizar, ela catequizava... ela catequizava. Muitas pessoas foram alfabetizadas e catequizadas, mesmo lá na fazenda. E antigamente era o seguinte: você estudava, você tava na primeiro ano, mas achavam que você dava pro terceiro, você já ia pro terceiro; não tinha essa história de ir pro segundo, essa sequência de séries; você já ia pro terceiro. É tanto que eu fui... eu fazia o terceiro ano aqui, aí, mamãe me matriculou lá no colégio das freiras em Mossoró já no quinto... Mas, só que eu não tinha essa capacidade toda pra ir pra quinta, aí, saí da quinta e voltei pra quarta. Se a mãe ou os pais, os professores achassem que você tinha condições de ir, de avançar, você avançava as outras séries, não tinha que passar por aquilo, não. [...] É tanto que hoje, às vezes, vinham procurar histórico lá no colégio onde eu ensinava, que é a escola mais antiga – ou é o João Godeiro –, aí, você com a dificuldade de saber essas séries seguintes, de dar essa transferência, esse currículo pro aluno mais antigo... Porque podia saltar... Se um professor achasse que ele tava bem, tinha condições de ir, ele saltava. Era assim...

Marcelo: Sim, certo... Professora, no caso, a senhora foi pra Mossoró ainda no primário, né? Como foi esse processo, professora, a senhora ia pra lá, passava a semana?

Zilar: Não, estudava interna! Era regime de internato. Você ia [e] não saía; você podia sair do colégio só de quinze em quinze dias, se fosse pra casa de uma pessoa da família passar o sábado e o domingo, e só vinha pra casa nas férias. A gente só vinha pras férias, porque antigamente as férias eram muito mais cumpridas do que hoje, começava em junho, a gente só voltava em agosto; aí, começava em dezembro e só voltavam em março, as aulas. Era o período que eu passava aqui de férias.

Marcelo: E lá em Mossoró a senhora tinha família, não?

Zilar: Tinha, tinha família...

Marcelo: Ah, então, de quinze em quinze dias a senhora saía para poder ir pra casa dos familiares, depois, voltava de novo...

Zilar: Era... De novo... E tinha que ser tudo determinado. Lá, a gente tinha toda a alimentação, dormida, mais lanche; os pais da gente mandavam lanche pra gente, além daquilo ali... E era o dia todinho estudando. De manhã e de tarde. De noite a brincadeira era conversar, ou então jogar tênis de mesa que chamavam pingue e pongue; era a correria maior do mundo pra saber quem chegava primeiro pra pegar as raquetes (risos). Tinha biblioteca, a gente lia muito também, muita coisa boa que a gente lia. E o contato com as freiras, a formação religiosa, educação... Era muito, muito, muito...

Marcelo: Sim... Dentro do internato, vocês tinham muitas atividades durante o dia, então...

Zilar: Era... Atividade assim: de manhã, sete horas, começava a aula, até onze, aula normal; aí, de onze a gente vinha, almoçava, brincava até uma hora da tarde; de uma hora da tarde tinha sala: as internas, era cada uma com uma cadeirazinha – fechada de cadeado, até pra ninguém mexer – e a gente passava a tarde todinha, até cinco hora, estudando, tinha um intervalo de três horas, tudo, né? A tarde já eram outras turmas que estudavam... De manhã era o primário, de tarde era o ginásio. Quem estudava no primário, de tarde tava sentada ali estudando, e quem fazia o ginásio, era o inverso. E era uma freira o tempo todinho sentada ali olhando pra a gente; a gente tinha que estudar mesmo! E de noite... era interessante que lá a gente tinha sessenta, oitenta internas, aí, tinham muito ladrão – às vezes entrava lá no colégio –, aí, tinha uma freira que dormia lá com a gente, no quartinho dela; quando a freira adormecia, todas as internas tiravam as camas, juntavam as camas todas, ficavam tudo emendada, com medo de ladrão (risos); acordavam cedo pra voltar as camas pro lugar, [porque] quando a freira acordava... A gente acordava assim, já com o sinozinho no ouvido da gente. A gente acordava, já era de joelho rezando; na decida, na escada, já tinha uma capela, a

gente já rezava; a gente rezava antes do café, depois do café, na hora do almoço, depois... era muita oração, mas foi muito bom aquele tempo, aprendi muita coisa de Deus nesse período...

Marcelo: Certo... Professora, eu ia perguntar alguma coisa ainda sobre o cotidiano lá do... [...] Tudo bem, qualquer coisa depois eu recupero. Professora, e o Rio Grande do Norte nesse período pra senhora? A senhora tinha alguma noção do estado, tinha algum conhecimento? [...] Como era a situação do Estado, questões políticas, financeiras...

Zilar: Não. É mais... política, na época, os candidatos andavam muito lá na cada do meu pai! Logo ele tinha, como eu já falei pra você, umas duzentas pessoas morando lá com a gente, e o interesse político era de voto, né? Meu pai hospedava aquele povo todo lá na fazenda e minha mãe contava que era diretora de um colégio, aí, quando um governador assumia... Ela começou a ensinar em Mossoró, depois foi transferida pra Almino Afonso[19], depois foi transferida pra Patu... Naquela época, em termos de educação, e não era só com os funcionários da educação, os outros, eles transferiam, dependendo se você não votou [neles]; como no caso da minha mãe, na época pra governador era Tarcísio Maia[20], Aluízio Alves[21], esse pessoal, quando um perdia, aí, meu pai votava em fulano, minha mãe às vezes era diretora, lá vai mamãe se transferir pra ser professora, depois, lá vai voltar a ser diretora, e tinha esse tipo de perseguição. Eu tenho um livro da minha mãe, como diretora, que ela escrevia tudo, tudo, correspondência de tudo; a professora faltou, aí, eles mandavam uma carta pro secretário de educação: "fulano de tal não; faltou isso assim", toda a correspondência era registrada, não tinha esse negócio de telefone, nem nada, era dessa forma. Mamãe contava que eram muito poucos alunos mesmo que estudavam naquela época, muito pouco. Mas, a minha mãe era como eu, tinha que aprender, tinha que sair aprendendo. Muitas vezes, muitos alunos meus que saíram pra estudar fora, chegava, me agradecia: "professora, eu lhe agradeço por ter aprendido matemática com você, porque, se não, lá fora... foi a única dificuldade que eu não tive, foi em matemática, que eu aprendi com você"; isso é gratificante. E minha mãe também era assim, ensinava muito. Ali [no caderno] tinha até a relação dos alunos que estudavam com ela, aí, era aprovado por excelência, dizia as notas... É muito interessante o livro que eu tenho dela, da época que ela era diretora! Aí, do Rio Grande do Norte... eu só me lembro dessa história... [...] das políticas. Eu lembro que meu irmão foi

[19] Almino Afonso, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião de Umarizal, localiza-se a, aproximadamente, 339 km da capital Natal e 19 km de Patu.

[20] Tarcisio de Vasconcelos Maia foi deputado federal (1959 a 1963) e governador do Rio Grande do Norte (1975 a 1979).

[21] Aluísio Alves foi um político potiguar, governador nos anos de 1961 a 1966. Foi ainda deputado federal (1946-1961, 1967-1969, 1991-1995) e ministro da administração (1986-1989) e da integração regional (1994-1995) do Brasil.

deputado federal, foi candidato na época com Aluízio Alves, a gente também hospedava esse pessoal todinho, era assim... Eu não me envolvia muito, não, na verdade. A gente estudava, não se ouvia falar muito em política, não; agora, em casa quando chegava as campanhas que a casa era cheia de político, de todos os partidos... E um tempo – era no tempo de José Agripino[22], Carlos Alberto[23], Aluízio Alves – eu lembro que no tempo de Aluízio, logo que ele se lançou, era um negócio de seguindo Aluízio. Eu me lembro que eu saí uma vez, lá em Mossoró, ficou até de madrugada esperando aquele Aluízio Alves passar... (risos) Ele era muito amigo da gente aqui. Eu só me lembro dessa parte aí, o restante eu não lembro; na parte econômica, financeira, nem administrativa, não lembro muito. A gente não se ligava muito nisso. A juventude, o povo não se liga muito nisso, né? Depois que a gente vai amadurecendo é que a gente vai tendo a vontade e a necessidade de saber de todas essas informações pra poder votar direito, né?

Marcelo: Sim, é verdade... Professora, lembrei o que eu queria perguntar lá da escola, do Sagrado Coração de Maria. Como é que fazia pra entrar, era pagando pra ficar interno?

Zilar: Era pagando, pagando e pagando muito! Era. Sim! E todas [as filhas], saiam do colégio das freiras e iam pra Escola Doméstica[24], só que eu e minha irmã, a gente saiu pra estudar em Brasília... Mas, as minhas primeiras irmãs, era do colégio das freiras [para] estudar na Escola Doméstica. Era também em regime interno. Então, era pago. Agora, lá no colégio tinha umas meninas, umas meninas que chamavam-se as meninas do patronal, elas não pagavam. Estudavam na mesma sala que a gente, elas lá não pagavam, mas ajudavam as freiras, arrumavam as coisas, faziam limpeza... Mas a gente era pago.

Marcelo: Entendi... Aí, no caso, iam pra Escola Doméstica quando chegava ao nível do atual ensino médio, é isso?

Zilar: Do ensino médio! Porque lá não tinha o ensino médio, lá no Colégio, por isso [ia para Escola Doméstica]...

Marcelo: Está bem. Professora, e a educação familiar?

Zilar: [...] A educação familiar... você quer se referir a familiar, minha família? Sim, sim. No período que eu era jovem, criança, tudo? Olha, eu fui criada assim: meu pai não tinha muito...

---

[22] José Agripino Maia foi prefeito de Natal (1979-1982), governador do Rio Grande do Norte (1983-1986 e 1991-1994) e atualmente é senador pelo Estado.

[23] Carlos Alberto de Souza foi vereador de Natal (1973-1975), e, ainda, deputado estadual (1975-979), deputado federal (1979-1983) e senador (1983-1991) pelo Rio Grande do Norte.

[24] A Escola Doméstica de Natal foi fundada em 1914, com o objetivo de dar uma formação especial para o público feminino, formação essa que ressaltava os valores e saberes domésticos, familiares e sociais. Essa foi a primeira instituição desse tipo fundada no Brasil, a partir de um modelo suíço. Atualmente esta escola faz parte de um complexo educacional.

o estudo dele não era muito. Era a minha mãe que, na época... A minha mãe estudava em Mossoró. Ela morava em cima de uma serra aqui em Almino Afonso. No começo ela ia a cavalo pra Mossoró, tinha tia dela que morava lá, estudava também no colégio das freiras já. Mamãe foi formada, na época, na União Caixeiral[25], um negócio assim... O estudo que ela fez... [era] equivalente ao nível superior. [...] Aí, logo em seguida, foi ser professora do Estado. E muito boa; o português dela, a matemática, era, assim, incrível. Então, a gente foi educado na família dessa forma: a minha mãe, o interesse maior do mundo, por isso que todos estudavam. Saía cedo pra estudar. O esforço maior dela pra gente estudar. Meu pai dava o apoio também, de todos os termos financeiros, e o resto era com ela, porque ela entendia mais. E era assim: muito rígida, a gente não podia ir a qualquer festa, a gente não podia sair pra muitos lugares... Muitas vezes a gente, os amigos da família iam pra fazenda ficar o final de semana com a gente, [ou] a gente ia pra outras fazendas. Meus irmãos mais velhos já moravam uns em São Paulo, ou no Rio [de Janeiro], já eram bem sucedidos financeiramente; minhas irmãs já saíam pra passear lá em São Paulo, no Rio; eu já saí pra Brasília, estudar em Brasília, né? Mas, as outras irmãs, iam pra São Paulo, para o Rio... Eram poucas as famílias que tinham essas condições e oportunidades do que a gente tinha de estudar. E a educação era essa. Religiosa! Todos os dias a gente rezava o terço com a minha mãe. A educação moral muito boa, meu pai um homem muito, muito íntegro e tudo, de uns negócios bonitos, de palavra – que antigamente valia mais a palavra do que tudo, né? Do que esse horror de papel que a gente assina hoje em dia, palavra é palavra – e assim ensinou a gente dessa forma. Meus irmãos também estudavam no colégio; também logo em seguida foram já pra São Paulo também, pro Rio, encaminhados por esses outros irmãos que estavam lá. Eles tinham empresas de ônibus, Chico Rocha, no caso, tinha empresa de ônibus, fazia Brasília/Rio, Brasília/São Paulo, que foi até pioneiro na época, e levava os outros irmãos pra lá.

Marcelo: Certo... Professora, e a escola e a rotina escolar durante o período que a senhora estudava? A senhora já falou, na verdade, como era a rotina lá do Colégio das Irmãs, mas, e aqui? Quando a senhora começou o primário aqui, como era a rotina escolar?

Zilar: A rotina era... Eu estudei muito pouco aqui, como eu já disse, eu vinha aqui pra escola, o João Godeiro, e as aulas eram aquilo: a professora muito rígida, eu lembro que a minha professora falava tão alto... mas era uma boa professora; elas ensinavam direitinho. Como eu já disse, era muito restrito, né? Português, matemática, história, geografia e mais nada. Sim! Na época também tinha o ensino de trabalhos manuais no colégio, aqui no João Godeiro. As

[25] Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, fundada em 1935, deixou de funcionar em 2002.

meninas já aprendiam a fazer tricô, a fazer ponto cruz, tinha uma professora pra isso. Mas, eu passei muito pouco tempo aqui, lembro muito pouco porque o meu tempo todo foi no colégio das freiras. Já no final, quando a gente saía do colégio, ali em Mossoró, ali naquela praça onde tem o cinema... Tinha uma sorveteria, aí, a gente saía com as freiras, mas tudo de farda, parecia um batalhão, pra tomar um sorvete ali (risos); vinha tanto rapaz ali pra praça pra ficar olhando aquelas internas (risos). Também tinham as festas do colégio, que os meninos do colégio dos padres, internos, iam assistir as festas da gente e, vice e versa, a gente ia pra lá. No colégio a gente fazia isso. No final, as freiras tinham tanta confiança em mim, que as outras internas já iam sozinhas comigo pro cinema, mas era tudo de farda! Não era... ninguém ia dizer que não era do colégio, todo mundo de farda.

Marcelo: Isso, nos finais de semana?

Zilar: Finais de semana! Agora, se fosse pras casas não, mas se a gente saísse com as freiras, era tudo de farda, por mais que não [estivesse com a freira]... tudo de farda! E o colégio media mais o tamanho da saia: três dedos abaixo do joelho... A gente tinha a farda de gala, que era uma farda bonita... Isso imagine: naquele calor de Mossoró, a gente desfilando no dia trinta de setembro, tudo de farda de gala, de manga longa, de chapéu... era um horror, naquela época, não era? (risos) E tinha que rodar Mossoró todinho. [...] Eu sei, conto muito de Mossoró, do colégio, muito bom! Essas coisas todinhas é que eu lembro... Aqui eu lembro pouco.

Marcelo: Sim... Professora, e lá em Brasília? Vocês foram, ao invés de ir pra Escola Doméstica, vocês foram pra Brasília por opção, ou...?

Zilar: Foi. Era assim... Eu e minha irmã, outra, a gente ia pra Escola Doméstica – porque a Escola Doméstica era um enxoval, como se fosse de uma noiva, pra você estudar lá –, a gente já tinha feito tudo, a minha irmã já era professora lá, aí, ela saiu... Aí, meu pai disse: "então, não vai mais, não... pode desistir que eu não deixo mais vocês irem". Aí, minha irmã foi estudar num colégio em Caicó, interna, e eu fui pra Brasília. Meu irmão chegou aqui e disse ao meu pai: "não, vou levar!", aí, me levou... Me levou até o Rio, e do Rio eu fui pra Brasília, pra casa da minha irmã, que já tinha outra estudando lá, ela já fazia faculdade de Direito na UnB. Era eu e ela na casa dessa minha irmã.

Marcelo: Ah, sim... Então, foram duas irmãs que foram morar na casa de outra?

Zilar: É! Morar com outra. Essa já era casada, essa minha irmã que mora em Brasília, ela é casada com um tio de Rosalba[26], é dos Escóssias, Augusto Escóssia. Só tem uma filha, e a

[26] Rosalba Escóssia Ciarline Rosado foi prefeita de Mossoró por três mandatos (1989-1992, 1997-2000 e 2001-2004), senadora (2007-2010) e, no período da realização da entrevista, ocupava o cargo de governadora do estado do Rio Grande do Norte (2011-2015).

gente estudava lá. A minha irmã estava na casa dessa minha outra irmã, e eu fui pra casa de um irmão que, como eu já disse, era um dono de empresa de ônibus, ele morava em Brasília, eu fiquei na casa do meu irmão. Mas, depois ele saiu e voltou para o Rio, aí, eu fiquei na casa de minha irmã. Aí, no colégio que eu estudava em Brasília, era gente de todos os Estados; filho de deputado, filho de senador, que era só esse pessoal, né? Só gente assim, que vinha de outros Estados. Brasília fazia pouco tempo que tinha sido criado...

Marcelo: Isso foi em que ano, mais ou menos?

Zilar: Foi em setenta e... espere aí; em 1973 eu casei, eu fui em 1967, mais ou menos, pra Brasília. Fazia... ela lá tava bem jovem, bem novinha, né? (risos).

Marcelo: Certo... E como era a rotina dessa escola, professora?

Zilar: Essa escola era quase como o colégio das freiras, só que eu não estudava interna, né? Era uma escola que a gente estudava muito, era uma escola que já preparavam você para o vestibular desde o primeiro ano. Se você quer fazer vestibular pras ciências humanas, exatas, aí, você já estudava as disciplinas mais intensivas dentro daquilo que você ia fazer. Era tipo uma escola e um cursinho ao mesmo tempo. Era chamado cursinho Guelma, eu ainda tenho minhas apostilhazinhas ali; ainda tenho meu livro de matemática [de] quando eu estudava no colégio das freiras, no quarto ano primário, eu tenho o meu caderno ali guardado... Então, era essa rotina mesmo, as aulas com o mesmo tempo, muita gente de outros lugares, muitos, que a gente fez muita amizade. Estudar, ia pra casa uns dos outros, não tinha esse negócio de apostilha, era tudo livro. No meu primeiro vestibular era uma penca de livro estudando, não tinha nada de... tem uma facilidade hoje, tem uma apostilha, tem tudo mais resumido, né? Mas, não, você tinha que estudar aquele monte de livro. Eu me lembro que eu ficava até de madrugada com minha colega estudando pra fazer vestibular... e assim era. Quando terminou o vestibular, eu não passei, aí, vim passear aqui; meu pai não deixou mais voltar. Eu comecei a ensinar, mas logo em seguida eu já ia de volta, aí, comecei a namorar Neto; dentro de cinco meses casei e pronto, fiquei eternamente aqui. E agora não quero mais sair. (risos) Antigamente eu queria sair, mas hoje eu não quero mais...

Marcelo: Pronto. Nesse período ainda era separado, em científico, pedagógico...?

Zilar: Tinha, era o científico e pedagógico. Eu fiz o científico, eu nunca quis fazer o pedagógico, pra mim, aquilo ali era sem futuro... era o científico.

Marcelo: Certo... Professora, e como era o interesse dos alunos pelos estudos?

Zilar: O interesse era muito maior antes do que hoje, eu acho. Eu como professora, os alunos que estudavam eram mais interessados do que os de hoje. Logo, eles tinham... hoje, não só

tem a escola, antigamente só tinha a escola. Hoje tem televisão, tem internet, tem uma gama de outras coisas que está levando o desinteresse de uma sala, daquela aula repetitiva, né? Uma coisa bem rápida na internet, no celular, ninguém quer mais... aí, fica inquieto. Eu acho que parte do desinteresse do aluno, é por causa disso. Mas, antigamente, era mais atencioso.

Marcelo: Certo... Professora, e as disciplinas?

Zilar: Então, como eu já falei pra você, no primário era português, matemática, história, geografia, ciências; aí, já no científico, entrou biologia, física, química... biologia, física e química. Sempre eu me identifiquei bem com física e matemática, e biologia também, nunca gostei muito de química. Eu fui, saí daqui do colégio das freiras, fui estudar em Brasília, num colégio de padre, colégio que era um dos melhores de Brasília, mas nunca senti dificuldade, sempre estudava, mesmo que não gostasse daquilo, mas nunca fiquei em... naquele tempo era segunda época; não era ficar em recuperação, a expressão era segunda época – a gente ficava e passava um período em casa, era em casa, estudando pra fazer a segunda época ainda no período de férias, antes da outra aula começar.

Marcelo: Sim. Professora, e lá no Sagrado Coração de Maria, a senhora lembra quais eram as disciplinas?

Zilar: Eram essas aí: matemática, português, geografia, história, ciências, educação física... Educação física era até uma prima minha que ensinava. A gente acordava de cinco horas da manhã pra fazer aqueles exercícios, era só isso aí. E religião! Sim, tinha a parte de religião.

Marcelo: Certo, tá bom... Professora, e os professores da senhora e suas aulas?

Zilar: E as aulas deles? Ah, eu gostava muito dos professores todinhos... No colégio das freiras, quase todos os professores, eu só tinha um professor que não era freira, era um professor... Sim! Tinha OSPB! OSPB, que era Organização Social e Política Brasileira, que a gente estudava, além de história, geografia e ciência, tinha OSPB. Esse professor que dava [e era só esse, o reto era tudo freira. Eu lembro que eu estudava, tinha uma freira chamada irmã Cândida, a professora de inglês, aí, uma vez eu... eu sentava sempre na primeira carteira, nesse dia eu fui lá pra trás, ela olhou pra mim, disse: "Zilar, formiga quando quer se perder cria asa, o que é que você tá fazendo aí atrás?" (risos). Tinha irmã Natália, a professora de matemática, ela chamava a gente no quadro, se você não respondesse, ela olhava pra gente e dizia: "minha filha, seu pai é um cabo de vassoura vestido numa calça? Por que é que você não está sabendo? Você num estudou isso, eu lhe ensinei, não sei o quê", era aquele sermão (risos); era desse jeito o jeito dela falar com a gente... Eu achava muito engraçado. Muito boa a professora de matemática. A de português, irmã Dalva, era crítica demais; tinha até medo de

falar perto dela, se falasse uma palavra errada ela dava aquela risada crítica... Sim! A gente depois tinha um álbum de recordações, que eu ainda tenho. Os colegas da gente faziam aquela homenagem, aquela despedida no final de cada série... [...]

Marcelo: Certo... Professora, e a senhora lembra de diferentes sistemas de ensino, ou não? Mudou durante o processo de estudos da senhora, ou continuou sempre a mesma coisa?

Zilar: Não... sempre a mesma coisa! Não mudou, não. Nesse período que eu estudei, não mudou. Mudou depois que eu já era professora, que comecei também naquele método tradicional... com a prática, já como educadora, foi que eu vi a mudança no sistema de ensino.

Marcelo: Sim... Professora, e a realização dos estudos? Na verdade, eu acho que foi tudo meio que tranquilo, pelo que a senhora conta, mas, como foi esse processo de, por exemplo, ter que viajar pra Mossoró? Teve alguma dificuldade ou não?

Zilar: Não... tinha não! A gente ia muito de trem, ou então meu pai ia deixar a gente lá. As aulas começavam em março, a gente só vinha em casa em julho, só vinha na época de férias. Não era ir e voltar. A gente só ia... Agora, meu pai sempre ia a Mossoró, minha mãe, visitar a gente, você podia receber visita. Era assim. Não tinha essa... como minha filha, [que] todo dia vai e volta pra Mossoró. É uma facilidade, né? Antigamente era estrada de barro, só faltava não chegar em Mossoró. Lembro que lá em casa tinha um relógio que batia uma, quando era uma hora, quando chegava meia noite, dava vinte e quatro pancadas. Aí, a gente, de madrugada, uma hora, duas horas da manhã, aquele relógio batendo, a gente não dormia contando o batido, esperando a hora de acordar de madrugada pra chegar em Mossoró. De trem a gente chegava tão cheio de poeira lá, que era... (risos). Também tinha os passeios, os passeios do colégio eram assim: uma vez a gente veio pra fazenda de Carvalho Neto, dois vagões do trem só com as internas, foi um divertimento; depois, outro passeio, veio aqui pra fazenda do meu pai, todo mundo veio pra aqui, as freiras, o colégio todinho. E uma vez por ano a gente fazia um passeio em Tibau[27], era em cima de um caminhão, aquelas internas tudinho (risos), tudo rezando, rezando, rezando; quando voltava era todo mundo muito bronzeado, muito vermelho, era tudo: "xiii", caladinha, não cantava, nem rezava mais de jeito nenhum. A gente passava uns dois, três dias lá numa casa que as freiras arranjavam e a gente ficava, era o passeio da gente também, as internas.

Marcelo: Ah, certo... Isso, pra alunas do primário ou do ginasial?

[27] Cidade litorânea próxima a Mossoró.

Zilar: Eram todas as internas! Eram só as internas! Não era as externas, não... Ora, as minhas colegas de colégio eram Sandra Rosado[28], que hoje a gente ainda tem muita amizade, é sobrinha do meu cunhado, Sandra, Aurora, Jandira. Sandra é muita amiga minha ainda, quando a gente se encontra é aquela alegria, relembrando as coisas do colégio. Ela era externa, porque ela morava em Mossoró, né?

Marcelo: Certo... Professora, e sobre a legislação e a educação, a senhora lembra alguma coisa nesse período?

Zilar: Não, na época... No tempo que eu era estudante?

Marcelo: Isso. Ou depois que a senhora começou a ensinar também...

Zilar: Comecei a ensinar era... [...] Depois é que eu comecei a ver essa parte de legislação e educação. Sempre foi um pouco desprezada a educação, em termos disso aí, né? Mesmo que tivesse, ainda não era tão obedecida assim. Na época, eu ensinava ali no Comercial, uma carga horária de quarenta horas, mas você teria que dar as quarenta horas ali, porque a menina dizia que não sabia como planejar isso. Eu não podia dar as quarenta, dava uma parte e depois pagava outra pessoa pra ensinar, pra completar as quarenta horas. Era um regime de quarenta horas, mas, na verdade, você teria que dar trinta; a princípio era quarenta, você tinha que dar quarenta, mas depois passou a ser trinta. E mudança de nível: você começava no A, ia pra B, depois que você terminava a faculdade você já mudava automaticamente de um nível, [ia para] o nível superior... passou a dificuldade maior do mundo porque se formavam e não conseguiam [mudar de nível], tinha gente que se aposentava e o governo... passava de governo pra governo e não conseguia, eles não mudava de nível do professor. Como tem muitos que sofrem ainda por conta disso. Eu não. Assim que a gente terminou, a gente terminou em dezembro, em janeiro a gente já tava com nível superior. Era isso aí.

Marcelo: Certo... Professora, a senhora falou algum tempinho atrás que lembra de mudanças durante o período que a senhora ensinava. Quais as mudanças que a senhora recorda que aconteceram na educação?

Zilar: Em termos de educação, depois que eu comecei a ser diretora foi que eu observei. Aquelas reuniões na DIRED[29] e o regime de trabalho dos professores; como as disciplinas aumentaram, a gente já foi esticando mais; teve um tempo que eles trabalharam com... como é que eles chamaram? O professor teria que passar dois anos com uma turma só, depois desse

[28] Sandra Maria da Escóssia Rosado é uma política do Rio Grande do Norte. Foi vice prefeita de Mossoró (1993-1996), prefeita da mesma cidade (1996), deputada estadual (1999-2003) e deputada federal (2003-2007, 2007-2011 e 2011-2015).

[29] Diretorias Regionais de Educação (DIRED).

ano... não tinha séries, assim, isso foi uma experiência que também durou muito pouco, num instante mudou pra outra coisa, por série mesmo. Então, o professor tinha obrigação de ficar dois anos com aquele aluno pra ver se ele melhorava, se dava, tinha condições, aí, se ele tava bem nesses dois anos, se já tava com um nível muito superior, como eu disse anteriormente, que eu estudava no primeiro ano, podia passar pro terceiro, assim também esse aluno era avaliado dessa forma, depois mudava... [...] Passou muita legislação até o plano decenal da educação. Eu trabalhei também... Quando foi esse plano decenal da educação, eu trabalhei. Nesse tempo teve uma seleção com os professores da faculdade, que foi em Assu, Mossoró e Natal, e eu fui escolhida pra ensinar... eu ensinei nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que mudou não sei que ano, não tô lembrando mais que ano foi, eu trabalhei nesses novos parâmetros... Que agente trabalhou, eu trabalhei, em Assu e em Mossoró, ensinando os professores de matemática. Eu até tinha esquecido essa passagem...

Marcelo: Sim... Aí, nesse período, a senhora ia fazer esse...?

Zilar: Eu ia, passava uma semana todinha em... Não era muito tempo, não; parece que foi um mês ou dois meses em Assu. Sim, aí, eu participei da primeira etapa em Mossoró e em Assu, depois teve a segunda etapa, já fiquei só em Assu a segunda etapa, naquela época dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que aquilo também não foi muito pra frente, não. Foi muito movimento e pouca ação. E, realmente, tanto tempo que eu digo que fui diretora de uma escola, aquelas reuniões que a gente tinha em Natal, Mossoró, Umarizal – que a gente depende do NURE[30] de Umariza –, as conversas eram as mesmas: mudança; e, na verdade, você não encontrava nada de mudança. Eu acho assim... investiram muito no professor, em capacitação desse professor, o professor se empolgava e tudo, naqueles dias, recebia aquela bolsa, se empolgava com os trabalhos, com o ensino, quando chegava na sala de aula, voltava a mesma coisa, não mudava absolutamente nada. Elas toda empolgadas, mas quando chegava à realidade... Eu sei que era um choque de mudança que nada avançava, ficava do mesmo jeito.

Marcelo: Sim, entendi... Professora, e os primeiros contatos com o ensino da senhora? A senhora falou que quando voltou de Brasília, o pai da senhora não deixou a senhora ir pra lá de novo... (risos)

Zilar: Era, vinha de visita... Mas eu já tava me preparando pra voltar, aí, já tinham me convidado pra ensinar matemática nessa escola que hoje ainda existe, no Comercial, aí, comecei a namorar, casei; então, comecei a ensinar matemática, já era de quinta a oitava série.

[30] Nesse período eram os Núcleos Regionais e Educação (NURE); atualmente são as DIRED.

Gostava e me dedicava, sempre me dediquei. Pra eu dar uma aula, eu não bastava pesquisar só num livro, numa coisa... Naquela época não se exigia livro nenhum. Os alunos não tinham como hoje tem, o governo dá, né? Mas, eu como professora de matemática, eu fiz questão de comprar na editora e vender esses livros de matemática pro aluno, porque eu não acreditava aluno estudando matemática sem livro. Quem introduziu o livro de matemática no ensino de ginásio aqui em Patu fui eu. Eu comprava diretamente da editora e vendia pros alunos. Era a única... Era o único livro que eles tinham era esse aí que eles compravam. Engraçado que as vezes eu chegava, se eu chegasse um pouquinho atrasada no colégio, os alunos estavam tudo do lado de fora, me acompanhavam tudo; tinham outros professores que, atrasou, eles iam era embora, naquela época já iam embora. Mas, matemática, eles não deixavam de assistir (risos).

Marcelo: Professora, a senhora lembra qual foi o livro que a senhora adotou, no caso?

Zilar: Lembro! Scipione[31]. O livro de Scipione, o livro de matemática. Eu já estudava com o livro de Scipione, já, nos modelos antigos, depois ele modernizou. Cheguei aqui, foi a primeira coisa que eu fiz foi adotar o livro de Scipione, Scipione di Pierro Netto. Muito livro bom. Eu tinha uma estante aqui com um monte de livro, é que deu cupim, aí, mandei um monte de livro lá pro colégio, pra biblioteca, mas eu tinha meus livros ainda, que eu adotava com meus alunos e estudavam mesmo.

Marcelo: Quando a senhora estudava, a senhora já usava ele no ginasial ou no ensino médio, no científico, no caso?

Zilar: No ginasial... No ginasial. Já estudava o Scipione. Agora, aquele modelo antigo, né? Aí, depois, eu fiz esse curso de Matemática de cem dias intensivos. A gente estudava de manhã e de tarde, e até, às vezes, à noite, e dia de sábado fazia as provas. A gente estudou [o conteúdo] de primeira a oitava série, naquela época, durante cem dias; estudei esses livros tudinho de Scipione. Eu achava um espetáculo. Eu gostava tanto dele que, aí, eu continuei com ele. Depois apareceram outros... Geovanni... eram três autores, antigamente era só um, mas depois apareceram três autores – foi aparecendo já pra os meus netos, meus filhos.

Marcelo: Certo... Professora, a senhora falou do curso, a senhora fez esse curso antes de voltar pra Patu ou depois?

Zilar: Não, depois que eu tava aqui em Patu.

Marcelo: Sim... A senhora lembra quando foi que a senhora voltou pra cá?

Zilar: Em 1971.

[31] O professor Scipione foi autor de livros didáticos de matemática na década de 1960, durante o período da matemática moderna, fundando, mais tarde, a Editora Scipione. Foi professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade de São Paulo (USP).

Marcelo: Em 1971. Aí, esse curso que a senhora fez, foi onde?

Zilar: Em Natal.

Marcelo: Era o curso da CADES, Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário, era isso?

Zilar: Era... Mais ou menos isso. Eu sei que eram cem dias. A gente ficava lá no... Estudava de manhã, de tarde e de noite, aula intensiva, e dia de sábado eram as provas. Depois, você tinha que dar uma aula prática, e tinha muita gente. A princípio, esse curso era dado durante seis meses, tinha muita gente que já estudando comigo, tinha feito umas duas vezes e não passava, porque ou você estudava muito ou sabia e dava uma boa aula, podia até ter dez, dez, dez e chegar na aula prática e não ser boa, então, você não passava. Aí você, depois de aprovado nisso aí, passaria a ser professora mesmo. Antes disso, o Estado não contratava. Do ginásio, né? Do primário, eram os políticos que colocavam. Isso significa o quê? Você veja que o professor quando entrava – isso não era só em matemática, eram em todas as disciplinas – já tava bem preparado pra estar na sala de aula, nera? Você tinha que fazer o curso e ter dado aula prática e saber se realmente tinha condições de dar aula. Em 1972 eu fui contratada imediatamente. Terminei no final de 1971 e em 1972, em janeiro, já estava contratada como professora do Estado.

Marcelo: Então, no caso, a senhora recebeu o convite aqui no comercial, já começou a ensinar aqui no Comercial, e depois que fez o curso também foi contratada pelo estado?

Zilar: Pelo Estado! À disposição do Comercial, fiquei a disposição do Comercial. O colégio tinha um convênio com o Estado. Então, eu fui... Na época, meu pai não queria nem deixar, dizia que os filhos não precisavam trabalhar, minha mãe foi quem incentivou e doutor Adécio, que era o diretor aí, era médico e era tio dele – foi ele que trouxe saúde e educação, tudo pra cá –, ficou insistindo e passava telegrama – que antigamente era telegrama – pra meu pai, chamando, até que ele deixou e eu fui.

Marcelo: Certo... Professora, a senhora foi convidada a ensinar no Comercial, mesmo não possuindo ainda um curso que formasse professor e etc, por que havia necessidade de professores na região? E Por que a senhora veio com o científico?

Zilar: Era... Já vim com o científico, né? Um nível já... De nível mesmo melhor, porque tinham professores lá, quando eu entrei, que só tinham o ginásio mesmo e com a maior dificuldade de ensinar. Aí, quando eu cheguei foi que foi melhorando as coisas... o outro professor também só tinha [o ginásio]... Depois foi que [ele fez esse curso], o professor de português fez esse curso, o de história também fez... Aí, foi melhorando.

Marcelo: Certo. Professora, esse curso que a senhora foi fazer era organizado pelo governo do Estado?

Zilar: Pelo governo! Era.

Marcelo: Tinha alguma ligação com a UFRN, não? Com a universidade?

Zilar: Não, eu não lembro.

Marcelo: Mas... vocês recebiam algum recurso financeiro? Algum auxílio pra fazer o curso?

Zilar: Recebia, recebia... Tinha... A gente passou cem dias intensivos... A princípio eram seis meses esse curso, mas não eram intensivos, aí, as últimas vezes foi em cem dias intensivos.

Marcelo: Sim, entendi... Então, no caso, é por que foi uma das últimas edições do curso?

Zilar: Edições do curso! Aí, a gente tinha aula de manhã, à tarde e à noite, e ainda todo Sábado tinha prova, todo sábado... Durante esses cem dias, eu só pude vir uma vez aqui, que não podia nem sair nos finais de semana porque tinham as avaliações, né? Eu fiquei até num pensionato lá em Natal, não lembro mais nem onde era.

Marcelo: Sim... Professora, a senhora lembra como era o funcionamento do curso, assim, se vocês tinham disciplinas específicas?

Zilar: Específicas! O nosso caso era só matemática. Não tinha história de didática, não tinha. Era só o conteúdo de cada área específica. História, você estudava só história; matemática, só matemática.

Marcelo: A senhora lembra quem era o professor, ou quem eram os professores do curso?

Zilar: Não, me lembro mais não...

Marcelo: Pronto, tá certo... Professora, então, os primeiros contatos com o ensino, da senhora, se deram junto com o ingresso já no magistério? A senhora não teve um contato prévio?

Zilar: Não... Foi direto logo; me chamou, no outro dia já tava na sala de aula.

Marcelo: Certo... Sobre o curso, ainda, professora, ele dava um certificado, uma declaração?

Zilar: Dava um certificado e uma declaração que você tava apto pra ensinar as séries do ginásio, que era, no caso, de quinta a oitava série. Assim que você saía de lá, que era aprovado, você já estava contratado no Estado, o Estado já encaminhava pra escola a autorização pra você já [ir] atuando como professora do Estado.

Marcelo: Certo... Professora, esse curso tinha alguma validade, ou...?

Zilar: Tinha validade. Olhe, tinha uma validade como professor, né? Aí, depois, como disse, João Faustino, era secretário de educação na época, aí, ele botou uma lei que amparou tudo isso aí, dizendo que quem tinha esse curso passaria a ter um direito de nível superior, curso de nível superior... mas, nessa época eu já tinha terminado o curso de Matemática, nem precisei

mais disso aí, mas, quem não teve, passou automaticamente, no Estado, como nível superior. Mudou de nível como professor.

Marcelo: Entendi... A senhora lembra quando foi mais ou menos essa lei, professora, não? Que ele promulgou...

Zilar: Não. Agora, o curso eu me lembro que foi em 1971, 1972...

Marcelo: Sim... Mas, já foi depois de 1984, né? Que a senhora concluiu a graduação em 1984, 1985, eu acho...

Zilar: Foi! Foi... Eu terminei em 1984, foi a primeira turma daqui de Patu. Em 1986 eu já tava ensinando...

Marcelo: Sim. Professora, no caso, tinha alguma outra formação pra lecionar além dessa que a senhora chegou a fazer?

Zilar: Não! Só teve essa aí, e não tinha mais capacitação nenhuma, não...

Marcelo: Certo... E, assim, os professores que não fizeram esse tipo de formação, era exigido algum tipo de formação pra eles lecionarem? Ou só ter o conhecimento...?

Zilar: Não... Era só chegar lá e ter o conhecimento. Tinha a necessidade, achava parente, às vezes, do diretor ou alguém da família, aí, botava lá.

Marcelo: Certo, tá certo... Professora, como a senhora iniciou ainda – pelo menos um ano, no caso – sem nenhum tipo de formação pra lecionar e depois disso a senhora fez o curso, mas ele era um curso de conteúdo, né? Como foi que a senhora fez pra ensinar sem... não tendo um curso? A senhora se espelhou em algum professor ou foi estudando...?

Zilar: Só nos meus... Foi. Nos meus professores de matemática, [no] que eles passaram, porque o que eu queria mesmo era matemática, que sempre gostei, e aquilo que você faz com amor... E ali não tinha negócio de planejar a aula, não. A gente já ia dando a aula sem planejar. Depois, eu já no Comercial, surgiu, apareceu o planejamento, que eu, a princípio, achava uma besteira, achava que não precisava, que eu já sabia aquilo tudo; mas, na verdade, eu me conscientizei que isso era importante demais o planejamento. A princípio ninguém... não tinha ninguém capacitado nem pra orientar nesse planejamento, mas, aí, o Estado já exigia esse planejamento...

Marcelo: Entendi... Professora, e existia, assim – mesmo depois –, passou a existir algum tipo de curso de formação de professores antes de criar o curso de graduação aqui da UERN?

Zilar: Não! Que eu tenha conhecimento, nenhum...

Marcelo: Nem um curso de capacitação que seja, que o Estado tenha oferecido por aqui? Nada, nesse período?

Zilar: Não... Só dava esse pra a gente. Aí, depois, pronto, esse mesmo acabou. E era... eles contratavam assim: indicado por alguém, por político, por isso, por aquilo outro.

Marcelo: Sim... Professora, e a formação no Rio Grande do Norte nesse período, que a senhora tenha conhecimento, além dessa, nenhuma outra?

Zilar: Nenhuma... enquanto eu fui professora. Depois, como diretora, não; já capacitavam os professores, de vez em quando apareciam cursos de capacitação pra todos os professores.

Marcelo: Isso na década de 1980?

Zilar: Não, não... Já agora, de 1990... A primeira vez que eu fui diretora foi em 1993, no governo de Zé Agripino, depois eu passei a ser diretora no governo de Wilma[32], e foi nesse governo de Wilma, enquanto diretora, que apareceram muitas capacitações pra professores. De todos os níveis, pro EJA, professor de EJA, pra tudo!

Marcelo: Certo... Professora, até chegar o curso da UERN aqui em Patu, se alguém quisesse se formar pra ensinar matemática, tinha que procurar fora? Tinha alguma possibilidade fora ou...?

Zilar: O pessoal tinha que sair pra estudar mesmo. Tinham professores do Estado que ia de noite pra Mossoró, fazia faculdade em Mossoró... eu conheci mais Pedagogia, do curso de Pedagogia... Ia toda noite! Iam umas três ou quatro pessoas, até se formar. É muita dedicação, não era? Em Matemática, só depois que apareceu o curso mesmo e foi muito bom.

Marcelo: Sim... Professora, aproveitando agora pra falar um pouquinho do curso da UERN. Ele começou em oitenta e um, não é? Assim que apareceu a possibilidade, a senhora já pensou em fazer?

Zilar: Foi! Assim que apareceu... eu acho que eu fui uma das primeiras a me inscrever no vestibular. Aí, eu ensinava... [...] de noite – eu tinha uma amiga minha que morava vizinho, e o namorado dela nessa casa vizinha a nossa também –, a gente deixava todo mundo dormindo e ia estudava até não sei que horas da madrugada, estudando pra fazer esse vestibular. [...] Só passava... no tempo que a gente fez, tinha trinta vagas, foi preenchido tudo porque todo mundo tinha condições de preencher, [porque] se não tinha a média pra passar, não passava; depois, passava dois, três, quatro, cinco alunos. Hoje em dia, não; hoje preenche até a última. Antigamente, logo que abriu, foi: só quem passava mesmo [era quem] entrava, mesmo que sobrasse vaga.

Marcelo: Certo... Como era o funcionamento do curso? Tinha uma estrutura boa... ou não?

[32] Wilma Maria de Faria é professora da UFRN e política. Ocupou os cargos de prefeita de Natal (1989-1993 e 1997-2002) e governadora do RN (2003-2006 e 2007-2010). Atualmente é vice prefeita de Natal.

Zilar: [...] Hoje a estrutura está melhor do que antes. Tinham bons professores assim... Hoje está exigindo mestrado, doutorado, especialização. Logo depois que eu entrei, que eu fui convidada pra ensinar na faculdade, a gente fez uma especialização, foi feito até aqui no Lima, pra todos os professores [da UERN]. Agora, não era na área específica, cada um... Era Metodologia do Ensino Superior e Pesquisa... Sim! O que era que eu ia voltar na faculdade...? O que foi mesmo que você pediu?

Marcelo: Eu perguntei em relação a estrutura do curso, no começo, né?

Zilar: Sim, a estrutura do curso era... Tinha o curso de Pedagogia, Matemática e Contábeis, pra mim o mais estruturado em termos de capacitação de professores, estava mais no curso de Matemática e Contábeis, do que mesmo de Pedagogia. Apesar de que o primeiro período era igual, todas as disciplinas iguais pra todos... Era matemática básica, português... e outras disciplinas que eu não me lembro mais. Aí, era conceito: A, B, C, D, E. Às vezes, a gente que estudava mais, pros colegas da gente não ficarem com a nota tão baixa, a gente deixava até de responder questões na prova, pra ajudar a eles, porque se a gente respondesse tudo, aí, ficava com A lá em cima, eles ficavam lá em baixo, porque era até o E. E o curso de Matemática, nós começamos com trinta, a gente saiu de lá bem com dez, ou foi doze... Eu acho que não foi nem isso tudo... Porque Matemática era mais puxado, era o povo só saindo, pra Pedagogia, pra outros cursos, mas deixando Matemática...

Marcelo: Entendi... Professora e em relação ao... Assim que começou, o campus aqui, ele funcionava junto com a escola, o Muncipal, não era? E tinha estrutura em relação a biblioteca...?

Zilar: Era, o Municipal, era... Tinha nada! A infra estrutura não existia, não. Era uma sala de aula comum; comum de primário, ginásio. Você não tinha nada! Aproveitava a estrutura da escola! Depois, fomos aproveitar a outra estrutura da outra escola acolá, que era do Xavier Fernandes[33]. De manhã a escola e de noite a faculdade. Hoje a faculdade está estruturada, até quando [aposentei], em 1999, não tinha tanto essa estrutura, não tinha melhorado. Melhorou um pouco, mas não tanto como hoje. Hoje tem laboratório de Matemática, tem biblioteca, tem auditório, tem muita [coisa], a infra estrutura muito boa, em relação ao que era... Logo no início era aula comum mesmo, só aula e pronto.

Marcelo: Sim... Professora, e em relação aos professores do curso, assim que começou, tinham muitos professores daqui, ou eram de fora?

[33] Escola Estadual Doutor Xavier Fernandes.

Zilar: Daqui mesmo... Não, tinha não. Raimundo era professor, mas era de Olho D'Água, que ele foi meu aluno e foi professor; depois veio Fátima Dutra que era daqui, que ainda foi minha professora... Quem era mais meu Deus? Tinha outros, tinha um de Caraúbas[34], que trabalhava no Banco do Brasil – até encontrei com ele um tempo desse lá no banco... – é Newton, trabalhava no Banco do Brasil de Caraúbas, e vinha dar aula aqui. Era assim... O diretor era João Ismar[35], ele ficava convidando um e outro pra dar [aula].

Marcelo: Sim, então, ele convidava pra ver se ocupavam as vagas, se tinha professor...

Zilar: Sim! Quando eu fui ensinar... Ele convidou: uma amiga minha, Elisabete, ela começou e desistiu, convidou outra aqui também, era... Uilma, também, que era a gente que sempre se destacava em todas as disciplinas, né? Então, ele convidou. Convidou, ela passou pouco tempo e desistiu. Uns bons, umas boas alunas lá do curso de Matemática... Eu comecei a ensinar metodologia científica... não; não era metodologia ainda... que ninguém queria, aí, eu peguei! E a outra pegou Matemática, que era melhor dentro daquilo que ela gostava mais, mas, o que aconteceu? Desistiu, aí, eu ocupei, fiquei com as duas disciplinas... Teve outros convidados que trabalhavam aqui no Banco do Brasil que foram dar aula, passou uns dois ou três meses também desistiam, era assim.

Marcelo: Sim... Não funcionava como uma espécie de contrato?

Zilar: Era um contrato, assim... que as viagens que eu fazia daqui pra lá [Mossoró], não davam pra pagar, viu? E mais: atrasava, na época... Atrasava, era particular a faculdade, e era muito pouco, pagava muito pouco na época. Mas, os outros achavam que era pouco e o tempo não dava, aí, desistiam; eu perseverei. Aí, quando estadualizou, era Padre Sátiro[36], convidou todos nós pra fazer o contrato direto.

Marcelo: Certo... Nesse período eram horistas, né?

Zilar: Era! Era horista... Tantas horas aulas... Não era um contrato, eram as horas aulas; você dava tantas horas aulas... Aí, quando estadualizou, a gente entrou. Padre Sátiro contratou todo mundo que já estava.

Marcelo: Professora e como foi o processo pra conseguir fechar o corpo docente do curso? Porque, como tinham esses que começavam e desistiam, começavam e desistiam, a senhora lembra quando conseguiram fechar o corpo docente do curso, ou não?

---

[34] Caraúbas, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, situada na mesorregião do Oeste Potiguar, microrregião Chapada do Apodi, dista, aproximadamente, 296 km de Natal e 49 km de Patu.

[35] O professor João Ismar de Moura foi o primeiro diretor do campus; o reitor, à época, era o professor Laplace Rosado Coelho.

[36] Padre Sátiro Cavalcante Dantas, foi reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte de 1985 a 1987. Foi durante o seu período à frente da instituição que houve o processo de Estadualização, passando de Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN) à UERN.

Zilar: Não, sempre era o diretor João Ismar que se preocupava muito, chamava um, chamava outro e, assim, aquelas pessoas que ele achava que tinham capacidade ia convidando e ia preenchendo aquelas vagas. Tinha professor que ensinava mais de uma disciplina, eu pelo menos quando tava ensinando a faculdade, teve um tempo que eu tinha quatro disciplinas. Era muita coisa, viu? Às vezes botava pra gente ensinar, mesmo a gente...

Marcelo: E a senhora ensinava na universidade e no Comercial?

Zilar: E no Comercial! Mas, depois, quando apareceu o negócio de aposentadoria, que não podia ter duas aposentadorias, todas duas pagar o IPE, aí, já fazia, eu já tinha vinte e seis anos aqui no Estado, eu só tinha vinte horas na faculdade e quarenta no Estado, então, eu incorporei tempo de serviço e fiquei só na faculdade. Aí, eu tinha vinte e oito anos e não sei quantos meses, quando me aposentei, porque dava direito ao professor da faculdade, com vinte e cinco se aposentar. Hoje não dá mais, a última turma fui eu... Quarenta e nove anos tava aposentada já.

Marcelo: Ah, certo... Professora, e a formação de professores no Rio Grande do Norte e as outras regiões do estado? A senhora lembra se, durante o período que a senhora cursou a graduação, vinham muitos alunos de fora fazer o curso?

Zilar: Vinham... Aqui fazia. Vinha gente de Caraúbas, Janduís[37], Messias Targino, Belém[38], Catolé do Rocha[39]... Tinha aluno aqui de Janduís, Campo Grande[40], por exemplo, que eles vinham em cima de um caminhão, em cima de um caminhão, no tempo de inverno não dava passagem porque a estrada era de barro. Eles iam rodeando Caraúbas, dormia em Caraúbas, chegava na cidade deles já quase na hora de voltar pro colégio. Era uma dificuldade muito grande desses alunos que vinham de fora. Não tinha ônibus, não tinha essas bestas, né? Vinham de caminhão, em cima de caminhão... de todo jeito. Esses coitados sofriam, viu? Era sofrimento.

Marcelo: Sim. Então, as cidades vizinhas todas vinham buscar formação aqui?

Zilar: Todinhas, inclusive as da Paraíba mais próximas. Catolé do Rocha nós tínhamos uns três colegas ou mais de catolé do Rocha, e outros, tinha de Belém também... Um dia desses, outro passou aqui, fazia tanto tempo que eu não via, foi aquela alegria! (risos)

---

[37] Janduís, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte. Situada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião do Médio Oeste, dista, aproximadamente, 286 km da capital Natal e 41 km de Patu.

[38] Belém do Brejo do Cruz, cidade localizada na Paraíba. Situada na Mesorregião do Sertão Paraibano, Microrregião do Catolé do Rocha. Localiza-se a, aproximadamente, 18 km de Patu e 396 km de João Pessoa.

[39] Catolé do Rocha, cidade também do interior paraibano. Situada na Mesorregião do Sertão Paraibano, Microrregião homônima. Localiza-se a, aproximadamente, 31 km de Patu e 434 km de João Pessoa.

[40] Campo Grande é uma cidade localizada na Mesorregião do Oeste Potiguar, Microrregião do Médio Oeste, interior Potiguar, distante aproximadamente 273 km da capital Natal e 56 km de Patu.

Marcelo: Eita... (risos) Está certo! Professora, e as escolas e o cotidiano durante o exercício do magistério? Durante o período que a senhora ensinava, a senhora lembra o cotidiano? Mudou muito da época que a senhora estudava, ou não, permaneceu...?

Zilar: Não, durante o período que eu ensinei não mudou muito, não. As escolas ficaram, eram quase a mesma coisa... Não mudou muito, não. Agora, de minha mãe até onde eu estudei, que eu tenho experiência e do que eu ouvia ela falar, a diferença era grande. Mas... durante o tempo que eu estudei e ensinei, não teve essas mudanças todas. Só o aluno que era mais atencioso... Parece que as pessoas que iam estudar, iam porque queriam, porque precisavam; hoje todo mundo estuda, vai pra escola, né? A educação dos pais, hoje em dia, tá deixando tudo, a responsabilidade toda em cima da escola; educar e tudo os seus filhos... a responsabilidade da educação das escolas tá muito maior do que antigamente.

Marcelo: Sim... E durante o período que a senhora ensinou na universidade, professora, a senhora lembra como era o cotidiano de lá da UERN, da FURRN?

Zilar: Era... era essa mesma coisa de dar aula... A gente não tinha essa obrigação de fazer, passar horas no departamento, como hoje tem, mas ninguém fica, né? Não existia o planejamento, depois foi que começou a existir planejamento na UERN; a gente fazia aquele planejamento anual... e depois é que foi uma exigência maior, mas antes não. No começo, quando eu ensinava, era o mesmo jeito que eu aprendi, era o do tempo de quando eu era aluna. Continuou do mesmo jeito. Eu fui professora muito tempo de prática de ensino, da prática; quando eu tinha só vinte horas, toda a vida era a prática. Andava nessas cidades vizinhas acompanhando o aluno, depois foi que eu peguei mais disciplinas, depois que eu deixei a escola.

Marcelo: Então, quando a senhora foi professora de prática de ensino, a prática de ensino ela era dada nas cidades dos alunos?

Zilar: Era! A gente ia visitar os alunos em todas as cidades aqui... É tanto que eu conheço essas cidades vizinhas todas e o PROFORMAÇÃO além das cidades, era nas zonas rurais; a gente tinha canto de não poder nem o carro ir, às vezes andava de moto pra ir observar o aluno... Continuei na prática também no PROFORMAÇÃO.

Marcelo: Sim... Professora, vou aproveitar pra fazer uma pergunta sobre o PROFORMAÇÃO. O PROFORMAÇÃO era pra formar professores polivalentes que moram na zona rural, principalmente, que atuavam e que não tinham formação? É isso? O PROFORMAÇÃO ele funcionava num modelo especial de formação, a senhora poderia falar um pouquinho dele?

Zilar: Era... Foi! Do PROFORMAÇÃO? Era assim... os alunos desses curso eram os próprios professores, Estado e Municípios, a princípio. Então, eram aquelas disciplinas do curso de Pedagogia. Eu ensinava metodologia do trabalho científico e ensinei prática. Os outros professores, aquelas disciplinas mesmo do curso de Pedagogia. Agora, de uma maneira já toda programada, específica pra aquilo. Não era tão intensivo como o curso normal de Pedagogia. Era num período menor; era aos sábados que a gente dava aula, o dia todo, e a gente ia de município em município. Depois o Estado não liberou mais para os professores do Estado, passou a ser só do Município, aí, a dificuldade era maior. A gente começou até recebendo um valor muito mais alto, depois foi baixando, porque passou a ser só Município. Aí, o coordenador tinha que ir aos Municípios, ir atrás, convencer os prefeitos a botar esses alunos, esses professores, depois era uma dificuldade pra receber esse dinheiro, lá vai reunião com os prefeitos... Aí, foi se acabando; acho que também não tinha mais ninguém pra [formar]... Já no começo, a seleção foi boa porque tinha muita gente boa e preenchia aquelas vagas e não sobrava, faltava vagas, né? Depois, já tava sobrando vaga, aí, entrava todo... Você não imagina quantas professoras leigas a gente pegou ali, que não tinha condições nenhuma de estar na sala de aula, pelo amor de Deus! E o trabalho final era uma monografia, você falava tudo da sua vida desde a infância e tudo, falava tudo.

Marcelo: Certo... Professora, aí, as aulas eram só aos sábados do PROFORMAÇÃO?

Zilar: Só! Só sábados e feriados; quando tinha um feriado também, a gente dava.

Marcelo: Certo, está bem, obrigado. Professora, pra senhora, como foi o exercício do magistério?

Zilar: Como foi? Pra mim, foi muito gratificante, muito mesmo! Até hoje eu sinto falta. Pra mim, eu tanto aprendi como ensinei, e minha gratificação maior é em todo canto você encontrar um aluno seu, chamar você de professora, que aprendeu... E o contato com o ensino; a gente vai crescendo como pessoa, como profissional, a cada dia, tem a necessidade de estar se aprofundando mais naquilo que a gente ensina. Isso, pra mim isso foi muito gratificante. Até hoje não teve nenhum filho meu que quis, nem filha, mas, pra mim, se eu fosse trabalhar, ainda voltaria a dar aula... não ia [fazer] outra coisa a não ser dar aula.

Marcelo: Sim... E pra senhora, Patu no início do magistério, professora?

Zilar: Patu foi tudo; foi aqui que eu comecei, foi aqui que eu terminei.

Marcelo: Certo... E o Rio Grande do norte?

Zilar: O Rio Grande do Norte foi o início também, que eu era contratada pela secretaria de educação do Estado, né? Depois pela UERN, foi também tudo isso... O início do magistério foi todo aqui no Rio Grande do Norte, especificamente Patu, né?

Marcelo: Sim... Professora, e o magistério em Patu?

Zilar: O magistério em Patu? Pra mim... Como é que ele está?

Marcelo: Como ele foi pra senhora e como está agora? Como foi ter sido professora em Patu? O que a senhora acha?

Zilar: Pra mim foi muito bom, eu não conheci outra realidade, né? Só conheci Patu. Pra mim foi muito bom, tanto no Comercial, que foi onde eu ensinei, como na faculdade; pra mim foi muito bom. Depois, como dirigente também. Tudo isso foi uma aprendizagem muito gratificante.

Marcelo: A senhora nunca pensou em ensinar em outra cidade, em outro local não?

Zilar: Não, porque nunca pensava em sair daqui, né? Nunca saí, porque eu tenho um marido que ele diz que daqui não sai, só quando morrer... (risos)

Marcelo: Certo... E o mesmo seria o magistério no Rio Grande do Norte, então? Certo! Professora, e Patu hoje, no contexto atual, como é que a senhora acha que está a cidade hoje?

Zilar: A cidade... Ah, Tem melhorado muito Patu, em termos de infra estrutura, termos de saúde, educação; melhorou muito, muito mesmo. Tanto na parte das escolas Estaduais como Municipais. Saúde também tem melhorado, que antigamente você não tinha nem médico pra ser atendido. Desde que a universidade chegou aqui foi um avanço pra Patu, né? Que já formou muita gente e tem melhorado muito. No contexto atual de Patu, em todos os sentidos, na parte social, eu acho que tá bem... Eu acho que tem melhorado bastante. Está bem melhor em termos de capacitação do professor e o leque está muito grande em relação a outros tipos de disciplinas. A escola não está se limitando a ensinar aquilo – decorar, como eu já disse –, português, matemática, história e geografia, né? Agora estão ensinando muitas outras coisas pra juventude. Se eles quiserem, eles vão ser bem mais preparados do que antes.

Marcelo: Sim... Professora, e o Rio Grande do Norte no contexto atual?

Zilar: Ruim! (risos) Nesse contexto atual o Rio Grande do Norte eu acho que tudo está... está do jeito que tava ou pior. [...] Com a nossa governadora aí, Rosalba, que eu votei nela e pensava que ia mudar, mas eu acho que... É tanto que [está] aí; até a escolha pra ser reeleita, pra ser candidata outra vez não... a própria turma dela mesmo não aceitou. Eu acho que o Rio Grande do Norte está uma calamidade, em saúde, educação, principalmente segurança. [...] tá um caos a segurança.

Marcelo: Verdade... Professora, e o ensino de matemática hoje, pra senhora?

Zilar: O ensino de matemática hoje... [...] Eu venho acompanhando o ensino do meu neto aí e tá bem melhor. Ele está aprendendo bem melhor, de uma maneira mais ampla, e hoje mesmo eu tava até perguntando... Mas, matemática não muda, é uma ciência exata, que é uma coisa bonita, é a disciplina mais bonita que existe é a matemática; é a metodologia, né? De como transmitir essa matemática de hoje... como a do passado, você estudava a tabuada, decorava; hoje, você estuda [também]. Eu sou a favor de decorar a tabuada. Esse meu neto aí, desde que entrou na escola, que é um pouco tradicional, é tabuada; ele sabe toda, toda, toda, e facilita. Mas, de uma maneira dentro da realidade; ele já trabalha a matemática, a tabuada, dentro daqueles problemas. Aqueles problemas, antes a gente não estudava, eram só aquelas contas enormes, e não sabia o porquê. Mas hoje ele estuda tabuada, sabe a tabuada, e sabe dentro da parte pedagógica e didática de cada livro, amplia muito mais. Mas, é aprendendo a tabuada! Mudou muito nesse sentido: dá sentido. Porque a gente via antigamente o aluno... sabia lá fora vender um picolé, dar troco e tudo, mas quando chegava [na escola], era uma decepção maior do mundo, não sabia matemática dentro da sala de aula, porque era distante da realidade, da prática de cada cidadão, de cada criança. Aí, tinha pavor. Mas hoje, não. Está dentro da realidade dele, dentro do contexto, né?

Marcelo: Sim... Professora, agora, só pra finalizar, eu queria pedir pra senhora fazer algumas considerações. Fique a vontade. Quiser falar alguma coisa que a senhora ache que eu não dei oportunidade de falar, ou aprofundar algum assunto, pode ficar bem à vontade.

Zilar: Não... Eu achei muito bom, muito boa essa entrevista. Falei; acho que eu falei demais, me empolguei demais... Eu achei maravilhoso. E você também; as perguntas muito direcionadas dentro desse contexto mesmo que eu sei informar, do que estou sabendo dentro da minha profissão, e eu acho que dentro daquilo que você queria saber... não sei se minhas respostas foram convincentes, mas eu, pelo menos, disse aquilo que eu passei na minha vida enquanto professora, enquanto aluna, enquanto mãe, enquanto tudo. Foi muito bom. Eu espero que cada dia mais vocês ame aquilo que você faça e repasse isso pra seu aluno, um dia que for professor – que você tá no caminho pra se professor, né? Na hora que você passa esse amor, essa dedicação, com certeza o ensino da matemática, como qualquer outro ensino, vai ficar bem melhor...

Marcelo: Ah, sim, com certeza... Professora Zilar, eu agradeço muito a disponibilidade da senhora e com certeza a entrevista vai ajudar bastante! Não foi muito, na verdade, foi ótimo tudo o que a senhora disse; eu agradeço mesmo!

Entrevista com a professora Zilar

Duração da Gravação: 01h 43min 06s

Local: Residência da colaboradora (Patu)

Data da entrevista: 29/07/2014

Professor Luis



Marcelo: Professor, o senhor poderia, por favor, começar fazendo uma apresentação pessoal?

Luis: Bem... É com o nome completo? Meu nome é Luis Gonzaga Vieira Filho, [nasci em] dezoito de fevereiro de 1957. Sou natural de Cascavel[1], Ceará. Fiz graduação, bacharelado em Matemática, na Universidade Federal do Ceará... Quando eu terminei, ingressei no mestrado, mas, apareceu o concurso aqui, eu fui aprovado, comecei a trabalhar aqui e deixei o mestrado lá, depois retomei, tive insucesso, voltei pra cá e... depois eu me afastei novamente e concluí o mestrado, na área de Matemática, em Geometria, Geometria Riemmanniana.

Marcelo: Certo... Professor, o senhor poderia falar um pouquinho da família?

Luis: Bem... Meus pais... Luis Gonzaga Vieira, minha mãe Ilda Gonçalves Vieira, somos oito irmão, eu sou o mais velho da família... Minha mãe, minha mãe era analfabeta, papai estudou até, na época, talvez, até o quarto ano. Papai é vivo ainda e, como se diz, bem versátil. Na época, quando ele trabalhava, era mais novo, ele fazia... ele era pedreiro, carpinteiro, ele

[1] Cascavel é uma cidade da região metropolitana de Fortaleza. Está na Mesorregião do Norte Cearense, Microrregiõe homônima, distante, aproximadamente 62 km de Fortaleza e 371 km de Caicó.

mexia com um monte de coisa. Eu vou dar, assim, um exemplo: uma casa de farinha, ele fazia tudo, levantava as paredes, deixava a casa de farinha funcionando; engenho de rapadura, mesma coisa; maquina de costura lá na região dava prego, quem ia consertar era ele. Ele fazia tudo isso. Eu não sei como ele aprendeu essas coisas, mas ele consertava, ele vivia sendo solicitado pra isso. Na época, eu era criança, morava em cascavel, na verdade, em um distrito de Cascavel que se chama Guanacés, em um sítio chamado Sítio Goes; a gente morava nesse sítio. Aí, a gente foi... através desse trabalho dele, ele conseguiu muitas amizades, inclusive com gente da igreja católica. Tinha um padre que gostava muito do serviço dele, ele passou a ser motorista também, ele era motorista da igreja; o padre foi transferido para Fortaleza[2] e a gente acompanhou o padre. A família toda foi com ele. Isso foi em 1967, eu ia completar dez anos de idade. [...] Na época, só éramos seis irmãos, nasceram mais dois em Fortaleza, ainda – são quatro homens e quatro mulheres. Aí... lá em Fortaleza, quando eu cheguei, eu tinha feito o segundo ano primário lá em Cascavel, mas, quando eu cheguei em Fortaleza, o pessoal achou que o estudo no interior era mais fraco, eu tive que repetir o segundo ano primário, não é? E naquele tempo o primário... eu acho que é a primeira parte hoje, é o equivalente ao segundo ano hoje. Esse ensino ele não era um ensino formal, mas, de qualquer forma, eu tive que fazer o segundo ano; fiz o terceiro, o quarto, do quarto ano é que eu fui fazer o exame de admissão[3] pra entrar no ginásio. A partir daí o ensino era formal.

Marcelo: Certo, professor... O senhor já acabou falando um pouquinho agora, mas, o que o senhor me falaria da infância?

Luis: A infância... Até os dez anos, eu fiquei morando lá no sítio Goes, não é? [...] Apesar de ter... a gente tinha obrigações; a gente amanhecia o dia, antes de tomar café, a gente saía pra trazer água pra encher os potes, essas coisas todas... A gente fazia isso, depois é que ia tomar o café, não é? Às vezes até o café da manhã a gente ajudava a fazer; quando era cuscuz, a gente ia pegar o milho, ia moer o milho, pra fazer o cuscuz ainda. Tudo isso a gente... Agora, a gente se divertia também. Tinha um açude por perto, a gente ia pescar, tomar banho, eu caçava de baladeira[4], aprendi a armar fojo[5], pegava preá[6], armava arapuca, pegava nambu[7], era

[2] Fortaleza, capital do estado da Ceará, está localizada a, aproximadamente, 530 km de Natal e 435 km de Caicó.
[3] O exame de admissão era uma prova que selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial. Criado pelo Decreto 19.890, de 1931, foi extinto com a promulgação da Lei 5.692, de 1971.
[4] Também conhecido como estilingue, atiradeira, ou funda, é uma pequena arma, forquilha, normalmente feita de madeira e elástico, utilizada para arremessar objetos, normalmente, pedras.
[5] Fojo é uma armadilha comumente utilizada no interior nordestino para caçar pequenos animais.
[6] Preá é o nome popular de um animal, mamífero, roedor, muito comum na região, em locais com farta vegetação.
[7] Também popularmente conhecida como inhambu, inambu, inamu e nhambu, é uma ave típica das regiões Norte e Nordeste brasileiros.

um monte de coisa, não é? Era muito... Eu não achei ruim a minha infância, até os dez anos... é tanto que, quando eu fui pra Fortaleza, eu ficava torcendo pra que chegasse as férias pra ir pra lá fazer essas coisas (risos). Naquele tempo também a gente não tinha muita... variedade de brincadeira, eram aquelas coisas simples, mas, o que tinha eu aproveitava. Construía os próprios brinquedos (risos), você não comprava os carrinhos já prontos. Primeiro que ninguém tinha dinheiro... A gente fazia os carrinhos e saía se mostrando por aí (risos). Pois é... Carrinho de lata, fazia de madeira... papai tinha as ferramentas, não é? Ele não gostava que a gente mexesse nas coisas dele, mas quando ele se afastava, a gente pegava e procurava ver como era que estava; aí, tirava e procurava deixar tudo no mesmo lugarzinho pra não deixar vestígio e... [assim,] a gente conseguia fazer as coisas. (risos)

Marcelo: Sim... Professor, e a juventude?

Luis: A juventude... foi mais, assim, estudando mesmo. Estudando, gostava de praticar esporte, inventava de jogar futebol, de jogar handebol, até basquete! (risos). A altura sem favorecer, mas inventava até de jogar basquete. Aí, era muito, assim, agitado, nessa parte. Eu estudava, na parte da tarde e às vezes ficava no colégio, por conta de esporte que eu me metia, até o horário da noite, do período de aula, esse tempo todo, só chegava em casa lá pra dez, onze horas da noite. Era tranquilo naquele tempo, Fortaleza não era agitada, a gente ia a pé, e não era tão perto, não... acho que dava em torno de uns... mais de seis quilômetros; a gente andava a pé, mas não tinha problema. Chegava em casa tranquilo, não tinha problema algum.

Marcelo: Certo... Professor e como era o cotidiano da cidade onde o senhor cresceu? Na verdade, até os dez anos o senhor disse que cresceu no sítio, depois é que foi pra Fortaleza...

Luis: É! Quando fui pra Fortaleza, era uma cidade calma... Aí, lá era o seguinte: papai morava numa casa, onde funcionava casa paroquial, uma escola – que era chamada de escola profissional, mas, na verdade, não funcionava como escola profissional, era da igreja essa escola; a gente também ajudava em algumas tarefas lá da escola – e tinha também uma parte nessa escola que funcionava uma fábrica de mosaicos, uma fábrica de grade de ferros. Na fábrica de mosaico, a gente, eu e meu irmão – eu, o mais velho, e ele em seguida a mim –, fazia de manhãzinha um processo que eles chamavam de virar o mosaico. A gente tirava das grades que tinham lá, tirava o calço, porque ficava o... O mosaico é tipo uma cerâmica, só que é feito de cimento; é um processo todo... por cima é colocado tinta, depois uma areia fina, uma areia grossa, bota em uma... tipo, assim, numa forma – eu não estou lembrando o nome que eles chamavam –, aí, colocava numa prensa, você tirava, colocava um mosaico já usado, que não prestava, pra servir de suporte pra aquele que estava frágil ainda – naquela época a

gente chamava de mole; só podia mexer isso no outro dia e pra o processo ficar completo, tinha que ser mergulhado de um dia para o outro. Então, de manhãzinha a gente tirava dessas grades que eram empilhadas, e colocava dentro de um tanque com água; tirava o que tava molhado lá do tanque, colocava o outro pra o dia seguinte. A gente era criança; criança, assim, na faixa... eu comecei a fazer isso, talvez com uns onze anos, mais ou menos, até quatorze, quinze anos eu fazia isso. Todo dia de manhã, com exceção do domingo, a gente fazia essas coisas. Depois, fazia as obrigações de dever de casa do colégio. Minha mãe era analfabeta, mas ela tinha uma preocupação da gente estudar, não é? E... pelo respeito que a gente tinha a ela, sabíamos que ela não sabia ler, mas, não tinha coragem de mentir pra ela; sentava lá e ficava fazendo as tarefas, pra, depois... ela só deixava a gente sair pra jogar bola, alguma coisa assim, depois que cumprisse a tarefa; aí, como não tinha coragem de mentir pra ela, a gente pegava e fazia a tarefa, porque, se não, não ia jogar bola (risos). Era... Mas era legal o cotidiano. Apesar da gente... viver com muita dificuldade, mas a vida não era ruim, não.

Marcelo: Sim... E no sítio, professor? O senhor falou um pouquinho como era o dia a dia, mas... Tinha muita diferença da cidade?

Luis: Lá tinha, tinha... Tinha, porque... Assim, as próprias amizades; a da gente no sítio era mais... mais tranquilo. Na cidade, a gente... a gente tinha, sei lá, uma desconfiança; a gente não confiava em todo mundo, não é? Ficava com medo de... algumas pessoas se aproximavam, assim, da gente, mas a gente tinha receio do que é que aquelas pessoas queriam... Era um pouco diferente. No sítio era mais tranquilo.

Marcelo: Certo... Professor, e como era a educação, tanto no sítio quanto lá em Fortaleza, quando o senhor chegou?

Luis: Era bem diferente, não é? (risos) Assim, no sítio a gente estudava numa sala, a professora ela era da carta do ABC até o quarto ano; aí, imagine que essa professora só tinha o quarto ano, ela ensinava até o quarto. Era tudo misturado, a gente ficava tudo ali naquela sala, era um negócio; eu não sei... Mas, ela dava conta. E fazia as tarefas! Tinha, tinha pra cada [nível]... por exemplo, no segundo ano, tinham aquelas tarefas para o segundo ano, por exemplo, tabuada. A gente era obrigado a decorar a tabuada e ela fazia assim, uma sabatina e não era fácil, não. Eu, como nunca gostei de apanhar, eu procurava estudar a tabuada; eu não sei se é porque eu também tinha facilidade, mas, eu decorava a tabuada e não apanhava. E quem batia, não era a professora, era o colega, com uma palmatória! [...] E por incrível que pareça a palmatória tinha sido feita por papai; e não era uma palmatória... a bicha não era de

uma madeira maneira, não, era de uma madeira pesada, era firme! Era ruim porque... [...] quando perguntava a um aluno, e ele não sabia, perguntava ao seguinte, se ele soubesse, ele batia no que não sabia, aí, era muita gente chorava, erro horrível! Aí, aquele negócio, pra mim... e eu procurava estudar pra evitar de apanhar, não é? Na cidade, não; quando chegou em Fortaleza [era] diferente. Uma sala com bem muita gente... Não sei precisar a quantidade de gente, mas era bem razoável, em relação ao sítio, era bem diferente. E uma professora pra ensinar só a gente, ela não desviava atenção pra outras coisas, era só ligar pra aquela turma. Já comecei a achar diferente.

Marcelo: Sim... Professor, e no sítio tinha uma escolinha ou era na casa de alguém?

Luis: Era na casa de um dono de um sítio, uma pessoa mais abastada, não é? Inclusive a dona da casa era irmã da minha avó... minha avó por parte de pai. Aí lá era uma casa maior, e tinha uma sala destinada à sala de aula; não era uma escola, não, era uma sala da casa, que era destinada pra essa sala de aula.

Marcelo: Entendi... Aí, tinha aula lá pela manhã e a tarde, ou era só um horário?

Luis: Só pela manhã para todos. Nós tínhamos que andar a pé... na época eu achava muito longe, não é? Eu não sei bem precisar a distância, mas não era [perto]... A gente demorava um pouco pra chegar à escola. Na volta, já voltava com fome pra casa; no sol, aquele sol quente. Mas, às vezes a gente nem ligava, porque era um bocado, era uma turma grande que saía... porque os caminhos, assim, no sítio, eles são feitos, de acordo com as casas que tem, não é? Então, a gente ia passando e os outros, aqueles que estavam mais a frente, só iam depois que a gente passasse. Então, chegava um monte de gente. Ia todo mundo junto... A gente saía armado pra escola; todo mundo ia com baladeira, com bornal[8], todo prevenido. Não entrava na escola com essas coisas, a gente deixava num local guardado, escondido no mato; na volta a gente pegava, se visse um passarinho, um negócio, a gente atirava... essas coisas todas. Na volta sempre tinha confusão... porque, acho que o pessoal tava um pouco, assim, cansado, aí, quase todo dia tinha uma briga; mas, o interessante é que tinham essas brigas, quando era no outro dia tava todo mundo bem de novo, por isso que era, assim... Não era ruim, não. A gente tinha medo na hora da briga, mas, no outro dia estava todo mundo bem (risos).

Marcelo: Certo... Professor, para o senhor, nesse período, o Rio Grande do Norte? O senhor ouvia falar, conhecia...?

[8] Um tipo de bolsa usado para carregar objetos.

Luis: Eu ouvia falar... [...] Assim, porque eu tinha um tio que morava em Ceará Mirim[9]... Mas, não conhecia nada do Rio Grande do Norte.

Marcelo: Sim... E do Ceará, professor, o senhor tinha...?

Luis: Também não; não conheço muito o Ceará também, não. Minha mãe era do Cariri, de Brejo Santo[10], mas ela não tinha... Assim, ela foi nova pra Fortaleza, perdeu os pais e não tinha muito contato com a família lá; a gente nem conhecia o Cariri. Eu só fui conhecer o Cariri muito tempo depois. [...] E do Ceará mesmo, eu conheço poucas cidades também. Li alguma coisa, aquelas coisas obrigatórias do ensino, que a gente sempre lê, mas conhecer mesmo o Ceará, eu não conheço. Eu conheço... Hoje eu conheço mais o Rio Grande do Norte do que o Ceará...

Marcelo: Certo... Professor, e a educação familiar?

Luis: Assim, com relação a minha...? Era aquele negócio, mamãe era quem... [...] Quando a gente morava no sítio, papai vivia muito tempo fora, trabalhando, não é? Então, a gente morava com os avós paternos; mamãe ficava lá, fazia as coisas, tomava de conta da gente, da casa, juntamente com vovó; vovô, agricultor... A educação era dada, assim, mamãe, vovó, não é? Vovô era mais pra dar castigo (risos). Agora, era aquela educação um pouco rígida. A gente não tinha muita liberdade, não. Era educado, assim, nos chamados bons costumes... Pra a gente não fazer mal a ninguém, não... Era, assim, pra a gente ter uma vida de não fazer coisa que não presta – chamava assim –, pra seguir um caminho reto, não é? Mais ou menos nesse sentido...

Marcelo: Certo... Professor, e a escola e a rotina escolar? O senhor lembra como era?

Luis: [...] Lá no sítio era... a gente tinha... Na escola, primeira dificuldade: livros. Livro era repassado de um irmão pra outro e a gente não escrevia nada nos livros, pra ver se o livro ficava durando mais, não é? E a ajuda que a gente tinha... mamãe era analfabeta, vovô era analfabeto, vovó analfabeta; quem sabia alguma coisa era papai, e papai vivia o tempo todo trabalhando. Então, na parte inicial era muito complicado. A gente ficava esperando... chegava da escola na hora do almoço – não sei a hora que a gente chegava, não tinha relógio –, aí, almoçava; a tarde ia brincar, fazer algumas atividades que mandavam a gente fazer. Pra ajudar no dever da escola, de manhã, a gente esperava um parente de vovó – não estou bem lembrado o nome dele, chamava, eu acho que era, seu Raimundo Galdino –, que ele era uma

[9] Ceará Mirim é uma cidade localizada na Mesorregião Leste Potiguar, Microrregião de Macaíba. Distante aproximadamente 28 km da capital Natal e 287 km de Caicó.

[10] Brejo Santo é uma cidade do interior cearense. Localizada na Mesorregião Sul Cearense, Microrregião homônima, está distante, aproximadamente, 510 km da capital Fortaleza e 293 km de Caicó.

pessoa que, lá na época, era quem fazia as cartas de quem tinha necessidade de fazer carta pra mandar... Aí, ele ajudava a fazer o dever de casa. Isso, de manhã antes de ir [pra escola], ele passava bem cedo, aí, ajudava a gente, a mim e ao meu irmão, a fazer o dever de casa. Quando estava começando, não é? Porque a gente não sabia ler aquelas coisas, ele dava uma ajuda ali, aí, a gente ia pra escola com o dever, assim, mais ou menos feito com a ajuda dele. Já em Fortaleza foi mais fácil, [porque] no segundo ano já sabia ler... O que me levou a querer aprender a ler é que eu via uma coisa, por exemplo, via uma revista, via aquelas figuras, aí, só via as figuras. Já tinham umas revistas coloridas – apareceram lá por casa, lá no sítio mesmo – , eu não... [...] "só olhar as figuras? Não, tem que aprender a ler pra...". A gente vê aquele emaranhado de coisa ali, não é? E foi assim; o primeiro passo que me fez ter vontade de estudar foi esse. Primeiramente aprender a ler, pra entender o que era aquilo dali, não é? Porque só olhar as figuras pra mim não era suficiente...

Marcelo: Sim... Professor, lá em Fortaleza o senhor estudou em que escola?

Luis: Era... Até o quarto ano, do segundo ao quarto ano, foi na escola... Escola profissional... Rapaz, como é o nome? Não estou lembrado. Escola Profissional... [...]

Marcelo: Mas não tem problema... Era essa da igreja que o senhor falou?

Luis: Era, exato... Era Escola Profissional, não sei se era, eu acho que ela tinha um nome lá, mas eu não estou lembrado... [...] É... Não estou bem lembrado o nome.

Marcelo: Tudo bem. Não tem problema. Mas, era essa da igreja; aí, o senhor fez até o quarto ano primário?

Luis: Até o quarto ano primário... Depois, final de 1969, eu tava terminando o quarto ano, aí, fiz o exame de admissão pra o colégio Estadual, era o Colégio Estadual Presidente – era bem grande – Presidente Umberto de Alencar Castelo Branco... Aí, eu passei, fiz o ginásio, que foi do primeiro ano ginasial, segundo ano ginasial, depois veio uma reforma e passou, ao invés de ser ginásio, foi... quinta série, sexta série, sétima série e oitava série. Eu peguei no meio: a sétima série, que naquela época era equivalente ao terceiro ano ginasial, e oitava série, equivalente ao quarto ano ginasial; e depois entrei no segundo grau, não é? Que aí já era o ensino técnico também, fiz nesse colégio. Eu optei por fazer contabilidade. Aí, fiz o primeiro e o segundo ano à tarde... Isso, eu já tinha completado dezoito anos e tava querendo trabalhar também, não é? Aí, apareceu um concurso no tribunal de justiça lá do Ceará, pra oficial de justiça, e na época só exigia... não exigia nem o ginásio, exigia somente o que seria equivalente ao quinto ano primário, que não era obrigatório o quinto ano primário, mas eu tinha como comprovar que já tinha porque eu já tinha feito o ginásio, não é? Fiz o concurso e

passei em segundo lugar no concurso. Assim, eu fiquei muito satisfeito porque quem passou em primeiro lugar era uma pessoa que já era aluno de Engenharia, e eu tava fazendo o segundo ano, o segundo ano do segundo grau, não é? Passei em segundo lugar, eu achei muito bom. Só não... Pode falar logo? Só não achei muito bom foi o trabalho, porque... eu não imaginava como é que era o tipo de trabalho, era oficial de justiça... Apesar da maior parte ser um trabalho interno, o trabalho externo não era muito grande, mas tinha que fazer algumas atividades externas: cumprir mandato, essas coisas assim. E o interno era uma coisa que eu não gostava muito... era muito formal! Tinha que usar palito e umas coisas, esse tipo de coisa que eu nunca gostei, não é? (risos) Eu nunca gostei dessas coisas. E eu passei algum tempo lá trabalhando. Quando eu comecei o terceiro ano, comecei também a trabalhar; passei a estudar a noite. Estava também me preparando... fazendo o terceiro ano, trabalhando no tribunal e querendo fazer também o vestibular; e sem fazer cursinho, não é? O dinheiro também não dava pra pagar um cursinho. A gente estudava, fazia um grupo de estudo, alguns colegas, aí, a gente ficava estudando... matemática e também tinha outras disciplinas também, porque... quando eu cheguei no terceiro – lá separava em bimestre, era notas por bimestre, então, eram quatro bimestres ao longo do ano –, quando era no terceiro bimestre, eu já estava com nota suficiente pra ser aprovado, aí, eu falava com os professores pra eu não assistir aula – por exemplo, assistir aula de contabilidade – de algumas disciplinas lá que não iam me ajudar em nada no vestibular, [pedia] pra eu ser dispensado das aulas; os professores pegavam, dispensavam e me davam as notas (risos), e eu ia pra casa estudar com os colegas, não é? É tanto que lá em Fortaleza, na época, tinha um curso que se chamava Curso Esquema, e tinha uns colegas que iam estudar lá com a gente que eles faziam esse cursinho do Curso Esquema, aí, levava o material pra a gente e a gente estudava numa garagem que, por acaso, ficava numa esquina, a gente colocou que era o curso esquina (risos). Curso Esquema; a gente estudava no curso esquina. Aí, fiz o vestibular... Na verdade, eu queria fazer o vestibular pra Engenharia; como eu não, achei que não estava preparado, fiz pra Matemática. Não passei da primeira vez, fiquei no terceiro classificado – foi, acho que foi o terceiro –, chamaram até o segundo. Foi; quando foi no... havia dois vestibulares no ano, eu não passe para o primeiro semestre, aí, fiz outro vestibular para começar no segundo semestre. Nesse eu passei; fiz pra Matemática e passei, não é? Quando eu comecei o curso eu... esqueci totalmente a Engenharia. Eu, assim, achei que era aquilo mesmo que eu queria... é tanto que com pouco tempo, acho que já foi no terceiro período do curso, se eu não me engano foi no terceiro

semestre, eu consegui uma... eu acumulei: tinha Crédito Educativo[11], que era pra manutenção, os alunos das universidades federais também tinham direito – era uma ajuda, uma bolsa –; eu consegui ser aprovado numa seleção pra ser monitor de cálculo; e, não havia proibição de acumular, eu consegui também uma bolsa de iniciação científica do CNPq. Aí, deixei de trabalhar; deixei o emprego lá de oficial de justiça que eu não era... não era muito bem a minha praia, eu não me sentia muito a vontade lá e passei a ficar só estudando. Passava o dia lá na universidade.

Marcelo: Certo... Professor, e a rotina dessas escolas que o senhor estudou? Tanto na escola profissional quanto, depois, no ginásio e no ensino médio, era muito parecido ou... mudou muito de uma pra outra? O senhor lembra?

Luis: Assim, da escola que eu fiz o primário, pra outra que eu fiz o ginásio e o segundo grau, era já diferente, não é? Primeiro, a gente já sente a diferença [por]que quando você chegava, cada disciplina era um professor diferente, daí, a gente já sente um... Era acostumado com uma professora só, que ensinava tudo, não é? Ensinava... Basicamente, no primário, a gente estudava: português, matemática e conhecimentos gerais, que englobava geografia e história. A gente não estudava nada de ciências, não. A única ciência que a gente estudava era matemática; ciências naturais, nada. Quando vai pra o ginásio, não; aí, vem uma coisas bem diferentes, não é? Eu tive, na época, logo duas coisas novas mesmo: inglês e francês. Tinham aula de inglês e francês; aí: português, matemática, história, geografia... era na época do regime militar, a gente estudava educação moral e cívica, OSPB, que era Organização Social e Política Brasileira... Tudo isso a gente estudava. Logo no início... foi logo na primeira série ginasial, eu particularmente senti um choque muito grande, porque... tinha um professor de inglês [que] ele ensinou a gente uma ou duas semanas, não estou lembrado o nome dele... um professor muito, assim, atencioso com a gente e tudo, não é? Aí... o professor desapareceu... [...]. E agente não recebeu, assim... o que tinha acontecido com o professor. O pessoal da direção da escola só dizia que tinha acontecido um problema com ele e que estavam providenciando um outro professo. Depois a gente foi saber que ele tinha sido preso, como comunista, aquelas coisas, não é? E a gente, na verdade, não sabia... passavam pra gente que comunista era a pior coisa do mundo, diziam até que comunista comia criança, não é? Aí, a gente ficou até chocado. Dizia assim: "rapaz, como era que aquele professor, se mostrava uma pessoa tão legal com a gente e o cara era comunista?". [...] Era a imagem que passava pra

[11] O Programa Crédito Educativo (PEC) foi criado em 1975, passando a funcionar a partir de 1976. O programa consistia na cessão de empréstimos para gastos com pagamentos de matrículas, anuidades e/ou com manutenção do aluno, utilizando unicamente a renda familiar como critério para a concessão.

gente. Eu sei que... a gente não teve mais notícias dele. A gente viu nos jornais a foto dele, presos; mas não sabe o que aconteceu com ele... O resto era a rotina mesmo da escola. Até o ginásio, até a conclusão da oitava série, os professores eram bem rigorosos. Os professores tinham, assim, autonomia pra fazer as coisas; a gente não tinha muita autonomia, não escolhia nem o lugar pra sentar, as salas eram organizadas de modo que cada aluno tinha o seu lugar de acordo com a ordem da lista de presença na sala. Se faltasse um aluno, aquela cadeira ficava vazia, tanto que o professor fazia a chamada, a maioria, fazia a chamada praticamente nem olhava pra o aluno; ele olhava pra o aluno quando chamava e o aluno não respondia, que já via a cadeira vazia. Era bem fácil, não é? Era bem rigoroso. O colégio tinha um diretor geral e cada turma tinha o diretor de turma; ele era uma espécie de diretor de disciplina da escola. Então era... Eu achava até que funcionava porque não tinha baderna na escola e não... Acho que bem diferente de hoje, fazendo uma comparação. Eu fui em determinadas escola aqui e a gente vê... é uma desorganização... Apesar da gente não ter a liberdade que tem hoje, mas pelo menos a escola funcionava em termos de organização. Pra mim, o que pode ter atrapalhado essa parte do rigor, por conta do regime militar, foi mais a questão de... [...] você ficar preso, de não poder participar de movimentos estudantis, que não era permitido, a gente ficou, assim, um pouco preso com relação à questão política, questão de organização, não é? A gente ficou muito... O que o regime militar fez foi isso, a gente foi tolhido dessas coisas de organização estudantil. Aí, eu acho que atrapalhou muito, assim, a vida política da gente. [...] Não sei se foi suficiente... Porque às vezes a gente esquece de alguma coisa, não é?

Marcelo: Foi, foi... Está ótimo, professor. E como era o interesse dos alunos pelos estudos?

Luis: [...] Lá da minha época? Não, eu... A maioria cumpria com suas obrigações. Eu não sei se era porque o colégio exigia, não é? Não tinha... É porque, se você fosse reprovado, era desligado da escola e não tinha escola suficiente naquela época; não era fácil você conseguir uma escola pra estudar, porque naquele tempo era assim: as melhores escolas, lá em Fortaleza, por exemplo, eram as escolas públicas... as estaduais e as municipais. Quem não passava no exame de admissão pra escola pública, ia estudar numa escola privada... e a gente já dizia: está estudando na escola privada porque não passou no exame de admissão da escola pública. Então, os melhores alunos estudavam na escola pública, não é? E o pessoal era interessado. Tinha um ou outro que às vezes tinha dificuldade, mas tentava suprir as dificuldades estudando... A gente fazia grupo de estudo pra cumprir as tarefas; por exemplo, o que o pessoal mais tinha dificuldade era em matemática mesmo. Eu às vezes fazia... eu gostava de matemática já, me fazia às vezes de professor, não é? Tinham muitos alunos,

assim, interessados. É tanto que da minha... a gente perdeu muito o contato, até pelo fato de eu ter saído de lá depois que eu terminei o curso superior; perdi o contato com os colegas, mas, na universidade, ainda consegui encontrar alguns colegas de turma, não é? De lá do Colégio, até o segundo ano, porque depois eu passei pra noite. Mas, até o segundo ano, eu cheguei a me encontrar com alguns colegas na universidade; alguns fazendo Engenharia, Enfermagem, Farmácia, eu na Matemática... [...] É... um pessoal até interessado.

Marcelo: Sim... Professor, o senhor já falou um pouquinho das disciplinas... O senhor falou em algum momento que teve uma mudança na nomenclatura das turmas, quando o senhor chegou, mais ou menos, no segundo ano para sétima série; quando houve essa mudança, houve mudança nas disciplinas, por exemplo, não? O senhor lembra?

Luis: Não. Não houve mudança, não... Que eu me lembre, não houve mudança não... foi só no nome mesmo. Só foi criado uma... não em termos de disciplina, foi com relação a... [...] com relação à parte pedagógica do colégio, que foi criado – a sigla eu não me engano era SOE –, Serviço de Orientação Educacional, acho que era alguma coisa assim. Isso era, assim, como se fosse pra ajudar os alunos... Eu não sei se era por que eu era assim um pouco rígido, na verdade, eu achei que isso não veio ajudar os alunos, acho que veio prejudicar o ensino, porque começou a haver interferência desses serviços com a autonomia que os professores tinham em sala de aula. A partir daí, os alunos começaram a ter muitos direitos; só que são muitos direitos que, no meu entendimento, atrapalhava o ensino. O aluno se saía mal numa prova, ia reclamar, aí, o professor tinha que mudar a prova... Pelo menos o professor falava lá na sala que... chegava e dizia assim: "como é que uma pessoa que não sabe de matemática, quer dizer como eu elaboro uma prova de matemática?", e eu achava que ele estava correto; até hoje eu ainda fico achando que ele estava correto. Isso parece que começou a atrapalhar o ensino lá na escola pública. Eu, depois que eu terminei o meu ensino médio lá no Colégio, não andei mais lá, mas, assim, pelo retrato que a gente vê também na escola pública, não é mais como era antigamente, não é?

Marcelo: Sim... Professor, e como eram os professores e suas aulas?

Luis: Bem... As aulas que eu mais gostava eram as de matemática. Todos os professores... eu tive até sorte de pegar professores bons, professores organizados... de matemática! Eram muito organizados e cobravam. Já outros não eram muito de... Português também eu peguei professores bons, lá no colégio estadual. Geografia... nem tanto, não é? A gente via que os professores não eram muito bem preparados; história... Não eram tão preparados. Eu cheguei a ter um professor de geografia que ele chegava na sala, ficava falando das viagens que ele

tinha feito. Eu não entendia muito o que ele tava fazendo com aquilo. Ele chegava... tinha o livro, era aquela parte do livro, ele pegava e ia falar das viagens que ele tinha feito; mas, o assunto mesmo, ele não tocava, não mandava a gente ler a parte do livro naquela aula, [mas] na prova caia aquilo, não é? E também, naquele tempo os professores não eram, nem sempre eram formados naquilo que eles ensinavam. Eu tinha professor que era dentista ensinando... agora, assim, ensinando ciências. [...] Mas, ele não era licenciado. Naquele tempo, não era... Gente ensinando história com outra formação, não tinha... Só matemática que era mais ligado; eu tive um professor de matemática – que eu gostei muito dele, até a letra dele eu tentei imitar – que era formado em Estatística; muito rigoroso, mas ensinava muito bem. Exigia... na sala ninguém conversava não... Ninguém ficava como é hoje. Você está na sala de aula, é todo mundo... é com seus tablet, é com não sei mais o que... e você dando aula, os alunos ficam rindo sozinhos, não é? [...] Não... [...] Eu não sei se é porque eu estou ficando velho (risos), mas, eu não me acostumo com essas coisas não. Acho que cada momento tem que ser aquele momento, não é?

Marcelo: Sim, verdade... Professor, e o senhor lembra de diferentes sistemas de ensino? Assim, o senhor lembra de terem ocorrido mudanças durante... Teve essa que o senhor falou de mudança de nomenclatura, teve a mudança de criarem esse Serviço de Orientação Educacional... O senhor lembra?

Luis: Eu não... [...] Não me lembro muito, não. Agora, era o seguinte... quando eu entrei lá no colégio, no ginásio, ainda funcionava o ginásio e o científico. Mas, aí, quando veio a reforma, acho que foi em 1971[12], se eu não me engano, acabou com o científico nas escolas públicas, só foi colocado o ensino técnico. Aí, tinham várias cursos: tinha contabilidade, administração... Eram mais nessas áreas assim. Agora... na verdade, isso não funcionou; esse ensino técnico não funcionou, porque foi uma mudança, assim, muito radical, não é? Tinha o pessoal que dava aula no científico e foi criado uma nova modalidade, e não tinha gente suficiente pra ensinar naqueles cursos. Não tinha, não tinha gente pra dar aula prática de contabilidade; a gente ia pra uma sala, um laboratório que tinha umas máquinas bem grandes – que era tudo manual naquele tempo – e a pessoa que estava lá, que era pra ser um professor pra ensinar a gente a manusear aquelas máquinas, ele não sabia! Chegavam lá, e ele mesmo dizia que não sabia operar aquela máquina. Devem ter colocado muito dinheiro, porque era uma sala grande, com umas máquinas novas, a gente nunca tinha visto, mas que nunca funcionou... A gente ficava aquele tempo lá, só passando aquele horário da aula. Então, eu

[12] Refere-se à segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei 5.692/71.

acho que foi um fracasso esse tipo de coisa que foi feito na época, porque antes, os alunos da escola pública eram preparados pra o vestibular. Tinham alguns colégios que tinham tanto o clássico quanto o científico, o científico o pessoal ia pra área tecnológica e exatas, o clássico pra área de humanas. E foi acabado com isso, não é? Eu acho que houve aquele negócio de preparar pra ensinar pra uma profissão, não sei o quê... mas, eu acho que isso não foi bom para o ensino. É tanto que a escola pública de lá pra cá foi só decaindo, não é?

Marcelo: Sim, verdade... Professor, e para o senhor realizar os estudos? O senhor já acabou falando também que teve um pouco de dificuldade, mas, enfim, foi bom e tal... Mas, durante todo o período que o senhor estudou foi desse jeito? No terceiro ano, o senhor disse que também começou já trabalhando e estudando... Como foi esse processo pro senhor?

Luis: Foi, foi... Quando comecei a trabalhar, eu fui estudar a noite; aí, eu imaginava que fosse ficar, assim, numa sala com os colegas mais responsáveis e foi bem diferente... Os colegas da tarde eram muito mais responsáveis em relação aos estudos, do que o pessoal da noite; e o pessoal chegava cansado... O nível do pessoal da noite era muito mais baixo do que o pessoal durante o dia. Muito, muito mais baixo mesmo. Isso o professor ficava um pouco preso por conta da dificuldade deles. Então, pra mim, quando eu mudei pra noite, não foi bom, por conta [disso]... Matemática, um monte de coisa que precisava para o vestibular eu tive que aprender só... porque no colégio o professor ficava preso porque a turma não deixava avançar. Mas... Eu não era aquele aluno excelente, não, mas eu sempre conseguia fazer minhas coisas direitinho, não é?

Marcelo: tá certo... Quando o senhor entrou na faculdade, falou também que continuou trabalhando ainda durante algum tempo, não é? O curso, o senhor também fazia à noite?

Luis: Não, não... Porque, era assim... quando eu comecei o curso, era pela manhã, eu trabalhava a tarde. Eram quatro disciplinas de noventa horas cada uma; era o básico, chamava de básico. Era um ano de básico, primeiro e segundo semestre; cada semestre com quatro disciplinas de noventa horas cada um. A gente tinha aula só num turno de segunda a sábado. Agora, era bem organizado: disciplina de segunda, quarta e sexta, e outra de terça, quinta e sábado. Era muito organizado. As aulas lá funcionavam de oito a dez e dez as doze. Assim parece que a gente não tinha nenhum horário, nem um intervalinho, pra um lanche; você saia de uma sala e já ia pra outra, mas, o horário não era tão rígido, o professor não terminava assim tão tarde, ele mudava... Sim! Aí, depois que terminou o básico, vieram, assim, algumas dificuldades porque as disciplinas não eram oferecidas só em um turno, já entrou mesmo na parte mais específica do curso. Então, tinha disciplina que era oferecida de manhã e outras à

tarde. Aí, começou, assim, a ter complicação em relação ao trabalho, e eu não tinha, não podia deixar de trabalhar, pra ficar só estudando, porque eu não tinha outra fonte de renda, não é? Foi aí que começaram a aparecer outros caminhos. Veio a questão do Crédito Educativo, que eu me inscrevi e consegui, veio a monitoria, que eu também consegui, depois veio a bolsa do CNPq. Aí, quando eu juntei essas coisas todas, fiz a opção de... eu não deixei o emprego, eu pedi licença para interesse particular, que é uma licença que você fica sem vencimento. Aí, com isso, eu fiquei só estudando e passava o dia na universidade.

Marcelo: Certo. Professor, a universidade ficava perto de onde o senhor morava, não?

Luis: Era... ficava perto, mas não tão perto, assim, pra você ir a pé... E onde eu morava, pra usar transporte coletivo eu teria que pegar dois ônibus... [...] E ficava um pouco complicado, não é? Aí, eu pegava um e o outro eu ia a pé pra ver se economizava o dinheiro (risos). Eu pegava um de modo que eu não ficasse tão longe da universidade e ia caminhando, aí, quando o dinheiro estava um pouco mais folgado, eu pegava dois; mas, eu geralmente ia a pé, pegava só um e o restante do percurso ia a pé.

Marcelo: Sim... Professor, o senhor fez bacharelado... Eram quatro anos também?

Luis: Eram, eram quatro anos, mas você poderia terminar, tinha um tempo mínimo de três anos. Podia terminar em três anos, desde que você pegasse... as disciplinas eram oferecidas todos os semestres. Como eu tive ainda alguma dificuldade quando entrei na parte mais específica do curso, de pagar disciplina à tarde, aí, eu tive algumas dificuldades ainda, mas, eu consegui terminar o curso em três anos e meio. E ainda tive uma reprovação. A primeira vez que eu paguei análise real, eu fui reprovado. Agora, também, é porque foi um curso um pouco complicado. Era uma turma de cinquenta e poucos alunos, tinha aluno de Matemática, aluno de Estatística, só foi aprovado uma pessoa. Eu ainda fui fazer uma avaliação – na época o pessoal chamava, lá na UFC, era NEF, Nota de Exame Final –, eu fui fazer essa avaliação precisando tirar um bom, o conceito era bom, e eu só fiz regular. Aí, não deu (risos). Fui reprovado, mas no semestre seguinte foi oferecida; eu fiz, passei. Aí, pronto.

Marcelo: Certo... Professor, o senhor entrou em que ano mesmo no curso?

Luis: Em 1977, no segundo semestre.

Marcelo: Sim, em 1977. Esse ano básico que o senhor falou do primeiro ano, ciclo básico, não é? Como assim o ciclo básico? Eram disciplinas específicas, não?

Luis: É porque todos os alunos que passavam nas áreas exatas, tecnológicas... o primeiro ano era comum. A gente pagava no primeiro semestre era cálculo I, física geral I, química geral I e biologia geral, no segundo semestre era cálculo II, física geral II, introdução a economia, e...

se eu não me engano, era fundamentos da estatística. Se eu não me engano essas eram as oito disciplinas que quase todos os alunos, quase todos os cursos, inclusive Economia, eram obrigados a pagar.

Marcelo: Sim... Aí, faziam turmas misturadas?

Luis: Misturava, misturava. A gente era colega, no básico, tinha aluno de Economia Doméstica, gente de Economia Doméstica pagando física geral II... Tinha, era uma salada, porque misturava... A gente nem sabia direito quem eram os colegas da gente, de curso, porque era tudo mesmo misturado. As aulas eram dadas, por exemplo, aula de cálculo... Foi uma experiência que a UFC andou fazendo. A primeira hora da aula era um vídeo, por um professor lá do Departamento de Matemática, você ficava vendo lá, fazia as coisas, depois, vinha um professor para dar a segunda hora aula, praticamente fazer a mesma coisa que aquele vídeo tinha feito, porque a gente não tinha entendido direito... Parece que a ideia mesmo era o professor ir pra sala de aula fazer alguns exercícios e tirar algumas dúvidas, mas acabava que ele ia era dando a aula de novo, não é? Não foi, eu não achava bom de jeito nenhum. A gente, na verdade, fazia era dormir (risos). A gente era obrigado a fazer educação física e a educação física era antes dessa aula. Você chegava cansado da educação física e acabava cochilando. De manhã! A aula começava de oito, a educação física era entre seis e meia e sete e meia, aí, a gente tomava banho e ia assistir aula; chegava lá cansado, acabava dormindo na sala, não é? Principalmente química, física e cálculo, a prova era uma prova única pra todas as turmas, então, se o professor desse ou não o conteúdo, tava lá na prova. Então, não tinha esse negócio do professor esperar pela capacidade da turma, não, ele dava o conteúdo e estava dado, não é? Porque, se não, quando fosse pra fazer a prova...

Marcelo: Sim, sim... Professor, e em relação à estrutura do curso, lá da UFC, quando o senhor entrou, como era? Já era bem estruturado o curso? Biblioteca...?

Luis: Era... Com relação à biblioteca, não é? Porque já tinha o mestrado. Então tinha, como tem ainda hoje, uma biblioteca setorial muito, muito boa; muito boa mesmo. E, além disso, ainda tinha a biblioteca central. Na biblioteca do Departamento de Matemática, ela tinha uma sala de estudos com cabines, aquelas cabines só pra separar as pessoas. Era uma biblioteca muito estruturada. Já com ar condicionado, naquela época, anos setenta... As salas de aulas eram boas. Eram bem, bem... Já tinha uma estrutura boa. Agora, uma coisa que... a gente, assim, não tinha bem era coordenador do curso. A gente chegou lá e não teve uma reunião com o coordenador do curso pra mostrar como era o curso... a gente recebia documentos, não é? Os documentos dizendo como era o curso, mas eu não me lembro de nunca o coordenador

fazer uma reunião com os ingressantes. De jeito nenhum. [...] Assim, com relação a isso, realmente era um pouco largado... Era um pouco mais distante.

Marcelo: Sim, certo... Professor, e em relação aos professores que o senhor teve? Eles eram do Ceará mesmo, ou o senhor teve professores de fora?

Luis: Rapaz... Na graduação, todos eles foram formados lá pela UFC. Agora, a pós-graduação deles, eu tive alguns professores que fizeram mestrado na própria UFC, outros no IMPA[13], alguns com doutorado no exterior. Porque o Departamento de Matemática lá da UFC sempre foi bem qualificado, não é?

Marcelo: Sim, sim... Professor, e em relação aos alunos? O senhor lembra se o senhor tinha muitos colegas do interior?

Luis: Tinha. Tínhamos alguns colegas do interior que... aí, tinham as dificuldades do pessoal... Naquele tempo as residências [universitárias] não eram coisa fácil... e se juntavam colegas pra formar uma república, não é? [...] Eles comentavam que não era fácil; era uma dificuldade a manutenção. Os pais, normalmente agricultores, pra manter filhos estudando, realmente não era fácil. Eles reclamavam muito. Aí, isso atrasava, porque eles tinham que trabalhar pra poder se manter. Por exemplo, na minha turma, foi uma turma de trinta... a gente na época podia, tanto podia concluir a licenciatura como o bacharelado, ou ambos, não é? Eu fiz a opção pelo bacharelado porque (risos) na minha cabeça eu queria ser professor universitário. Eu não queria, eu nunca dei aula... assim, formal mesmo, em escola da educação básica. O primeiro emprego que eu tive como professor, a primeira experiência mesmo em sala de aula foi já na UFRN[14]. A experiência que eu tinha, assim, com sala de aula, era só quando eu era monitor, o professor da disciplina pedia pra eu dar aula de exercício no lugar dele... Então, a experiência que eu tinha de sala de aula, antes de ser professor da UFRN só era essa mesmo.

Marcelo: E que também já era no ensino superior...

Luis: Já era no ensino superior... Por incrível que pareça, eu fui ter alguma experiência na educação básica quando eu cheguei em Caicó, porque tinha, aqui mesmo no CERES[15], pra contribuir que os alunos fossem aprovados no vestibular, foi criado um cursinho aqui no CERES, aí, eu dei aula de matemática pros alunos do cursinho.

[13] Instituto de Matemática Pura e Aplicada.
[14] Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
[15] Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN).

Marcelo: Entendi... Professor, em relação à legislação e educação, o senhor lembra alguma coisa? O senhor chegou a ter contato, conhecimento, quando era aluno, ou, depois, quando se tornou já professor?

Luis: Bem, quando eu era aluno não; como professor, aí, eu comecei a me ligar mais, assim... Aqui na UFRN, principalmente, que tem as normas, não é? Aí, eu procuro sempre estar atento, não é? Agora, com relação, assim, por exemplo, a LDB... [...] Eu li isso... se eu não me engano foi em 1996, foi? Em 1996... Na época, eu li alguma coisa, só aquilo que me interessava... depois, não olhei mais nada, não.

Marcelo: Certo... Tudo bem. Professor, o senhor acabou falando já que os primeiros contatos que o senhor teve com o ensino foi na monitoria, aí, depois, o ingresso no magistério ele se deu aqui já no campus da UFRN, não é? Como foi esse ingresso aqui, professor?

Luis: Bem... Em 1981, final de 1981, eu estava no mestrado lá em Matemática, não é? Aí, eu soube desse concurso. Era dezembro, já estava até férias lá do curso. Eu soube desse concurso através de um colega, não vi nem o edital direito... Aliás, eu não vi, eu não vi nem o edital. Eu estava na praia, chega um colega e me diz que ia ter esse concurso e diz que tinha vagas em várias cidades, que a UFRN tinha vários campi pelo interior; tinha pra matemática no campus de Caicó e no campus de Currais Novos[16] e que pro campus de Caicó tinha duas vagas. Eu perguntei qual era a documentação, ele pegou me disse e que a inscrição ia terminar no dia, se eu não me engano era no dia trinta de dezembro, era o último dia de inscrição, e eu soube no dia vinte e oito... Dia vinte e nove preparei a documentação e viajei destino Caicó. Só que eu não sabia, não tinha nem ideia de onde ficava Caicó, não é? Aí, eu procurei saber lá em Fortaleza, como era que chegava em Caicó, nas empresas que viajavam pra o Rio Grande do Norte, aí, disseram: "não, o melhor caminho, o melhor meio de você chegar em Caicó é você ir pra Mossoró, que tem ônibus direto". Eu entendi que era de hora em hora, coisa assim, pra Caicó. Eu chego em Mossoró, acho que umas seis horas da noite, seis horas ou coisa assim, vou procurar transporte pra Caicó, aí, disseram: "não, só tem ônibus pra Caicó amanhã...", parece que seis ou sete horas da manhã. Aí, eu disse assim: "e chega que horas lá em Caicó"; disse: "lá pra..."; não! Só tinha ônibus de meio dia! De meio dia pra Caicó. Isso: "e chega que horas lá?"; "vai chegar lá pras cinco horas da tarde". Aí, já tinha encerrado aqui a inscrição. Como era a época já, assim, de final de ano, muito perturbado, muita movimentação. Eu fiquei na rodoviária esperando o ônibus pra Natal, porque disseram que era mais fácil eu chegar de Natal pra Caicó do que de Mossoró pra Caicó. Aí, eu consigo, passa um expresso

[16] Currais Novos é uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Oriental. Aproximadamente a 99 km de Caicó e 177 km de Natal.

da Nordeste... e tava lotado. Eu era um pouco tímido, mas eu falei com o motorista – me lembro até o nome dele, Fred –, eu contei a história todinha pra ele, não é? Ele disse assim: "você..." – eu não estou lembrado qual era o termo, mas ele disse mais ou menos "você se assujeita", acho que foi mais ou menos uma coisa assim que ele disse – "ir sentado comigo aqui? Você vai no batente do ônibus"; eu disse: "eu vou, porque eu quero chegar em Caicó; eu já estou aqui, eu quero chegar em Caicó"; ele disse: "então...". Aí, eu fui na frente com ele, isolado, era isolada a cabine; eu fiquei sentado no batente, destino a natal, aí, ele me disse que um local bom de eu ficar era no trevo de Parnamirim, que ele disse que quando ele viajava nesse horário, vinha sempre um ônibus da Jardinense com destino a Caicó; e foi exatamente o que aconteceu, ele me deixou no trevo de Parnamirim, com pouco tempo depois passa um ônibus com destino a Caicó. Só que era um pinga-pinga[17], mas chegou a tempo em Caicó. Chegou em torno de dez horas da manhã. Nesse ônibus, era um aperreio, o pessoal entrava com Peru, com galinha, era um... Mas, cheguei em Caicó, cheguei a tempo, não é? Fui no Banco do Brasil, paguei logo a taxa de inscrição e fui me inscrever no concurso... [...] Como a área era cálculo e eu tinha sido monitor de cálculo muito tempo, eu tinha preparado mais ou menos... eu achava que fossem pontos, não é? Veja como é que eu fui fazer o concurso, assim, sem nem ler o edital direito; eu fui preparar os pontos dos assuntos, porque disseram assim... Agora, no edital, depois eu tive contato, não dizia como era a prova; dizia os temas, os assuntos. Aí eu fui preparar os pontos do concurso e chegou um determinado momento que eu cansei, não preparei os pontos todos. "Eu vou me arriscar... é cair um ponto que saiba bem, não é?". Mas, quando eu chego na prova, são questões; são cinco ou seis questões... Aí, como eu tinha sido monitor, não é? Eram questões... Uma questão, assim, um pouco mais complicada... [mas,] era pertinente ao cálculo; quem fez o cálculo bem feito, dava pra fazer. Como eu tinha pagado disciplina de análise lá também, e é disciplina do mestrado, não foi tão difícil. A questão mais difícil que tinha, que era uma questão que envolvia uma função selipsticiana, não foi tão difícil. É tanto que a minha prova de cálculo tirei dez, não é? Teve também uma prova didática, que também tive uma nota boa, mas, quando foi na prova de títulos, eu caí um pouco, mas, mesmo assim, eu ainda fiquei em primeiro lugar; das duas vagas, eu fiquei em primeiro lugar...

Marcelo: Sim, certo... Professor, no caso, entrou o senhor e a outra vaga foi preenchida também?

[17] O pinga-pinga é como a Jardinense denomina a rota de ônibus que faz várias paradas entre a cidade de origem e a cidade de destino.

Luis: Foi preenchida por um daqui do Rio Grande do Norte, que ele também tinha sido colega meu lá no mestrado, iniciando lá no mestrado. O professor Álvaro Freire Damasceno, ele passou em segundo lugar.

Marcelo: Sim... Professor, quando o senhor entrou aqui no curso ainda estava bem no começo, não é?

Luis: Era, ainda estava bem no começo. Eu comecei a dar aula aqui em 1982. O curso que tinha, era um curso de Licenciatura Curta em Ciências, e a ideia inicial era a de fazer plenificação em Matemática, Química, Física e Biologia. Só que nem Física, nem Química, nem Biologia foi pra frente, só foi a plenificação em Matemática. Então, eu fui dar aula pra esses alunos que tinham feito a Licenciatura Curta em Ciências. Eles estavam entrando pra fazer a Licenciatura Plena em Matemática.

Marcelo: Certo... Professor, no caso... para dar essa parte da licenciatura específica em Matemática, tinha o senhor, entrou esse outro professor... o corpo docente, já era...?

Luis: Não, de Matemática mesmo, na época que eu cheguei, só tinham dois professores, era o professor Almir, Almir da Costa Dantas, e o professor Norman da Costa Pereira[18]. Só tinha eles dois de licenciados em Matemática. Depois, chegamos eu e o professor Álvaro Damasceno. Aí, depois começou a vir mais gente.

Marcelo: Mas, aí, faltava professor ou não? Esses quatro...?

Luis: Não, na época eram suficientes. E também veio, desse mesmo concurso que eu fiz, chamaram um outro professor, não é? Ele não foi chamado especificamente pra cálculo, mas como não houve aprovado na outra área, era cálculo numérico, ele foi chamado e como ele era bacharel em Matemática, ele também ficou dando aula no curso de Matemática, nas disciplinas específicas de matemática.

Marcelo: Entendi... Professor, quando o senhor chegou aqui, assim, embora o curso estivesse começado, mas ele era bem estruturado?

Luis: Não, não era... Não era. E o ruim [era] porque o curso... [...] Na verdade, a própria estrutura aqui do Centro não tinha autonomia. O curso de licenciatura em Matemática daqui, ele era o mesmo curso, a gente tinha o mesmo currículo, do curso de licenciatura em Matemática lá de Natal. Era o mesmo currículo. A gente ficou nessa situação até 2003, se eu não me engano, que veio a nova LDB, não é? Aí, aquela possibilidade de você ter os mesmos cursos, na mesma instituição, com registros diferentes e também com currículos diferentes...

[18] Os professores Almir da Costa Dantas e Norman Batista Bereira são aposentados pelo curso do curso de Matemática da UFRN, *campus* Caicó. Eles são colaboradores de nossa pesquisa. Ver suas narrativas nos textos "*Professor Almir"* e *"Professor Norman"*, respectivamente.

A gente [ainda] demorou um pouco, não é? O que forçou mais a mudança, talvez não tenha sido nem a [lei]... Porque a gente sempre era aquela dificuldade: como fazer um novo currículo se a gente não tinha experiência, nada disso, não é? Quando veio o provão e os cursos começaram a ser avaliados, essas coisas assim, a gente foi obrigado a fazer alguma mudança, fazer uma reestruturação do curso, pra ver se o curso se mantinha, porque ele foi avaliado com notas fracas, não é? Em tudo: em organização curricular, estrutura física, o próprio corpo docente insuficiente, em um monte de coisa. Mas, o fundamental era a estrutura curricular que a gente tinha que pegar e mudar. Aí, a gente começou a fazer mudança e, de lá pra cá, a gente está tentando ver se melhora alguma coisa mais, não é?

Marcelo: Certo... Professor, e em relação à estrutura [física] do curso, por exemplo, a biblioteca, também tinha...?

Luis: A biblioteca não tinha, não tinha... Quase nada aqui. Aí, ao longo do tempo a gente está tentando ver se consegue melhorar, não é? E agora tem facilidade, [por]que tem muito dinheiro para adquirir, pra compra de livros. Agora, tem uma coisa que prende ainda, que é a questão burocrática; por exemplo, livros destinados a formação de professores, assim, que são editados, por exemplo, pela SBM[19], que são livros que não são vendidos no comércio, em livrarias comuns, esses livros têm a maior dificuldade pra serem adquiridos pelo setor de compras da UFRN. Então, a gente sofre com esse tipo de coisa, porque a livraria que a SBM, pelo menos até pouco tempo, ela não entrava em concorrência – não sei se houve alguma mudança que ela pode entrar. Então, ficava sem, complicava... A gente não tem muitos livros de matemática destinados a formação de professores por conta disso.

Marcelo: Sim... Entendi. Professor, em relação aos alunos: o senhor lembra, quando o senhor entrou, se muitos dos alunos... ou melhor, de onde vinham os alunos do curso de Matemática aqui do CERES?

Luis: Na primeira turma, que eu ainda peguei – era uma turma pequena, acho que tinha, no máximo, uns quinze alunos – a maioria era mesmo daqui [da região], daqui de Caicó, Acari[20], Jardim do Seridó[21]... tinha aluno ali de Belém de Brejo do Cruz[22], tinha de Jardim de

[19] Sociedade Brasileira de Matemática (SBM).

[20] Acari é uma cidades do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Ocidental. Aproximadamente a 30 km de Caicó e 313 km de Natal.

[21] Jardim do Seridó é um município do interior do Rio Grande do Norte, situado na Mesorregião Central Potiguar, Microrregião do Seridó Oriental. Dista, aproximadamente, 40 km de Caicó e 239 km de Natal.

[22] Belém do Brejo do Cruz, cidade do interior paraibano. Está na Mesorregião do Sertão Paraibano, Microrregiõe de Catolé do Rocha, aproximadamente distante de Caicó e João Pessoa, respectivamente, 67 km e 396 km.

Piranhas[23]. E era muito complicado; tinha uma aluna de Belém de Brejo do Cruz, que dormia em Jardim de Piranhas e de manhãzinha viajava pra Belém de Brejo do Cruz pra passar o dia trabalhando e a noite vinha pra cá. Quer dizer, todo dia nesse movimento. Era muito... A gente, quando começava a conversar com os alunos, é que via o sofrimento deles pra chegar até a universidade, aí, ficava lembrando, assim, [que] tinha aluno na minha época lá na UFC, que reclamava porque saía, terminava a aula de dez horas e ia assistir a aula seguinte num bloco que andava cem metros, coisa assim; como aqui também, no CERES, às vezes a organização não fica bem... assim, em determinado período [as aulas] não ficam todas numa sala, o aluno reclama porque tem que se deslocar de uma sala pra outra. Imagine uma pessoa se deslocar, ter que dormir toda noite fora de casa, porque não tem transporte pra sua cidade, não é? Era muito... [...] Eu me lembro até o nome dela, Fátima, era um sofrimento... Às vezes ela faltava aula... Era difícil, viu?

Marcelo: Sim... Professor, e o senhor lembra se muitos deles já atuavam? Já davam aula?

Luis: A maioria. A maioria já era professor, a maioria... Antes mesmo de entrar no curso.

Marcelo: Então, quer dizer, professor, que muitos deles já tinham começado a ensinar mesmo não tendo uma formação específica pra lecionar?

Luis: Muitos, muitos, muitos... Muitos já faziam isso.

Marcelo: Certo... E mesmo depois, o senhor continuou percebendo que isso acontecia aqui em Caicó? Dos alunos entrarem [no curso] já lecionando?

Luis: Ainda acontece isso... Não é? Aí, é aquele negócio, alunos... professores que não tem a menor formação, já dando aula de matemática. É tanto que a gente percebe que os alunos, aqueles que... o professor – vou chamar assim: alunos-professores –, eles não tem, assim, uma formação adequada... quando chega aqui na universidade, a gente percebe com o modo deles resolverem determinado problema, como é que eles resolvem, a formalização que ele não tem... Não é aquela coisa formal; imagine aqueles que foram alunos deles, não é? E o pior é que eles vêm num vício, que a gente não consegue tirar. Pra você perceber, tem aluno que termina aqui o curso de Matemática, que vem com um vício de lá que não consegue separar, fazer a distinção do símbolo de igualdade, pra um símbolo de implica; eles usam o símbolo de implica, achando que estão usando uma igualdade...

Marcelo: Sim... Professor, e o senhor tem conhecimento se tinha algum outro curso aqui na região de Caicó, pra formar professores de Matemática, antes da criação aqui do curso do CERES?

[23] Jardim de Piranhas é uma cidades do interior do Rio Grande do Norte, situada na Mesorregião Central Potiguar, na Microrregião do Seridó Ocidental. Aproximadamente a 30 km de Caicó e 313 km de Natal.

Luis: Não, não me lembro... Aliás, não me lembro, não, não existia. Depois, conversando com pessoas aqui de Caicó mesmo. Alguns professores que lecionavam matemática nas escolas aqui de Caicó, eles tinham feito um curso, se eu não me engano, chamava-se PREMEM[24], uma coisa assim. Era um... não era feito por aqui, acho que era em Recife[25] – Recife, Fortaleza, esses centros maiores –, e era um curso de curta duração, pra formar esses professores pra lecionar Matemática na rede pública, não é? E não só na rede pública, aproveitavam e lecionavam nos colégios particulares também, na rede privada.

Marcelo: Certo... Então, professor, quando o senhor chegou, a formação que tinha era essa... O senhor tem algum conhecimento sobre a formação no Rio Grande do Norte nesse período? Assim, quais as possibilidades que tinham pra se formar professores de matemática, ou não?

Luis: Não... Conhecimento mesmo que eu tenho, é que só tinha na UFRN, e no caso só em Natal e Caicó. Porque... Eu acho que, na época, a universidade estadual[26], não era nem universidade ainda, era outro nome... acho que era uma fundação, eu acho que lá não tinha curso de Matemática, nessa época, 1982. Mas, eu não tenho certeza, não tenho certeza...

Marcelo: Professor, como foi esse processo do senhor? O senhor estava em Fortaleza, aí, passou no concurso... Como foi esse processo do senhor sair de Fortaleza, vir pra Caicó...?

Luis: Assim, no início eu senti, não é? Porque eu vivia com a minha família, morava lá com meus pais, aí, de repente vir pra cá, uma cidade, assim, estranha... [...] Mas, eu me adaptei logo. Fiz, assim, amizades... A própria turma que eu comecei a lecionar, não era uma turma de um pessoal tão jovem, tinha gente bem mais velha do que eu e... esse pessoal, de certa forma, até que me deu um determinado suporte. A gente saía, às vezes, quando terminava a aula a gente ia até pra um barzinho, ficava conversando, eles ficavam me mostrando as coisas de Caicó. Então, não foi tão difícil, não é? Também, logo em seguida eu me casei – é cearense a minha esposa –, ela veio pra cá, aí, acabou-se um pouco, porque ficamos dois, ficou mais fácil também...

Marcelo: Sim, certo... Professor, e em relação à formação professores de matemática e as outras regiões do estado? O senhor falou que tinham alunos que vinham de outras cidades vizinhas, não é? Aqui em Caicó sempre aconteceu isso, de formar professores de outras...?

---

[24]O Programa de Expansão e Melhoramento do Ensino Médio (PREMEM) foi criado na década de 1960 pelo Governo Federal. No ano de 1972 esse programa é ampliado e ganha a denominação de Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (PREMEN).

[25] Recife, capital do estado de Pernambuco. Está localizada a, aproximadamente, 286 km de Natal e 395 km de Caicó.

[26] Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, nesse período ainda era Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN).

Luis: Sempre, sempre! Sempre a gente teve alunos aqui das cidades próximas; da Paraíba e das cidades vizinhas aqui de Caicó, não é?

Marcelo: Umhum... Então, forma inclusive alunos aqui de cidadezinhas da Paraíba, no campus. Professor, o senhor não chegou a ensinar em escola, então, vou direcionar para a universidade: como era o cotidiano aqui da UFRN, do CERES, durante o exercício do magistério do senhor?

Luis: [...] Bem, eu sempre... Na verdade, eu sempre fiquei mais ligado ao ensino, não é? Pesquisa, não... só uma vez, em relação a pesquisa, entrei num projeto de pesquisa junto com os colegas aí, mas não foi feito, não era especificamente em matemática, não era... Aí, é mais ensino mesmo e extensão. No início foi pouco, não é? Depois eu me envolvi mais com a extensão... Eu andei enveredando pra administração [também]. Fui até praticamente obrigado a entrar pra coordenação de curso, aí, fiquei um bom tempo até, assim, pra ver se conseguia melhorar alguma coisa. Passei várias vezes pela coordenação de curso, não é? Assim, faz parte também, é uma das funções do professor assumir essas coisas... passei pela chefia do departamento, passei também pela vice direção do Centro – não era a estrutura que tem hoje, era uma outra estrutura, mas, passei pela vice direção do Centro – e ultimamente, aliás... depois, se eu não me engano desde 2002, eu venho participando, assim, com poucos intervalos de ausência, de um curso que tem, antigamente era CAPMEM, Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio, depois passou a se chamar PAPMEM, Programa de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio, que é um curso que acontece duas vezes ao ano, janeiro e julho, que é realizado no IMPA, não é? É para o Brasil inteiro, e a gente desde 2002, se eu não me engano, dá esse curso aqui em Caicó. Agora, por incrível que pareça, a gente divulga esse curso nas escolas e... os professores não participam; é mínimo o número de professores, que estão exercício na rede pública, que participam do curso.

Marcelo: Sim... Professor, e, pra o senhor, como foi o exercício do magistério? Como é, na verdade, que ainda é... (risos)

Luis: Bem, é uma coisa que eu me identifico muito. Eu... [...] Bem, eu não me vejo fazendo outra coisa. [...] Assim, eu acho prazeroso. Se bem que, ultimamente, dá um certo desânimo você estar na sala de aula... não consegue prender a atenção do aluno, o aluno tá com o celular o tempo todo ligado, aí, nas redes sociais, não é? Você está resolvendo um problema, demonstrando um teorema, o aluno não está prestando atenção... no final das contas o índice de reprovação é muito grande; dá um certo desânimo. Você ficar dando aula, chega no final,

quando faz uma avaliação, vê o resultado, vê aquelas notas baixas, não é? Muito desinteresse dos alunos, não procuram o professor pra tirar dúvida... marca uma aula de exercícios, você chega na sala, não tem ninguém com dúvida. Aí, é complicado. Mas... eu estou ainda aí, tentando.

Marcelo: Certo... Professor, e pra o senhor, Caicó no início do magistério?

Luis: Caicó... [...] Não, tranquilo. Só quando eu cheguei, aquela coisa, você vir de uma outra cidade e, naquele tempo – eram os anos oitenta –, comunicação difícil, não era como é hoje, comunicação de todo jeito, comunicação pra viajar, pra... tudo o que você puder imaginar de ligação de uma cidade com outra era muito complicado. Mas... Caicó é uma cidade muito boa de fazer amizade, aí, a gente fica... acaba que você consegue superar essas dificuldade. Eu não tive, só no início, mas, depois, tranquilo...

Marcelo: Sim... E o Rio Grande do Norte nesse mesmo período, professor?

Luis: [...] Não... O Rio Grande do Norte... Bem, eu não, quando eu cheguei, assim, só fiquei mesmo em Caicó, não... O máximo que eu fui foi Natal. O resto mesmo, assim, eu não posso nem falar muito. Eu só [conheço] mais Caicó mesmo e Natal.

Marcelo: Certo... Tudo bem. E pra o senhor, professor, ter sido professor e estar sendo ainda em Caicó? Ter exercido o magistério em Caicó? O senhor pensou em algum momento em voltar, em ir pra algum outro canto?

Luis: No início, eu pensava em sair... Mas, aí, também, eu tive problema com relação ao mestrado, não consegui concluir. Aí, quando eu voltei de um mestrado que não consegui concluir, eu fui me... fiquei muito, assim, chateado, aí, eu fui focar em outras coisas, não é? Foi aí que me chamaram pra assumir, assim, uma coordenação, que eu fosse concorrer a uma eleição, aí, eu disse assim: "ah, eu acho que eu vou, até pra ver se eu mudo o foco!". Aí, o pior é que eu passei muito tempo envolvido com essas coisas, deixei totalmente de estudar, fiquei só na sala de aula, me envolvendo mais com a sala de aula e a administração. Depois de um determinado tempo é que eu vi que eu tinha perdido tempo... me dedicando um pouco a administração; esqueci até de pensar em mim mesmo, não é? Aí, voltei a estudar, fiz o mestrado, e estou ainda pensando, assim, em fazer um doutorado, mas eu não sei se realmente eu vou ter força pra ir (risos). Mas, estou pensando. [...] E Caicó é uma cidade, assim, muito boa. É uma cidade, assim, [onde] você consegue fazer amigos mesmo. Uma cidade pequena, uma cidade muito boa de se morar. [...] Com relação ao magistério, assim, essa dificuldade que eu falei há pouco tempo... Acho que não é só em Caicó que os alunos estão muito desinteressados, não é?

Marcelo: Verdade... E para o senhor, Caicó no contexto atual? Como está a cidade hoje?

Luis: [...] Assim, em relação a quando eu cheguei, ela cresceu muito, não é? Quando eu cheguei aqui em Caicó, educação superior, só era a UFRN; hoje em dia já tem a Universidade Estadual, com alguns cursos na área de exatas, já tem o Instituto Federal[27], várias faculdades particulares, não é? Ensino a distância, tanto a particular como a pública. Então, está muito diferente mesmo em relação ao que era quando eu cheguei, está muito diferente.

Marcelo: Certo... E o Rio Grande do Norte, professor, no contexto atual?

Luis: Também houve avanços, mas... É uma coisa, assim, que me deixa triste, que as coisas velhas ainda continuam, não é? Por exemplo, em termos de política o Rio Grande do Norte continua um atraso. Os políticos se juntam pra os seus interesses e o resto das coisas fica aí... [...] Mas, houve, já houve mudanças, principalmente na educação. Hoje em dia a gente vê universidades aí em várias cidades do interior, Institutos Federais. Então, em relação a isso, está bem diferente.

Marcelo: Professor, e o Ceará hoje pra o senhor?

Luis: Ah... (risos) Eu não perco as raízes de forma alguma, não é? A minha família mora lá, papai ainda lá... Mamãe faleceu ainda em 2012, mas, papai, meus irmãos, moram todos lá, os familiares da minha esposa; então, no mínimo uma vez ao ano a gente viaja. E não deixa... Eu sou, assim, um caicoense de coração, mas não deixo o Ceará de forma alguma (risos).

Marcelo: Sim, certo... Professor, e pra o senhor, o ensino de matemática hoje?

Luis: [...] Eita... (risos) [...] Assim, fica difícil ensinar matemática porque... Acho, assim, um pouco difícil porque, por exemplo, a matemática no ensino superior tem várias disciplinas de matemática, que a gente não tem como fugir do rigor, não é? E com essa questão da contextualização... que muita gente acha que tudo quanto é matemática pode ser contextualizada, tem coisa na matemática que não tem como você contextualizar, você tem que ter um rigor... Por exemplo, só um exemplo, em parte de álgebra abstrata, a própria análise matemática não tem como... Em cálculo você pode fazer alguma coisa, e tem que ter cuidado com a contextualização, não é? Às vezes você contextualiza certas coisas, que, quando você vai analisar, quem sabe um pouquinho de matemática, vê os absurdos daquilo que foi colocado. Aí, eu, às vezes, fico, assim, com medo... esses livros da educação básica, todos tentam contextualizar tudo e quando você vai ver, aquilo na prática não ocorre. Eu não estou, assim, lembrado especificamente de algum exemplo que eu poderia dar de alguns absurdos que a gente vê aí, em certas contextualizações...

[27] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

Marcelo: Verdade... Está certo... Professor, agora, para finalizar, eu só queria pedir para o senhor fazer algumas considerações, falar alguma coisa que o senhor acha que eu não dei oportunidade de falar, ou aprofundar algum tema, alguma coisa... Pode ficar a vontade.

Luis: [...] Eu não tô nem... [...] Eu não estou conseguindo me lembrar de alguma coisa; eu já falei tanto que até... (risos). Eu nunca pensei em falar tanto, rapaz... Eu não sei. Só se for, assim, algumas coisas com relação a minha profissão mesmo, que eu já falei há pouco tempo, que eu não consigo me ver fora de uma sala de aula, não é? Eu gosto realmente do que faço, eu gosto de dar aula de matemática. Sou um pouco rigoroso... (risos) Se você tiver algum contato com os meus alunos, eles vão reclamar, porque eu sou um pouco rigoroso. Mas, é aquele negócio... aluno fica reclamando quando você está sendo professor dele, quando termina o curso, eles vão reclamar daqueles professores que não foram rigorosos com eles. Você precisa de um determinado conhecimento, assim... "mas, você não viu isso?"; "não, o professor não estava nem aí...". Eu, pelo menos, acho que estou fazendo o meu papel de professor de fazer, cobrar; o aluno não vai chegar e dizer: "não, eu fiz esse curso com o professor Luis, ele não ensinou isso, não"; ele pode não se lembrar, não ter aprendido – aí, é complicado –, mas, eu fiz um esforço para que isso fosse feito, se não foi, paciência, não é?

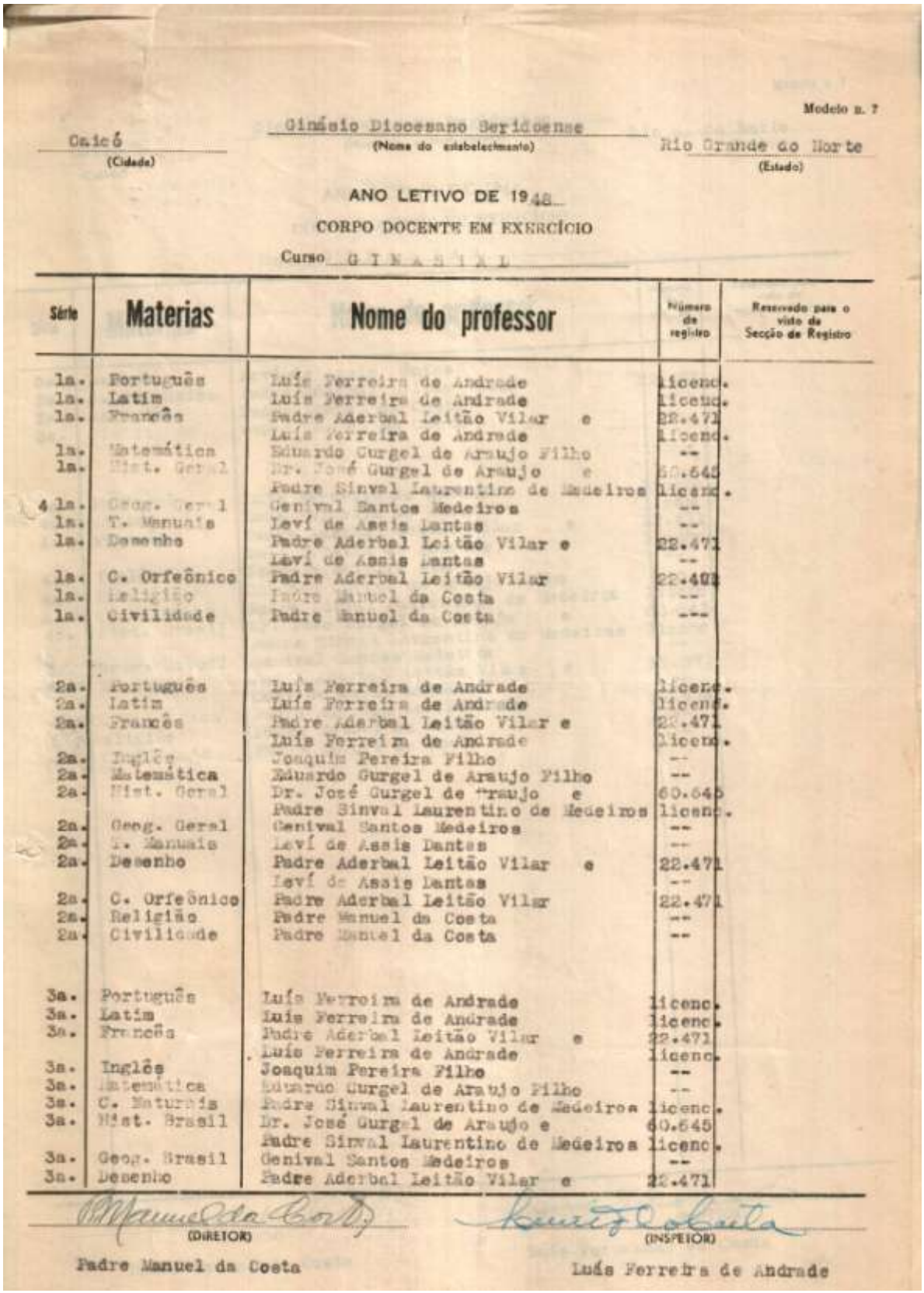
Marcelo: Está certo... Pronto, professor. Então, eu queria só agradecer a disponibilidade do senhor. Muito obrigado!

Entrevista com o professor Luis
Duração da Gravação: 01h 50min 51s
Local: Campus da UFRN (Caicó)
Data da entrevista: 31/07/2014

Sumário TRAVESSIAS

PARTE OUTROS REGISTROS, OUTROS INDÍCIOS

REGISTRO A – Lista de professores CDS 1948



Modelo n. 7

Caicó (Cidade) — Ginásio Diocesano Seridoense (Nome do estabelecimento) — Rio Grande do Norte (Estado)

ANO LETIVO DE 1948

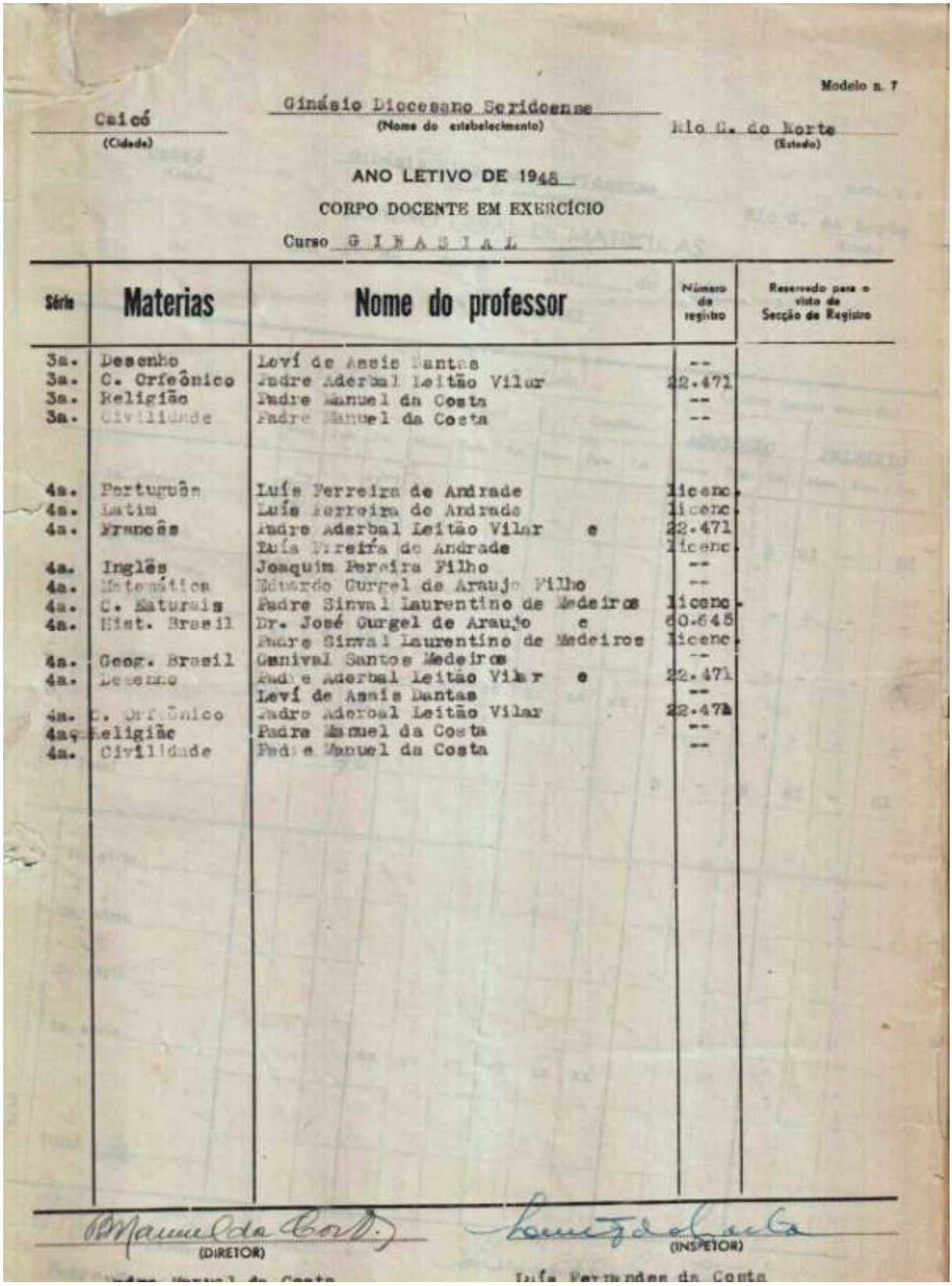
CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

Curso GINASIAL

Série	Materias	Nome do professor	Número de registro	Reservado para o visto da Secção de Registro
1a.	Português	Luís Ferreira de Andrade	licenc.	
1a.	Latim	Luís Ferreira de Andrade	licenc.	
1a.	Francês	Padre Aderbal Leitão Vilar e Luís Ferreira de Andrade	22.471 licenc.	
1a.	Matemática	Eduardo Gurgel de Araujo Filho	--	
1a.	Hist. Geral	Dr. José Gurgel de Araujo e Padre Sinval Laurentino de Medeiros	60.645 licenc.	
4 1a.	Geog. Geral	Genival Santos Medeiros	--	
1a.	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	--	
1a.	Desenho	Padre Aderbal Leitão Vilar e Levi de Assis Dantas	22.471 --	
1a.	C. Orfeônico	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
1a.	Religião	Padre Manuel da Costa	--	
1a.	Civilidade	Padre Manuel da Costa	---	
2a.	Português	Luís Ferreira de Andrade	licenc.	
2a.	Latim	Luís Ferreira de Andrade	licenc.	
2a.	Francês	Padre Aderbal Leitão Vilar e Luís Ferreira de Andrade	22.471 licenc.	
2a.	Inglês	Joaquim Pereira Filho	--	
2a.	Matemática	Eduardo Gurgel de Araujo Filho	--	
2a.	Hist. Geral	Dr. José Gurgel de Araujo e Padre Sinval Laurentino de Medeiros	60.645 licenc.	
2a.	Geog. Geral	Genival Santos Medeiros	--	
2a.	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	--	
2a.	Desenho	Padre Aderbal Leitão Vilar e Levi de Assis Dantas	22.471 --	
2a.	C. Orfeônico	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
2a.	Religião	Padre Manuel da Costa	--	
2a.	Civilidade	Padre Manuel da Costa	--	
3a.	Português	Luís Ferreira de Andrade	licenc.	
3a.	Latim	Luís Ferreira de Andrade	licenc.	
3a.	Francês	Padre Aderbal Leitão Vilar e Luís Ferreira de Andrade	22.471 licenc.	
3a.	Inglês	Joaquim Pereira Filho	--	
3a.	Matemática	Eduardo Gurgel de Araujo Filho	--	
3a.	C. Naturais	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
3a.	Hist. Brasil	Dr. José Gurgel de Araujo e Padre Sinval Laurentino de Medeiros	60.645 licenc.	
3a.	Geog. Brasil	Genival Santos Medeiros	--	
3a.	Desenho	Padre Aderbal Leitão Vilar e	22.471	

(DIRETOR) Padre Manuel da Costa

(INSPETOR) Luís Ferreira de Andrade



Modelo n. 7

Caicó (Cidade) — Ginásio Diocesano Seridoense (Nome do estabelecimento) — Rio G. do Norte (Estado)

ANO LETIVO DE 1948

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

Curso GINASIAL

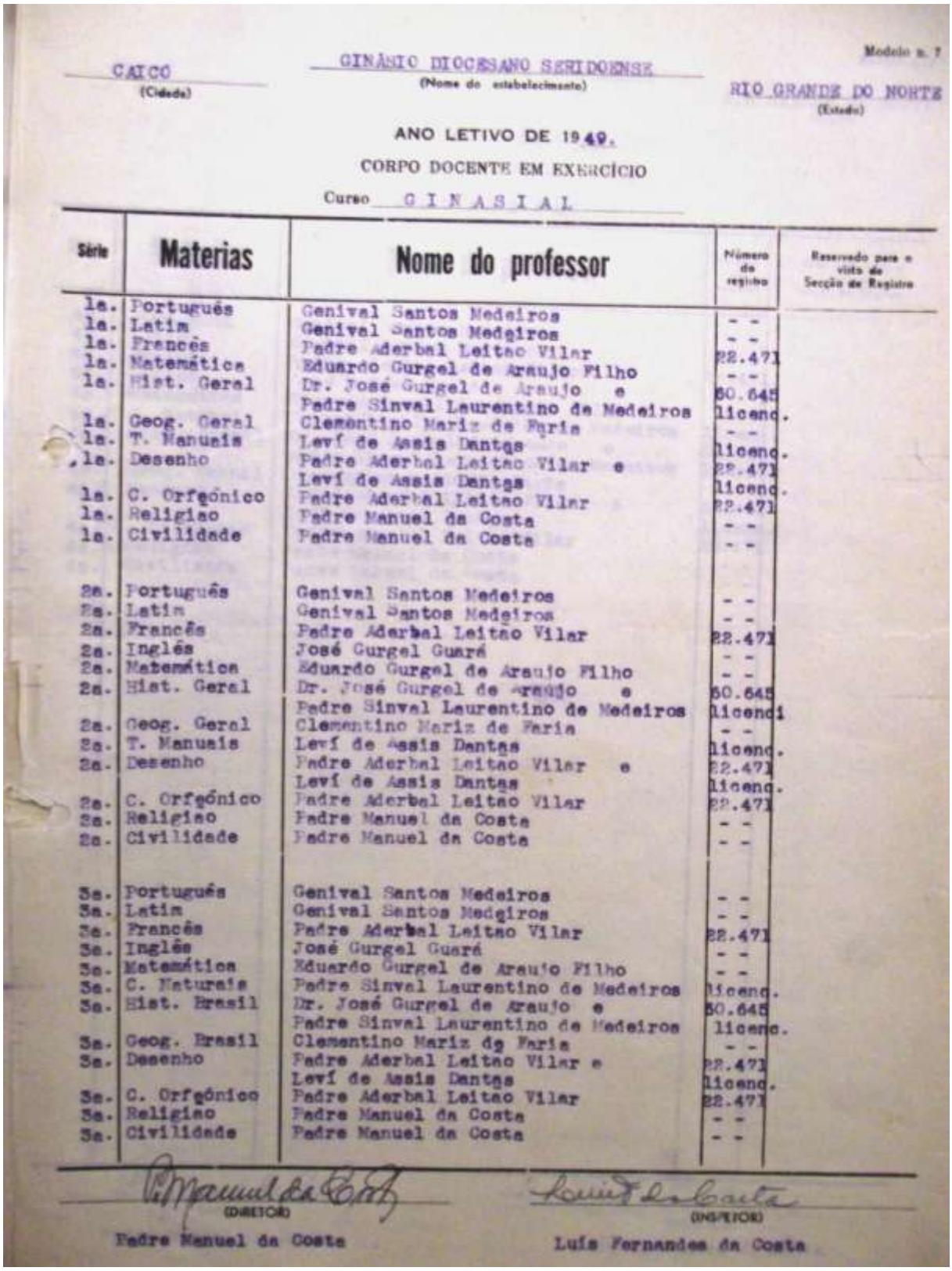
Série	Materias	Nome do professor	Número de registro	Reservado para o visto da Secção de Registro
3a.	Desenho	Levi de Assis Dantas	--	
3a.	C. Orfeônico	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
3a.	Religião	Padre Manuel da Costa	--	
3a.	Civilidade	Padre Manuel da Costa	--	
4a.	Português	Luís Ferreira de Andrade	licenc.	
4a.	Latim	Luís Ferreira de Andrade	licenc.	
4a.	Francês	Padre Aderbal Leitão Vilar e Luís Ferreira de Andrade	22.471 licenc.	
4a.	Inglês	Joaquim Pereira Filho	--	
4a.	Matemática	Edmundo Gurgel de Araujo Filho	--	
4a.	C. Naturais	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
4a.	Hist. Brasil	Dr. José Gurgel de Araujo e Padre Sinval Laurentino de Medeiros	60.645 licenc.	
4a.	Geog. Brasil	Canival Santos Medeiros	--	
4a.	Desenho	Padre Aderbal Leitão Vilar e Levi de Assis Dantas	22.471 --	
4a.	C. Orfeônico	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
4a.	Religião	Padre Manuel da Costa	--	
4a.	Civilidade	Padre Manuel da Costa	--	

(DIRETOR) (INSPETOR)

Luís Fernandes da Costa

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO B – Lista de professores CDS 1949



Modelo n. 7

CAICÓ (Cidade) — GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE (Nome do estabelecimento) — RIO GRANDE DO NORTE (Estado)

ANO LETIVO DE 1949.

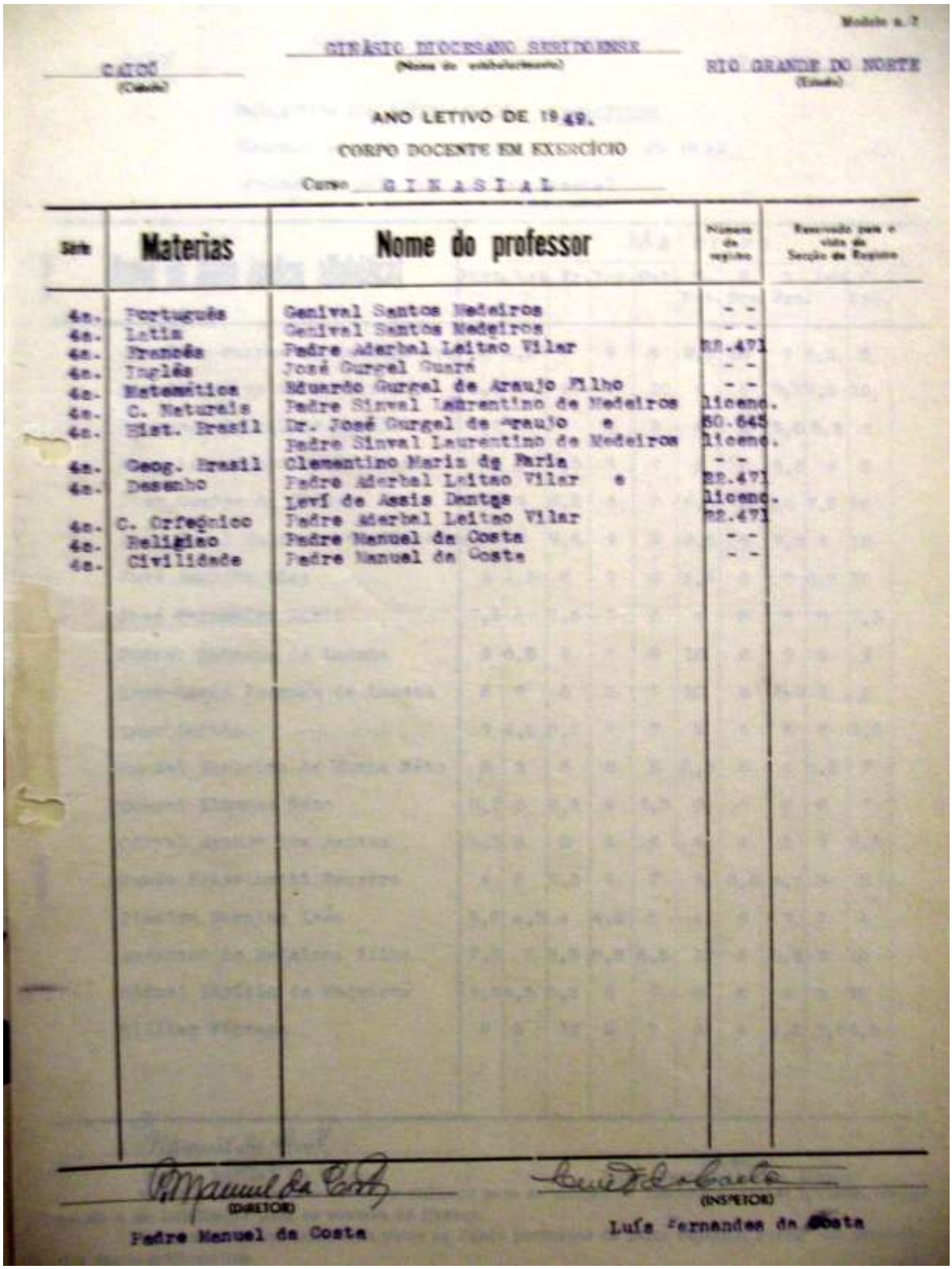
CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

Curso GINASIAL

Série	Materias	Nome do professor	Número do registro	Reservado para o visto da Secção de Registro
1a.	Português	Genival Santos Medeiros	- -	
1a.	Latim	Genival Santos Medeiros	- -	
1a.	Francês	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
1a.	Matemática	Eduardo Gurgel de Araujo Filho	- -	
1a.	Hist. Geral	Dr. José Gurgel de Araujo e	50.645	
		Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
1a.	Geog. Geral	Clementino Mariz de Faria	- -	
1a.	T. Manuais	Leví de Assis Dantas	licenc.	
1a.	Desenho	Padre Aderbal Leitão Vilar e	22.471	
		Leví de Assis Dantas	licenc.	
1a.	C. Orfeônico	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
1a.	Religião	Padre Manuel da Costa	- -	
1a.	Civilidade	Padre Manuel da Costa	- -	
2a.	Português	Genival Santos Medeiros	- -	
2a.	Latim	Genival Santos Medeiros	- -	
2a.	Francês	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
2a.	Inglês	José Gurgel Guará	- -	
2a.	Matemática	Eduardo Gurgel de Araujo Filho	- -	
2a.	Hist. Geral	Dr. José Gurgel de Araujo e	50.645	
		Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenci	
2a.	Geog. Geral	Clementino Mariz de Faria	- -	
2a.	T. Manuais	Leví de Assis Dantas	licenc.	
2a.	Desenho	Padre Aderbal Leitão Vilar e	22.471	
		Leví de Assis Dantas	licenc.	
2a.	C. Orfeônico	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
2a.	Religião	Padre Manuel da Costa	- -	
2a.	Civilidade	Padre Manuel da Costa	- -	
3a.	Português	Genival Santos Medeiros	- -	
3a.	Latim	Genival Santos Medeiros	- -	
3a.	Francês	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
3a.	Inglês	José Gurgel Guará	- -	
3a.	Matemática	Eduardo Gurgel de Araujo Filho	- -	
3a.	C. Naturais	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
3a.	Hist. Brasil	Dr. José Gurgel de Araujo e	50.645	
		Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
3a.	Geog. Brasil	Clementino Mariz de Faria	- -	
3a.	Desenho	Padre Aderbal Leitão Vilar e	22.471	
		Leví de Assis Dantas	licenc.	
3a.	C. Orfeônico	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
3a.	Religião	Padre Manuel da Costa	- -	
3a.	Civilidade	Padre Manuel da Costa	- -	

(DIRETOR) Padre Manuel da Costa

(INSPETOR) Luís Fernandes da Costa



Modelo n. 7

GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE
(Nome do estabelecimento)

CAICÓ
(Cidade)

RIO GRANDE DO NORTE
(Estado)

ANO LETIVO DE 1949.

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

Curso GINASIAL

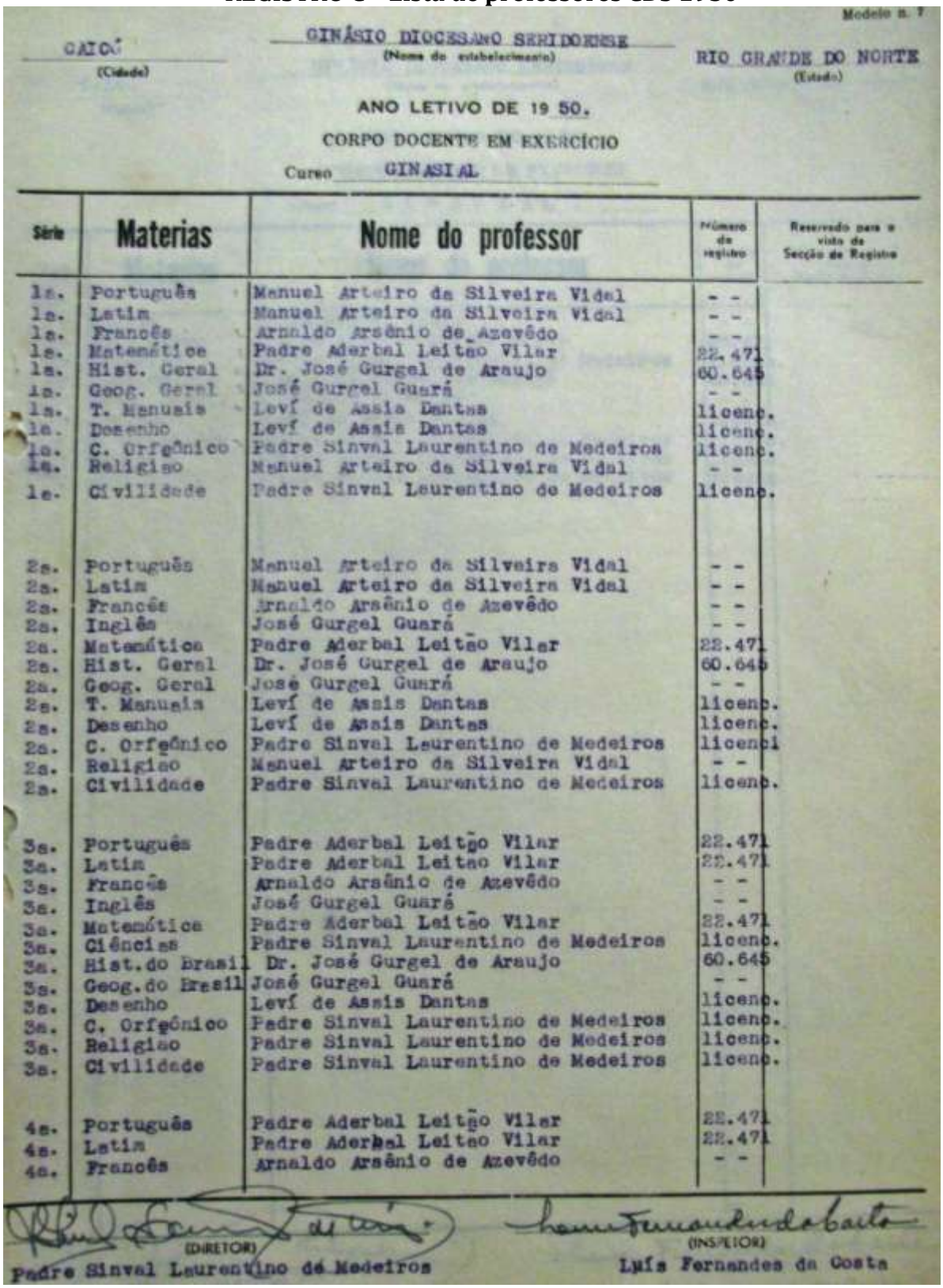
Série	Materias	Nome do professor	Número de registro	Reservado para o visto da Secção de Registro
4a.	Português	Genival Santos Medeiros	- -	
4a.	Latim	Genival Santos Medeiros	- -	
4a.	Francês	Padre Aderbal Leitao Vilar	22.471	
4a.	Inglês	José Gurgel Guará	- -	
4a.	Matemática	Eduardo Gurgel de Araujo Filho	- -	
4a.	C. Naturais	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
4a.	Hist. Brasil	Dr. José Gurgel de Araujo e	80.645	
		Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
4a.	Geog. Brasil	Clementino Maria da Maria	- -	
4a.	Desenho	Padre Aderbal Leitao Vilar e	22.471	
		Levi de Assis Dantas	licenc.	
4a.	C. Orfeônico	Padre Aderbal Leitao Vilar	22.471	
4a.	Religiao	Padre Manuel da Costa	- -	
4a.	Civilidade	Padre Manuel da Costa	- -	

(DIRETOR)
Padre Manuel da Costa

(INSPETOR)
Luís Fernandes da Costa

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO C – Lista de professores CDS 1950



Modelo n. 7

CAICÓ (Cidade) — GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE (Nome do estabelecimento) — RIO GRANDE DO NORTE (Estado)

ANO LETIVO DE 19 50.

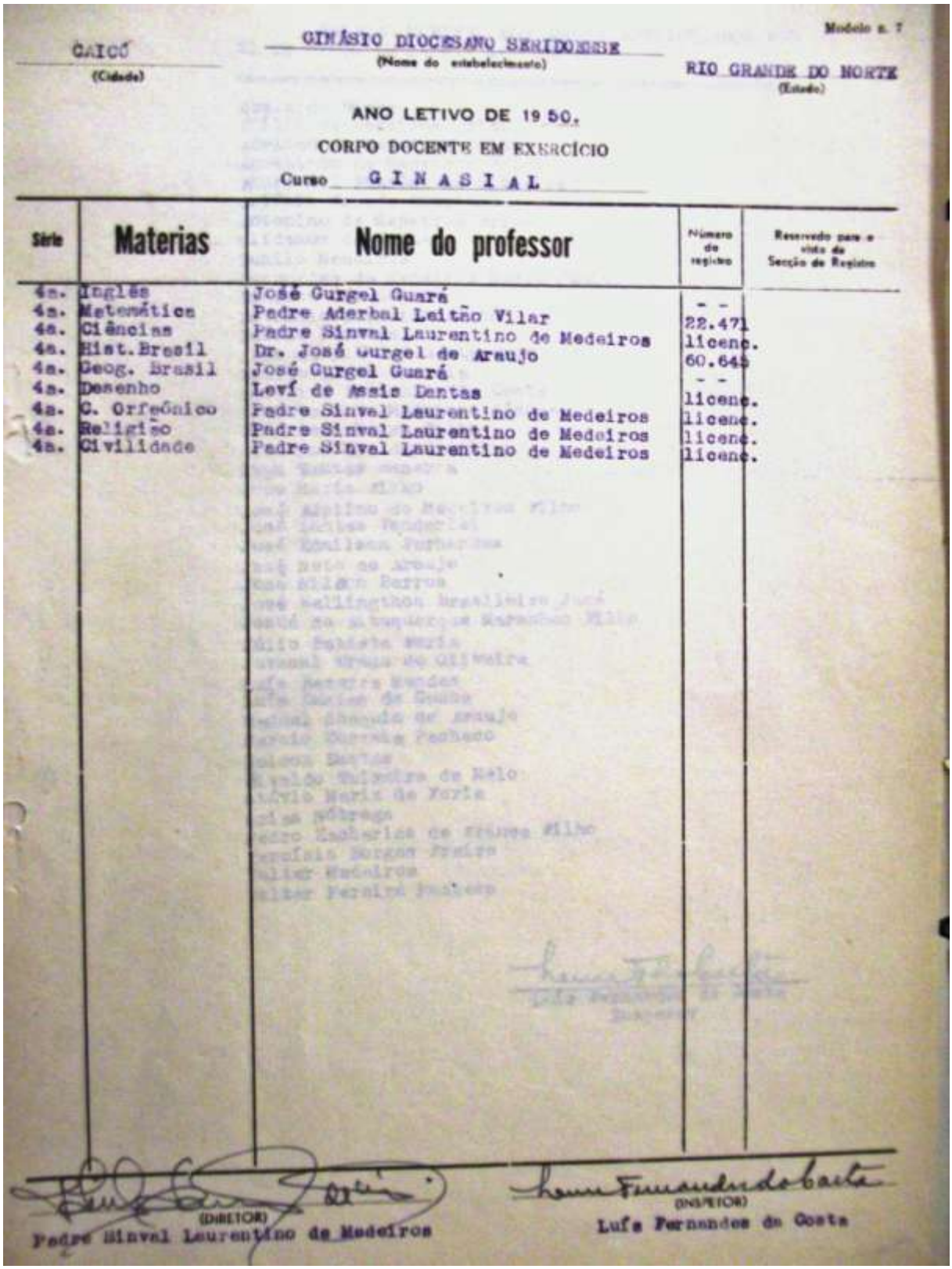
CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

Curso GINASIAL

Série	Materias	Nome do professor	Número de registro	Reservado para o visto da Secção de Registro
1a.	Português	Manuel Arteiro da Silveira Vidal	- -	
1a.	Latim	Manuel Arteiro da Silveira Vidal	- -	
1a.	Francês	Arnaldo Arsênio de Azevêdo	- -	
1a.	Matemática	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
1a.	Hist. Geral	Dr. José Gurgel de Araujo	60.645	
1a.	Geog. Geral	José Gurgel Guará	- -	
1a.	T. Manuais	Leví de Assis Dantas	licenc.	
1a.	Desenho	Leví de Assis Dantas	licenc.	
1a.	C. Orfeônico	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
1a.	Religião	Manuel Arteiro da Silveira Vidal	- -	
1a.	Civilidade	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
2a.	Português	Manuel Arteiro da Silveira Vidal	- -	
2a.	Latim	Manuel Arteiro da Silveira Vidal	- -	
2a.	Francês	Arnaldo Arsênio de Azevêdo	- -	
2a.	Inglês	José Gurgel Guará	- -	
2a.	Matemática	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
2a.	Hist. Geral	Dr. José Gurgel de Araujo	60.645	
2a.	Geog. Geral	José Gurgel Guará	- -	
2a.	T. Manuais	Leví de Assis Dantas	licenc.	
2a.	Desenho	Leví de Assis Dantas	licenc.	
2a.	C. Orfeônico	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenci	
2a.	Religião	Manuel Arteiro da Silveira Vidal	- -	
2a.	Civilidade	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
3a.	Português	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
3a.	Latim	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
3a.	Francês	Arnaldo Arsênio de Azevêdo	- -	
3a.	Inglês	José Gurgel Guará	- -	
3a.	Matemática	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
3a.	Ciências	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
3a.	Hist.do Brasil	Dr. José Gurgel de Araujo	60.645	
3a.	Geog.do Brasil	José Gurgel Guará	- -	
3a.	Desenho	Leví de Assis Dantas	licenc.	
3a.	C. Orfeônico	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
3a.	Religião	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
3a.	Civilidade	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
4a.	Português	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
4a.	Latim	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
4a.	Francês	Arnaldo Arsênio de Azevêdo	- -	

(DIRETOR) Padre Sinval Laurentino de Medeiros

(INSPETOR) Luís Fernandes da Costa



Modelo n. 7

CAICÓ (Cidade) — GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE (Nome do estabelecimento) — RIO GRANDE DO NORTE (Estado)

ANO LETIVO DE 1950.

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

Curso GINASIAL

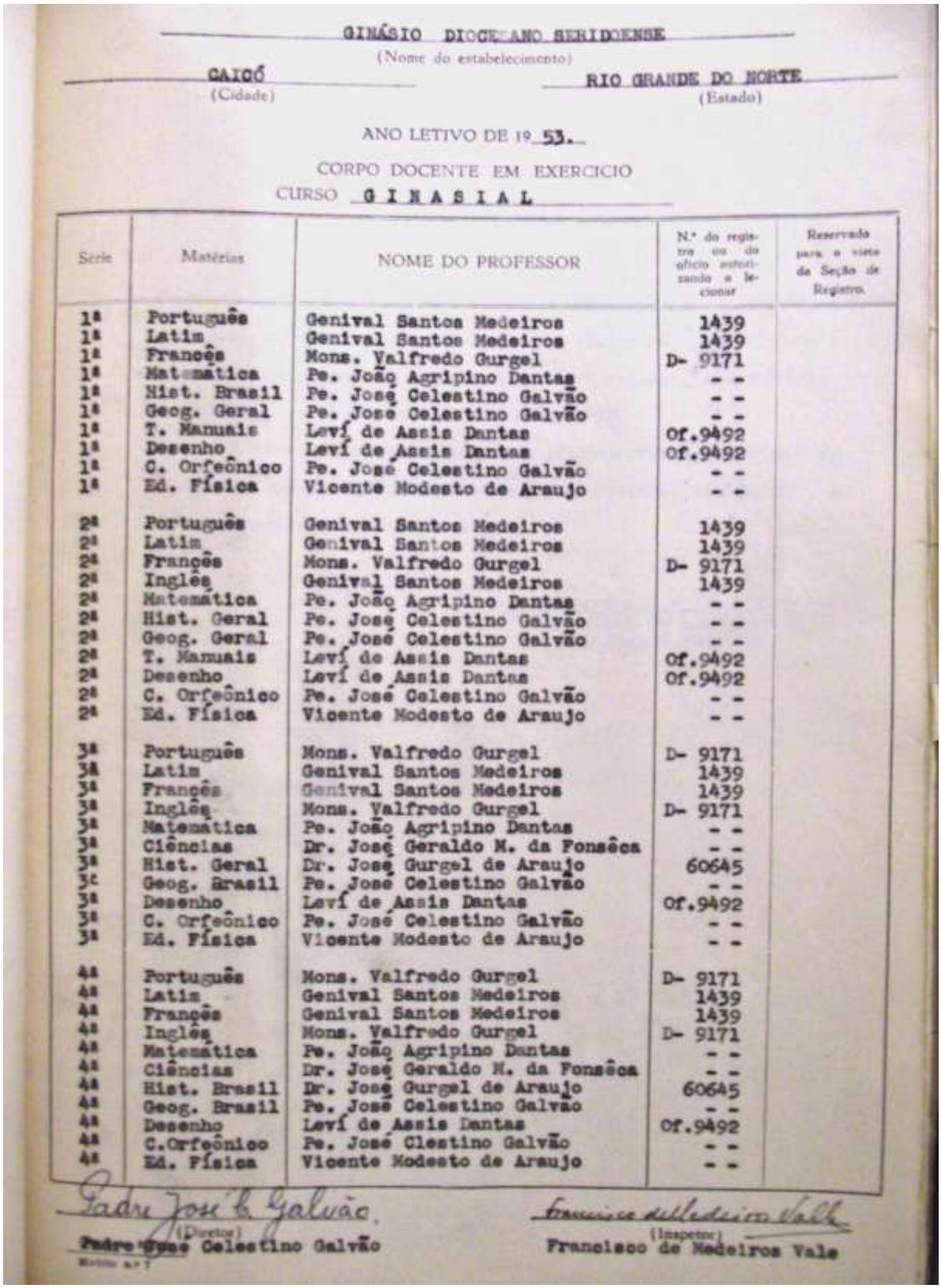
Série	Materias	Nome do professor	Número do registro	Reservado para o visto da Secção de Registro
4a.	Inglês	José Gurgel Guará	- -	
4a.	Matemática	Padre Aderbal Leitão Vilar	22.471	
4a.	Ciências	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
4a.	Hist. Brasil	Dr. José Gurgel de Araujo	60.645	
4a.	Geog. Brasil	José Gurgel Guará	- -	
4a.	Desenho	Leví de Assis Dantas	licenc.	
4a.	C. Orfeônico	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
4a.	Religião	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	
4a.	Civilidade	Padre Sinval Laurentino de Medeiros	licenc.	

(DIRETOR) Padre Sinval Laurentino de Medeiros

(INSPETOR) Luís Fernandes da Costa

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO D – Lista de professores CDS 1953



GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE
(Nome do estabelecimento)

CAICÓ (Cidade) — RIO GRANDE DO NORTE (Estado)

ANO LETIVO DE 19 53.

CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

CURSO GINASIAL

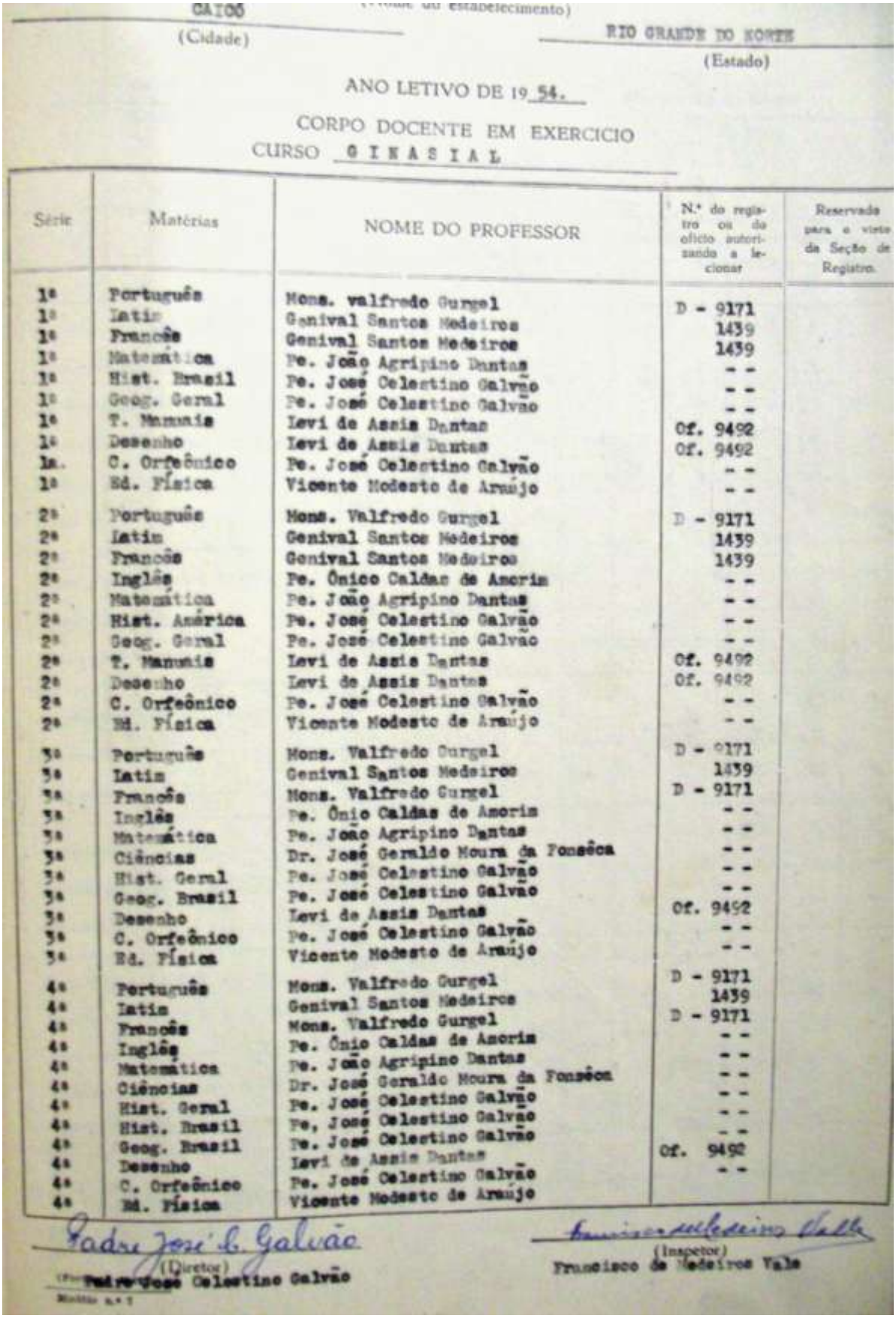
Série	Matérias	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro ou do ofício autorizando a lecionar	Reservado para o visto da Seção de Registro.
1ª	Português	Genival Santos Medeiros	1439	
1ª	Latim	Genival Santos Medeiros	1439	
1ª	Francês	Mons. Valfredo Gurgel	D- 9171	
1ª	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	- -	
1ª	Hist. Brasil	Pe. José Celestino Galvão	- -	
1ª	Geog. Geral	Pe. José Celestino Galvão	- -	
1ª	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	Of.9492	
1ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of.9492	
1ª	C. Orfeônico	Pe. José Celestino Galvão	- -	
1ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araujo	- -	
2ª	Português	Genival Santos Medeiros	1439	
2ª	Latim	Genival Santos Medeiros	1439	
2ª	Francês	Mons. Valfredo Gurgel	D- 9171	
2ª	Inglês	Genival Santos Medeiros	1439	
2ª	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	- -	
2ª	Hist. Geral	Pe. José Celestino Galvão	- -	
2ª	Geog. Geral	Pe. José Celestino Galvão	- -	
2ª	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	Of.9492	
2ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of.9492	
2ª	C. Orfeônico	Pe. José Celestino Galvão	- -	
2ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araujo	- -	
3ª	Português	Mons. Valfredo Gurgel	D- 9171	
3ª	Latim	Genival Santos Medeiros	1439	
3ª	Francês	Genival Santos Medeiros	1439	
3ª	Inglês	Mons. Valfredo Gurgel	D- 9171	
3ª	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	- -	
3ª	Ciências	Dr. José Geraldo M. da Fonsêca	- -	
3ª	Hist. Geral	Dr. José Gurgel de Araujo	60645	
3c	Geog. Brasil	Pe. José Celestino Galvão	- -	
3ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of.9492	
3ª	C. Orfeônico	Pe. José Celestino Galvão	- -	
3ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araujo	- -	
4ª	Português	Mons. Valfredo Gurgel	D- 9171	
4ª	Latim	Genival Santos Medeiros	1439	
4ª	Francês	Genival Santos Medeiros	1439	
4ª	Inglês	Mons. Valfredo Gurgel	D- 9171	
4ª	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	- -	
4ª	Ciências	Dr. José Geraldo M. da Fonsêca	- -	
4ª	Hist. Brasil	Dr. José Gurgel de Araujo	60645	
4ª	Geog. Brasil	Pe. José Celestino Galvão	- -	
4ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of.9492	
4ª	C.Orfeônico	Pe. José Clestino Galvão	- -	
4ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araujo	- -	

Padre José C. Galvão
(Diretor)
Padre José Celestino Galvão

Francisco de Medeiros Vale
(Inspetor)
Francisco de Medeiros Vale

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO E – Lista de professores CDS 1954



CAICÓ (Cidade) — (Nome do estabelecimento) — RIO GRANDE DO NORTE (Estado)

ANO LETIVO DE 1954.

CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

CURSO GINASIAL

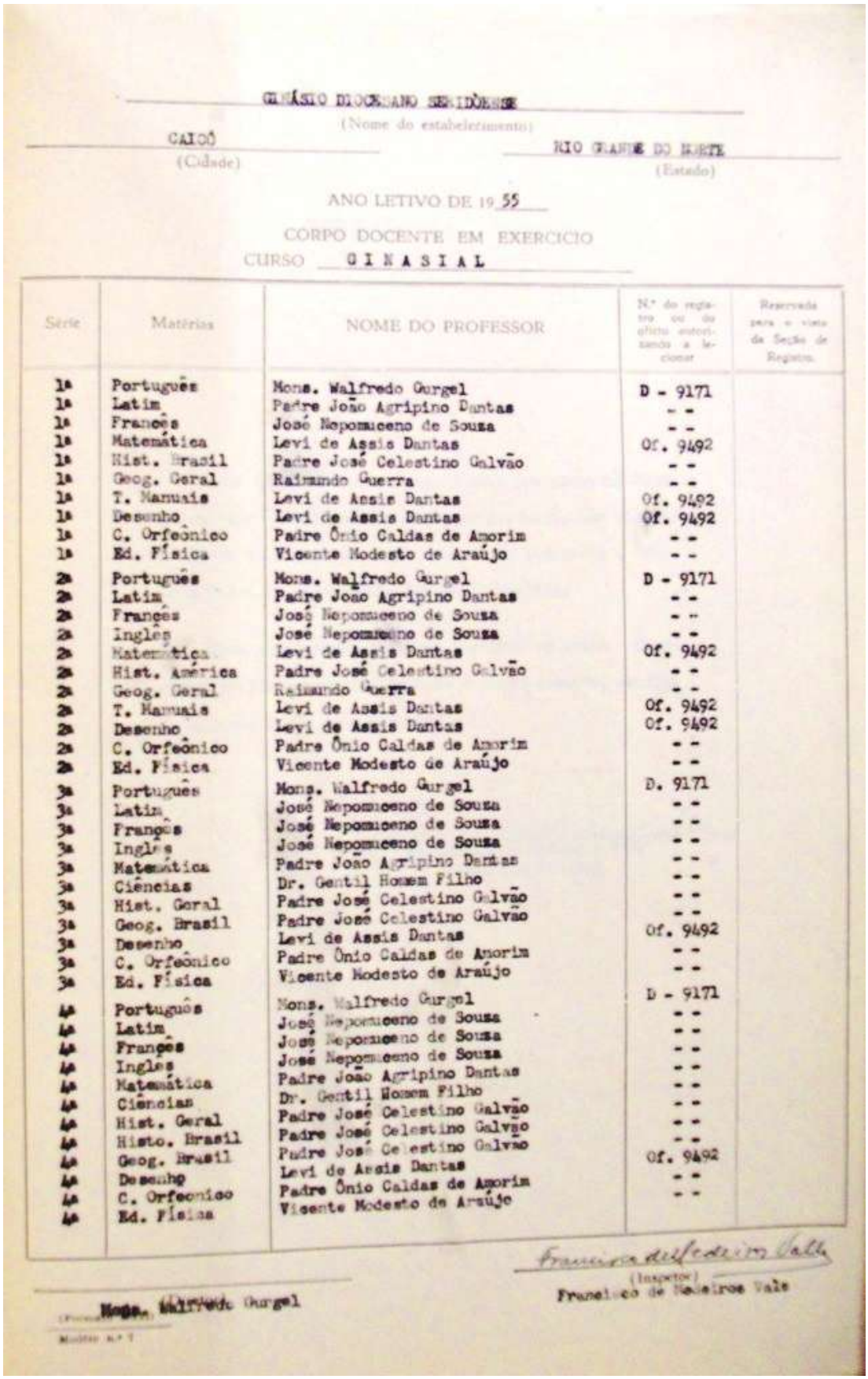
Série	Matérias	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro ou do ofício autorizando a lecionar	Reservado para o visto da Seção de Registro
1ª	Português	Mons. Valfredo Gurgel	D - 9171	
1ª	Latim	Genival Santos Medeiros	1439	
1ª	Francês	Genival Santos Medeiros	1439	
1ª	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	- -	
1ª	Hist. Brasil	Pe. José Celestino Galvão	- -	
1ª	Geog. Geral	Pe. José Celestino Galvão	- -	
1ª	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
1ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
1ª.	C. Orfeônico	Pe. José Celestino Galvão	- -	
1ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- -	
2ª	Português	Mons. Valfredo Gurgel	D - 9171	
2ª	Latim	Genival Santos Medeiros	1439	
2ª	Francês	Genival Santos Medeiros	1439	
2ª	Inglês	Pe. Ônio Caldas de Amorim	- -	
2ª	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	- -	
2ª	Hist. América	Pe. José Celestino Galvão	- -	
2ª	Geog. Geral	Pe. José Celestino Galvão	- -	
2ª	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
2ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
2ª	C. Orfeônico	Pe. José Celestino Galvão	- -	
2ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- -	
3ª	Português	Mons. Valfredo Gurgel	D - 9171	
3ª	Latim	Genival Santos Medeiros	1439	
3ª	Francês	Mons. Valfredo Gurgel	D - 9171	
3ª	Inglês	Pe. Ônio Caldas de Amorim	- -	
3ª	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	- -	
3ª	Ciências	Dr. José Geraldo Moura da Fonsêca	- -	
3ª	Hist. Geral	Pe. José Celestino Galvão	- -	
3ª	Geog. Brasil	Pe. José Celestino Galvão	- -	
3ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
3ª	C. Orfeônico	Pe. José Celestino Galvão	- -	
3ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- -	
4ª	Português	Mons. Valfredo Gurgel	D - 9171	
4ª	Latim	Genival Santos Medeiros	1439	
4ª	Francês	Mons. Valfredo Gurgel	D - 9171	
4ª	Inglês	Pe. Ônio Caldas de Amorim	- -	
4ª	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	- -	
4ª	Ciências	Dr. José Geraldo Moura da Fonsêca	- -	
4ª	Hist. Geral	Pe. José Celestino Galvão	- -	
4ª	Hist. Brasil	Pe. José Celestino Galvão	- -	
4ª	Geog. Brasil	Pe. José Celestino Galvão	- -	
4ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
4ª	C. Orfeônico	Pe. José Celestino Galvão	- -	
4ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- -	

Padre José C. Galvão
(Diretor)
Padre José Celestino Galvão

(Inspetor)
Francisco de Medeiros Vale

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO F – Lista de professores CDS 1955



GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE
(Nome do estabelecimento)

CAICÓ (Cidade) — RIO GRANDE DO NORTE (Estado)

ANO LETIVO DE 1955

CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

CURSO GINASIAL

Série	Matérias	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro ou do ofício autorizando a lecionar	Reservado para o visto da Secção de Registro
1ª	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
1ª	Latim	Padre João Agripino Dantas	- -	
1ª	Francês	José Nepomuceno de Souza	- -	
1ª	Matemática	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
1ª	Hist. Brasil	Padre José Celestino Galvão	- -	
1ª	Geog. Geral	Raimundo Guerra	- -	
1ª	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
1ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
1ª	C. Orfeônico	Padre Ônio Caldas de Amorim	- -	
1ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- -	
2ª	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
2ª	Latim	Padre João Agripino Dantas	- -	
2ª	Francês	José Nepomuceno de Souza	- -	
2ª	Inglês	José Nepomuceno de Souza	- -	
2ª	Matemática	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
2ª	Hist. América	Padre José Celestino Galvão	- -	
2ª	Geog. Geral	Raimundo Guerra	- -	
2ª	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
2ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
2ª	C. Orfeônico	Padre Ônio Caldas de Amorim	- -	
2ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- -	
3ª	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D. 9171	
3ª	Latim	José Nepomuceno de Souza	- -	
3ª	Francês	José Nepomuceno de Souza	- -	
3ª	Inglês	José Nepomuceno de Souza	- -	
3ª	Matemática	Padre João Agripino Dantas	- -	
3ª	Ciências	Dr. Gentil Homem Filho	- -	
3ª	Hist. Geral	Padre José Celestino Galvão	- -	
3ª	Geog. Brasil	Padre José Celestino Galvão	- -	
3ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
3ª	C. Orfeônico	Padre Ônio Caldas de Amorim	- -	
3ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- -	
4ª	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
4ª	Latim	José Nepomuceno de Souza	- -	
4ª	Francês	José Nepomuceno de Souza	- -	
4ª	Inglês	José Nepomuceno de Souza	- -	
4ª	Matemática	Padre João Agripino Dantas	- -	
4ª	Ciências	Dr. Gentil Homem Filho	- -	
4ª	Hist. Geral	Padre José Celestino Galvão	- -	
4ª	Histo. Brasil	Padre José Celestino Galvão	- -	
4ª	Geog. Brasil	Padre José Celestino Galvão	- -	
4ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
4ª	C. Orfeonico	Padre Ônio Caldas de Amorim	- -	
4ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- -	

Mons. Walfredo Gurgel

Francisco de Medeiros Vale
(Inspetor)

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO G – Lista de professores CDS 1956

GINÁSIO DIOCESANO SEDIOCENSE
(Nome do estabelecimento)

CAICÓ (Cidade) — RIO GRANDE DO NORTE (Estado)

ANO LETIVO DE 1956.

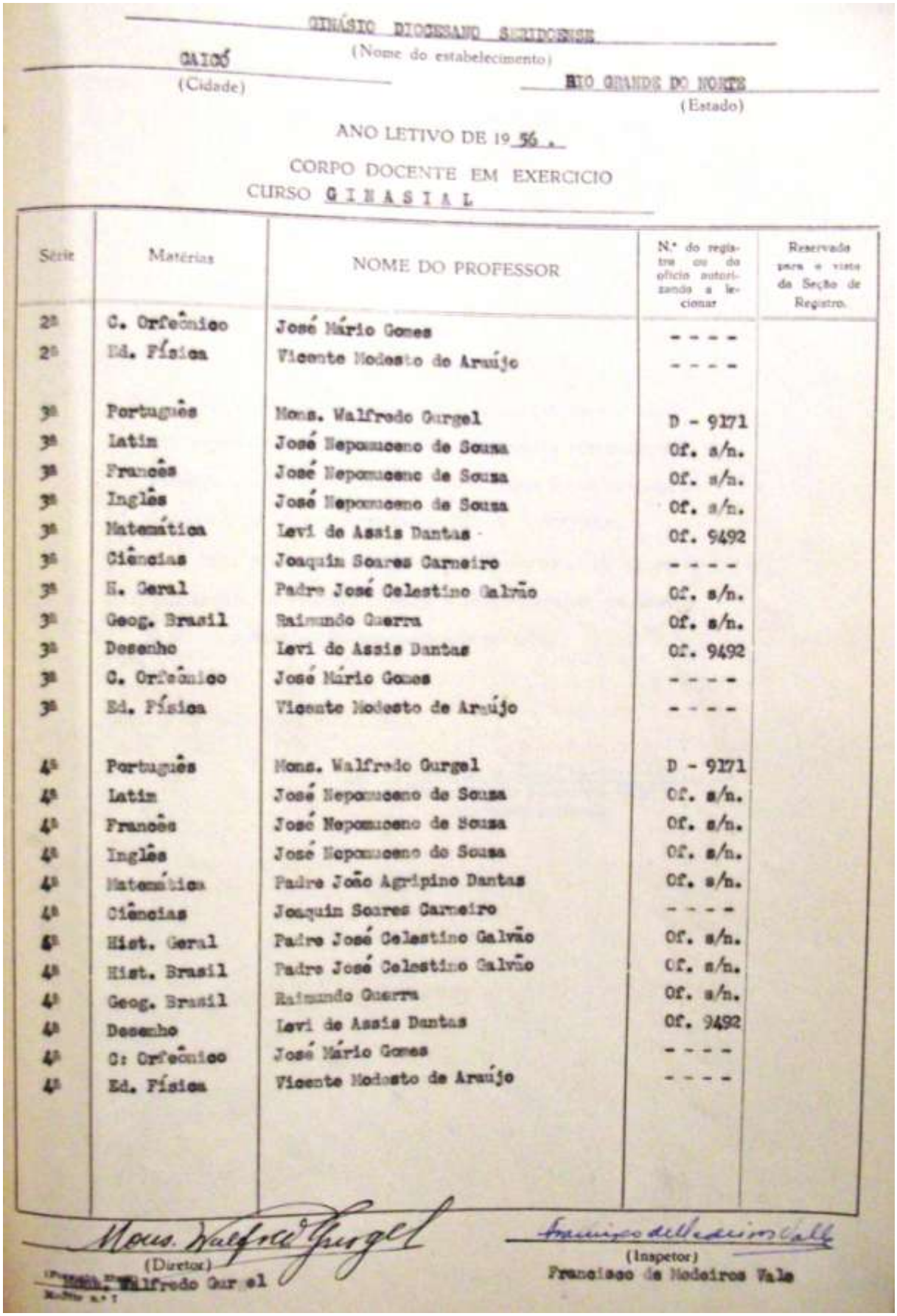
CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

CURSO GINASIAL

Série	Matérias	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro ou do ofício autorizando a lecionar	Reservado para o visto da Seção de Registro.
1ª - A	Português	Joaquin Soares Carneiro	- - - -	
1ª - A	Latim	Padre João Agripino Dantas	Of. s/n.	
1ª - A	Francês	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
1ª - A	Matemática	Padre João Agripino Dantas	Of. s/n.	
1ª - A	Hist. Brasil	Padre José Celestino Galvão	Of. s/n.	
1ª - A	Geog. Geral	Raimundo Guerra	Of. s/n.	
1ª - A	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
1ª - A	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
1ª - A	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - - -	
1ª - A	Ed. Física	Vicente Modesto de Araujo	- - - -	
1ª - B	Português	Joaquin Soares Carneiro	- - - -	
1ª - B	Latim	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n.	
1ª - B	Francês	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
1ª - B	Matemática	Padre João Agripino Dantas	Of. s/n.	
1ª - B	Hist. Brasil	Padre José Celestino Galvão	Of. s/n.	
1ª - B	Geog. Geral	Raimundo Guerra	Of. s/n.	
1ª - B	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
1ª - B	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
1ª - B	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - - -	
1ª - B	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- - - -	
2ª	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
2ª	Latim	Padre João Agripino Dantas	Of. s/n.	
2ª	Francês	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n.	
2ª	Inglês	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
2ª	Matemática	Levi de Assis Dantas.	Of. 9492	
2ª	Hist. América	Padre José Celestino Galvão	Of. s/n.	
2ª	Geog. Geral	Raimundo Guerra	Of. s/n.	
2ª	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
2ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	

Mons. Walfredo Gurgel
(Diretor)

Francisco de Medeiros Vale
(Inspetor)



GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE
(Nome do estabelecimento)

CAICÓ
(Cidade)

RIO GRANDE DO NORTE
(Estado)

ANO LETIVO DE 1956.

CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

CURSO GINASIAL

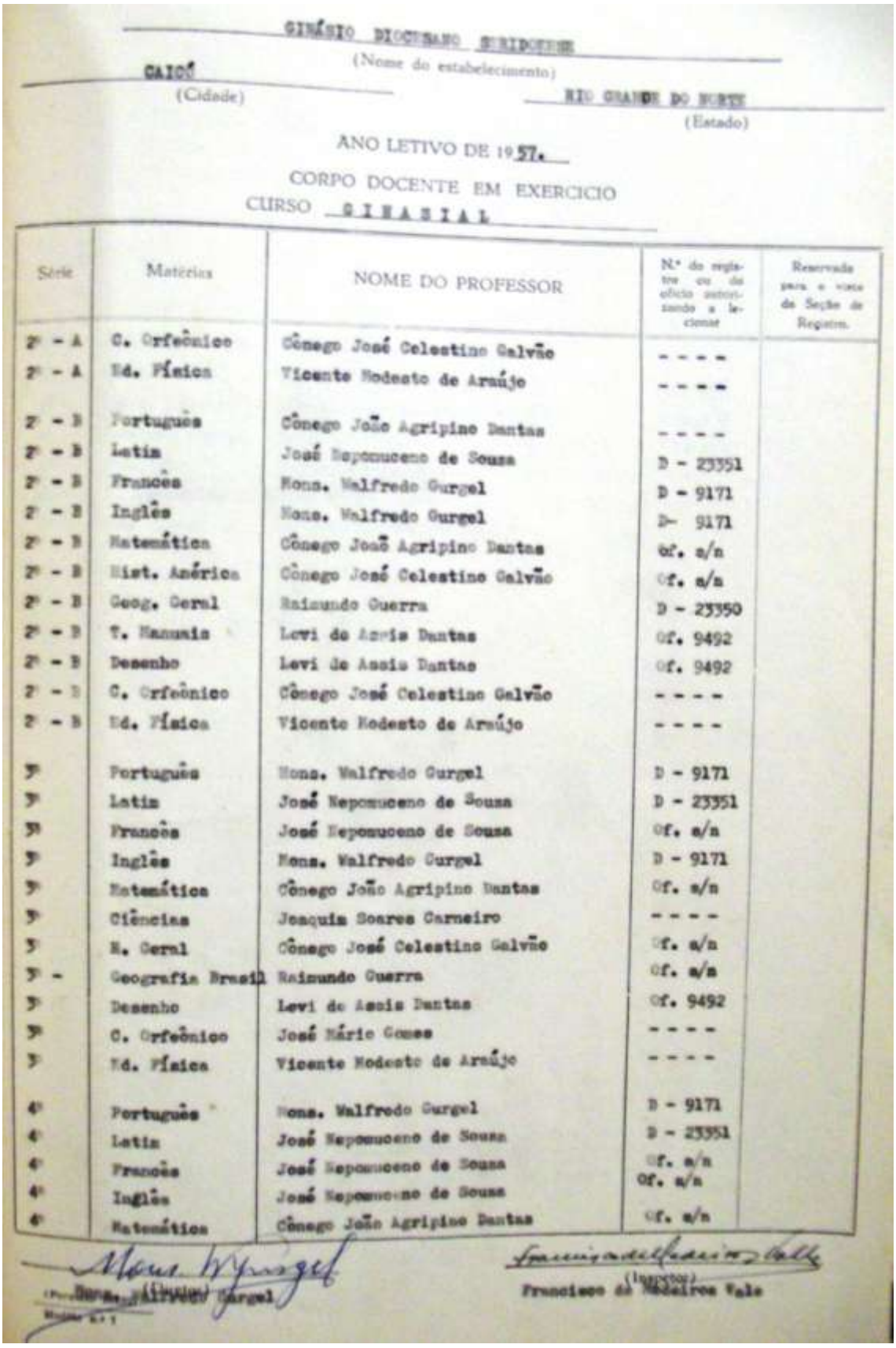
Série	Matérias	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro ou do ofício autorizando a lecionar	Reservado para o visto da Seção de Registro.
2ª	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - - -	
2ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- - - -	
3ª	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
3ª	Latim	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n.	
3ª	Francês	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n.	
3ª	Inglês	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n.	
3ª	Matemática	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
3ª	Ciências	Joaquim Soares Carneiro	- - - -	
3ª	H. Geral	Padre José Celestino Galvão	Of. s/n.	
3ª	Geog. Brasil	Raimundo Guerra	Of. s/n.	
3ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
3ª	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - - -	
3ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- - - -	
4ª	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
4ª	Latim	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n.	
4ª	Francês	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n.	
4ª	Inglês	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n.	
4ª	Matemática	Padre João Agripino Dantas	Of. s/n.	
4ª	Ciências	Joaquim Soares Carneiro	- - - -	
4ª	Hist. Geral	Padre José Celestino Galvão	Of. s/n.	
4ª	Hist. Brasil	Padre José Celestino Galvão	Of. s/n.	
4ª	Geog. Brasil	Raimundo Guerra	Of. s/n.	
4ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
4ª	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - - -	
4ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- - - -	

Mons. Walfredo Gurgel
(Diretor)
Mons. Walfredo Gurgel

Francisco de Medeiros Vale
(Inspetor)
Francisco de Medeiros Vale

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO H – Lista de professores CDS 1957



GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE
(Nome do estabelecimento)

CAICÓ
(Cidade)

RIO GRANDE DO NORTE
(Estado)

ANO LETIVO DE 1957.

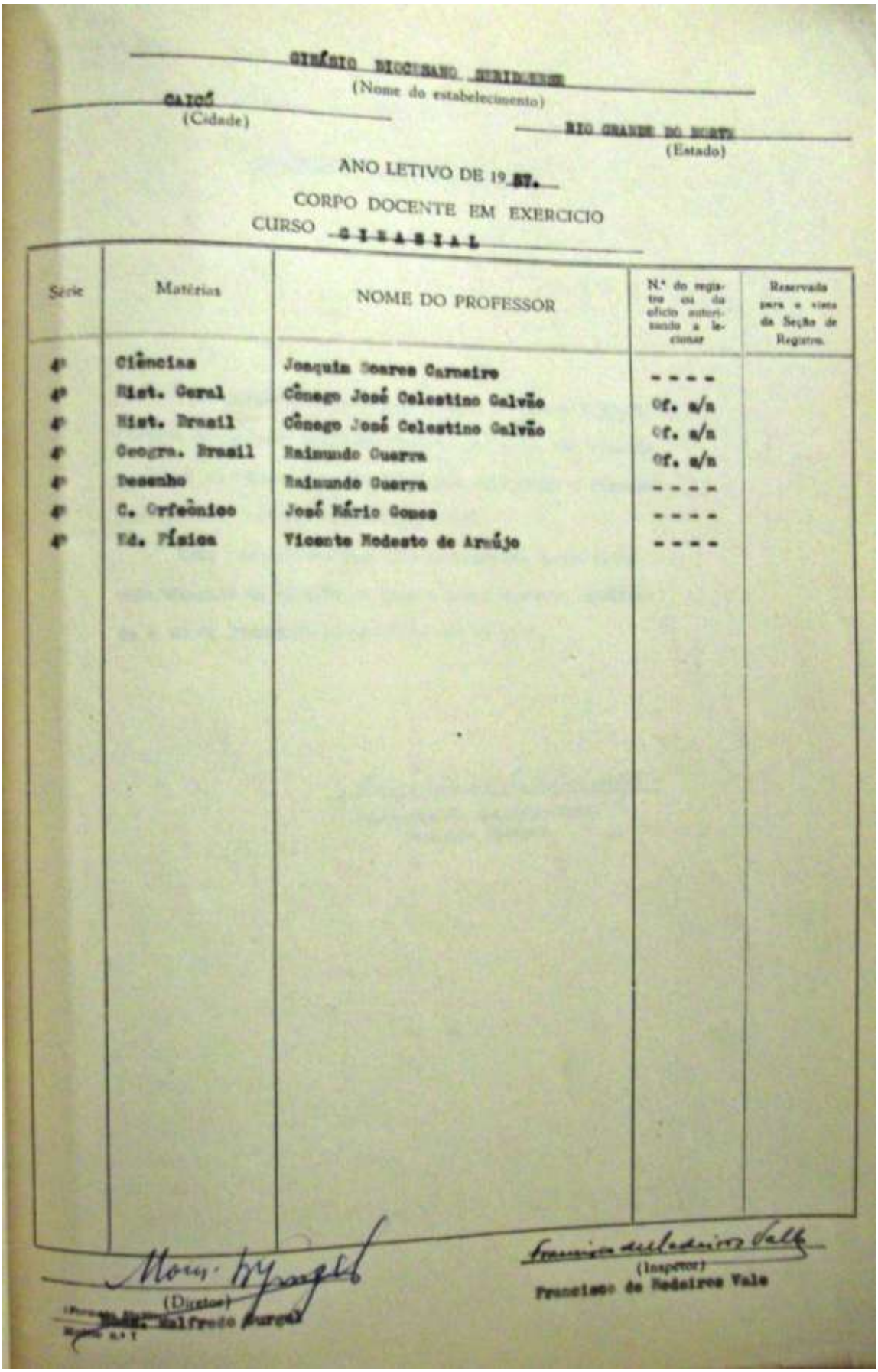
CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

CURSO GINASIAL

Série	Matérias	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro ou do ofício autorizando a lecionar	Reservado para o visto da Seção de Registro.
2ª - A	C. Orfeônico	Cônego José Celestino Galvão	- - - -	
2ª - A	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	- - - -	
2ª - B	Português	Cônego João Agripino Dantas	- - - -	
2ª - B	Latim	José Nepomuceno de Sousa	D - 23351	
2ª - B	Francês	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
2ª - B	Inglês	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
2ª - B	Matemática	Cônego João Agripino Dantas	Of. s/n	
2ª - B	Hist. Américo	Cônego José Celestino Galvão	Of. s/n	
2ª - B	Geog. Geral	Raimundo Guerra	D - 23350	
2ª - B	T. Manuais	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
2ª - B	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
2ª - B	C. Orfeônico	Cônego José Celestino Galvão	- - - -	
2ª - B	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	- - - -	
3ª	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
3ª	Latim	José Nepomuceno de Sousa	D - 23351	
3ª	Francês	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n	
3ª	Inglês	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
3ª	Matemática	Cônego João Agripino Dantas	Of. s/n	
3ª	Ciências	Joaquim Soares Carneiro	- - - -	
3ª	H. Geral	Cônego José Celestino Galvão	Of. s/n	
3ª -	Geografia Brasil	Raimundo Guerra	Of. s/n	
3ª	Desenho	Levi de Assis Dantas	Of. 9492	
3ª	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - - -	
3ª	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	- - - -	
4ª	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D - 9171	
4ª	Latim	José Nepomuceno de Sousa	D - 23351	
4ª	Francês	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n	
4ª	Inglês	José Nepomuceno de Sousa	Of. s/n	
4ª	Matemática	Cônego João Agripino Dantas	Of. s/n	

Mons. Walfredo Gurgel
(Diretor)

Francisco de Medeiros Vale
(Inspetor)



GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE
(Nome do estabelecimento)

CAICÓ
(Cidade)

RIO GRANDE DO NORTE
(Estado)

ANO LETIVO DE 19 57.

CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

CURSO GINASIAL

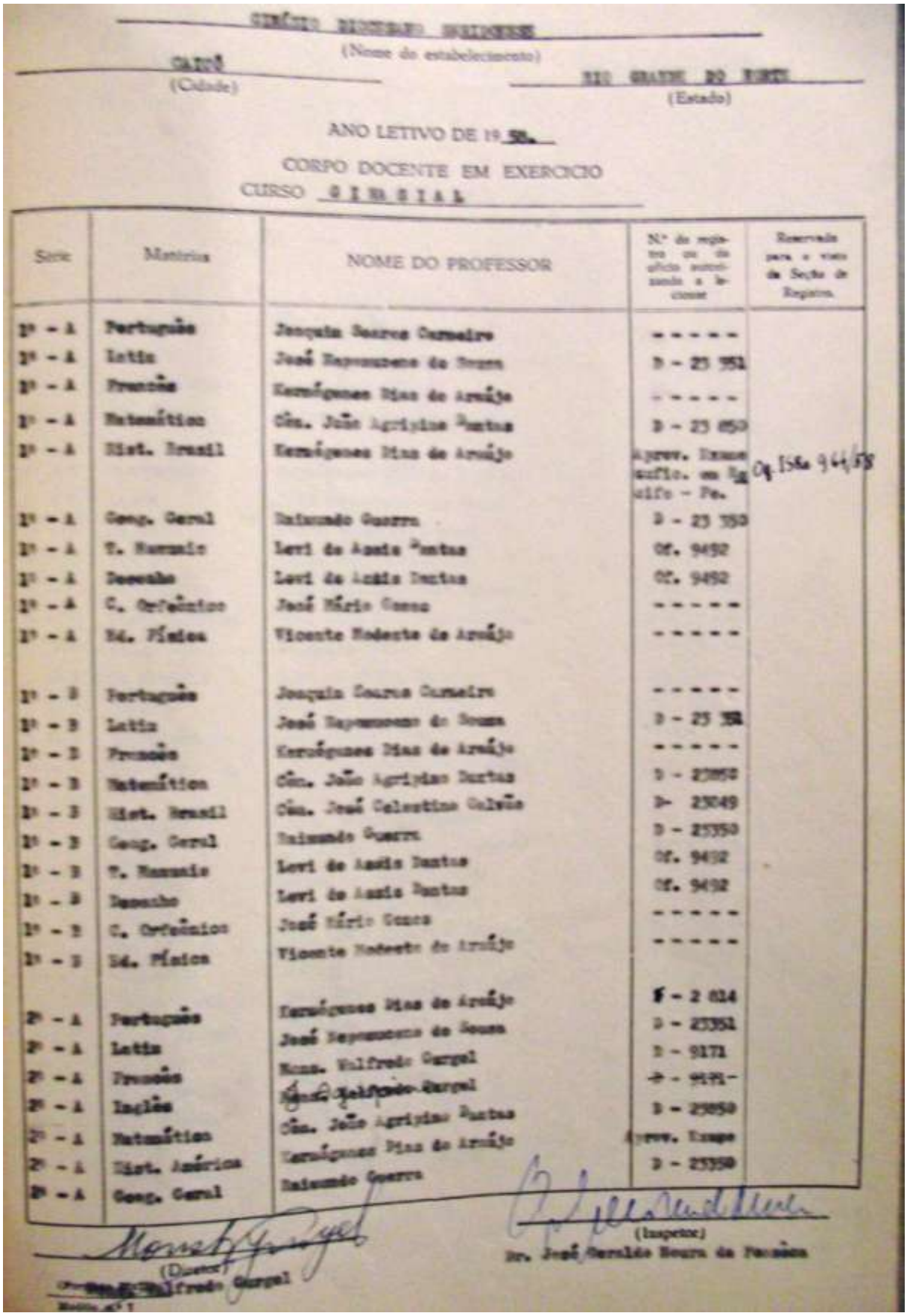
Série	Matérias	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro ou do ofício autorizando a lecionar	Reservado para o visto da Seção de Registro.
4ª	Ciências	Joaquim Soares Carneiro	- - - -	
4ª	Hist. Geral	Cônego José Celestino Galvão	Of. s/n	
4ª	Hist. Brasil	Cônego José Celestino Galvão	Of. s/n	
4ª	Geogra. Brasil	Raimundo Guerra	Of. s/n	
4ª	Desenho	Raimundo Guerra	- - - -	
4ª	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - - -	
4ª	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- - - -	

(Diretor)

(Inspetor)
Francisco de Medeiros Vale

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO I – Lista de professores CDS 1958



(Nome do estabelecimento)

(Cidade) (Estado)

ANO LETIVO DE 19 58

CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

CURSO

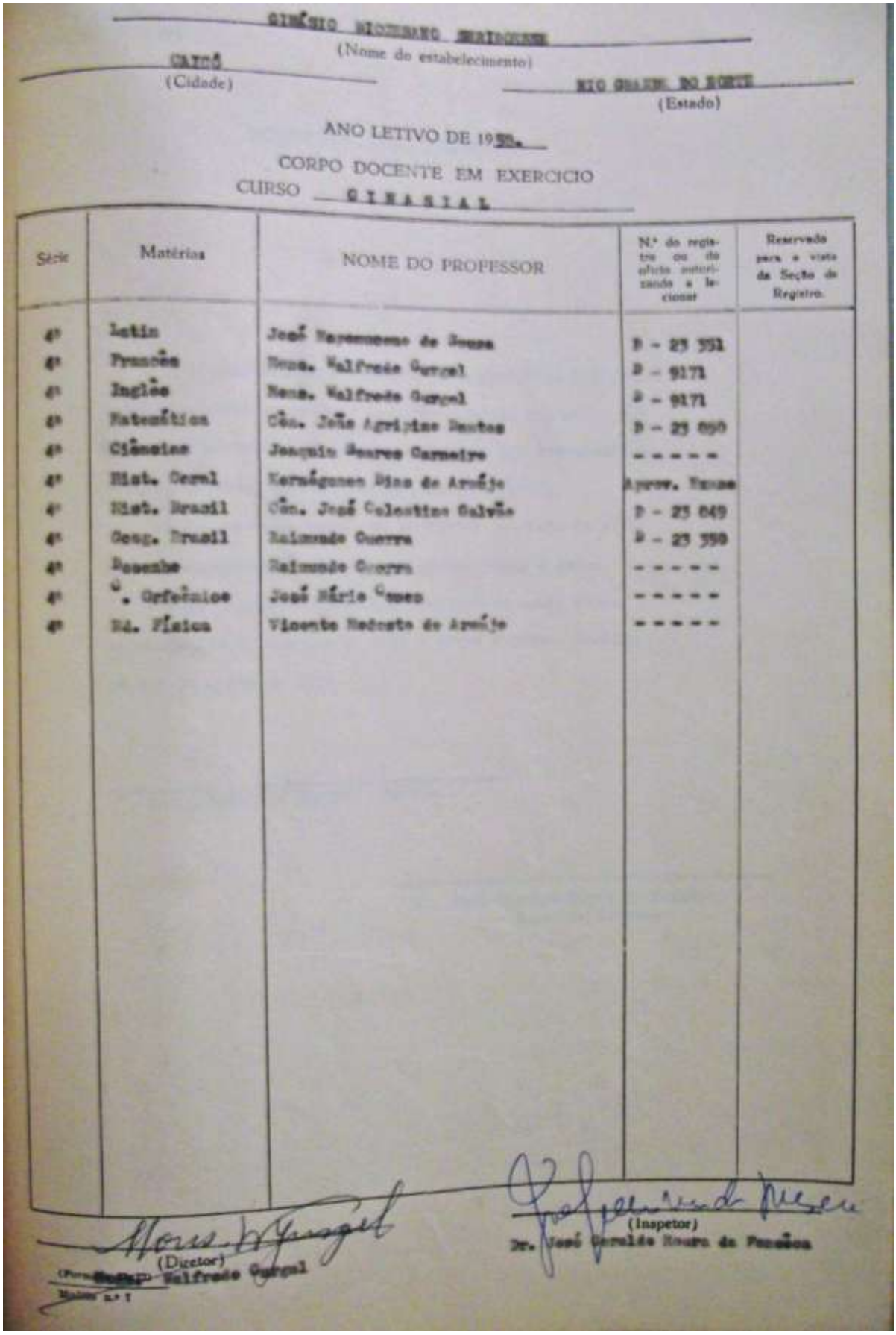
Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	Nº de registro ou de ofício autorizando a lecionar	Reservado para o visto da Secção de Registro.
1ª - A	Português	Joaquim Soares Carneiro	- - - - -	
1ª - A	Latim	José Raymundo de Souza	D - 25 351	
1ª - A	Francês	Hermógenes Dias de Araújo	- - - - -	
1ª - A	Matemática	Cên. João Agrícola Pontes	D - 25 850	
1ª - A	Hist. Brasil	Hermógenes Dias de Araújo	Aprov. Exame suplo. em Ba silio - Pe.	Of. 1564 944/58
1ª - A	Geog. Geral	Raimundo Guerra	D - 25 350	
1ª - A	T. Nacional	Levi de Assis Pontes	Of. 9492	
1ª - A	Desenho	Levi de Assis Pontes	Of. 9492	
1ª - A	C. Orfeônico	José Mário Souza	- - - - -	
1ª - A	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- - - - -	
1ª - B	Português	Joaquim Soares Carneiro	- - - - -	
1ª - B	Latim	José Raymundo de Souza	D - 25 351	
1ª - B	Francês	Hermógenes Dias de Araújo	- - - - -	
1ª - B	Matemática	Cên. João Agrícola Pontes	D - 25850	
1ª - B	Hist. Brasil	Cên. José Celestino Galvão	D- 25849	
1ª - B	Geog. Geral	Raimundo Guerra	D - 25350	
1ª - B	T. Nacional	Levi de Assis Pontes	Of. 9492	
1ª - B	Desenho	Levi de Assis Pontes	Of. 9492	
1ª - B	C. Orfeônico	José Mário Souza	- - - - -	
1ª - B	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	- - - - -	
2ª - A	Português	Hermógenes Dias de Araújo	D - 2 824	
2ª - A	Latim	José Raymundo de Souza	D - 25351	
2ª - A	Francês	Hosm. Wolfredo Gurgel	D - 9171	
2ª - A	Inglês	Wolfredo Gurgel	D - 9171	
2ª - A	Matemática	Cên. João Agrícola Pontes	D - 25850	
2ª - A	Hist. América	Hermógenes Dias de Araújo	Aprov. Exame	
2ª - A	Geog. Geral	Raimundo Guerra	D - 25350	

(Diretor)

Wolfredo Gurgel

(Inspetor)

Dr. José Geraldo Souza de Paraíba



GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE
(Nome do estabelecimento)

CAICÓ
(Cidade)

RIO GRANDE DO NORTE
(Estado)

ANO LETIVO DE 1958.

CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

CURSO GINASIAL

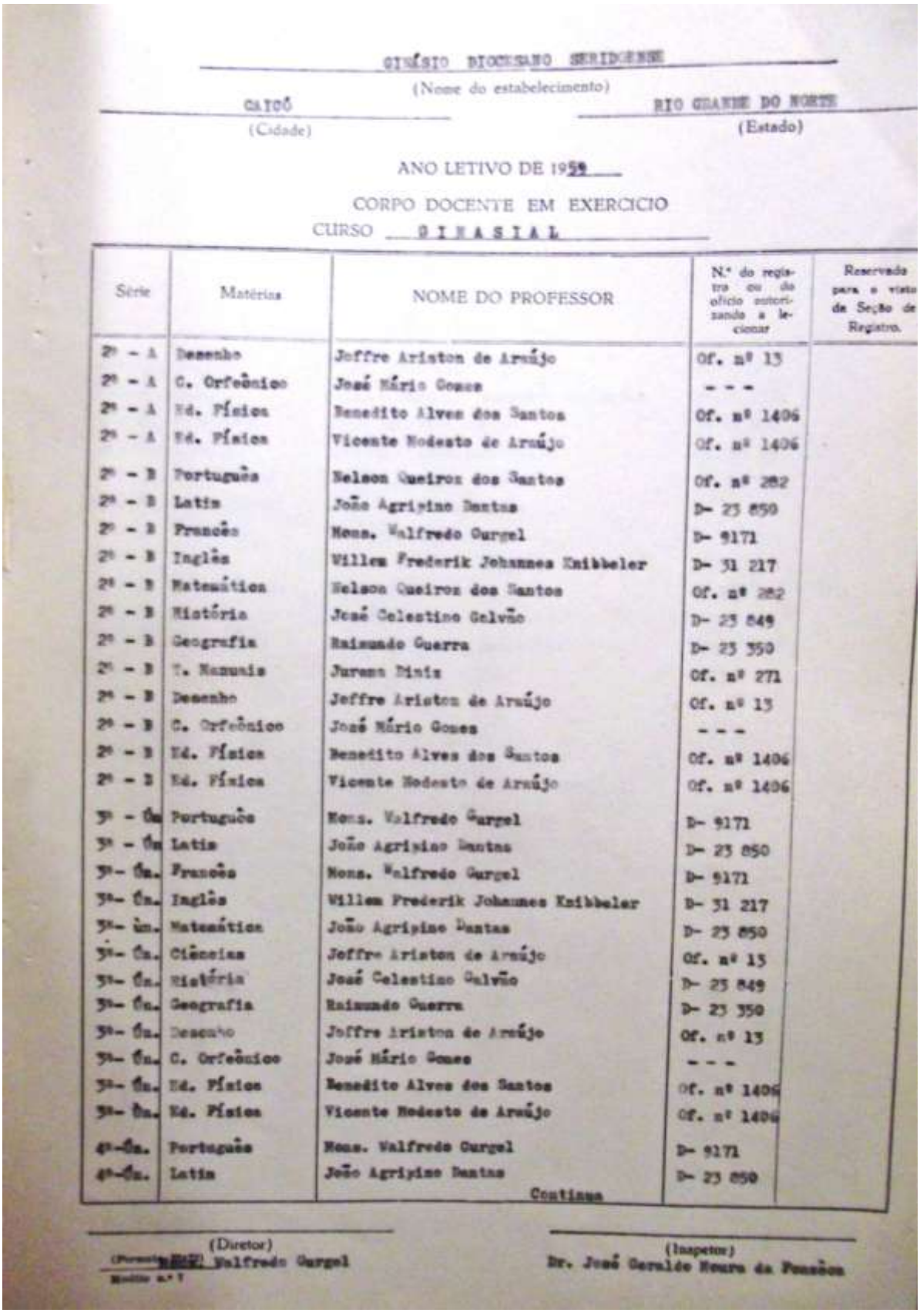
Série	Matérias	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro ou do ofício autorizando a lecionar	Reservado para o visto da Seção de Registro.
4ª	Latim	José Nazareno de Sousa	D - 25 351	
4ª	Francês	Dona. Walfredo Gurgel	D - 9171	
4ª	Inglês	Dona. Walfredo Gurgel	D - 9171	
4ª	Matemática	Cân. João Agripino Bastos	D - 25 890	
4ª	Ciências	Joaquim Soares Carneiro	- - - - -	
4ª	Hist. Geral	Heráclanes Dias de Araújo	Aprov. Banca	
4ª	Hist. Brasil	Cân. José Celestino Galvão	D - 25 849	
4ª	Geog. Brasil	Raimundo Guerra	D - 25 350	
4ª	Desenho	Raimundo Guerra	- - - - -	
4ª	O. Orfeônico	José Mário Soares	- - - - -	
4ª	Ed. Física	Vicente Nedeste de Araújo	- - - - -	

(Diretor)
Walfredo Gurgel

(Inspetor)
Dr. José Geraldo Soares da Fonseca

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO J – Lista de professores CDS 1959



GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE
(Nome do estabelecimento)

CAICÓ (Cidade) — RIO GRANDE DO NORTE (Estado)

ANO LETIVO DE 1959

CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

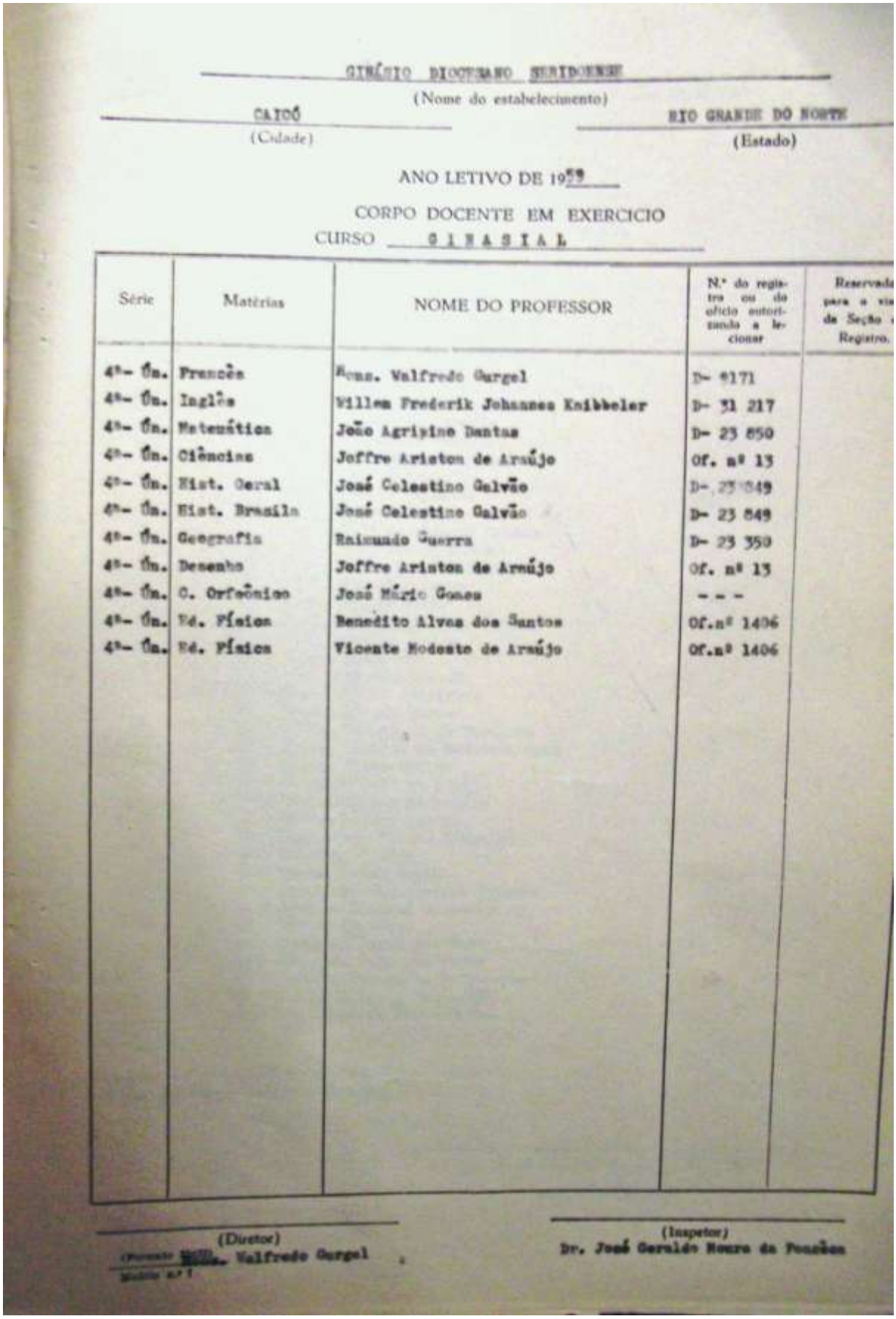
CURSO GINASIAL

Série	Matérias	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro ou do ofício autorizando a lecionar	Reservado para o visto da Seção de Registro.
2ª - A	Desenho	Joffre Ariston de Araújo	Of. nº 13	
2ª - A	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - -	
2ª - A	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of. nº 1406	
2ª - A	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	Of. nº 1406	
2ª - B	Português	Nelson Queiroz dos Santos	Of. nº 282	
2ª - B	Latim	João Agripino Bantas	D- 23 850	
2ª - B	Francês	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
2ª - B	Inglês	Willem Frederik Johannes Knibbeler	D- 31 217	
2ª - B	Matemática	Nelson Queiroz dos Santos	Of. nº 282	
2ª - B	História	José Celestino Galvão	D- 23 849	
2ª - B	Geografia	Raimundo Guerra	D- 23 350	
2ª - B	T. Manuais	Jurema Dinis	Of. nº 271	
2ª - B	Desenho	Joffre Ariston de Araújo	Of. nº 13	
2ª - B	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - -	
2ª - B	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of. nº 1406	
2ª - B	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	Of. nº 1406	
3ª - Gn.	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
3ª - Gn.	Latim	João Agripino Bantas	D- 23 850	
3ª- Gn.	Francês	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
3ª- Gn.	Inglês	Willem Frederik Johannes Knibbeler	D- 31 217	
3ª- Gn.	Matemática	João Agripino Bantas	D- 23 850	
3ª- Gn.	Ciências	Joffre Ariston de Araújo	Of. nº 13	
3ª- Gn.	História	José Celestino Galvão	D- 23 849	
3ª- Gn.	Geografia	Raimundo Guerra	D- 23 350	
3ª- Gn.	Desenho	Joffre Ariston de Araújo	Of. nº 13	
3ª- Gn.	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - -	
3ª- Gn.	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of. nº 1406	
3ª- Gn.	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	Of. nº 1406	
4ª-Gn.	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
4ª-Gn.	Latim	João Agripino Bantas	D- 23 850	

Continua

(Diretor) Walfredo Gurgel

(Inspetor) Dr. José Geraldo Moura da Fonseca



GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE
(Nome do estabelecimento)

CAICÓ — (Cidade)

RIO GRANDE DO NORTE — (Estado)

ANO LETIVO DE 1959

CORPO DOCENTE EM EXERCICIO

CURSO GINASIAL

Série	Matérias	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro ou do ofício autorizando a lecionar	Reservado para a via da Seção de Registro.
4ª- Gn.	Francês	Mons. Valfredo Gurgel	D- 9171	
4ª- Gn.	Inglês	Willem Frederik Johannes Knibbeler	D- 31 217	
4ª- Gn.	Matemática	João Agripino Dantas	D- 23 850	
4ª- Gn.	Ciências	Joffre Ariston de Araújo	Of. nº 13	
4ª- Gn.	Hist. Geral	José Celestino Galvão	D- 23 849	
4ª- Gn.	Hist. Brasil	José Celestino Galvão	D- 23 849	
4ª- Gn.	Geografia	Raimundo Guerra	D- 23 350	
4ª- Gn.	Desenho	Joffre Ariston de Araújo	Of. nº 13	
4ª- Gn.	C. Orfeônico	José Mário Gomes	- - -	
4ª- Gn.	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of.nº 1406	
4ª- Gn.	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	Of.nº 1406	

(Diretor)
Mons. Valfredo Gurgel

(Inspetor)
Dr. José Geraldo Nogueira da Fonsêca

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO K – Lista de professores CDS 1960

GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE

CAICÓ RIO GRANDE DO NORTE

ANO LETIVO DE 1960

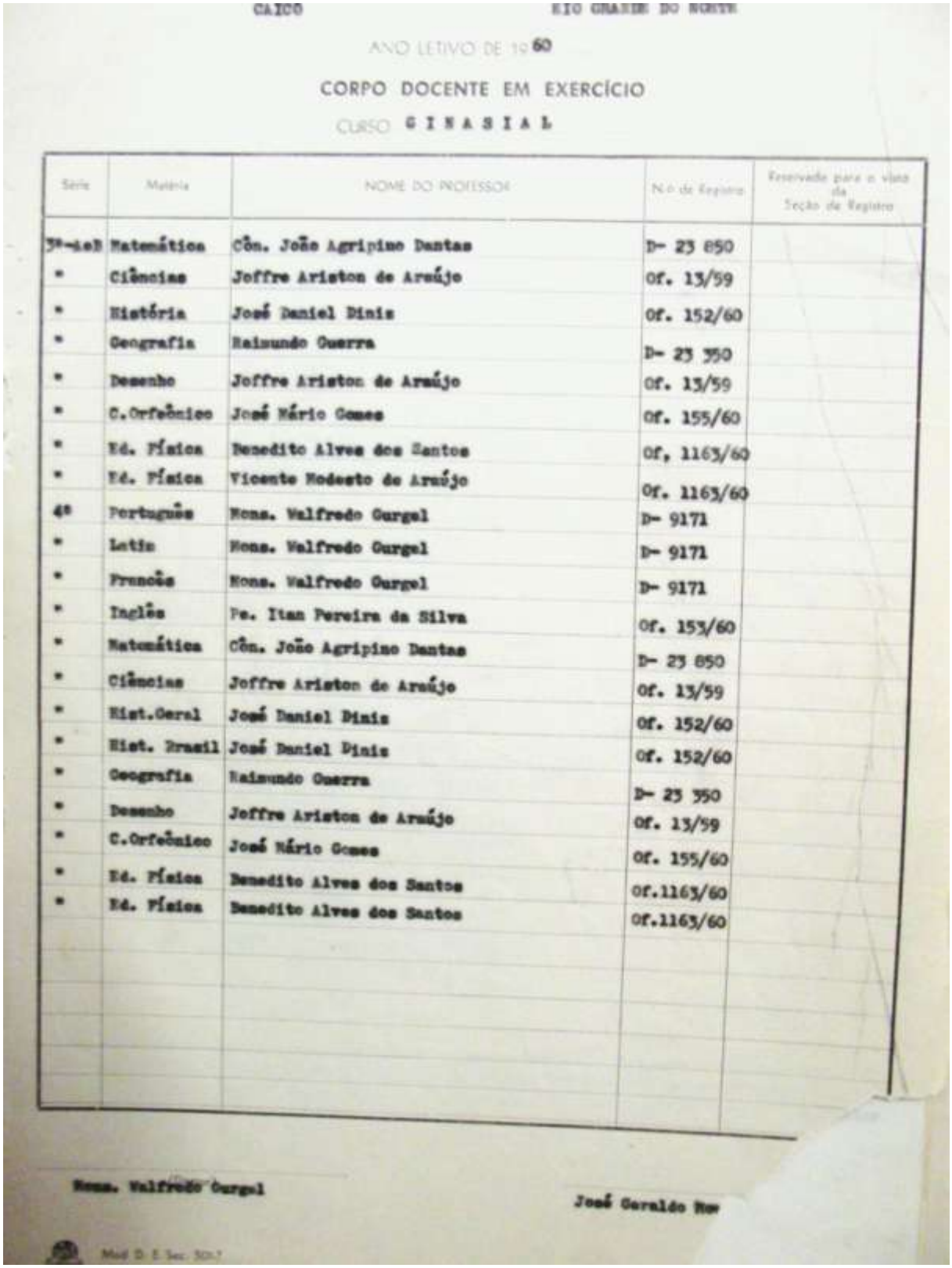
CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

CURSO GINASIAL

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	Nº de Registro	Reconhecido para o ano de Título de Registro
1ª-4eB	Português	Afra Ubalda de Goes	Of. 149/60	
"	Latim	Pe. Antônio Balbino de Araújo	Of. 151/60	
"	Francês	José Daniel Diniz	Of. 152/60	
"	Matemática	Cên. João Agripino Dantas	D-23 850	
"	História	José Daniel Diniz	Of. 152/60	
"	Geografia	Raimundo Guerra	D-23 350	
"	T.Manuais	Maria Marta de Araújo	Of. 154/60	
"	Desenho	Joffre Ariston de Araújo	Of. 13/59	
"	C.Orfeônico	José Mário Gomes	Of. 155/60	
"	Ed.Física	Benedito Alves dos Santos	Of. 1163/60	
"	Ed.Física	Vicente Nodesto de Araújo	Of. 1163/60	
2ª-4eB	Português	Afra Ubalda de Goes	Of. 149/60	
"	Latim	Antônio Balbino de Araújo	Of. 151/60	
"	Francês	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
"	Inglês	Pe. Itan Pereira da Silva	Of. 153/60	
"	Matemática	Cên. João Agripino Dantas	D- 23 850	
"	História	José Daniel Diniz	Of. 152/60	
"	Geografia	Raimundo Guerra	D- 23 350	
"	T.Manuais	Maria Marta de Araújo	Of. 154/60	
"	Desenho	Joffre Ariston de Araújo	Of. 13/59	
"	C.Orfeônico	José Mário Gomes	Of. 155/60	
"	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of. 1163/60	
"	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	Of. 1163/60	
3ª-4eB	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
"	Latim	Pe. Antônio Balbino de Araújo	Of. 151/60	
"	Francês	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
"	Inglês	Pe. Itan Pereira da Silva	Of. 153/60	

(Diretor) Mons. Walfredo Gurgel

(Inspetor) José Geraldo Moura da Fonseca



CAICÓ RIO GRANDE DO NORTE

ANO LETIVO DE 1960

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

CURSO GINASIAL

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	Nº de Registro	Reservado para o visto da Seção de Registro
3ª-AeB	Matemática	Côn. João Agripino Dantas	D- 23 850	
"	Ciências	Joffre Ariston de Araújo	Of. 13/59	
"	História	José Daniel Diniz	Of. 152/60	
"	Geografia	Raimundo Guerra	D- 23 350	
"	Desenho	Joffre Ariston de Araújo	Of. 13/59	
"	C.Orfeônico	José Mário Gomes	Of. 155/60	
"	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of, 1163/60	
"	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	Of. 1163/60	
4ª	Português	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
"	Latim	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
"	Francês	Mons. Walfredo Gurgel	D- 9171	
"	Inglês	Pe. Itan Pereira da Silva	Of. 153/60	
"	Matemática	Côn. João Agripino Dantas	D- 23 850	
"	Ciências	Joffre Ariston de Araújo	Of. 13/59	
"	Hist.Geral	José Daniel Diniz	Of. 152/60	
"	Hist. Brasil	José Daniel Diniz	Of. 152/60	
"	Geografia	Raimundo Guerra	D- 23 350	
"	Desenho	Joffre Ariston de Araújo	Of. 13/59	
"	C.Orfeônico	José Mário Gomes	Of. 155/60	
"	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of.1163/60	
"	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of.1163/60	

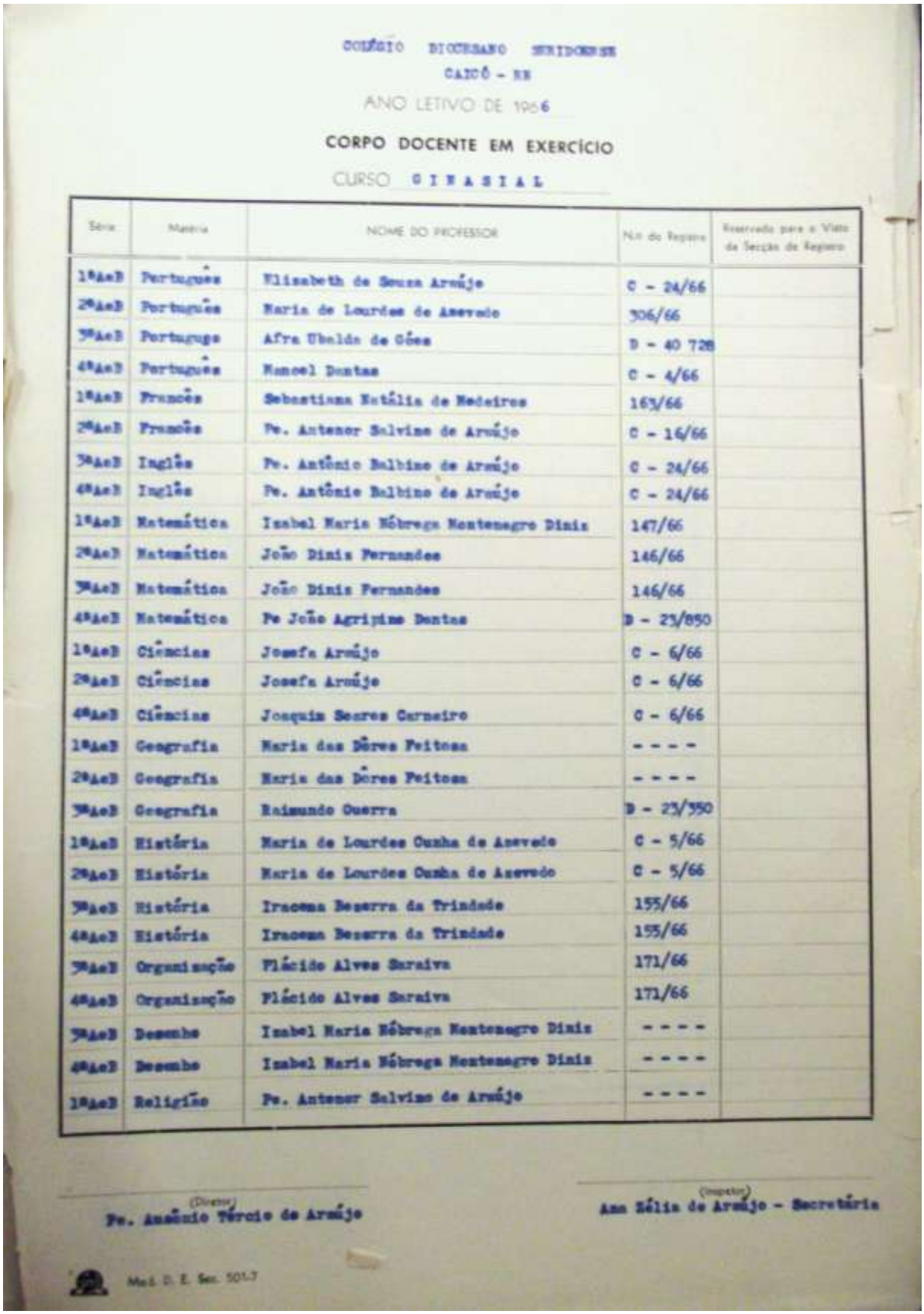
Mons. Walfredo Gurgel

José Geraldo Mo

Mod. D. E. Sec. 5017

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO L – Lista de professores CDS 1966



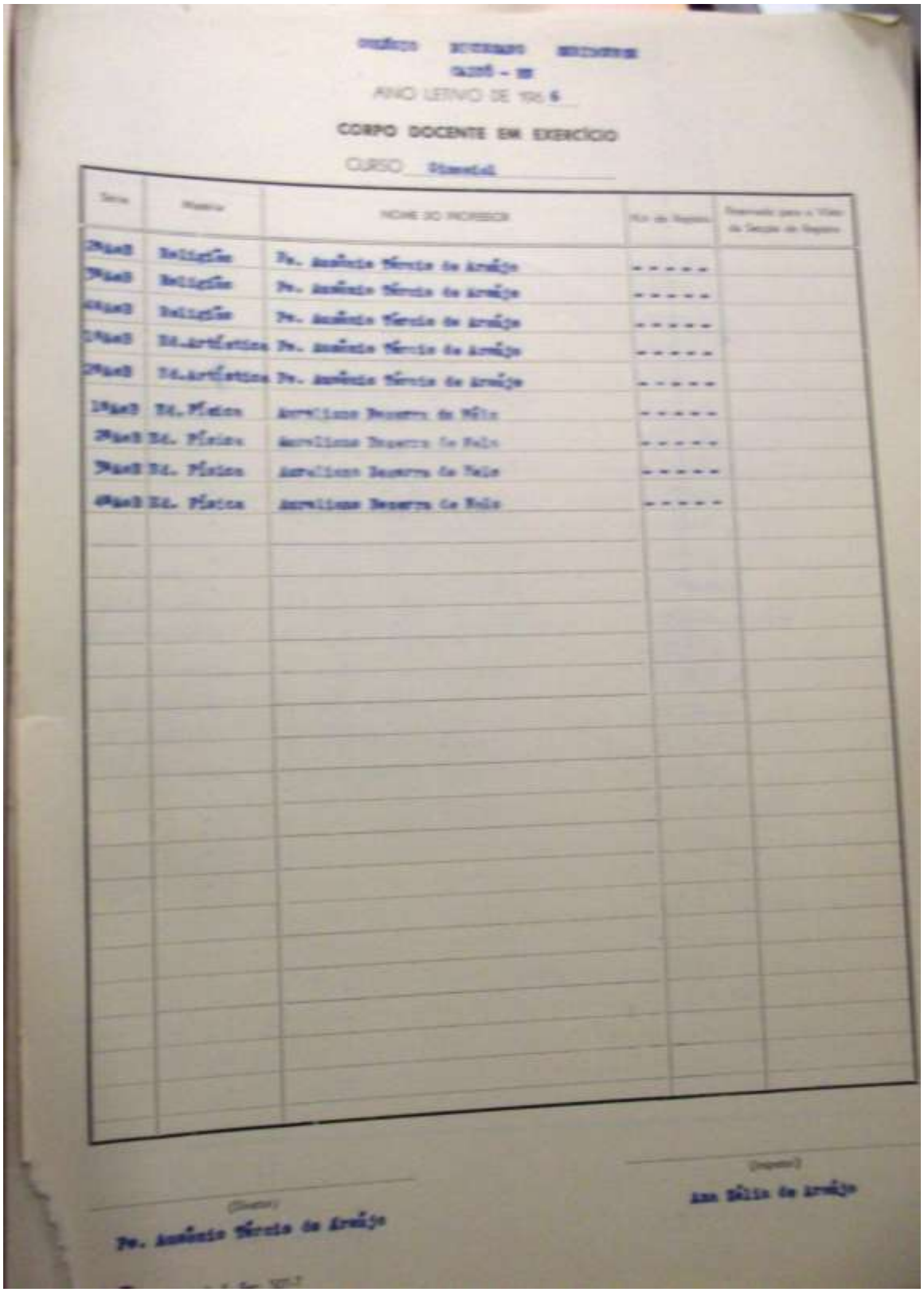
COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE
CAICÓ – RN
ANO LETIVO DE 1966
CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO
CURSO GINASIAL

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	Nº do Registro	Reservado para o Visto da Secção de Registro
1ªAnB	Português	Elizabeth de Souza Araújo	C – 24/66	
2ªAnB	Português	Maria de Lourdes de Azevedo	306/66	
3ªAnB	Português	Afra Ubaldo de Góes	D – 40 728	
4ªAnB	Português	Manoel Dantas	C – 4/66	
1ªAnB	Francês	Sebastiana Natália de Medeiros	163/66	
2ªAnB	Francês	Pe. Antenor Salvino de Araújo	C – 16/66	
3ªAnB	Inglês	Pe. Antônio Balbino de Araújo	C – 24/66	
4ªAnB	Inglês	Pe. Antônio Balbino de Araújo	C – 24/66	
1ªAnB	Matemática	Isabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz	147/66	
2ªAnB	Matemática	João Diniz Fernandes	146/66	
3ªAnB	Matemática	João Diniz Fernandes	146/66	
4ªAnB	Matemática	Pe João Agripino Dantas	D – 23/850	
1ªAnB	Ciências	Josefa Araújo	C – 6/66	
2ªAnB	Ciências	Josefa Araújo	C – 6/66	
4ªAnB	Ciências	Joaquim Soares Carneiro	C – 6/66	
1ªAnB	Geografia	Maria das Dôres Feitosa	- - - -	
2ªAnB	Geografia	Maria das Dôres Feitosa	- - - -	
3ªAnB	Geografia	Raimundo Guerra	D – 23/350	
1ªAnB	História	Maria de Lourdes Cunha de Azevedo	C – 5/66	
2ªAnB	História	Maria de Lourdes Cunha de Azevedo	C – 5/66	
3ªAnB	História	Iracema Bezerra da Trindade	155/66	
4ªAnB	História	Iracema Bezerra da Trindade	155/66	
3ªAnB	Organização	Flácido Alves Saraiva	171/66	
4ªAnB	Organização	Flácido Alves Saraiva	171/66	
3ªAnB	Desenho	Isabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz	- - - -	
4ªAnB	Desenho	Isabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz	- - - -	
1ªAnB	Religião	Pe. Antenor Salvino de Araújo	- - - -	

(Diretor)
Pe. Amâncio Tércio de Araújo

(Inspetor)
Ana Célia de Araújo – Secretária

Mod. D. E. Sec. 501-7



[illegible]

[illegible]

ANO LETIVO DE 196[illegible]

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

CURSO Ginasial

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	Nº de Registro	Reservado para o Visto da Secção de Registro
2ªAeB	Religião	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	- - - - -	
3ªAeB	Religião	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	- - - - -	
4ªAeB	Religião	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	- - - - -	
1ªAeB	Ed.Artística	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	- - - - -	
2ªAeB	Ed.Artística	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	- - - - -	
1ªAeB	Ed. Física	Aureliano Bezerra de Melo	- - - - -	
2ªAeB	Ed. Física	Aureliano Bezerra de Melo	- - - - -	
3ªAeB	Ed. Física	Aureliano Bezerra de Melo	- - - - -	
4ªAeB	Ed. Física	Aureliano Bezerra de Melo	- - - - -	

(Diretor)

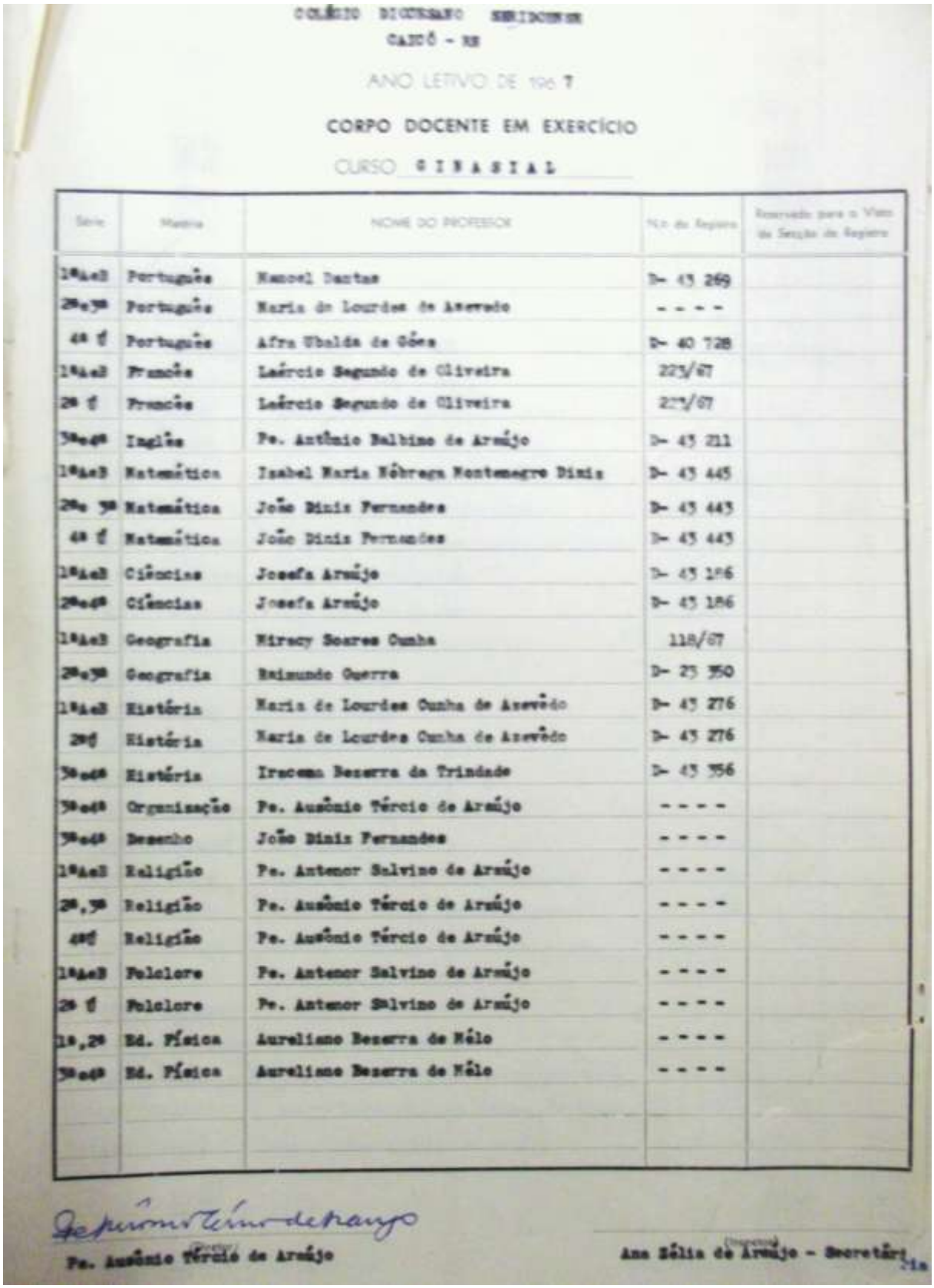
Pe. Ausônio Tércio de Araújo

(Inspetor)

Ana Délia de Araújo

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO M – Lista de professores CDS 1967



COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE
CAICÓ - RN

ANO LETIVO DE 1967

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

CURSO GINASIAL

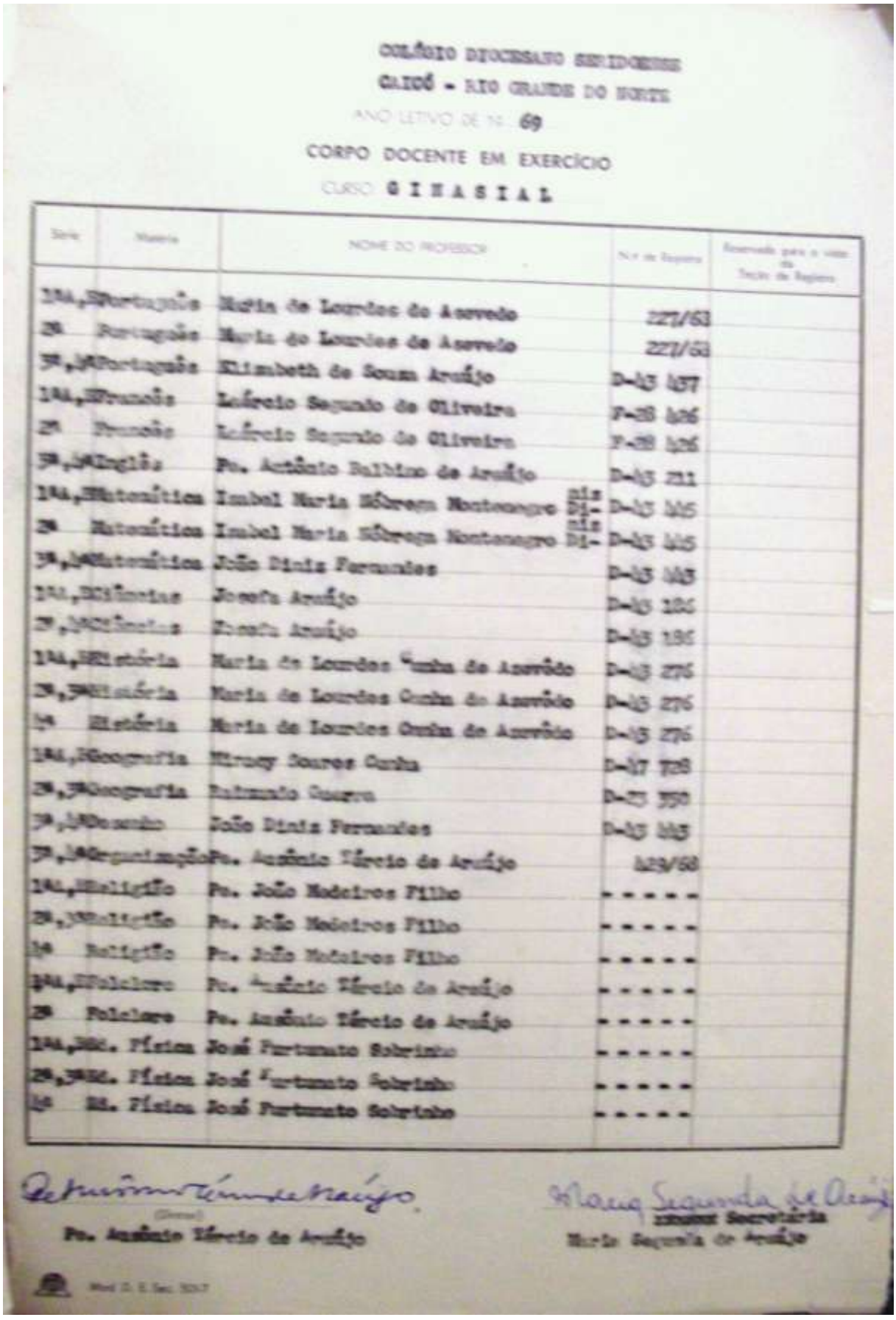
Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	Nº do Registro	Reservado para o Visto da Secção de Registro
1ª à 3ª	Português	Manoel Dantas	D- 43 269	
2ª e 3ª	Português	Maria de Lourdes de Azevedo	- - - -	
4ª ∫	Português	Afra Ubalda de Góes	D- 40 728	
1ª à 3ª	Francês	Laércio Segundo de Oliveira	225/67	
2ª ∫	Francês	Laércio Segundo de Oliveira	225/67	
3ª e 4ª	Inglês	Pe. Antônio Balbino de Araújo	D- 43 211	
1ª à 3ª	Matemática	Isabel Maria Nóbrega Montenegro Dinis	D- 43 445	
2ª e 3ª	Matemática	João Dinis Fernandes	D- 43 443	
4ª ∫	Matemática	João Dinis Fernandes	D- 43 443	
1ª à 3ª	Ciências	Josefa Araújo	D- 43 186	
2ª e 4ª	Ciências	Josefa Araújo	D- 43 186	
1ª à 3ª	Geografia	Miracy Soares Cunha	118/67	
2ª e 3ª	Geografia	Raimundo Guerra	D- 25 350	
1ª à 3ª	História	Maria de Lourdes Cunha de Azevêdo	D- 43 276	
2ª ∫	História	Maria de Lourdes Cunha de Azevêdo	D- 43 276	
3ª e 4ª	História	Irecema Bezerra da Trindade	D- 43 356	
3ª e 4ª	Organização	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	- - - -	
3ª e 4ª	Desenho	João Dinis Fernandes	- - - -	
1ª à 3ª	Religião	Pe. Antenor Salvino de Araújo	- - - -	
2ª, 3ª	Religião	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	- - - -	
4ª ∫	Religião	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	- - - -	
1ª à 3ª	Folclore	Pe. Antenor Salvino de Araújo	- - - -	
2ª ∫	Folclore	Pe. Antenor Salvino de Araújo	- - - -	
1ª, 2ª	Ed. Física	Aureliano Bezerra de Mélo	- - - -	
3ª e 4ª	Ed. Física	Aureliano Bezerra de Mélo	- - - -	

Pe. Ausônio Tércio de Araújo

Ana Célia de Araújo - Secretária

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO N – Lista de professores CDS 1969



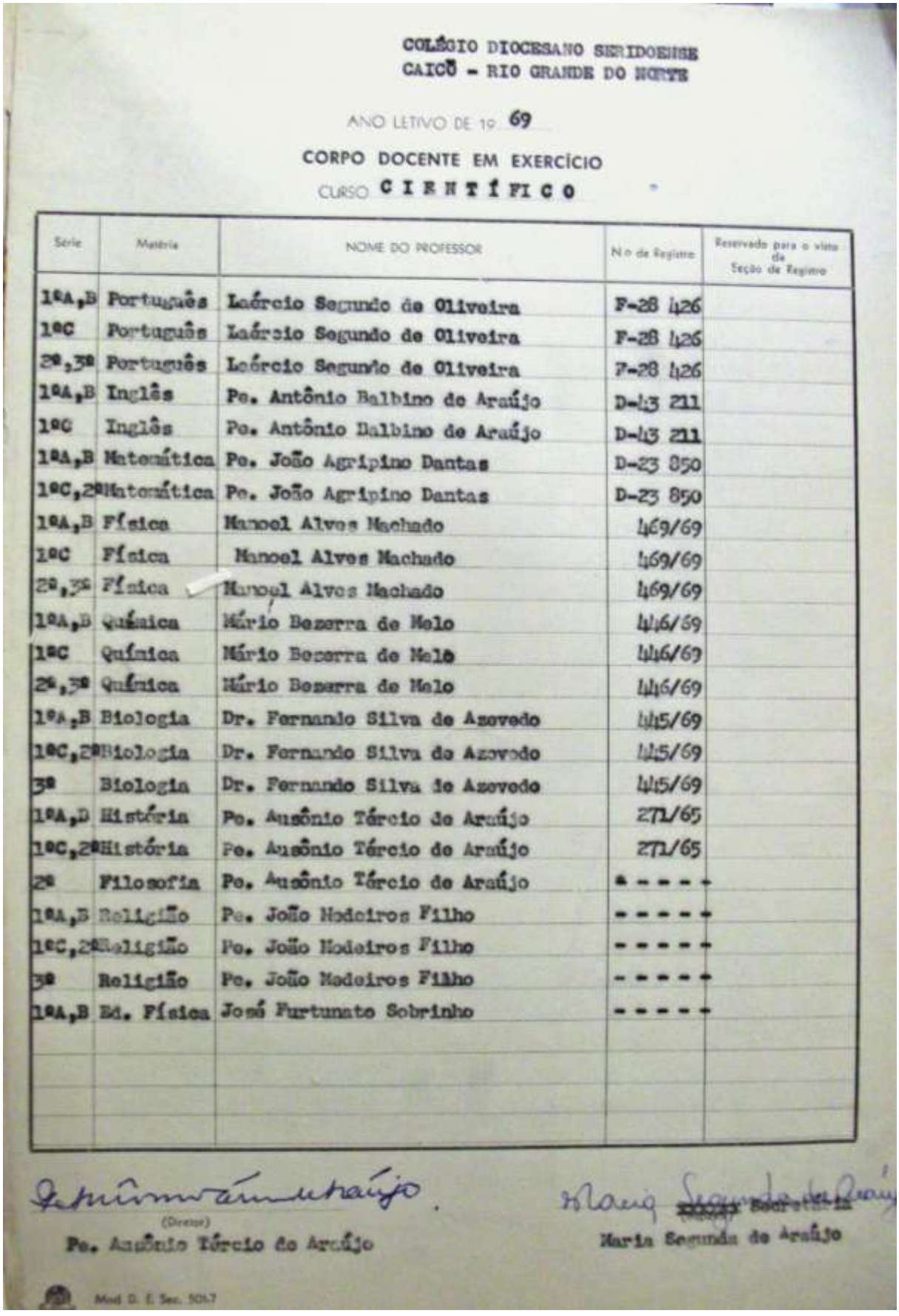
COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE
CAICÓ - RIO GRANDE DO NORTE
ANO LETIVO DE 19 69
CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO
CURSO: G I N A S I A L

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	Nº de Registro	Reservado para o visto da Seção de Registro
1ªA,B	Português	Maria de Lourdes de Azevedo	227/63	
2ª	Português	Maria de Lourdes de Azevedo	227/63	
3ª,4ª	Português	Elizabeth de Souza Araújo	D-43 437	
1ªA,B	Francês	Laércio Segundo de Oliveira	F-28 426	
2ª	Francês	Laércio Segundo de Oliveira	F-28 426	
3ª,4ª	Inglês	Pe. Antônio Balbino de Araújo	D-43 211	
1ªA,B	Matemática	Isabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz	D-43 445	
2ª	Matemática	Isabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz	D-43 445	
3ª,4ª	Matemática	João Diniz Fernandes	D-43 443	
1ªA,B	Ciências	Josefa Araújo	D-43 186	
2ª,4ª	Ciências	Josefa Araújo	D-43 186	
1ªA,B	História	Maria de Lourdes Cunha de Azevêdo	D-43 276	
2ª,3ª	História	Maria de Lourdes Cunha de Azevêdo	D-43 276	
4ª	História	Maria de Lourdes Cunha de Azevêdo	D-43 276	
1ªA,B	Geografia	Miracy Soares Cunha	D-47 728	
2ª,3ª	Geografia	Raimundo Guerra	D-23 350	
3ª,4ª	Desenho	João Diniz Fernandes	D-43 443	
3ª,4ª	Organização	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	429/68	
1ªA,B	Religião	Pe. João Medeiros Filho	- - - - -	
2ª,3ª	Religião	Pe. João Medeiros Filho	- - - - -	
4ª	Religião	Pe. João Medeiros Filho	- - - - -	
1ªA,B	Folclore	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	- - - - -	
2ª	Folclore	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	- - - - -	
1ªA,B	Ed. Física	José Furtunato Sobrinho	- - - - -	
2ª,3ª	Ed. Física	José Furtunato Sobrinho	- - - - -	
4ª	Ed. Física	José Furtunato Sobrinho	- - - - -	

Pe. Ausônio Tércio de Araújo
(Diretor)
Pe. Ausônio Tércio de Araújo

Maria Segunda de Araújo
Secretária
Maria Segunda de Araújo

Mod. D. E. Sec. 5017



COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE
CAICÓ - RIO GRANDE DO NORTE

ANO LETIVO DE 19 69

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

CURSO C I E N T Í F I C O

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	N.o de Registro	Reservado para o visto da Seção de Registro
1ºA,B	Português	Laércio Segundo de Oliveira	F-28 426	
1ºC	Português	Laércio Segundo de Oliveira	F-28 426	
2º,3º	Português	Laércio Segundo de Oliveira	F-28 426	
1ºA,B	Inglês	Pe. Antônio Balbino de Araújo	D-43 211	
1ºC	Inglês	Pe. Antônio Balbino de Araújo	D-43 211	
1ºA,B	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	D-23 850	
1ºC,2º	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	D-23 850	
1ºA,B	Física	Manoel Alves Machado	469/69	
1ºC	Física	Manoel Alves Machado	469/69	
2º,3º	Física	Manoel Alves Machado	469/69	
1ºA,B	Química	Mário Bezerra de Melo	446/69	
1ºC	Química	Mário Bezerra de Melo	446/69	
2º,3º	Química	Mário Bezerra de Melo	446/69	
1ºA,B	Biologia	Dr. Fernando Silva de Azevedo	445/69	
1ºC,2º	Biologia	Dr. Fernando Silva de Azevedo	445/69	
3º	Biologia	Dr. Fernando Silva de Azevedo	445/69	
1ºA,B	História	Pe. Ausônio Tárcio de Araújo	271/65	
1ºC,2º	História	Pe. Ausônio Tárcio de Araújo	271/65	
2º	Filosofia	Pe. Ausônio Tárcio de Araújo	- - - - -	
1ºA,B	Religião	Pe. João Medeiros Filho	- - - - -	
1ºC,2º	Religião	Pe. João Medeiros Filho	- - - - -	
3º	Religião	Pe. João Medeiros Filho	- - - - -	
1ºA,B	Ed. Física	José Furtunato Sobrinho	- - - - -	

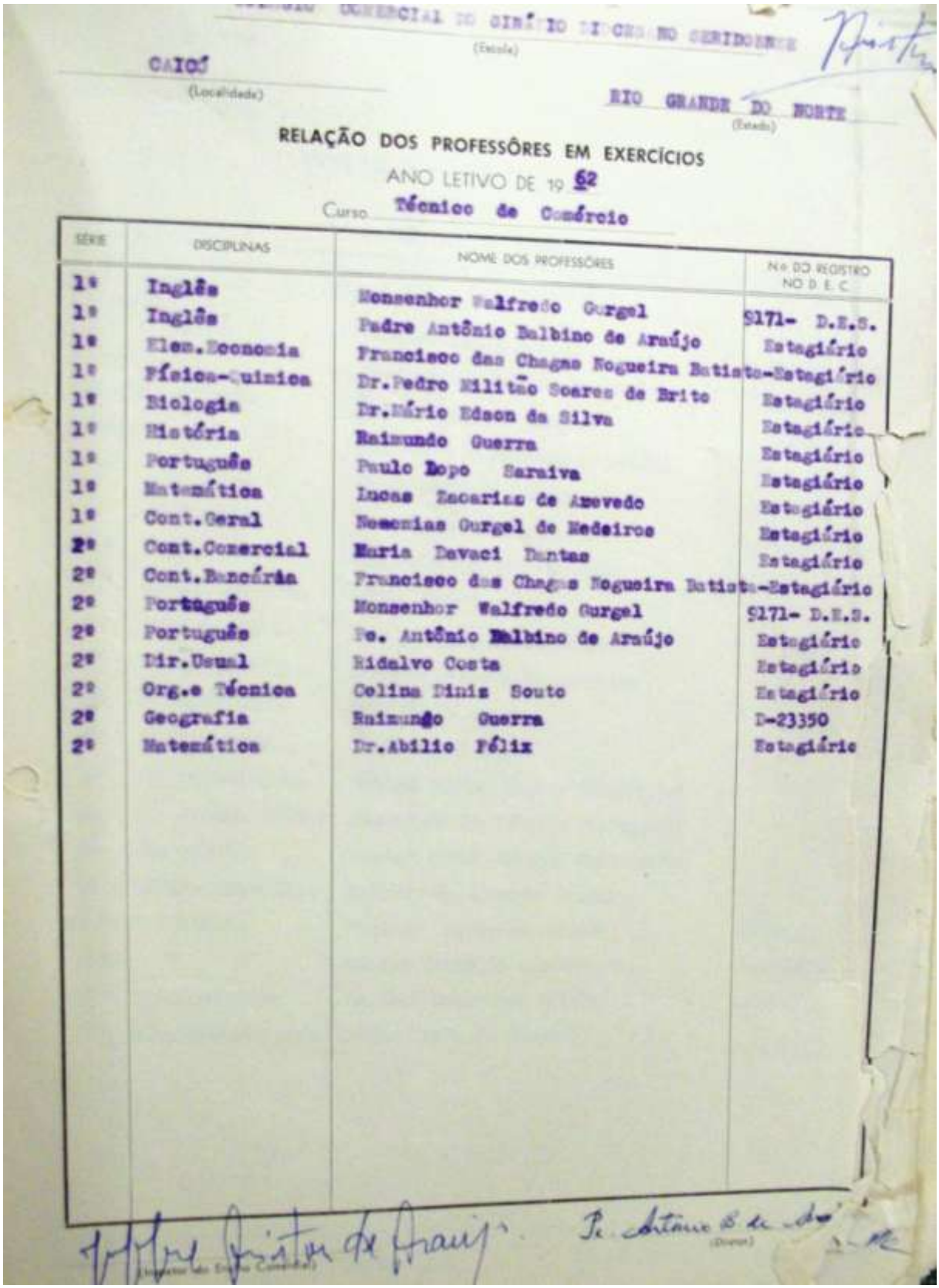
(Diretor)
Pe. Ausônio Tárcio de Araújo

Secretária
Maria Segunda de Araújo

Mod. D. E. Sec. 501-7

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO O – Lista de professores CDS 1962



COMERCIAL DO GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE
(Escola)

CAICÓ
(Localidade)

RIO GRANDE DO NORTE
(Estado)

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES EM EXERCÍCIOS

ANO LETIVO DE 19 62

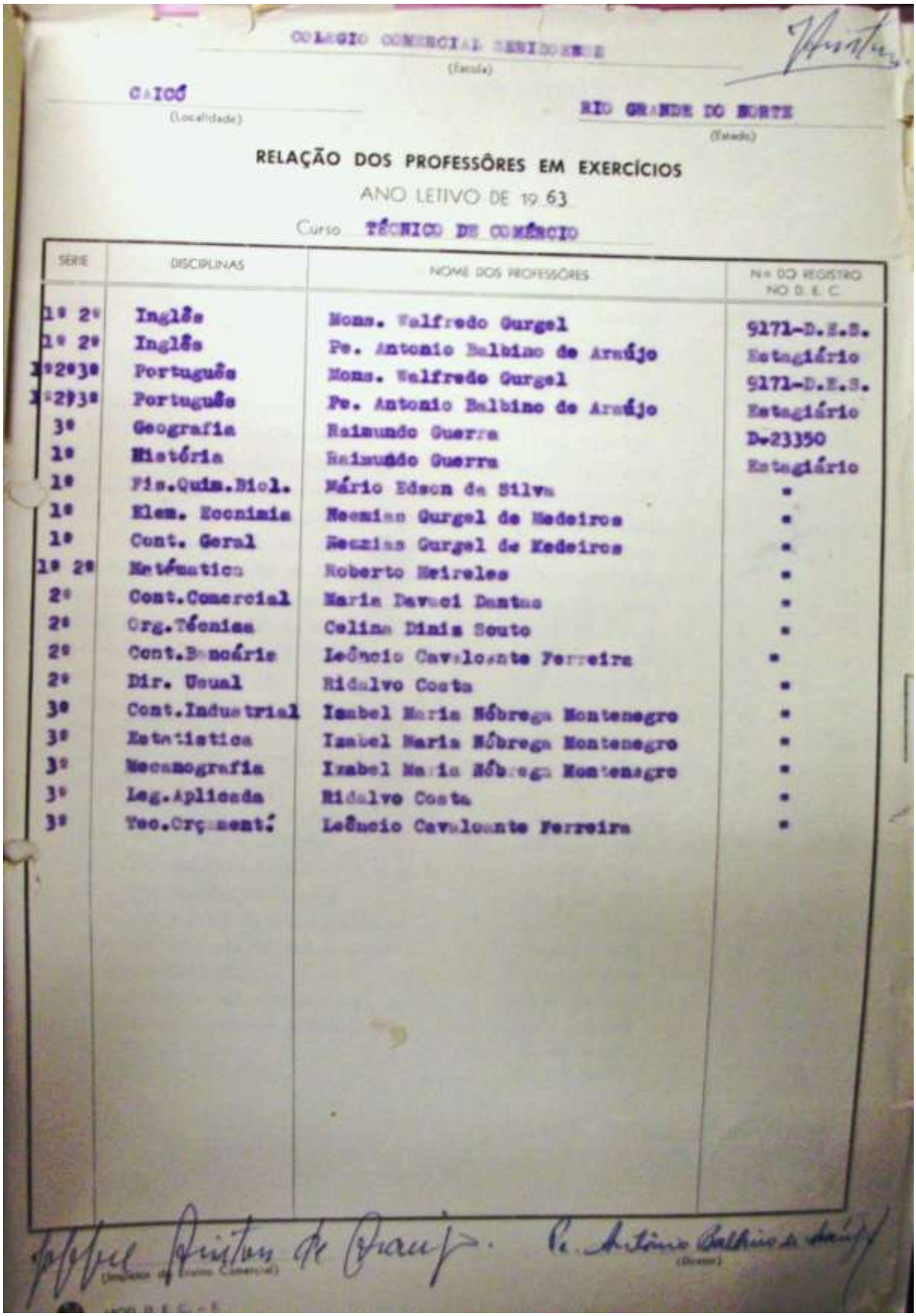
Curso Técnico de Comércio

SÉRIE	DISCIPLINAS	NOME DOS PROFESSÔRES	Nº DO REGISTRO NO D. E. C.
1º	Inglês	Monsenhor Walfredo Gurgel	5171- D.E.S.
1º	Inglês	Padre Antônio Balbino de Araújo	Estagiário
1º	Elem. Economia	Francisco das Chagas Nogueira Batista	-Estagiário
1º	Física-Química	Dr. Pedro Militão Soares de Brito	Estagiário
1º	Biologia	Dr. Mário Edson da Silva	Estagiário
1º	História	Raimundo Guerra	Estagiário
1º	Português	Paulo Lopo Saraiva	Estagiário
1º	Matemática	Lucas Zacarias de Azevedo	Estagiário
1º	Cont. Geral	Nemonias Gurgel de Medeiros	Estagiário
2º	Cont. Comercial	Maria Davaci Dantas	Estagiário
2º	Cont. Bancária	Francisco das Chagas Nogueira Batista	-Estagiário
2º	Português	Monsenhor Walfredo Gurgel	5171- D.E.S.
2º	Português	Pe. Antônio Balbino de Araújo	Estagiário
2º	Dir. Usual	Ridalvo Costa	Estagiário
2º	Org.e Técnica	Celina Diniz Souto	Estagiário
2º	Geografia	Raimundo Guerra	D-23350
2º	Matemática	Dr. Abílio Félix	Estagiário

(Diretor)

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO P – Lista de professores CDS 1963



COLEGIO COMERCIAL SERIDOENSE
(Escola)

CAICÓ
(Localidade)

RIO GRANDE DO NORTE
(Estado)

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES EM EXERCÍCIOS

ANO LETIVO DE 1963

Curso TÉCNICO DE COMÉRCIO

SÉRIE	DISCIPLINAS	NOME DOS PROFESSÔRES	Nº DO REGISTRO NO D. E. C.
1º 2º	Inglês	Mons. Walfredo Gurgel	9171-D.E.S.
1º 2º	Inglês	Pe. Antonio Balbino de Araújo	Estagiário
1º2º3º	Português	Mons. Walfredo Gurgel	9171-D.E.S.
1º2º3º	Português	Pe. Antonio Balbino de Araújo	Estagiário
3º	Geografia	Raimundo Guerra	D-23350
1º	História	Raimundo Guerra	Estagiário
1º	Fis.Quim.Biol.	Mário Edson da Silva	"
1º	Elem. Economia	Neemias Gurgel de Medeiros	"
1º	Cont. Geral	Neemias Gurgel de Medeiros	"
1º 2º	Matématica	Roberto Meireles	"
2º	Cont.Comercial	Maria Davaci Dantas	"
2º	Org.Técnica	Celina Diniz Souto	"
2º	Cont.Bancária	Leôncio Cavalcante Ferreira	"
2º	Dir. Usual	Ridalvo Costa	"
3º	Cont.Industrial	Izabel Maria Nóbrega Montenegro	"
3º	Estatistica	Izabel Maria Nóbrega Montenegro	"
3º	Mecanografia	Izabel Maria Nóbrega Montenegro	"
3º	Leg.Aplicada	Ridalvo Costa	"
3º	Tec.Orçament.	Leôncio Cavalcante Ferreira	"

Joffre Anitou de Araújo
(Inspetor do Ensino Comercial)

Pe. Antônio Balbino de Araújo
(Diretor)

GINÁSIO DIOCESANO SERIDOENSE

CAICÓ RIO GRANDE DO NORTE

ANO LETIVO DE 1963

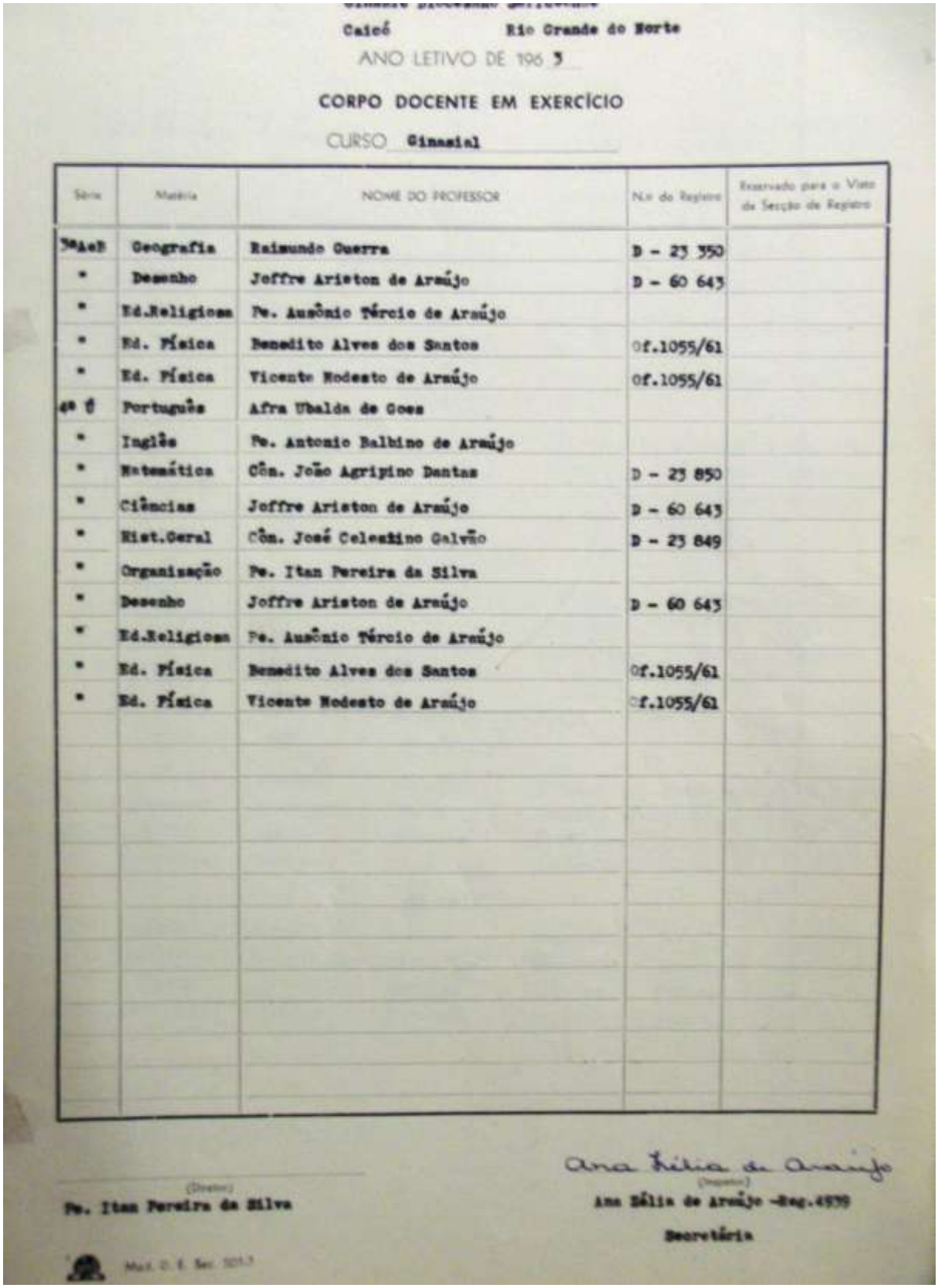
CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

CURSO Ginasial

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	N.o de Registro	Reservado para o visto da Seção de Registro
1ªA e B	Português	Afra Ubalda de Goes		
"	Francês	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	Of. 385/61	
"	Matemática	Cên. João Agripino Dantas	D - 23 850	
"	Ciências	Joffre Ariston de Araújo	D - 60 643	
"	Hist. Brasil	Cên. José Celestino Galvão	D - 23 849	
"	Geografia	Raimundo Guerra	D - 23 350	
"	Ed.Artística	Pe. Antenor Salvino de Araújo		
"	Ed. Moral	Pe. Itan Pereira da Silva		
"	Ed. Religiosa	Pe. Ausônio Tércio de Araújo		
"	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of.1055/61	
"	Ed. Física	Vicente Modesto de Araújo	Of.1055/61	
2ª	Português	Afra Ubalda de Goes		
"	Francês	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	Of. 385/61	
"	Matemática	Cên. João Agripino Dantas	D - 23 850	
"	Ciências	Joffre Ariston de Araújo	D - 60 643	
"	Hist.Brasil	Cên. José Celestino Galvão	D - 23 849	
"	Geografia	Raimundo Guerra	D - 23 350	
"	Ed.Artística	Pe. Antenor Salvino de Araújo		
"	Ed.Moral	Pe. Itan Pereira da Silva		
"	Ed.Religiosa	Pe. Ausônio Tercio de Araújo		
"	Ed.Física	Benedito Alves dos Santos	Of.1055/61	
"	Ed.Física	Vicente Modesto de Araújo	Of.1055/61	
3ªA e B	Português	Afra Ubalda de Goes		
"	Inglês	Pe. Antonio Balbino de Araújo		
"	Matemática	Cên. João Agripino Dantas	D - 23 850	
"	Hist.Geral	Cên. José Celestino Galvão	D - 23 849	
"	Org.Pol.Soc.	Pe. Itan Pereira da Silva		

(Diretor)
Pe. Itan Pereira da Silva

Ana Lélia de Araújo
(Inspetor)
Ana Lélia de Araújo - Reg. 4956



Caicó Rio Grande do Norte

ANO LETIVO DE 196 3

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

CURSO Ginasial

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	N.o do Registro	Reservado para o Visto da Secção de Registro
3ªAeB	Geografia	Raimundo Guerra	D - 23 350	
"	Desenho	Joffre Ariston de Araújo	D - 60 643	
"	Ed.Religiosa	Pe. Ausônio Tércio de Araújo		
"	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of.1055/61	
"	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	Of.1055/61	
4º C	Português	Afra Ubalda de Goes		
"	Inglês	Pe. Antonio Balbino de Araújo		
"	Matemática	Cên. João Agripino Dantas	D - 23 850	
"	Ciências	Joffre Ariston de Araújo	D - 60 643	
"	Hist.Geral	Cên. José Celestino Galvão	D - 23 849	
"	Organização	Pe. Itan Pereira da Silva		
"	Desenho	Joffre Ariston de Araújo	D - 60 643	
"	Ed.Religiosa	Pe. Ausônio Tércio de Araújo		
"	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of.1055/61	
"	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	Of.1055/61	

Ana Hélia de Araújo

(Diretor)

Pe. Itan Pereira da Silva

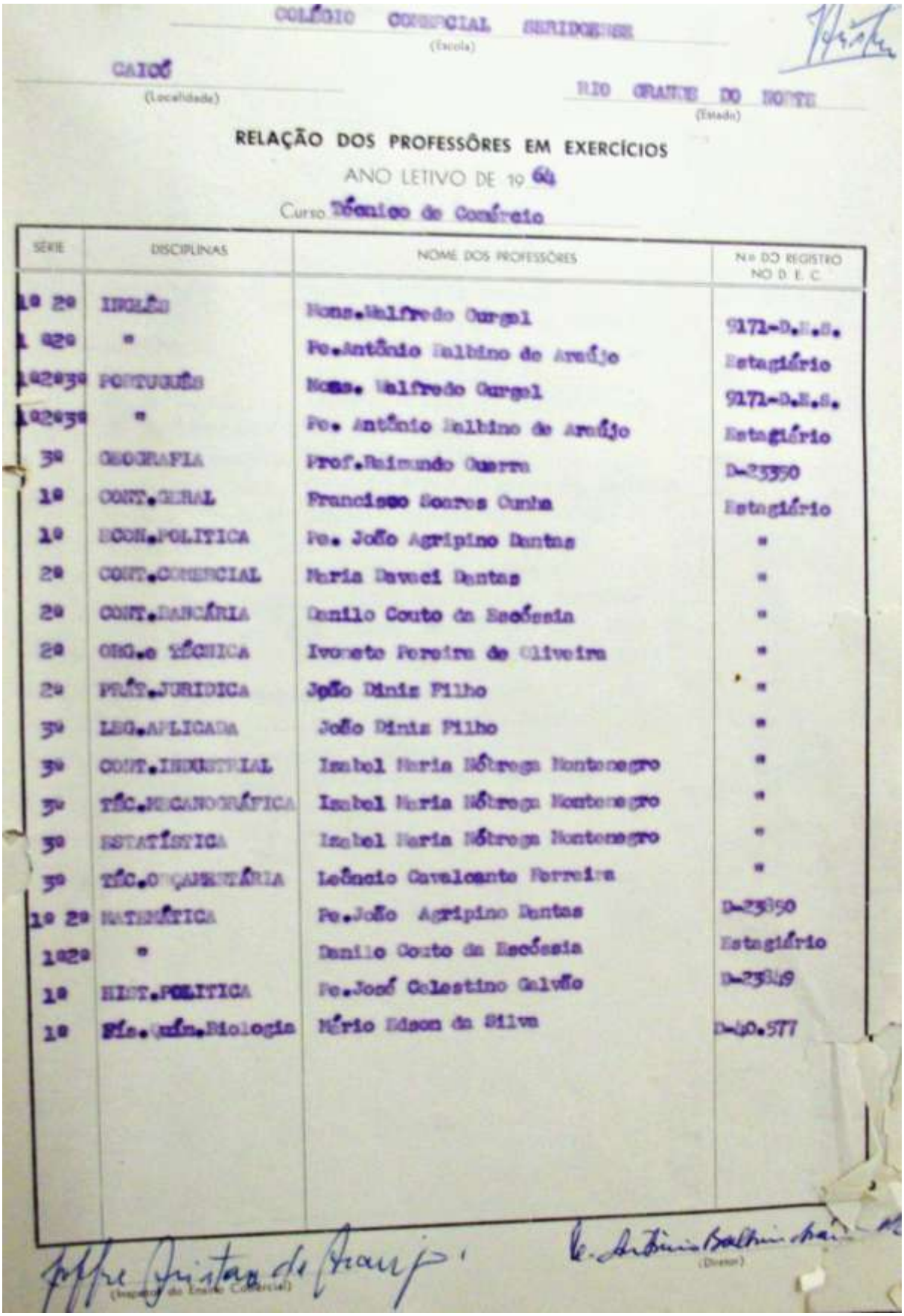
(Inspetor)

Ana Hélia de Araújo -Reg.4539

Secretária

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO Q – Lista de professores CDS 1964



COLÉGIO COMERCIAL SERIDOENSE
(Escola)

CAICÓ
(Localidade)

RIO GRANDE DO NORTE
(Estado)

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES EM EXERCÍCIOS

ANO LETIVO DE 19 64

Curso Técnico de Comércio

SÉRIE	DISCIPLINAS	NOME DOS PROFESSÔRES	Nº DO REGISTRO NO D. E. C.
1º 2º	INGLÊS	Mons. Walfredo Gurgel	9171-D.E.C.
1 920	"	Pe. Antônio Balbino de Araújo	Estagiário
1 92030	PORTUGUÊS	Mons. Walfredo Gurgel	9171-D.E.C.
1 92030	"	Pe. Antônio Balbino de Araújo	Estagiário
3º	GEOGRAFIA	Prof. Raimundo Guerra	D-23350
1º	CONT. GERAL	Francisco Soares Cunha	Estagiário
1º	ECON. POLITICA	Pe. João Agripino Dantas	"
2º	CONT. COMERCIAL	Maria Dawci Dantas	"
2º	CONT. BANCÁRIA	Danilo Couto da Escóssia	"
2º	ORG. e TÉCNICA	Ivonete Pereira de Oliveira	"
2º	PRÁT. JURIDICA	João Dinis Filho	"
3º	LEG. APLICADA	João Dinis Filho	"
3º	CONT. INDUSTRIAL	Izabel Maria Nóbrega Montenegro	"
3º	TÉC. MECANOGRÁFICA	Izabel Maria Nóbrega Montenegro	"
3º	ESTATÍSTICA	Izabel Maria Nóbrega Montenegro	"
3º	TÉC. ORÇAMENTÁRIA	Leôncio Cavalcante Ferreira	"
1º 2º	MATEMÁTICA	Pe. João Agripino Dantas	D-23350
1º2º	"	Danilo Couto da Escóssia	Estagiário
1º	HIST. POLITICA	Pe. José Celestino Galvão	D-23349
1º	Fís. Quím. Biologia	Mário Edson da Silva	D-30.577

(Inspetor do Ensino Comercial)

(Diretor)

COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE
CAICÓ RIO GRANDE DO NORTE

ANO LETIVO DE 1964

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

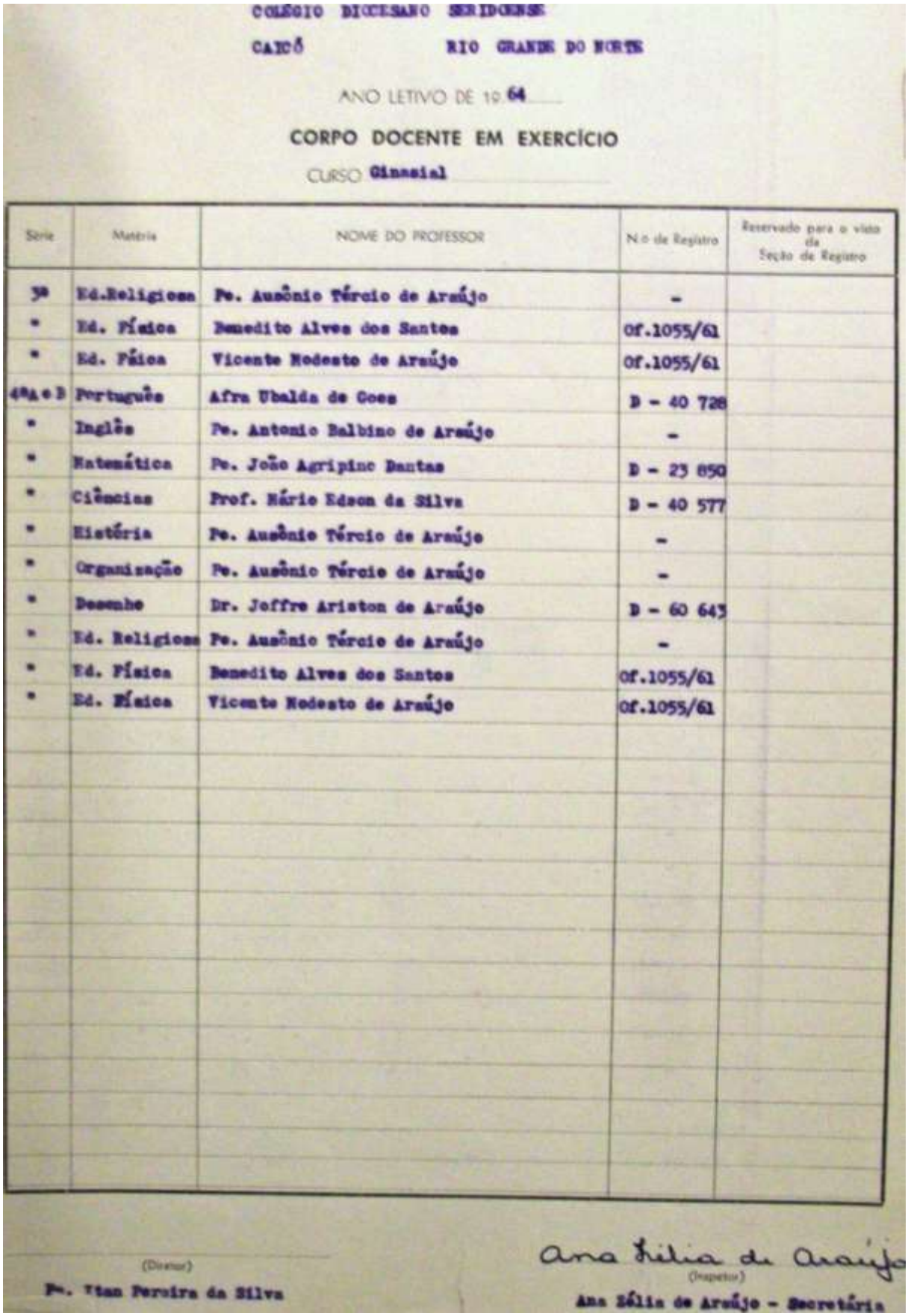
CURSO Ginasial

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	Nº de Registro	Reservado para o visto da Seção de Registro
1ª A,B e C	Português	Maria do Céu de Medeiros Oliveira	-	
"	Francês	Pe. Antenor Salvino de Araújo	-	
"	Matemática	Isabel Maria Nóbrega Montenegro	-	
"	Ciências	Prof. Mário Edson da Silva	D - 40 577	
"	História	Iracema Trindade	-	
"	Geografia	Prof. Raimundo Guerra	D - 23 350	
"	Ed.Artística	Pe. Antenor Salvino de Araújo	-	
"	Ed.Religiosa	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	-	
"	Ed.Física	Benedito Alves dos Santos	Of.1055/61	
"	Ed.Física	Vicente Modesto de Araújo	Of.1055/61	
2ªA e B	Português	Maria do Céu de Medeiros Oliveira	-	
"	Francês	Pe. Antenor Salvino de Araújo	-	
"	Matemática	Isabel Maria Nóbrega Montenegro	-	
"	Ciências	Prof. Mário Edson da Silva	D - 40 577	
"	História	Iracema Trindade	-	
"	Geografia	Prof. Raimundo Guerra	D- 23 350	
"	Ed.Artística	Pe. Antenor Salvino de Araújo	-	
"	Ed.Religiosa	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	-	
"	Ed.Física	Benedito Alves dos Santos	Of.1055/61	
"	Ed.Física	Vicente Modesto de Araújo	Of.1055/61	
3ª A.	Português	Afra Ubalda de Goes	D - 40 728	
"	Inglês	Pe. Antonio Balbino de Araújo	-	
"	Matemática	Pe. João Agripino Bantas	D - 23 850	
"	História	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	-	
"	Organização	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	-	
"	Geografia	Prof. Raimundo Guerra	D - 23 350	
"	Desenho	Dr. Jeffre Ariston de Araújo	D - 60 643	

Ana Lélia de Araújo
(Inspetora)

Ana Délia de Araújo - Secretária

(Diretor)



COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE

CAICÓ RIO GRANDE DO NORTE

ANO LETIVO DE 19 64

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

CURSO Ginasial

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	N.º de Registro	Reservado para o visto da Seção de Registro
3ª	Ed.Religiosa	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	-	
"	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of.1055/61	
"	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	Of.1055/61	
4ªA e B	Português	Afra Ubalda de Goes	D - 40 728	
"	Inglês	Pe. Antonio Balbino de Araújo	-	
"	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	D - 23 850	
"	Ciências	Prof. Hário Edson da Silva	D - 40 577	
"	História	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	-	
"	Organização	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	-	
"	Desenho	Dr. Joffre Ariston de Araújo	D - 60 643	
"	Ed. Religiosa	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	-	
"	Ed. Física	Benedito Alves dos Santos	Of.1055/61	
"	Ed. Física	Vicente Nodesto de Araújo	Of.1055/61	

(Diretor)

Pe. Ytan Pereira da Silva

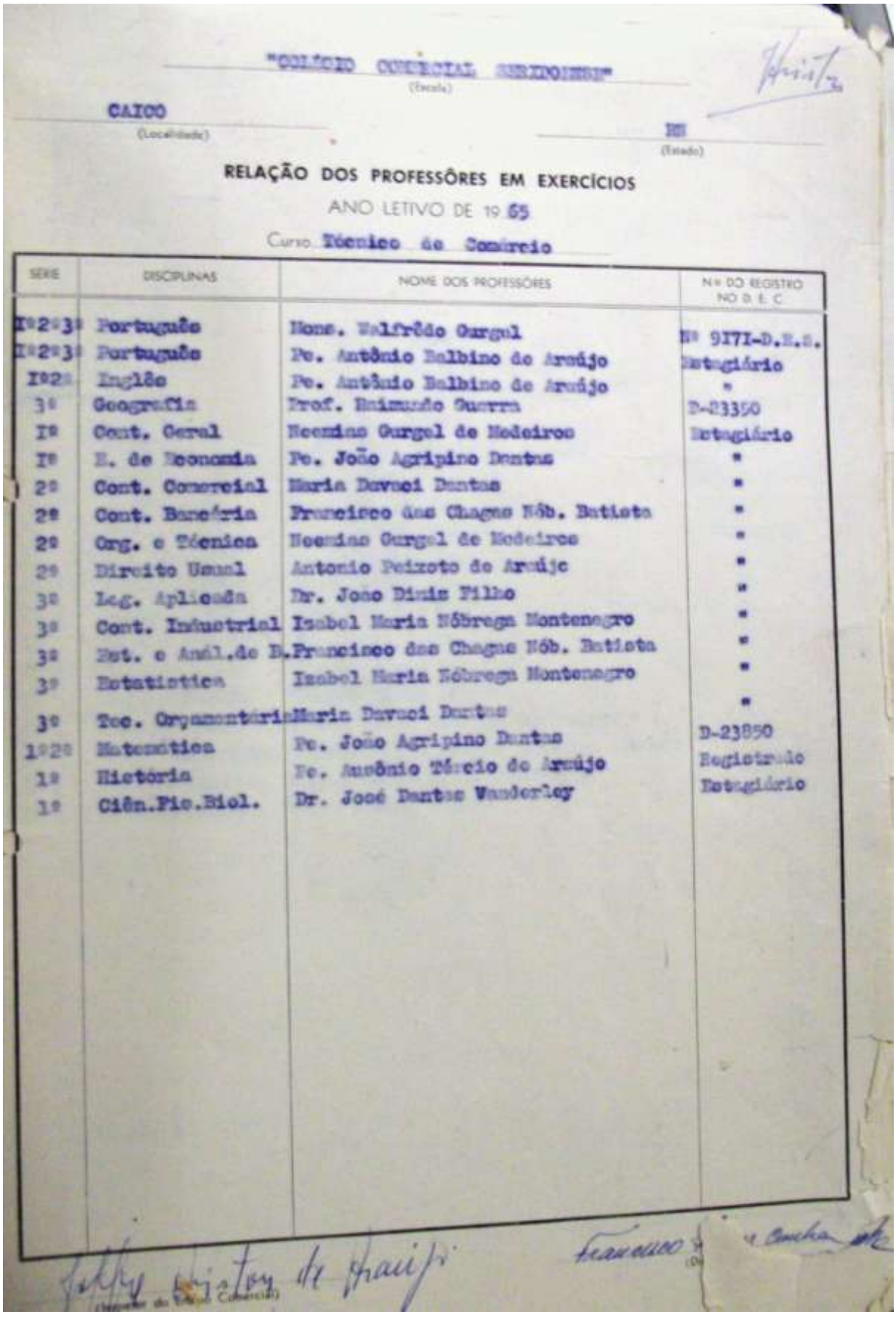
Ana Sília de Araújo

(Inspetor)

Ana Sélia de Araújo - Secretária

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO R – Lista de professores CDS 1965



"COLÉGIO COMERCIAL SERIDOENSE"
(Escola)

CAICÓ
(Localidade)

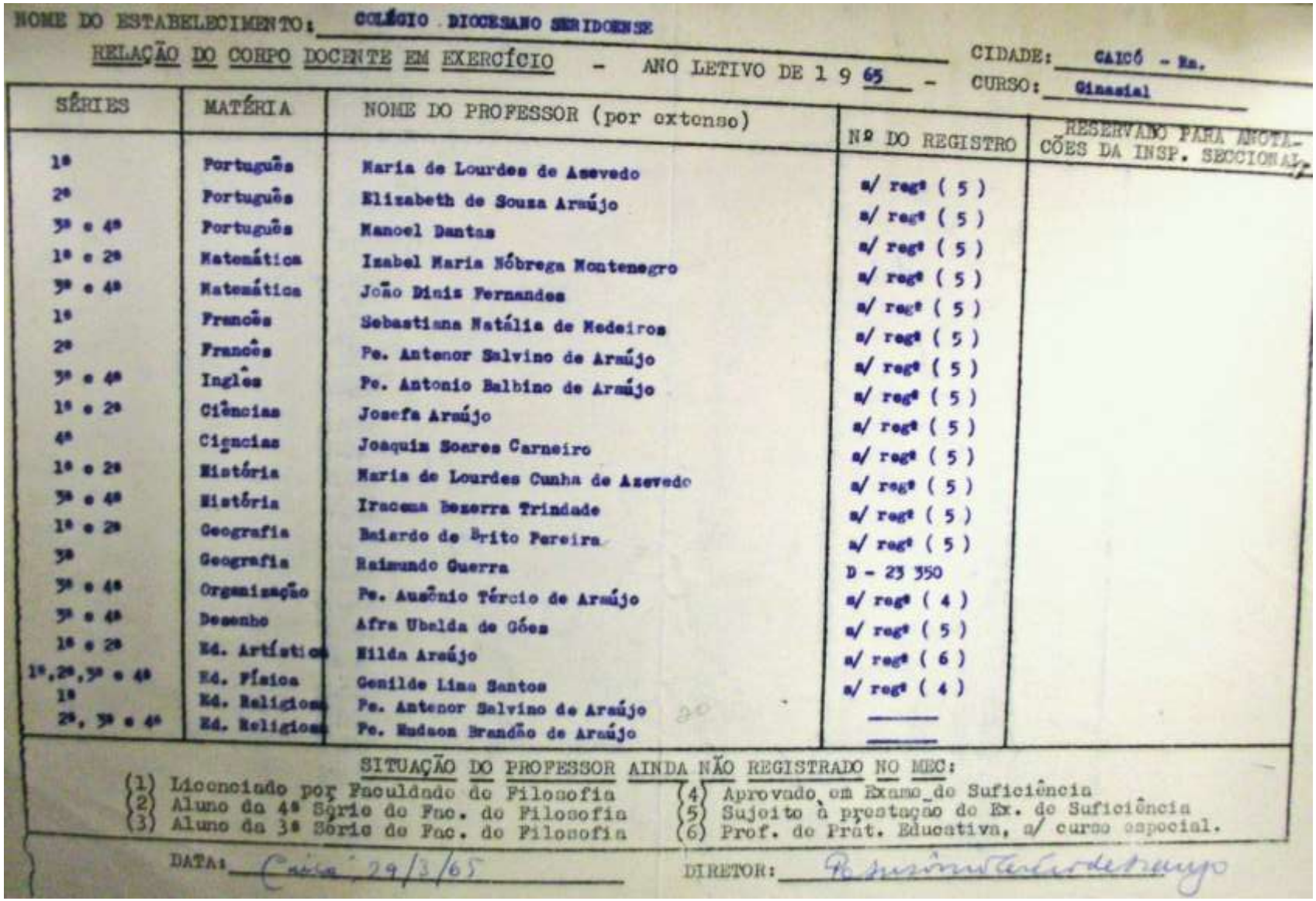
RN
(Estado)

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES EM EXERCÍCIOS

ANO LETIVO DE 19 65

Curso Técnico de Comércio

SÉRIE	DISCIPLINAS	NOME DOS PROFESSÔRES	Nº DO REGISTRO NO D. E. C.
I°2°3°	Português	Mons. Walfredo Gurgel	Nº 9171-D.E.C.
I°2°3°	Português	Pe. Antônio Balbino de Araújo	Extagiário
I°2°	Inglês	Pe. Antônio Balbino de Araújo	"
3°	Geografia	Prof. Raimundo Guerra	D-23350
I°	Cont. Geral	Neemias Gurgel de Medeiros	Extagiário
I°	E. de Economia	Pe. João Agripino Dantas	"
2°	Cont. Comercial	Maria Davuci Dantas	"
2°	Cont. Bancária	Francisco das Chagas Nób. Batista	"
2°	Org. e Técnica	Neemias Gurgel de Medeiros	"
2°	Direito Usual	Antonio Peixoto de Araújo	"
3°	Leg. Aplicada	Dr. João Dinis Filho	"
3°	Cont. Industrial	Isabel Maria Nóbrega Montenegro	"
3°	Pat. e Anál.de B.	Francisco das Chagas Nób. Batista	"
3°	Estatística	Isabel Maria Nóbrega Montenegro	"
3°	Tec. Orçamentária	Maria Davuci Dantas	"
1°2°	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	D-23850
1°	História	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	Registrado
1°	Ciên.Fis.Biol.	Dr. José Dantas Wanderley	Extagiário



NOME DO ESTABELECIMENTO: COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE

RELAÇÃO DO CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO - ANO LETIVO DE 1 9 65 - CIDADE: CAICÓ - Rn.

CURSO: Ginasial

SÉRIES	MATÉRIA	NOME DO PROFESSOR (por extenso)	Nº DO REGISTRO	RESERVADO PARA ANOTAÇÕES DA INSP. SECCIONAL
1ª	Português	Maria de Lourdes de Azevedo	s/ regª (5)	
2ª	Português	Elizabeth de Souza Araújo	s/ regª (5)	
3ª e 4ª	Português	Manoel Dantas	s/ regª (5)	
1ª e 2ª	Matemática	Izabel Maria Nóbrega Montenegro	s/ regª (5)	
3ª e 4ª	Matemática	João Dinis Fernandes	s/ regª (5)	
1ª	Francês	Sebastiana Natália de Medeiros	s/ regª (5)	
2ª	Francês	Pe. Antenor Salvino de Araújo	s/ regª (5)	
3ª e 4ª	Inglês	Pe. Antonio Balbino de Araújo	s/ regª (5)	
1ª e 2ª	Ciências	Josefa Araújo	s/ regª (5)	
4ª	Ciencias	Joaquim Soares Carneiro	s/ regª (5)	
1ª e 2ª	História	Maria de Lourdes Cunha de Azevedo	s/ regª (5)	
3ª e 4ª	História	Iracema Bezerra Trindade	s/ regª (5)	
1ª e 2ª	Geografia	Baiardo de Brito Pereira	s/ regª (5)	
3ª	Geografia	Raimundo Guerra	D - 23 350	
3ª e 4ª	Organização	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	s/ regª (4)	
3ª e 4ª	Desenho	Afra Ubalda de Góes	s/ regª (5)	
1ª e 2ª	Ed. Artística	Hilda Araújo	s/ regª (6)	
1ª,2ª,3ª e 4ª	Ed. Física	Genilde Lima Santos	s/ regª (4)	
1ª	Ed. Religiosa	Pe. Antenor Salvino de Araújo	———	
2ª, 3ª e 4ª	Ed. Religiosa	Pe. Hudson Brandão de Araújo	———	

SITUAÇÃO DO PROFESSOR AINDA NÃO REGISTRADO NO MEC:

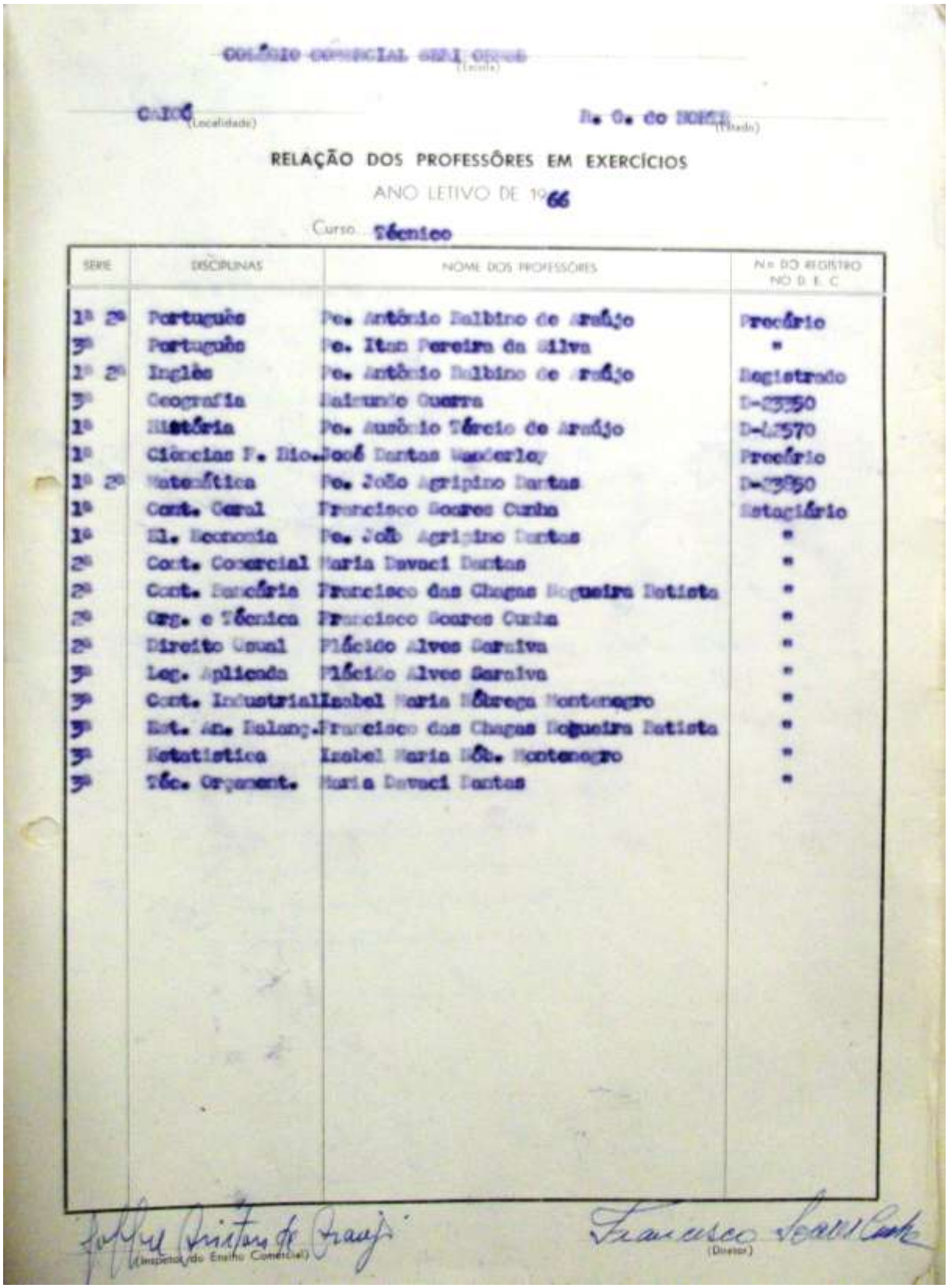
(1) Licenciado por Faculdade de Filosofia
(2) Aluno da 4ª Série do Fac. de Filosofia
(3) Aluno da 3ª Série do Fac. de Filosofia
(4) Aprovado em Exame de Suficiência
(5) Sujeito à prestação de Ex. de Suficiência
(6) Prof. de Prát. Educativa, s/ curso especial.

DATA: Caicó 29/3/65

DIRETOR:

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO S – Lista de professores CDS 1966



Colégio Comercial [illegible] (Escola)

CAICÓ (Localidade) R. G. do NORTE (Estado)

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES EM EXERCÍCIOS

ANO LETIVO DE 1966

Curso Técnico

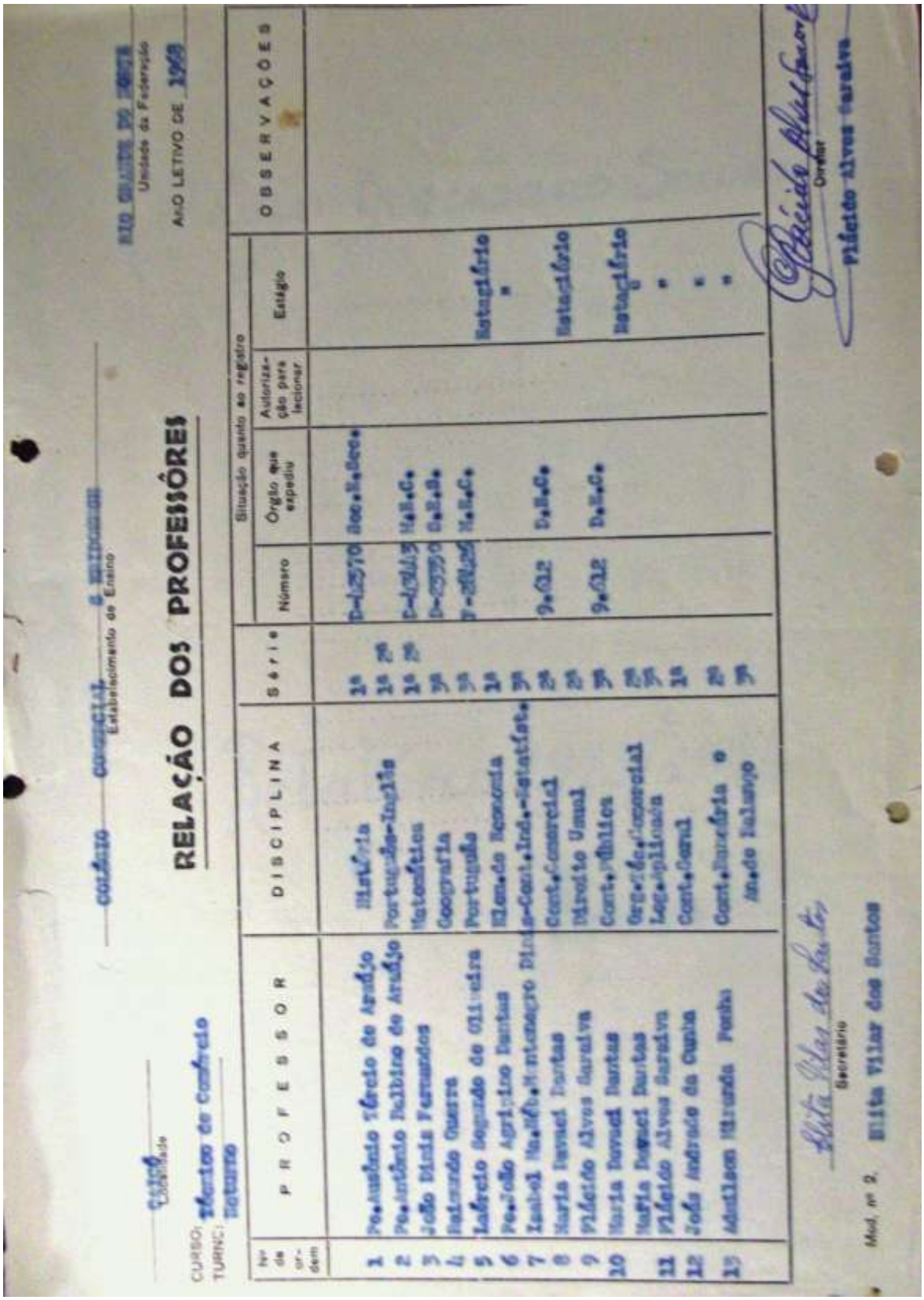
SÉRIE	DISCIPLINAS	NOME DOS PROFESSÔRES	Nº DO REGISTRO NO D. E. C.
1ª 2ª	Português	Pe. Antônio Dalbino de Araújo	Precário
3ª	Português	Pe. Itan Pereira da Silva	"
1ª 2ª	Inglês	Pe. Antônio Dalbino de Araújo	Registrado
3ª	Geografia	Raimundo Guerra	D-2350
1ª	História	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	D-4570
1ª	Ciências F. Bio.	José Dantas Wanderley	Precário
1ª 2ª	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	D-2350
1ª	Cont. Geral	Francisco Soares Cunha	Estagiário
1ª	El. Economia	Pe. João Agripino Dantas	"
2ª	Cont. Comercial	Maria Davaci Dantas	"
2ª	Cont. Bancária	Francisco das Chagas Nogueira Batista	"
2ª	Org. e Técnica	Francisco Soares Cunha	"
2ª	Direito Usual	Plácido Alves Saraiva	"
3ª	Leg. Aplicada	Plácido Alves Saraiva	"
3ª	Cont. Industrial	Isabel Maria Nóbrega Montenegro	"
3ª	Est. Ap. Balanç.	Francisco das Chagas Nogueira Batista	"
3ª	Estatística	Isabel Maria Nób. Montenegro	"
3ª	Téc. Orçament.	Maria Davaci Dantas	"

(Inspetor do Ensino Comercial)

(Diretor)

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO T – Lista de professores CDS 1968



COLÉGIO COMERCIAL S. SERIDOENSE
Estabelecimento de Ensino

RIO GRANDE DO NORTE
Unidade da Federação

ANO LETIVO DE 1968

CURSO: Técnico de Comércio
TURNO: Noturno

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES

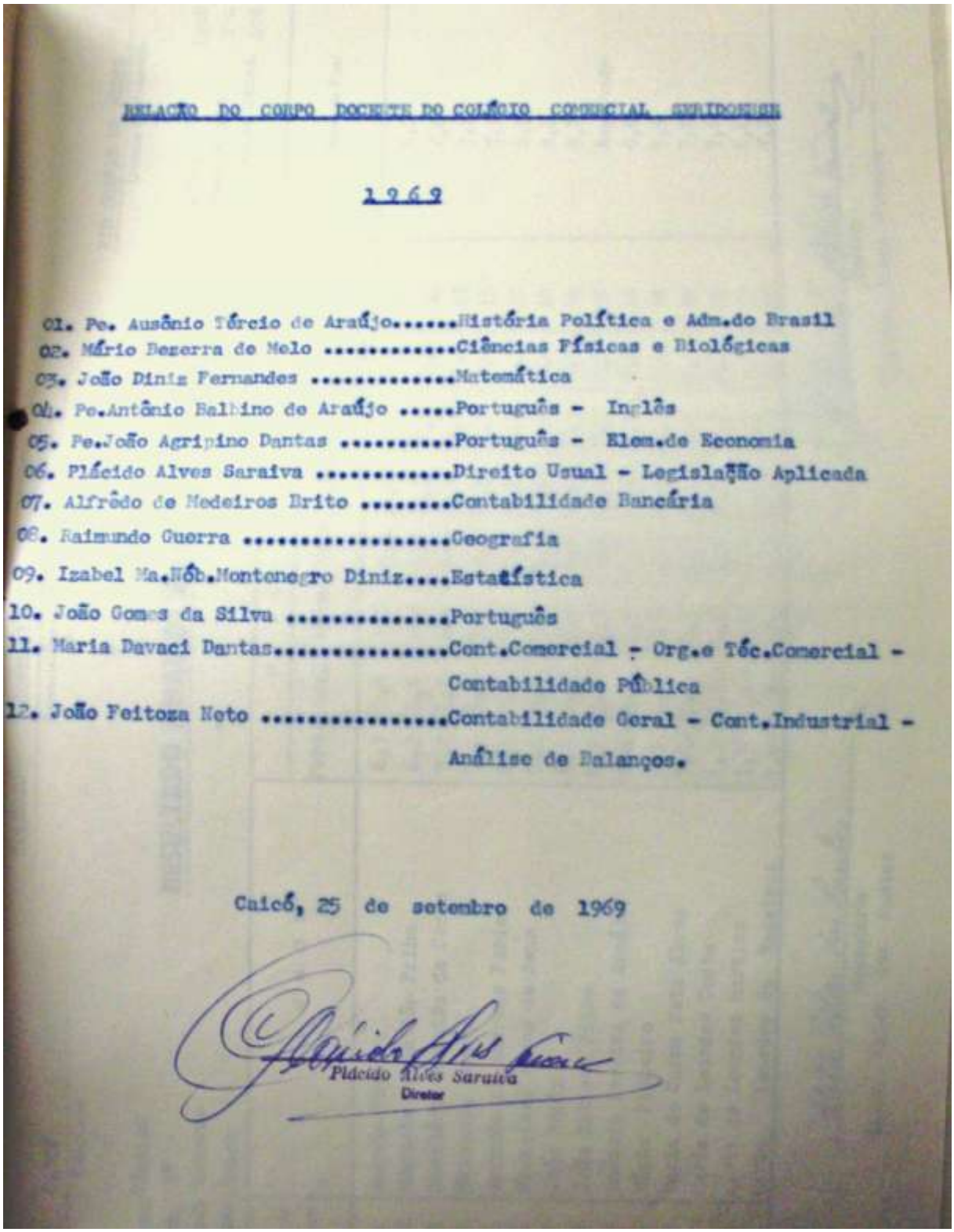
Nº de ordem	PROFESSOR	DISCIPLINA	Série	Situação quanto ao registro: Número	Órgão que expediu	Autorização para lecionar	Estágio	OBSERVAÇÕES
1	Pe.Ausônio Tércio de Araújo	História	1ª	D-42570	Sec.E.Sec.			
2	Pe.Antônio Balbino de Araújo	Português-Inglês	1ª 2ª					
3	João Dinis Fernandes	Matemática	1ª 2ª	D-42443	M.E.C.			
4	Raimundo Guerra	Geografia	3ª	D-23350	S.E.S.			
5	Laércio Segundo de Oliveira	Português	3ª	F-28426	M.E.C.			
6	Pe.João Agripino Dantas	Elem.de Economia	1ª				Estagiário	
7	Isabel Ma.Réb.Montenegro Dinis	Cont.Ind.-Estatíst.	3ª				"	
8	Maria Davaei Dantas	Cont.Comercial	2ª	9.612	D.E.C.			
9	Plácido Alves Saraiva	Direito Usual	2ª				Estagiário	
10	Maria Davaei Dantas	Cont.Pública	3ª	9.612	D.E.C.			
11	Maria Davaei Dantas	Org.Téc.Comercial	2ª				Estagiário	
12	Plácido Alves Saraiva	Leg.Aplicada	3ª				"	
13	João Andrade da Cunha	Cont.Geral	1ª				"	
13	Admilson Miranda Penha	Cont.Bancária e An.de Balanço	2ª				"	

Secretário
Mod. nº 2. Elita Vilar dos Santos

Diretor
Plácido Alves Saraiva

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO U – Lista de professores CDS 1969



RELAÇÃO DO CORPO DOCENTE DO COLÉGIO COMERCIAL SERIDOENSE

1969

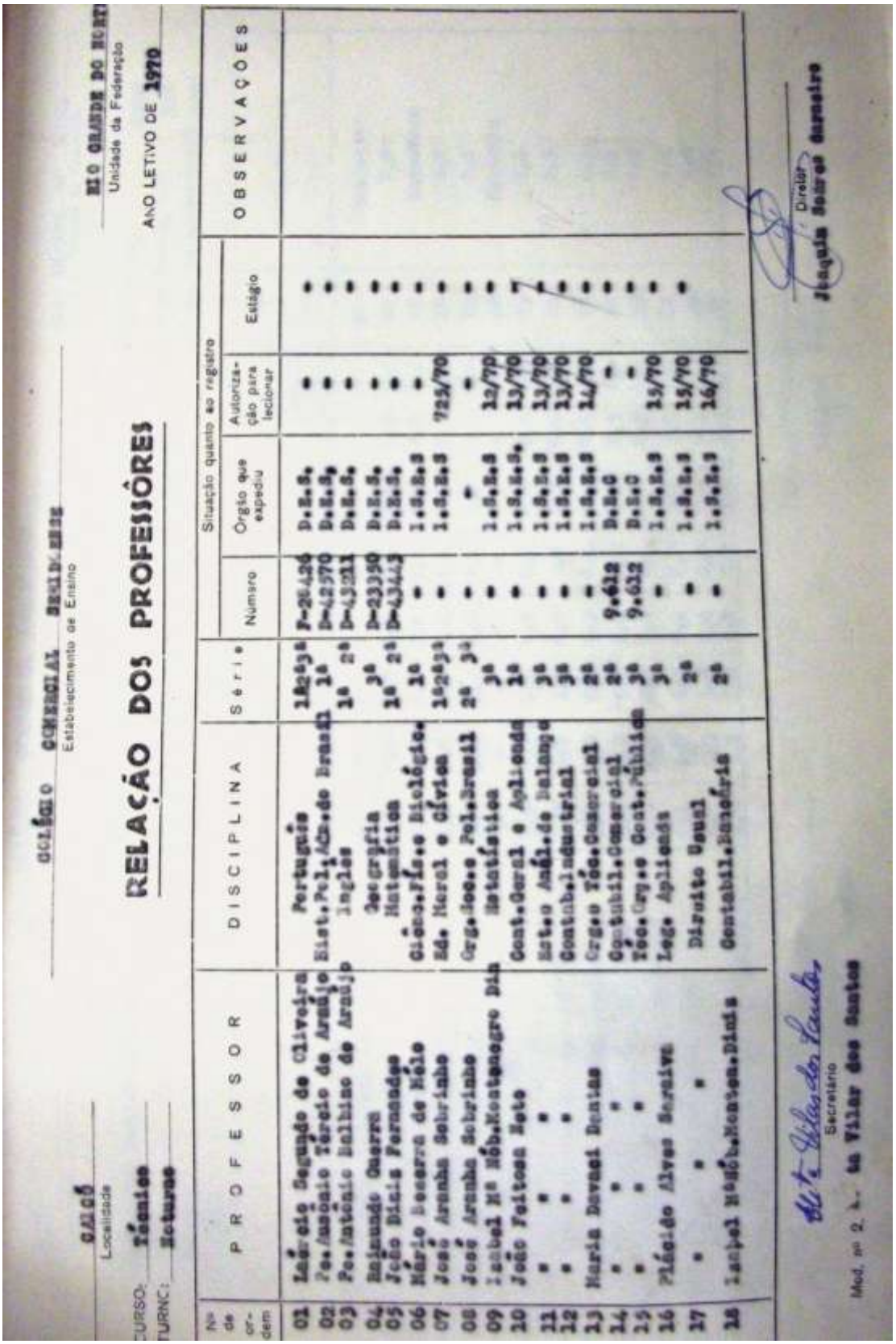
01. Pe. Ausônio Tércio de Araújo.....História Política e Adm.do Brasil
02. Mário Bezerra de Melo .....Ciências Físicas e Biológicas
03. João Diniz Fernandes .....Matemática
04. Pe.Antônio Balbino de Araújo .....Português - Inglês
05. Pe.João Agripino Dantas .....Português - Elem.de Economia
06. Plácido Alves Saraiva .....Direito Usual - Legislação Aplicada
07. Alfrêdo de Medeiros Brito .....Contabilidade Bancária
08. Raimundo Guerra .....Geografia
09. Izabel Ma.Nób.Montenegro Diniz....Estatística
10. João Gomes da Silva .....Português
11. Maria Davaci Dantas.....Cont.Comercial - Org.e Téc.Comercial - Contabilidade Pública
12. João Feitoza Neto .....Contabilidade Geral - Cont.Industrial - Análise de Balanços.

Caicó, 25 de setembro de 1969

Plácido Alves Saraiva
Diretor

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO V – Lista de professores CDS 1970



COLÉGIO COMERCIAL SERIDOENSE
Estabelecimento de Ensino

CAICÓ
Localidade

RIO GRANDE DO NORTE
Unidade da Federação

CURSO: Técnico
TURNO: Noturno

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES

ANO LETIVO DE 1970

Nº de ordem	PROFESSOR	DISCIPLINA	Série	Situação quanto ao registro: Número	Órgão que expediu	Autorização para lecionar	Estágio	OBSERVAÇÕES
01	Laércio Segundo de Oliveira	Português	1ª 2ª 3ª	F-28426	D.E.S.	-	-	
02	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	Hist. Pol. Adm. do Brasil	1ª	D-42570	D.E.S.	-	-	
03	Pe. Antônio Balbino de Araújo	Inglês	1ª 2ª	D-43211	D.E.S.	-	-	
04	Raimundo Guerra	Geografia	3ª	D-23350	D.E.S.	-	-	
05	João Diniz Fernandes	Matemática	1ª 2ª	D-43443	D.E.S.	-	-	
06	Mário Bezerra de Mélo	Ciênc. Fís. e Biológic.	1ª	-	I.S.E.S	-	-	
07	José Aranha Sobrinho	Ed. Moral e Cívica	1ª 2ª 3ª	-	I.S.E.S	725/70	-	
08	José Aranha Sobrinho	Org. Soc. e Pol. Brasil	2ª 3ª	-	-	-	-	
09	Izabel Mª Nób. Montenegro Din	Estatística	3ª	-	I.S.E.S	12/70	-	
10	João Feitosa Neto	Cont. Geral e Aplicada	1ª	-	I.S.E.S.	13/70	-	
11	" " "	Est. e Anál. de Balanço	3ª	-	I.S.E.S	13/70	-	
12	" " "	Contab. Industrial	3ª	-	I.S.E.S	13/70	-	
13	Maria Davaci Dantas	Org. e Téc. Comercial	2ª	-	I.S.E.S	14/70	-	
14	" " "	Contabil. Comercial	2ª	9.612	D.E.C	-	-	
15	" " "	Téc. Org. e Cont. Pública	3ª	9.612	D.E.C	-	-	
16	Plácido Alves Saraiva	Leg. Aplicada	3ª	-	I.S.E.S	15/70	-	
17	" " "	Direito Usual	2ª	-	I.S.E.S	15/70	-	
18	Izabel Mª Nób. Monten. Diniz	Contabil. Bancária	2ª	-	I.S.E.S	16/70		

Secretário
Mod. nº 2. [illegible]ta Vilar dos Santos

Diretor
Joaquim Soares Carneiro

COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE
Nome do Estabelecimento

CAICÓ
Cidade

Relação do Corpo Docente em Exercício — Ano Letivo de 19 70 — Curso: CIENTÍFICO

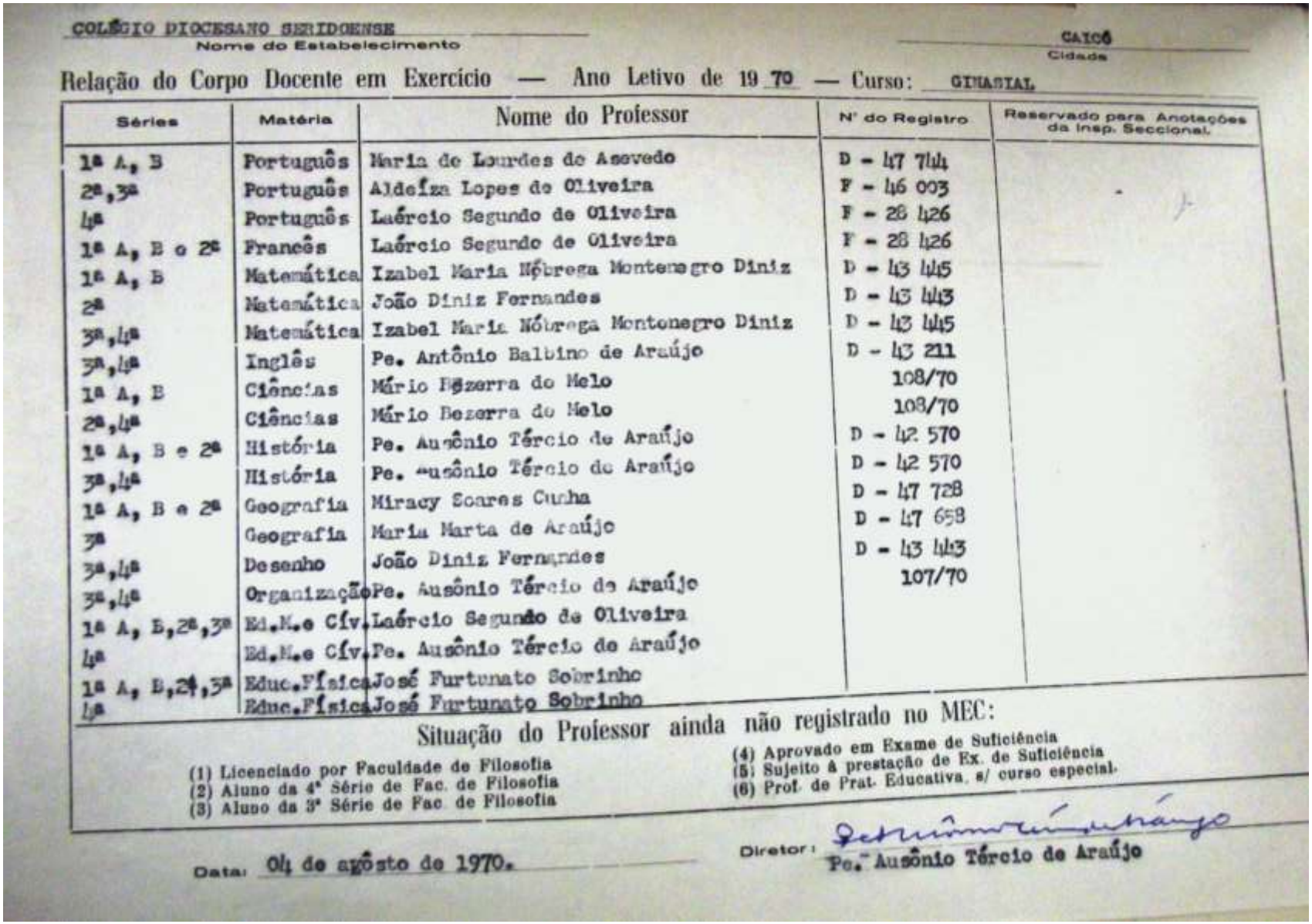
Séries	Matéria	Nome do Professor	Nº do Registro	Reservado para Anotações da Insp. Seccional
1ª A, B	Português	Laércio Segundo de Oliveira	F - 28 426	
2ª A, B	Português	Laércio Segundo de Oliveira	F - 28 426	
3ª	Português	Laércio Segundo de Oliveira	F - 28 426	
1ª A, B	Inglês	Pe. Antônio Balbino de Araújo	D - 43 211	
1ª A, B	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	D - 23 850	
2ª A, B	Matemática	Pe. João Agripino Dantas	D - 23 850	
1ª A, B	Física	Manoel Alves Machado	107/70	
2ª A, B	Física	Manoel Alves Machado	107/70	
3ª	Física	Manoel Alves Machado	107/70	
1ª A, B	Química	Mário Bezerra de Melo	446/69	
2ª A, B	Química	Mário Bezerra de Melo	446/69	
3ª	Química	Mário Bezerra de Melo	446/69	
1ª A, B	Biologia	Fernando Silva de Azevêdo	106/70	
2ª A, B	Biologia	Fernando Silva de Azevêdo	106/70	
3ª	Biologia	Fernando Silva de Azevêdo	106/70	
1ª A, B	História	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	107/70	
2ª A, B	História	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	107/70	
2ª A, B e 3ª	Organização	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	107/70	
1ª A, B, 2ª e 3ª	Ed.M.e Cív.	Pe. João Agripino Dantas	I.S.E.F.N.	
1ª A	Educ. Física	José Fortunato Sobrinho		

Situação do Professor ainda não registrado no MEC:

(1) Licenciado por Faculdade de Filosofia
(2) Aluno da 4ª Série de Fac. de Filosofia
(3) Aluno da 3ª Série de Fac. de Filosofia
(4) Aprovado em Exame de Suficiência
(5) Sujeito à prestação de Ex. de Suficiência
(6) Prof. de Prat. Educativa, s/ curso especial.

Data: 04 de agosto de 1970.

Diretor: Pe. Ausônio Tércio de Araújo



COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE
Nome do Estabelecimento

CAICÓ
Cidade

Relação do Corpo Docente em Exercício — Ano Letivo de 1970 — Curso: GINASIAL

Séries	Matéria	Nome do Professor	Nº do Registro	Reservado para Anotações da Insp. Seccional
1ª A, B	Português	Maria de Lourdes de Azevedo	D - 47 744	
2ª,3ª	Português	Aldeíza Lopes de Oliveira	F - 46 003	
4ª	Português	Laércio Segundo de Oliveira	F - 28 426	
1ª A, B e 2ª	Francês	Laércio Segundo de Oliveira	F - 28 426	
1ª A, B	Matemática	Izabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz	D - 43 445	
2ª	Matemática	João Diniz Fernandes	D - 43 443	
3ª,4ª	Matemática	Izabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz	D - 43 445	
3ª,4ª	Inglês	Pe. Antônio Balbino de Araújo	D - 43 211	
1ª A, B	Ciências	Mário Bezerra de Melo	108/70	
2ª,4ª	Ciências	Mário Bezerra de Melo	108/70	
1ª A, B e 2ª	História	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	D - 42 570	
3ª,4ª	História	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	D - 42 570	
1ª A, B e 2ª	Geografia	Miracy Soares Cunha	D - 47 728	
3ª	Geografia	Maria Marta de Araújo	D - 47 658	
3ª,4ª	Desenho	João Diniz Fernandes	D - 43 443	
3ª,4ª	Organização	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	107/70	
1ª A, B,2ª,3ª	Ed.M.e Cív.	Laércio Segundo de Oliveira		
4ª	Ed.M.e Cív.	Pe. Ausônio Tércio de Araújo		
1ª A, B,2ª,3ª	Educ.Física	José Furtunato Sobrinho		
4ª	Educ.Física	José Furtunato Sobrinho		

Situação do Professor ainda não registrado no MEC:

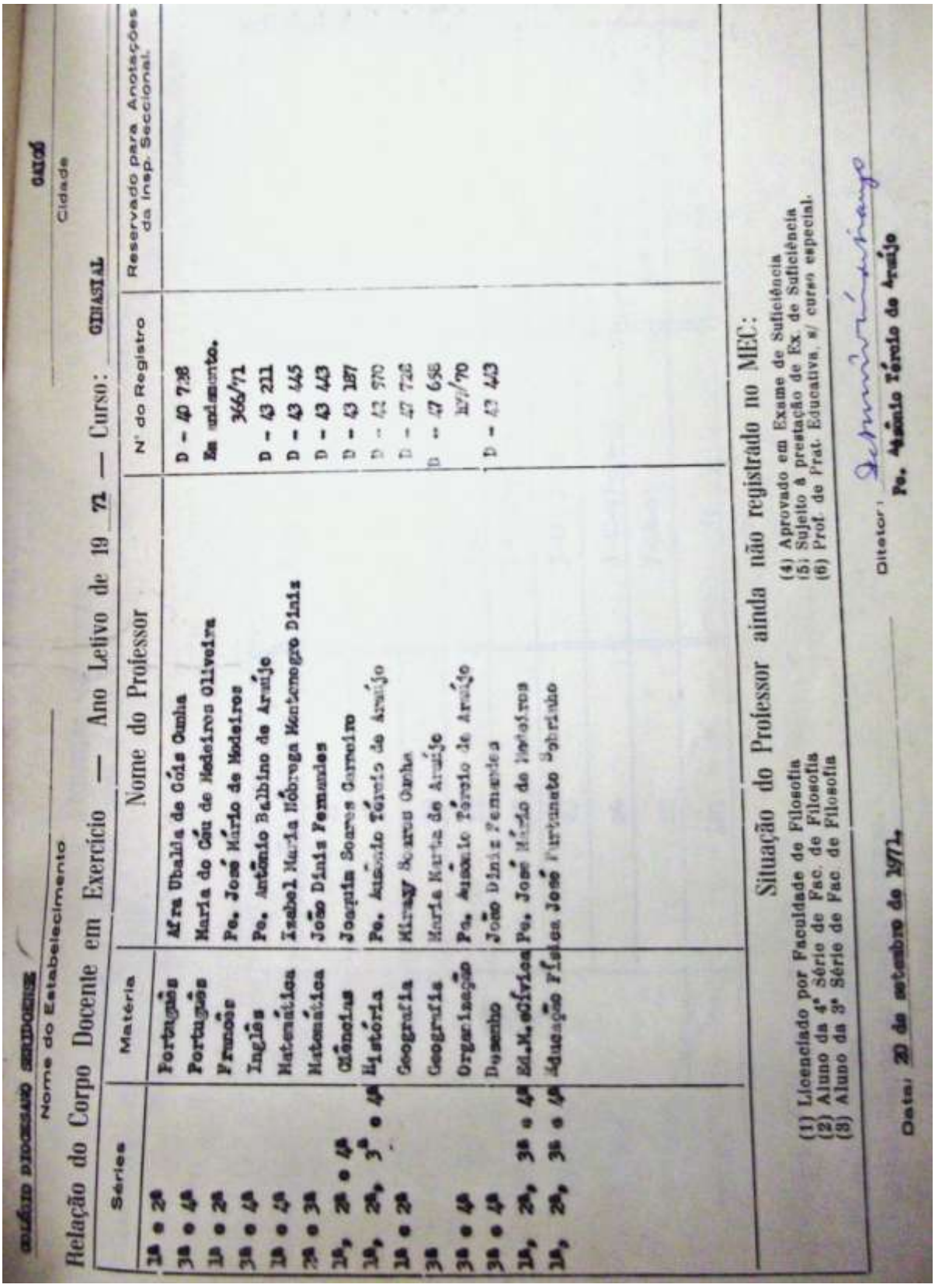
(1) Licenciado por Faculdade de Filosofia
(2) Aluno da 4ª Série de Fac. de Filosofia
(3) Aluno da 3ª Série de Fac. de Filosofia
(4) Aprovado em Exame de Suficiência
(5) Sujeito à prestação de Ex. de Suficiência
(6) Prof. de Prat. Educativa, s/ curso especial.

Data: 04 de agôsto de 1970.

Diretor: Pe. Ausônio Tércio de Araújo

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO W – Lista de professores CDS 1971



COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE — CATÓD

Nome do Estabelecimento — Cidade

Relação do Corpo Docente em Exercício — Ano Letivo de 19 72 — Curso: GINASIAL

Séries	Matéria	Nome do Professor	Nº do Registro	Reservado para Anotações da Insp. Seccional
1a • 2a	Português	Mra Ubalda de Góis Cunha	D - 40 738	
3a • 4a	Português	Maria do Céu de Medeiros Oliveira	Em andamento.	
1a • 2a	Francês	Pe. José Mário de Medeiros	366/71	
3a • 4a	Inglês	Pe. Antônio Balbino de Araújo	D - 43 211	
1a • 4a	Matemática	Isabel Maria Nóbrega Montenegro Dinis	D - 43 445	
2a • 3a	Matemática	João Dinis Fernandes	D - 43 443	
1a, 2a • 4a	Ciências	Joaquim Soares Carneiro	D - 43 187	
1a, 2a, 3a • 4a	História	Pe. Antônio Fábio de Araújo	D - 43 970	
1a • 2a	Geografia	Hiray Soares Cunha	D - 47 726	
3a	Geografia	Maria Maria de Araújo	D - 47 658	
3a • 4a	Organização	Pe. Antônio Fábio de Araújo	127/70	
3a • 4a	Desenho	João Dinis Fernandes	D - 43 443	
1a, 2a, 3a • 4a	Ed.M.Cívica	Pe. José Mário de Medeiros		
1a, 2a, 3a • 4a	Educação Física	José Fortunato Sobrinho		

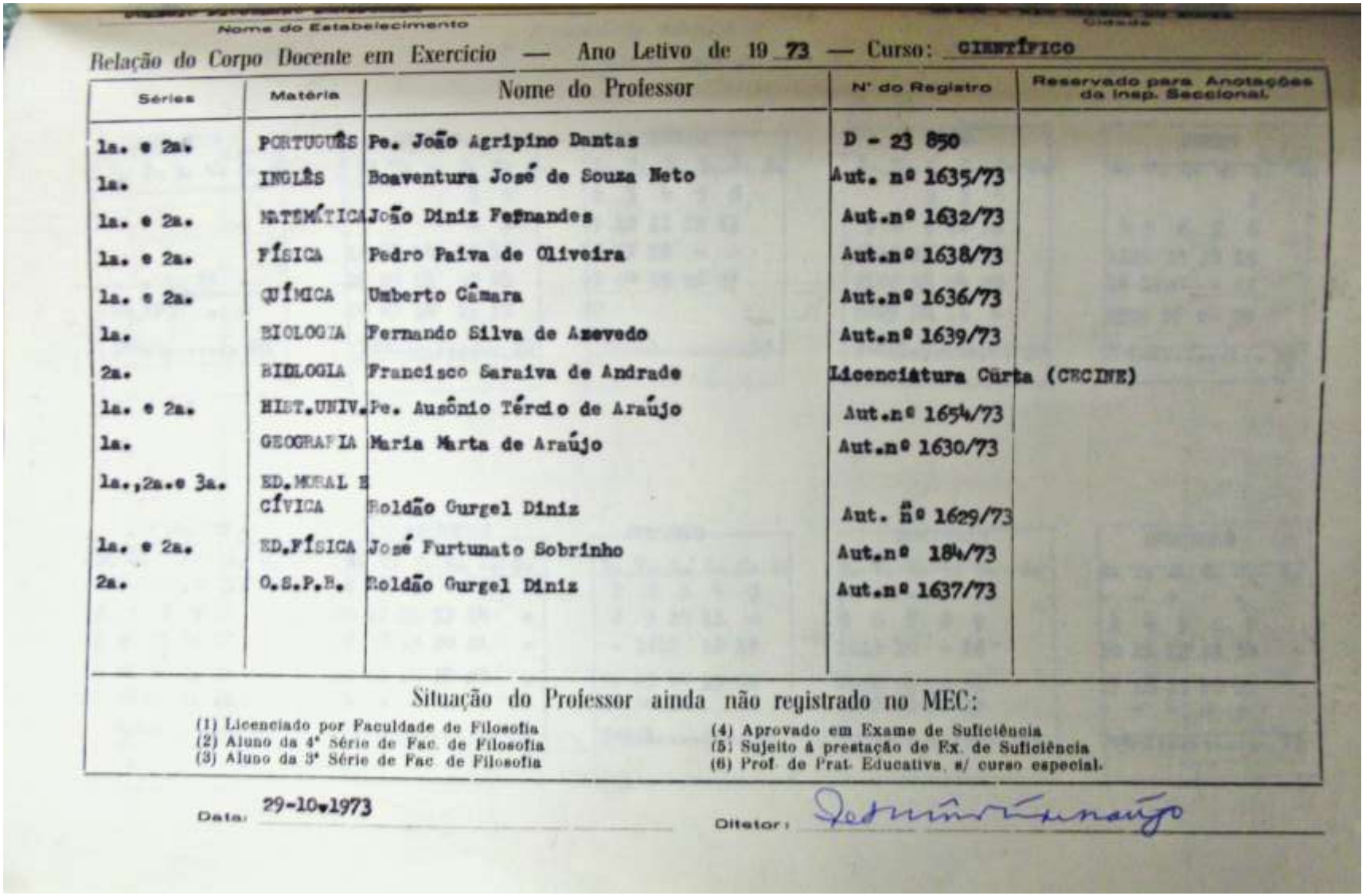
Situação do Professor ainda não registrado no MEC:

(1) Licenciado por Faculdade de Filosofia
(2) Aluno da 4ª Série de Fac. de Filosofia
(3) Aluno da 3ª Série de Fac. de Filosofia
(4) Aprovado em Exame de Suficiência
(5) Sujeito à prestação de Ex. de Suficiência
(6) Prof. de Frat. Educativa, s/ curso especial.

Data: 20 de setembro de 1971.

Diretor: Pe. Antônio Fábio de Araújo

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense



Nome do Estabelecimento

Classe

Relação do Corpo Docente em Exercício — Ano Letivo de 19 73 — Curso: CIENTÍFICO

Séries	Matéria	Nome do Professor	Nº do Registro	Reservado para Anotações da Insp. Seccional
1a. e 2a.	PORTUGUÊS	Pe. João Agripino Dantas	D - 23 850	
1a.	INGLÊS	Boaventura José de Souza Neto	Aut. nº 1635/73	
1a. e 2a.	MATEMÁTICA	João Diniz Fernandes	Aut.nº 1632/73	
1a. e 2a.	FÍSICA	Pedro Paiva de Oliveira	Aut.nº 1638/73	
1a. e 2a.	QUÍMICA	Umberto Câmara	Aut.nº 1636/73	
1a.	BIOLOGIA	Fernando Silva de Azevedo	Aut.nº 1639/73	
2a.	BIOLOGIA	Francisco Saraiva de Andrade	Licenciatura Curta (CRCINE)	
1a. e 2a.	HIST.UNIV.	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	Aut.nº 1654/73	
1a.	GEOGRAFIA	Maria Marta de Araújo	Aut.nº 1630/73	
1a.,2a.e 3a.	ED.MORAL E CÍVICA	Roldão Gurgel Diniz	Aut. nº 1629/73	
1a. e 2a.	ED.FÍSICA	José Furtunato Sobrinho	Aut.nº 184/73	
2a.	O.S.P.B.	Roldão Gurgel Diniz	Aut.nº 1637/73	

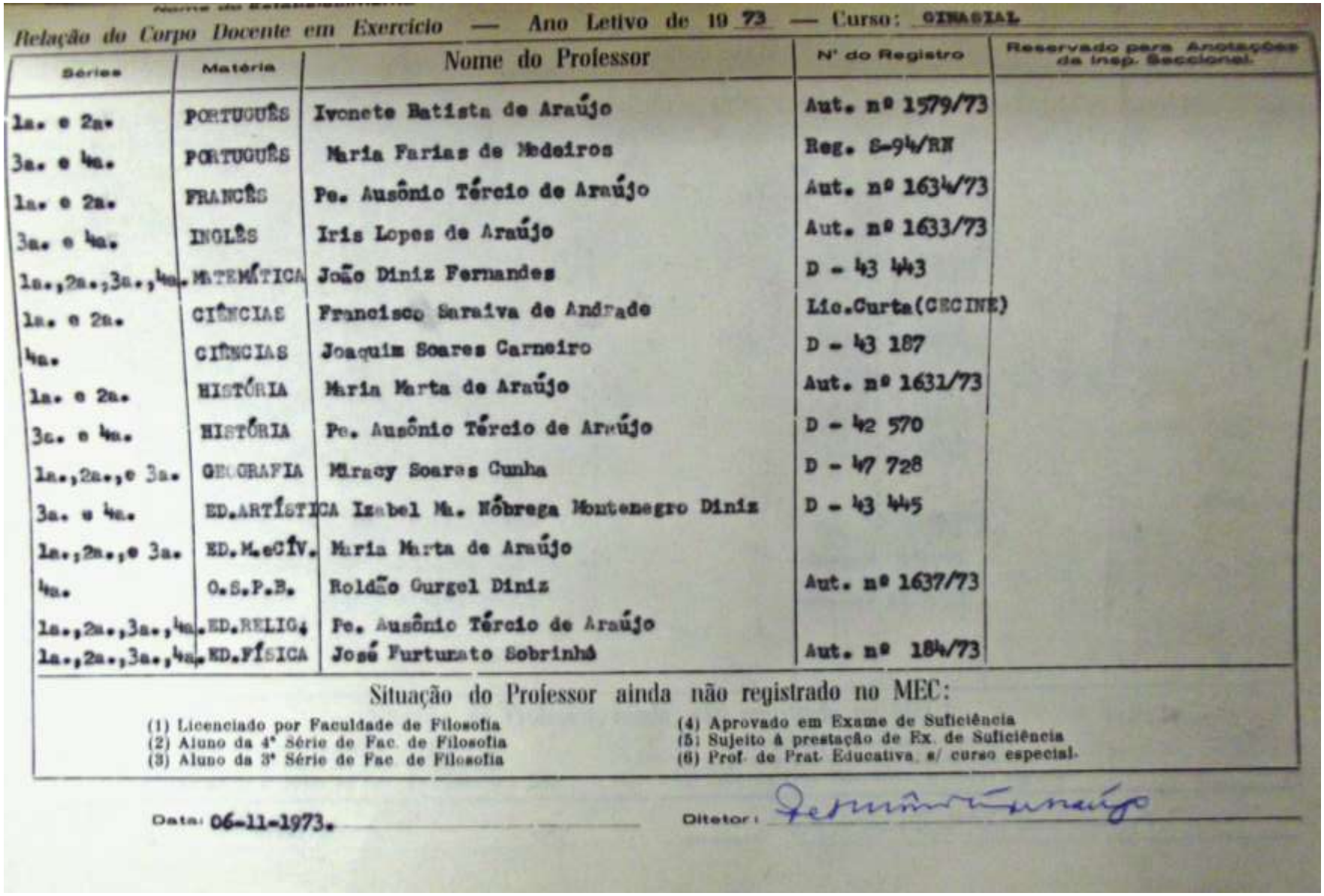
Situação do Professor ainda não registrado no MEC:

(1) Licenciado por Faculdade de Filosofia
(2) Aluno da 4ª Série de Fac. de Filosofia
(3) Aluno da 3ª Série de Fac. de Filosofia
(4) Aprovado em Exame de Suficiência
(5) Sujeito à prestação de Ex. de Suficiência
(6) Prof. de Prat. Educativa, s/ curso especial.

Data: 29-10-1973

Diretor: Pedro Furtunato

REGISTRO X – Lista de professores CDS 1973



Relação do Corpo Docente em Exercício — Ano Letivo de 19 73 — Curso: GINASIAL

Séries	Matéria	Nome do Professor	Nº do Registro	Reservado para Anotações da Insp. Seccional
1a. e 2a.	PORTUGUÊS	Ivonete Batista de Araújo	Aut. nº 1579/73	
3a. e 4a.	PORTUGUÊS	Maria Farias de Medeiros	Reg. 8-94/RN	
1a. e 2a.	FRANCÊS	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	Aut. nº 1634/73	
3a. e 4a.	INGLÊS	Iris Lopes de Araújo	Aut. nº 1633/73	
1a.,2a.,3a.,4a.	MATEMÁTICA	João Diniz Fernandes	D - 43 443	
1a. e 2a.	CIÊNCIAS	Francisco Saraiva de Andrade	Lic.Curta(CECINE)	
4a.	CIÊNCIAS	Joaquim Soares Carneiro	D - 43 187	
1a. e 2a.	HISTÓRIA	Maria Marta de Araújo	Aut. nº 1631/73	
3a. e 4a.	HISTÓRIA	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	D - 42 570	
1a.,2a.,e 3a.	GEOGRAFIA	Miracy Soares Cunha	D - 47 728	
3a. e 4a.	ED.ARTÍSTICA	Izabel Ma. Nóbrega Montenegro Diniz	D - 43 445	
1a.,2a.,e 3a.	ED.M.eCÍV.	Maria Marta de Araújo		
4a.	O.S.P.B.	Roldão Gurgel Diniz	Aut. nº 1637/73	
1a.,2a.,3a.,4a.	ED.RELIG.	Pe. Ausônio Tércio de Araújo		
1a.,2a.,3a.,4a.	ED.FÍSICA	José Furtunato Sobrinho	Aut. nº 184/73	

Situação do Professor ainda não registrado no MEC:

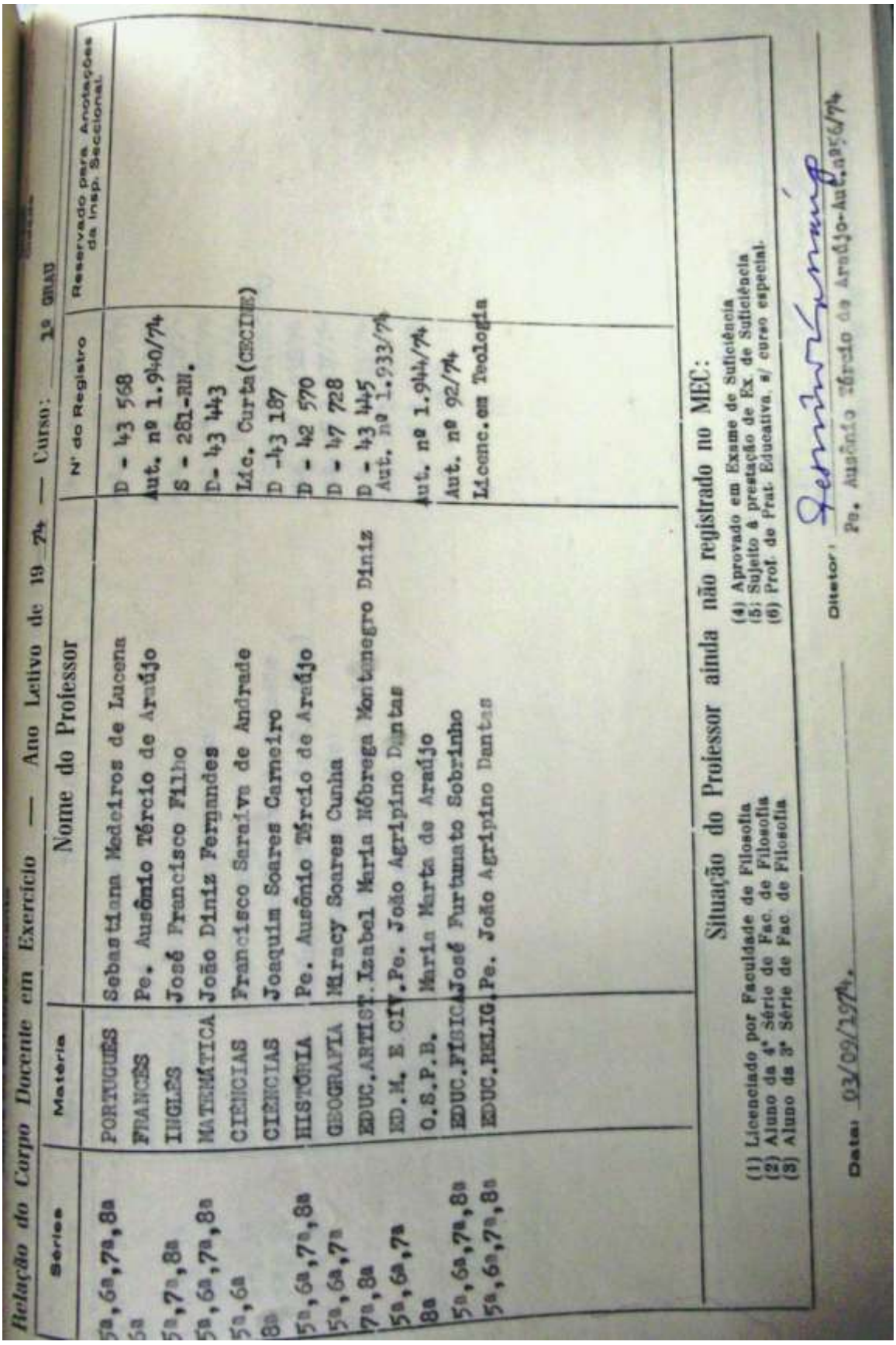
(1) Licenciado por Faculdade de Filosofia
(2) Aluno da 4ª Série de Fac. de Filosofia
(3) Aluno da 3ª Série de Fac. de Filosofia
(4) Aprovado em Exame de Suficiência
(5) Sujeito à prestação de Ex. de Suficiência
(6) Prof. de Prat. Educativa, s/ curso especial.

Data: 06-11-1973.

Diretor:

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO Y – Lista de professores CDS 1974



Relação do Corpo Docente em Exercício — Ano Letivo de 19_74 — Curso: 1º GRAU

Séries	Matéria	Nome do Professor	Nº do Registro	Reservado para Anotações da Insp. Seccional
5ª,6ª,7ª,8ª	PORTUGUÊS	Sebastiana Medeiros de Lucena	D - 43 568	
5ª	FRANCÊS	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	Aut. nº 1.940/74	
5ª,7ª,8ª	INGLÊS	José Francisco Filho	S - 281-RN.	
5ª,6ª,7ª,8ª	MATEMÁTICA	João Diniz Fernandes	D- 43 443	
5ª,6ª	CIÊNCIAS	Francisco Saraiva de Andrade	Lic. Curta (CECINE)	
8ª	CIÊNCIAS	Joaquim Soares Carneiro	D -43 187	
5ª,6ª,7ª,8ª	HISTÓRIA	Pe. Ausônio Tércio de Araújo	D - 42 570	
5ª,6ª,7ª	GEOGRAFIA	Hiracy Soares Cunha	D - 47 728	
7ª,8ª	EDUC.ARTÍST.	Izabel Maria Hôbrega Montenegro Diniz	D - 43 445 Aut. nº 1.933/74	
5ª,6ª,7ª	ED.M. E CIV.	Pe. João Agripino Dantas	Aut. nº 1.944/74	
8ª	O.S.P.B.	Maria Marta de Araújo	Aut. nº 92/74	
5ª,6ª,7ª,8ª	EDUC.FÍSICA	José Fortunato Sobrinho	Licenc. em Teologia	
5ª,6ª,7ª,8ª	EDUC.RELIG.	Pe. João Agripino Dantas		

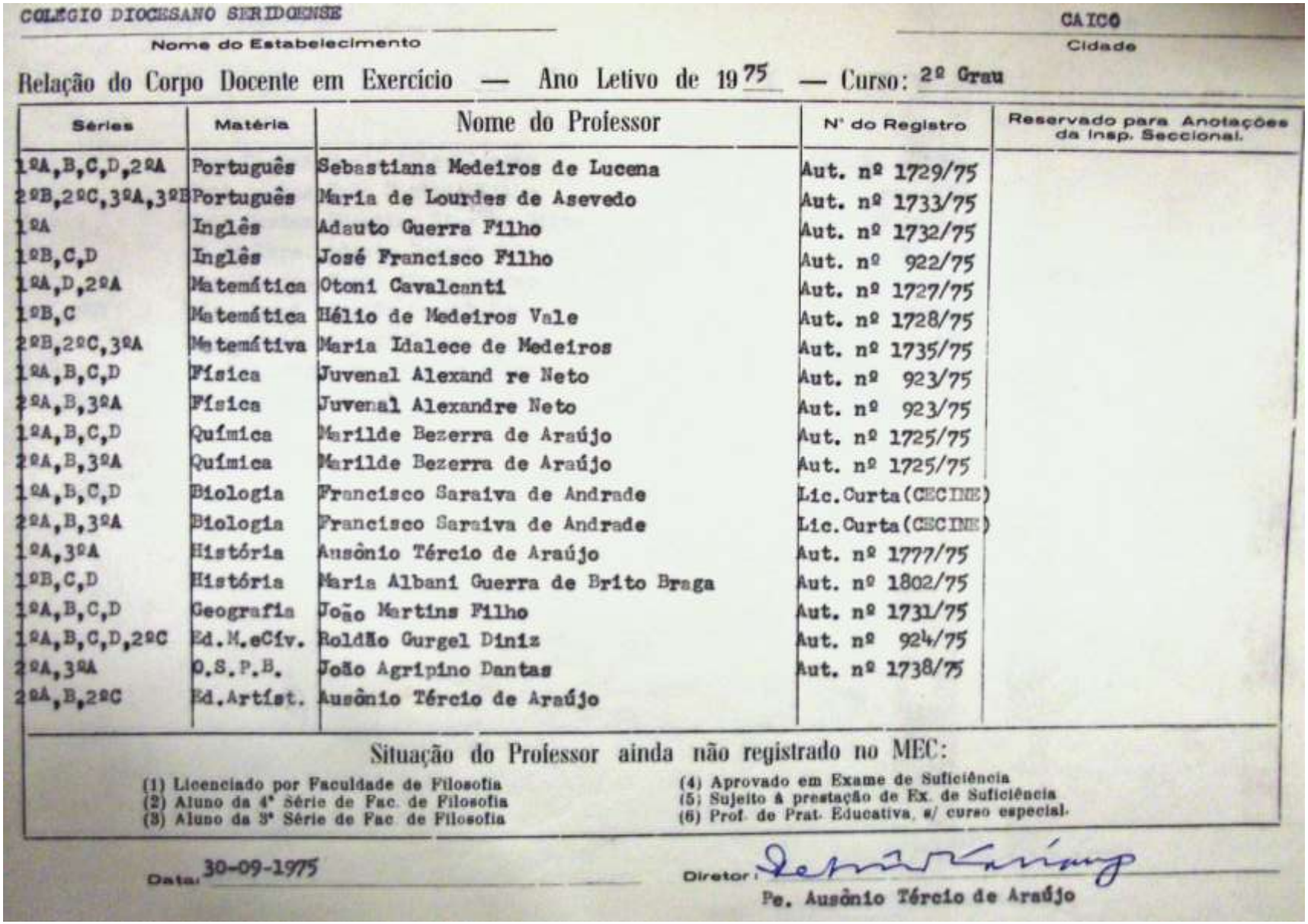
Situação do Professor ainda não registrado no MEC:

(1) Licenciado por Faculdade de Filosofia
(2) Aluno da 4ª Série de Fac. de Filosofia
(3) Aluno da 3ª Série de Fac. de Filosofia
(4) Aprovado em Exame de Suficiência
(5) Sujeito à prestação de Ex. de Suficiência
(6) Prof. de Prat. Educativa, s/ curso especial.

Data: 03/09/1974.

Diretor: Pe. Ausônio Tércio de Araújo-Aut.nº956/74

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense



COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE — Nome do Estabelecimento

CAICÓ — Cidade

Relação do Corpo Docente em Exercício — Ano Letivo de 1975 — Curso: 2º Grau

Séries	Matéria	Nome do Professor	Nº do Registro	Reservado para Anotações da Insp. Seccional.
1ºA,B,C,D,2ºA	Português	Sebastiana Medeiros de Lucena	Aut. nº 1729/75	
2ºB,2ºC,3ºA,3ºB	Português	Maria de Lourdes de Asevedo	Aut. nº 1733/75	
1ºA	Inglês	Adauto Guerra Filho	Aut. nº 1732/75	
1ºB,C,D	Inglês	José Francisco Filho	Aut. nº 922/75	
1ºA,D,2ºA	Matemática	Otoni Cavalcanti	Aut. nº 1727/75	
1ºB,C	Matemática	Hélio de Medeiros Vale	Aut. nº 1728/75	
2ºB,2ºC,3ºA	Matemátiva	Maria Idalece de Medeiros	Aut. nº 1735/75	
1ºA,B,C,D	Física	Juvenal Alexand re Neto	Aut. nº 923/75	
2ºA,B,3ºA	Física	Juvenal Alexandre Neto	Aut. nº 923/75	
1ºA,B,C,D	Química	Marilde Bezerra de Araújo	Aut. nº 1725/75	
2ºA,B,3ºA	Química	Marilde Bezerra de Araújo	Aut. nº 1725/75	
1ºA,B,C,D	Biologia	Francisco Saraiva de Andrade	Lic.Curta(CECINE)	
2ºA,B,3ºA	Biologia	Francisco Saraiva de Andrade	Lic.Curta(CECINE)	
1ºA,3ºA	História	Ausônio Tércio de Araújo	Aut. nº 1777/75	
1ºB,C,D	História	Maria Albani Guerra de Brito Braga	Aut. nº 1802/75	
1ºA,B,C,D	Geografia	João Martins Filho	Aut. nº 1731/75	
1ºA,B,C,D,2ºC	Ed.M.eCív.	Roldão Gurgel Diniz	Aut. nº 924/75	
2ºA,3ºA	O.S.P.B.	João Agripino Dantas	Aut. nº 1738/75	
2ºA,B,2ºC	Ed.Artíst.	Ausônio Tércio de Araújo		

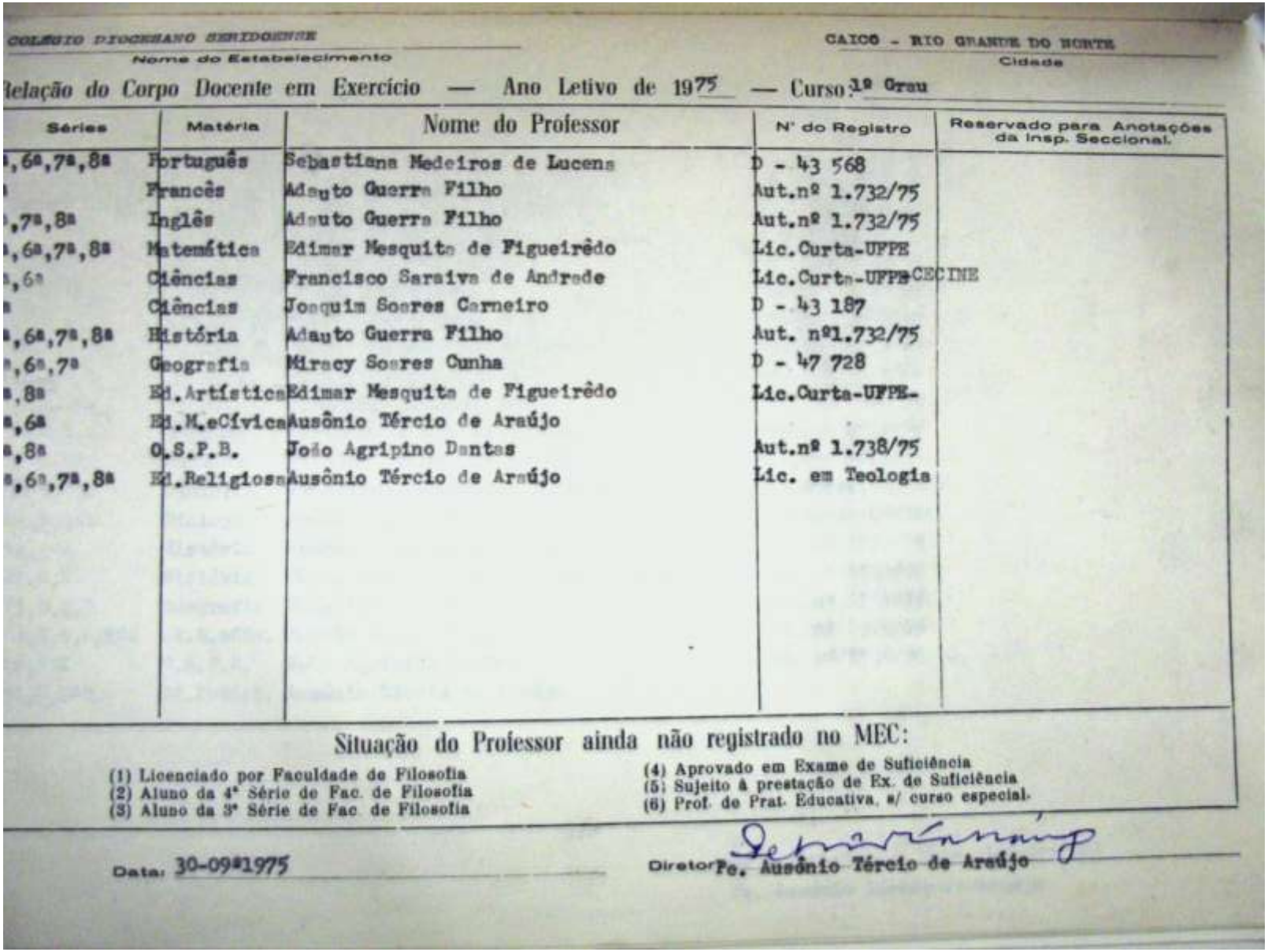
Situação do Professor ainda não registrado no MEC:

(1) Licenciado por Faculdade de Filosofia
(2) Aluno da 4ª Série de Fac. de Filosofia
(3) Aluno da 3ª Série de Fac. de Filosofia
(4) Aprovado em Exame de Suficiência
(5) Sujeito à prestação de Ex. de Suficiência
(6) Prof. de Prat. Educativa, s/ curso especial.

Data: 30-09-1975

Diretor: Pe. Ausônio Tércio de Araújo

REGISTRO Z – Lista de professores CDS 1975



COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE — Nome do Estabelecimento

CAICÓ - RIO GRANDE DO NORTE — Cidade

Relação do Corpo Docente em Exercício — Ano Letivo de 1975 — Curso: 1º Grau

Séries	Matéria	Nome do Professor	Nº do Registro	Reservado para Anotações da Insp. Seccional.
ª,6ª,7ª,8ª	Português	Sebastiana Medeiros de Lucena	D - 43 568	
ª	Francês	Adauto Guerra Filho	Aut.nº 1.732/75	
ª,7ª,8ª	Inglês	Adauto Guerra Filho	Aut.nº 1.732/75	
ª,6ª,7ª,8ª	Matemática	Edimar Mesquita de Figueirêdo	Lic.Curta-UFPE	
ª,6ª	Ciências	Francisco Saraiva de Andrade	Lic.Curta-UFPE-CECINE	
ª	Ciências	Joaquim Soares Carneiro	D - 43 187	
ª,6ª,7ª,8ª	História	Adauto Guerra Filho	Aut. nº1.732/75	
ª,6ª,7ª	Geografia	Miracy Soares Cunha	D - 47 728	
ª,8ª	Ed.Artística	Edimar Mesquita de Figueirêdo	Lic.Curta-UFPE-	
ª,6ª	Ed.M.eCívica	Ausônio Tércio de Araújo		
ª,8ª	O.S.P.B.	João Agripino Dantas	Aut.nº 1.738/75	
ª,6ª,7ª,8ª	Ed.Religiosa	Ausônio Tércio de Araújo	Lic. em Teologia	

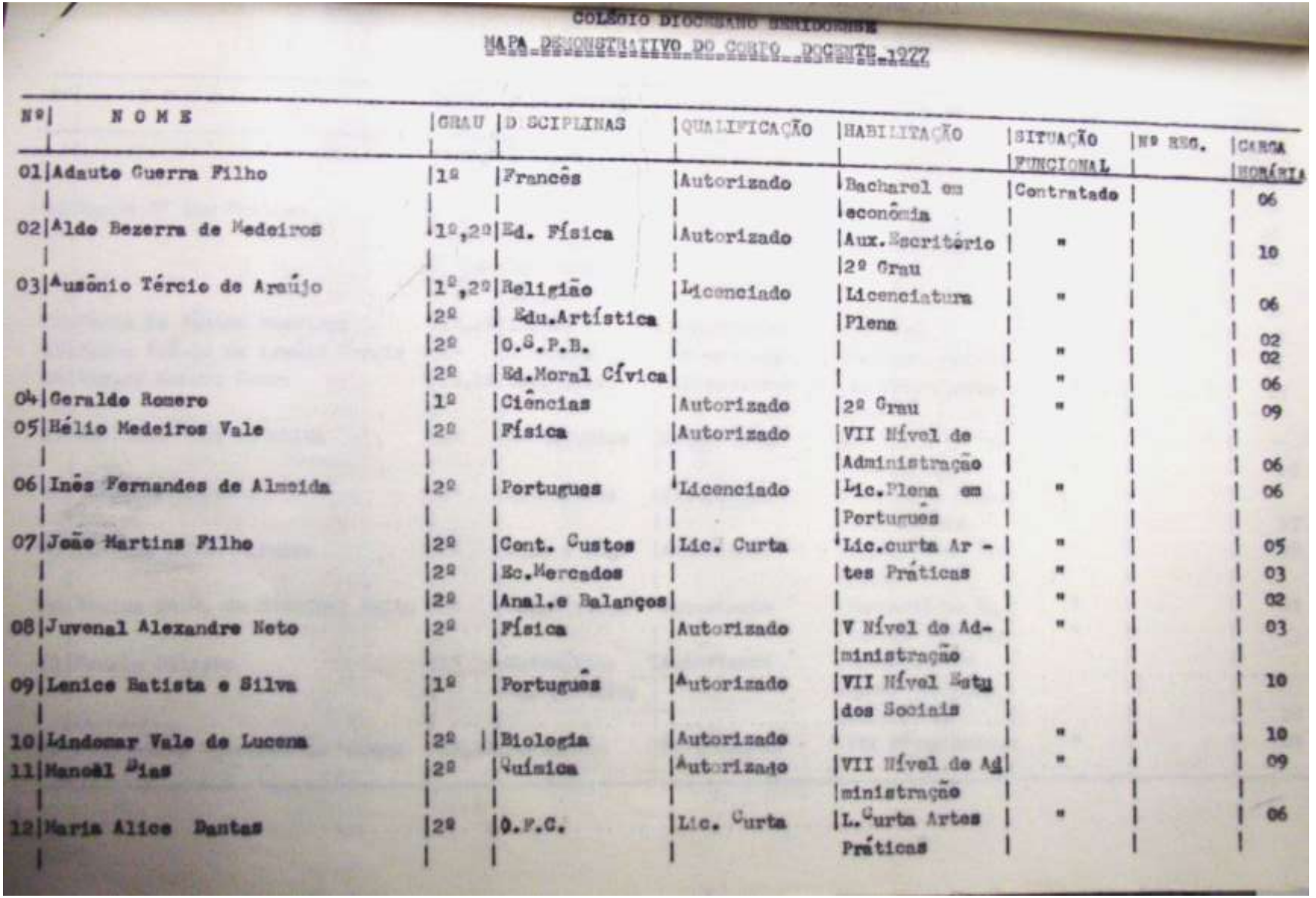
Situação do Professor ainda não registrado no MEC:

(1) Licenciado por Faculdade de Filosofia
(2) Aluno da 4ª Série de Fac. de Filosofia
(3) Aluno da 3ª Série de Fac. de Filosofia
(4) Aprovado em Exame de Suficiência
(5) Sujeito à prestação de Ex. de Suficiência
(6) Prof. de Prat. Educativa, s/ curso especial.

Data: 30-09-1975

Diretor: Pe. Ausônio Tércio de Araújo

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

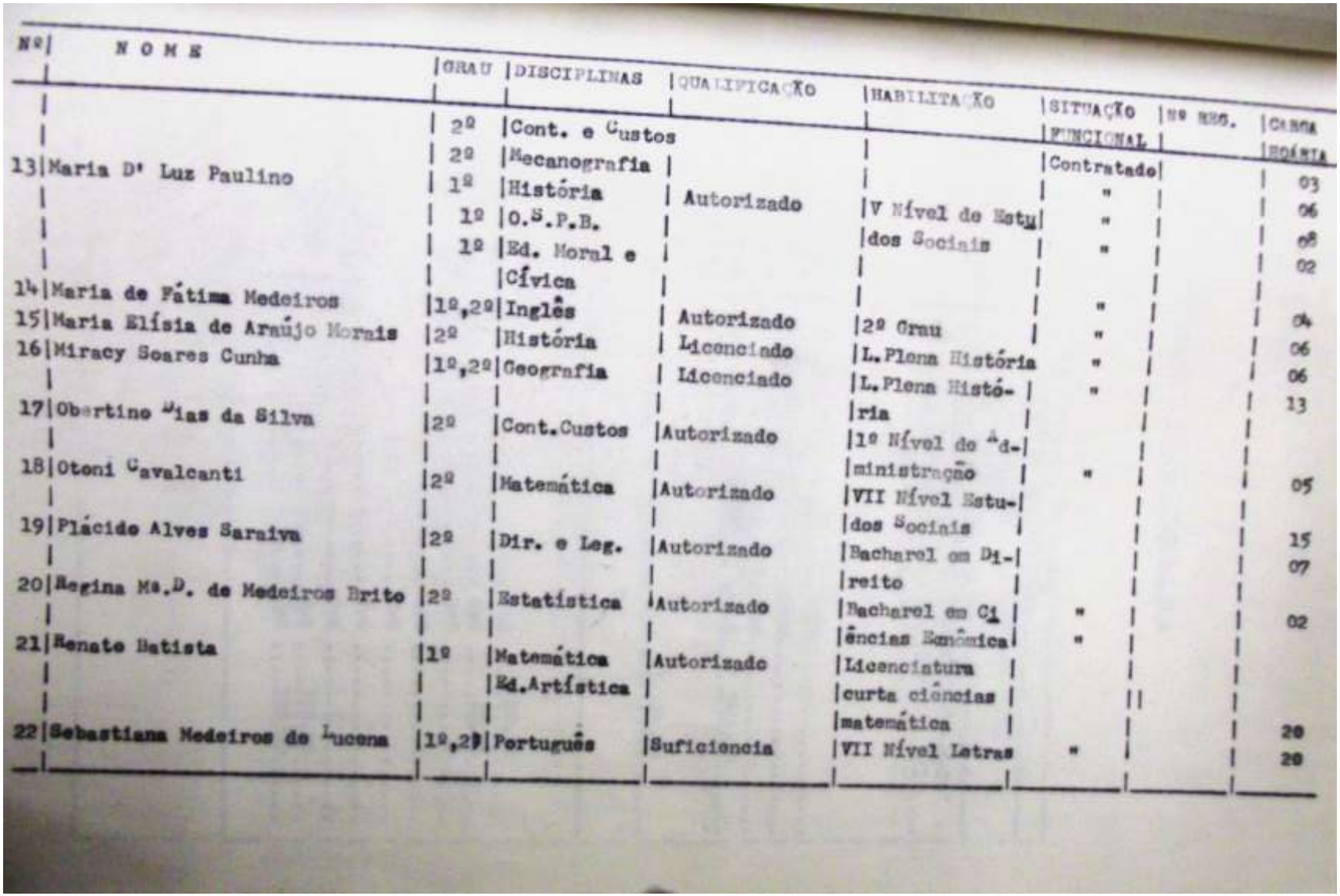


COLÉGIO DIOCESANO SEABRENSE

MAPA DEMONSTRATIVO DO CORPO DOCENTE 1977

Nº	NOME	GRAU	DISCIPLINAS	QUALIFICAÇÃO	HABILITAÇÃO	SITUAÇÃO FUNCIONAL	Nº REG.	CARGA HORÁRIA
01	Adauto Guerra Filho	1º	Francês	Autorizado	Bacharel em Economia	Contratado		06
02	Aldo Bezerra de Medeiros	1º,2º	Ed. Física	Autorizado	Aux. Escritório 2º Grau	"		10
03	Ausônio Tércio de Araújo	1º,2º	Religião	Licenciado	Licenciatura Plena	"		06
		2º	Edu.Artística					02
		2º	O.S.P.B.			"		02
		2º	Ed.Moral Cívica			"		06
04	Geraldo Romero	1º	Ciências	Autorizado	2º Grau	"		09
05	Hélio Medeiros Vale	2º	Física	Autorizado	VII Nível de Administração			06
06	Inês Fernandes de Almeida	2º	Portugues	Licenciado	Lic.Plena em Portugues	"		06
07	João Martins Filho	2º	Cont. Custos	Lic. Curta	Lic.curta Artes Práticas	"		05
		2º	Ec.Mercados			"		03
		2º	Anal.e Balanços			"		02
08	Juvenal Alexandre Neto	2º	Física	Autorizado	V Nível de Administração	"		03
09	Lenice Batista e Silva	1º	Português	Autorizado	VII Nível Estudos Sociais			10
10	Lindomar Vale de Lucena	2º	Biologia	Autorizado		"		10
11	Manoél Dias	2º	Química	Autorizado	VII Nível de Administração	"		09
12	Maria Alice Dantas	2º	O.P.C.	Lic. Curta	L.Curta Artes Práticas	"		06

REGISTRO AA – Lista de professores CDS 1977



Nº	NOME	GRAU	DISCIPLINAS	QUALIFICAÇÃO	HABILITAÇÃO	SITUAÇÃO FUNCIONAL	Nº REG.	CARGA HORÁRIA
		2º	Cont. e Custos			Contratado		03
		2º	Mecanografia			"		06
13	Maria Dª Luz Paulino	1º	História	Autorizado	V Nível de Estu	"		08
		1º	O.S.P.B.		dos Sociais	"		02
		1º	Ed. Moral e Cívica					
14	Maria de Fátima Medeiros	1º,2º	Inglês	Autorizado		"		04
15	Maria Elísia de Araújo Morais	2º	História	Licenciado	2º Grau	"		06
16	Miracy Soares Cunha	1º,2º	Geografia	Licenciado	L. Plena História	"		06
					L. Plena Histó-	"		13
17	Obertino Dias da Silva	2º	Cont. Custos	Autorizado	ria			
					1º Nível de Ad-			
18	Otoni Cavalcanti	2º	Matemática	Autorizado	ministração	"		05
					VII Nível Estu-			
19	Plácido Alves Saraiva	2º	Dir. e Leg.	Autorizado	dos Sociais			15
					Bacharel em Di-			07
20	Regina Ma.D. de Medeiros Brito	2º	Estatística	Autorizado	reito			
					Bacharel em Ci	"		02
21	Renato Batista	1º	Matemática	Autorizado	ências Econômica	"		
			Ed. Artística		Licenciatura			
					curta ciências			
22	Sebastiana Medeiros de Lucena	1º,2º	Português	Suficiencia	matemática			20
					VII Nível Letras	"		20

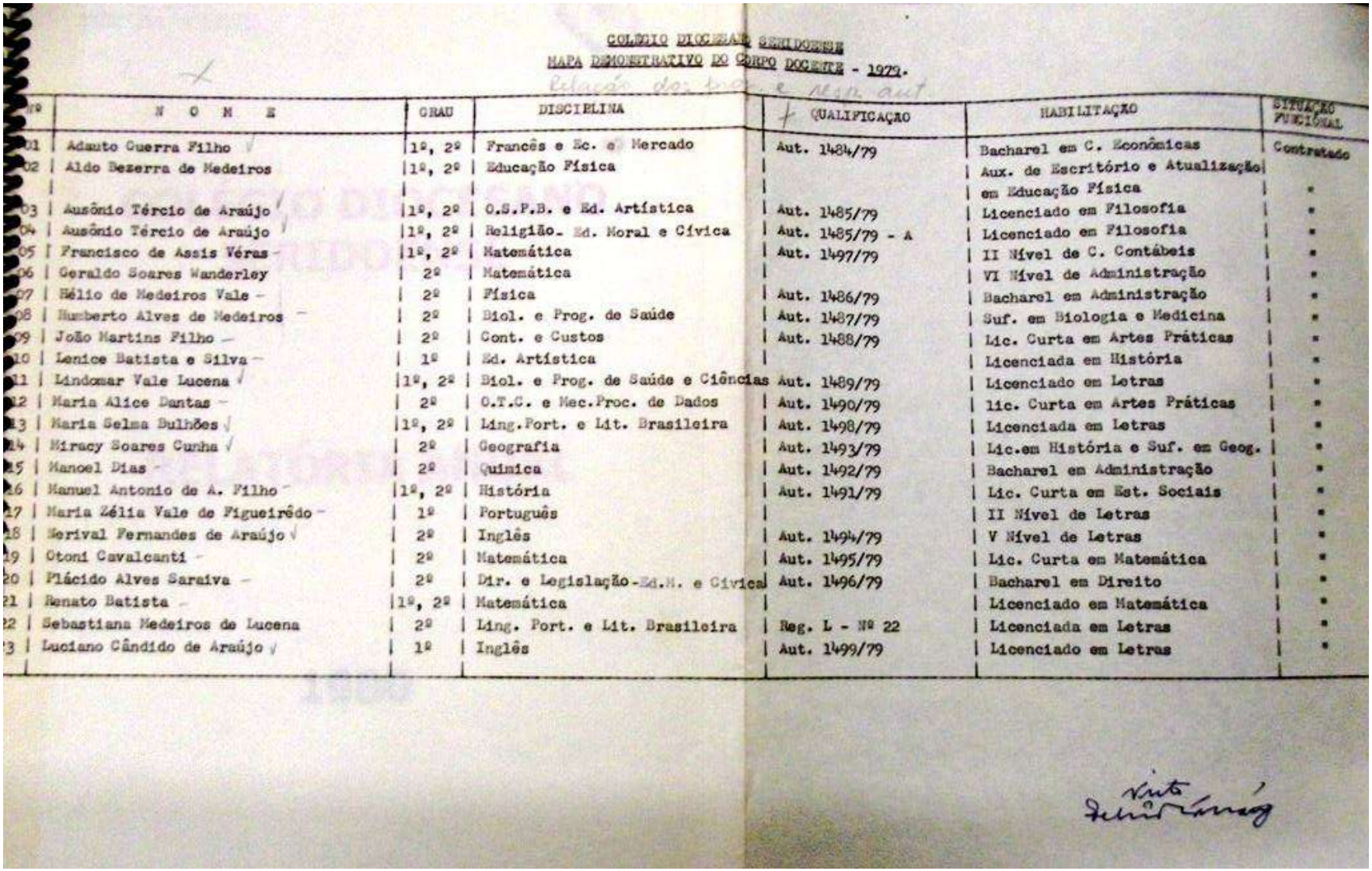
Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE

MAPA DEMONSTRATIVO DO CORPO DOCENTE - 1979.

Relação dos prof. e resp. aut.

N O M E	GRAU	DISCIPLINA	QUALIFICAÇÃO	HABILITAÇÃO	SITUAÇÃO FUNCIONAL
Adauto Guerra Filho	1º, 2º	Francês e Ec. e Mercado	Aut. 1484/79	Bacharel em C. Econômicas	Contratado
Aldo Bezerra de Medeiros	1º, 2º	Educação Física		Aux. de Escritório e Atualização em Educação Física	"
Ausônio Tércio de Araújo	1º, 2º	O.S.P.B. e Ed. Artística	Aut. 1485/79	Licenciado em Filosofia	"
Ausônio Tércio de Araújo	1º, 2º	Religião- Ed. Moral e Cívica	Aut. 1485/79 - A	Licenciado em Filosofia	"
Francisco de Assis Véras	1º, 2º	Matemática	Aut. 1497/79	II Nível de C. Contábeis	"
Geraldo Soares Wanderley	2º	Matemática		VI Nível de Administração	"
Hélio de Medeiros Vale	2º	Física	Aut. 1486/79	Bacharel em Administração	"
Humberto Alves de Medeiros	2º	Biol. e Prog. de Saúde	Aut. 1487/79	Suf. em Biologia e Medicina	"
João Martins Filho	2º	Cont. e Custos	Aut. 1488/79	Lic. Curta em Artes Práticas	"
Lenice Batista e Silva	1º	Ed. Artística		Licenciada em História	"
Lindomar Vale Lucena	1º, 2º	Biol. e Prog. de Saúde e Ciências	Aut. 1489/79	Licenciado em Letras	"
Maria Alice Dantas	2º	O.T.C. e Mec.Proc. de Dados	Aut. 1490/79	lic. Curta em Artes Práticas	"
Maria Selma Bulhões	1º, 2º	Ling.Port. e Lit. Brasileira	Aut. 1498/79	Licenciada em Letras	"
Miracy Soares Cunha	2º	Geografia	Aut. 1493/79	Lic.em História e Suf. em Geog.	"
Manoel Dias	2º	Química	Aut. 1492/79	Bacharel em Administração	"
Manuel Antonio de A. Filho	1º, 2º	História	Aut. 1491/79	Lic. Curta em Est. Sociais	"
Maria Zélia Vale de Figueirêdo	1º	Português		II Nível de Letras	"
Nerival Fernandes de Araújo	2º	Inglês	Aut. 1494/79	V Nível de Letras	"
Otoni Cavalcanti	2º	Matemática	Aut. 1495/79	Lic. Curta em Matemática	"
Plácido Alves Saraiva	2º	Dir. e Legislação-Ed.M. e Cívica	Aut. 1496/79	Bacharel em Direito	"
Renato Batista	1º, 2º	Matemática		Licenciado em Matemática	"
Sebastiana Medeiros de Lucena	2º	Ling. Port. e Lit. Brasileira	Reg. L - Nº 22	Licenciada em Letras	"
Luciano Cândido de Araújo	1º	Inglês	Aut. 1499/79	Licenciado em Letras	"

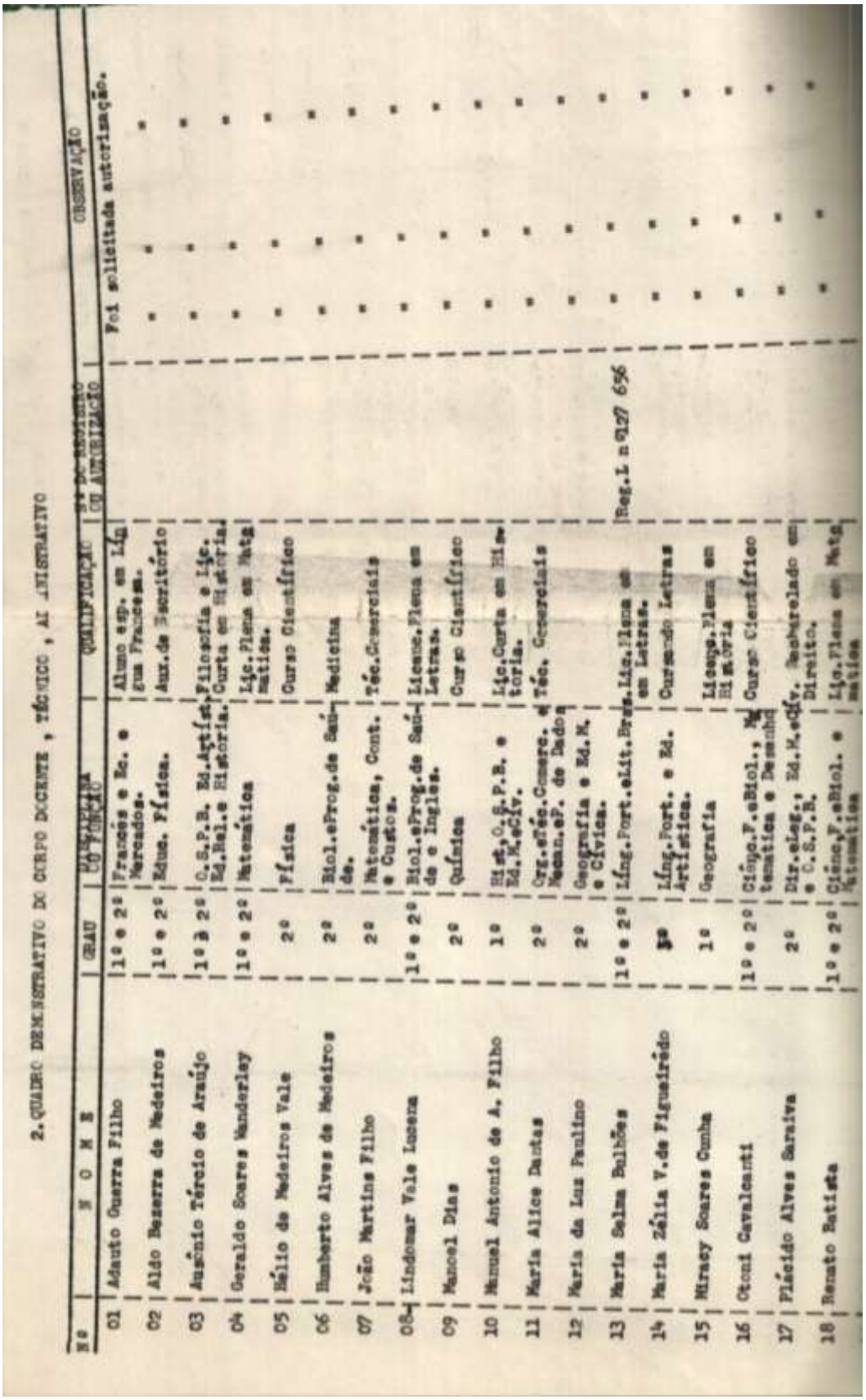


COLÉGIO DIOCESANO SERIDOENSE
MAPA DEMONSTRATIVO DO CORPO DOCENTE - 1979.

Nº	N O M E	GRAU	DISCIPLINA	QUALIFICAÇÃO	HABILITAÇÃO	SITUAÇÃO FUNCIONAL
01	Adauto Guerra Filho	1º, 2º	Francês e Ec. e Mercado	Aut. 1484/79	Bacharel em C. Econômicas	Contratado
02	Aldo Bezerra de Medeiros	1º, 2º	Educação Física		Aux. de Escritório e Atualização em Educação Física	"
03	Ausônio Tércio de Araújo	1º, 2º	O.S.P.B. e Ed. Artística	Aut. 1485/79	Licenciado em Filosofia	"
04	Ausônio Tércio de Araújo	1º, 2º	Religião- Ed. Moral e Cívica	Aut. 1485/79 - A	Licenciado em Filosofia	"
05	Francisco de Assis Véras	1º, 2º	Matemática	Aut. 1497/79	II Nível de C. Contábeis	"
06	Geraldo Soares Wanderley	2º	Matemática		VI Nível de Administração	"
07	Hélio de Medeiros Vale	2º	Física	Aut. 1486/79	Bacharel em Administração	"
08	Humberto Alves de Medeiros	2º	Biol. e Prog. de Saúde	Aut. 1487/79	Suf. em Biologia e Medicina	"
09	João Martins Filho	2º	Cont. e Custos	Aut. 1488/79	Lic. Curta em Artes Práticas	"
10	Lenice Batista e Silva	1º	Ed. Artística		Licenciada em História	"
11	Lindomar Vale Lucena	1º, 2º	Biol. e Prog. de Saúde e Ciências	Aut. 1489/79	Licenciado em Letras	"
12	Maria Alice Dantas	2º	O.T.C. e Mec.Proc. de Dados	Aut. 1490/79	lic. Curta em Artes Práticas	"
13	Maria Selma Bulhões	1º, 2º	Ling.Port. e Lit. Brasileira	Aut. 1498/79	Licenciada em Letras	"
14	Miracy Soares Cunha	2º	Geografia	Aut. 1493/79	Lic.em História e Suf. em Geog.	"
15	Manoel Dias	2º	Química	Aut. 1492/79	Bacharel em Administração	"
16	Manuel Antonio de A. Filho	1º, 2º	História	Aut. 1491/79	Lic. Curta em Est. Sociais	"
17	Maria Zélia Vale de Figueirêdo	1º	Português		II Nível de Letras	"
18	Merival Fernandes de Araújo	2º	Inglês	Aut. 1494/79	V Nível de Letras	"
19	Otoni Cavalcanti	2º	Matemática	Aut. 1495/79	Lic. Curta em Matemática	"
20	Plácido Alves Saraiva	2º	Dir. e Legislação-Ed.M. e Cívica	Aut. 1496/79	Bacharel em Direito	"
21	Renato Batista	1º, 2º	Matemática		Licenciado em Matemática	"
22	Sebastiana Medeiros de Lucena	2º	Ling. Port. e Lit. Brasileira	Reg. L - Nº 22	Licenciada em Letras	"
23	Luciano Cândido de Araújo	1º	Inglês	Aut. 1499/79	Licenciado em Letras	"

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO AC – Lista de professores CDS (década de 1980 – sem ano definido)



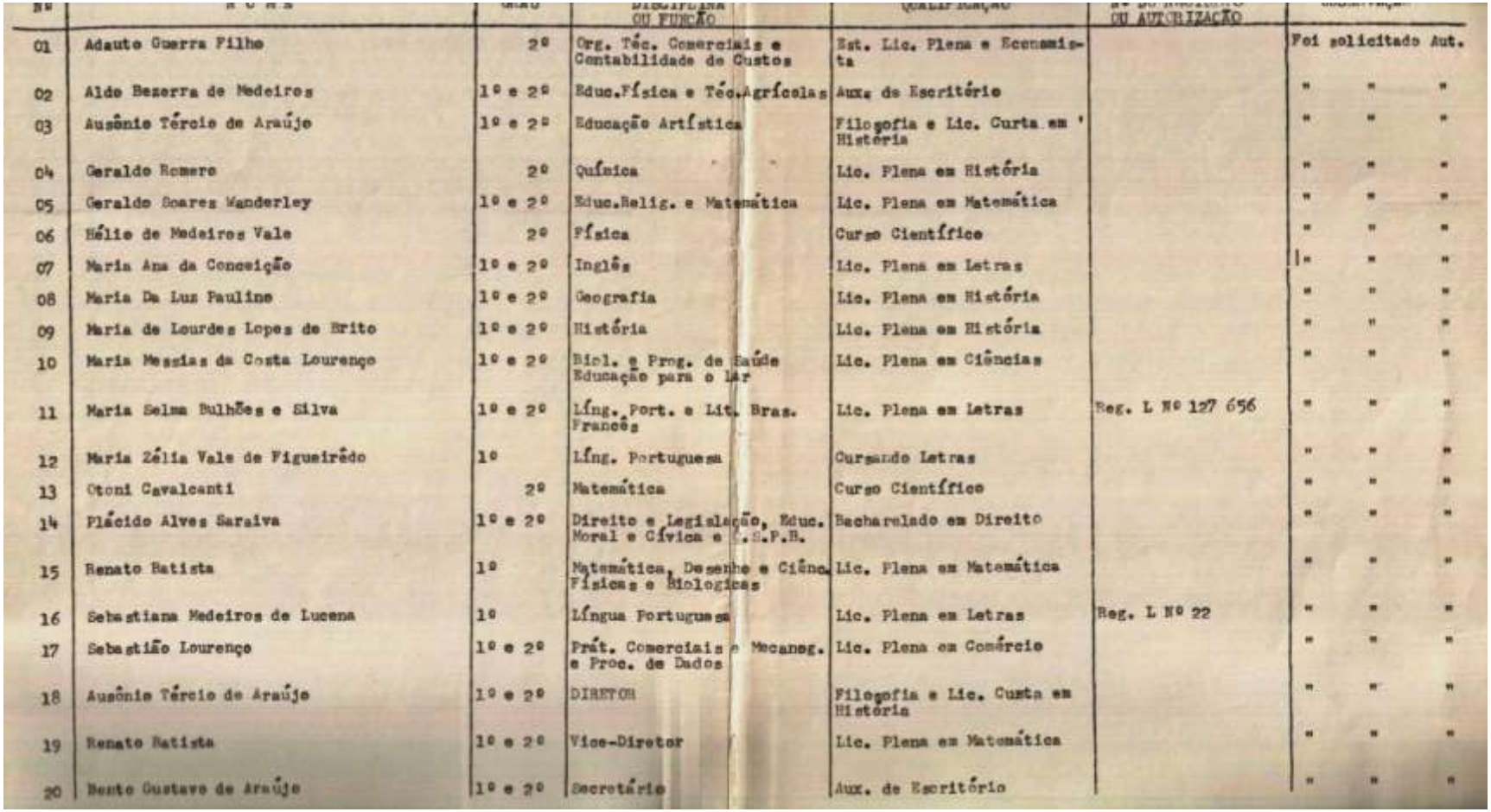
2. QUADRO DEMONSTRATIVO DO CORPO DOCENTE, TÉCNICO, ADMINISTRATIVO

Nº	NOME	GRAU	DISCIPLINA OU FUNÇÃO	QUALIFICAÇÃO	Nº DO REGISTRO OU AUTORIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
01	Adauto Guerra Filho	1º e 2º	Francês e Ec. e Mercados.	Aluno esp. em Língua Francesa.		Foi solicitada autorização.
02	Aldo Bezerra de Medeiros	1º e 2º	Educ. Física.	Aux. de Escritório		" " "
03	Ausônio Tércio de Araújo	1º e 2º	O.S.P.B. Ed.Artíst. Ed.Rel.e História.	Filosofia e Lic. Curta em História.		" " "
04	Geraldo Soares Wanderley	1º e 2º	Matemática	Lic. Plena em Matemática.		" " "
05	Hélio de Medeiros Vale	2º	Física	Curso Científico		" " "
06	Humberto Alves de Medeiros	2º	Biol.eProg.de Saúde.	Medicina		" " "
07	João Martins Filho	2º	Matemática, Cont. e Custos.	Téc.Comerciais		" " "
08	Lindomar Vale Lucena	1º e 2º	Biol.eProg.de Saúde e Inglês.	Licenc.Plena em Letras.		" " "
09	Manoel Dias	2º	Química	Curso Científico		" " "
10	Manuel Antonio de A. Filho	1º	Hist.O.S.P.B. e Ed.M.eCiv.	Lic.Curta em História.		" " "
11	Maria Alice Dantas	2º	Org.eTéc.Comerc. e Mecan.eP. de Dados	Téc. Comerciais		" " "
12	Maria da Luz Paulino	2º	Geografia e Ed.M. e Cívica.			" " "
13	Maria Selma Bulhões	1º e 2º	Líng.Port.eLit.Bras.	Lic.Plena em em Letras.	Reg.L nº127 656	" " "
14	Maria Zélia V.de Figueirêdo	5º	Líng.Port. e Ed. Artística.	Cursando Letras		" " "
15	Miracy Soares Cunha	1º	Geografia	Licenc.Plena em História		" " "
16	Otoni Cavalcanti	1º e 2º	Ciênc.F.eBiol., Matemática e Desenho	Curso Científico		" " "
17	Plácido Alves Saraiva	2º	Dir.eLeg., Ed.M.eCiv. e O.S.P.B.	Bacharelado em Direito.		" " "
18	Renato Batista	1º e 2º	Ciênc.F.eBiol. e Matemática	Lic.Plena em Matemática		" " "

2. QUADRO DEMONSTRATIVA DO CORPO DOCENTE, TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

Nº	NOME	GRAU	DISCIPLINA OU FUNÇÃO	QUALIFICAÇÃO	Nº DO REGISTRO OU AUTORIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
.	Adauto Guerra Filho	2º	Org. Téc. Comerciais e Contabilidade de Custos	Est. Lic. Plena e Economista	Reg.616	
1	Aldo Bezerra de Medeiros	1º 2º	Educ. Física e Téc. Agrícolas	Auxiliar de Escritório	Aut.2101	Foi Solicitado Aut.
2	Ausônio Tércio de Araújo	1º 2º	Educação Artística, RELIGIOSA MORAL E CÍVICA	Filosofia e Lic. Curta em História	Aut.2102	Foi Solicitado Aut.
3	Geraldo Romero	2º	Química	Lic. Plena em História	2085	Foi Solicitado Aut.
4	Geraldo Soares Wanderley	1º 2º	Educ. Relig. e Matemática	Lic. Plena em Matemática	Aut.2103	
5	Hélio de Medeiros Vale	2º	Física	Curso Científico	Aut.2104	Foi Solicitado Aut.
6	Maria Ana da Conceição	1º 2º	Inglês	Lic. Plena em Letras	Aut.2602	
7	Maria da Luz Paulino	1º 2º	Geografia, HISTÓRIA, OSPB	Lic. Plena em História	Aut.2111	Foi Solicitado Aut.
8	Maria de Lourdes Lopes de Brito	1º 2º	História	Lic. Plena em História	Aut.2603	
9	Maria Messias da Costa Lourenço	1º 2º	Biol. e Prog. de Saúde Educ. Para o Lar	Lic. Plena em Ciências	Aut.2087	Foi Solicitado Aut.
.	Maria Selma Bulhões e Silva	1º 2º	Ling. Port. e Lit. Bras., Francês	Lic. Plena em Letras	Reg.127656	
1	Maria Zélia Vale de Figueirêdo	1º	Língua Portuguesa	Bacharelada em Letras	Aut.2112	Foi Solicitado Aut.
2	Otoni Cavalcanti	1º 2º	Matemática	Curso Científico	Aut.2114	Foi Solicitado Aut.
3	Plácido Alves Saraiva MATEMÁTICA	1º 2º	Direito e Legislação, Educ. Moral e Cívica e O.S.P.B.	Bacharelado em Direito	Aut.2115	Foi Solicitado Aut.
4	Renato Batista	1º	Matemática, Desenho e Ciências Físicas e Biológicas	Lic. Plena em Matemática	Aut.2085	Foi Solicitado Aut.
5	Sebastiana Medeiros de Lucena	1º	Língua Portuguesa	Lic. Plena em Letras	Reg.L 22	
6	Sebastião Lourenço	1º 2º	Prát. Comerciais e Mecanog. e Proc. de Dados	Lic. Plena em Comércio	Aut.2086	Foi Solicitado Aut.
7	Ausônio Tércio de Araújo	1º 2º	Diretor	Filosofia e Lic. Curta em História	Aut. 964	Foi Solicitado Aut.
[illegible]	Renato Batista	1º 2º	Vice-Diretor	Lic. Plena em Matemática	Aut.2085	Foi Solicitado Aut.
9	Bento Gustavo de Araújo	1º 2º	Secretário	Auxiliar de Escritório	Aut. 468	Foi Solicitado Aut.

Nº	NOME	GRAU	DISCIPLINA OU FUNÇÃO	QUALIFICAÇÃO	Nº DO REGISTRO OU AUTORIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
01	Adauto Guerra Filho	2º	Org.Téc.Comerc. e Cont.de Custos	Est.Lic.Plena e Economista		Foi solicitado autorização.
02	Aldo Bezerra de Medeiros	1º e 2º	Educ.Física e Téc.Agríc.	Aux. de Escritório		" " "
03	Ausônio Tércio de Araújo	1º e 2º	Ed. Artística	Filosofia e Lic.Curta em História.		" " "
04	Geraldo Soares Wanderley	1º e 2º	Ed. Relig. Matemática	Lic. Plena em Matemát.		" " "
05	Hélio de Medeiros Vale	2º	Física	Curso Científico		" " "
06	Manoel Dias	2º	Química	Curso Científico		" " "
07	Maria Alice Dantas	1º 3 2º	Prat.Comerciais, Mecan. e Proc. de Dados	Téc. Comerciais		" " "
08	Maria Ana da Conceição	1º e 2º	Inglês	Lic.Plena em Letras		" " "
09	Maria da Luz Paulino	1º e 2º	Geografia	Lic.Plena em História		" " "
10	Maria de Lourdes Lopes de Brito	1º e 2º	História	Lic.Plena em História		" " "
11	Maria Messias da Costa	2º	Biol.e Prog.de Saúde	Lic.Plena em Ciências		" " "
12	Maria Selma Bulhões	2º	Líng.Port.e Lit.Bras.	Lic.Plena em Letras	Reg.L nº127 656	" " "
13	Maria Zélia V. de Figueirêdo	1º	Líng. Portuguesa	Cursando Letras		" " "
14	Otoni Cavalcanti	2º	Matemática	Curso Científico		" " "
15	Plácido Alves Saraiva	1º e 2º	Dir.e Leg.,Ed.M. e Cív. e O.S.P.B.	Bacharelado em Direito		" " "
16	Renato Batista	1º	Matemát.Desenho e Ciênc. Fís. e Biol.	Lic. Plena em Matemát.		" " "
17	Sebastiana Medeiros de Lucena	1º	Líng. Portuguesa	Lic. Plena em Letras	Reg.L nº 22	
18	Ausônio Tércio de Araújo	1º e 2º	DIRETOR	Filosofia e Lic.Curta em História		" " "
19	Renato Batista	1º e 2º	Vice-Diretor	Lic.Plena em Matemát.		" " "
20	Bento Gustavo de Araújo	1º e 2º	Secretário	Aux. de Escritório		" " "



Nº	NOME	GRAU	DISCIPLINA OU FUNÇÃO	QUALIFICAÇÃO	Nº DE REGISTRO OU AUTORIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
01	Adauto Guerra Filho	2º	Org. Téc. Comerciais e Contabilidade de Custos	Est. Lic. Plena e Economista		Foi solicitado Aut.
02	Aldo Bezerra de Medeiros	1º e 2º	Educ.Física e Téc.Agrícolas	Aux. de Escritório		" " "
03	Ausônio Tércio de Araújo	1º e 2º	Educação Artística	Filosofia e Lic. Curta em História		" " "
04	Geraldo Romero	2º	Química	Lic. Plena em História		" " "
05	Geraldo Soares Wanderley	1º e 2º	Educ.Relig. e Matemática	Lic. Plena em Matemática		" " "
06	Hélio de Medeiros Vale	2º	Física	Curso Científico		" " "
07	Maria Ana da Conceição	1º e 2º	Inglês	Lic. Plena em Letras		" " "
08	Maria Da Luz Pauline	1º e 2º	Geografia	Lic. Plena em História		" " "
09	Maria de Lourdes Lopes de Brito	1º e 2º	História	Lic. Plena em História		" " "
10	Maria Messias da Costa Lourenço	1º e 2º	Biol. e Prog. de Saúde Educação para o Lar	Lic. Plena em Ciências		" " "
11	Maria Selma Bulhões e Silva	1º e 2º	Líng. Port. e Lit. Bras. Francês	Lic. Plena em Letras	Reg. L Nº 127 656	" " "
12	Maria Zélia Vale de Figueirêdo	1º	Líng. Portuguesa	Cursando Letras		" " "
13	Otoni Cavalcanti	2º	Matemática	Curso Científico		" " "
14	Plácido Alves Saraiva	1º e 2º	Direito e Legislação, Educ. Moral e Cívica e O.S.P.B.	Bacharelado em Direito		" " "
15	Renato Batista	1º	Matemática, Desenho e Ciênc. Físicas e Biológicas	Lic. Plena em Matemática		" " "
16	Sebastiana Medeiros de Lucena	1º	Língua Portuguesa	Lic. Plena em Letras	Reg. L Nº 22	" " "
17	Sebastião Lourenço	1º e 2º	Prát. Comerciais e Mecanog. e Proc. de Dados	Lic. Plena em Comércio		" " "
18	Ausônio Tércio de Araújo	1º e 2º	DIRETOR	Filosofia e Lic. Curta em História		" " "
19	Renato Batista	1º e 2º	Vice-Diretor	Lic. Plena em Matemática		" " "
20	Bento Gustavo de Araújo	1º e 2º	Secretário	Aux. de Escritório		" " "

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO AD – Lista de professores CDS 1984



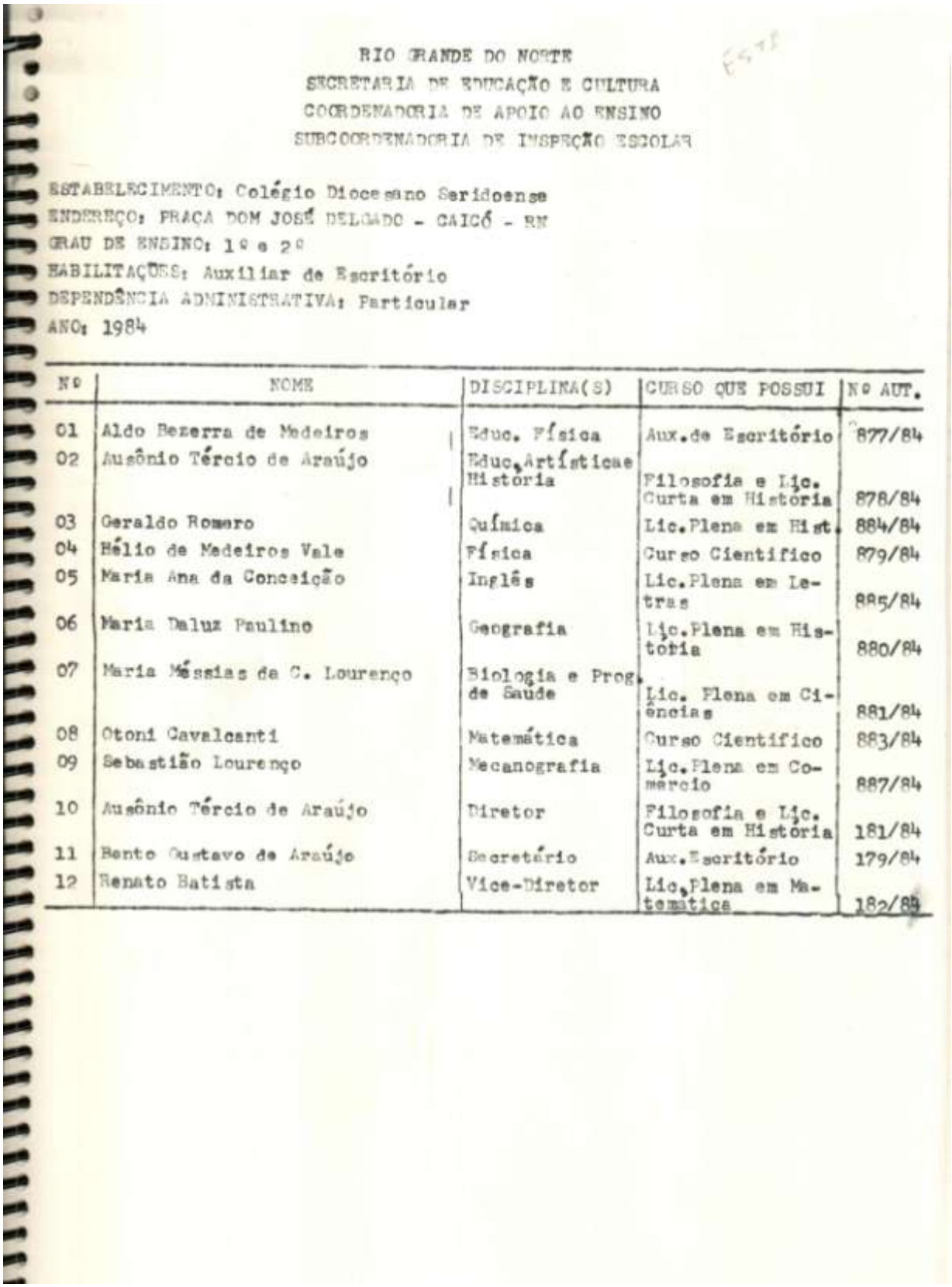
2. QUADRO DEMONSTRATIVO DO CORPO DOCENTE, TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

1984

Nº	NOME	GRAU	DISCIP. ou FUNÇÃO	QUALIFICAÇÃO	Nº DO REG. OU AUTORIZ.	OBSERVAÇÃO
01	Adauto Guerra Filho	2º	Org.Téc.Comerc.e Contabilidade e Custos	Est.Lic.Plena e Secretá-ria	Reg. 616	-
02	Alda Bezerra de Medeiros	1º,2º	Educ.Física e Téc.Agrícolas	Auxiliar de Secretário	Aut. 2101	Fol Solicit. Autoris.
03	Ausônio Tércio de Araújo	1º,2º	Educação Artística	Filosofia e Lic.Curta em História	Aut. 2102	Fol Solicit. Autoris.
04	Francisco de Assis Monteiro	1º,2º	Ed.M.Cív.,O.S.P.B. e Direito e Legislação			Fol Solicit.Autoris.
05	Geraldo Romero	2º	Química	Lic.Plena em História	Aut. 2085	Fol Solicit.Autoris.
06	Geraldo Soares Wanderley	1º,2º	Educ.Relig. e Matemática	Lic.Plena em Matemática	Aut. 2103	Fol Solicit.Autoris.
07	Hélia de Medeiros Vale	2º	Física	Curso Científico	Aut. 2104	Fol Solicitad.Auter.
08	Maria Ana da Conceição	1º,2º	Inglês	Lic.Plena em Letras	Aut. 2609	Fol Solicit.Autoris.
09	Maria Dalva Paulino	1º,2º	Geografia	Lic.Plena em História	Aut. 2111	Fol Solicit.Autoris.
10	Maria de Lourdes Lopes de Brito	2º,1º	História	Lic.Plena em História	Aut. 2603	Fol Solicit.Autoris.
11	Maria Nazaias da Costa Lourenço	1º,2º	Biol.e Prog.de Saúde e Educ.P/ o Lar	Lic.Plena em Ciências	Aut. 2087	Fol Solicit.Autoris.
12	Maria Selma Bulhões e Silva	1º,2º	Ling.Port.e Lit.Brasileira	Lic.Plena em Letras	Reg.107696	-
13	Maria Zélia Vale de Figueiredo	1º	Língua Portuguesa	Lic.Plena em Letras	Aut. 2112	Fol Solicit.Autoris.
14	Oseni Cavalcanti	1º,2º	Matemática	Curso Científico	Aut. 2114	Fol Solicit.Autoris.
15	Renato Batista	1º	Matemát.Desenho e Ciênc.F.Biol.	Lic.Plena em Matemática	Aut. 2085	Fol Solicit.Autoris.
16	Sebastiana Medeiros de Lucena	1º	Lic.Plena em Letras		L.22	-
17	Sebastião Lourenço	1º,2º	Prát.Comerc. e Mecanog.e Proc.de dados	Lic.Plena em Comerc.	Aut. 2086	Fol Solicit.Autoris.
18	Augênio Tércio de Araújo	1º,2º	Diretor	Filosofia e Lic.Curta em História	Aut. 264	Fol Solicit.Autoris.
19	Renato Batista	1º,2º	Vice-Diretor	Lic.Plena em Matemática	Aut. 2085	Fol Solicit.Autoris.
20	Renato Gustavo de Araújo	1º,2º	Secretário	Auxiliar de Secretário	Aut. 468	Fol Solicit.Autoris.

QUADRO DEMONSTRATIVO DO CORPO DOCENTE, TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

NOME	GRAU	DISCIPLINA OU FUNÇÃO	QUALIFICAÇÃO	DO REGISTRO OU Nº AUTORIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
Adauto Guerra Filho	2º	Org.Téc.Comerc. e Cont. e Custos	Est. Lic. Plena e Economista	Reg. nº 616	-
Aldo Bezerra de Medeiros	2º	Educação Física	Auxiliar de Escritório	Aut. nº 877/84	Foi solicitado Autorização
Ausônio Tércio de Araújo	2º	Ed.Artíst.Ed.Relig. e Ed.M.e Cívica	Filosofia e Lic.Curta em História	Aut. nº 878/84	Foi solicitado Autorização
Hélio de Medeiros Vale	2º	Física	Curso Científico	Aut. nº 879/84	Foi solicitado Autorização
Maria Ana da Conceição	2º	Inglês	Lic.Plena em Letras	Aut. nº 885/84	Foi solicitado Autorização
Maria Daluz Paulino	2º	Geografia História e O.S.P.B.	Lic.Plena em História	Aut. nº 880/84	Foi solicitado Autorização
Maria Messias da C. Lourenço	2º	Biologia e Prog. de Saúde	Lic. Plena em Ciências	Aut. nº 881/84	Foi solicitado Autorização
Maria Selma Bulhões e Silva	2º	Ling.Port. e Lit. Brasileira	Lic. Plena em Letras	Reg. nº 127656	-
Otoni Cavalcanti	2º	Matemática	Curso Científico	Aut. nº 883/84	Foi solicitado Autorização
Sebastião Porfírio de Melo	2º	Química	Lic. Plena em Matemática	-	-
Ausônio Tércio de Araújo	2º	Diretor	Filosofia e Lic.Curta em História	Aut. nº 1811/84	Foi solicitado Autorização
Bento Gustavo de Araújo	2º	Secretário	Auxiliar de Escritório	Aut. nº 179/84	Foi solicitado Autorização



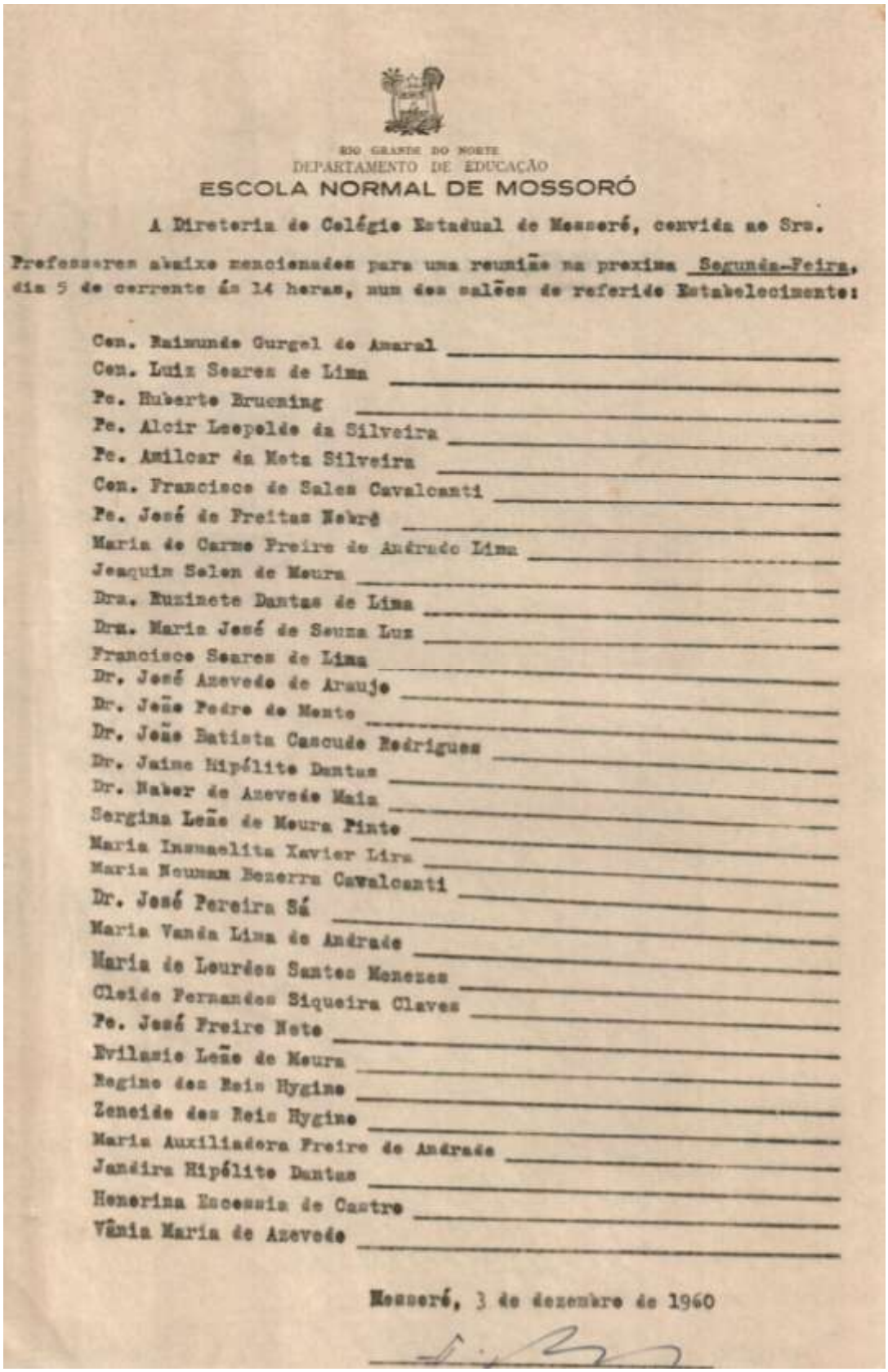
RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
COORDENADORIA DE APOIO AO ENSINO
SUBCOORDENADORIA DE INSPEÇÃO ESCOLAR

ESTABELECIMENTO: Colégio Diocesano Seridoense
ENDEREÇO: PRAÇA DOM JOSÉ DELGADO - CAICÓ - RN
GRAU DE ENSINO: 1º e 2º
HABILITAÇÕES: Auxiliar de Escritório
DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA: Particular
ANO: 1984

Nº	NOME	DISCIPLINA(S)	CURSO QUE POSSUI	Nº AUT.
01	Aldo Bezerra de Medeiros	Educ. Física	Aux.de Escritório	877/84
02	Ausônio Tércio de Araújo	Educ.Artísticae História	Filosofia e Lic. Curta em História	878/84
03	Geraldo Romero	Química	Lic.Plena em Hist.	884/84
04	Hélio de Medeiros Vale	Física	Curso Científico	879/84
05	Maria Ana da Conceição	Inglês	Lic.Plena em Letras	885/84
06	Maria Daluz Paulino	Geografia	Lic.Plena em História	880/84
07	Maria Messias de C. Lourenço	Biologia e Prog. de Saúde	Lic. Plena em Ciências	881/84
08	Otoni Cavalcanti	Matemática	Curso Científico	883/84
09	Sebastião Lourenço	Mecanografia	Lic.Plena em Comercio	887/84
10	Ausônio Tércio de Araújo	Diretor	Filosofia e Lic. Curta em História	181/84
11	Bento Gustavo de Araújo	Secretário	Aux.Escritório	179/84
12	Renato Batista	Vice-Diretor	Lic.Plena em Matemática	182/84

Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Seridoense

REGISTRO AE – Lista de professores do Colégio Estadual de Mossoró no ano de 1960



RIO GRANDE DO NORTE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ESCOLA NORMAL DE MOSSORÓ

A Diretoria do Colégio Estadual de Mossoró, convida ao Sr.

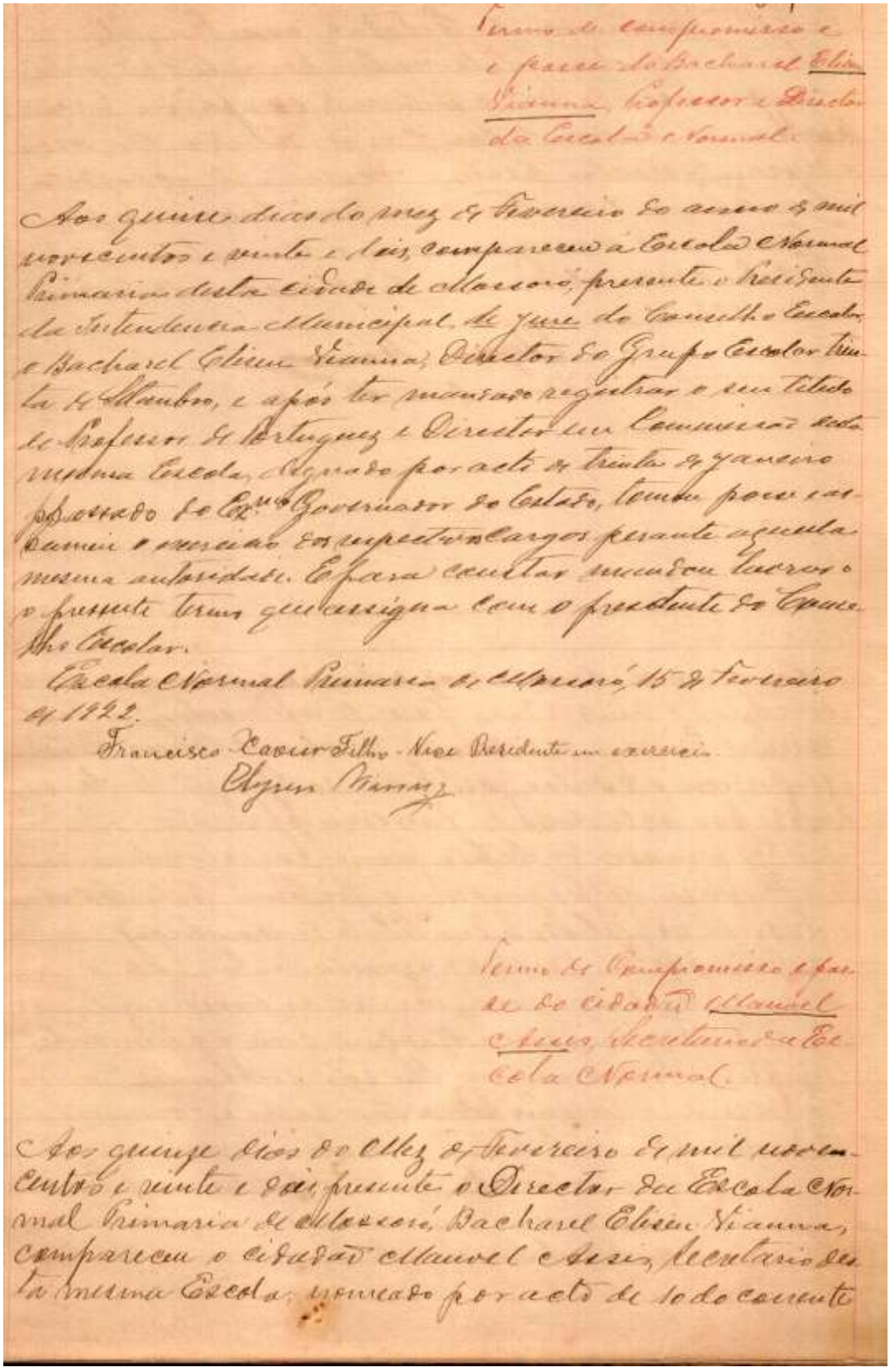
Professores abaixo mencionados para uma reunião na proxima Segunda-Feira, dia 5 do corrente ás 14 horas, num dos salões do referido Estabelecimento:

Cen. Raimundo Gurgel do Amaral
Cen. Luiz Soares de Lima
Pe. Huberto Bruening
Pe. Alcir Leopoldo da Silveira
Pe. Amilcar da Mota Silveira
Cen. Francisco de Sales Cavalcanti
Pe. José de Freitas Nobre
Maria do Carmo Freire de Andrade Lima
Joaquim Selen de Moura
Dra. Eunicete Dantas de Lima
Dra. Maria José de Souza Luz
Francisco Soares de Lima
Dr. José Azevedo de Araujo
Dr. Jeñe Pedro de Mente
Dr. Jeñe Batista Cascudo Rodrigues
Dr. Jaime Hipólito Dantas
Dr. Naber de Azevedo Maia
Sergina Leñe de Moura Pinto
Maria Inocencia Xavier Lira
Maria Neuzam Bezerra Cavalcanti
Dr. José Pereira Sá
Maria Vanda Lima de Andrade
Maria de Lourdes Santos Menezes
Cleide Fernandes Siqueira Claves
Pe. José Freire Neto
Evilasio Leñe de Moura
Regino dos Reis Hygino
Zeneide dos Reis Hygino
Maria Auxiliadora Freire de Andrade
Jandira Hipólito Dantas
Henerina Excessia de Castro
Vânia Maria de Azevedo

Mossoró, 3 de dezembro de 1960

Fonte: Arquivo da Ecola Estadual Jerônmo Rosado

REGISTRO AF – Termo de posse do Bacharel Elizeu Vianna como professor e diretor da Escola Normal Primária de Mossoró, 1922.



Termo de compromisso e
e posse do Bacharel Elizeu
Vianna, Professor e Director
da Escola Normal.

Aos quinze dias do mez de Fevereiro do anno de mil
novecentos e vinte e dois, compareceu á Escola Normal
Primaria desta cidade de Mossoró, presente o Presidente
da Intendencia Municipal de jure do Conselho Escolar,
o Bacharel Elizeu Vianna, Director do Grupo Escolar Trin-
ta de Setembro, e após ter mandado registrar o seu titulo
de Professor de Portuguez e Director em Commissão desta
mesma Escola, designado por acto de trinta de janeiro
passado do Exmo Governador do Estado, tomou posse e as-
sumiu o exercicio dos respectivos cargos perante aquella
mesma autoridade. E para constar mandou lavrar o
o presente termo que assigna com o presidente do Conse-
lho Escolar.

Escola Normal Primaria de Mossoró, 15 de Fevereiro
de 1922.

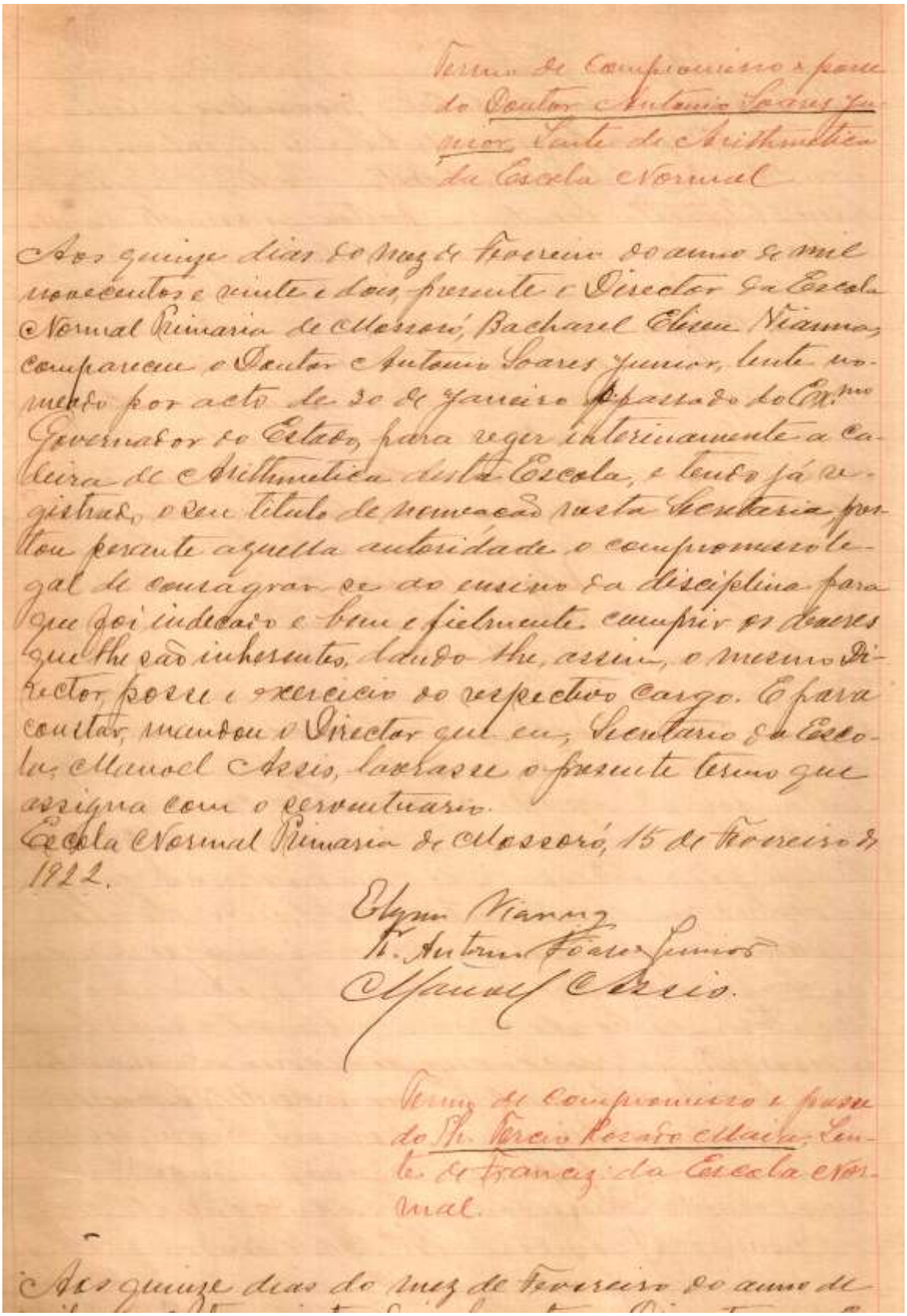
Francisco Xavier Filho - Vice Presidente em exercicio.
Elyseu Vianna

Termo de Compromisso e pos-
se do cidadão Manoel
Assis, Secretario da Es-
cola Normal.

Aos quinze dias do Mez de Fevereiro de mil nove-
centos e vinte e dois presente o Director da Escola Nor-
mal Primaria de Mossoró, Bacharel Elizeu Vianna,
compareceu o cidadão Manoel Assis, Secretario des-
ta mesma Escola, nomeado por acto de 10 do corrente

Fonte: Arquivo da Ecola Estadual Jerônmo Rosado

REGISTRO AG – Termo de posse do Doutor Antônio Soares Júnior como professor de Arithmética da Escola Normal Primária de Mossoró, 1922.



Termo de compromisso e posse do Doutor Antonio Soares Junior Lente de Arithmetica da Escola Normal

Aos quinze dias do mez de fevereiro do anno de mil novecentos e vinte e dois, presente o Director da Escola Normal Primaria de Mossoró, Bacharel Ebem Vianna, compareceu o Doutor Antonio Soares Junior, lente nomeado por acto de 30 de Janeiro ultimo do Ex.mo Governador do Estado, para reger interinamente a cadeira de Arithmetica desta Escola, e tendo já registrado o seu titulo de nomeação nesta Secretaria prestou perante aquella autoridade o compromisso legal de consagrar-se ao ensino da disciplina para que foi indicado e bem e fielmente cumprir os deveres que lhe são inherentes, tendo lhe, assim, o mesmo Director posse e exercicio do respectivo cargo. E para constar, mandou o Director que eu, Secretario da Escola, Manoel Abreu, lavrasse o presente termo que assigna com o serventuario.
Escola Normal Primaria de Mossoró, 15 de Fevereiro de 1922.

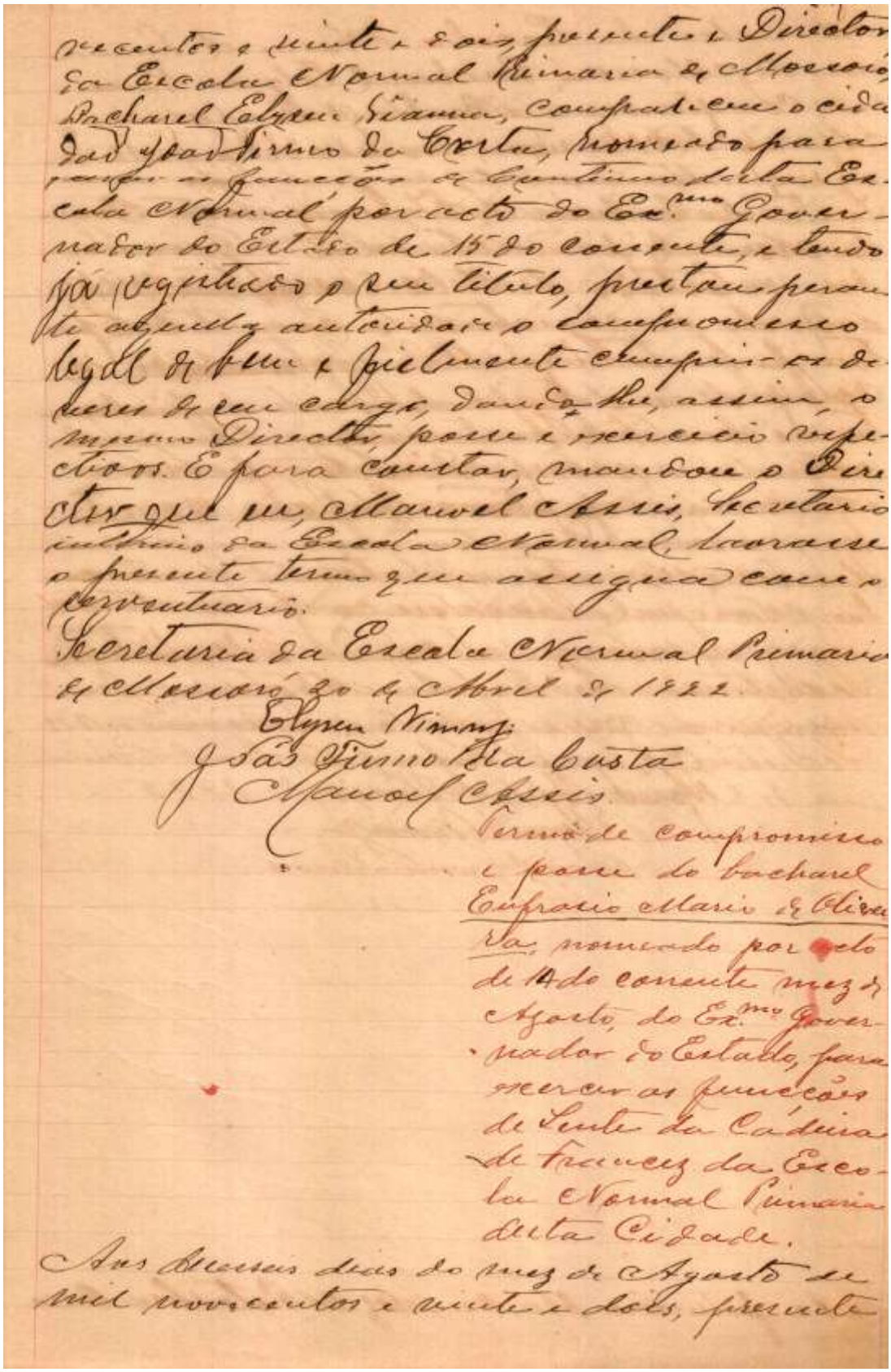
Ebem Vianna
A. Antonio Soares Junior
Manoel Abreu.

Termo de compromisso e posse do Sr. Vercio Rosado Maia, Lente de Francez da Escola Normal.

Aos quinze dias do mez de fevereiro do anno de

Fonte: Arquivo da Ecola Estadual Jerônmo Rosado

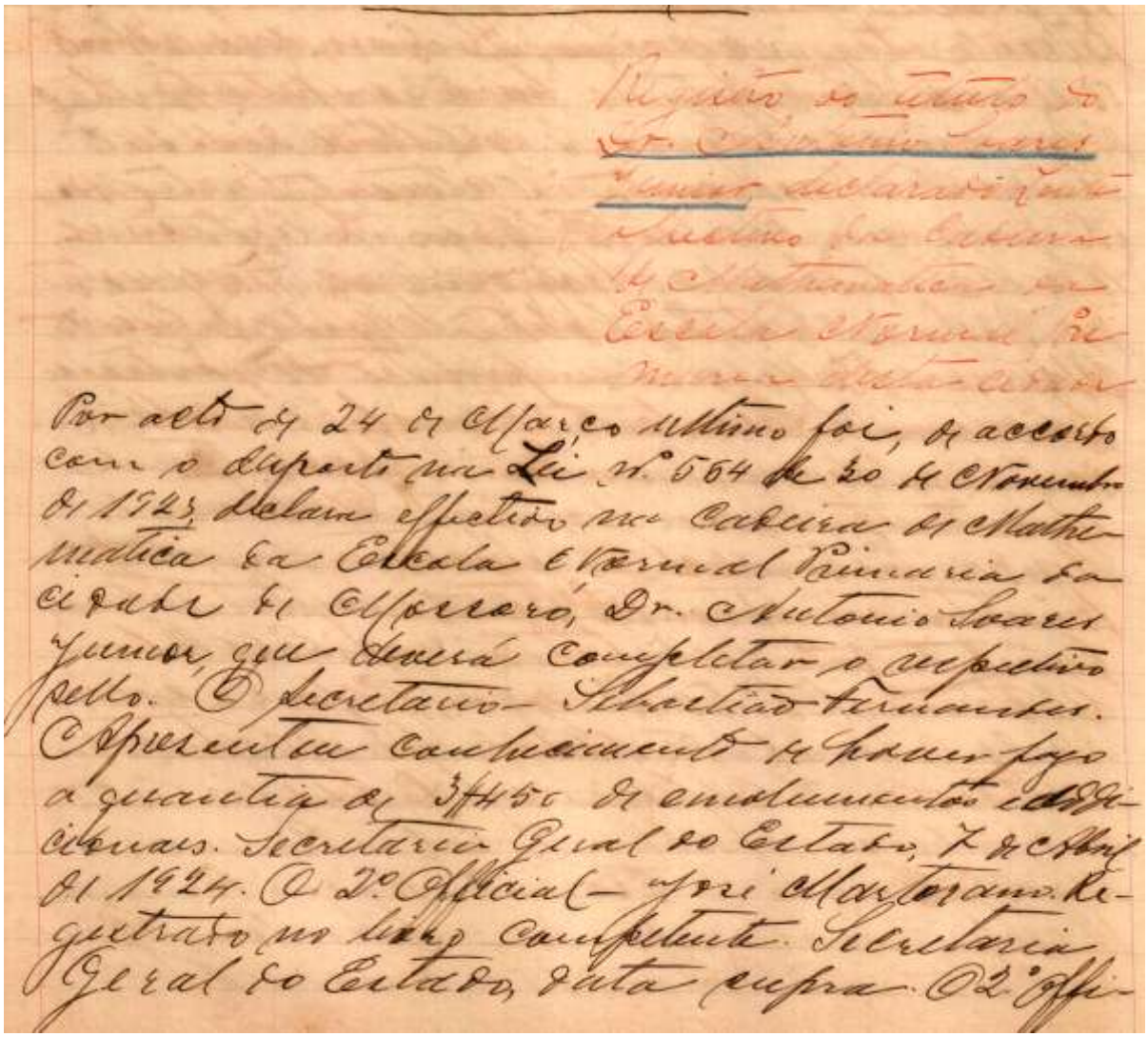
REGISTRO AH – Termo de posse do Bacharel Eufrásio Maria de Oliveira como professor de francez da Escola Normal Primária de Mossoró, 1922.



Termo de compromisso e posse do bacharel Eufrasio Maria de Oliveira, nomeado por acto de 4 do corrente mez de Agosto, do Ex.mo Governador do Estado, para exercer as funcções de Lente da Cadeira de Francez da Escola Normal Primaria desta Cidade.

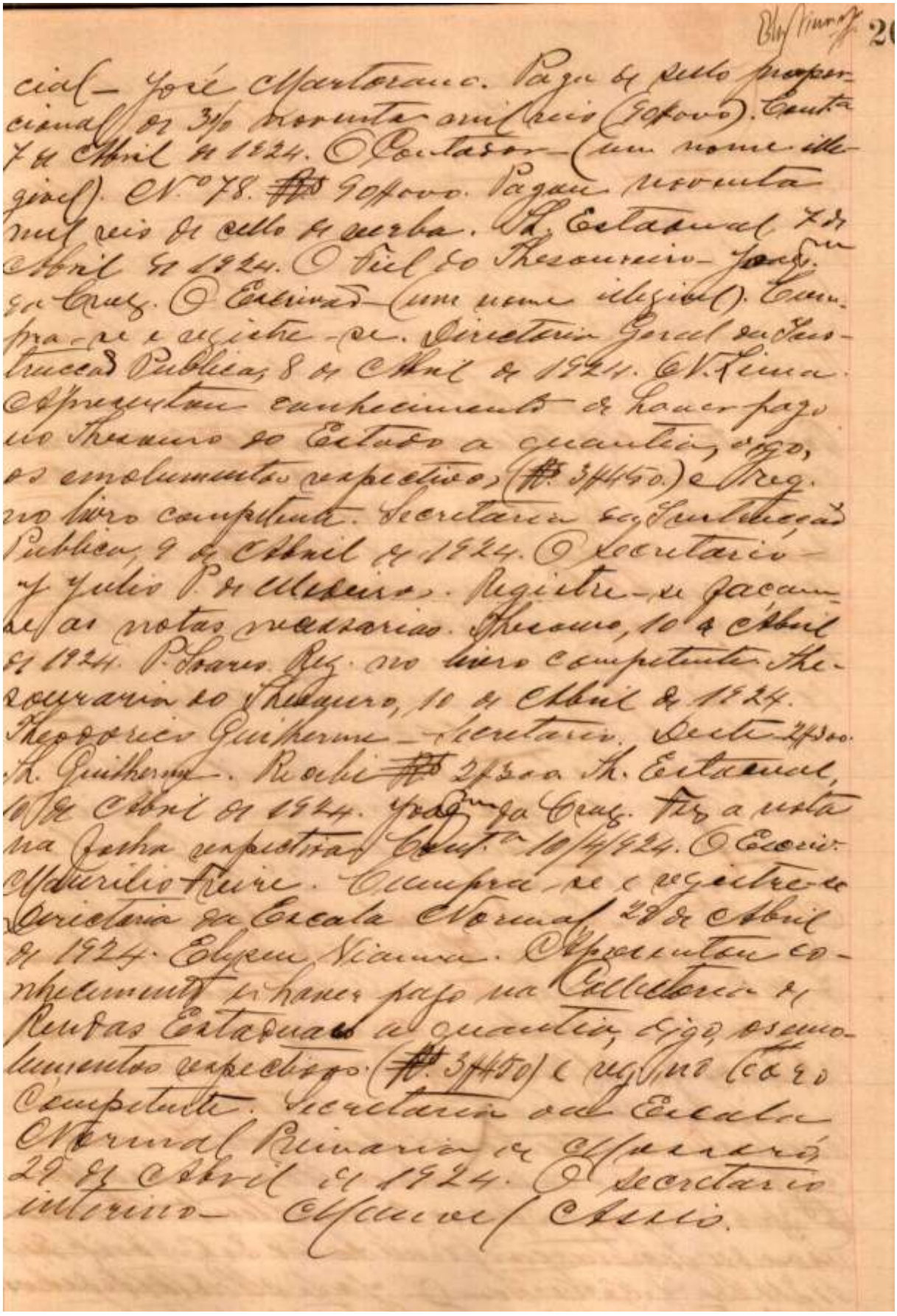
Fonte: Arquivo da Ecola Estadual Jerônmo Rosado

REGISTRO AI – Termo de posse do Doutor Antônio Soares Júnior como professor de Mathematica da Escola Normal Primária de Mossoró, 1924.



Registro do titulo do Dr. Antonio Soares Junior declarado Lente effectivo da Cadeira de Mathematica da Escola Normal Primaria desta cidade

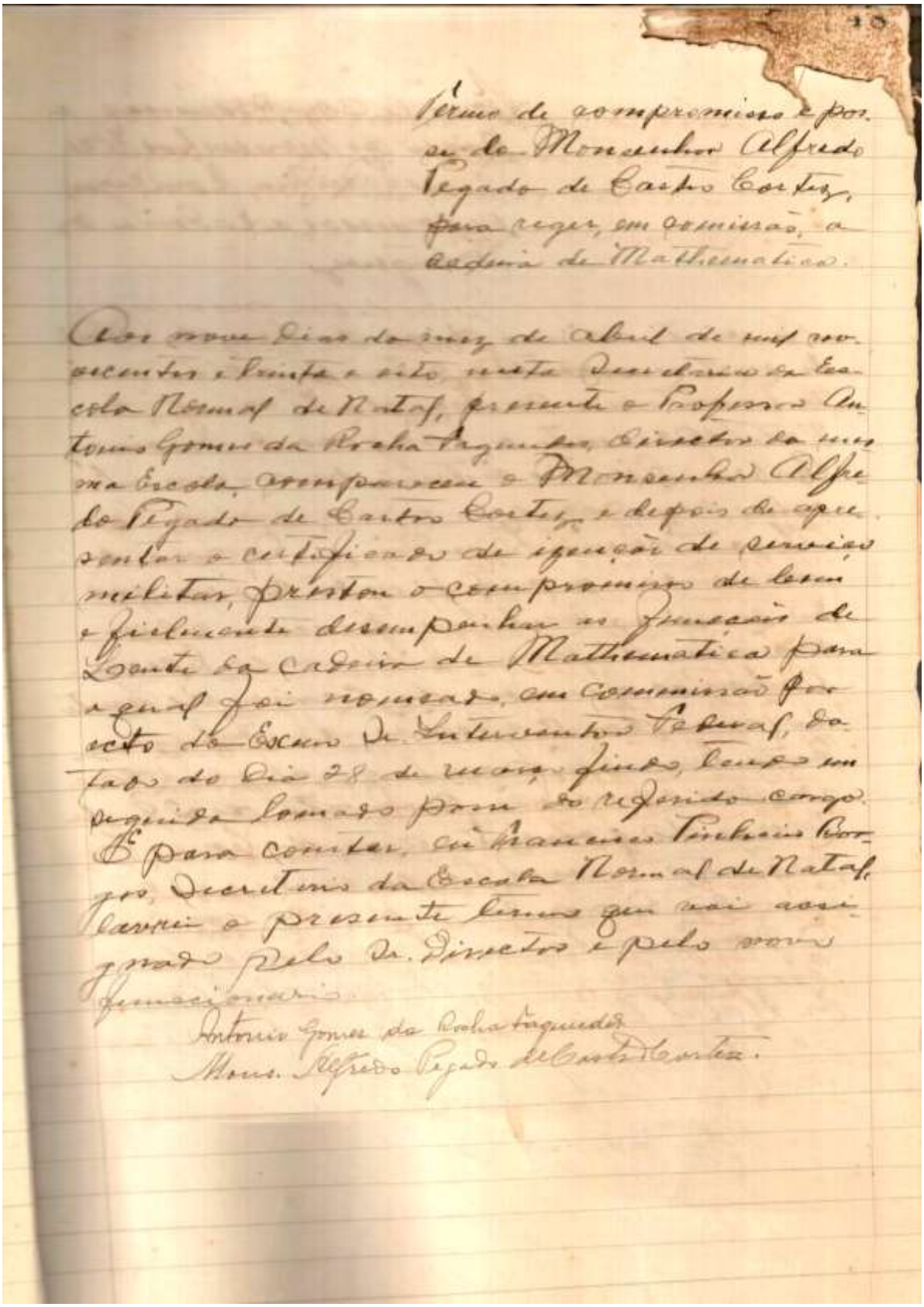
Por acto de 24 de Março ultimo foi, de accordo com o disposto na Lei nº 564 de 30 de Novembro de 1923, declarado effectivo na Cadeira de Mathematica da Escola Normal Primaria da cidade de Mossoró, Dr. Antonio Soares Junior, que deverá completar o respectivo sello. O Secretario – Sebastião Fernandes. Apresentou conhecimento de haver pago a quantia de 3$450 de emolumentos e addicionaes. Secretaria Geral do Estado, 7 de Abril de 1924. O 2º Official – José Martoriano. Registrado no livro competente. Secretaria Geral do Estado, data supra. O 2º Offi-



cial — José Martoriano. Paga de sello proporcional de 3% noventa mil reis (90$000). Cont.ª 7 de Abril de 1924. O Contador — (um nome illegivel). N.º 78. Rs 90$000. Pagou noventa mil reis de sello de verba. Th. Estadual 7 de Abril de 1924. O Fiel do Thesoureiro — Joaq.m da Cruz. O Escrivão — (um nome illegivel). Cumpra-se e registre-se. Directoria Geral da Instrucção Publica, 8 de Abril de 1924. O V. Lima. Apresentou conhecimento de haver pago no Thesouro do Estado a quantia, digo, os emolumentos respectivos (Rs 3$450) e reg. no livro competente. Secretaria da Instrucção Publica, 9 de Abril de 1924. O Secretario — J. Julio P. de Medeiros. Registre-se façam-se as notas necessarias. Thesouro, 10 de Abril de 1924. P. Soares. Reg. no livro competente. Thesouraria do Thesouro, 10 de Abril de 1924. Theodorico Guilherme — Secretario. Deste 2$300. Th. Guilherme. Recebi Rs 2$300. Th. Estadual, 10 de Abril de 1924. Joaq.m da Cruz. Fez a nota na folha respectiva. Cont.ª 10/4/924. O Escriv. Maurilio Freire. Cumpra-se e registre-se. Directoria da Escola Normal 28 de Abril de 1924. Elysen Vianna. Apresentou conhecimento de haver pago na Collectoria de Rendas Estaduaes a quantia, digo, os emolumentos respectivos (Rs 3$450) e reg. no livro competente. Secretaria da Escola Normal Primaria de Mossoró 29 de Abril de 1924. O Secretario interino — Manoel Assis.

Fonte: Arquivo da Ecola Estadual Jerônmo Rosado

REGISTRO AJ – Termo de posse do Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez da disciplina de mathematica na Escola Normal de Natal, 1938.



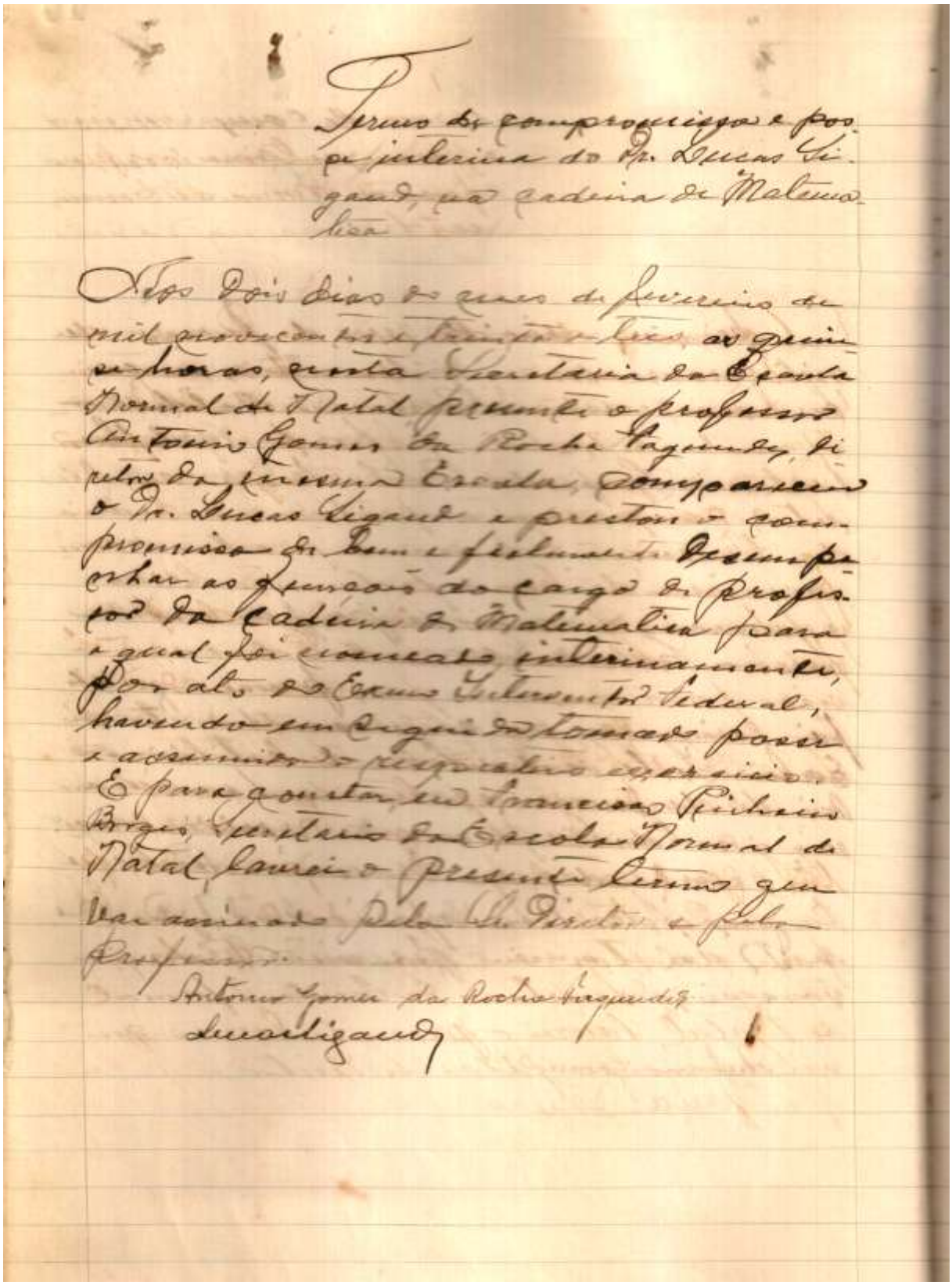
Termo de compromisso e posse de Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez, para reger, em comissão, a cadeira de Mathematicas.

Aos nove dias do mez de Abril de mil novecentos e trinta e oito nesta Secretaria da Escola Normal de Natal, presente o Professor Antonio Gomes da Rocha Fagundes, Diretor da mesma Escola, compareceu o Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez, e depois de apresentar o certificado de isenção de serviço militar, prestou o compromisso de bem e fielmente desempenhar as funcções de Lente da cadeira de Mathematica para a qual foi nomeado, em commissão por acto de Excmo Interventor Federal, datado do dia 28 de março findo, lendo-se em seguida lomado pelo referido compromisso. E para constar, eu Francisco Pinheiro Borges, Secretario da Escola Normal de Natal, lavrei o presente termo que vai assignado pelo Sr. Diretor e pelo nomeado.

Antonio Gomes da Rocha Fagundes
Mons. Alfredo Pegado de Castro Cortez.

Fonte: Arquivo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy-IFESP

REGISTRO AK – Termo de posse do Dr. Lucas Sigano como professor de Matemática da Escola Normal de Natal, 1933.



Termo de compromisso e posse interina do Dr. Lucas Sigand, na cadeira de Matemática

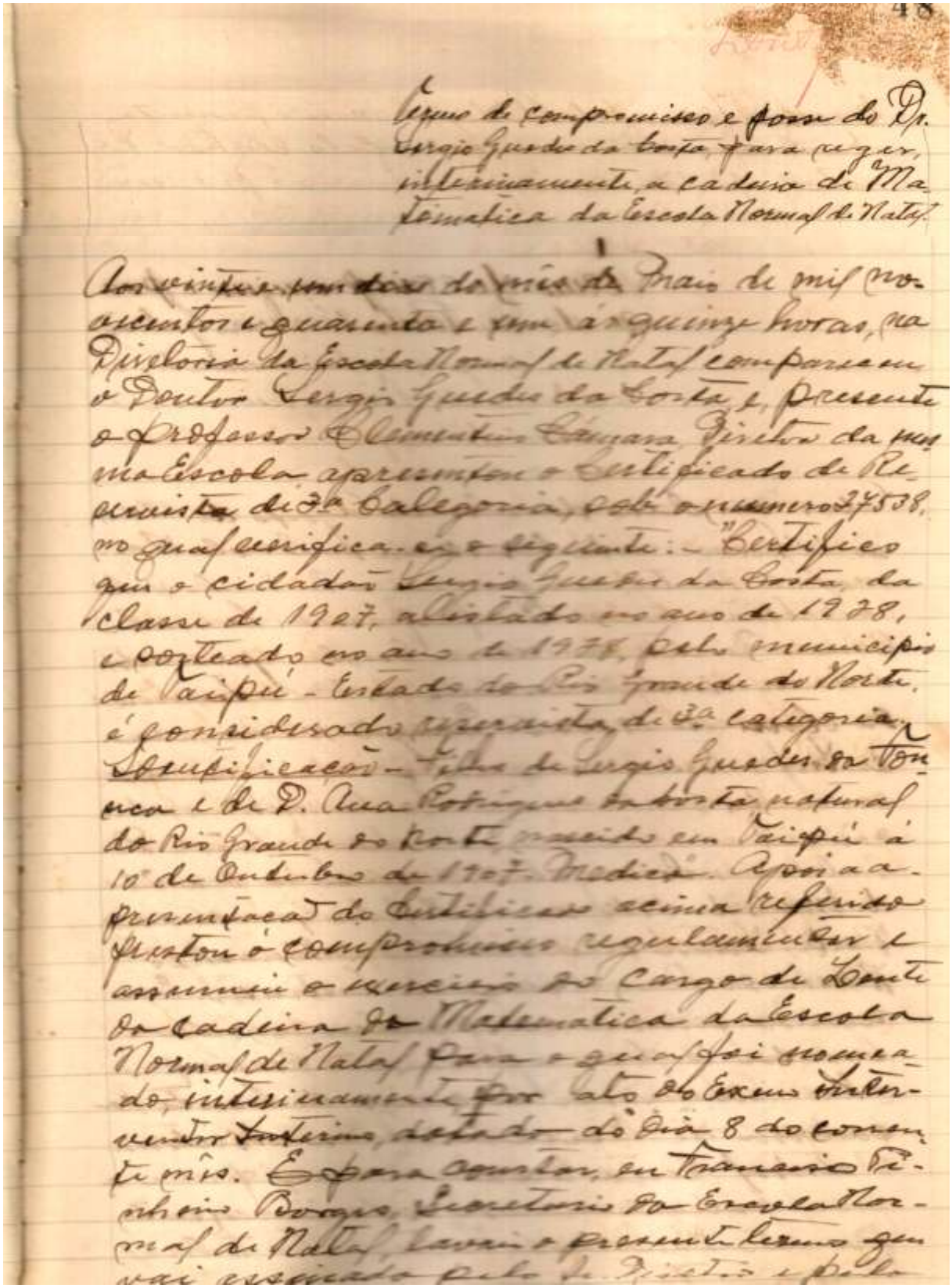
Aos dois dias do mez de fevereiro de mil novecentos e trinta e tres as dezesseis horas, nesta Secretaria da Escola Normal de Natal presente o professor Antonio Gomes da Rocha Fagundes, diretor da mesma Escola, compareceu o Dr. Lucas Sigand e prestou o compromisso de bem e fielmente desempenhar as funcções do cargo de professor da cadeira de Mathematica para a qual foi nomeado interinamente, por ato do Governo Federal, havendo em seguida tomado posse e assumido o respectivo exercicio. E para constar eu Francisco Pinheiro Borges, Secretario da Escola Normal de Natal, lavrei o presente termo que vai assinado pelo Sr. Diretor e pelo Professor.

Antonio Gomes da Rocha Fagundes

Lucas Sigand

Fonte: Arquivo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy-IFESP

REGISTRO AL – Termo de posse do Dr. Sérgio Guedes da Costa como professor de Matemática da Escola Normal de Natal, 1941.



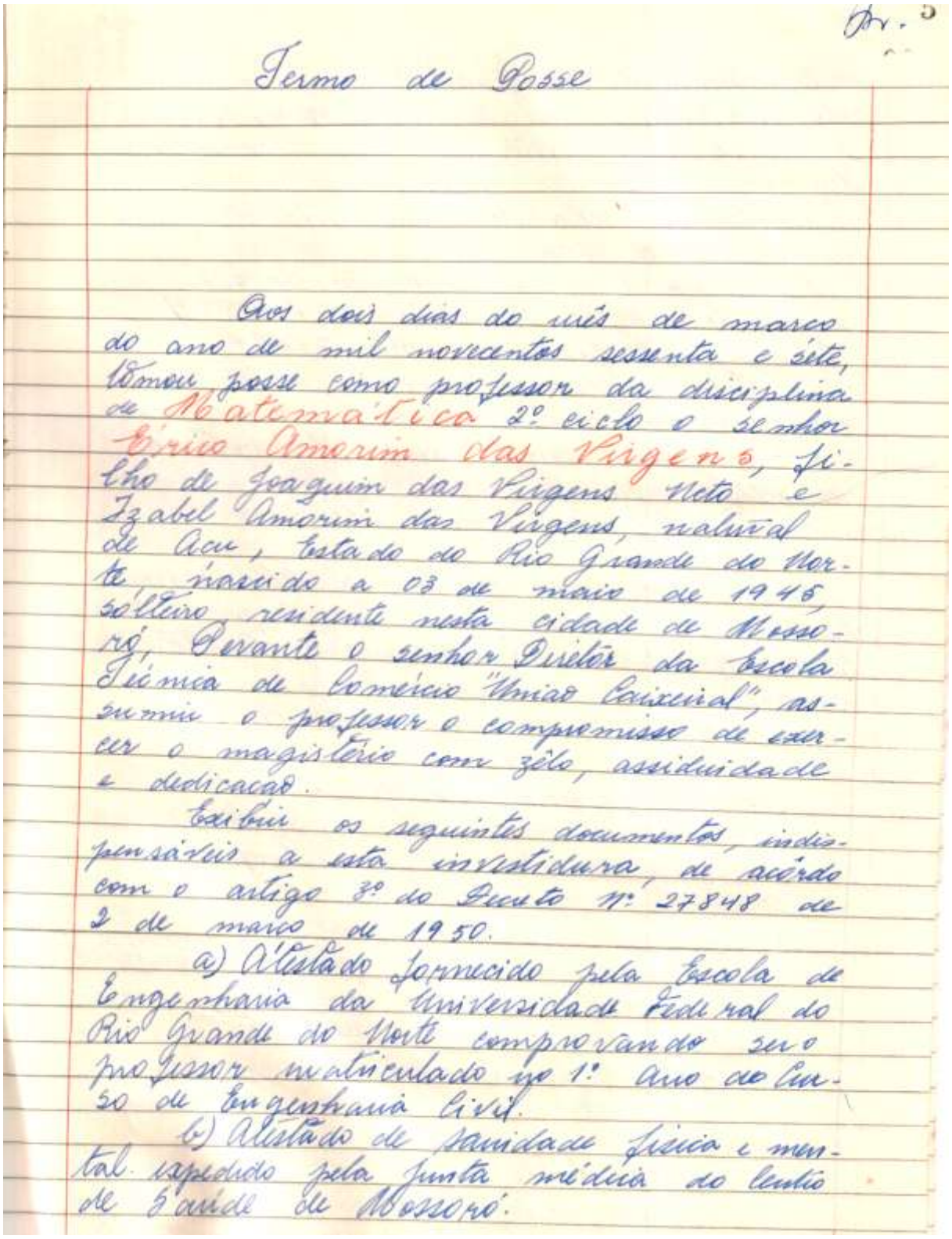
48

Termo de compromisso e posse do Dr. Sergio Guedes da Costa, para reger, interinamente, a cadeira de Matematica da Escola Normal de Natal.

Aos vinte e um dias do mês de Maio de mil novecentos e quarenta e um, ás quinze horas, na Diretoria da Escola Normal de Natal compareceu o Doutor Sergio Guedes da Costa e, presente o Professor Clementino Câmara, Diretor da mesma Escola, apresentou o Certificado de Reservista de 3ª Categoria, sob o numero 27538, no qual verifica-se o seguinte: – "Certifico que o cidadão Sergio Guedes da Costa, da classe de 1927, alistado no ano de 1928, e sorteado no ano de 1928, pelo municipio de Taipú – Estado do Rio Grande do Norte, é considerado reservista de 3ª categoria. Identificação – Filho de Sergio Guedes da Fonseca e de D. Ana Rodrigues da Costa, natural do Rio Grande do Norte, nascido em Taipú á 10 de Outubro de 1907. Medicó. Após a apresentação do Certificado acima referido prestou o compromisso regulamentar e assumiu o exercicio do Cargo de Lente da cadeira de Matematica da Escola Normal de Natal para o qual foi nomeado, interinamente por ato do Exmo Interventor Interino, datado do dia 8 do corrente mês. E para constar, eu Francisco Pinheiro Borges, Secretario da Escola Normal de Natal, lavrei o presente termo que vai assinado pelo Sr. Diretor e pelo

Fonte: Arquivo do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy-IFESP

REGISTRO AM – Termo de posse do professor Érico Amorim das Virgens como professor de Matemática da E. Técnica de Comércio União Caixeiral, 1950.



Fls. 5

Termo de Posse

Aos dois dias do mês de março do ano de mil novecentos sessenta e sete, tomou posse como professor da disciplina de Matemática 2º ciclo o senhor Érico Amorim das Virgens, filho de Joaquim das Virgens Neto e Izabel Amorim das Virgens, natural de Acu, Estado do Rio Grande do Norte, nascido a 03 de maio de 1948, solteiro, residente nesta cidade de Mossoró. Perante o senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio "União Caixeiral", assumiu o professor o compromisso de exercer o magistério com zêlo, assiduidade e dedicação.

Exibiu os seguintes documentos, indispensáveis a esta investidura, de acôrdo com o artigo 3º do Decreto Nº 27848 de 2 de março de 1950.

a) Atestado fornecido pela Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte comprovando ser o professor matriculado no 1º Ano do Curso de Engenharia Civil.

b) Atestado de sanidade física e mental expedido pela Junta médica do Centro de Saúde de Mossoró.

c) Atestado de idoneidade moral firmado pelos professores José Mozart Menescal Reg D-11163 e Sergina Leão de Moura Pinto Reg. D

d) Fôlha corrida fornecida pela Delegacia de polícia de Mossoró.

e) Carteira de identidade nº 75.728.

f) Certificado de Reservista nº 364894

g) Carteira Profissional nº 67558.

h) Título de eleitor nº 17.08 Zona 3ª Secção 45ª município de Natal com anotações competente comprovando ter votado na última eleição.

i) 3 fotografias 3/4

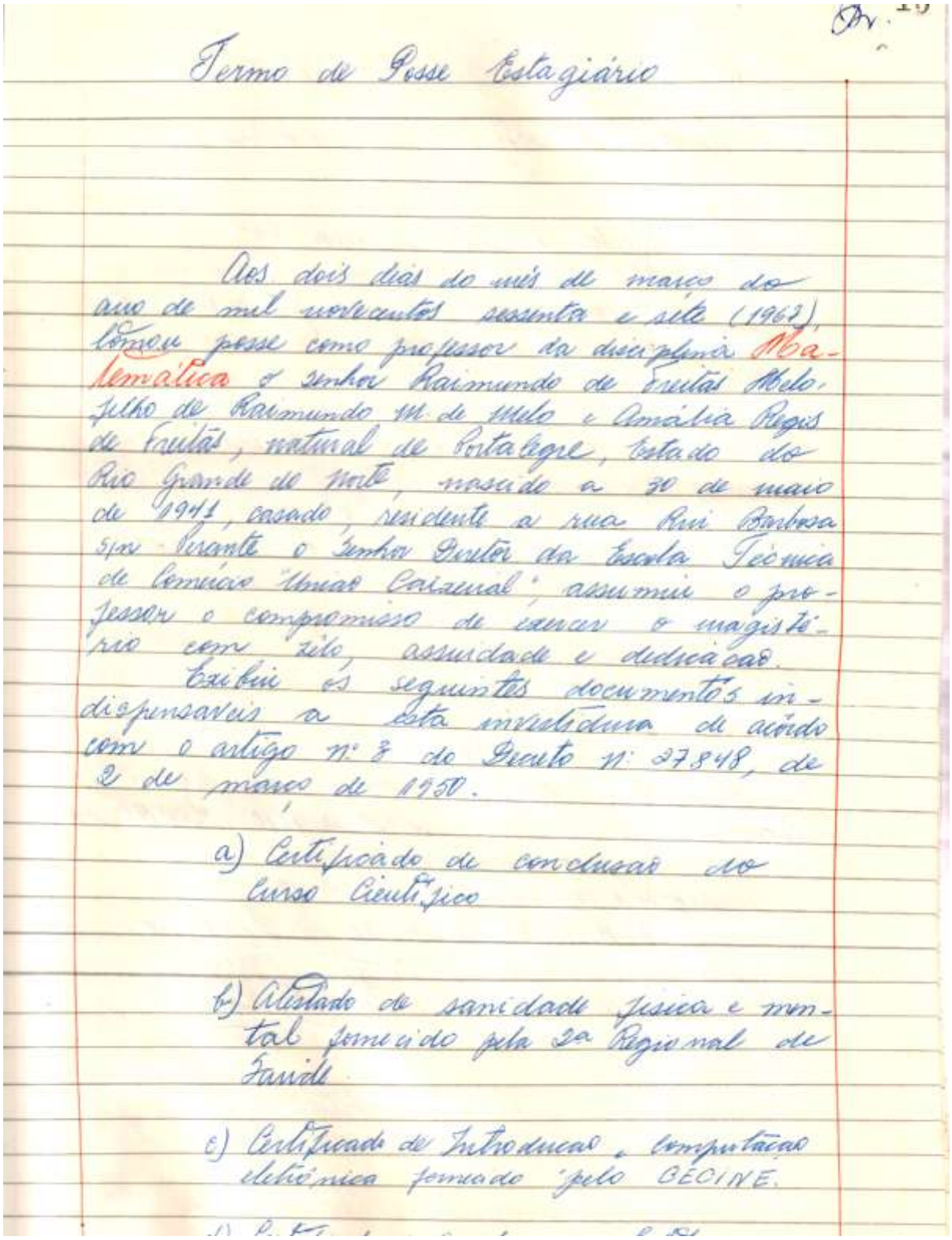
Do que para constar eu, Alba Fernandes de Sousa, Secretária, lavrei o presente termo que vai assinado pelo Diretor da Escola e pelo empossado.

Mossoró, 02 de março de 1967

Alba Fernandes de Sousa. Secretária
José Geraldo de Araújo Diretor
Professor.

Fonte: Arquivo da União Caixeiral

REGISTRO AN – Termo de posse do professor Raimundo de Freitas Melo como professor de Matemática da Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, 1950.



Termo de Posse Estagiário

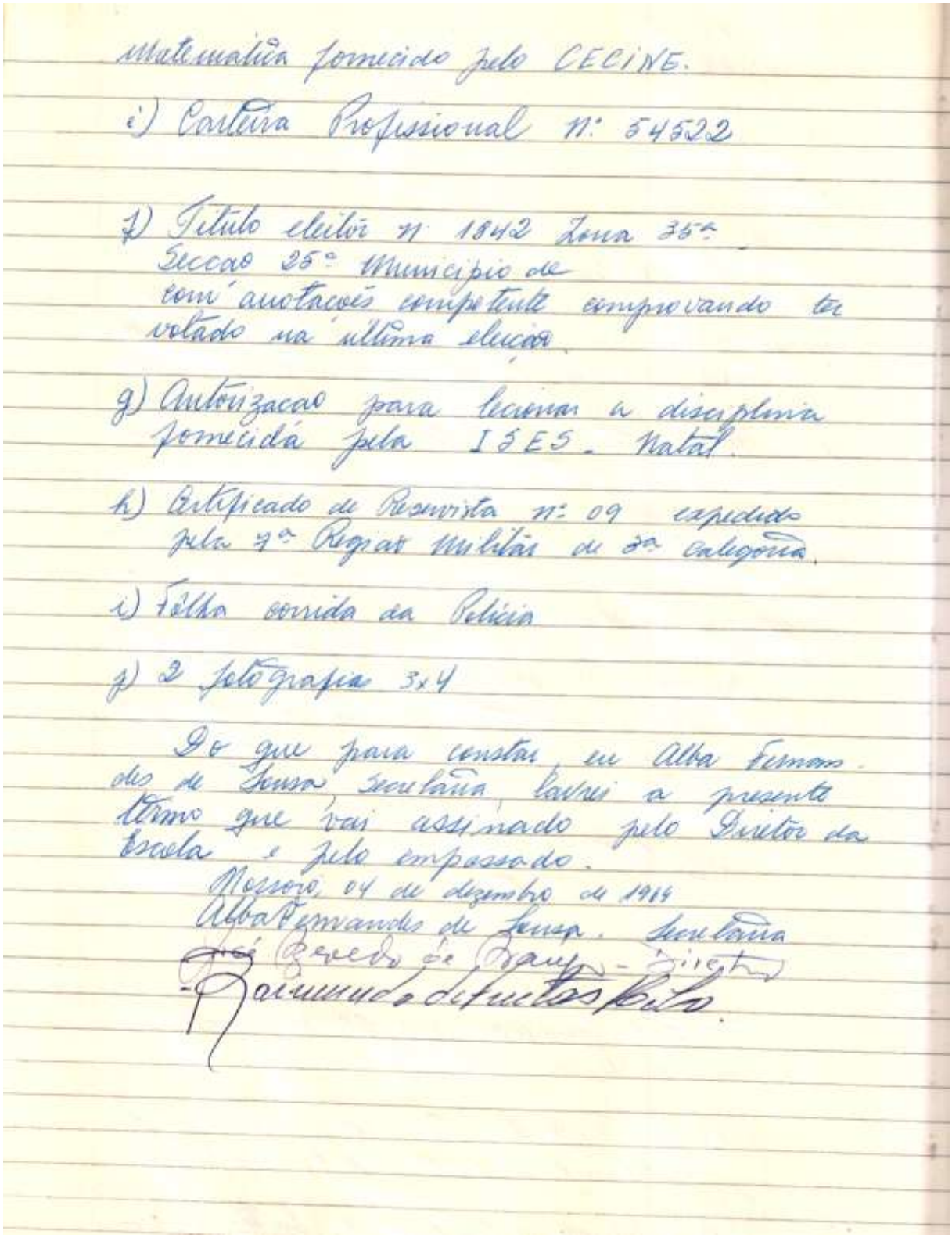
Aos dois dias do mês de março do ano de mil novecentos cessenta e sete (1962), tomou posse como professor da disciplina Matemática o senhor Raimundo de Freitas Melo, filho de Raimundo M. de Melo e Amélia Regis de Freitas, natural de Portalegre, Estado do Rio Grande do Norte, nascido a 30 de maio de 1941, casado, residente a rua Rui Barbosa 5[illegible] perante o Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio "União Caixeiral", assumiu o professor o compromisso de exercer o magistério com zêlo, assiduidade e dedicação.

Exibiu os seguintes documentos indispensaveis a esta investidura de acôrdo com o artigo nº 3 do Decreto nº 27848, de 2 de março de 1950.

a) Certificado de conclusão do Curso Científico

b) Atestado de sanidade física e mental fornecido pela 2ª Regional de Saúde

c) Certificado de Introducão à computação eletrônica fornecido pelo CECINE.



Matemática fornecido pelo CECINE.

i) Carteira Profissional Nº 54522

f) Título eleitor nº 1842 Zona 35ª
Secção 25º Município de
com anotações competente comprovando ter
votado na última eleição.

g) Autorização para lecionar a disciplina
fornecida pela ISES - Natal.

h) Certificado de Reservista nº 09 expedido
pela 7ª Região Militar de 3ª categoria.

i) Fôlha corrida da Polícia

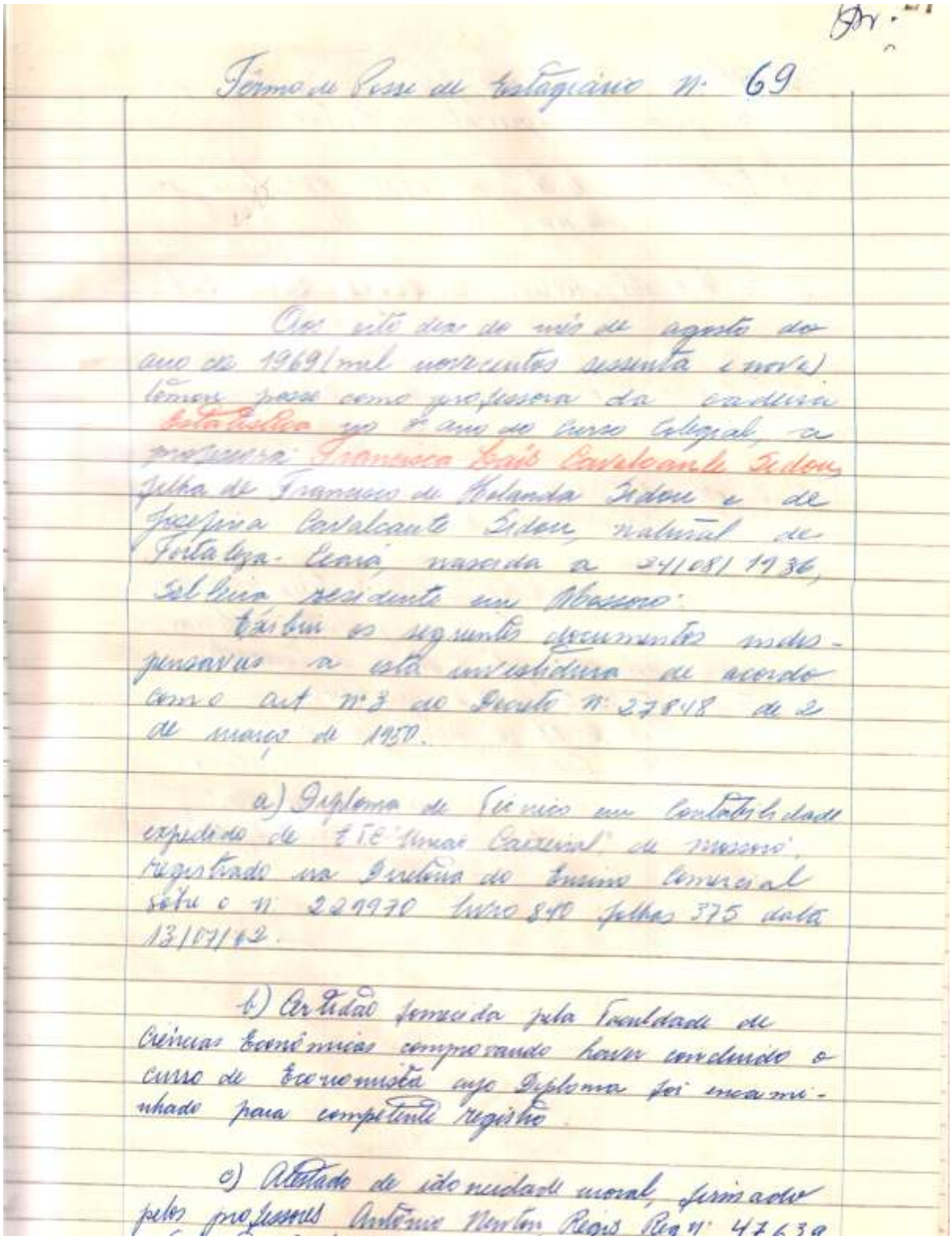
j) 2 fotografias 3x4

Do que para constar, eu Alba Fernandes de Sousa, Secretária, lavrei a presente termo que vai assinado pelo Diretor da Escola e pelo empossado.

Mossoró, 04 de dezembro de 1969
Alba Fernandes de Sousa. Secretária
José Azevedo de Araujo - Diretor
Raimundo de Freitas Pinto.

Fonte: Arquivo da União Caixeiral

REGISTRO AO – Termo de posse da professora Francisca Laís Cavalcante Sidou como professor de Estatística da E. Técnica de Comércio União Caixeiral, 1950.



Termo de Posse de Estagiário Nº 69

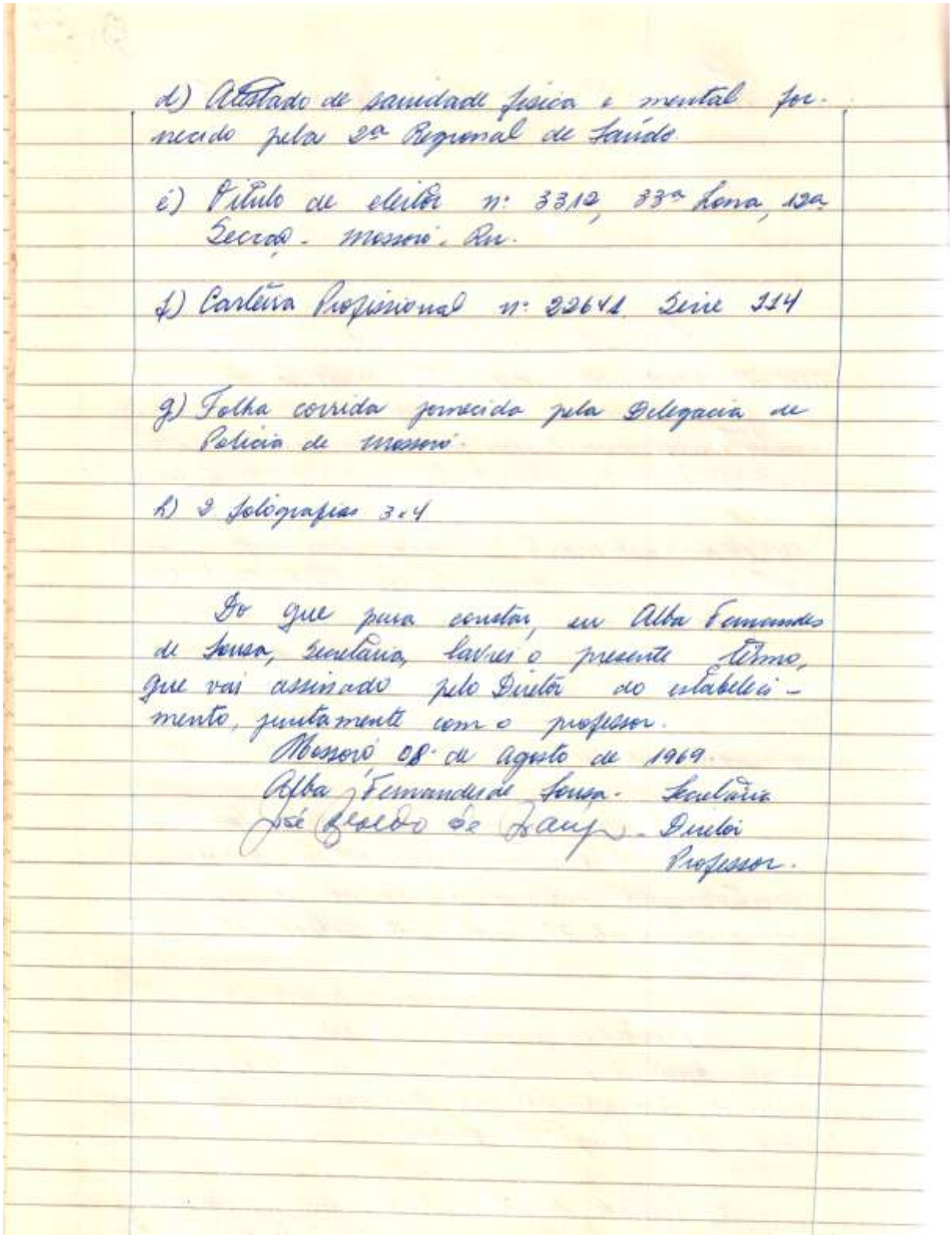
Aos oito dias do mês de agosto do ano de 1969 (mil novecentos sessenta e nove) tomou posse como professora da cadeira Estatística no 3º ano do Curso Colegial, a professora Francisca Laís Cavalcante Sidou, filha de Francisco de Holanda Sidou e de Josefina Cavalcante Sidou, natural de Fortaleza-Ceará, nascida a 24/08/1936, solteira residente em Mossoró.

Exibiu os seguintes documentos indispensáveis a esta investidura de acordo com o art. nº 3 do Decreto nº 27848 de 2 de março de 1950.

a) Diploma de Técnico em Contabilidade expedido de ETC "União Caixeiral" de Mossoró, registrado na Diretoria do Ensino Comercial sobre o nº 229970 livro 840 folhas 375 data 13/07/62.

b) Certidão fornecida pela Faculdade de Ciências Econômicas comprovando haver concluído o curso de Economista cujo Diploma foi encaminhado para competente registro.

c) Atestado de idoneidade moral, firmado pelos professores Antônio Newton Regis Reg nº 47639



d) Atestado de sanidade física e mental fornecido pela 2ª Regional de Saúde

e) Título de eleitor nº 3312, 33ª Zona, 13ª Secção - Mossoró - Rn.

f) Carteira Profissional nº 22641 Série 114

g) Folha corrida fornecido pela Delegacia de Polícia de Mossoró.

h) 2 fotografias 3x4

Do que para constar, eu Alba Fernandes de Sousa, Secretária, lavrei o presente Termo, que vai assinado pelo Diretor do estabelecimento, juntamente com o professor.

Mossoró 08 de agosto de 1969.

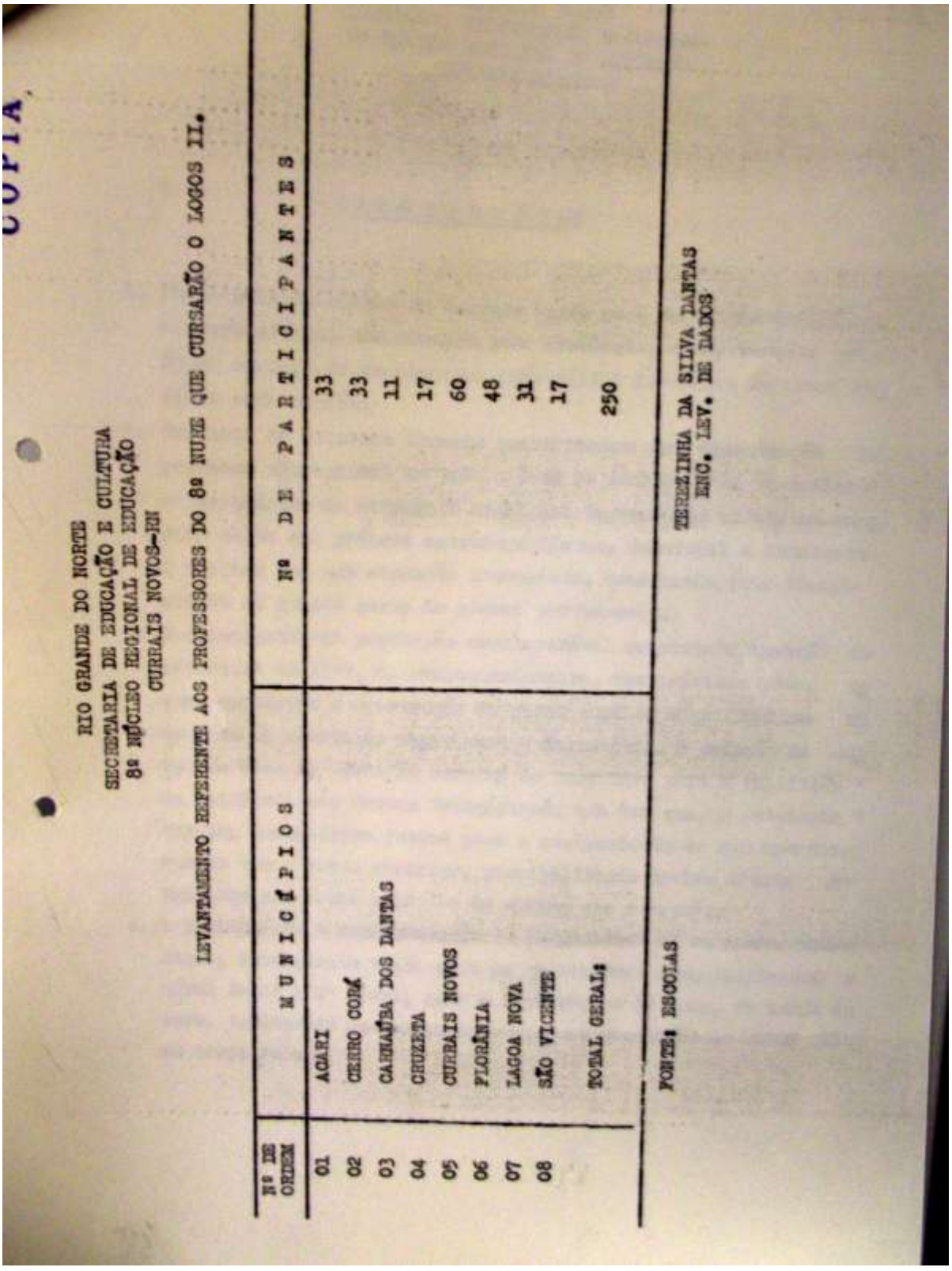
Alba Fernandes de Sousa - Secretária

José Leite de Araújo - Diretor

Professor.

Fonte: Arquivo da União Caixeiral

REGISTRO AP – Levantamento da quantidade de professores do 8º NURE que participariam do curso do Logos II.



COPIA

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
8º NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO
CURRAIS NOVOS—RN

LEVANTAMENTO REFERENTE AOS PROFESSORES DO 8º NURE QUE CURSARÃO O LOGOS II.

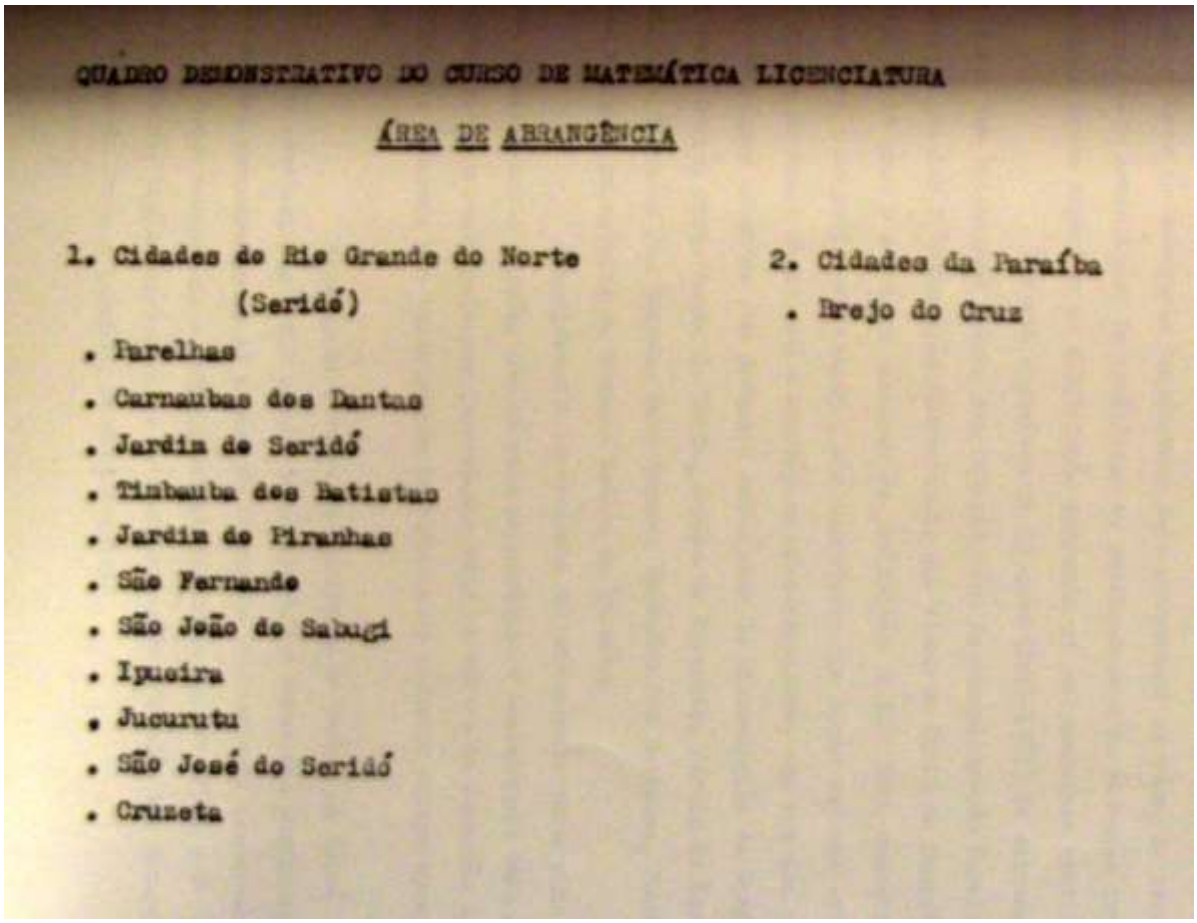
Nº DE ORDEM	MUNICÍPIOS	Nº DE PARTICIPANTES
01	ACARI	33
02	CERRO CORÁ	33
03	CARNAÚBA DOS DANTAS	11
04	CRUZETA	17
05	CURRAIS NOVOS	60
06	FLORÂNIA	48
07	LAGOA NOVA	31
08	SÃO VICENTE	17
	TOTAL GERAL:	250

FONTE: ESCOLAS

TEREZINHA DA SILVA DANTAS
ENC. LEV. DE DADOS

Fonte: Arquivo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (*campus* Caicó)

REGISTRO AQ – Área de abrangência do curso de Licenciatura em Matemática de Caicó (presente no Relatório de Atividades do CERES de 1987).



QUADRO DEMONSTRATIVO DO CURSO DE MATEMÁTICA LICENCIATURA

ÁREA DE ABRANGÊNCIA

1. Cidades do Rio Grande do Norte
(Seridó)
- Parelhas
- Carnaubas dos Dantas
- Jardim de Seridó
- Timbauba dos Batistas
- Jardim de Piranhas
- São Fernando
- São João do Sabugi
- Ipueira
- Jucurutu
- São José do Seridó
- Cruzeta

2. Cidades da Paraíba
- Brejo do Cruz

Fonte: Arquivo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (*campus* Caicó)

REGISTRO AR – Certificado de participação do curso de Matemática, do professor Raimundo de Freitas Melo, oferecido pelo CECINE em 1968.



CECINE - Centro de Ensino de Ciências do Nordeste

CERTIFICADO

Certificamos que o Sr. RAIMUNDO DE FREITAS MELO frequentou e concluiu o Estágio no Setor de MATEMÁTICA do Centro de Ensino de Ciências do Nordeste — CECINE, durante o período de 02 de ABRIL a 30 de DEZEMBRO de 1968 tendo obtido um aproveitamento correspondente ao grau -

Recife, 10 de dezembro de 1970

COORDENADOR DO SETOR

DIRETOR EXECUTIVO

Fonte: Arquivo pessoal de Raimundo de Freitas Melo

REGISTRO AS – Certificado de registro de professor aprovado no Exame de Suficiência, no ano de 1971, do professor Raimundo de Freitas Melo.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
INSPETORIA SECCIONAL DE NATAL-RN

Certificado de Registro de Professor Aprovado em Exames de Suficiência.

Registro n.º S-329-RN

Nome: RAIMUNDO DE FREITAS MELO

Exames realizados na Faculdade de EDUCAÇÃO DA UNIV. FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE no ano de 1971

Fonte: Arquivo pessoal de Raimundo de Freitas Melo

REGISTRO AT – Autorização para o professor José Maria de Albuquerque Silva lecionar Matemática, 1967.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
INSPETORIA SECCIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO DE NATAL - RN.

2ª Via

AUTORIZAÇÃO PARA LECIONAR Nº 157/67

O Inspetor Seccional do Ensino Secundário de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, no uso de suas atribuições, concede ao portador dêste documento, autorização para lecionar, em caráter provisório, na área de jurisdição da respectiva Inspetoria Seccional, a(s) disciplina(s) adiante indicada(s), até que obtenha o competente Certificado de Registro de Professor, a que faz jus:

Professor: **JOSÉ MARIA DE ALBUQUERQUE SILVA**

Disciplina(s): **MATEMÁTICA - 1º ciclo**

Observação: **O interessado deu entrada nesta Inspetoria Seccional à documentação necessária ao pedido de Certificado de Registro de Professor de Matemática - 1º ciclo, em virtude de aprovação em Exame de Suficiência. Prestou Exame de Suficiência para o exercício do magistério na cidade de Mossoró - RN.**

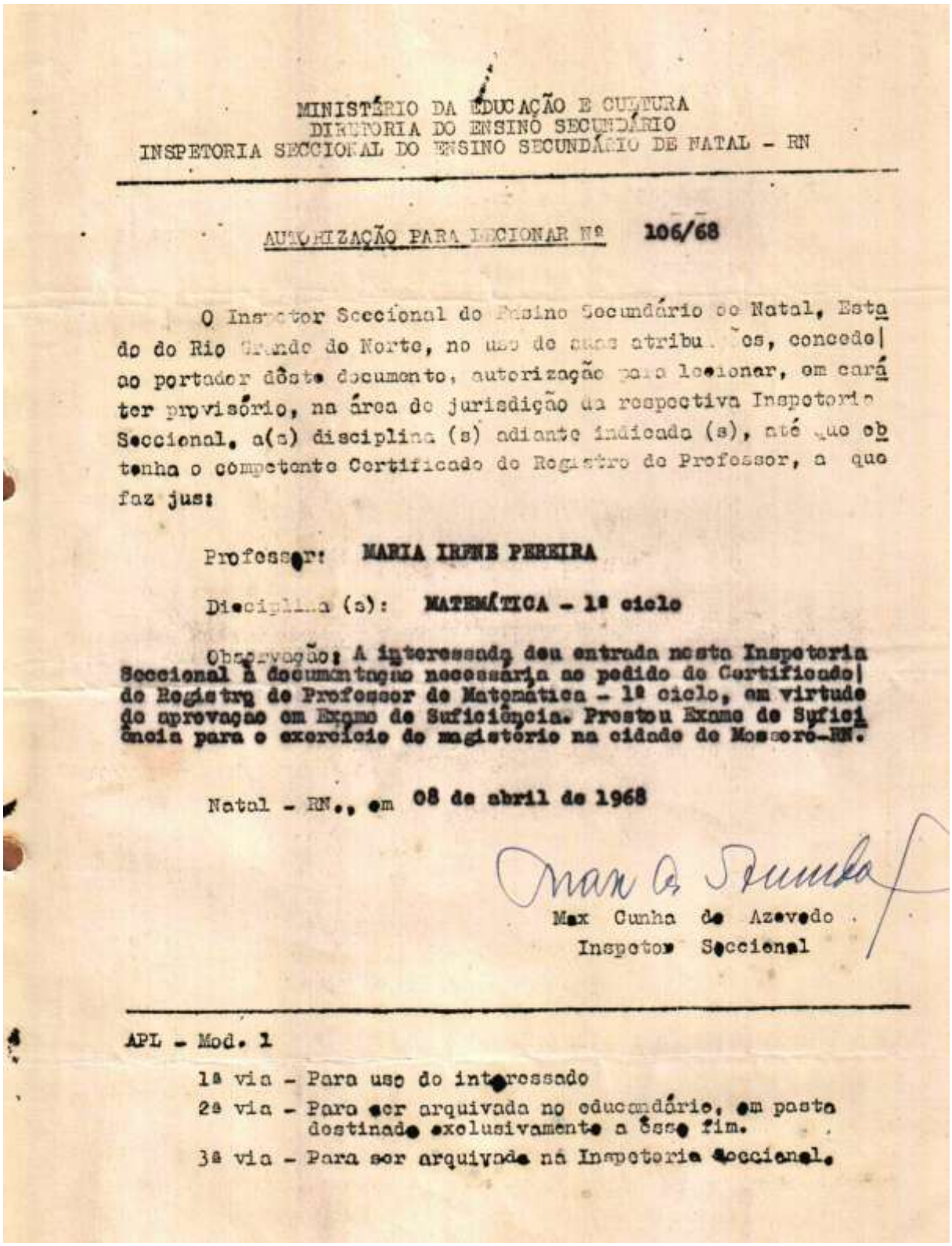
Natal - RN., em **09 de maio de 1967**

Max Cunha de Azevedo
Inspetor Seccional

APL - Mod. 1
1ª Via - Para uso do interessado
2ª via - Para ser arquivada no educandário, em pasta destinada exclusivamente a êsse fim.
3ª via - Para ser arquivada na Inspetoria Seccional.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Jerônimo Rosado

REGISTRO AU – Autorização para a professora Maria Irene Pereira lecionar matemática, 1968.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
INSPETORIA SECCIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO DE NATAL - RN

AUTORIZAÇÃO PARA LECIONAR Nº 106/68

O Inspetor Seccional do Ensino Secundário de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, no uso de suas atribuições, concede ao portador dêste documento, autorização para lecionar, em caráter provisório, na área de jurisdição da respectiva Inspetoria Seccional, a(s) disciplina (s) adiante indicada (s), até que obtenha o competente Certificado de Registro de Professor, a que faz jus:

Professor: MARIA IRENE PEREIRA

Disciplina (s): MATEMÁTICA - 1º ciclo

Observação: A interessada deu entrada nesta Inspetoria Seccional à documentação necessária ao pedido de Certificado de Registro de Professor de Matemática - 1º ciclo, em virtude de aprovação em Exame de Suficiência. Prestou Exame de Suficiência para o exercício do magistério na cidade de Mossoró-RN.

Natal - RN., em 08 de abril de 1968

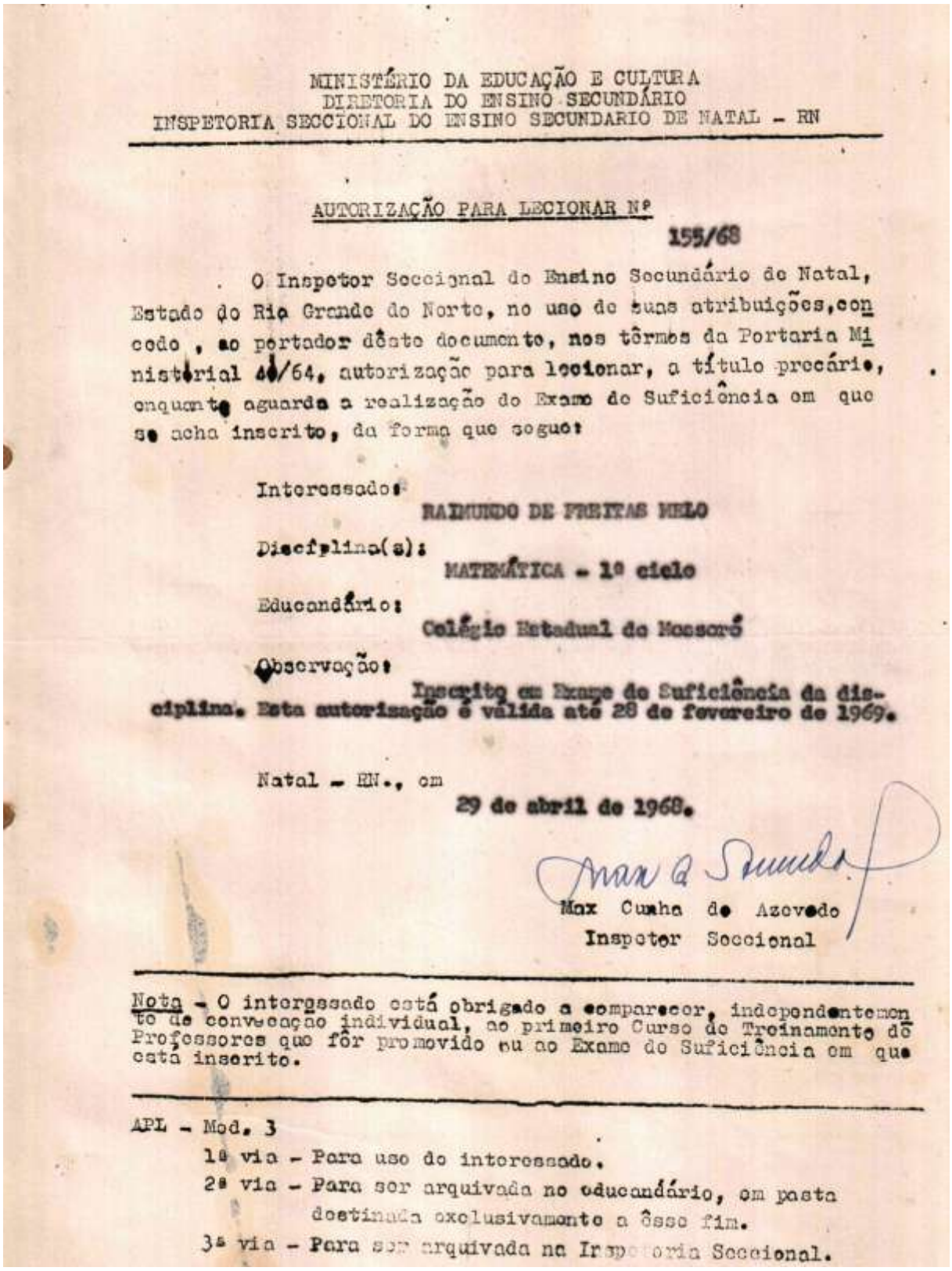
Max Cunha de Azevedo
Inspetor Seccional

APL - Mod. 1

1ª via - Para uso do interessado
2ª via - Para ser arquivada no educandário, em pasta destinada exclusivamente a êsse fim.
3ª via - Para ser arquivada na Inspetoria Seccional.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Jerônimo Rosado

REGISTRO AV – Autorização para o professor Raimundo de Freitas Melo lecionar matemática, 1968.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
INSPETORIA SECCIONAL DO ENSINO SECUNDARIO DE NATAL - RN

AUTORIZAÇÃO PARA LECIONAR Nº
155/68

O Inspetor Seccional do Ensino Secundário de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, no uso de suas atribuições, concede, ao portador dêste documento, nos têrmos da Portaria Ministerial 40/64, autorização para lecionar, a título precário, enquanto aguarda a realização do Exame de Suficiência em que se acha inscrito, da forma que segue:

Interessado:
RAIMUNDO DE FREITAS MELO

Disciplina(s):
MATEMÁTICA - 1º ciclo

Educandário:
Colégio Estadual de Mossoró

Observação:
Inscrito em Exame de Suficiência da disciplina. Esta autorização é válida até 28 de fevereiro de 1969.

Natal - RN., em
29 de abril de 1968.

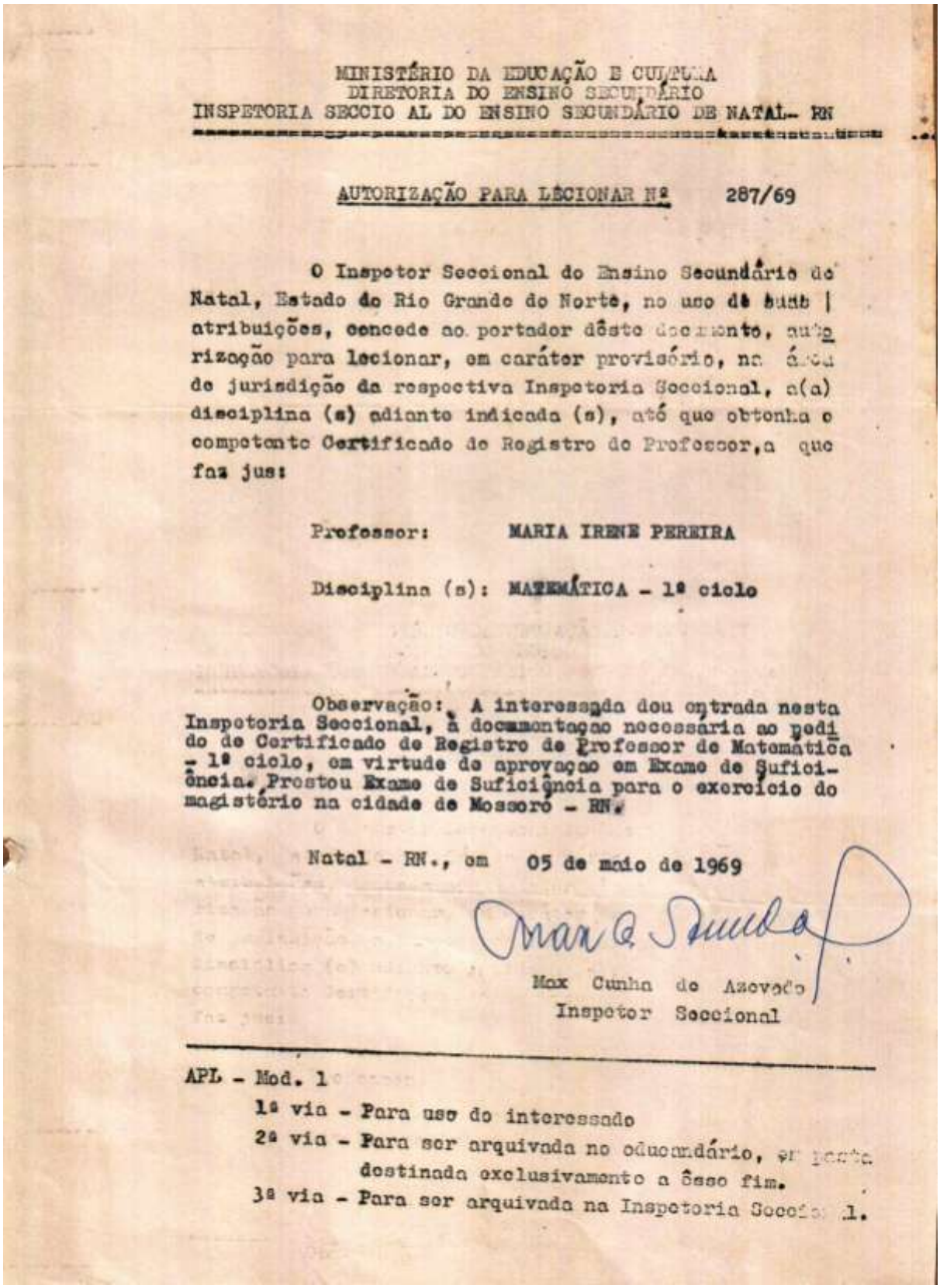
Max Cunha de Azevedo
Inspetor Seccional

Nota - O interessado está obrigado a comparecer, independentemente de convocação individual, ao primeiro Curso de Treinamento de Professores que fôr promovido ou ao Exame de Suficiência em que está inscrito.

APL - Mod. 3
1ª via - Para uso do interessado.
2ª via - Para ser arquivada no educandário, em pasta destinada exclusivamente a êsse fim.
3ª via - Para ser arquivada na Inspetoria Seccional.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Jerônimo Rosado

REGISTRO AW – Autorização para a professora Maria Irene Pereira lecionar Matemática, 1969



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
INSPETORIA SECCIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO DE NATAL - RN

AUTORIZAÇÃO PARA LECIONAR Nº 287/69

O Inspetor Seccional do Ensino Secundário de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, no uso de suas atribuições, concede ao portador dêste documento, autorização para lecionar, em caráter provisório, na área de jurisdição da respectiva Inspetoria Seccional, a(s) disciplina (s) adiante indicada (s), até que obtenha o competente Certificado de Registro de Professor, a que faz jus:

Professor: MARIA IRENE PEREIRA

Disciplina (s): MATEMÁTICA - 1º ciclo

Observação: A interessada deu entrada nesta Inspetoria Seccional, à documentação necessária ao pedido de Certificado de Registro de Professor de Matemática - 1º ciclo, em virtude de aprovação em Exame de Suficiência. Prestou Exame de Suficiência para o exercício do magistério na cidade de Mossoró - RN.

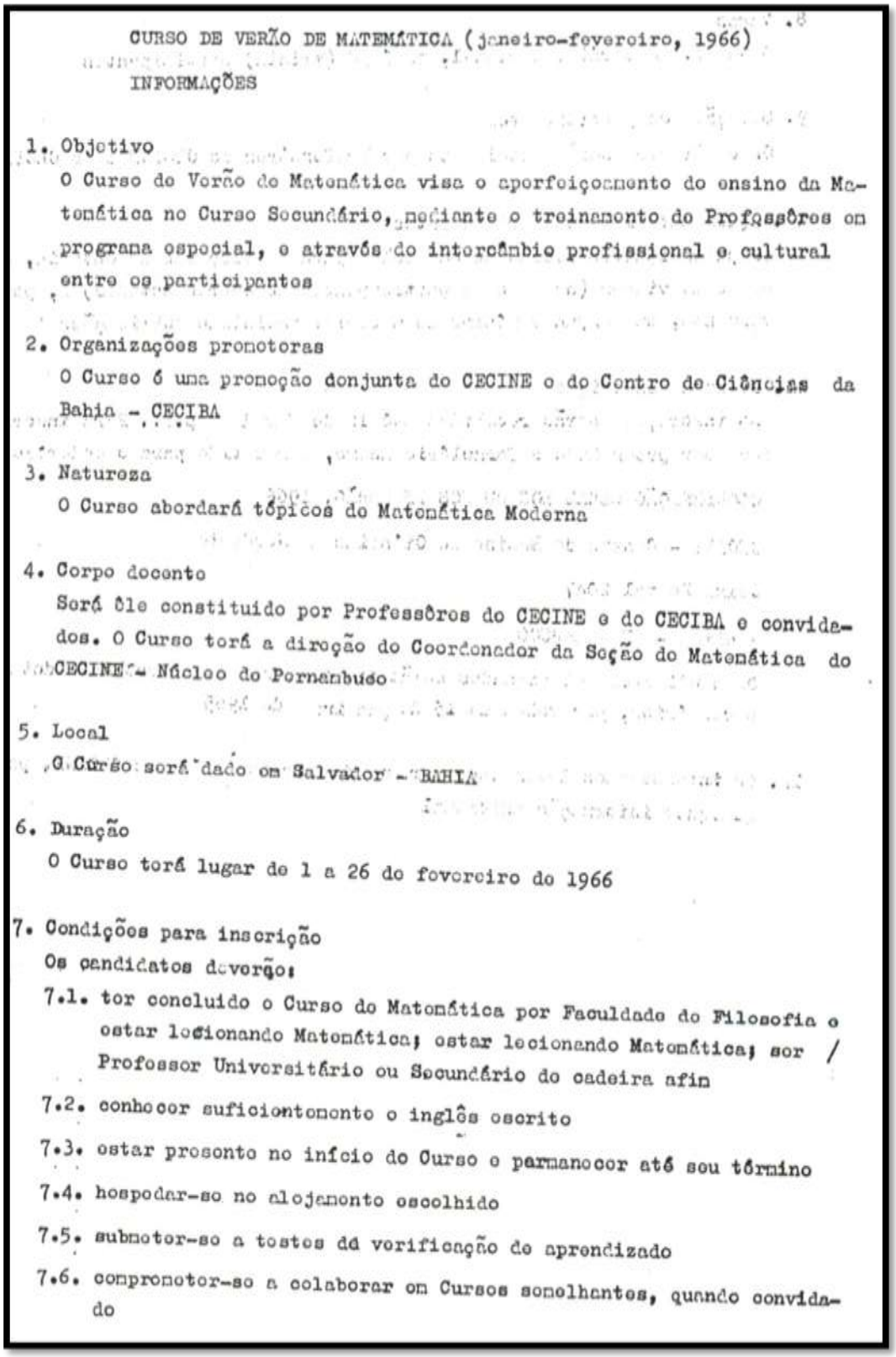
Natal - RN., em 05 de maio de 1969

Max Cunha de Azevedo
Inspetor Seccional

APL - Mod. 1
1ª via - Para uso do interessado
2ª via - Para ser arquivada no educandário, em pasta destinada exclusivamente a êsse fim.
3ª via - Para ser arquivada na Inspetoria Seccional.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Jerônimo Rosado

REGISTRO AX - Uma das folhas do documento do CECINE encaminhado para a UFRN sobre o curso intensivo.



CURSO DE VERÃO DE MATEMÁTICA (janeiro-fevereiro, 1966)

INFORMAÇÕES

1. Objetivo

O Curso de Verão de Matemática visa o aperfeiçoamento do ensino da Matemática no Curso Secundário, mediante o treinamento de Professôres em programa especial, e através do intercâmbio profissional e cultural entre os participantes

2. Organizações promotoras

O Curso é uma promoção conjunta do CECINE e do Centro de Ciências da Bahia - CECIBA

3. Natureza

O Curso abordará tópicos de Matemática Moderna

4. Corpo docente

Será êle constituido por Professôres do CECINE e do CECIBA e convidados. O Curso terá a direção do Coordenador da Seção de Matemática do CECINE - Núcleo de Pernambuco

5. Local

O Curso será dado em Salvador - BAHIA

6. Duração

O Curso terá lugar de 1 a 26 de fevereiro de 1966

7. Condições para inscrição

Os candidatos deverão:

7.1. ter concluido o Curso de Matemática por Faculdade de Filosofia e estar lecionando Matemática; estar lecionando Matemática; ser / Professor Universitário ou Secundário de cadeira afin

7.2. conhecer suficientemente o inglês escrito

7.3. estar presente no início do Curso e permanecer até seu término

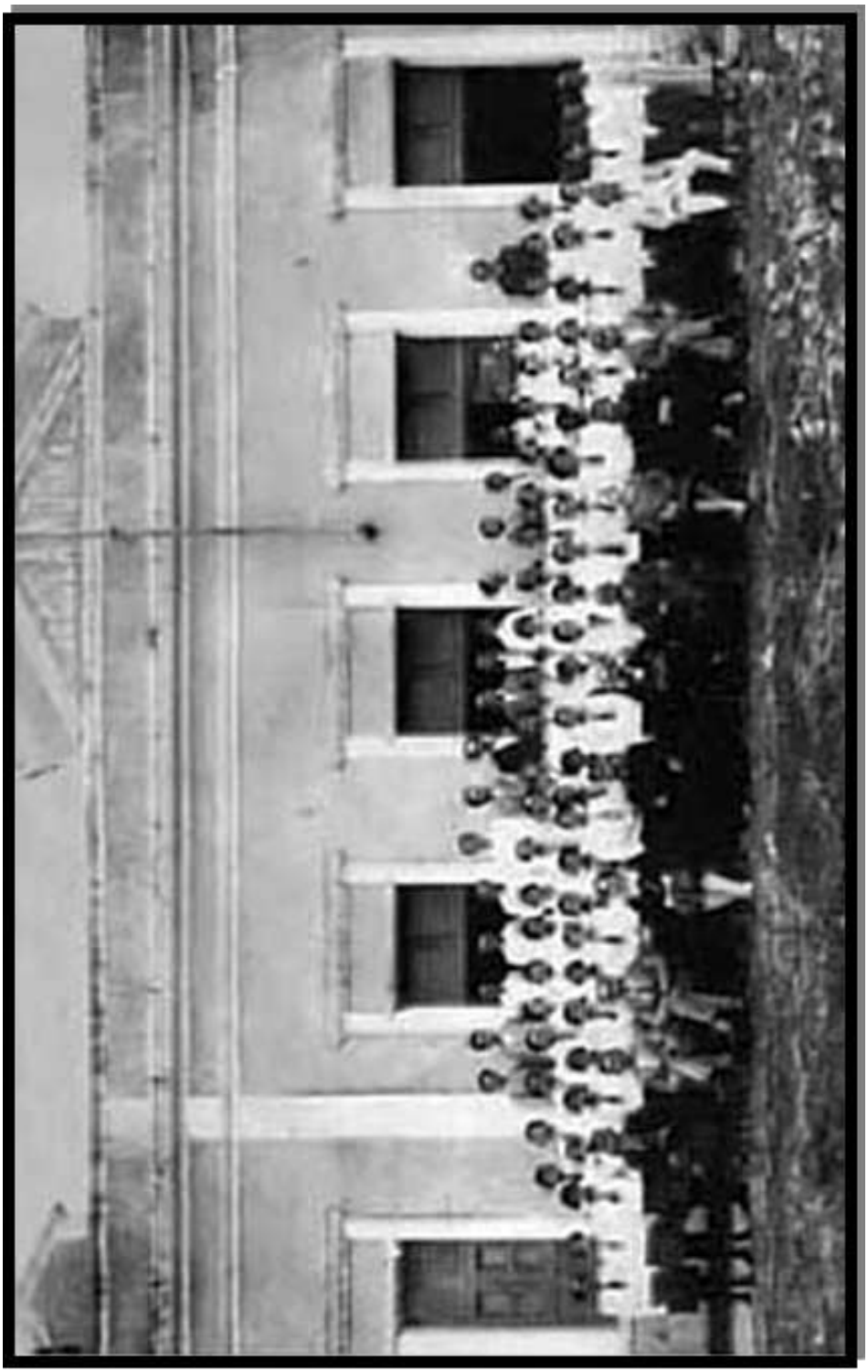
7.4. hospedar-se no alojamento escolhido

7.5. submeter-se a testes de verificação de aprendizado

7.6. compromotor-se a colaborar em Cursos semelhantes, quando convidado

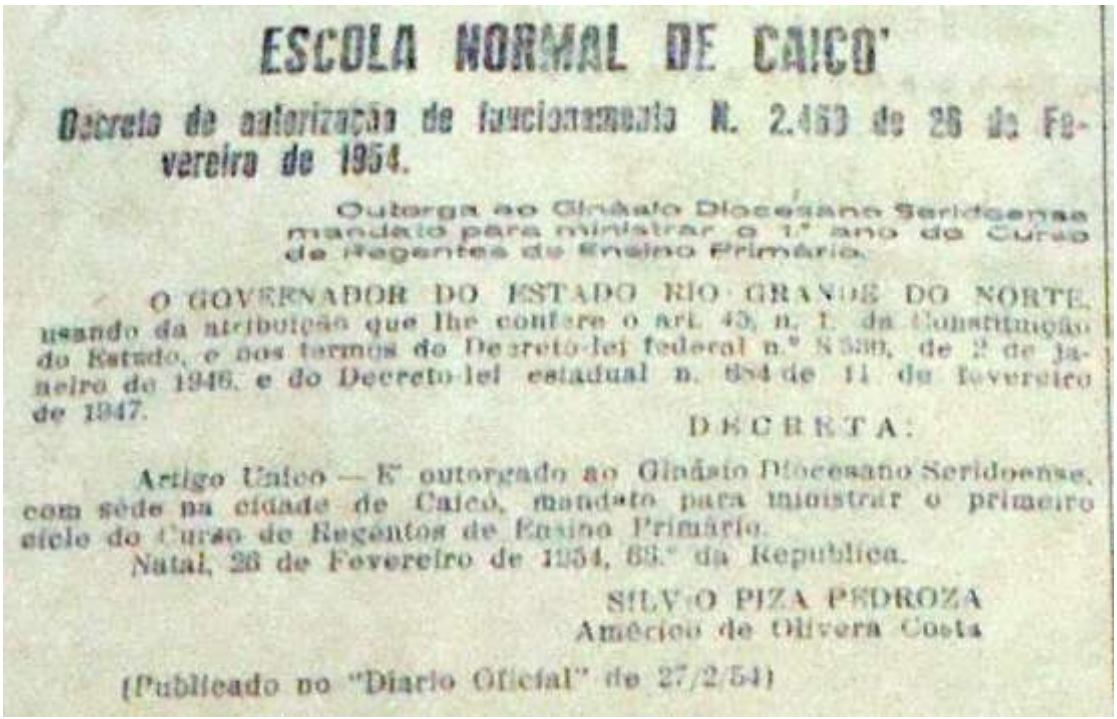
Fonte: Arquivo pessoal da Profª. Dra. Arlete de Jesus Brito.

REGISTRO AY - Escola Normal Primária de Mossoró, foto de 1924.



Fonte: http://telescope.zip.net/arch2009-12-01_2009-12-31.html

REGISTRO AZ – Nota publicada na edição Nº1 do Jornal A Folha, autorizando o funcionamento da Escola Normal de Caicó (Caicó, 1954).



ESCOLA NORMAL DE CAICÓ

Decreto de autorização de funcionamento N. 2.453 de 26 de Fevereiro de 1954.

Outorga ao Ginásio Diocesano Seridoense mandato para ministrar o 1.º ano do Curso de Regentes de Ensino Primário.

O GOVERNADOR DO ESTADO RIO GRANDE DO NORTE, usando da atribuição que lhe confere o art. 43, n. 1, da Constituição do Estado, e nos termos do Decreto-lei federal n.º 8.530, de 2 de janeiro de 1946, e do Decreto-lei estadual n. 884 de 11 de fevereiro de 1947.

DECRETA:

Artigo Unico — E' outorgado ao Ginásio Diocesano Seridoense, com séde na cidade de Caicó, mandato para ministrar o primeiro ciclo do Curso de Regentes de Ensino Primário.

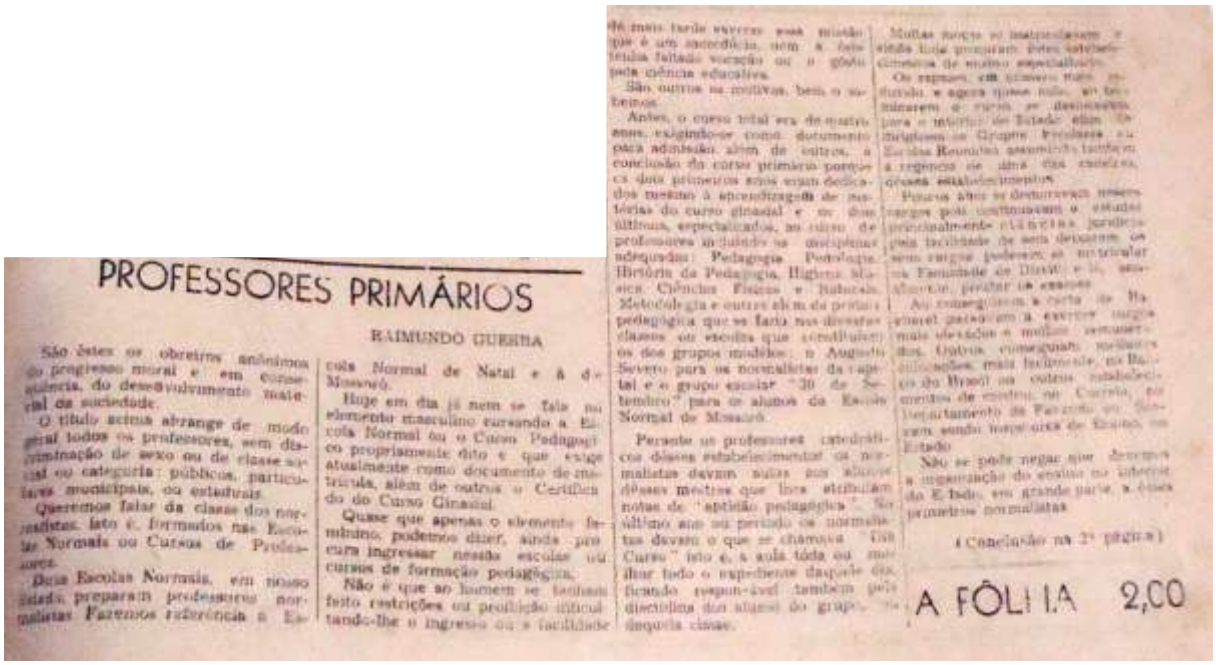
Natal, 26 de Fevereiro de 1954, 66.º da Republica.

SILVIO PIZA PEDROZA
Amêrico de Oliveira Costa

(Publicado no "Diario Oficial" de 27/2/54)

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BA – Nota sobre professores primários publicada na edição Nº 45 do Jornal A Folha (Caicó, 1955).



PROFESSORES PRIMÁRIOS

RAIMUNDO GUERRA

São êstes os obreiros anônimos do progresso moral e em consequência, do desenvolvimento material da sociedade.

O título acima abrange de modo geral todos os professores, sem discriminação de sexo ou de classe social ou categoria: públicos, particulares municipais, ou estaduais.

Queremos falar da classe dos normalistas, isto é, formados nas Escolas Normais ou Cursos de Professores.

Duas Escolas Normais, em nossa cidade, preparam professores normalistas. Fazemos referência à Escola Normal de Natal e à de Mossoró.

Hoje em dia já nem se fala no elemento masculino cursando a Escola Normal ou o Curso Pedagógico propriamente dito e que exige atualmente como documento de matrícula, além de outros o Certificado do Curso Ginasial.

Quase que apenas o elemento feminino, podemos dizer, ainda procura ingressar nessas escolas ou cursos de formação pedagógica.

Não é que ao homem se tenham feito restrições ou proibição dificultando-lhe o ingresso ou a facilidade de mais tarde exercer essa missão que é um sacerdócio, mas a falta de vocação ou o gôsto pelas ciências educativas.

São outros os motivos, bem o sabemos.

Antes, o curso total era de quatro anos, exigindo-se como documento para admissão além de outros, a conclusão do curso primário porque os dois primeiros anos eram dedicados mesmo à aprendizagem de matérias do curso ginasial e os dois últimos, especializados, ao curso de professores incluindo as disciplinas adequadas: Pedagogia, Psicologia, História da Pedagogia, Higiene, Música, Ciências Físicas e Naturais, Metodologia e outras além da prática pedagógica que se fazia nas diversas classes ou escolas que constituíam os dois grupos modêlos: o Augusto Severo para os normalistas do sexo masculino e o grupo escolar "30 de Setembro" para as alunas da Escola Normal de Mossoró.

Perante os professores catedráticos dêsses estabelecimentos os normalistas davam aulas aos alunos dêsses mestres que lhes atribuíam notas de "aptidão pedagógica". No último ano ou período os normalistas davam o que se chamava "Um Curso" isto é, a aula tôda ou melhor tudo o expediente daquele dia, ficando responsável também pela disciplina dos alunos do grupo daquela classe.

Muitas vêzes os inspecionavam e ainda hoje procuram êstes estabelecimentos de ensino especializado.

Os exames, em grande parte, eram feitos e agora quase todos, ao terminarem o curso se destinavam para o interior do Estado além de lecionarem no Grupo Escolar ou Escolas Reunidas assumindo também a regência de uma das cadeiras, dêsses estabelecimentos.

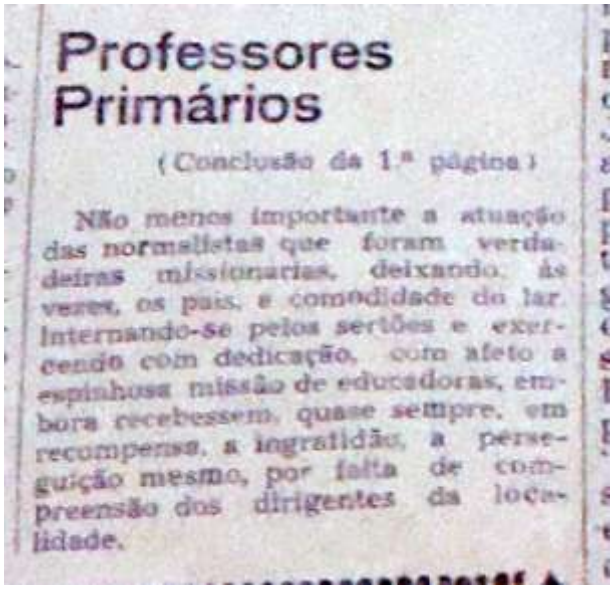
Poucos dêles se dedicavam nesses cargos pois continuavam o estudo particularmente ciências jurídicas para facilidade de sem deixarem os seus cargos poderem se matricular na Faculdade de Direito e lá, ao terminar, prestar os exames.

Ao começarem a carta de Natal geralmente a exercer cargos mais elevados e muitos ocuparam, outros começaram noivados e casamentos mais felizes, no Banco do Brasil ou outros estabelecimentos de crédito ou Correio, no Departamento de Fazenda ou Governo sendo inspetores de Ensino no Estado.

Não se pode negar que devemos a organização do ensino no interior do Estado, em grande parte, a êstes primeiros normalistas.

(Conclusão na 2ª página)

A FÔLHA 2,00



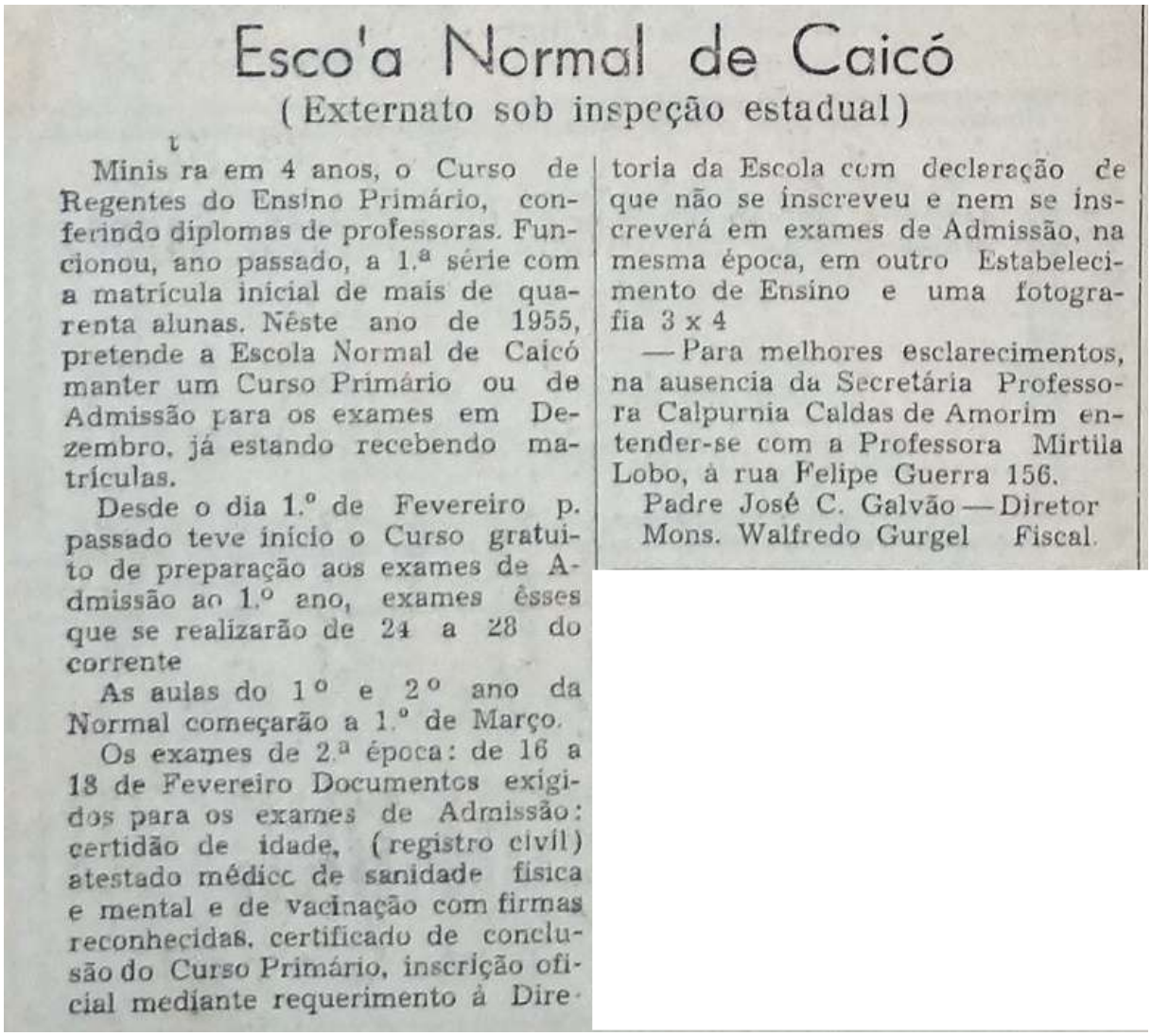
Professores Primários

(Conclusão da 1.ª página)

Não menos importante a atuação das normalistas que foram verdadeiras missionárias, deixando, às vezes, os pais, e comodidade do lar. Internando-se pelos sertões e exercendo com dedicação, com afeto a espinhosa missão de educadoras, embora recebessem, quase sempre, em recompensa, a ingratidão, a perseguição mesmo, por falta de compreensão dos dirigentes da localidade.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BB – Nota sobre Escola Normal publicada na edição Nº50 do Jornal A Folha (Caicó, 1955).



Esco'a Normal de Caicó

(Externato sob inspeção estadual)

Minis ra em 4 anos, o Curso de Regentes do Ensino Primário, conferindo diplomas de professoras. Funcionou, ano passado, a 1.ª série com a matrícula inicial de mais de quarenta alunas. Nêste ano de 1955, pretende a Escola Normal de Caicó manter um Curso Primário ou de Admissão para os exames em Dezembro, já estando recebendo matrículas.

Desde o dia 1.º de Fevereiro p. passado teve início o Curso gratuito de preparação aos exames de Admissão ao 1.º ano, exames êsses que se realizarão de 24 a 28 do corrente

As aulas do 1º e 2º ano da Normal começarão a 1.º de Março.

Os exames de 2.ª época: de 16 a 18 de Fevereiro Documentos exigidos para os exames de Admissão: certidão de idade, (registro civil) atestado médicc de sanidade fisica e mental e de vacinação com firmas reconhecidas, certificado de conclusão do Curso Primário, inscrição oficial mediante requerimento à Diretoria da Escola com declaração de que não se inscreveu e nem se inscreverá em exames de Admissão, na mesma época, em outro Estabelecimento de Ensino e uma fotografia 3 x 4

— Para melhores esclarecimentos, na ausencia da Secretária Professora Calpurnia Caldas de Amorim entender-se com a Professora Mirtila Lobo, à rua Felipe Guerra 156.

Padre José C. Galvão — Diretor
Mons. Walfredo Gurgel Fiscal.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BC – Nota sobre escolas rurais publicada na edição Nº55 do Jornal A Folha (Caicó, 1955).



ESCOLAS RURAIS

Prof. RAIMUNDO GUERRA

Tornando-se difícil a disseminação dos Grupos Escolares ou mesmo Escolas Reunidas no interior dos municípios, não apenas pela falta da matrícula suficiente e sim pela dificuldade de obter os prédios e o aparelhamento escolar, isto é, o mobiliário e material pedagógico e de consumo os de expediente e, pela necessidade da difusão do ensino primário, foram criadas as Escolas Rurais, antigas Escolas Rudimentares ou Isoladas para as quais foram, de preferência, contratadas moças, portadoras do certificado do Curso Primário.

O problema da hospedagem da professôra e do prédio e mobiliário, embora modesto, foi logo resolvido graças à boa vontade e patriotismo do proprietário da fazenda a quem interessava a instrução para seus filhos e os dos camaradas ou moradores de seu sítio, na realidade fatôres de seu progresso material e bem-estar.

Tais escolas têm prestado inestimáveis benefícios a instrução em nosso Estado.

Grande parte dos alunos cujos pais dispõem de algum recurso, após a conclusão dos estudos nesses modestos estabelecimentos de ensino, vem para a sêde do município, onde ficam em casas de parentes ou amigos, se os pais não se transferem também, e se matriculam no Grupo Escolar, muitas vêzes, com proveito, no 5º ano, apesar de sua escola ministrar o programa do 3º ano primário E' que muitas pro-

(Conclusão na 2ª página)

Escolas...

(Conclusão da 1ª página)

fessôras, mais dedicadas a diligenciaram êsses alunos ensinando lhes o programa do 4º ano.

Isso acontece, geralmente nos lugares de pouca freqüência ou matrícula.

Essas Escolas Rurais, como vimos, assim se denominam apenas porque estão localizadas na zona rural. Do mesmo modo são essas professôras rurais, embora nenhum estudo tenham recebido, de ruralismo, da cultura dos campos ou da vida agrícola.

Bom seria, e muito lucraria o ensino público, se elas fôssem, previamente, preparadas e instruídas no sentido de bem desempenharem a missão de educadoras especialmente sôbre a cultura do produto que representa a principal riqueza da localidade.

Tratando-se da cultura do algodão, fácil seria ministrar noções sôbre o seu plantio, cultivo, colheita, combate às pragas.

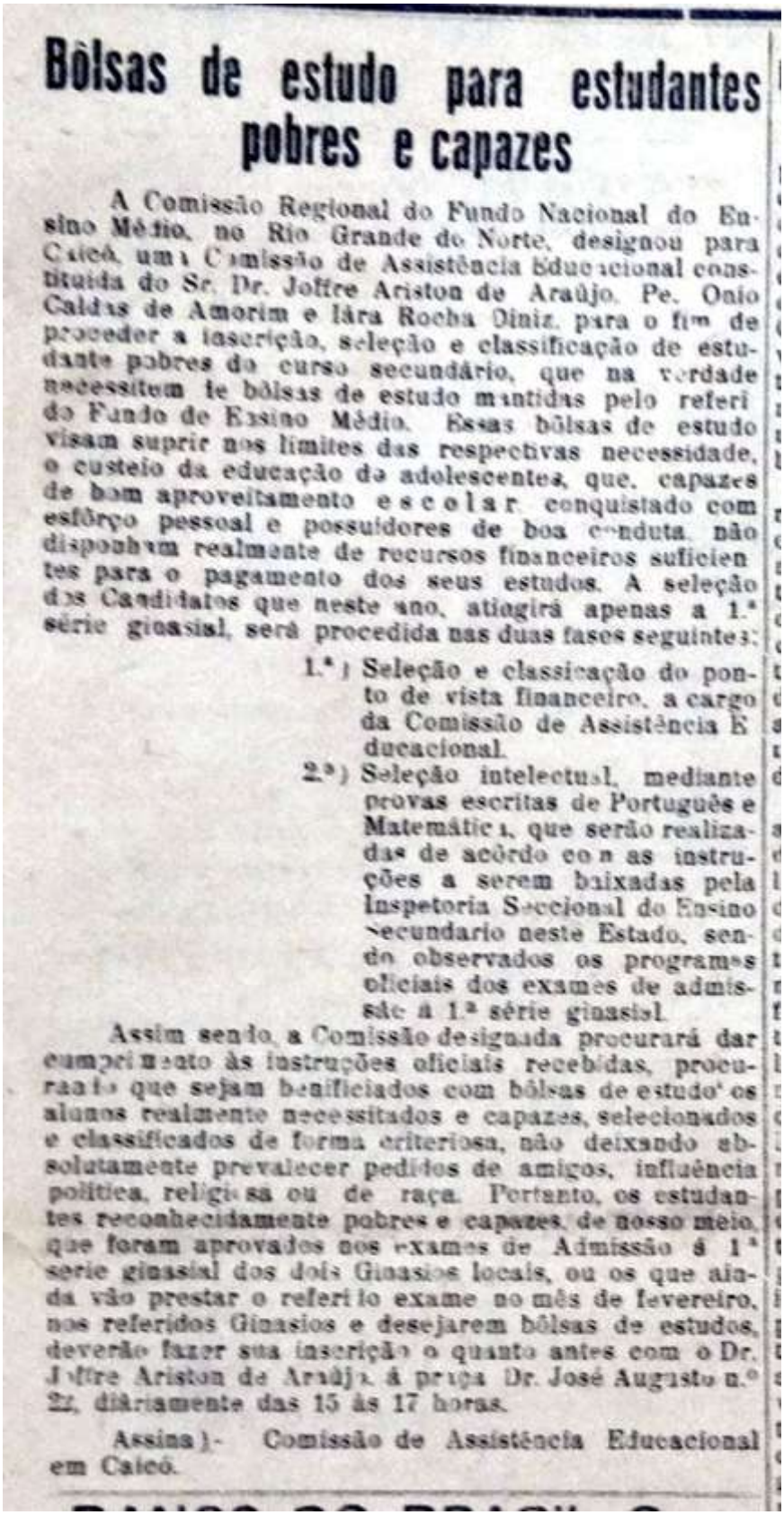
Outras noções sôbre a economia rural, armazenamento de forragem, enfolamento de cereais. Defesa ou combate às secas ou medidas preventivas para enfrentar êsse flagelo periódico. Tudo, enfim, depende da dedicação, do amor à profissão por parte dessas que se responsabilizam pela regência de uma escola.

Em vista de a situação financeira do Estado não permitir o aumento da verba para fiscalização do ensino e ser pequeno o número de Inspetores de Ensino, muitas escolas, privadas da assistência técnica e das visitas oficiais, tão necessárias, jazem no abandono.

Em alguns casos, felizmente muito poucos, a professôra se mostra desinteressada deixando, às vêzes, de dar aulas, surgindo os casos que se resolvem fàcilmente havendo o apôio do proprietário e moradores da localidade e a intervenção do govêrno por intermédio dos Inspetores de Ensino que melhor orientará, precisando mesmo, em alguns casos, uma propaganda afim de que a Escola Rural possa preencher sua elevada finalidade educativa nos rincões mais remotos, no interior do Estado.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BD – Nota sobre bolsas de estudo publicada na edição Nº99 do Jornal A Folha (Caicó, 1956).



Bôlsas de estudo para estudantes pobres e capazes

A Comissão Regional do Fundo Nacional do Ensino Médio, no Rio Grande do Norte, designou para Caicó, uma Comissão de Assistência Educacional constituida do Sr. Dr. Joffre Ariston de Araújo, Pe. Onio Caldas de Amorim e Iára Rocha Diniz, para o fim de proceder a inscrição, seleção e classificação de estudante pobres do curso secundário, que na verdade necessitem de bôlsas de estudo mantidas pelo referido Fundo de Ensino Médio. Essas bôlsas de estudo visam suprir nos limites das respectivas necessidade, o custeio da educação de adolescentes, que, capazes de bom aproveitamento escolar conquistado com esfôrço pessoal e possuidores de boa conduta, não disponham realmente de recursos financeiros suficientes para o pagamento dos seus estudos. A seleção dos Candidatos que neste ano, atingirá apenas a 1.ª série ginasial, será procedida nas duas fases seguintes:

1.ª) Seleção e classicação do ponto de vista financeiro, a cargo da Comissão de Assistência Educacional.

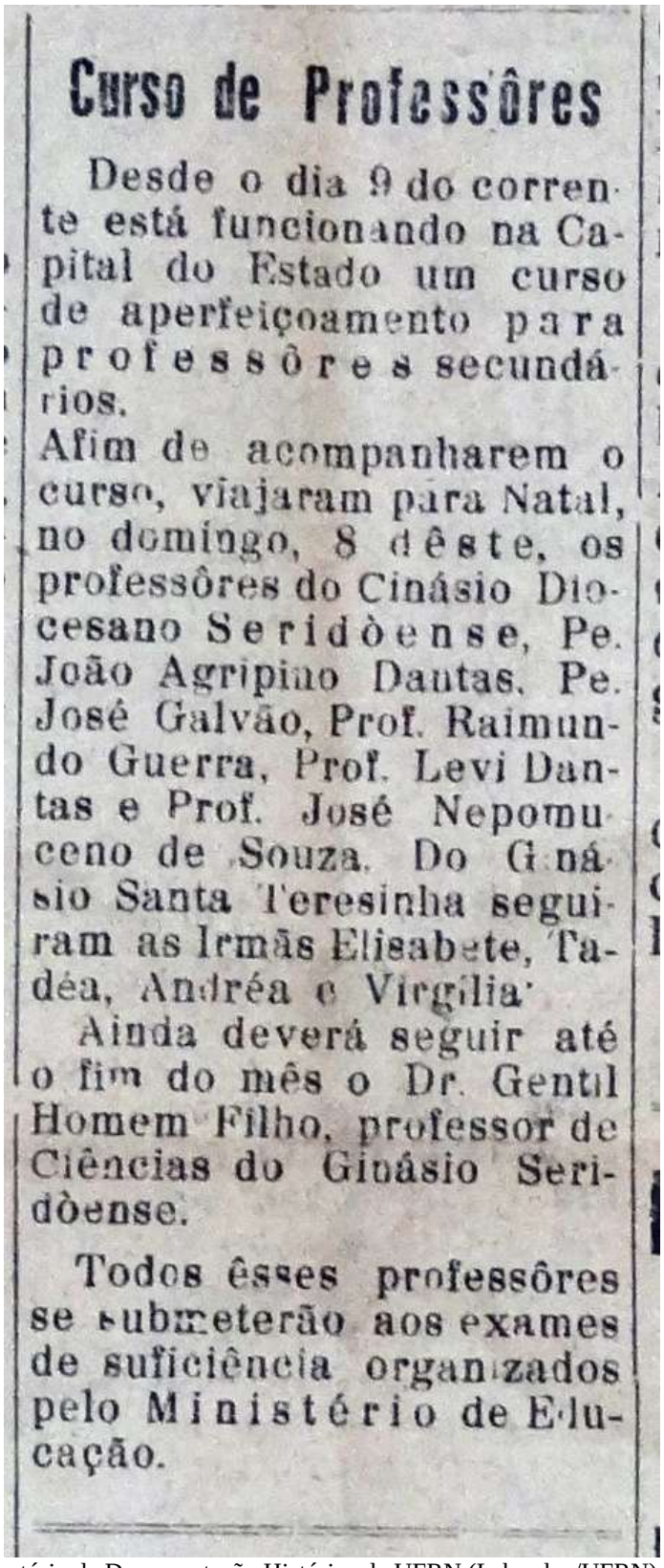
2.ª) Seleção intelectual, mediante provas escritas de Português e Matemática, que serão realizadas de acôrdo com as instruções a serem baixadas pela Inspetoria Seccional do Ensino Secundario neste Estado, sendo observados os programas oficiais dos exames de admissão á 1.ª série ginasial.

Assim sendo, a Comissão designada procurará dar cumprimento às instruções oficiais recebidas, procurando que sejam beneficiados com bôlsas de estudo os alunos realmente necessitados e capazes, selecionados e classificados de forma criteriosa, não deixando absolutamente prevalecer pedidos de amigos, influência politica, religiosa ou de raça. Portanto, os estudantes reconhecidamente pobres e capazes, de nosso meio, que foram aprovados nos exames de Admissão á 1.ª serie ginasial dos dois Ginasios locais, ou os que ainda vão prestar o referido exame no mês de fevereiro, nos referidos Ginasios e desejarem bôlsas de estudos, deverão fazer sua inscrição o quanto antes com o Dr. Joffre Ariston de Araújo á praça Dr. José Augusto n.º 22, diàriamente das 15 às 17 horas.

Assina) - Comissão de Assistência Educacional em Caicó.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BE – Nota sobre curso de aperfeiçoamento para professores secundários publicada na edição Nº99 do Jornal A Folha (Caicó, 1956).



Curso de Professôres

Desde o dia 9 do corrente está funcionando na Capital do Estado um curso de aperfeiçoamento para professôres secundários.

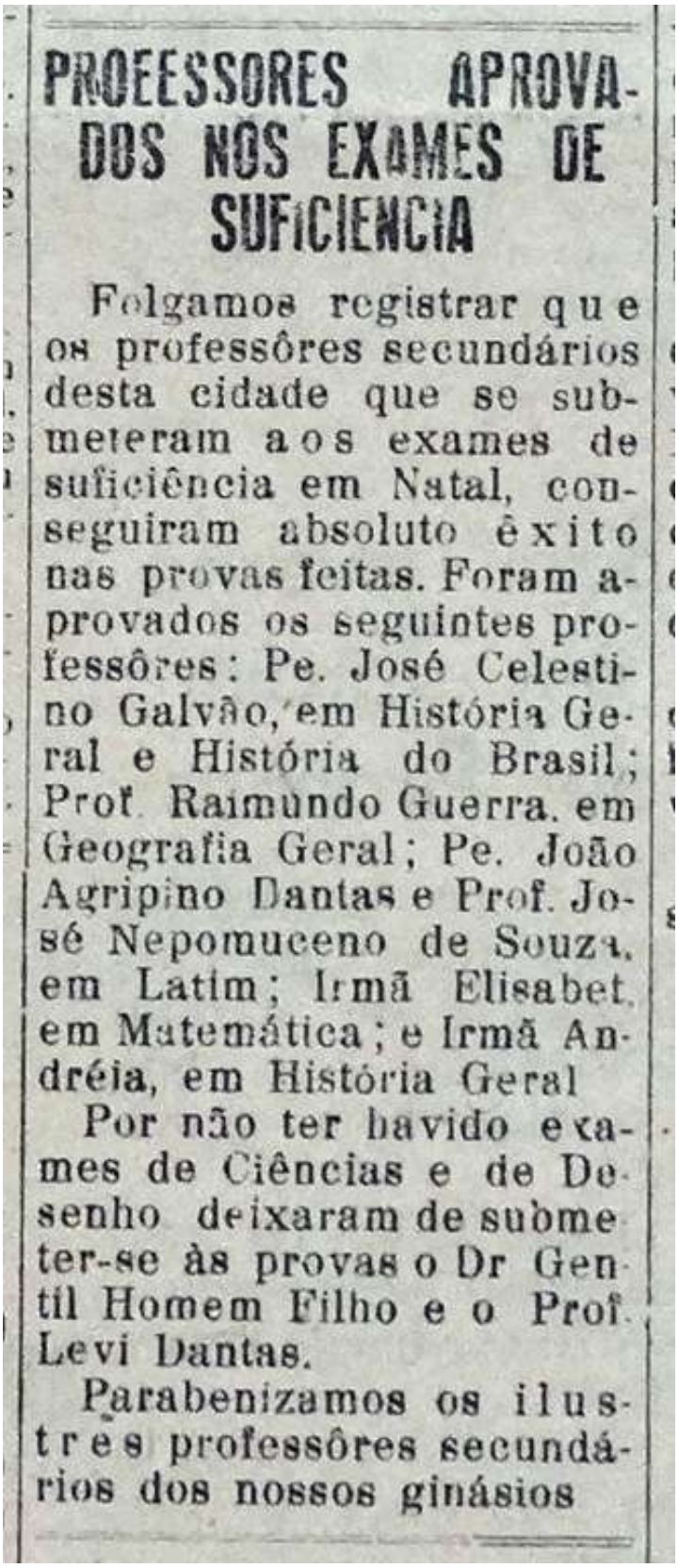
Afim de acompanharem o curso, viajaram para Natal, no domingo, 8 dêste, os professôres do Cinásio Diocesano Seridòense, Pe. João Agripino Dantas, Pe. José Galvão, Prof. Raimundo Guerra, Prof. Levi Dantas e Prof. José Nepomuceno de Souza. Do Ginásio Santa Teresinha seguiram as Irmãs Elisabete, Tadéa, Andréa e Virgília.

Ainda deverá seguir até o fim do mês o Dr. Gentil Homem Filho, professor de Ciências do Ginásio Seridòense.

Todos êsses professôres se submeterão aos exames de suficiência organizados pelo Ministério de Educação.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BF – Nota sobre professores aprovados no exame de suficiência publicada na edição Nº106 do Jornal A Folha (Caicó, 1956).



PROFESSORES APROVADOS NOS EXAMES DE SUFICIENCIA

Folgamos registrar que os professôres secundários desta cidade que se submeteram aos exames de suficiência em Natal, conseguiram absoluto êxito nas provas feitas. Foram aprovados os seguintes professôres: Pe. José Celestino Galvão, em História Geral e História do Brasil; Prof. Raimundo Guerra, em Geografia Geral; Pe. João Agripino Dantas e Prof. José Nepomuceno de Souza, em Latim; Irmã Elisabet, em Matemática; e Irmã Andréia, em História Geral

Por não ter havido exames de Ciências e de Desenho deixaram de submeter-se às provas o Dr Gentil Homem Filho e o Prof. Levi Dantas.

Parabenizamos os ilustres professôres secundários dos nossos ginásios

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BG – Nota sobre a presença masculina nas escolas publicada na edição Nº129 do Jornal A Folha (Caicó, 1956).



Diretores e Dirigentes das Escolas Primárias

RAIMUNDO GUERRA

Outro problema ainda difícil de resolver é a escolha de elementos diretores para os Grupos Escolares e Escolas Reunidas, neste Estado.

Em primeiro lugar é a falta ainda notável de professôres diplomados, especialmente em se tratando do interior do Estado pois na Capital sempre se encontram em número regular embora muitos venham a exercer outras profissões que não o magistério por falta de vagas.

Em segundo lugar a escolha do elemento masculino talvez mais indicado para enfrentar as situações mais difíceis pois terão de resolver sempre os numerosos casos de alunos, pais ou responsáveis déstes alunos e até mesmo referentes às professôras ou funcionários do estabelecimento.

E' preciso, então, agir com prudência e justiça para não criar "casos", sem falar no encargo da escrituração escolar, estatísticas, extratos de ponto, matrícula, ofícios, conservação do prédio, festivais escolares e muitos outros serviços inesperados e o contrôle das escolas do município inclusive os cursos de alfabetização de adultos.

Agora são raríssimos os rapazes que façam o Curso Normal ou de professôres porque além de faltar-lhes a vocação para o magistério primário não acham vantagens financeiras ao terem de iniciar a carreira após o curso, quando nou-

(Concl. na 3.ª pág.)



Diretores e dirigentes...

(Conc. da 2ª pág.)

tras profissões seriam muito melhor remunerados.

Entretanto a mulher chamada a dirigir êsses estabelecimentos de ensino, vem substituindo com eficiência êste cargo e hoje é comum dizer-se — a Diretora do Grupo ou das Escolas Reunidas porque o elemento masculino quase não existe, causando estranheza quando o diretor do Grupo é um homem ou figura apenas no seu corpo docente.

Para formar êsse mesmo corpo docente e ocupar os cargos isolados tem sido aproveitado o elemento leigo que muitas vêzes se dedica ao ensino e os resultados são extraordinários.

Os Cursos Normais Regionais do interior do Estado virão solucionar, em parte, o problema preparando "in loco" o pessoal especializado para essa importante tarefa.

Nos últimos tempos o Departamento de Educação solicitou dos Diretores de Grupos Escolares a colaboração no sentido de fiscalizar ou pelo menos controlar o movimento escolar no município onde exercem a direção do Grupo que é o centro de convergência dos professôres de cursos isolados. Já é um meio de suprir a falta dos Inspetores de Ensino.

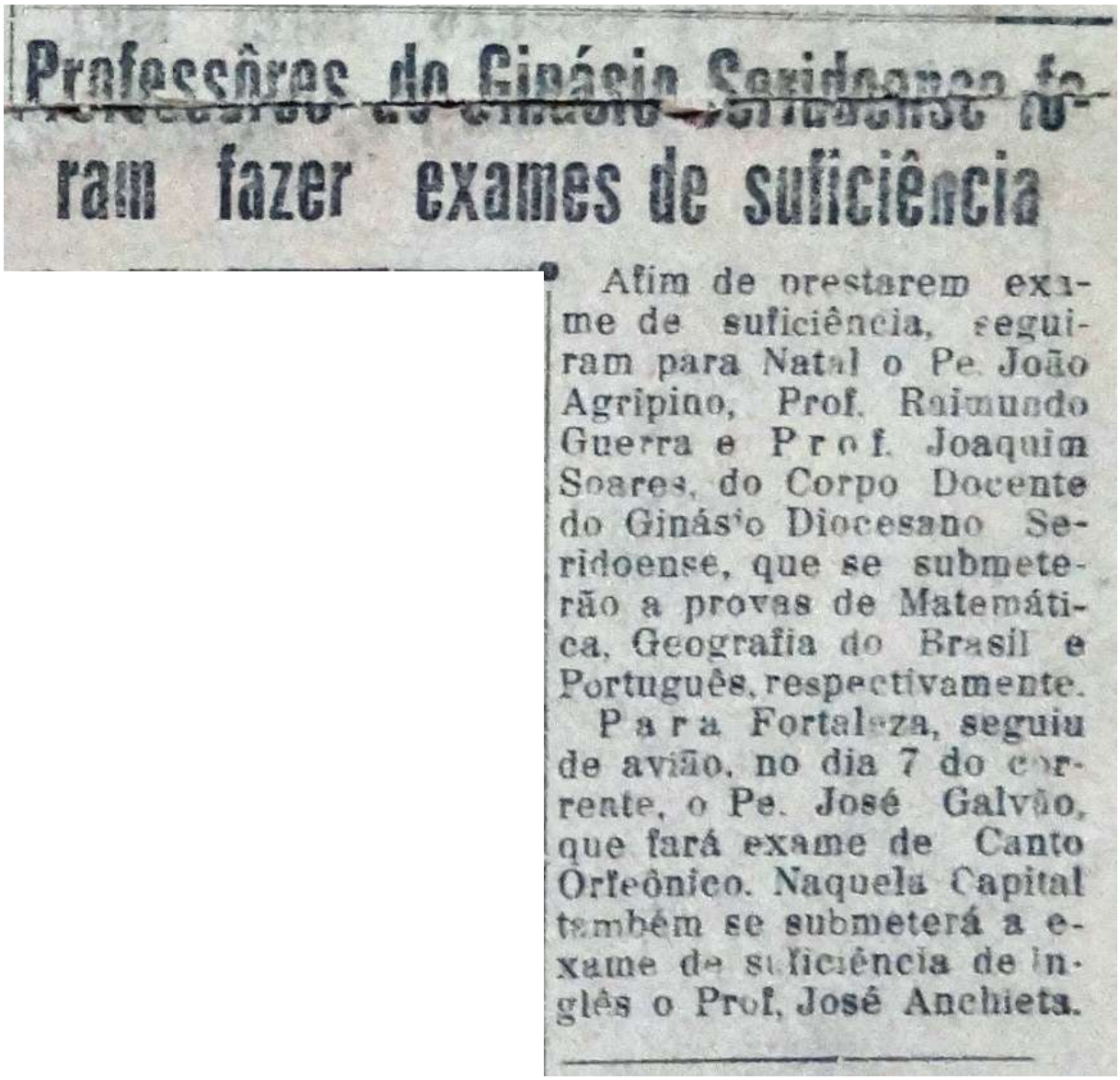
Se o Diretor não pode pode deixar seu estabelecimento para visitar uma escola, às vêzes distante da sêde, poderá tomar informações e passar "o visto" nos resumos mensais de matrícula e freqüência dos alunos, confiando que os números contidos nos mesmos sejam verdadeiros.

Outro encargo dos Diretores dos Grupos é promover o estágio das professôras, isto mesmo ficando muito a desejar quanto ao proveito dêsses estágios aos quais os diretores não dispõem de tempo para orientá-los e as professôras que deviam dar aulas modêlo, muitas vêzes têm o mesmo preparo de suas colegas das escolas rurais.

Da boa direção do Grupo e da colaboração das professôras que o constituem depende o êxito, o valor dêsses estabelecimentos de ensino primário.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BH – Nota sobre a presença masculina nas escolas publicada na edição Nº150 do Jornal A Folha (Caicó, 1957).



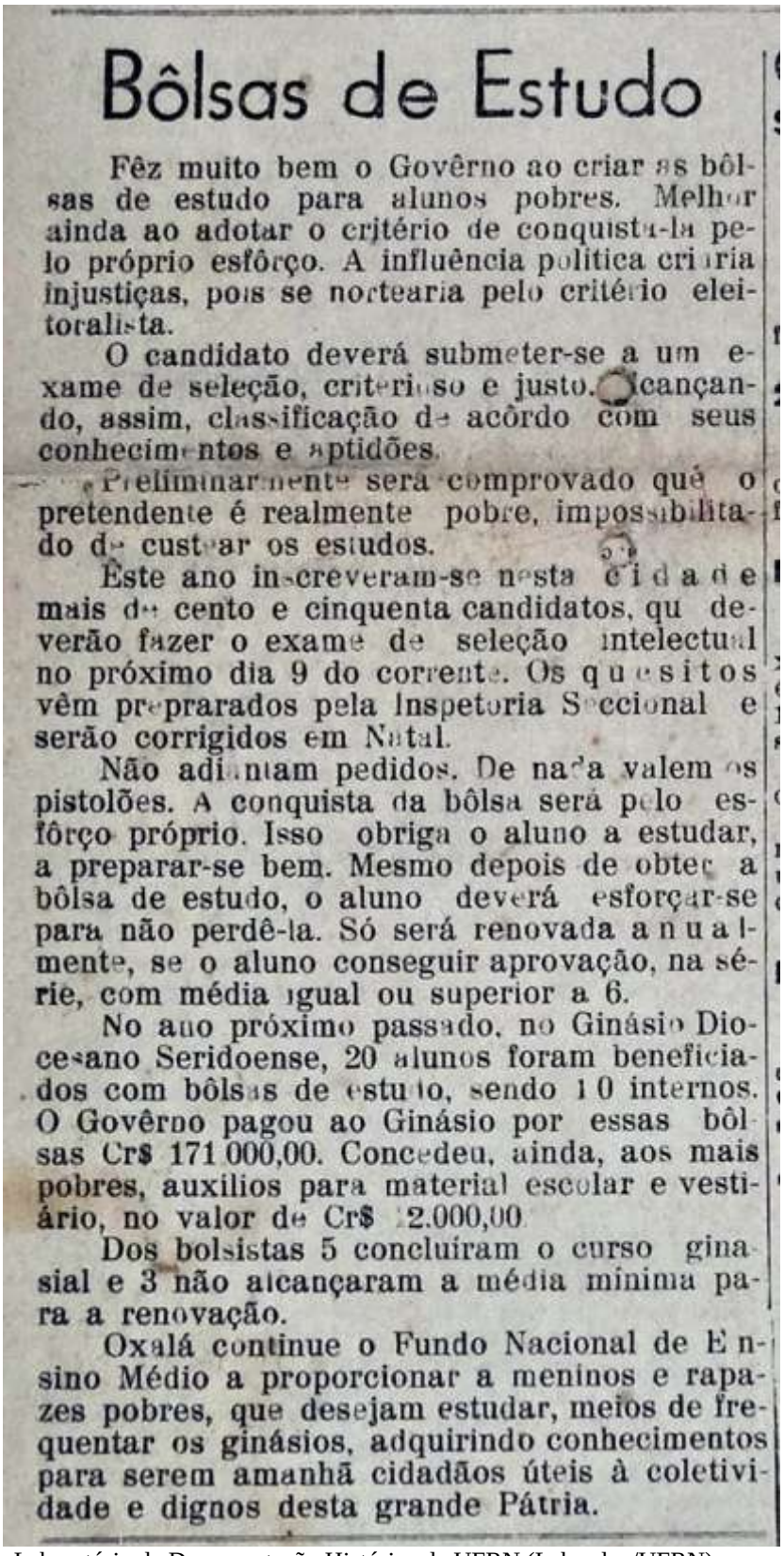
Professôres do Ginásio Seridoense foram fazer exames de suficiência

Afim de prestarem exame de suficiência, seguiram para Natal o Pe. João Agripino, Prof. Raimundo Guerra e Prof. Joaquim Soares, do Corpo Docente do Ginásio Diocesano Seridoense, que se submeterão a provas de Matemática, Geografia do Brasil e Português, respectivamente.

Para Fortaleza, seguiu de avião, no dia 7 do corrente, o Pe. José Galvão, que fará exame de Canto Orfeônico. Naquela Capital também se submeterá a exame de suficiência de inglês o Prof. José Anchieta.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BI – Nota sobre bolsas de estudo publicada na edição Nº253 do Jornal A Folha (Caicó, 1959).



Bôlsas de Estudo

Fêz muito bem o Govêrno ao criar as bôlsas de estudo para alunos pobres. Melhor ainda ao adotar o critério de conquista-la pelo próprio esfôrço. A influência política criaria injustiças, pois se norteaaria pelo critério eleitoralista.

O candidato deverá submeter-se a um exame de seleção, criterioso e justo, alcançando, assim, classificação de acôrdo com seus conhecimentos e aptidões.

Preliminarmente será comprovado qué o pretendente é realmente pobre, impossibilitado de custear os estudos.

Êste ano inscreveram-se nesta cidade mais de cento e cinquenta candidatos, qu deverão fazer o exame de seleção intelectual no próximo dia 9 do corrente. Os questos vêm preprarados pela Inspetoria Seccional e serão corrigidos em Natal.

Não adiantam pedidos. De nada valem os pistolões. A conquista da bôlsa será pelo esfôrço próprio. Isso obriga o aluno a estudar, a preparar-se bem. Mesmo depois de obtec a bôlsa de estudo, o aluno deverá esforçar-se para não perdê-la. Só será renovada anualmente, se o aluno conseguir aprovação, na série, com média igual ou superior a 6.

No ano próximo passado, no Ginásio Diocesano Seridoense, 20 alunos foram beneficiados com bôlsas de estudo, sendo 10 internos. O Govêrno pagou ao Ginásio por essas bôlsas Cr$ 171 000,00. Concedeu, ainda, aos mais pobres, auxílios para material escolar e vestiário, no valor de Cr$ 2.000,00

Dos bolsistas 5 concluíram o curso ginasial e 3 não alcançaram a média mínima para a renovação.

Oxalá continue o Fundo Nacional de Ensino Médio a proporcionar a meninos e rapazes pobres, que desejam estudar, meios de frequentar os ginásios, adquirindo conhecimentos para serem amanhã cidadãos úteis à coletividade e dignos desta grande Pátria.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BJ – Notas sobre a Casa do Estudante de Caicó e um curso de treinamento para professores leigos publicadas na edição Nº261 do Jornal A Folha (Caicó, 1959).

Casa do Estudante

LUZARDO FERNANDES

Em quase tôdas nossas Capitais existe uma Casa para abrigar os estudantes pobres vindo de diversas partes do interior do Estado. Natal também possui a sua e sob seu teto vivem duzentos estudantes provenientes de todos os recantos do Rio G do Norte Caicó se sobressai com o maior número. Recebendo auxílios públicos quase insuficiente, lá se vive com dificuldades constantes. Mas, essa é a vida do estudante pobre Êle já está costumado a sofrer, a se alimentar grosseiramente e enfrentar noites de insônia sôbre os livros, uma vêz que passa o dia trabalhando. Lá todos são amigos existe coleguismo e muita amizade. Comungam sêos mesmos sentimentos, sentimentos de vencer para depois lutar pela sua gente, de fazer o bem em lugar do mal, de ajudar os que precisam de amparo. Aquela velha amiga inumeros favores tem prestado aos estudantes pobres do seu Estado; desde sua funsdação em 1946 até os dias de hoje. Quantos são os formados em diversas profissões e a quem deve parte dessa vitória? ... Lá se aprende a viver, a sofrer, a amar mais intensamente a sua terra. A Casa do Estudante é pobre, todavia rica porque, dos jovens se faz os homens de amanhã, homens que vão trabalhar para o engrandecimento de nossa pátria. E tão agora surgindo do nada para se projetarem no porvir. Essa Casa merece maior atenção por parte dos poderes públicos. É preciso que suas verbas sejam aumentadas, do contrário, em vista da dificuldade correrá o risco de suas portas se cerrarem. E Deus nos defenda que tal venha acontecer, porque nossa terra muito haveria de perder!

Curso de Treinamento

Raimundo Guerra

Conforme nota publicada no sábado passado devia estar se realizando nesta cidade o Curso de Treinamento, especialmente para elementos não diplomados que pretendem ingressar no Magistério Público Primário.

Resolveu, porém, o Secretário de Educação e Cultura adiar o mesmo para o mês de julho quando haverá também em Moçoró.

Agora só funcionará o da Capital, nestas duas últimas semanas, de 16 a 28 do corrente; ficando porém facultado a todo professorado do Estado que precise legalizar sua situação, isto é, queira ser nomeado

Não se pode bem avaliar o quanto valem êsses cursos de preparação para o Magistério; principalmente tratando-se de elementos leigos que se dedicam ao ensino

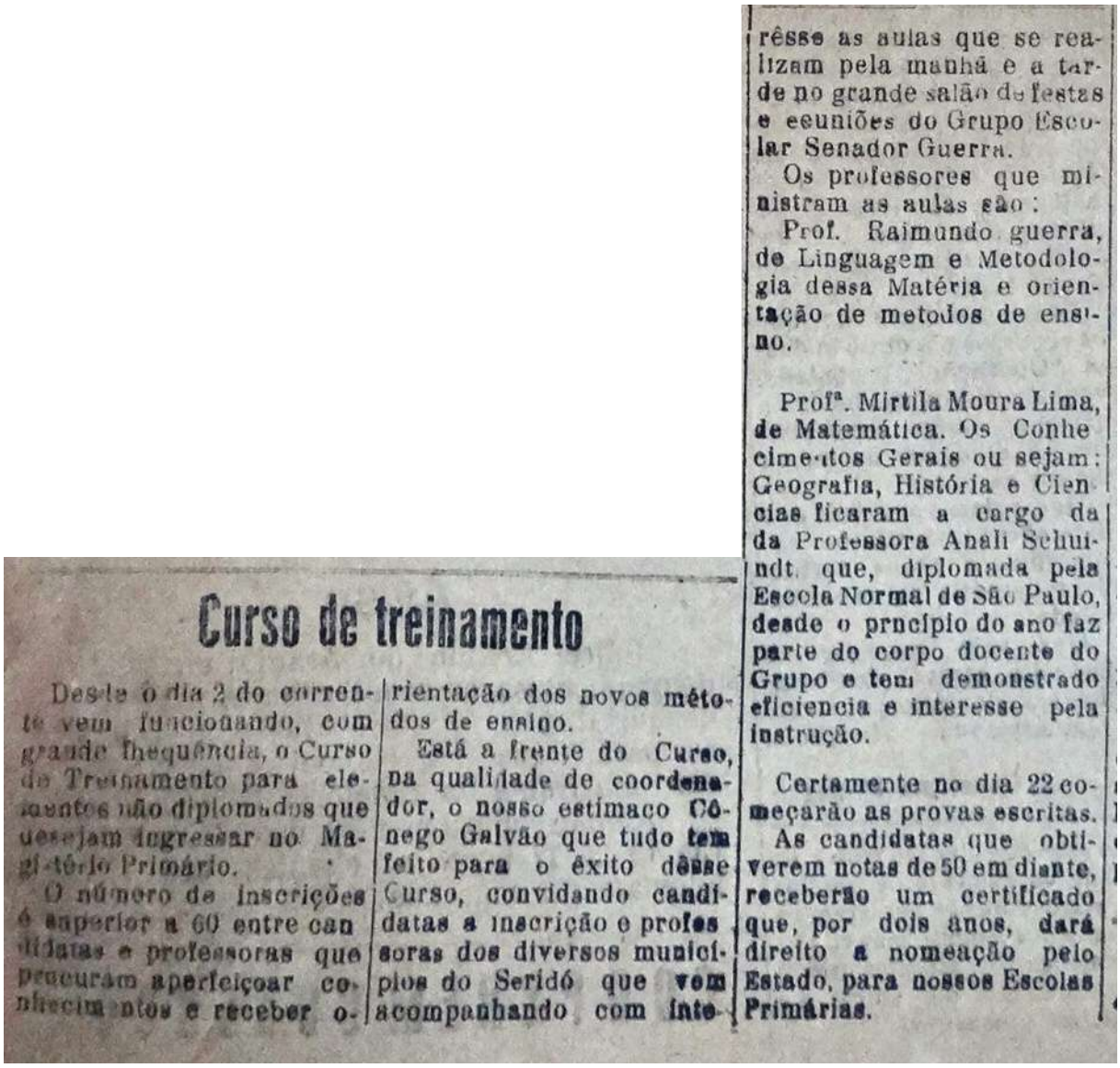
Daí a necessidade do funcionamento dos mesmos.

São cursos intensivos em que professôres e alunos (alunos mestres) se dedicam inteiramente aos problemas teóricos e práticos do ensino.

É o conhecimento da Escola Nova ou do ensino renovado de que tanto se têm preocupado os educadores dos últimos tempos. É também o que se denomina a Reforma do Ensino que no nosso Estado foi iniciado pelo então Secretário de E-

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BK – Nota sobre curso de treinamento para professores leigos publicada na edição Nº281 do Jornal A Folha (Caicó, 1959).



Curso de treinamento

Desde o dia 2 do corrente vem funcionando, com grande frequência, o Curso de Treinamento para elementos não diplomados que desejam ingressar no Magistério Primário.

O número de inscrições é superior a 60 entre candidatas e professoras que procuram aperfeiçoar conhecimentos e receber orientação dos novos métodos de ensino.

Está a frente do Curso, na qualidade de coordenador, o nosso estimaco Cônego Galvão que tudo tem feito para o êxito dêsse Curso, convidando candidatas a inscrição e professoras dos diversos municípios do Seridó que vem acompanhando com interêsse as aulas que se realizam pela manhã e a tarde no grande salão de festas e ecuniões do Grupo Escolar Senador Guerra.

Os professores que ministram as aulas são:

Prof. Raimundo guerra, de Linguagem e Metodologia dessa Matéria e orientação de metodos de ensino.

Profª. Mirtila Moura Lima, de Matemática. Os Conhecimentos Gerais ou sejam: Geografia, História e Ciencias ficaram a cargo da da Professora Anali Schuindt que, diplomada pela Escola Normal de São Paulo, desde o prncipio do ano faz parte do corpo docente do Grupo e tem demonstrado eficiencia e interesse pela instrução.

Certamente no dia 22 começarão as provas escritas.

As candidatas que obtiverem notas de 50 em diante, receberão um certificado que, por dois anos, dará direito a nomeação pelo Estado, para nossos Escolas Primárias.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BL – Nota sobre a conclusão de um curso de treinamento para professores leigos publicada na edição Nº285 do Jornal A Folha (Caicó, 1959).

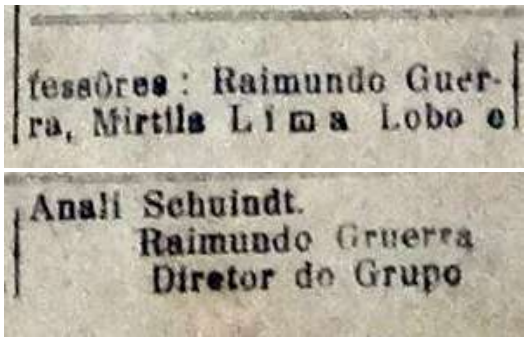


Resultado do Curso de Treinamento do Seridó

Conforme havíamos noticiado, realizou-se no mês de julho último o Curso de Treinamento para elementos não diplomados.

Inscreveram-se 60 candidatos e professôras não diplomadas. Entraram em exame 44 candidatas das quais foram aprovadas 27.

Procedentes de quase todos os municípios do Seridó acompanharam com interêsse as aulas que foram ministradas pelos pro-



fessôres: Raimundo Guerra, Mirtila Lima Lobo e

Anali Schuindt.
Raimundo Gruerra
Diretor do Grupo

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BM – Nota sobre um curso de treinamento para professores leigos publicada na edição Nº354 do Jornal A Folha (Caicó, 1960).



Curso de Treinamento

O Cônego Galvão, Diretor do Centro Educacional de Caicó, recebeu do Centro de Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação o seguinte telegrama:

Cônego José Celestino Galvão. Diretor do Centro Educacional de Caicó.

Ordem Secretário Educação deveis promover curso treinamento professores regentes A e B dessa Região que estejam em exercício, fim efetivação conformidade lei recente.

O curso obedecerá mesma orientação demais realizados nesse gênero, com início dia 7 deste prolongando-se até últimos dias dezembro.

a) Lia Campos.

Diretora do C E P

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BN – Nota sobre um curso de treinamento para professores leigos publicada no Jornal A Folha (Caicó, 1960).



Curso de Treinamento para professôres primários não diplomados

Foi adiado para o mes de fevereiro próximo o Curso de Treinamento que haviamos noticiado e que não se realizou neste mes, por motivos justo.

Nas cidades de Natal, Mossoró e Caicó, funcionarão do dia 1º ao dia 27 de fevereiro êsses cursos que também serão de aperfeiçoamento para as professôras que já ensinam e de freqüência obrigatória para aquelas que desejam ser nomeadas.

Fica marcado o dia 1º de fevereiro, às 16 horas para abertura das aulas sendo a inscrição até o dia 30 do corrente.

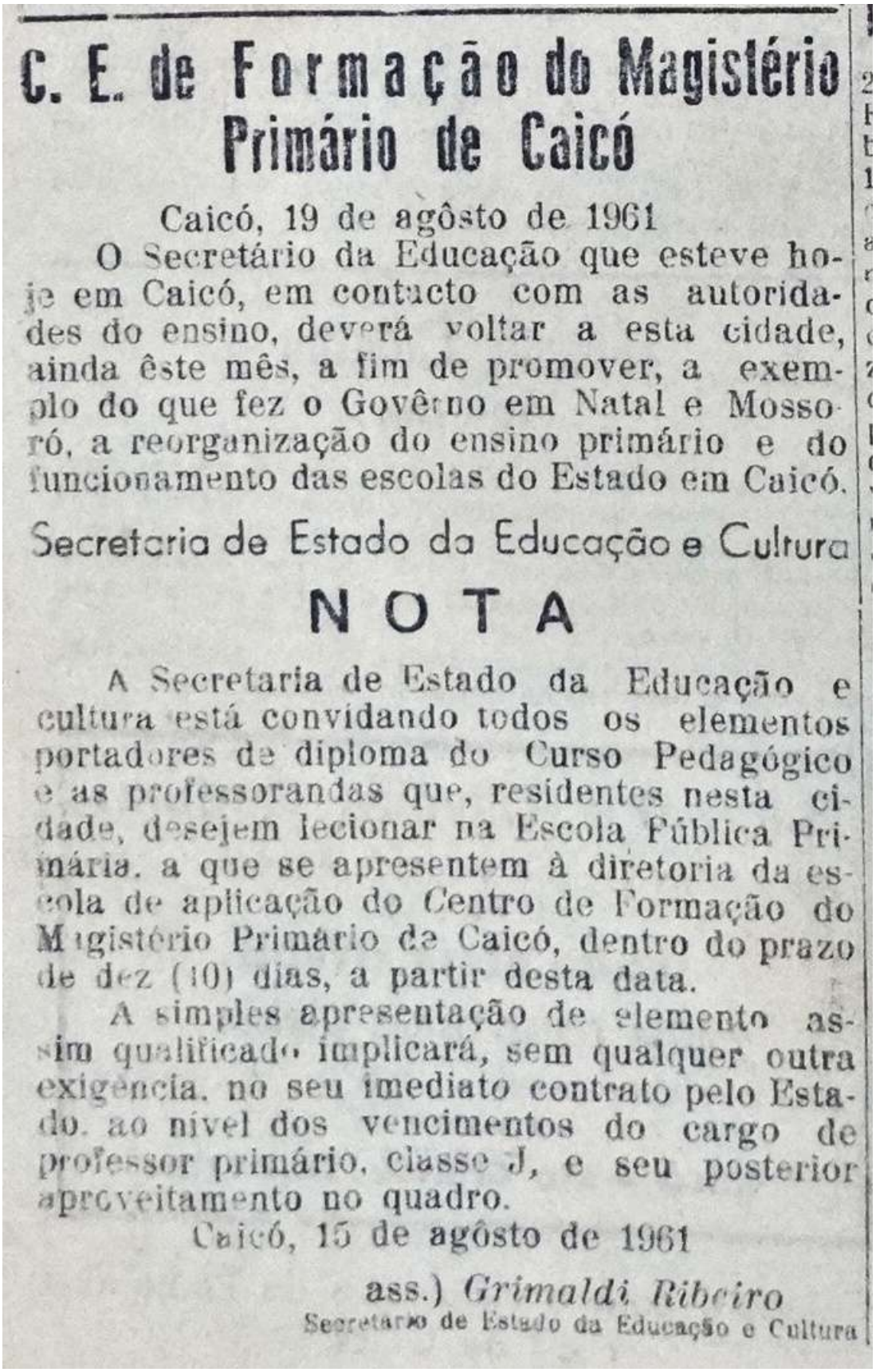
Funcionará no Grupo Escolar Senador Guerra.

Caicó, 25 / 1 / 60

RAIMUNDO GUERRA — DIRETOR

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BO – Nota publicada na edição Nº24, ano VIII, do Jornal A Folha, convocando professoras para atuarem no ensino primário (Caicó, 1961).



C. E. de Formação do Magistério Primário de Caicó

Caicó, 19 de agôsto de 1961

O Secretário da Educação que esteve hoje em Caicó, em contacto com as autoridades do ensino, deverá voltar a esta cidade, ainda êste mês, a fim de promover, a exemplo do que fez o Govêrno em Natal e Mossoró, a reorganização do ensino primário e do funcionamento das escolas do Estado em Caicó.

Secretaria de Estado da Educação e Cultura

NOTA

A Secretaria de Estado da Educação e cultura está convidando todos os elementos portadores de diploma do Curso Pedagógico e as professorandas que, residentes nesta cidade, desejem lecionar na Escola Pública Primária, a que se apresentem à diretoria da escola de aplicação do Centro de Formação do Magistério Primário de Caicó, dentro do prazo de dez (10) dias, a partir desta data.

A simples apresentação de elemento assim qualificado implicará, sem qualquer outra exigência, no seu imediato contrato pelo Estado, ao nível dos vencimentos do cargo de professor primário, classe J, e seu posterior aproveitamento no quadro.

Caicó, 15 de agôsto de 1961

ass.) *Grimaldi Ribeiro*
Secretário de Estado da Educação e Cultura

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BP – Nota sobre a dificuldade financeira da Casa da Estudante de Caicó publicada na edição Nº93, ano IX, do Jornal A Folha (Caicó, 1962).

Hermes Lima



Entre a Vida e a Morte a "Casa da Estudante"

— É numa situação das mais angustiantes e das mais tristes em que se encontra atualmente a **"Casa da Estudante"** de Caicó. Penalizados levamos ao conhecimento da Família Potiguar, através desta reportagem de Paulo Celestino, o triste drama que tem como personagem central a mocidade estudiosa das plagas seridoenses. É de estarrecer coração, ao vermos abandonados aqueles que são as esperanças de uma nação, as esperanças de um **Brasil Frustado** da atualidade.

"Entre a vida e a morte"

Todo mundo em Caicó conhece a Instituição que funciona a tanto tempo no casarão situado no cruzamento da Rua Felipe Guerra, com Av. Seridó. É a "Casa da Estudante", da benemérita "Casa da Estudante de Caicó".

O que pouca gente sabe, porém, é das grandes dificuldades, das crises negras economico financeiras que a cada dia vêm sob epojando impiedosamente aquela ENTIDADE que tanto serviço prestou às moças estudiosas da nossa terra.

O que pouca gente sabe é que a nossa "Casa da Estudante" está entre a "vida e a morte" na iminência de fechar suas portas, visto que a estas alturas os poderes públicos ainda não despacharam as verbas para auxiliar a referida INSTITUIÇÃO

(Cont. na 7ª pág.)

Entre a vida.

Cont. da 1ª pág

"O DINHEIRO NÃO VEIO"

Durante o ano de 1962, a Casa da Estudante, beneficiou cêrca de 25 moças pobres de cidades circunvizinhas, pagando as hóspedes pequenas taxas, o que veio causar um deficit superior a 200 mil cruzeiros.

Os poderes públicos comprometeram se em prestar anualmente, auxílios financeiros a essa Instituição que muito bem poderiam cobrir os prejuízos verificados no decorrer do ano.

Mas, as verbas que de direito pertencem à CASA da Estudante, porque constam no Orçamento da União e do Estado, até o momento, infelizmente, não chegaram a nossa cidade e dificilmente chegarão.

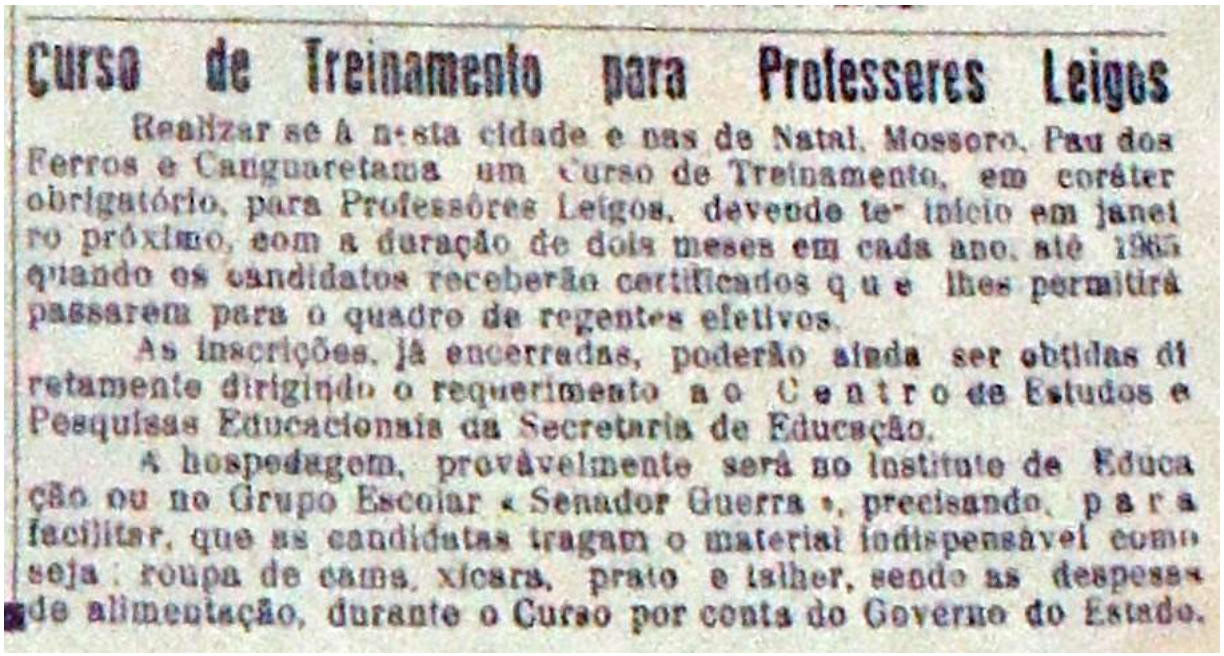
Apêlo final

Neste momento de aflição para os estudantes da região seridoense, fazemos uma tentativa final, apelando para as autoridades competentes para que tomem as mais sérias providências, no sentido de salvar uma organização que sempre esteve a serviço da coletividade e da Patria.

A Casa das Estudantes do Seridó cerrando suas portas por falta de auxílios dos cofres públicos representa um dos mais tristes e lamentáveis acontecim já assinalado nas páginas da história estudantil do Rio Grande do Norte.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BQ – Nota sobre realização de Curso de Treinamento para Professores Leigos publicada na edição Nº94, ano IX, do Jornal A Folha (Caicó, 1962).



Curso de Treinamento para Professores Leigos

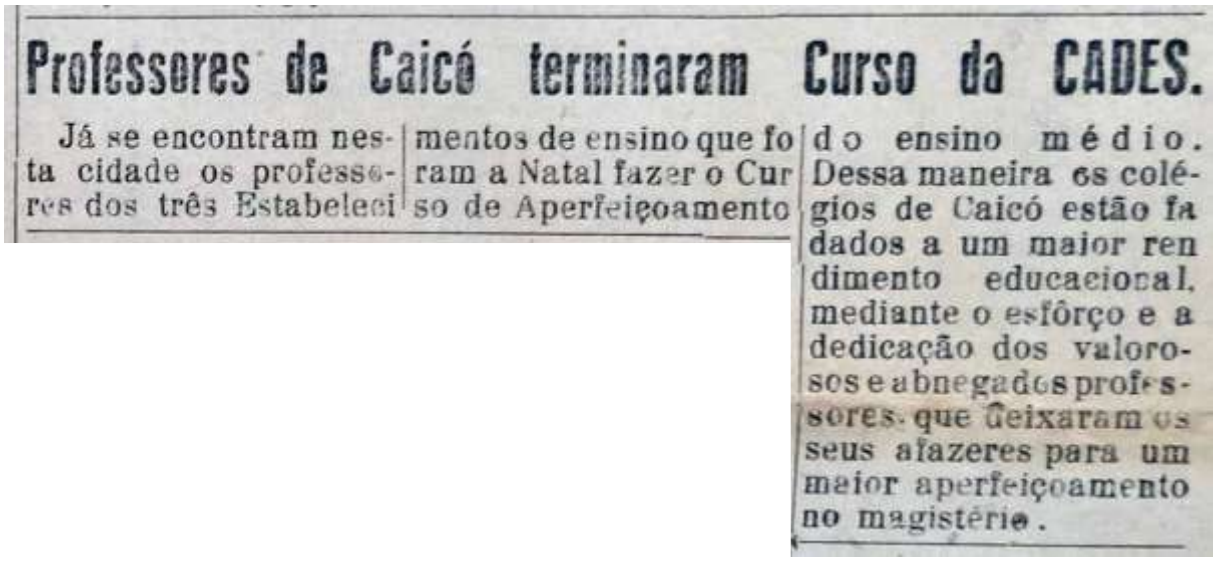
Realizar se á n:sta cidade e nas de Natal, Mossoro, Pau dos Ferros e Canguaretama um Curso de Treinamento, em coráter obrigatório, para Professôres Leigos, devendo te' inicio em janei ro próximo, com a duração de dois meses em cada ano, até 1965 quando os candidatos receberão certificados q u e lhes permitirá passarem para o quadro de regentes efetivos.

As inscrições, já encerradas, poderão ainda ser obtidas di retamente dirigindo o requerimento a o C e n t r o de Estudos e Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação.

A hospedagem, provàvelmente será no Instituto de Educa ção ou no Grupo Escolar « Senador Guerra », precisando, p a r a facilitar, que as candidatas tragam o material indispensável como seja : roupa de cama, xicara, prato e talher, sendo as despesas de alimentação, durante o Curso por conta do Governo do Estado.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BR – Nota sobre participação de professores de Caicó em curso da CADES publicada na edição Nº101, ano X, do Jornal A Folha (Caicó, 1963).

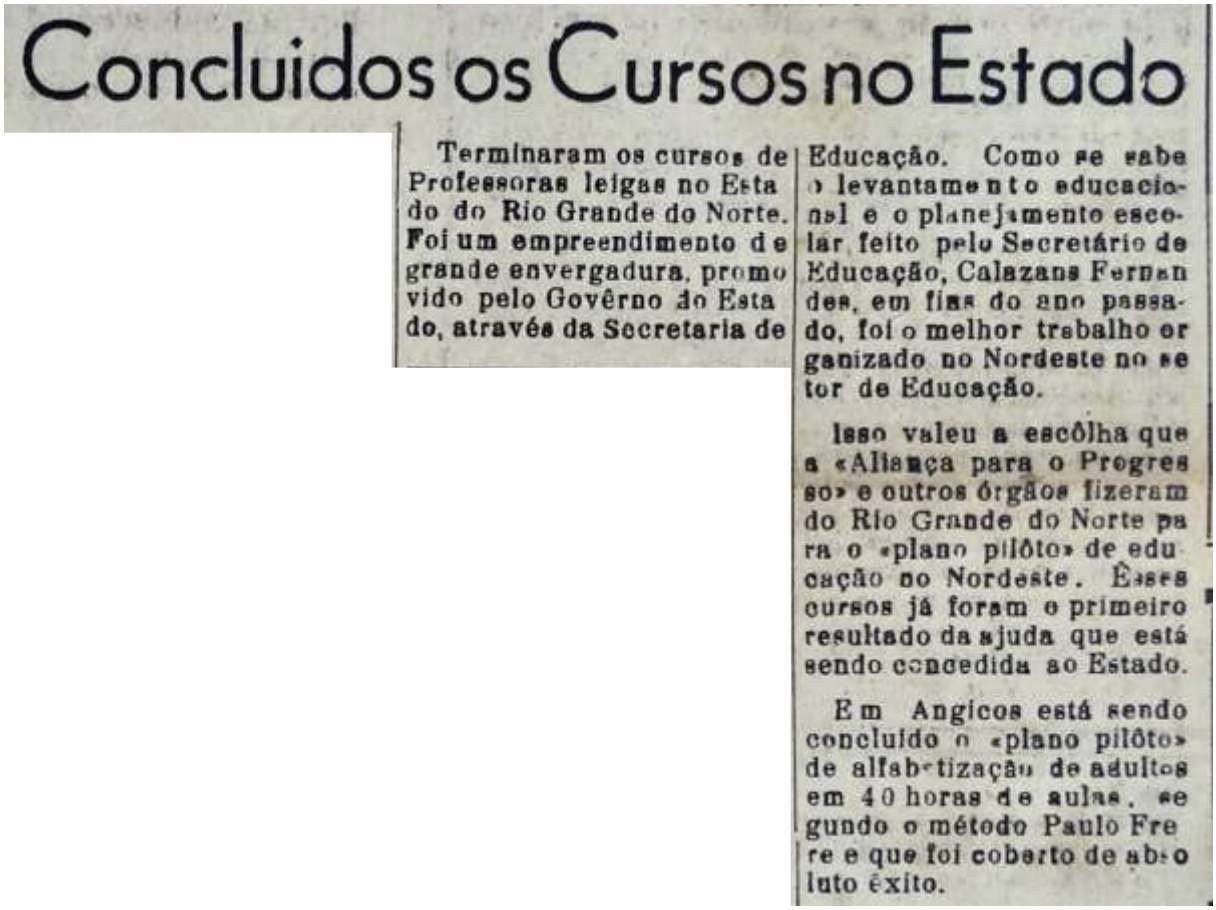


Professores de Caicó terminaram Curso da CADES.

Já se encontram nesta cidade os professores dos três Estabelecimentos de ensino que foram a Natal fazer o Curso de Aperfeiçoamento do ensino m é d i o. Dessa maneira os colégios de Caicó estão fadados a um maior rendimento educacional, mediante o esfôrço e a dedicação dos valorosos e abnegados professores que deixaram os seus afazeres para um maior aperfeiçoamento no magistério.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BS – Nota sobre a conclusão de Cursos de Treinamento para Professores Leigos publicada na edição Nº93, ano X, do Jornal A Folha (Caicó, 1963).



Concluidos os Cursos no Estado

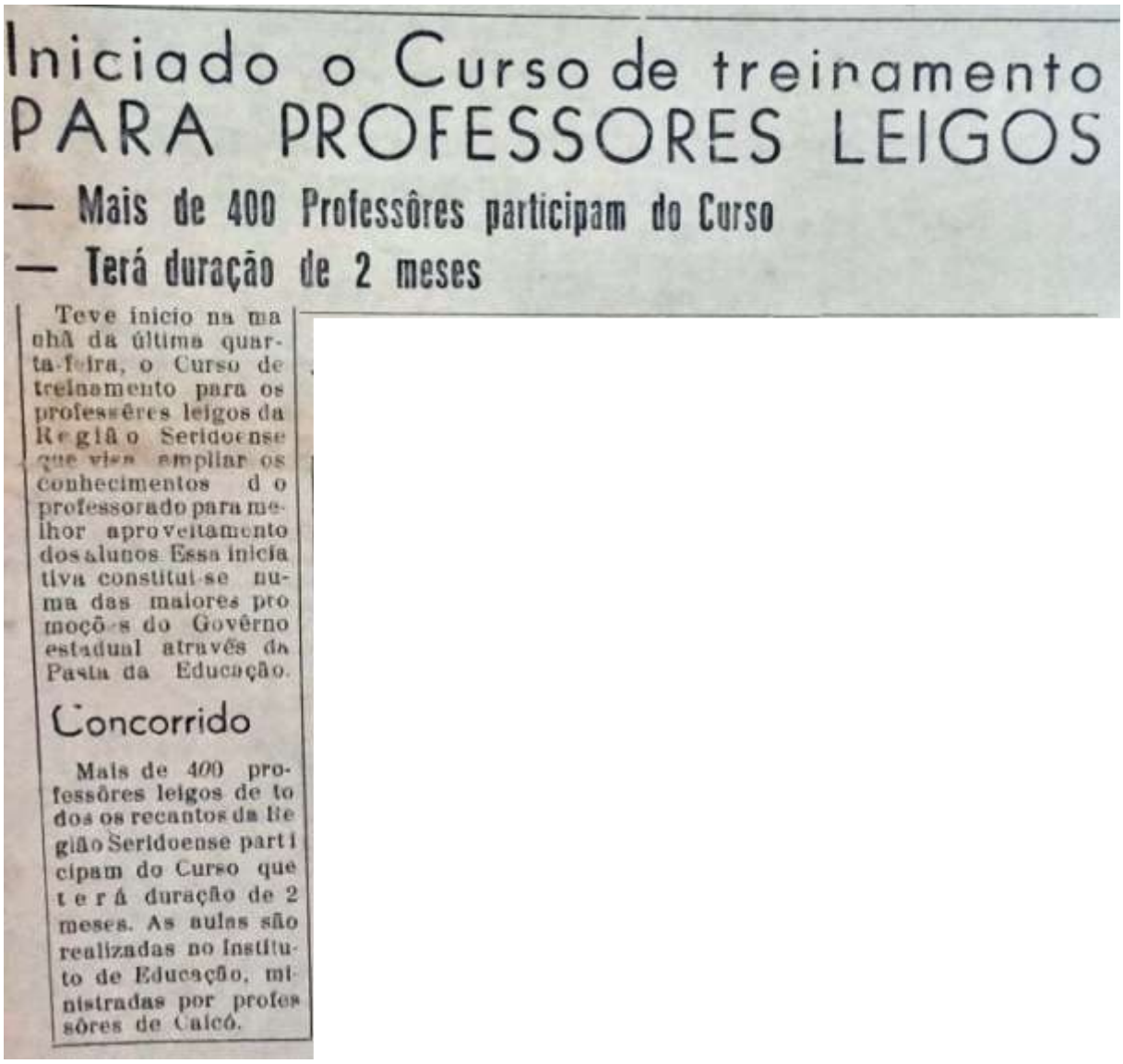
Terminaram os cursos de Professoras leigas no Estado do Rio Grande do Norte. Foi um empreendimento de grande envergadura, promovido pelo Govêrno do Estado, através da Secretaria de Educação. Como se sabe o levantamento educacional e o planejamento escolar feito pelo Secretário de Educação, Calazans Fernandes, em fins do ano passado, foi o melhor trabalho organizado no Nordeste no setor de Educação.

Isso valeu a escôlha que a «Aliança para o Progresso» e outros órgãos fizeram do Rio Grande do Norte para o «plano pilôto» de educação no Nordeste. Êsses cursos já foram o primeiro resultado da ajuda que está sendo concedida ao Estado.

Em Angicos está sendo concluido o «plano pilôto» de alfabetização de adultos em 40 horas de aulas, segundo o método Paulo Freire e que foi coberto de absoluto êxito.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BT – Nota sobre Curso de Treinamento para Professores Leigos publicada na edição Nº145, ano XI, do Jornal A Folha (Caicó, 1964).



Iniciado o Curso de treinamento
PARA PROFESSORES LEIGOS

— Mais de 400 Professôres participam do Curso
— Terá duração de 2 meses

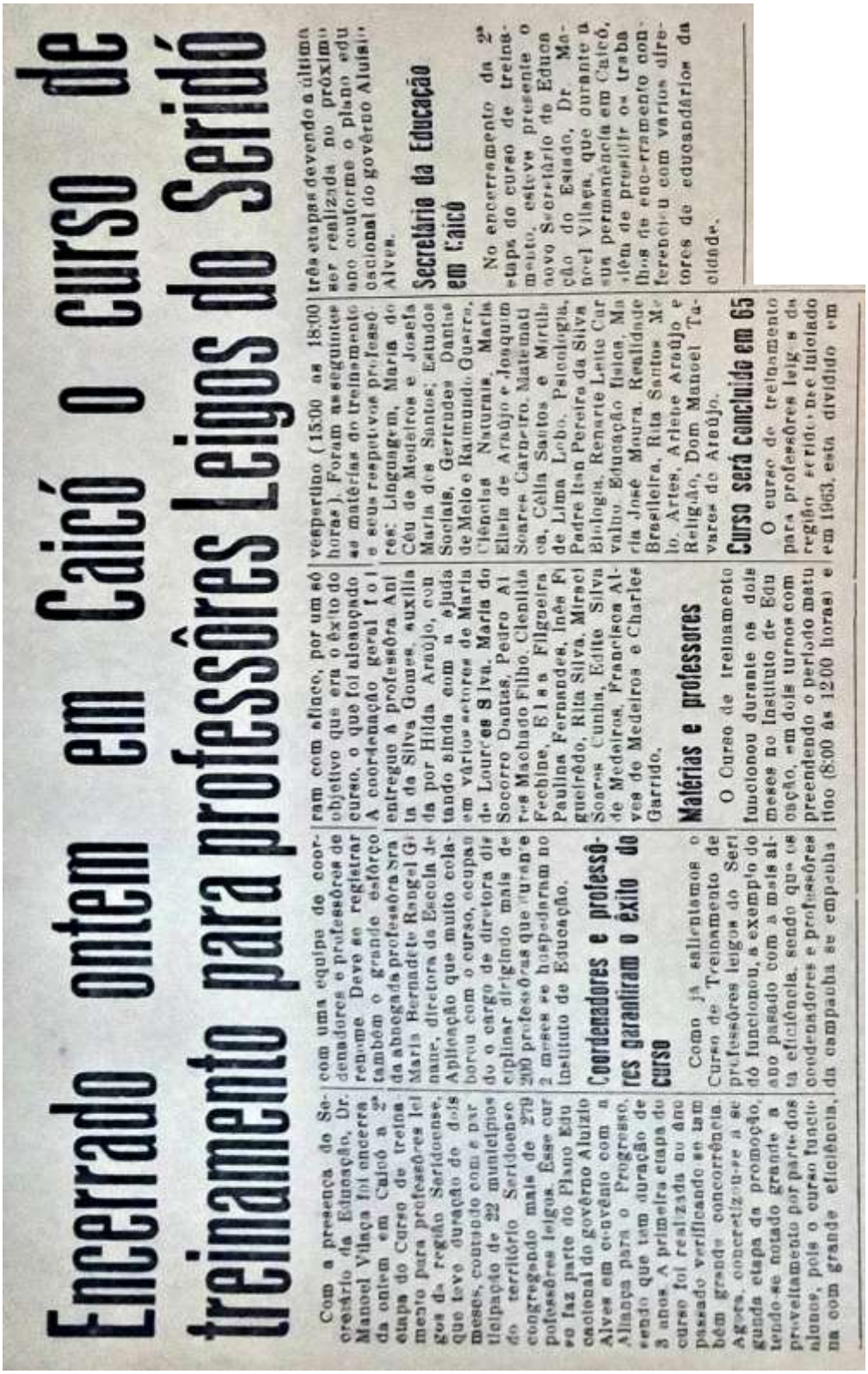
Teve início na manhã da última quarta-feira, o Curso de treinamento para os professôres leigos da Região Seridoense que visa ampliar os conhecimentos do professorado para melhor aproveitamento dos alunos. Essa iniciativa constitui-se numa das maiores promoções do Govêrno estadual através da Pasta da Educação.

Concorrido

Mais de 400 professôres leigos de todos os recantos da Região Seridoense participam do Curso que terá duração de 2 meses. As aulas são realizadas no Instituto de Educação, ministradas por professôres de Caicó.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BU – Nota sobre a conclusão de Cursos de Treinamento para Professores Leigos publicada na edição Nº157, ano XI, do Jornal A Folha (Caicó, 1964).



Encerrado ontem em Caicó o curso de treinamento para professôres Leigos do Seridó

Com a presença do Secretário da Educação, Dr. Manoel Vilaça foi encerrada ontem em Caicó a 2ª etapa do Curso de treinamento para professôres leigos da região Seridoense, que teve duração de dois meses, contando com a participação de 22 municípios do território Seridoense congregando mais de 279 professôres leigos. Êsse curso faz parte do Plano Educacional do govêrno Aluízio Alves em convênio com a Aliança para o Progresso, sendo que tem duração de 3 anos. A primeira etapa do curso foi realizada no ano passado verificando se também grande concorrência. Agora, concretizou-se a segunda etapa da promoção, tendo-se notado grande aproveitamento por parte dos alunos, pois o curso funciona com grande eficiência, com uma equipe de coordenadores e professôres de renome. Deve se registrar também o grande esfôrço da abnegada professôra Sra Maria Bernadete Rangel Gitane, diretora da Escola de Aplicação que muito colaborou com o curso, ocupando o cargo de diretora disciplinar dirigindo mais de 200 professôras que durante 2 meses se hospedaram no Instituto de Educação.

Coordenadores e professôres garantiram o êxito do curso

Como já salientamos o Curso de Treinamento de professôres leigos do Seridó funcionou, a exemplo do ano passado com a mais alta eficiência, sendo que os coodenadores e professôres da campanha se empenharam com afinco, por um só objetivo que era o êxito do curso, o que foi alcançado. A coordenação geral foi entregue à professôra Anita da Silva Gomes, auxiliada por Hilda Araújo, contando ainda com a ajuda em vários setores de Maria de Lourdes Silva, Maria do Socorro Dantas, Pedro Alves Machado Filho, Clenilda Fechine, Elsa Filgueira Paulina Fernandes, Inês Figueirêdo, Rita Silva, Miraci Soares Cunha, Edite Silva de Medeiros, Francisca Alves de Medeiros e Charles Garrido.

Matérias e professores

O Curso de treinamento funcionou durante os dois meses no Instituto de Educação, em dois turnos com preendendo o período matutino (8:00 às 12:00 horas) e vespertino (15:00 às 18:00 horas). Foram as seguintes as matérias do treinamento e seus respetivos professôres: Linguagem, Maria do Céu de Medeiros e Josefa Maria dos Santos; Estudos Sociais, Gertrudes Dantas de Melo e Raimundo Guerra, Ciências Naturais, Maria Elisia de Araújo e Joaquim Soares Carneiro, Matemática, Célia Santos e Mirtila de Lima Lobo, Psicologia, Padre Itan Pereira da Silva Biologia, Renarte Leite Carvalho, Educação física, Maria José Moura, Realidade Brasileira, Rita Santos Melo, Artes, Arlene Araújo e Religião, Dom Manoel Tavares de Araújo.

Curso será concluído em 65

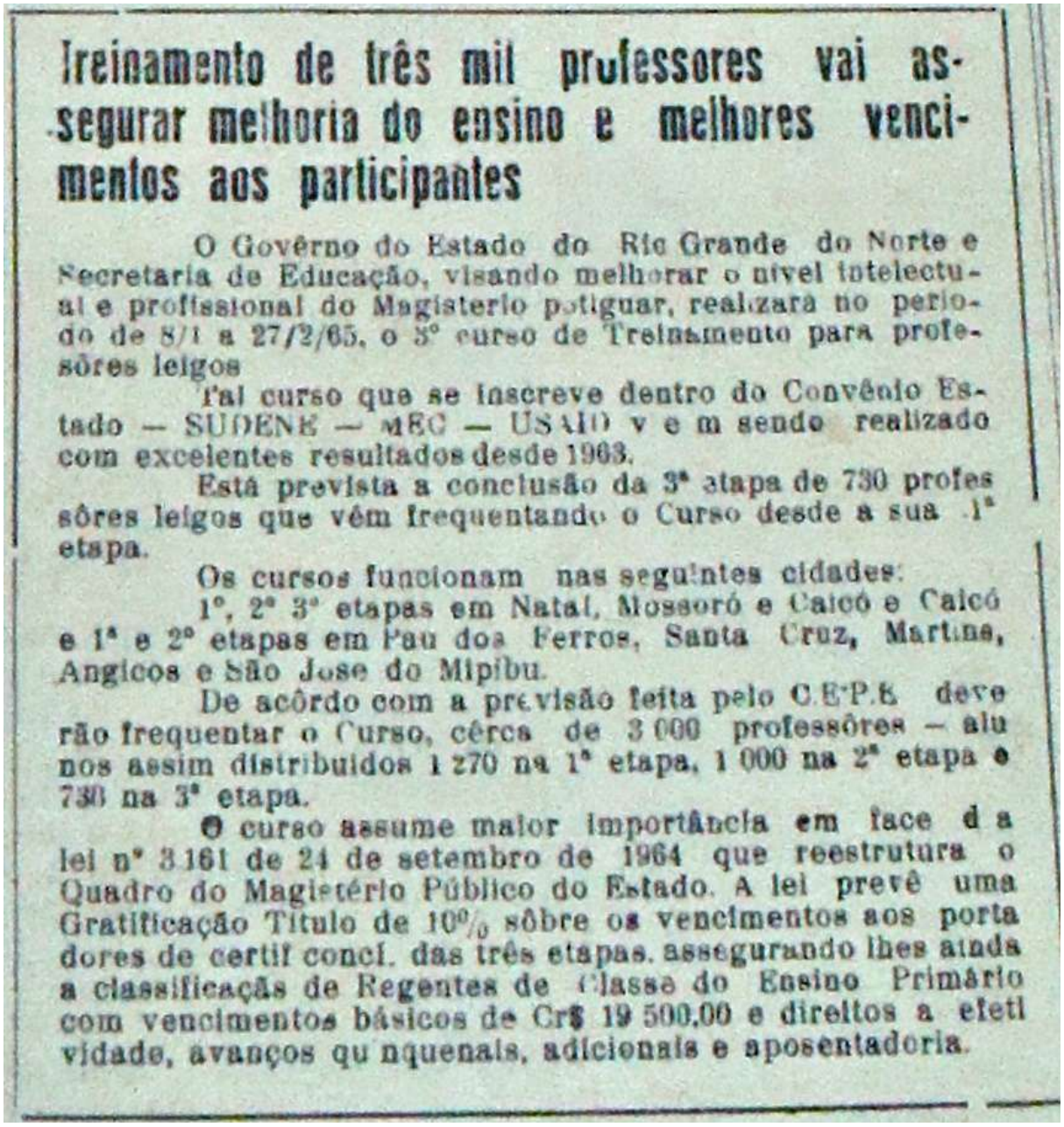
O curso de treinamento para professôres leigos da região seridoense iniciado em 1963, está dividido em três etapas devendo a última ser realizada no próximo ano conforme o plano educacional do govêrno Aluízio Alves.

Secretário da Educação em Caicó

No encerramento da 2ª etapa do curso de treinamento, esteve presente o novo Secretário de Educação do Estado, Dr. Manoel Vilaça, que durante a sua permanência em Caicó, além de presidir os trabalhos de encerramento conferenciou com vários diretores de educandários da cidade.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BV – Nota sobre Cursos de Treinamento para Professores Leigos publicada na edição Nº197, ano XII, do Jornal A Folha (Caicó, 1965).



Treinamento de três mil professores vai assegurar melhoria do ensino e melhores vencimentos aos participantes

O Govêrno do Estado do Rio Grande do Norte e Secretaria de Educação, visando melhorar o nível intelectual e profissional do Magisterio potiguar, realizara no periodo de 8/1 a 27/2/65, o 5° curso de Treinamento para professôres leigos

Tal curso que se inscreve dentro do Convênio Estado — SUDENE — MEC — USAID v e m sendo realizado com excelentes resultados desde 1963.

Está prevista a conclusão da 3ª etapa de 730 professôres leigos que vêm frequentando o Curso desde a sua 1ª etapa.

Os cursos funcionam nas seguintes cidades:

1°, 2ª 3ª etapas em Natal, Mossoró e Caicó e Caicó e 1ª e 2ª etapas em Pau dos Ferros, Santa Cruz, Martins, Angicos e São Jose do Mipibu.

De acôrdo com a previsão feita pelo C.E.P.E deverão frequentar o Curso, cêrca de 3 000 professôres — alunos assim distribuidos 1 270 na 1ª etapa, 1 000 na 2ª etapa e 730 na 3ª etapa.

O curso assume maior importância em face da lei nº 3.161 de 24 de setembro de 1964 que reestrutura o Quadro do Magistério Público do Estado. A lei prevê uma Gratificação Titulo de 10% sôbre os vencimentos aos portadores de certif concl. das três etapas, assegurando lhes ainda a classificação de Regentes de Classe do Ensino Primário com vencimentos básicos de Cr$ 19 500,00 e direitos a efetividade, avanços qu nquenais, adicionais e aposentadoria.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BW – Nota sobre dificuldade econômica da Casa do Estudante de Natal publicada na edição Nº205, ano XII, do Jornal A Folha (Caicó, 1965).

SOFRE NOVA CRISE

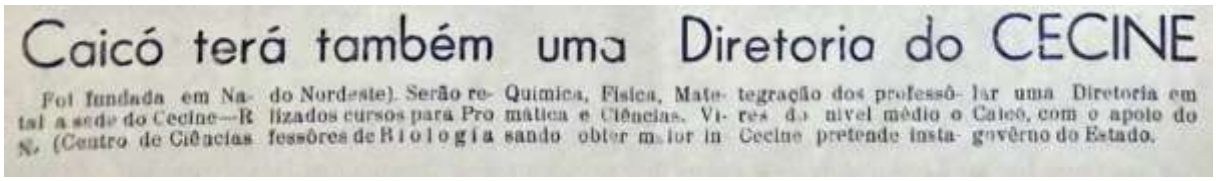
Casa do Estudante

A Casa do Estudante de Natal que presta incalculáveis serviços às famílias do Rio Grande do Norte novamente volta a sofrer uma das mais negras crises de sua história agora com séria ameaça de fechamento, caso as verbas federal e estadual não cheguem. A divida da Casa do Estudante no comércio é de 19 milhões de cruzeiros e alguns fornecedores de gêneros alimenticios já suspenderam suas vendas a entidade. Os Funcionários estão há 4 meses sem receber ordenados. Atualmente a Casa conta com 430 sócios entre internos e externos. A mensalidade dos Sócios é de 6 mil cruzeiros e será aumentada em breve para 10 ou 15 mil cruzeiros.

Será hóspede, o ilustre potiguar do seu conterrâneo desembargador João Maria.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BX – Nota publicada na edição Nº13, ano XIII, do Jornal A Folha, sobre fundação da sede do CECINE no RN (Caicó, 1967).



Caicó terá também uma Diretoria do CECINE

Foi fundada em Natal a sede do Cecine—R N. (Centro de Ciências do Nordeste). Serão realizados cursos para Professôres de Biologia, Química, Física, Matemática e Ciências. Visando obter maior integração dos professôres do nível médio o Cecine pretende instalar uma Diretoria em Caicó, com o apoio do govêrno do Estado.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BY – Nota sobre Curso de Treinamento para Professores Leigos publicada na edição Nº303, ano XIII, do Jornal A Folha (Caicó, 1967).



Curso de Treinamento

Teve início em Caicó mais um Curso de treinamento para professôras leigas da Região. O curso se prolongará até fins de fevereiro e conta com um grande número de Professôras do Seridó. As aulas estão sendo ministradas no Instituto de Educação.

Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação Histórica da UFRN (Labordoc/UFRN)

REGISTRO BZ – Plano de curso das aulas de Matemática do Curso de Treinamento para Professores Leigos da 1ª e 3ª etapas em Natal (1965).

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

- P L A N O D E C U R S O -

Sugestões para o desenvolvimento das aulas de Matemática, a serem ministradas durante o Curso de Treinamento para Professôres Leigos, em janeiro de 1965.

- O B J E T I V O S -

1 - Proporcionar ao professor a recapitulação dos conhecimentos básicos de matemática necessários à direção da aprendizagem das classes da escola primária.

2 - Levar ao domínio das relações matemáticas indispensáveis à resolução de problemas quantitativa que a vida apresenta.

3 - Conduzir os trabalhos do Curso através dos processos específicos da matemática que proporcionam a formação de hábitos de disciplina, ordem e rendimento.

4 - Despertar o gôsto e o interêsse pela matemática a fim de garantir a eficiência no ensino da matéria.

5 - Dar oportunidade ao professor de se familiarizar com o preparo e uso do material didático.

I - Avaliação dos conhecimentos
   a) Familiarização com o ambiente escolar.
   b) Apresentação com pequena palestra.

II - Princípios Gerais da Aprendizagem
   a) Aprendizagem espontânea.
   b) Fases da aprendizagem.

III - Introdução do vocabulário
   a) Noções Gerais de:
      Tamanho, Posição, Distância, Quantidade e Forma.

IV - Contagem
   a) Tipos de contagem
   b) Material de contagem

V - Confecção de material
   Material de contagem, cabide com prendedores de roupa, cartaz para relação de contagem, caixinha de cálculo.

VI - Numeração
- a) Apresentação dos símbolos numéricos.
- b) Unidade, dezena, centena, milhar, dúzia.
- c) Composição e decomposição dos números.

VII - Algarismos Romanos
- a) Classificação dos números.
- b) Valor dos números.

VIII - Introdução dos fatos fundamentais
- a) Operações fundamentais.
- b) Adição, Subtração, Multiplicação e Divisão.

IX - Metodologia do Problema
- a) Conceito e pontos importantes.
- b) Tipos, habilidades e dificuldades.

X - Confecção de Material
Relógio de cartolina, tábua de somar e subtrair, tábua de multiplicar e dividir e tabuada de multiplicar.

XI - Divisibilidade
- a) Por 2,5,9,10
- b) Números primos até 100

XII - Introdução de frações Ordinárias
- a) Noções de metade
- b) Divisão da unidade em meio, terço, quartos, etc...
- c) Função do numerador e denominador

XIII - Comparação de fração
- a) Soma e subtração de frações homogêneas.
- b) Adição e subtração de frações heterogêneas.
- c) Multiplicação e divisão de frações e problemas com dados fracionários.

XIV - Noção de fração decimal e número decimal
- a) Operações com decimais.
- b) Leitura e escrita dos números decimais.

XV - Percentagem
- a) Sistema legal das unidades de medir
- b) Pêso, medidas de valôr.

XVI - Medidas de tempo
- a) Ano - mês - semana - dia - hora - minuto.

XVII - Medidas de comprimento
- a) Múltiplo e submúltiplo do metro.

XVIII - 1 - Medidas de capacidade
2 - Figuras geométricas
3 - Noção de perímetro
4 - Noção de área
5 - Noção de volume

XIX - Plano de aula
a) Elaboração de um plano de aula.
b) Planejamento de jôgo didático.

XX - Avaliação
a) Exposição dos trabalhos.
b) Encerramento do Curso de Matemática.

Natal, 9 de janeiro de 1965.

JOSEFA DE OLIVEIRA XAVIER.

R E L A T Ó R I O

CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSÔRES LEIGOS

1ª E T A P A

MATÉRIA - Matemática

PROFESSÔRA - Josefa de Oliveira Xavier

I - Apresentação

O presente relatório tem por finalidade apresentar em dados gerais o desenvolvimento do plano destinado à área de Matemática da 1ª Etapa do Curso de Treinamento para professôres leigos, no período de 9 de janeiro a 25 de fevereiro de 1965.

II - Atividades desenvolvidas

A matéria prevista foi desenvolvida em aulas teóricas e práticas, baseadas em unidades que abrangeram conteúdo e direção da aprendizagem.

Aulas dadas: 150
Teóricas: 129
Práticas: . . . . . 2.

Unidades desenvolvidas:

I - Avaliação dos conhecimentos
II - Princípios gerais da Aprendizagem
III - Introdução do vocabulário
IV - Contagem
V - Confecção de material
VI - Numeração
VII - Algarismos romanos
VIII - Introdução dos fatos fundamentais
IX - Metodologia do Problema
X - Confecção de material
XI - Divisibilidade

XII - Introdução de frações Ordinárias
XIII - Comparação de fração
XIV - Noção de fração decimal e nº decimal
XV - Operações com decimais
XVI - Percentagem

As aulas práticas constaram de orientações e confecção de materiais didáticos indispensáveis ao ensino da Matemática.

Confeccionámos:

Material de contagem, cabide com pregadores de roupa, cartaz para relação de contagem, caixinha de cálculo, relógio de cartolina, tábua de adição e subtração, tábua de multiplicar e dividir. Tabuada de multiplicar, fichas, quadro de equivalência, quadrados e retângulos.

III - Método, processos e técnicas de trabalho

Valemo-nos do método indutivo e dos processos de intuição, conversação, exemplificação e demonstração.

Aplicamos técnicas de trabalhos em grupo, jogos e recreações matemáticas.

IV - Avaliação:

Os resultados obtidos nesta área foram satisfatórios. Comprovamos pelas verificações orais e escritas, provas objetivas feitas no decorrer e no fim do curso.

Considerações gerais:

Ao encerramos as atividades dêste curso sentimos ter vencido uma tarefa e, que se algo deixou de ser cumprido, foi menos pelo interêsse e vontade de acertar, que por motivos imprevisíveis e sôbretudo pelo fator tempo relativamente escasso para o programa traçado.

Cumpre-nos ressaltar o interêsse e a boa vontade dos alunos mestres, aceitando as idéias e os ensinamentos ministrados, o que nos leva à certeza de que algo aprenderam e de que muito poderão fazer ao voltar às suas escolas.

-/tv.

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

Curso de treinamento para professôres leigos - 1965

3ª etapa

Programa de Aritmética

1ª Parte : - 3 aulas

a) grandeza - unidade - noção de número - numeração - numeração falada e escrita - algarismos arábicos e romanos - exercícios e problemas.

b) as quatro operações: - 6 aulas
adição - definição - têrmos da adição - prova e problemas - subtração definição têrmos da subtração - prova e problemas - multiplicação - definição - têrmos da multiplicação - prova e problemas - divisão - definição - têrmos da divisão - prova e problemas.

c) verificação de aprendizagem (2 aulas)

2ª Parte : 3 aulas

a) divisibilidade - múltiplo de um número - divisor - casos de divisibilidade por 2 - 3 - 5 - 10 - 11.

b) decomposição de um número em fatores primos (2 aulas)
c) m.d.c. - (1 aula)
d) m.m.c. - (1 aula)
e) frações - definição - têrmos da fração - fração ordinária e decimal fração própria e impropria - leitura da fração - modo de escrever uma fração - simplificação - adição - subtração - multuplicação- divisão - exercícios e problemas . (9 aulas).
verificação de aprendizagem (2 aulas)

3ª Parte : números decimais

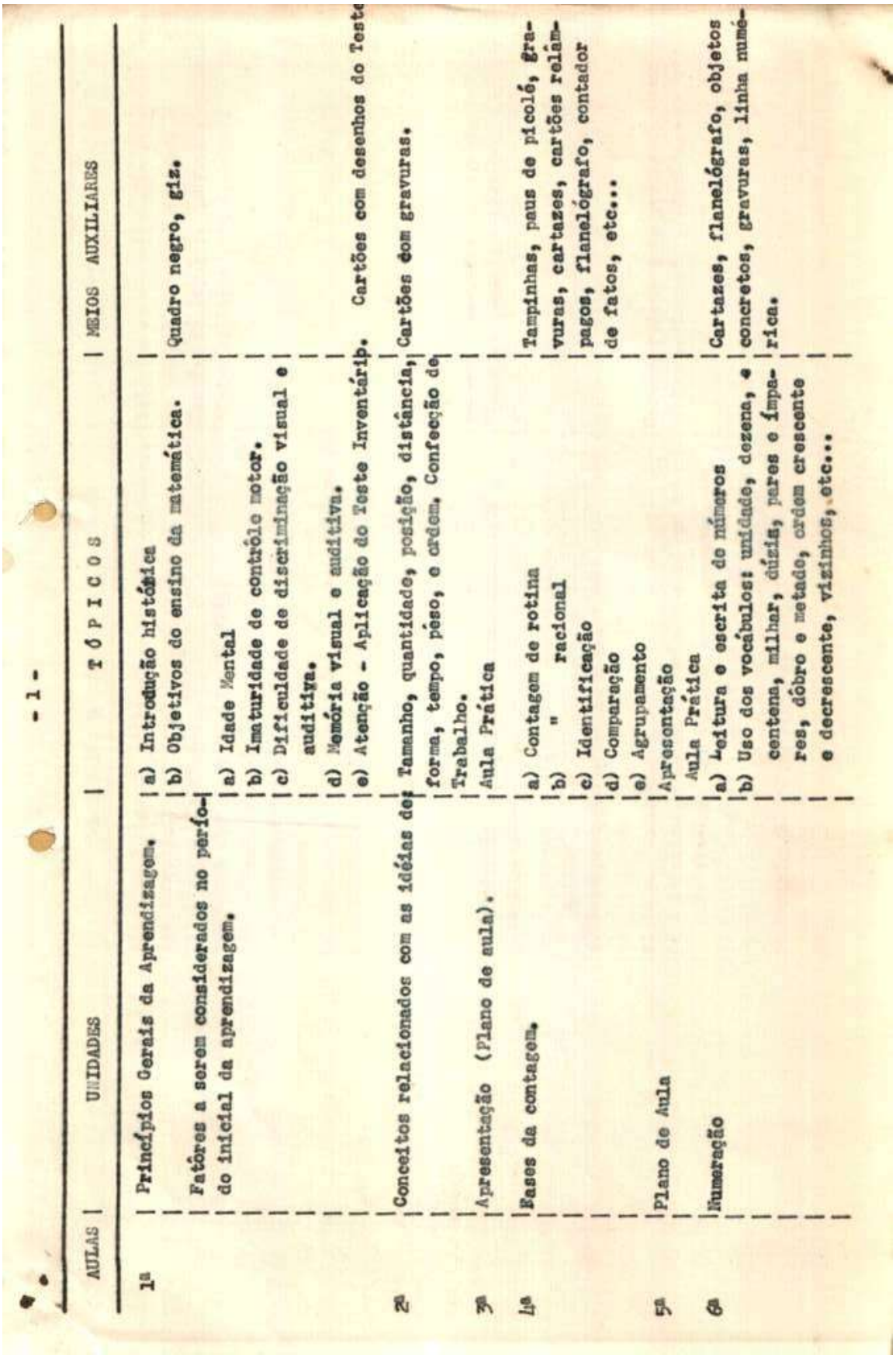
a) adição - subtração - multiplicação - divisão: exercícios (5 aulas)
b) dízima periódica simples e composta - (2 aulas)
c) Sistema métrico decimal - medidas de comprimento - superfície - volume - capacidade e massa ou pêso : exercícios e problemas
(8 aulas)
d) Verificação de aprendizagem (3 aulas)

Total de aulas : 45
trabalho em grupos : 5
e confecção de material - 5 aulas

Natal, 7 de janeiro de 1965

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

REGISTRO CA – Plano de curso das aulas de Matemática do Curso de Treinamento para Professores Leigos da 3ª etapa em Caicó (1965).



- 1 -

AULAS	UNIDADES	TÓPICOS	MEIOS AUXILIARES
1ª	Princípios Gerais da Aprendizagem.	a) Introdução histórica b) Objetivos do ensino da matemática.	Quadro negro, giz.
	Fatôres a serem considerados no período inicial da aprendizagem.	a) Idade Mental b) Imaturidade de contrôle motor. c) Dificuldade de discriminação visual e auditiva. d) Memória visual e auditiva. e) Atenção - Aplicação do Teste Inventário.	Cartões com desenhos do Teste
2ª	Conceitos relacionados com as idéias de:	Tamanho, quantidade, posição, distância, forma, tempo, pêso, e ordem. Confecção de Trabalho.	Cartões com gravuras.
3ª	Apresentação (Plano de aula).	Aula Prática	
4ª	Bases da contagem.	a) Contagem de rotina b) " racional c) Identificação d) Comparação e) Agrupamento	Tampinhas, paus de picolé, gravuras, cartazes, cartões relâmpagos, flanelógrafo, contador de fatos, etc...
5ª	Plano de Aula	Apresentação Aula Prática	
6ª	Numeração	a) Leitura e escrita de números b) Uso dos vocábulos: unidade, dezena, centena, milhar, dúzia, pares e ímpares, dôbro e metade, ordem crescente e decrescente, vizinhos, etc...	Cartazes, flanelógrafo, objetos concretos, gravuras, linha numérica.

AULAS	UNIDADES	TÓPICOS	MEIOS AUXILIARES
11ª	Divisão	a) Fatos Fundamentais	
		b) Idéias da divisão: Medir e Repartir	
		c) Processos - longo e curto	
		d) Significação e uso do sinal e da chave.	
		e) Problemas.	
		f) Confecção de material.	
12ª	Sistema Monetário até	O Cruzeiro	Cartazes, gravuras, cédulas e moedas.
	Cr$ 100		
	Geometria.	Estudo da esfera, quadrado, cubo e cilindro.	
		Verificação dos trabalhos de avaliação pelos	
		participantes do curso.	
13ª		Confecção de trabalho	
14ª		Teste Final	
		**********	

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

REGISTRO CB – Apostila de Matemática para o Curso de Treinamento para Professores Leigos de Pau dos Ferros (1965).

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

APOSTILA DE MATEMÁTICA.

POTENCIAÇÃO.

Potenciação de um número é uma multiplicação de fatôres iguais a êsse número.Ex: 5X5x5x5.

O resultado da potenciação chama-se potência.

Potência de um número,é um produto de fatôres iguais a êsse número.O fator que se repete,denomina-se base;o número de fatôres iguais/ expoente ou grau e ao resultado,potência.

No exemplo acima,temos que:

5 é a base
4 é o expoente
625 é a potência

Representa-se simbòlicamente uma potência apenas com dois números, escrevendo-se a base,e à direita e acima,em algarismos

Exemplificando:

$5x5x5x5 = 5^4$

E escrevemos. $5^4 = 625$.

Que se lê: cinco elevado à quarta potência.

Observações:

A segunda potência de um número é também denominada de quadrado/ e a terceira de cubo.Ex:4^2 que se lê quatro ao quadrado e se calcula/

$4^2 = 4x4=16$.

2^3 que se lê: dois ao cubo e se calcula.

$2^3=2x2x2=8$.

DIVISIBILIDADE:

Noções gerais:Um número é divisível por outro quando sua divisão por êsse outro é exata,isto é, o resto é zero.Exemplo:20 é divisível por 5.

Critérios de divisibilidade:são regras simples que permitem estabelecer imediatamente se um número é ou não é divisível por outro número sem a necessidade de se efetuar a divisão.

Critérios de dividibilidade por 2, 3, 4, 5, 9, 10, 100, 1000, 11.

1º-Divisibilidade por 2:Um número é divisível por 2 quando é par. / Exemplo: 12726 é divisível por 2 porque é par.

2º-Divisibilidade por 3:Um número é divisível po 3, quando a soma // dos valores absolutos de seus algarismo fôr divisível por 3.

Exemplo: 6537 é divisível por 3 porque a soma: 6+5+3+7=21 é divisível por 3.

3ºDivisibilidade por 4 quando o número formado pelos seus dois últimos algarismos da direita é divisível por 4 Exemplo:1832 é divisível por 4, pois 32 é divisível por 4.

4ºDivisibilidade por 5;Um número é divisível por 5 quando termina em zero ou cinco.Exemplo 89485 é divisível por 5 porque termina em 5.

5º Divisibilidade por 9:Um número divisível por 9 quando a soma / dos valores absolutos de seus algarismo fôr divisível por 9.

6º Divisibilidade por 10, 100 1000:Um número é divisível por 10,100,/ 1000, quando termina com 1,2,3,e zeros.Basta suprimir,respectivamente 1,2,3,zeros.Exemplos:84500: 100 = 845.

7º-Divisibilidade por 11:Um número é divisível por 11 quando a diferença entre a soma dos valores absolutos dos algarismos de ordem ímpar e a dos de ordem par,é zero ou divisível por 11.

Observação:Algarismos de orden ímpar são aquêles que ocupam,a // partir da direita para a esquerda,os 1º,3º,5º---lugares,os de ordem par ocupam os 2º,4º,6º---lugares.Exemplos:6194837 é divisível por 11,pois 1º a soma dos algarismos de ordem ímpar é 7+8+9+6=30.

2º-a soma dos algarismos de orden par é: 3+4+1=8.

diferença:

30-8=22.é um múltiplo de 11.

Observação: quando não é possível efetuar a subtração, por ser o/ quendo menor que a subtração, acrescentamos ao minuendo em múltiplo de 11, suficiente para torná-lo igual ou superio ao subtraendo.

Números primos e múltiplos:

Números primos são aqueles divisíveis sòmente por sí ou pela unidade. Exemplificando; 17 é primo pois é divisível sòmente por 17 e 1

Números múltiplos: são aquêles que possuem outros divisores além/ sí mesmo e da unidade.

Exemplificando: 21 é múltiplo pois além de ser divisível por 21, e 1, é ainda, por 7 e 3. Assim um número é múltiplo de outro quando a divisão entre êsses dois números é exato. Exemplificando: 21 é múltiplo de 7, porque a divisão de 21 por 7 é exata ou seja 21 é divisível por 7.

Reconhecimento de Números primos e múltiplos:

Método das divisões sucessivas:

Para reconhecer um número primo ou múltiplo por êsse processo // divide-se o número sucessivamente pela série de números primos: 2, 3, 5, 7, 11, 13, 17, 23, 29, 31 etc. Quando ocorrer uma divisão exata na série de divisões pode-se afirmar que o número é múltiplo. Não ocorrendo as divisão exata prossegue-se efetuando as divisões até que numa divisão / o quociente seja maior ou igual ao divisor. A essa altura pode-se afirmar que o número é primo. Exemplificando: Verificar-se o número 89 é primo.

Efetua-se as divisões:

dividendo 89 | 2-divisor
resto-1 | 44-quociente

dividendo 89 | 3-divisor
resto-22 | 29

" " 89 | 5-divisor
resto 34 | 17- quociente

dividendo 89 | 7-divisor
resto 15 | 12-quociente

" " " 89 | 11-divisor
resto 01 | 8-quociente

89 é primo

JAO/.

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

APOSTILA DE MATEMÁTICA.

OPERAÇÕES COM FRAÇÕES:

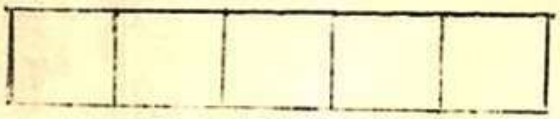
ADIÇÃO E SUBTRAÇÃO.

Adição: A) Frações Homogêneas: Os alunos acharão de regra: // Ser-lhes-ão feitas perguntas como estas 3 lápis com 5 lápis. Quantos/ são Resp. 8 lápis. 3 mesas com 5 mesas? 8 mesas.

Portanto, se em vez de mesas forem por exemplo, quintos Resp' 8 quintos. Mas como costumamos representar quintos por um 5, então // escrevemos.

$\frac{3}{5}+\frac{5}{5}=\frac{3+5}{5}$ ou $\frac{8}{5}$

EXEMPLIFICANDO:



$\frac{2}{5}$, $\frac{2}{5}$ $\frac{4}{5}$.

Depois de alguns exemplos o professor levará os alunos a dizer que/ os numeradores foram somados e que foi conservado o denominador, isto é leva-los-á a enunciar a regra.

B) Frações Heterogêneas:

Neste caso o professor mostrará que não poderão ser somados sem terem a mesma denominação.

$\frac{2}{3}+\frac{4}{6}+\frac{5}{8}=\frac{48+80+75}{120}=\frac{203}{120}$

Neste caso reduzem-se as frações ao mesmo denominador e procede-se/ como no caso anterior.

Exemplificando; com cartões:

$\frac{4}{5}+\frac{2}{3}+\frac{1}{6}=\frac{34+20+5}{30}=\frac{59}{30}=1\frac{29}{30}$.

C) Inteiro com fração.

A criança será levada a observar que no caso de haver vários números inteiros é mais prático somar os inteiros separadamente.

$3+\frac{1}{2}+\frac{1}{4}+2=5+\frac{3}{4}=5\frac{3}{4}$.

D) Um inteiro qualquer pode ser escrito na forma de fração dando // como denominador a unidade.

Ex: $8+\frac{3}{4}+\frac{2}{7}+20=\frac{8}{14}+\frac{3}{4}+\frac{2}{7}+\frac{20}{1}=$

++++++++++++++++++++ ++++++++++++++++++ ++++ ++++++++++++++++=/

Fls - 2 -

E)Número Misto: A soma de um número inteiro com uma fração pró-

$5 + \frac{2}{3}$ é número misto.

Use-se suprimir o sinal + do número misto colocado entre o numero inteiro e a fração.

F)Adição em que entram números mistos:

Ex: $2\frac{3}{4} + \frac{5}{8} + 6\frac{2}{3} =$

Nesse caso podemos operar de dois modos diferentes:

Lº)Reduzindo os números mintos a frações impróprias e adicionando-se as frações resultantes.

Exemplificando:

$2\frac{3}{4} + \frac{5}{8} + 6\frac{2}{3} = \frac{11}{4} + \frac{5}{8} + \frac{20}{3} = \frac{66 + 15 + 160}{24} = \frac{241}{24} = 10\frac{1}{24}$

2º- Adicionando-se separadamente, os inteiros e as frações e em // seguida as somas obtidas. Se a fração que se obtém na soma das frações dadas fôr imprópria extraem-se os inteiros para serem acrescentadas à soma dos inteiros.

Exemplificando:

$2\frac{3}{4} + \frac{5}{8} + 6\frac{2}{3} =$

Subtração.

A)Frações Homogêneas:

As crianças serão levadas a achar a regra pelos mesmos processos/ empregados para a adição e ainda pelo conceito de ser a subtração operação inversa da adição isto é concluindo

que se

1- $\frac{2+7}{7} = \frac{2+3}{7}$ ou $\frac{5}{7}$

2- $\frac{5}{7} - \frac{2}{7} = \frac{5-2}{7} = \frac{3}{7}$

3- $\frac{8}{11} - \frac{3}{11} = \frac{5}{11}$

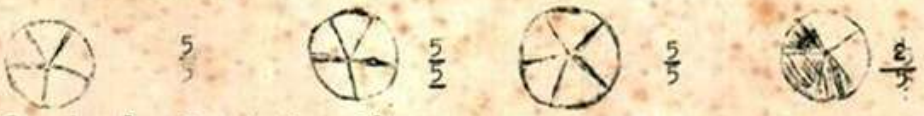
B)Frações Heterogêneas:

O professor guiará os alunos para que vejam que não é possível// achar-se a diferença entre elas sem dar-lhes a mesma denominação: Exemplificando.

1- $\frac{3}{4} - \frac{2}{5} = \frac{15}{20} - \frac{8}{20} = \frac{7}{20}$

2- $\frac{1}{12} - \frac{1}{13} = \frac{13}{156} - \frac{12}{156} = \frac{1}{156}$

C)Fração de inteiro:



$\frac{5}{5} + \frac{5}{5} + \frac{5}{5} - \frac{2}{5} = \frac{5 \times 4 - 2}{5} = \frac{18}{5}$.

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

REGISTRO CC – Plano de curso das aulas de Matemática do Curso de Treinamento para Professores Leigos da 1ª e 2ª etapa em Pau Ferros (1965).

PLANO DE MATEMÁTICA PARA 1a E 2a ETAPA
CURSO INTENSIVO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS

ANO - 1965

LOCAL: PAU DOS FERROS
Nº DE AULAS POR TURMA - 51
PROFESSÔRAS: MARIA DOLORES COSTA E
MARIA DO SOCORRO FERNANDES RÊGO

JUSTIFICATIVA

O plano elaborado visa preparar o professor para a situação real do ensino, tendo em vista objetivos geral do ensino da matemática no curso primário.

OBJETIVOS

1º) Desenvolver o interesse pelos números, através das atividades diárias da sala de aula.
2º) Promover todo o trabalho do curso valendo-se da participação e experiências dos professôres que freqüentarem.
3º) Despertar a consciência para os números e para seu uso na vida diária.
4º) Desenvolver uma atitude favorável em relação ao estudo dos números,

DESENVOLVIMENTO

TÓPICOS	SUB TÓPICOS	TÉCNICAS DIDÁTICAS	OBSERVAÇÕES
Contagem.	Contagem Concreta-Contagem por grupos	Caixa de cálculos-Jogos	
Numeração.	Numeração escreta e falada. Valor absoluto e relativo de um algarismo. Algarismo Arábicos e romanos.	Fichário-Representações-Dramatizadas.	
Operações Fundamentais	Adição-Subtração-Multiplicação-Divisão	Cartazes-Explicações através de objetos concretos.	
Problemas sôbre as quatro operaçoes.	Material concreto e desenho na Resolução de problemas. Aplicação do método de projetos. Problemas à vista do dinheiro.	Problemas Ilustrados.	
Expressões Aritméticas.	Expressões aritméticas com as quatro aperações.	Dramatização.	
Potenciação	Potência de um número-Calcular Potência.	Experiências.	
Divisibilidade.	Noções gerais de divisibilidade Critérios de divisibilidade por 2,3,5,9,e 10.	Cartões relâmpagos.	
Números primos e Múltiplos	Reconhecimento de número primos a)Crivo de Eratóstenes b)Divisões Sucessivas	Jogos	

DESENVOLVIMENTO

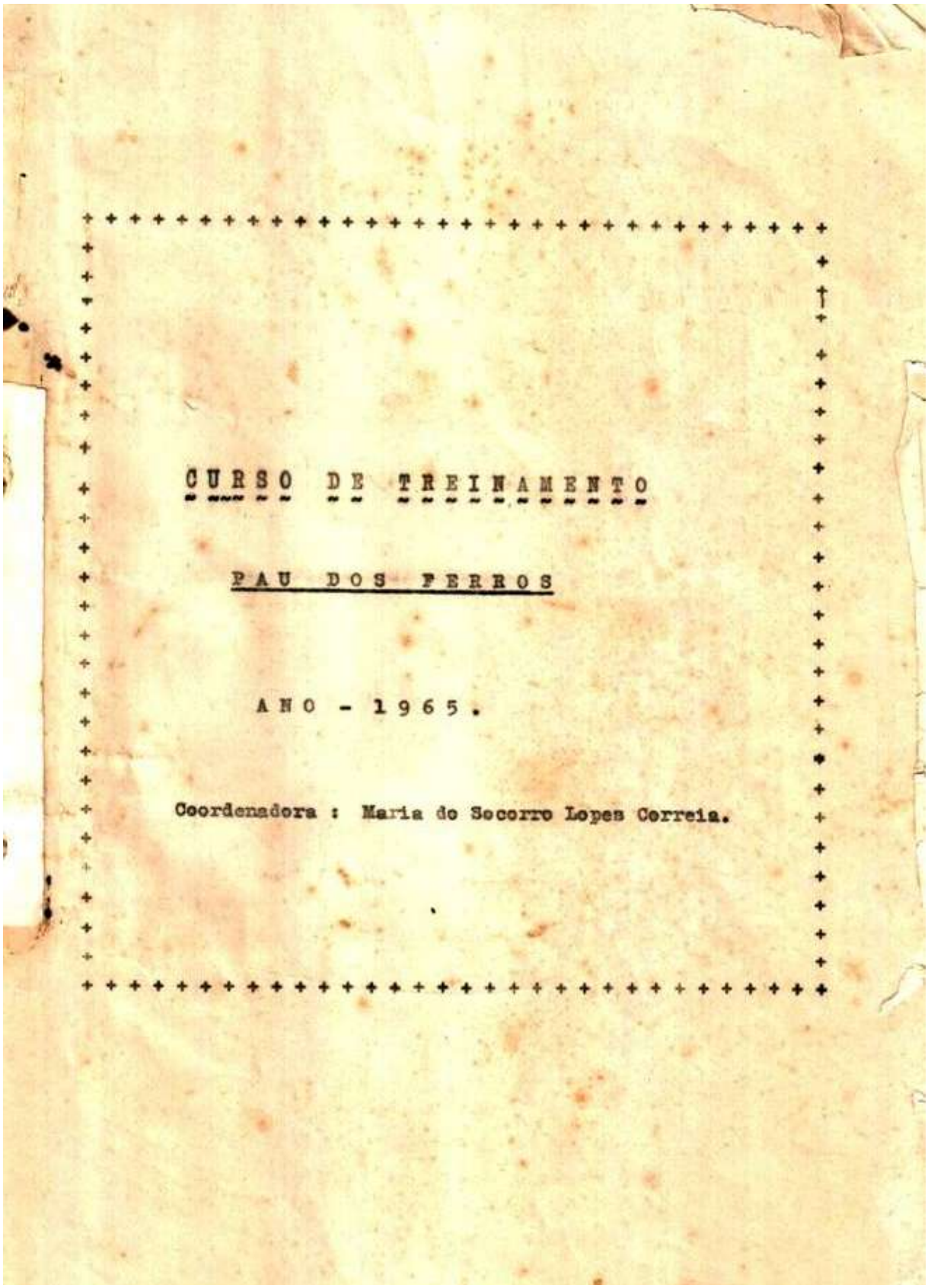
TÓPICOS	SUB TÓPICOS	TÉCNICAS DIDÁTICAS	OBSERVAÇÕES
Máximo Divisor Comum	Determinação do M.D.C.de dois ou mais números. a)Método da Decomposição b) " das Divisões Sucessivas	Análise oral	
Mínimo Múltiplo Comum	Processos conhecidos para a determinação do M.M.C.de dois ou mais números.	Análise oral	
Fração.	Frações Ordinárias a)Fraçoes próprias b)" " Impróprias c)Números Mistos d)Simplificação de frações e)Camparação " " f)Extração de inteiros g)Reduçoes 1)Inteiro a fração 2)Número misto a fração imprópria 3)Ao mesmo denominador 4)" mínimo " "	Cartazes-Observações	
Operaçõescom frações ordinárias.	Adição,Subtração, Multiplicação e Divisão.	Representações gráficas	
Expressões fracionárias	Envolvendo adição,subtração, multiplicação, e divisão.	Dramatização	

DESENVOLVIMENTO

TÓPICOS	SUB TÓPICOS	TÉCNICAS DIDÁTICAS	OBSERVAÇÕES
Frações Dedimais	Ensino dos décimos- " " " Centésimos Leitura de um número decimal- Transformação de uma fração decimal em um número decimal e vice-versa Operaçoes com os números decimais	Cartazes-Representações gráficas.	
Sistema Métrico Decimal.	Medidas de comprimentos Leitura e escrita dos números que exprimem medidas de comprimento-Mudança de unidade.	Metro-Comparação de tamanho -Cartazes.	
Exercícios de fixação de tôda matéria dada		Desenhos-Cartazes-Jogos.	
Avaliação final de Matemática.			

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

REGISTRO CD – Relatório da 3ª etapa do Curso de Treinamento para Professores Leigos em Pau Ferros (1965).



CURSO DE TREINAMENTO

PAU DOS FERROS

ANO - 1965.

Coordenadora : Maria do Socorro Lopes Correia.

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

R E L A T Ó R I O

Após ter recebido um telegrama da Inspetora Geral, de Mossoró, Srta. Maria José Fernandes regressei aquela cidade onde procurei entender-me com a mesma, e lá perante ela assumí a função de Coordenadora do Curso de Treinamento desta cidade.

Em seguida me fêz entrega do Regulamento do mesmo e o orçamento previsto que já estava em seu poder.

Com êstes e com algumas Fichas de Inscrições das professôras que deveriam fazer o Curso nêste Centro, rumei a esta cidade.

Aqui chegando tratei imediatamente de tomar tôdas as providências possíveis, para o completo funcionamento do mesmo. O Local escolhido foi o Ginásio Estadual " 4 de Setembro" que / apesar de não ser situado bem no centro da cidade, é o único a ter condições favoráveis e sempre foi o local escolhido nos /// dois anos anteriores.

Em seguida procurei saber das possibilidades ou não / de arranjar o Corpo Docente. Após todos os entedimentos chegou-se a conclusão de que não haveria necessidade de convidar Professôres de fora, e assim ficou constituído:

LINGUAGEM	-	MARIA DO SOCORRO COSTA e ANTÔNIA ITAÚCIA COSTA
MATEMÁTICA	-	MARIA DO SOCORRO FERNANDES RÊGO e MARIA DOLORES COSTA
ESTUDOS SOCIAIS	-	MARIA EDITE FERNANDES e SANTINA ARAÚJO DE SOUZA
ESTUDOS NATURAIS	-	EDITHE MONTE e EUMIR PEREIRA FERNANDES
ADMINISTRAÇÃO	-	MARIA ROMANA FERNANDES
RECREAÇÃO E ARTES	-	MARIA ZILMA MAFALDO e FRANCISCA LOPES CAVALCANTE

Ficou acertado, conforme o regulamento, que cada Professor daria 51 aulas por turma, com exceção de Administração, Recreação e Artes que atingiria 15 aulas cada.

O Pessoal Administrativo ficou assim organizado:

fls. -2-

COORDENADORA	-	MARIA DO SOCORRO LOPES CORREIA
AUXILIAR ADMINISTRAÇAO	-	RAIMUNDA LOPES C. DE FREITAS
" " " "	-	MARIA DO CARMO AIRES
DATILÓGRAFO	-	GERALDO LOPES DE SOUZA e JONAS ALVES DE OLIVEIRA
MIMEOGRAFISTA	-	FRANCISCO FRANÇA FILHO
SERVENTE	-	DULCE BEZERRA DA COSTA e MARIA DO CARMO DE ASSIS

Apesar de não ter chegado nenhum material, demos início no dia 8 de janeiro ao III Curso de Treinamento desta cidade.

Pela manha reuniram-se todos os professôres alunos em número de 193 e conforme a divisao ficariam distribuídos em 5 classes ficando assim designadas: A - B - C - D e E.

De acôrdo com o horário que havíamos elaborado, as Professôras fizeram as suas apresentações em cada turma destinada.C

O horário foi organizado, fazendo-se a distribuiçao de 7 aulas por dia com exceçao do sábado, atingindo um total de 35 por semana em cada turma.

As aulas prosseguiram normalmente contando com a presença quase sempre total de todos os alunos e quando por motivo justo deixavam de frequentar, mandavam sempre a justificaçao.

Notava-se sempre no semblante de cada aluno mestre, o // seu espírito alegre, compreensivo, interessado pelos novos métodos ministrados, procurando sempre assimilar os conhecimentos adquèridos e quando qualquer dúvida os preocupavam procuravam sempre o seu refúgio em auxílio entre a Coordenadora e suas auxiliares.

Nos últimos dias do mês de janeiro foram feitas as Avaliaçoes das seguintes matérias: Linguagem, Matemática, Estudos Sociais e Naturais.

Os resultadis foram satisfatórios.

Na segunda semana do mês de fevereiro uma das professôras de Ciências a Srta. Eumir Pereira Fernandes, tendo sido vítima de uma fratura na perna, foi obrigada a deixar de lecionar.

Para substituí-la foi indicado o jovem José Fernandes / Rêgo, Acadêmico de Agronomia que por possuir boas credenciais desempenhou com facilidade a funçao que lhe foi incumbida. Nao havendo por isto nenhum prejuízo por da referida professôra.

Durante o Curso foram ministradas aulas de Religiao , // sendo dadas pela Irma Terezinha de Sales Martins, do Patronato Alfredo Fernandes.

As provas finais foram feitas nos 3 (três) últimos dias que antecederam o encerramento, isto é, 24, 25, e 26 de fevereiro .

No dia 25 foi entregue neste Centro, o material destinado aos Bolsistas, o qual foi adquérido através dos esforços de Su Excia. o Governador, Dr. Aluízio Alves. Depois de todo carimbado conforme orientação recebida, foi entregue a alguns, ficando os restantes para a Exposição.

Durante todo o dia 26 houve Exposição dos trabalhos confeccionados durante as aulas práticas, orientados pelos Professores. Areferida Exposição foi feita noGinásio "4 de Setembro" onde funciona o Curso de Treinamento.

- V I S I T A S -

No período em que funcionou o Curso recebemos a visita da Coordenadora Geral, Srta. Nancy Gomes dos Santos.

A referida logo ao chegar fêz explanação dos assuntos a serem tratados. Em seguida recebeu os dados os quais interessava: Números de Bolsistas inscritos neste Centro e quantos destes eram Municipais. Fêz ciente que os Bolsistas residentes nesse Centro e os municipais não seriam beneficiadoscom a Ajuda de Custo, que seria na importância de Cr$ 25.000 (Vinte cinco mil cruzeiros).Reafirmou que as Candidatas só teriam direito à mesma Ajuda com um Atestado que deveria anexar à Ficha, fornecido pelo Diretor da localidade e passado o Visto na Inspetoria Regional.

Acompanhando a Coordenadora Geral veio o Sr. Oriane Leandro Borges, com a incubência de orientar sôbre a Prestação de Contas e a elaboração de Recibos, etc.

Após todos os entendimentos a Coordenadora Passou um Radiograma ao Dr. Manoel Benício, Diretor do SECKRN, dando boas referências a êste Centro.

No dia seguinte, dia 29 de janeiro, pelas 8 horas viajaram com destino à cidade de Mossoró.

E N C E R R A M E N T O

O encerramento dêste Centro verificou-se no dia 26, constando das seguintes solenidades:

fls. -1-

9,00 Horas- Missa em Ação de Graças na Igreja Matriz celebrada pelo Rvmo. Cônego Manoel Caminha Freire, Vigário da Paróquia.

14,00 " - Entrega de Certificados no Clube Centenário Pauferrense.

Em seguida foi oferecido um Cocktail.

A entrega de Certificados foi feita exatamente às 14,00 hs. estando presente aS. Excia. o Governador do Estado, Dr. Aluízio Alves, uma Srta. do Recife, Representante da SUDENE, autoridades locais e grande número de assistentes.

Após a chamada das pessoas que deveriam compôr a mesa assumiu a Presidência da sessão o Dr. Aluízio Alves, que logo declarou aberta, dando início ao Programa elaborado que constou do seguinte:

1º - Hino do Rio Grande do Norte.
2º - Discurso pela aluna-mestra Maria Fernandina de Queiróz.
3º - Entrega de Certificados (À Líder de cada Turma)
4º - Saudação pela Professora Maria Edite Fernandes.
5º - Palavra facultada.
6º - Hino Nacional.

Usou da palavra o Dr. Pedro Diógenes , Prefeito Municipal, o qual teceu vários elogios à Administração do atual Govêrno e agradeceu em nome do Povo desta terra, a preferência que é dada a esta cidade a funcionar Cursos de Treinamento, que tantos benefícios vem trazendo a estas Professoras que ~~e[illegible]~~ - ~~querem, ou~~ dêles participam.

Em seguida o Dr. Aluízio Alves, disse em resumo o que tem feito no Govêrno ~~em prol~~ da Educação, procurando envidar todos os esforços, afim de quando terminar o seu mandato deixar todo o Magistério em condições favoráveis e para que isto se concretizasse haveria ainda êste ano 2 (duas) Etapas de C. T. para os que ainda deveriam terminar.

Finalizando disse:" A mim nada me devem, apenas um pedido vos faço: Alfabetizarem, com os métodos adquiridos às crianças do R. G. do Norte."

Em seguida foi cantado o Hino Nacional por todos os presentes, encerrando os trabalhos da sessão.

Imediatamente foi servido o Cocktail às autoridades, encerrando tôdas as atividades dêste CENTRO DE TREINAMENTO;

MARIA DO SOCORRO LOPES CORREIA
Maria do Socorro Lopes Correia Coord.

Pau dos Ferros, 27 de Fevereiro de 1965.

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

TURMA " A "
1ª ETAPA
2ª ETAPA 38

CURSO QUE POSSUI

PRIMÁRIO 34
GINÁSIO 1
NORMAL 3

Nº DE ORDEM	NOMES	MUNICÍPIO	CURSO QUE POSSUI	LOCAL ONDE LECIONA	ETA
1	Maria do Socorro Elias	Pau dos Ferros	Primária	Escola Municipal	2ª
2	Raimunda Queiróz do Nascimento	"	"	----------	"
3	Maria Luzineide Lima	"	"	E.Municipal	"
4	Sebastiana Lima da Mota	"	"	G.E.J.Correia	"
5	Francisca Araújo de S.Rodrigues	"	"	----------	"
6	Altina Apolônia de Queiróz	"	"	----------	"
7	Francisca Pereira de Castro	"	"	G.E.Tarcisio Maia	"
8	Francisca da Costa Lima	"	"	E.M.São Francisco	"
9	Raimunda Elita de Lima	"	"	E.M.Riacho do Meio	"
10	Ozelita de Freitas Tôrres	"	"	----------	"
11	Terezinha Praxedes Paiva	"	"	----------	"
12	Francisca das Chagas Elias	"	"	----------	"
13	Terezinha de Jesus Oliveira	"	"	E.Municipal	"
14	Francinete Alexandre	"	3ª Série Ginasial	Pat.Alfredo Fernandes	"
15	Maurina Joana da Conceição	"	Primária	E.M.Alto de Açude	"
16	Heloisa de Holanda Campos	"	"	E.M.Alencar	"
17	Raimunda Tavera Bessa	"	"	E.M.Riacho do Meio	"
18	Rita Ferreira de Lima	"	"	E.Isolada de Cacimbas	"

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

TURMA "A"
1ª ETAPA
2ª ETAPA 38

CURSO QUE POSSUI

PRIMÁRIO 34
GINÁSIO 1
NORMAL 3

Nº DE ORDEM	NOMES	MUNICÍPIO	CURSO QUE POSSUI	LOCAL ONDE LECIONA	ETAPA
19	Maria Vilani da Conceição	Pau dos Ferros	Primário	----------	2ª
20	Maria da Conceição Dória	"	"	E.M.Sítio Extremo	"
21	Neuza Benta de Lima	"	"	E.I.Catolesinho	"
22	Francisca de Assis Leite	"	"	----------	"
23	Altemisa Dantas de Sales	"	"	----------	"
24	Francimar Lima de Oliveira	"	"	E.M.Alto do Ipiranga	"
25	Luzia Ferreira de Morais	"	"	E.M.Santiago	"
26	Terezinha Severiano do Rêgo	"	2	----------	"
27	Maria Severiano do Rêgo	"	"	E.I.Sítio Raiz	"
28	Rita de Cássia Pontes	"	"	E.M.Pat.Alfredo Fernandes	"
29	Maria Fernandes Nogueira	"	"	Patronato A.Fernandes	"
30	Enica Neta de Assis	"	"	E.M.Sítio Varzea Nova	"
31	Ana Tavera Bessa	"	"	E.Subv. de Cacimbas	"
32	Raimunda Nonata Costa	"	"	----------	"
33	Maria Inês Mafaldo	"	2ª Série Normal	E.Municipal	"
34	Antônia do Socorro Bandeira	"	Primário	----------	"
35	Francisca Tôrres de Almeida	"	"	E.Municipal	"
36	Maria do Socorro Garcia	"	1ª Série Normal	Candidata ao G.A.de Ipiranga	"
37	Terezinha Monteiro	"	Primário	----------	"
38	Raimunda Epifânia de Almeida	"	1ª Série Normal	----------	"

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

TURMA " B "
1ª ETAPA
2ª ETAPA 39

CURSO QUE POSSUI

PRIMÁRIO
GINÁSIO
NORMAL

Nº DE ORDEM	NOMES	MUNICÍPIO	CURSO QUE POSSUI	LOCAL ONDE LECIONA	ETA
1	Maria Vilma Brandão	Dr. Severiano	Primário	G.E.Pe.Tertuliano Fernandes	2ª
2	Rita Dário Fernandes	"	"	G.E.Pe.Tertuliano Fernandes	"
3	Maria Bernadete de Castro	"	"	E.I.Sítio Merejo	"
4	Almerinda Beatriz Neta	"	"	E.I.de Trapiá	"
5	Jacinta Rosa de Queiróz	"	"	E.I.Sta.Luzia	"
6	Maria do Socorro Queiróz	"	"	E.I.Sítio Guardado	"
7	Terezinha Fernandes de Queiróz	"	"	Candidata	"
8	Maria dos Rémedios Silva	"	"	Candidata	"
9	Marcionila Vitalina de Freitas	Salamandra	"	E.I.de Salamandra	"
10	Maria de Souza Lima Fontes	Cel.João Pessoa	"	E.I.Prof.José Próximo	"
11	Hosana Lopes Neta	Viçosa	"	E.I.de Viçosa	"
12	Maria do Socorro Bessa	Taboleiro Grande	"	Candidata	"
13	Maria José Souza	Portalegre	"	E.I.Sítio Genipapeiro	"
14	Filomena Sampaio Souza	"	"	G.E.Margarida Freitas	"
15	Maria José Aragão	"	"	" " Margarida Freitas	"
16	Maria Rosimar Caldas	"	"	Candidata	"
17	Maria das Graças	"	"	Candidata	"
18	Francisca Vanda Fernandes	São Miguel	"	G.E.Pe.Cosme	

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

TURMA " B "
1ª ETAPA
2ª ETAPA 39

CURSO QUE POSSUI

PRIMÁRIO
GINÁSIO
NORMAL

Nº DE ORDEM	NOMES	MUNICÍPIO	CURSO QUE POSSUI	LOCAL ONDE LECIONA	ETAPA
19	Maria Gonçalves de Carvalho	São Miguel	Primário	E.I.Sítio Cachoeira	2ª
20	Maria Dantas Moreno	"	"	E.I.Sítio Potó	"
21	Raimunda Noronha de Lima	"	"	Candidata	"
22	Maria Auxiliadora Rêgo	"	"	Candidata	"
23	Terezinha de Jesus Fernandes	Marcelino Vieira	"	G.E.José Marcelino	"
24	Maria Antonieta Fernandes Medeiros	"	"	G.E.José Marcelino	"
25	Maria Zelinda da Costa	"	"	G.E.José Marcelino	"
26	Maria Ildomar Fernandes	"	"	Candidata	"
27	Pedro Raimundo do Nascimento	Riacho de Santana	"	E.I.de Água Nova	"
28	Zilda Viana da Costa	"	"	E.I.de Pau D'arco	"
29	Francisca Dulce de Queiróz	"	"	E.I.de Carnaubal	"
30	Tereza Neuma Ferreira Pessoa	"	"	E.I.de Água Nova	"
31	Emilia Neris da Costa	"	"	E.R.Francisco Dantas	"
32	Maria Angelina Gomes	"	"	E.R.Francisco Dantas	"
33	Zilda Augusta de Paiva	Severiano Melo	"	E.R.Severiano Melo	"
34	Maria Assis Miranda	"	"	Candidata	"
35	Raimunda Alves de Fontes	José da Penha	"	G.E.Vicente de Fontes	"
36	Francisca Ester Teodoro	"	"	G.E.Vicente de Fontes	"
37	Beatriz Cordeiro da Silva	Rodolfo Fernandes	"	Candidata	"
38	Antônia Baldina de Oliveira	"	"	Candidata	"
39	Nery Tôrres Melo	"	"		"

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

TURMA " C "
1ª ETAPA
2ª ETAPA 38

CURSO QUE POSSUI

PRIMÁRIO
GINÁSIO
NORMAL

Nº DE ORDEM	NOMES	MUNICÍPIO	CURSO QUE POSSUI	LOCAL ONDE LECIONA	ETAPA
1	Geldipa Almeida P.Nunes	Luis Gomes	Primário	E.I.de Monte Alegre	2ª
2	Maria do Carmo da Conceição	"	"	G.E.Cel.Fernandes	"
3	Joana D'arc de Souza	Alexandria	"	E.I.de Baixa Verde	"
4	Maria Neuma Ribeiro de Souza	"	"	Candidata	"
5	Maria do Carmo Morais e Silva	"	"	E.I.de Riacho do Meio	"
6	Maria das Dores Souza	"	"	E.I.de Barbatana	"
7	Maria Francisca Vieira	"	"	E.I.de Curral Velho	"
8	Neci de Freitas Cavalcante	Taboleiro Grande	"	Candidata	"
9	Odília Nonata da Silva	João Dias	"	E.I.de Boa Vista	"
10	Zilá Fernandes de Amorim	Viçosa	"	E.I. de Viçosa	"
11	Maria de Lourdes Gonçalves	Tenente Ananias	"	G.E.Acad.Mauro Abrantes	"
12	Beatriz Tavares Formiga	"	"	E.I.de São Braz	"
13	Maria do Céu Vidal	"	"	G.E.Acad.Mauro Abrantes	"
14	Francisca Ferreira Wanderley	"	"	G.E.Acad.Mauro Abrantes	"
15	Maria do Carmo G.de Figueiredo	Paraná	"	E.I.Prof.Severino Bezerra	"
16	Sinferesa Lima Filha	"	"	E.I.Sítio Caiçara	"
17	Maria Matilde do Amaral	Pilões	"	E.R.Desemb.Sinval M.Dias	"
18	Maria da Luz Leite	Portalegre	"	G.E.Margarida de Freitas	"

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSORES LEIGOS
PAU DOS FERROS

TURMA " C "
1ª ETAPA
2ª ETAPA 38

CURSO QUE POSSUI

PRIMÁRIO
GINÁSIO
NORMAL

Nº DE ORDEM	NOMES	MUNICÍPIO	CURSO QUE POSSUI	LOCAL ONDE LECIONA	ET
18	Maria da Luz Leite	Portalegre	Primário	G.E.Margarida de Freitas	2
19	Severina dos Santos Rocha	"	"	G.E.Margarida de Freitas	"
20	Francisca Marinho Viana	"	"	E.Municipal	"
21	Maria Aldenora Pereira	"	"	Candidata	"
22	Sônia Maria Maia	Mossoró	2ªSérie Ginasial	Inst.D.João Costa	"
23	Maria Francisca da Conceição	Antônio Martins	Primário	E.I.Serrinha do Major	"
24	Geralda Xavier de Oliveira Fonseca	"	"	E.I.Serrinha do Major	"
25	Francisca Neves Florêncio	"	"	Candidata	"
26	Luzia Maria Virgínia	"	"	E.I.Alto da Ema	"
27	Francisca de Assis Castro	Rafael Fernandes	"	G.E.Nano Marcelino	"
28	Gumercinda Ferreira da Costa	"	"	E.I.de Gangorra	"
29	Francisca Araújo Filha	"	"	E.I.Sítio Batalhão	"
30	Maria Luzia de Souza	Encanto	"	E.Municipal	"
31	Maria das Graças de Medeiros	"	"	E.I.Terra Boa	"
32	Maria Anir de Souza	"	"	E.Municipal	"
33	Vilani Crescêncio Grangeiro	"	"	E.R.Adolfo Fernandes	"
34	Maria Marcelino Grangeiro	"	"	E.R.Adolfo Fernandes	"
35	Henorina Fernandes de Souza	"	"	E.I.de Cantinho	"
36	Maria Auxiliadora Morais	"	"	E.Municipal	"
37	Cândida Batista Furtado	Tenente Ananias	"	E.R.de Mata	"
38	Maria José Maia	Paraná	"	E.I.Sítio Pitombeira	"

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSORES LEIGOS
PAU DOS FERROS

TURMA " D "
1ª ETAPA 28
2ª ETAPA 7

CURSO QUE POSSUI

PRIMÁRIO 34
GINÁSIO
NORMAL 1

Nº DE ORDEM	NOMES	MUNICÍPIO	CURSO QUE POSSUI	LOCAL ONDE LECIONA	ETAPA
1	Maria do Socorro Almeida	Marcelino Vieira	Primário	E.Municipal	2ª
2	Valdete Ferreira da Fonsmca	Francisco Dantas	"	E.R.Francisco Dantas	2ª
3	Maria Adeci da Silveira	"	"	E.R.Francisco Dantas	2ª
4	Maria Aldenora Oliveira	"	"	E.I.Sítio Jacu	2ª
5	Raimunda Pereira Farias	"	"	E.R.Francisco Dantas	2ª
6	Estelita Lins Bessa	"	"	E:R.Francisco Dantas	2ª
7	Antônia Pereira	"	"	Candidata	2ª
8	Terezinha Freire da Silva	Dr.Severiano	"	Candidata	1ª
9	Raimunda Fernandes Maia	"	"	Candidata	"
10	Maria Salete Queiróz	"	"	Candidata	"
11	Luzia Maria da Conceição	José da Penha	"	Candidata	"
12	Maria Eliza Freire	Salamandra	"	Candidata	"
13	Antônia de Souza Lima	"	"	Candidata	"
14	Maria Helena de Araújo	"	"	E.I.Sítio Boa Esperança	"
15	Maria Viana Filha	"	"	Candidata	"
16	Miriam Cleides da Silva	Rafael Fernandes	"	Candidata	"
17	Alzira Oliveira de Carvalo	"	"	Candidata	"
18	Antônia Maia Costa	"	"	Candidata	"

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

TURMA " D "
1ª ETAPA 28
2ª ETAPA 7

CURSO QUE POSSUI

PRIMÁRIO
GINÁSIO
NORMAL

Nº DE ORDEM	NOMES	MUNICÍPIO	CURSO QUE POSSUI	LOCAL ONDE LECIONA	ETATA
19	Josefa Maria da Conceição	Riacho de Santana	Primário	Candidata	1ª
20	Francisca de Assis Fontes	"	"	E.R.Francisco Dantas	"
21	Isabel Maria da Conceição	"	"	Candidata	"
22	Maria da Salete Jesus	"	"	Candidata	"
23	Francisca Maciel de Souza	Encanto	"	E.Municipal	"
24	Maria Neuza Silva	"	"	E.Municipal	"
25	Ana Maria de Oliveira	Pilões	"	Candidata	"
26	Josefa Suzete Costa	Rafael Fernandes	"	Candidata	"
27	Maria Vilacy Rodrigues	Pilões	"	Candidata	"
28	Antônia Targino Bezerra	"	"	Candidata	"
29	Leuza Medeiros de Holanda	Francisco Dantas	"	E.R.Francisco Dantas	"
30	Adelcina Fontes do Nascimento	Pau dos Ferros	"	E.Municipal	"
31	Maria Marilene Silva	"	"	E.Municipal	"
32	Francisca Paulina da Silva	"	"	E.Municipal	"
33	Adalgisa Dantas de Sales	"	"	E.Municipal	"
34	Maria Fernandina de Queiróz	"	2ªSérie Normal	E.Municipal	"
35	Maria de Lourdes Barreto	"	Primário	E.I.de Malhada Alta	

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

TURMA "E"
1ª ETAPA "28"
2ª ETAPA

CURSO QUE POSSUI

PRIMÁRIO
GINÁSIO
NORMAL

Nº DE ORDEM	NOMES	MUNICÍPIO	CURSO QUE POSSUI	LOCAL ONDE LECIONA	ETA
1	Maria do Socorro Fernandes	Portalegre	Primário	Candidata	1ª
2	Terezinha de Freitas Rêgo	"	"	Candidata	"
3	Maria do Carmo Dias	"	"	Candidata	"
4	Marinalva Gurgel Rêgo	"	"	Candidata	"
5	Adalgisa Ferreira Costa	"	"	E.Municipal	"
6	Maria do Céu Barreto de Freitas	"	"	Candidata	"
7	Inês Gomes de Lunena	"	"	Candidata	"
8	Maria Vilani	"	"	Candidata	"
9	Rita Leandro da Silva	"	"	Candidata	"
10	Maria do Socorro de Lucena	"	"	G.E.Margarida Freitas	"
11	Maria Auxiliadora S.Campos	"	"	E.Municipal	"
12	Elcia Barbosa Amorim	"	"	Candidata	"
13	Maria de Fátima Formiga	Tenente Ananias	"	Candidata	"
14	Maria do Céu Leite	Luis Gomes	"	Candidata	"
15	Severina dos Ramos	Antônio Martins	"	Candidata	"
16	Terezinha Batista de Souza	"	"	Candidata	"
17	Maria da Salete Josina	Francisco Dantas	"	Candidata	"
18	Iraci Alves do Nascimento	"	"	Candidata	"

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
III CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS
PAU DOS FERROS

TURMA " E "
1ª ETAPA "28"
2ª ETAPA

CURSO QUE POSSUI

PRIMÁRIO
GINÁSIO
NORMAL

Nº DE ORDEM	NOMES	MUNICÍPIO	CURSO QUE POSSUI	LOCAL ONDE LECIONA	ETAP
19	Irís Gomes de Paiva	Riacho da Cruz	Primário	E.R.Riacho da Cruz	1ª
20	Margarida Barros de Paiva	"	"	E.R.Riacho da Cruz	"
21	Maria Sátiro de Oliveira	Tabeleiro Grande	"	Candidata	"
22	Elisa Ferreira Cavalcante	"	"	E.I.Taboleiro Grande	"
23	Maria Salête de Lima	Alexandria	"	Candidata	"
24	Antônia Francisca Gama	"	"	Candidata	"
25	Maria das Graças Maia	Paraná	"	Candidata	"
26	Maria Irís Pessoa	"	"	E.I.Monte Alegre	"
27	Augusta Fernandes Queiróz	Marcelino Vieira	"	Candidata	"
28	Maria Ivone Oliveira	"	"	Candidata	"

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

REGISTRO CE – Registros fotográficos do Curso de Treinamento para Professores Leigos em Pau Ferros (1965).

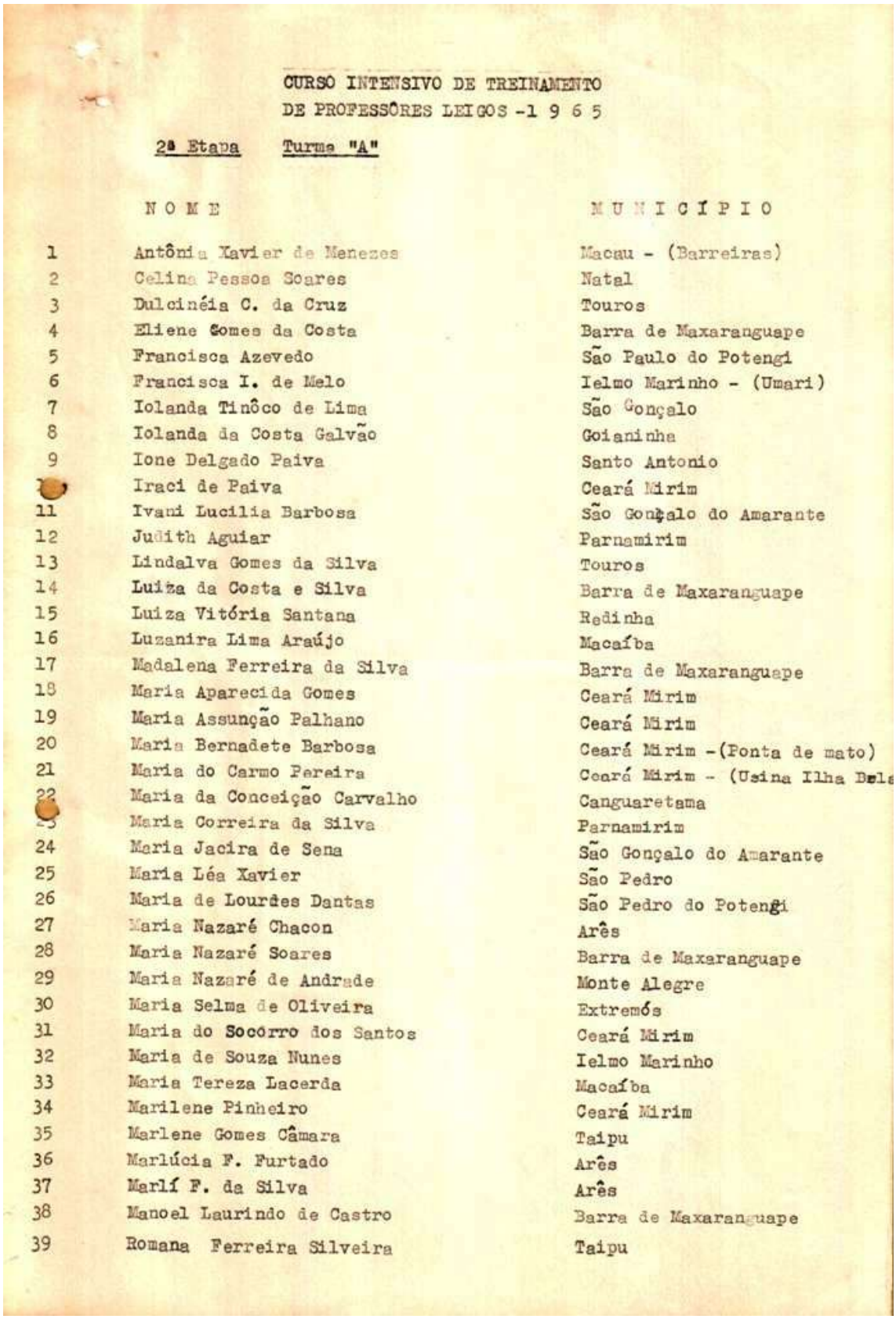






Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

REGISTRO CF – Lista de participantes das 2ª e 3ª etapas do Curso de Treinamento para Professores Leigos em Natal (1965).



CURSO INTENSIVO DE TREINAMENTO
DE PROFESSÔRES LEIGOS -1 9 6 5

2ª Etapa Turma "A"

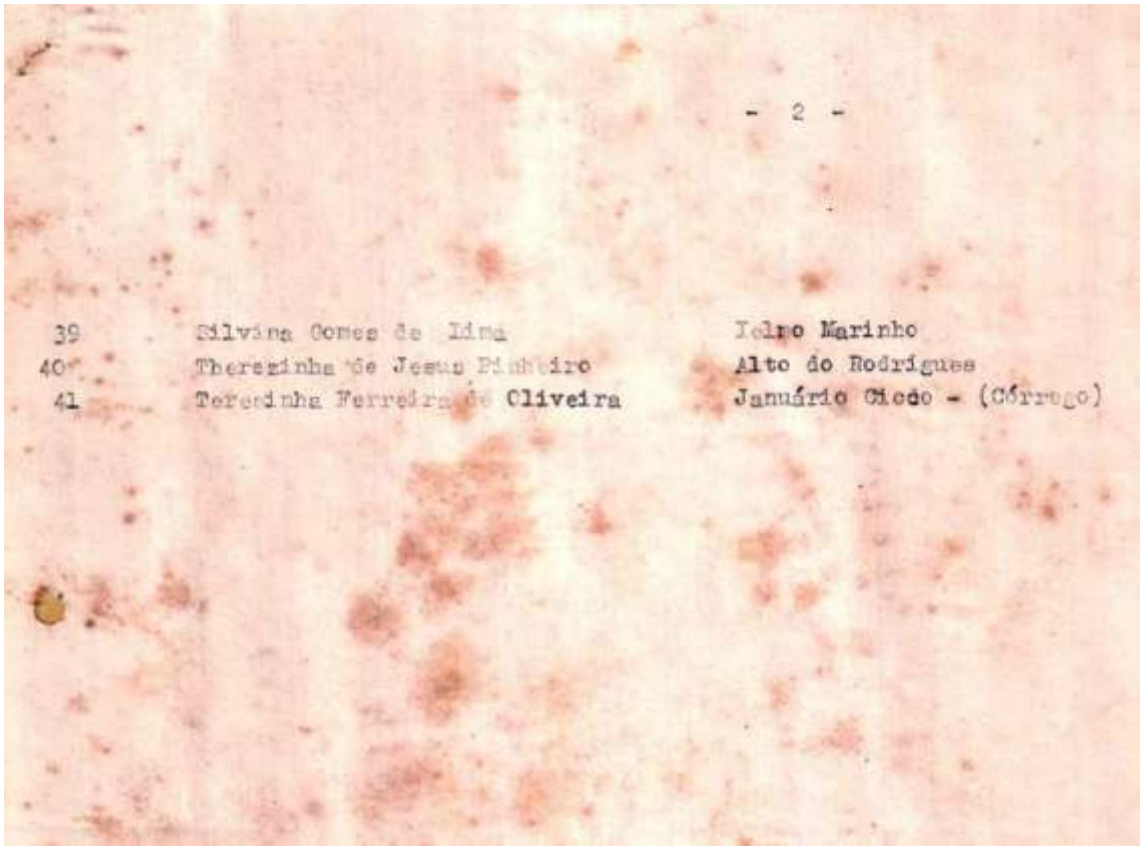
	NOME	MUNICÍPIO
1	Antônia Xavier de Menezes	Macau - (Barreiras)
2	Celina Pessoa Soares	Natal
3	Dulcinéia C. da Cruz	Touros
4	Eliene Gomes da Costa	Barra de Maxaranguape
5	Francisca Azevedo	São Paulo do Potengi
6	Francisca I. de Melo	Ielmo Marinho - (Umari)
7	Iolanda Tinôco de Lima	São Gonçalo
8	Iolanda da Costa Galvão	Goianinha
9	Ione Delgado Paiva	Santo Antonio
10	Iraci de Paiva	Ceará Mirim
11	Ivani Lucilia Barbosa	São Gonçalo do Amarante
12	Judith Aguiar	Parnamirim
13	Lindalva Gomes da Silva	Touros
14	Luiza da Costa e Silva	Barra de Maxaranguape
15	Luiza Vitória Santana	Redinha
16	Luzanira Lima Araújo	Macaíba
17	Madalena Ferreira da Silva	Barra de Maxaranguape
18	Maria Aparecida Gomes	Ceará Mirim
19	Maria Assunção Palhano	Ceará Mirim
20	Maria Bernadete Barbosa	Ceará Mirim -(Ponta de mato)
21	Maria do Carmo Pereira	Ceará Mirim - (Usina Ilha Bela
22	Maria da Conceição Carvalho	Canguaretama
23	Maria Correira da Silva	Parnamirim
24	Maria Jacira de Sena	São Gonçalo do Amarante
25	Maria Léa Xavier	São Pedro
26	Maria de Lourdes Dantas	São Pedro do Potengi
27	Maria Nazaré Chacon	Arês
28	Maria Nazaré Soares	Barra de Maxaranguape
29	Maria Nazaré de Andrade	Monte Alegre
30	Maria Selma de Oliveira	Extremós
31	Maria do Socorro dos Santos	Ceará Mirim
32	Maria de Souza Nunes	Ielmo Marinho
33	Maria Tereza Lacerda	Macaíba
34	Marilene Pinheiro	Ceará Mirim
35	Marlene Gomes Câmara	Taipu
36	Marlúcia F. Furtado	Arês
37	Marlí F. da Silva	Arês
38	Manoel Laurindo de Castro	Barra de Maxaranguape
39	Romana Ferreira Silveira	Taipu

40	Sebastiana Rodrigues da Silveira	Taipu
41	Zilda Maria Damasceno	Ielmo Marinho
42	Narciza Alves C. de Oliveira	Ceará Mirim

CURSO INTENSIVO DE TREINAMENTO
DE PROFESSÔRES LEIGOS 1 9 6 5

2ª Etapa Turma "B"

	NOME	MUNICÍPIO
1	Amazonina Teixeira de Carvalho	Macaiba
2	Ana Alves Maciel	Macaiba
3	Ana Maria Barbosa	Ceará Mirim
4	Arlete Martins de Souza	Taipu
5	Berenice de Souza Guedes	Macaiba
6	Crináuria P. da Silva	Ceará Mirim
7	Damiana Alves da Silva	Ceará Mirim
8	Eleonôra Soares Costa	Natal - (Quintas)
9	Edvan Bezerra Pereira	São Paulo do Potengí
10	Edy Ribeiro de Castro	Touros
11	Francisca Gomes de Oliveira	Ceará Mirim
12	Francisco Tôrres Cabral	Açú
13	Geovanina Timótco da Costa	João Câmara
14	Isabel da Cruz de Lima	Extremóz
15	João Gabriel de Oliveira	Redinha
16	João Cândido dos Prazeres	Extremóz
17	Luiz Gonzaga de Andrade	São José de Campestre
18	Luzia Xavier Nunes	Ceará Mirim
19	Maria Amélia de Aguiar	Santo Antônio (Serrinha)
20	Maria da Conceição Costa	São Gonçalo do Amarante
21	Maria Consuêlo Siqueira	Ceará Mirim
22	Maria Dorotéia Ferreira	João Câmara - (Matão)
23	Maria Eunice Sena de Assis	Ceará Mirim
24	Maria Eunice de Vasconcelos	São Gonçalo do Amarante
25	Maria Floresta do Nascimento	Pinchuêlo
26	Maria José Ferreira Martins	São Gonçalo (Rêgo Moleiro)
27	Maria José Silva	Ceará Mirim
28	Maria José Moreira	Monte Alegre - (Pirpiri)
29	Maria de Jesus Lopes	Vera Cruz
30	Maria de Lourdes Lopes	Taipu
31	Maria Natividade Ferreira	Touros
32	Maria Odete Cerqueira da Silva	Ceará Mirim - (Jacoca)
33	Maria Pinheiro Diniz	Monte Alegre
34	Maria Rodrigues da Silveira	Taipu - (Matão)
35	Maria Silva de Lima	Extremóz
36	Marinete Lemos da Silva	Ceará Mirim (Capim)
37	Nair da Paz B. da Penha	Redinha
38	Sidéria Mascena da Cruz	Goianinha



39	Silvina Gomes de Lima	Jelpo Marinho
40	Therezinha de Jesus Pinheiro	Alto do Rodrigues
41	Terezinha Ferreira de Oliveira	Januário Cicco - (Córrego)

CURSO INTENSIVO DE TREINAMENTO
DE PROFESSÔRES LEIGOS 1965

2ª Etapa Turma "C"

	NOME	MUNICÍPIO
1	Adélia Amélia Silva	Extremós (Contenda)
2	Amélia Alves	Mísia Floresta
3	Anagibe Xavier de Oliveira	Passagem
4	Antônia Souza de Mélo	Macaíba
5	Beatriz Silva	Ceará Mirim (Capim)
6	Célia Barbosa da Silva	Januário Cicco
7	Celita Dias Freire	Mísia Floresta (Pir. do Sul)
8	Elza Ferreira da Silva	Natal - (Nova Descoberta)
9	Francisca Augusta de Mélo	João Câmara
10	Francisca Batista Lopes	Afonso Bezerra
11	Gasparina Lima Silva	São Gonçalo (Santo Antônio)
12	Gelza Felipe Silva	Baixa Verde
13	Irene Dias Freire	Mísia Floresta (Alcaçus)
14	Josefa Miranda Nobre	Ceará Mirim (Coqueiro)
15	Lizete Barreto	Touros (Cajueiro)
16	Maria do Carmo Mélo	Natal
17	Maria da Conceição Lima	Ceará Mirim (Capela)
18	Maria Conceição Vilela	Ceará Mirim
19	Maria Dirce Bezerra	Santo Antônio
20	Maria Felix de Souza	Extremós
21	Maria Helena Correia	Ponta Negra
22	Maria Ivanda Lira	Extremós (São Miguel)
23	Maria Ivanaide Soares	Touros (São Miguel)
24	Maria José da Silva Mariano	Vera Cruz
25	Maria de Lourdes Ferreira	Ceará Mirim
26	Maria Marlinete B. de França	Januário Cicco - (Córrego)
27	Maria Nazaré Soares Pinto	Natal
28	Maria das Neves do Nascimento	Goianinha
29	Maria da Paz de Castro	Ceará Mirim
30	Maria de Salete Pereira	São Paulo do Potengí
31	Maria Soledade Xavier	Monte Alegre
32	Maria Zélia Miranda	São Bento do Norte (Caiçara)
33	Marta Maria Monteiro	São Bento doNorte (Caiçara)
34	Mirandolina T. de Andrade	São José de Mipibu
35	Rita Vitor do Nascimento	Taipu - (Horizonte)
36	Raimunda de Maria Bezerra	Sitio Novo - (Monte Alegre)
37	Terezinha Gomes de Oliveira	Januário Cicco - (Córrego)

Nº	N O M E	MUNICÍPIO	LOCALIDADE
38	Luzanira de Araújo	Ielmo Marinho	Ielmo Marinho
39	Marlene Vicente da Silva	Januário Cicco	Januário Cicco
40	Maria Cafolina dos Santos	Touros	S.Franc.de Touros
41	Maria da Conceição Pegado	B.Maxaranguape	Tabua
42	Maria Dalva Monteiro	Natal	Nova Descoberta
43	Maria da Conceição Messias	Jandaira	Jandaira
44	Maria das Dôres Queiroz dos Santos	Extremós	Contenda
45	Maria dos Navegantes de Oliveira	Natal	Natal
46	Maria Terezinha Lira	Extremós	São Miguel
47	Marilene Lopes de Medeiros	São Tomés	São Tomé
48	Maria Nuta Oliveira	Santa Cruz	Santa Cruz
49	Maria Senhorinha de Lira	Ielmo Marinho	Umari
50	Maria do Carmo Ramos do Nascimento	Natal	Natal
51	Maria de Lourdes de Freitas	Natal	Natal
52	Maria Aparecida Silva	Taipu	Taipu
53	Maria Cícera de Melo Gomes	Natal	Natal
54	Maria das Dôres Araújo Bezerra	Maceiba	Maceiba
55	Maria Lídia da Silva	Natal	Natal
56	Maria da Conceição Vitorino	Ceafa Mirim	Massaranduba
57	Maria Dalva da Silva	Tibau do Sul	Pipa
58	Maria de Lourdes Queiroz Almeida	Natal	Natal
59	Maria do Céu Rosa	Ielmo Marinho	Sta.Luzia
60	Maria do Rosário Costa	Pedra Grande	Alto da Arueira
61	Maria Francisca Fernandes	Jandaira	Jandaira
62	Maria Lúcia Correia	Natal	Ponta Negra
63	Maria Luzinete Costa	São Gonçalo	Coqueiro
64	Maria Magil Ferreira	Pureza	Pureza
65	Maria dos Martírios V.da Silva	Natal	Natal
66	Maria da Soledide Marques	Riachuêlo	Foz Gruta Taipu
67	Maria Rodruigew dos Santos	B.Maxaranguape	Maracajaú
68	Marluci Marinho	Natal	Natal
69	Maria Erlinda da Silva	Ielmo Marinho	Canto de Moça
70	Maria da Conceição da Silva	São Gonçalo	Poço de Pedra
71	Maria do Socorro Pinheiro	Natal	Igapó
72	Maria dos Anjos Chagas	Extremós	Umbiribeira
73	Maria de Lourdes Mendes	São Gonçalo	Utinga
74	Maria Rosa Cabral	Ceará Mirim	Muriu
75	Maria Nazaré dos Santos	B.Maxaranguape	Caraúbas
76	Maria de Lourdes Nunes	Ceará Mirim	Boa Vista
77	Maria Ozaneide Barbosa	São Gonçalo	Coqueiros
78	Maria Barbalho	Natal	Natal
79	Maria Dalila da Silva	Natal	Natal

Nº	N O M E	MUNICÍPIO	LOCALIDADE
80	Maria Dalva da Silva	Natal	Natal
81	Nilcéia da Silva	João Câmara	João Câmara
82	Nancy Ferreira da Silva	Extremós	Gruta
83	Olívia Ferreira do Nascimento	Ceará Mirim	Muriu
84	Othilia de Azevedo Câmara	Ceará Mirim	Muriu
85	Paulina Soares da Silva	Extremós	Barro Vermelho
86	Raimunda Gomes Teixeira	Natal	Natal
87	Sebastiana Costa	Nandaira	Arueira Direta
88	Sebastiana Varela Bezerra	Pedra Grande	Pedra Grande
89	Sônia de Lima	Macaiba	Macaiba
90	Salomão José do Nascimento	B.Maxaranguape	B.Maxaranguape
91	Sônia Maria Gonçalves	Ielmo Marinho	Boa Vista
92	Sofia Monteiro Regis	Touros	Sta. Luzia
93	Tonita Costa Pinheiro	Macau	Macau
94	Tereza Pessoa Tavares	Natal	Natal
95	Terezinha de Souza	Natal	Natal
96	Tercila Gomes da Silva	São Gingalo	São Gonçalo
97	Terezinha de Oliveira Dantas	Natal	Natal
98	Vilma Barbosa de Lima	Extremós	Estivas
99	Zulmira Ubaldina de Morais Sales	Natal	Natal

NATAL 3º ETAPA

Classificação	Inscrição	Nome	Português	Matematica	Estudo Sociais	C.Naturais
1º	34	Maria dos Prazeres de Melo	9 8	100	95	90
2º	225	Estelina Vicente da Silva	88	94	90	90
3º	255	Ivanice Loiola de Medeiros	81	82	90	90
4º	197	Gonçala Martins da Rocha	84	82	75	70
5º	107	Rita Maria da Conceição	88	88	90	70
6º	221	Sônia Maria Nunes				
7º	04	Maria do Rozario Costa				
8º	189	Iolanda Maria dos Santos				
9º	35	Iolanda Barboza da Silva				
10º	40	Maria de Lourdes Barboza				
11º	211	Maria da Conceição Cunha				
12º	124	Iracema Dantas de Oliveira				
13º	128	Marly Cardoso de Lima				
14º	56	Iracema Lima do Nascimento				
15º	105	Maria Elias Ramos				
16º	182	Maria do Carmo Guedes				
17º	243	Maria da Glória Fernandes Duarte				
18º	170	Raimunda Vieira da Silva				
19º	219	Terezinha Franco da Silva				
20 º	130	Nilza Fontoura do Nascimento				
21º	42	Josefa Augusta de Medeiros				
22º	1	Eliete Mauricio da Costa				
23º	229	Edith Duarte Fabricio				
24º	108	Joana Cardoso de Melo				
25º	227	Zulmira Saraiva				
26º	256	Diasete da Costa e Silva				
27º	94	Maria Hernocite da Silva				

NATAL 3º ETAPA

Classificação	Inscrição	Nome	Media
28º	134	Maria Dalva da Bandeira	80,2
29º	95	Luiza Almeida Xavier	80
30º	200	Luiza Tinôco da Cruz	80
31º	128	Maria Lindalva da Silva	80
32º	24	Francisca Maria Silva	80
33º	188	Maria do Socorro Bezerra	80
34º	36	Maria Cleonice de Morais	79,7
35º	39	Maria Ironilde Guimarães	79,5
36º	99	Maria Dalila de Souza	79,5
37º	154	Maria Orildia Mota	79,5
38º	252	Ivanize Ferreira Pinheiro	79,5
39º	18	Luzanira Maria de Araujo	79,2
40º	83	Santina Balbino de Freitas	79,2
41º	168	Maria Auxiliadora F. da Silva	79,2
42º	258	Iolanda Barboza gomes	79,2
43º	14	Adomilda Ferreira de Oliveira	79
44º	166	Terezinha Fernandes de Araújo	79
45º	97	Geralda Gomes Gonçalves	79
46º	111	Helena Mauricio da Silva	79
47º	101	Maria de Lourdes de Andrade	79
48º	104	Maria Ilma Brandão -	78,7
49º	23	Iolanda Leolpodo da Costa	78,7
50º	139	Severino Bernardo de Souza	78,5
51º	113	Maria Consuêlo M. Silva	78,2
52º	139	Irene Lopes Campêlo	78,2
53º	175	Maria das Dores Albuquerque	78
54º	120	Maria Pessoa Alves	77,7

NATAL 3ª Etapa

Classificação	Inscrição	Nome	Media
55	76	Maria Ideuzade lima	77,7
56	245	Valdomira Rodrigues de Sousa	77,7
57	123	Maria Navaré Paiva	77,7
58	140	Isabel Calheiro lopes	77,7
59	150	Arlete Felipe da Silva	77,7
60	136	Zíla da Silva Ramos	77,7
61	77	Maria da Gloria de Farias	77,5
62	58	Josefa Ribeiro de lima	77,2
63	216	Francisca de Aquino Ribeiro	77,2
64	261	Zélia Maria Ribeiro	76,7
65	110	Maria de Lourdes Silva	76,5
66	183	Maria Joilce Dantas	76,5
67	1	Maria Dalva da Silva	76,5
68	51	Dalvaneide Gelvão Ferreira	76,2
69	52	Expedita Evalda da Silva	76,2
70	215	José Ferreira Alves	76,2
71	71	Ironilde de Araújo	76,2
72	142	Maria Madalena dias da Rocha	76
73	196	Maria do Céu T. da Costa	76
74	115	Maria Saturnina Teixeira	75,7
75	31	Maria Ivanete Andrade	75,7
76	126	Abgail Leiros Cavalcante	75,5
77	181	Alice Maria de Lima	75,5
78	184	Terezinha Brasiliano da Silva	75,2

3ª [illegible] ETAPA - NATAL

Nº	NOME DO CANDIDATO	MÉDIA
79º	Severina da Costa.....	75,2
80	Janete M. Bezerra da Silva.....	75,2
81	Maria Consuêlo Siqueira da Silva.....	75
82	Maria Estela Pereira Monteiro.....	73
83	Maria Estela do Nascimento.....	74,7
84	Maria do Carvalho Souza.....	74,7
85	Maria José de Almeida.....	74,7
86	Luzia Vitória Santana.....	74,5
87	Maria Alieto de Carvalho.....	74,5
88	Geraldina Lemos do Nascimento.....	74,5
89	Genalva Andrade.....	74,5
90	Leide Higino de Souza.....	74,5
91	Maria do Socorro Soares.....	74,5
92	Maria Pereira Alves.....	74
93	Maria Albaniza Nunes.....	74
94	Maria do Carmo Guedes da Silva.....	73,7
95	Leondina Maria Bezerril.....	73,7
96	Antônia Vicente de Oliveira.....	73,7
97	Maria Saleto Ramos.....	73,7
98	Francisca Batista do [illegible]elo.....	73,7
99	Anita Monteiro Soares.....	73,5
100	Inês Gomes da Costa.....	73,5
101	Maria da Guia Oliveira.....	73,2
102	Marluce Aires da Silva.....	73,2
103	Severina Bernadino Neves.....	73,2
104	Raimunda De A. Cavalcante.....	73,2
105	Francisca Alves Machado.....	73,2
106	Maria da Glória Silva.....	73,2
107	Marta Barbosa de Lima.....	73
108	Zilma Tôrres da Costa.....	73
109	Maria das Graças Ferreira Mariano.....	73
110	Maria de Lourdes Gomes dos Prazeres.....	72,7
111	Maria Nadeje Araújo Santos.....	72,7
112	Marluce Gonzaga da Silva.....	72,5
113	Josefa Dionisio de Lima.....	72,5
114	Judite Sales.....	72

3ª ETAPA = NATAL

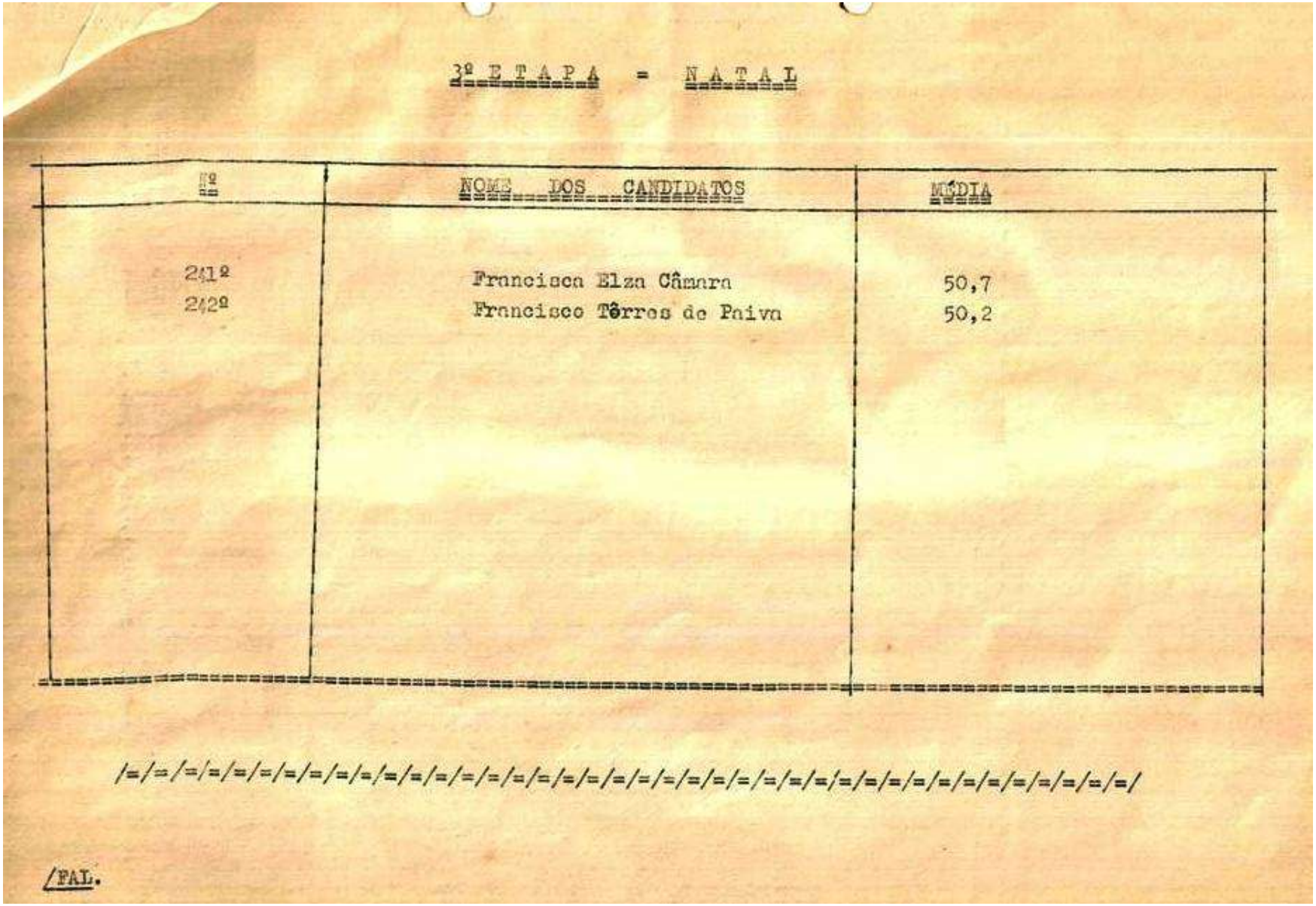
Nº	NOME DOS CANDIDATOS	MÉDIA
115º	Maria Ferreira dos Santos	72,
116º	Odete Maria de Souza	72,
117º	Evangelista Assânção do Nascimento	72,
118º	Maria Estela Sales	71,5
119º	Maria de Lourdes Andrade	71,5
120º	Elza Lira da Costa	71,2
121º	Luizinha Antônia Balbino	71,2
122º	Marluce Andrade Pimentel	71,2
123º	Josefa Freire de Oliveira	71,
124º	Maria Miftes da Silva Araújo	71,
125º	Oneide Mauricio de Queiroz	71,
126º	Maria Pérpetua da Silva	70,7
127º	Eliene Barbosa Pinto	70,5
128º	Maria Elza de Carvalho	70,5
129º	Josefa C. Rodrigues e Silva	70,5
130º	Ana Lúcia Coelho da Silva	70,5
131º	Nadir Simplicio de Souza	70,2
132º	Nídia Simão Varela	70,2
133º	Marilene Lopes da Silva	70,2
134º	Terezinha de Jesus Lins	70,2
135º	Francisca Lúcia dos Santos	70,2
136º	Maria Saleto Silva	70,2
137º	Maria Aparecida Cunha	70,
138º	Margarida Maria de Lima	70,
139º	Maria Odete Almeida	70,
140º	Maria do Rosário Bezerra	69,7
141º	Maria Carlos da Fonsêca Filha	69,7
142º	Maria de Lardes Gomes Fernandes	69,7
143º	Josefá Costa de Souza	69,7
144º	Maria da Conceição Alves da Silva	69,7
145º	Maria Alzenir de Oliveira	69,5
146º	Maria Auxiliadora Tertuliano	69,2
147º	Maria Aliente Teixeira	69,2
148º	Maria de Lourdes Brito de Souza	69
149º	Zília Albino da Silva	69,
150º	Francisca Gomes da Silva	69,
151º	Maria do Carmo do Nascimento	68,7
152º	Iris Maria Rodrigues da Costa	68,7
153º	Fracineto Monteiro de Santana	68,7
154º	Maria do Socorro Tavares	68,7

3ª ETAPA - NATAL

	NOME DO CANDIDATO	MÉDIA
155º	Maria das Graças da Silva	68,2
156º	Maria da Conceição Pinheiro	68,
157º	Maria José de Lima	68,
158º	Maica Martins de Oliveira	68
159º	Severina Guimarães	67,7
160º	Lindalva Jorge da Silva	67,7
161º	Lindalva Vieira do Nascimento	67,7
162º	Ester Cavalcante da Silva	67,7
163º	Maria Ozinaide Barbosa	67,7
164º	Ednar Garcia de Oliveira	67,7
165º	Nouza da Rocha	67,5
166º	Maria Amélia de Souza	67,5
167º	Virgínia Bandeira da Silva	67,5
168º	Emília de Carvalho	67,2
169º	Francisca Ferreira da Selva	67,2
170º	Anita Valença de Andrade	67,2
171º	Joana Barbosa de Oliveira	67,2
172º	Maria Domingos de Lima	67,2
173º	Geraldo Peregrino de Medeiros	66,7
174º	Maria José de Lima	66,7
175º	Maria de Lourdes Lima	66,5
176º	Maria Vanilda Ribeiro	66,5
177º	Maria Alice de melo Gonçalves	66,5
178º	Maria de Lourdes Ferreira	66,2
179º	Zuleide Cândido do Nascimento	66,2
180º	Joana Maria do Nascimento	66,2
181º	Maria Pereira de Moura	66
182º	Isabel Tavares de Azevedo	65,5
183º	Maria Crouza de Oliveira	65,5
184º	Olinaúria Carlos de Lima	65,
185º	Cilomar de Souza Tinôco	65,
186º	Maria do Socorro do Nascimento	64,7
187º	Francisca Diva de Oliveira	64,7
188º	Maria Dalva Silva	64,5
189º	Maria das Graça Costa	64,5

3ª ETAPA = NATAL

Nº	NOMES DOS CANDIDATOS	MÉDIA
200º	Júlia Felix de Andrade	63,2
201º	Inês Salviano de Oliveira	63
202º	Almira Alves da Silva	62,7
203º	Arinor Vasques Ribeiros	62,5
204º	Matilde Ferreira de Lima	62,7
205º	Francisca Gonçalves Moreira	62,5
206º	Ivanete Felipe da Silva	62,2
207º	Maria dos Desterros de Lima	62,
208º	Lúcia Maria de Souza	61,7
209º	Maria Dalvanir dos Santos Pinheiro	61,7
210º	Osmerina Crizanto da Silva	61,7
211º	Margarida Maria Bezerra	61,6
212º	Maria Salete dos Santos	61,2
213º	Creuza Maria de Brito	61,
214º	Neuza Ferreira Campos	60,7
215º	Alzira Gomes de Oliveira	60,7
216º	Terezinha Gomes de Oliveira	60,5
217º	Arlene Martins de Souza	60,2
218º	Geralda Maria Costa	60 2
219º	Maria Oliveira Silva	60,
220º	Francisca Solbrinho de Carvalho	60,
221º	Maria da Conceição Campos	59,2
222º	Raimunda Camilo de Oliveira	59,2
223º	Dalvina Pereira Bezerra	59,
224º	Francisca do Nascimento	59,
225º	Elizeth Maria de Oliveira	59
226º	Olivia Ferreira da Silva	59,
227º	Maria Anunciada da Silva	587
228º	Marlene dos Santos da Silva	57,7
229º	Antônia Pedroza de Lima	56,7
230º	Francisca A. Correira de França	56,7
231º	Paula Dantas	56,
232º	Nilcéia Felix dos Santos	55,7
233º	Maria Pinheiro de Freitas	55 .
234º	Laura Maria Soares	54,7
235º	João Câmara Bezerra	52,7
236º	Maria de Lourdes Melo	52,2
237º	Leonora Francisca do Nascimento	51,7
238º	Maria Francisca da Silva	51,5
239º	Francisca Romano de Oliveira	51,
240º	Angelina Olegário da Silva	50,7



3º E T A P A = N A T A L

Nº	NOME DOS CANDIDATOS	MÉDIA
241º	Francisca Elza Câmara	50,7
242º	Francisco Tôrres de Paiva	50,2

/=/=/=

REGISTRO CG – Lista de participantes das 1ª, 2ª e 3ª etapas do Curso de Treinamento para Professores Leigos em Mossoró (1965).

ETAPA 1ª TURMA "A"

Nº	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
01.	Maria José da Silva	Apodi	Escola Municipal	Sítio Miraselma
02.	Alaíde Maria da Conceição	"	Escola I. Ponta D'Água	Ponta D'Água
03.	Iris Regalado da Silva	Almino Afonso	Candidata	Cidade
04.	Antonia Veriana Alves	Caraúbas	Candidata	Sítio Jordão
05.	Maria Marluce Dantas	"	Candidata	Sítio Cangaíra
06.	Haydée de Freitas Pontes	"	G.E. Antônio Carlos	Cidade
07.	Maria dos Anjos Pinheiro	"	G.E. Antônio Carlos	Cidade
08.	Eunice Bezerra de Morais	"	E.I. São Geraldo	Sítio São José
09.	Zulmira Filadelfia de Lima	"	E.I. Entroncamento	Cidade
10.	Maria do Carmo Câmara	Felipe Guerra	E.I. S. Mato Verde	Sítio Mato Verde
11.	Constantina Firmina de Morais	Gov. Dix-sept	E.I. Argulhada	Sítio Argulhada
12.	Raimunda Gomes Neta	Janduís	E.R. Vicente Gurgel	Cidade
13.	Francisca Andrade Dantas	Junco	Candidata	"
14.	Terezinha Sebastiana Almeida	"	Candidata	"
15.	Francisca Rezende de Paula	Lutrécia	E.R. João Onofre	"
16.	Maria Dalva de Mesquita	"	E.R. João Onofre	"
17.	Francisca Maria da Conceição	"	E.R. João Onofre	"
18.	Luíza Medeiros de Carvalho	Mossoró	E.Clube de Mães S. José	"
19.	Albaniza de Freitas Vale	"	G.E.R. Gov. Dix-sept	"
20.	Terezinha Maria da Silva	"	E.Clube de Mães S. José	"
21.	Francisca de Lourdes Silva	"	Candidata p/Grupo do Saco	"
22.	Maria do Socorro Freire Amorim	"	Candidata p/Grupo do Saco	"
23.	Maria do Céu Silva	"	Candidata p/Grupo do Saco	"
24.	Margarida dos Santos Mendonça	"	Candidata p/Grupo do Saco	"
25.	Maria Anita Freire Amorim	"	G.E.Associação Normalista	"

	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
26.	Maria Anita Freire Pereira	Mossoró	G.E. Associação Normalista	Cidade
27.	Josefa de Lourdes Cavalcanti	Mineiro	E.I. Sítio Arrojado	Sítio Arrojado
28.	Maria Ana de Moura	Patu	E.I. Morada Nova	Sítio Morada Nova
29.	Margarida Aida Moura	"	G.E. Joaõ Godeiro	Cidade
30.	Julia Francelina de Moura	"	E.I. Sítio Canadá	Sítio Canadá
31.	Eurenice Benigono de Oliveira	"	E.I. Sítio Bela Vista	Sítio Bela Vista
32.	Eurides Francelino de Moura	"	E.I. Sítio Barra	Sítio Barra
33.	Maria Edite de Moura	"	E.I; Sítio Bôa Vista	Sitio Bôa Vista
34.	Rita Ana de Moura	"	E.I. Sítio Castanheiro	Sítio Castanheira
35.	Eliene Pereira de Sousa	"	E.I. Sítio Cumaru	Sítio Cumaru
36.	Nilva de Françaa Godeiro	"	G.E. Joaõ Godeiro	Cidade
37.	Maria Itacira Bonta	"	E.I. Lagoa de Pedra	Sítio Lagoa de Pedra
38.	Marizete Matias da Silva	"	E.I. Trempres	Sítio Trempres
39.	Helena Leni Fernandes	"	Candidata	Sítio Mundo Novo
40.	Maria Salete Filgueira	Portalegre	E.I. Logradouro	Sítio Logradouro
41.	Francisca de Assis Freitas	Severiano Melo	E.R. Severiano Melo	Cidade
42.	Neide Bezerra	Upanema	Candidata p/Grupo	Cidade
43.	Maria da Glória Bezerra	"	Candidata p/Grupo	Cidade
44.	Maria Jomar Cabral	"	Candidata p/Grupo	Cidade
45.	Maria José Costa Bezerra	"	Candidata p/Grupo	Cidade
46.	Emilia Maria de Araújo	"	E.I. Conceição	Sítio Conceiçao
47.	Maria Inácia de Lima	"	Candidata p/Grupo	Cidade
48.	Maria Aparecida Costa	"	Candidata p/Grupo	Cidade
49.	Maria Enilda de Moura	Varzéa da Castinga	E.I. Várzea da Castinga	Cidade

ETAPA 1ª ETAPA TURMA "B"

Nº	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
01.	Maria Brisa do Nascimento	Apodi	E.I. Barro Vermelho	Fazenda Barro Vermelho
02.	Irenice Carlos da Silva	Almino Afonso	G.E. Cledemir Chaves	Cidade
03.	Francisca Eretides de Freitas	" "	E.I. Redeader	"
04.	Maria Soares de Oliveira	Augusto Severo	E.Municipal	Sítio Pimenta
05.	Helena Soares de Carvalho	" "	G.E. Adriãe de Melo	Cidade
06.	Maria de Lourdes de Araújo	Caraúbas	E.I. Perdição	Sítio Perdição
07.	Iara Fernandes Pamplona	"	Candidata	Cidade
08.	Raimunda Ferreira	"	E. Municipal	"
09.	Cicera Gonzaga Dantas	Ipanguaçu	E.I. Capivara	Sítio Capivara
10.	Maria Severa Barbalho	"	Candidata p/o Grupo	Cidade
11.	Maria Salete Miranda de Carvalho	"	" " "	"
12.	Maria da Salete Silveira dos Santos	"	" " "	"
13.	Maria do Socorro Fonsêca	"	" " "	"
14.	Raimunda Dantas	"	" " "	"
15.	Alvanir Vieira da Costa	Janduís	E.R. Vicente Gurgel	"
16.	Aluísio Gurgel	"	E.R. Vicente Gurgel	"
17.	Terezinha Teixeira de Andrade	Junco	Candidata	"
18.	Aurizete Bezerra Cavalcante	Martins	"	Saco da Impertinência
19.	Raimunda Lopes da Costa	Messeré	E.A. José P. Lima	Cidade
20.	Francisca Batista de Oliveira	"	E.S. Lago do Mato	Lagoa do Mato
21.	Maria Saraiva	"	Candidata	Grupo do Saco
22.	Luzia Fernandes de Oliveira	"	E. Municipal	Cidade
23.	Luzia Paula Dantas	"	G.E. Estervão Dantas	"
24.	Carmelita Regis de Oliveira	"	G.E. Estervão Dantas	"
25.	Maria Marfisa Dantas	"	G.E. Antonio Gomes	"

ETAPA 1ª . TURMA "B"

Nº	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
26.	Celina Paula de Araújo	Mossoró	E.A. José P. Lima	Cidade
27.	Alzira Andrade de Menezes	"	E.I. Lagoa do Mato	Lagoa do Mato
28.	Joana Timótee de Lira	"	E.I. José Venceslau	Vertentes
29.	Décima Saraiva da Silva	"	G.E.R. Gov. Dix-sept	Cidade
30.	Maria José de Oliveira	"	G.E. Moreira Dias	"
31.	Maria de Lourdes Fernandes Duarte	"	G.E. Estervão Dantas	"
32.	Isaura Carvalho da Silvam	"	E.R. Princêsa Isabel	"
33.	Raimunda Henrique da Silva	"	E.I. Joaõ Ferreira Leite	Santana
34.	Raimunda Melo de Carvalho	"	E.S. Alto da Conceição	Cidade
35.	Josefa da Costa Cardoso	"	E.A. Pe. Dehon	Cidade
36.	Guiomar de Medeiros Freitas	"	G.E.R. Gov. Dix-sept	Cidade
37.	Maria de Lourdes Vale	Olho D"Agua do B.	E.R. D"Agua do Borges	Cidade
38.	Lindalva Maria Cunha	" " "	E.I. Cajazeiras	Cidade
39.	Alaide Leite da Silva	" " "	Candidata p/o Grupo	Cidade
40.	Raimunda Soares	" " "	" "	Cidade
41.	Bernadete Muniz da Costa	" " "	" "	Cidade
42.	Maria de Lourdes Paiva Solano	" " "	" "	Cidade
43.	Zélia Maria de Almeida	Patu	E.I. Passagem	Sítio Passagem
44.	Maria do Socorro Ferreira	"	Candidata	Sítio Passagem Nova
45.	Sebastiana de Paiva	"	Candidata	Cidade
46.	Neide Gomes	"	Candidata	Cidade
47.	Maria do Socorro Franceline	"	E.I. Morada Nova	Sítio Morada Nova
48.	Laura Leite da Costa	Umarizal	G.E. Zenon de Sousa	Cidade
49.	Maria Rita de Mesquita	Mossoró	G.E. Antonio Gomes	Cidade

ETAP 2a - TURMA "C"

	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
1.	Francisca Alves da Silva	Apodi	E.I. Sítio Ponta	Sítio Ponta
2.	Alvani de Freitas Dias	"	G.E. Ferreira Pinto	Cidade
3.	Maria do Socorro Morais	"	G.E. " "	Cidade
4.	Raimunda Maria de França	"	E.I. Sítio Melancias	Sítio Melancias
5.	Francisca Lopes de Oliveira	"	E.I. São Lourenço	Sítio São Lourenço
6.	Luiza Rodrigues Alves	"	Candidata	Cidade
7.	Maria de Lourdes Silva	"	E.I. Fazenda Novo Nilo	Fazenda Novo Nilo
8.	Sebastiana Moreira Viana	"	E.I. Sítio Santa Rosa	Sítio Santa Rosa
9.	Maria Marta de Oliveira	"	E.I. Sítio S. Lourenço	" São Lourenço
10.	Maria da Conceição Dantas Câmara	"	E.I.II. Sítio Xique-Xique	" Xique-Xique
11.	Adília Tavares Dantas	Assu	G.E.Te. Cel. José Correia	Cidade
12.	Maria Augusta Caldas Lima	"	G.E. " " " "	Cidade
13.	Nousa Alves da Silva	"	E.I.Nossa Senhora Menina	Lagôa do Ferreiro
14.	Francisca Bezerra de Araújo	"	G.E.Rural Santo Antonio	Santo Antonio
15.	Francisca Boti da Costa	"	E.I. do Comboeiro	Comboeiro
16.	Ione Cavalcanti Fonsêca	"	E.I.Olho D'Agua do Piató	Piató
17.	Saturnina Alves de Lucena Sousa	"	G.E.Te. Cel. José Correia	Cidade
18.	Eugênia Nascimento	Almino Afonso	G.E. Clodomir Chaves	Cidade
19.	Terezinha de Jesus Fonsêca	Antonio Martins	E.I. Sítio Tamanduá	Sítio Tamandua
20.	Rosália Elza da Silva	Augusto Severo	E.Sub.Rural de Triunfo	Sítio Triunfo
21.	Francisca Carneiro	" "	E.I. Bom Jesus	Bom Jesus
22.	Francisca de Medeiros Saldanha	" "	E.I. Santa Isabel	Cidade
23.	Raimunda Bezerra Cavalcanti	" "	E.I. Santa Maria	Santa Maria
24.	Raimunda Ferreira de Melo	Areia Branca	E.I. São Cristóvão	Redonda
25.	Maria Germano da Silva	" "	E.I.Nossa Srª dos Navegant.	Ponta do Mel

ETAPA 2ª - TURMA "C"

NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
26. Neumar Farias de Azevedo	Caraúbas	G.E. Antonio Carlos	Cidade
27. Ana de Oliveira Moura	"	G.E. " "	"
28. Maria Haydée de Oliveira	"	G.E. " "	"
29. Raimunda Marinho de Souza	"	G.E. " "	"
30. Elza Rodrigues da Silva	"	G.E. " "	"
31. Rita Alves dos Impossiveis	Felipe Guerra	E.I. Passagem Funda	Passagem Funda
32. Abigail Feitosa da Silva	" "	E.I. II. Sítio Rosário	Sítio Rosario
33. Raimunda Batista Soares	" "	E.I.II Sítio Boqueirão	" Boqueirão
34. Maria do Socorro Silveira	" "	E.I. Sitio Brejo	" Brejo
35. Maria de Lourdes Gurgel	" "	E.I.Cel. Antonio Francisco	Cidade
36. Aldenora Barbosa de Oliveira	Grossos	E.I. de Gangôrra	Gangôrra
37. Maria do Socorro Castro	"	G.E. Coronel Solon	Cidade
38. Sebastiana Faustina da Silva	"	G.E. " "	"
39. Raimunda Rebouças de Oliveira	"	E.I. 1º de Maio	Sítio Gado Bravo
40. Maria Paula Rodrigues	Gov.Dix-sept Rosado	Candidata	Cidade
41. Sebastiana Bezerra dos Santos Silva	" " "	Candidata	Cidade
42. Irapirema Maria de França	" " "	Candidata	Cidade
43. Paulina Medeiros de Freitas	" " "	E.I. Romão Filgueira	Caraúbas
44. Antonia Jane Estigarriga Menescal	" " "	Candidata	Cidade
45. Maria Eliete de Lima	Itaú	G.E. Francisco Pinto	Cidade
46. Maria Luzete Maia	"	Candidata	Cidade
47. Expedita Câmara de Souza e Silva	Ipanguassu	G.E. Ovídio Montenegro	Cidade
48. Rosilda Ribeiro Barbalho	"	G.E. " "	Cidade
49. Maria Sulinete de Souza	"	G.E. " "	Cidade
50. Julieta Moura de Souza	"	E.I. Canto do Umari	Sítio Canto do Umari

ETAPA 2ª — TURMA "C"

	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
51.	Maria Rita Câmara	Mineiro	G.E. Frutuoso Gomes	Cidade
52.	Raimunda Dantas de Queiroz	"	G.E. " "	"
53.	Maria de Lourdes Gomes de Oliveira	"	G.E. " "	"
54.	Leonor Alves de Oliveira	"	G.E. " "	"
55.	Sebastiana Dantas de Limeira	"	G.E. " "	"
56.	Antonia Ferreira da Silva	Olho D'Agua do Borges	E.R. Olho D'Agua do Borges	"
57.	Maria Francisca de Oliveira	" " "	E.R. " "	"
58.	Maria de Paiva Nunes	" " "	E.R. " "	"
59.	Maria do Socorro Cortez	Patu	E.I. Sítio Horizonte	Sítio Horizonte
60.	Terezinha Jales Dantas	"	E.I. Sítio Horizonte	Sítio Horizonte
61.	Maria das Neves Azevedo	"	Candidata	G.E. João Godeiro
62.	Corina Tavares Rodrigues	"	E.I. Sítio Miranda	Sítio Miranda
63.	Helena Maria de Paiva	Varzea da Cantinga	E.R. Varzea da Cantinga	Cidade
64.	Maria do Socorro Magno da Costa	Apodi	G.E. Ferreira Pinto	Cidade
65.	Maria José Duarte	Areia Branca	Educandário S.Francisco	Cidade

ETAPA 2ª - TURMA "D"

	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
1.	Maria Zuleide Marinho	Apodi	E.I. São Lourenço	São Lourenço
2.	Maria Eliete Gurgel	Caraúbas	E.I. de Santana	Sítio Santana
3.	Maria Salete Lima	Felipe Guerra	E.I.Col. Antonio Francisco	Cidade
4.	Maria Dolores de Souza	Gov. Dix-sept	Candidata	"
5.	Maria Divani de Freitas	" "	E.I.Excedentes de Canudos	Sítio Canudos
6.	Raimunda Soares de Freitas	" "	Candidata	Sítio Quixaba
7.	Antônia Maria de Freitas	" "	"	Sítio Quixaba
8.	Maria Antonia de Freitas	" "	"	Cidade
9.	Zolene Marques da Costa	" "	"	Cidade
10.	Mízia Ferreia Nunes	" "	"	Cidade
11.	Rita Bezerra do Rêgo	" "	"	Cidade
12.	Maria Edeltrudes do Vale	" "	E.I. de Bonito	Sítio Bonito
13.	Benjamim Costa de Melo	" "	Candidato	Cidade
14.	Maria Antonia Marques	" "	"	"
15.	Aneci Andrade Moura	Ibau	"	"
16.	Maria Celita Maia	"	"	"
17.	Raimunda Martins da Silva	"	"	"
18.	Nilzete de Oliveira Alves	"	"	"
19.	Olindina Confessor Cavalcanti	"	G.E. Francisco Pinto	"
20.	Odília Andrade Pinheiro	"	G.E. " "	"
21.	Helem Maria Maia	"	G.E. " "	"
22.	Francisca Lopes Pessôa	Ipanguassu	E.I. de Itajá	Sítio Itajá
23.	Maria do Socoorro Pessôa	"	E.I. de Itajá	" Itajá
24.	Damiana Timóteo da Costa	"	E.I, 2 de Outubro	" Arapuá
25.	Maria Leite da Silva	Junco	E.I. de Junco	Cidade

ETAPA - TURMA

	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
26.	Francisca Almeida do Nascimento	Lucrécia	Escola R. João Onofre	Cidade
27.	Algenira Ferreira de Moura	"	E.I. Sítio Tanquinho	Sítio Tanquinho
28.	Isabel Ferreira Sales	Ôlho D"Agua do B.	E.I.do Sítio Brejinho	" Brejinho
29.	Francisca Cândida do Carmo	" "	E.I.Ôlho D"Agua do Borjes	Cidade
30.	Rita Xavier Neta	" "	" " "	"
31.	Alice Alves Cabral	Pendencias	E.I. Bôa Vista	Sítio Bôa Vista
32.	Luiza Rodrigues Melo	"	Candidata	E.I. Lagôa de Pedras
33.	Artemizia Iana Costa	Patu	G.E. João Godeiro	Cidade
34.	Lauriniza Godeiro Alves	"	G.E. João Godeiro	Cidade
35.	Rezenita Forte Leite	"	G.E. João Godeiro	Cidade
36.	Maria Zélia Moura	"	E.I. Sítio Canadá	Sítio Canada
37.	Eudezia Benigna de Moura	"	E.I. Sítio Bodes	Sítio Bodes
38.	Maria Alves de Oliveira	"	E.I. Sítio Joaõ Pereira	Sítio João Pereira
39.	Raimunda Tavares da Silva	"	E.I. de Passagem	Sítio Passagem
40.	Sonia Maria Pereira	"	G.E. Joaõ Godeiro	Cidade
41.	Maria José Fernandes	"	E.I. Sítio Paulista	Sítio Paulista
42.	Maria Joventina Neta	"	E.I. Sítio Tourão	Sítio Tourão
43.	Maria Marieta Jácome de França	Paraú	E.R. Luis Gondim	Cidade
44.	Victor Francisco da Silva	"	E.I. de Alagomar	Sito Alagamar
45.	Antonia Leodema da Silva	"	E.R. Luis Gondim	Cidade
46.	Josefa Cunha de Souza	"	E.R. " "	"
47.	Irene de Moura	Riacho da Cruz	E.I. Riacho da Cruz	"
48.	Maria da Conceição Melo	Severiano Melo	E.R. Severiano Melo	"
49.	Maria Melo	" "	E.I. Sítio Condado	Sítio Condado
50.	Maria de Lourdes Costa do Nascimento	Umarizal	G.E. Zenon de Souza	Cidade

ETAPA "2ª" - TURMA "B"

	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
51.	Rosimira Dias de Paiva	Umarizal	E.I. de Caicara	Sítio Caicara
52.	Maria da Conceiçao de Oliveira Dias	"	G.E. Zenon de Souza	Cidade
53.	Maria da Saleto de Medeiros	Upanema	E.I. de Tapera	Sítio Tapera
54.	Marina Martins Gondim	"	E.I.Riacho das Carnaubas	Riacho das Carnaubas
55.	Maria da Glória Bezerra	"	E.I. de Tapera	Sítio Tapera
56.	Neri Gonsalves Carlos	"	G.E. Prof.Alfredo Simonetti	Cidade
57.	Antonia Domingos de Souza	"	G.E. " "	"
58.	Maria Luiza de Melo	Várzea da Caatinga	E.R. Varzea da Caatinga	"

ETAPA 2ª - TURMA "E"

Nº	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
01.	Terezinha Menezes Pereira	Almino Afonso	E.I. Caraúba Torta	Sitio Caraúba Torta
02.	Luzia Selano Benevides Linhares	Caraúbas	E.R. Major Galdino	Jerdão
03.	Maria Geiza Moura da Silva	Mossoró	Casa de Menores M.Negócio	Cidade
04.	Elvira Pereira da Costa	"	Candidata	Fazenda Favela
05.	José Evangelista de Sousa	"	Candidata	G. Casa Populares
06.	Isabel Costa de Geis	"	Amb. Pe. Dehon	Cidade
07.	Terezinha de Oliveira Barra	"	Inst. D. Joaõ Costa	Cidade
08.	Jesuina Martins de Souza	"	E.I. de Rincão	Sitio Rincão
09.	Maria Edna de Oliveira	"	Amb. D.João Costa	Cidade
10.	Maria Aldenora Miranda Cunha	"	Amb. José Pereira Lima	Cidade
11.	Maria Bezerra do Nascimento	"	G.E. Prof. Manuel Joaõ	Cidade
12.	Maria Andrade Tôrres	"	Amb. José Pereira Lima	Cidade
13.	Waldenice Fernandes Rêgo	"	G.E."Antonio Gomes"	Cidade
14.	Maria do Carmo Barro de Souza	"	Lions Clube	Cidade
15.	Maria Vanda Barreto	"	G.E. Prof. Manuel Joaõ	Cidade
16.	Joana Lopes de Medeiros	"	E.I. Passagem do Rio	Passagem do Rio
17.	Antonia Pereira de Castro	"	E.Sub. Várzea da Pasta	Várzea da Pasta
18.	Maria do Socorro Rocha	"	Casa Menores Mário Negócio	Cidade
19.	Maria Zuila de Mendonça	"	E.R. "Princêsa Isabel"	Cidade
20.	Luiza Pessôa da Silva	"	E.I. Augusto Severo	Cidade
21.	Edice Fernandes de Aquino	"	E.I. Primávera	Primavera
22.	Maria do Socorro da Silveira Pinto	"	G.Escolar "Antonio Gomes"	Cidade
23.	Ana Cabral Gomes	"	E.I. "Luisa Filgueira	Cidade
24.	Dionízia Lopes de Medeiros Aires	"	Amb.José Pereira Lima	Cidade
25.	Maria da Conceição da Silva	"	G.E. Exmd.Assec.de Normalista	Cidade

ETAPA 2ª - TURMA "E"

Nº	NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
26.	Maria Liceuda Pereira	Mossoró	Candidata	Baraúna
27.	Jessé Luis da Rocha	"	E.R.D. Jaime Câmara	Sitio Pintos
28.	Antonia Maria Soares de Medeiros	"	Liens Clube	Cidade
29.	Amélia Anunciada de Araújo	"	Candidata	Sitio
30.	Abigail Leão Monteiro Carlos	"	G.E. "Antonio Gomes"	Cidade
31.	Helena Leão de Moura	"	G.E. "Antonio Gomes"	Cidade
32.	Helia Pereira de Oliveira	"	E.R. D. Jaime Câmara	Cidade
33.	Antonia Idenora Araújo	"	Candidata	Grupo de Saco
34.	Maria de Jesus Alves	Martins	E.I. Pico dos Carros	Cidade
35.	Isabel Fernandes Neta	"	E.R. Lagoa Nova	Cidade
36.	Maria dos Anjos Soares	"	E.R. " "	Cidade
37.	Maria La Salete da Silva	"	E.I. Sitio Jacu	Sitio Jacu
38.	Ana de Paiva Chaves	"	E.I. Serra Nova I	Cidade
39.	Irene dos Santos Rosa	"	E.R. Serrinha dos Pintos	Serrinha dos Pintos
40.	Antonia Alves de Oliveira	"	E.I. Bela Vista	Sitio Bela Vista
41.	Nubia Barreto de Queirez	"	E.I. Serrinha do Canto	Serrinha do Canto
42.	Maria Lenilce Paiva	"	E.R. Serrinha dos Pintos	Serrinha dos Pintos
43.	Severina Vieira Pinto	"	E.I. Sitio Jacu	Sitio Jacu
44.	Raimunda Maria das Neves	"	E.I. Serra Nova II	Serra Nova
45.	Maria de Lourdes Cavalcanti	"	E.I. de Negueira	Sitio Negueira
46.	Maria Luzia de Oliveira	Pau	G.E. João Godeiro	Cidade
47.	Ruilda Godeiro da Silva	"	G.E. João Godeiro	Cidade
48.	Maria de Lourdes Godeiro	"	G.E. João Godeiro	Cidade
49.	Nilza de França Godeiro	"	G.E. João Godeiro	Cidade
50.	Maria do Socorro Costa Mareira	"	E.I. de Niterei	Fazenda Niterei
51.	Nadir Alves	"	E.I. Bairro da Estação	Cidade

ETAPA 2ª - TURMA "B"

NOME	MUNICÍPIO	ESCOLA	LOCALIDADE
52. Maria Cacilda Moura	Patu	E.I. Sitio Três Lagôas	Sitio Três Lagôas
53. Maria Suzete de Moura	"	E.I. Sitio Boa Vista	" Boa Vista
54. Antonia Lima Benjamim	"	G.E. Cel. Joaquim Gedeiro	Cidade
55. Zulmira Lima	"	E.I. Serra de Lima	Serra de Lima
56. Nadir Banddira de Figueredo	"	E.I. Sitio Terado	Sitio Terado
57. Terezinha Naune Selane	"	G.E. Joaõ Gedeiro	Cidade
58. Maria do Rosário Lopes	Pendências	E.I. Pendências	Roças

3ª E T A P A = MOSSORÓ

Nº	NOME DOS CANDIDATOS	MÉDIA
01º	Francisca Fernandes Filha	91,2
02º	Antônia Dantas Fernades	89,
03º	Maria Jací de Góis	88,2
04º	Maria do Carmo Alves	88,
05º	Terezinha Nunes Dantas	88,
06º	Maria Edí Ferreira	87,7
07º	Manuela Maria da Conceição	87,2
08º	Julieta Praxedes Benevides	86,7
09º	Constantina Firmino de Morais	86,5
10º	Ivanicio Nunes dos Reis	86,5
11º	Maria Nerialba de Brito	86,2
12º	Maria Ivanilda da Silva	86,2
13º	Maria José de Oliveira	85,7
14º	Francisco Françoi de Oliveira	85,2
15º	Eponina de Souza Tôrres	85,7
16º	Francisca de Oliveira Neta	85,
17º	Maria Izidoro de Melo	85,
18º	José Gilvan	84,5
19º	Expedito Antônio Dantas	84,2
20º	Damiana Leite de Oliveira	84,
21º	Ozelita Fernandes de Souza	84
22º	Maria do Socorro Castro	83,7
23º	Auristela Andrade da Silva	83,7
24º	Maria Isa Dantas	83,7
25º	Maria Divaní Gurgel	83
26º	Maria Salete de Morais	82,7
27º	Maria Moreira Soares	82,5
28º	Raimunda Fernandes de Oliveira	82,2
29º	Maria Aparecida Gurgel	81,7
30º	Aurizete Bezerra Cavalcante	81,7
31º	Raimunda Fernandes de Carvalho	81,7
32º	Francisca Ramos Linhares	81,5
33º	Maria de Brito Paiva	81,5
34º	Maria do Socorro Fernandes	81,2
35º	Inês Dantas de Lira	81
36º	Francisca Maia da Conceição	81
37º	Marta Martins da Silva	80,7
38º	Irenice Lima Duarte	80,7

3ª E T A P A = MOSSORÓ

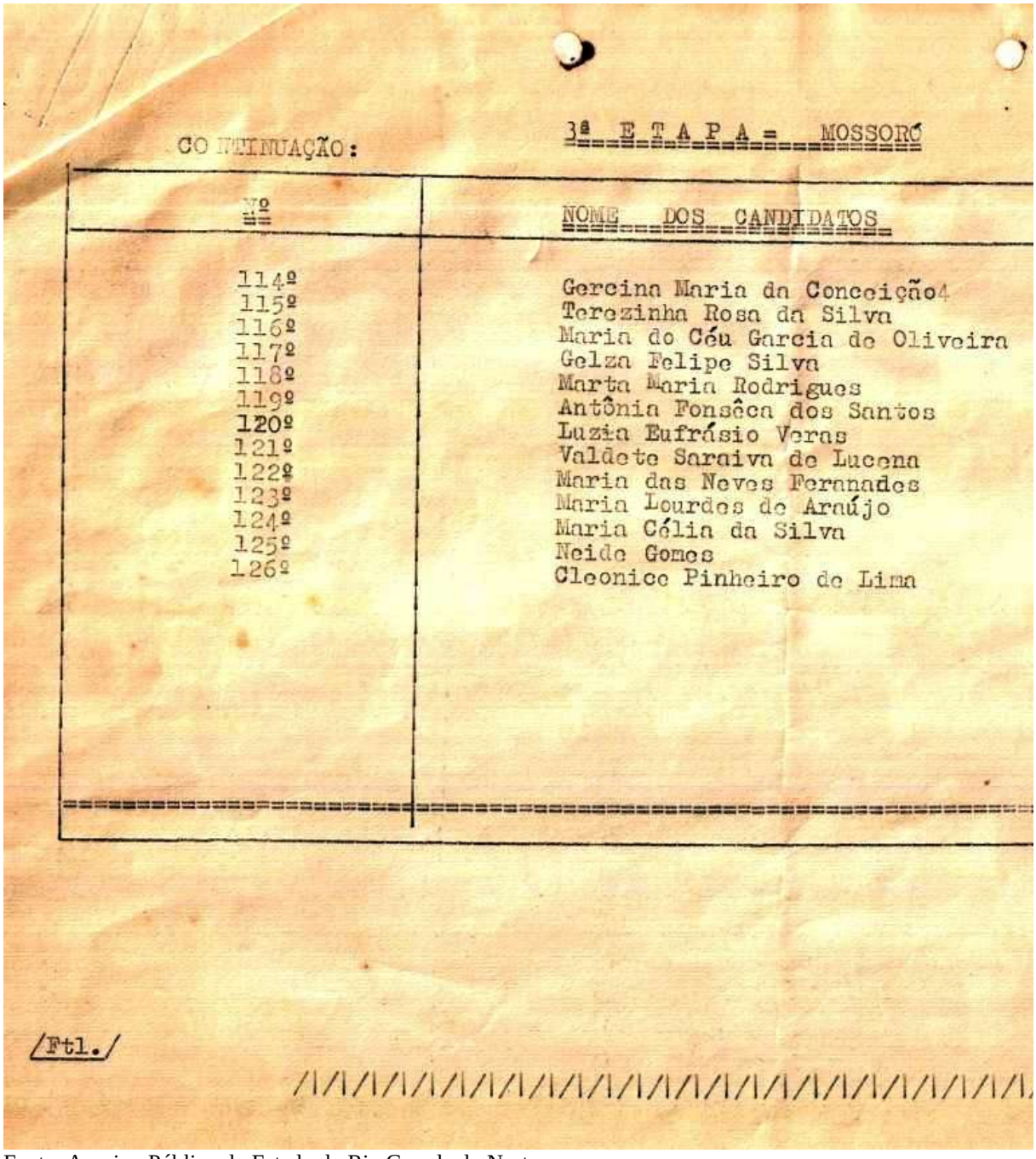
CONTINUAÇÃO:

Nº	NOME DOS CANDIDATOS	MÉDIA
39º	Josineto de Paiva Medeiros	80,5
40º	Raimunda Maria da Conceição	85,5
41º	Maria de Jesus Alves	80,2
42º	Maria Ildete de Menezes	80,2
43º	Maria da Conceição de Oliveira	80
44º	Zélia Solano de Andrade	79,7
45º	Elizabete Aires Guedes	79,7
46º	Maria do Céu Pinheiro	79,5
47º	Alzineto Canela de Mélo	79,2
48º	Silvina Geralda de Andrade	79,2
49º	Adália Jales Dantas	79,
50º	Helena de Almeida	79
51º	Maria Germano da Silva	79
52º	Maria de Lourdes Nunes	79
53º	Cristina Adélia Fernandes	79
54º	Aldenora Barbosa de Oliveira	78,5
55º	Maria das Dores Pinheiro	78,5
56º	Maria Francineto de Almeida	78,5
57º	Aldenora Pinto do Nascimento	78,2
58º	Eugênia Soares de Oliveira	78,2
59º	Francisca Carneiro	77,7
60º	Valdey Gurgel	77,7
61º	Maria Mauricéia de Castro	77,7
62º	Maria da Conceição Aires	77,5
63º	Maria Vicencia da Conceição	77,5
64º	Maria das Dôres Tavares	77,2
65º	Edite Gurgel de Brito	76,7
66º	Maria de Lourdes Gomes	76,7
67º	Normélia Gondim Pereira	76,7
68º	Raimunda Ferreira de Mélo	76
69º	Maria Paula de Paiva	76
70º	Maria do Socorro Amaral	75,7
71º	Gildinora Leite Bezerra	75,7
72º	Antônia Pereira da Silva	75,7
73º	Lindalva Maria da Cunha	75,5
74º	Ribeto Ribeiro da Costa	75,5
75º	Francisca Soares de Lima	75,5
76º	Maria Milena Menezes	75,2

3ª E T A P A = MOSSORÓ

CONTINUAÇÃO:

Nº	NOME DOS CANDIDATOS	MÉDIA
77º	Maria do Socorro Lima	75,2
78º	Maria Nilza de Oliveira	75,2
79º	Luiza França do Nascimento	75,2
80º	Francisca Cordeiro da Silva	75,2
81º	Maria das Dôres	75,
82º	Luzia Carlos Vasconcelos dos Santos	75
83º	Sebastiana Soares de Freitas	75
84º	Aurineide Jales de Oliveira	75
85º	Irene Maria Costa	74,7
86º	Sebastana Pereira de Oliveira	74,5
87º	Terezinha Nunes de Medeiros	74
88º	Monica Maria Nogueira	74
89º	Ozelita Paulino de Abreu	73,7
90º	Francisca Maria de Castro	73,2
91º	Maria Nouza Bezerra	73,2
92º	Maria de Lourdes Leão	73
93º	Luiza Mizia de Oliveira	73
94º	Antônia Maria de Freitas	73
95º	Antônia Dias da Silva	72,5
96º	Irenilza Maria Alves de Souza	72,2
97º	Antônia Delfino da Costa	71,7
98º	Francisca Ferreira da Costa	71,5
99º	Antônia Gurgel de Lima	71,5
100º	Sebastiana Faustino da Silva	71,5
101º	Abignil Fernandes Maia	70,7
102º	Maria do Socorro Dantas	70,5
103º	Francisca Souza Maia	70,5
104º	Maria do Socorro Lima	70,5
105º	Terezinha Rozendo da Silva	70
106º	Maria das Dôres Rocha	69,2
107º	Maria do Socorro Costa Moreira	69,2
108º	Raimunda Soares de Freitas	69
109º	Antônia Maia de Souza	68,2
110º	Maria Ivanoide do Nascimento	68,2
111º	Maria Vanda da Silva	68,2
112º	Maria Antônia de Freitas	68
113º	Eudete de Almeida Jales	67,5



CONTINUAÇÃO:

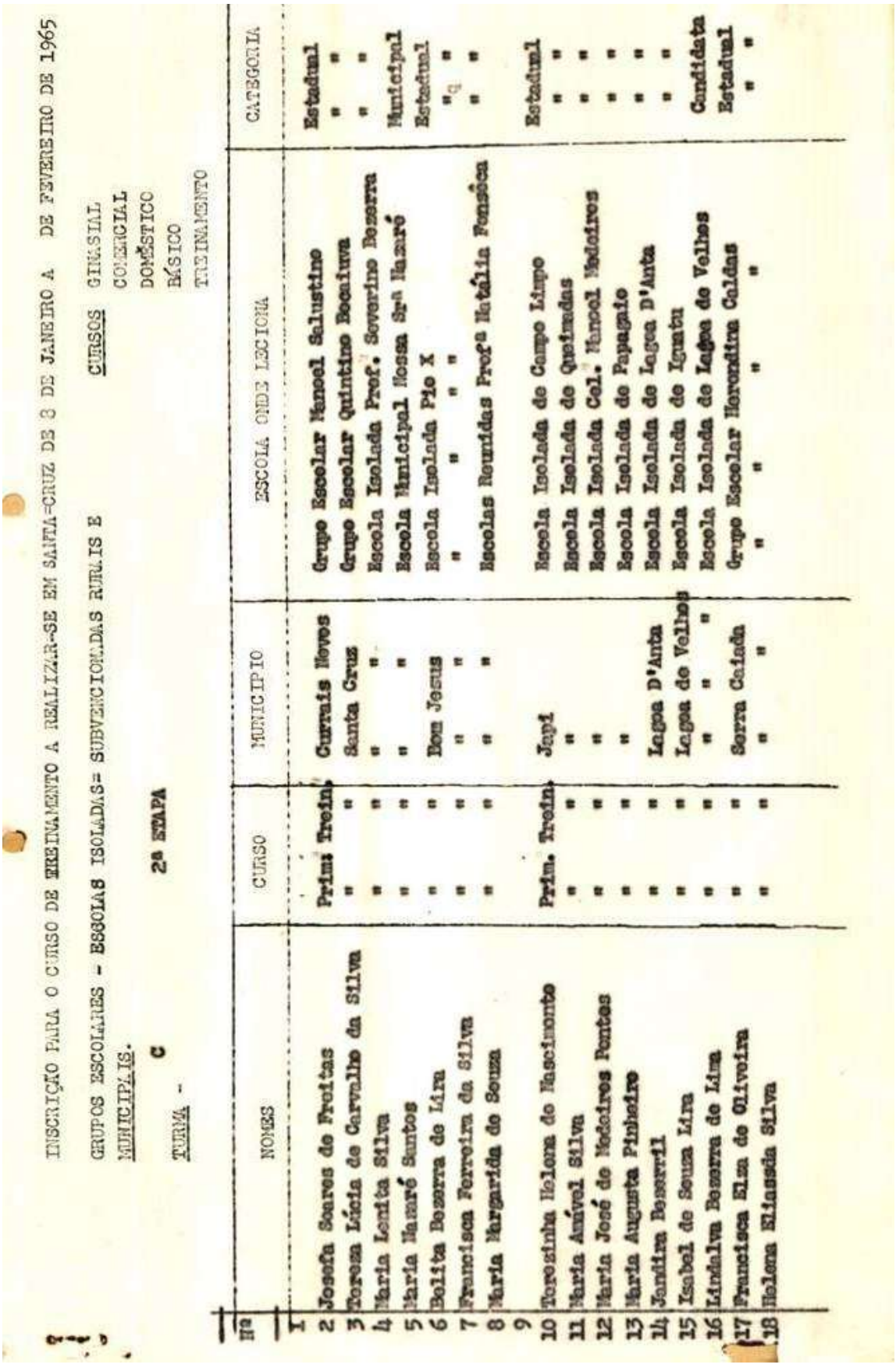
3ª E T A P A = MOSSORÓ

Nº	NOME DOS CANDIDATOS
114º	Gercina Maria da Conceição4
115º	Terezinha Rosa da Silva
116º	Maria do Céu Garcia de Oliveira
117º	Gelza Felipe Silva
118º	Marta Maria Rodrigues
119º	Antônia Fonsêca dos Santos
120º	Luzia Eufrásio Veras
121º	Valdete Saraiva de Lucena
122º	Maria das Neves Fernandes
123º	Maria Lourdes de Araújo
124º	Maria Célia da Silva
125º	Neide Gomes
126º	Cleonice Pinheiro de Lima

/Ftl./

/I/I/I

REGISTRO CH – Lista de participantes da 3ª etapa do Curso de Treinamento para Professores Leigos em Santa Cruz (1965).



INSCRIÇÃO PARA O CURSO DE TREINAMENTO A REALIZAR-SE EM SANTA-CRUZ DE 3 DE JANEIRO A DE FEVEREIRO DE 1965

GRUPOS ESCOLARES - ESCOLAS ISOLADAS= SUBVENCIONADAS RURAIS E MUNICIPAIS.

CURSOS GINASIAL COMERCIAL DOMÉSTICO BÁSICO TREINAMENTO

TURMA - C 2ª ETAPA

Nº	NOMES	CURSO	MUNICIPIO	ESCOLA ONDE LECIONA	CATEGORIA
1		Prim. Trein.	Curvais Novos	Grupo Escolar Manoel Salustino	Estadual
2	Josefa Soares de Freitas	" "	Santa Cruz	Grupo Escolar Quintino Bocaiuva	" "
3	Teresa Lúcia de Carvalho da Silva	" "	" "	Escola Isolada Prof. Severino Bezerra	" "
4	Maria Lenita Silva	" "	" "	Escola Municipal Nossa Sª Nazaré	Municipal
5	Maria Nazaré Santos	" "	Bom Jesus	Escola Isolada Pio X	Estadual
6	Dolita Bezerra de Lira	" "	" "	" " "	" "
7	Francisca Ferreira da Silva	" "	" "	Escolas Reunidas Profª Natália Fonsêca	" "
8	Maria Margarida de Souza	" "			
9		Prim. Trein.	Jayi	Escola Isolada de Campo Limpo	Estadual
10	Terezinha Helena do Nascimento	" "	"	Escola Isolada de Queimadas	" "
11	Maria Amável Silva	" "	"	Escola Isolada Cel. Manoel Medeiros	" "
12	Maria José de Medeiros Pontes	" "	"	Escola Isolada de Papagaio	" "
13	Maria Augusta Pinheiro	" "	Lagoa D'Anta	Escola Isolada de Lagoa D'Anta	" "
14	Jordina Bezerril	" "	Lagoa do Velhos	Escola Isolada de Ignatu	Candidata
15	Isabel de Sousa Lira	" "	" " "	Escola Isolada de Lagoa do Velhos	Estadual
16	Lindalva Bezerra de Lima	" "	Serra Caiada	Grupo Escolar Herondina Caldas	" "
17	Francisca Elza de Oliveira	" "	" "	" " "	
18	Helena Elisangela Silva	" "			

INSCRIÇÃO PARA O CURSO DE TREINAMENTO A REALIZAR-SE EM SANTA-CRUZ DE 8 DE JANEIRO A DE FEVEREIRO DE 1965

GRUPOS ESCOLARES - ESCOLAS ISOLADAS= SUBVENCIONADAS RURAIS E MUNICIPAIS.

CURSOS GINASIAL
COMERCIAL
DOMÉSTICO
BÁSICO
TREINAMENTO

TURMA - C 2ª ETAPA

Nº	NOMES	CURSO	MUNICIPIO	ESCOLA ONDE LECIONA	CATEGORIA
19	Célia Maria de Souza Tinôco	Prim.Trein.	Serra Caiada	Grupo Escolar Herondina Caldas	Estadual
20	Osmarina Crisanto da Silva	" "	S.J.Campestre	Escola Isolada de Pedra Branca	" "
21	Alba Jacira Campos	" "	" "	Escola Isolada de Marcação	" "
22	Alinete Maria de Oliveira	" "	" "	Grupo Escolar Pe. Tomás de Aquino	" "
23	Benta André da Silva	" "	Serra de S.Bento	Escolas Reunidas Prof. Joaquim Tôrres	" "
24	Benedita Ascendino da Silva	" "	" "	Escola Subv. Rural de Cabeceiras	" "
25	Maria Leonice Lourenço	" "	" "	Escolas Reunidas Prof. Joaquim Tôrres	" "
26	Josefa André Gomes	" "	" "	Escola Isolada de Olho D'água	" "
27					
28					
29					
30					
31	Selma Ferreira de Medeiros	Prim. Trein.	Sítio Novo	Escolas Isolada de Sítio Novo	Estadual
32	Esmeraldina Serafim de Medeiros	" "	" "	Escola Subv. Rural de Citicica de Cima	" "
33	Judith Farias da Rocha	" "	" "	Escola Subv. Rural de Três Veltas	" "
34	Maria do Amparo Medeiros	" "	" "	Escola Isolada de Sítio Novo	" "
35	Maria Meide Lima	" "	" "	Escola Subv. Rural de Salgadinho	" "
36					
37					
38	Golba Garcia Gomes	" "	Cel. Ezequiel	Escola Isolada Pe. Calazans Pinheiro	Estadual
39	Rosa de Lima Feitosa	" "	Lages Pintadas	Escola Isolada Santo Antonio	" "

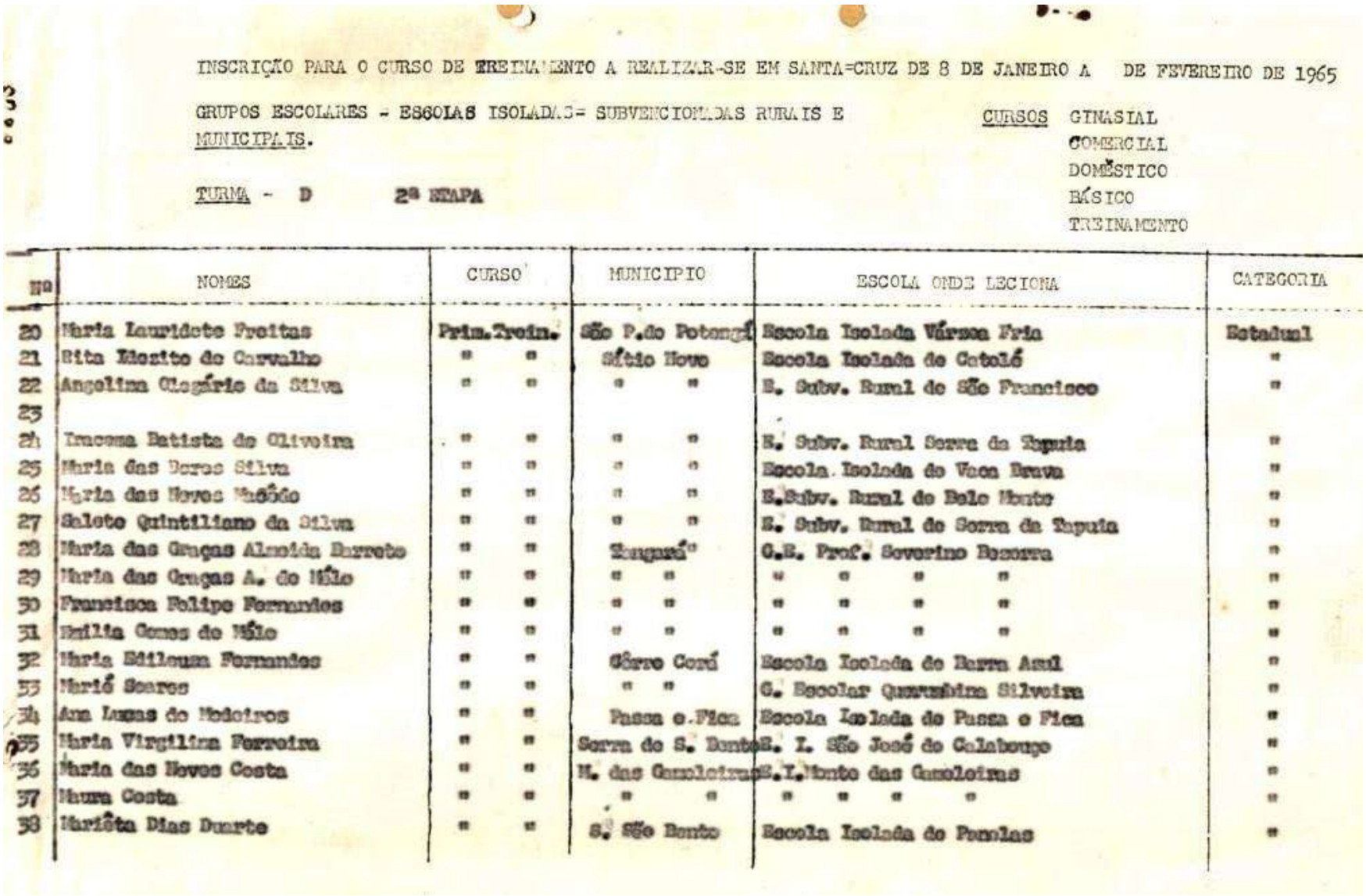
INSCRIÇÃO PARA O CURSO DE TREINAMENTO A REALIZAR-SE EM SANTA=CRUZ DE 8 DE JANEIRO A DE FEVEREIRO DE 1965

GRUPOS ESCOLARES - ESCOLAS ISOLADAS= SUBVENCIONADAS RURAIS E MUNICIPAIS.

CURSOS GINASIAL
COMERCIAL
DOMÉSTICO
BÁSICO
TREINAMENTO

TURMA - D 2ª ETAPA

Nº	NOMES	CURSO	MUNICIPIO	ESCOLA ONDE LECIONA	CATEGORIA
1	Hidarte Maria de Medeiros	Prim. Trein.	Januario Cicco	Grupo Escolar Dr. Mário Câmara	Estadual
2					
3	Maria José Xavier	" "	Bom Jesus	Escola Isolada Pio X	"
4	Eugênia de Freitas Campos	" "	Eloy de Souza	Grupo Escolar Desemb. Vicente Lemos	"
5	Nancy Relâmpago da Silva	" "	" " "	" " " " "	"
6	Sebastiana Alves Nôga	" "	Côrre Corá	Escola Isolada de Várzea	"
7	Dulce de Oliveira	" "	Campo Redondo	Escola Isolada Santa Rita	"
8					
9	Irene Barbosa de Medeiros	" "	Barra de Japí	Escola Isolada Barra de Japí	"
10	Teresinha Neuza Gomes	" "	Lages Pintadas	Escola Isolada Santa Teresinha	"
11	Teresinha Gomes da Silva	" "	L. de Velhos	Escola Municipal	Municipal
12	Lídia Ferreira de Lira	" "	Bom Descanso	Escola Isolada de Bom Descanso	Estadual
13					
14	Dalmira Ferreira de Lima	" "	Serra Caiada	Grupo Escolar Herondina Caldas	"
15					
16	Maria Iolanda de Oliveira	" "	Campestre	Grupo Escolar Pe. Tomaz de Aquino	"
17	Ana Juracy Campos	" "	" "	" " " " " "	"
18					
19					



INSCRIÇÃO PARA O CURSO DE TREINAMENTO A REALIZAR-SE EM SANTA=CRUZ DE 8 DE JANEIRO A DE FEVEREIRO DE 1965

GRUPOS ESCOLARES - ESCOLAS ISOLADAS= SUBVENCIONADAS RURAIS E MUNICIPAIS.

CURSOS GINASIAL
COMERCIAL
DOMÉSTICO
BÁSICO
TREINAMENTO

TURMA - D 2ª ETAPA

Nº	NOMES	CURSO	MUNICIPIO	ESCOLA ONDE LECIONA	CATEGORIA
20	Maria Lauridete Freitas	Prim.Trein.	São P.do Potengi	Escola Isolada Várzea Fria	Estadual
21	Rita Idezito de Carvalho	" "	Sítio Novo	Escola Isolada de Catolé	"
22	Angelina Olegário da Silva	" "	" "	E. Subv. Rural de São Francisco	"
23					
24	Iracema Batista de Oliveira	" "	" "	E. Subv. Rural Serra da Tapuia	"
25	Maria das Dores Silva	" "	" "	Escola Isolada de Vaca Brava	"
26	Maria das Neves Macêdo	" "	" "	E.Subv. Rural de Belo Monte	"
27	Saleto Quintiliano da Silva	" "	" "	E. Subv. Rural de Serra da Tapuia	"
28	Maria das Graças Almeida Barreto	" "	Tangará"	G.E. Prof. Severino Bezerra	"
29	Maria das Graças A. de Mélo	" "	" "	" " " "	"
30	Francisca Felipe Fernandes	" "	" "	" " " "	"
31	Emilia Gomes de Mélo	" "	" "	" " " "	"
32	Maria Edileusa Fernandes	" "	Côrro Corá	Escola Isolada de Barra Azul	"
33	Marié Soares	" "	" "	G. Escolar Querumbina Silveira	"
34	Ana Lucas de Medeiros	" "	Passa e Fica	Escola Isolada de Passa e Fica	"
35	Maria Virgilina Ferreira	" "	Serra de S. Bento	E. I. São José de Calabouço	"
36	Maria das Neves Costa	" "	M. das Gameleiras	E.I.Monte das Gameleiras	"
37	Maura Costa	" "	" "	" " " "	"
38	Mariêta Dias Duarte	" "	S. São Bento	Escola Isolada de Panelas	"

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

REGISTRO CI – Planejamento da parte de matemática das 1ª, 2ª e 3ª etapas do Curso de Treinamento para Professores Leigos de Mossoró (1965).

CURSO DE TREIN.MENTO P..R.. PROFES.ÔRES LEIGOS EM MOSSORÓ

.NO DE 1965

DISCIPLIN.. - METODOLOG.. D.. M..TEM..TIC.

PROFESSÔR.. - LUZI.. ..NTONIÊT.. M..I..

I Objetivos do ensino da Matemática na Escola primária.

- Dotar o educando de um instrumento para resolver da melhor
- maneira, as situações da vida relacionadas com as questões de - quantidade e, de numero (aritmética) e de forma, extensão e posição (geometria).
- Desenvolver interêsse e confiança em usar a matemática na resolução dos processos quantitativos que a vida diária lhe oferece.
- Desenvolver hábitos e atitudes desejáveis tais como: capacidade de raciocinio, método e ordene nos trabalhos, hábito de pensar e de considerar antes de julgar.

II Como alcançar um programa de matemática atingindo a êstes objetivos:

a)Fazendo com que cada etapa da a rendizagem da aritmética seja a preparação para a aprendizagem de uma nova etapa. Ex: a contagem deve ser/ como preparação para a adição que é o inverso da subtraçao e vice-verso e/ também para a divisão.

b)Concretizar o ensino da matemática até que a criança adquira habilidade, exatidão e rapidez para poder passar a abstração. Quando o ensino não é concretizado, a criança mostra a necessidade natural e conta nos dedos ou faz, pauzinhos no seu caderno.

Assim o aluno sente necessidade de manipular material concreto,/ que depois passará ao semi-concreto por exemplo desenho, para finalmente - chegarem à abstração.

c)Grupar as crianças de acôrdo com suas necessidades e capacidades individual, por nem tôdas adquirirem ao mesmo tempo a prontidão necessária numa determinada aprendizagem.

d)Oferecer situações para que a criança redescubra fórmulas,regras, u relações.

Ex: ..o invés de ensinarmos que 2 + 2 são 4 dar oportunidade para q que a criança junte dois grupos de dois objetos e"descubra" que o total/ é quatro.

e)Ensinar pouco de cada vez, graduando as dificuldades e atendendo ao interesse da criança. Dentro de cada assunto entretanto, cada noção deve ser bem dixada afim de ser básica para a aprendizagem de outras. Como a numeração antes da adição, as medidas de comprimento antes de área etc. Essas aprendizagens vão-se alternando sempre obedecendo a ordem de dificuldade e resolvendo situações de real interesse.

+ + + + + + + + + + + + +

DISCIPLINA: - METODOLOGIA DA MATEMÁTICA

PROFESSÔRA: - LUZIA ANTONIETA MAIA

CONCEITO -

Que é matemática?

Matemática é a ciência que estuda o número, as quantidades, as funções e as formas.

Importância -

Para que ensinar a aritmética?

- Para saber calcular, contar
- Resolver os problemas quantitativos da vida social.
- Aprender os processos operacionais
- Desenvolver o raciocínio simbólico

Objetivo específico para o professor -

Por ser a artmética uma matéria essencialmente abstrata, deve o professor tudo fazer, para torna-la simples, atraente e viva. Para isso é preciso relacionar o ensino desta disciplina com a experiência, o interêsse e situações reais da vida da criança, transformando sua aprendizagem numa atividade espontânea e criadora.

RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR NA INICIAÇÃO DA MATEMÁTICA

É da maior importância a boa formação matemática. A ela falhar, todo ensino posterior ficará deficiente.

Ao professor do 1º ano cabe dar a segurança em seu primeiro contacto com os números.

Deve para isso, proporcionar-lhe experiências que possam levá-lo ao necessário e a um progresso gradativo, formando-o dêsse modo favoravelmente inclinado para com a Matemática.

Vemos com frequencia, na Escola Primária, crianças inteligentes que consideram incapazes para a Matemática, assumindo uma atitude de desagrado de quaisquer situações [illegible]. Tais alunos apresentam nesta disciplina um rendimento inferior [illegible] poderiam dar, porque tiveram, dos primeiros encontros com a matéria, uma impressão afetiva desagradável, que destruiu a confiança em sua própria capacidade.

Exemplifiquemos: - Quando uma criança (aluno) diz "eu não suporto Matemática", na maioria dos casos é porque foi vitima de uma orientação errada no ensino dessa disciplina.

X X X X X X X X X X X X

/S/

CURSO INTENSIVO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS

Matéria: Matemática

Assunto: Tipos de Exercícios

Profª: Antônia Zilma de Souza

Assim como na subtração de números inteiros, encontramos várias idéias, as quais usamos para efetuar as operações, também acontece com a subtração de fração ordinária, em que estas idéias, aparecem e são empregadas, como por exemplo, na série de exercícios abaixo, dando sentido à necessidade / de fixar certos conhecimentos indispensáveis a aprendizagem, na escola primária.

Idéia Aditiva

1- Tenho 3/5 de uma barra de chocolate. Quantos quintos me faltam para eu ter a barra inteira? 2- Joãozinho ganhou 2/3 de um bôlo. Quanto falta a Joãozinho para êle ter o bôlo inteiro ? 3- Maria tem 4 barras de chocolate. Quanto ela tem de somar para obter 6 1/6 barras?

Idéia comparitiva

1- José tem 2/5 de um bôlo e sua irmãzinha tem 3/5. Quanto falta a José para igualar a sua irmãzinha?

2- Pedro ganhou 2/6 de uma caixa de balas e José 3/6 da mesma caixa. Quem ganhou mais balas?

3- Paulo tem 5/8 de um quilo e Geraldo 3/8. Quem ganhou mais? Quanto mais?

4- No terreiro há pintinhos e patinhos. 3/4 são pintinhos e 1/4 são / patinhos.....

Há mais .....Quanto mais?

Idéia subtrativa

1- Pedrinho tem 5/8 de uma barra de doce. Se êle der 2/8 a seu irmão com que pedaço vai ficar?

2- Num pombal haviam 5/6 dos pombinhos. Voaram 1/6. Quantos pombinhos ainda há no pombal?

3- Diva tem 3/4 de uma barra de chocolate; Pedrinho tem ~~xxxxxxxxxx~~ 1/4. Quanto Pedrinho tem menos que Diva?

4- Eduardo comeu, à hora de merenda, 4/6 de sua merenda, e Fernando / comeu 1/3. Quanto Fernando comeu menos do que Eduardo?

§§§§§§§§§§§§**********§§§§§§§§§§§§**********§§§§§§§§§§§§

CURSO DE TREINAMENTO P.R. PROFESSÔRES LEIGOS EM MOSSORÓ

ANO DE 1965

DISCIPLINA - MATEMÁTICA

PROFESSÔRA - LUZIA ANTONIÊTA M.I.

I- Familiarização da criança com o ambiente escolar.
A criança no seu primeiro contacto com a escola deve ser levada pelo professor para conhecer as diversas dependências, da escola, a diretora, as professoras etc. Isto constitui uma atividade a excursão embora seja, pequena mas de grande valor para as crianças.
Proporcionar atividades recreativas para as crianças se conhecerem.

II- Desenvolver a capacidade de observação da criança e ao mesmo tempo introduzir o vocabulário matemática atraves das noções de:

a) Grandeza (por comparação) - igual, maior, menor, mais largo e mais estreito, mais alto e mais baixo, mais grosso e mais fino, mais comprido e mais certo.

b) Posição - em cima, embaixo, entre, ao lado, dentro, fora, em volta, junto, atrás, na frente, último e seguinte, do meio ou no meio, à direita, a esquerda começo, fim.

c) Distância (por comparação) mais longe, mais perto.

d) Direção e sentido - para o lado, para a frente, para trás, para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita.

Atividades -

Grandeza -

a) Escolher, de um grupo de objetos da mesma espécie, o maior, o mais largo, o mais estreito etc.

b) Fazer desenhos, atendendo a determinadas instruções.
Exemplo:
- Faça uma bola menor que a desenhada.
- Desenhe um copo mais alto que êste.
- Coloque uma laranja na árvore menor (ou na mais baixa).

Posição:

a) Cumprir ordens orais, indicando a posição das coisas ou pessoas em relação a si mesmo, ou obedecendo a comandos nas atividades de recreação (marchas)
- Levante o lapis com a mão direita.
- Segure a orelha esquerda
- Apanhe o objeto que está em cima da mesa à direita. Ponha-o ao lado do jarro.
- Meio volte à direita
- À esquerda volver.
- Em frente, marche.

b) Fazer desenhos, atendendo a determinadas condições:
- Desenhe uma mesa e em baixo dela, uma peteca.
- Faça uma casa e, em cima do telhado dela, um gato.

c) Assinalar, com um traço em baixo, uma cruz em cima, uma linha em volta, o que se pode em vários exercícios.

d) Ouvir e contar histórias à vista de livros ilustrados, que ofereçam ensejo de apontar ou reconhecer figuras localizadas em diferentes posições.

Distância:

a) Criar situações de jôgo. Exemplo: "Quem acert as ordens?
- Alberto vá até o armário.
- J[illegible]
- [illegible]?

Cont. de Matemática.

- Quem ficou mais perto de mim? Alberto ou João.
- Glorinha, que está mais perto de você: a estante ou a janela?
- Qual a casa mais perto da escola?

Direção e Sentido:

Desenvolver jogos, como Mamãe, posso ir? Quantos passos? em que haverá oportunidade de caminhar para a frente, para trás, etc.

* **** ** * * * * * * * * * *

nss/

- CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSÔRES LEIGOS EM MOSSORÓ-1965

DISCIPLINA - METODOLOGIA DA MATEMÀTICA

PROFESSÔRA - LUZIA ANTONIÊTA MAIA

= CONTAGEM =

A contagem é o aspecto fundamental da artmética. Ela é básica para a adição, subtração e divisão.

Podemos distinguir 6 diferentes etapas num completo processo/ de contagem: (1 + de rotina; (2) enumeração; (3)indentificação;(4)- complementação; (5) comparação; (6) agrupamento.

1- Que significa contagem de rotina?

A "contagem de rotina" consiste em repetir o nome dos números em ordem, sem a finalidade de responder a pergunta: "quantos?"

Muitas vêzes a criança repete o nome dos números em ritmos,/ canções, poesias, mas sem conhecer o seu verdadeiro sentido aritmético. Desde muito cedo, as nossas crianças cantam vercinhos recitam etc.

ATIVIDADES -

a) Um,dois,três,quatro,cinco,seis,sete,oito,nove, para doze faltam tres.

b) Sete e sete são quatorze,
Com mais sete, vinte e um
Tenho sete aniguinhos
Só posso brincar com um

c) Terezinha de Jesus/ Deu uma queda foi ao chão:/ Acudiram 3 - cavalheiros,/Todos 3 de chapéu na mão/ O 1º foi seu pai,/O 2º seu irmão/ O 3º foi aquêle/ A quem Tereza deu a mão.

2- A enumeração é a contagem que é feita objetivamente. É a contagem para responder a pergunta "quantos", estabelecendo-se a - relação entre o nome de cada número e o objeto que está sendo indicado.

A contagem na fase da enumeração requer um duplo ato de - atenção. A criança contando precisa dar atenção a cada objeto de - um grupo, e ao grupo como um todo.

Atividades em que o professor poderá levar o aluno à enumeração:

-Na sala de aula -
Contar os colegas para verificar quantos estão presentes; quantos ausentes; quantos tem farda; quantos tem livros - etc.
-Consultando, o calendário que é um material que oferece / muitas oportunidades para a contagem.
-Quantos dias tem, a semana?
-Quantos dias, faltam para o aniversário do colega?
- Quantos dias Fulano veio à aula?
-Quantos dias Fulano ficou em casa?

(Cont)

nas/

* * * * * * *

(Continuação)

- Uso de gravuras, de objetos, niticias, brincando, jogando etc.

3- Indentificação -

É a etapa em que a criança adquire a habilidade em identificar determinada quantidade dentro de um grupo de objetos sem a contagem de um-a-um.

Esta habilidade requer da professôra iniciar seu trabalho com grupos pequenos, tais como, 2, 3 e 4.

Atividades -

Experiencia Na sala de aula, muitas ocasiões surgem em q que se encontram, 2, 3 ou 4 objetos, crianças juntos. A professôra - deve aproveitar tais oportunidades para perguntar:

- Quem é capaz de me dizer, sem contar o grupo de 4 livros/ na gravura, ou 3 patos no patio? Quantas crianças há na mesa? etc.

Usando o flanelógrafo -

Colocar as figuras, que de deseja bem rápidas, sem que a criança veja para não contar um a um e perguntar:

-Quantos peixes há?
- " bolinhas?
- " cavalos?

Usando cartões fálâmpagos-

Mostrar os cartões com figuras em grupos(bem rapidos) para serem identificados.

4- Complementação é a etapa em que se leva a criança a com-/ pletar um um, grupo.

Na complementação de um grupo a professôra deve aproveitar as experiências diárias da classe.

Exemplo de atividades

- Quantos cadernos há na sua mesa? Quantos eu preciso para/ completar o grupo de 5?

- Usando o flanelógrafo-

Há 6 peixinho no flanelógrafo - Quantos eu preciso botar para completar o grupo de 9? etc.

Desenhando -

Desenhar vários grupinhos de gatos em que precisem completar e mandar a criança fazer em seu caderninho de maneira que fi- / quem quantidades iguais.(Exemplo 7 gatos)

5- Comparação - Nesta etapa em vez de a criança apenas identificar um grupo, ela terá que estudar um grupo relacionado a outro, assim, comparar qual o grupo maior e qual o menor. Com inúmeras experiências a criança familiarizar-se-á com o vocabulário próprio à/ comparação: mais, menos, maior, menor, igual, quantos mais, quantos menos.

(Cont)

nss/

* * *

Atividades -

Na sala de aula - Comparar 2 grupos de objetos ou de crianças e/ decidir qual o grupo maior e qual o menor.

Usando o flanelógrafo - Colocar grupos de demais, coisas e pedir que a criança compare qual o grupo maior, qual o menor; em que grupo há mais em que grupo ha menos.

Usando seu material individual - façam com pausinhos 3 grupos.

Qual o grupo maior e qual o menos. Quantos objetos tem o grupo / maior? Agora faça 2 grupos iguais.

A criança se sentirá feliz vendo que sabe quantos objetos há num grupo.

6- Agrupamento - e a etapa que consiste em combinar, grupos de uma determinada quantidade. A criança terá mais facilidadee em identificar o número de objetos num grupo maior, quando os objetos são arranados ou dispostos em sub-grupos.

- Atividades -

Experimentações na sala de aula-

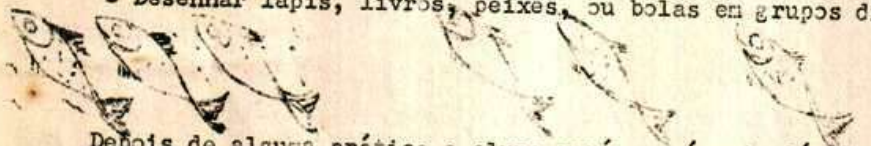
8 cadeiras da sala de aula dispostas em diferentes grupos.

- Quem é capaz de me dizer quantas carteiras há aqui?
- Quantas há no fundo da sala? - Quantas próxima bureau?
- e quantas proxima a janela?

Tivemos assim as cadeiras reunidas num símbulo aritmética - 8

Usando o quadro negro:

- Desenhar lapis, livros, peixes, ou bolas em grupos diferentes



Depois de alguma prática o aluno verá que é mais fácil e mais rápido descobrir o valor quantitativo por meio de agrupamentos do que/ fazendo a contagem um-a-um.

Usando objetos.

Com seu proprio material, tais como: tampas de garrafa, pais de/ picolé? carreteis etc. a criança estará pronta para atender o professor: Ex.

- Vamos ver quem é capaz de agrupar 6 pais de picolé?
- Quem terminar levante a mão!
- No quadro a professor ilustra as diversas maneiras como pode ser agrupado o numero 6. Poderá ser feito em numeros e pelos alunos.

Utilizando o flanelógrafo a professôra deve ter em seu envelope as figuras com o nome respectivo, para maior facilidade.

- Chamar o aluno e pedir, que o mesmo retire 7 figuras e colo-/ que no flanelógrafo agrupando-as.
- Perguntar quantos grupos há em 7? (É uma oportunidade para - conhecer o grau de maturidade da criança.)

(Fim)

nss/

* * * * * * * *

CURSO DE TREINAMENTO DE PROFESSÔRES LEIGOS EM MOSSORÓ

PLANO DE CURSO DE MATEMÁTICA

Número de aulas: 247
Turmas : A B C D E
Horário : 7h às 10h 55m e 1 h e 30m as 16 e 5 m
Professôra: Luzia Antonièta Maia

J U S T I F I C A T I V A

Este plano foi elaborado com a finalidade de manter a escola primária atualizada com os métodos e processos da pedagogia moderna, visando assim ampliar os conhecimentos do professorado leigo.

Por meio dêste programa procurarei mostrar a importância e a necessidade que a Escola tem que dar a aprendizagem da matemática, atendendo aos interêsses e necessidades dos alunos.

O B J E T I V O S

1 - Como objetivo principal, tenho em vista ampliar os conhecimentos do professor-aluno afim de capacitá-lo a desempenhar com segurança e firmeza a aprendizagem da matemática na escola primária.

2 - Fazer com o professor aluno a recapitulação da matéria estudada nos cursos anteriores, aplicando material prático e sugestivo, facilitando, a aprendizagem da matemática.

3 - Desenvolver a capacidade de comprender a importância e a necessidade da aprendizagem da matemática como o meio imprescendivel, ao bom desempenho de suas atividades sociais.

C O N T E Ú D O

- Conceito - Importancia e Objetivos do curso da matemática.	Material Didático
- Como alcançar um programa de matemática - atingindo aos objetivos.	
- Familiarização da criança com o ambiente escolar.	
- Desenvolver a capacidade de observação introduzindo o vocabulário matemático através das noções de: grandeza, posição, distância, forma, peso, etc.	Cartazes, objetos da propria sala de aula.
- Jôgo - O pequeno Construtor Representação - concreta dos números até 10.	Flanelógrafo
- Confecção dos números em cartolina.	bolas, paus de picolé, peixes, patinhos em espuma.
- Contagem além de dez.	Numeros em cartolina.

...do das unidades dezenas e centenas.
...rmação dos Números.
...odêlos de exercicios de fixação da aprendizagem da unidades, dezenas e centenas.
- Adição sem reservas e com reservas.
- Exércicios
- Subtração -ideias e processos -Exercicios.
- Multiplicação fatores propriedades.
- Calculos graduado as dificuldades.
- Mutiplicação por 1o, 100 e 1000
- Expressão aritmética
- Divisão-Ideias e processos.
  Expressão aritmética.
- Tipos de problemas
- Jôgo Cenouras para o Coelhinho.
- Frações ordinárias
  Objetivos. Conduzir.
- ...aprendizagem das frações ordinárias partindo do concreto.
- Equivalência de frações.
- Suas propriedades
- Conceito de inteiro e fração
- Compreensão do verdadeiro sentido dos têrmos: numerador e denominador. Caracteristica.
- Número misto
- Exércicio
- Transformação de fração impropria em número misto e vice-versa.
- ...mplificação e redação de fração.
- Solução subtração multiplicação e divisão de fração ordinárias.
- Expressão fracionárias envolvendo as 4 operações.
- Sistema monetário em vigor - Problema.
- Bibliografias consultadas.

- Abaco contador.
- Contador prático, feito com carteteis
- Contador com bolas.
- Simples material, podendo ser confeccionado na propria escola.
- Caixinha do cálculo.
- " "
- Tabuada em semi-círculo

- Aula prática

- Partes fracionárias em flanela.

- Faixas de cartolina e discos para o estudo de equivalencia de frações.
- Desenho para ilustrar a solução de exemplos fracionários.

Metodologia da Matemática - Irene de Albuquerque.
Metodologia do Ensino Primário do Est.da Guanabara-Afro do Amaral Fonteura
Programa Básico para o Curso Primário do Est.da Guanabara -Afro do Amaral
Guia de Matemática - M E C
Ensinando Matemática as Crianças = C B P E - I N E P

Observação - Em virtude de querer fixar bem os assuntos serem esplanados e reduzido número de aulas que desponho, não via ser possivel vencer tudo programa.

Mossoró, 2 de Janeiro de 1965.

CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS

MOSSORÓ - 1 9 6 5

PLANO DE CURSO DE MATEMÁTICA

TURMAS: A - B- C- D.
HORÁRIO: 7 às 11 horas - 14 às 17 horas
PROFESSÔRA: ANTÔNIA ZILMA DE SOUZA

JUSTIFICATIVA

Desejando oferecer o melhor dentro de minhas possibilidades e da limitação do tempo disponível, é que organizei êste programa, com o objetivo de auxiliar o professor na sua tarefa de guiar, orientar e instruir as crianças.

OBJETIVOS

1- O objetivo principal dêste programa é capacitar o professorado primário a ensinar a matemática , com mais eficiência e facilidades dentro da metolologia moderna.

2- Proporcionar ao professor a recapitulação e ampliação dos co - nhecimentos básicos de matemática necessários a direção da aprendizagem das escolas primárias.

3- Conduzir os travalhos do Curso através dos processos específicos matemática que proporcionam a formação de hábitos de disciplina, ordem e rendimento.

4- Dar oportunidade ao professor de se familiarizar com o preparo e uso do material didático.

CONTEÚDO

1ª Parte - 3 aulas

a) Grandeza- unidade- noção de número- numeração- numeração falada e escrita- algarismos romanos- exercícios e problemas.

b) As quatro operaçoẽs - 6 aulas
Adição - definição- têrmos da adição- prova e problemas
Subtração- definição- têrmos da subtração- prova e problemas
Multiplicação- têrmos da multiplicação - prova e problemas
Divisão - definição- têrmos da divisaõ - provas e problemas

2ª Parte - 3 aulas

a) Potenciação
b) Divisibilidade- múltiplo de um número- divisor - casos de divisibilidade por 2- 3- 5- 10- 11.

c) Expressão numérica
d) Decomposição de um número em fatôres primos (2 aulas)
e) M.D.C. (1 aula)
f) M.M.C. (1 aula)
g) Fraçoẽs - definição - termos da fração - fração ordinária e decimal- fração própria e imprópria- leitura da fração- modo e escrever uma fração - simplificação- adição- subtração- multiplicação- divisão- exercícios e problemas.
Exercícios de aprendizagem (4 aulas)

3ª Parte - Números Decimais

a) Adição -subtração- multiplicação- divisão - exercícios (5 aulas)
b) Dízima periódica simples e composta (2 aulas)
c) Sistema métrico decimal - exercicios e problemas (8 aulas)
d) Verificação de aprencizagem (3 aulas)

4ª Parte

a) Plano de aula
b) Elaboração de um Plano de Aula
c) Planejamento de jôgo didático
d) Elaboração de um jogo didático
e) Discussão sôbre os trabalhos realizados

5ª Parte

a) Avaliação
b) Verificação dos trabalhos de avaliação pelos participantes do / Curso.
c) Exposição dos trabalhos
d) Encerramento do Curso de Matemática

Total de aulas: 45
Trabalhos em grupos: 5
Confecção de material:5

Bibliografia usadas:

Metolologia do Ensino Primário: Afro do Amaral Fontoura
Progfama de Admissão : Aroldo de Azevedo

****

Mossoró, 4 de março de 1965

Antônia Filma de Souza.

CURSO INTENSIVO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS

MOSSORÓ - RN

3a ETAPA 1965

Disciplina: MATEMÁTICA

Assunto: NUMERAÇÃO

Numeração: é a parte da Aritmética que nos ensina a exprimir e repre - sentar os números.

A numeração está dividida em:

falada
escrita

A numeração falada- nos ensina a exprimir o número por meio de palavras. Para aprendermos a ler e escrever os números precisemos conhecer a formação das diversas unidades.

uma só coisa é uma unidade
Dez unidades formam uma dezena
Dez dezenas formam uma centena
Dez centenas formam uma milhar
Dez milheres forma m uma dezena de milhar
Dez dezenas de milheres formam uma centena de / milheres , etc.

Assim temos o princípio fundamental da numeração falada.

Dez unidades de uma ordem qualquer formam uma unidade de ordem imediatamente superior.

As ordens são:
Unidade
Dezena
Centena

A reunião de tres ordens formam uma classe.

As classes são:
Unidades
Milheres
Milhões
Bilhões
Trilhões
Quatrilhões etc.

Sistema de numeração é o conjunto de palavras, sinais e regras por meio dos quais representamos os números.

O sistema de numeração que usamos é decimal porque sua base é sempre 10.

Base do sistema de numeração é o número de unidades de uma ordem necessária para formar uma unidade de ordem imediatamente superior.

Numeração escrita: é a que nos ensina a escrever os números por meio / de algarismos arábicos.

Se fossemos escrever os números como os pronunciamos ficaria bastante difícil efetuar as operações aritméticas. Assim, escrevendo os números com algarismos os exprimimos com clareza e rapidez.

Os algarismos utilizados na escrita de números são:

0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

Com êles poderemos representar todos os números que desejarmos.

Princípio fundamental da Numeração escrita

Qualquer algarismo escrito a esquerda de outro representa unidades 10 vezes maiores do que representaria se estivesse escrito no lugar / dêsse outro.

Começando-se da direita o primeiro algarismo representa as unidades simples; o segundo algarismo representa as ~~unidades~~ dezenas; o terceiro algarismo representa as centenas.

Já sabemos que cada classe contem três ordens, (unidades, dezenas e / centenas).

Na 1ª classe as unidades são simples.
Na 2ª classe as unidades são os milheres.
Na 3ª classe as unidades são os milhões.
Na 4ª classe as unidades são os biljões.

A última classe nem sempre tem dezena ou centena.

cont.

cont. Matemática - Numeração

Escrita de Números

Regra- Escreve-se o número da esquerda para a direita, exprimindo-se primeiro as unidades maiores e depois as menores. Nas ordems onde não houver unidades colocam-se cifras.
Assim o número 3 milhões, 25 mil e 325 unidades, escreve-se da seguinte forma:

3.025,325

Há outra maneira mais moderna para separar-se as classe dos algarismos. Ao em vez de colocarmos um ponto, como acima fizemos, deixa-se um intervalo entre as classes.

Ex: 3 0 2 5 3 2 5

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS
MOSSORÓ - RN
1965
3ª ETAPA

Disciplina: MATEMÁTICA
ASSUNTO: UNIDADE- QUANTIDADE - NÚMERO

Unidade: é uma só coisa.
É pela unidade que se começa a contar a quantidade.
Em 15 cadernos a unidade é um caderno.
Em 43 cadeiras a unidade é uma cadeira.

Quantidade, é tudo aquilo que se pode pesar, medir, ou contar.
Uma quantidade de manteiga pode ser pesada; uma quantidade de azeite pode ser medida; uma quantidade de maçãs pode ser contada.

As quantidades podem ser:
homogeneas
heterogêneas

Quantidade homogêneas- são aquelas da mesma espécies.
ex: 3 lápis. 9 lápis. 48 lápis.

Quantidade heterogeneas- são aquelas de espécies diferentes.
ex: 8 livros, 14 cadernos , 155 lápis.

Número: é o que exprime quantas unidades contém uma quantidade.
Em 32 cadernos a quantidade são todos êstes cadernos; a unidade é um caderno e 32 é o número de cadernos.

Os números dividem-se em:

Pares	Ímpares
Abstratos	Concretos
Primos	Múltiplos
Inteiros	Mixtos
Ordinais	Dígitos

Números pares: são os que terminam em 0,2,4,6 e 8.
Ex: 52 - 8 - 324.

Números ímpares: são os terminam em 1, 3, 5, 7, 9.
Ex: 5 - 29 - 341.

Números abstratos: são os que não estão acompanhados do nome da unidade. Ex: 25 - 54 - 27.

Números concretos: são os que vêm acompanhados do nome da unidade. Ex: 32 cadernos, 96 lápis , 54 luvas.

Números primos: são os que só podem ser divididos exatamente por si ou pela unidade. Ex: 5 - 13 - 19.

Múltiplos: são os que divide outro número exatamente sem deixar resto:
Ex: 15 (é número múltiplo porque divide 3 e 5 / exatamente).

Cont.

3ª etapa - cont. Matemática Unidade-Quantidade- número

Número Inteiro: é o que é formado de unidades inteiras.

Ex: 4 mesas; 5 chapéus; 8 botoẽs.

A série de números inteiros é ilimitada; embora o número seja muito elevado, podemos sempre acrescentar-lhe uma unidade e assim formarmos outro número maior.

Número mixto: ou fracionário é o que é formado de um número inteiro e uma fração.

Ex: 5 1/2 metros.

Números Ordinais: são os que indicam ordem.

Ex: 1º dia do mês; 5º aluno da classe.

Núemeros dígitos: são os 10 primeiros números que podem ser contados nos dedos da mão.

Ex: 1 - 2- 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Profª: Antônia Zilma de Souza MF/CT

CURSO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES LEIGOS
MOSSORÓ - RN
1965

3ª ETAPA

DISCIPLINA - MATEMÁTICA

ASSUNTO: ALGARISMOS ARÁBICOS E ROMANOS

Algarismos: são sinais que representam os números.

Os algarismos podem ser:

Arábicos
Romanos

Os algarismos arábicos são dez:

0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9

Zero um dois três quatro cinco seis sete oito nove.

Os algarismos arábicos podem ser:

Significativos
Insignificativos

Os algarismos significativos exprimem sempre um número. São êles.

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9.

Os algarismos insignificativos nada exprime.

Só há um algarismo insignificativo que é o Zero, também chamado de cifra ou nada.

Os algarismos arábicos são assim chamados porque foram os arábes / quem os usaram pela primeira vez.

ALGARISMOS ROMANOS

Os algarismos romanos são representados por sete letras maiúscula do nosso alfabeto.

Os algarismos romanos saõ :

I V C L C D M

Cada uma dessa letras tem um valor convencionado, como:

I = 1
V = 5
X = 10
L = 50
C = 100
D = 500
M = 1000

Com estas sete letras poderemos formar qualquer número que desejarmos, Para isto, precisaremos obedecer algumas regras, como sejam:

a) Só podem ser repetidas as letras:

I X C M

Exemplo: II = 2
CCC = 300
MM = 2.000

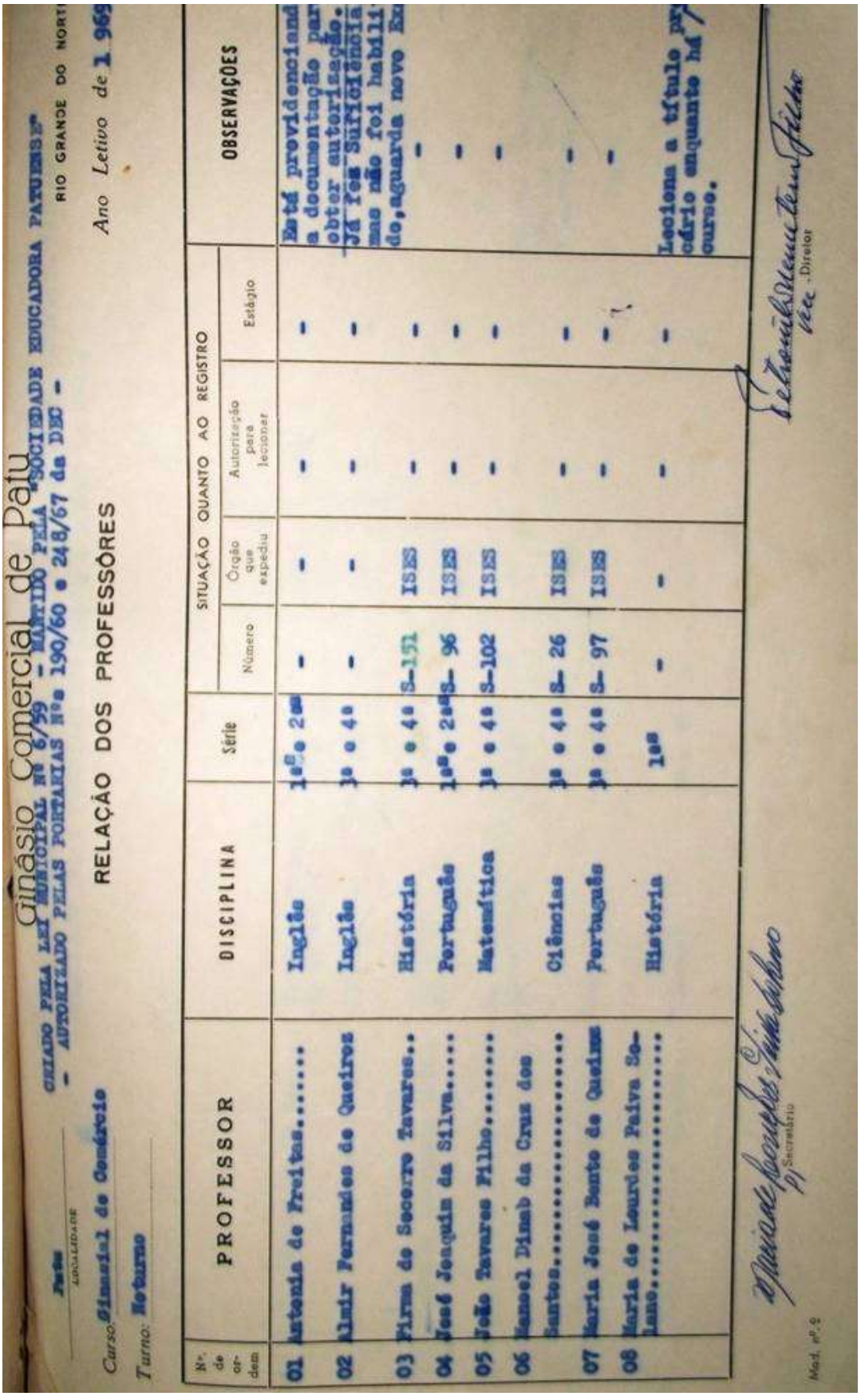
Estas letras só podem ser repetidas apenas três vezes.

b) Quando uma letra de menor valor estiver / antes de uma letra de maior, subtrai-se o valor da letra menor, do

con'.

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

REGISTRO CJ – Relação de professores do Ginásio Comercial de Patu de 1969.



Ginásio Comercial de Patu

CRIADO PELA LEI MUNICIPAL Nº 6/59 - MANTIDO PELA "SOCIEDADE EDUCADORA PATUENSE"
- AUTORIZADO PELAS PORTARIAS Nºs 190/60 e 248/67 da DEC -

Patu
LOCALIDADE

RIO GRANDE DO NORTE

Curso: Ginasial de Comércio

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES

Ano Letivo de 1 969

Turno: Noturno

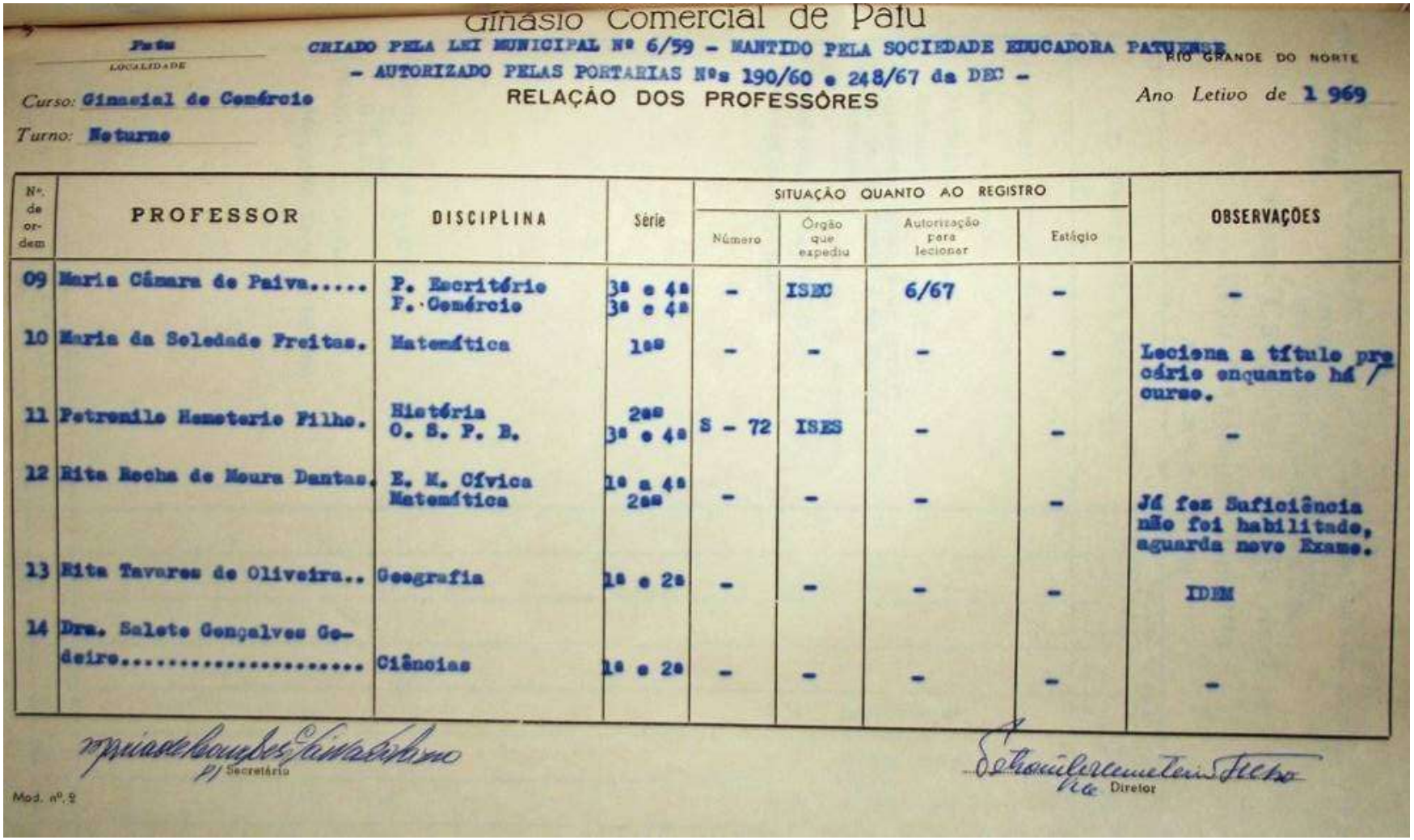
Nº de ordem	PROFESSOR	DISCIPLINA	Série	SITUAÇÃO QUANTO AO REGISTRO				OBSERVAÇÕES
				Número	Órgão que expediu	Autorização para lecionar	Estágio	
01	Antonia de Freitas.....	Inglês	1ªs e 2ªs	-	-	-	-	Está providenciand a documentação par obter autorização.
02	Almir Fernandes de Queiroz	Inglês	3ª e 4ª	-	-	-	-	Já fez Suficiência mas não foi habili do, aguarda novo Ex
03	Firma de Socorro Tavares..	História	3ª e 4ª	S-151	ISES	-	-	-
04	José Joaquim da Silva.....	Português	1ªs e 2ªs	S- 96	ISES	-	-	-
05	João Tavares Filho.....	Matemática	3ª e 4ª	S-102	ISES	-	-	-
06	Manoel Dinab da Cruz dos Santos.....	Ciências	3ª e 4ª	S- 26	ISES	-	-	-
07	Maria José Bento de Queiroz	Português	3ª e 4ª	S- 97	ISES	-	-	-
08	Maria de Lourdes Paiva Solano.....	História	1ªs	-	-	-	-	Leciona a título pr cário enquanto há / curso.

Maria de Lourdes Paiva Solano
P/ Secretário

Petronilo Nemetem Filho
Vice Diretor

Mod. nº 9

Fonte: Arquivo do Ginásio Comercial de Patu



Ginásio Comercial de Patu

Patu — LOCALIDADE

CRIADO PELA LEI MUNICIPAL Nº 6/59 - MANTIDO PELA SOCIEDADE EDUCADORA PATUENSE - AUTORIZADO PELAS PORTARIAS Nºs 190/60 e 248/67 do DEC - RIO GRANDE DO NORTE

Curso: Ginasial de Comércio

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES

Ano Letivo de 1 969

Turno: Noturno

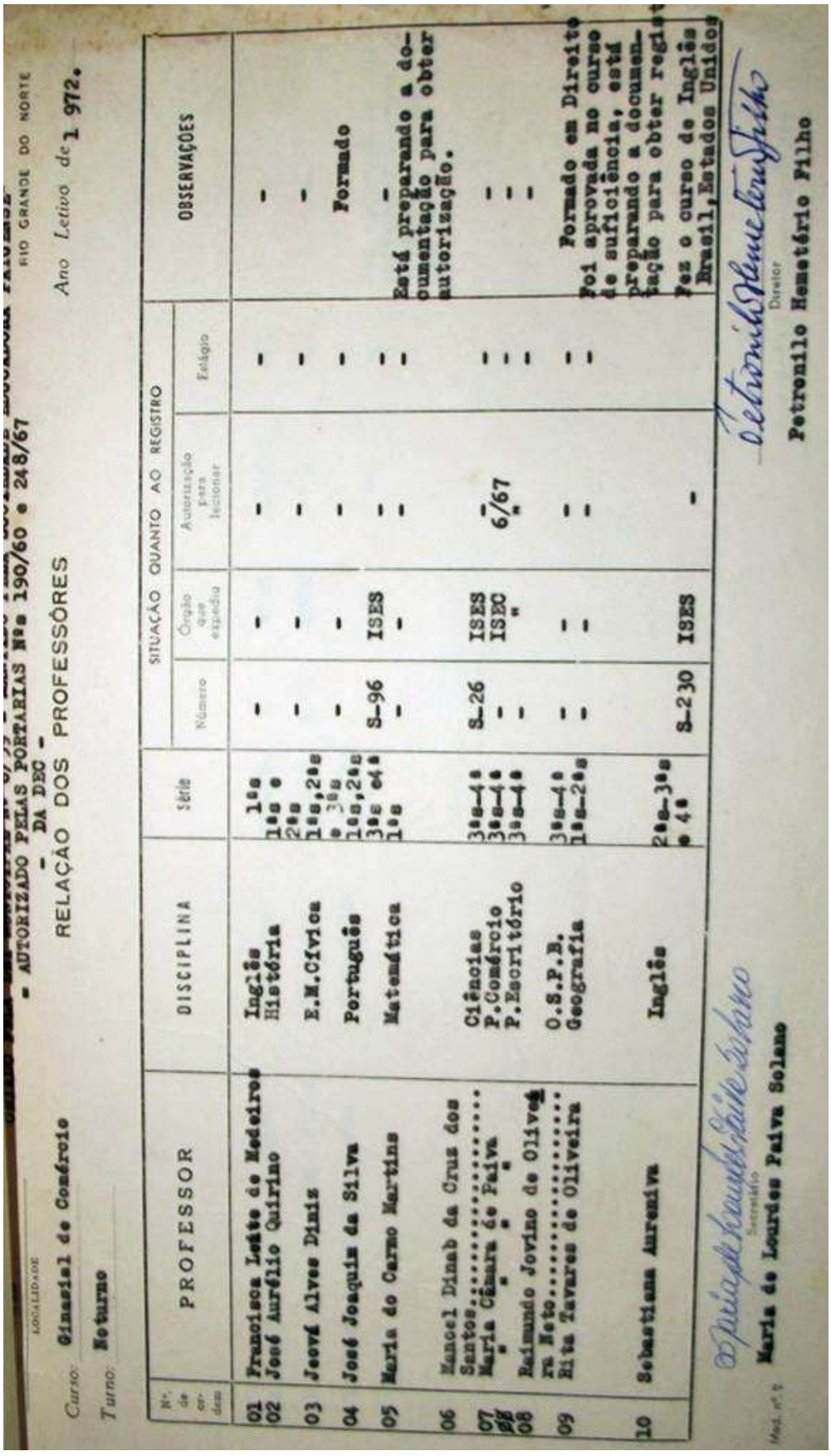
Nº. de ordem	PROFESSOR	DISCIPLINA	Série	SITUAÇÃO QUANTO AO REGISTRO				OBSERVAÇÕES
				Número	Órgão que expediu	Autorização para lecionar	Estágio	
09	Maria Câmara de Paiva.....	P. Escritório F. Comércio	3ª e 4ª 3ª e 4ª	-	ISEC	6/67	-	-
10	Maria da Soledade Freitas.	Matemática	1ªs	-	-	-	-	Leciona a título precário enquanto há curso.
11	Petronilo Hemeterio Filho.	História O. S. P. B.	2ªs 3ª e 4ª	S - 72	ISES	-	-	-
12	Rita Rocha de Moura Dantas.	E. M. Cívica Matemática	1ª a 4ª 2ªs	-	-	-	-	Já fez Suficiência não foi habilitado, aguarda novo Exame.
13	Rita Tavares de Oliveira..	Geografia	1ª e 2ª	-	-	-	-	IDEM
14	Dra. Salete Gonçalves Godeiro.....	Ciências	1ª e 2ª	-	-	-	-	-

1º Secretário

Diretor

Mod. nº. 2

REGISTRO CK – Relação de professores do Ginásio Comercial de Patu de 1972.



LOCALIDADE — RIO GRANDE DO NORTE

- AUTORIZADO PELAS PORTARIAS Nºs 190/60 e 248/67 - DA DEC -

Curso: Ginasial de Comércio — RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES — Ano Letivo de 1 972.

Turno: Noturno

Nº de ordem	PROFESSOR	DISCIPLINA	Série	SITUAÇÃO QUANTO AO REGISTRO				OBSERVAÇÕES
				Número	Órgão que expediu	Autorização para lecionar	Relógio	
01	Francisca Leite de Medeiros	Inglês	1ºs	-	-	-	-	-
02	José Aurélio Quirino	História	1ºs e 2ºs					
03	Jeová Alves Dinis	E.M.Cívica	1ºs,2ºs e 3ºs	-	-	-	-	-
04	José Joaquim da Silva	Português	1ºs,2ºs e 3ºs	-	-	-	-	Formado
05	Maria do Carmo Martins	Matemática	1ºs	S-96 -	ISES -	- -	- -	- Está preparando a documentação para obter autorização.
06	Manoel Dinah da Cruz dos Santos.....	Ciências	3ºs-4ºs	S-26	ISES	-	-	-
07	Maria Câmara de Paiva	P.Comércio	3ºs-4ºs	-	ISEC	6/67	-	-
08	Raimundo Jovino de Oliveira Neto.....	P.Escritório	3ºs-4ºs	-	"	"	-	-
09	Rita Tavares de Oliveira	O.S.P.B. Geografia	3ºs-4ºs 1ºs-2ºs	- -	- -	- -	- -	- Formado em Direito Foi aprovada no curso de suficiência, está preparando a documentação para obter registro Fez o curso de Inglês Brasil,Estados Unidos
10	Sebastiana Aurenivo	Inglês	2ºs-3ºs e 4ºs	S-230	ISES	-		

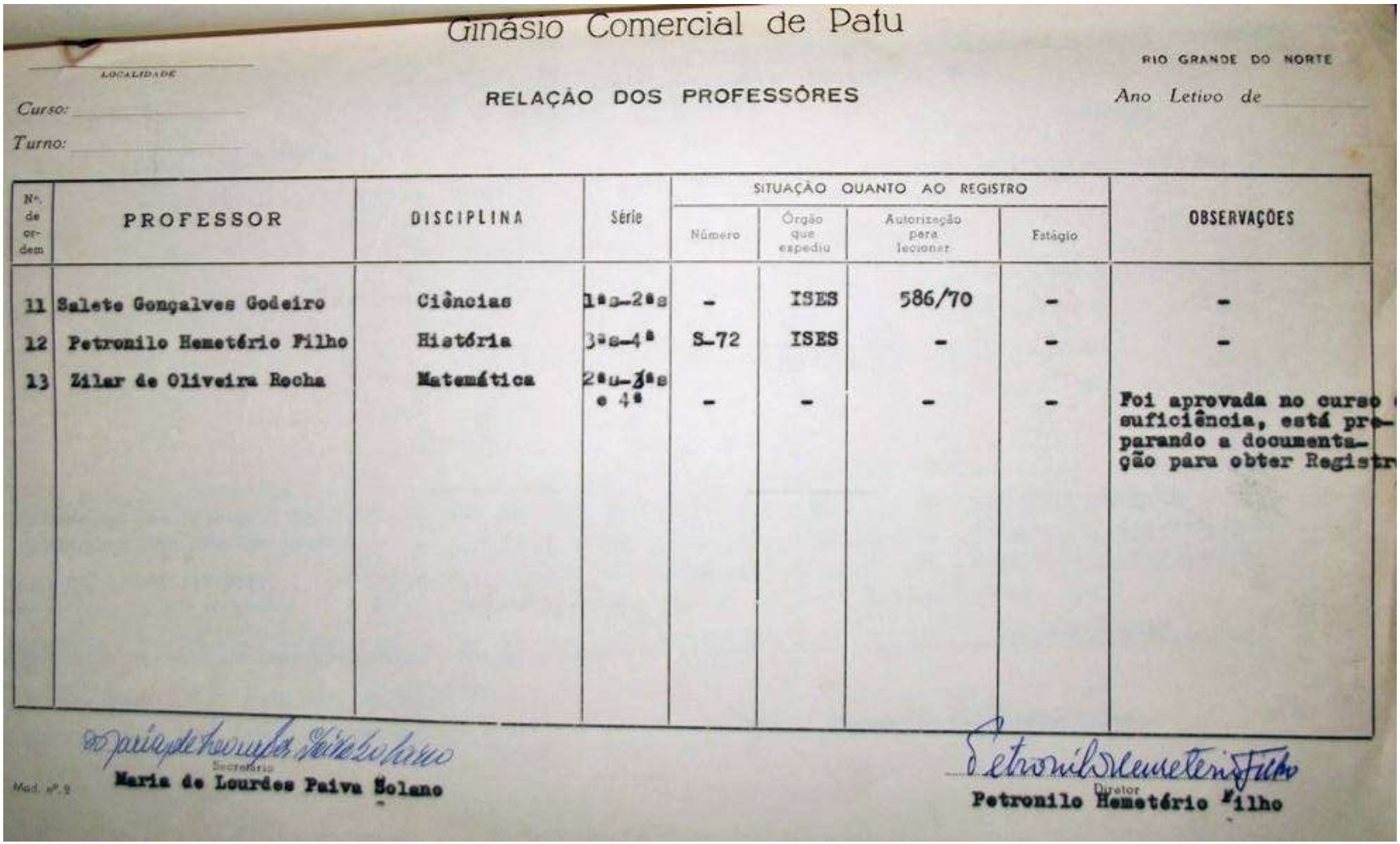
Secretário

Maria de Lourdes Paiva Solano

Diretor

Petronilo Hemetério Filho

Fonte: Arquivo do Ginásio Comercial de Patu



Ginásio Comercial de Patu

LOCALIDADE

RIO GRANDE DO NORTE

Curso:

Turno:

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES

Ano Letivo de

Nº. de ordem	PROFESSOR	DISCIPLINA	Série	SITUAÇÃO QUANTO AO REGISTRO				OBSERVAÇÕES
				Número	Órgão que expediu	Autorização para lecionar	Estágio	
11	Salete Gonçalves Godeiro	Ciências	1ªs-2ªs	-	ISES	586/70	-	-
12	Petronilo Hemetério Filho	História	3ªs-4ªs	S-72	ISES	-	-	-
13	Zilar de Oliveira Rocha	Matemática	2ªs-3ªs e 4ªs	-	-	-	-	Foi aprovada no curso [illegible] suficiência, está pre- parando a documenta- ção para obter Registr

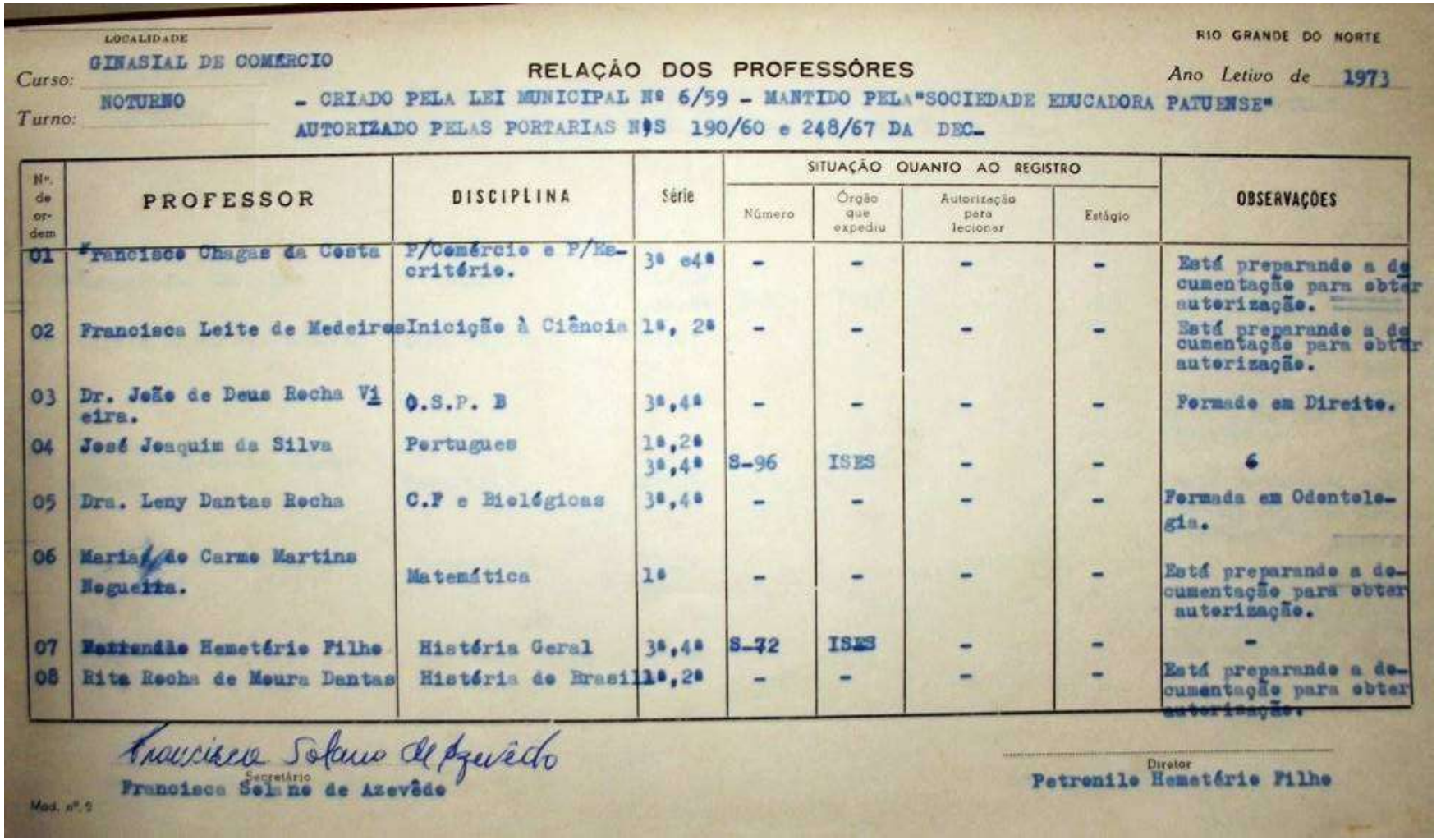
Secretário

Maria de Lourdes Paiva Solano

Diretor

Petronilo Hemetério Filho

Mod. nº 2



LOCALIDADE: RIO GRANDE DO NORTE

Curso: GINASIAL DE COMÉRCIO

Turno: NOTURNO

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES

Ano Letivo de 1973

- CRIADO PELA LEI MUNICIPAL Nº 6/59 - MANTIDO PELA "SOCIEDADE EDUCADORA PATUENSE"
AUTORIZADO PELAS PORTARIAS NºS 190/60 e 248/67 DA DEC.

Nº. de ordem	PROFESSOR	DISCIPLINA	Série	SITUAÇÃO QUANTO AO REGISTRO				OBSERVAÇÕES
				Número	Órgão que expediu	Autorização para lecionar	Estágio	
01	Francisco Chagas da Costa	P/Comércio e P/Escritório.	3ª e4ª	-	-	-	-	Está preparando a documentação para obter autorização.
02	Francisca Leite de Medeiros	Iniciação à Ciência	1ª, 2ª	-	-	-	-	Está preparando a documentação para obter autorização.
03	Dr. João de Deus Rocha Vieira.	O.S.P. B	3ª,4ª	-	-	-	-	Formado em Direito.
04	José Joaquim da Silva	Portugues	1ª,2ª 3ª,4ª	S-96	ISES	-	-	6
05	Dra. Leny Dantas Rocha	C.F e Biológicas	3ª,4ª	-	-	-	-	Formada em Odontologia.
06	Maria do Carmo Martins Nogueira.	Matemática	1ª	-	-	-	-	Está preparando a documentação para obter autorização.
07	Nettendio Hemetério Filho	História Geral	3ª,4ª	S-72	ISES	-	-	-
08	Rita Rocha de Moura Dantas	História do Brasil	1ª,2ª	-	-	-	-	Está preparando a documentação para obter autorização.

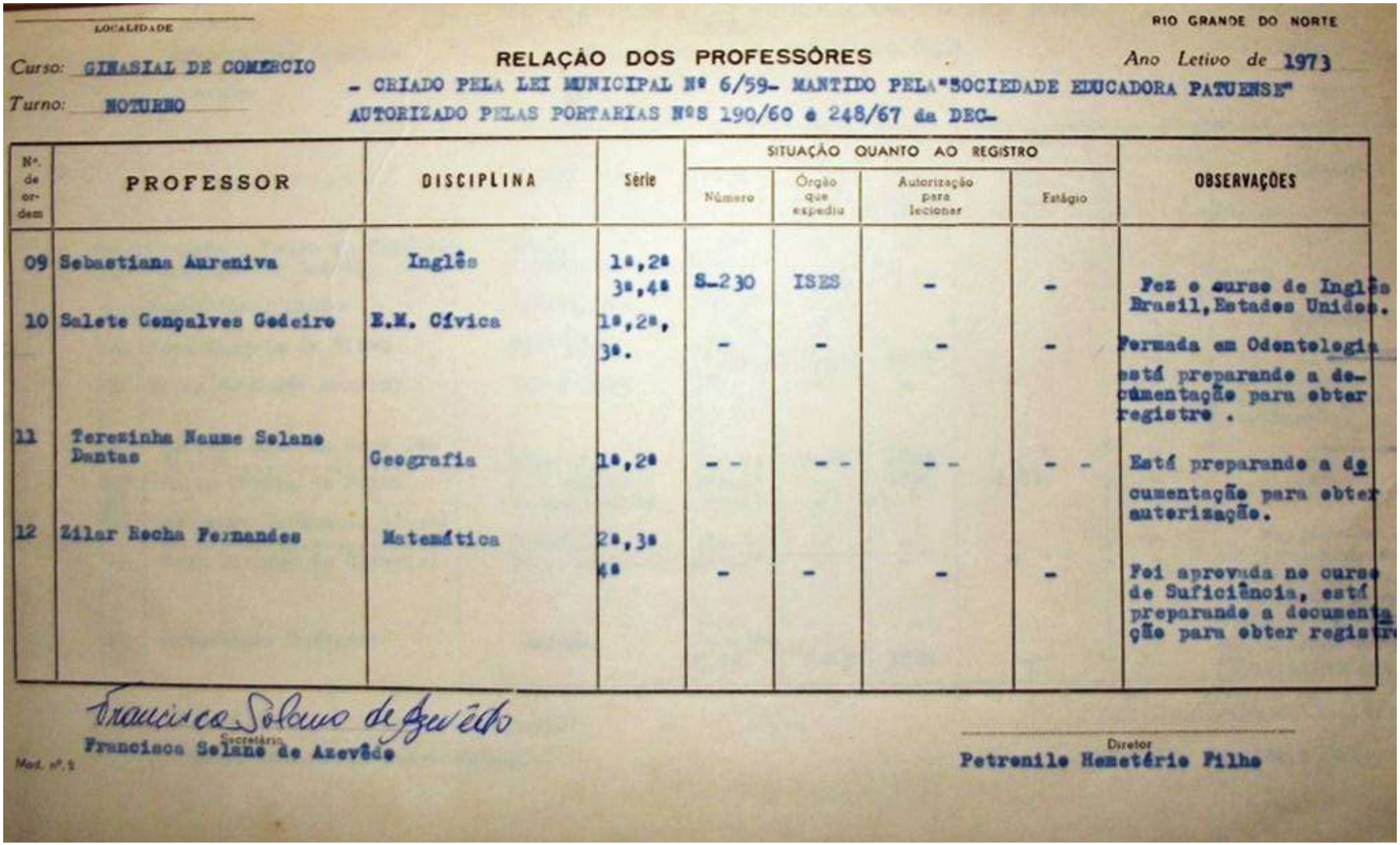
Francisca Soares de Azevêdo
Secretário
Francisca Soares de Azevêdo

Diretor
Petronilo Hemetério Filho

Mod. nº. 9

REGISTRO CL – Relação de professores do Ginásio Comercial de Patu de 1973.

Fonte: Arquivo do Ginásio Comercial de Patu



LOCALIDADE

RIO GRANDE DO NORTE

Curso: GINASIAL DE COMERCIO

Turno: NOTURNO

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES

Ano Letivo de 1973

- CRIADO PELA LEI MUNICIPAL Nº 6/59- MANTIDO PELA "SOCIEDADE EDUCADORA PATUENSE"
AUTORIZADO PELAS PORTARIAS NºS 190/60 e 248/67 da DEC-

Nº. de ordem	PROFESSOR	DISCIPLINA	Série	SITUAÇÃO QUANTO AO REGISTRO				OBSERVAÇÕES
				Número	Órgão que expediu	Autorização para lecionar	Estágio	
09	Sebastiana Aureniva	Inglês	1ª,2ª 3ª,4ª	S-230	ISES	-	-	Fez o curso de Inglês Brasil, Estados Unidos.
10	Salete Gonçalves Gedeiro	E.M. Cívica	1ª,2ª, 3ª.	-	-	-	-	Formada em Odontologia está preparando a documentação para obter registro .
11	Terezinha Naume Selane Dantas	Geografia	1ª,2ª	- -	- -	- -	- -	Está preparando a documentação para obter autorização.
12	Zilar Rocha Fernandes	Matemática	2ª,3ª 4ª	-	-	-	-	Foi aprovada no curso de Suficiência, está preparando a documentação para obter registro

Francisco Selane de Azevêdo

Secretário

Francisco Selane de Azevêdo

Mod. nº. 2

Diretor

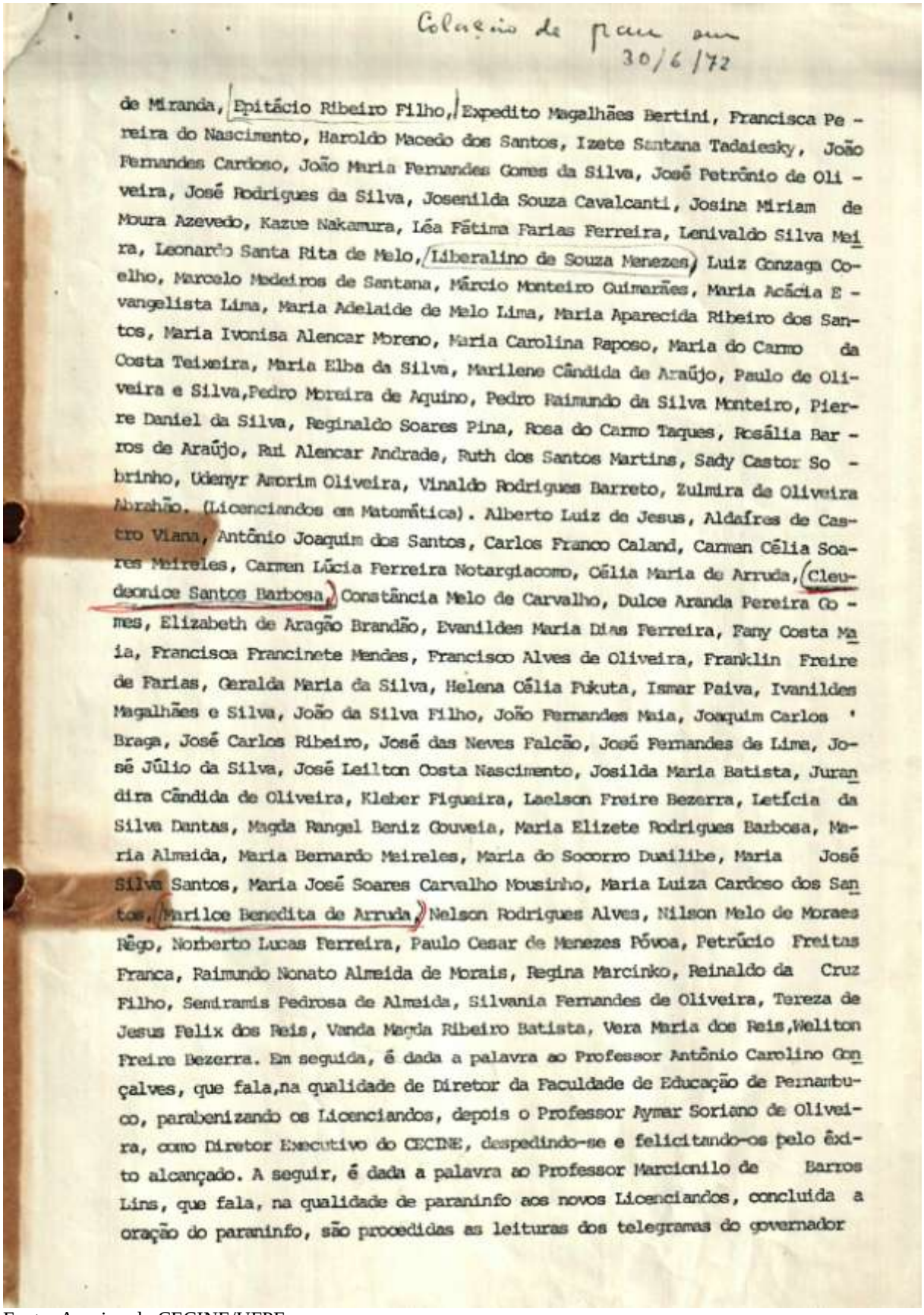
Petronilo Hemetério Filho

REGISTRO CM – Ata de conclusão do primeiro curso do PREMEN/CECINE.

Ciências e Matemática. 1972.

ATA DA SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO DOS CURSOS DE LICENCIATURA DE CURTA DURAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA, MINISTRADOS PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO E O CECINE - CONVÊNIO PREMEN/UFPE.

Aos 30 (trinta) dias do mês de junho de 1972 (mil novecentos e setenta e dois), no Auditório da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco, realizou-se o Encerramento do 1º (primeiro) Curso de Licenciatura de Curta Duração em Ciências e em Matemática do PREMEN - Programa de Expansão e Melhoria do Ensino, ministrados pela Faculdade de Educação de Pernambuco, da Universidade Federal de Pernambuco, juntamente com o CECINE - Centro de Ensino de Ciências do Nordeste. Iniciado a 13 (treze) de setembro de 1971 (mil novecentos e setenta e um), com a participação de 114 (cento e quatorze) alunos de 12 (doze) estados, do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. Presentes o Professor Marcionilo de Barros Lins, Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Professor Antônio Carolino Gonçalves, Diretor da Faculdade de Educação de Pernambuco da Universidade Federal de Pernambuco, Professor Aymar Maciel Soriano de Oliveira, Diretor Executivo do CECINE, Professora Marisa Seroa da Motta, Representante do PREMEN-Nacional, Autoridades Civis, Militares e Eclesiásticas, Professores de outras Unidades, Excelentíssimas Famílias e outras pessoas gradas. O Magnífico Reitor abre a sessão, explicando a finalidade da mesma, e, em seguida, concede a palavra ao orador da turma, licenciando Raimundo Nonato Almeida de Morais, que proferiu discurso, ressaltando, a importância do momento, conclamando os colegas para enfrentar a missão de mestre educador e agradecendo o PREMEN/UFPE/CECINE. Em seguida, o Professor Antônio Carolino Gonçalves, Diretor da Faculdade de Educação de Pernambuco, convida o orador para ler em voz alta a formula de compromisso; sendo acompanhado pelos demais concluintes. O Magnífico Reitor, com as palavras do Ritual confere o grau aos Licenciandos 1 (um) representante de Ciências, e outro de Matemática. Passando os membros da mesa a entrega dos Certificados aos senhores: Abelardo de Menezes Evaristo, Adenilce Maria de Araújo Silva, Adir Peplau, Afranio Piauiense de Sousa, Ailton Calvão de Freitas, Aldo Marques da Silva, Alfredo de Araújo Ramos, Antônio Gabriel da Silva, Antônio Luiz Almeida Alencar, Antônio Severiano de Araújo, Carlos Alberto Moraes, Carlos Antônio Xavier, Carlos Cesar da Mota, Claudinor Barros Cardoso Filho, Celina Dias Pereira, Conceição de Maria Moraes Rego, Elcias Rodrigues da Silva, Elizete



Colação de grau em 30/6/72

de Miranda, Epitácio Ribeiro Filho, Expedito Magalhães Bertini, Francisca Pereira do Nascimento, Haroldo Macedo dos Santos, Izete Santana Tadaiesky, João Fernandes Cardoso, João Maria Fernandes Gomes da Silva, José Petrônio de Oliveira, José Rodrigues da Silva, Josenilda Souza Cavalcanti, Josina Miriam de Moura Azevedo, Kazue Nakamura, Léa Fátima Farias Ferreira, Lenivaldo Silva Meira, Leonardo Santa Rita de Melo, Liberalino de Souza Menezes, Luiz Gonzaga Coelho, Marcelo Medeiros de Santana, Márcio Monteiro Guimarães, Maria Acácia Evangelista Lima, Maria Adelaide de Melo Lima, Maria Aparecida Ribeiro dos Santos, Maria Ivonisa Alencar Moreno, Maria Carolina Raposo, Maria do Carmo da Costa Teixeira, Maria Elba da Silva, Marilene Cândida de Araújo, Paulo de Oliveira e Silva, Pedro Moreira de Aquino, Pedro Raimundo da Silva Monteiro, Pierre Daniel da Silva, Reginaldo Soares Pina, Rosa do Carmo Taques, Rosália Barros de Araújo, Rui Alencar Andrade, Ruth dos Santos Martins, Sady Castor Sobrinho, Udemyr Amorim Oliveira, Vinaldo Rodrigues Barreto, Zulmira de Oliveira Abrahão. (Licenciandos em Matemática). Alberto Luiz de Jesus, Aldaíres de Castro Viana, Antônio Joaquim dos Santos, Carlos Franco Caland, Carmen Célia Soares Meireles, Carmen Lúcia Ferreira Notargiacomo, Célia Maria de Arruda, Cleudonice Santos Barbosa, Constância Melo de Carvalho, Dulce Aranda Pereira Gomes, Elizabeth de Aragão Brandão, Evanildes Maria Dias Ferreira, Fany Costa Maia, Francisca Francinete Mendes, Francisco Alves de Oliveira, Franklin Freire de Farias, Geralda Maria da Silva, Helena Célia Fukuta, Ismar Paiva, Ivanildes Magalhães e Silva, João da Silva Filho, João Fernandes Maia, Joaquim Carlos Braga, José Carlos Ribeiro, José das Neves Falcão, José Fernandes de Lima, José Júlio da Silva, José Leilton Costa Nascimento, Josilda Maria Batista, Jurandira Cândida de Oliveira, Kleber Figueira, Laelson Freire Bezerra, Letícia da Silva Dantas, Magda Rangel Beniz Gouveia, Maria Elizete Rodrigues Barbosa, Maria Almeida, Maria Bernardo Meireles, Maria do Socorro Duailibe, Maria José Silva Santos, Maria José Soares Carvalho Mousinho, Maria Luiza Cardoso dos Santos, Mariloe Benedita de Arruda, Nelson Rodrigues Alves, Nilson Melo de Moraes Rêgo, Norberto Lucas Ferreira, Paulo Cesar de Menezes Póvoa, Petrúcio Freitas Franca, Raimundo Nonato Almeida de Morais, Regina Marcinko, Reinaldo da Cruz Filho, Semiramis Pedrosa de Almeida, Silvania Fernandes de Oliveira, Tereza de Jesus Felix dos Reis, Vanda Magda Ribeiro Batista, Vera Maria dos Reis, Weliton Freire Bezerra. Em seguida, é dada a palavra ao Professor Antônio Carolino Gonçalves, que fala, na qualidade de Diretor da Faculdade de Educação de Pernambuco, parabenizando os Licenciandos, depois o Professor Aymar Soriano de Oliveira, como Diretor Executivo do CECINE, despedindo-se e felicitando-os pelo êxito alcançado. A seguir, é dada a palavra ao Professor Marcionilo de Barros Lins, que fala, na qualidade de paraninfo aos novos Licenciandos, concluída a oração do paraninfo, são procedidas as leituras dos telegramas do governador

Fonte: Arquivo do CECINE/UFPE

REGISTRO CN – Lista de concluintes do curso PREMEN/CECINE de 1972.

1º curso

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFPE Ciênc. e Mat.

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUIRAM O 1º CURSO DE LICENCIATURA DE CURTA DURAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMATICA DO 1º GRAU, MINISTRADOS PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFPE. E O CECINE - CONVENIO PREMEN/ UFPE.

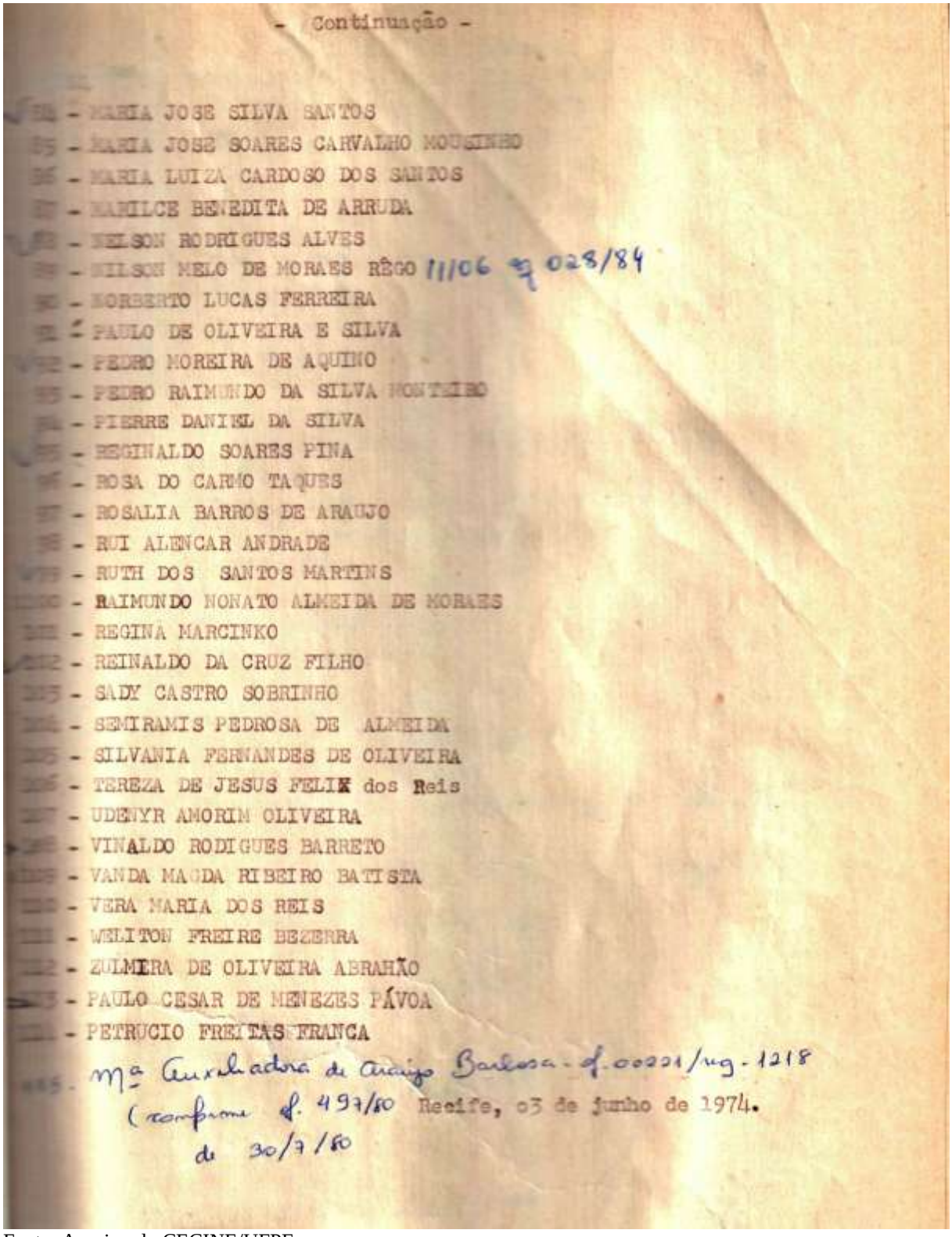
01 - ABELARDO DE MENEZES EVARISTO
02 - ADENILCE MARIA DE ARAUJO SILVA
03 - ADIR PEPLAU
04 - AFRANIO PIAUIENSE DE SOUSA
05 - AILTON GALVÃO DE FREITAS
06 - ALDO MARQUES DA SILVA
07 - ALFREDO DE ARAUJO RAMOS
08 - ANTONIO GABRIEL DA SILVA
09 - ANTONIO LUIZ ALMEIDA ALENCAR
10 - ANTONIO SEVERINO DE ARAUJO
11 - ALBERTO LUIZ DE JESUS
12 - ALDAÍRES DE CASTRO VIANA
13 - ANTÔNIO JOAQUIM DOS SANTOS
14 - CARLOS ALBERTO MORAES
15 - CARLOS ANTONIO XAVIER
16 - CARLOS CESAR DA MOTA
17 - CLAUDINOR BARROS CARDOSO FILHO
18 - CELINA DIAS PEREIRA
19 - CONCEIÇÃO DE MARIA MORAES REGO
20 - CARLOS FRANCO CALAND
21 - CARMEN CÉLIA SOARES MEIRELES
22 - CARMEN LUCIA FERREIRA NOTARGIACOMO
23 - CÉLIA MARIA DE ARRUDA
24 - CLEUDEONICE SANTOS BARBOSA
25 - CONSTÂNCIA MELO DE CARVALHO
26 - DULCE ARANDA PEREIRA GOMES
27 - ELCIAS RODRIGUES DA SILVA
28 - ELIZETE DE MIRANDA 13-6-78
29 - EPITÁCIO RIBEIRO FILHO
30 - EXPEDITO MAGALHÃES BERTINI
31 - ELIZABETH DE ARAGÃO BRANDÃO - S 1/692
32 - EVANILDES MARIA DIAS FERREIRA
33 - FRANCISCA PEREIRA DO NASCIMENTO
34 - FANY COSTA MAIA
35 - FRANCISCA FRANCINETE MENDES
36 - FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA
37 - FRANKLIN FREIRE DE FARIAS
38 - GERALDA MARIA DA SILVA
39 - HAROLDO MACEDO DOS SANTOS

Cont.

- Continuação -

40 - HELENA CÉLIA FUKUTA
41 - IZETE SANTANA TADAIESKY
42 - ISMAR PAIVA
43 - IVANULDES MAGALHÃES E SILVA
44 - JOÃO FERNANDES CARDOSO ——— ?
45 - JOÃO MARIA FERNANDES GOMES DA SILVA
46 - JOSE PETRONIO DE OLIVEIRA
47 - JOSE RODRIGUES DA SILVA
48 - JOSENILDA SOUZA CAVALCANTI - 00798195-31735
49 - JOSINA MIRIAM DE MOURA AZEVEDO - 01999 sm-1 - 25351
50 - JOÃO DA SILVA FILHO
51 - JOÃO FERNANDES MAIA
52 - JOAQUIM CARLOS BRAGA - 00995/99 - 37862
53 - JOSE CALOS RIBEIRO
54 - JOSÉ DAS NEVES FALCÃO
55 - JOSE FERNANDES DE LIMA - 1.00346/ug - 1656
56 - JOSE JÚLIO DA SILVA
57 - JOSE LEILTON COSTA NASCIMENTO
58 - JOSILDA MARIA BATISTA
59 - JURANDIRA CÂNDIDA DE OLIVEIRA
60 - KAZUE NAKAMURA
61 - KLEBER FIGUEIRA
62 - LÉA FATIMA FARIAS FERREIRA
63 - LENIVALDO SILVA MEIRA
64 - LEONARDO SANTA RITA DE MELO
65 - LIBERALINO DE SOUZA MENEZES
66 - LUIZ GONZAGA COELHO
67 - LAELSON FREIRE BEZERRA
68 - LETICIA DA SILVA DANTAS
69 - MARCELO MEDEIROS DE SANTANA
70 - MARCIO MONTEIRO GUIMARÃES - Proc 4002/75-SAB
71 - MARIA ACACIA EVANGELISTA LIMA
72 - MARIA ADELAIDE DE MELO LIMA
73 - MARIA APARECIDA RIBEIRO DOS SANTOS
74 - MARIA IVONISA ALENCAR MORENO
75 - MARIA CAROLINA RAPOSO
76 - MARIA DO CARMO COSTA TEIXEIRA
77 - MARIA ELBA DA SILVA
78 - MARILENE CÂNDIDA DE ARAUJO
79 - MAGDA RANGEL BENIZ GOUVEIA
80 - MARIA ELIZETE RODRIGUES BARBOSA
81 - MARIa ALMEIDA
82 - MARIA BERNARDO MEIRELIS
83 - MARIA DO SOCORRO DUAILIBE

Cont.



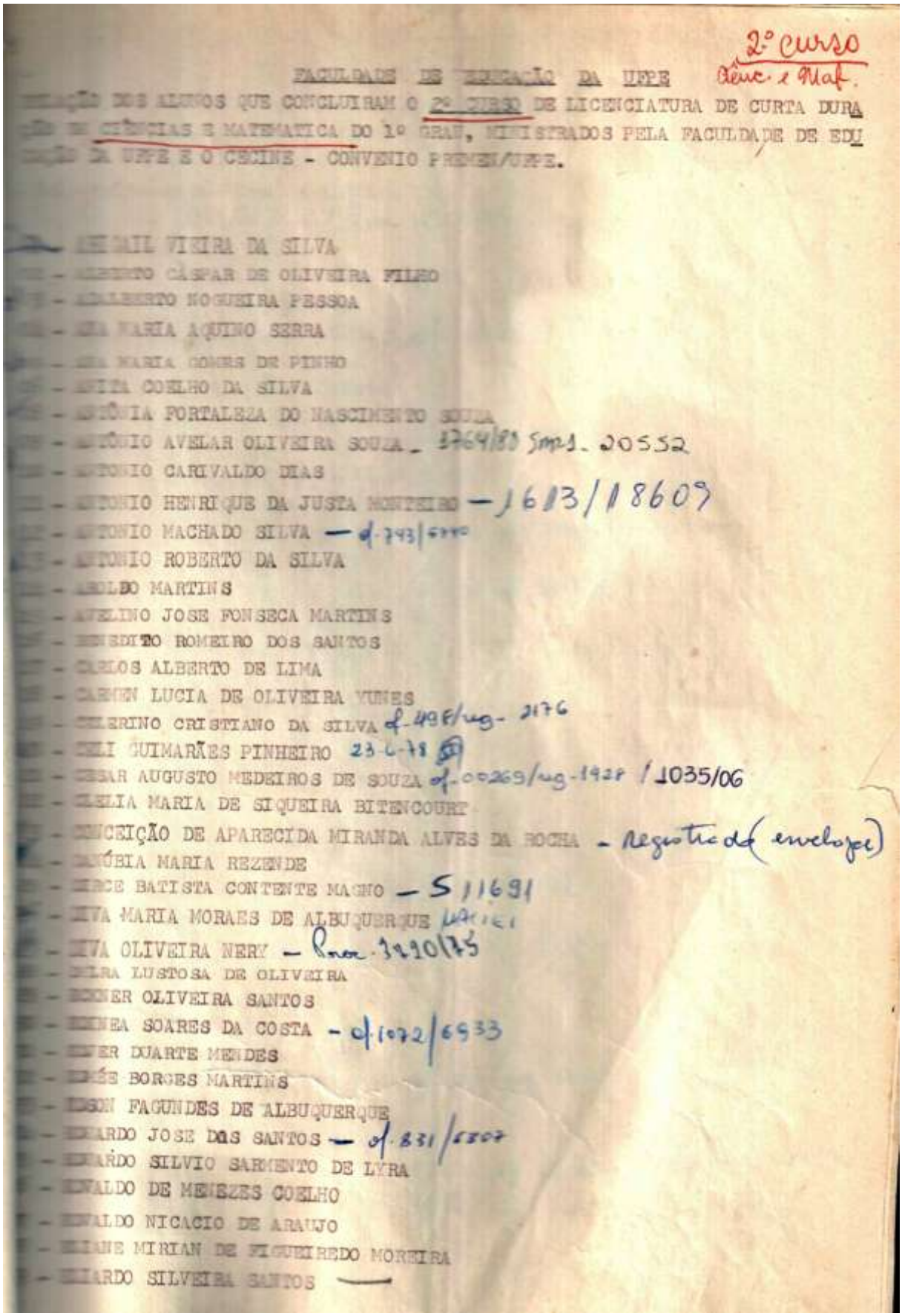
- Continuação -

- MARIA JOSE SILVA SANTOS
- MARIA JOSE SOARES CARVALHO MOUSINHO
- MARIA LUIZA CARDOSO DOS SANTOS
- MARILCE BENEDITA DE ARRUDA
- NELSON RODRIGUES ALVES
- NILSON MELO DE MORAES RÊGO 11/06 e 028/84
- NORBERTO LUCAS FERREIRA
- PAULO DE OLIVEIRA E SILVA
- PEDRO MOREIRA DE AQUINO
- PEDRO RAIMUNDO DA SILVA MONTEIRO
- PIERRE DANIEL DA SILVA
- REGINALDO SOARES PINA
- ROSA DO CARMO TAQUES
- ROSALIA BARROS DE ARAUJO
- RUI ALENCAR ANDRADE
- RUTH DOS SANTOS MARTINS
- RAIMUNDO NONATO ALMEIDA DE MORAES
- REGINA MARCINKO
- REINALDO DA CRUZ FILHO
- SADY CASTRO SOBRINHO
- SEMIRAMIS PEDROSA DE ALMEIDA
- SILVANIA FERNANDES DE OLIVEIRA
- TEREZA DE JESUS FELIX dos Reis
- UDENYR AMORIM OLIVEIRA
- VINALDO RODIGUES BARRETO
- VANDA MAGDA RIBEIRO BATISTA
- VERA MARIA DOS REIS
- WELITON FREIRE BEZERRA
- ZULMIRA DE OLIVEIRA ABRAHÃO
- PAULO CESAR DE MENEZES PÁVOA
- PETRUCIO FREITAS FRANCA

Mª Auxiliadora de Araújo Barbosa - f. 00001/mg - 1218
(confrome f. 497/80 Recife, 03 de junho de 1974.
de 30/7/80

Fonte: Arquivo do CECINE/UFPE

REGISTRO CO – Lista de concluintes do curso PREMEN/CECINE de 1973.



2º curso
Ciênc. e Mat.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFPE

RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE CONCLUIRAM O 2º CURSO DE LICENCIATURA DE CURTA DURAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMATICA DO 1º GRAU, MINISTRADOS PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFPE E O CECINE - CONVENIO PREMEN/UFPE.

- ABIGAIL VIEIRA DA SILVA
- ALBERTO CÁSPAR DE OLIVEIRA FILHO
- ADALBERTO NOGUEIRA PESSOA
- ANA MARIA AQUINO SERRA
- ANA MARIA GOMES DE PINHO
- ANITA COELHO DA SILVA
- ANTÔNIA FORTALEZA DO NASCIMENTO SOUZA
- ANTÔNIO AVELAR OLIVEIRA SOUZA - 1764/80 Smr1 - 20552
- ANTONIO CARIVALDO DIAS
- ANTONIO HENRIQUE DA JUSTA MONTEIRO - 1613/18609
- ANTONIO MACHADO SILVA - of. 743/6740
- ANTONIO ROBERTO DA SILVA
- AROLDO MARTINS
- AVELINO JOSE FONSECA MARTINS
- BENEDITO ROMEIRO DOS SANTOS
- CARLOS ALBERTO DE LIMA
- CARMEN LUCIA DE OLIVEIRA YUNES
- CELERINO CRISTIANO DA SILVA of. 498/ug - 2176
- CELI GUIMARÃES PINHEIRO 23-6-78
- CESAR AUGUSTO MEDEIROS DE SOUZA of. 00269/ug-1928 / 1035/06
- CLELIA MARIA DE SIQUEIRA BITENCOURT
- CONCEIÇÃO DE APARECIDA MIRANDA ALVES DA ROCHA - Registrado (envelope)
- DANÚBIA MARIA REZENDE
- DIRCE BATISTA CONTENTE MAGNO - 511691
- DIVA MARIA MORAES DE ALBUQUERQUE MACIEL
- DIVA OLIVEIRA NERY - Proc. 3290/75
- DMIRA LUSTOSA DE OLIVEIRA
- ECKNER OLIVEIRA SANTOS
- EDINEA SOARES DA COSTA - of. 1072/6933
- EDVER DUARTE MENDES
- EDMÉE BORGES MARTINS
- EDSON FAGUNDES DE ALBUQUERQUE
- EDUARDO JOSE DOS SANTOS - of. 831/6307
- EDUARDO SILVIO SARMENTO DE LYRA
- EDVALDO DE MENEZES COELHO
- EDVALDO NICACIO DE ARAUJO
- ELIANE MIRIAN DE FIGUEIREDO MOREIRA
- ELIARDO SILVEIRA SANTOS

- Continuação -

- ELIANE DE JESUS SILVA CHAVES - 01315/00-01315
- ELIA MARIA DA COSTA AMORIM
- ELIA MARIA XIMENES PRADO
- ERIVALDO RIBEIRO DE ALMEIDA
- ERSÂNI NAPOLEÃO LIMA - Proc 4300195
- EUGÊNIA MARIA PIRES
- EVA GONÇALVES DE OLIVEIRA MACIEL
- EVERARDO MENEZES DA COSTA
- FERNANDA MARIA LIMA MOURA cof: 1297/9086
- FERNANDO ALMEIDA BARBOSA
- FRANCISCA DE BRITO NÓBREGA
- FRANCISCA ELIZABETE GOMES
- FRANCISCA MARCELINA DA SILVA - f 1121/7181
- FRANCISCO ARNAUD DE OLIVEIRA E MELO
- FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO MARQUES
- FRANCISCO DE ASSIS DOS SANTOS DIAS - f 1059/6857
- FRANCISCO CIRIACO SOBRINHO
- FRANCISCO PLÁCIDO DE SOUZA BASILIO cof 1164/7371
- FREDERICO HERBERT PAGELS DE SA
- GARIBALDE FERREIRA DE FARIAS
- GERUSA INACIO GONÇALVES
- GISELDA BONFIM BEZERRA
- GLORIA CELESTE CHAGAS
- HELOISA JOSE COELHO MACHADO → f 02045-26149-SRD1
- IANDECI PEREIRA DE SA - 1850/08
- IDA MARIA SANTOS GUERRA
- IDER FREIRE DE PAULA
- IRACEMA AZEVEDO DOS SANTOS
- IRACILDA MACHADO QUEIROZ 1313/15306
- IRENA CLEMENTINA MARTINS MENDES
- ITACY INES LEAL HELIODORO - 01152/96-33513
- JAIME COSTA SILVA
- JAIRO DE SOUZA LINS
- JALMAR COSTA FARIA
- JANDIRA UBIRATAN DOS ANJOS PEREIRA
- JOÃO ALVES DE SOUZA FILHO - f. 101 fls 3122
- JOÃO BATISTA SOUZA
- JOAQUIM SAMARITANO DE SIQUEIRA
- JOSE ADELMY MANGUEIRA DE FIGUEIREDO pg. 09 00056/PROCESSO fls 488
- JOSE ALDECY ARRUDA RAMALHO - 21276 - 1797SRD1/89.
- JOSE AMERICO GOMES
- JOSE ARNOLDO RODRIGUES FERREIRA
- JOSE CABRAL DE MELO
- JOSE CAVALCANTE BRAGA

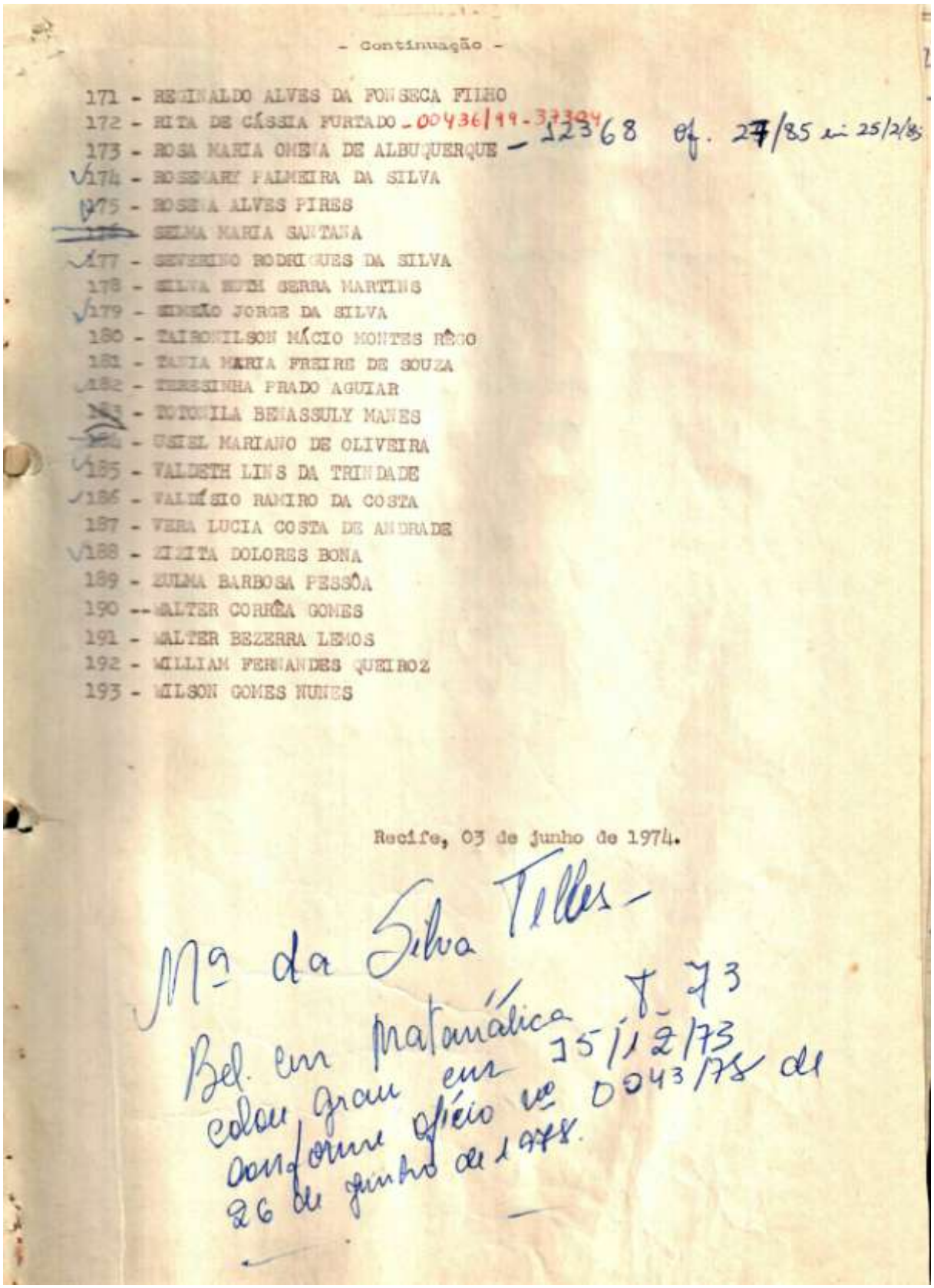
- Continuação -

- JOSE DE ASSIS FRANÇA
- JOSE DE JESUS COELHO
- JOSE DE MELO LIMA FILHO
- JOSE DE RIBAMAR COSTA POLARY of - 435/mg - 1878
- JOSE GOMES DE SOUZA - pg. ag: 0006 [illegible]. recpa 443 6
- JOSE HENRIQUE JANSEN PEREIRA of 435/mg - 1877
- JOSE JOÃO DA CRUZ FILHO - 02174-31011
- JOSE LUCIAN MUNIZ
- JOSÉ MARIA RODRIGUES CASAS
- JOSÉ MAXIMINO PINTO BARBOSA
- JOSE [illegible]ILA DAMOUS
- JOSÉ MISAEL DE MEDEIROS
- JOSE MURILO DA ROCHA RIBEIRO FILHO
- JOSE NELSON MANEDES PINTO of 0065/mg 1429 - of. 512/4310 subst.
- JOSENILSON CARVALHO DE OLIVEIRA
- JOSE RAIMUNDO OLIVEIRA - of 734/5693
- JOSÉ RIBAMAR MARTINS
- JOSE RIBAMAR MENDES - of 967/6603
- JOSE ROBERTO ARAUJO GRANJA SOBRINHO
- JOSE ROBERTO DA SILVA BARBOSA
- KATIA COSTA FERNANDES
- LAURA MARIA GUIMARÃES LEITE
- LEONIDAS SANTOS DA CUNHA
- LINDALVA DO NASCIMENTO - Leindalva Nascimento da Silva
- LINDALVA GUERRA E SILVA ~~of 0033/mg 1613 (subst.)~~
- LUCINETE MARIA COÊLHO
- LUIZA VERA DE SENA CUNHA
- LUZIALDO DE FREITAS RAMOS
- MAGALI BARBOSA GOMES PEREIRA
- MANOEL BATISTA DOS SANTOS
- MARCELO PEREIRA DA CUNHA
- MARCELO VALTER SANTOS DE ALMEIDA
- MARCO LOURENÇO SILVA
- MARCOS TARCISIO GURGEL DE LIMA - 01176/92-35031
- MARGARIDA DE PAIVA MELO
- MARIA ALAYDE DE LIMA
- MARIA DA CONCEIÇÃO LIMA DE OLIVEIRA
- MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA MACHADO
- MARIA DA SALETE VIEIRA
- MARIA DAS GRAÇAS SILVA DE MORAES
- MARIA DARCI LUSTOSA LEÃO
- MARIA DE FATIMA SOUZA MELO
- MARIA DE JESUS

- Continuação -

127 - MARIA DE LOURDES MAIA
128 - MARIA DE LOURDES PEREIRA
129 - MARIA DE NAZARÉ CAMPOS PEREIRA
130 - MARIA DE NAZARÉ NEVES DE MESQUITA
131 - MARIA DO AMPARO BRAGA
132 - MARIA DO AMPARO FARIAS
133 - MARIA DO PERPETUO SOCORRO RESENDE
134 - MARIA DO SOCORRO CARVALHO COÊLHO
135 - MARIA DO SOCORRO DUARTE
136 - MARIA DO SOCORRO MAIA CHAVES ARRAES
137 - MARIA DO SOCORRO ROCHA
138 - MARIA ELIZABETH CORRÊA DA COSTA
139 - MARIA INÊS SOARES DE LIMA
140 - MARIA IONE DE SANTANA X cf 1364/7372
141 - MARIA IZABEL DE OLIVEIRA
142 - MARIA IVETE BRASILEIRO FARIAS
143 - MARIA JOSE DE OLIVEIRA
144 - MARIA JOSÉ FERREIRA DA NATIVIDADE
145 - MARIA LEONICE DE SOUZA
146 - MARIA LÚCIA DE SOUZA FERREIRA
147 - MARIA LUIZA FERNANDES FIGUEIRÊDO
148 - MARIA MARTA DE SOUZA
149 - MARIA ODETE DE MELO
150 - MARIA SALETE SILVA
151 - MARIA VELEIDE DE BARROS LINS
152 - MARIA TÔRRES GOUVEIA DA SILVA
153 - MARY CLAIRE ABBADE
154 - MARIO FERREIRA DA COSTA - 01345/96 - 33725
155 - MAURILIO DE CARVALHO MOUSINHO - cf. 925/6537
156 - NATANIEL MARINHO DA SILVA
157 - NOIO ANTUNES PAES
158 - NELSON QUEIROZ DE ASSUNÇÃO
159 - NEUZA CARIRI DO NASCIMENTO cf. 497/ug-2177
160 - NILZA MARIA FERREIRA GOMES
161 - NÚBIA MARIA DE ASSUNÇÃO
162 - OSCARINA SILVA SANTIAGO
163 - OTONIEL BISPO PEREIRA
164 - OZANETE MEDEIROS DE SOUZA - 00208/79SRD (2ª VIA 1035/01)
165 - PALMIRA MACÊDO MACIEL
166 - PAULO ROBERTO DA SILVA
167 - RAIMUNDO DO NASCIMENTO - 14266/244
168 - RAIMUNDO FIRMINO NETO
169 - RAIMUNDO GOMES DE MATOS
170 - RAIMUNDO RODRIGUES DA SILVA FILHO

Cont



- Continuação -

171 - REGINALDO ALVES DA FONSECA FILHO
172 - RITA DE CÁSSIA FURTADO - 00436/99-37304 - 12368 Of. 27/85 de 25/2/85
173 - ROSA MARIA OMENA DE ALBUQUERQUE
174 - ROSEMARY PALMEIRA DA SILVA
175 - ROSENA ALVES PIRES
~~176 - SELMA MARIA SANTANA~~
177 - SEVERINO RODRIGUES DA SILVA
178 - SILVA HUEM SERRA MARTINS
179 - SINÉSIO JORGE DA SILVA
180 - TAIRONILSON MÁCIO MONTES RÊGO
181 - TANIA MARIA FREIRE DE SOUZA
182 - TEREZINHA PRADO AGUIAR
~~183~~ - TOTONILA BENASSULY MANES
~~184~~ - USIEL MARIANO DE OLIVEIRA
185 - VALDETH LINS DA TRINDADE
186 - VALDÍSIO RAMIRO DA COSTA
187 - VERA LUCIA COSTA DE ANDRADE
188 - ZIZITA DOLORES BONA
189 - ZULMA BARBOSA PESSÔA
190 - WALTER CORRÊA GOMES
191 - WALTER BEZERRA LEMOS
192 - WILLIAM FERNANDES QUEIROZ
193 - WILSON GOMES NUNES

Recife, 03 de junho de 1974.

Mª da Silva Telles -
Bel. em matemática
colou grau em 15/12/73
conforme ofício nº 0043/78 de
26 de junho de 1978.

Fonte: Arquivo do CECINE/UFPE

REGISTRO CP – Lista de concluintes do curso PREMEN/CECINE de 1974.

CENTRO DE EDUCAÇÃO DA UFPE. 1

Relação dos concluintes do Curso de Licenciatura de Curta Duração em Ciências e Matemática, iniciado em 20 de agosto de 1973 com sue termino no dia 21 de junho de 1974.(COLAÇÃO DE GRAU).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Entrada Nº 4809/79-SD
Data 27/ 06 / 1979
Secção de Registro de Diplomas

PERNAMBUCO

01. Adália Valgueiro Barros
02. Aguinaldo Araújo Silva Filho
03. Aldagisa Reinaldo de Albuquerque
04. Antonio Bezerra de Melo
05. Antonio Duarte de Amorim
06. Antonio Ferreira Lins
07. Aurinete dos Santos Leite
08. Carlos Roberto da Silva
09. Carlúcia Monteiro de Vasconcelos
10. David José de Melo
11. Estér Gomes Marques de Sá
12. Geísa Britto Cavalcanti
13. Honorina Maria Carneiro
14. Itamar Nunes da Silva
15. Ivaneide Maria Monteiro
16. Jacó Gomes da Silva
17. Jacira Maria Ferreira
18. Jailson Marques Duarte
19. Josefa de Andrade e Silva
20. Josete Maria Galvão
21. José Belarmino Gomes Filho
22. José Cavalcante Britto
23. José Constantino da Silva
24. José Décio Lúcio Sena
25. José Fernando Alves da Silva
26. José Rinaldo de Lima
27. José dos Santos Semente
28. Marcos José da Silva
29. Maria Auta Adriano
30. Maria Coeli de Souza Cahú
31. Maria da Conceição dos Santos Costa — of/4028/3888_009/7/99 apostilamento
32. Maria de Fátima Dutra
33. Estefania Santos Bessa - 1567 - [illegible]

33. Maria de Fátima Lins de Góis
34. Maria das Graças Feitosa Barbosa
35. Maria José Chaves
36. Maria Lúcia Lira dos Santos
37. Maria Marluce Campos Florentino
38. Maria do Monte Sinai Caracioli Ferreira
39. Ozita Maria Pereira de Sá
40. Sileda Camelo de Moroni
41. Sirleide de Sá Gondim
42. Solange Gomes Costa
43. ~~Sueli Mendes da Rocha~~
44. Thenaldo Guimarães de Oliveira Filho
45. Valdenilson Rufino da Silva
46. Virgílio de Araújo Sales
47. Virgílio Jorge Sales Neto — of. 361/3779

CEARÁ

48. Ana Maria Pontes Santos Lima - of. 925/6536 — 29653 - 02/30
49. Antônia Maria de Araújo Moreira
50. Antônio Braga Feliciano
51. Antônio Carneiro Moreira 11780 SCD1 - 20753
52. Blandina Maria Alves Pereira
53. Carlos Luiz Cidrão Morais
54. Elisabete Rocha Moura
55. Francisca Lucimar Pereira de Suoza 01436/98- 36806. 2ª Via
56. Francisco Bezerra de Menezes Filho pg. of: 00056/PRASCAD. nego 420.
57. Fátima Maria Ribeiro Tavares pg. of: 00056/PRASCAD. nego 474.
58. Fátima Maria Silva Machado
59. George Antônio Ricardo =
60. José Arnaldo de Alencar
61. José de Assis Soares Menezes
62. Jairo José Alves Barros
63. Luiz Bastos do Oliveira 12766
64. Luiz Cláudio Alves Brito
65. Lucy Mary Lima de Souza
66. Luiza Maria Martins Guilherme
67. Maria Auxiliadora Farias Bezerra - 01294/96-33661
68. Maria Clotilde Ribeiro de Amoreira
69. Maria Eduilda de Suoza Barros
70. Maria Haidée Facó Barros
71. Maria Lúcia Bezerra Bessa - 1915/SMD-1/23413

72. Maria Risalva Pereira Farias
73. Maria do Socorro Andrade de Carvalho
74. Marlene Alves Magalhães
75. Maria Helena de Oliveira Carvalho of-00133/mg 826
76. Marta Maria de Souza Bonates mg. 09:00056/PROACAD. mgf 482.
77. Nilda Maria de Macêdo Mendes S 11695 · of. 101/84 / PROACAD
78. Pedro Gomes de Matos Neto
79. Selma Maria de Souza Lima
80. Terezinha Silva Figueirêdo
81. Vilma Fernandes de Souza

PIAUÍ

82. Antônia Geruza Barros
83. Dinorah Gomes de Matos Nunes
84. Francisco das Chagas Ferreira Pinto
85. Isabel de Castro Paixão
86. Ivone Rodrigues Teles de Souza
87. José Leomar Soares Sérvio
88. José Maria Gomes da Silva
89. Lenisse Miranda de Siqueira - 0584102
90. Lígia Maria de Negreiros Oliveira
91. Maria Agerzimília Costa
92. Maria do Carmo Sousa
93. Maria da Conceição Sales
94. Maria Eugênia Rebêlo Viana
95. Maria das Graças Silva Barros
96. Maria de Jesus Machado
97. Maria do Rosário Coelho Lopes
98. Mairla de Sousa Veras
99. Paulo de Tarso Freitas Machado
100. Raimunda Fontes de Moura
101. Raimunda Pereira de Oliveira

PARAÍBA

102. Cícero Diniz de Araújo
103. Crélia Batista da Costa

33. Maria de Fátima Lins de Góis
34. Maria das Graças Feitosa Barbosa
35. Maria José Chaves
36. Maria Lúcia Lira dos Santos
37. Maria Marluce Campos Florentino
38. Maria do Monte Sinai Caracioli Ferreira
39. Ozita Maria Pereira de Sá
40. Sileda Camelo de Moroni
41. Sirleide de Sá Gondim
42. Solange Gomes Costa
43. ~~Sueli~~ Mendes da Rocha
44. Thenaldo Guimarães de Oliveira Filho
45. Valdenilson Rufino da Silva
46. Virgílio de Araújo Sales
47. Virgílio Jorge Sales Neto – of. 361/3779

CEARÁ

48. Ana Maria Pontes Santos Lima - of. 925/6536 – 29653 - 02/30
49. Antônia Maria de Araújo Moreira
50. Antônio Braga Feliciano
51. Antônio Carneiro Moreira 11780 SCD1, 1, 20753
52. Blandina Maria Alves Pereira
53. Carlos Luiz Cidrão Morais
54. Elisabete Rocha Moura
55. Francisca Lucimar Pereira de Suoza 01436/98- 36806. 2ª Via
56. Francisco Bezerra de Menezes Filho pg. of: 00056/PROACAD. Nego 430.
57. Fátima Maria Ribeiro Tavares pg. of: 00056/PROACAD. Nego 474.
58. Fátima Maria Silva Machado
59. George Antônio Ripardo –
60. José Arnaldo de Alencar
61. José de Assis Soares Menezes
62. Jairo José Alves Barros
63. Luiz Bastos do Oliveira 12766
64. Luiz Cláudio Alves Brito
65. Lucy Mary Lima de Souza
66. Luiza Maria Martins Guilherme
67. Maria Auxiliadora Farias Bezerra - 01294/96-33661
68. Maria Clotilde Ribeiro de Amoreira
69. Maria Eduilda de Suoza Barros
70. Maria Haidée Facó Barros
71. Maria Lúcia Bezerra Bessa - 1915/SRD-1/23413

72. Maria Risalva Pereira Farias
73. Maria do Socorro Andrade de Carvalho
74. Marlene Alves Magalhães
75. Maria Helena de Oliveira Carvalho of-00133/reg 826
76. Marta Maria de Souza Bonates pg. of: 00056/PROACAD- rege 482.
77. Nilda Maria de Macêdo Mendes S 11695 · of. 101/84/PROACA
78. Pedro Gomes de Matos Neto
79. Selma Maria de Souza Lima
80. Terezinha Silva Figueirêdo
81. Vilma Fernandes de Souza

PIAUÍ

82. Antônia Geruza Barros
83. Dinorah Gomes de Matos Nunes
84. Francisco das Chagas Ferreira Pinto
85. Isabel de Castro Paixão
86. Ivone Rodrigues Teles de Souza
87. José Leomar Soares Sérvio
88. José Maria Gomes da Silva
89. Lenisse Miranda de Siqueira - 0584102
90. Lígia Maria de Negreiros Oliveira
91. Maria Agerzimília Costa
92. Maria do Carmo Sousa
93. Maria da Conceição Sales
94. Maria Eugênia Rebêlo Viana
95. Maria das Graças Silva Barros
96. Maria de Jesus Machado
97. Maria do Rosário Coelho Lopes
98. Mairla de Sousa Veras
99. Paulo de Tarso Freitas Machado
100. Raimunda Fontes de Moura
101. Raimunda Pereira de Oliveira

PARAIBA

102. Cícero Diniz de Araújo
103. Crélia Batista da Costa

104. Eliane Maria Pessoa Bandeira
105. Estevam Straus de Barros
106. Inácio Andrade Torres
107. Iremal Ramiro Alves
108. José Tranquilino da Silva
109. Lúcia de Fátima Oliveira – foi subst. conf. sol. of. 114/80, Proc. 1904/80 08/2/80 12/02/80
110. Maria José da Silva
111. Nivaldo Isidro Alves
112. Oriel de Carvalho Diniz
113. Pedro Maroja Limeira
114. Sebastião de Souza Monteiro
115. Sumair Oliveira Macêdo
116. William Olímpio Maia de Vasconcelos

MARANHÃO

117. Aldalena Ferreira da Silva
118. Francisco Batista da Silva of. 498/mg - 2178
119. Frassinete Isabel Maciel Nogueira
120. Ilma Santos Abreu - 1813 (SRD-1) - 21520
121. Jorge Luiz Reis Cordeiro – 02012 - 25660
122. José Ribamar Ferreira Gomes -
123. José de Ribamar Mendes Ferraz
124. Lindalva Alves Pestana
125. Maria Dilma Santos
126. Maria das Dores de Souza Costa of. 00163/mg 899
127. Maria Franco Sousa – 02013 - 25659.
128. Maria Helena Baldez Azevedo
129. Maria Isabel Fonsêca Nascimento
130. Maria do Perpétuo Socorro Araújo Ferreira
131. Nilma Nunes
132. Raymunda Vicencia da Silva Araújo

ALAGOAS - 133. Benedito Feitosa de Lima
134. Camilo Leite Filho
135. Fábio Marcos de Oliveira Peixoto
136. Francisco de Holanda Cavalcante
137. Francisca Mendes de Amorim
138. Geraldo Chagas Barbosa
139. Gilberto Fernandes Silva
140. João Alberto Neto Lobo — 1561
141. Joás Ferreira Tavares
142. José Cláudio da Silva 10061 of 126183 12.09.83 registrado
0009/[illegible] 890 — 143. José Galdino da Silva
144. José Lúcio Pereira Filho
145. Liege Nascimento dos Santos
146. Luiz Marcelo Correia
147. Marcos Antonio Peral Simões
148. Maria Jeanete Passos
149. Maria do Perpétuo Socorro Braga Mello — S 12189 of. 138/84
150. Otacílio Marques de Sá Neto — of. 1272/9034
151. Rafael Moraes Lima
152. Samoel Otacílio de Moraes 14685/667

SERGIPE - 153. Adair Machado
154. Adeilde Marques
155. Angelica Maria Batista Santos
156. Antonio Fernando Vasconcelos de Paula
157. Carlito Guimarães Lima
158. Elito Hora Fontes Menezes
159. Erivan Santos
160. Evaldo de Sena e Silva
161. Everaldo Gomes Chagas
162. Joanilde Tavares Santos
163. José Antônio de Souza
164. Luciano Wandeberg dos Santos
165. Marcinha de Jesus Filha
166. Maria Deuma de Souza
167. Maria Auxiliadora Marques dos Santos
168. Antônio Carlos de Souza
169. Maria Elenalda Carvalho Nunes
170. Maria Gildete Santos
171. Maria Vilazita Alcântara
172. Rosa Maria Barreto Silva
173. Valtermilson de Oliveira

174. Valtr Andrade de Oliveira Filho
175. Vera Lúcia de Oliveira Ates
176. Wellington Campos Silva

AMAZONAS - 177. Adiene Mustafa de Oliveira
178. Aldenor Figueirêdo Brito
179. Angela Jusus Marques da Silva
180. Bárbara Veronica Evangelista Pinagé
181. Carlos Robson Batista de Lacerda
182. Dorotéia Maria de Lima Alencar
183. Eugênia Maria de Lima Alencar
184. Ivete Amarantes Duarte
185. Lorena da Silva Mauradou
186. Manoel Veríssimo Sena de Andrade Filho
187. Maria Auxiliadora do Carmo Confim
188. Maria das Dores Lima Garcia 11104 ef 028/84
189. Maria de Nazaré Guedes Montenegro
190. Maria do Perpetuo Socorro Barreto da Fonseca
~~191~~. **Nazimar Cesar de Souza**
192. **Sandra Dolores Oliveira dos Santos**
193. **Sandra Maria Machado de Assis**
194. Terezinha Joana Vasconcelos Marinho
195. Wilma Lima da Silva

PARÁ - 196; Ana Vitória Alexandre de Moraes
197. Estefânia Santos Bessa
198. Haroldo Henrique da Costa Lima
199. Isabel Cristina Soares Cões
200. Jesus José Maria Machado
201. José Cerqueira dos Santos
202. José Henrique Lima Guimarães
203. José Maria Oliveira Repôlho
204. Maria das Graças Ferreira Lima
205. Maria de Lourdes Damasceno Lima
206. Maria de Nazaré Marques
207. Maria das Neves Barros de Oliveira 14660/642
208. Maria do Perpétuo Socorro Marques de Sousa
209. Maria Raimunda Tavares Fernandes 14661/643
210. Mário Andrade Cardoso
211. Nelson José Guimarães Elnescany
212. Noé Xavier Rodrigues Palheta
213. Vanda Cerqueira dos Santos

ACRE - 214. Aloísio José da Silva

216. Jurivaldo Brasil da Costa
217. João Marques de Almeida Filho
218. João Soares Pequeno
219. Lavoisier Grassi Cavalcanti de Albuquerque
220. Luiza Maria Almeida Silva — of. 790/6032
221. Maria de Fátima Barroso de Araújo
222. Maria de Nazaré Guimarães Gama
223. Maria Silena de Farias Franca
224. Marilyn Lira Lima
225. Roberto Cavalcante de Aquino

AMAPÁ -

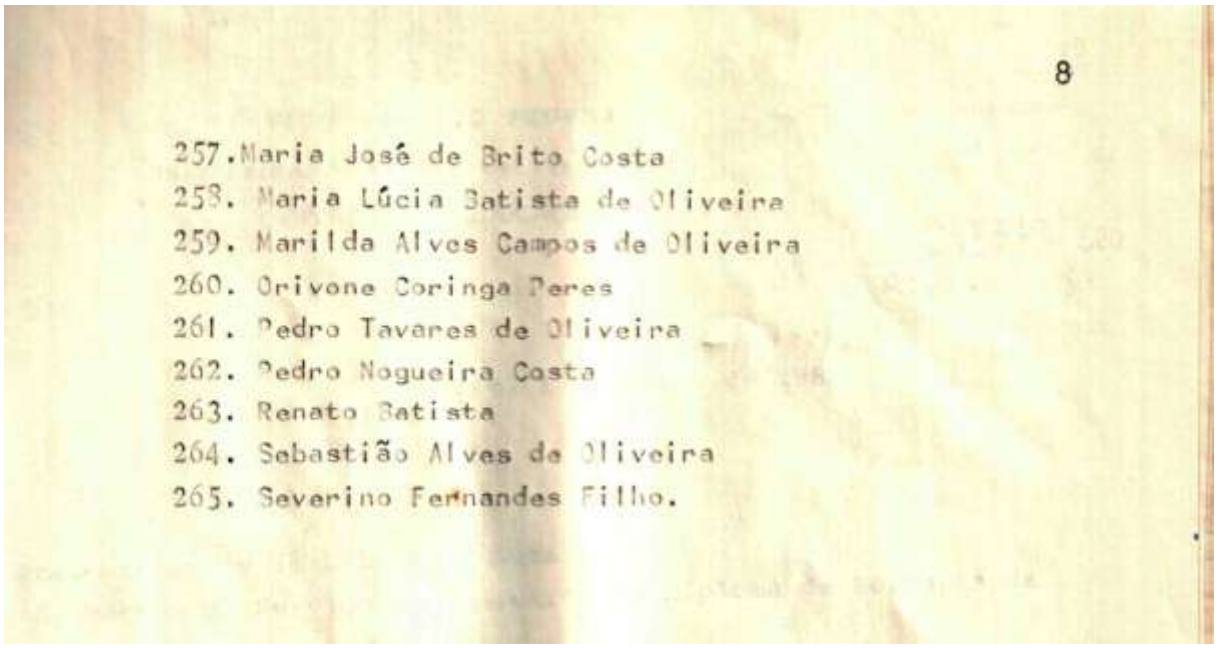
226. Ada Maria Barbosa Martins
227. Aurea Maria da Silva Branco
228. Euclides José Seabra da Costa
229. Jaime Ribeiro Bacessat
230. José Leite de Mendonça — of. 448/4077
231. Leorivaldo Raimundo de Moura Furtado
232. Luiz de Almeida Montoril
233. Maria da Conçeição Ferreira Braga
234. Maria Francinete Natividade Pombo — of. 1297/9085
235. Regina Célia Cardoso Cruz

RORAIMA -

236. Ester Oliveira Villanueva Seabra
237. Francisca Alves Lima
238. Maria Auxiliadora Ferreira de Souza
239. Maria Célia Filgueiras de Melo
240. Maria de Nazaré Velasco Barbosa — of. 790/6033
241. Maria Waldiza Uchôa
242. Otamires Nutran Brito
243. Osman de Oliveira Alves
244. Vera Lúcia Garcia

RIO GRANDE DO NORTE

245. Almir da Costa Dantas
246. Brasilício Francisco Campos Filho
247. Edimar Nesquita de Figueiredo
248. Francisco Canidé de Oliveira
249. Francisco Fernandes Maia
250. João Batista Rodrigues Freire - 1845/05
251. João Maria Pinheiro de Lima
252. João Hilário Neto
253. Joaquim Ambrosio de Sousa
254. José Batista Filho
255. Maria do Carmo Coêlho da Silva — of. 448/4076
256. Maria de Fátima Gurgel de Oliveira

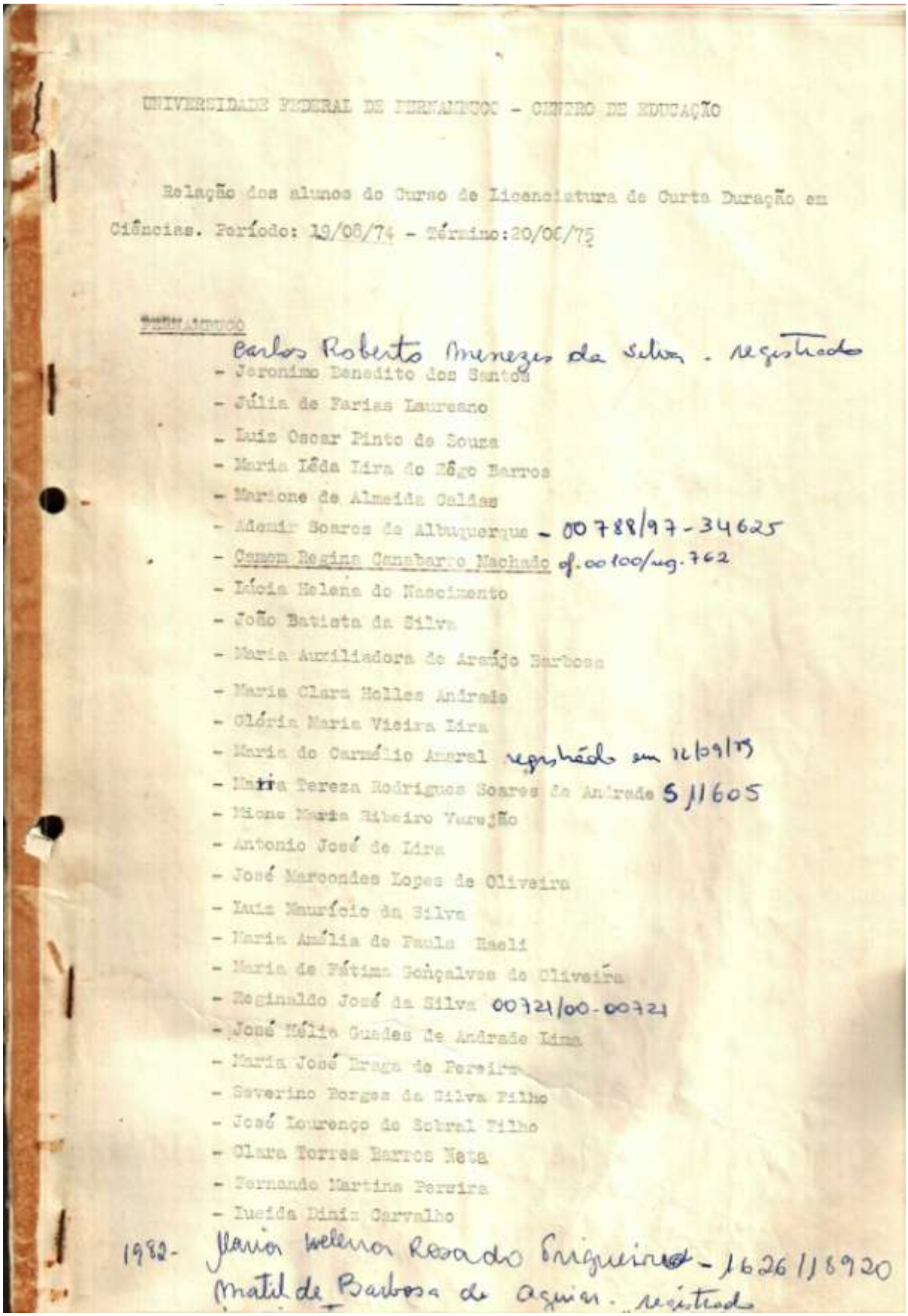


8

257. Maria José de Brito Costa
258. Maria Lúcia Batista de Oliveira
259. Marilda Alves Campos de Oliveira
260. Orivone Coringa Peres
261. Pedro Tavares de Oliveira
262. Pedro Nogueira Costa
263. Renato Batista
264. Sebastião Alves de Oliveira
265. Severino Fernandes Filho.

Fonte: Arquivo do CECINE/UFPE

REGISTRO CQ – Lista de concluintes do curso PREMEN/CECINE de 1975.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - CENTRO DE EDUCAÇÃO

Relação dos alunos do Curso de Licenciatura de Curta Duração em Ciências. Período: 19/08/74 - Término: 20/06/75

PERNAMBUCO

Carlos Roberto Menezes da Silva - registrado

- Jeronimo Benedito dos Santos
- Júlia de Farias Laureano
- Luiz Oscar Pinto de Souza
- Maria Lêda Lira do Rêgo Barros
- Marione de Almeida Caldas
- Ademir Soares de Albuquerque - 00788/97-34625
- Camem Regina Canabarro Machado of. 00100/reg. 762
- Lúcia Helena do Nascimento
- João Batista da Silva
- Maria Auxiliadora de Araújo Barbosa
- Maria Clara Holles Andrade
- Glória Maria Vieira Lira
- Maria do Carmélio Amaral registrado em 12/09/75
- Maria Tereza Rodrigues Soares de Andrade 5/11605
- Mione Maria Ribeiro Varejão
- Antonio José de Lira
- José Marcondes Lopes de Oliveira
- Luiz Maurício da Silva
- Maria Amélia de Paula Raeli
- Maria de Fátima Gonçalves de Oliveira
- Reginaldo José da Silva 00721/00-00721
- José Hélio Guedes de Andrade Lima
- Maria José Braga de Pereira
- Severino Borges da Silva Filho
- José Lourenço de Sobral Filho
- Clara Torres Barros Neta
- Fernando Martins Pereira
- Lucida Diniz Carvalho

1982- Maria Helena Rosado Frigueiro - 1626/18920
Matilde Barbosa de Aguiar - registrado

CEARÁ

- Hugo Alberto Martins Lessa
- Marcizo Veimar Cordeiro Viana
- Pedro Silva Figueiredo
- Francisco de Assis Facó Barros
- Francisco Vieira Monte Filho
- Pedro Jorge Facó Barros
- José Olímpio de Souza Araújo
- Mônica Sales Monteiro — 00238/96 — 32627
- Altiva Lobato Ferreira

PARÁ

Manoel Onel do Botelho de França - registrado

- Maria da Glória Miranda de Araújo
- Rosa Maria de Almeida Brito
- Luiz Marconi Fortes Magalhães
- Raimundo Ferreira Palheta
- Carlos Alberto Brasil Pereira
- Carmo Gonzales Palheta
- Joaquim Manoel Palheta de Menezes
- Marcos Aurélio Soares

Maria do Perpetuo socorro Marques de Sousa - Proc. 1633/18822. - Concl. 1974.

RORAIMA

- Cilene Ribeiro Lago
- Marilda Bezerra Martins
- Zilma Alves de Araújo
- Maria da Conceição de Souza Marie
- Marinalva Souza Araújo
- Sônia Duarte Brandão

PIAUÍ

- Carmem do Monte Barbosa de Carvalho 1517 2ª VIA 17175
- Maria Luiza dos Santos

- Núfage Vieira Magalhães
- Francisco de Assis Brandão e Mendes
- Maria da Conçeição de Macêdo

ACRE

- Itsuo Enocki
- Edmundo Costa da Silva
- Maria da Glória de Queiroz Oliveira - of 925/6539 . registrado
- Maria de Jesus Carvalho de Souza

SERGIPE

- José Hercules de Santana
- José Ubirajara Nunes de Santana Gomes
- Josefina Pimentel Carvalho
- José Mendonça Filho
- Antonio Ismerim Neto

AMAZONAS

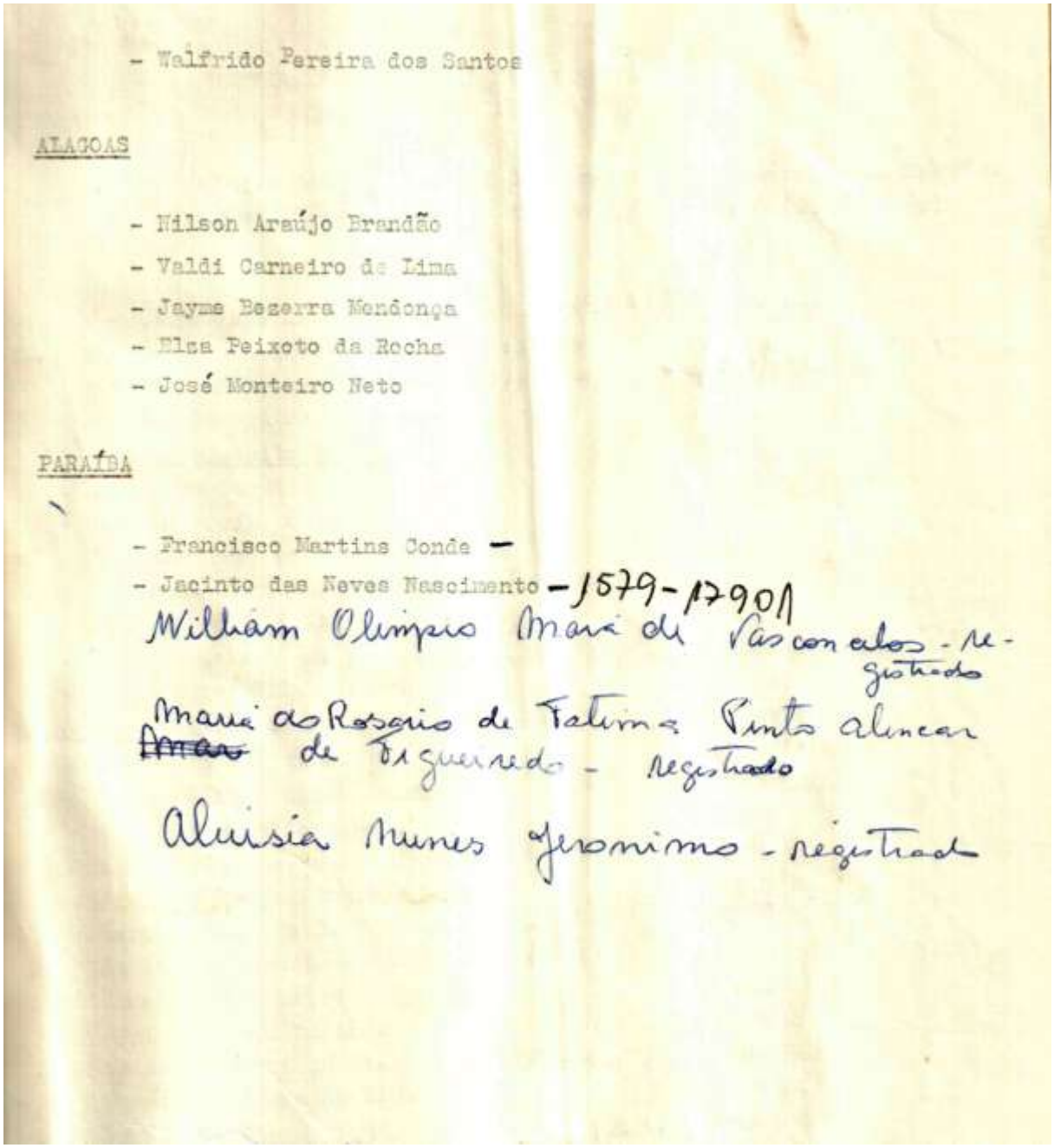
- José Henrique Frota
- José Romero de Carvalho Mouzinho
- Daildo de Souza Moura

RIO GRANDE DE NORTE

- Maria das Neves SAntos - of. 1297/9088
- Paulo Pereira de Medeiros - 0830/03
- Miriam Paula da Silva Fonseca
- Fátima Maria de Carvalho Costa
-

AMAPÁ

- Maria das Graças Coelho do Nascimento
- Paulo Celso da Silva e Souza
- Valda Vilhena Pereira
- Regina Lúcia de Moura Furtado - S



- Walfrido Pereira dos Santos

ALAGOAS

- Nilson Araújo Brandão
- Valdi Carneiro de Lima
- Jayme Bezerra Mendonça
- Elza Peixoto da Rocha
- José Monteiro Neto

PARAÍBA

- Francisco Martins Conde —
- Jacinto das Neves Nascimento — 1579 - 1790

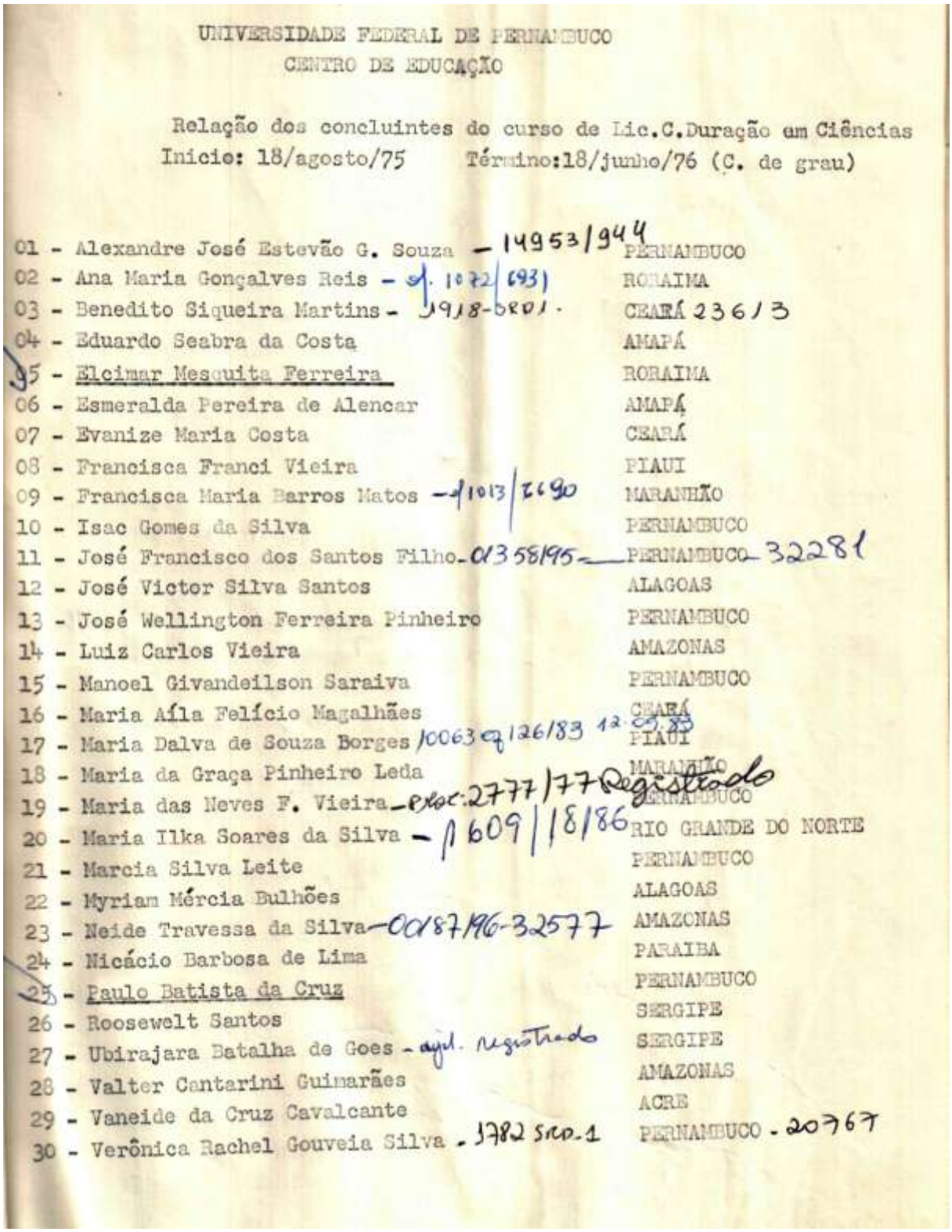
William Olimpio Maria de Vasconcelos - registrado

Maria do Rosario de Fatima Pinto Alencar ~~Amar~~ de Figueiredo - registrado

Aluisia Nunes Jeronimo - registrado

Fonte: Arquivo do CECINE/UFPE

REGISTRO CR – Lista de concluintes do curso PREMEN/CECINE de 1976.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO

Relação dos concluintes do curso de Lic.C.Duração em Ciências
Inicio: 18/agosto/75 Término:18/junho/76 (C. de grau)

01	Alexandre José Estevão G. Souza – 14953/944	PERNAMBUCO
02	Ana Maria Gonçalves Reis – cf. 1072/693)	RORAIMA
03	Benedito Siqueira Martins – 3918-6801.	CEARÁ 2363
04	Eduardo Seabra da Costa	AMAPÁ
05	Elcimar Mesquita Ferreira	RORAIMA
06	Esmeralda Pereira de Alencar	AMAPÁ
07	Evanize Maria Costa	CEARÁ
08	Francisca Franci Vieira	PIAUI
09	Francisca Maria Barros Matos – cf 1013/2690	MARANHÃO
10	Isac Gomes da Silva	PERNAMBUCO
11	José Francisco dos Santos Filho – 01358/95	PERNAMBUCO – 32281
12	José Victor Silva Santos	ALAGOAS
13	José Wellington Ferreira Pinheiro	PERNAMBUCO
14	Luiz Carlos Vieira	AMAZONAS
15	Manoel Givandeilson Saraiva	PERNAMBUCO
16	Maria Aíla Felício Magalhães	CEARÁ
17	Maria Dalva de Souza Borges 10063 cf 126/83 12.09.83	PIAUI
18	Maria da Graça Pinheiro Leda	MARANHÃO
19	Maria das Neves F. Vieira – proc. 2777/77 Registrado	PERNAMBUCO
20	Maria Ilka Soares da Silva – 1609/18/86	RIO GRANDE DO NORTE
21	Marcia Silva Leite	PERNAMBUCO
22	Myriam Mércia Bulhões	ALAGOAS
23	Neide Travessa da Silva – 00187/76-32577	AMAZONAS
24	Nicácio Barbosa de Lima	PARAIBA
25	Paulo Batista da Cruz	PERNAMBUCO
26	Roosewelt Santos	SERGIPE
27	Ubirajara Batalha de Goes – cfjd. registrado	SERGIPE
28	Valter Cantarini Guimarães	AMAZONAS
29	Vaneide da Cruz Cavalcante	ACRE
30	Verônica Rachel Gouveia Silva – 3782 Sec. 1	PERNAMBUCO – 20767

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO

Relação dos concluintes do curso de Lic.C.Duração em Ciências
Inicio: 18/agosto/75 Término: 18/junho/76 (C. de grau)

01 - Almir Luiz Cabral	PERNAMBUCO
02 - Antonio Carlos Corrêa Pinto	AMAZONAS
03 - Antonio Carlos dos Santos 1755 - 20521	SERGIPE
04 - Antonio Gonçalves do Nascimento	PERNAMBUCO
05 - Benigna Cavalcante Muniz	PERNAMBUCO
06 - Corina Santos Piauilino	PIAUI
07 - Edson José Maria Oliveira	PARÁ
08 - Elias Alves da Silveira cf. 00400/reg-763	PERNAMBUCO
09 - Etevalda Soares Brandão	RIO GRANDE DO NORTE
10 - Fátima Maria Cavalcanti Tenório	PERNAMBUCO
11 - Francisco Cordeiro de Souza	ALAGOAS
12 - Frederico Augusto E. Pinagé - 00188176-32578	AMAZONAS
13 - Gertrudes Lifina Holder cf 1235/9584	RONDÔNIA
14 - Gilmar Fernandes Pereira - diploma registrado	RIO GRANDE DO NORTE
15 - Gislene Rocha Ferreira	RORAIMA
16 - João Jairo Cordeiro Rosas	PERU
17 - Júlio Diniz Mendonça	SERGIPE
18 - Lúcia Maria Pereira da Silva	PERNAMBUCO
19 - Luiza Lêda de Almeida Montoril	AMAPÁ
20 - Maria Aparecida Barbosa Costa	MARANHÃO
21 - Maria das Graças V. Rodrigues	CEARÁ
22 - Maria de Fátima B. de Oliveira - registrado	PERNAMBUCO
23 - Maria de Fátima H. de Almeida	ACRE
24 - Maria do Amparo Diôgo G. de Melo	PERNAMBUCO
25 - Maria Severina de N. Mascarenhas 10185 - cf 176/83	RONDÔNIA
26 - Netanias Feijó de Melo	PERNAMBUCO
27 - Odair Soares de Oliveira	PIAUI
28 - Raimunda Mota de Carvalho cf 1022/6932/034367	RORAIMA 2ª via
29 - Sebastião Cordeiro Vasconcelos	CEARÁ
30 - Terezinha Mendonça Diniz	RARAIMA
31 - Valdir Antonio Lopes de Queiroz	PERNAMBUCO

Maria Rosario Pedroso Botelho - registrado

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO

Relação dos concluintes do curso de Lic.C.Duração em Ciências
Inicio: 18/agosto/75 Término: 18/Junho/76 (C. de grau)

01 -	Anacleto Caetano da Silva	PERNAMBUCO
02 -	Arnaldo Rodrigues Patricio	PARAIBA
03 -	Camilo Rodrigues C.da S. Filho - 12031 06	AMAPÁ
04 -	Carlos Alberto de Oliveira — of 793/5739	CEARÁ
05 -	Creuzumira Luiza da Silva	ACRE
06 -	Disnei Silva de Oliveira — 12369 of. 27/85 25/2/85	ALAGOAS
07 -	Djair Andrade de Souza	PERNAMBUCO
08 -	Eliza Flóra Muniz Araújo	MARANHÃO
09 -	Eunice dos Prazeres Correa	RORAIMA
10 -	Francisco Xavier dos Santos	SERGIPE
11 -	Heloisa das Dores de Santana	PERNAMBUCO
12 -	Ivanildo Francisco de Luna	PERNAMBUCO
13 -	Jaciara Maria de Queiroz Francisco 10062 of 726/83 12.09.83	PERNAMBUCO
14 -	Jecemias Câmara	AMAZONAS
15 -	José Alberto Sales Filho	CEARÁ
16 -	José Henrique Ferreira Leite	RORAIMA
17 -	Laura Rúbia Silva Ribeiro	PARÁ
18 -	Leorimir de Moura Furtado	AMAPÁ
19 -	Luiz Florêncio Jácome	RIO GRANDE DO NORTE
20 -	Maria Clevemar de Lima — of 380/3821 registrado	CEARÁ
21 -	Maria das Graças Duarte pendente	PERNAMBUCO
22 -	Maria de Fátima M. da Silva - 02059 - 27/66	CEARÁ
23 -	Maria do Amparo Santos	MARANHÃO
24 -	Maria José da Costa	RONDÔNIA
25 -	Maria Libertina de S. Monteiro	ALAGOAS
26 -	Marlene da Silva Monte	PERNAMBUCO
27 -	Martha Maria Evangelista Pinagé - of 856/6395	AMAZONAS
28 -	Mércia Mariza Pereira da Silva	PERNAMBUCO
29 -	Paulo Ferreira de Lima - diploma registrado	PERNAMBUCO
30 -	Sonia Maria Rodrigues 14235/212	PIAUI
31 -	Terezinha Dantas	RIO GRANDE DO NORTE

Recife, 21 de junho de 1979

Maria da Penha Montenegro

Fonte: Arquivo do CECINE/UFPE

REGISTRO CS – Solicitação para credenciar a FFCL de Natal para aplicar o Exame de Suficiência (Documenta 31/1964).

Embora conste do processo a informação prestada pelo Diretor da Faculdade, de que existem recursos no orçamento da Escola para a manutenção do curso em regime de prestação de serviços, o assunto deve ser encaminhado ao Ministro de Estado, para a necessária apreciação, através da Diretoria do Ensino Superior. (aa.) A. Almeida Júnior, Presidente da C.E.Su. — Josué Montello, relator.

EXAME DE SUFICIÊNCIA

Professôres de disciplinas pedagógicas em cursos normais

Parecer n.º 255/64, C.E.Su., (1.º Grupo), aprov. em 5-10-1 964. — O Conselho Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte — a) tendo em vista a escassez, naquele Estado, de professôres licenciados para o magistério do ensino médio, solicita a indicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal para realizar exames de suficiência na forma do art. 117 da Lei de Diretrizes e Bases; e b) consulta se os cursos do INEP e P.A.B.A.E.E. podem ser considerados "de educação técnica" para os efeitos dos arts. 59 e 118 da L.D.B. e, na hipótese negativa, "quais os cursos que atenderiam as partes finais" dêsses dispositivos.

Quanto ao primeiro item, nenhum obstáculo existe a que seja acolhida a sugestão do Conselho Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal é uma "escola pública mantida por fundação", nos têrmos do art. 21 da L.D.B.: a Fundação "José Augusto", criada pelo Decreto Estadual n.º 2 885, de 8 de abril de 1 963 (cf. Par. n.º 174/64, in "Documenta" n.º 28, pág. 29). Pode, portanto, ser incluida entre as "faculdades de filosofia oficiais" a que se refere o art. 117 da L.D.B. e já indicadas por êste Conselho no Par. n.º 77/64, por ser a única Faculdade oficial, desse gênero, existente no Estado.

Quanto ao segundo item, não vemos como o setor pedagógico venha a ser alcançado pelas disposições dos arts. 59 **(in fine)** e 118 da Lei de Diretrizes e Bases. O art. 59 estabelece :

> Art. 59 — A formação de professôres para o ensino médio será feita nas faculdades de filosofia, ciências e letras e a de professôres de disciplinas específicas de ensino médio técnico em cursos especiais de educação técnica.

E o art. 118 :

> Art. 118 — Enquanto não houver número suficiente de profissionais formados pelos cursos especiais de educação técnica, poderão ser aproveitados, como professôres de disciplinas específicas do ensino médio técnico, profissionais liberais de cursos superiores correspondentes ou técnicos diplomados na especialidade.

Ora, dentro da sistemática da lei, "o ensino médio abrangerá, entre outros, os cursos secundários, técnicos e de formação de professôres para o ensino primário e pré-primário" (Título VII, Cap. I, art. 34), como ramos claramente diferenciados. Assim é que o Cap. II trata "Do Ensino Secundário", o Cap. III "Do Ensino Técnico" e o Cap. IV, aquêle em que se insere o art. 59, trata "Da Formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio". A rigor, o art. 59 — como o 63 — não deveria figurar nesse Título VII, e sim no Título IX, que trata "Da Educação de Grau Superior", mas tal deslocamento de situação não lhe altera o conteúdo.

O que importa no caso é que a lei distinguiu expressamente o ensino técnico do ensino pedagógico, como modalidades diversas de educação de segundo grau, disciplinando cada um dêles em capítulo especial. Assim, quando o art. 59 estabelece que "a formação de professôres de disciplinas de **ensino médio técnico** (será feita) em cursos especiais de educação técnica" — e o art. 118, em caráter transitório, procura suprir a inexistência dêsses "cursos especiais de educação técnica", ambos se referem òbviamente ao ensino médio **técnico** do Cap. III (industrial, agrícola e comercial, além de outros não especificados: art. 47), e não ao ensino médio **pedagógico** do Cap. IV.

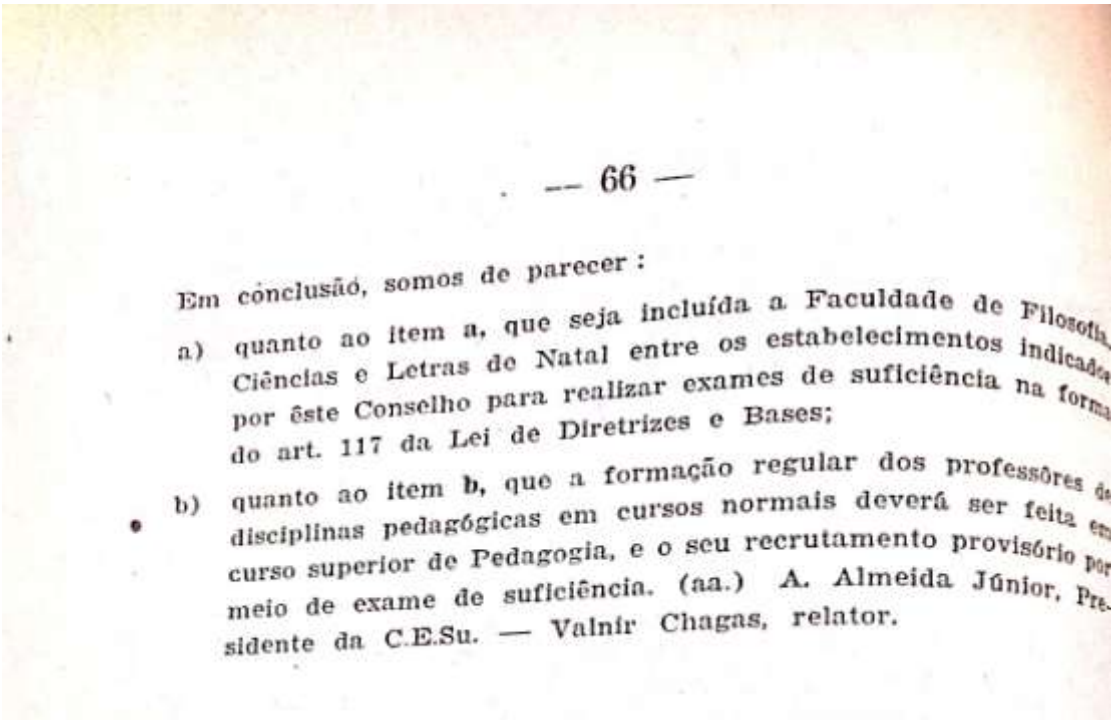
Nem o art. 118, portanto, nem a parte final do art. 59 se aplicam à formação ou ao recrutamento de magistério para as escolas normais, ficando em conseqüência prejudicado o aspecto da consulta relativo aos cursos pós-normais do INEP e PABAEE. O que se lhe aplica é a parte geral do mesmo art. 59 —

> Art. 59 — A formação de professôres para o ensino médio será feita nas faculdades de filosofia, ciências e letras ...." —

e a disposição transitória do art. 117, **verbis**:

> Art. 117 — Enquanto não houver número bastante de professôres licenciados em faculdades de filosofia, e sempre que se registre essa falta, a habilitação a exercício de magistério será feita por meio de exame de suficiência realizado em faculdade de filosofia oficiais indicadas pelo Conselho Federal de Educação".

Em outras palavras, significa isto que a formação regular dos professôres de disciplinas pedagógicas em cursos normais será feita no Curso de Pedagogia das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras ou unidades equivalentes (cf. Par. n.º 251/62, in "Documenta" n.º 11, pág. 59) e o seu recrutamento provisório, "enquanto não houver número bastante de professôres licenciados", por meio de exames de suficiência realizados na forma do Par. n.º 175/63 e pelos estabelecimentos indicados por êste Conselho, entre os quais, já agora, poderá incluir-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal.



— 66 —

Em conclusão, somos de parecer :

a) quanto ao item a, que seja incluída a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal entre os estabelecimentos indicados por êste Conselho para realizar exames de suficiência na forma do art. 117 da Lei de Diretrizes e Bases;

b) quanto ao item b, que a formação regular dos professôres de disciplinas pedagógicas em cursos normais deverá ser feita em curso superior de Pedagogia, e o seu recrutamento provisório por meio de exame de suficiência. (aa.) A. Almeida Júnior, Presidente da C.E.Su. — Valnir Chagas, relator.

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO CT – Relatório do Conselho Estadual de Educação do RN sobre o ensino no estado (Documenta 43/1965).

ANEXO

ESTUDOS SÔBRE PRODUTIVIDADE DO ENSINO EM RELAÇÃO AO SEU CUSTO (*)

Paulo Pinheiro de Viveiros
(Presidente do C. E. E. Rio Grande do Norte)
Clóvis Gonçalves dos Santos, relator.

Introdução

O Conselho Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte, criado em 9 de maio de 1962 e instalado em 18 de dezembro do mesmo ano, com pouco mais de um exercício de atividades, realizou tôdas as tarefas para o seu perfeito funcionamento, desde que dependentes dos seus próprios esforços e encaminhou, com as suas sugestões inclusive, as medidas que caberiam de início a outros órgãos. Dentre estas, a de organização do Sistema Estadual de Ensino, já consubstanciada em anteprojeto.

Teve atenção especial, como é de seu dever, para as diretrizes gerais da Lei 4 024. No que se refere ao preceito do art. 96 — publicação das estatísticas de ensino, dados complementares e estudo da composição de custo do ensino público para que pudesse influir na melhor produtividade, a escassês de dados da competência de departamentos federais e estaduais e criou um verdadeiro estrangulamento a qualquer realização.

O Rio Grande do Norte não foge ao aspecto geral da grande maioria dos Estados brasileiros, no tocante a deficiência de estatísticas e de pesquisas para orientar os diagnósticos preliminares aos planejamentos. A prática das soluções de emergência, resultantes da consideração dos problemas apenas quando êles se afiguravam graves e as conseqüências do seu agravamento eram sentidas na pele, junta-se às causas que respondem por essa ausência de informações estatísticas.

Nascida, porém, no âmbito nacional e particularmente no estadual do Rio Grande do Norte, de poucos anos a esta data, a verdadeira concepção da racionalidade no trabalho, da necessidade da programação para o êxito duradouro de qualquer empreendimento, o setor educacional iniciou-se nessa nova

---

(*) Trabalho apresentado no II Encontro do Conselho Federal de Educação com os Conselhos Estaduais, realizado em Belo Horizonte, de 6 a 12 dezembro-1 964.

linha. Neste Estado os órgãos educacionais e especialmente os responsáveis pela administração do ensino, já estão realizando uma verdadeira *infra-estrutura* para montagem definitiva, pois em bases científicas, da estrutura educacional mais diretamente dependente do esfôrço de cada unidade federativa — relativa à *educação primária e média.*

A primeira preocupação governamental, conforme expressa nos documentos que registram os seus estudos e traçam as suas diretrizes iniciais, foi a de criação *de serviços de estatística e de centros de pesquisas* — resultante da dura lição do sofrimento inicial que exigiu o penoso trabalho de *algumas equipes, peregrinando por todo o território estadual* à cata de um mínimo de números e informações indispensáveis ao esbôço de planejamento que se realizou.

Esses serviços de estatística e pesquisas estão em organização acelerada. Ao mesmo tempo, o programa de trabalho que o Executivo Estadual organizou, com base no diagnóstico mais evidente, e com a colaboração de entidades públicas nacionais como a SUDENE e internacionais como a Aliança para o Progresso, asseguram a efetivação de uma *obra verdadeiramente à altura de solucionar o problema educacional do Rio Grande do Norte*, no sentido de uma total cobertura de tôda a população escolar, como ainda de uma produtividade quase ideal, pois os novos estabelecimentos de ensino primário e médio e de formação do magistério pretendem dispor e já estão iniciados nisto, do mais moderno e eficiente material didático.

Assim, o Conselho Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte, se não pode a esta altura dos seus trabalhos, apresentar com a precisão e os detalhes desejáveis as tarefas especificadas no art. 96 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, *contribuirá, no entanto, para esta Reunião com os elementos que seguem a esta Introdução* do qual resultará esclarecido e, supomos, como conclusão útil, o seguinte:

— ausência ou deficiência das estatísticas, principalmente educacionais e de pesquisas nos setores estaduais, para informações prontos e indispensáveis à orientação dos planejamentos e até mesmo da simples orientação administrativa;

— conclusão, pelos dados obtidos em pesquisas de emergência, do estado insatisfatório da rêde educacional até ontem em funcionamento e da pequena produtividade do ensino em face do seu custo;

— existência de planejamento racional e em execução a meio caminho no Rio Grande do Norte, com a conseqüente perspectiva de uma solução para as dificuldades e deficiências.

Levantamento

Como foi especificado na introdução, neste Estado os órgãos responsáveis pela administração do ensino, já estão quase concluindo a montagem da "infra-estrutura", para nela se apoiar a estrutura educacional, tendo como meta as diretrizes da Lei 4 024. Para projetar e começar o assentamento da infra estru-

tura, foi necessário promover de imediato (1 962) um completo levantamento "ao vivo" das deficiências e reais necessidades da rêde escolar do Estado, que, graças ao bom desempenho da equipe de técnicos designados para tal fim, pôde o Estado, com os elementos coletados, iniciar a elaboração do PLANO REVOLUCIONARIO EDUCACIONAL, que recebeu a denominação de MELHORAMENTO E AMPLIAÇÃO DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA E BÁSICA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE.

Dentre os diversos itens que compõem o resultado da pesquisa, convém salientar:

I) Ficou demonstrado que a ESCOLA primária do Estado não vinha atendendo suficientemente à sua população em idade escolar de 7 aos 14 anos. Isto ficou comprovado em face dos dados colhidos pela equipe, onde das 250 655 crianças nessa situação, as escolas estaduais só atendiam 55 177, recebendo as escolas municipais e particulares, respectivamente, 27 503 e 28 238 crianças Com os dados acima, ficou demonstrado que das 250 655 crianças sòmente 110 858 são atendidas, significando ainda que, 140 203 crianças encontram-se fora de escolas.

QUADRO 1

População	Alunos matriculados			Total	"Deficit"
	Estadual	Municipal	Particular		
	55 117	27 503	28 238	110 858	140 203

II) Ficou revelado que o Estado possuía apenas 1 020 (um mil e vinte) salas de aula, ocupando 826 prédios dos quais apenas 334 são próprios. A parte restante corresponde a particulares que cederam ou alugaram. Adiantou ainda o relatório que, dos 334 prédios próprios do Estado, grande parte apresentava precárias condições de funcionamento, necessitando serviços de recuperação e conservação. Convém salientar que o trabalho da equipe inclusive fixou a quantidade exata das salas de aula e escolas não em condições pedagógicas, especificando e discriminando a natureza dos trabalhos a serem executados. Ainda nessa verificação, os técnicos recomendaram a construção de 141 (cento e quarenta e uma) salas de aula para, racionalmente, poder desenvolver o trabalho escolar com o número de alunos atendidos naquela ocasião. Fêz parte do trabalho o estudo para construção de novas unidades escolares, tendo como ponto de partida a possibilidade do Estado atender o *deficit* de matrículas já mencionado, ou seja 140 203 crianças, educando por conseguinte 195 320 (140 203 + 55 117).

Êsse total seria para o ano da pesquisa ou seja, 1962. Admitiu a equipe um crescimento de 5 % ao ano, cujas estimativas estão numèricamente representadas no quadro abaixo:

QUADRO 2

Ano	*Crianças*
1 962	195 320
1 963	205 086
1 964	215 340
1 965	226 107

Para o cálculo de acomodação, os pesquisadores admitiram um atendimento de duas turmas de 35 alunos cada, em dois turnos didáticos. Considerando os valores citados acima, e dividindo-se a quantidade de crianças por 70, se obteve o número de salas de aula separadamente para cada ano.

A previsão para construção das novas salas de aula dentro das possibilidades, fica representada no Quadro 4.

Com os dados do quadro, ficou demonstrado que construindo-se 1 175 salas de aula no ano de 1 965 ainda haveria um *deficit* de 1 035 salas.

QUADRO 3

Ano	*Salas*
1 962	2 790
1 963	2 929
1 964	3 076
1 965	3 230

QUADRO 4

Ano	Necessidade	Existente	"Deficit"	Construção	Deft. Futuro
1 962	2 790	1 020	1 770	175	1 595
1 963	2 929	1 195	1 734	300	1 434
1 964	3 076	1 495	1 581	350	1 235
1 965	3 230	1 845	1 385	350	1 035

III) Os pesquisadores também fizeram uma análise sôbre o magistério, considerando as necessidades atuais e a dos próximos três anos levando em conta tôdas as demiciências no setor do ensino normal e a limitada capacidade do Estado em ampliar seu magistério em função principalmente dos baixos padrões de vencimentos, o desestímulo causado pela ingerência política nos assuntos educacionais e a ausência de qualquer promoção que valorizem o professor como um dos instrumentos responsáveis pelo progresso do Estado. O levantamento elaborado mostrou que o Estado possui três Centros Educacionais e 16 Escolas Normais de nível ginasial para formação de professôres e regentes e ainda que, em 1 960 foram diplomados 140 professôres e em 1 961 apenas 130. Levando em conta êsses dados, surgiu então a absoluta prioridade dada pelo programa, na formação de mestres como também no rea-

parelhamento e construção de prédios próprios para a atual rêde de Escolas Normais. Tomando por base o estudo feito pela Secretaria de Educação, no ano de 1 962 existiam 3 911 professôres primários, dos quais apenas 666 eram diplomados e ainda que 1 785 eram diaristas sem estabilidade e sem título de habilitação para o magistério. Com isso, o número de professôres em exercício reduzia-se a 2 126. Com dados já conhecidos, foi então feito o cálculo do número de professôres necessários para o atendimento das crianças previstas matriculadas. Foi considerado o número de crianças em idade escolar (7 a 14 anos) em 1 962 e estimado um crescimento de 5 % ao ano. O Quadro 5 mostra o número de crianças até 1 965.

QUADRO 5

Ano	*Crianças*
1 962	250 655
1 963	263 188
1 964	276 348
1 965	290 165

Destinando-se um professor para cada 35 alunos, a necessidade seria a que representa o Quadro 6.

QUADRO 6

Ano	*Professôres*
1 962	7 161
1963	7 519
1 964	7 859
1 965	8 290

Pelas necessidades analisadas, foram previstos cursos intensivos para formação de regentes, cursos e exames de suficiência para professôres do ensino normal e cursos de treinamento para professôres leigos, com o fim de ampliar e melhorar a qualidade do magistério primário estadual em níveis adequados ao atendimento da população escolarizável do Rio Grande do Norte. Visando alcançar a meta acima descrita, consta do programa a construção de prédios destinados a oito Escolas Normais Regionais, três Centros de Treinamento de professôres leigos e o Instituto de Educação de Natal compreendendo o Centro de Recursos Áudio-visuais.

QUADRO 7

Crianças c/ escol.	Crianças sem escolas	Total atendidos	Professôres necessários	Professôres existentes	"Deficit" Professor
55 117	140 203	195 300	5 580	2 126	3 454

IV) Outro assunto no setor educacional que mereceu grande destaque foi, sem dúvida, a gravidade do problema do analfabetismo no Estado, exigindo de imediato esforços só para assegurar escolas à população de idade escolar, como também evitando que 2/3 de sua população, então vítimas do analfabetismo, continuassem privados dos seus direitos de homens e cidadãos .

Visando eliminar o analfabetismo no Estado, o programa destaca a realização de uma Campanha de Alfabetização e Educação de Base para Adolescentes e Adultos, prevendo educar 100 000 pessoas até o fim do ano de 1 965, com os seguintes objetivos:

a) dar ao adulto o domínio das habilidades fundamentais (em leitura, aritmética e linguagem);
b) promover o renascimento ou criação de ideais e padrões elevados de vida;
c) formar convicção do sua responsabilidade, garantindo educação de base em tempo hábil a seus dependentes;
d) dar condições ao exercício da cidadânia como eleitor, como candidato eficiente ao serviço da Pátria, como membro de uma nação livre e ainda mais como um participante ativo do regime democrático;
e) promover a elevação do nível de sua vida no lar, do ponto de vista de higiene, do confôrto e de alimentação; e
f) dar condições a uma administração equilibrada dos seus recursos financeiros e da direção própria de sua vida.

Caracterizam a campanha, as seguintes atividades:

a) Organização e instalação de cursos de educação de adultos e adolescentes;
b) adaptação e equipamento, para utilização imediata mediante prévio entendimento, de recintos diversos (clubes sociais, desportivos, salões paroquiais, etc.) para funcionamento provisório da campanha);
c) utilização da rêde escolar do Estado durante os períodos de férias;
d) confecção ou escolha de cartilhas;
e) convocação de professôres e de estudantes para servirem de monitores; e
f) elaboração e execução da campanha publicitária.

V) Com o processo de eletrificação já em franco progresso no Estado, tendo como fonte de energia a Usina Paulo Afonso, proporcionando a criação de pequenas e grandes indústrias, passou o Estado a preocupar-se na preparação de pessoal de mão-de-obra especializada indispensável.

Visando essa demanda de técnicos e pessoal especializado, o programa prevê a sonegação, equipamento e manutenção de ginásios industriais de primeiro e segundo ciclos, com o fim de proporcionar ao adolescente a compreensão do papel da técnica na época atual, oferecendo a possibilidade na escolha de trabalhos e estudos ulteriores, sem descurar de sua formação moral, cívica e humanística.

VI) O programa justifica também, a recomendação de estender o curso primário para uma duração de 6 anos, procurando ampliar nos dois últimos anos os conhecimentos do aluno no setor das técnicas e artes industriais, aten-

dendo o que determina a L. D. B. no seu artigo 36 § V. Daí, constar do plano a construção de dez oficinas de artes industriais.

Com essa medida, o Estado estaria cumprindo uma grande finalidade, que é proporcionar aos alunos e principalmente aquêles que não terão outras oportunidades de educação, permanecerem mais tempo na escola, para que possam vencer um melhor currículo para formação intelectual.

VII) Considerando que o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPE) representa realmente o ponto de apoio para o equilíbrio da estrutura educacional, o plano especifica sua reestruturação, ampliação e equipamento, com o fim de permitir o exercício pleno das funções de programação e orientação técnica do ensino no Estado do Rio Grande do Norte.

Consiste a reestruturação na instalação de seções especializadas, com a finalidade de orientar o ensino pré-primário, primário secundário, normal, a orientação educacional, as pesquisas referentes a diversos níveis de ensino, prática áudio-visual, do cinema educativo, da educação física, de recreação e das artes.

VIII) *Inspetorias de Ensino*

Dos estudos feitos para determinar as deficiências do sistema de ensino do Estado ficou evidenciado que a centralização dos serviços técnicos e administrativos vinha entravando as atividades de Supervisão e Inspeção do ensino, comprometendo assim o rendimento dêsses serviços.

Os diversos órgãos da Secretaria de Educação centralizados na Capital, expedindo orientação de forma indireta, não podiam analisar com objetividade as necessidades do ensino, a fim de dar tratamento adequado às mesmas.

A falta de dados estatísticos para orientar planejamentos e possibilitar a avaliação geral da obra educacional, impôs a instalação de um Serviço de Estatística junto à Secretaria de Educação. Entretanto, aquêle setor não poderia funcionar satisfatòriamente se não contasse com órgãos de Supervisão e Inspeção que viessem proporcionar-lhe dados reais sôbre a situação escolar.

A instalação das Inspetorias de Ensino com a finalidade de descentralizar os serviços administrativos e técnicos e promover a atualização de estatísticas e pesquisas educacionais, viria complementar o trabalho do setor de Estatística.

Por outro lado, as Inspetorias beneficiariam tôdas as regiões do Estado, uma vez que sua localização obedeceria a divisão fisiográfica e as zonas educacionais do Estado, como sejam:

Zona Litoral — 1.ª Inspetoria de Ensino — Sede — NATAL — Capital (1.ª zona educacional).

Zona da Chapada do Apodi — 2.ª Inspetoria de Ensino — Sede — Mossoró (2.ª Zona educacional).

Zona do Seridó — 3.ª Inspetoria de Ensino — Sede — Caicó (3.ª zona educacional).

Zona Serrana — 4.ª Inspetoria de Ensino — Sede — Pau dos Ferros (4.ª zona educacional).

Zona Salineira — 5.ª Inspetoria de Ensino — Sede — Macau (5.ª zona educacional).

Todavia estudos posteriores vieram modificar êste planejamento.

Pelas mesmas razões a 5.ª que deveria ser instalada em Macau foi absorvida pela 1.ª. Mas devido a estas providências a 1.ª ficou sobrecarregada de grande número de municípios, tornando-se necessário o seu desdobramento, o que foi feito através da criação da 6.ª Inspetoria.

Para esta última foi escolhido o município de Santa Cruz para sua sede, já que a localização dêsse município é de fácil acesso aos municípios circunscritos na área daquela Inspetoria.

IX) Para que o Estado tenha condições de acompanhar o plano de operação intensiva do setor educacional, de tal modo que possa promover a publicação anual das estatísticas do ensino e estudar a composição de custo para ajustá-lo ao melhor nível de produtividade, consta do programa a instalação do Serviço de Estatística Educacional.

Acôrdo SUDENE — MEC — USAID — GOVÊRNO DO ESTADO

Integra — Anexo I

Para superar tôdas as deficiências especificadas no levantamento do setor educacional e, para poder executar o programa de melhoramento e ampliação do sistema de educação primária e básica no Estado, foi firmado um acôrdo entre a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Ministério da Educação e Cultura (MEC), Agência para o Desenvolvimento Internacional (USAID/BRASIL) e o Estado do Rio Grande do Norte.

Este acôrdo foi firmado dentro das cláusulas do convênio entre o Govêrno dos Estados Unidos da América e o Govêrno dos Estados Unidos do Brasil, com o fim de proporcionar a promoção do desenvolvimento Sócio-Econômico do Nordeste Brasileiro, assinado em 13 de abril de 1 962 em Washington, com a fundação da "Aliança para o Progresso".

O programa que deverá ser executado no prazo de três anos, consta das seguintes providências:

1) Cooperar com o Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte, criado pela Lei n.º 2 768, de 9 de maio de 1 962;

2) Cooperar com o atual sistema de supervisão de ensino do Estado através da Secretaria de Educação e Cultura, a fim de proporcionar treinamento e coordenar outras atividades ligadas ao desenvolvimento educacional;

a) Reorganizando, modernizando e equiparando a rêde de cursos de regentes com o objetivo de preparar professôres do 1.º ciclo;

b) organizando um curso intensivo de um ano, de emergência, para melhorar o nível do ensino normal;

c) utilizando as instalações da Escola Agrícola de Martins, para fazer funcionar uma escola normal rural, com o fim de treinar professôres e instrutores especiais para o nível escolar primário nas técnicas peculiares às condições rurais;

d) promovendo, gradativamente, o treinamento intensivo de 3 000 professôres leigos, inclusive monitores e instrutores de ensino presentemente em exercício no magistério estadual, através de cursos em período de férias;

e) organizando, equipando e mantendo escolas primárias de aplicação como parte das escolas normais (urbanas e rurais) e proporcionar cursos intensivos durante as férias;

f) proporcionando o treinamento em outros Estados da Federação e no estrangeiro a candidatos criteriosamente selecionados, com a finalidade de trabalharem nos programas de educação;

g) construindo o prédio próprio para o Instituto de Educação de Natal e complementando as instalações dos de Mossoró e Caicó;

h) construindo prédios próprios para oito das dezesseis escolas normais existentes, restaurando e equipando, desde que possível, as demais.

4) Proceder à revisão ou à elaboração dos currículos de ensino elementar e normal a serem submetidos ao Conselho Estadual de Educação.

5) Instalar um Serviço de Estatística Educacional que permita avaliar concretamente os resultados do programa objeto dêste acôrdo.

6) Organizar o Serviço de Produção de Material Didático, com o fim de adquirir, imprimir e distribuir regularmente material de ensino às escolas e aos alunos.

7) Construir e equipar um centro áudio-visual:

a) Para planejar e preparar os auxílios áudio-visuais a serem utilizados pelas escolas primárias e normais;

b) para colaborar no treinamento e formação de pessoal;

c) para apoiar programas de escolas radiofônicas.

8) Assegurar o ensino primário à população de 7 a 14 anos:

a) Reconstruindo e equipando, dentro das condições das necessidades locais, a rêde de prédios escolares do Estado;

b) construindo e equipando 1 000 salas de aula, em aglomerados onde houver no mínimo 100 crianças de 7 a 14 anos não atendidas. O número

fixado poderá ser alterado caso as pesquisas que se venham a efetuar comprovem tal necessidade, para satisfazer as condições supra referidas. Neste caso, as partes acordantes comprometem-se a fornecer os recursos adicionais porventura exigidos.

9) Intensificar pesquisas e experiências sôbre as condições regionais que possibilitem melhor integração do aluno e sua família na vida da comunidade.

10) Pagar salário dos professôres de acôrdo com a reforma administrativa do Estado, promovendo a valorização da carreira do Magistério Público.

11) Promover a alfabetização e educação de base para adolescentes e adultos, assegurando o atendimento, no período, de até 100 000 pessoas acima da idade escolar primária.

12) Promover a extensão de escolaridade e a iniciação pré-profissional, através de instalação de, pelo menos, 10 oficinas de artes industriais.

13) Promover a assistência escolar no que se refere à alimentação, serviços médicos e dentários.

14) O programa a ser executado segundo êste acôrdo, totalizando..... Cr$ 2 065 000,00 (dois bilhões, sessenta e cinco milhões e trezentos e cinqüneta e cinco milhões e trezentos e cinqüenta mil cruzeiros) será o seguinte: complementação e equipamento para fornecimento de Centros de Treinamentos das Escolas Agrícolas de Canguaretama e Pau dos Ferros para internato; construção e equipamento de 3 centros de treinamento com internato; construção de prédios para oito escolas normais; complementação e equipamento das oito escolas normais restantes; construção e equipamento do Instituto de Educação de Mossoró e Caicó; equipamento complementar para a Escola Normal Rural de Martins; despesas com cursos de treinamentos, construção e equipamento de centro áudio-visual e serviço de material didático; aquisição de 20 veículos; construção e equipamento de 1 000 salas de aula; reconstrução de unidades de ensino primário existentes; reequipamento de unidades de ensino primário existentes; construção de 10 oficinas de artes industriais; campanha de alfabetização de adultos; instalação e manutenção do serviço cooperativo; manutenção do Centro de Pesquisa Educacional (CEPE); custeio dos novos professôres e suplementação da rêde.

SERVIÇO COOPERATIVO DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE (SECERN)

Anexo II — Decreto

Com a finalidade específica de executar o programa de melhoramento e ampliação do sistema de educação primária e básica no Estado do Rio Grande

do Norte, foi instituído pelo Govêrno do Estado o *Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte* (SECERN), cujas atribuições são:

a) orientar, coordenar e acompanhar a execução de todos os programas e projetos incluídos no Acôrdo;

b) custear programas de formação, treinamento e aperfeiçoamento de professôres primário;

c) executar o programa de restauração, ampliação e construção de prédios para as unidades escolares;

d) promover aquisição e distribuição de material necessário a instalação e reequipamento das unidades escolares;

e) promover a alfabetização e educação de base e adolescentes e adultos; e

f) elaborar os programas trimestrais de atividades e de desembolsos.

Dentro das atribuições que foram especificadas, o Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte, elaborou seu regimento interno, que foi aprovado pelo Diretor Executivo em 9 de dezembro de 1962 (Anexo III).

Execução do Programa

Do plano exposto, foi executado até esta data o seguinte programa:

1. *Escolas Normais Regionais* — Reequipamento das 16 escolas existente. Custo: Cr$ 8 231 967,20.

2. *Instituto de Educação de Natal* — Construção contratada por..... Cr$ 229 067 815,10. Além da parte contratada, algumas dependências serão administradas diretamente. Obras iniciadas e com término previsto para os próximos dez meses. Custo até a presente data: Cr$ 29 846 280,00.

3. *Treinamento de Professôres Leigos* — Realizadas duas etapas, com uma freqüência de 2 513 professôres. Custo: Cr$ 92 310 029,80.

4. *Cursos e Exames de Suficiência* — Promovidos pelo MEC dois dêstes Cursos, com uma matrícula de 127 professôres estaduais. Custo das bôlsas distribuídas: Cr$ 4 341 973,10.

5. *Cursos de Formação de Regentes* — Realizados dois cursos. Matrícula de 104 alunos. Custo: Cr$ 8 600 092,90.

6. *Instituto de Educação de Caicó* — Complementadas as instalações. Custo: Cr$ 671 636,00.

7. *Outros Programas de Treinamento* — Além de bôlsas e ajuda de custo concedidas a bolsistas do INEP, PABAEE CREP (SP), foram realizados um Curso de Métodos Audio-Visuais e um Curso de Atualização de Professôres

e Formação de Monitores de Educação. Ao primeiro compareceram 40 alunos e ao segundo 53. Custo: Cr$ 3 168 308,00.

8. *Campanha de Alfabetização* — A Campanha foi realizada no Bairro das Quintas desta Capital, na Cidade de Angicos, Mossoró, em unidades militares, etc., com uma freqüência de 6 000 alunos. Custo: Cr$ 36 394 767,80.

9. *Reequipamento do CEPE* — O Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais foi totalmente reequipado (móveis, utensílios e máquinas), tornando-se apto ao desempenho de suas funções. Custo: Cr$ 31 733 068,70.

10. *Instalação das Inspetorias de Ensino* — Com a finalidade de descentralizar a administração e supervisão da rêde educacional primária do Estado, foram instaladas as Inspetorias de Mossoró, Caicó, Natal e Santa Cruz. Custo: Cr$ 7 657 863,00.

11. *Instalação de Serviço de Estatística Educacional* — Com a finalidade de avaliar concretamente os resultados das atividades objeto do Convênio, foi instalado o Serviço de Estatística Educacional. Custo: Cr$ 1 650 000,00.

12. *Aquisição e Equipamento de Veículos Motorizados* — Para a execução dos diversos programas confiados ao SECERN, foram adquiridos 29 veículos, sendo: 9 Rurais Willys, Pick-up Willys (3), Kombi (5), Caminhão Ford (1), Caminhão Chevrolet (3), Caminhão Ford 350 (4), Jeeps Willys (3) e Camioneta Chevrolet Alvorada (1).

13. *Restauração de Escolas Primárias* — Foram totalmente restauradas 124 Escolas, com um total de 195 Salas de Aula. Custo: Cr$ 225 762 663,90.

14. *Construção de Salas de Aula* — Acham-se em construção 229 novas salas de aula, tôdas localizadas na zona Oeste do Estado.O custo destas salas foi estimado em 679 602 363,70. Foram concluídas 10 Escolas, com 12 salas de aula, localizadas nos Municípios de Grossos e Areia Branca. Foi pago até a presente data: Cr$ 147 149 593,70.

15. *Instalação de Oficinas de Artes Industriais* — Adquiridas e instaladas 4 oficinas, sendo 2 em Natal, 1 em Caicó e 1 em Mossoró. Custo: ..... Cr$ 5 900 495,00.

16. *Centro Áudio-visual* — Órgão encarregado da confecção de equipamento utilizado no emprêgo de métodos Audio-visuais. Com a conclusão do Instituto de Educação do Natal, o citado órgão funcionará em suas dependências. Custo: até a presente data — Cr$ 3 294 822,00.

17. *Merenda Escolar* — Setor encarregado da distribuição em todo o Estado, da Merenda composta de leite em pó, fubá e açúcar. Durante o ano de 1 963, foi atendida tôda a rêde escolar primária tanto estadual quanto municipal (quando solicitado). Custo operacional: Cr$ 3 106 900,00.

18. *Assistência Dentária* — Odontologia preventiva aplicada na população escolar da capital, devendo estender-se no interior do Estado, com a aplicação de fluor em crianças de 7 a 11 anos. A equipe odontológica dispõe de duas unidades Móveis, colocadas à disposição do SECERN pela Secretaria de Educação. Custo: Cr$ 1 328 008,00.

19. *Assistência Médica* — Funcionando em comum acôrdo com o Setor de Assistência Dentária, atende a população escolar o Município de Natal, fornecendo-lhe o "Laudo de Saúde Escolar", indispensável à Matrícula nos estabelecimentos públicos. Campanhas de esclarecimentos sôbre higiene escolar são promovidos, com a finalidade de melhor preparar as professôras nesse assunto. Estender-se-á ao interior do Estado. Custo operacional: ..... Cr$ 2 584 498,50.

Conclusão

Dessa forma, parece-nos realizado pelo Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte, um esfôrço para apresentar à segunda reunião dos Conselhos Estaduais com o Conselho Nacional de Educação (*) o trabalho mais eficiente, dentro das possibilidades locais na atualidade, para vencer a tarefa que lhe foi indicada na temática geral do Encontro.

Finalizamos por manifestar a nossa convicção de que num futuro bem próximo o Rio Grande do Norte apresentará índices de produtividade e eficiência no ensino que satisfarão à mais exigente técnica.

O Conselho Nacional de Educação (*) e o Conselho Estadual terão participação destacada nesta tarefa patriótica.

Natal, 15 de julho de 1 964. *Paulo Pinheiro Viveiros*, Presidente. — Clóvis Gonçalves dos Santos, relator.

(*) *Sic.*

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO CU – Lei de 1965 que organiza o Sistema de Educação do RN (Documenta 48/1966).

SISTEMA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

LEI N.º 3 185, DE 6 DE DEZEMBRO DE 1965

Organiza, de forma científica, o Sistema de Educação do Estado

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE:

FAÇO SABER que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte lei:

SISTEMA DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE

TÍTULO I — CAPÍTULO ÚNICO
Da finalidade

Artigo 1.º — O Sistema de Educação do Rio Grande do Norte, inspirado no princípio do respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem, terá como objetivo especial promover o desenvolvimento integral da personalidade e a sua participação consciente na obra do bem comum, a preservação e expansão do patrimônio cultural, isento de tratamento desigual, por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa e de preconceito de classe ou de raça.

TÍTULO II — CAPÍTULO ÚNICO
Do direito à educação

Artigo 2.º — A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola.

Parágrafo único — À família cabe escolher o gênero de educação que deve dar a seus filhos.

Artigo 3.º — O direito à educação é assegurado:

a) — pela obrigação do Poder Público e pela liberdade da iniciativa particular, de ministrarem o ensino em todos os seus graus na forma da Lei;

b) — pela obrigação do Estado de proporcionar meios que assegurem iguais oportunidades a todos, provada a insuficiência de recursos.

TÍTULO III — CAPÍTULO ÚNICO
Da liberdade de ensino

Artigo 4.º — É garantido a todos, o direito de ensinar, obedecidas as exigências legais.

Artigo 5.º — São assegurados aos estabelecimentos públicos e particulares legalmente autorizados, adequada representação no Conselho Estadual de Educação e Cultura e o reconhecimento, para todos os fins, dos estudos neles realizados.

TÍTULO IV — Da administração do ensino

CAPÍTULO I

Da Secretaria de Estado de Educação e Cultura

Artigo 6.º — Incumbe à Secretaria de Estado de Educação e Cultura, o exercício das atribuições do Poder Público Estadual, em

Artigo 144 — É dever da Escola manter uma biblioteca especializada adequada aos respectivos graus de cultura e ramo de ensino.

Artigo 145 — Os cursos de artes musicais e plásticas e de matérias correlatas serão administrados em estabelecimentos especiais.

Parágrafo único — Nos Institutos de Educação poderão funcionar cursos destinados à formação de professôres de ensino artístico para o magistério primário e do ensino médio.

Artigo 146 — Ficam sob a proteção do Poder Público, as obras, monumentos e documentos de valor histórico e artístico, bem como monumentos naturais, as paisagens e os locais dotados de particular beleza.

Artigo 147 — As tradições culturais e folguedos, festas folclóricas e comemorações populares serão amparadas pelos poderes públicos.

Artigo 148 — Em cooperação com o Juizado de Menores, o Conselho Estadual de Educação e Cultura coordenará estudos para orientar os promotores de espetáculos e diversões para menores e suas famílias, sôbre os aspectos éticos e educativos dessas atividades.

Artigo 149 — A Secretaria de Estado de Educação e Cultura terá órgão próprio e meios para a promoção de programas sistemáticos, atingindo a população em seu conjunto, visando a maior freqüência às bibliotecas, museus, audições, parques e à difusão do excursionismo.

TÍTULO XIV — CAPÍTULO ÚNICO

Da inspeção e fiscalização do ensino

Artigo 150 — A Secretaria de Estado de Educação e Cultura organizará e manterá Inspetorias de Ensino, dos diferentes graus e ramas, as quais serão, também, órgãos dependentes do Conselho Estadual de Educação e Cultura, para os fins de fiscalização e inspeção previstos na Lei de Diretrizes e Bases.

Artigo 151 — O Inspetor de Ensino, escolhido por concurso público, de títulos e provas, deve possuir conhecimentos técnicos e pedagógicos, demonstrados de preferência no exercício de funções de magistério, de auxiliar de administração escolar ou na direção de estabelecimento de ensino.

Artigo 152 — Caberá ao Conselho Estadual de Educação e Cultura baixar normas a que obedecerão os concursos previstos no artigo anterior.

TÍTULO XV — CAPÍTULO ÚNICO

Do Magistério

Artigo 153 — As funções do Magistério Primário, Médio e Superior sòmente serão permitidas a professôres habilitados na forma da Lei.

Artigo 154 — O quadro do Magistério Público do Estado reestruturado com a Lei n.º 3 161, de 24 de setembro de 1964, compõe-se das seguintes categorias:

a) regente de Classes de Ensino Primário;
b) regente de Ensino Primário;
c) professor de Ensino Primário;
d) professor de Ensino Médio;
e) professor catedrático de Ensino Secundário;
f) professor de Ensino Superior.

Parágrafo único — Para efeito de provimento será considerada a habilitação exigida para cada categoria de cargos, observado o seguinte:

I — Na categoria de Regente de Classe de Ensino Primário, os possuidores de certificados de conclusão dos cursos primário e de treinamento promovido pelo Estado.

II — Na categoria de Regente de Ensino Primário, os portadores de qualquer dos seguintes títulos:

a) diploma expedido por Escola Normal de grau ginasial;
b) diploma ou certificado expedido por qualquer outro estabelecimento de grau ginasial, desde que conste em seu currículo, a disciplina "Formação Pedagógica";
c) diploma ou certificado expedido por qualquer estabelecimento de grau ginasial e certificado de conclusão do Curso Intensivo de Formação de Regente (CIFOR), promovido pelo Estado.

III — Na categoria de Professor de Ensino Primário, os portadores de diploma de conclusão de curso de Escola Normal de grau colegial.

IV — Na categoria de Professor de Ensino Médio, os portadores de registro no órgão competente.

V — Na categoria de Professor Catedrático de Ensino Secundário, os atuais professôres catedráticos vitalícios.

Artigo 155 — A formação de professôres para o ensino médio será feita nas Faculdades de Filosofia, e a dos professôres de disciplinas específicas de ensino médio técnico, em cursos especiais de educação técnica.

Parágrafo único — Nos Institutos de Educação, poderão funcionar cursos de formação de professôres para o ensino normal, dentro das normas estabelecidas para os cursos pedagógicos das Faculdades de Filosofia.

Artigo 156 — As condições para o exercício do magistério superior serão as fixadas em Lei e nos regimentos dos respectivos estabelecimentos de ensino.

Artigo 157 — O ingresso na carreira de professor do ensino médio e superior deverá ser feito através de concurso de provas e títulos, assegurada igualdade de direitos para os diplomados em estabeleci-

mentos oficiais e de livre iniciativa de ensino, nos têrmos dos artigos 19 e 58, da Lei de Diretrizes e Bases.

Artigo 158 — O diretor de estabelecimento de ensino deverá ser educador qualificado, na forma definida pelo Conselho Federal de Educação.

TÍTULO XVI — CAPÍTULO ÚNICO

Da cooperação da comunidade

Artigo 159 — Na sede de cada Município, será constituída uma Junta de Educação, integrada por pessoas que desejem cooperar com o Poder Público, na solução dos problemas de que trata a presente lei, na respectiva comunidade.

Artigo 160 — O Governador do Estado, através da Secretaria de Estado de Educação e Cultura, promoverá a instalação dêsses órgãos, estimulando a sua existência e com êles colaborando de maneira eficiente.

Artigo 161 — As Juntas de Educação terão por principal finalidade, motivar a população para que, através de recursos angariados e de outros motivos, dêem assistência material ao problema do ensino, na comunidade e cooperar na manutenção e conservação das instalações escolares.

Artigo 162 — Além de obedecerem aos critérios gerais e disciplinados pela legislação em vigor, a construção e equipamento das salas de aula receberão a colaboração das Juntas, através de seu interêsse na implantação ou na expansão da rêde do ensino.

Artigo 163 — Os membros das Juntas não perceberão vantagens pecuniárias de qualquer espécie pelo trabalho por êles realizado, que será considerado serviço relevante.

Artigo 164 — O Estado regulamentará o que dispõe êste Título, inclusive no que diga respeito à construção de futuras escolas, à base de índices referentes ao analfabetismo e à renda per-capita da população escolar, respeitados os princípios adotados pelo Censo Escolar.

TÍTULO XVII — CAPÍTULO ÚNICO

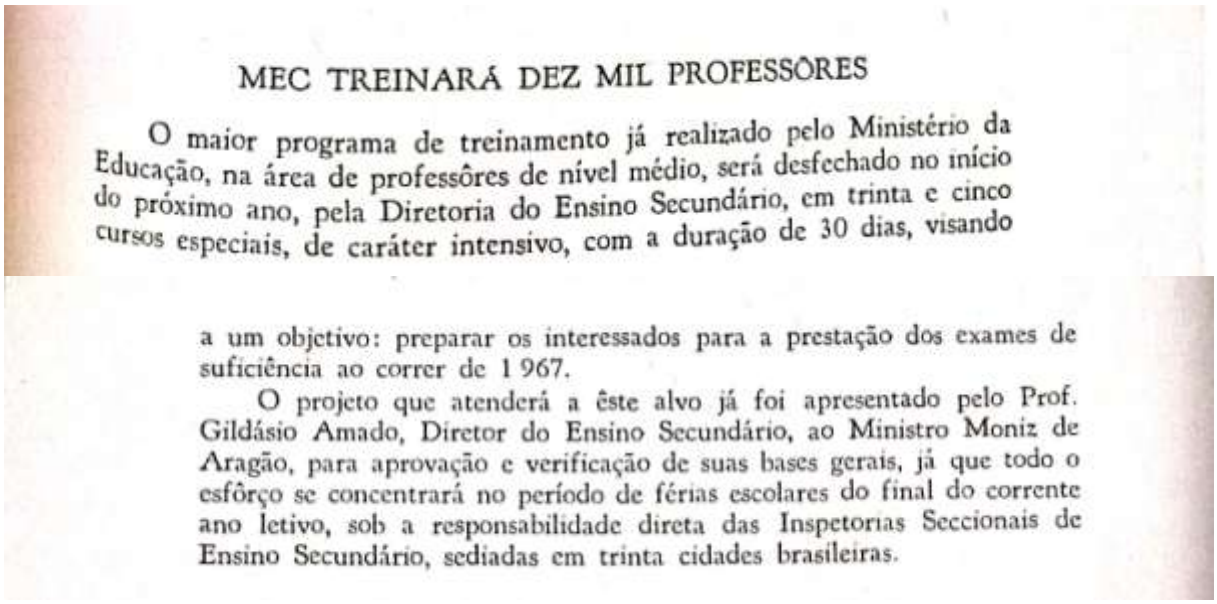
Dos estabelecimentos particulares de ensino

Artigo 165 — Os estabelecimentos particulares de ensino sujeitos a êste Sistema, ao organizarem as tabelas de contribuições dos alunos, terão em vista deduções para quantos provarem falta ou insuficiência de recursos, dentro da receita teórica e das subvenções que lhes concederem os Poderes Públicos.

Artigo 166 — Ao autorizar o funcionamento ou reconhecer os estabelecimentos de ensino, e mesmo nas inspeções periódicas, o Conselho Estadual de Educação e Cultura examinará se os critérios adotados nas tabelas de contribuições atendem o disposto no artigo anterior, à remuneração condigna ao corpo docente e demais despêsas de custeio.

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO CV – Notícia sobre o MEC treinar 10.000 professores (Documenta 59/1966).



MEC TREINARÁ DEZ MIL PROFESSÔRES

O maior programa de treinamento já realizado pelo Ministério da Educação, na área de professôres de nível médio, será desfechado no início do próximo ano, pela Diretoria do Ensino Secundário, em trinta e cinco cursos especiais, de caráter intensivo, com a duração de 30 dias, visando a um objetivo: preparar os interessados para a prestação dos exames de suficiência ao correr de 1 967.

O projeto que atenderá a êste alvo já foi apresentado pelo Prof. Gildásio Amado, Diretor do Ensino Secundário, ao Ministro Moniz de Aragão, para aprovação e verificação de suas bases gerais, já que todo o esfôrço se concentrará no período de férias escolares do final do corrente ano letivo, sob a responsabilidade direta das Inspetorias Seccionais de Ensino Secundário, sediadas em trinta cidades brasileiras.

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO CW – Decreto de criação do PREMEM (Documenta 96/1968).

— 150 —

* **Decreto n.º 63 893**, de 20-dezembro-1968. — Abre, ao Ministério da Educação e Cultura, em favor da Diretoria do Ensino Superior, o crédito suplementar no valor de NCr$ 457.614,00 (quatrocentos e cinqüenta e sete mil, seiscentos e quatrorze cruzeiros novos), para reforço de dotação consignada no vigente Orçamento. (*)

(D.O., 20-12-10, 11 024).

DECRETO N.º 63 914 — DE 28 DE DEZEMBRO DE 1968

Provê sôbre o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (PREMEM) e dá outras providências

O Presidente da República, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 83, item II, da Constituição.

Considerando quue o aprimoramento do ensino médio, no nível ginasial, deve ser estimulado com o aumento do número de escolas polivalentes; e

Considerando as diretrizes governamentais fixadas na preparação de recursos humanos necessários ao desenvolvimento; decreta:

Art. 1.º — Fica aprovado o "Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio„ — PREMEM — com o objetivo especial de incentivar o desenvolvimento quantitativo, a transformação estrutural e o aperfeiçoamento do ensino médio.

Art. 2.º — O PREMEM contará com recursos orçamentários federais e estaduais, e extra-orçamentários de fontes internas e externas.

Art. 3.º — O PREMEM será administrado por uma Comissão de Administração, que funcionará junto ao Ministério da Educação e Cultura, constituída de seis membros, sendo um dêles coordenador, designados pelo Ministro de Estado.

Parágrafo único. — O Ministério da Educação e Cultura poderá solicitar de outros setores governamentais titulares ou servidores postos à sua disposição para integrar o PREMEM.

Art. 4.º — A Comissão de Administração terá a atribuição de promover a aplicação de recursos financeiros decorrentes dos convênios firmados com os Estados, e administrará os recursos federais, inclusive os provenientes de empréstimos, observado o disposto no artigo 14.

Parágrafo único. — Os recursos do PREMEM serão depositados em conta especial aberta à sua ordem no Banco do Brasil S.A.

Art. 5.º — A Comissão de Administração prestará contas, semestralmente à Inspetoria-Geral de Finanças do Ministério da Educação e Cultura quanto à aplicação dos recursos colocados a sua disposição.

§ 1.º A prestação de contas será feita até 90 (noventa) dias após o encerramento do semestre a que se referir.

§ 2.º A Comissão de Administração contará com auditoria interna.

(*) Auxílio para Desenvolvimento do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

Art. 6.º — Compete à Comissão de Administração, ao aplicar os recursos provenientes de empréstimos externos e recursos nacionais de contrapartida:

I — Promover, juntamente com os Estados, a implementação dos planos elaborados pelos mesmos e referentes à expansão e melhoria de sua rêde de ensino médio público, em articulação com uma assistência técnica educacional que assegure a consecução dos objetivos do PREMEM.

II — Administrar os projetos de âmbito nacional que visem ao treinamento e aperfeiçoamento de professôres de ensino médio geral, à construção de um ginásio polivalente modêlo na capital de cada Estado, ao equipamento e manutenção dos centros de treinamento de professôres de ciências, à seleção de bolsistas para aperfeiçoamento no estrangeiro e à organização de serviços de assistência técnico educacional.

III — Encaminhar e acompanhar a liberação dos recursos para os vários subprogramas do PREMEM.

IV — Elaborar as minutas de acôrdos e convênios a serem celebrados com os Estados e órgãos incumbidos da execução do Programa.

§ 1.º A execução dos projetos aprovados será feita, sempre que possível, através dos órgãos especializados do Ministério da Educação e Cultura.

§ 2.º Das decisões da Comissão de Administração serão extraídas atas para encaminhamento, por cópia autêntica, ao Ministério da Educação e Cultura.

Art. 7.º — Os órgãos do Ministério da Educação e Cultura, em cujo orçamento figurem recursos destinados ao PREMEM, providenciarão o repasse dêsses recursos para a conta mencionada no parágrafo único do artigo 4.º dêste Decreto.

Art. 8.º — A Comissão de Administração disporá de Secretaria-Executiva e de assessoria contábil, além de pessoal auxiliar.

§ 1.º O Ministro de Estado da Educação e Cultura, por proposta da Comissão de Administração, solicitará sejam postos à disposição do PREMEM servidores da Administração federal, direta ou indireta, e, ainda, servidores estaduais e municipais.

§ 2.º A Secretaria-Executiva será dirigida por um servidor designado pelo Ministro de Estado, demiante indicação da Comissão de Administração.

§ 3.º A Equipe de Planejamento do Ensino Médio (EPEM) do Ministério da Educação e Cultura prestará assessoria técnica à Comissão de Administração.

Art. 9.º — Nos convênios para implantação do PREMEM nos Estados será prevista a constituição de uma Comissão incumbida dessa tarefa, integrada de dois representantes do Ministério da Educação e Cultura, um da Secretaria de Educação e Cultura sob a presidência de representantes do .. PREMEM.

§ 1.º Os representantes federais serão designados pelo Presidente da República.

§ 2.º A localização dos estabelecimentos de ensino será estudada pela Comissão de que trata o artigo levando em conta, entre outros, os seguintes fatôres para definição das prioridades:

a) população da área a ser beneficiada pela escola;
b) conclusão de curso primário;
c) população em idade escolar, atendida pela escola média;
d) investimento municipal em educação primária;
e) cooperação da comunidade;
f) meios de acesso à escola;
g) composição econômica da região;
g) disponibilidade de cargo docente.

Art. 10. — Em casos excepcionais, devidamente justificadas, poderão ser contratados especialistas, sob o regime da legislação trabalhista, ou admitidos colaboradores eventuais sem vínculo empregatício, observadas as normas legais.

Art. 11. — A Comissão de Administração não poderá despender, a título de despesa de custeio, importâncias, superiores a 3% (três por cento) do total dos recursos provenientes de emprestimos externos e da contrapartida nacional, excluidas as despesas decorrentes dos encargos de consultoria.

Parágrafo único. — Os recursos de que trata êste artigo serão utilizados diretamente pela Comissão de Administração e por ela repassados às várias entidades executoras do PREMEM, mediante plano de aplicação prèviamente aprovado.

Art. 12. — O Regimento da Comissão de Administração será expedido por ato do Ministro da Educação e Cultura.

Art. 13. — As minutas de convênios e o resultado dos estudos previstos no § 2.º do artigo 9.º deverão ser aprovados pelo Ministro da Educação e Cultura e pelo Governador do Estado.

Art. 14. — O Regulamento do INDEP, de que trata o artigo 2.º, § 1.º da Lei n.º 5.537, de 21 de novembro de 1968, deverá harmonizar o .... PREMEM com o mecanismo de financiamento de programas e projetos de ensino, estabelecido na referida Lei.

Art. 15. — O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 26 de dezembro de 1968; 147.º da Independência e 80.º da República.

A. COSTA E SILVA
Tarso Dutra

(D.O. 27-12-1968).

* **Decreto n.º 63 916,** de 27-dezembro-1968 — Retifica o Quadro Único da Universidade Federal de Paraná.

(D.O., supl. 30-12-1968, p. 11 263).

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO CX – Parecer sobre criação dos cursos de Licenciatura de Curta Duração propostos pelo PREMEM (Documenta 109/1969).

PROFESSÔRES DE CICLO COLEGIAL

Projeto de licenciatura de curta duração

Parecer n.º 912/69, C.E.Su., aprovado em 3-dezembro-1969. (Proc. 1.419/69-C.F.E.).

No presente processo, por solicitação do Prof. Pery Pôrto, Coordenador da Comissão Nacional do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio, "PREMEM", o Senhor Ministro da Educação e Cultura submete ao exame do Conselho e projeto elaborado por aquela Comissão visando instituir cursos de curta duração, em regime intensivo, destinados à formação de professôres para o ciclo ginasial.

Histórico

1. O "PREMEM", criado pelo Decreto n.º 63.914, de 26/12/1968, tem como objetivo especial incentivar o desenvolvimento quantitativo, a transformação estrutural e o aperfeiçoamento do ensino médio (art. 1.º). É administrado por uma Comissão que funciona junto ao Ministério da Educação e Cultura, constituida de seis membros, sendo um dêles coordenador, designados pelo Ministro.

A Comissão tem por atribuições promover a aplicação de recursos financeiros decorrentes dos convênios firmados com os Estados e administrar os recursos Federais, inclusive os provenientes de empréstimos, observadas as normas do F.N.D.E. Ao aplicar os recursos procedentes de empréstimos externos e recursos nacionais de contrapartida, compete à Comissão, entre outras funções, as seguintes:

I — "promover, juntamente com os Estados, a implementação dos planos elaborados pelos mesmos e referentes à expansão e melhoria de sua rêde de ensino médio público, em articulação com uma assistência técnica educacional que assegure a consecução dos objetivos do "PREMEM".

II — "administrar os projetos de âmbito nacional que visem ao treinamento e aperfeiçoamento de professôres de ensino médio geral, à construção de um

ginásio polivalente modêlo na capital de cada Estado, ao equipamento e manutenção dos centros de treinamento de professôres de ciências, à seleção de bolsistas para aperfeiçoamento no estrangeiro e à organização de serviços de assistência técnica educacional".

2. Na primeira etapa de suas atividades e tendo em vista os recursos financeiros disponíveis, o "PREMEM" atuará em quatro Estados, prevendo-se a construção de 272 ginásios, até 1972, assim distribuídos: 51 na Bahia, 36 no Espírito Santo, 95 em Minas Gerais, 90 no Rio Grande do Sul. Os ginásios construídos serão todos do tipo polivamente e dotados, além das salas de aula comuns, de dois laboratórios, duas oficinas de artes industriais (ou uma de artes industriais e outra de técnicas agrícolas e salas ambiente para técnicas comerciais e destinadas à educação para o lar.

Mas, os objetivos do "PREMEM" não se resumem na construção de prédios escolares ou na expansão puramente quantitativa do ensino secundário. O essencial do programa é promover a implantação de nôvo tipo de ginásio comumente denominado de polivalente ou orientado para o trabalho. Trata-se de uma escola secundária semelhante, sob certos aspectos, *à comprehensive high school* na medida em que procura conciliar as exigências da educação geral básica com a iniciação vocacional. Não é um ginásio profissional, mas visa proporcionar ao aluno experiências que desenvolvam atitudes e capacidades de trabalho adequadas à preparação do jovem para a sociedade industrial em que vivemos. Em suma, o que se pretende é uma espécie de unificação da escola média num tronco comum, cuja finalidade seria, antes de tudo dar educação geral para todos e suficientemente flexível para oferecer opções que, sem especializações prematuras, pudessem introduzir o aluno em áreas vocacionais a serem desenvolvidas ulteriormente.

3. O problema crucial com que se defrontou o "PREMEM" foi o de recrutar pessoal docente qualificado para os novos ginásios. Como todos sabemos, apesar do grande número de Faculdades de Filosofia, a produção de licenciados não atende à expansão normal de ensino médio, particularmente no que

se refere aos estabelecimentos de interior e ao ensino de ciências. As licenciaturas polivalentes de 1.º ciclo, iniciadas há quatro anos, ainda não são bastantes para cobrir o *deficit* de professôres. Quanto aos exames de suficiência, mesmo precedidos do curso de um semestre, alegam os responsáveis pelo "PREMEM" que tais exames, além de outros inconvenientes, não ofereceriam professôres adequadamente treinados para a nova modalidade de ginásio. Diante dessas dificuldades entendeu a Comissão que, em vez da dualidade licenciatura-suficiência, seria preferível "estabelecer uma gradação do próprio regime da licenciatura, isto é, cursos especiais destinados a conferir uma licenciatura intermédia". A sugestão teria fundamento nos têrmos do § 1.º do art. 23 da Lei 5.540 de 19/11/1968, segundo o qual "serão organizados cursos profissionais de curta duração, destinados a proporcionar habilitações intermediárias de grau superior".

O programa de treinamento de pessoal docente para os novos ginásios prevê, além das licenciaturas de curta duração, cursos breves de orientação de professôres já licenciados no sentido da filosofia do ginásio polivalente, treinamento de professôres para atividades vocacionais, treinamento de professôres em serviço e de pessoal técnico e administrativo. De acôrdo com as metas fixadas, até 1972 seriam formados 5.841 professôres nas licenciaturas intermediárias. Segundo os têrmos da proposta enviada ao Conselho "os recursos de que disporá o "PREMEM" ensejariam a oportunidade, em condições especialmente favoráveis, a uma experiência limitada e controlada de formação intensiva dos professôres necessários à expansão do ensino médio e à sua modificação estrutural no sentido do ginásio polivalente, que constituem objetivos dêsse amplo programa".

4. O projeto geral de realização das licenciaturas, tal como foi concebido pela Administração do "PREMEM", pode ser resumido nos seguintes pontos:

a) cada licenciatura terá a duração de 1.400 a 1.600 horas, a serem cumpridas em regime intensivo de trabalho diário no período letivo de 180 dias;

b) o currículo compreenderá matérias de conteúdo e disciplinas de formação padagógica distribuidas na se-

guinte proporção: conteúdo da matéria — 50 %; métodos e prática de ensino — 30 %; teoria da educação — 20 %. Esta última incluirá fundamentos de psicologia educacional e estrutura e fundamento do ensino médio;

c) em virtude de sua curta duração as licenciaturas não podem ter o caráter de polivalência. Assim, por exemplo, em vez de uma só licenciatura para formar um mesmo professor de matemática e de ciências físicas biológicas, uma licenciatura preparará o professor de matemática e outra o professor de ciências;

d) serão concedidas bôlsas de estudos aos alunos a fim de que possam dedicar-se integralmente ao regime de estudos intensivos. Em contrapartida os alunos assumiriam, desde o ingresso, o compromisso de aceitar sua designação para qualquer das escolas criadas pelo programa bem como as condições de trabalho estabelecidas pelo órgão incumbido da manutenção e supervisão das mesmas, por um prazo a ser fixado na ocasião do recrutamento;

e) as licenciaturas serão realizadas mediante convênios firmados entre a Comissão de Administração do "PREMEM" e as Universidades ou Faculdades, com a interveniência ainda da Secretaria Estadual de Educação e da Comissão Estadual do "PREMEM".

f) Os convênios prevêem recursos para remuneração dos professôres mobilizados pela Universidade ou Faculdade encarregada da ministração dos cursos, bem como para outras despesas com êles relacionadas (coordenação, material didático, etc.)

g) os convênios para a realização dos cursos obedecerão a diretrizes gerais, fixadas em documento a ser elaborado pela Administração do "PREMEM". Para cada licenciatura haverá um documento pormenorizado que servirá de base às negociações entre o "PREMEM" e a Universidade ou Faculdade. Estas

poderão sugerir modificações as quais, no entanto, não poderão contrariar as diretrizes gerais.

VOTO DO RELATOR

A expansão da escola média brasileira, particularmente a secundária, nestes últimos tempos vem se fazendo em rítmo de verdadeira explosão escolar, como atesta o crescimento dos efetivos escolares em quase 200 % na década atual. A esta expansão, contudo, não corresponde melhoria dos padrões de ensino em virtude de sensível *deficit* de pessoal docente qualificado. Estima-se que pouco mais de 20 % dos professôres da escola média possuem formação especializada em faculdade de filosofia. Embora essas faculdades sejam numerosas (mais de uma centena) e abriguem quase 30 % da população escolar superior brasileira, o número de seus diplomados é insuficiente para atender ao crescimento do ensino de nível médio. Aliás, para fazermos uma idéia exata do problema da escassez de professôres licenciados, deveríamos analisar a situação, levando-se em conta a distribuição desigual das faculdades pelo território nacional, os tipos de cursos em funcionamento bem como a evasão continua dos quadros do magistério secundário.

Das 88 faculdades de filosofia existentes em 1964, 52 se achavam localizadas em apenas seis Estados: Guanabara, São Paulo, Estado do Rio, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, perfazendo o total de 80 % da matrícula nacional. Estas proporções continuam pràticamente inalteradas. No que se refere à distribuição da matrícula pelos diferentes cursos das faculdades de filosofia, as estatísticas de 1966 acusavam os seguintes percentuais: — 10.330 alunos nos cursos de Letras; ou 23,1 %; 9.094 em Pedagogia, ou 20,3 %; 4.446 em História, ou 9,9 %; 3.647 em Ciências Sociais, ou 8,1 %; 3.157 em Filosofia, ou 7 %; 2.686 em Geografia, ou 6 %; 2.618 em Matemática, ou 5,8 % 2.212 em História Natural, ou 4,9 %; 1.322 em Biologia, ou 3 %; 1.157 em Física, ou 2,6 %; 857 em Química, ou 1,9 %. Ressalta neste quadro o tremendo *deficit* de professôres de ciências, um dos pontos críticos de nossa escola de segundo grau. Em 1967, as conclusões nas diferentes licenciaturas não alcançaram o total de sete mil, sendo

que apenas 171 alunos se formaram em Física e 105 em Química. Acresce, aida que sòmente uma parte dêstes diplomados se destina ao magistério da escola secundária. Êstes dados nos mostram que, nas condições atuais, não podemos resolver o problema da escassez de professôres qualificados pelo processo normal das licenciaturas. Temos de apelar para soluções de emergência.

O problema tem preocupado o Conselho Federal de Educação desde os primórdios de seu funcionamento. Em 1964, foi aprovada uma indicação na qual se acentuava a necessidade de uma política vigorosa e eficaz de formação de professôres a curto prazo, com a qualificação indispensável para tornar possível a expansão quantitativa sem graves prejuízos para a qualidade do ensino. Impunha-se treinar o maior número de docentes com o mínimo de habilitação necessária e no menor tempo possível. Visando êsse objetivo, o Conselho criou três licenciaturas polivalentes com duração de três anos, capazes de formar todo o professorado para o primeiro ciclo e propunha a utilização sistemática dos exames de suficiência precedidos de cursos intensivos de um semestre, pelo menos. As licenciaturas começaram a funcionar a partir de 1966 e já se difundiram pelas diferentes regiões do País. A Diretoria do Ensino Secundário instituiu, seguindo as recomendações do Conselho, em convênio com as faculdades de filosofia, um programa de treinamento intensivo para os exames de suficiência. Todavia, a produção de professôres por êstes processos está longe de acompanhar o ritmo de crescimento da escola média. Ainda êste ano, levantamento feito numa área do interior do Rio Grande do Sul, compreendendo cêrca de 150 estabelecimentos registrava mais de 50 % de seu corpo docente sem a habilitação legalmente requerida, seja por faculdade de filosofia ou por suficiência. A proporção de professôres com autorização a título precário é ainda maior nas regiões menos desenvolvidas do País.

Vale observar, de passagem, que o problema da constituição de um bom professorado para o ensino de segundo grau depende de muitos outros fatores que ultrapassam o plano puramente educacional. Sobretudo fatores ligados às condições econômicas e ao *status* da profissão. Muitos licenciados se destinam à escola secundária como situação provisória, ini-

cio de carreira que se abandonará na primeira oportunidade. Outros fazem do magistério uma simples atividade complementar. Nas condições atuais da vida do professor de nível médio exercer a profissão com entusiasmo e eficiência é da ordem do desprendimento e do sacrifício. Dêste modo, o problema de se assegurar o padrão elevado do magistério não depende sòmente do processo de sua formação, mas está igualmente vinculado à situação sócio-econômica. Como proclamam hoje os americanos, empenhados no aperfeiçoamento de seu corpo docente, a raíz do problema é ainda de ordem financeira e o salário é o fator importante para atrair pessoal competente. Numa economia em processo de desenvolvimento na qual as oportunidades ocupacionais para trabalhadores intelectuais qualificados são freqüentes e bem remunerados, é evidente que os melhores elementos tendem fatalmente a deixar o ensino por outras ocupações mais rendosas. Nas áreas de maior desenvolvimento os licenciados são atraídos pelas profissões mais lucrativas de setor terciário e mesmo alguns são absorvidos pela indústria. A conseqüência inevitável é que a escola média se vê desprovida dos melhores diplomados pelas faculdades de filosofia. Será inútil todo esfôrço para melhorar o nível profissional do corpo docente se ao mesmo tempo, não providenciarmos uma remuneração condigna.

Certamente, do ponto de vista técnico-pedagógico, cabe ao educador sugerir medidas eficazes que acelerem a produção de mestres qualificados. Sob êsse aspecto a licenciatura de um ano proposta pela Comissão do "PREMEM", como solução de emergência e especificamente destinada ao programa já mencionado, apresenta manifestas vantagens sôbre as licenciaturas polivalentes e os cursos preparatórios para os exames de suficiência. Com efeito, a nova licenciatura por ser de mais curta duração possibilita o treinamento de professôres em tempo hábil para atender às metas de expansão dos novos ginásios, fixadas pelo "PREMEM". O período de um ano seria compensado por se tratar de curso ministrado em regime intensivo de tempo integral, sem o caráter de polivalência. Aliás, a duração prevista de 1.600 horas correspondente a três quartos das licenciaturas de Letras e Estudos Sociais e aproximadamente dois têrços da Licenciatura de Ciências.

Comparada com os cursos preparatórios dos exames de suficiência, a licenciatura sugerida tem a vantagem de oferecer formação mais eficiente e aprofundada, evitando-se ainda as restrições e resistênsias àqueles exames da parte de setores consideráveis dos corpos discentes e docentes das faculdades de filosofia. Além disso, eliminar-se-ia dualidade licenciatura-exame de suficiência, com certos inconvenientes que dai resultam. Assim, os portadores de certificados de suficiência que, legalmente, só poderiam lecionar onde houvesse falta de licenciados, na prática, terminam assimilados aos portadores de licenciatura.

O sistema proposto se assemelha, em alguns aspectos, à experiência dos *Emergency Training Colleges* praticada na Inglaterra logo depois da guerra. Quando o *Educational Act* de 1944, elevou para 15 anos a idade escolar obrigatória, tratou-se imediatamente de programar o treinamento de professôres a curto prazo, em número suficiente para suprir as novas classes. Estudos feitos sôbre o assunto concluiram que o curso intensivo de um ano, perfazendo o total de 48 semanas de trabalhos escolares, poderia oferecer formação satisfatória, desde que se procedesse a uma seleção adequada dos candidatos e após o término do curso fôsse proporcionado treinamento complementar em serviço. Assim, de 1945 a 1950 funcionaram 55 "colégios de emergência" produzindo cêrca de trinta mil professôres qualificados, permitindo a expansão escolar sem afetar a qualidade do ensino.

Estas considerações nos induzem a ter como válida e oportuna a modalidade de licenciatura proposta pela Comissão do "PREMEM". Licenciatura que será de grande utilidade no processo de formação de professôres a curto prazo, para a escola fundamental de oito anos que se cogita instituir, com o objetivo de cumprir o preceito constitucional que torna obrigatória a escolarização dos 7 aos 14 anos.

Dado o caráter especial de tais licenciaturas entendemos que devem ser aprovadas pelo Conselho a título de curso experimental na forma do art. 104 da Lei de Diretrizes e Bases. Assim sendo, deverá o "PREMEM" submeter à aprovação do Conselho, plano pormenorizado de cada licenciatura compreendendo: currículo, programação dos trabalhos escolares, cri-

térios de seleção dos candidatos, exigências para recrutamento dos professôres, modêlo dos convênios.

Desde logo, fazemos as seguintes sugestões:

1. As licenciaturas, com a duração de 1.600 horas, devem ser ministradas no período letivo de 204 dias ou 34 semanas de trabalho escolares. Desta forma, o dia de trabalho teria menor carga horária.

2. Na organização do currículo seria mais razoável atribuir 60 % às matérias de conteúdo e 40 % à formação pedagógica.

3. Deveria ser previsto treinamento complementar dos professôres, em serviço, diplomados nestas licenciaturas.

Em conclusão, opinamos favoràvelmente pela aprovação das licenciaturas propostas pela Comissão Nacional do "PREMEM", nos têrmos dêste Parecer.

Parecer da Câmara — A Câmara de Ensino Superior aprova o voto do Relator.

S. S., em 2-dezembro-1969, (a) Newton Sucupira, Presidente da C.E.Su., relator.

☆

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO CY – Parecer sobre os planos dos cursos de Licenciaturas de Curta Duração propostos pelo PREMEM (Documenta 113/1970).

PARECERES DIVERSOS

PLANO DE LICENCIATURAS EM CARÁTER EXPERIMENTAL PROPOSTO PELO PREMEM

Parecer n.º 255/70 — C.E.Su., aprovado em 7-abril-1970. (Proc. 348/70 — CFE).

O Par. 912/69 ao examinar o projeto elaborado pela Comissão Nacional do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (PREMEM), visando a instituir licenciaturas de curta duração, em regime intensivo, e destinadas especialmente à formação de professôres para o tipo de ginásio criado por aquêle Programa, assim concluiu:

> "Dado o caráter especial de tais licenciaturas entendemos que devem ser aprovadas pelo Conselho a título de curso experimental na forma do art. n.º 104 da Lei de Diretrizes e Bases. Assim sendo, deverá o PREMEM submeter à aprovação do Conselho plano pormenorizado de cada licenciatura compreendendo: currículo, programação dos trabalhos escolares, exigências para recrutamento dos professôres, modelos dos convênios".

Sugeria, ainda, o parecer que as licenciaturas, com a duração de 1.600 horas, deveriam ser ministrados no período letivo de 204 dias ou 34 semanas de trabalhos escolares, em vez dos 180 dias como fôra proposto; e na organização do currículo seria mais razoável atribuir 60% às disciplinas de conteúdo e 40% à formação pedagógica.

Atendendo a essas exigências, o PREMEM vem agora submeter à aprovação do Conselho o plano pormenorizado dos cursos de licenciatura, compreendendo todos os itens discriminados no parecer citado, os quais passamos a examinar.

Currículo

O currículo das licenciaturas abrange os elementos básicos da formação do professor, na forma exigida pelo Conselho: disciplinas

de conteúdo específico de cada licenciatura e parte relativa à formação pedagógica. Foram acrescentadas, ainda, duas disciplinas comuns a tôdas as licenciaturas: Estudos Brasileiros, por determinação do Decreto-lei 869, de 12-9-1969 e por ser julgada necessária para dar ao futuro professor uma perspectiva da realidade brasileira; e Complementos de Português.

A formação pedagógica compreende as matérias fixadas pelo Conselho: Psicologia da Educação; Estrutura e Funcionamento do Ensino de Segundo Grau; Didática e Prática de Ensino com o respectivo estágio.

O currículo de cada licenciatura se resume ao mínimo indispensável para formar o aluno na disciplina que vai ensinar. Assim temos: *Licenciatura em Português*: Língua Portuguêsa e Literatura Brasileira, incluindo elementos sôbre origens e influências portuguêsas. *Licenciatura em Francês*: Língua Portuguêsa, Língua Francesa e Literatura Francesa. *Licenciatura em Inglês*: Língua Portuguêsa, Língua Inglêsa e Literatura Anglo-Americana. *Licenciatura em Geografia*: Geografia Física, Geografia Humana e Econômica; Geografia Regional e Geografia do Brasil. *Licenciatura em História*: História Geral, História do Brasil e Fundamentos de Sociologia, Economia e Política. *Licenciatura em Matemática*: Fundamentos de Matemática Elementar, Álgebra e Noções de Geometria Analítica, Geometria e Noções de Trigonometria. *Licenciatura em Ciências*: Física, Química, Biologia, Geociências e Complementos de Matemática. Esta última engloba as noções fundamentais de tôdas essas ciências porque tem por finalidade preparar o aluno para o ensino das disciplinas: Iniciação à Ciência e Ciências Físicas e Biológicas, constantes do currículo do 1.º ciclo da escola de grau médio.

Programação dos Trabalhos Escolares — As licenciaturas serão ministradas num total de 1.600 horas com 8 horas de trabalho escolar diário. Neste particular, temos uma observação a fazer. O Par. 912/69 determina que o período letivo deve ser de 204 dias ou 34 semanas de trabalhos escolares e não "de aproximadamente 34 semanas" como está escrito no plano.

Quanto à carga horária atribuída à formação pedagógica e às disciplinas de conteúdo foram adotados os percentuais indicados pelo parecer. É verdade que a disciplina Estudos Brasileiros, com

80 horas, foi incluída na carga horária reservada para as disciplinas pedagógicas, de modo que estas ficaram, a rigor, com 35% da duração total. A redução em 5% não afeta substancialmente a formação pedagógica, pelo que nada temos a objetar.

O Plano prevê que "nos cursos de licenciaturas serão desenvolvidas atividades que impliquem participação efetiva dos futuros professôres, individualmente ou em grupo. Estas atividades, que também incluirão seminários, painéis, estudo supervisionado, etc. substituirão, em pelo menos 5% do tempo destinado a cada disciplina, as formas meramente expositivas de ensino". Também está previsto que "durante todo curso, em tôdas as disciplinas, dever-se-á expor os futuros professôres à moderna tecnologia da educação, paralelamente ao emprêgo de seus recursos, nas aulas que derem durante o curso da licenciatura". Houve, da parte dos responsáveis pela elaboração do Plano, todo empenho na aplicação de modernos métodos didáticos na ministração dos cursos.

Seleção dos Candidatos — Os candidatos às licenciaturas, possuidores de certificado de conclusão do ciclo colegial ou equivalente, deverão submeter-se a concurso vestibular "de caráter classificatório abrangendo obrigatòriamente provas intelectuais e, a critério da Universidade, também exames psicológicos e a análise da vida escolar".

Segundo uma das cláusulas do Modêlo de Convênio apresentado, o recrutamento dos candidatos aos cursos será feito por uma Comissão integrada por um representante da Universidade, um representante da Secretaria de Educação e Cultura e um representante da Comissão Estadual do PREMEM, designados, respectivamente, pelo Reitor, pelo Secretário de Educação e pela Comissão de Administração Nacional do PREMEM. A seleção ficará a cargo da Universidade obedecidas as normas estabelecidas no acôrdo.

Os candidatos classificados assumirão o compromisso de dedicar-se ao curso em tempo integral e, após conclusão satisfatória, aceitar sua designação, por um período mínimo de dois anos, para qualquer dos ginásios polivalentes do Estado, nas condçiões de trabalho e remuneração fixadas pela respectiva Secretaria de Educação. Aos alunos serão concedidas bôlsas de estudos e as turmas não excede-

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO CZ – Resolução que dispõe sobre a implantação da licenciatura única em Ciências (Documenta 171/1975).

Atos do Presidente do Conselho Federal de Educação

Resoluções

RESOLUÇÃO N.º 37, 14 DE FEVEREIRO DE 1975

Dispõe sobre a implantação progressiva do curso de licenciatura em Ciências, a que se refere a Resolução n.º 30/74.

O Presidente do Conselho Federal de Educação, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o que deliberou o Plenário ao aprovar a Indicação n.º 51/74, homologada pelo Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura,

RESOLVE:

Art. 1.º — O curso de licenciatura em Ciências, a que se refere a Resolução n.º 30/74, será implantado progresivamente e, a partir do ano letivo de 1978, tornar-se-á obrigatório como licenciatura única da área científica com habilitação geral em Ciências, para o ensino da respectiva área de estudo, predominante na escola de 1.º grau, e habilitações específicas em Matemática, Física, Química e Biologia, para o ensino das correspondentes disciplinas, predominantes na escola de 2.º grau.

Parágrafo único — No curso único de Ciências disciplinado pela Resolução n.º 30/74 deverão converter-se, no prazo estabelecido por este artigo, as anteriores licenciaturas em Ciências (polivalente), Matemática, Física, Química e Ciências Biológicas reguladas pelas Resoluções Oriundas dos Pareceres n.ºs 295/62, 296/62, 297/62, 81/65 e 107/69.

Art. 2.º — Para a conversão a que se refere o Artigo 1.º, consideram-se três hipóteses seguintes:

I — a instituição já ministra a anterior licenciatura polivalente em Ciências e não possui qualquer licenciatura plena da área científica;

II — a instituição já ministra uma ou mais licenciaturas plenas da área científica e não possui a licenciatura em Ciências;

III — a instituição já ministra a licenciatura polivalente em Ciências e possui uma ou mais licenciaturas plenas da área científica.

Parágrafo único — Considera-se igualmente que a instituição pretende organizar a nova licencitura:

a) em curta duração ou duração plena, na hipótese do inciso I, ou em ambas as modalidades;

b) em duração plena, com habilitações correspondentes aos cursos que ministrava, ou com o caráter de terminalidade em curta duração, na hipótese do inciso II, ou em ambas as modalidades;

c) com o caráter de terminalidade em curta duração, ou em duração plena com habilitações correspondentes aos cursos que ministrava, na hipótese do inciso III, ou em ambas as modalidades.

Art. 3.º — Em qualquer das hipóteses do artigo anterior, a instituição deverá submeter ao Conselho competente as modificações de Regimento e a comprovação dos eventuais acréscimos de pessoal docente, instalações, laboratórios e outros equipamentos e biblioteca, decorrentes do novo currículo que irá desenvolver.

§ 1.º — Aos processos de conversão não se aplicam os formulários constantes das normas em vigor para autorização e reconhecimento de cursos superiores, somente exigindo-se a designação de Comissão Verificadora quando, a juízo do Relator, houver

modificação substancial em matéria de instalações, laboratórios e outros equipamentos e biblioteca.

§ 2.º — O número de vagas da nova licenciatura será igual à soma das vagas anteriormente fixadas para os cursos nela integrados.

Art. 4.º — A nova licenciatura ficará autorizada e sujeita a reconhecimento, ou desde logo reconhecida, conforme estejam em regime de autorização ou de reconhecimento dos cursos anteriores.

§ 1.º — Na hipótese do inciso I, do artigo 2.º, quando a instituição pretenda ministrar a licenciatura em duração plena, as habilitações que se criem ficarão sempre autorizadas, ainda que esteja reconhecida a anterior licenciatura de curta duração sobre a qual se assentem.

§ 2.º — Nas hipóteses dos incisos II e III do artigo 2.º, quando a instituição pretenda ministrar a licenciatura com terminalidade em curta duração, esta modalidade criada ou mantida ficará sempre reconhecida se reconhecida estiver, na data em que se apresentar o pedido de conversão, pelo menos um dos cursos de duração plena integrados como habilitações.

Art. 5.º — A conversão de que se trata, implicará sempre a alteração de atos anteriores e em conseqüência, somente se tornará efetiva quando aprovada em final instância pelo Sr. Presidente da República e declarada por decreto, na forma do que estabelece o artigo 47 da Lei n.º 5.540, de 28 de novembro de 1968.

Parágrafo único — O parecer do órgão competente indicará o regime — autorização ou reconhecimento — em que a nova licenciatura continuará ou passará a ser ministrada, a fim de que esta circunstância venha a ser consignada no decreto.

Art. 6.º — A criação de novas habilitações, além das resultantes de licenciaturas preexistentes de duração plena, só poderá ser feita após ultimada a conversão de que ora se cogita, observando-se no respectivo processo o disposto no artigo 3.º da presente Indicação e no item 6.4 da Indicação n.º 22/72.

Art. 7.º — Não serão criados ou autorizados a funcionar, a partir da vigência da presente Resolução, novos cursos de licenciatura em Ciências (polivalente), Matemática, Física, Química e Ciências Biológicas, organizados pela sistemática anterior à da Resolução n.º 30/74, ficando os atos que os disciplinaram, indicados no parágrafo único do artigo 1.º, revogados a partir de 1.º de março de 1978.

Art. 8.º — Esta Resolução entrará em vigor a partir de 1975, revogadas as disposições em contrário.

P. José Vieira de Vasconcellos — Presidente.

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO DA – Primeiro pedido de reconhecimento do curso de Licenciatura em Matemática da UFRN, *campus* Natal (Documenta 179/1976).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE — RN

Reconhecimento dos cursos de Ciências Biológicas (licenciatura), Química (licenciatura), Matemática (licenciatura) e Ciências Econômicas

Parecer n.º 3.315/76
CESu, 2.º Grupo
Aprovado em 4/10/76
Processos n.ºs 001.252-53-54-55/76

I — RELATÓRIO

1 — **Preliminares**

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), solicita ao Conselho Federal de Educação o reconhecimento dos cursos de Ciências Biológicas (licenciatura), Química (licenciatura), Matemática (licenciatura) e Ciências Econômicas.

Foram designadas duas Comissões Verificadoras pelas Portarias números 93 e 97 de 1976, para fazerem a verificação in loco das condições de funcionamento dos cursos.

Com o objetivo de sumariar os dados mais relevantes constantes nos formulários, bem como no relatório da Comissão Verificadora, a Assessoria Técnica faz as seguintes observações.

2 — **Dados sobre a Universidade**

A atual Universidade Federal do Rio Grande do Norte originou-se em congênere criada pela Lei Estadual n.º 2307, de 25 de junho de 1958. Dois anos após sua criação Inicial. a Lei n.º 3849, de 18 de dezembro de 1960 federalizou a Universidade, que é uma autarquia do regime especial. vinculada ao Ministério da Educação e Cultura.

Com o objetivo de adaptar-se aos dispositivos da Reforma Universitária. o Decreto n.º 62091, de 9 de janeiro de 968, do Plano de Reestruturação, estrutura a Universidade em Centros e Unidades de Ensino. Porém, o Decreto n.º 74211, de 24 de junho de 1974, modifica a estrutura da universidade passando a constituir-se de centros compostos pelos departamentos. Assistindo as atividades dos centros, há órgãos auxiliares e suplementares.

O Estatuto da UFRN já foi objeto de apreciação por parte deste colegiado pelos pareceres n.ºs 4083/74 e 480/75, bem como seu Regimento Geral, pelo Parecer n.º 760/75.

Torna-se desnecessário fazer a análise de aspectos relativos à idoneidade patrimonial e financeira da mantenedora, no caso o Ministério da Educação e Cultura.

3 — **Dados sobre os cursos**

3.1. **Atos de criação**

Os cursos de Ciências Biológicas Química e Matemática foram autorizados a funcionar pelo Conselho Universitário quando da criação das unidades de ensino respectivas e aprovação de seus Regimentos. Nos dois primeiros casos, a criação das unidades de ensino resultou do Decreto n.º 62021/68, que aprovou a reestruturação da UFRN. No caso do curso de Matemática, a criação do Instituto de Matemática remonta a 1964, tendo sido a unidade criada pelo próprio Conselho Universitário (Resolução n.º 107/64). O curso de Ciências Econômicas foi autorizado a funcionar pelo Decreto n.º 1201 de 19/06/1962

3.2. **Condições Materiais**

3.2.1. Curso de Ciências Biológicas (licenciatura). A comissão verificadora diz em seu relatório que o "curso de Ciências Biológicas, licenciatura, funciona nas dependências do Centro de Ciências da Saúde, localizado no centro da cidade de Natal.

As instalações são precárias, os edifícios antigos, mal conservados pouco iluminados e arejados, não havendo projeto de conservação e modificações de obras, vez que há expectativa de mudança para o Campus Universitário".

Não há nenhuma referência, no processo, quanto aos laboratórios utilizados pelo curso. A Comissão Verificadora explicita: "quanto aos equipamentos existentes e enecessários para as práticas de ensino das disciplinas fundamentais estão alicerçados no convênio MEC-RDA. Alguns equipamentos já apresentam as deficiências normais e inerentes a este tipo de equipamento, principalmente pela dificuldade em sua boa manutenção e assistência técnica, inclusive declarada pelo corpo docente".

Biblioteca

O acervo bibliográfico acha-se dividido entre as bibliotecas Central e setoriais dos Centros de Tecnologia, Ciências Exatas e Naturais, da Saúde.

O acervo específico para o curso existente na biblioteca central é de 939 títulos e 1633 volumes. A biblioteca setorial do Centro de Ciências da Saúde, possui um acervo específico para o curso em questão de 342 títulos e 820 volumes. O acervo total da biblioteca central é de 34.427 volumes.

A Comissão Verificadora informa que verificando o acervo por amostragem e visitando as instalações das bibliotecas central e setoriais, comprovou que, apesar do grande número de volumes existentes há carência de títulos atualizados em quantidade e qualidade".

3.2.2. **Curso de Química** (licenciatura)

Está instalado no Centro de Ciências Exatas e Naturais, no Campus Universitário e na Av. Nilo Peçanha (centro da cidade). Segundo a Comissão Verificadora "as condições de funcionamento são boas, com instalações modernas e funcionais".

Com relação aos laboratórios, o processo não especifica os utilizados para o curso. Com relação aos equipamentos, embora não relacionados no processo, a Comissão Verificadora se pronunciou informando a falta de diversificação, com deficiência em quantidade e qualidades. Os equipamentos, praticamente todos procedentes da Alemanha Oriental (convênio MEC/RDA) se encontram defeituosos por falta de assistência técnica adequada".

Biblioteca

Enfocada na perspectiva de recurso bibliográfico específico para o curso, existe na biblioteca central, um número global de 1279 títulos e 2758 exemplares.

A comissão "notou a falta de atualização dos títulos dos livros, fato salientado pelo corpo docente e discente".

3.2.3. **Curso de Matemática)** (licenciatura)

Está instalado no Centro de Ciências Exatas e Naturais. Conforme pronunciamento da Comissão Verificadora, as instalações do Campus Universitário onde funciona o curso de Matemática oferecem boas condições de funcionamento.

Biblioteca

O acervo específico para o curso é 1.416 títulos e 2.892 volumes, sendo o número de volumes dado pela Comissão Verificadora.

A mesma Comissão informou que "o acervo está aquém das necessidades reais do curso. Quanto aos periódicos, existe apenas uma assinatura.

A Comissão verifciou que não estaria havendo atualização do acervo, porém, informa que foi aprovado um convênio com o BID para a aquisição de livros e periódicos, no quadriênio 1976/1979.

3.2.4. **Curso de Ciências Econômicas**

Funciona no Centro de Ciências Sociais Aplicadas, oferecendo boas condições de funcionamento.

Biblioteca

O curso de Ciências Econômicas possui um acervo específico da Biblioteca Central de 2.446 títulos e

3.114 volumes. Informa a comissão que o número de periódicos é insuficiente.

As providências tomadas para a atualização do acervo foram efetivadas com celebração do convênio com o BID para a aquisição dos livros e periódicos, em 1975/1979.

3.3. **Estrutra e Funcionamento**

3.3.1. **Curso de Ciências Biológicas** (licenciatura)

O currículo pleno do curso foi fixado pela Resolução n.º 58/73, do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa (CONSEPE).

O currículo pleno do curso, tem uma duração de 2.500 h/a equivalendo a 163 créditos integralizados no mínimo de (3) três, e no máximo de cinco (5) anos. É constituído de disciplinas obrigatórias distribuídas entre o 1.º ciclo e o ciclo profissional e disciplinas complementares, dentre seus alunos devem obter 23 créditos para a conclusão do curso.

O ingresso no curso é feito pela seleção de concurso vestibular. No formulário modelo específico, não há dados sobre o histórico do curso, contudo a Comissão Verificadora em seu relatório informa, que no ano de 1970 foram oferecidas 35 vagas e que no ano de 1976 estão "informando" que oferecem 20 vagas, mas em realidade não são para o curso de Ciências Biológicas, licenciatura.

Por falta de informação, a Comissão Verificadora não pode ter a "exata noção do histórico do curso".

3.3.2. **Curso de Química** (licenciatura)

O currículo pleno do curso apresenta divergência.

No formulário modelo específico não aparecem as matérias do currículo mínimo: Química Geral e Noções de Química Biológica. Este currículo tem a duração de 2.985 h/a. Por este currículo as matérias Pedagógicas não perfazem 1/8 da duração do curso, sendo a carga horária de 240 h/a (ver Anexo 1).

Já a Comissão Verificadora informa que o currículo pleno desenvolvido é o constante do anexo 1.A.1, onde aparecem disciplinas relacionadas no anexo 1.A, como Cristalografia, Mineralogia, Química Orgânica II, Análise Orgânica e Química Geral II.

Por este currículo as disciplinas do 1.º ciclo totalizam 1.380/h/a, as do ciclo profissional, 1.320 h/a. Além dessas disciplinas há as complementares e destas a universidade ministra apenas 3 ou 4 e justifica que não oferece todas por carência de pessoal docente. A duração total é de 2.970 h/a, correspondendo a 194 créditos, integralizáveis no termo médio de 4 anos.

O vestibular é unificado, tendo o primeiro sido realizado no ano de 1970. Nos anos de 1975 e 1976 não houve vestibular para licenciatura em química. Em 1976 foram oferecidas 25 vagas para o curso de bacharelado em Química, porém no guia Acadêmico da Universidade dentre os cursos oferecidos consta o da licenciatura em Química, conforme assinala o relatório da Comissão Verificadora.

A Comissão Verificadora assinalou que da verificação das cadernetas de classe houve o desenvolvimento regular do programa das disciplinas.

Quanto aos históricos do ensino das disciplinas, são correspondentes ao currículo pleno.

3.3. **Curso de Matemática** (licenciatura)

No currículo pleno do curso não constam com a mesma denominação as seguintes matérias de currículo mínimo Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica. A Comissão Verificadora informa que apesar de não constar no currículo pleno a disciplina Didática, a mesma é ministrada, tendo sido registrada nos diários de classe.

O curso tem a duração de 2.835 horas aula, com o termo médio de 4 anos. A carga horária das matérias de formação pedagógica não totaliza 1/3 da carga horária do curso.

Segundo relatório da Comissão Verificadora as vagas oferecidas no Concurso Vestibular são em número de 25 e encontram-se matriculados no curso cerca de 91 alunos. Ao consultar os diários de classe foi comprovado o desenvolvimento satisfatório do programa das disciplinas.

3.3.4. **Curso de Ciências Econômicas**

O currículo pleno do curso está estruturado em conformidade com a Resolução n.º 8, de fevereiro de 1963.

A direção total do curso em horas é de 3.210 horas/aula, com a duração média de 4 anos.

O primeiro concurso vestibular foi realizado em 1962, com um oferecimento de vagas de 50. No ano de 1976 foram oferecidas 65 vagas, no ano de 1975 estavam matriculados no curso 453 alunos.

Com referência aos programas das disciplinas constantes nos formulários, segundo informação da Comissão Verificadora, o conteúdo é discrepante dos programas constantes em anexo ao processo. Ressalta também que os programas apresentados são tecnicamente mal elaborados.

3.4. **Corpo Docente**

São apresentados os seguintes professores como responsáveis pelo ensino das disciplinas do currículo pleno:

Curso de Ciências Biológicas (licenciatura)

01 — **Alcina Marieta Lima** — Botânica I e II — Pode ser aceita.

02 — Antônia Fernandes de Melo — Técnicas Audio-Visuais em Educação — Pode ser aceita.

03 — **Benedito Tadeu Vasconcelos Freire** — Elementos de Matemática — Pode ser aceito.

04 — **Cléa Monteiro Bezerra de Melo** — Metodologia da Ciência — Pode ser aceita.

05 — **Denise de Felippes Oliveira Afonso** — Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1.º e do 2.º Graus — Pode ser aceita.

06 — **Francisco Renato de Sá Benevides Filho** — Genética e Evolução II — Pode ser aceito.

07 — **Geraldo dos Santos Queiroz** — Teoria da Comunicação — Pode ser aceito.

08 — **Hanna-Yousef Emile Safieh** — Físico-química — Pode ser aceita.

09 — **Hiran Diogo Fernandes** — Anatomia V — Pode ser aceito.

10 — **Horácio Accioly Júnior** — Educação Física — Pode ser aceito.

11 — **José Aribaldo de Carvalho** — Ecologia.

12 — **José Bartolomeu Correia de Melo** — Fundamentos de Química — Pode ser aceito.

13 — **José Crispim** — Antropologia I e III — Pode ser aceito.

14 — **José Damásio dos Santos** — Histologia IV — Pode ser aceito.

15 — **José Fernandes de Paiva** — Bioquímica IV — Pode ser aceito.

16 — **José Valmar Nunes** — Zoologia I e II — Pode ser aceito.

17 — **Lélia Santiago Teixeira** — Língua Portuguesa I — Pode ser aceita.

18 — **Leopoldo Nelson de Souza Leite** — Fisiologia I — Pode ser aceito.

19 — **Luiz Pereira da Silva** — Biofísica I — Pode ser aceito.

20 — **Marco Aurélio Gonzaga de Souza** — Biologia — Pode ser aceito.

21 — **Maria Isaura de Medeiros Pinheiro** — Didática II — Medidas Educacionais — Pode ser aceita.

22 — **Maria Otília Fernandes de Queiroz** — Introdução à Educação — Pode ser aceita.

23 — **Maria do Socorro Lima** — Geologia Geral II (Geomorfologia) — Pode ser aceita.

24 — **Ney da Silva Gurgel** — Física Geral e Experimental — Pode ser aceito.

25 — **Paulo César Formiga Ramos** — Elementos de Estatística — Estatística Aplicada à Educação — Pode ser aceito.

26 — **Renira Mota de Lucena** — Sociologia I — Pode ser aceita.

27 — **Severino Fernandes de Oliveira** — Estudo de Problemas Brasileiros — Pode ser aceito.

28 — **Teresinha de Almeida Freitas** — Química Orgânica I, II e III — Pode ser aceita.

29 — **Pedro Nicola de Araújo Papaléo** — Elementos de Matemática — Pode ser aceito.

30 — **Abigail de Andrade Souza** — Psicologia da Educação IV — Pode ser aceita.

Curso de Química

1 — **Abigail de Andrade Souza** — Psicologia da Educação — Pode ser aceita.

2 — **Almir Sena Martins Menezes Filho** — Elementos de Matemática — Pode ser aceito.

3 — **Cléa Monteiro Bezerra de Melo** — Metodologia da Ciência — Pode ser aceita.

4 — **Denise de Felippes Oliveira Afonso** — Estrutura e Funcionamento do Ensino 1.º e 2.º Graus — Pode ser aceita.

5 — **Dirceu Victor Gomes de Hollanda** — Estatística I — Pode ser aceito.

6 — **Edilson Pereira Pinto** — Química Inorgânica — Pode ser aceito.

7 — **Geraldo dos Santos Queiroz** — Técnicas Audio-Visuais em Educação — Pode ser aceito.

8 — **Hanna Yousef Emile Safieh** — Física Química I e II — Cristalografia — Mineralogia — Pode ser aceita.

9 — **Horácio Accioly Júnior** — Educação Física — Pode ser aceito.

10 — **João Wildes do Nascimento** — Cálculo I — Pode ser aceito.

11 — **José Bartolomeu Correia de Melo** — Química Geral I e II — Pode ser aceito.

12 — **José Cláudio de Moraes Melo** — Introdução à Economia — Pode ser aceito.

13 — **José Cordeiro de Farias Neto** — Cálculo II — Pode ser aceito.

14 — **José Eduardo de Almeida Moura** — Iniciação à Pesquisa — Pode ser aceito.

15 — **Juarez Pascoal de Azevedo** — Elementos de Física — Física Geral I — Pode ser aceito.

16 — **Liacir dos Santos Lucena** — Física Geral II — Pode ser aceito.

17 — **Maria Elza Fernandes de Sena** — Didática — Pode ser aceita.

18 — **Maria Otília Fernandes de Queiroz** — Introdução à Educação — Prática de Ensino de Química I e II — Pode ser aceito.

19 — **Óton Anselmo de Oliveira** — Elementos de Química — Pode ser aceito.

20 — **Pedro Nicola Araújo Papaléo** — Álgebra Linear I — Pode ser aceito.

21 — **Severino Fernandes de Oliveira** — Estudo de Problemas Brasileiros — Pode ser aceito.

22 — **Terezinha de Almeida Freitas** — Química Orgânica I, II e III — Análise Orgânica — Pode ser aceita.

23 — **Vicente Dutra de Souza Neto** — Química Analítica I e II — Análise Instrumental I e II — Pode ser aceito.

Curso de Matemática

1 — **Abigail de Andrade Souza** — Psicologia da Educação — Pode ser aceita.

2 — **Alax Jorge Morais** — Álgebra Linear I — Álgebra Linear II — Pode ser aceito.

3 — **Benedito Tadeu Vasconcelos Freire** — Álgebra I e II — Pode ser aceito.

4 — **Cláudio Carlos Dias** — Análise I — Funções de Variáveis Complexas — Pode ser aceito.

5 — **Cléa Monteiro Bezerra de Mello** — Metodologia da Ciência — Pode ser aceita.

6 — **Denise de Felippes Oliveira Afonso** — Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1.° e 2.° graus — Pode ser aceita.

7 — **Dirceu Victor Gomes de Holanda** — Estatística I e II — Pode ser aceito.

8 — **Eudenilson Lins de Albuquerque** — Física Geral — Pode ser aceito.

9 — **Geraldo dos Santos Queiroz** — Técnicas Audio-Visuais em Educação — Pode ser aceito.

10 — **Gilvan Trigueiro** — Cálculo Numérico — Pode ser aceito.

11 — **Horáilo Accioly Júnior** — Educação Física — Pode ser aceito.

12 — **João Felipe de Trindade** — Prática de Ensino de Matemática — Topologia — Pode ser aceito.

13 — **João Wildes do Nascimento** — Cálculo I — Pode ser aceito.

14 — **Joaquim Elias de Freitas** — Teoria da Computação — Pode ser aceito.

15 — **José Bartolomeu Correia de Melo** — Química Geral — Pode ser aceito.

16 — **José Cláudio de Moraes Melo** — Introdução à Economia — Pode ser aceito.

17 — **José Cordeiro de Farias Neto** — Cálculo I e II — Pode ser aceito.

18 — **Juarez Pascoal de Azevedo** — Elementos de Física — Física Geral I — Pode ser aceito.

19 — **Liacir dos Santos Lucena** — Física Geral II — Pode ser aceito.

20 — **Malef Victorio de Carvalho** — Geometria Descritiva — Pode ser aceito.

21 — **Maria Otília Fernandes de Queiroz** — Introdução à Educação — Pode ser aceita.

22 — **Óton Anselmo de Oliveira** — Elementos de Química — Pode ser aceito.

23 — **Paulo César Formiga Ramos** — Desenho Geométrico — Geometria Descritiva.

24 — **Pedro Nicola Araújo Papaléo** — Equações Diferenciais Ordinárias — Elementos de Matemática — Pode ser acetio.

25 — **Severino Fernandes de Oliveira** — Estudo de Problemas Brasileiros — Pode ser aceito.

26 — **Eider Furtado de Mendonça e Menezes** — Direito Comercial — III.

Curso de Ciências Econômicas

1 — **Abigail de Andrade Souza** — Psicologia — Pode ser aceita.

2 — **Adilson Dantas** — Contabilidade de Custos I e II — Análise Macro — Economia I e II — Pode ser aceito.

3 — **Álax Jorge Morais** — Álgebra Linear I — Pode ser aceito.

4 — **Benedito Tadeu Vasconcelos Freire** — Elementos de Matemática I — Pode ser aceito.

5 — **Carlos Manoel Dantas da Silva** — Desenvolvimento Econômico I — Pode ser aceito.

6 — **Eider Tuscano de Moura** — Geografia Econômica, II.

7 — **Ezequias Pegado Cortez Neto** — Finanças Públicas — Administração de Pessoal — Pode ser aceito.

8 — **Fausto Pinheiro Neto** — História do Pensamento Econômico — Pode ser aceito.

9 — **Geraldo Guedes de Moura** — Administração Financeira e Orçamentária — Pode ser aceito.

10 — **Getúlio Alves da Nóbrega** — Análise Micro-Econômica I e II — Moedas e Bancos — Pode ser aceito.

11 — **Horácio Accioly Júnior** — Educação Física — Pode ser aceito.

12 — **Ivoncísio Meira de Medeiros** — Ciência Política — Pode ser aceito.

13 — **Jardelino de Lucena Filho** — Sociologia I e II — Pode ser aceito.

14 — **Joani Brito de Sá** — Contabilidade Nacional — Pode ser aceito.

15 — **João Batista Fernandes** — Introdução à Administração — Matemática Financeira — Introdução ao Processamento de Dados — Pode ser aceito.

16 — **João Wildes do Nascimento** Cálculo I — Pode ser aceito.

17 — **Jomar de Andrade Alecrim** — Projetos I e II — Pode ser aceito.

18 — **José Cláudio de Moraes Melo** — Introdução à Economia I e II — Pode ser aceito.

19 — **José Edurado de Almeida Moura** — Metodologia da Ciência — Pode ser aceito.

20 — **Josélia Maciel Teixeira** — Economia Internacional — Instituições e Estruturas de Economia Brasileira.

21 — **José de Ribamar Barros Lacerda** — Programação Orçamentária.

22 — **Lélia Santiago Teixeira** — Língua Portuguesa — Pode ser aceita.

23 — **Marcos César Formiga Ramos** — Política e Programação Econômica I e II — Desenvolvimento Regional — Pode ser aceito.

24 — **Maria Lúcia Sarinho Paiva** — Métodos e Técnicas de Pesquisa — Pode ser aceita.

25 — **Núbia Fernandes Martins de Sena** — Demografia — Pode ser aceita.

26 — **Odir da Costa Oliveira** — Contabilidade I e II — Pode ser aceito.

27 — **Paulo César Formiga Ramos** — Elementos de Estatística — Estatística Aplicada — Pode ser aceito.

28 — **Sebastião Figueiredo da Silva** — Mercadologia — Administração da Produção — Pode ser aceito.

29 — **Severino Fernandes de Oliveira** — Estudos de Problemas Brasileiros — Pode ser aceito.

30 — **Sid Marques Fonseca** — Análise de Balanços.

31 — **Eider Furtado de Mendonça e Menezes** — Direito Comercial.

I — VOTO DO RELATOR

Tendo em vista o exposto, é o Relator de parecer que o processo baixe em diligência para que se esclareçam os pontos seguintes:

A) **Curso de Ciências Biológicas** (licenciatura)

A.1 — **Situação dos laboratórios** utilizados nas aulas práticas, e respectivo equipamento: a interessada deve esclarecer áreas, instalações e equipamentos de cada laboratório; situação do equipamento; perspectivas de traslado do curso para o novo Campus.

A.2 — **Biblioteca:** demonstrar a adequação do acervo em livros, alistando, para cada disciplina, ao menos cinco títulos, dentre eles o texto recomendado pelo docente responsável; alistar ao menos um periódico internacional para as principais dis-

ciplinas do Curso (Citologia, Genética, Ecologia, Fisiologia, Bioquímica, Zoologia, Botânica), além das revistas Ciência e Cultura e Anais da Academia Brasileira de Ciências, e de pelo menos um período indexador de bibliografia biológica (como "Biological Abstracts" ou similar).

A.3 — **Currículo Pleno:** a carga horária deve ser calculada para atender o exigido no currículo mínimo (2.500 horas) sem contar Estudo de Problemas Brasileiros e Educação Física. É necessário manter a denominação de disciplinas de acordo com as matérias do currículo mínimo, evitando-se ambiguidade de equivalência (Resolução CFE n.º 85/70). A interessada deve indicar que providências vem tomando para adaptar-se à Resolução CFE n.º 30/74, que trata do currículo da nova licenciatura em Ciências.

A.4 — **Histórico do Curso:** forneça-se a documentação descritiva do histórico do curso, inclusive dados sobre a oferta de vagas em vestibular.

A.5 — **Corpo docente:** esclareça-se a especialização dos seguintes docentes para as disciplinas que lecionam:

— José Aribaldo de Carvalho — Ecologia

— José Valmar Nunes — Zoologia I e II.

Esclareça-se também quem são os responsáveis (e qual a sua titulação) para as disciplinas:

— Prática de Ensino de Biologia I e II

— Biogeografia

— Língua Inglesa I

— Problemas Sociais e Econômicos Contemporâneos.

B) **Curso de Química** (licenciatura)

B.1 — **Situação dos laboratórios:** mesmos esclarecimentos pedidos para Ciências Biológicas, exceto quanto à questão de mudança para o Campus.

B.2 — **Biblioteca:** mesmos esclarecimentos pedidos para Ciências Biológicas, substituindo-se as disciplinas, e considerando-se importantes, para efeitos de periódicos internacionais, as seguintes: Mineralogia, Química Orgânica, Química Inorgânica, Físico-Química, Bioquímica e Química Analítica. Apresente-se um indexador da bibliografia química internacional, além das revistas da SBPC e da Academia Brasileira de Ciências.

B.3 — **Currículo pleno:** esclarecer qual o currículo pleno vigente.

B.4 — **Histórico do Curso:** esclarecer a questão relativa aos exames vestibulares e oferta de vagas.

B.5 — **Corpo docente: esclarecer** quem são os docentes responsáveis (e sua titulação) nas disciplinas seguintes:

— Física Geral III

— Cálculo Numérico

C) **Curso de Matemática** (licenciatura)

C.1 — **Biblioteca:** mesmos esclarecimentos e exigências feitas para Ciências Biológicas e Química. Alistar por disciplina os livros e periódicos. Esclarecer o projetado convênio com o BID.

C.2 — **Currículo pleno:** esclarecer o currículo pleno vigente e a totalização de 1/8 da carga horária em matérias pedagógicas.

C.3 — **Corpo docente:** esclarecer a titulação do Professor Paulo César Formiga Ramos para o ensino de Desenho Geométrico e Geometria Plana. Indicar o professor responsável por Física Geral III (e sua titulação).

D) **Curso de Ciências Econômicas**

D.1 — **Biblioteca:** esclarecer a insuficiência de periódicos e o desenvolvimento do convênio com o BID para reforço da biblioteca.

D.2 — **Programa de Disciplinas:** esclarecer quais os efetivamente vigentes, se os presentes nos formulários, se os dos anexos.

D.3 — **Corpo docente:** esclarecer a titulação dos docentes abaixo, com vistas à especialização nas disciplinas que lecionam:

— Josélia Maciel Teixeira — Economia Internacional

— José Ribamar Barros Lacerda — Programação Orçamentária.

— Eider Furtado de Mendonça e Menezes — Direito Comercial III.

Eider Toscacno de Moura — Legislação Tributária e Instituições de Direito Público e Privado.

Outrossim, devem ser indicados docentes para as disciplinas História Econômica Geral e Formação Econômica.

A interessada tem o prazo de 90 (noventa) dias para dar cumprimento à diligência.

III — DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Ensino Superior, 2.º Grupo, aprova o voto do Relator.

Sala das Sessões, em 4 de outubro de 1976. — Tarcísio Meirelles Padilha — Presidente, Antônio Paes de Carvalho — Relator.

SOCIEDADE RIO-PRETENSE DE ENSINO SUPERIOR — SP

Reconhecimento do curso de Administração, da Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração de Empresas

Parecer n.º 3.322/76
CESu, 2.º Grupo
Aprovado em 5/10/76
Processo n.º 17.630/75

I — RELATÓRIO

O Diretor-Presidente da Sociedade Rio-pretense de Ensino Superior, mantenedora da Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração de São José do Rio Preto, SP, encaminhou a este Conselho pedido de reconhecimento do curso de Administração por ela mantido.

O curso foi autorizado a funcionar pelo Decreto n.º 68.401, de 23/03/71, oriundo do Parecer n.º 34/71. Pela Portaria n.º 32, de 27 de fevereiro de 1976, foi nomeada a Comissão Verificadora composta dos professores Tarcísio Soares Ferreira Moreira, da UFMG e João Debellian, da UFF.

Com base na documentação que instrui o processo e no relatório da Comissão Verificadora, a Assessoria Técnica apurou o funcionamento do curso.

1. **Condições Jurídicas e Fiscais da Mantenedora**

A mantenedora é uma sociedade civil, com sede e foro em São José do Rio Preto — Estado de São Paulo, criada em 02 de maio de 1961 e registrada no cartório de Registro de Pessoas Jurídicas no Livro A.1, às fls. 131v/132, sob n.º 179, em 15 de maio de 1963, tendo como objetivo a criação, instalação e manutenção de uma Faculdade de Ciências Econômicas e, posteriormente, de qualquer outro ramo de ensino superior ou instituição de fins culturais, com o mesmo ensino relacionados. (Ver cláusula segunda, de contrato social).

Em caso de dissolução e liquidação da sociedade, o patrimônio será destinado a uma fundação ou associação de idênticas finalidades e devidamente registrada no Conselho Nacional de Serviço Social (ver contrato de alteração de cláusula e condições).

A regularidade fiscal está devidamente comprovada.

A instituição mantém ainda o curso de Ciências Econômicas, reconhecido pelo Decreto n.º 65.775, de 04 de dezembro de 1969.

2. **Capacidade Patrimonial da Mantenedora**

A época de sua criação, o patrimônio da instituição era de Cr$ ..... 600.000,00 (seiscentos mil cruzeiros).

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO DB – Currículo aprovado quando do reconhecimento do curso de Licenciatura em Matemática da UFRN (Documenta 193/1976).

Disciplinas Complementares

Química Inorgânica II	75
Análise Instrumental II	90
Físico-Química III	75
Físico-Química IV	75
Espectroscopia Atôm. e Molecular	75
Química Quântica	75
Mecanismo de Reações Orgânicas	75
Química Macromolecular	75
Bioquímica III	135
Biofísica I	90
Enzim. e Tecnol. das Fermentações	90
Bromatologia	90
Física Geral IV	105
Estrutura da Matéria I	75
Estrutura da Matéria II	75
Cálc. Difer. e Integ. III	90
Esp. Vetor. e Teor. das Matrizes e Funções Ortogonais	90
Cálculo Numérico e Difer. Finitas	90
Fundamentos de Estatística	90

CURRÍCULO PLENO — CURSO DE MATEMÁTICA

Disciplinas	Carga horária
Disciplinas do 1.º Ciclo	
Fundamentos de Matemática	90
Fundamentos de Química	60
Introdução à Economia I	60
Metodologia da Ciência	90
Geometria Analítica e Cálculo Vetorial	95
Cálculo Diferencial e Integral I	95
Química Geral I	90
Física Geral I	105
Esp. Vetoriais, Teoria das Mat. e Funções Ortogonais	90
Cálculo Diferencial e Integral II	90
Cálculo Numérico e Diferenças Finitas	90
Física Geral II	105
Fundamentos de Estatística	90
Cálculo Diferencial e Integral III	90
Física Geral III	105
Estudo de Problemas Brasileiros	60
	1.305

Disciplinas do 2.° Ciclo

Álgebra I	90
Desenho Geométrico e Geometria Plana	90
Geometria Descritiva I	60
Introdução à Educação	60
Didática II	90
Psicologia da Educação IV	90
Prática de Ensino de Matemática I	45
Prática de Ensino de Matemática II	90
Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1.° Grau	60
Estrutura e Funcionamento do Ensino do 2.° Grau	60
Técnicas Audiovisuais de Educação	60
	825

Disciplinas Complementares

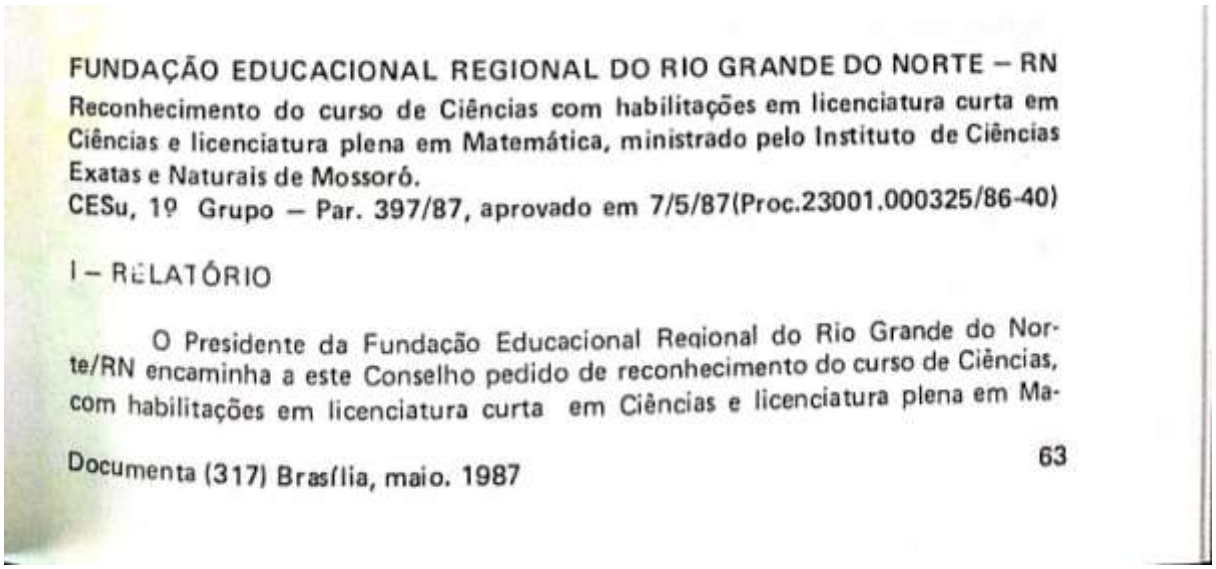
Análise Matemática I	90
Álgebra II	90
Equações Diferenciais Ordinárias	90
Funções de Variáveis Complexas	90
Topologia	90
Estatística Aplicada à Educação	60
Teoria da Comunicação	45

CURRÍCULO PLENO ATUAL — CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Disciplinas	Carga horária
Metodologia da Ciência	75
Língua Portuguesa	75
Sociologia I	60
Introdução à Economia I	60
Elementos de Matemática I	75
Psicologia	60
Ciência Política I	60
Elementos de Estatística I	75
Sociologia II	60
Introdução à Economia II	60
Estudo de Problemas Brasileiros	45
Introdução à Administração	60
Contabilidade I	60
Estatística Aplicada	75
Cálculo I	105
Contabilidade II	60
Hist. Econômica Geral e Formação Econômica do Brasil I	60
Hist. Econômica Geral e Form. Econômica do Brasil II	60
Geografia Econômica II	60
Contabilidade Nacional	60
Análise Microeconômica I	60
Análise Microeconômica II	60
Análise Macroeconômica I	60
Análise Macroeconômica II	60
Economia Internacional	60
Moedas e Bancos	60
História do Pensamento Econômico	60
Finanças Públicas	60

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO DC – Parecer de reconhecimento do curso de Licenciatura em Matemática da UERN (Documenta 317/1987).



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE – RN

Reconhecimento do curso de Ciências com habilitações em licenciatura curta em Ciências e licenciatura plena em Matemática, ministrado pelo Instituto de Ciências Exatas e Naturais de Mossoró.

CESu, 1º Grupo – Par. 397/87, aprovado em 7/5/87(Proc.23001.000325/86-40)

I – RELATÓRIO

O Presidente da Fundação Educacional Regional do Rio Grande do Norte/RN encaminha a este Conselho pedido de reconhecimento do curso de Ciências, com habilitações em licenciatura curta em Ciências e licenciatura plena em Ma-

Documenta (317) Brasília, maio. 1987 63

temática.

O curso foi autorizado pelo Decreto 21, de 30/9/73, da Prefeitura Municipal de Mossoró.

Com base nas informações contidas no processo e no relatório da Comissão Verificadora, informamos o que segue:

1 – Dados sobre a Fundação

A Fundação Educacional Regional do Rio Grande do Norte nasceu com a Lei 41, de 5 de dezembro de 1963, com o nome de Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e Técnica – FUNCITEC – e foi instituída por escritura pública, lavrada às fls. 46 e 48 do Livro 74, no 1º Cartório Judiciário da Comarca de Mossoró, em 6 de março de 1964, adquirindo a atual designação mediante a Lei Municipal 20, de 28 de setembro de 1968. A criação da Fundação Educacional Regional do Rio Grande do Norte ocorreu sob a vigência da Lei 4.024, de 20/11/61. No dia 14 de abril de 1987 passou a denominar-se Fundação Educacional Regional do Rio Grande do Norte, conforme autos nº 9.437/87.

2 – Dados sobre o Curso

2. 1. Condições Materiais

As instalações destinadas ao curso são amplas, adequadas, arejadas e de boa iluminação, portanto, apropriadas ao ensino.

O espaço físico reservado ao curso consta de quatro salas de aula, cuja metragem é de 48 m^2 para cada sala, perfazendo um total de 192 m^2. Conta o curso, ainda, com uma sala de diretoria/secretaria, sala de professores e sala de estágio.

A capacidade de cada sala de aula é de 60 alunos bem acomodados; todavia, as turmas em média são formadas por 45 discentes.

2.1.2. Biblioteca

A biblioteca é central e localiza-se no campus da universidade, em bloco da Faculdade de Educação.

A área reservada ao acervo é de 168m^2 e a área destinada ao ambiente de leitura perfaz um total de 72m^2.

Os títulos bibliográficos do curso atingem um total de 2.565, com 6.777 exemplares.

Existem 5 assinaturas correntes de periódicos; atualmente, os periódicos existentes são de 5 títulos com 35 exemplares.

Os departamentos das unidades estão elaborando planos para a aquisição de novos títulos, que contarão com verba no valor de Cz$ 304.000,00 (trezentos e quatro mil cruzados) repassados pelo projeto Biblos – MEC.

O funcionamento da biblioteca inicia-se no turno matutino, das 7h às 11h e no noturno das 19 às 22h 15min.

O quadro técnico é composto de 1 bibliotecária formada, 6 auxiliares de biblioteca e 3 datilógrafos.

O sistema de empréstimo é feito com o prazo de oito dias para a devolução, podendo ser renovado. O controle dá-se através de fichário e o registro dos títulos do acervo é feito em livro apropriado.

A biblioteca conta, ainda, com um sistema de reprodução de textos para atendimento de toda comunidade.

Finalmente, a capacidade de atendimento da biblioteca atinge um total de 200 alunos por turno e os assentos disponíveis totalizam 50 lugares no ambiente de estudo.

2.2. – Estrutura e Funcionamento

O currículo pleno do curso está previsto para ser cumprido num mínimo de 8 semestres, sendo 5 destinados à licenciatura de 1º grau e os 3 restantes para a parte diversificada. Embora só existam créditos teóricos verificou-se que são ministradas aulas práticas, inclusive de laboratórios, e o trabalho de campo – Estágio Supervisionado, este com uma carga horária total de 240 horas (120 em cada etapa), conforme especifiado no processo e nos registros da coordenação de estágios.

O controle curricular é feito através do sistema de créditos, com o oferecimento de 5 disciplinas por período, não havendo disciplinas optativas.

O número máximo de alunos por turma é de 45, para cada disciplina, sendo oferecida uma turma por semestre, visando à melhoria da qualidade de ensino.

As ementas das disciplinas, que compõem o currículo pleno, estão descritas no formulário 2, como também a bibliografia que serve de referência.

A organização curricular constitui o quadro I deste Parecer.

2.2.1. Registro Escolar

A vida acadêmica do corpo discente está sob a responsabilidade do Departamento de Admissão e Registro Escolar – DARE, subordinado à Pós-Reitoria de Ensino.

O histórico escolar dos alunos encontra-se arquivado em pasta apropriada na secretaria.

2.2.2. Corpo Discente

O curso é constituído por alunos provenientes dos municípios e Estados vizinhos, pertencentes a uma classe média/baixa.

A forma de ingresso é o vestibular anual, coordenado pela COMPERVE – Comissão Permanente do Vestibular, e elaborado sempre pela Fundação Carlos Chagas de São Paulo.

A transferência interna e a transferência de outras instituições estão regulamentadas nos termos do Regimento Geral da universidade – Capítulo Quarto – Da Matrícula e Transferência.

O número de alunos matriculados por curso e por turno é em média de 45, funcionando no período noturno.

A freqüência é controlada pelo professor em livro próprio e exigida na

forma da legislação vigente.

O rendimento escolar é aferido conforme determina a Resolução 4, de 22/12/82, do CONSEPE, sendo adotado o sistema de nota que varia de zero a dez.

A movimentação do corpo discente pode ser vista no anexo I do processo.

2.3. Corpo Docente

O corpo docente é constituído por 19 professores, 9 dos quais em regime de 20 horas e os outros 10 em regime de 40 horas. Todos os professores são portadores de diplomas de nível superior nas áreas das disciplinas que ministram e/ou em áreas afins. Vale ressaltar que, destes 19 docentes, 4 são portadores de diploma de mestrado e 14 são portadores de certificados de cursos de especialização nos termos da Resolução 12/12/83, do Conselho Federal de Educação.

A relação dos docentes constitui o anexo deste Parecer.

II – VOTO DO RELATOR

Diante do exposto e considerando a verificação in loco das informações contidas no processo, somos de parecer favorável ao reconhecimento do curso de Ciências, com habilitações em licenciatura curta em Ciências e licenciatura plena em Matemática, ministrado pelo Instituto de Ciências Exatas e Naturais de Mossoró-RN, mantido pela Fundação Educacional Regional do Rio Grande do Norte.

III – CONCLUSÃO DA CÂMARA

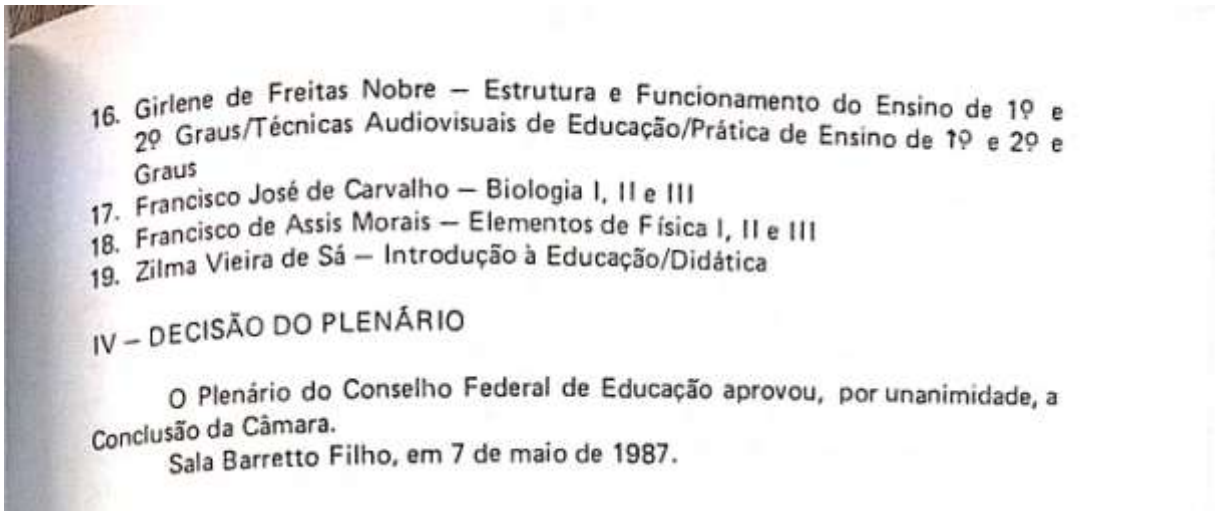
A Câmara de Ensino Superior, 1º Grupo, acompanha o voto do Relator.

Sala das Sessões, em 5 de maio de 1987.

(a) Arnaldo Niskier – Presidente ad hoc e Relator

• Anexo – Corpo Docente Aprovado

1. José Arimatéia Souza – Elementos de Matemática
2. Francisco Ferreira Rodrigues – Elementos de Geologia
3. Francisco de Assis Silva – Álgebra I e II/Álgebra Linear I e II
4. Aroldo Pinheiro Gurgel – Matemática Aplicada
5. Lúcio Ney de Souza – Cálculo Diferencial e Integral I, II e III
6. Maria do Socorro de Queiroz – Estudo de Problemas Brasileiros I e II
7. Dagmauro Ferreira de Melo – Estatística
8. Raimundo Filgueira de Oliveira – Geometria Descritiva/Matemática I e II
9. Rafael Arcanjo Marinho – Geometria I e II
10. Maria do Socorro Aragão – Análise Matemática
11. Antônio Almeida de Souza – Metodologia da Matemática
12. Sátiro Cavalcante Dantas – Sociologia I
13. Maria do Socorro Costa – Língua Portuguesa
14. Fernando Diniz Rocha – Química I, II e III
15. Dauri Lima do Nascimento – Psicologia da Educação I e II/Psicologia Geral



16. Girlene de Freitas Nobre – Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus/Técnicas Audiovisuais de Educação/Prática de Ensino de 1º e 2º e Graus
17. Francisco José de Carvalho – Biologia I, II e III
18. Francisco de Assis Morais – Elementos de Física I, II e III
19. Zilma Vieira de Sá – Introdução à Educação/Didática

IV – DECISÃO DO PLENÁRIO

O Plenário do Conselho Federal de Educação aprovou, por unanimidade, a Conclusão da Câmara.

Sala Barretto Filho, em 7 de maio de 1987.

Fonte: Arquivo do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM)

REGISTRO DD – Pedido de criação de um *campus* da FURRN em Patu.

AO; Exmo.Sr.Presidente da FURRN-Mossoró RN.
Magnífico Reitor da URRN-Mossoró.RN

ASSUNTO; PEDIDO PARA INSTALAÇÃO DE UM CAMPUS AVANÇADO NA CIDADE DE PATU-RN:

A Comunidade Patuense sentindo a necessidade de uma unidade de Ensino de Nível Superior, vem solicitar a instalação de um CAMPUS AVANÇADO nesta cidade, considerando o seguinte:

1 - Que esta cidade dispõe de uma Escola de 2º Grau, com 397(trezentos e noventa e sete) alunos matriculados no ano de 1979, assim distribuídos:

PEDAGÓGICO .....86(oitenta e seis)
AUXILIAR TÉCNICO DE CONTABILIDADE.....36(trinta e seis)

Levando-se em conta que a cidade dispõe ainda de 02(duas) Escolas de 1º Grau, funcionando normalmente nos três(03) turnos com 900(novecentos) alunos matriculados no ano de 1979; 56(cinquenta e seis) Escolas Primárias, sendo 25(vinte e cinco) Estadual e 31(trinta e hum) estabelecimentos Municipal;

2 - Que esta cidade dispõe de mão-de-obra especializada com um total de 24(vinte e quatro) elementos com curso superior assim distribuídos:

a) Farmacêuticos..... 05(cinco);
b) Médicos ..... 05(cinco);
c) Advogados ..... 04(quatro);
d) Licenciados em Pedagogia ..... 04(quatro)
e) Odontólogos ..... 02(dois)
f) Bacharel em Economia ..... 01(Hum)
g) Veterinário ..... 01 (hum)
h) Engenheiro Civil ..... 01 (hum)
i) Engenheiro Agrônomo ..... 01 (hum)

3 - Que esta cidade conta com um prédio tendo 06(seis) salas de aula para pronto funcionamento do pedido supra citado, com capacidade para acomodar 300 (trezentos) alunos:

4 - Que esta cidade está localizada geograficamente, em um ponto de fácil acesso às cidades circunvizinhas, abaixo relacionadas:

1 - Olho D'Água do Borges - RN..... 17 Km (asfalto)
2 - Umarizal - RN ..... 30 Km (asfalto)

cont.

3 - Martins - RN.....67 Km (asfalto)
4 - Riacho da Cruz - RN .....45 Km (asfalto)
5 - Itaú - RN .....54 Km (asfalto)
6) - Viçosa - RN .....55 Km (asfalto)
7 - Porta Alegre .....65 Km (asfalto)
8 - Caraúbas - RN .....40 Km (asfalt)
9 - Janduís -RN.....36 Km (asfalto)
10 - Messias Targino - RN.....18 Km (terraplanagem)
11 - Rafael Godeiro - RN .....13 Km (asfalto e terraplanagem)
12 - Almino Afonso - RN .....17 Km (terraplanagem)
13 - Frutuoso Gomes - RN .....28 Km (terraplanagem)
14 - Lucrécia - RN .....25 Km (terraplanagem)
15 - Antonio Martins - RN .....40 Km (terraplanagem)
16 - Alexandria - RN .....60 Km (terraplanagem)
17 - João Dias - RN .....45 Km (terraplanagem)
18 - Catolé do Rocha-PB.....33 Km (asfalto e terraplanagem)
19 - Belém do Brejo da Cruz -PB.....18 Km (terraplanggem)
20 - Brejo da Cruz - PB .....36 Km (terraplanagem);

5 - Que esta cidade e as demais cidades circunvizinhas serão beneficiadas com a instalação futura do CAMPUS AVANÇADO, com a redução do Êxodo Rural para os grandes centres, com a economia de combustíuel gasto para o deslocamento de estudantes destas, para outres centros: melhor condição de aproveitamento no estudo evitando o deslocamento dos mesmos, localizados nessa região:

6 - Que várias Prefeituras das cidades acima citadas, se comprometem a ajudar financeiramente na manutenção deste empreendimento;

7 - Que esta cidade é possuidora de uma Agência do Banco do Rio Grande do Norte S/A, um Posto Avançado de Crédito Agrícola do Banco Econômico S/A, Agência do Banco do Brasil S/A., prevista para ser instalada no ano de 1980, Agência da Receita Federal, Agência do I.B.G.E., Agência da E.T.C., Empresa de Assistência Técnica eeExtensão Rural-EMATER(escritório); Escritório Regional da Companhia de Serviços elétricos do Rio Grande do Norte-COSERN, Escritório Regional da Companhia de Serviços de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte-CAERN, Delegacia da Junta de Serviço Militar, Grupo "E" Executivo do DETRAN, Representação do FUNRURAL, FORUM Municipal, 02(dois) Cartórios Judiciários, Programa Nacional de Saúde Animal-PRONASA, Representação do I.N.P.S., um Hospital Maternidade com 46(quarenta e seis) leitos e um Posto de Saúde, Posto de Serviço da TELERN, III Companhia de Serviço Militar - Polícia Militar, - 9a. Região Fiscal ;

8 - Que esta cidade possui 220(duzentos e vinte) estabelecimentos comerciais, 32(trinta e dois) estabelecimentos industriais diversos e clubes recreativos.

Patu, 01 de Fevereiro de 1980.

01 - Osvaldo Joaquim Dantas dos Santos
AGENTE DA RECEITA FEDERAL - PATÚ - RN

02 - José Gilvan:
CHEFE AG. IBGE EM PATU Doc. Nº 03
1ª

03 Petronilo Hermeterio Filho
Prof. e Representante FUNRURAL

04 José Lucas J. Moura - 1º Sect.
Câmara Municipal de Patu

05 Joaquim Vale Vereador - mossoró

06 - Maria Cor Gaia Sra. - Farmacêutico. B. Químico - Patu

07 - JOÃO EVANGELISTA TAVARES DE MOYRA - FARMACÊUTICO BIOQUÍMICO - PATU R/N

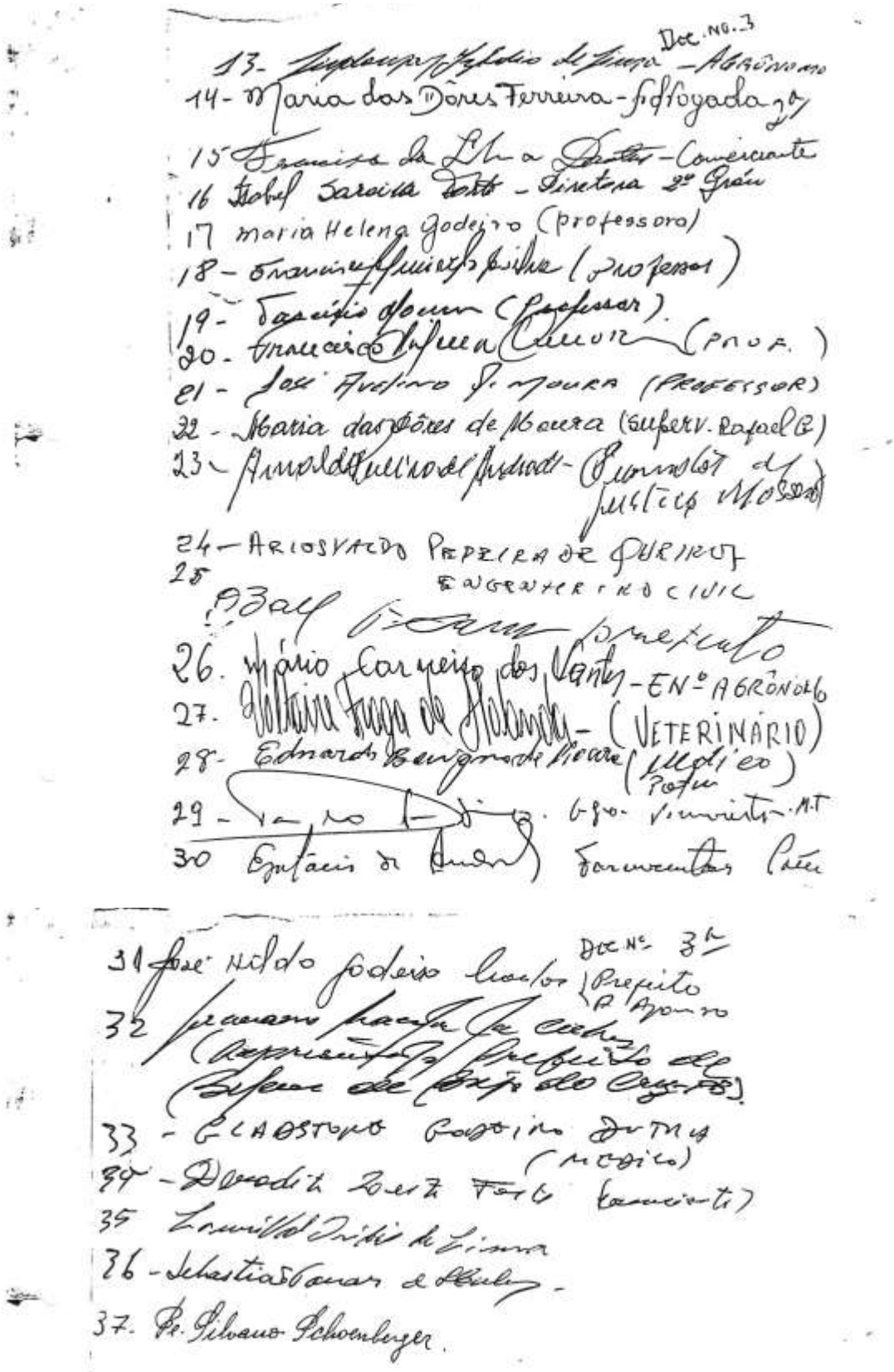
08 - José Joaquim da Silva - vereador, professor do 1º e 2º grau - Itaú - Sra.

09 - José Pereira da Silva Diretor da Escola M. 20 de Setembro
Olho Dágua do Borges

10 - Luiz Gonzaga de Oliveira - Técnico em contabilidade, Estudante do 3º Período de ciências Contábeis - FURRN.

11 - Francisco Tertuliano Neto - Técnico em contabilidade - Sub Gerente B. ANDERN - PATU -

12 - [illegible] - Chantalogos -



Fonte: Arquivo da UERN, *campus* Patu

Sumário TRAVESSIAS

Capítulo Registros

> Terá que contar apenas com o imponderável e a precariedade do que agora lhe conto [...]. As histórias dependem antes de tudo da confiança de quem as ouve, e da capacidade de interpretá-las. (CARVALHO, 2006, p. 7)

- Alô, gostaria de falar com o senhor Norman.

- Sim, é ele!

- Olá, professor Norman! Meu nome é Marcelo. Sou aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista, e estou ligando para o senhor porque estou desenvolvendo uma pesquisa de doutorado sobre a formação de professores de Matemática no Rio Grande do Norte numa perspectiva histórica. Nessa pesquisa, utilizamos documentos mas também realizamos entrevistas com sujeitos que participaram desses processos. Conversando com algumas pessoas aqui em Caicó, informaram que o senhor foi um dos primeiros professores do curso de Matemática do campus da UFRN, do CERES[1]*, aqui da cidade. Foi isso?*

- Foi, foi...

- Certo. Eu gostaria de saber se o senhor teria interesse de colaborar com a nossa pesquisa e conceder uma entrevista sobre a sua história, suas vivências como professor, suas memórias sobre o CERES etc. Adianto que nós trabalhamos com uma metodologia chamada História Oral, na qual a entrevista é gravada, depois a transcrevemos – passamos esse material gravado para a forma escrita –, em seguida corrigimos o texto – ele é melhorado –, retorna para o senhor conferir e só na sequência é que ele será incorporado ao trabalho. Ou seja, não será publicado nada que o senhor não queira, não permita.

- Rapaz, eu não sei se saberei te ajudar, mas pode ser! Onde você está agora? É agora? Está em Caicó?

- Estou, estou em Caicó, sim! Estou aqui no campus da UFRN. O senhor que escolhe. Caso prefira, posso enviar o roteiro da entrevista antes. Assim, podemos marcar outro dia; um horário melhor para o senhor. Posso ir à sua casa, se for mais cômodo. Enfim, pode ficar à vontade para marcar que eu me organizo...

- Ah, não, pode ser agora; não estou fazendo nada mesmo. Eu vou aí, você está no campus, né? Onde?

* * * * *

O professor Norman foi ao nosso encontro naquela tarde de Abril de 2014 e foi o primeiro a ceder entrevista para nossa pesquisa, durante o doutorado, que já tinha, àquela época, o objetivo de compreender e elaborar versões históricas, a partir de diversas perspectivas documentais e testemunhais, dos modos como se deu a formação dos professores que ensinavam matemática no estado do Rio Grande do Norte, nas séries que correspondem aos atuais ensinos fundamental e médio, incluindo possíveis aspectos relacionados ao desenvolvimento desse processo de formação antes e durante o período de criação dos quatro mais antigos cursos superiores que habilitavam professores em Matemática nesse estado.

De forma mais específica, pretendíamos (a) compreender aspectos de formação dos professores que lecionavam Matemática, nas séries que correspondem aos atuais ensinos fundamental e médio, nas diversas regiões do estado do Rio Grande do Norte, antes da criação dos cursos que formalmente habilitavam professores de Matemática; (b) compreender aspectos de como se deu o processo de constituição dos quatro mais antigos cursos superiores que habilitavam professores de matemática no Rio Grande do Norte, os fatores que levaram a isso, bem como o envolvimento dos pedagogos nesse processo; (c) buscar compreensões acerca do "formar-se professor", analisando fatores relativos a este processo e; (d) construir versões históricas sobre o tema foco da pesquisa.

Como havíamos antecipado, desenvolvíamos um estudo de caráter qualitativo, optando pela História Oral como metodologia de investigação, como vem sendo entendida e teorizada pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem), do qual somos membros. Como salientamos e entendemos, quando mobilizamos a História Oral para desenvolver um trabalho de viés especificamente historiográfico, não utilizamos apenas fontes orais, na forma de depoimentos de professores de Matemática que atuaram e se formaram na região, mas também documentos escritos e de outras naturezas aos quais tivemos acesso[2]. Essa proposta era mais um dos nossos movimentos empreendidos para um dos projetos coletivos desenvolvidos pelo Ghoem, aquele que visa constituir um mapeamento para a História da Educação Matemática Brasileira; em específico, sobre a formação e a atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática nos mais diversos rincões do país.

Apesar de ter sido o primeiro a ceder entrevista, Norman não foi o primeiro a aceitar contribuir conosco e, tampouco, o último. Àquela altura, já havíamos conversado pessoalmente com Fátima e Osório, em Patu, e por telefone com Luiz Gonzaga e Almir. Depois deles, seguiram-se contatos por telefone com Eunice, Rivaneide, Neta e Benedito e, pessoalmente, com Nélson, Josimá, Socorro, Zilar e Cláudio. Independente do meio pelo qual

conseguíamos realizar o contato inicial com os professores, buscávamos ser claros em nossas intenções, e gentis no modo de tratá-los, colocando-nos sempre à disposição tanto para esclarecer quaisquer dúvidas sobre a pesquisa e sobre a realização das entrevistas. Com alguns dos colaboradores realizamos mais de um contato, com outros as entrevistas aconteceram logo após o primeiro contato – esse foi, por exemplo, o caso de Norman.

Essas não eram as primeiras entrevistas que realizávamos sob a perspectiva da História Oral e tampouco as que mobilizaríamos no doutorado. Durante o desenvolvimento da pesquisa que nos deu o título de mestre, já havíamos produzido oito documentos a partir de nove entrevistas e, devido a isso, sabíamos de alguns cuidados essenciais, como um prévio preparo sobre o tema, a necessidade de estar com as fichas temáticas (ou o roteiro) que norteariam nossas entrevistas e estar munidos de, no mínimo, dois meios de gravação. Era possível notar, agora, certo avanço no modo como conduzíamos as entrevistas devido às nossas experiências, como o fato de explorar melhor alguns pontos, ficarmos menos presos às fichas e permanecermos mais atentos a outras questões que poderiam surgir das narrativas que eram elaboradas.

Todo o cuidado e atenção empreendidos nos contatos com os colaboradores e com os responsáveis pelos arquivos que visitávamos, exigiam também esforço físico e mental, principalmente nos dias em que precisávamos realizar várias entrevistas. Isso acontecia também porque, durante esses diálogos, necessitávamos ficar atentos à postura que precisaríamos adotar como pesquisadores: em alguns casos, nossas concordâncias ou expressões faciais eram suficientes para estimularem os colaboradores a seguir em suas narrativas, noutros, precisávamos fazer sempre novas perguntas, caso contrário, a narrativa não fluía; por vezes era necessário um pouco mais de formalidade, enquanto que de alguns depoentes nos aproximávamos mais pela simplicidade, a linguagem mais coloquial, o uso de expressões regionais. Num dia em que realizamos três entrevistas, além da tensão normal por termos que ficar atentos ao que seria abordado, ao modo como deveríamos nos portar e às intervenções necessárias e/ou relevantes, a última entrevista nos preocupava muito, pois o(a) colaborador(a) tinha sido mais relutante para participar da pesquisa e estava demonstrando desconforto e insegurança no momento de nossa conversa. Nesse caso, buscamos retirar quaisquer dúvidas, apresentamos nossa pesquisa de mestrado e chegamos a ler juntos um trecho de uma das narrativas presentes naquele trabalho; no momento da entrevista, notamos que, à medida que avançávamos no diálogo, o desconforto foi, aparente e gradativamente, se

suavizando. Em encontros posteriores com esse(a) colaborador(a) já não sentimos mais essas resistências.

No momento dos contatos iniciais e da gravação das narrativas, já nos foi possível perceber o surgimento de outras possibilidades formativas que não apenas as que havíamos abordado no mestrado e algumas que não apareciam nos documentos dos arquivos. Isso favorecia nossas intenções de realizar um movimento de análise no qual lançaríamos mão apenas das narrativas orais, produzidas em nossas pesquisas de mestrado e doutorado, e outro movimento em que mobilizaríamos apenas os documentos "oficiais".

Além disso, passamos a perceber outros elementos aparecendo mais fortemente nas narrativas, devido aos referenciais teóricos com os quais entrávamos em contato no mesmo período[3]. Esses elementos – a saber: relações espaciais, sociais e contextuais, imaginários, experiências[4], discursos etc. – ficaram ainda mais evidentes durante os processos de transcrição e textualização[5], e nos mobilizavam de forma mais contundente a defender e elaborar as ideias que constituíamos sobre a formação dos professores (de matemática) àquela altura[6]. Isso nos levou a perceber a necessidade de deixar esses traços em relevo, principalmente aqueles que tangem às questões espaciais e seu vínculo com a historiografia e, em especial, a História da Educação Matemática, por notarmos ser esse um tema – salvo engano – não abordado nas pesquisas em Educação (Matemática)[7].

Essas questões que nos moviam a tematizar a formação como um acontecimento complexo, levou-nos a notar uma necessidade que se formava em nossa pesquisa: a de realizar *análises de singularidades*[8]. Esse exercício de análise que o Ghoem vem discutindo já era uma das possibilidades que aventávamos mobilizar, mas que se tornou necessidade exatamente por passarmos a entender a formação do professor como um processo sempre singular. Assim, necessitaríamos ver como, singularmente, nossos colaboradores foram se formando os professores que são/foram. Ainda que essa estratégia tenha sido proposta e exercitada em outros estudos do Ghoem, deve-se notar que há uma tendência (apontada inclusive nesses trabalhos que a mobilizam) em tomar a análise de singularidades como uma descrição dos depoimentos, individualmente, sem cotejamentos com os demais depoimentos (o que, em essência, constituiria uma análise de convergências). A descrição, por certo, integra ou pode integrar a análise de singularidades, mas não deveria resumir essa estratégia analítica. Caberia, além da descrição daquilo que foi dito, tematizado, registrado, um esforço para perceber COMO, de que modo, esses elementos aparecem compondo o discurso de cada depoente durante a entrevista, visando a criar nexos entre essas formas de expor o que se

expõe. Feitas essas considerações, cabe registrar que a análise de singularidades que fizemos não foge da descrição, embora tenha incorporado nessa descrição certos marcadores (explicitados em itálico) que apoiam as compreensões do pesquisador acerca do modo de dizer de cada depoente. Caberia enfatizar ainda mais os modos como os discursos se formam, como eles compõem elementos que dão indícios para a interpretação do pesquisador. Esse exercício de aprofundamento da análise de singularidades será feito, acreditamos, na continuidade desse trabalho, posto que as possibilidades e potencialidades de uma pesquisa nunca se esgotam. Cabe assumir, no momento, que fizemos uma análise de singularidades inicial, e que, ainda assim, ela nos foi fundamental para criar alguns nexos que apoiam nossas interpretações, do que mantivemos, neste texto, essa análise.

Para constituir as narrativas históricas para a nossa tese, já pensávamos em optar pela *análise narrativa de narrativas*[9] como forma de elaboração textual "final", principalmente devido à experiência que tínhamos constituído no mestrado, quando a mobilizamos. Até então, não havíamos observado minuciosamente quais procedimentos haviam nos auxiliado a constituir tal narrativa, mas, posteriormente, conseguimos perceber que, em nossa análise narrativa de narrativas, lançávamos mão também da noção da *análise de convergências* que o grupo também mobiliza em seus estudos[10].

Postas estas questões, pensamos na possibilidade de atrelar os três exercícios de análise estudados pelo Ghoem: a narrativa de narrativas, a análise de singularidades e a de convergências, percebendo a viabilidade desse movimento[11]. Assim, neste ponto, possuíamos algumas pretensões: (1) discutir as possibilidades e viabilidades de realizar movimentos de análise que lançassem mão de fontes diferentes, para (2) discutir as potencialidades dessas distintas fontes para as pesquisas historiográficas; (3) dar relevo às formações envolvendo contextos espaciais; (4) realizar movimento de análise que atrelasse outros três exercícios de análise distintos; e (5) registrar essas análises de forma narrativa.

Essas pretensões somavam-se às discussões em torno da multiplicidade de histórias, de verdades subjetivas, de memórias coletivas e o desejo de realizar um exercício a partir de múltiplas narrativas sobre a formação dos professores de matemática no Rio Grande do Norte, buscando dar visibilidade à noção de invenção histórica, mostrando que todo acontecimento é passível de múltiplas interpretações e registros, os quais dependerão sempre dos sujeitos que narram e de suas verdades, das intenções que os movem, das teorias que fundamentam suas ações e dos documentos de que se lança mão.

Posto isso, pelas intenções e opções que tínhamos para nossa tese[12], decidimos constituir cinco narrativas históricas sobre o tema de nosso estudo, de modo a efetivar nossas pretensões[13]. Cada uma dessas histórias deveria focar um dado aspecto das diferentes dimensões da formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte, e auxiliaria a constituir uma compreensão (ou várias) sobre como essas formações foram, em fluxo, acontecendo. Além disso, essas histórias deveriam possibilitar acompanhar, de um ou outro modo, como produzimos nossas compreensões sobre o tema estudado, mesmo que de modo aproximado, pois, ao fim, elas seriam resultantes de elaborações e compreensões aprimoradas, produzidas por esquemas que não seriam possíveis caso não disparássemos diferentes estratégias.

Com isso definido, debruçamo-nos analiticamente sobre vinte das narrativas produzidas a partir das entrevistas[14], além de diversos documentos (Livros de Pontos, Livros de Registro de Títulos, Livros de Atas, Livros de Recorte do Diário Oficial, Planos de Aulas, Livros de Correspondência, Jornais, Legislações, entre outros) de acervos históricos que julgamos auxiliares para alcançar os objetivos delineados inicialmente.

Para produzir as duas primeiras histórias, mobilizamos a narrativa anteriormente elaborada no mestrado por avaliarmos que, já àquela altura, havíamos produzido uma versão histórica fundamentada em outras pesquisas que nos possibilitava uma compreensão sobre a formação dos professores de matemática no RN. Realizamos uma releitura dessa narrativa produzindo, a partir dela, dois novos textos: no primeiro discutíamos principalmente os múltiplos contextos históricos educacionais do país e do estado e, no outro, abordávamos os cursos institucionais de formação de professores de matemática a partir das pesquisas bibliográficas e documentais (excluídas as versões dos sujeitos) que realizamos naquela primeira pesquisa. Ao primeiro desses textos, somaram-se novas referências que auxiliaram a ampliar a percepção sobre o contexto histórico e, ao segundo, ampliamos de modo mais nítido, segundo nossa avaliação, as compreensões elaboradas sobre os cursos oferecidos para formar docentes no RN a partir dos documentos "oficiais" produzidos durante a pesquisa do doutorado. Para a análise desses novos documentos, dados o volume e a diversidade dos arquivos que tínhamos em mãos, elaboramos uma tabela na qual registramos cada um desses arquivos com: um código para nosso controle, o ano de produção, o tipo de documento e uma síntese do(s) conteúdo(s) desses materiais.

Para as demais narrativas históricas, realizamos uma nova análise pormenorizada de cada um dos documentos orais que mobilizaríamos, e criamos um procedimento para nos

auxiliar na posterior produção dos textos: (1) durante a releitura de cada uma das vinte narrativas de nossos colaboradores mantínhamos abertos outros dois documentos do *software Word:* um no qual registrávamos os acontecimentos das vidas dos sujeitos com todos os processos singulares que esses pareciam nos apresentar; outro no qual registrávamos tanto percepções sobre as versões analisadas (impressões nossas sobre discursos, experiências, relações temporais e memorialísticas etc.) – quanto nossas observações sobre nossa postura durante a realização das entrevistas. Essas anotações nos serviriam para analisar nosso próprio percurso formativo, posto que relemos esses documentos seguindo a sequência de suas produções; (2) concluída cada uma das análises individuais, abríamos um arquivo no qual era composta uma tabela de duas entradas (uma sobre as décadas de 1930 a 1990, e outra com os números de 0 a 9 para indicar os anos de cada uma das décadas, incluindo nessa tabela, em suas entradas específicas, os "acontecimentos" que nos foram narrados pelos professores) para elaborar outras compreensões sobre os fluxos concomitantes de formação; e, ainda, (3) de cada uma dessas análises singulares, copiávamos – e grifávamos, visando a evitar repetições desnecessárias – os trechos que, segundo nossa leitura, nos ofereciam elementos para compreender os cursos de formação institucional e os que nos auxiliavam a perceber as espacialidades e sociabilidades nas narrativas dos professores (esses trechos eram transcritos em dois outros documentos).

Concluídas e registradas essas análises, elaboramos três outras narrativas: uma, novamente, com foco nos cursos, mas a partir apenas das vivências subjetivas; outra com foco nos eventos envolvendo as relações espaciais e sociais em que formaram os professores; e um terceiro com foco nos movimentos ou temas que ainda não haviam sido abordados nos textos anteriores – como as questões de necessidades, possibilidades, sonhos, desejos, gratidão, arrependimentos, expectativas, diferentes modos de compreender formação, papel do professor, sala de aula, escola, ditadura, entre outros.

As duas narrativas produzidas com foco nos cursos de formação confirmam nossa percepção de que as diferentes fontes possibilitam interpretar e elaborar versões históricas distintas, posto que as primeiras fontes permitem compreender versões gerais dos cursos, seus projetos, as intenções estabelecidas, algumas mobilizações gerais; enquanto as outras possibilitam saber de acontecimentos não documentados, compreender algumas das diversas mobilizações dessas intenções, as vivências que, no geral, escapam às versões dos documentos; os movimentos, adaptações, subversões. Ou seja, as diferentes fontes oferecem elementos distintos e possibilitam entender os eventos de um modo mais complexo. Isso é

possível notar, por exemplo, na narrativa que trata das vivências espaciais e sociais, na qual a interconexão dos registros das vivências subjetivas com alguns documentos "oficiais" traz outras compreensões se lida juntamente com os mapas dos caminhos percorridos pelos sujeitos.

No texto analítico no qual registramos os processos singulares, realizamos uma adaptação do que inicialmente havíamos exercitado: tentamos registrar as formações singulares intercaladas às percepções que tivemos a partir do estudo dos documentos "oficiais" e em discussões sobre processos experienciados que nos pareciam convergentes ou similares em vários dos depoimentos. Percebíamos a possibilidade de produzir um texto dessa natureza, contudo, optamos por realizar a adaptação principalmente pela construção das outras quatro narrativas históricas, posto que, se fizéssemos daquele modo, o texto repetiria muitos dos elementos já abordados nos demais registros. Contudo, entendemos que é igualmente possível perceber os vínculos entre a análise de singularidades inicial, a de convergências e a das narrativas de narrativas a partir da leitura dos exercícios textuais produzidos.

Para o registro da análise inicial de singularidades que empreendemos optamos por mobilizar o recurso do destaque em *itálico* de sentenças que registravam o que nos pareceu serem elementos singulares nos percursos formativos de cada um dos professores. Optamos por utilizar o itálico nas diferentes vivências recriadas pelos colaboradores em suas narrativas, quando, para nós, indicavam processos que diziam de seus diferentes percursos formativos e/ou que nos pareciam ter marcado esses fluxos, levando-os a se tornar (ou a deixar de ser) professores de matemática de um modo ou outro. Esses trechos transcritos de cada depoimento não são referenciados por entendermos que a análise narrativa de narrativa nos possibilita essa flexibilidade e, principalmente, porque os documentos com as narrativas dos professores também estão integralmente disponibilizadas. As sentenças em itálico são por nós interpretadas como vivências (a) que se tornaram experiências, mobilizando-os a uns ou outros caminhos; (b) que mostram que as formações ocorrem (e permitem perceber quais formações ocorrem) atravessadas por discursos, ações e contextos dos mais diversos, constituindo subjetividades, com valores e crenças singulares; e ainda (c) que implicam – e são resultantes de – práticas que os moldaram em distintos contextos, tornando-os os professores que foram/são.

Alguns elementos mobilizados nas análises só foram notados devido à experiência da entrevista, no contato pessoal com o colaborador, quando afloram emoções, alterações de tom na voz, ênfases, usos de expressões específicas. São exemplos disso alguns dos registros que

tratam do esforço dos pais para que quando jovens os depoentes pudessem desenvolver seus estudos, quando tratando da ausência ou interferência de seus familiares em seus processos formativos etc.

Com exceção da narrativa que trata de forma mais evidente dos processos singulares e da que aborda as questões espaciais, as outras três seguiram aproximadamente a mesma lógica para serem produzidas: utilizamos como fio condutor da narrativa a linha temporal, aprofundando discussões nos temas convergentes que, de algum modo, seriam importantes para compreender a formação dos professores de matemática no Rio Grande do Norte. No texto que trata das vivências e formações espaciais e sociais, utilizamos para a sequência narrativa, basicamente, os temas que desejávamos abordar. Na análise dos fluxos pessoais, utilizamos as histórias singulares, abandonando um pouco os traços da temporalidade. A lógica que utilizamos para manter a sua fluidez do texto foi a de agrupar as singularidades quanto ao ingresso na profissão docente. Com isso, criamos quatro grupos: os sujeitos que ingressaram no magistério de matemática no ginasial quando ainda cursavam o colegial, aqueles que o fizeram logo depois de concluir esse ciclo de instrução, aqueles que foram convidados por terem sido aprovados no vestibular e os que ingressaram no ensino superior logo após concluir a graduação. Uma característica que buscamos manter nas cinco narrativas foi a de começar sempre a partir do mesmo ponto e ter elementos, entre umas e outras, que remetessem aos acontecimentos que já haviam sido tratados ou que ainda seriam, mantendo possíveis vínculos para tecer interconexões entre os textos e os processos vividos[15].

Cabe ressaltar que essas versões foram possíveis apesar de não termos explorado em nossas entrevistas – tanto quanto queríamos ou poderíamos – todos os diferentes signos de formação que tratamos em nossas análises, pois, ao efetivarmos a releitura dos documentos, percebemos que ainda estávamos, no momento de produção de dados da pesquisa, imbuídos de uma noção de formação muito próxima à mais usual, aquela que vincula formação e graduação em instâncias formais da escolarização. Devido a isso, detecta-se, nas entrevistas, por exemplo, uma tendência a não explorar o que hoje entendemos como sendo processos formativos outros – como das espacialidades, do social, do imaginário etc. Além disso, notamos que alguns dos termos que utilizávamos passavam a "se impor" frente aos naturalmente utilizados pelos nossos colaboradores como, por exemplo, "formação de professores" (percebemos que muitas vezes os depoentes abandonaram termos como capacitação, aperfeiçoamento, preparo, treinamento – que poderiam nos levar a outros entendimentos –, para usar os nossos termos). Outra percepção que tivemos de nossa postura

nas entrevistas é que, apesar de terem sido poucas as vezes, houve ocasiões em que as fichas se sobrepuseram, limitando o modo de guiar a conversa, que poderia ocorrer de modo mais natural.

Apesar disso, nos momentos das análises foi possível perceber e abordar muitos outros elementos dos processos formativos pelos quais passaram os professores no RN. Vale ressaltar que reler as narrativas do mestrado foi fundamentalmente importante em nosso processo de formação para notarmos nossos avanços e para explorar muitos outros traços que não havíamos explorado naquele primeiro estudo. Por exemplo, percebemos que devido às configurações teóricas que tínhamos no mestrado, não havíamos observado as singularidades, as sutilezas presentes nas narrativas dos professores, os discursos que os atravessavam, suas falas sobre as práticas, a presença forte – e às vezes explícita – de algumas experiências da infância que parecem ter sido determinantes para formar os professores que eles se tornaram. Abordando apenas os percursos institucionais, esses outros tantos signos não haviam sido até então, nas nossas experiências de pesquisa de mestrado, considerados como fundamentalmente importantes.

Dessa forma, as narrativas que constituímos reforçam a concepção de formação de professores de matemática que temos elaborado e defendido. Entendemos que essa percepção é potencializada pelos modelos de análises adotados, posto que, ao realizarmos os diversos movimentos de análises e registros, pudemos, tanto quanto nos foi possível (a) perceber os aspectos singulares das formações, os fluxos sempre distintos, as experiências particulares; (b) ressignificar alguns desses acontecimentos ao apresentar outras versões sobre os eventos, atribuindo outros significados a partir dos movimentos de convergências; (c) perceber que o exercício com as narrativas comporta movimentos de ampliação e redução do olhar e permite que se revele uma multiplicidade de movimentos e discursos sobre um dado acontecimento.

Consideramos que nossos exercícios abordam as vivências espaciais, sociais e pessoais dos sujeitos colaboradores da pesquisa; os elementos que, em nossa leitura e a partir das invenções narrativas dos colaboradores, apresentaram-se como experiências para seus processos de formação; perspectivas e versões distintas, auxiliando a promover discursos de desconstrução e desnaturalização (como do conceito de formação de professores), de compreensão do fragmentário, da diferença e do dessemelhamento das singularidades, que impulsionam a questionar verdades naturalizadas, indo ao encontro das concepções de História que temos defendido.

Foi desse modo que elaboramos a compreensão de que a história da formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte não foi uma ou outra das versões apresentadas, mas, sim, fluxos complexos, constantes e concomitantes de formações que, certamente, escapam a quaisquer tentativas de registro. Hoje sabemos que não podemos elaborar nada além de compreensões e versões, quando muito, estáveis, mas sempre atravessadas por múltiplos contextos culturais, ideológicos, políticos, econômicos etc.

---

[1] Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

[2] Para compreender melhor nossas opções metodológicas, indicamos os textos *"Capítulo Viagem"* e "*Capítulo Caminhada"* do Tomo Passos.

[3] Sobre os referenciais teóricos, ver o texto *"Capítulo Espaços"* do Tomo Passos.

[4] A noção de experiência que mobilizamos é aquela desenvolvida por Larrosa, abordada mais detidamente, neste trabalho, no texto *"Desaceleração: das possíveis portas de entrada"* e no "*Capítulo Caminhada"* do Tomo Passos.

[5] Esses procedimentos, bem como os demais adotados em nossa pesquisa, estão discutidos no Tomo Passos, nesta tese.

[6] Esse movimento está principalmente registrado nos *"Capítulo Formação"* do Tomo Passos.

[7] Fazemos uma discussão sobre as questões espaciais e como essas formam o sujeito no *"Capítulo Espaços"* do Tomo Passos; além disso, realizamos um movimento de teorização sobre a necessidade e viabilidade das abordagens espaciais em Morais e Garnica (2016).

[8] Discutimos teoricamente os movimentos de análise também no *"Capítulo Formação"* do Tomo Passos.

[9] Fazemos uma discussão sobre esse movimento de análise no *"Capítulo Viagem"* do Tomo Passos.

[10] Um detalhamento de nossos procedimentos para a constituição de nossa análise narrativa de narrativas do mestrado pode ser encontrada no *"Capítulo Formação"* do Tomo Passos.

[11] Chegamos a discutir a viabilidade de união desses três movimentos analíticos no Tomo Passos, além disso, um exercício no qual executamos essa pretensão mobilizando as narrativas dos professores Raimundo de Freitas Melo, Maria das Graças Bezerra Sathles e alguns documentos pode ser visto em Morais (2016).

[12] As intenções que temos com a forma e as opções que nos levaram ao que é nosso trabalho estão explicitadas nos *"Capítulo Movimentos"* e *"Capítulo Horizontes"* do Tomo Passos.

[13] As cinco narrativas históricas e as intenções que temos com cada uma estão disponíveis no Tomo Passos.

[14] Dessas vinte narrativas das quais nos referimos, doze estão nesse Tomo e, as demais, podem ser acessadas integralmente em Morais (2012), disponível em www.fc.unesp.br/ghoem/trabalhos/42_3_dissertacao_marcelo_morais.pdf. Cabe salientar que não lançamos mão da narrativa elaborada com o professor Cláudio Carlos Dias para nossas análises, pois recebemos a cessão de direitos de publicação quando já estávamos em fase de finalização dos textos que compõem esse trabalho. De qualquer forma, optamos por publicar sua narrativa por considerarmos que oferece outros importantes processos singulares para compreender o evento "formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte", podendo ser mobilizada em outras oportunidades para publicações futuras.

[15] Essa opção é inspiração no conto "A quinta história" de Clarice Lispector. Mais sobre esses processos e como a literatura esteve presente na produção de nossa tese, ver os *"Capítulo Movimentos"* e *"Capítulo Horizontes"* do Tomo Passos.

Sumário TRAVESSIAS

REFERÊNCIAS

MORAIS, M. B. **Fluxos, encontros e histórias:** singularidades da formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte. 2016. (No prelo).

MORAIS, M. B. **Peças de uma história:** formação de professores de matemática na região de Mossoró/RN. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2012.

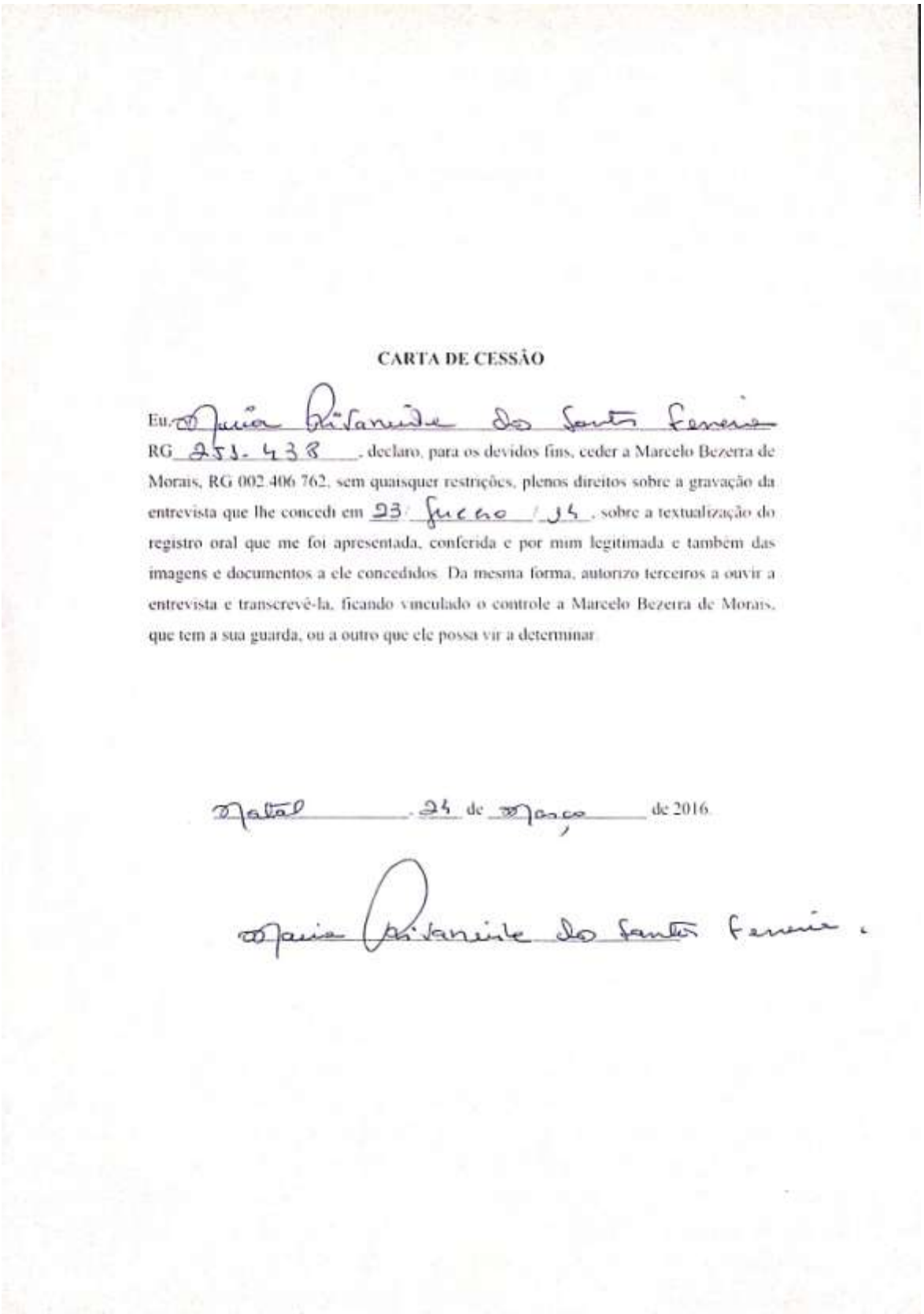
MORAIS, M. B.; GARNICA, A. V. M. Da duração situada: um estudo sobre historiografia, espaço e Educação Matemática. **Revemat: Revista Eletrônica de Educação Matemática**, 2016 (No prelo).

MORATORI, F. **Os corredores infinitos**. 2011. Disponível em: <http://riosemmargens.blogspot.com.br/2011/10/material-em-processo-caminho-ii.html>. Acesso em: 11 nov. 2016.

Sumário TRAVESSIAS

Apêndices

Apêndice A – Carta de cessão da professora Maria Rivaneide dos Santos Ferreira



CARTA DE CESSÃO

Eu, Maria Rivaneide dos Santos Ferreira
RG 253-438, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 23 / fevereiro / 16, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Natal, 24 de março de 2016.

Maria Rivaneide dos Santos Ferreira

Apêndice B – Carta de cessão da professora Izabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz

CARTA DE CESSÃO

Eu, Izabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz, RG 070.579, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 23 julho 2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Natal, 18 de março de 2016.

Izabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz

Apêndice C – Carta de cessão do professor Nélson Moysés de Araújo

CARTA DE CESSÃO

Eu, Nélson Moysés de Araujo, RG 171.707, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 29/ abril /2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Caicó RN 23 de Março de 2016.

Nélson Moysés de Araujo

Apêndice D – Carta de cessão do professor Luis Gonzaga Vieira Filho

CARTA DE CESSÃO

Eu, LUIS GONZAGA VIEIRA FILHO, RG 749677-CE, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 31/ JULHO 2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

CAICÓ (RN) .23 de MARÇO de 2016.



Apêndice E – Carta de cessão do professor Almir da Costa Dantas

CARTA DE CESSÃO

Eu, Almir da Costa Santos, RG 141924, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 29 abril 2014 sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Caicó, 23 de março de 2016.

Almir da Costa Santos

Apêndice F – Carta de cessão da professora Francisca Eunice de Medeiros Brito

CARTA DE CESSÃO

Eu, Francisca Eunice de Medeiros Brito, RG 347 979, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406 762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 29 abril 2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Caicó, 23 de março de 2016.

Francisca Eunice de Medeiros Brito

Apêndice G – Carta de cessão da professora Maria de Fátima Dutra

CARTA DE CESSÃO

Eu, MARIA DE FATIMA DUTRA,
RG 225.255, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 27/07/2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos.

Natal, 23 de 03 de Junho de 2016

Maria D

Apêndice H – Carta de cessão do professor Josimá Gomes Guimarães

CARTA DE CESSÃO

Eu, JOSIMÁ GOMES GUIMARÃES,
RG 308.630, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002 406 762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13/ maio /2016, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

PATU, 23 de março de 2016.

Josimá Gomes Guimarães

Apêndice I – Carta de cessão do professor Norman Batista Pereira

CARTA DE CESSÃO

Eu, Norman Batista Pereira,
RG 157215, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406 762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 28/ abril /2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Cariús, 10 de março de 2016.

Norman Batista Pereira

Apêndice J – Carta de cessão da professora Zilar Rocha Fernandes

CARTA DE CESSÃO

Eu, Zilar Rocha Fernandes,
RG 447545, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 29/ julho /2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Patu, 23 de março de 2016.

Zilar Rocha Fernandes

Apêndice K – Carta de cessão do professor Benedito Tadeu Vasconcelos Freire

CARTA DE CESSÃO

Eu, Benedito Tadeu Vasconcelos Freire,
RG 263976 SSP-CE, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 23/07/2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Natal, 24 de março de 2016.

Benedito Tadeu V. Frei

Apêndice L – Carta de cessão do professor Ozório Barboza de Meneses

CARTA DE CESSÃO

Eu, OZÓRIO BARBOZA DE MENESES, RG 222.175 SSP, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 12 / maio 2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Natal, 11 de Maio de 2016.

Ozório Barboza de Meneses

Apêndice M – Carta de cessão do professor Cláudio Carlos Dias



CARTA DE CESSÃO

Eu, CLÁUDIO CARLOS DIAS, RG 252174 - CE, declaro, para os devidos fins, ceder a Marcelo Bezerra de Morais, RG 002.406.762, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 24 JULHO 2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Marcelo Bezerra de Morais, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

NATAL, 17 de OUTUBRO de 2016.

Sumário PASSOS

Sumário TRAVESSIAS

SUMÁRIO (Se um viajante...)

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
***Campus* Rio Claro**

MARCELO BEZERRA DE MORAIS

SE UM VIAJANTE... PERCURSOS E HISTÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO RIO GRANDE DO NORTE

TOMO PASSOS

RIO CLARO - SP
2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

***Campus* Rio Claro**

MARCELO BEZERRA DE MORAIS

SE UM VIAJANTE... PERCURSOS E HISTÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO RIO GRANDE DO NORTE

TOMO PASSOS

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do *Campus* de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Vicente Marafioti Garnica

RIO CLARO – SP
2017

“Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-los porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão táctil de apropiação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem lugares.”
(CERTEAU, 2000, p.176)

LISTA DE SIGLAS

CADES – Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAPMEM – Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio

CCET – Centro de Ciências Exatas e da Terra

CDS – Colégio Diocesano Seridoense

CECI – Centro de Ensino de Ciências

CECIBA – Centro de Ensino de Ciências da Bahia

CECIGUA – Centro de Ensino de Ciências de Guanabara

CECIMIG – Centro de Ensino de Ciências de Minas Gerais

CECINE – Centro de Ensino de Ciências do Nordeste

CECIRS – Centro de Ensino de Ciências do Rio Grande do Sul

CECISP – Centro de Ensino de Ciências de São Paulo

CEIS – Centro Educacional Integrado do Seridó

CEJA – Centro Educacional José Augusto

CEM – Casa do Estudante de Mossoró

CEPE – Centro de Treinamento e Pesquisas Educacionais

CERES – Centro de Ensino Superior do Seridó

CETEB – Centro de Ensino Técnico de Brasília

CFE – Conselho Federal de Educação

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

CONTAP – Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso

DIRED – Diretório Regional da Educação e da Cultura

DSND – Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento

EMC – Educação Moral e Cívica

ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática

EPB – Estudo dos Problemas Brasileiros

ESAM – Escola Superior de Agricultura de Mossoró

ESG – Escola Superior de Guerra

ETFERN – Escola Técnica Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

FACEM – Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró

FAFICIL – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras

FASSO – Faculdade de Serviço Social

FE – Faculdade de Educação

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FFCL – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras

FURRN – Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Gecom – Grupo de Estudos do Pensamento Complexo

GEEM – Grupo de Estudos do Ensino de Matemática

GEEMPA – Grupo de Estudos de Ensino de Matemática de Porto Alegre

GEPEM – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática

Ghoem – Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática

GPEP – Grupo Potiguar de Estudos e Pesquisas em História da Educação Matemática

IBECC – Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

ICEN – Instituto de Ciências Exatas e Naturais

ICH – Instituto de Ciências Humanas

IFRN – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

ILA – Instituto de Lestras e Artes

IM – Instituto de Matemática

Labordoc – Laboratório de Documentação Histórica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MMM – Movimento da Matemática Moderna

NAC – Núcleo de Ensino de Caicó

NEDEM – Núcleo do Estudo e Difusão do Ensino de Matemática

NURE – Núcleos Regionais de Ensino

OEA – Organização dos Estados Americanos

OSD – Orientadores-Supervisores Docentes

OSPB – Organização Social e Política Brasileira

PAPMEM – Programa de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIPEM – Preparação Intensiva do Professor do Ensino Médio

PPGCISH – Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas

PPGEM – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História

PREMEM – Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio

PROFORMAÇÃO – Programa de Formação de Professores em Exercício

PROMULMEC – Projeto Multinacional para a Melhoria do Ensino de Matemática e Ciências

SEEC – Secretaria de Estado da Educação e Cultura

SMSG – School Mathematics Study Group

SUDENE – Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Unesp – Universidade Estadual Paulista “ Júlio de Mesquita Filha”

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

URRN – Universidade Regional do Rio Grande do Norte

USAID – United States Agency for International Development

SUMÁRIO PASSOS

CAPÍTULO VIAGEM 7

BRASIL, RIO GRANDE DO NORTE, MOSSORÓ: UMA VERSÃO HISTÓRICA SOBRE A DINÂMICA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES (DE MATEMÁTICA) 18

CAPÍTULO CAMINHADA 41

DOCUMENTOS OFICIAIS, FONTES "PRIMÁRIAS": UMA INTERPRETAÇÃO 55

CAPÍTULO ESPAÇOS 78

ENTRE NARRATIVAS E SUBJETIVIDADES: UMA INVENÇÃO HISTÓRICA POSSÍVEL 92

CAPÍTULO MOVIMENTOS 118

A COMPLEXA RELAÇÃO ENTRE SUJEITO, ESPAÇO E SOCIEDADE: UMA POSSIBILIDADE QUE POR VEZES NOS ESCAPA 132

CAPÍTULO FORMAÇÃO 152

FLUXOS HISTÓRICOS, PROCESSOS COMPLEXOS, VIVÊNCIAS COLETIVAS E INDIVIDUAIS: UMA NARRATIVA 169

CAPÍTULO HORIZONTES 217

REFERÊNCIAS 232

Capítulo Viagem

> O viajante desfaz o que se é, separa o jovem protagonista de seu mundo e de si mesmo, e o lança a um vir a ser, aberto e indefinido. (LARROSA, 2009, p. 51).

O começo. É difícil começar, principalmente a escrever, pois, no geral, esse é um momento complicado quando um leque de possibilidades, desejos e insatisfações se mostram: "Vou começar assim"; "não, melhor assim!"; "daquela forma estava mais interessante..."; "quem sabe assim!?". Sempre uma indecisão, uma indefinição. Mas passado algum tempo, o texto começa a tomar forma, a ganhar velocidade, seguindo rumo ao objetivo de comunicar "algo".

Interessante notar que é difícil começar a escrever, mas que esse nunca é um começo de fato: escrever parece implicar já termos pensado antes – nem que seja no momento em que vamos digitar, milésimos de segundos antes de /digitar, só em pensar qual a palavra mais adequada para manter a fluidez do texto.

E se falamos de acontecimentos, de processo, por que ainda insistimos em sermos objetivos, sintéticos, sucintos, pragmáticos? Poderíamos pedir desculpas enquanto há tempo, enquanto ainda é "começo", mas embora possamos, não é o que pretendemos fazer aqui: queremos movimento, processo, reflexão, tempo...

Imagine você, caro leitor, que um jovem estudante decide um dia tornar-se um pesquisador. Para isso, obviamente, ele precisa criar e defender, em algum momento, uma tese. Narraremos aqui a história de um jovem na busca pela construção de sua tese. Mas "como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?"[1] É preciso então adverti-lo, leitor, que essa história não será narrada do começo-começo, o começo origem, mas de um começo possível. Poderia começar de outras formas, ter outros contornos... Acreditamos já ter dito algo parecido sobre intenções do autor em outro lugar[2]. Mas, enfim, poderia... Poderíamos fazer muitas outras coisas, mas decidimos começar de um fim: o fim de um ciclo. Um fim que faz sentido para um começo, pois se há de começar de algum modo. E para não dar a impressão de que existe de fato *um* começo, essa história se iniciará de *um* fim – um fim possível, já que também não acreditamos nos fins "para sempre": é um fim relativo, um entre muitos. Seria melhor usar um *entre*, ao invés de começo ou fim?

Pois bem, vamos à história, pois temos antecipado coisas que não deveríamos – ainda. Intitulo essa história de "Se um viajante...", e começaremos narrando-a assim: talvez não

imaginasse que aquele momento seria tão doloroso. Talvez imaginasse, mas jamais saberia o quanto antes de vivenciá-lo. Foi em janeiro, na cidade de Mossoró/RN, que tudo aconteceu... Parece ter sido tão rápido, mas não. Era algo que já estava para acontecer, só ele não havia se dado conta disso. E tudo o que vivera até então, tudo o que havia planejado, tudo o que sonhara, esses tudo, todos, o levariam àquele momento, mais cedo ou mais tarde. O certo é que, em algum momento, aquilo iria acontecer.

Já tudo estava certo. Passagens checadas, malas feitas, tudo separado: "pronto, podemos ir!". Iriam quatro pessoas – três para deixá-lo no aeroporto, que ficava na capital do Estado, Natal. Despediu-se de todos aqueles que ficariam e partiram para o aeroporto...

Para uns, parecia estar se despedindo de tudo que tinha sido, de tudo o que tinha vivido, talvez para não mais voltar. Ele sabia que não, guardava o desejo forte do retorno, do dia do reencontro. Não sabia o porquê ou como, mas sentia que voltaria – ou, pelo menos, alimentava esse desejo... Sabia, entretanto, que, de alguma forma, estava se despedindo de tudo e de todos, já que certamente não voltaria mais como o mesmo que ia.

Foram tantos momentos para chegar até ali, tantas vivências, experiências, tudo para alcançar o que tanto planejava, para continuar seus estudos, tornar-se pesquisador. E agora teria que começar uma nova história, partir para outra cidade: Rio Claro/SP, também localizada em um interior, um interior, porém, desconhecido, interior a se descobrir, pois o máximo que havia tido de experiência nessa cidade foram os cinco dias que lá passou, meses antes, quando foi prestar a seleção para estudar na Universidade que nessa cidade está situada, a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp). Assim, estava indo: sozinho, sem controle do que ia acontecer e sem muitos recursos financeiros. O pouco dinheiro que tinha conseguiu como professor de matemática, para isso estava se formando nas instituições formais.

Há poucos meses havia concluído o curso de graduação que teve duração de cerca de quatro anos... Em 2006 havia ingressado no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e muito, durante o curso, procurou fazer para ter uma boa formação. Tentou, inicialmente, encaminhar-se para a área de aplicação da matemática, pretendendo trabalhar com telecomunicação – talvez por ter sido a primeira oportunidade que apareceu ao buscar uma formação diferenciada –, mas percebeu que não se identificava muito com aquilo. Foi quando ingressou, por influência de uma professora – Maria de Socorro Aragão Paim – e pelo trabalho que essa desenvolvia, na área de ensino. Ensino dos números, ensino de matemática. Foram quatro anos de estudos e

desenvolvimento de inúmeras atividades ligadas a essa temática, principalmente no ensino e na extensão, como bolsista do Laboratório de Ensino de Matemática daquela universidade. Muitos cálculos, muitos jogos, muitas lembranças felizes, principalmente pela turma de amigos que fez durante a graduação. Isso tudo o havia encaminhado até ali...

Essas memórias, àquela altura, vinham à tona. Era um ciclo que se fechava, uma história que ganhava um fim. Agora eram já as expectativas que o alimentavam, que o convidavam a olhar para frente, que o convidavam a deixar o lar, seu pais, seus irmãos, familiares, amigos mais queridos, em busca da incerteza do novo.

Moraria em Rio Claro, iniciaria seus estudos de pós-graduação, o mestrado, quiçá um doutorado em um futuro breve – já saiu de Mossoró com o desejo de voltar com uma tese. Estudaria na Universidade Estadual Paulista e faria a pós em um dos mais conceituados Programas de Pós-Graduação em sua área – o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM). Estava ainda a assimilar tudo o que acontecia. Eram, sim, muitas expectativas, muitos planos, um mundo novo.

Mas esse novo ainda não havia chegado, seria outra história, futuro, desejos, devires... Ainda estava naquela história, na agradável história do aconchego, da segurança: estavam se encaminhando para o aeroporto, na capital... Viajava com sua mãe, uma de suas irmãs e uma amiga muito próxima. As três, por ele, de formas distintas, em momentos diferentes, muito fizeram e representavam, simbolicamente, todos que o ajudaram a chegar até ali.

O aeroporto... Cada vez mais próximo estava da realização do seu sonho, do que tanto havia planejado nos anos anteriores, de iniciar aquela nova história. Cada vez mais próximo, contudo, estava do momento da partida, cada vez mais próximo de se ausentar, do fim de uma historia, de dizer “o” até breve.

Disse. E disse como se fosse dos mais fortes, como um dos mais insensíveis, como se não fizesse diferença dizer até breve ou até amanhã, mesmo sabendo que de “breve” o “até breve” pouco teria.

Já havia tido outras experiências com despedidas, já havia tido conhecimento de outros tantos que viviam longe de suas famílias, bem como sabia haver outros, mesmo em sua família, que outrora assim viveram: eram outros tantos que por seus sonhos, pelo desejo de crescer, deixaram suas vidas mais seguras por novas possibilidades – e, talvez, fosse isso que fortalecesse sua decisão.

Na universidade, durante sua graduação, diariamente via os ônibus daqueles que partiam de seus lares para longas horas privados de momentos em família, às vezes, até o dia

todo. Além desses, muitos outros optavam por morar na cidade para estudar tentando evitar as incansáveis horas de viagem, ou por ser a única opção existente. Esses vinham de várias outras cidades do estado, e até de estados vizinhos.

Portanto, já havia vivido todas essas experiências, mas sendo sempre o outro: o que se despede e fica. O que ouve falar sobre a distância e saudade, mas sempre, sempre, perto de outros que, como ele, haviam ficado. Agora ele era aquele que partia... Seguiu em silêncio à área de embarque, sentindo o que muitos outros, certamente, já sentiram em seus momentos de solidão...

Seguiu, enfim. Para o novo; para começar a pensar no que viria, no que se anunciava como uma história que sempre seguiria com ele; histórias que seriam nele: "seriam ele". Aquela despedida, agora, fazia parte da sua formação.

Após as cansativas horas de viagem entre Mossoró e Rio Claro, chegou sabendo que haveria muitas outras possibilidades de retornar a Mossoró ainda durante o mestrado já que estava desejando desenvolver sua pesquisa numa perspectiva historiográfica sobre a formação de professores de matemática naquela região.

Essa proposta, contudo, não havia nascido naturalmente dele, como seria possível imaginar já que é daquela região. Embora tivesse pretensões de desenvolver uma pesquisa no campo da História da Educação Matemática, elaborou uma proposta que foi alterada após aqueles primeiros cinco dias em que esteve em Rio Claro. Sua primeira ida à cidade de Rio Claro foi quando participava do exame de seleção para ingressar no PPGEM. Até então, poucas foram as vezes em que havia saído de sua cidade natal. Em uma das etapas da seleção, os candidatos deveriam passar por uma entrevista com a presença do possível futuro orientador. Feliz por saber que havia chegado àquela etapa, mas surpreendido ao ser informado que não seria entrevistado por nenhum dos dois professores que havia indicado: – "Isso pode acontecer quando os professores que indicou analisam e gostam do dossiê, mas não possuem mais vaga, daí, eles indicam para outro que possa ter interesse", esclareceu a secretária, por quem ficaria conhecido como "pronto", dado o uso constante – aliás, como é próprio de muitos nordestinos – dessa palavra como interjeição. Aquela secretária (ele não sabia ainda) seria essencial para ajudá-lo a desburocratizar sua vida no programa.

Ao ser chamado para a entrevista, naquele misto de insegurança, ansiedade e esperança, eis que se depara numa sala com duas professoras: – "Essa é a Heloisa e eu sou a Ivete".

Ivete pediu para que ele se apresentasse e falasse um pouco sobre o projeto que havia elaborado para a seleção e de como havia chegado a ele. As professoras fizeram algumas perguntas e, em pouco tempo, já haviam conseguido deixá-lo bem menos tenso. A professora Ivete Baraldi esclareceu que, tanto ela quanto a professora Heloisa da Silva, eram membros do Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem) e que, nesse grupo, desenvolviam, há algum tempo, um projeto que eles conheciam como *Mapeamento* e que a intenção desse projeto era desenvolver um estudo histórico, de amplo espectro, a partir de diversas perspectivas teóricas, sobre a formação e atuação de professores de matemática no Brasil. Já havia muitos trabalhos desenvolvidos em várias partes do país. Esclareceu ainda que esse grupo, nesse projeto, por algumas intenções, optava por trabalhar com a História Oral como metodologia de pesquisa. A professora perguntou se ele conhecia a metodologia e se o interessaria desenvolver um projeto dessa natureza, vinculado ao *Mapeamento*, na sua região de origem. Ele esclareceu que não conhecia muito a metodologia, mas que já havia tido contato com ela em um minicurso de que participara no Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), de 2010, e que, sim, parecia ser muito interessante a proposta e, certamente, teria muito interesse em desenvolver essa pesquisa na sua região.

Após alguma conversa, a impressão que tinha é que já estavam acertando detalhes para que ele desenvolvesse aquele projeto. Na verdade, saiu muito feliz da entrevista, principalmente pela possibilidade de desenvolver aquela proposta que, certamente, viabilizaria muitas idas a sua região.

Embora não fosse ainda necessário, já se via preocupado por não saber quase nada daquela metodologia da qual as professoras haviam falado: História Oral. Como disse, tudo o que conhecia sobre essa metodologia era o que tinha visto naquele minicurso que havia acontecido há algum tempo.

Ao regressar a Mossoró, mesmo sem saber o resultado da seleção ainda, procurou o material daquele evento e realizou inúmeras pesquisas na internet para ver o que conseguiria a respeito desse assunto que, para ele, era pouco, ou nada, familiar. Além disso, escreveu à professora Ivete, enviando o seu contato – como combinado na entrevista – e perguntando se ela poderia indicar algumas referências para começar. Encontrou alguns artigos e muitas referências sobre o trabalho com essa metodologia na Educação Matemática, principalmente de membros do grupo citado pela professora Ivete, o Ghoem, além do material que ela, prontamente, enviou-lhe em resposta a sua solicitação.

Em outubro sai a confirmação da aprovação na seleção para o mestrado. Poucos dias depois a professora Ivete enviou-lhe um e-mail e, entre outros assuntos, perguntou sobre o encaminhamento do projeto, tendo em vista que teria que, em pouco tempo, submetê-lo para a solicitação da bolsa, o que possivelmente aconteceria entre dezembro e janeiro.

Sabendo o quanto seria fundamental ter uma das bolsas de estudo para manter-se, debruçou-se sobre aquelas e outras leituras e elaborou a primeira versão da proposta definitiva para o mestrado. Tudo aquilo era muito novo, inclusive o ato de pesquisar e escrever. A experiência mais próxima que teve de realizar uma pesquisa antes foi no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação[3] que, mesmo sendo bem orientado pela professora Graciana Ferreira Dias, não foi suficiente para que compreendesse o que era pesquisar. Contudo, essa experiência foi fundamental naquele momento e para tudo o que viria depois.

Com o aprimoramento da proposta, o projeto teria, então, o objetivo de compreender e construir uma versão histórica de como se deu a formação de professores de matemática, atuantes nos ensinos fundamental e médio, na região de Mossoró, no período anterior ao ano de 1974, que marcava a criação do mais antigo curso de formação de professores de matemática da região. Naquela oportunidade, afirmava ainda que, para desenvolver tal proposta, utilizaria a História Oral (temática) como metodologia de investigação. Embora tivesse lido tanto sobre, o que era realmente aquilo? O que era metodologia? Por que o Ghoem utilizava aquela? Qual a importância? Por que História Oral em Educação Matemática ou até História Oral segundo o Ghoem? O que diferenciava seus usos? Eram perguntas que só mais tarde iria realmente entender e, principalmente, elaborar em si.

Em poucos dias começaria sua jornada na pós-graduação: as primeiras disciplinas, os primeiros colegas, a frequência à Unesp como aluno etc. Além disso, em alguns dias, realizaria sua primeira viagem a partir dali: participaria da primeira reunião do "Ghoem", sem saber muito o que isso significava ainda. O que era participar de um grupo? Quais as vantagens? Desvantagens? Por que tanto falar em um grupo? Pelo que havia entendido com a troca de e-mails com a professora Ivete, o grupo tinha um grande número de membros e em vários Estados. Como alguns desses integrantes eram da cidade de Bauru, para aquele ano e semestre haviam optado por fazer a "grande reunião" lá – mais tarde entenderia que essas grandes reuniões acontecem poucas vezes ao ano, pois têm a intenção de reunir, se não todo, grande parte do grupo.

Foi para Bauru com a ajuda da professora Heloisa, que o fez entrar em contato com outros membros do grupo que moravam em Rio Claro... Chegaram a Bauru. Procuraram a sala do Ghoem – pois é naquela cidade que fica a sede física do grupo: uma bonita sala, com muitos armários, tapete, quadros, sofá, mesas, estantes, livros (muitos livros) e equipada com o necessário para os trabalhos do grupo. Algumas pessoas já estavam lá. Foi sendo apresentado, aos poucos, a cada um dos outros integrantes.

Grande foi sua surpresa ao (re)encontrar outro personagem dessa história: o professor Vicente, do qual a professora Ivete tinha comentado em alguns e-mails, de quem tinha usado textos, que havia lido seu projeto e era o coordenador do Ghoem – era o mesmo professor a quem teve oportunidade de conhecer em uma mesa redonda no referido ENEM de 2010 e com quem havia conversado rapidamente, por orientação de uma outra professora e amiga, sobre o mestrado em Rio Claro. Além dele, outros quatro personagens, também membros do grupo, eram familiares a ele: três das mulheres que lá estavam eram as mesmas que tinham dado o minicurso no ENEM, e um dos rapazes ele havia conhecido durante a seleção e, não imaginava ainda, teriam um bom percurso bem próximos – pois esse seria também orientado pela professora Ivete e viriam, mais tarde, a formar uma república.

Durante a reunião, algumas conversas, discussões de textos, apresentações de projeto, questionamentos e contribuições dos membros. Começava assim a experimentar como se dá a produção de conhecimento coletivamente nesse grupo. Finalizadas as tarefas acadêmicas, foram para uma confraternização, quando ele pode conversar mais e conhecer tantos outros personagens que (não sabia ainda) muito o ajudariam nas suas histórias e que o fariam entender, pouco a pouco, o que é o Ghoem, o que é pesquisa, História Oral, metodologia, formação de professores, *Mapeamento*: aqueles eram, também, momentos de formação.

E foi assim que ele ingressou nessa história já em processo do Ghoem. Muitos foram os maravilhamentos[i] que teve ao deparar-se com as propostas e sistemáticas do grupo, com o modo de trabalho em equipe e o amadurecimento que esse modo de trabalho poderia proporcionar no decorrer do seu mestrado.

Esse jovem pesquisador entendeu, nesse percurso, que uma metodologia de pesquisa não é apenas um conjunto de procedimentos ou técnicas, mas, sim, a união indissociável de modos de proceder com teorias que os sustentam, que definem os rumos a seguir, que guiam determinadas ações e fazem pensar sobre essas ações; que metodologia é algo em trajetória,

[i] Mobilizamos a noção de maravilhoso de Greenblett (1996). Esse é um dos principais conceitos trabalhado por esse autor, que, segundo ele, seria o impacto causado pelo primeiro encontro com algo desconhecido, sendo, também, o primeiro passo para a apropriação do novo.

um constante estar em processo: é o proceder orientado e pensado, repensando e reorientando novos modos de proceder. Compreendeu, portanto, que metodologia é algo que está sempre em estudo, sempre em movimento, aberto a modificações, a reformulações, a reorientações[4].

Logo compreendeu que com a História Oral isso não seria diferente por ser, no Ghoem, entendida como metodologia. Ficou sabendo que essa vinha sendo estudada há mais de uma década pelo grupo e, por esse motivo, muitos eram os entendimentos já disponíveis, as "estabilidades" constituídas sobre tal metodologia. Porém, entendeu que, como algo sempre em processo, constantes eram as questões, formulações e reformulações desses entendimentos.

Assim, mobilizando as verdades constituídas por esse grupo, elaborando suas próprias durante o desenvolvimento do mestrado, compreendeu que a História Oral é uma metodologia de pesquisa qualitativa que possibilita lidar com narrativas de sujeitos que viveram os eventos que se pretende estudar, sendo, talvez esse, um dos principais motivadores da opção por se trabalhar com essa metodologia para realizar operações historiográficas: permitir entrar em contato com indivíduos ligados por acontecimentos em comum, que por tê-los vivido e experienciado fornecem diferentes perspectivas para o entendimento do passado, possibilitando criar e conhecer versões, por vezes distintas ou desconhecidas, sobre o tema que se pretende estudar[5].

Entendeu que não é uma metodologia de pesquisa exclusiva para a realização de operações historiográficas, mas que, sendo uma de suas intenções primordiais a constituição de documentos que poderão vir a se transformar em fontes históricas, é importante que os pesquisadores que dela lançam mão elaborem uma compreensão sobre História.

Além disso, entendeu que a História Oral é uma metodologia que possibilita o uso de fontes orais mas não exclui a possibilidade de uso de outras fontes. Pelo contrário, é de suma importância que, em operações historiográficas, se possa lançar mão de outras fontes – pictóricas, iconográficas, escritas... – por sua potencialidade, pela possibilidade de acessar, por meio delas, interrogando-as, diferentes versões históricas do que se tematiza.

Por fim, nessa perspectiva, sabia que as fontes por ele criadas e mobilizadas não eram ingênuas, assim como também não o eram as fontes documentais: todas são criadas com intenções, num dado contexto, segundo determinadas verdades, percepções, observações, concepções, marcadas pela subjetividade daqueles que as criaram.

Outra verdade que formulou sobre essa metodologia é que, por trabalhar diretamente com sujeitos, e embora se deva evitar o reducionismo que vê método como um mero uso de

técnicas, no Ghoem há um protocolo de pesquisa tido como adequado para desenvolver uma pesquisa com História Oral, e mesmo que esse protocolo não seja fechado ou imutável, inquestionável, ele oferece direções iniciais para o modo de proceder dos membros grupo no desenvolvimento das pesquisas que fazem uso dessa metodologia. Assim, esse protocolo é constantemente mobilizado e problematizado, discutido, ampliado, alterado, testado, pensado e repensado. Mesmo com as variações e as possibilidades de movimento permitidas por um protocolo "móvel", flexível, ele sabia que alguns passos importantes para o desenvolvimento de pesquisas pautadas pela História Oral são: estruturar a pesquisa para saber o que se deseja estudar; escolher os colaboradores da pesquisa; elaborar o roteiro das entrevistas[ii] a serem realizadas com os colaboradores; fazer contato com os possíveis depoentes para saber sobre sua disponibilidade; realizar as entrevistas; transcrever e textualizar[iii] os registros orais; legitimar os textos; obter a concessão dos direitos autorais e de publicação; analisar os dados obtidos[6].

Foi usando esse protocolo que ele produziu e obteve os documentos que possibilitaram alcançar o objetivo visado no mestrado, tendo realizado nove entrevistas e obtido direito de publicação de oito, com os quais produziu os documentos-narrativas dos professores Felisbela Freitas de Oliveira, Joabel Azevedo Dantas, Maria das Graças Bezerra Sathler, José Arimatéia de Souza, Alcir Leopoldo Dias da Silveira, Luiz Carlos Avelino da Trindade, Raimundo de Freitas Melo e Francisco de Assis Silva (Chiquito)[iv]. Além desses documentos produzidos, esse pesquisador utilizou ainda documentos de arquivos de instituições de ensino, como Livros de Atas, Livros de Correspondências, Livro de Recortes de Diário Oficial (jornal) falando sobre a Escola Normal de Mossoró, Livro de Pontos, Livro de Registro de Títulos,

---

[ii] Existem outras possibilidades que não, necessariamente, o uso de um roteiro propriamente dito. No mestrado, por exemplo, mobilizamos as Fichas Temáticas para a realização das entrevistas. A intenção de utilizar fichas era a de não prender o colaborador a perguntas fechadas, e/ou evitar direcionar, tanto quanto fosse possível, a entrevista. Assim, as fichas possuíam temas gerais e específicos apresentados ao colaborador, para que ele falasse sobre o tema, direcionando-o como quisesse, inclusive podendo desprezá-las. A saber, os temas que elencamos no mestrado foram: *Apresentação pessoal; Família; Infância; Juventude; Cotidiano da cidade em que cresceu; Cidade e educação; Costumes; Política; Escola e rotina escolar; Disciplinas marcantes; Professores marcantes e suas aulas; Sistemas de ensino; Dificuldades nos estudos; Dificuldades em realizar os estudos; Mudanças na educação durante os estudos; Primeiros contatos com o ensino; Ingresso no magistério; Formação; Escolas e cotidiano durante o exercício do magistério; Dificuldades no exercício do magistério; Mudanças durante o Magistério; Mudanças na formação de professores de Matemática; Mossoró no início do magistério; Magistério em Mossoró; Mossoró no contexto atual; Ensino de Matemática hoje; Considerações*. A opção pelo uso dos temas foi fundamentada nas pesquisas de Rolkouski (2006) e Vianna (2000).

[iii] Em outro momento abordaremos de forma mais adequada sobre textualização e transcrição. Por hora, definimos de forma breve a transcrição como o processo de transformação da entrevista da linguagem oral para a escrita e a textualização como o processo de recriação – pelo pesquisador e colaborador – desse texto transcrito, com o objetivo de gerar o texto, o documento, que será utilizado para as análises e incorporado ao trabalho final.

[iv] As narrativas completas dos professores, bem como maiores detalhes sobre a pesquisa de mestrado que baseou a produção dessas, podem ser encontradas em Morais (2012), disponível para download no link: www.fc.unesp.br/ghoem/trabalhos/42_3_dissertacao_marcelo_morais.pdf.

Livro de Registro de Posse, entre outros – e outras narrativas que o ajudavam a narrar o que pretendia.

A partir desses documentos, para produzir sua versão histórica, optou por utilizar um modelo de análise que o Ghoem vinha discutindo, mas do qual havia ainda poucos exercícios no grupo: a *análise narrativa de narrativas*. Esse movimento de análise possibilita a constituição de um texto narrativo produzido a partir de todas as narrativas às quais o pesquisador tiver acesso, sendo diferente dessas no que tange à forma. A análise narrativa de narrativas possibilita a elaboração de uma narrativa que de algum modo abarca as demais, sendo outra, e não uma mera junção de recortes. Essa narrativa – que é do pesquisador – permite que novas sejam (re)elaboradas e apresentadas como resultados de um processo de investigação. Esse modo de análise produz uma nova narrativa, uma nova história, em que (espera-se) ficam latentes a subjetividade daquele que narra as versões das várias fontes que alimentaram a criação daquela versão, e o eco dos narradores, o cuidado com o modo como se narra tanto quanto com o que é narrado[7].

Assim, ele optou por esse método analítico pela natureza das versões históricas que os documentos ofereciam, por se tratarem de versões que, em sua maioria, abordavam pontos muito distintos de formação e sobre algumas características muito peculiares. Cabe ressaltar que também era claro para o pesquisador o que agora entendia como análise: não um processo em que cabe julgar as narrativas orais, apontando se são verdadeiras ou não a partir dos documentos, ou vice versa, mas um "amarramento" de informações, constituído na narrativa do pesquisador que, por sua vez, considera as disposições do que ouviu e do que leu; um processo de construção de uma outra história, um amálgama dos significados que produziu a partir de todas as histórias a que teve acesso.

Corroborava, ainda, a noção de que a operação analítica não é um momento estanque que se dá apenas no fim da pesquisa. Ao contrário, para ele, a operação analítica já está sendo realizada desde o momento em que se opta por focar determinados objetos com o objetivo de elaborar compreensões. Dessa forma, ao focar um dado "objeto", passa-se a atribuir significados naquela direção, elaborando, já daí, compreensões. Assim, o processo de análise inicia-se com a explicitação da pergunta de pesquisa e se consolida com a elaboração do texto que irá compor o relatório do pesquisador – a partir do qual se iniciam novos processos de análise por parte dos seus leitores.

Assim, naquele momento, para a construção do seu texto analítico, ele tentou detectar "evidências", "tendências" e/ou "singularidades" nas entrevistas, a fim de considerá-los,

pormenorizadamente, num estudo analítico, ou seja, buscou os aspectos, consonantes ou dissonantes, presentes nas narrativas dos colaboradores e nos outros documentos, bem como nas outras narrativas históricas das quais lançou mão e que contribuíram para a constituição de sua narrativa, elaborando, daí, sua história sobre a formação de professores de matemática na região de Mossoró[8].

Assim, aquele jovem pesquisador em formação, professor em formação, viajante em formação, dava seus primeiros passos para constituir uma tese, pois ao término daquela primeira pesquisa já havia elaborado a proposta que, na mesma perspectiva, mas de forma mais ampla, desenvolveria no doutorado: estudar a história da formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte. Assim, sabia que a narrativa que constituíra, àquela altura, já era *uma versão histórica sobre a formação de professores de matemática* naquele estado.

---

[1] (LISPECTOR, 1998, p. 18).
[2] (MORAIS, 2012).
[3] (MORAIS, 2010).
[4] Uma explicação pormenorizada do que entendemos por metodologia pode ser encontrada em Morais (2012), associando essa noção de metodologia aos entendimentos que temos sobre História Oral. Entendemos desnecessário repetir esse esforço nesse trabalho, posta a existência de uma série de textos que abordam esse tema no Ghoem. Caso necessário, indicamos ainda Garnica (2007; 2010b), Baraldi (2003), Garnica, Fernandes e Silva (2011), Gaertner (2004) e Cury (2011).
[5] Muitos são os trabalhos que os membros do GHOEM vêm produzindo, nos quais ficam claras as perspectivas, os pressupostos e as abordagens metodológicas do grupo em relação à História Oral. Nossas perspectivas foram sendo formadas, a título de exemplo, pelos seguintes textos – embora existam muitos outros: Baraldi (2003; 2006; 2012), Baraldi e Gaertner (2008), Garnica (2007; 2010a; 2010b; 2008; 2013), Garnica, Silva e Fernandes (2011), Garnica, Fernandes e Silva (2010), Souza (2011) e Garnica e Souza (2012). Além dos trabalhos do Ghoem, nossas bases sobre História Oral também foram sendo fundadas em autores de outros campos de investigação, como: Thompson (1992), Silveira (2007), Meihy (2000), Portelli (2010) e Ferreira e Amado (2001).
[6] Mais sobre História Oral em Educação Matemática, como entendemos no GHOEM, novamente indicamos a leitura dos trabalhos indicados na nota 5, bem como a busca de outros textos no site do grupo (www.ghoem.org).
[7] Nossa opção por trabalhar com a análise narrativa de narrativas foi fundamentada por Garnica (2010a), Bolívar (2002) e Cury (2007, 2011), seguindo os exercícios de análise praticados por este último autor.
[8] As compreensões que possuíamos sobre análise foram norteadas principalmente pelos trabalhos de Baraldi (2003), Gaertner (2004), Garnica, Silva e Fernandes (2011), Cury (2006, 2011). Indicamos ainda: Fernandes (2014), Fernandes (2011), Silva e Viola dos Santos(2012), Martins-Salandim (2012), Cury, Souza e Silva (2014).

Sumário PASSOS

Brasil, Rio Grande do Norte, Mossoró: uma versão histórica sobre a dinâmica da formação de professores (de matemática)

Por volta de 1891, com a Proclamação da República do Brasil, é proposta a laicização da educação formal e a supressão do ensino religioso nas escolas públicas. Com isso, "o catolicismo no Brasil perdeu a condição de religião oficial e passou a concorrer com outras associações religiosas"[1]. Entretanto, "separada do Estado pela República, a Igreja busca uma reaproximação em novas bases"[2], visando assegurar sua autonomia, posto que não contaria mais com o poder público. Isso fez com que a Igreja Católica passasse por reestruturações institucionais, formando e consolidando uma extensa rede de escolas católicas em todo o território nacional[3].

Essa atitude foi decisiva para o ensino no Brasil, principalmente para o nível secundário, pois, em meados do século XX, a maioria das instituições com esse nível de ensino no país era católica[i]. Assim, "é justamente a partir da proclamação da República que a Igreja no Brasil consolida sua hegemonia como agência formadora das elites dirigentes"[4], o que pode ser percebido na região de Mossoró, interior do Rio Grande do Norte. Cidade localizada a aproximadamente 257 km da capital do Estado, onde foi instalado, no ano de 1901, o Colégio Diocesano Santa Luzia[ii], ou o "Colégio dos Padres" como ficou conhecido por muito tempo, até então Mossoró só contava com uma instituição de ensino que havia sido instalada no ano anterior, o Colégio Sete de Setembro.

Os educandários geralmente funcionavam no sistema de internato, de forma que os meninos estudavam em "colégios de padres" e as meninas frequentavam os "colégios de freiras"[5]. A ação da igreja católica na região de Mossoró não cessa com a instalação do Colégio Diocesano, específico para a formação de meninos. Visando à formação da população feminina da região, dentro dos preceitos da igreja católica, é instalado em Mossoró, no ano de 1912, o Colégio Sagrado Coração de Maria, ou "Colégio das Irmãs" como é até

[i] Sabemos da impossibilidade de comparar os diferentes níveis de ensino, que foram sendo criados ou alterados ao longo da história, aos do contexto atual, devido às suas características, as funções sociais que exerciam e os contextos em que foram instituídos e/ou alterados. Entretanto, para um possível leitor que não trabalha especificamente com a área de História da Educação (Matemática), faremos, ao longo dos textos analíticos que compõe essa tese, aproximações dos níveis de ensino aos quais nos referirmos aos níveis de ensino atuais, para uma aproximação de compreensões. Neste caso em específico, o ensino secundário era o nível de ensino pós-primário, que corresponderiam aos atuais anos finais do ensino fundamental e o ensino médio.

[ii] O Colégio Diocesano de Santa Luzia existe até os dias atuais e ainda executa papel importante na formação da região, realizando, inclusive, grandes atividades com apoio político. Outras características sobre o papel desse colégio e de outros que aparecem nesse texto (como o Colégio Sagrado Coração de Maria e o Instituto de Educação de Mossoró – atual Escola Estadual Jerônimo Rosado), na formação dos sujeitos da região, serão abordadas nas outras análises desta tese.

hoje conhecido. Essas duas instituições de ensino foram responsáveis por formar, durante muito tempo, a elite da região.

Contudo, mais tarde, outras iniciativas não vinculadas à igreja ocorreram com relação ao ensino no Rio Grande do Norte. No ano de 1922, o governador Antônio José de Melo e Souza propõe uma reforma no ensino do estado, fundando a Escola Normal Primária de Mossoró, que só passa a contar com o secundário a partir de 1939[6].

Assim, até o final da década de 1930, Mossoró contava com o Grupo Escolar "Trinta de Setembro", a Escola Normal, a Escola Técnica de Comércio União Caixeiral e os Colégios (dos padres e das freiras), Diocesano Santa Luzia e Sagrado Coração de Maria.

No início dessa década, a matemática (na verdade um conjunto de três disciplinas – aritmética, álgebra e geometria –, ministradas separadamente) é adotada oficialmente como disciplina obrigatória em todo o país, a partir do Decreto nº 19.890, de dezoito de abril de 1931[7]. No que tange ao ensino de matemática, esta lei orientava que o ensino dessa disciplina "não privilegiasse a memorização sem raciocínio, mas sim, que se promovesse o seu estudo por meio da resolução de problemas e aplicações"[8], ou seja, visava a um ensino de matemática problematizado, refletido e aplicado. Esse Decreto dispunha sobre a organização do ensino secundário, discorrendo sobre o número de anos e sobre sua divisão em dois ciclos de ensino, seu funcionamento, o corpo docente, um regular sistema de avaliação dos alunos, a forma de acesso e a reestruturação do sistema de inspeção federal[9].

Os Artigos 18 a 23 do Decreto normatizavam que o ingresso na primeira série do ensino secundário se daria por meio da realização do *exame de admissão*. Este exame sempre seria realizado na segunda quinzena de fevereiro, pois a primeira era destinada ao período de inscrição, em que o aluno deveria, dentre outros documentos, apresentar comprovação de ter idade mínima de onze anos para o ensino regular normal e, para o regime de internato, treze anos. Os artigos indicavam que os exames deveriam ser realizados na escola na qual o aluno pretendia ingressar para realizar os estudos secundários, não podendo, no mesmo período, realizá-los em mais de uma instituição[10].

Esses artigos ainda regulamentavam as bancas examinadoras, além de regularem a estrutura do exame, que constaria "de provas escritas, uma de português (redação e ditado), e outra de aritmética (cálculo elementar), e de provas orais sobre elementos dessas disciplinas e mais sobre rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências naturais"[11].

Esses exames foram ainda previstos pelo Decreto-Lei promulgado em 1946[12], conhecido como Lei Orgânica do Ensino Secundário. A única alteração que essa lei fazia em

relação ao Decreto nº 19.890 era a de que o exame seria realizado não mais em uma única época, mas, sim, em duas, sendo a primeira em dezembro e a segunda em fevereiro. Esse exame existiu por mais de 40 anos, sendo extinto no início da década de 1970.

Além desse decreto foram promulgados outros, no mesmo ano de 1931, instituindo uma reforma na educação secundária, comercial e superior no país, que ficou conhecida como "Reforma Francisco Campos", por meio da qual ocorre a disseminação, de forma mais abrangente e em todo o território nacional, dos princípios de uma "nova pedagogia": a da Escola Nova. Essa nova proposta insinuava-se desde a segunda década do século XIX. Francisco Campos era um educador em sintonia com essas novas perspectivas de educação. Foi ainda no início da década de 1930 que os defensores da Reforma produziram, no Brasil, o "Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova", um "importante símbolo produzido no Brasil para representar a luta pela escola pública, laica e gratuita"[13]. A proposta da Escola Nova baseava-se na ideia de deslocar o foco do processo de ensino e aprendizagem para o aluno, que passava a ser participante ativo desse processo pontuado por atividades que visavam ao desenvolvimento de um raciocínio de generalização a partir de experiências e contatos com situações particulares. Os reflexos desse movimento são sentidos, no país, até a década de 1970[14].

Apesar dos ares escolanovistas, aponta-se que a Reforma Campos, que teve ressonâncias mais diretas na educação pelo menos até a década de 1960, induzia à produção de uma cultura burguesa nos estudantes do ensino secundário, a partir da "educação integral – intelectual, física, patriótica – e da prescrição de práticas disciplinares que conduzissem ao disciplinamento e à autorregulação"[15], com o objetivo de instituir nacionalmente uma normalização do ensino secundário, incitando os estudantes a trabalharem regular, progressiva e produtivamente para consolidar uma sociedade capitalista e disciplinada, que estava se estabelecendo na década de 1930 no Brasil.

Vale ressaltar que na estrutura social burguesa, uma estrutura capitalista e de classes, não há uma igualdade nas condições de existência dos sujeitos, havendo a necessidade de manter uma diferença entre as principais classes sociais que a constituem para dar continuidade ao processo de reprodução social dos interesses da classe dominante, "pois, no capital, a miséria da maioria significa o benefício de alguns poucos, ainda que essa maioria seja responsável por toda a riqueza produzida na sociedade"[16], sendo esse o princípio que, de algum modo, a Reforma Campos disseminava por meio da disciplinarização dos corpos.

Essa disciplinarização, na Reforma, era prevista por meio de mecanismos de educação do corpo como a obrigatoriedade de realização das atividades de educação física durante todo o ensino secundário, "o controle do tempo, o sequestro dos alunos no interior dos ginásios por meio da presença obrigatória, a seriação do conhecimento escolar em ciclos e séries anuais, um sistema detalhado e regular de avaliação discente e a reestruturação da inspeção federal"[17]. Essa estrutura de ensino secundário era distinta da até então vigente, a qual funcionava com os cursos preparatórios e exames parcelados, levando a uma liberdade regulada.

Com essa reforma, há ainda uma forte valorização do nacionalismo e do patriotismo. Além disso, a reinserção do ensino religioso nas escolas públicas tinha a motivação política, por parte do Estado, "de conquistar o apoio da Igreja Católica, como elemento de suas estratégias ideológicas em oposição ao pensamento internacionalista, que poderia fazer frente ao autoritarismo nacionalista de seu governo" [18].

Nesse contexto, as atividades da Igreja Católica ligadas à educação da região de Mossoró ainda estavam limitadas apenas aos Colégios "dos padres e das freiras". Contudo, um dos objetivos da Igreja Católica, traçado ainda no início do século XX, sob o comando do Papa Leão XIII, era a separação física entre os Colégios e os Seminários, para colocar "ao 'abrigo dos perigos' os eleitos para a carreira eclesiástica"[19]. Até então, Mossoró não possuía Seminário, ficando a iniciação dos seminaristas sob a responsabilidade da Diocese de Natal, situação que se altera em 1934 com a criação da Diocese de Mossoró e com a fundação, em 1937, do Seminário Santa Terezinha, o conhecido "Seminário de Mossoró", também responsável por formar inúmeros jovens da região.

Um desses jovens formados pelo Seminário Santa Terezinha foi Alcir Leopoldo da Silveira – também conhecido como padre Alcir ou professor Alcir. Nascido em 1934, era natural de Patu, filho de cearenses. Nesse Seminário ele passou parte da infância e toda a sua adolescência, tendo seguido a carreira eclesiástica e sido ordenado padre, mais tarde, em Roma.

No período em que Alcir estudou no Seminário, quem lá ensinava eram sacerdotes holandeses que lecionavam as disciplinas nas quais eram especializados; não que possuíssem uma formação específica para lecionar: atuavam naquelas em que tivessem maior conhecimento dos conteúdos, afinidade e facilidade de compreensão.

Na verdade, por um longo período, assim funcionaram os famosos colégios de padres e freiras: nos colégios de padres, os professores eram padres e, no de freiras, freiras, e a

escolha pelas disciplinas se dava pelo domínio que possuíam dos conteúdos[20]. Não era diferente no Colégio Diocesano e no Colégio Sagrado Coração de Maria.

Até o final da década de 1940, Mossoró continuava com as mesmas instituições de ensino, em nível primário e secundário. Além dessas instituições, ainda nessa década, começou a ser pleiteada uma instituição de ensino superior para a região. Vale ressaltar que, neste período, o sistema de ensino superior em funcionamento era o mesmo criado no período do Brasil Império, quando foram implantadas, ao invés de Universidades, as primeiras instituições isoladas de ensino superior, um modelo importado da França. Essas instituições, as Faculdades, se espalharam por todo o Brasil e, mais tarde, as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) assumiram a responsabilidade de formar professores[21].

Para a região de Mossoró, pleiteava-se a criação da Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró (FACEM), criada efetivamente em 18 de agosto de 1943 por meio da Resolução nº 001/43 da Sociedade União Caixeiral, a mesma mantenedora do colégio técnico já lá existente. Após sua criação, a documentação para a constituição foi encaminhada ao Conselho Federal de Educação (CFE), cujo parecer favorável só foi dado em 1947. Contudo, não foi dada sequência no processo, resultando no seu arquivamento. A retomada para o reconhecimento dessa Faculdade deu-se no ano de 1955 com a criação da União Universitária Mossoroense, formada por estudantes universitários de Mossoró, matriculados em Faculdades da Capital ou de outros estados. Seu líder era o professor João Batista Cascudo Rodrigues. Com o empenho desse grupo e o apoio de alguns políticos, como o Senador Dix-Huit Rosado e o Deputado Federal Tarcísio de Vasconcelos Maia, conseguiu-se a autorização do CFE para o funcionamento da instituição por meio do Decreto nº 48.665, de 04/08/60[22].

Antes disso, portanto, sem a presença de nenhuma instituição de ensino superior até o início da década de 1960, contando apenas com a Escola Normal de Mossoró para formar professores para a região, os professores que ali lecionavam não possuíam uma formação específica para tal: tratava-se de um pessoal formado em outras áreas e que as circunstâncias levavam a atuar no ensino.

Talvez (ou principalmente) as ampliações repentinas que aconteceram na rede de ensino pública tenham acarretado a falta de professores formados. Uma primeira ampliação da rede de ensino do estado do Rio Grande do Norte ocorreu ainda no início da década de 1920. Nesse período, por muitas vezes, "o Governo no Estado viu-se na contingência de fazer contratos com professoras estranhas [*sic*], para as novas unidades de ensino que iam sendo criadas e instaladas de conformidade com a reforma de ensino legiferante"[23]. Entre 1924 e

1928, o governo estadual de José Augusto Bezerra de Medeiros, visando a uma interiorização e democratização do ensino primário, influenciado pelo Movimento Escola Nova, tentou dar "ares mais científicos ou renovadores à rede escolar, pois implantou novos métodos pedagógicos, normas, regras, criando, inclusive, um regimento para o funcionamento da escola nos seus três níveis: isolada, reunidas e grupo escolar"[24].

Uma das grandes novidades propostas no Brasil, então, era a criação dos grupos Escolares (um tipo de escola graduada que funcionou no país até a década de 1970, quando foram extintas), e somente estas instituições eram responsáveis pela instrução dos alunos em nível primário, isso proposto pela Lei nº 249 de 1907, decretada em 1908, que ainda vigorava na época. Essa medida educacional, adotada pela União, teve influência no surgimento do "Movimento Reformador Educacional Brasileiro"[25].

Outra reforma de ensino que acarretou uma grande carência de professores pela significativa expansão do ensino secundário, ainda em nível nacional, foi a Lei Orgânica do Ensino Secundário – nº 4.244 de 9 de abril de 1942[26]. Essa lei elevou assustadoramente o número de instituições de ensino secundário e de matrículas em todo o território brasileiro e tratava da estrutura do ensino secundário dividindo-o em ginasial e colégio[iii], tendo, o primeiro, duração de quatro anos e, o segundo, de três anos. O colégio passava, então, a ser constituído por dois cursos, o curso normal e o curso científico, podendo o aluno optar por um deles, sendo que ambos permitiam ascensão ao ensino superior. O mesmo Decreto-Lei, dentre outros assuntos, ainda estrutura o currículo desses níveis de ensino[27].

Essa foi apenas uma das leis orgânicas de uma série de leis promulgadas em 1942, conhecidas como "Reforma Capanema", que reformulou os ensinos secundário, comercial e industrial. Essa reforma deixou ainda mais evidente as diferenças entre as classes sociais, inicialmente marcadas pela reforma Campos, direcionando o ensino de qualidade para os "indivíduos com elevado capital cultural e cuja aspiração direcionaria ao acesso ao ensino superior"[28] e o ensino profissionalizante às classes mais baixas, cuja formação era mais técnica, ofertando conteúdos mínimos e sem direito de acessar o ensino superior. Outra indicação dessa reforma, com fortes influências da igreja católica, era que o ensino em todas as instituições fosse realizado separadamente por gêneros, em instituições destinadas exclusivamente para meninos e meninas ou, na impossibilidade, em salas separadas. Assim, no período de vigência da reforma Capanema, "o Ensino Secundário manteve seu caráter elitista e seletivo, de maneira que dentre os estudantes que frequentaram os ginásios e

[iii] O ginásio e o colégio (ou ginasial e colegial) aos quais faremos referência ao longo dos textos, corresponderiam, respectivamente, aos atuais anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

colégios brasileiros, alguns poucos eram provenientes das classes populares"[29], apesar da expansão do ensino.

Uma das consequências dessa expansão, sentida não só no Rio Grande do Norte, mas em muitas outras regiões do país, foi a urgência em conseguir professores para atuar no ensino secundário, pois "os professores em exercício passaram a ser super utilizados e o número deles era bastante reduzido". Como consequência dessa falta de professores, para tentar suprir a demanda na educação nacional, "num processo emergencial, os professores começaram a ser 'recrutados' por meio do exame de suficiência"[30], ou seja, uma das medida adotadas foi a criação de um exame para o qual pessoas sem uma formação específica poderiam se submeter e, sendo aprovadas, consideradas suficientes, poderiam atuar no ensino, tornando-se professores com um registro temporário. Isso aconteceu com a promulgação do Decreto-Lei nº 8.777, de 22 de Janeiro de 1946[31], que discorria sobre o registro dos professores do ensino secundário, instituindo a partir daí os *exames de suficiência* para habilitar aqueles que desejassem ingressar na carreira de magistério e não possuíssem formação específica. Os exames seriam compostos por "a) prova escrita; b) prova prática; c) prova didática"[32], a serem realizadas nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no estado em que se requeresse a licença para ensinar, ou, na ausência das mesmas, em instituto congênere.

Esse sistema para os exames funcionou até o ano de 1955, quando foi regulamentada a realização dos "Exames de Suficiência para o exercício do magistério nos cursos secundários nas regiões onde não houvesse professores licenciados por Faculdades de Filosofia"[33], pela Lei nº 2.430, de 19 de fevereiro de 1955, e pela Portaria Ministerial nº 115, de 20 de abril de 1955.

Assim, durante esse período, em Mossoró, não era difícil encontrar professores formados na Escola Normal atuando no ensino secundário, embora a formação deles fosse para lecionar apenas no ensino primário. Além disso, era comum encontrar professores ou com formações em outras áreas, ou mesmo sem formação superior alguma, contando, às vezes, apenas com o secundário[34]. Para as aulas de Matemática não foi diferente, pois desde o início do século XX já era possível notar certa carência de profissionais para preencher os quadros do magistério secundário, e o ingresso de pessoas formadas em outras áreas no ensino dessa disciplina.

Exemplo disso é a professora Felisbela Freitas de Oliveira, natural de Patu, Rio Grande do Norte, nascida no ano de 1945. Ela foi uma das que começou a lecionar em

Mossoró sem formação superior, tendo iniciado suas funções de docente de matemática no ensino ginasial quando ainda finalizava o colegial. Em sua infância, fez o ensino primário na região de Patu, sendo o ensino primário, nessa época, regido pela Lei Orgânica do Ensino Primário – Decreto-Lei 8.529, promulgado em 02 de Janeiro de 1946 – que propunha a organização do ensino primário em supletivo e fundamental; o fundamental era destinado às crianças de sete a doze anos e o supletivo a adolescentes e adultos.

O ensino primário fundamental seria ministrado em dois cursos sucessivos: o elementar e o complementar. O curso primário elementar tinha duração de quatro anos, contando, entre as disciplinas, com a de "Iniciação matemática". O curso primário complementar tinha duração de um ano, tendo entre as disciplinas "Aritmética e Geometria" e "Desenho". Vale ressaltar que o curso primário complementar não era obrigatório. Essa lei ainda regulamentava os tipos de instituições de ensino (Escolas Isoladas, Escolas Reunidas, Grupos Escolares e Escola Supletiva, as instituições públicas; e Curso Elementar, Curso Primário e Curso Supletivo, as instituições particulares) e o modo de funcionamento de cada uma delas.

Ao concluir o primário em Patu, entretanto, os pais de Felisbela se transferiram, em 1960, para Mossoró, para que ela pudesse dar continuidade aos seus estudos, pois não existia o curso secundário em sua cidade de origem.

Pouco depois de sua chegada a Mossoró, é promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 4.024/61, pelo presidente João Goulart, que visava "à democratização da educação e descentralização do ensino, equivalência de cursos, continuidade entre o primeiro e o segundo graus, constituição dos sistemas estaduais de ensino e organização da universidade"[35].

Para o ensino superior, essa primeira LDB extingue legalmente o modelo de curso que ficou conhecido como "3+1", que propunha três anos de disciplinas específicas e um de disciplinas pedagógicas. Além disso, a mesma lei diferencia a formação do bacharel da formação do licenciado.

Em relação aos ensinos primário e secundário regular, que diziam respeito ao contexto no qual Felisbela vivia e às escolas que existiam no interior do Rio Grande do Norte à época, a mesma lei estabelecia os níveis de ensino "primário", "médio" e "superior". O primário era destinado às crianças a partir de sete anos de idade, sendo um nível de instrução obrigatório a partir dessa idade. Este nível de ensino tinha duração de, no mínimo, quatro anos e, no máximo, seis anos, sendo que os dois últimos anos eram destinados ao ensino de técnicas

artísticas (com distinção conforme sexo e idade). O Ensino Médio compreendia os ciclos ginasial e colegial, abrangendo os cursos secundários para formação de técnicos comerciais, agrícolas e industriais, e a formação de professores para o nível primário e pré-primário. O ginasial tinha duração de quatro anos e o colegial de três anos e para ingresso neste último bastava concluir o anterior. Entretanto, para matricular-se no Ensino Médio, após a conclusão do primário, era necessária ainda a realização do exame de admissão (o mesmo exame obrigatório para ingressar no, até então, ensino secundário, que Felisbela prestou em 1960). Além de tudo isso, a lei propunha uma descentralização do ensino, tornando a estrutura dos currículos escolares mais maleável, cabendo ao Conselho Federal e aos Conselhos Estaduais de Educação relacionar as disciplinas obrigatórias e optativas de cada ciclo (ginasial e colegial), bem como definir o desenvolvimento dos programas de cada disciplina[36].

Nesse contexto, a educação brasileira estava gradativamente incorporando os debates sobre "a democracia liberal burguesa e as teorias igualitárias do comunismo, tendo como fulcral, no lócus da educação, o debate entre o público e o privado, e, ainda, a questão da laicidade do Estado"[37] e seus vínculos com a igreja católica. Essa primeira LDB, por exemplo, é promulgada após anos de debate, que transcorriam desde 1946, nos quais "constata-se uma disputa de duas propostas de LDB, que traduz a relação paradoxal e contraditória no âmbito político-econômico, cujo embate acontece entre o grupo que defendia o nacionalismo desenvolvimentista", defendendo que o Estado deveria liderar o desenvolvimento do mercado nacional sem depender do capital externo, e "o outro grupo que sustentava a tese da iniciativa privada como mecanismo de gerir a economia e a educação institucionalizada"[38], com objeção às intervenções do Estado tanto na área econômica quanto na educacional. Essas perspectivas, ligadas a embates políticos e ideológicos, eram defendidas, respectivamente, pelos chamados reformadores (educadores, intelectuais, militantes e sindicalistas) e por católicos e a iniciativa privada. Desses debates, o texto aprovado para a LDB, predominantemente, traduz a perspectiva daqueles que defendiam a "liberdade de ensino", favorecendo a iniciativa privada, em especial as instituições católicas, que passaram a obter financiamento do poder público, ter representação nos conselhos nacional e regionais de educação e tratamento isonômico com o ensino público, o que fez com que os problemas educacionais permanecessem intactos e a educação popular sequer fosse considerada[39].

Defende-se que o surgimento dessa primeira LDB, apesar de fortalecer a reprodução das relações sociais vigentes, possibilitou a democratização do ensino secundário,

principalmente para o ciclo ginasial, e potencializou o desenvolvimento industrial e urbano, ao oferecer formação técnica a alunos que vinham de classes econômicas menos favorecidas, enquanto a educação em nível superior continuava restrita às classes dominantes. Acreditavam que essa "escolarização das massas, em consonância com a formação oferecida pelas escolas de nível superior [...] constituiria um dualismo no interior da sociedade a partir do qual se acreditava que o desenvolvimento nacional pudesse ser alavancado"[40], pois o país obteria mão-de-obra qualificada para o trabalho na indústria, no comércio e em atividades administrativas a eles associadas[41].

A "liberdade de ensino" era expressa pela noção de que "é assegurado a todos, na forma da lei, o direito de transmitir seus conhecimentos"[42], pela flexibilização curricular e variedade das atividades escolares. No que tange especificamente ao ensino de matemática, nesse contexto, "independentemente dos conselhos locais, predominou amplamente na definição dos conteúdos curriculares assumidos pelo sistema de ensino brasileiro"[43] as perspectivas da Matemática Moderna, que havia surgido, no Brasil, na década de 1950.

Nesse contexto, em Mossoró, Alcir, após ter estudado na Universidade Gregoriana e se formado padre em Roma, assumiu a disciplina de matemática da primeira série do ginasial no Colégio Diocesano de Santa Luzia, e recorda que o conteúdo da Matemática Moderna era ensinado nessa disciplina. Esse foi, entretanto, o único ano da carreira do padre Alcir no ensino de matemática, pois, com o afastamento de outro professor do Diocesano, surgiu a necessidade de colocá-lo no ensino da disciplina de língua portuguesa, na qual permaneceu lecionando por muito tempo.

Com a saída do professor Alcir do ensino de matemática, em 1964, as duas turmas da primeira série do ginásio do Diocesano ficaram sem docente. A solução foi chamar um dos alunos que havia começado a cursar o primeiro ano do colegial para assumi-las. Esse aluno era Francisco de Assis Silva, popularmente conhecido em Mossoró como Chiquito.

Chiquito nasceu em 1937 na cidade de Augusto Severo – que passou a se chamar Campo Grande –, e depois de ter concluído o ginasial já em Mossoró, em 1964, foi em busca de uma vaga para cursar o colegial no Diocesano. Ao chegar, deram-lhe os livros necessários para estudar na escola, e já na terceira semana de aula foi chamado à diretoria e o informaram que havia duas turmas de Matemática do primeiro ano ginasial sem professor. Deram-lhe alguns livros daquela turma e o mandaram estudar e voltar depois. Chiquito foi avaliado e aprovado (dentre os avaliadores estava o Padre Alcir, a quem substituiria).

Antes de ir para o Diocesano, Chiquito estudou no Instituto de Educação Jerônimo Rosado, onde Felisbela também foi aluna no mesmo período. Felisbela, ao concluir o ginasial, continuou seus estudos no curso de Técnico em Contabilidade na União Caixeiral, fez o primeiro ano do curso técnico em 1964, mas não gostou e voltou para o Jerônimo Rosado, para cursar o "Pedagógico". O curso que na região ficou assim conhecido, bem como o também conhecido "Magistério", eram o mesmo Curso Normal, criado no final do século XIX, responsável por formar os conhecidos normalistas. À época, o Curso Normal também era reconhecido e normatizado pela Lei 4.024/61, a qual, no Capítulo IV, que tratava "Da Formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio", dispunha que o Normal deveria acontecer em dois níveis: ginásio e colégio. No primeiro, grau ginasial, o normalista recebia diploma de "regente de ensino primário" e, no segundo, grau colegial, o diploma de "professor primário"[44]. Aparentemente, a única diferença entre os regentes e os professores era o fato de que aos professores era facultada a possibilidade de realizarem estudos de especialização para assumir função na administração escolar ou para aperfeiçoamento e/ou pleitear o ingresso no ensino superior; segundo a lei, os limites para os regentes exercerem o magistério ficava a cargo das instituições de ensino[45]. Este tipo de formação foi, por muito tempo, a responsável por suprir as necessidades do ensino primário e, por vezes, do ensino ginasial (mesmo não sendo sua função formar professores para esse nível).

Felisbela lembra-se, desse período, da grande carência de professores de matemática, tanto que seu professor dessa disciplina no primeiro ano do colegial, no União Caixeiral, era seu ex-colega de turma da quarta série do ginasial, José Maria. Quando ingressou no Pedagógico, no segundo ano do colégio, só tiveram um semestre de aula de matemática e, no semestre seguinte, como não tiveram aula, as notas do semestre anterior foram "aproveitadas" e duplicadas.

Dados a carência de docentes e o grande número de professores sem formação superior específica, foi criado no Rio Grande do Norte um curso de capacitação para "professores leigos"[iv], que ocorreu entre os anos de 1963 a 1965, para dar alguma formação aos professores que atuavam no ensino primário sem qualquer qualificação. Esse curso tinha como objetivo "melhorar o nível cultural e técnico-pedagógico dos professores, assegurando-lhes melhoria de vencimentos e melhores condições de trabalho"[46].

Como a falta de professores era sentida tanto no ensino primário quanto no ensino ginasial, em 1966 Felisbela participou de um curso a ocorrer em Natal e que daria o direito a

[iv] Nesse texto, especificamente, estamos entendendo por "professores leigos" aqueles que não possuíssem formação "formal" suficiente para lecionar no nível de ensino para o qual havia sido designado.

seus participantes de lecionarem por algum tempo – nesse ano, Felisbela ia ainda iniciar o terceiro ano do colegial. Assim como ela, Chiquito participou desse curso, ambos na área de Matemática[v]. O curso era oferecido pela Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário – CADES, criada em 14 de novembro de 1953, pelo decreto nº 34.638, "com o objetivo de elevar o ensino secundário e difundi-lo"[47].

Outra pessoa a participar de um dos cursos da CADES foi Raimundo de Freitas Melo, natural de Portalegre, nascido em 1941. Ele saiu de casa no início de 1950 para estudar em Itaú, cidade próxima, para cursar o primário e, ao término do quinto ano, teve que se mudar para Mossoró, a cidade mais próxima em que, à época, se oferecia o ginasial. Como havia mudado sozinho para Mossoró, Raimundo vai morar na Casa do Estudante de Mossoró (CEM), uma instituição filantrópica criada para acolher estudantes que não possuíssem recursos financeiros suficientes para se manter na cidade enquanto estudavam.

Raimundo participou do curso da CADES no ano de 1965, logo após ter concluído o colegial, quando foi convidado para ensinar no Instituto de Educação, em Mossoró, onde lecionou por dois anos apenas com o colegial e o curso da CADES. Foi quando, entre 1967 e 1968, participou de outro curso na área de Matemática, oferecido pelo Centro de Ensino de Ciências do Nordeste – CECINE. Este curso formou professores multiplicadores – que formariam outros professores ao retornarem aos seus estados –, seguindo a perspectiva da Matemática Moderna. O CECINE foi o primeiro de seis centros a ser criado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1965, com "o objetivo de promover a melhoria da qualificação de professores do ensino básico, sobretudo da rede pública"[48], nos oito estados que, à época, compunham a região Nordeste do país.

Entretanto, apesar da existência desses cursos emergenciais nesse período, o número de professores era ainda muito pequeno, o que ocasionava a necessidade de pessoas formadas ou em formação em outras áreas atuarem no ensino de matemática. Na região de Mossoró, por exemplo, muitos foram os professores e alunos do curso de Ciências Econômicas e Agronomia que atuavam no ensino dessa disciplina.

Maria das Graças Bezerra Sathler, ou Gracinha, como é mais conhecida – mossoroense nascida no ano de 1953 –, foi uma das alunas da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), criada pelo Decreto nº 03/67. Tão logo obteve aprovação no vestibular, Gracinha foi convidada a lecionar Matemática no Colégio das Irmãs e, posteriormente,

[v] Usaremos ao longo dos textos o termo matemática iniciando-o com maiúsculo e minúsculo. Trataremos com minúsculo (matemática) quando nos referimos à disciplina dos currículos dos níveis de ensino que correspondem aos atuais ensinos fundamental e médio ou mesmo à prática de ensino dessa disciplina e, por outro lado, com maiúscula (Matemática) quando nos referirmos a cursos de formação específica ou a disciplinas desses cursos.

também no Diocesano de Santa Luzia. Ela se lembra que não era o único caso de aluno do curso de Agronomia que ensinava em Mossoró, pois, no período em que ensinava, seus colegas de profissão eram basicamente os mesmos colegas de faculdade. Chiquito, Felisbela e Raimundo também recordam que os alunos da ESAM eram também professores em Mossoró, o que leva a inferir que o curso de Agronomia foi, por algum tempo, o grande formador de professores para a região, embora os alunos desse curso não recebessem qualquer formação didática para lecionar.

O professor Raimundo lembra que, quando foi diretor do Anexo II do Instituto de Educação, muitos alunos da ESAM iam procurá-lo em busca de uma vaga para ensinar, com intenção de conseguirem recursos financeiros, já que um grande contingente dentre os que vinham cursar a faculdade em Mossoró eram de outras cidades interioranas e, muitas vezes, com dificuldades para se manter. Essa necessidade de recursos durante a faculdade também foi percebida por Luiz Carlos Avelino da Trindade, mossoroense nascido no ano de 1953, mas que dali mudou-se ainda muito novo.

Luiz Carlos ingressou no curso de Engenharia Civil em Natal e, devido a isso, foi convidado a lecionar no Colégio Estadual Winston Churchill, nessa cidade, pelo próprio diretor, que buscava um substituto para seu filho, Orneles Filho, também aluno de engenharia. Por estar necessitando de dinheiro, Luiz Carlos aceitou o convite e começou a lecionar matemática. Foi atuando no ensino dessa disciplina que o professor Luiz Carlos optou por mudar de curso, saindo da Engenharia para cursar Matemática, no qual se formou. Em 1976, foi contatado pelo professor José Borges, da Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FURRN) – localizada em Mossoró –, pois estavam fazendo uma seleção e convidando profissionais com ensino superior para comporem o corpo docente do curso de Matemática recém-criado naquela instituição. O professor José Borges, formado em Ciências Econômicas, foi um dos primeiros professores desse curso.

A FURRN foi criada com a unificação das instituições isoladas de ensino superior de Mossoró: a FACEM, a Faculdade de Serviço Social (FASSO), a ESAM – que mais tarde voltou a ser instituto isolado, pois foi elevada a autarquia – e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FAFICIL). Esta última, para a criação da Universidade, foi desmembrada em Faculdade de Educação (FE), Instituto de Letras e Artes (ILA) e Instituto de Ciências Humanas (ICH), pois o artigo 79 da primeira LDB dispunha que as universidades só se constituiriam pela unificação de cinco ou mais instituições de ensino superior. Entretanto, embora a Universidade tenha sido criada para o Estado do Rio Grande do Norte, já que o

Conselho Estadual de Educação aprovou sua criação, a mesma inexistiu como universidade por um longo período para o CFE, que não aprovou sua solicitação de reconhecimento dado ter sido ela criada a partir de apenas quatro instituições de ensino superior[49]. Assim, pelo decreto nº 20/68, de 28 de setembro, foi criada a Universidade Regional do Rio Grande do Norte, mantida pela FURRN. Ou seja, sua criação ainda estava ancorada na Lei 4.024/61, pois, apenas dois meses depois foi promulgada a 5.540/68[50], que entrou em vigor em 25 de novembro de 1968.

Essa lei revogava o capítulo da 1ª LDB que tratava do ensino superior, e ficou conhecida como Reforma Universitária: "aspectos como a crescente urbanização, a escolarização feminina, o populismo e a criação das universidades federais proporcionaram mais alterações na estrutura das instituições de ensino superior"[51].

Outro aspecto da lei 5.540/68 foi a departamentalização das Universidades "como queriam os técnicos da [United States Agency for International Development] USAID[52], para criar uma mentalidade empresarial dentro das escolas superiores brasileiras". Essa reforma contou com a ajuda desses técnicos norte-americanos, por meio, também, dos acordos MEC-USAID.

Os acordos do MEC com a agência americana USAID para o financiamento de materiais didáticos, cursos, entre outras atividades no País, foram alvos de críticas por legitimar uma transformação modernizadora que implicaria um direcionamento de sua racionalidade. Esses acordos do MEC com a USAID, envolvendo US$ 15 milhões, favoreceram a chamada "indústria da educação" e ficaram conhecidos, principalmente, pela existência de diversos convênios sigilosos que só vieram a se tornar públicos em 1966, como o acordo com o Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso (CONTAP), o MEC-CONTAP-USAID, "que previa assessoria para a expansão e o treinamento do quadro de professores do ensino de nível médio no Brasil". Por conta desses acordos, "o sistema de educação do País como um todo foi modificado, gerando"[53] as reformas do ensino superior em 1968, e as do ensino de primeiro e segundo graus, em 1971.

Nesse contexto, já estava em vigor o regime militar, período do governo ditatorial instalado no Brasil em 1964 "decorrente da crise política, da própria incapacidade do Estado Populista em satisfazer os anseios burgueses e da aliança firmada com os Estados Unidos, embasado no pseudocombate aos comunistas" [54]. Mais que isso, defende-se que a burguesia – que tinha começado a se instalar na década de 1930 e já estava se firmando como classe hegemônica no Brasil, por meio de alianças com Getúlio Vargas, auxiliando-o na instauração

do Estado Novo em 1937, e com os Governos Populistas a partir de 1946 – vendo seus privilégios e interesses em perigo, buscou novas alianças para manter-se no poder. Assim, "o golpe de 1964 representou a aliança entre a burguesia industrial e financeira (nacional e internacional), o capital mercantil, latifundiários, intelectuais tecnocratas e militares"[55].

Essa crise entre a burguesia e os Governos Populistas se instaura devido ao antagonismo entre o modelo econômico vigente – que defendia a industrialização como um processo fechado em si mesmo e, por isso, contínuo – e a ideologia do nacionalismo desenvolvimentista – que via a industrialização apenas como uma etapa e, nesse momento, pregava "a nacionalização das empresas estrangeiras, controle de remessas de lucros, de dividendos e as reformas de base (reformas tributária, financeira, agrária, educacional, etc)" [56] –; como saída para resolver a situação dessa crise, era necessário ajustar o modelo econômico à ideologia desenvolvimentista, ou o contrário. Os militares resolveram a situação adaptando a ideologia política ao modelo econômico, instaurando a perspectiva da "doutrina da interdependência"[57].

A agenda defendida pelos militares era "anticomunistas, antipopulistas, contra a corrupção, a subversão; se colocavam em defesa da ordem, da disciplina, da hierarquia e eram adeptos de um moralismo conservador e reformador"[58], buscando, com isso, eliminar todas as formas de dissensão que, segundo pregavam, impediam o avanço do Brasil para se tornar "um 'país de futuro', o 'Brasil Potência', uma democracia ocidental cristã"[59]. A retomada do desenvolvimento econômico do país era uma das principais bandeiras ideológicas defendidas pelo governo militar, bem como o anticomunismo, disseminado no mundo desde a década de 1930[60], por meio da "Doutrina da Segurança Nacional", surgida nos Estados Unidos.

As crenças que fizeram surgir essa doutrina defendiam que a segurança norte-americana estaria em jogo sempre que o comunismo ameaçasse impor-se a povos livres. Com isso, os norte-americanos criaram pactos de segurança coletiva com diferentes países, instalando inúmeras bases militares pelo mundo, bem como disseminaram a ideologia de que os países de "terceiro mundo" deveriam defender-se de guerras revolucionárias dentro de suas fronteiras, tendo em vista que, para eles, toda revolução, por menor que fosse, era uma forma de disseminação do comunismo, ameaçando a Segurança Nacional[61].

Estas concepções chegaram ao Brasil por meio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que, ao retornar dos Estados Unidos após o fim da Segunda Guerra Mundial, importa o modelo do *National War College* (instituição responsável por formar os militares daquele país, disseminando a ideologia da Segurança Nacional) criando, em 1949, uma instituição

similar no Brasil: a Escola Superior de Guerra (ESG), responsável por formar a elite militar e civil do Brasil por muitos anos. Entretanto, esta Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento (DSND) só foi amplamente divulgada no país a partir de 1964, quando do golpe militar. Esse era um dos ideários dos militares que defendiam a perspectiva de que o desenvolvimento de uma nação está diretamente ligado a sua segurança e que esta segurança só pode ser garantida por meio do poder do Estado, impondo os princípios da DSND disseminados pela ESG após assumirem o governo [62].

Na base da Doutrina de Segurança Nacional estava a crença de que o comunismo, tido como a grande ameaça à segurança de qualquer nação, poderia expressar-se na forma de dois inimigos: os externos e os internos. Os inimigos externos eram reconhecidos pela ação da invasão de uma nação a outra, tentando disseminar o comunismo; já os inimigos internos, para serem identificados, deveriam ser observados constantemente, dia a dia, pois agiam de forma sorrateira nos movimentos sociais de classes de trabalho, entre os intelectuais, na igreja, entre estudantes, promovendo a subversão, defendendo conflitos revolucionários, causando desordem e insegurança[63].

Assim, a Doutrina de Segurança Nacional acreditava que deveria agir em todos os meios e com todos os recursos onde pudesse haver disseminação de ideias e ideários comunistas, difundindo mundialmente a noção de que deveria existir uma fiscalização mais acentuada principalmente sobre os níveis de poder psicossociais. Como a educação é uma forma de expressão desse poder psicossocial, as instituições de ensino se apresentavam, também, como forma de poder, tornando-se, consequentemente, alvos da vigilância e das ações tomadas pelos militares contra o comunismo.

A partir de 1964, os militares impuseram inúmeros atos institucionais, atos e leis complementares, além de emendas à Constituição para manter em prática a DNSD, eliminando qualquer forma de subversão ao governo. Foram, então, nesse período, deflagradas ações de forte repressão e como instituições de ensino eram potenciais formas de ameaça à segurança nacional, elas foram, consequentemente, atingidas por essas ações.

Uma forma clara de expressão e disseminação dessas concepções é a inserção obrigatória, a partir de 1969, das disciplinas organização social e política brasileira (OSPB) e educação moral e cívica (EMC) que, substituindo as disciplinas de Filosofia e Sociologia do currículo escolar brasileiro, eram “caracterizadas pela transmissão da ideologia do regime autoritário ao exaltar o nacionalismo e o civismo dos alunos e privilegiar o ensino de informações em detrimento da reflexão e da análise”[64].

Além dessas ações, a ideologia da interdependência faz com que a educação passe a ser vista como mercadoria, como bem de consumo de longa duração, passando-se a pensar na rentabilidade que se pode ter com os investimentos nesse campo, perspectiva que se preocupa em atender as necessidades do mercado de trabalho, seguindo, portanto, numa concepção pedagógica produtivista e autoritária que relaciona diretamente educação e mundo do trabalho. Dessa forma, foram realizadas ações na educação de modo que se pudesse atender às perspectivas tecnocratas, visando a reforçar e acelerar a transformação de uma sociedade agrária em uma sociedade urbana-industrial (mudança que vinha acontecendo desde a década de 1930) [65].

Contudo, desde a implementação da primeira LDB, em 1961, os universitários realizavam reivindicações reformistas em prol da defesa da educação popular e da democratização do ensino superior; com o golpe instalado em 1964, "as manifestações dos estudantes tinham por base uma continuidade também no plano político, razão pela qual se orientavam, ainda, pela ideologia nacional-desenvolvimentista"[66], além disso, algumas outras medidas tomadas pelos militares, após esse ano, transformou as universidades nos principais *locus* de manifestações abertas de resistência ao regime, o que desembocou em uma crise nas universidades em 1968, levando à Lei 5.540/68.

Essa lei, e a que viria a ser proclamada em 1971, a Lei 5.692, foram responsáveis por reestruturar toda a organização escolar brasileira, como contrapropostas à lei 4.024/61 e também como ações voltadas para a disseminação dos ideários da DSND, além dos secretos acordos MEC/USAID[67].

A Lei 5.692/71 é muito referenciada até hoje por ter reformulado praticamente todo o sistema de ensino no que diz respeito ao, até então, ensinos primário e médio, vigentes à época. Essa nova LDB e a Reforma Universitária tinham forte tendência tecnicista, o que eliminou a tendência liberalista existente na 4.024/61. As principais diferenças entre essas perspectivas é que "o liberalismo põe a ênfase na qualidade ao invés da quantidade; nos fins (ideais) em detrimento dos métodos (técnicas); na autonomia, não na adaptação; nas aspirações individuais ao invés das necessidades sociais; e na cultura geral em detrimento da formação profissional" [68], ao passo que no tecnicismo ocorre o contrário. Dessa forma, princípios como a racionalização, concentração, intercomplementariedade, a flexibilidade, a continuidade e terminalidade e o aproveitamento de estudos, além da instituição da departamentalização, da disciplinarização, do sistema de créditos, da profissionalização do 2º grau, entre tantas outras medidas e indicações, apontam a preocupação com a formação

técnica, eficiente e produtiva, consonante com os princípios que norteavam o grupo que ascendeu ao poder a partir de 1964: os militares e tecnocratas [69].

Com isso, o chamado "tecnicismo educacional" desenvolveu-se de forma mais acentuadamente, no Brasil, na década de 1970, inspirado nas teorias behavioristas da aprendizagem e na abordagem sistêmica do ensino, criando uma prática pedagógica altamente controlada e dirigida pelo professor, com atividades mecânicas e uma proposta educacional rígida. Nessa proposta, havia uma supervalorização das técnicas de ensino, o que criou a ideia de que aprender não é algo natural ao ser humano, mas depende exclusivamente de especialistas (os professores) e de técnicas. A função do aluno era reduzida a de um ser que reage aos estímulos de forma a corresponder às respostas esperadas pela escola, para ter êxito e avançar, desconsiderando seus interesses e seu processo particular de aprendizagem. A inserção desses princípios já tinha sido implementada pelos documentos oficiais durante a década de 1960, e até hoje eles estão presentes em muitos materiais didáticos com características estritamente técnicas e instrumentais[70]. Essa perspectiva tecnicista desenvolve-se principalmente após o final da Segunda Guerra Mundial, durante o período da Guerra Fria, quando aparecem também, de modo mais contundente, as concepções da Doutrina da Segurança Nacional.

A Lei 5.692/71 previa a mudança não só da nomenclatura dos níveis de ensino, mas uma reestruturação: passava a chamar de “primeiro grau” o que era, até então, primário e ginásio. Assim, o primeiro grau teria duração de oito anos e a passagem entre as séries seria contínua, extinguindo-se o exame de admissão; e o que era colégio, e fazia parte do então Ensino Médio, passava a chamar-se “segundo grau”, teria duração de três ou quatro anos[vi], e para o ingresso seria necessária apenas a conclusão dos estudos no primeiro grau. Os níveis de ensino ficaram, então, divididos em “primeiro grau”, “segundo grau” e “superior”. Outra grande mudança foi a extinção dos cursos técnicos em nível ginasial, passando a ser, estes cursos, ofertados apenas em nível de segundo grau.

Com a promulgação dessa lei, a formação superior para lecionar passa a ser obrigatória para quase todos os níveis de ensino. Não era necessária tal formação para lecionar nas séries iniciais do primeiro grau, sendo suficiente a habilitação específica do

[vi] A lei visava, dentre outras coisas, preparar os alunos do ensino secundário para o mercado de trabalho oferecendo diferentes habilitações como possibilidade de formação para esse nível de ensino. Com isso, dependendo da habilitação desejada, o prazo para a conclusão do ensino secundário poderia variar entre três e quatro anos, com carga horária de, no mínimo, 2.200 e 2.900 horas aulas para os respectivos prazos. A formação profissionalizante ficaria concentrada no quarto ano do curso e, com isso, ao concluir o terceiro ano, o aluno já estaria habilitado para continuar seus estudos em nível superior.

magistério de 2º grau. Para lecionar nas demais séries do primeiro grau e no segundo grau, tornou-se exigência a formação específica em nível superior: "habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada por licenciatura de 1º grau obtida em curso de curta duração"; e para poder lecionar em todo o "ensino de 1º e segundo graus, habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente à licenciatura plena"[71]. Ainda segundo a lei, os professores poderiam começar a lecionar em turmas para as quais não eram habilitados, após realizarem cursos complementares.

Devido à reestruturação da LDB, também houve, praticamente, a extinção do Exame de Suficiência. Entretanto, como o número de professores com habilitação específica ainda estava muito aquém da demanda, essa nova versão da LDB previa, no seu Artigo 77, que se o número de professores em uma determinada região não fosse suficiente para atender às necessidades do ensino, seria permitido lecionar, em caráter suplementar e a título precário, "no ensino de 1º grau, até a 8ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 4ª série de 2º grau"; "no ensino de 1º grau, até a 6ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 3ª série de 2º grau"; e "no ensino de 2º grau, até a série final, os portadores de diploma relativo à licenciatura de 1º grau". Entretanto, persistindo a falta de professores para lecionar, poderiam ensinar no primeiro grau, até a 6ª série, candidatos que tivessem concluído a 8ª série e viessem a ser preparados em cursos intensivos; "no ensino de 1º grau, até a 5ª série, candidatos habilitados em exames de capacitação regulados, nos vários sistemas, pelos respectivos Conselhos de Educação"; e "nas demais séries do ensino de 1º grau e no de 2º grau, candidatos habilitados em exames de suficiência regulados pelo Conselho Federal de Educação e realizados em instituições oficiais de ensino superior indicados pelo mesmo Conselho"[72]. Com isso, caso a carência de professores persistisse, o exame ainda poderia ser realizado.

Entretanto, ainda que a lei propusesse a obrigatoriedade de formação superior para lecionar, essa obrigação ainda estava muito longe de ser realmente cumprida. Forte indício disso é que, ainda na década de 1970, vemos a Federação implantando cursos para possibilitar algum tipo de formação específica aos "professores leigos", como é o caso do projeto Logos, criado por meio do parecer 699/72 do Ministério da Educação, em 1973. Esse projeto pretendia formar, em nível de segundo grau, os professores em exercício que não possuíam ainda esse nível de escolaridade.

É nesse cenário que, em Mossoró, o curso de Matemática da FURRN é instituído pelo Decreto Municipal nº 021/31, de 30 de setembro de 1973, pertencendo ao Instituto de

Ciências Exatas e Naturais (ICEN) que havia sido criado em 1970, pelo Decreto nº 28/70, mas que, até então, não havia funcionado efetivamente. Assim, no ano de 1974 foram abertas, pela primeira vez, vagas no vestibular da FURRN para o curso de Matemática.

O professor Chiquito que tinha, à época, cursado Letras e agora ensinava português e matemática na cidade, prestou o vestibular para o curso de Matemática do ICEN, no qual foi aprovado. Quem também prestou vestibular para esse novo curso da cidade foi José Arimatéia de Souza, também mossoroense, nascido no ano de 1950.

Arimatéia fez todo o colegial no, então, Colégio Estadual – o antigo Instituto de Educação Jerônimo Rosado –, mas teve seu terceiro ano cursado no prédio da ESAM, onde seus professores eram os que compunham o quadro docente do curso de Agronomia. Isso ocorreu devido a um convênio firmado entre o Colégio Estadual e a ESAM. Embora essa possibilidade fosse prevista na Lei nº 4.024/61 (cujo segundo inciso do Artigo 46 previa que a terceira série do ciclo colegial seria organizada com currículo diversificado, que visasse ao preparo dos alunos para os cursos superiores e compreenderia, "no mínimo, quatro e, no máximo, seis disciplinas, podendo ser ministrada em colégios universitários"[73]), ela não era prevista nessa reestruturação da LDB, que vigorava no período em que Arimatéia cursou esse nível de ensino. Pelo contrário, o Artigo 46 estava entre os Artigos revogados com a promulgação da nova lei[74].

Sobre o curso de Matemática da FURRN, em Mossoró, Raimundo e Arimatéia recordam que o primeiro ano do curso era conhecido como ciclo geral, ou ciclo básico, atendendo à proposta da Reforma Universitária, uma "das tentativas de resolução do problema de articulação da escola de nível médio com a de nível superior, um dos aspectos do ensino no Brasil que evidenciavam a falta da 'coerência interna'"[75]. O Artigo 15 da reforma universitária previa que nas instituições em que se mantivessem diversas modalidades de habilitação, os estudos profissionais de graduação seriam "precedidos de um primeiro ciclo geral, comum a todos os cursos ou a grupos de cursos afins", e teriam as funções de recuperar as "insuficiências evidenciadas pelo concurso vestibular na formação dos alunos"[76]; orientar para escolha da carreira; e realizar estudos básicos para ciclos ulteriores.

Quem também fez o curso de Matemática da FURRN foi Joabel Azevedo Dantas, natural de Assu, nascido no ano de 1950. Joabel mudou-se para Mossoró, com a família, ainda muito pequeno. Concluiu o colegial com 27 anos e fez o seu terceiro ano no "Anexo da ESAM", assim como Arimatéia. Após concluir o segundo grau, prestou o vestibular da FURRN e foi aprovado para o curso de Matemática, começando-o em 1977 e, como era usual,

ao mesmo tempo ingressou na carreira do magistério passando a ensinar na rede municipal de Mossoró.

Na FURRN, Joabel foi aluno de Luiz Carlos, Arimatéia e Chiquito que, nesse tempo, já haviam concluído (ou estavam prestes a concluir) o curso. A essa altura, professores para o corpo docente talvez não fosse mais um problema, posto que já estavam sendo formadas as primeiras turmas que passaram a compor o quadro docente.

O professor Luiz Carlos comenta que ele e os outros professores do departamento criaram uma especialização em Matemática para os professores da FURRN, em convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A UFRN forneceria os professores das disciplinas da especialização, para assim formarem os alunos da primeira turma da FURRN em nível de pós-graduação, especialistas. O professor Arimatéia ressalta que não foram só os alunos da primeira turma que participaram da especialização: alguns da segunda turma também fizeram esse curso, pois visava-se capacitar, principalmente, aqueles que já ficaram lecionando na FURRN. O curso ocorreu em 1981 e teve duração de seis meses, com encontros e aulas aos finais de semana.

Foi também nesse período autorizada a mudança do curso de Licenciatura em Matemática para o curso de Licenciatura em Ciências, com habilitação em Licenciatura Curta em Ciências e Plena em Matemática. Esse curso havia sido regularizado em 1974, com a Resolução nº 30 do CFE, que fixou o currículo mínimo do curso de Licenciatura Curta em Ciências, sendo, a partir de então, a modalidade única na área. “De acordo com esse modelo, a formação do professor de Ciências e Matemática de 5ª a 8ª séries do 1º grau se daria exclusivamente via um curso polivalente de curta duração, que poderia ser acrescido de uma habilitação específica em Matemática, Física, Química e Biologia, formando o professor de 2º Grau”[77].

Como consta do parecer nº 387/87 de Reconhecimento do curso de Ciências da FURRN pelo MEC, os professores Chiquito e Arimatéia continuaram vinculados ao corpo docente daquela instituição. Em 1987 a FURRN foi estadualizada e tornou-se a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (URRN) e, em 1996, por decreto do Estado, passou a se chamar Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Se considerarmos o período a partir da criação do curso de Matemática, no que hoje se tornou UERN, talvez possamos afirmar que a situação de carência de professores formados, não só na cidade de Mossoró, mas em toda a região, foi amenizada. O número de professores formados aumentou, o que para alguns dos professores entrevistados, entretanto, não implicou

uma melhora significativa do ensino. Estes ainda acreditam que hoje em dia falte o que, na época de sua atuação, era suficiente para lastrear a formação de professores: o conteúdo matemático.

Além dessas mudanças na formação, muitas outras alterações são expressivas na educação da região. Por exemplo, para os professores Alcir, Joabel, Felisbela e Chiquito, naquele período, era tudo diferente, os alunos respeitavam mais os professores, que, por sua vez, possuíam mais prestígio e eram mais valorizados financeiramente. Eles também se recordam de alterações nas escolas, com famílias mais presentes e, em contrapartida, alunos mais estudiosos e professores mais rígidos, mais responsáveis e dedicados.

---

[1] (FILLOS, 2008, p. 208).
[2] (KULESZA, 2002, p. 2).
[3] (KULESZA, 2002, p. 2).
[4] (KULESZA, 2002, p.2)
[5] (FILLOS, 2008).
[6] (COSTA, 2008; SILVA, 1984; NONATO, 1968; FREIRE, 1991).
[7] (BRASIL, 1931).
[8] (GAERTNER, 2004, p. 214).
[9] (BRASIL, 1931; GOMES, 2012; DALLABRIDA, 2009).
[10] (BRASIL, 1931).
[11] (BRASIL, 1931).
[12] (BRASIL, 1946).
[13] (MARCHELLI, 2014, p. 1493).
[14] Para maiores informações sobre o Movimento Escola Nova, ver Souza (2011), Souza e Garnica (2012), Oliveira (2014), Gomes (2012) e Valente (2015).
[15] (DALLABRIDA, 2009, p. 189).
[16] (SILVA; NOMERIANO, 2014, p. 179).
[17] (DALLABRIDA, 2009, p. 189).
[18] (SILVA; NOMERIANO, 2014, p. 185).
[19] (KULESZA, 2002, p. 8).
[20](KULESZA, 2002).
[21] Para maiores informações sobre a Educação no período do Brasil Império, ver Cury (2007). E sobre a instituição das primeiras faculdades e universidades no Brasil ver, por exemplo, Martins-Salandim (2012).
[22] (FILGUEIRA, 2006).
[23] (NONATO, 1968, p. 156, sic).
[24] (PAIVA, 2006, p. 4228).
[25] (ARAÚJO, 2011, p.139).
[26](BRASIL, 1942).
[27](BRASIL, 1942).
[28](DALLABRIDA; TRIVIZOLI; VIEIRA, 2013, p. 5).
[29](DALLABRIDA; TRIVIZOLI; VIEIRA, 2013, p. 6 e 7).
[30] (BARALDI e GAERTNER, 2013, p. 164).
[31] (BRASIL, 1946).
[32] (BRASIL, 1946).
[33] (FERNANDES, 2011, p. 150).
[34] (NONATO, 1968).
[35] (CURY, 2007, p. 165).
[36] (BRASIL, 1961).
[37] (SILVA; NOMERIANO, 2014, p. 186).

[38] (SANTOS, 2007).
[39] (SANTOS, 2007; SAVIANI, 1996).
[40] (MARCHELLI, 2014, p. 1488).
[41] (MARCHELLI, 2014).
[42] (BRASIL, 1961).
[43] (MARCHELLI, 2014, p. 1487).
[44] (BRASIL, 1961).
[45] (BRASIL, 1961; CARVALHO, 2013).
[46] (MACHADO, 1965 *apud* GUTIERRE, 2008, p. 76).
[47] (FERNANDES, 2011, p. 150).
[48] (SILVA, 2012).
[49] (DOCUMENTA, 1981; 1981a; 1982; 1985; 1987).
[50] (BRASIL, 1968).
[51] (CURY, 2007, p. 165).
[52] Para maiores informações sobre a Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID, ver, por exemplo, Martins-Salandim (2012), Cury (2011) e Saviani (1996).
[53] (ABRANTES, 2008, p. 191).
[54] (SANTOS; BEZERRA NETO, 2010, p. 117).
[55] (SANTOS; BEZERRA NETO, 2010, p. 117).
[56] (SAVIANI, 1996, p. 156).
[57] (SAVIANI, 1996).
[58] (OLIVEIRA; SILVA, 2013, p. 222).
[59] (OLIVEIRA; SILVA, 2013, p. 222).
[60] (OLIVEIRA; SILVA, 2013; SANTOS; BEZERRA NETO, 2010).
[61] (NIELSEN NETO, 1985; FREIRE, 2009).
[62] (LOSANO, 2006; LIRA, 2010; GONÇALVEZ, 2011).
[63] (NIELSEN NETO, 1985; FREIRE, 2009).
[64] (MENDES, 2009, p. 11).
[65] (OLIVEIRA; SILVA, 2013).
[66] (SAVIANI, 1996, p. 159).
[67] (SILVEIRA, 2010).
[68] (SAVIANI, 1996, p. 161).
[69] (SAVIANI, 1996; OLIVEIRA; SILVA, 2013; SANTOS; BEZERRA NETO, 2010).
[70] (ALONSO, 1996).
[71] (BRASIL, 1971).
[72] (BRASIL, 1971).
[73] (BRASIL, 1961).
[74] (BRASIL, 1971).
[75] (RAMOS, 1979, p.38).
[76] (BRASIL, 1968).
[77] (FILLOS, 2008, p.210).

Sumário PASSOS

Capítulo Caminhada

> O caminho que percorri tem a ver com uma série de acasos que, afinal, não foram tão casuais assim. (TANUS, 2002, p. 17).

Como todo acontecimento, que sempre ocorre em meio a inumeráveis outros fluxos históricos, a formação desse pesquisador também aconteceu dessa forma. Um dos outros processos que vivia ainda durante o mestrado foi o de pensar e organizar o projeto do doutorado, pois deveria submeter-se a uma nova seleção para o PPGEM ainda durante o mestrado, caso desejasse ingressar no novo nível de formação logo após a "conclusão" daquela primeira pesquisa.

Com esse intuito, ainda no fim do primeiro ano do mestrado, esse pesquisador em formação conversou com o professor Vicente, o coordenador do Ghoem, para demonstrar seu interesse em ingressar no doutorado e apresentar os possíveis temas que havia elencado como possibilidades e interesses para pesquisar nesse novo nível de formação. Vicente demonstrou seu interesse na permanência deste jovem no grupo e se dispôs a orientá-lo no possível doutorado, tendo, entre as possibilidades apresentadas, sugerido que continuasse no mesmo tema que já estava a pesquisar no mestrado, ampliando a perspectiva do estudo para o estado do Rio Grande do Norte e que, a partir disso, iniciasse o processo de elaboração do projeto.

Com isso, concomitantemente ao desenvolvimento do mestrado, o pesquisador inicia a jornada para a elaboração do projeto de doutorado, em que, logo de início, tratou de organizar e elencar as perguntas sobre a história da formação de professores de Matemática no Rio Grande do Norte, as quais lhe surgiam das leituras feitas e de sua própria experiência ao desenvolver aquele primeiro estudo. Desse movimento, pontuou as seguintes perguntas: qual formação possuíam os professores que lecionavam nas mais diversas regiões do estado do Rio Grande do Norte antes da existência de uma rede de cursos formadores como se vê hoje? Como funcionaram os primeiros cursos de formação nesse estado? Quais outros cursos existiram na região e em seu entorno para formar professores? Como se deu o processo de instalação dos primeiros cursos de formação superior para professores de matemática no RN?

Nesse processo, o jovem pesquisador participou de algumas bancas de qualificação e defesa de trabalhos que aconteceram no Ghoem[i], das quais destacam-se três avaliações que o marcaram de forma mais contundente àquela altura, pois, em uma, os avaliadores destacaram a presença do papel da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) na

[i] As bancas foram as dos trabalhos de Fernandes (2011), Cury (2011) e Martins-Salandim (2012).

formação dos professores de Matemática do Maranhão; em outra, foi observado o forte processo de migração dos professores de Matemática de inúmeros estados, em especial do Ceará, que foram para o Tocantins e; na terceira, questionou-se o papel dos pedagogos na formação dos professores de Matemática.

A partir disso, esse jovem se viu tomado por novas inquietações ao perceber que esses eram temas que, de algum modo, atravessavam também a formação de professores de Matemática no Rio Grande do Norte, mas que, até então, não haviam sido tematizados por nenhuma pesquisa: a SUDENE, por exemplo, financiara inicialmente as atividades do CECINE, uma das possibilidades de formação para aquele estado; algumas das narrativas produzidas quando do seu mestrado também tratavam da migração dos professores e; nos cursos de formação, sempre havia a presença de pedagogos. Assim, elaborou novas perguntas que se somaram às anteriores: A SUDENE também foi importante no processo de formação de professores de matemática no RN? Após a instalação dos cursos superiores no estado, como vai sendo suprida a necessidade de professores nas suas diversas regiões? Como se deu a migração/mobilidade docente no RN? Essa migração influencia a formação do professor de Matemática? De que modo? Quanto aos pedagogos, como se deu a participação deles nesse processo de formação e criação de cursos? Qual o papel, ou papéis, exercido(s) por eles na formação do professor de matemática no RN?

Desse modo, o pesquisador possuía as perguntas que norteariam o seu estudo de doutorado, mas ainda estava com um tema muito abrangente diante das possibilidades existentes. Assim, com a finalidade de abarcar uma pluralidade de perspectivas históricas resultante da nova demarcação espacial, que saiu de Mossoró para alcançar o panorama estadual, o pesquisador elegeu, para balizar o desenvolvimento da nova pesquisa, as quatro cidades marcadas pela existência dos mais antigos cursos de formação específica e em nível superior criados no estado, por terem sido, por um longo período, os principais responsáveis pela formação formal dos professores de Matemática para o Rio Grande do Norte. Além dessa limitação, os períodos de criação desses cursos foram tomados também como pontas de iceberg[ii] responsáveis pela delimitação temporal do estudo.

[ii] "Datas são como pontas de i*cebergs.* O navegador que singra a imensidão do mar bendiz a presença dessas pontas imersas, sólidos geométricos, cubos e cilindros de gelo visíveis a olho nu e a grande distâncias. Sem essas balizas naturais que cintilam até sob a luz noturna das estrelas, como evitar que a nau se espedace de encontro às massas submersas que não se veem? [...] Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos dos personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de numes." (BOSI, 1992, p. 19).

Essa opção por criar quatro centros distintos para a pesquisa – posto que, cada uma dessas cidades foi tomada como ponto de partida para estudar diferentes regiões e, assim, o estado, criando centros e periferias[iii] –, dava-se por acreditar que esse movimento permitiria constituir diferentes narrativas históricas, possibilitaria ver outras versões que não apenas aquelas emanadas de documentos e narrativas produzidos em uma única localidade – como, no geral, observa-se nos trabalhos com recortes estaduais.

Desse modo, esse trabalho se configuraria como um contraponto àqueles que centram suas ações de pesquisa apenas nas capitais, principalmente, e generalizam para as demais regiões as compreensões elaboradas; àqueles que não possibilitam o acesso a fontes disponíveis nas demais localidades do estado ou, tampouco, compreender os acontecimentos locais, as outras histórias que não dos grandes centros, histórias periféricas, mas não menos importantes para entender os eventos que se estuda.

Já era de seu conhecimento[1] que o mais antigo dos cursos potiguares era o da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), cuja criação datava do ano de 1966. Algum tempo depois, em 1974, o primeiro curso a ser criado no interior, pela UERN, foi o de Mossoró, tematizado no mestrado. Os dois últimos cursos a serem criados, dentre os quatro até então selecionados, eram de Ciências, com habilitação em Matemática: um na cidade de Caicó (de 1979), ligado à UFRN; o outro na cidade de Patu (de 1980), ligado à UERN.

Tendo, portanto, elaborado as perguntas de pesquisa e delimitado-as, organizou seu objetivo para o doutorado que, aperfeiçoado, seria o de compreender e elaborar versões históricas, a partir de diversas perspectivas documentais e testemunhais, sobre aspectos de como se deu a formação dos professores que ensinavam matemática, no estado do Rio Grande do Norte, para as séries que correspondem aos atuais ensinos fundamental e médio, incluindo possíveis aspectos relacionados ao desenvolvimento desse processo de formação, antes e durante o período de criação dos quatro mais antigos cursos superiores que habilitavam professores em matemática nesse estado.

Além desse objetivo, pretendia ainda, mais especificamente, compreender aspectos da formação dos professores que lecionavam matemática nas séries que correspondem aos atuais ensinos fundamental e médio, nas diversas regiões do estado do Rio Grande do Norte, antes

[iii] Na perspectiva de espacialidade que trabalhamos, os centros e periferias não são espaços fixos, pelo contrário, são móveis, dependem dos pontos de referência, das invenções e relações sociais, ou seja, são criações humanas que mudam a depender dos contextos a partir dos quais falamos sobre eles. Abordaremos de forma mais profunda essas noções de espacialidade, bem como as perspectivas de centro e periferia nos textos *"Capítulo Espaços"* e *"A complexa relação entre sujeito, espaço e sociedade: uma possibilidade que por vezes nos escapa"*. Por agora, podemos indicar os trabalhos de Massey (2008), Martins-Salandim (2007) e Garnica (2015b).

da criação dos cursos que habilitavam professores de matemática; compreender como se deu o processo de constituição dos quatro mais antigos cursos superiores que habilitavam professores de matemática no estado, os fatores que levaram a isso, bem como o envolvimento dos pedagogos nesse movimento; e buscar compreensões acerca do "formar-se professor", analisando os fatores relativos a este processo.

Fácil foi escolher a metodologia que melhor o auxiliaria a alcançar os objetivos traçados, agora que já conhecia e constituía suas verdades sobre a História Oral. Por saber que essa metodologia possibilitaria ter acesso a diferentes perspectivas históricas, versões por vezes desconhecidas, fluxos não capturados pelos documentos escritos, vividos apenas por sujeitos em seus atos de inventividade, subversões e adaptações, optou por novamente mobilizá-la para auxiliá-lo na composição de suas narrativas históricas para o novo projeto, principalmente por desejar, nesse, tematizar questões singulares, como é exemplo o tema da mobilização docente. Outra coisa que também já sustentava esses primeiros passos para o doutorado eram as concepções sobre memória, narrativas e história[2] que constituíra durante o mestrado.

Estava compondo, em si, que a memória dos sujeitos é um aglomerado de acontecimentos, de experiências, de intenções, inspirações coletivas, que é a todo instante moldada pelo meio em que se vive, assim como são moldados os próprios sujeitos, que continuamente, em processo, se constituem. Sabia que é o contexto, a sociedade, o grupo em que se está inserido que leva a observar certas coisas, saber outras, viver de determinado modo, bem como recordar algo, sendo a memória, portanto, *coletiva*.

Essa memória coletiva "permite ao grupo ser visto de dentro e durante uma lógica temporal que corresponde à duração média da vida humana, o que facilita a criação de 'quadros sociais da memória'"[3]. Dessa forma, começava a compreender que a memória infantil, contida na *memória individual*, não é a mais antiga memória de um sujeito, esta ultrapassa as barreiras de sua própria vida, são as memórias que apreendeu com seus pais, avós ou com os outros mais velhos sobre acontecimentos ainda anteriores ao seu nascimento.

Entendia, agora, que essa memória individual, "é aparição irrepetível de uma distância que nos separa de um momento vivido, [...] como se o tempo tivesse sido suspenso por instantes; é a redescoberta do tempo e ao mesmo tempo a consciência do tempo perdido". Não que esta memória esteja simplesmente, e completamente, armazenada no inconsciente do indivíduo e surja quando algo a convoque: "ela depende sempre dos quadros sociais em que o indivíduo está mergulhado neste presente; não é uma evocação do indivíduo que recorda

apenas, mas ele evoca porque um signo do contexto em que está inserido assim o obrigou”[4], sendo esta memória individual obrigada a vir à tona.

Compreendia que essa memória individual é uma multiplicidade de saberes coletivos, assim como a memória coletiva é uma multiplicidade configurada a partir de memórias individuais e que, “por isso, a ‘memória coletiva’ não é somente um somatório das ‘memórias individuais’, mas, ao contrário, é um campo discursivo e de força em que estas memórias individuais se configuram”[5]. Assim, à medida em que a memória individual se configura na memória coletiva, essa última se (re)configura, (re)moldando outras memórias individuais.

Esse pesquisador em formação sabia que, novamente, ao lançar mão da História Oral, iria lidar com e guiar sujeitos a realizarem um trabalho de rememoração, induzindo-os a lembranças. Estava ciente, portando, de que era impelido a trabalhar com *memórias voluntárias*, por estarem os sujeitos que narram carregados de intenções particulares ao rememorar. Essas memórias voluntárias, um dos níveis da memória individual, são recomposições do passado, são recriações desse passado a partir do presente, que nos mobilizam de outros modos. Sabia, portanto, que “lembrar não é reviver, mas refazer, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”[6].

Defendia, agora, que essas ressignificações elaboradas por sujeitos são sempre verdadeiras para eles, pois são verdades subjetivas, já que cada sujeito observa, em determinado evento, aquilo que é a ele visível, aquilo que em si torna-se experiência, aquilo que, de algum modo, o atravessa, o toca, o transforma[7]; são os ângulos de observação para cada observador, são as experiências pessoais. Por isso, num processo de rememoração conjunta, ao chamar diversas circunstâncias de que cada um lembra (e que não são as mesmas, embora relacionadas ao mesmo evento), é possível pensar, recordar em comum, surgindo, possivelmente, a impressão de que os fatos assumem importância maior e que o reviveram com maior intensidade[8], pois cada um não estaria mais representando solitariamente cada um deles.

Nessa perspectiva, sabia que era impossível apreender um acontecimento, uma experiência, mas que seria plausível e possível conseguir e mobilizar versões (re)significadas, (re)contadas, (re)criadas, (re)vividas em um instante, versões que lhe dariam novas perspectivas do que desejava contar, fossem elas distintas ou não das versões das outras fontes que mobilizaria.

Portanto, estava ciente de que lidava com *memórias históricas*, reinvenções do passado a partir dos dados do presente projetados nesse passado. Para esse pesquisador era

clara a distinção entre memória histórica e História: a memória histórica é formada de eventos convencionados, para certos grupos ou sujeitos, que têm alguma importância para esses sujeitos; já História é "reinvenção do passado", é o passado escrito por pessoas que utilizam teorias e metodologias – das mais diversas – com essa intencionalidade, tentando falar desse passado em suas múltiplas versões[9].

Ficava claro para ele, agora, os cuidados que deveria ter no uso das memórias para realizar uma operação historiográfica[10], pois, comumente, os que a utilizam para esse fim, não o fazem "como um ponto de vista sobre o real, mas como uma realidade individual, como uma totalidade fechada em si mesma e não como uma singularidade num dado campo discursivo"[11]. Estava ciente de que, embora as considerasse verdadeiras, as versões são faces de determinados acontecimentos, subjetivações, memórias individuais, recriações, pontos de vista de uma memória coletiva[12].

Esse jovem pesquisador, já àquela altura, não compactuava com a perspectiva de que as narrativas da memória se distanciavam da História por se aproximarem da ficção, da invenção, da "não verdade", e se afastarem da realidade. Sabia que "o real – longe de ser o mais concreto, o mais passível de ser conhecido e apreendido; longe de ser algo que possui uma verdade que poderia ser compreendida – seria o que escapa à compreensão"[13], o que o levava a corroborar, portanto, que aquilo que a História faz não é contar "o real", "a verdade", "o fato", mas inventar plausivelmente uma perspectiva dentre tantas que se pode, plausivelmente, inventar.

Trabalhava segundo outra concepção de História, ciente de que estava em outro regime de historicidade[iv], dentro do qual utilizam-se não apenas os documentos ditos oficiais para compor tramas históricas, mas, ao contrário, lança-se mão de outras fontes para realizar pesquisas de cunho histórico: orais, iconográficas, arquitetônicas e qualquer outra fonte que pudesse ser usada para produzir, ou produzisse, por si, *narrativas*[14]. Começava a compreender que narrativas não são apenas formas literárias, mas um modo de criar, inventar o mundo. Compreendia agora as narrativas como "modo básico de pensar, de organizar o conhecimento e a realidade" [15], pois a prática de contar histórias implica uma seleção pessoal de estratégias narrativas. "Narrativa é tanto uma experiência expressa como um relato como os modos de construir sentido a partir de ações temporais pessoais por meio da descrição e análise de dados

[iv] Regimes de historicidade "[...] são ferramentas teóricas, paradigmáticas, o que e como somos e podemos ser, quais são – e quais não são – os discursos permitidos e em decorrência, *condicionam* nossas ações e, particularmente, condicionam as operações historiográficas por explicitarem uma articulação entre passado, presente e futuro que vai nortear as (e, ao mesmo tempo, é norteada pelas) práticas de produção acadêmica." (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 224, itálico dos autores).

biográficos", e mais, "é uma reconstrução da experiência a partir da qual, mediante um processo reflexivo, é possível atribuir significado ao vivido" [16]. Desse modo, começava a perceber que um possível modo de construir a existência é por meio de uma estrutura narrativa que "depende de pautas culturalmente estabelecidas."[17]

Sendo a História resultante de narrativas das mais diversas, ela própria narrativa, compactuava com a perspectiva de que a História "não pode ser discurso de construção, mas de desconstrução, discurso voltado para compreender o fragmentário que somos, as diferenças que nos constituem, o desassemelhamento que nos habita", e que, além disso, "deve ser um discurso de contestação à memória dos poderosos, deve injetar rebeldia nas palavras, deve desconstruir seus monumentos a marteladas"[18], portanto, a História deve ser um meio pelo qual se constrói rupturas, se questiona verdades "inabaláveis", se destrói a naturalização.

Sabia que desenvolver uma pesquisa histórica não era estar situado em um lócus de discurso pronto, campo de certezas e linearidades, pelo contrário, sabia que lidaria com "visões e situações antagônicas, paradoxais, contraditórias [que] podem conviver num mesmo tempo e num mesmo espaço" [19]. Sabia que lidar com História era trabalhar com fluxos que se sobrepunham, com vidas, com movimentos, com acontecimentos diferentes que se desenrolaram de forma concomitante (ou não), com sujeitos e suas distintas perspectivas, com narrativas convergentes ou divergentes, mas sempre singulares, compostas por verdades subjetivas; sabia que a narrativa histórica não deveria "ser mais vista como uma narrativa linear segundo as quais os acontecimentos vão se desenrolando e atingindo, nesse desenrolar metódico, suas formas e modos atuais" [20].

Entendia que a história não era uma linearidade de causas e efeitos, mas "sujeita a acidentes, perturbações e, às vezes, terríveis destruições de populações ou civilizações em massa"; que não existem leis de um processo contínuo, um fluxo bem definido e delimitado, "mas um diálogo caótico, aleatório e incerto, entre determinações e forças de desordem, e um movimento, às vezes rotativo, entre o econômico, o social, o técnico, o mitológico, o imaginário". Enfim, percebia que a história é feita de muitos passados, indefiníveis e incontáveis, tanto quanto são os futuros, em que "não há mais progresso prometido; [mas que,] em contrapartida, podem advir progressos, mas [que] devem ser incessantemente reconstruídos. Nenhum progresso é conquistado para todo o sempre"[21].

Portanto, tinha convicção de que a História se preocupa não mais só com os grandes fatos, os grandes acontecimentos, com os poderosos, os monarcas: preocupa-se também com o pobre, o excluído, o marginal; os heróis anônimos para uns, os conhecidos para outros; com

o pequeno, com a sujeira, a gramínea, o rio; com os esgotos, a poluição, a decomposição de corpos; com os sentimentos, as emoções, as verdades relativas, as subjetividades, as parcialidades, as versões e as (re)invenções; até mesmo com as ficções que sempre dizem algo: uma intenção, um sonho, um desejo[22].

Assim, estava ciente de que, como consequência de suas pesquisas, realizando operações historiográficas, produziria *invenções* de histórias e, mesmo ciente do desconforto que isso poderia causar em alguns, optava por utilizar esse termo não para definir suas versões como falsas, ou "não verdadeiras", mas por compactuar com a perspectiva de que a História remete "a uma abordagem do evento [...] que enfatiza a descontinuidade, a ruptura, a diferença, a singularidade, além de afirmar o caráter subjetivo da produção histórica"[23].

Com isso, trabalhava numa perspectiva de História que assume a natureza subjetiva e inventiva dos sujeitos que elaboram narrativas, sejam eles pesquisadores – que narram histórias a partir de operações historiográficas –, ou colaboradores que narram suas histórias de vida a um pesquisador, a alguém. Assim, sabia, assumia e defendia: (a) a natureza inventiva das memórias dos colaboradores, que reinventam suas histórias, seus passados, suas memórias, a partir de um presente – que é um contexto outro, novo e plural –, com novas intenções e para determinados sujeitos, neste caso, em específico, um sujeito pesquisador, e (b) a natureza inventiva e subjetiva do pesquisador, necessária à elaboração narrativa, à ligação dos acontecimentos, à interpretação de documentos, ao entendimento e compartilhamento das informações; que estão e estarão sempre presentes, mesmo que balizadas por determinadas técnicas, teorias e metodologias refinadas e adequadas à produção deste tipo de narrativas – sendo, inclusive, a escolha dessas, o que o levava a diferentes modos de criar –; que, portanto, permitem aos pesquisadores narrarem diferentes histórias, mesmo que tratem dos mesmos acontecimentos, pois cada um é atravessado, mobilizado e constituído por intenções e saberes de naturezas particulares. Sabia, portanto, que eram essas naturezas inventivas que sempre permitem aos pesquisadores narrarem histórias únicas, embora múltiplas[24].

Sabia que existem os que defendem escrever História aproximando-se mais de uma perspectiva conhecida por seus objetos cristalizados, definidos, estruturados e rígidos, criados, ao seu tempo, para nos contar "a verdade", "o fato", "o acontecimento como realmente aconteceu", e que outros aproximam-se de outra perspectiva marcada pela crença de que "os fatos seriam apenas fabricações discursivas, os sujeitos e os objetos existiriam apenas no e como texto, como instâncias textuais; a realidade seria apenas uma construção narrativa, um

efeito de realidade". Contudo, enquanto na primeira perspectiva quem constrói o conhecimento é o próprio fato, na segunda pode-se cair no "extremo de negar qualquer materialidade para o fato ou acontecimento"[25]. Assim, ele optou por aproximar-se de uma noção "onde as duas anteriores [...] vêm se misturar no fluxo, no turbilhonar das ações e práticas humanas"[26].

Assim, esse jovem trabalhava segundo um ponto de vista que não negava a materialidade dos eventos, mas não era guiado por eles, pois, nessa perspectiva, esses só se "tornam", efetivamente, "eventos", "fatos", "acontecimentos" quando a eles são atribuídos significados, quando deles se fala, quando se lhes dá um contorno, quando são os moldados num tempo e num espaço, a partir de narrativas sobre, pois, sem isso, esses fatos nada seriam além de lembranças perdidas, memórias esquecidas, puramente passado.

Seria, portanto, nessa perspectiva *rizomática*[v] com que ele pretendia escrever História, buscando sempre o fluxo, o meio, o movimento, o turbilhonar, em detrimento da ordem, da sequencialidade, da organização, da unicidade, da estabilidade, sabia que as perspectivas singulares, recriadas e atravessadas pela oralidade, seriam um instrumento precioso na constituição de versões históricas, por vezes excluídas dos documentos escritos e, consequentemente, da História. São nessas versões da oralidade onde "os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas de populações excluídas da história ensinada na escola tomam a palavra"[27].

Então, o objetivo de buscar essas versões, singularidades históricas que não poderiam ser contadas por outros em suas outras versões, desperta nesse pesquisador seu interesse pela memória e pelas narrativas, meio pelo qual conseguiria as novas versões, mobilizando a metodologia da História Oral, caso realmente viesse a ingressar no doutorado, o que veio ser confirmado poucos meses antes da conclusão do seu mestrado, quando é publicado o resultado daqueles que ingressariam no ano seguinte, 2013, no doutorado do PPGEM.

E eis que, novamente, esse pesquisador via-se naquilo que parecia ser um novo começo: novas disciplinas, uma nova turma, novos membros no Ghoem e um outro momento de formação. A essa altura, esse doutorando, em conversas com o também novo orientador, já havia feito algumas outras opções metodológicas: para a realização das entrevistas, optariam

[v] Deleuze e Guattari, ao definir o modo como somos constituídos e como se constitui o mundo, utilizam a metáfora do rizoma. Para eles não somos como a árvore, mas como o rizoma, que "não começa nem conclui, [...] se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." [...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio". (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 38 e 39).

novamente pelo uso de *fichas temáticas*, como feito no mestrado, mas, ao contrário daquela primeira pesquisa, disponibilizariam um roteiro – que seria elaborado seguindo os temas das fichas – para os entrevistados que desejassem ter acesso a ele antes da entrevista; pela amplitude dos temas existentes nas narrativas elaboradas no mestrado, as utilizaria novamente na pesquisa do doutorado, sendo essas submetidas a um novo movimento de análise em que seriam a elas lançadas novas perguntas, possibilitando discutir potencialidades dessas fontes e desse novo movimento analítico; assim, não realizaria novas entrevistas em Mossoró, realizaria entrevistas apenas a partir das regiões de Caicó, Patu e Natal, seguindo o que previamente havia sido planejado.

Uma das possibilidades aventada àquela altura, pelo orientador e orientando, foi a de realizar um movimento de análise em três momentos distintos após a produção e acesso às fontes utilizadas na pesquisa: um movimento de análise feito a partir dos documentos ditos oficiais – escritos, pictóricos, gráficos, narrativas de outros trabalhos científicos, entre outros – cujo acesso fosse possível; um segundo movimento de análise mobilizando apenas os documentos produzidos a partir da oralidade; e um último processo em que se mesclariam ambos os tipos de fontes. O intuito desses movimentos analíticos seria o de discutir as potencialidades das fontes, tentar perceber e tematizar o que cada uma delas, com suas particularidades e intenções, poderiam oferecer à narrativa histórica[vi]. Seria nessa perspectiva, então, que aquele pesquisador em formação iniciaria, alguns meses depois, o processo de busca por arquivos para chegar a possíveis colaboradores e elaborar compreensões sobre seu tema.

Devido à experiência do mestrado, já tinha acesso a um grande número de arquivos de instituições de ensino de Mossoró: a Escola Estadual Jerônimo Rosado (a mais antiga instituição pública da região em funcionamento – fundada em 1959 – onde está o arquivo da antiga Escola Normal de Mossoró, fundada em 1922) e a Escola Técnica de Comércio União Caixeiral (fundada em 1935 e desativada em 2000, mas que mantém seus arquivos abertos para consulta) possuem ricos acervos de documentos do período que se pretendia estudar, como Livros de Pontos; Livros de Registro de Títulos; Livros de Atas; Livros de Recorte do Diário Oficial; Planos de Aulas e Livros de Correspondência. Além desses, ele já tinha alguns

[vi] As discussões sobre a realização desse exercício, bem como de outros movimentos de análise, podem ser lidas no "*Capítulo Registros"* no Tomo Travessias.

pareceres emitidos sobre a criação e reconhecimento da FURRN e/ou do curso de Matemática dessa instituição, publicados na *Documenta*[vii] entre os anos de 1967 e 1987.

Além desses documentos, no Museu Municipal Lauro da Escóssia (em Mossoró), sabia existir uma seção em que permanecem disponíveis para consulta todas as edições do jornal *O Mossoroense* (cujas atividades se iniciaram em 1873, divulgando reportagens jornalísticas sobre todo o estado) e um amplo arquivo Iconográfico do fotógrafo Manuelito Pereira (1910-1980) que poderia também servir-lhe como fonte para tratar da formação de professores que ensinaram matemática no RN.

Sabia ainda da existência de outros acervos que poderiam ajudá-lo a elaborar compreensões sobre o tema, estando a maior parte desses na capital do estado, Natal. Esses arquivos possivelmente encontrar-se-iam nas seguintes instituições: Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Arquivo Público da cidade de Natal; Secretaria do Estado da Educação e da Cultura do RN; Escola Estadual Atheneu Norte-riograndense; Biblioteca Pública Câmara Cascudo; Instituto Histórico e Geográfico do RN; Escola Técnica de Comércio Alberto Maranhão[28].

Contudo, sem possuir contatos nas demais regiões do interior do RN que não a de Mossoró, e não existindo trabalhos sobre a história do ensino de matemática nas regiões de Caicó e Patu, não sabia se existia e onde poderia encontrar arquivos que o auxiliassem a tematizar a história da formação de professores de matemática naquelas regiões. Assim, um dos primeiros movimentos em busca de arquivos sobre essas regiões deu-se no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o objetivo de verificar a existência de trabalhos sobre a história da educação que o auxiliassem a chegar a arquivos; em seguida, procurou outros trabalhos, como artigos ou textos em anais de eventos. Devido à existência de poucos trabalhos acadêmicos que oferecessem as informações que procurava, ele recorreu a sites informais.

A partir dessas informações, inicia-se mais uma vez o processo de viagens desse pesquisador em busca de arquivos e possíveis colaboradores. Em Patu, buscou arquivos na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no Ginásio Comercial de Patu, na Escola Municipal Francisco Francelino de Moura e na Escola Estadual Doutor Xavier Fernandes; em Caicó, foi em busca de acervos no campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte,

[vii] A Revista *Documenta* é uma publicação oficial do Conselho Federal de Educação que traz discussões, resoluções e/ou pareceres sobre instituições de ensino superior e seus cursos, bem como outros temas relacionados à educação. Mais informações sobre a *Documenta* ver, por exemplo, Martins-Salandim (2012).

nos Colégio Diocesano Seridoense, Educandário Santa Terezinha, Centro Educacional José Augusto e Escola Estadual Profª Calpúrnia Caldas de Amorim e, ainda, no Laboratório de Documentação Histórica (Labordoc) da UFRN; em Natal, o pesquisador em formação buscou documentos no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no Arquivo Público do Estado, na Escola Estadual Atheneu Norte-riograndense, na Biblioteca Pública Câmara Cascudo, no Instituto Histórico e Geográfico do RN, no Arquivo da Arquidiocese de Natal e na Escola Técnica de Comércio Alberto Maranhão. A opção por buscar arquivos nas universidades era uma tentativa de compreender o contexto de criação dos cursos em algumas cidades e, nas escolas, justifica-se por serem elas as instituições mais antigas, nas respectivas regiões, a oferecerem os níveis de ensino que correspondem, atualmente, ao ensino fundamental e ao ensino médio.

Nessas instituições, ao explicar o seu projeto de tese e o que procurava, em muitas foi informado que não existiam arquivos ou que os existentes não o auxiliariam, não lhe sendo permitido acessar os acervos; em outras, foi impedido por reformas de infra-estrutura. Assim, o doutorando teve acesso aos seguintes arquivos, nas respectivas instituições: (a) em Caicó, no Colégio Diocesano Seridoense, há relatórios que a escola enviou ao MEC entre as décadas de 1940 a 1980; na Escola Estadual Profª Calpúrnia Caldas de Amorim há fichas de cadastros de professores das décadas de 1970 e 1980; no Labordoc teve acesso às edições publicadas do jornal *A Folha* – que circulou em Caicó entre 1954 e 1965 –; e no arquivo do campus da UFRN, que ainda ia passar por um processo de organização, foi possível acessar relatórios sobre a instalação do câmpus e, consequentemente, do curso de Matemática na cidade de Caicó; (b) em Patu, só encontrou arquivos no Ginásio Comercial, onde teve acesso a fichas de Relação de Professores entre os anos de 1969 e 1973 e um Livro de Registro do resultado final do exame de admissão do ano de 1971. Sem a possibilidade de acessar outros documentos, fez o registro da mais antiga placa de formandos do curso de Ciências (habilitação Matemática) existente no campus da UERN daquela cidade; (c) em Natal, no Arquivo Público do Estado, teve acesso a inúmeros arquivos sobre o Curso de Treinamento para Professores Leigos – entre os quais, relatórios, planos de curso, planos de aula, provas, fotos, listas de participantes – e Planos de Aplicação de Recursos para a área de Educação; no Instituto Presidente Kennedy teve acesso ao Livro de Posse de 1929 a 1945 da Escola Normal de Natal, e não sendo possível o acesso aos documentos da UFRN, registrou a mais antiga placa dos concluintes do curso de Matemática (bacharelado) existente.

Além desses arquivos, foi possível ao doutorando ir ao Recife, com o intuito de buscar documentos sobre a SUDENE na sede da instituição que funciona naquela cidade, sobre o CECINE[viii], na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde o centro foi instalado, e também a cidade de Bauru, onde visitou o acervo de livros antigos do Ghoem. Na sede da Superintendência, que possui um acervo histórico, não foi possível ao pesquisador ter acesso ao arquivo da SUDENE. Entretanto, na UFPE, conseguiu alguns relatórios do Curso de Licenciatura de Curta Duração em Ciências oferecido pelo CECINE entres os anos de 1972 e 1976, e no acervo do Ghoem analisou todas as revistas *Documenta* publicadas entre os anos de 1962 e 1990[ix], das quais extraiu algumas publicações.

O doutorando que trabalhava em uma perspectiva de história que o levava a tentar perceber fluxos, detalhes, processos não oficializados, via-se com um grande volume de documentos que, sabia, eram também construções, versões, produções humanas que, em sua maioria, seguiram regras, normas, que se calaram quanto a pequenos e "desnecessários" pormenores, confinado nas prisões das normas ditas científicas, oficiais, normalizadoras, com o que escondiam processos outros relativos à formação e atuação de professores de matemática. Negligenciavam, de modo geral, insatisfações, críticas, exaltações, práticas cotidianas e usuais, mas ofereciam àquele pesquisador uma nova versão histórica sobre o tema que percorria no doutorado, possibilitando-lhe *apresentar uma versão a partir dos documentos oficiais*.

---

[1] (BRITO, 2002).
[2] Além dos trabalhos que citamos textualmente e que nos ajudam a expor nossas compreensões sobre História, outros autores nos auxiliaram na constituição de nossas compreensões sobre os fazeres historiográficos: Le Goff (2003), Burke (1992), Ricoeur (2007), Sennett (2008), Campos (2012), Bencostta (2005), Said (1990) e Greenblatt (1996).
[3] (SOUZA, 2012, p. 146).
[4] (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 201 e 202).
[5] (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 204).
[6] (BOSI, 1994, p. 57).
[7] (LAROSSA, 2002).
[8] (HALBWACHS, 2006, p. 29).

[viii] Fomos à busca de documentos no CECINE, embora as informações que tivéssemos eram de que não existiam mais arquivos nesse centro por terem sido incinerados. Durante o mestrado, ao buscar informações sobre o CECINE, conseguimos entrar em contato com o professor Ascendino Silva, coordenador do CECINE entre 2004 e 2010. Nesse contato, o professor Ascendino nos informou que participava de um projeto interinstitucional que desenvolvia um estudo sobre a história dos CECI's em todo o Brasil, nesse projeto ele era responsável pela pesquisa sobre o CECINE. O professor nos informou sobre sua dificuldade em encontrar documentos físicos para fazer esse estudo, pois praticamente não existem arquivos no CECINE. Comentou que, ao buscar essas fontes, foi informado que um antigo diretor havia incinerado muitas delas. O professor gentilmente nos disponibilizou um relatório que havia produzido como parte de sua pesquisa (SILVA, 2012).
[ix] Foram analisadas todas as edições existentes no acervo do grupo, no qual não contam alguns poucos exemplares. A vacância, a saber, são dos números publicados entre março de 1972 e julho de 1974.

[9] (ALBUQUERQUE JR., 2009).
[10] (GOMES, 2014; GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011)
[11] (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 200).
[12] (HALBWACHS, 2006).
[13] (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 45).
[14] (GARNICA, 2013; GAERTNER; BARALDI, 2008).
[15] (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 19)
[16] (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 19-20)
[17] (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 20)
[18] (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 87 e 88).
[19] (GARNICA, 2015b, p. 113).
[20] (GARNICA, 2015b, p. 113).
[21] (MORIN, 2014, p. 42).
[22] (ALBUQUERQUE JR., 2009; 2011).
[23] (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 20).
[24] (ALBUQUERQUE JR, 2009; 2011; HALBWACHS, 2006; BRUNER, 1991; WHITE, 1994).
[25] (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 25 e 26)
[26] (ALBUQUERQUE JR., p. 26)
[27] (BOSI, 2003, p. 14).
[28] (GUTIERRE, 2008).

Sumário PASSOS

Documentos oficiais, fontes "primárias": uma interpretação

Devido a Proclamação da República do Brasil e a proposta de laicização do ensino, a Igreja Católica passa por um movimento de reestruturação institucional, iniciando um processo de formação e consolidação de uma extensa rede de escolas católicas em todo o território nacional[i]. No Rio Grande do Norte, que não escapa a essa realidade, são criadas, ainda no início do século XX, uma série de instituições ligadas à igreja, tanto na capital do estado, como no interior.

Desse processo, por exemplo, são criados no interior do estado os Colégios Diocesano de Santa Luzia e Sagrado Coração de Maria, na cidade de Mossoró, e nos anos de 1925 e 1942, respectivamente, o Educandário Santa Terezinha e o Colégio Diocesano Seridoense, em Caicó. Nessas instituições, no geral, os alunos eram divididos segundo o gênero, ficando os meninos nos Diocesanos e as meninas nas outras duas instituições coordenadas por freiras. Em Caicó, contudo, como o Educandário Santa Terezinha foi, por um longo período, a única instituição confessional na região, pouco tempo depois de ser criada, nela passou a funcionar o ensino misto, embora tenha inicialmente matriculado apenas o público feminino[1].

Em Caicó, assim como nas instituições católicas de Mossoró, uma grande parte dos professores eram os religiosos que mantinham as escolas. Inicialmente, quase todas as professoras do Educandário Santa Terezinha eram freiras[2] e, no Diocesano Seridoense, há uma forte presença de padres, embora decrescente com o passar do tempo, entre os anos de 1948 a 1984[3]. A instalação de algumas instituições dessa natureza, como, por exemplo, o Santa Terezinha em Caicó, foi possível pela intermediação do Governo do Estado, durante o governo de José Augusto Bezerra de Medeiros no Rio Grande do Norte, que tentava atrair e auxiliar a implantação de instituições confessionais no interior do estado[4].

Contudo, em relação à educação, a presença da igreja não ficava restrita a essas instituições citadas. Anos mais tarde, é possível perceber o ideário religioso católico presente não só nesses estabelecimentos mantidos diretamente pela igreja, mas também em instituições públicas, como é o caso da Escola Normal de Natal, do Instituto de Educação de Mossoró – instituição pública da cidade que agregava a Escola Normal, o Colégio Estadual, o Grupo Escola "Trinta de Setembro" e o Jardim de Infância Modelo, que, hoje, tem o nome de Escola

[i] Um maior detalhamento sobre esse contexto da proclamação da República e a laicização do ensino, bem como da influência da igreja na educação brasileira e, especificamente, do Rio Grande do Norte, pode ser encontrado no texto *"Brasil, Rio Grande do Norte, Mossoró: uma versão histórica sobre a dinâmica da formação de professores (de matemática)",* nesta tese.

Estadual Jerônimo Rosado – e da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN)[5].

A educação não era preocupação de ações apenas da igreja, pois, por iniciativa do Governo, também no início do século, são instaladas as primeiras Escolas Normais no estado visando à formação de professores. A primeira a ser criada é a Escola Normal de Natal, pelo decreto 178 de 1908, que já havia passado por outras três tentativas de constituição[6]. Na década de 1920 é fundada a primeira delas no interior do estado, a Escola Normal Primária de Mossoró e, pelo decreto 2.468 de fevereiro de 1954, é autorizado o funcionamento da Escola Normal no Colégio Diocesano Seridoense, também passando a formar regentes, em nível ginasial, para atuar no ensino primário no interior[7]. Nesse mesmo período, início da década de 1950, também foram autorizados a criação e o funcionamento das Escolas Normais de Pau dos Ferros e Assú, formando professores em primeiro grau, nível ginasial, a exemplos de uma política que autorizou a instituição de quatorze dessas instituições no interior do estado[8].

A Escola Normal de Natal, em princípio, foi "pensada para o sexo masculino por seguir o modelo de organização do ensino secundário ministrado no Ateneu, acrescentada a disciplina de Pedagogia, sendo em algumas situações concedido o acesso às mulheres, com a devida adaptação"[9], mas logo após iniciar seu funcionamento, tornou-se um estabelecimento de ensino predominantemente feminino, o que se comprova pelo número de formandos da primeira turma: sete rapazes e vinte moças. Na Escola Normal Primária de Mossoró, a realidade não foi diferente, pois, em sua maioria, as primeiras turmas formadas por essa instituição eram constituídas predominantemente por meninas[10]. Aparentemente, esse quadro fica ainda mais fortemente marcado em anos posteriores, pois na década de 1950 praticamente não se tem mais a figura masculina nos cursos normais e pedagógicos do estado e poucos são os que estão atuando no ensino primário, por preferirem seguir outras carreiras com melhores vencimentos e reconhecimento, o que dificultava, inclusive, a escolha de diretores para as instituições de ensino, por preferirem os homens na gestão das instituições[11].

As Escolas Normais visavam formar professores para atuar no ensino primário[ii], enquanto que para o ensino secundário, a formação ficava a cargo das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Contudo, como as FFCL demoraram a ser criadas no estado do Rio Grande do Norte, tendo sido a primeira autorizada a funcionar na cidade de Natal, no ano de 1956[12], e a segunda, a FAFICIL de Mossoró, apenas em 1965, por um longo

[ii] Para compreender melhor sobre os diferentes níveis de ensino tratados nesse texto e os contextos de suas criações, novamente recomendamos a leitura do texto "*Brasil, Rio Grande do Norte, Mossoró: uma versão histórica sobre a dinâmica da formação de professores (de matemática)"*.

período as Escolas Normais existentes no Rio Grande do Norte foram responsáveis por formar também professores para atuarem no ensino secundário.

Assim, nas regiões onde existiam as Escolas Normais, não era difícil encontrar professores formados por essas instituições atuando no ensino secundário, embora fossem graduados para lecionar apenas no ensino primário. Todavia, além desses professores, era comum encontrar também pessoas, ou com formações em outras áreas – tais como: Odontologia, Ciências Jurídicas, Medicina e Farmácia – ou mesmo sem formação superior alguma, contando, às vezes, apenas com o próprio secundário[13].

Para as aulas de matemática não foi diferente, pois desde o início do século XX já era possível notar certa carência de profissionais para preencher os quadros do magistério secundário, sendo necessário aceitar pessoas formadas em outras áreas para ensinar essa disciplina. Em Natal, por exemplo, tomam posse para ocupar a cadeira de Matemática, entre 1933 e 1941, os professores Lucas Sigano e Sérgio Guedes da Costa, que recebem o título de "doutores", sendo, portanto, juristas, médicos e/ou dentistas, pois, nesse período, no Brasil, eram as únicas áreas a receberem esse tratamento; e o monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez, que, sendo clérigo, possivelmente tivesse formação em Filosofia[14]. Em Mossoró, até a década de 1940, são exemplos disso os professores Aprígio Soares da Câmara, que ensinou matemática no Diocesano, foi também professor da Escola Normal e era formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Escola de Direito de Recife; Públio Lopes Filho, que ensinou no início da década de 1940 nos Colégios Diocesano de Santa Luzia e Sagrado Coração de Maria, sem possuir, até então, uma formação superior, tendo feito o seu primário no "Trinta de Setembro" e o secundário em Fortaleza; e João Minho de Oliveira, que ensinou no Diocesano sem nenhuma formação superior[15].

Essa realidade persiste por um longo período, pois, anos mais tarde, mesmo na segunda metade do século XX, vários professores passam a ensinar matemática sem formação específica para isso. Em Patu, no Ginásio Comercial de Patu – criado em 1959 e, no período, um dos mais importantes da região –, os quatro professores registrados para lecionar matemática, entre 1969 e 1972, não possuem formação superior específica, lecionando ou com registro na Secretaria do Estado, ou por ter realizado o exame de suficiência ou, ainda, a título precário até que ocorresse algum curso[16]. Em Caicó, nos anos de 1956 e 1957, respectivamente, a "irmã Elisabet" e o "Pe. João Agripino" prestam exame de suficiência para lecionar matemática[17]; anos mais tarde, entre as décadas de 1970 e 1980, há professores de matemática que atuam no Colégio Diocesano Seridoense possuindo como "habilitação" o

científico e o "Técnico Comercial", níveis de formação correspondentes ao atual ensino médio, e o "II Nível de Ciências Contábeis", o "VII Nível de Estudos Sociais" e o "VI Nível de Administração"[18], correspondentes aos semestres cursados nos respectivos cursos superiores. Em Mossoró, ainda no fim dos anos 1960, é possível perceber essa realidade na Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, onde dois professores são empossados para dar aula de Matemática e Estatística: um deles aluno da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o outro formado em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró (FACEM)[19].

Esses casos pontuais da União Caixeiral, contudo, não foram os únicos de Mossoró, pois existiram outros professores atuando no ensino de matemática na cidade, em outras instituições, com formação em Agronomia, Economia e Engenharia Civil[20]. Além desses, um caso muito conhecido na região é o do professor Joaquim Solon Moura, que ensinou no Diocesano Santa Luzia, no Sagrado Coração de Maria, na Escola Normal de Mossoró e na União Caixeiral – onde ainda exerceu a função de Diretor –, não possuindo nenhuma formação superior e, apesar disso, tendo ficado muito conhecido na cidade como um dos maiores professores de matemática que o município já teve[21].

Nesse período, já após os anos 1950, esse *deficit* de professores com formação para lecionar era sentido não só no ensino secundário, mas também no ensino primário, apesar de, na década de 1960, existir uma rede de instituições formadoras de professores primários espalhadas pelo estado do RN, composta por três Centros de Educação e 16 Escolas Normais de nível ginasial. O número de alunos formados por essas instituições era insuficiente para a demanda existente no estado, no período; no ano de 1962, por exemplo, havia 3.911 professores atuando no ensino primário, em um cenário que apontava para a necessidade de ter 5.580 professores trabalhando nessas salas de aula, ou seja, apresentava uma falta de 1.669 professores. Devido a essa realidade, um grande número de pessoas se tornou professor sem possuir formação específica para lecionar no nível de ensino para o qual havia sido designado, ficando conhecidos como "professores leigos". Nesse cenário do ano de 1962 – retomando o exemplo e ratificando que se trata apenas do ensino primário –, dos 3.911 professores em atuação, apenas 666 eram diplomados e outros 1.785 não tinham nenhum tipo de vínculo com o Estado, trabalhando como diaristas, sem nenhum tipo de preparação[22].

A discussão em torno do "professor leigo" surge a partir da década de 1920 e se constituiu decorrente da estrutura econômica, política e cultural do Brasil, mas se torna mais intensa principalmente a partir do fim da década de 1940 até a década de 1960, devido à

grande carência de professores com formação específica para lecionar e a necessidade de atender à demanda das escolas, provocada pelo aumento no número de alunos e instituições de ensino. Assim, os Estados e Municípios recrutavam professores (principalmente primários) para atuarem na educação, realizando nomeações por designação interina, tornando-se, após algum tempo, efetivos. Aponta-se que esses professores atuaram nas mais diversas regiões, mas era uma realidade ainda mais presente nas regiões rurais e destacadamente no Norte e Nordeste do Brasil. Tomando como exemplo a recente década de 1980, havia ainda 226.247 professores leigos no Brasil, entre os 884.257 em atuação; dentre os leigos, cerca de 70% atuavam nas zonas rurais[23].

A existência do grande número de professores leigos atuando no ensino primário em todo o RN, na década de 1960, impulsionou o Estado a criar um curso sistemático e de formação emergencial, que ficou conhecido como Curso de Treinamento para Professores Leigos. Esse curso ocorreu em três etapas, sendo a primeira em 1963 e a última em 1965, e foi realizado com recursos do Estado, da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), do MEC e da *United States Agency for International Development* (USAID). Esses órgãos investiram mais de dezesseis milhões de cruzeiros, distribuídos entre despesas com corpo docente, administrativo, os alunos do curso e as despesas gerais[24].

A primeira e a segunda etapas desse Curso de Treinamento ocorreram nas cidades de Mossoró, Natal, Caicó, Pau dos Ferros, Martins, Angicos, São José do Mipibu e Santa Cruz. Para a primeira etapa, o Centro de Treinamento e Pesquisas Educacionais (CEPE) havia previsto uma presença de 1.270 professores "leigos" e, na segunda, estimou-se uma presença de 1.000 professores. A terceira etapa era prevista para acontecer apenas nas cidades de Mossoró, Caicó e Natal, contudo, aconteceu também em Pau dos Ferros[25]; nesta etapa foi previsto um atendimento a 736 professores leigos. Assim, a Secretaria de Estado da Educação e Cultura (SEEC) pretendia capacitar 3.000 "professores leigos" de todo o Estado. Esse curso assumia maior responsabilidade nesse cenário devido a Lei estadual 3.161 de 1964, que estruturava o quadro do magistério, pois era dada uma gratificação de 10% aos professores que participassem desses cursos e, além disso, para os que concluíssem as três etapas era garantida a efetivação no Estado como Regente de Classe do Ensino Primário, com todos os direitos garantidos[26].

Em Mossoró, Natal, Pau dos Ferros e Santa Cruz, o curso foi realizado majoritariamente por mulheres das mais diversas cidades vizinhas a essas, com a frequência de professores-alunos tanto da zona urbana quanto de zona rural, cabendo ressaltar que muitos

desses cursistas possuíam apenas o primário como grau de escolaridade. Em Pau dos Ferros, por exemplo, dos 193 alunos que fizeram a terceira etapa do curso, apenas duas alunas tinham o ginasial incompleto (uma tinha cursado até o 2º ano e outra até o 3º ano), os demais possuíam apenas o primário, com três dos alunos tendo esse nível incompleto[27].

Nos planos dos cursos previa-se que, na primeira etapa, os conteúdos seriam os dos programas do primeiro e do segundo anos do ensino primário; na segunda etapa, abordar-se-iam os conteúdos dos terceiro e quarto anos primários e, na última etapa, os do quinto ano primário. Em relação ao conteúdo de matemática, eram previstas 50 h/a de "Metodologia da Matemática" em cada etapa do curso, que tinha como objetivo revisar os conhecimentos básicos de matemática, proporcionar o domínio de relações indispensáveis à resolução de problemas, trabalhar com processos específicos da matemática para formar o hábito da disciplina, ordem e rendimento, despertar o interesse dos professores por essa disciplina e familiarizar os professores com o uso e produção de materiais didáticos. Recebendo forte influência da perspectiva escolanovista, essa disciplina era trabalhada por meio de processos indutivos (usando a exposição oral, a exemplificação, a intuição e a demonstração) e também de atividades em grupo, jogos e recreação matemática, além de materiais didáticos – os quais, aparentemente, eram amplamente mobilizados no curso, ao lançarem mão de cartões com gravuras, tampinhas, palitos de picolé, cartazes, flanelógrafo, contador de fatos, linha numérica, cédulas e moedas[28].

Vale ressaltar que apesar de ter acontecido essa versão mais sistemática do Curso de Treinamento para Professores Leigos nesses três anos, esses não foram os primeiros e tampouco os últimos a serem realizados, pois em 1959 – pelo menos – esses cursos já haviam iniciado no estado, tendo acontecido outra versão no ano de 1960 e ainda em 1967[29]. A Lei estadual 3.185 de dezembro de 1965 que regulamenta a estrutura da educação no RN, tratando do magistério entre os artigos 153 e 158, prevê no artigo 154 que os documentos exigidos para o professor ser efetivado na categoria de "Regente de Classe do Ensino Primário" eram os "certificados de conclusão dos cursos primário e de treinamento promovido pelo Estado"[30].

Interessante notar que, nessa lei estadual, além dessa classificação são previstas as categorias de "Regente de Ensino Primário", "Professor Primário", "Professor de Ensino Médio" e "Professor Catedrático de Ensino Secundário", contudo, cumpre lembrar que a classificação "Regente de Classe de Ensino Primário", criada pelo Estado, não era prevista na LDB em vigor, a 4.024/61, que previa, para este nível, apenas a formação de "regentes de ensino primário" e "professor de ensino primário", o que nos leva a crer que essa foi uma

medida também emergencial para efetivar professores para o ensino primário em um curto período de tempo.

A necessidade de dar alguma formação adequada para os professores leigos não foi sentida apenas no Rio Grande do Norte, mas em todo o país, o que levou a União a tomar uma série de medidas nesse sentido, criando campanhas, órgãos e instituições com essa finalidade, visando também, e como consequência, à melhoria do nível da educação. No ano de 1966, a título de exemplo, foi organizado pelo MEC um programa de treinamento de professores do ensino médio – que, na época, compreendia o ginásio e colegial –, o qual realizaria simultaneamente trinta e cinco cursos especiais, em trinta cidades brasileiras, e funcionaria em caráter intensivo (duração de 30 dias) nas férias do ano de 1967, visando preparar pessoas interessadas em prestar exame de suficiência[31].

No Rio Grande do Norte, ainda na década anterior, em 1950, já havia começado a acontecer alguns cursos também para tentar suprir um pouco dessa defasagem na formação dos professores que atuavam/atuariam no ensino secundário. No ano de 1956, por exemplo, um grupo de professores de Caicó foi realizar, no mês de janeiro, um curso de aperfeiçoamento para professores do ensino secundário em Natal para, em seguida, se submeterem aos exames de suficiência. Neste grupo estava como professora de matemática a irmã Elisabet, do Ginásio Santa Terezinha, que foi aprovada no exame de suficiência; no ano seguinte, 1957, o padre João Agripino Dantas, do Ginásio Diocesano Seridoense, também se submeteu à prova na área de matemática[32].

No cenário nacional, no início dos anos de 1950 vivia-se o governo de Getúlio Vargas que pregava "a corrida à modernização e à industrialização e, consequentemente, a necessidade de elevar os padrões existentes à condição de padrões normais, ou seja, se fazia urgente, com o sentido de emergência real, completar as competências do Ensino Médio". Para isso, era necessário treinar os professores "leigos", criando assim inúmeras campanhas com essa finalidade, dentre as quais se destaca, pela relevância e independência financeira e administrativa, a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), criada em 1953[33].

Devido à criação dos exames de suficiência, grande parte dos professores que passaram a atuar no ensino secundário apresentava defasagem na formação acadêmica e, com isso, a CADES passou a oferecer cursos com o intuito de dirimir essa defasagem, passando a formar professores que não tivessem nenhum tipo de formação para lecionar nas áreas específicas. Ainda "em 1955, pela Lei nº 2.430 de 19 de fevereiro, os exames de suficiência

para o exercício do magistério nos cursos secundários ficam condicionados aos cursos intensivos da CADES”[34], tornando-a mais visível e importante no cenário nacional.

Dessa maneira, a CADES passou a promover, a partir de 1956, nas Inspetorias Seccionais de Ensino Secundário, ligadas às Secretarias Estaduais de Educação, os cursos preparatórios para o Exame de suficiência que concediam aos aprovados o registro de professores do ensino secundário e o direito de exercerem a profissão na disciplina em que tivessem sido aprovados, nas regiões onde não houvesse licenciados disponíveis para o cargo pleiteado.

Esses cursos aconteciam normalmente nos meses de janeiro ou julho, tendo a duração, em média, de um mês, e eram divididos em duas etapas, cada uma ocorrendo em um ano. O curso era dividido entre os temas “Didática Geral” e “Didática Específica”, elaborados com a finalidade “de suprir as deficiências dos professores, até então “leigos”, referentes aos aspectos pedagógicos e aos conteúdos específicos das disciplinas que iriam lecionar ou que já lecionavam nas escolas secundárias”[35].

No leque de atividades da CADES constava a realização de cursos e estágios para técnicos e administradores de estabelecimentos de ensino secundário; a concessão de bolsas de estudo a professores secundários para realizarem cursos ou estágios promovidos por entidades do Brasil ou do exterior; assistência técnica aos estabelecimentos de ensino secundário que estavam sendo implantados ou reorganizados; estudar os programas do ensino secundário e os métodos de ensino, “com a finalidade de melhor ajustar o ensino aos interesses dos alunos e às condições e exigências do meio”[36]; a elaboração de material didático; providenciar ações destinadas ao melhoramento e barateamento de livros didáticos; promover missões para prestar assistência aos estabelecimentos distantes dos grandes centros; elaborar e aplicar provas objetivas para avaliar o rendimento escolar; incentivar a criação de serviço de orientação educacional nas instituições de ensino secundário; elaborar um plano para conceder bolsas de estudo a alunos carentes mas “bem dotados intelectualmente”; estudar projetos de estrutura física de ambiente para o ensino, adaptados às diversas regiões do país, como também de novos mobiliários escolares; realizar levantamento das necessidades e possibilidades quanto à localização de escola secundária, nas diversas regiões do país; divulgar atos, experiências e iniciativas de interesse do ensino secundário; promover o intercâmbio entre escolas e educadores, do Brasil e do exterior; esclarecer a população sobre as vantagens de uma boa educação secundária.

Com essas atividades, a CADES teve uma atuação muito mais ampla do que apenas realizar os cursos para formar professores, podendo tomar como exemplo o fato de ter publicado uma grande quantidade de material, a saber: dezenove edições da *Revista Escola Secundária*, periódico produzido e distribuído entre 1957 e 1965; onze livros sobre a própria CADES; e noventa e nove livros das mais diversas áreas educacionais, que "orientavam os professores do ensino secundário nos aspectos curriculares, legais e didáticos"[37] e, dentre os quais, sete tratavam do ensino de matemática.

Assim, entre as décadas de 1950 e 1960, a CADES teve uma atuação importantíssima no ensino secundário em todo o Brasil, nas mais diversas áreas. Na formação de professores para atuar no ensino de matemática, em particular, mostrou-se especialmente importante de Norte a Sul do País, pois nas mais diversas regiões a formação superior específica para o ensino de matemática mostrou-se tardia e insuficiente para a necessidade, não nas capitais (onde, normalmente, os cursos chegaram primeiro) mas, sem dúvida, no interior[38].

No Rio Grande do Norte, houve pelo menos uma edição desses cursos da CADES, que ocorreu no ano de 1963 em Natal, da qual participaram os professores que ensinavam nas três instituições que ofereciam ensino secundário em Caicó[39].

Contudo, apesar desses cursos, ainda havia um *déficit* muito grande de professores do secundário com alguma formação para lecionar e uma das áreas mais afetadas pela falta de professores era a de ciências, cujo número de professores com alguma formação era muito baixo. Em 1965, "a maioria do professorado do Ensino Médio (60%) não detinha diploma universitário, outros eram normalistas (20%), enquanto cerca de 20% improvisavam, sem formação de qualquer tipo"[40].

Isto posto, além da atuação da CADES, outra medida tomada pelo governo para melhorar a qualificação dos professores, elevar o nível do ensino secundário e a produção científica foi a criação de seis centros para formar professores para as diversas regiões do Brasil. Com isso, foram criados os CECIs: Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE, instalado em Recife); Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA, instalado em Salvador); Centro de Ensino de Ciências de Guanabara (CECIGUA, instalado no Rio de Janeiro); Centro de Ensino de Ciências de Minas Gerais (CECIMIG, instalado em Belo Horizonte); Centro de Ensino de Ciências de São Paulo (CECISP, instalado em São Paulo); e o Centro de Ensino de Ciências do Rio Grande do Sul (CECIRS, instalado em Porto Alegre).

A criação desses centros estava diretamente ligada à intenção de motivar o desenvolvimento da ciência que havia sido deflagrado em todo o país já na década de 1950.

Naquela década, “a ciência e a formação de pessoal qualificado passam a ser vistas como elementos fundamentais para o progresso”[41], impulsionando, por exemplo, a criação, em 1951, do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bem como alertando para a necessidade urgente de formação dos professores das áreas por eles denominadas de ciências experimentais (Ciências, Biologia, Física, Química e Matemática) para atuar no ensino médio[42].

O CECINE foi o primeiro dos seis centros a ser criado visando atuar nos estados da região Nordeste que, à época, eram Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Maranhão, Piauí, Sergipe e Alagoas. Após algum tempo, a responsabilidade por formar os professores dos estados da região Norte – Pará, Amazonas, Amapá, Rondônia, Roraima e Acre – também passou a ser do CECINE e “vale ressaltar que, com exceção da criação da filmoteca, ficou documentado que todas as atribuições dos CECIs foram cumpridas pelo CECINE”[43]. A área de atuação do CECINE ficou claramente diferenciada da dos demais CECIs, contrariando o desejo muito forte, nesse período, de impulsionar o desenvolvimento da Região Nordeste, que levou, inclusive, à criação da SUDENE no ano de 1959.

A SUDENE foi criada com o objetivo de alavancar o desenvolvimento da região Nordeste, muito defasada em relação ao restante de todo o País. A SUDENE tinha, então, a “responsabilidade de propor as diretrizes de uma política de desenvolvimento regional, às quais deveriam subordinar-se todos os investimentos federais no Nordeste, e atuar como órgão no planejamento e na coordenação dos investimentos federais na região”[44]. Este órgão era ligado diretamente à Presidência da República, com sede também em Recife[45].

Os CECIs foram instituídos pelo MEC, mas este órgão não foi o executor direto dos programas, o que ficou a cargo de agências regionais, cumprindo a ele prover recursos financeiros e técnicos para desenvolver a educação e a ciência. Por seus objetivos e por ter sido experimental, criado seis meses antes dos demais, o CECINE conseguiu financiamento de agências importantes para o seu funcionamento como a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a SUDENE, e a Fundação Ford. “Esta última fez um aporte de US$ 150 mil para o período de 1965/1968”, contribuindo fortemente para o funcionamento e realização das atividades do CECINE. A SUDENE entrou com “suporte financeiro para a contratação de parte da equipe e bolsas para professores passarem nove meses à disposição do CECINE. A universidade forneceu o espaço, os laboratórios e parte da equipe”, enquanto o “Ministério da Educação forneceu fundos para bolsas e outras despesas”[46]. Assim, possuindo recursos

financeiros para funcionar tranquilamente, o CECINE passou a oferecer cursos para formar professores nos oito estados do Nordeste[47].

O MEC aparentemente permitia que os CECIs produzissem ciência, sem, necessariamente, possuírem uma estrutura rígida. No entanto, os objetivos desses centros eram "dar assistência permanente aos professores de ciências exatas e naturais; promover seminários, debates e conferências sobre temas relacionados com o aprimoramento do ensino das ciências exatas e naturais"; promover "cursos destinados a aprimorar os conhecimentos dos professores e aperfeiçoar as técnicas de ensino; estimular clubes de ciências e feiras de ciências, estimular a formação de associação de professores de ciências"; criar e "manter uma biblioteca especializada; promover concursos destinados a premiar professores e alunos; realizar convênio com estabelecimentos oficiais e particulares, tendo em vista o aprimoramento do ensino de ciências"; oferecer cursos de treinamento para "professores nas técnicas de improvisação do material científico; manter uma filmoteca especializada para o empréstimo de filmes às escolas; verificar a boa aplicação do material científico emprestado ou doado às escolas; editar livros e periódicos sobre o ensino de ciências"; bem como "realizar inquérito sobre o ensino de ciências nas escolas do Estado"[48].

Outra agência que passou a atuar próxima a esses centros foi o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), estando quase que diretamente vinculado com o CECISP, ao qual "coube traduzir os livros americanos, ficando para os centros a tarefa de disseminá-los entre os professores"[49]. Os livros americanos da área de matemática que o IBECC traduziu foram os da coleção *School Mathematics Study Group*, mais conhecido como SMSG[50].

Sobre os cursos da área de Matemática, o CECINE ofereceu uma capacitação para professores em dezembro de 1965[51], quando o centro "encaminhou para a UFRN informações e ficha de inscrição para o curso de verão de Matemática que ocorreria em fevereiro de 1966. Tal curso teria lugar em Salvador, Bahia, e propunha-se a abordar tópicos de Matemática Moderna". Entretanto, não se têm notícias de alguém da UFRN ter participado desse curso oferecido pelo CECINE, pois nesse período ainda não existia o Instituto de Matemática na Universidade, e os professores da "Escola de Engenharia estavam muito mais preocupados em realizar aprofundamentos em assuntos relativos à matemática aplicada"[52]. Além desse momento intensivo, o CECINE ofereceu ainda outro curso, com duração mais longa, nos anos de 1967 e 1968, que capacitou pelo menos dois professores do Rio Grande do Norte, um de Natal e outro de Mossoró, também seguindo a perspectiva da Matemática Moderna[53].

Os idealizadores da Matemática Moderna, que ficou, mais tarde, conhecida como Movimento Matemática Moderna (MMM), estavam preocupados com o descompasso entre o ensino superior e o secundário, e pretendiam desenvolver uma alternativa para desvincular-se da matemática pautada apenas na memorização de processos. Segundo essa proposta, a matemática seria ensinada de forma lógica, revelando-se o raciocínio por trás do método, o que favoreceria a compreensão.

Essa abordagem lógica já era mobilizada para ensinar geometria no ensino secundário. Desse modo, a principal mudança deveria dar-se nas disciplinas de Aritmética, Álgebra e Trigonometria. O MMM surge, inicialmente, como proposta de reforma do ensino secundário, mas logo volta-se também ao ensino primário, pensando ser primordial fazê-lo, posto que, neste nível, os alunos ainda não tinham os "vícios" comuns da memorização. Essa proposta impactou não apenas os métodos de ensino, mas também os conteúdos a serem ensinados, quando se passou a atribuir grande importância à axiomatização, às estruturas algébricas, à lógica e aos conjuntos[54].

É nesse período que surgem, no Brasil, os primeiros grupos de estudo e pesquisa na área do ensino de matemática, pautando-se nas ideias da Matemática Moderna, como, por exemplo, o Grupo de Estudos do Ensino de Matemática (GEEM), coordenado pelo professor Oswaldo Sangiorgi, em São Paulo[55].

Os treinamentos para professores oferecidos pelo GEEM, grande divulgador das ideias e ideais da Matemática Moderna, eram divididos em estágios: no primeiro via-se Teoria dos Conjuntos e nos segundo e terceiro, Álgebra Linear. O GEEM foi também responsável pela criação de outros grupos de estudos, um dos quais em Santos/SP (batizado de GEEM'(linha)). Outro exemplo seria o Núcleo do Estudo e Difusão do Ensino de Matemática (NEDEM)[56], criado no estado do Paraná, na década de 1960, coordenado pelo professor Osny Antonio Dacol, que "conscientizou um grupo de professores a fazer pesquisa sobre o Ensino Moderno da Matemática"[57]. Outros grupos que colaboraram para a disseminação da Matemática Moderna foram o Grupo de Estudos de Ensino de Matemática de Porto Alegre (GEEMPA), criado em Porto Alegre, e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GEPEM), com sede no Rio de Janeiro.

O MMM foi muito forte nas regiões Sul e Sudeste do país, tendo também tido os seus reflexos no Nordeste, e no Rio Grande do Norte, especificamente. Nesse estado, a SUDENE foi uma das grandes responsáveis pela disseminação dos ideários da Matemática Moderna que "interferiram na formação de professores de matemática, de modo a divulgar, por um lado, os

ideais do MMM relativos à linguagem da teoria dos conjuntos e à estrutura algébrica como suporte de toda a matemática", e por outro lado, "a representação da matemática como o suporte necessário ao desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento este que possibilitaria a industrialização da sociedade, o que vai ao encontro dos ideais presentes na fundação da SUDENE"[58]. Assim, acreditando ser a Matemática Moderna a base para a propulsão da ciência, essa Superintendência investiu em sua divulgação em toda a região Nordeste, tendo o CECINE como um dos meios para isso, por estarem consonantes em suas propostas.

Além dos financiamentos já mencionados, o CECINE recebeu muitos recursos vindos de fundações americanas para financiar seus cursos, como, por exemplo, da Fundação Rockefeller, instituição americana que visa, dentre outras coisas, colaborar com a educação em países estrangeiros. O centro beneficiou-se, ainda na década de 1970, dos acordos entre o MEC e a USAID – os famosos acordos MEC/USAID –, neste caso, voltados ao financiamento para a formação de professores nos cursos de Licenciatura de Curta Duração que estavam sendo criados.

Os cursos de Licenciatura de Curta Duração, que também receberam fartos recursos desses acordos, distinguiam-se dos cursos de Licenciatura Curta criados no final da década de 1960. Esses últimos, devido à grande necessidade de pessoas com formação para atuarem no ensino, tinham como objetivo graduar em curto prazo um número maior de professores para atuarem no Ensino Médio. Entretanto, nem a criação dessa modalidade de formação, nem os exames de suficiência, que vigoravam desde 1946, foram ainda suficientes para suprir a demanda do constante crescimento das escolas com cursos ginasiais e colegiais no país. Nesse mesmo período, o Conselho Federal de Educação (CFE) autorizou o funcionamento de ginásios polivalentes, ou ginásios direcionados para o trabalho, que funcionariam com cursos técnicos em nível ginasial, e delegou ao Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (PREMEM) a tarefa de realizar a construção de espaços adequados para essas novas escolas, entre 1968 e 1972.

O PREMEM, criado pelo decreto 63.914, de 28 de dezembro de 1968, tinha como objetivo "incentivar o desenvolvimento quantitativo, a transformação estrutural e o aperfeiçoamento do ensino médio"[59], e seria mantido com recursos públicos, federais e estaduais, e fontes internas e externas extra-orçamentárias. No seu regulamento de criação previa-se, entre outras ações, que o programa seria responsável por administrar os projetos nacionais que visassem o treinamento e aperfeiçoamento de todos os professores para o ensino médio, além de construir um ginásio polivalente modelo em cada uma das capitais

brasileiras, instalar e manter centros de treinamentos de professores de ciências, selecionar bolsistas para realizarem aperfeiçoamentos no exterior e organizar serviços de assistência técnica educacional.

Com essas incumbências, visando principalmente o trabalho nos ginásios polivalentes, a responsabilidade mais difícil e importante que o PREMEM tinha era colocar essas instituições para funcionar, o que, consequentemente, implicava arranjar corpo docente suficiente e adequado para atuar no ensino, cabendo lembrar que era necessária uma formação específica, posto que, nessas novas escolas, buscar-se-ia "conciliar as exigências da educação geral básica com a iniciação vocacional"[60], voltado para o trabalho, ressaltando-se que não era um ginásio profissional, mas visava proporcionar aos alunos experiências que desenvolvessem atitudes e capacidades de trabalho para preparar os jovens para o contexto de sociedade industrial em que viviam.

É nesse contexto, então, que o PREMEM aprova, em 1969, a criação de uma licenciatura intermédia, as Licenciaturas de Curta Duração, posto que as Licenciaturas Curtas não supriam a demanda de professores, principalmente no ensino das ciências, e os cursos emergenciais para realização de exame de suficiência não eram suficientes para formar pessoal qualificado para atuar nos ginásios polivalentes. No projeto de criação, o programa já traçava a pretensão de formar, até o ano de 1972, 5.841 professores nessas Licenciaturas de Curta Duração. Ou seja, era mais uma tentativa governamental de formar, em larga escala e num curto período de tempo, professores para atuarem nos ensinos ginasial e colegial, porém, dessa vez, com formação intermediária superior, pois mesmo com os cursos que já estavam sendo oferecidos, persistia o grande *deficit* de professores com formação adequada.

Esses novos cursos do PREMEM pretendiam formar professores para atuar no ensino de Ciências e Matemática em tempo recorde. O curso ocorria num período de 204 dias, ou 34 semanas de trabalho, para cumprir a carga de 1.600 horas/aula, e eram previstas para acontecer diariamente 8 horas/aulas, pela manhã e à tarde e, caso necessário, poderiam se estender até à noite. Os alunos recebiam uma bolsa para se manter e se dedicar integralmente ao curso, em contrapartida teriam o compromisso de voltar a seus Estados para lecionar nos ginásios vocacionais e atuar em qualquer uma das instituições indicada pelo programa, por um período de, pelo menos, dois anos.

Cada turma das Licenciaturas de Curta Duração seria formada por, no máximo, trinta alunos, e os cursos tinham um currículo que, além das disciplinas *Estudos Brasileiros* e *Complementos de Português* (obrigatórias para todos os cursos do ensino superior, à época),

era formado por 60% de disciplinas de conteúdos específicos e 40% para a formação didática. Como a coordenação do programa sugeriu a criação de dois cursos para formar os professores para as áreas de ciências, uma licenciatura para os professores que atuariam no ensino de matemática e outra para os que atuariam no ensino das ciências experimentais, o programa da Licenciatura de Curta Duração em Matemática seria composto com as seguintes disciplinas: *Fundamentos da Matemática Elementar*, *Geometria e Noções de Trigonometria e Álgebra*, *Noções de Geometria Analítica* e *Iniciação à Ciência e Ciências Físicas e Biológicas*, para a parte específica, e *Psicologia da Educação*, *Estrutura e Funcionamento do Ensino de Segundo Grau*, *Didática e Prática de Ensino* (que incluía o estágio), para a parte pedagógica.

Além desse curso, o PREMEN[iii] atuou também na criação e no funcionamento do primeiro curso de pós-graduação voltado ao ensino de Ciências e Matemática, que funcionou de 1975 a 1984, sob a coordenação do Prof. Ubiratan D'Ambrosio, em parceria com a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/SP) e a Organização dos Estados Americanos (OEA). Trata-se do Projeto Multinacional para a Melhoria do Ensino de Matemática e Ciências (PROMULMEC)[61]. Esse projeto que aconteceu no estado de São Paulo fez parte, ainda, do conjunto de estratégias que atendiam aos planos MEC-USAID, à época vigente. "Com apoio do PREMEN [...], o curso de mestrado tinha características diferenciadas dos tradicionais programas de pós-graduação da época" e essas diferenças "justificavam-se pelo aumento na demanda por profissionais em um contexto de transformação tanto das orientações e metodologias para o ensino quanto do papel da ciência no mundo"[62].

Com relação aos ginásios polivalentes, na primeira etapa do projeto do PREMEM, foram construídos 272 desses ginásios, distribuídos da seguinte forma: 51 na Bahia; 36 no Espírito Santo; 95 em Minas Gerais; 90 no Rio Grande do Sul e 1 ginásio modelo em cada uma das outras capitais. Nos quatro primeiros estados, o PREMEM firmou convênio com as Universidades para que realizassem a Licenciatura de Curta Duração.

No Nordeste, foi em 1971 que "o PREMEM fechou convênio com a Universidade Federal de Pernambuco para a realização de um Curso de Licenciatura em Ciências e em Matemática"[63] para formar 120 licenciados, com o objetivo de prover os ginásios polivalentes das capitais de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Ceará, Maranhão, Piauí, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal – vale lembrar que os estados de Goiás e de Mato Grosso ainda não haviam sido divididos.

[iii] No ano de 1972, pelo decreto de número 70.067, é criado o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (PREMEN), que absorvia e ampliava a proposta do PREMEM. Assim, nos referiremos a ambos os programas – PREMEM e PREMEN – dependendo do contexto ao qual nos remetemos.

Na UFPE, o CECINE foi o órgão responsável pela realização desses cursos. Esse acordo entre a UFPE, o CECINE e o PREMEM (posterior PREMEN) foi renovado até 1976, formando um total de 755 pessoas[64]. Do Rio Grande do Norte, foram 62 professores formados pelo curso de Licenciatura de Curta Duração desses programas, realizado pelo CECINE[65]; desses, 21 se formaram no ano de 1974, 04 no ano de 1975 e 05 em 1976[66]. Em Caicó, no Colégio Diocesano Seridoense, por exemplo, pelo menos dois professores possuíam, como habilitação para lecionar, o curso de Licenciatura de Curta Duração oferecido pelo CECINE e, desses, um ensinava matemática[67].

Nesse período, a década de 1970, esses não foram os únicos cursos emergenciais criados a partir das políticas do Governo Federal para formar professores que contemplaram o Estado do Rio Grande do Norte. Outro projeto da Federação que teve inserção no estado e formou um grande número de "professores leigos" para atuarem no ensino primário foi o Logos, que visava formar professores ao nível do atual ensino médio, com uma formação equivalente a do magistério, ofertada à época.

No ano de 1973 estimava-se que, no Brasil, aproximadamente 300.000 professores encontravam-se na condição de "leigos". Desse modo, o MEC foi obrigado a criar o Projeto Logos com o objetivo de "transformar, a curto prazo, o perfil do sistema educacional nas regiões menos desenvolvidas do país e o de explorar novas 'vias' na qualificação dos denominados professores 'leigos'"[68]. O Logos era mais um dos expedientes cujas concepções pedagógicas estavam enquadradas no tecnicismo, estando também inserido no contexto dos Acordos MEC/USAID. Tinha "como centralidade o 'treinamento' na lógica da ideologia de Segurança Nacional"[69]. Portando, o projeto Logos foi mais uma forma encontrada e utilizada pelo Governo Militar para disseminação e inserção da ideologia da Doutrina da Segurança Nacional nas instituições de ensino.

Os Orientadores-Supervisores Docentes (OSD), como eram chamados os tutores do Logos, eram selecionados rigorosamente. As principais exigências "referiam-se à formação em nível de 2º grau e ao compromisso com a ideologia de Segurança Nacional. Esses OSD, como ficaram conhecidos, eram 'treinados' criteriosamente sob a responsabilidade da Gerência Regional do Projeto e da Coordenação Geral do MEC"[70]. Os treinamentos tinham como objetivo principal capacitar para o domínio dos conteúdos e das técnicas de ensino. A função do OSD era a de orientar aqueles que estavam participando do projeto para a realização dos módulos, aplicar pré e pós-testes, planejar e orientar as sessões de micro-ensino e os encontros pedagógicos, ter controle do material e acompanhar os alunos do projeto.

O projeto Logos foi desenvolvido em dezenove estados, sendo que o MEC ficou com a responsabilidade de financiar seu planejamento; e os estados e municípios com a responsabilidade de custear o funcionamento dos cursos. “O Logos utilizou material impresso como meio básico de desenvolvimento dos seus cursos e a atenção aos alunos ocorria nos Núcleos Regionais, mantidos pelas Secretarias Estaduais de Educação”[71].

Esse projeto foi executado em duas etapas, conhecidas como Logos I e II: a primeira etapa, experimental, tinha o objetivo de verificar a eficácia da realização do curso, bem como a dos materiais e métodos utilizados; já o Logos II foi a etapa de expansão do projeto, momento em que ele foi desenvolvido nacionalmente, executado pelo Centro de Ensino Técnico de Brasília (CETEB), ao qual o MEC havia dado a responsabilidade, em um primeiro momento, de produzir o material a ser utilizado e, num segundo momento, de realizar o curso. “O projeto Logos II foi implantado em 17 Estados brasileiros e atendeu a 50.000 alunos, segundo o próprio CETEB (1988), diplomando a 70% deles”[72].

O Logos foi projetado para ser desenvolvido em duas partes: a primeira, de formação geral, e a segunda de formação especial; incluíam “estudo a distância e em domicílio, com livros fornecidos pelo MEC; em seguida ao estudo dos módulos, constavam ainda, na cidade-pólo, as micro-aulas perante os colegas e as exigentes provas presenciais”[73]. A primeira etapa era constituída de “um total de 12 matérias em 106 módulos e, a segunda, destinada à formação especial, com 18 matérias em 99 módulos”[74]. Para o currículo ser cumprido, seria necessário desenvolver o estudo de 205 módulos, e uma carga horária de 170 horas de encontros pedagógicos e 320 horas de sessões de “micro-ensino”.

O Rio Grande do Norte foi um dos estados a participar e formar professores pelo projeto Logos II. A região do Seridó, a título de exemplo, teve professores capacitados nos municípios de Acarí, Cerro Corá, Carnaúba dos Dantas, Cruzeta, Currais Novos, Florânia, Lagoa Nova e São Vicente, em que participaram pelo menos 250 docentes[75].

Essas formações aconteceram já no contexto da Lei nº 5.692/71, edição alterada da primeira LDB, que exigia formação superior para atuar como professor. A Lei previa também a possibilidade de FFCLs realizarem exames de suficiência nas regiões onde não existisse corpo docente qualificado e suficiente para isso. No Rio Grande do Norte, a FFCL de Natal foi credenciada para realizar os exames de suficiência em 1964, conforme parecer 255/64 do MEC[76], e para o interior do estado, por um longo período, esse registro é dado aos aprovados no exame de suficiência que habilita professores para lecionarem matemática até mesmo

depois da implantação da Lei 5.692/71, pela ausência de cursos superiores para formar professores na área[77].

É nesse contexto de necessidade de formar docentes e de criar múltiplas vias de acesso a algum tipo de preparação para o magistério que começam a ser instalados os cursos superiores de formação específica de professores de matemática no RN. O primeiro deles, criado no ano de 1966, foi o curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal, mantida pela Fundação José Augusto. No ano de 1968, pelo Decreto Federal nº 62380, essa Faculdade foi incorporada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – que havia sido criada em 1958, a partir da junção de outras Faculdades e Escolas Superiores existentes em Natal, como a de Farmácia e Odontologia, de Direito, de Medicina, de Engenharias, entre outras –, sendo desmembrada em Instituto de Ciências Humanas, Instituto de Letras e Artes e Faculdade de Educação.

Após esse ato, o curso de Licenciatura em Matemática passou a fazer parte do Instituto de Matemática que havia sido fundado também no ano de 1966 e já fazia parte da estrutura da UFRN, o que ocasionou uma divisão nas disciplinas: as de caráter específico seriam ministradas pelos professores do Instituto de Matemática, ao passo que as de caráter pedagógico ficaram a cargo dos professores da Faculdade de Educação. "A única disciplina de interface era Prática de Ensino de Matemática, ministrada na época pelo professor adjunto João Faustino Ferreira Neto" que, em novembro do ano de 1970, "coordenou o Seminário sobre o Ensino da Matemática Moderna realizado na Faculdade de Educação"[78].

Segundo o relatório do diretor da Faculdade de Educação, relativo a 1972, estavam "matriculados nesse ano treze alunos no Curso de Licenciatura em Matemática, e no período compreendido entre os anos de 1968 e 1971, o número de concluintes em tal curso foi de vinte alunos"[79].

Em 1973 é criado o primeiro curso dessa natureza no interior, na cidade de Mossoró, o curso de Licenciatura em Matemática da FURRN, hoje Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que começa a funcionar em 1974. Nesse mesmo ano são regularizados os cursos de Licenciatura Curta, com a Resolução nº 30 do CFE, que fixou o currículo mínimo do curso de Licenciatura Curta em Ciências que seria, a partir de 1978, a única modalidade de formação superior na área, na qual, de acordo com essa regulamentação, os professores de Ciências e Matemática, de 5ª a 8ª séries do 1º grau, se formariam exclusivamente por meio dos cursos de Ciências, podendo complementar a formação para

atuar como professor no 2º Grau com uma habilitação específica em Matemática, Física, Química e/ou Biologia[80].

Devido a isso, apenas no ano de 1981 o curso de Matemática da FURRN é transformado em Licenciatura Curta em Ciências com habilitação em Matemática[81], e os outros dois cursos criados próximo a esse período no interior do estado são também instituídos nesse formato, sendo o primeiro do ano de 1979 e o segundo de 1980, nas cidades de Caicó e Patu, respectivamente.

Em Patu, podemos constatar que até a década de 1980 o número de professores com formação superior específica para o magistério, em qualquer área, era ainda muito reduzida, pois, ao justificarem a instalação do campus da FURRN naquela cidade, afirmavam sobre a existência de 24 sujeitos com formação superior, dentre os quais havia apenas quatro pedagogos e mais nenhum outro licenciado[82].

Sobre os cursos, ao contrário do da FURRN de Mossoró, que é criado como Licenciatura em Matemática e transformado em Licenciatura em Ciências, o curso de Caicó é fundado já como Licenciatura em Ciências e, em 1985, pela Resolução nº 089/85 da UFRN, é transformado em Licenciatura Plena em Matemática, "com estrutura curricular idêntica à do Curso de mesmo nome oferecido pelo Centro de Ciências Exatas e da Terra - CCET, no Campus Central"[83], ou seja, com a mesma estrutura do curso de Natal.

O reconhecimento do curso de Licenciatura em Matemática da UFRN é expedido pelo Decreto Federal nº 79372/1977, conforme parecer apresentado no ano de 1976. À época, o curso tinha uma carga horária de 2.835 hora/aulas, das quais não chegava a 1/8 a parte reservada para formação pedagógica; além disso, o curso tinha um corpo docente já bem estruturado e apresentava boas condições físicas para funcionamento, contudo, possuía um acervo bibliográfico desatualizado e aquém das reais necessidades do curso. Havia, porém, a previsão de atualizarem os livros e periódicos durante o período de 1976 a 1979[84]. Apesar de avaliarem para o reconhecimento apenas o curso de Natal, esse mesmo reconhecimento era válido para o regular funcionamento do curso de Licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática (posteriormente Licenciatura em Matemática) do campus de Caicó, à época.

O mesmo acontece para o curso de Patu, que também é "reconhecido" a partir do reconhecimento emitido para o curso de Licenciatura em Ciências da FURRN de Mossoró, emitido pela Portaria Ministerial n° 406/87. O curso de Mossoró, que foi avaliado para reconhecimento, contava, no período, com uma boa estrutura física para seu funcionamento, assim como com um suporte bibliográfico extenso e adequado. O curso completo funcionava

em 8 semestres, dividido em duas partes, sendo a Licenciatura Curta em Ciências feita em 5 semestres e a habilitação plena em Matemática nos 3 restantes; além disso, o corpo docente desse curso também já era bem estruturado, contando com 19 professores, dos quais 4 eram mestres e outros 14 especialistas[85]. Alguns anos mais tarde, esses cursos de Ciências da FURRN também são transformados em Licenciaturas Plenas em Matemática. O de Mossoró volta a funcionar nesse formato em 1993 e o de Patu passa a funcionar assim a partir de 2006, período em que já está sendo constituída uma extensa rede de formação superior de professores de matemática no Rio Grande do Norte e no Brasil[86].

Contudo, antes da ampliação dessa rede de formação, esses quatro primeiros cursos tiveram grande importância na formação de professores de matemática para o estado do Rio Grande do Norte, atuando cada um numa região específica. O curso de Patu, a título de exemplo, passa a formar professores de matemática para cerca de 21 municípios, tanto do RN quanto da Paraíba[87], algo similar ao que também ocorreu com o curso de Caicó que, já no ano de 1987, abrangia cerca de 12 municípios, chegando a atender também a Paraíba[88]. Assim, por um longo período, esses passam a ser os principais meios de formação (em nível de graduação) de professores de matemática em todo o estado.

---

[1] (ARAÚJO; MARTINS; PAIVA, 2013).
[2] (ARAÚJO; MARTINS; PAIVA, 2013, p. 04).
[3] Ver as Relações de Professores encontradas nos relatórios enviados ao MEC entre os anos de 1948 a 1984 (dos *Registros A ao AD* no Tomo Travessias).
[4] (ARAÚJO; MARTINS; PAIVA, 2013).
[5] É possível ver, por exemplo, no Livro de Posse da Escola Normal de Natal que, no ano de 1938, o Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez tomou posse da cadeira de matemática daquela instituição (*Registro AJ* no Tomo Travessias); em uma Lista dos professores do Colégio Estadual de Mossoró, do ano de 1960, nomes de padres e cônegos (*Registro AE* no Tomo Travessias); em pareceres que tratam da FURRN, publicados na *Documenta* (1967; 1987), é possível encontrar nomes de padres na composição de corpos docentes.
[6] (AQUINO; STAMATTO, 2006).
[7] Ver a publicação nº 1 do Jornal *A Folha* no Tomo Travessias (*Registro AZ*), que traz a autorização de funcionamento.
[8] Para maiores informações sobre essa expansão do ensino Normal no estado do Rio Grande do Norte, ou sobre essas Escolas Normais de Pau dos Ferros e Assú, especificamente, recomendamos a leitura de Aquino e Medeiros Neta (2013) e Silva (2011).
[9] (AQUINO; STAMATTO, 2006, p. 1412).
[10] Analisando a foto das turmas da Escola Normal da cidade de Mossoró, é possível verificar que a maior parte dos alunos era do sexo feminino (*Registro AY* no Tomo Travessias).
[11] Ver as publicações nº 45, 50 e 129 do Jornal *A Folha*, no Tomo Travessias (*Registros BA, BB e BG*), que trazem, respectivamente, as notas "Professores Primários", "Escola Normal de Caicó" e "Diretores e Dirigentes das Escolas Primárias", nas quais se evidencia a ausência da figura masculina atuando no ensino primário e formando-se nos cursos normais, e a preferência pelos homens na direção dos estabelecimentos de ensino.
[12] (MEDEIROS, 2006).
[13] (NONATO, 1968); nos arquivos encontrados no CDS, em Caicó, é possível ver, nas listas dos professores que atuaram nessa instituição, a presença de bacharéis em Direito, Ciências Econômicas, Administração e Medicina, além de alunos de cursos dessas áreas, Ciências Contábeis, Estudos Sociais ou, ainda, de pessoas apenas com o

2º grau ou o científico (a depender do período) (*Registros AA, AB, AC e AD* no Tomo Travessias); além desses, no Livro de Registro de Títulos da Escola Normal Primária de Mossoró, do ano de 1922, e da Escola Normal de Natal, dos anos de 1933 e 1941, há o registro de inúmeros Bacharéis e "Doutores" – títulos dados, à época, a médicos, dentistas e juristas (dos *Registros AF ao AL* no Tomo Travessias);

[14] Ver os Registros dos Professores da Escola Normal de Natal (*Registros AJ, AK e AL* no Tomo Travessias).

[15] (NONATO, 1968; SILVA, 1984).

[16] Ver as relações dos Professores do Ginásio Comercial de Patu (*Registros CJ, CK e CL* no Tomo Travessias).

[17] Ver as publicações nº 106 e 150 do Jornal *A Folha* (*Registros BF e BH*) no Tomo Travessias, que notificam a ida de professores a Natal para prestarem exames de suficiência.

[18] Ver os Quadros Demonstrativos dos Professores do CDS (dos *Registros A ao AD* no Tomo Travessias).

[19] Ver os Termos de Posse desses professores (*Registros AN e AO* no Tomo Travessias).

[20] É possível encontrar na *Documenta* (1967, p. 25-28) referência a professores com essas formações que ensinaram matemática na cidade.

[21] (NONATO, 1968; SILVA, 1984).

[22] Esses dados podem ser acessados na *Documenta* 43 (*Registro CT* no Tomo Travessias), que apresenta um estudo sobre a situação do ensino no Rio Grande do Norte.

[23] Para outras informações sobre os professores leigos e as políticas brasileiras em torno desses professores, ver os trabalhos de Vighi (2008, 2010).

[24] (GUTIERRE, 2008).

[25] Ver o relatório da 3ª etapa em Pau dos Ferros e as listas dos 193 alunos inscritos nessa etapa (*Registros BV, BW, BZ, CA, CB, CC e CD* no Tomo Travessias).

[26] Ver as publicações nº 94, 101, 145, 157 e 197 do Jornal *A Folha*, *Registros BP, BQ, BT, BU e BV* no Tomo Travessias, que notificam a realização do Curso de Treinamento para Professores Leigos entre 1963 e 1965.

[27] Ver as listas de alunos que frequentaram o curso de treinamento nas cidades de Natal, Mossoró, Pau dos Ferros e Santa Cruz e as fotos das aulas do curso de Pau dos Ferros (*Registros CE, CF, CG e CH*) no Tomo Travessias.

[28] Ver os planos de curso e os relatórios da disciplina "Metodologia da Matemática" dos municípios Caicó, Mossoró, Pau dos Ferros e Natal (*Registros BZ, CA, CC e CI*) e a apostilha elaborada para os alunos em Pau dos Ferros (*Registro CB*) no Tomo Travessias.

[29] É possível conferir, no Tomo Travessias, as edições nº 261, 281 e 265 do Jornal *A Folha* sobre cursos de treinamentos que aconteceram no ano 1959 nas cidades de Natal, Caicó e Mossoró; as edições 354 e XX trazem a previsão de realização desses cursos no ano de 1960; e a edição 303-ano XIII a previsão de realização dos mesmos cursos no ano de 1967 (*Registros BJ, BK, BL, BM, BN e BY*). Vale ressaltar que o Jornal *A Folha* começou a ser publicado em 1954 e circulou até 1967 – dos quais não tivemos acesso apenas às edições publicadas em 1966 e algumas de 1967, É possível perceber a preocupação dos diretores do jornal (vinculado à Diocese de Caicó) com publicações relacionadas à educação. Acreditamos fortemente que até o ano de 1967 os cursos de treinamento realizados pelo Estado foram apenas os que citamos.

[30] A Lei da qual tratamos foi publicada na íntegra na *Documenta* 48 de março de 1966, os artigos que tratam especificamente do magistério podem ser acessados no Tomo Travessias (*Registro CU*).

[31] A notícia sobre esse programa foi publicada na *Documenta* 59 de 1966; acessar notícia na íntegra nos *Registro CV* no Tomo Travessias.

[32] Ver as publicações nº 99, 106 e 150 do Jornal *A Folha*, *Registros BE, BF, BG e BH* no Tomo Travessias, que notificam a realização desse curso, a presença desses professores, a aprovação da professora irmã Elisabet e a realização da prova do professor padre João.

[33] (FERNANDES, 2011; BARALDI, 2003).

[34] (BARALDI; GAERTNER, 2010, p. 164).

[35] (BARALDI; GAERTNER, 2010, p. 165).

[36] (BARALDI, 2003, p. 146 e 147).

[37] (BARALDI; GAERTNER, 2010, p. 161).

[38] (BARALDI, 2003; GAERTNER, 2004; GALETTI,2004; MARTINS,2003; MARTINS-SALANDIM, 2007; CURY, 2007; FILLOS, 2008; CURY, 2011; FERNANDES, 2011).

[39] Ver a publicações nº 101-Ano X do Jornal *A Folha*, *Registro BR* no Tomo Travessias, que divulga a participação dos professores de Caicó no curso da CADES do ano de 1963.

[40] (ABRANTES, 2008, p. 177)

[41] (ABRANTES, 2008, p. 149 e 150).

[42] (SILVA, 2012).

[43] (SILVA, 2012, p. 9).

[44] (FERNANDES, 2011, p. 118).
[45] Maiores informações sobre a SUDENE e as relações dessa superintendência com a educação da Região Nordeste, ver Fernandes (2011).
[46] (MAURÍCIO, 1992, p. 18).
[47] Esses dados também podem ser encontrados no relatório da UNESCO de 1968, "National Center for Research and Development in Science Teaching". (UNESCO, 1968).
[48] (MAURÍCIO, 1992, p. 45).
[49] (SILVA, 2012, p. 9).
[50] Para ter acesso a estudos mais aprofundados sobre o SMSG ver, por exemplo, Silva (2013), Oliveira Filho (2009) e Abrantes (2008).
[51] Ver o documento do CECINE encaminhado à UFRN sobre o curso intensivo (*Registro AX* no Tomo Travessias).
[52] (BRITO; CRUZ; FERREIRA, 2006, p.96).
[53] Ver o Certificado de participação e o Termo de Posse da função de professor de Matemática na Escola União Caixeiral do professor Raimundo de Freitas Melo (*Registro AN e AR* no Tomo Travessias). O segundo professor ao qual fazemos referência é o professor Evaldo Rodrigues de Carvalho, que recorda que o curso era dado dentro das concepções da Matemática Moderna (GUTIERRE, 2008).
[54] (VALENTE, 2008; COUSIN, 2011; SOUZA; GARNICA, 2013).
[55] Para maiores informações sobre o grupo GEEM, ver Baraldi (2003), Valente (2006) e Lima (2006).
[56] Para maiores informações sobre o NEDEM, ver Seara (2005).
[57] (SEARA, 2005, p. 12).
[58] (BRITO; GUTIERRE, 2007, p. 8).
[59] O decreto de criação do PREMEM foi publicada na íntegra na *Documenta* 96 de dezembro de 1968 e pode ser acessados no Tomo Travessias (*Registro CW*).
[60] O projeto que cria as Licenciaturas de Curta Duração do PREMEM foi publicado na íntegra na *Documenta* 109 de dezembro de 1969 e pode ser acessado no Tomo Travessias (*Registro CX*), além dele, trazemos também os Planos dos Cursos das Licenciaturas de Curta Duração, publicados na íntegra na *Documenta* 113, de abril de 1970 (*Registro CY*)
[61] Para maiores informações sobre este curso de Pós-Graduação, ver Cury (2011) e Silva (2007).
[62] (CURY, 2007, p.166).
[63] (MELO, 1982, p. 17).
[64] Ver ata de conclusão da primeira edição do curso e lista das cinco turmas concluintes do curso de Licenciatura de Curta Duração em Ciências e Matemática no Tomo Travessias (*Registros CM, CN, CO, CP, CQ e CR*).
[65] (MELO, 1982, p. 17).
[66] Nos documentos que listam os concluintes desses cursos, não consta a divisão dos formados por estados nos anos de 1972 e 1973.
[67] Ver os Quadros Demonstrativos dos Professores do CDS (*Registros X, Y e Z* no Tomo Travessias).
[68] (ALONSO, 1996, p.60).
[69] (MEDEIROS, 2010, p. 338).
[70] (MEDEIROS, 2010, p. 338 e 339).
[71] (ALONSO, 1996, p.60).
[72] (ALONSO, 1996, p.60).
[73] (VALE; GOES, 2010,p. 9).
[74] (ALONSO, 1996, p.60).
[75] Ver Levantamento de Professores que Participaram do Logos II – Seridó (*Registro AP* no Tomo Travessias), feito pelo, à época, 8º Núcleo Regional de Educação.
[76] Ver parecer na íntegra, publicado na *Documenta* 31, de novembro de 1964, no Tomo Travessias (*Registro CS*).
[77] Ver no Tomo Travessias as Autorizações para lecionar Matemática na região de Mossoró (*Registros AS, AT, AU e AV*), os Quadros demonstrativos do corpo docente do CDS (*Registros A ao AD*) e a relação dos professores do Ginásio Comercial de Patu (*Registros CJ, CK e CL*).
[78] (BRITO, 2002, p. 2).
[79] (BRITO, 2002, p. 2).
[80] Essa resolução foi publicada na íntegra na *Documenta* 171 de fevereiro de 1975 e pode ser acessada no Tomo Travessias (*Registro CZ*).
[81] (COSTA, 2010).

[82] No documento consta que as 24 pessoas são formadas nas seguintes áreas: farmacêuticos (5), médicos (5), advogados (4), pedagogos (4), odontólogos (2), economista (1), veterinário (1), engenheiro civil (1) e agrônomo (1). Ver o *Registro DD* na íntegra no Tomo Travessias.
[83] (DAMASCENO, 2002).
[84] Os pareceres sobre o pedido de reconhecimento desse curso foram publicados na íntegra nas *Documenta* 179 e 193 de 1976, as partes desses pareceres referentes ao curso de Licenciatura em Matemática podem ser acessados no Tomo Travessias (*Registros DA e DB*).
[85] O parecer favorável sobre o pedido de reconhecimento desse curso foi publicado na íntegra na *Documenta* 317 de 1987, pode ser acessado no Tomo Travessias (*Registro DC*).
[86] Em pesquisa na página do e-MEC do Ministério da Educação (http://emec.mec.gov.br/), que apresenta as instituições de ensino superior e cursos nesse nível cadastrados em todo o Brasil, encontramos que no ano de 2016 havia 14 instituições oferecendo o curso de Licenciatura em Matemática no Rio Grande do Norte, presencial e a distância.
[87] (DUTRA, 2010).
[88] Ver a Área de abrangência do curso de Matemática do campus de Caicó (*Registro AQ* no Tomo Travessias), encontrado no Relatório de Atividades do CERES de 1987.

Sumário PASSOS

Capítulo Espaços

> [O espaço] trata-se da esfera da produção contínua e da reconfiguração da heterogeneidade, sob todas as suas formas – diversidade, subordinação, interesses conflitantes. (MASSEY, 2007, p. 97).

No processo de busca e produção dos dados que forneceriam elementos para compor as narrativas que o doutorando pretendia constituir, não foram apenas com os documentos dos arquivos que o pesquisador entrou em contato. Durante suas viagens ao Rio Grande do Norte contatou inúmeros possíveis colaboradores, tendo chegado a alguns por meio dos documentos institucionais e/ou pela indicação de pessoas ligadas a essas instituições. A outros nomes chegou por meio do *critério de rede*, como se tem chamado o processo no qual alguns colaboradores indicam outros possíveis colaboradores criando, assim, uma rede de contatos.

Antes ainda de partir para as viagens em busca dos possíveis depoentes colaboradores, esse estudante elencou possíveis perfis para os professores que gostaria de entrevistar, com o objetivo de, possivelmente, obter diferentes perspectivas sobre as histórias que pretendia elaborar. Assim, pensou em entrevistar (a) professores que tivessem lecionado nos cursos superiores que sua pesquisa focava, (b) outros que tivessem estudado nesses cursos de formação, (c) professores que tivessem começado a lecionar antes da criação desses cursos e (d) outros que não tivessem tido ligação alguma com esses cursos. Devido à experiência adquirida no mestrado, sabia que esses seriam perfis possíveis, mas que não seriam necessariamente atendidos. A intenção de pensar nesses perfis foi a de, naquele momento, criar prováveis direções para iniciar suas buscas.

Um cuidado tomado antes de sair à busca de colaboradores foi o de organizar as fichas temáticas que seriam utilizadas para a realização das entrevistas e elaborar o roteiro que seria a eles disponibilizado. Assim, realizou, junto com seu orientador, a revisão das fichas utilizadas no mestrado, corrigindo os equívocos cometidos por ele naquele primeiro exercício e visando alcançar os novos objetivos traçados. Dessa revisão, foi elencado um total de 31 temas que norteariam as conversas: apresentação pessoal; família; infância; juventude; cotidiano da cidade em que cresceu; cidade e educação; Rio Grande do Norte nesse período; educação familiar; escola e rotina escolar; interesse dos alunos pelos estudos; disciplinas; professores e suas aulas; sistemas de ensino; realização dos estudos; legislação e educação; primeiros contatos com o ensino; ingresso no magistério; formação para lecionar; cursos de formação; formação no Rio Grande do Norte nesse período; formação de professores no RN e

as distintas regiões do estado; escolas e cotidiano durante o exercício do magistério; exercício do magistério; *cidade*[i] no início do magistério; RN no início do magistério; magistério em *cidade*; magistério no Rio Grande do Norte; *cidade* no contexto atual; Rio Grande do Norte no contexto atual; ensino de matemática hoje; considerações[1].

Algo que o pesquisador tinha como certo é que o uso de temas não excluía a possibilidade de realização de perguntas. Pelo contrário: em alguns momentos, no seu modo de proceder com as fichas, e a depender da necessidade, o tema era transformado em pergunta, já que tentaria criar um ambiente cordial durante a entrevista, deixando-a com um teor de conversa informal. Para esse pesquisador, até então, a potencialidade da ficha, em detrimento do roteiro, não estava no fato de nela estar ou não uma pergunta, mas (1) em ajudar a fixar e/ou relembrar o tema tratado no momento do diálogo; (2) na potencialidade de possibilitar ao colaborador elaborar um discurso mais amplo por não limitá-lo a perguntas específicas, já que os temas são mais amplos – embora tivesse também temas mais específicos e estivesse aberto à possibilidade de realizar perguntas mais pontuais – e; (3) em possibilitar que os colaboradores, embora seguindo os temas por ele escolhidos, narrassem suas histórias, se construíssem narrativamente, se inventassem do modo que mais lhes agradasse. Portanto, para ele, a maior potencialidade das fichas temáticas estaria na liberdade que essas oferecem para a adequação dos temas e dos modos de proceder do pesquisador diante do colaborador, e do colaborador diante do pesquisador, dando uma maior flexibilidade à interação entre ambos, possibilitando realizar ajustes nos momentos das entrevistas.

Assim, tendo elencado as fichas, julgando ter conhecimentos suficientes sobre o tema para realizar as entrevistas e tendo possíveis perfis de colaboradores que gostaria de encontrar, o pesquisador realiza, então, suas viagens pelo Rio Grande do Norte em busca dos arquivos e dos atores que ajudariam a compreender o tema que estudava.

Em Patu, ao buscar os arquivos e informações no campus da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) naquela cidade, foi direcionado a conversar com a professora Maria de Fátima Dutra, que ocupava a chefia do Departamento de Matemática e era uma das mais antigas professoras em atividade, tendo chegado ao curso pouco tempo após sua criação. A professora Fatinha, como é conhecida naquele campus, concedeu-lhe muitas informações, indicando escolas e outros possíveis colaboradores, como foi o caso de Ozório Barboza de Menezes, também professor em atividade nessa instituição, e que lá chegou pouco tempo após a criação do curso. Ambos os professores aceitaram colaborar com a pesquisa.

[i] Utilizamos aqui a forma genérica "cidade", mas as fichas utilizadas possuíam os nomes das respectivas cidades das quais se falava no momento da entrevista (Caicó, Natal e Patu).

Além desses, por meio dos arquivos escolares da cidade de Patu, foi possível o contato com os professores Josimá Gomes Guimarães e Maria Rivaneide dos Santos Ferreira, que também aceitaram participar da pesquisa. A professora Rivaneide, agora morando em Natal, foi aluna do curso de Matemática do campus da UERN de Patu, mas já havia começado a ensinar muito tempo antes dele ser criado. Ela indicou, entre outros nomes, o de uma professora que também aceitou participar da pesquisa e foi aluna da primeira turma da UERN, mas já tinha longa trajetória no ensino de matemática antes disso[ii], assim como uma outra professora, Zilar Rocha Fernandes, que, após concluir sua graduação em Patu, tornou-se professora desse curso. Essa foi indicada pelo professor Josimá, que, ao contrário dos demais, não teve nenhuma vinculação com o curso da UERN de Patu, pois fez sua graduação na Paraíba, de onde é natural. Ambos também concederam entrevistas à nossa pesquisa.

Em Caicó, ao procurar pela chefia do campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) daquela cidade para esclarecer sobre a pesquisa e solicitar apoio da instituição, indicaram procurar o professor Luis Gonzaga Vieira Filho, por ser um dos mais antigos em atividade e ter chegado ao câmpus pouco tempo após o curso de Matemática ter sido ali criado. Além dele, sugeriram entrar em contato com os professores Almir da Costa Dantas e Norman Batista Pereira, aposentados dessa instituição e, segundo foi informado, dois dos primeiros professores que lá passaram a atuar após a criação do curso. Ao entrar em contato com eles, os três aceitaram colaborar com a pesquisa. O professor Almir indicou dona Neta – como era popularmente conhecida Isabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz – que havia sido sua professora de matemática em Caicó no ensino básico, e que agora morava em Natal. Ao ser contatada, a professora também aceitou colaborar com a pesquisa.

Procedendo à busca por arquivos nessa cidade, por indicação de funcionários das escolas visitadas, o doutorando chegou aos professores Nélson Moysés Araújo e Francisca Eunice de Medeiros Brito, que foram alunos das primeiras turmas de Matemática do campus de Caicó e já ensinavam na cidade antes da criação dele.

Na cidade de Natal, além das entrevistas com as professoras Isabel e Rivaneide, esse pesquisador realizou entrevistas com os professores Benedito Tadeu Vasconcelos Freire e Cláudio Carlos Dias[iii], que foram sugeridos quando do contato com a direção do curso de

[ii] Essa professora aceitou contribuir conosco e cedeu entrevista. Esse material passou por todos os outros procedimentos que elencamos do método, mas, apesar de ter afirmado que cederia o direito de publicação da narrativa e dos sucessivos contatos que empreendemos para conseguir a carta de cessão, essa não chegou às nossas mãos em tempo, assim, optamos por remover sua narrativa deste trabalho, bem como suprimir seu nome.

[iii] Cabe salientar que não lançamos mão da narrativa elaborada com o professor Cláudio Carlos Dias para nossas análises, pois recebemos a cessão de direitos de publicação quando já estávamos em fase de finalização dos textos que compõem esse trabalho. De qualquer forma, optamos por publicar sua narrativa por considerarmos

Matemática da UFRN: esses eram dois dos mais antigos professores daquele curso, estando o professor Benedito aposentado e o professor Cláudio ainda em atividade. Além desses, outros nomes foram indicados e procurados, contudo, ou não tiveram interesse de colaborar com a pesquisa, ou não foi possível para esse pesquisador encontrá-los.

As entrevistas foram realizadas todas no ano de 2014, ou nas residências dos professores ou em seus locais de trabalho – atuais ou anteriores –, tendo ficado a critério de cada um dos colaboradores definir onde se sentiriam mais confortáveis. As conversas foram gravadas apenas no formato de áudio, utilizando dois instrumentos para gravação: um gravador de voz profissional e o computador portátil[iv]. Durante as entrevistas, as fichas foram apresentadas aos colaboradores na sequência elencada, o que não impedia o pesquisador, tampouco o colaborador, de retornar, antecipar ou excluir algum tema que surgisse naturalmente no processo ou sobre o qual o colaborador não tinha interesse de tratar. Desse modo, ao término da realização de sua produção de dados, ele havia realizado quatorze novas entrevistas[v], das quais mobilizaria doze para as análises do doutorado[vi]. Essas se somariam às outras oito produzidas durante o mestrado, totalizando vinte narrativas orais.

Concomitantemente ao término da produção de dados, o doutorando estava encerrando também os estágios que realizou junto à UERN e à UFRN, nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) e História (PPGH), respectivamente. Esses estágios foram planejados e organizados para serem desenvolvidos durante o período em que o acadêmico estaria no estado do Rio Grande do Norte procedendo à produção dos dados, e pensados para aproveitar esse período aprofundando referenciais teóricos que o auxiliassem. Por um lado, pretendia, com o primeiro estágio, junto ao PPGCISH/UERN, buscar referenciais teóricos para elaborar compreensões sobre o processo de migração dos professores de matemática e o possível impacto desse processo na formação docente; com o segundo, junto ao PPGH/UFRN, buscava ampliar suas discussões e bases teóricas em relação à História, aos procedimentos historiográficos e à forma de elaboração textual da tese.

---

que oferece outros importantes processos singulares para compreender o evento "formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte", podendo ser mobilizada em outras oportunidades para publicações futuras.

[iv] Cabe ressaltar que o uso de dois recursos de gravação é um meio de prevenir-se contra possíveis problemas técnicos, o que foi experimentado nessa pesquisa. Por problemas técnicos, a entrevista do professor Norman não foi salva no gravador, não tendo sido perdida pela existência da gravação do computador portátil que, embora com qualidade muito inferior, forneceu o material necessário para realizar os procedimentos posteriores, de edições das entrevistas.

[v] Os textos resultantes das entrevistas, recriados por meio da textualização e cedidos para publicação, podem ser acessados na íntegra na *"Parte Narrativas, registros de memórias: indícios para conhecer trilhas, percursos e circunstâncias"* no Tomo Travessias. Cabe ressaltar que os mesmos estão distribuídos na ordem de realização das entrevistas.

[vi] Ver notas de rodapé *ii* e *iii* desse texto.

No estágio da UERN, onde foi supervisionado pela professora Dra. Karlla Christine Araújo Souza, ele realizou uma disciplina intitulada *Identidade, cultura e subjetividade* e participou das reuniões do *Grupo de Estudos do Pensamento Complexo (Gecom)*, coordenado pelo professor Dr. Ailton Siqueira de Souza Fonseca e pela professora Karlla. Já o segundo estágio foi realizado com o professor Dr. Durval Muniz do Albuquerque Júnior e, nesse, o doutorando realizou a disciplina *Teoria da História* e participou das reuniões dos grupos de pesquisa *Cartografias Contemporâneas: história, espaços, produção de subjetividades e práticas institucionais*, coordenado pelo professor Durval, e *Grupo Potiguar de Estudos e Pesquisas em História da Educação Matemática (GPEP)*, coordenado pelos professores doutores Liliane dos Santos Gutierre e Fernando Guedes Cury.

Junto a esses grupos de pesquisa e a essas disciplinas, realizou leituras e participou de discussões que o auxiliaram a dar importantes passos para abordar o tema da migração na formação de professores de matemática, de um ponto de vista historiográfico. Essas experiências se mostraram particularmente relevantes nesse processo, pois deram um direcionamento que, na Educação Matemática, seu campo de investigação e interesse, não havia até então encontrado, inexistindo trabalhos que abordassem, de algum modo, a migração de professores e sua relação com a formação docente.

Durante a produção de seus dados e a releitura das narrativas de outros trabalhos do Ghoem, era cada vez mais evidente para esse pesquisador a existência de um fator particularmente comum, nas mais diversas regiões do país, no processo de formação e/ou atuação de professores de matemática no Brasil: a migração/mobilidade docente. Este parecia ser, portanto, tema emergente, importante e sem tratamento prévio, tanto em trabalhos de Educação, no geral, como nos da Educação Matemática, em particular[vii].

Inicialmente, o pesquisador pensava marcadamente nos aspectos sociais e emocional (fruto, provavelmente, de sua própria experiência) como principais formas de impacto da migração na formação dos professores: ao migrar, o professor deixa determinados confortos e situações cotidianas que lhe são familiares para se relacionar com outros contextos, outros grupos, outros sujeitos, com os quais poderia se identificar ou não. Contudo, durante esses estágios, o pesquisador foi levado a perceber e pensar a formação do professor de matemática não apenas como um acontecimento social, mas também como um acontecimento espacial.

[vii] Realizamos um primeiro ensaio sobre o tema, apresentando alguns recortes retirados de outros trabalhos do Ghoem, no qual processos de migração nos pareceram evidentes. Esse ensaio pode ser encontrado em Morais (2015).

Esses sujeitos, ao migrarem, não habitam espaços geométricos, uniformes, neutros, homogêneos, iguais, mas, sim, espaços geográficos, planícies ou montanhas, litorais ou interiores, florestas, caatingas ou cerrados, oceano ou selvas, ou seja, esses espaços que ele habita, os espaços geográficos, são feitos de ambientes diferentes. “O relevo, o céu, a flora, a mão do homem dá a cada lugar uma singularidade em seu aspecto. O espaço geográfico é único; ele tem nome próprio: París, Champagne, Saara, Mediterrâneo”[2]; Nordeste, Rio Grande do Norte, Semi Árido, Sertão; Mossoró, Caicó, Patu, Natal.

Esse movimento de migração leva a diferentes espacialidades, que possuem suas características próprias, como clima, vegetação, relevo etc. Para viver, o homem ocupa uma espacialidade, pois antes de qualquer relação o homem precisa, para relacionar-se, de um meio, um território, um lócus, um espaço. O homem sempre viverá nessa relação de “cumplicidade” com o mundo, com a terra, com os espaços que ocupa. Essa foi uma noção que o doutorando julgou não poder perder de vista.

Esses espaços ocupados pelo homem não são neutros, trata-se “[...] sempre [de] uma matéria que acolhe ou ameaça”[3]. Eles podem exercer grande influência nas vidas daqueles que os ocupam, assim como podem ser por eles influenciados. Vive-se em constante transformação com o meio: os homens são moldados por esses diferentes climas, relevos e vegetações, assim como moldam climas, relevos e vegetações segundo suas necessidades e desejos.

Com isso, o pesquisador começou a entender o espaço como resultado de inter-relações, possibilitando a – e existindo por conta da – multiplicidade, em constante processo de formação. Assim, para ele, o espaço não era mais apenas onde se habita, aquilo onde se está, um algo ao qual se pode atribuir significado apenas pelos cinco sentidos físicos; passava a entendê-lo “não mais como um processo de fixação, mas um elemento em uma produção contínua, parte de toda ela, e ela própria, constantemente, em devir”[4]. Compreendia agora que o espaço muda constantemente e de modo fugaz. Assim, passava a entender o espaço como o tempo: múltiplo, mutável, fluxo, possibilitando o acontecer histórico. Nessa perspectiva, espaço e tempo não seriam, portanto, independentes: um existiria com o, e em função do, outro; essa noção o impulsionava a formar em si a noção de *espaço-tempo*[5].

Assim como o tempo, o espaço é esta coisa alguma – ou alguma coisa – que participa das vidas dos indivíduos, que brinca com seus cabelos, suas peles, suas energias, suas memórias; os inventa e reinventa constantemente.

O impacto do tempo no processo de rememoração é perceptível: ao ver outros rememorando, ou ao ler memórias individuais, é possível perceber que a infância é vasta, parece ter sido o tempo mais demorado nas vidas daqueles que a viveram, e a juventude não fica tão distante disso. Entretanto, "a partir da idade madura, a pobreza de acontecimentos, a monótona sucessão de horas, a estagnação das narrativas no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza". Isso se dá, pois "é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro"[6], com isso, à medida que envelhecemos, aparentemente, o tempo torna-se cada vez mais rápido, mais fugaz. Assim como é igualmente perceptível a presença dos espaços nesse processo: ao narrar dada história, os indivíduos sempre situam uma espacialidade, sempre falam de – e a partir de – uma localidade, pois deve-se ter um chão onde pisar, uma parede a encostar, um sol, plantas ou lama. Há sempre espaços e, como esses, vivências, histórias, mudanças. Nessas memórias, os sujeitos sempre se reinventam a partir de espaços e, como algo indissociável, inventam esses espaços a partir de suas experiências.

Os espaços que os sujeitos vivenciam, ocupam e experienciam são também experimentados, vividos e ocupados por outros, de outros modos, a partir das vivências e experiências pessoais, de conhecimentos prévios ou não, de crenças e concepções. Somos, de um ou outro modo, atravessados e constituídos pelo meio em que vivemos e pelos espaços que habitamos[7].

O espaço é, portanto, assim como o tempo, algo incapaz de ser tido da mesma forma, incapaz de ser apreendido ou reconstruído. Uma vez passado, não se pode "voltar" ao mesmo espaço. Seria então também contínuo, sempre em fluxo, devir. Sua trajetória continua sempre mudando e sendo mudada, não sendo possível, desse modo, voltar, reviver ou reconstruir um dado espaço-tempo.

Com essa fluidez do espaço, o "'aqui' é onde as narrativas espaciais se encontram ou formam configurações, conjunturas de trajetórias que têm suas próprias temporalidades (portanto, 'agora' é tão problemático quanto 'aqui')"[8]. Esse outro meio, o "agora", é o lugar de uma brecha do tempo, que fica entre "forças antagônicas" que nos impulsionam: o passado e o futuro[9]. Essa brecha, essa marca, essa ruptura que demarca o tempo é o que chamamos de presente, que num instante é futuro, no outro já é passado, "[...] um instante que mal nasce morre. Mal falei, mal agi e minhas palavras e meus atos naufragam no reino de memória"[10], são nesses instantes, nesses constantes encontros dos "aquis" e "agoras" que as sucessões e

acumulações de tramas, encontros, vivências se formam em movimento, ganham força e ação, contornos e formas sempre múltiplos: tornam-se fluxo da história.

Se é nesses espaços-tempos em que se vive, em que se forma, em que se cria, se conhece e se reconhece, os espaços, portanto, são também responsáveis pelo processo de invenção de sujeitos, de criação e recriação de identidades. São também pelos espaços que se reconhece e são atribuídos significados e características àqueles sujeitos que identificam (e, principalmente, que se identificam) com as identidades "nordestina", "paulista", "sertaneja", "gaúcha", "paraense", "goiana", "brasileira" etc.

Mas, do mesmo modo que se vinculam as características dos espaços às identidades, essas modificam aqueles, mesmo que minimamente[11]. É um processo de dupla formação esse de vivenciar os espaços: eles são dotados das características dos sujeitos que os ocupam, de suas formas de viver, daquilo que os sujeitos são ou pensam ser e os sujeitos, por sua vez, internalizam, ou experienciam, neles mesmos, suas vivências espaciais, seus comportamentos e vidas.

Portanto, algo que o pesquisador compreendeu é que, ao abrir-se para os espaços, sendo afetado por eles, ele os torna diferente e torna-se, ele próprio, diferente. Essa experimentação de lugares distintos, por vezes em curtos espaços de tempos, podem trazer uma perspectiva de redução ou supressão de distância, de redução de tempo, reafirmando para o homem a noção de liberdade, fazendo com que ele esteja sempre em busca de novos caminhos, novos espaços, novos territórios[12].

Isso fez o pesquisador refletir o quanto o processo migratório talvez nem sempre tenha sido desejado ou indesejado. De qualquer modo, os espaços do Rio Grande do Norte também se modificaram, em algum momento e de algum modo, com aqueles sujeitos que nele se formaram ou atuaram como professores.

O Rio Grande do Norte é um estado aparentemente periférico – política e economicamente falando – em relação ao país e à região Nordeste, com seus centros e periferias próprios. Nas regiões que o pesquisador estava estudando, era perceptível essa formatação não estática dos centros e periferias: Natal uma capital central em relação ao interior; Caicó e Mossoró centrais em relação aos outros interiores. Cidades que visivelmente recebiam maior investimento dos poderes públicos – talvez por já se destacarem em alguns outros aspectos –, que, consequentemente, se desenvolviam cada vez mais, sendo claramente mais procuradas pelos inúmeros migrantes das zonas rurais, uma realidade visivelmente

distinta daquela de Patu, uma dessas cidades periféricas até a criação do seu câmpus universitário, o que a tornou, de algum modo, desejada, central.

São essas, cidades distintas também do ponto de vista físico e geográfico: Natal, situada no litoral, num curto trecho de mata atlântica, em região de clima tropical úmido, de chuvas abundantes e níveis pluviométricos considerados altos; realidade bem diferente da vivida em praticamente todo o restante do estado, inserido no polígono das secas, onde o clima predominante é o semi árido quente, inclusive no litoral norte, onde as precipitações são bem inferiores e as temperaturas bem mais elevadas. Entretanto, até mesmo nessa região aparentemente homogênea, há marcadas variações: na região serrana do estado os níveis pluviométricos são um pouco maiores e as temperaturas podem atingir níveis bem menores, mesmo se tratando de uma região semiárida como as outras. Mossoró, Caicó e Patu são municípios situados na região semiárida, mas possuem entre si características muito distintas: Patu localiza-se na região serrana e, por estar no sopé de uma serra, apresenta características próximas ao tropical chuvoso, com temperaturas mais amenas, mas, ainda, com estações secas; já Mossoró e Caicó estão em regiões com climas mais secos e quentes, são duas das cidades com as maiores temperaturas do estado, diferenciando-se apenas pelo fato de Mossoró apresentar um índice de precipitação, em forma de chuva, um pouco maior que o de Caicó, e estar localizada bem próxima ao litoral norte do estado, o que a torna mais úmida e ventilada[13].

O pesquisador percebeu que eram muitas as diferenças, já em uma breve mirada, entre as regiões, sem falar em características mais específicas, como a formação cultural e identitária que também as atravessa. Mas, nesses processos migratórios, "seja o amor ao solo natal ou a busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino"[14]. Dessa forma, ele foi levado a encarar que as vivências espaciais estão diretamente ligadas com a formação dos sujeitos, tanto do ponto de vista pessoal, quanto coletivo.

Essa concepção vinha a somar-se com a noção de que os indivíduos se constituem em relações múltiplas com outros sujeitos, ampliando a perspectiva que já vinha elaborando de que os sujeitos se formam, todo o tempo, nas relações com o meio em que estão inseridos, mas, agora, não apenas social. Percebia que os sujeitos se formam em uma relação muito mais complexa: espacialmente, socialmente, culturalmente, pessoalmente (do "si" com o "si-mesmo" e com os outros que habitam esse "si").

O doutorando começou a comungar de uma perspectiva que lança um olhar e tenta elaborar compreensões sobre a subjetividade humana, entendendo o sujeito a partir de uma dimensão complexa[15]. Nessa elaboração, uma primeira dimensão dizia respeito a compreender a formação de um ponto de vista biológico, em que existe uma relação entre espécie e indivíduo, da qual uma não vive – e não pode se imaginar sem – a outra. A espécie só o é porque existem os indivíduos, e esses, por sua vez, só podem existir porque existe a sua espécie.

A segunda dimensão, nessa perspectiva, diz da formação em um meio, porque, para se falar de sujeito, deve-se considerar a noção de *autonomia-dependência*, pois a autonomia do sujeito se amplia à medida que ele é mais dependente da sociedade em que está imerso. O sujeito só anda e escreve porque alguém o ensinou a andar e escrever, tudo o que o sujeito é, o é devido ao meio, quanto mais aprende com o meio, mais livre está para agir, criar, dizer. O sujeito só o é a partir da sua dependência do meio, ou seja, quanto mais dependente do meio, mais autônomo. Nessa perspectiva, compreende-se que a autonomia não é concedida, mas, sim, adquirida a partir de dependências, o que leva à compreensão de que não são conceitos opostos, mas complementares. Diretamente ligado a isso, vem a noção de *auto-eco-organização*: o sujeito, para ser auto-organizado, independente, autônomo, dependerá necessariamente do meio, do "eco", da relação simbiótica[16] e, nesse meio, como o pesquisador passou a compreender, estariam incluídos também os espaços.

A terceira dimensão liga-se mais ao pessoal, a um "eu", que sugere também sub-dimensões biológica, social e pessoal. Seria o momento de descobrir o "eu", o "eu mesmo", o "si mesmo" e o "não-si". O "eu" seria o ser integral, o sujeito por definição, mas que escapa a qualquer explicação, sempre inalcançável e indefinível. O eu-mesmo seria esse eu-objetivado, fruto do eu-ser-pensante, momento em que o sujeito "se diz" de algum modo, em que se descreve, se estabiliza, objetiva, territorializa e identifica. O si-mesmo é esse eu-ser-corpo, aquele que se reconhece como indivíduo no qual está contido o "eu" e o "eu-mesmo". Descobrir o "não-si" é perceber-se diferente do outro, percebendo o outro como sendo aquilo que ele não é.

Nessa dimensão ligada ao pessoal, o pesquisador compreende que está, ainda aí, a noção de formação com o meio, pois se o sujeito se reconhece, se percebe, pensa e age sobre si de algum modo, diferencia-se do outro, atribui significados e elabora discursos, isso só se torna possível por estar inserido em uma sociedade e em um contexto, num dado espaço-tempo que possibilitou criar determinados valores e atribuir determinados significados.

Há ainda uma outra dimensão a se considerar quando se pensa na subjetividade humana: aquela que diz de *relação*, aquela em que aparecem os princípios de *inclusão* (processo no qual integramos os "outros" em nossa existência, o "nós"), de *exclusão* (em que negamos a presença desse outro) e o de *intercomunicação* com o semelhante, que se manifesta pelo ato de um se comunicar com o outro. Outra dimensão que estaria diretamente ligada à de relação é a que caracteriza o ser e o distingue dos demais: a afetividade. Por fim, nessa perspectiva, a incerteza é a última dimensão para caracterizar o sujeito: ele se perceber no mundo, mas sem saber sobre o seu futuro[17].

O pesquisador, nessa perspectiva, passou a considerar que o sujeito é formado por todos aqueles que o cercam, bem como pelo espaço que ocupa, nessa relação complexa de subjetivação. Nesse processo, o sujeito sempre torna-se um ser múltiplo, pois é formado a partir de todos os outros com quem já viveu, o que não significa negar sua unidade, mas considerar que essa unidade é sempre mutável e constituída da – e ela própria constitui a – multiplicidade. Essa unidade seria, na compreensão desse pesquisador, a subjetividade do ser (o "eu"), que se constitui a partir do múltiplo que ele já é, nas relações sempre em fluxo com o exterior que ele busca, estabelece, processa e assimila, constituindo, de algum modo, no interior, um novo sujeito, um novo "eu", cada vez mais múltiplo. Assim, o múltiplo se revela numa unidade (o indivíduo), que é, por sua vez, múltipla[18].

Toda uma multiplicidade é constituída e se constitui na relação do "eu" (eu-mesmo, eu-múltiplo) com o "não-eu" (o outro). Esse "eu" (ser múltiplo em constante estado de trans/formação) é um ser estranho ao outro, assim como ao próprio eu-objetivado, eu-ser-pensante. Por ser um ser múltiplo e complexo, formado por inúmeros elementos que escapam a si e aos outros, aparentemente o sujeito sempre é um ser passível de ser conhecido (por si mesmo) em partes, em grades, em focos, nunca por completo (entendendo que a completude não se efetiva em nenhum momento, não há "uma" unidade, algo que possa, em algum momento, ser definido e fechado, adjetivado, territorializado). Esse ser, por exemplo, responde também por instintos, o que o faz desconhecer sua capacidade de ação em situações que exijam uma resposta imediata e impensada.

O pesquisador percebeu que para elaborar, nele próprio, essas compreensões, desejando propor e pensar a multiplicidade do "eu", de pensar que isso é também formação e, portanto, parte fundamental da formação dos professores de matemática que estava estudando, buscava alguns dos que o formaram, já que não conseguiria falar sobre isso sozinho. "Quem

fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age" [19], para ele, agora, cada sujeito eram "pequenos grupos".

Assim, entendeu que todos se constituem seres múltiplos nessas relações com os outros e os meios, os lugares, os espaços. "Isso significa também que, quando falo, ao mesmo tempo que eu, falamos 'nós'; nós, a comunidade cálida da qual fazemos parte"[20].

Essas concepções teóricas somavam-se àquelas que já vinha elaborando sobre história, narrativas e memórias, fortalecendo o que pensava sobre as memórias daqueles com quem interagia, no sentido de que as memórias deles formadas coletivamente, por eles e por todos aqueles indivíduos que se formaram com eles.

Essas "[...] lembranças permanecem coletivas e [...] são lembradas por outros", ainda que se trate de eventos em que somente eles estiveram envolvidos e de objetos que somente eles viram. "Isso acontece porque jamais estamos sós"[21]. A todo o momento todos estão acompanhados, mesmo quando aparentemente estão sozinhos, como se outras vozes os indicassem o que pensar e perceber nos espaços que estão a ocupar.

Ficava cada vez mais evidente, para ele, que essa multiplicidade de "eus" é o que forma a subjetividade humana, por isso cada um será sempre um ser individual, diferente, pois cada um é, a todo o momento, atravessado por diferentes acontecimentos que o tocam e (trans)formam, tornando-o, gradativamente, seres mais múltiplos em constante processo de formação.

Sendo esse movimento de formação sempre fluxo, o pesquisador passara a defender a noção de que o outro sempre será um estranho, pois este outro só seria naturalizado se ele não fosse passível de mudanças, pois, assim, com um tempo, todas as (ou muitas das) suas características seriam naturais. Mas se o outro é um ser de constantes mudanças, ele sempre possuirá características, modos de ser, perspectivas que escapam, sendo, portanto, no limite, sempre estranho.

Contudo, o homem sempre tenta conhecer, fixar, estabilizar o outro, domar o estranhamento e isso é o que o leva a querer atribuir identidades fixas, mesmo que essas identidades sempre sejam móveis, que os sujeitos se constituam em diferentes lugares, espaços, e com diferentes sujeitos, pessoas que, por sua vez, também possuem suas identidades singulares e plurais[22].

Para esse pesquisador, ficava cada vez mais nítido que as identidades são constituídas por tudo o que cada sujeito vivencia e por todas as relações que constrói desde sua infância[23]. Isso o levou a pensar que também são subjetivas as formas como cada sujeito (re)elabora

essas identidades, que são, por vezes, estabilizadas em palavras singulares, mas que não necessariamente – e muito provavelmente não – terão os mesmos significados para todos: ser professor para um não é o mesmo que ser professor para outro, pois, embora "se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem"[24].

Assim, o pesquisador começava a perceber que não poderia olhar para o fenômeno "formação de professores" como algo simples, como um acontecimento de fácil compreensão, mas, sim, que necessitava procurar "sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todos/parte: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes"[25]. Percebia que se tratava de uma compreensão complexa, de entender o todo a partir do fragmentário que somos, e vice versa, num diálogo com diferentes campos de saber que possibilitassem elaborar diferentes compreensões sobre o que desejava estudar.

Portanto, passou a entender a formação daqueles sujeitos que estava a estudar como um problema complexo: sujeitos formados de formas múltiplas, constituídos em diferentes níveis, com distintas concepções e noções de mundo, bem como compreensões sobre o que é ser professor. Era um problema ligado ao sujeito, nos níveis pessoais, sociais e culturais, aos espaços, tempos e linguagens, às narrativas, memórias e experiências.

O pesquisador começou a perceber que era um problema amplo, no qual, no geral, não se questiona: quem viajou muito durante a infância, conviveu com muitos e em muitos espaços, não quer saber, por exemplo, se são perceptíveis os impactos disso na identidade de professor que ele constituiu, ou se a infância de menina ou menino de campo acarretou mudanças didáticas quando professores ou professoras, ou se a necessidade de ter viajado durante a graduação mudou a compreensão e/ou sua relação de professor com seus alunos que também precisavam migrar para se formar. Esses são temas que, aparentemente, não dizem respeito ou não têm relação com a formação do professor de matemática. Todavia, se cada um é formado com os espaços e com os outros, formar-se no Norte é o mesmo que formar-se no Nordeste, e, igualmente, no Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil? Formar-se em um estado é o mesmo que formar-se em outro, mesmo que os indicadores educacionais e as concepções sobre educação sejam tão distintos? A formação no litoral é a mesma que se pode ter no interior, no sertão? Também não importam os diferentes climas, relevos e vegetações? A formação nos subúrbios é a mesma que se recebe nos centros? A que um recebe ocupando

uma casa de taipa e sem materiais escolares é a mesma que recebe outro, estudando em uma sala com estruturas, físicas e materiais, modernas e adequadas? A formação que um recebe com professor construtivista é a mesma que outro recebe com um professor tecnicista?

Essas foram questões que começaram a surgir para esse pesquisador, e tinham direta relação com as narrativas históricas que almejava elaborar, mas foram reflexões construídas lentamente e à medida que ele ia entrando em contato com outras perspectivas teóricas. Esse movimento pode ser percebido nas entrevistas que foi realizando com seus colaboradores ao longo do processo de produção de dados – do mestrado e do doutorado –, em que se nota uma abertura cada vez maior para perceber outros processos que fizeram parte da formação daqueles colaboradores. Contudo, durante a produção desses dados, o doutorando ainda estava muito voltado para uma concepção de formação de professores de matemática como um processo muito mais institucional e formal, e é desse modo que ele, durante algum tempo, olhou para os documentos orais e vai constituindo, em si, *versões a partir das narrativas dos sujeitos* daqueles acontecimentos históricos que chamava "formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte".

---

[1] As pesquisas que nortearam inicialmente a opção pelas fichas temáticas foram os estudos de Vianna (2000) e Rolkouski (2006).
[2] (DARDEL, 2011, p. 02).
[3] (DARDEL, 2011, p. 8).
[4] (MASSEY, 2008, p. 54)
[5] (MASSEY, 2008).
[6] (BOSI, 1994, p. 415).
[7] (HALBWACHS, 2006; MASSEY, 2008; DARDEL, 2011).
[8] (MASSEY, 2008, p. 201).
[9] (ARENDT, 2011).
[10] (BLOCH, 2001, p.60).
[11] (MASSEY, 2008).
[12] (DARDEL, 2011).
[13] (IBGE, 2014)
[14] (DARDEL, 2011, p. 03).
[15] (MORIN, 1996).
[16] (MORIN, 1996).
[17] (MORIN, 1996).
[18] (DELEUZE; GUATTARI, 1995).
[19] (FOUCAULT, 1979, p. 47).
[20] (MORIN, 1996, p. 54).
[21] (HALBWACHS, 2006, p. 30).
[22] (WOODWARD, 2012).
[23] (WOODWARD, 2012).
[24] (FOUCAULT, 1999, p. 12).
[25] (MORIN, 2014, p. 25).

Sumário PASSOS

Entre narrativas e subjetividades: uma invenção histórica possível

As instituições escolares ligadas à igreja católica desempenharam, no estado do Rio Grande do Norte, importante papel na educação de muitas crianças e jovens sendo, muitas vezes, as únicas opções de escolarização para o nível secundário, ginasial e/ou colegial, que corresponderiam aos atuais ensinos fundamental (anos finais) e médio, até mesmo para crianças de famílias menos abastadas, com recursos financeiros mais escassos. Nessas, por um longo período, os professores eram os próprios religiosos, padres e/ou freiras que nem sempre possuíam uma formação específica para ser professor, apenas a formação dada pela (e para a) igreja.

Um dos sujeitos que estudou em uma dessas instituições ligadas à igreja, especificamente no Seminário Santa Terezinha de Mossoró, foi Alcir Leopoldo Dias da Silveira, que nasceu em Patu no ano de 1934. Alcir passou sua juventude no conhecido Seminário de Mossoró, entre 1946 e 1951, onde, relata, viveu mais para os estudos e obteve sua formação cultural geral – pois no seminário "maior" a formação já era específica, Filosofia e Teologia –, rememorando ter sido, lá, aluno de professores eruditos. Esses professores eram sacerdotes holandeses, padres vicentinos, convidados pelo bispo para dirigir o Seminário de Mossoró e lecionar as disciplinas em que eram especializados. Não que possuíssem uma formação específica na área, mas eram ditos "especialistas" por terem maior facilidade e domínio do conteúdo. Em matemática – uma das disciplinas de que Alcir mais gostava, juntamente com latim e grego –, por exemplo, foi aluno do padre Jerônimo, um desses padres-professores holandeses.

Quem também estudou em escolas confessionais no estado do Rio Grande do Norte foi Izabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz – a quem trataremos por Neta, como é mais conhecida – e Maria das Graças Bezerra Sathler. Neta nasceu em Caicó, no ano de 1943. Maria das Graças nasceu em Mossoró, em 1953. Neta fez o ginasial no Educandário Santa Terezinha, entre 1956 e 1959, Maria das Graças e no Colégio Sagrado Coração de Maria, na segunda metade da década de 1960, nas respectivas cidades de origem. No Santa Terezinha Neta foi aluna de freiras e padres e julga que, no período, os padres tinham melhor formação do que têm hoje, "pois se dedicavam", o que fazia com que tivessem condições de preparar melhor os alunos; no Coração de Maria, Maria das Graças recorda que, com exceção apenas do professor de organização social e política brasileira (OSPB), todas as professoras eram freiras, sendo a irmã Natália a de matemática.

Felisbela Freitas de Oliveira, que nasceu em Patu no ano de 1945 e foi estudar em Mossoró em 1960, não estudou nessas instituições, mas também lembra que, no geral, no Colégio Diocesano de Santa Luzia, os professores eram os padres e no Sagrado Coração de Maria eram as freiras que atuavam no ensino.

Alcir recorda que até a década de 1960 qualquer pessoa da região de Mossoró que quisesse fazer um curso superior teria que buscá-lo fora da cidade, pois ali não havia nenhum curso nesse nível. Para formar professores, o que havia era a Escola Normal, mesmo tipo de instituição que também foi responsável por formar professores para a região de Patu, segundo acredita Ozório Barboza de Menezes – natural de Olho D'Água do Borges, nascido em 1954 – que estudou todo o primário e ginásio na região.

Neta também recorda que a Escola Normal de Caicó foi responsável por formar professores nessa região, causando mudanças nesse aspecto, pois os professores passaram a receber alguma formação, até mesmo os das escolas isoladas, pois iam para Caicó em busca do ensino ginasial. Depois foram criados os Institutos de Educação, que oferecia o curso Pedagógico, em nível de segundo grau, tanto em Caicó quanto em Mossoró. Assim, se não tinham professores com formação superior para atuar no ensino, até mesmo de segundo grau, havia os professores com essa formação pedagógica para atuar nas salas de aula.

Entretanto, os professores formados por esses cursos não supriam toda a demanda de professores existente no estado, nem mesmo no ensino primário. Nélson José de Araújo, nascido em 1949, natural de Caicó, estudou o primário na zona rural dessa cidade e lembra que a professora certamente não tinha formação específica (ela havia estudado na cidade, mas acredita que ela só tinha cursado até o ginasial); na zona urbana de Caicó isso também acontecia, pois Neta, ao concluir o ginásio, já começou a lecionar no quinto ano primário e depois no próprio ginásio da Escola Doméstica – instituição mantida pelo Ministério da Agricultura em convênio com o Educandário Santa Terezinha –, entre o fim da década de 1950 e início de 1960. Contudo, como não poderia ser registrada, dada sua idade, Neta era a docente, mas nos documentos oficiais a professora de português e matemática era uma das freiras.

Francisco de Assis Silva – que trataremos por Chiquito –, natural de Augusto Severo (atual Campo Grande) e nascido em 1937, relata que as professoras em Campo Grande não tinham formação, faziam apenas até o primeiro ou segundo ano do ginasial em Mossoró, Assú ou Caraúbas – as cidades mais próximas com esse nível de ensino – e já se tornavam professoras, mas diz que, mesmo sem isso, todas as suas professoras eram muito boas. Ele

mesmo começou a lecionar pelo município de Campo Grande, em 1957, em uma fazenda, depois de ter concluído o primário em 1956; no ano de 1959, possuindo apenas o quinto ano primário, foi convidado para lecionar essa série no Grupo Escolar durante todo o segundo semestre daquele ano, substituindo sua ex-professora da quarta série primária.

Essa realidade também era vivida nos demais ciclos de ensino e persistiu por um longo período. Quando prestes a cursar a terceira série ginasial, em 1962, Felisbela lembra que ocorreu uma reforma na educação que acarretou algumas dificuldades como, por exemplo, a falta de professores. Era uma situação pela qual, até então, eles não haviam passado, principalmente com professores de matemática, pois alguns dos antigos professores foram fazer faculdade e outros passaram a se dedicar mais às outras profissões que mantinham. Alcir que chegou a ensinar matemática no ano de 1963, no Diocesano de Santa Luzia, também recorda que havia um *déficit* grande de professores esse período, principalmente de matemática.

Além dessa reforma na educação, Felisbela atribui essa falta de professores também ao fato de que, nesse mesmo período, um professor de matemática que era muito conhecido na região de Mossoró, Solon Moura, adoeceu e deixou de dar aulas. Chamaram seu filho, Solon Moura Júnior, mas ele não deu conta de todas as aulas e tiveram que chamar outras pessoas para lecionar. A turma dela, no terceiro ano do ginásio, foi atribuída a um economista que não dominava o conteúdo de matemática e, por isso, tinha atrito com alunos que eram bons nessa disciplina. Raimundo de Freitas Melo – que nasceu em 1941, em Portalegre – e Alcir também recordam de Solon Moura como professor de matemática. Para Alcir, Solon Moura era o professor mais conhecido em Mossoró nas décadas de 1950 e 1960: era um bom professor, tinha um amplo conhecimento da disciplina que ministrava, e ensinava essa disciplina tanto no Diocesano quanto no Estadual, depois é que foram aparecendo outros professores. Raimundo, aluno de Solon no fim da década de 1950, o tinha como exemplo de rigidez.

O fato é que a carência de professores de matemática nesse período era tanta que muitas pessoas se tornavam professores sem ter qualquer formação direcionada para isso, tendo, muitas vezes, passado apenas pelos níveis de escolarização em que passavam a lecionar. O professor de matemática de Felisbela do primeiro ano colegial, em 1964, foi um amigo de turma do ginasial e, no segundo ano, ela só teve aula de matemática durante o primeiro bimestre (nos bimestres seguintes, a nota dos alunos foi replicada). Foi também em 1964 que Chiquito, ao iniciar o científico, três semanas depois que começou a estudar no Diocesano, foi chamado para preparar uma aula com vistas a assumir duas turmas de primeira

série ginasial que estavam sem professor. Essa aula foi apresentada a uma banca da qual um dos membros era Alcir, seu professor e a quem substituiria. No ano seguinte, 1965, outro exemplo de alguém que vai suprir essa necessidade de professores é Raimundo, que havia concluído o colegial em Fortaleza no ano anterior e foi convidado a ensinar matemática, química e física no ginásio do Centro Educacional Jerônimo Rosado. Norman Batista Pereira, natural de Caicó, nascido no ano de 1950, lembra-se de uma prima que ao concluir o ginásio, em meados da década de 1960, foi fazer algum curso em Natal para lecionar matemática no próprio ginasial; para ele, nesse período não se precisava de uma formação para lecionar: se a pessoa tivesse facilidade em qualquer disciplina, poderia lecioná-la.

O que aconteceu com essa prima de Norman se repetiu com muitos outros professores, pois começaram a surgir, nesse período, cursos visando prover alguma formação aos professores que não tinham qualquer preparação para lecionar. Maria Fátima Dutra, que nasceu em Patu no ano de 1955, diz que o governador Aluízio Alves, nesse período, contratava os professores por indicação política e, portanto, se concluísse o fundamental e tivesse alguma força política, seria aproveitado. Sua mãe, por exemplo, foi contratada dessa forma e, por isso, Fátima recorda que depois de ser contratado, o professor iria, durante três anos, no período das férias escolares, participar de uma qualificação em Mossoró chamada de Curso de Treinamento para os Professores Leigos. Lembra que sua mãe e todos os outros professores eram convocados, recebiam uma ajuda de custo além de todo o material para o curso; julga que essa estratégia era excelente e preparava o professor para uma boa atuação em sala de aula. Raimundo recorda que fez um curso de uma semana, em Natal, no ano de 1965. Quando finalizado o curso, submeteu-se a uma avaliação e, por ter sido aprovado, já recebeu a licença da Secretaria Estadual de Educação para lecionar. Para esse curso, lembra que acorreu muita gente de todo o estado, posto que quem não tivesse formação de magistério tinha que necessariamente cursar esse seminário.

Outro curso do qual Raimundo participou aconteceu em Recife, no ano de 1967, no Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE), que ficava na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ele tinha apenas o segundo grau, concorreu com formados, mas foi aprovado. Narra que esse curso foi realizado em um ano e dois meses, em 1.200 horas/aula, no qual trabalhavam a matemática do ginásio e do colégio, abordando a perspectiva da Matemática Moderna: conjuntos, propriedades de conjuntos, operações e funções. Ao retornar a Mossoró, em 1968, voltou a lecionar e assumiu a diretoria do Anexo II, a Escola Padre Flávio, e passou a ser professor também do União Caixeiral.

Na década de 1960, os professores Felisbela e Chiquito foram a Natal para participar de um curso da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), na área de Matemática; Alcir também foi, mas participou na área de Português. Essa era outra possibilidade de formação à época. De Caicó, quem também participou desses cursos na área de Matemática foi Neta e, de Patu, Zilar Rocha Ferreira, natural dessa cidade e nascida no ano de 1949.

Neta, que passou a ensinar português e matemática, registrada regularmente no ginasial do Santa Terezinha após ter concluído o colegial, em 1963, teve que optar por uma dessas disciplinas, pois era necessário fazer o curso da CADES em uma área específica. No ano de 1964, como a falta de professores era maior para a disciplina de matemática, Neta optou por fazer o curso nessa área. Assim, ela e o esposo, João Diniz – ou João Bangu, como era conhecido – participaram desses cursos na área de Matemática nos anos de 1964, 1965 e 1966. Sobre esse último ano, Neta relata que como o curso já estava vinculado ao Instituto de Matemática (IM) da UFRN, realizaram um "exame de suficiência" e, aos aprovados, era dado um certificado "e uma carteirinha" com o registro que permitiria lecionar por algum tempo, devido à falta de pessoas qualificadas.

Felisbela, Alcir e Chiquito realizaram esse mesmo curso em 1966. Relatam que havia essa prova para dar o registro aos professores, mas, caso o aluno não quisesse fazer a prova naquele ano ou não fosse aprovado, receberia licença para lecionar durante aquele ano e poderia continuar o curso e (re)fazer a prova no ano seguinte.

Neta e o esposo se submeteram ao exame naquele ano e passaram. Chiquito também fez o exame, mas não foi aprovado. Felisbela optou por não submeter-se ao exame. Com isso, no ano seguinte, em 1967, Felisbela e Chiquito deveriam retornar para fazer uma segunda etapa do curso e prestar o exame para obter o registro. E foi o que fez Chiquito, mas Felisbela não pode ir. Mas como houve, naquele ano, vestibular para o curso de Letras em Mossoró, ela prestou esse concurso e foi aprovada, passando a ensinar português na cidade a partir de então.

O curso da CADES tinha as disciplinas de Didática da Matemática e Didática Geral – Neta lembra ainda de Psicologia Educacional e Biologia Educacional – e os professores eram docentes da universidade, mas o curso e a aplicação das provas ocorreram no Ateneu Norte-Riograndense. Os professores de Felisbela e Chiquito foram, no ano de 1966, respectivamente, João Faustino e Maria Isaura nas Didáticas da Matemática e Geral; Neta também se lembra de Maria Isaura como professora de Didática Geral e aponta que teve um

médico como professor de Biologia Educacional e uma psicóloga como professora de Psicologia Educacional. Em matemática, o conteúdo abordado era o "da Matemática Moderna de Oswaldo Sangiorgi" que, segundo a professora Felisbela, era uma matemática "com quadradinhos, mais contextualizada"; Neta diz que ficou embevecida com a proposta de lecionar matemática a partir da teoria dos conjuntos, enquanto outros professores achavam a pior coisa do mundo. Todos corroboram que o curso foi muito interessante e importante, pois deu muitos subsídios para que eles atuassem como professores naqueles anos.

Neta lembra-se que nas férias do meio ano de 1966 o Instituto de Matemática (IM) ofereceu um curso. Os professores que concluíam recebiam, ao final, um certificado. Nele, era tratado apenas o conteúdo específico (o professor foi Aláx Jorge Trindade de Morais, um cearense professor do IM), diferente dos demais cursos da CADES no qual se discutia também aspectos relativos à formação pedagógica.

Ainda sobre os cursos da CADES, Neta narra que sobre eles foi informada pelo Diocesano Seridoense que, por meio de um ofício, divulgou que haveria o curso para habilitar os professores que não tivessem formação específica, sugerindo que comparecessem. Para participar do curso os professores não receberam nenhuma ajuda da escola particular em que lecionavam, mas a escola pública dava uma bolsa suficiente para a locomoção.

Aparentemente, esses cursos tinham algum prestígio, pois, ao retornarem às suas cidades de origem, Felisbela e Neta recordam que foram procuradas pelos diretores dos Diocesanos – as instituições com maior prestígio em Mossoró e Caicó, à época – para lecionar matemática.

A professora Zilar narra ter realizado esse curso da CADES alguns anos mais tarde, em 1972, depois de ter começado a ensinar no Comercial de Patu, em 1971, tendo apenas a formação do colegial. Também relata que quem fizesse o curso e fosse aprovado na avaliação estava automaticamente contratado pelo Estado, mas informa que posteriormente foi instituída uma lei que reconhecia esse curso como formação de nível superior no estado. Ela também fez o curso em Natal, mas lembra-se de um curso mais extenso, com duração de cem dias em formato intensivo, no qual tinham aulas pela manhã e tarde e, às vezes, à noite; com provas aos sábados. Nesse curso, organizado pelo Governo do Estado, estudavam apenas os conteúdos específicos de todo o ensino fundamental, do primeiro ao oitavo ano, usando os livros do Scipione; ou seja, não viam a parte de didática. Lembra ainda que, além das provas dos sábados, tinham que dar uma aula prática ao final do curso.

Esse formato intensivo em três meses era novidade: anteriormente ele era realizado em seis meses. Zilar se lembra disso porque alguns dos alunos que fizeram esse curso com ela já o tinham feito duas vezes, sem conseguir a aprovação. Se aprovados nas provas e na aula prática, os alunos recebiam uma declaração que os autorizava a atuar como professores do estado e, automaticamente, passariam a ser professores do ginásio contratado, com registro; antes disso, o estado não contratava.

Outro curso de formação desse período era o denominado "Preparação Intensiva do Professor do Ensino Médio (PIPEM)", que também acontecia em Natal. Quem participou dele foi Almir da Costa Dantas, que nasceu em 1951 no sítio Jucuri, em Mossoró, mas logo cedo mudou-se e viveu a maior parte da vida em Caicó. Almir começou a lecionar no científico em 1971, quando estava no segundo ano do segundo grau, e participou desses cursos do PIPEM nos anos de 1971 e 1972.

Esse curso também acontecia no período de férias, tanto no meio do ano quanto no fim do ano. Tudo era subsidiado pelo governo: ofereciam material apostilado e ainda estimulavam com bolsas de estudos a participação dos professores. Almir recorda que viam nesse curso tanto disciplinas de conteúdo específico – no seu caso, como professor de matemática, havia aulas de matemática e desenho –, quanto disciplinas voltadas para a formação didática, "pois era um curso para capacitar o professor para preparar suas aulas". Como era professor do ginásio, os conteúdos trabalhados nas disciplinas que Almir cursou eram voltados somente para as quatro séries desse nível de ensino. Os professores-alunos submetiam-se a uma avaliação e caso reprovassem na primeira vez teriam uma segunda chance de fazê-la. Nova reprovação implicava exclusão do quadro docente. Caso fossem aprovados, recebiam certificado pela participação e aumento de salário. Os professores do curso eram todos de Natal, especialistas em suas disciplinas e com formação bem superior a dos professores-alunos, como lembra Almir. O PIPEM era oferecido para os professores já em atuação, sendo vedada a participação de pessoas que apenas intencionassem atuar no ensino. Não era obrigatório para os professores, mas, segundo Almir, quase nenhum professor se negava a participar pela recompensa salarial que teriam. Assim, houve uma grande participação de professores de todo o interior do estado e de todas as áreas, pois havia cursos para todas as disciplinas do ginasial.

Nessa década, 1970, também surgiu outro curso emergencial para formar professores para o ensino primário, o Logo II. Lembram desse curso Ozório e Raimundo, apesar de nenhum deles tê-lo feito. Para Ozório, era uma formação que acontecia ao nível do atual

ensino médio: ele diz que a maioria dos professores que atuavam no ensino de Patu ou tinha estudado em Escola Normal ou feito o Logos II. Já Raimundo lembra que era um curso oferecido ao profissional do magistério que não tinha formação de 2º Grau, cuja duração era de um ano, e oferecido aos finais de semana, ou seja, nos dias em que o professor não precisasse faltar de suas atividades pedagógicas. Para participar do Logos II, segundo ele, bastava fazer parte do Quadro de Professores do Município. Raimundo conheceu o curso por trabalhar com assessoria na área de educação mas embora diga que esse foi um bom programa de formação, organizado pela União, houve problemas devido à má gestão, à falta de controle e fiscalização, principalmente por ser seu objetivo dar respostas em curto prazo. Decorrente disso, ainda segundo ele, muitos professores formados pelo Logos II continuaram com uma formação deficitária; em Apodi, por exemplo, foi feito um recadastramento com os professores e identificou-se que nove professores eram analfabetos, não sabiam nem mesmo assinar o próprio nome: dentre eles, alguns tinham passado pelo Logos II.

Apesar do surgimento desses cursos, a carência de professores persiste ao longo do tempo e outra saída aparentemente mobilizada de modo amplo no estado, para suprir essa necessidade de professores dos ginásios e colégios, foi convidar e contratar pessoas diplomadas em cursos superiores para atuarem como professores em disciplinas específicas próximas às suas formações. Exemplo disso, na região de Mossoró, é o próprio Alcir que era clérigo, formado em Filosofia e Teologia. Felisbela teve professores clérigos e outros formados em outras áreas, como odontologia, por exemplo; quando fez o quarto ano do ginasial, ela não teve nenhum professor com formação pedagógica, todos eram profissionais de outras áreas que ensinavam aquilo com que tinham afinidade. Raimundo também diz que os professores não eram profissionais do magistério, eram formados em nível superior, mas de outras profissões, aproveitados para o ensino. Os poucos com formação específica para lecionar eram das áreas de História e Geografia. Na região de Caicó, Neta lembra que bons estudantes formados iam ser professores: médico, professor de biologia; farmacêutico, professor de química etc.; diz que não tinham formação pedagógica, mas tinham conhecimento do conteúdo que ensinavam. Assim, com o programa do que deveriam ensinar e com o livro didático, que tinha a sequência do que deveria ser abordado, supriam a necessidade, mantinham a disciplina, cumpriam suas funções.

Na ausência de pessoas já formadas, também era cotados para ensinar os alunos dos cursos superiores de áreas correlatas. Luiz Carlos Avelino da Trindade, que nasceu em Mossoró, no ano de 1953, mas cedo mudou-se e passou a viver em Natal, recorda que na

capital isso era muito comum: não teve nenhum professor leigo, todos já tinham alguma formação na área, mas em matemática, cujo curso foi criado só mais tarde, quem dava aulas eram os engenheiros. Ele mesmo, por exemplo, começou a dar aulas de matemática como aluno do curso de Engenharia Civil, no ano de 1972, substituindo um colega também aluno do mesmo curso. Esses profissionais, nesse período, quando encontravam alguma escola que tinha interesse em admiti-los como docentes, iam até a Secretaria de Educação para obter uma autorização para ensinar e se tornavam "professores autorizadores", segundo aponta.

No interior do estado, depois que foram sendo criados cursos superiores, isso também acontecia. Esse foi o caso da região de Mossoró, que começou a criar esses cursos na década de 1960. Chiquito lembra, por exemplo, que a Faculdade de Economia era a mais antiga e, por isso, alguns economistas davam aulas de matemática. Outro curso que passou a fornecer professores para a região foi o de Agronomia, da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM): muitos de seus alunos atuavam no ensino das disciplinas de ciências, física, química, biologia e matemática em Mossoró. Isso é lembrado por muitas pessoas, como Chiquito, Felisbela, Ozório, Raimundo, Maria de Fátima e Maria das Graças.

A própria Maria das Graças foi aluna desse curso e começou a lecionar por convite logo depois de ter sido aprovada no vestibular, no ano de 1971. Iniciou-se como docente no Sagrado Coração de Maria e no ano seguinte, 1972, foi convidada também pelo Diocesano de Santa Luzia. Nessas instituições, seus colegas de profissão eram seus colegas de turma ou outros contemporâneos da ESAM.

Contudo, na ausência de qualquer uma dessas possibilidades – não havendo pessoas formadas em outras áreas, alunos de cursos de graduação em áreas correlatas ou, ainda, quem tivesse participado de algum desses cursos emergenciais – quem supria a necessidade dos ginásios e colégios no Rio Grande do Norte eram os professores apenas com o colegial (ou com o ginásio, em alguns casos), assim como aconteceu por um período com Chiquito e Neta, na década de 1960, e como recordam Zilar, Almir e Ozório.

Quem também viveu essa realidade foi Norman Batista Pereira, que nasceu em Caicó em 1950 e começou a dar aula em 1973 apenas com o segundo grau concluído no ano anterior; Francisca Eunice de Medeiros, também de Caicó, nascida em 1957, lembra que seus professores do ginasial tinham apenas esse nível de ensino; e Josimá Gomes Guimarães, natural de Brejo do Cruz, Paraíba, nascido em 1954, foi mais um dos que começaram a lecionar no Rio Grande do Norte, em 1978, na cidade de João Dias, apenas com o segundo grau.

Esses professores lembram que nas décadas de 1960 e 1970 havia muitos professores atuando apenas com o colegial ou mesmo o ginásio. Talvez devido a essa realidade ainda muito presente, mantida mesmo com a existência dos cursos emergenciais que então eram criados, na década de 1970 surgem no estado cursos de curta duração oferecidos pelos antigos Núcleos Regionais de Ensino (NURE), ligados à Secretaria de Educação do Estado do RN – atualmente, Diretório Regional da Educação e da Cultura (DIRED) –, ou mantidos pelas universidades, que também visavam dar alguma preparação para os professores atuarem nas disciplinas que lecionavam. Esses cursos se intensificaram nas décadas seguintes.

Essa situação de carência ocorria concomitantemente à criação dos cursos superiores que passaram a oferecer formação específica para os professores de matemática que atuavam ou passaram a atuar no Rio Grande do Norte. O primeiro desses cursos foi o de Licenciatura em Matemática da UFRN, criado em meados da década de 1960, do qual Benedito Tadeu Vasconcelos Freire (natural de São Benedito, Ceará, nascido no ano de 1947) tornou-se professor alguns anos após sua criação.

Benedito tornou-se professor do curso da UFRN em 1971, quando foi convidado para lecionar nessa instituição por não haver professores suficientes para suprir a demanda das disciplinas de Cálculo e Álgebra Linear, entre outras, pois a universidade estava crescendo. Recorda que viajaram com ele, de Fortaleza, Aláx Jorge de Morais e Carlos Cláudio Dias, também para ensinarem nesse curso; antes deles, já tinham ido para Natal os professores José Cordeiro de Farias Neto e Pedro Nicola Papaléo, com a mesma finalidade, todos formados pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Benedito foi com um contrato especial de dedicação exclusiva, e depois submeteu-se a um concurso no qual o presidente da banca foi João Faustino, que já era professor do curso de Matemática.

O convite para lecionar na UFRN visava reforçar o curso de Matemática que estava começando, e para suprir a demanda dos cursos de Engenharia. Segundo Benedito, havia cerca de 18 professores no Instituto de Matemática e Física quando ele chegou à UFRN, cerca da metade era do estado, e a maioria era de engenheiros. Formados em Engenharia, alguns desses professores não tiveram em suas graduações algumas disciplinas finais do curso de Matemática e, por isso, mantinha-se a carência de professores. Benedito lembra que ao chegar o curso havia formado a primeira turma de bacharelado em dezembro do ano anterior, 1970, e esses alunos passaram a ser professores do Instituto de Matemática e Física. Assim, nesse período, além de não haver professores pós-graduados, parte dos professores tinha sido formada na própria instituição; Benedito atribui o fato de muitas pessoas do Ceará terem se

dirigido para o Rio Grande do Norte a essa situação, posto que a UFC já formava um grande número de bacharéis em Matemática.

Ao chegar à UFRN em 1971, Benedito aponta que o curso apresentava algumas lacunas e carências em sua estrutura, como, por exemplo, a biblioteca incipiente. Com isso, as referências que utilizavam vinham das bibliotecas pessoais de cada um dos professores. Ele recorda que adotaram livros traduzidos do inglês para o português como ***Álgebra Linear*** e ***Cálculo I*** de Serge Lang, pois já sabiam que eram bons materiais por terem sido usados em Fortaleza, na UFC. Outros livros que adotaram no curso de Matemática foram o ***Curso de Cálculo Diferencial***, em espanhol, de Pablo y Merino – popular no curso de Engenharia – e ***Cálculo***, de Georg B. Thomas.

O curso potiguar era mantido apenas pela universidade, mas depois começou a conseguir investimentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), com a concessão de bolsas de estudos, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio da aprovação de projetos dos professores, o que possibilitou levar docentes visitantes e prover o curso com material bibliográfico. Antes de Benedito chegar à UFRN, a instituição recebeu, por algum tempo, apoio da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) para realizar cursos de treinamento para professores de matemática e física, possivelmente com foco maior nessa última disciplina, ainda que essa iniciativa não tenha sido sistemática e de longa duração.

Mesmo com o encerramento desse convênio com a SUDENE, o professor recorda que o Instituto de Matemática organizava cursos de aperfeiçoamento para professores do estado, normalmente nos períodos de férias de final de ano. Lembra que elaboravam projetos e enviavam para Pró-Reitoria de Extensão e, quando aprovados, recebiam algum recurso. Esses cursos chegaram a receber concessões da CAPES, mas os professores não recebiam nada para atuar neles como docentes. A seleção dos alunos era feita por indicação dos órgãos competentes tanto do estado quanto do município de Natal. As disciplinas ministradas eram Análise Combinatória, Geometria Plana e Álgebra. A carga horária era de trezentas e sessenta horas e, ao concluir o curso, sendo aprovados, os alunos recebiam diplomas que serviam também para promoção na carreira. A maioria dos alunos que participava desses cursos era de Natal, mas havia muitos do interior que chegavam a participar.

O professor recorda que o curso começou a melhorar sua estrutura com a contratação de novos docentes, com o aprimoramento da infraestrutura, incluindo a biblioteca, devido ao

diretor do Centro de Ciências Exatas e da Terra, que tinha relações familiares com o reitor. O Centro de Ciências Exatas e da Terra da UFRN foi criado a partir da junção de alguns Institutos isolados, entre eles o de Matemática e o de Física.

Almir, Luiz Carlos e Norman foram alunos do curso de Matemática da UFRN nesse período, início da década de 1970. Luiz Carlos, que havia iniciado no curso de Engenharia Civil em 1972, optou por mudar de curso e, em 1975, formou-se na Licenciatura em Matemática; Almir e Norman formaram-se juntos nesse mesmo curso no fim do ano de 1978, apesar do primeiro ter iniciado o curso em 1973 e o segundo em 1974. O curso tinha um tempo médio de conclusão de quatro anos, mas Norman formou-se em cinco por ter tentado concluir o bacharelado sem sucesso, e só depois ter migrado para a licenciatura; já Almir demorou um pouco mais por, entre outras coisas, ter ido em 1974 para Recife cursar a Licenciatura em Curta Duração em Ciências.

Almir lembra que esse curso de Licenciatura de Curta Duração em Ciência era oferecido pelo Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE) e habilitava os professores para dar aula em matemática, física, química e biologia, pois era uma formação genérica para quem tivesse interesse de ensinar em qualquer uma dessas áreas.

O curso era oferecido para as regiões Norte e Nordeste do país e, devido a isso, Almir estudou com pessoas de vários outros estados, mas também entrou em contato com outros alunos de diferentes cidades do Rio Grande do Norte, como Caicó, Mossoró, Santa Cruz, Natal e Patu. Era um curso dado simultaneamente para todos esses locais, cujas salas eram organizadas por ordem alfabética, cada uma tendo entre 45 e 50 alunos e, no geral, cerca de quatrocentas pessoas matriculadas.

O professor recorda que a seleção acontecia por estado, como um vestibular, e o número de vagas era limitado. O processo seletivo era aberto a quem quisesse participar, não sendo necessário já atuar como professor, e cada um dos aprovados e convocados ganhava uma bolsa para fazer o curso em Recife. Na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde o curso era realizado, os cursistas tinham as mesmas regalias que os alunos da universidade, além dos professores serem também da UFPE. A carga horária era de 1.650 horas e o funcionamento do curso era por sistema de créditos e disciplinas; intensivo, com aulas nos turnos matutino e vespertino, e os alunos praticamente não tinham férias: encerrada uma disciplina, iniciava-se outra. Tiveram apenas um período de recesso de oito ou quinze dias e, após esse, Almir recorda que muitos alunos não retornaram para continuar a formação.

Esse curso foi dado entre agosto de 1974 e dezembro de 1975, e Almir narra que não foi da primeira turma desse curso. Ele lembra que não tentou ingressar antes porque ainda não havia concluído o científico. Cada etapa do curso só se iniciava após o fim da anterior e funcionava dessa forma por não haver espaço para atender mais de uma edição simultaneamente, segundo aponta Almir, lembrando ainda que não existia prorrogação do tempo do curso: os alunos tinham que terminar no ano e meio de curso.

Almir narra que a estrutura do curso era excelente, com as aulas práticas em laboratórios, dos quais diz que o melhor era o de ciências, no qual realmente desenvolviam pesquisas. O professor lembra que as disciplinas desse curso eram parecidas com as do PIPEM, disciplinas voltadas para o ensino, e buscavam preparar o professor para ensinar no nível do ginásio e científico. Várias dessas disciplinas foram aproveitadas quando Almir retornou a Natal, como, por exemplo, Fundamentos da Matemática, Psicologia do Ensino, Estudo dos Problemas Brasileiros (EPB) e Prática de Ensino. Na Prática de Ensino, ao final do curso, os alunos tinham que estagiar em colégios; Almir ministrou aulas em um colégio que ficava na praia de Boa Viagem.

Assim, após concluir esse curso de Licenciatura de Curta Duração em Ciências, Almir retorna para Natal e retoma sua matrícula no curso de Matemática da UFRN. Sobre este curso, assim como Benedito, ele também lembra que era relativamente recente e ofertado pelo Instituto de Matemática e Física; para ingressar, prestou o vestibular especificamente para o curso de Matemática – segundo o sistema que havia recém sido implantado, pois, antes, os alunos prestavam o vestibular para uma grande área e escolhiam o curso dependendo da pontuação que obtivessem.

Almir também narra que o curso, quando ingressou, ainda estava engatinhando; diz que a dificuldade era muito grande. Por exemplo, nas aulas de informática (que não tinham esse nome) os alunos não tinham acesso a computadores, faziam os programas escritos em papel e não sabiam como funcionava, pois, às vezes, faziam iguais e mandavam para alguém avaliar e, ao retornar, alguns estavam corretos e outros errados. Também aponta que a biblioteca tinha uma estrutura muito pequena e antiga e, com isso, os alunos tinham que comprar os livros; diz que o corpo docente era dedicado, mas formado por professores graduados, sem títulos de mestre ou doutor, e eram oriundos de diferentes lugares: Natal, Paraíba, Recife e, predominantemente, do Ceará. Devido a isso, diz que os alunos sentiam que, nesse período, o Ceará já era avançado em termos de preparação de professores de matemática.

O curso de Matemática habilitava bacharéis e licenciados, tendo Almir optado por cursar a Licenciatura. Havia na grade de disciplinas específicas comuns às duas habilitações: Cálculo 1, 2, 3 e 4, Álgebra Linear 1 e 2, Álgebra Abstrata, Geometria Descritiva, entre outras e, para a licenciatura, havia as disciplinas pedagógicas: Práticas de Ensino de Matemática, Psicologia etc. que eram ministradas ao fim do curso, praticamente no último período, quando eram ofertadas apenas essas disciplinas voltadas para o ensino.

Já Norman lembra que, no ingresso, podiam optar por três cursos no vestibular, entre os quais ele passou para Matemática. Recorda que sua turma foi uma das primeiras a ocupar a nova sede do campus central da UFRN que em 1974 só tinha um bloco de salas, onde ele estudava. Antes dele, recorda que um colega foi cursar Matemática em 1972, mas não sabe de mais nenhuma outra pessoa de Caicó que tenha ido fazer o curso em Natal.

O professor Luiz Carlos recorda que, em 1972, ao ingressar na graduação de Engenharia Civil, todos os alunos das áreas técnicas cursavam juntos dois anos, o chamado Indiferenciado, separando-se nos anos seguintes para os cursos específicos. Assim como Almir, também lembra que todos os professores eram graduados, mas não mestres e doutores.

Luiz Carlos narra que após concluir seu curso de Licenciatura em Matemática na UFRN, estavam selecionando, em 1976, em Natal, professores para o curso de Matemática de Mossoró, da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN). O professor José Borges, um dos professores do curso, o contatou e ele foi apresentar-se ao então presidente da FURRN, Laplace. Lembra que passou por uma entrevista e apresentou seu diploma, não chegando a fazer prova. Em seguida, conversou com Raimundo Filgueira, à época, coordenador do curso, que o perguntou se ele desejava ficar. Assim, ficou como professor visitante e, por isso, tinha algumas regalias: seu contrato implicava carga completa e o seu salário não atrasava (embora os de outros professores atrasassem). Recorda que Laplace chegou a fazer empréstimo no próprio nome para pagá-lo em dia. O curso de Matemática em Mossoró era muito novo, havia começado a funcionar em 1974, e sua contratação foi para dar nome ao curso, pelo que recorda, porque iam enviar a documentação para Brasília solicitando o reconhecimento e precisavam ter professores formados na área, sendo que ele tinha até pós-graduação em Matemática. Lembra-se que não havia em Mossoró professores formados em Matemática. Além disso, os professores que ensinavam na cidade não podiam ensinar na universidade, pois os conteúdos eram mais aprofundados – Cálculo Diferencial e Integral, Álgebra Linear, Álgebra Abstrata.

Como era considerado um professor chave para dar nome ao curso na FURRN, tinha certa liberdade para agir como quisesse e, devido a isso, ele se baseava muito no curso que tinha feito na UFRN, em Natal. Lembra que dava suas aulas demonstrando, pois, até então, os alunos tinham que decorar fórmulas, o que levava a certo pavor por essa disciplina. Considera que, talvez, fosse o único professor de Mossoró que demonstrasse todos os teoremas e fórmulas com os quais trabalhava, e atribui essa sua capacidade à sua graduação na UFRN. Sugere que esse foi um dos pontos positivos da criação dos cursos: fazer o professor entender de onde surgem os conceitos matemáticos, considerando que ainda há professor que não compreende as fórmulas que apresenta aos alunos.

Com a liberdade que lhe foi dada, narra que implementaram algumas mudanças no curso, como, por exemplo, na disciplina de estágio. Como muitos dos alunos do curso já eram professores em Mossoró, sugeriu que eles estagiassem em municípios vizinhos para conhecer a realidade do ensino nas outras cidades do interior; como havia pensado, os alunos deveriam permanecer quinze dias nessas instituições, mas, como a maioria trabalhava (também em outra áreas) o período de permanência para os estagiários nessas outras cidades foi reduzido para o período de quinta a domingo. Outra atividade que ele criou foi os Seminários de Matemática, nos quais eram dadas palestras sobre a profissão, sobre didática etc., cujos palestrantes eram levados de Fortaleza e Natal. Recorda-se da dificuldade em conseguir recursos com o presidente da FURRN para hospedar essas pessoas.

Além dessas atividades, o professor Luiz Carlos ajudou ainda a criar um curso de pós-graduação, uma especialização, na qual as disciplinas eram dadas pelos professores da UFRN; organizou esse curso por intermédio do primo dele, professor da UFRN, Filipe Trindade. Para esse curso, passaram seis meses com aulas todos os finais de semana, nos turnos matutino e vespertino, e diz que incentivavam muito os professores a participar. Ao término desse período, formaram uma turma de especialistas em Mossoró, graças a esse curso. Depois disso, ele retornou para Natal e não sabe se chegou a ter outras edições do curso.

O professor Benedito recorda-se de ter sido um dos docentes da UFRN a compor o quadro docente desse curso de especialização; lembra que era estruturado por módulos, mas diz que cada um era ofertado em uma semana, tendo ele ministrado a disciplina Álgebra Linear. Acredita que a carga horária foi de trezentos e sessenta horas, pois era a carga horária normal para essa modalidade de curso. Ainda sobre o curso da FURRN, Benedito diz ter passado uma semana em Mossoró, entre 1973 ou 1974, para selecionar professores para o curso.

Chiquito, a quem já nos referimos, e José Arimatéia de Souza, que nasceu em 1950 em Mossoró, foram alunos dessa especialização. Chiquito lembra que ganharam o título de especialistas em Álgebra e endossa que foi um curso dado pelos professores de Natal, que se deslocavam para Mossoró; contudo, ele acredita que foi o governo de José Agripino (governador do Estado, à época) que possibilitou a oferta desse curso em Mossoró.

Tanto Chiquito quanto Arimatéia foram alunos da primeira turma de Matemática da FURRN, em Mossoró, portanto, começaram o curso no ano de 1974. Arimatéia relata que, nesse curso, a metodologia era basicamente o giz e a exposição oral; não tinha mais nada, nem livros. Recorda que os professores explicavam o conteúdo, levavam uma lista de exercícios e os alunos copiavam a punho porque ainda não havia copiadoras e, quando a biblioteca surgiu, eram poucos os livros. Após cursar o primeiro ano do curso, o Ciclo Básico, quando foi para o segundo ano, destinado ao estudo das disciplinas específicas, recorda que começaram os problemas decorrentes da falta de professores no curso de Matemática. Raimundo Filgueira, um dos poucos formados em Matemática que compunham o corpo docente à época, indicou o nome de Arimatéia para "monitor" da disciplina "Matemática" do ciclo geral. Assim, quando começou o terceiro período do curso de Matemática, Arimatéia já iniciou como docente no primeiro período da Faculdade.

Depois que concluiu o curso de Matemática, em 1977, passou de monitor a professor, ensinando Elementos de Matemática para as turmas de Direito e Economia. Em 1986, quando a universidade passava pelo processo de estadualização (que a transformou em Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN), recebeu convite do padre Sátiro, reitor no período, para ensinar na universidade com dedicação exclusiva; convite que aceitou. Assim, passou a ensinar apenas na universidade, no Instituto de Ciências Exatas e Naturais (ICEN), cujos primeiros diretor e vice, temporários, foram Raimundo Filgueira e ele.

Para Arimatéia, um dos professores que mais o marcou durante a graduação foi Raimundo Filgueira, pela grande quantidade de disciplinas de matemática que ministrou para a sua turma, já que somente um tempo depois chegaram Borges e Luiz Carlos. Outro professor que o marcou, segundo conta, foi Chiquito, colega de turma e seu professor na primeira série do ginasial.

Chiquito também aponta a dificuldade que tiveram para conseguir professores formados para ensinar no curso da FURRN como um dos maiores problemas, lembrando que precisavam convidar professores de fora para ir a Mossoró, como ocorreu com o professor

Raimundo Filgueira – de quem Chiquito lembra como único formado na área que os ensinava no início do curso – que não era de Mossoró.

O professor Chiquito, como Arimatéia, também começou a lecionar na universidade quando estava cursando a graduação em Matemática. Ao chegar ao sétimo período do curso, lembra que o professor de estágio era um engenheiro, "doutor Xavier", que precisou se desvincular do curso. O reitor do período, Canindé Queiroz, foi à sala e perguntou se algum dos alunos já havia feito essa disciplina. Como o professor Chiquito já era formado em Letras, passou a ser professor da disciplina de Estágio Supervisionado a partir daquele momento. Ao concluir o curso, recebeu o convite do então reitor padre Sátiro para assumir a cadeira de Prática de Ensino no Departamento de Matemática. Atribui isso ao fato de que lia e escrevia muito bem e tinha muito cuidado com a escrita, o que era um diferencial, pois, no geral, narra que os professores não cuidavam disso.

Desse modo, Chiquito passou a fazer parte do corpo docente do curso de Matemática assim como Arimatéia, e lembram que muitos outros alunos do curso foram aos poucos incluídos no quadro docente após concluírem o curso, ou seja, o próprio curso formou parte do seu quadro docente. Arimatéia lembra, por exemplo, que se formaram dezessete alunos da primeira turma e apenas dois não foram contratados (por não se interessarem).

Devido a isso, poucos anos depois de ter sido criado, o curso de Matemática não apresentava mais problemas de falta de professores, como aponta outro ex-aluno do curso, Joabel Azevedo Dantas, natural de Assu, nascido em 1950. Joabel ingressou no curso de Matemática da FURRN em 1977, mesmo ano em que começou a lecionar em Mossoró, concluindo em 1981. Joabel considera que seu curso foi muito bom. Diz que teve bons professores, como Rafael Arcanjo, Elias Neves, Luiz Carlos, Francisco Amorim, Gerilusa, Chiquito e Raimundo Filgueira. Aponta que, à época, não foi difícil buscar formação porque já havia o curso de Matemática em Mossoró, embora ainda não fosse reconhecido pelo MEC quando ele graduou-se. Segundo narra, o curso foi reconhecido em 1982, quando passou a emitir diploma no lugar do que, antes, era apenas uma declaração.

Nesse período, fins dos anos de 1970 e início da década de 1980, estavam sendo criados outros dois cursos superiores de formação específica para atuação como professor de matemática. Um deles foi o de Licenciatura Curta em Ciências, em Caicó, do qual Almir e Norman passaram a fazer parte do corpo docente após a conclusão do curso de Matemática na UFRN.

O professor Norman tinha começado a ensinar em 1973, em Caicó, e continuou ensinando durante a graduação, em Natal. Foi para Caicó como professor em 1978 e, em 1979, tornou-se o primeiro coordenador desse curso de Matemática. Diz que as dificuldades eram muitas, porque só havia, praticamente, dois professores, ele e o professor Borges. O curso foi iniciado como Licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática, mas já a segunda turma, não tendo aceito cursar Ciências, levou à mudança para Licenciatura Plena em Matemática.

O Núcleo de Ensino de Caicó (NAC) começou a funcionar em 1974, nas dependências do Colégio Diocesano Seridoense (CDS). Inicialmente funcionavam no NAC os cursos de Geografia, História, Pedagogia, Administração e Letras. Em 1979 foram criados os cursos de Ciências Contábeis e Ciências com habilitação em Matemática, todos ainda funcionando no CDS, pois inexistia outra estrutura física. Apenas em 1982 foi criada uma estrutura própria, com a construção de dois blocos de salas de aula. Norman considera que a dependência que tinham devido à falta de estrutura era uma das maiores dificuldades que enfrentavam.

Inicialmente, o curso foi criado e todas as determinações em relação ao seu funcionamento vinham de Natal. Norman, como primeiro coordenador do curso, tinha que ir à capital conversar com os professores, cuidar de todos os documentos referentes ao curso e levar para Caicó. Lembra que havia um livro com todas as ementas dos cursos da UFRN, usado pelos professores para fazer seus próprios planos de curso, tendo havido algumas reclamações dos alunos sobre essa prática, pois não aprendiam visando o contexto em que estavam inseridos. O professor acredita que, apesar disso, os alunos aprenderam o fundamental, pois estudavam matemática, física e química e poderiam ensinar qualquer uma dessas disciplinas para sanar as dificuldades da região.

No curso de Matemática, a biblioteca era incompleta, com livros antigos, implicando outras dificuldades. Em relação ao corpo docente do curso, Norman diz que administravam como podiam: inicialmente o curso contava com apenas três professores – ele, Dineuza e Borges – e as disciplinas pedagógicas eram dadas por dois professores do curso de Pedagogia; no segundo ano contrataram um professor de física e outro de matemática (que iria lecionar Álgebra), e seguiram dessa forma: a cada ano contratando os professores para atender às disciplinas específicas que iam surgindo no Programa.

O professor Almir retornou para Caicó em 1980, quando foi convidado para ensinar na universidade, mas passou por uma seleção na qual tinham que apresentar uma monografia. Também lembra que tinham muita dificuldade com relação à estrutura da universidade –

quando até para realizar a formatura dos alunos precisavam emprestar locais na cidade, pois não havia estrutura para isso – e que a biblioteca era paupérrima, como diz, e, por isso, a maioria dos alunos tinha que comprar os livros, ou faziam apostila, cópias.

Corrobora com Norman no que tange à dificuldade para conseguir professores formados para lecionar em Caicó, pois, segundo ele, todos queriam ficar em Natal. Devido ao número reduzido de professores, relembra que tinham que lecionar, todos os semestres, quatro disciplinas diferentes de matemática e, por isso, diz ter ministrado todas as disciplinas específicas do curso.

Norman lembra que enquanto funcionou o curso básico, o curso de Licenciatura em Ciências, esses professores foram atendendo a demanda, mas quando precisaram começar com a habilitação em Matemática, realizaram um concurso e contrataram quatro professores de matemática de uma só vez: Luis Gonzaga, Damasceno, Barroco e Alberto. Recorda que houve um problema para essa contratação, pois a universidade estava passando por uma crise financeira, do que resultou um impasse entre contratar e não contratar, mas tiveram que fazê-lo, dada a necessidade. Assim, o curso ficou com dez professores no seu quadro docente específico.

Almir e Norman lembram que havia os professores da formação específica e os da parte de ensino, que vinham do curso de Pedagogia, e que a relação entre eles era excelente. Almir diz que sempre conversavam e se comunicavam sobre o que deveria ser explorado nas disciplinas, o que favorecia essa união entre os professores da universidade; além disso, afirmam que os professores da parte pedagógica sempre participavam das reestruturações do curso, sendo sempre consultados.

Norman diz que tudo o que fazia era baseado no planejamento. Analisava os planos de curso, estudava os livros e preparava-se para lecionar o que havia no programa. Relata que trabalhava mais com os números, a aritmética, e, por isso, não sabia como os professores conseguiam demonstrar até sete teoremas de Álgebra Linear sem pegar em uma folha, o que o deixava impressionado. Relata que não aplicava seminários: todos os conteúdos eram explicados no quadro, na oralidade e no giz, e gostava de aconselhar os alunos a lerem o livro, pois poderiam ver algo interessante já que, como considera, a matemática "tem muito macete", muita técnica, o que, às vezes, as pessoas podem esquecer.

Almir lembra que apesar das dificuldades pelas quais passaram, o curso não deixava nada a desejar em comparação a outros, pois isso era assim em praticamente todos os locais – era difícil encontrar um professor com titulação superior à da graduação. Para ele, os

professores se dedicavam muito ao ensino e a prova de que preparavam bem os alunos é que esses eram aprovados em concursos, até para professores universitários, concorrendo com pessoas formadas em outras regiões e até em outros estados.

Como citado por Norman, um dos professores contratado para o funcionamento da habilitação específica foi Luis Gonzaga Vieira Filho, nascido em 1957, na cidade de Cascavel, Ceará. Luis Gonzaga formou-se bacharel em Matemática pela UFC e em seguida iniciou o mestrado. No final de 1981 ficou sabendo do concurso da UFRN e das duas vagas que existiam para Matemática em Caicó. Foi aprovado em primeiro lugar (o segundo colocado foi um professor do Rio Grande do Norte, Álvaro Freire Damasceno).

Luis começou a dar aulas na UFRN em 1982 e lembra que a maioria dos seus alunos da primeira turma já atuava no ensino, alguns dos quais já professores antes mesmo de iniciar a graduação. Recorda que o curso tinha apenas os professores Norman e Almir com formação específica em Matemática e, com o tempo, foram chegando outros, com formação na área, como ele e os demais aprovados nesse concurso. Segundo narra, não chegou a faltar professores; o número de docentes sempre foi suficiente para dar conta das atividades.

Para o professor Luis Gonzaga, não havia outro curso para formar professores na região de Caicó e ele só tinha conhecimento de cursos para formar professores de matemática em Natal e Caicó, achando que não havia, nesse período, graduação nessa área na UERN. Depois, em conversas com alunos, descobriu que havia professores em Caicó que chegaram a realizar um curso em Recife, um curso do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (PREMEN), o mesmo curso de Licenciatura de Curta Duração em Ciências que Almir frequentou.

Sobre o curso de Caicó, Luis Gonzaga lembra que, à época, não tinha uma boa estrutura, nem biblioteca, tampouco autonomia, pois funcionava sob administração do campus de Natal, inclusive com o mesmo currículo do curso de lá. Relata que ficaram nessa situação até o ano de 2003, quando a nova LDB, de 1996, possibilitou haver, em uma mesma instituição, cursos iguais, com currículos e registros diferentes. Diz que ainda demoraram a fazer alterações no currículo, pois não tinham experiência nesse sentido. Atribui o fato de terem realizado mudanças não à lei, mas ao surgimento do “provão”, que os forçou a alterar o curso com o objetivo de que ele continuasse funcionando, pois as notas do curso eram muito baixas, apontando problemas em vários aspectos, como a organização curricular, a estrutura física e o próprio corpo docente, considerado insuficiente. Apesar desses vários aspectos,

julgou-se que a mudança principal deveria ocorrer na estrutura curricular. Foi quando começaram a fazer alterações e, desde então, tentam melhorar o curso.

Norman recorda que o curso de Matemática foi o primeiro do campus a fazer o Projeto Político Pedagógico e ser avaliado, mas era o que passava por mais dificuldades. Tanto que, quando o curso foi avaliado *in locus,* não atendeu vários dos itens da avaliação, pois, como diz, o curso não tinha nada. Depois, com o passar dos anos, as coisas foram estruturadas.

Nélson e Eunice se formaram para ensinar matemática em Caicó: ela na primeira turma da então Licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática, ele na segunda turma. Eunice, que começou o curso em 1979, corrobora com os depoimentos dos ex-professores quanto aos problemas relativos tanto à estrutura física para o funcionamento do campus quanto em relação à necessidade de levar os professores das disciplinas específicas de fora; já Nélson, que iniciou a graduação em 1980 e que teve poucas aulas no CDS, pois logo foram para a sede própria do campus, não relata dificuldades com o corpo docente e diz que a biblioteca era boa, pelo menos nos livros das áreas que mais usava (matemática, física e química). Ambos foram convidados para lecionar em escolas de Caicó logo após a aprovação no vestibular, o que lembram ter acontecido com muitos dos alunos aprovados para esse curso e que até então não davam aulas.

Eunice narra que concluiu o curso de Ciências em 1981 e, em seguida, iniciou a habilitação; a turma seguinte à sua não quis mais o curso de Ciências, o que gerou um movimento entre os estudantes e ocasionou a mudança do curso para Licenciatura em Matemática, já a partir de 1980. Portanto, a única turma formada em Ciências e habilitada em Matemática de Caicó foi a sua. O professor Nélson diz que seria da segunda turma do curso de Ciência, mas, cerca de um ano e meio depois, o curso foi alterado para Licenciatura em Matemática e ele já se graduou com esse título.

Lembra Eunice que as disciplinas específicas eram dadas pelos professores de Matemática, e as pedagógicas pelos professores de Pedagogia. Diz que a convivência entre esses professores era normal fora da universidade, mas, no curso, os professores da parte pedagógica tinham algumas ressalvas em relação a algumas atitudes dos outros, no que tange à didática. Eunice relata que sua professora das disciplinas pedagógicas em Matemática seguia um sistema bem tradicional, mais voltado para a didática geral, pois não tinha conhecimento dos conteúdos específicos.

O que todos esses professores com vínculo com os cursos de Matemática relatam em uníssono, tanto os de Caicó quanto os de Mossoró, é que até a abertura desses cursos nas

respectivas regiões, uma formação mais aprofundada para professores de matemática só existia na capital do estado, Natal, ou fora do estado, em João Pessoa, Recife ou Fortaleza. Esse quadro também é apontado pelos professores que tiveram vínculo com o outro curso de Licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática criado no início dos anos de 1980, o curso da FURRN de Patu, cuja primeira turma é de 1981.

Ozório, Fátima e Zilar foram professores desse curso. Desses, Fátima foi a primeira a se vincular ao curso como professora, em 1984, e lembra que começou a ensinar ali por ter visto muito Cálculo durante sua graduação em Agronomia. Lembra que o campus funcionava no prédio de uma escola de ensino fundamental, onde havia apenas as salas de aula preparadas para o ensino fundamental: filtros, copos etc. Diz que não ouviam nem falar em biblioteca: tinham apenas uma prateleira de livros. A universidade estava começando, tudo muito parecido com o ensino médio, sem credibilidade e, segundo ela, foi uma grande luta para chegar ao ponto em que está atualmente, já que o poder público de Patu não deu a devida importância ao campus da universidade.

A maior parte dos professores do curso era de fora da cidade, tinham formações nas mais variadas áreas e eram contratados como horistas – recebiam por hora/aula – e a instituição atrasava muito para pagar, tendo chegado a ficar cinco meses sem receber salários. Devido a isso, os professores possuíam outros vínculos empregatícios e tinham a FURRN como "bico" para complementar o salário, pois não dava para sobreviver apenas com o que ganhavam nessa instituição, lembra Fátima. Essa situação só melhorou depois que a universidade foi estadualizada, quando os salários aumentaram e não atrasaram mais.

O professor Ozório, também formado em Agronomia, começou a ensinar no campus da FURRN de Patu em 1986, no último grupo de pessoas contratadas sem concurso, pois, no ano seguinte, 1987, foi instituído o concurso público. Iniciou dando aulas de Biologia e Cálculo Diferencial e Integral, mas fez uma especialização em Metodologia do Ensino Superior e da Pesquisa Científica que permitiu que ele assumisse uma série de disciplinas da Educação, como Sociologia, Psicologia etc. que, como diz, são deixadas de lado no curso de Matemática.

O professor também comenta que a estrutura do curso, à época, era elementar, tendo apenas um mimeógrafo, quadro e giz. Lembra que a água era armazenada em um pote de barro, pois não havia geladeira; não existia biblioteca; todos os professores de todos os cursos se concentravam em apenas uma sala, pois não havia departamentos; e todos eram contratados como horistas, sem vínculo efetivo com a instituição, indo à escola apenas nos horários de

aula, ou seja, não desenvolviam nenhum tipo de atividade vinculada à pesquisa e/ou extensão. No ano de 1987, os professores, junto com o reitor e os políticos, pressionaram e conseguiram a estadualização da universidade. Foi quando melhorou a situação do campus e do curso. Depois da estadualização, conseguiram realizar concursos, liberações para os professores cursarem mestrados e doutorados, chegando ao quadro atual em que há muitos mestres e doutores.

Apenas no ano de 1999 o campus de Patu conseguiu suas instalações próprias, quando a Escola Estadual Xavier Fernandes passou a ocupar outra estrutura física conseguida junto ao Governo do Estado, doando o terreno do prédio anterior à UERN. Isso aconteceu, segundo narra Ozório, durante uma das gestões em que ele estava como diretor do campus – ele foi diretor em duas ocasiões.

Ozório lembra que em 2006 foram obrigados a transformar o curso de Licenciatura em Ciências para Licenciatura em Matemática devido às novas diretrizes curriculares nacionais. Relata que as pessoas que tinham concluído o curso até 1998 poderiam entrar no mercado de trabalho com a titulação de licenciados em Ciências (e habilitados em áreas específicas), mas, os que concluíram depois disso, não; precisaram cursar as disciplinas complementares para concluir Matemática e, daí, ter direito a prestar concursos.

A professora Zilar chegou a compor o corpo docente do curso, mas, antes, foi aluna da primeira turma. Ingressou como aluna no ano de 1981, quando já atuava no ensino de Patu há quase dez anos. Corrobora com as narrativas de Ozório e Fátima sobre a estrutura da universidade e o fato do corpo docente do curso ser de toda a região e convidado para dar aula pelo diretor do campus. Zilar recorda que muitos professores desistiam de ensinar na universidade e diz que o diretor se preocupava muito com isso, sempre convidando pessoas que julgava capacitadas para ensinar no curso, buscando, assim, preencher as vagas. Lembra, por exemplo, que quando concluiu o curso, ela e mais duas amigas foram convidadas para ensinar nele, aceitaram e começaram a lecionar. Suas amigas, porém, em pouco tempo desistiram. Além delas, algumas outras pessoas que trabalhavam no Banco do Brasil também chegaram a lecionar lá, mas passavam apenas dois ou três meses e desistiam. Atribui isso ao fato de que os professores eram horistas, recebiam pouco e o salário atrasava muito; ela e outros perseveraram e, quando estadualizou, padre Sátiro propôs um contrato definitivo, como aconteceu em Mossoró.

Também foi aluna desse curso Maria Rivaneide dos Santos Ferreira, natural de Patu, nascida em 1953. Rivaneide começou a lecionar matemática nessa cidade no ano de 1977,

também possuindo apenas o segundo grau completo. Chegou a prestar alguns vestibulares tanto para Mossoró quanto para Patu. No ano de 1985 foi aprovada no vestibular e iniciou o curso de Ciências em Patu, formando-se em 1989.

Rivaneide também lembra que o sistema, na faculdade, era muito tradicional, parecido com o segundo grau: aulas expositivas, com o uso do quadro, aplicação de exercícios, algum trabalho, realização de prova e só; não tinham outros recursos ou metodologias. Além disso, diz que era muito baseado na memorização. Lembra da universidade funcionar no prédio da escola, mas considera que a universidade já estava bem estruturada, pois já tinha sala de direção, cada curso tinha sua coordenação e havia uma biblioteca – mas não sabe se era bem estruturada, pois não chegou a pegar livros emprestados. Também informa que os professores eram de cidades vizinhas, inclusive de Mossoró e Pau dos Ferros, e considera que, em sua maioria, eram bons.

Segundo informam esses professores, foram esses quatro cursos, no Estado, que passaram a formar, em nível superior e de forma mais regular, os professores de matemática para o Rio Grande do Norte, para as mais diversas regiões, pois, como lembram, cada um dos cursos recebia alunos das regiões próximas, chegando a atender cidades circunvizinhas da Paraíba – como é o caso dos cursos de Caicó, Patu, e até Natal – e do Ceará – como é o caso do curso de Mossoró.

Apesar da fundação desses cursos, a criação de programas e cursos emergenciais para formar professores para as diversas regiões do estado não cessa, dada a necessidade de formação institucional inicial ou continuada aos professores em atuação. Alguns dos professores colaboradores dessa nossa pesquisa recordam que o NURE (Núcleos Regionais de Ensino) continuou oferecendo cursos para os professores em atuação durante as décadas de 1980 e 1990.

Zilar, Fátima, Josimá e Rivaneide falam sobre cursos oferecidos no NURE de Umarizal e Mossoró, para o qual iam professores de Patu que passavam uma semana se aperfeiçoando, com aulas nos três turnos. Alguns cursos eram voltados à formação pedagógica e outros para as áreas específicas, visando aprofundar os conteúdos que os professores lecionavam. Eram de Natal e Mossoró os docentes desses cursos e os docentes-alunos eram todos os professores do ensino fundamental, tanto do primário quanto do ginásio, de toda a região.

Nélson, de Caicó, chegou a participou de um curso de atualização no ano de 1982, em Currais Novos, promovido pela UFRN em parceria com o NURE. Esses encontros ocorriam

nos fins de semana, e eram pautados em conteúdos de física e matemática – com foco em álgebra e gráficos –, ministrados por professores que iam de Natal. Visava preparar o professor em relação ao conteúdo para poder atuar em sala de aula. Para esse curso, o NURE fez uma seleção dos professores que desejavam participar e oferecia-lhes algum recurso financeiro, disponibilizando um ônibus que os levava, às sextas-feiras, de Caicó para Currais Novos, e os trazia, de volta, no domingo à tarde, além de subsidiar hospedagem e alimentação, pagas pelo Governo do Estado. O curso durou cerca de seis meses, e aconteceu no campus da UFRN de Currais Novos.

Eunice lembra ter participado de alguns cursos curtos e esporádicos oferecidos pelo NURE, que visavam capacitar pedagogicamente e/ou dar uma formação específica aos professores, mas relata que participou de um dos cursos para formar os professores do Estado devido aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no ano de 1998. No ano seguinte, 1999, abriram um curso de especialização em Caicó, sobre "Formação de professores por uma perspectiva interdisciplinar", curso de que ela também participou.

Zilar chegou a ser selecionada para trabalhar nesse curso que visava formar professores de matemática para entenderem as propostas dos PCN, para atuar nas regiões de Mossoró e Assu. Desse curso, considera que foi muita movimentação e pouca ação, foi algo que não provocou muitas mudanças, pois os professores participavam do curso, se empolgavam, gostavam da proposta, mas, ao retornar às salas de aula, mudavam muito pouco de suas rotinas.

Além desses cursos, Arimatéia, Ozório e Zilar falam do Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO), considerado aligeirado, criado em 1999 como uma saída para cumprir a exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que previa um prazo de dez anos para todos os professores em atuação possuírem o nível superior. Assim, passa-se a oferecer esses cursos no interior, para atender professores já em atuação, do estado e municípios. Era equivalente a um curso de Pedagogia. Zilar explica que davam aulas aos sábados e feriados o dia todo, e os professores do curso davam as aulas nos respectivos municípios em que eram ofertados esses cursos. Iniciaram recebendo um valor muito bom para dar essas aulas que, com o tempo, foi caindo. Recorda de um período em que o estado não liberou mais os professores para participar. Aos poucos, esse curso foi acabando, mas acredita que isso ocorreu quando não havia mais professores para formar. Recorda que tiveram muitas professoras leigas participando do curso, pessoas que, segundo ela, "não tinham condições de dar aulas".

Outro programa que dá alguma formação direcionada aos professores que ensinam matemática, em funcionamento desde 2002, é o Programa de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio (PAPMEM) – antes chamado Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio (CAPMEM) – oferecido nacionalmente em parceria com o Instituto de Matemática Pura e Aplicada. Contudo, Luis Gonzaga, que fala desse curso em seu depoimento, diz que apesar da divulgação, há pouca participação dos professores da rede pública.

O que é apontado indistintamente por todos esses professores, com pequenas ressalvas, é que a formação de professores de matemática (e daqueles que ensinam matemática) foi melhorando muito a partir da criação das instâncias de formação em seus vários níveis, em especial dos programas universitários, que passaram a oferecer graduações especificas.

Sumário PASSOS

Capítulo Movimentos

> Talvez seja este o aprendizado mais difícil: manter o movimento permanente, a renovação constante, a vida vivida como caminho e mudança. (Frase atribuída à Maria Helena Küner, dramaturga).

Ao ingressar no Ghoem, um dos maravilhamentos vivenciados pelo jovem pesquisador, foi em relação à forma de elaboração textual dos trabalhos do grupo; ao modo como as pesquisas eram materializadas em relatórios, dissertações e teses. Nesse grupo de pesquisa já foram produzidos inúmeros trabalhos que usam recursos linguísticos e literários ou subvertem conceitos e noções – muitas vezes cristalizados –transformando-os num modo diferente de construir seus trabalhos.

No projeto do Mapeamento, por exemplo, uma pesquisadora construiu a tese em três tomos distintos, não havendo uma ordem lógica e pré-definida para iniciar a leitura; outra pesquisa foi escrita emulando uma colcha de retalhos; em outra a pesquisadora elaborou uma nova memória a partir das narrativas que tinha elaborado na pesquisa. Houve dissertação em que a pesquisadora criou uma orientação fictícia para explicar e discutir como se deu a construção de seu trabalho. O recurso ficcional foi também mobilizado por mais duas pesquisadoras: uma delas, ao usar a ideia de fragmentos, criou quatro personagens para ajudá-la a discutir sobre a identidade do grupo que estava pesquisando, a outra utilizou o recurso da escrita epistolar e trocou cartas com um historiador fictício. Outro recurso de estilo mobilizado no grupo foi o *multipaper*, com cada um de seus artigos composto por autores, sendo vários os outros, para reforçar a noção de que um trabalho é sempre desenvolvido de forma coletiva. Foram ainda construídos um jogo caleidoscópico para discutir o projeto Minerva, segundo uma concepção wittgensteiniana; e mobilizados histórias de filmes e contos literários como metáforas para a escrita de textos e/ou como inspiradores para a forma[1].

Todos esses trabalhos, fragmentos do Mapeamento, buscam outro modo de dizer, uma forma distinta de narrar pesquisas, de contar histórias. Entretanto, a busca por outros modos de narrar não se dá simplesmente para apresentar os trabalhos de forma diferente, tampouco para o trabalho parecer mais interessante, bonito, ou ainda para a leitura ser mais agradável – isso, se acontece, é uma consequência desses exercícios de escrita. A intenção em buscar outras formas para os trabalhos, outros modos de dizer, é a de que essas elaborações textuais distintas ajudem a teorizar e defender ideias e noções específicas[2].

As formas não são simplesmente formas “em si”, são modos de expor, de fazer, de ser, de problematizar e teorizar, pois, para esse grupo, teorizações, tanto quanto problematizações, são ações feitas de modo intencional e a partir de invenções. Apresentar um trabalho escrevendo-o de um modo diferente é uma maneira de tentar comunicar outras coisas e, concomitantemente, estudar quais potencialidades têm essas formas para comunicar aquilo que o pesquisador deseja, problematizando como essas formas podem apoiar os fazeres acadêmicos.

É em meio a essas discussões que aquele jovem pesquisador ingressa no grupo, entendendo, já daí, que falar sobre algo “de modo diferente” não é, simplesmente, dizer a mesma coisa de forma diferente, mas, sim, dizer coisas diferentes, possibilitando atribuir significados distintos e construir outros conhecimentos[3]. Estando imbuído dessas noções é que, já no mestrado, o pesquisador realiza uma nova tentativa de escrita: propõe a subversão da noção de quebra cabeça para pensar o modo de produção historiográfica que havia efetivado e como o entendia. A sugestão desse pesquisador era usar o jogo de quebra cabeças como metáfora para pensar o projeto do Mapeamento, pensando, a partir daí, os projetos como peças de um grande jogo, no qual cada peça era, em si, um novo jogo, formado por outras peças. Para propor essa metáfora era necessário desconstruir a noção usual de quebra cabeças, propondo pensar um novo jogo no qual as peças não precisam necessariamente se encaixar de forma perfeita; um jogo em que algumas peças são maiores e outras menores; em que há peças existentes e inexistentes; peças que montam (ou não) outras peças; e que não formam, obrigatoriamente, imagens perfeitas, mas, sempre, imagens plausíveis, possíveis de atribuir algum significado e resultados de uma atribuição de significados; um quebra cabeças que nunca se fecha, nunca se completa, se regulariza, ou se cristaliza, que não tem, portanto, a intenção de ser totalizante e único. Assim, para montar um quebra cabeças possível sobre a formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte, o pesquisador mestrando criou quatorze textos, quatorze “peças”, em que cada uma delas, assim como a de um quebra cabeças usual, era única, e, portanto, tinha um estilo de escrita único, com suas próprias metáforas, técnicas textuais e estilos distintos. Como ele propunha, entendia que as peças desse novo quebra cabeças, assim como ele próprio – e a própria história que se pretendia narrar –, eram peças sempre passíveis de formar novas formas, formas outras, mas, sempre em movimento, sempre em devir[i].

[i] O trabalho na íntegra, bem como maiores informações sobre sua elaboração textual, podem ser encontrados em Morais (2012), disponível para *download* em: www.fc.unesp.br/ghoem/trabalhos/42_3_dissertacao_marcelo_morais.pdf.

A intenção de subverter a ideia e a forma do quebra cabeças, escrevendo, inclusive, de modos distintos cada texto, era a de materializar, tanto quanto possível, o modo como entendia as histórias que pretendia narrar: embora parecessem fixas, estáveis e imutáveis, eram invenções que podiam ser repensadas e recriadas, tomando novas formas, mostrando mais e mais o fluxo em que se vive. Ambicionava mostrar que aquelas peças eram peças possíveis, mas que, certamente, existiriam muitas outras possibilidades, outras peças passíveis de serem inventadas; pretendia reafirmar, a cada texto, que é possível se reinventar de forma diferente e que, no limite, é isso que sempre se faz; que toda história é criação, mesmo que não se diga, e reafirmar a necessidade de utilizar modos diferentes de escrever para comunicar coisas diferentes.

Nesse primeiro exercício o que ele não conseguiu foi mostrar a não linearidade da história que criou, pois em sua narrativa criou um texto-peça-história sobre a formação de professores de matemática na região de Mossoró/RN um tanto quanto estática, estanque, o que ele só veio perceber mais tarde.

Com isso, ele já iniciou seu doutorado impregnado com a concepção de que tentaria materializar, na escrita da tese, o que pretendia defender – fosse utilizando o modelo padrão, nos ditames sugeridos pela academia, fosse num dos modelos já exercitados pelo grupo, ou, ainda, em um novo. Para ele, o texto tinha que ser parte daquilo que desejava compor, parte do que desejava comunicar e defender. E foi assim que, já no início do doutorado, pensando em seus objetos de pesquisa, nos modos de produção de dados e no que pretendia discutir, começou a aventar possibilidades de escrita. Pensou inicialmente em continuar mobilizando a noção do quebra cabeças que havia proposto, ou ainda escrever por tomos, por fragmentos ou retalhos, mas ele sabia que a escolha da forma não estava ligada apenas ao gosto e, sim, ao que se pretenderia comunicar. Para isso, naturalmente, ainda teria um bom caminho para percorrer, pois o que iria elaborar dependeria do desenvolvimento da pesquisa e do que surgisse ao longo desse processo. Foi assim, então, que partiu para a pesquisa “de campo”, e para os estágios que realizaria na UERN e UFRN.

Independente da forma como fosse escrever sua tese, um dos recursos que já pretendia utilizar novamente, pois já o tinha feito no mestrado, era o das metáforas, fosse com filmes ou literatura, fosse como forma de construção de texto ou para desestabilizar ideias. Devido a essa opção, em uma reunião do Ghoem ainda durante o final do seu mestrado, uma das primeiras possibilidades vislumbradas foi partir da leitura d’*A quinta história*, de Clarice Lispector, que poderia ser mobilizada para discutir a produção de narrativas históricas, posto

que, nesse conto, a autora criava histórias diferentes ao narrar um mesmo acontecimento de modos distintos.

Assim, visando melhorar seu estilo de escrita e pensando na possibilidade de buscar, na Literatura, apoio para a construção dos textos que viriam a compor sua tese, e, ainda, por indicação de seu orientador, o doutorando começou, de uma forma mais periódica e regular, a fazer leituras de obras literárias ou outras formas de narrativas – como, por exemplo, biográficas, epistolares, entre outras. O que o pesquisador não esperava é que aquele movimento, até certo ponto tão despretensioso, pudesse se tornar parte importante do desenvolvimento de sua pesquisa, impulsionando-o a pensar alguns rumos para a tese.

Uma das primeiras e principais inquietações foi provocada ao ler *A metamorfose,* de Franz Kafka, pelo modo como o autor, para o doutorando, consegue construir uma narrativa que aparentemente trata da "bestialização" do humano. Para o pesquisador, ficou muito forte a impressão de que o personagem principal da narrativa não se percebeu como sujeito naquela metamorfose, sendo esse o processo simbólico para representar o que talvez o autor desejasse tematizar: a perda da sensibilidade em relação a si mesmo, nutrida pelos estilos de vida que levam os sujeitos a pararem de pensar em si mesmos ao se enquadrar em formas e fôrmas, padrões que são sempre deformantes, em processos de individuação[ii] que anulam a subjetivação. O protagonista da história vai mudando, transformando-se, e não pensa o acontecimento como um problema seu, não percebe o impacto daquele fato em sua vida, não se percebe em si mesmo, por estar sempre preocupado com outras coisas: com o seu chefe, seu emprego, sua família, sua rotina. Pensa no outro, repara sempre na reação do outro, percebe sempre o impacto para o outro, o que, aparentemente, e de algum modo, já se anunciara na sua vida, em sua rotina doutrinante, a ponto dele começar a se transformar em barata e não se incomodar com isso. Já era um ser-humano que, em certa medida, perdia sua humanidade, um ser-humano que se transformava em algo sem perceber-se humano. Para o pesquisador, de algum modo isso o remetia a alguns de seus colaboradores que, aparentemente, nunca tinham se percebido em processo, não pareciam ter observado, antes, se havia acontecido com eles algum tipo de transformação, não percebiam, no limite, a si próprios... Agora, além das baratas da Clarice, havia a grande barata de Kafka como possibilidades de metáfora.

[ii] Para Guattari e Rolnik (2005, p. 31), o processo de individuação, diferente – ou quase oposto – ao processo de subjetivação, é o processo resultado de produção de massa. "O indivíduo é serializado, registrado, modelado [...] A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo".

Entretanto, aquelas duas histórias iriam ecoar muito mais forte para o pesquisador quando, durante a produção de seus dados, encontrou-se com baratas reais, ao se hospedar na "Casa de Apoio ao Estudante" existente em uma das cidades por onde passou. Essa casa de apoio ao estudante é um imóvel alugado pela universidade e serve para os alunos dessa instituição que precisam estagiar na cidade e nela não residem. Ao deparar-se com a presença das pequenas criaturas naquele local direcionado para os alunos em formação e, dentre eles, também futuros professores de matemática, e sendo mobilizado pelas concepções teóricas que começava a formar para si, o pesquisador refletiu que são, essas vivências e experiências, pequenas coisas que parecem não importar a alguns, mas que também formam. Isso o remeteu a pensar que seus professores colaboradores possivelmente também passaram por experiências tão "insignificantes" quanto aquelas, mas que também, ao fim e ao cabo, os formaram, assim como ele próprio, pesquisador, também se formava naquele momento, em processo... E foi esse o ponto mais inquietante daquelas experiências com baratas! O pesquisador observou que, até então, não se percebia em formação. Sabia-se em formação, mas não observava e não pensava sobre ele próprio: até então, formava-se por estar inserido num ambiente institucional específico, desenvolvendo atividades próprias àquele ambiente que resultaria num fechamento desse movimento de formação. Embora muito falasse sobre a sensibilização no e para o processo de pesquisa, embora muito discutisse com o Ghoem sobre observar-se durante a pesquisa, sobre a postura do pesquisador, sobre pensar e questionar o processo, percebeu que sempre se observava como *o* pesquisador e não como *um* sujeito que é, entre outras coisas, *também* pesquisador.

Esse movimento o remeteu às discussões de uma disciplina que havia feito no início do doutorado[iii], quando, ao discutirem sobre o estudo do outro – que é, via de regra, o que fazem os pesquisadores em educação matemática – surgiram alguns questionamentos sobre por que estudar o outro. Os pesquisadores genuinamente se preocupam com o outro? Tenta dialogar com ele (para entendê-lo)? Para não julgá-lo? Para abrir possibilidades de aceitá-lo? Para conviver com ele? Para quebrar hierarquias epistemológicas? Para derrotá-lo/dominá-lo/sobreviver? Para produzir mais? Para decidir que caminhos tomar? Por interesse próprio? Para entender a si mesmo? E esses movimentos fizeram com que o pesquisador, quase que instantaneamente, se questionasse: "Estou perdendo minha humanidade ao falar do outro e de mim mesmo como aquele ser distante? Estou, como Gregor Samsa, me transformando em

[iii] Referimo-nos à disciplina *Educação Etnomatemática: história, cultura e prática pedagógica*, oferecida no PPGEM/Unesp em 2013.1, e ministrada pelo professor Roger Miarka.

barata, até então, sem perceber? Por que falar da formação desses professores? Por que desenvolver um estudo tematizando a migração?".

Nesse momento remeteu-se, então, às discussões de outra disciplina[iv], e do próprio Ghome, recordando que trabalham numa concepção de pesquisa que se opõe à perspectiva positivista na qual o pesquisador se nega, se anula, se coloca a observar e falar do seu "objeto de estudo" de um lugar que é um lugar nenhum, neutro e imparcial; em que esse mesmo pesquisador não participa dos processos que estuda, não interfere na realidade, não tem intenções particulares com a pesquisa. Percebeu que, mesmo negando essa perspectiva, de algum modo, e em grande medida, agia ainda dentro dela ao se perceber em processo de quase-barata.

A partir dessa experiência, e por tudo o que estudava e compreendia, decidiu colocar-se como ator dos cenários do qual falava, observando, daí, que uma das coisas que o levou a tematizar a migração foi o fato de ser ele também um desses migrantes e ter convivido com outros viajantes, e que isso impactou, de um ou outro modo, seu processo de formação e o daqueles outros com quem conviveu, notando que consequência disso era o fato desse tema causar-lhe incômodo.

Foi aí que se questionou sobre si mesmo, para pensar no processo de teorizar seu tema: "Mudei com a mudança? Ou só mudei de espaços? O espaço mudou-me, ou mudou-se comigo? Trago na pele só o efeito do forte sol de onde venho, ou levo na pele o calor das pessoas de minha região? Só levo um sotaque que não me permite mentir sobre minhas origens, ou levo, com esse, as falas daqueles que estão comigo (e se fizeram comigo, me permitindo ser quem sou)? E esses, ficaram realmente ou foram em mim, em meus pensamentos, em meus sentimentos, em minhas memórias? Esses 'foram' ou 'são' em mim? Isso me faz diferente? Me forma diferente? Sou outro por isso?".

Foi a partir dessas perguntas e das leituras e das concepções teóricas que passava a defender que o pesquisador começou a perceber e elaborar uma nova noção sobre a formação de professores de matemática, pois as perspectivas que levam a entender que esse é um processo que acontece exclusivamente ou de forma mais ostensiva em cursos de formação, projetados e voltados para esse fim, não possibilitam tratar outros processos de formação e, possivelmente, nem têm interesse nesses processos pessoais e subjetivos que também formam professores de matemática.

[iv] Referimo-nos a uma discussão realizada na disciplina *Identidade, cultura e subjetividade*, do PPGCISH/UERN, a partir do texto de Keller (1996).

Ficava cada vez mais claro para o pesquisador que o professor, como qualquer outro sujeito, é formado de forma coletiva, atravessado pelos tempos e espaços, pela multiplicidade de histórias até então vividas, pelos múltiplos e complexos processos internos e externos pelos quais passa, pelo manancial de recursos que recebe do meio em que está inserido, e que é a partir desses que atribui significados para o mundo, que o levam a experienciar o mundo de dado modo, tornando-o professor sempre com formação singular[4], "poucas pessoas dominam a gama completa de ferramentais [...] nós crescemos inteligentes em certas esferas e permanecemos incompetentes em outras a cujas ferramentas pertinentes não fomos 'apresentados'"[5].

Ao passo que isso ficava claro, o pesquisador compreendia também que, pensar a formação de professores de outro modo não implicava eliminar classificações ou definições já existentes, não significava negar a formação que certamente acontece e acontecia também nos cursos específicos e voltados para tal, ou, tampouco, eliminar modelos de compreensão sobre formação de professores de matemática já difundidos. Pelo contrário, compreendia que outro modo de pensar possibilitaria ampliar compreensões sobre esse tema. Ele via que conceber a formação do professor de modo mais abrangente possibilitaria atribuir outros sentidos aos acontecimentos que se tem sempre investigado nas pesquisas em Educação, no geral, e em Educação Matemática, em particular, como, por exemplo, por que de, muitas vezes, ter em cursos de formação alunos com concepções tão distintas sobre o que é ser professor de matemática e qual a importância da disciplina que irão ensinar, mesmo sendo alunos imersos num mesmo contexto social e espaço-temporal; por que de ter alunos que saem do mesmo curso, em que teoricamente receberam a mesma formação, com ações e crenças tão diferentes; e por que de um professor ensinar de uma forma, ter determinada didática e construir uma dada relação com seus alunos ao passo que outro, tendo passado pelas "mesmas" instâncias formadoras age de outros modos.

Imerso nesses pensares, questionando essas perspectivas, esse doutorando continua a pensar na forma para a sua tese, o que já o havia feito apontar inúmeras possibilidades e descartar outras: se pretendia falar do sujeito como alguém em constante processo de formação, e sendo esse formado pelo todo, os tomos, os quebra cabeças, fragmentos e retalhos em que havia pensado inicialmente lhe sugeriam, agora, uma noção de partição, de fragmentação, divisão e segmentarização que contrariavam, assim, o que pretendia defender. Pensou na possibilidade de elaborar uma narrativa a partir da história de um dos colaboradores, recriando-a, e, a partir dessa, contar a história de um contexto e as

subjetividades desse sujeito, como em outras narrativas que havia lido[6]. Contudo, tinha muitas narrativas em mãos e, embora longas, elas não contavam detalhes suficientes para um exercício assim, o que poderia deixar o texto pobre, do ponto de vista da estética. Daí pensou em colocar-se como sujeito central da história que pretendia narrar, já que havia se percebido em processo. Mas não sabia, ainda, como desenvolver isso. Aventou inúmeras possibilidades: escrever cartas, diário, memórias, romance; escrever com uma ou muitas de suas inúmeras identidades – filho, esposo, tio, religioso, pesquisador, irmão etc; escrever da forma padrão, nos moldes canônicos da academia. Todavia, por um ou outro motivo nenhuma dessas possibilidades aparentemente materializariam o que pretendia discutir e, o mais importante, aparentemente não possibilitariam realizar a discussão teórica e a construção das histórias que pretendia narrar.

Foi com essas e muitas outras dúvidas que voltou a Rio Claro após as entrevistas e os estágios que realizou. Ao conversar com seu orientador sobre as ideias que havia tido, o que havia construído conceitualmente e, principalmente, as dúvidas que o inquietavam quanto à forma, esse sugeriu que aguardasse, pois, com o tempo e maturação das ideias, o modo de falar apareceria, sugerindo que continuasse com a leitura das obras literárias, pois delas poderiam surgir outras possibilidades para a escrita.

Com esse objetivo, durante aquele semestre, sugeriu e criou, com outros membros do Ghoem, um subgrupo de estudos que chamaram de Literatura e Narrativas, no qual tinham como intenção ler obras literárias e discutir não apenas as histórias, seus enredos, mas também, e principalmente, as formas de elaboração dos textos, os estilos, os recursos mobilizados e as técnicas, tentando perceber as possíveis intenções do autor ao narrar e o contexto em que narravam, impulsionando, daí, discussões e reflexões em torno das narrativas, dos processos de escrita e das formas de análise.

Uma das obras lidas e discutidas neste grupo, que também se mostrou relevante para esse pesquisador, foi *O visconde partido ao meio*, de Ítalo Calvino. Nessa obra, o autor fabula a história de um Visconde que, ao participar de uma guerra, é dividido ao meio. Embora tendo conseguido manter vivas as duas metades, com a divisão acontece também a separação da natureza subjetiva desse personagem: uma das metades é um Visconde do bem, a outra é o seu lado mau. O que inquietou o pesquisador é como pode ser tão absurdo pensar naquela divisão do Visconde mas não parece absurdo propor uma formação de professores deslocada da realidade dos sujeitos em seus ambientes externos às instituições escolares. Como pensar protocolos de formação pautados na neutralidade que alguns atribuem aos pesquisadores, nos

processos de pesquisa, na academia? Como para alguns poderia ser absurdo propor dividir o bem e o mal naquele Visconde, mas não ser absurdo considerar o professor separado de suas outras subjetividades de pai ou mãe – ou quaisquer outras identidades que ele tenha? Essas reflexões somaram-se às inquietações provocadas pelas baratas – ao perceber sua formação em processo, de perceber-se como sujeito –, reforçando a perspectiva que começava a elaborar sobre a formação dos professores, sendo, ele mesmo, um desses professores.

Devido a isso, esse pesquisador decidiu que não mais poderia continuar com a postura que até então tinha. Decidiu que narraria aquela história, que era a sua, não mais como se não fosse um sujeito sem intenções, em uma terceira pessoa, usando um singular, ocupando a posição de um narrador neutro, aquele que sabe tudo o que acontece mas não atribui juízo de valor, como se não tivesse corpo, sensações e sentimentos. Decidiu que não ocuparia mais a postura desse "eu" narrador; esse eu que vinha, até agora, narrando a história de um "ele", como se esse "ele" não fosse também um "eu". Assim, decidimos – ele e eu, pesquisador e narrador; nós: o pesquisador, o esposo, o filho, o irmão, o tio e todos os outros que também são nele e em mim; o orientador, o Ghoem, professores, amigos, entre muitos outros – narrar essa história, que é "minha", em um plural. Não um plural neutro, mas um plural que reafirma uma multiplicidade que fala e age nesse eu-pesquisador, que forma e é formado por tantos outros[7]. Doravante, passamos a falar sempre de uma forma ativa, pois nos percebemos em constante processo de formação e sem a possibilidade de separação de um ou outro "eu" que forma esse todo, esse sujeito múltiplo que somos.

Essa era talvez a nossa mais radical decisão para a forma: defender nosso processo de formação, mostrando os movimentos que o rodeavam, as intenções que nos moviam e tudo mais que julgássemos importantes e que tivessem feito parte desse processo. Mas, ainda assim, não sabíamos como isso se daria. E essa nossa angústia pela forma ainda perduraria por algum tempo...

Retomando os impactos para a pesquisa causados a partir da leitura do conto do Visconde, e tomados pela intenção de defender a noção de formação de professores como estávamos elaborando – numa perspectiva de subjetivação –, uma outra decisão tomada foi em relação ao processo de textualização das entrevistas. Sabíamos que a textualização é o processo no qual recriamos, como pesquisadores, o texto resultante da transcrição (ou degravação) das entrevistas. Sempre reafirmamos que esse texto não é, em hipótese alguma, a própria entrevista, ou mero resultado dela, mas, sim, uma recriação, em texto escrito, daquele momento, a partir de um processo de atribuição de significados do pesquisador que elabora

um novo texto, com base no que foi transcrito da gravação, tentamos “manter o tom vital” do entrevistado – ou, poderíamos ainda defender, um tom que o entrevistador acredita ser o do colaborador –, que lerá esse novo texto e fará (ou não) sua textualização – um novo processo de criação –, do que poderá seguir outra textualização, e tantas outras quantas forem necessárias, num processo de negociação e elaboração conjunta, entre pesquisadores e colaboradores, que resultará em texto que servirá às nossas intenções e no qual ele, colaborador, se reconheça como sendo também autor, como se, de fato, fosse o registro daquilo que ele teve a intenção de comunicar no momento da entrevista. Esse texto final elaborado a partir desse processo de textualizações é o texto no qual o colaborador, de algum modo, se reconhece, legitimando-o e cedendo os direitos de publicação, e o qual incorporamos no trabalho final, tornando-o público, sendo essa versão a que mobilizamos para proceder nos movimentos de atribuição de significado que se convencionou, na academia, chamar de “análise de dados”[8].

Assim, entendendo ser a textualização um movimento livre de regras e formas preestabelecidas, estando esta, via de regra, ligada aos gostos e intenções do autor, optamos por produzir um texto que mostrasse as subjetividades dos sujeitos envolvidos no processo da entrevista, mesmo que realizando procedimentos de aprimoramento do texto, suprimindo trechos, reformulando falas, removendo vícios naturais da oralidade. Optamos, assim, por manter no texto a estrutura do momento da entrevista, em que aparecem entrevistador e colaborador, com todas as interrupções, os movimentos de idas e vindas naturais da memória e do processo de comunicação. Essa escolha contrastava, por exemplo, com a que fizemos no mestrado, em que as narrativas resultantes da textualização eram textos corridos, no qual só os colaboradores apareciam falando em primeira pessoa. Embora também acreditando que a leitura de uma textualização nesse formato contínuo fique mais fluida e, assim, talvez seja mais agradável, entendemos agora essa forma como inadequada diante das intenções que nos levavam a trabalhar com os sujeitos e suas subjetividades.

Desse modo, as entrevistas foram transcritas e, na sequência, textualizadas visando deixá-las nos parâmetros que havíamos proposto, respeitando as subjetividades e os modos de se criar dos envolvidos no processo, pesquisador e colaboradores. E durante esse processo de transcrição e textualização – para nós, sempre difícil e cansativo, mas que julgamos de extrema importância pelas elaborações de significados que ocorrem durante esses processos –, começamos a perceber inúmeros detalhes da formação daqueles professores que até então não havíamos observado, como o fato de, para alguns, seus mestres, na infância, terem

influenciado seus modos de ser docentes, as fortes relações desses sujeitos com os espaços e dos próprios espaços entre si – num movimento de relações, como, por exemplo, entre campos e cidades, centros e periferias –, enfim, sinais de formação que, sabíamos, só nos foi possível notar por termos passado a compreender a formação de professores de matemática de um ponto de vista mais amplo, incluindo outros movimentos singulares como parte dos processos de formação.

Foi também desenvolvendo esse processo que começam a surgir as primeiras possibilidades concretas da forma que daríamos ao nosso trabalho, principalmente após a leitura de *Se um viajante numa noite de inverno,* também de Ítalo Calvino, e muitos momentos de reflexão na linha 764 da *Carris*, que nos transportava da Damaia à Cidade Universitária de Lisboa, e vice versa, quando residindo em Portugal. Esse processo aconteceu em 2015, enquanto desenvolvíamos outra fase desse doutorado: um estágio sanduíche na Universidade de Lisboa, supervisionado pela prof. Dr. Hélia Margarida A. P. Oliveira. Ao ler esse livro de Calvino, que narra a saga de um leitor em busca do livro "ideal", aventamos a possibilidade de elaborar diferentes histórias para o processo, dividindo a tese em três tomos: no primeiro, narraríamos o processo com foco no movimento de teorização, no segundo, o foco estaria nas fontes e, no terceiro, o foco estaria na análise, aproximando-nos de um dos exercícios já realizados no Ghoem[v]. Essa intenção foi, mais tarde, reforçada com a leitura de *Nove Noites,* de Bernardo Carvalho, que narra a história da investigação que o autor desenvolveu em busca de desvendar os motivos da misteriosa morte de Buell Quein, um antropólogo americano que desenvolveu pesquisas em tribos indígenas brasileiras na primeira metade do século XX.

Do modo como imaginávamos, essa forma potencializaria discutir distintos modos de narrar uma história, problematizar as potencialidades das fontes, os diferentes métodos de análise e, ainda, problematizar a constituição do sujeito como sendo algo móvel, singular e concomitante. A forma potencializaria abrir diferentes discussões e trazer as múltiplas perspectivas teóricas que nos ajudavam a desenvolver a tese, o que percebíamos ser quase impossível fazer no modelo canônico, no qual temos que resumir em um capítulo, de forma linear e "natural", como uma teoria "simplesmente" é construída a partir de "algumas

[v] Baraldi (2003) realiza um movimento dividindo a tese em três tomos. Em um deles ela traz textos teóricos e metodológicos, em outro apresenta as narrativas de seus colaboradores e, no terceiro, apresenta suas análises. Os tomos são independentes, sendo possível ler separada e isoladamente cada volume, mas eles são também interconectados por *hiperlinks* (na versão digital) ou referências (na versão impressa), estratégia que permitiu que os tomos se conectem a todo o momento.

leituras" que constituem o nosso "referencial teórico", num movimento que, acreditam alguns, seria também "natural" para outros leitores interessados nos trabalhos que mobilizamos.

Essa forma potencializaria mostrar uma teoria sendo construída em movimento, apresentando diferentes elementos que influenciaram o processo, possibilitando falar inclusive de literatura, pois, o que percebíamos, nesses processos, é que a literatura não ocupava um espaço coadjuvante, mas era uma marca destacada que também nos movia, de um ou outro modo, nos processos de teorização. Foi nesse ínterim que percebemos o que falava Vicente ao nos orientar, quando dizia que a literatura poderia "ser porta de entrada para uma sensibilidade que tem estado ausente em nosso meio de pesquisa", podendo ter, nos trabalhos, uma "participação mais visceral", em que "elas, efetivamente, façam parte de um movimento intencional de teorização. [Pois] As narrativas criam realidades ao mesmo tempo em que os narradores são criados"[9].

A literatura, em nosso processo, era um dos meios que nos movia a pensar de dado modo, que nos fazia perceber a constituição dos sujeitos, a indivisibilidade deles, a forma como pequenos momentos nos atravessam, tornando-se experiência, constituindo-nos e, assim, nos formando como e quem somos. De fato, a literatura estava nos servindo para esse movimento de sensibilização, de percepção dos indivíduos, dos sujeitos, e de nós mesmos como sujeitos, bem como para percebermos e falarmos das histórias dos sujeitos que conosco colaboraram. Como não ser movido a pensar na formação das subjetividades, na existência de múltiplas temporalidades e espacialidades, na experienciação, ao ler os contos de *Felicidade Clandestina*? Como não pensar na desconstrução de conceitos aparentemente fixos, na não normalidade das coisas, na inquietação frente ao que é tido como natural ao ler *Elogio da Loucura*? Ou ainda, como não pensarmos e percebermos o quanto não valorizamos os saberes individuais, o quanto tornamos menos importante experiências que não são as da academia, ou o quanto desprezamos tantas vidas e circunstâncias ao lermos qualquer uma obra que põe em foco as subjetividades[10]?

Essas "outras" narrativas nos faziam refletir tanto quanto as narrativas dos colaboradores, nos levando a pensar nas "vidas reais", pois "mesmo as ficções mais fantasiosas, mesmo as mais impossíveis invenções da palavra-texto são potentes descortinadoras da realidade"[11]. Essas obras nos movimentaram a pensar, tanto quanto os textos acadêmicos, fazendo-nos perceber e propor novas concepções; nos impulsionaram a tentar elaborar uma teorização. Nesse processo, enquanto os textos teóricos nos mobilizavam a pensar sobre o mundo de forma abstrata, cada narrativa, incluindo as ficcionais, davam

forma para as coisas do mundo real e, muitas vezes, nos ofereciam credenciais de acesso à realidade[12], pois o científico, no geral, tende a ocultar ou dissolver os "caracteres existenciais, subjetivos, afetivos do ser humano, que vive suas paixões, seus amores, seus ódios, seus envolvimentos, seus delírios, suas felicidades, suas infelicidades, com boa e má sorte, enganos, traições, imprevistos, destinos, fatalidades..."[13].

O movimento de teorização, para nós, "se caracteriza como uma intenção de produzir conhecimento por meio de um relato sistematizado de experiências. Ao teorizar, contamos uma história, produzimos significados e constituímos objetos em uma direção"[14]. Esse processo permite envolver a literatura por entendermos a teorização não como um movimento em que citamos autores, "sábia e cuidadosamente pré-selecionados, que dêem credibilidade à produção ou sirvam, de algum modo, como autoridade que apenas citamos de modo declaratório para depois abandonar"[15]. Teorização, para nós, é um processo humano, em que nos nutrimos de ideias, procedimentos e abordagens que nos sirvam para criar sentido. Entendendo desse modo, a teorização é um processo resultante de leituras, experiências, visualizações, pontos de vista, citações, impressões, discussões, conversas, ou seja, é um processo em que apresentamos os significados e os objetos que constituímos e o que serviu como base para sua construção. Certamente, é tanto resultado de "uma composição argumentativa lógico formal (se...então, se... então) quanto de um conjunto atordoante de pontos de vista caóticos"[16]. É resultado de uma racionalização individual, como também da nossa formação coletiva; é fruto tanto de nossas leituras e reflexões quanto das nossas discussões com grupos de pesquisa, colegas de disciplinas e outros sujeitos com quem nos formamos diariamente; é, portanto, resultante de uma verdadeira antropofagia: "expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorando"[17].

Assim tentamos agir para a teorização, sempre abertos para quaisquer elementos que pudessem nos auxiliar a elaborar e falar sobre o que pretendíamos e do modo como gostaríamos, pois "tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido [...]", para nós é bem-vindo. Corroborávamos, portanto, a idéia de que "Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas"[18].

E nesse movimento, nesse processo de teorização, o contato com tantos autores, tantas narrativas, literárias, memorialísticas, históricas, começavam a apontar, para nós, outras possibilidades de histórias sobre a formação dos professores de matemática no Rio Grande do Norte; nos mobilizavam a perceber outros movimentos como parte dos processos desse acontecimento, iam além dos cursos regulares, institucionais, intencionais, e *diziam de*

possibilidades dentre as quais muitas outras nos escapam. Isso nos fez também perceber que, se ao entender a formação de modo diferente vemos coisas diferentes, a linguagem era parte dos problemas em que estávamos imersos.

---

[1] Os trabalhos que realizaram esses diferentes exercícios de estilo são, respectivamente: Baraldi (2003), Gaertner (2004), Seara (2005), Galetti (2004), Silva (2007), Fernandes (2011), Souza (2011), Pinto (2014), Toiller (2013) e Fernandes (2014).
[2] (GARNICA, 2015; GARNICA; SILVA; FERNANDES, 2011).
[3] (GARNICA, 2015; BRUNER, 1997; 2014)
[4] (MASSEY, 2008; MORIN, 1996; HALBWACHS, 2006; DELEUZE; GUATARRI, 1995; 1979; 1996; FOUCAULT, 1979; 1999; GUATTARI; ROLNIK, 2005; BRUNER, 1991; 1997).
[5] (BRUNER, 1991, p. 2)
[6] (LISPECTOR, 1999; CALVINO, 1994; MAIOR, 2012; ASLAN, 2013; QUEIROZ, 2004; XAVIER, 1996; PEREIRA, 1997).
[7] (DELEUZE; GUATTARI, 1995; FOUCAULT, 1979)
[8] (SILVA; VIOLA DOS SANTOS, 2012; GARNICA, SILVA; FERNANDES, 2011; BARALDI, 2003; GAERTNER; BARALDI, 2008).
[9] (GARNICA, 2015, p. 8).
[10] (CALVINO, 1994; 1996; 1999; MAIOR, 2012; ASLAN, 2013; QUEIROZ, 2004; LISPECTOR, 1998; 1998a; 1999; KAFKA, 2011).
[11] (GARNICA, 2015, p. 9).
[12] (BRUNER, 2014, p. 18).
[13] (MORIN, 2014, p. 43-44)
[14] (SILVA; VIOLA DOS SANTOS, 2012, p. 126).
[15] (GARNICA, 2015, p. 12).
[16] (GARNICA, 2015, p. 12).
[17] (ROLNIK, 1989 *apud* GARNICA, 2015, p. 13).
[18] (ROLNIK, 1989 *apud* GARNICA, 2015, p. 12).

Sumário PASSOS

A complexa relação entre sujeito, espaço e sociedade: uma possibilidade que por vezes nos escapa

Dadas a Proclamação da República do Brasil, a laicização do ensino, a criação de uma rede de instituições escolares ligadas à igreja e a consolidação dessas instituições, muitas foram as cidades e, às vezes, grandes regiões, cujas ofertas de níveis mais avançados de ensino, ou mesmo algum tipo de instrução, ocorriam apenas em instituições confessionais. No Rio Grande do Norte, as cidades de Natal, Caicó, Assú e Mossoró são exemplos das que receberam instituições dessa natureza e para onde muitos alunos, ou famílias inteiras, se deslocaram para receber educação ou poderem avançar os níveis de ensino que já haviam cursado[i].

As cidades que recebiam essas instituições confessionais, aparentemente, eram as mesmas que detinham certa centralidade quanto aos poderes econômicos, políticos e/ou culturais no estado do Rio Grande do Norte; as mesmas cidades que já possuíam também as melhores estruturas de ensino existentes (fossem particulares ou públicas), e que passaram, posteriormente, a receber também grandes investimentos dos governos na área de educação, como a instalação de instituições públicas com níveis mais avançados de ensino, a implantação das sedes dos Núcleos Regionais de Ensino (NURE), posteriores Diretórios Regionais da Educação e da Cultura (DIRED), a criação de Escolas Normais e/ou Institutos de Educação – responsáveis por formar professores –, as fundações de instituições de ensino superior etc.

A distinção existente entre os investimentos realizados nas capitais dos estados e nas cidades interioranas é perceptível em todo o Brasil, ainda nos dias atuais[ii]. O que pode não ficar claro do mesmo modo é que essas distinções existem também entre as cidades do interior desses estados, seja devido a articulações políticas, ou de organizações coletivas da população, seja por interesses e investimentos de governos específicos. Em todo caso, nos interiores dos estados acabam sendo constituídas cidades como centros e suas respectivas periferias. Como essa relação de centralidade e periferia é móvel, passível de mudanças a partir das diversas relações sociais e espaciais; numa série de acontecimentos históricos,

[i] Sobre as instituições confessionais das cidades de Mossoró e Caicó, vide os textos "*Brasil, Rio Grande do Norte, Mossoró: uma versão histórica sobre a dinâmica da formação de professores (de matemática)"* e "*Documentos oficiais, fontes "primárias": uma interpretação"* e, ainda, Morais (2012), Araújo (2013) e Araújo, Martins e Paiva (2013). Sobre a instituição de Assú, recomendamos o trabalho de Freire (2013).

[ii] Fazemos essa inferência a partir das narrativas históricas elaboradas no projeto do *Mapeamento* do Ghoem, que deixa essa característica evidente, mas também a partir da leitura de outras narrativas históricas que tratam de regiões do Brasil, sejam relacionadas à educação ou não.

cidades podem deixar de ser ou tornar-se centrais ou periféricas a depender de inúmeros fatores, dentre eles os sentidos atribuídos por aqueles que as tematizam e estudam[iii].

No Rio Grande do Norte, no que tange às questões de ensino, especificamente, as cidades em que foram implantadas as instituições confessionais tendiam a ser as mesmas que ocupavam uma posição de centralidade no interior do estado e, devido a essas instituições, eram procuradas para formar os filhos da elite econômica – ou daqueles que dispunham de uma situação financeira mais confortável –, como aconteceu com Alcir, Luiz Carlos e Zilar[iv], por exemplo, e como é lembrado por tantos outros, como Arimatéia, Chiquito, Felisbela, Neta, Eunice, Almir e Benedito. Em outros casos, alguns alunos conseguiram desfrutar dessas instituições graças às bolsas de estudo, o esforço dos pais para pagar as mensalidades ou o próprio trabalho, como aconteceu com Maria das Graças, Neta, Chiquito, Almir e, certamente, outros[1].

Não eram apenas essas instituições, contudo, que possuíam prestígio e faziam com que essas cidades se tornassem centros de ensino, atraindo alunos de outras cidades e até regiões. Houve muitos alunos que acorreram a elas devido à existência (e/ou criação, posteriormente) de instituições públicas com níveis escolares mais avançados, como recordam todos os sujeitos supracitados.

Por essas características, é possível perceber e apontar a criação, ao longo dos processos históricos vividos no RN, de "cidades centrais" e "cidades periféricas" no estado, no que diz respeito ao ensino: esse foi um dos elementos que, somado a outros, ocasionou muitos movimentos de migração entre essas cidades do interior do RN.

Exemplo desses movimentos de migração[v], no que se refere ao ensino confessional é o de Alcir, natural de Patu que vai para Mossoró, em 1945, para ingressar no Seminário Santa Terezinha, onde estudou como interno até concluir o seminário menor, em 1952. Luiz Carlos, que é natural de Mossoró, viveu a maior parte da infância em Nova Cruz, onde estudou no

[iii] Essa relação móvel entre centros e periferias já foi tematizada por Martins-Salantim (2007) ao pesquisar sobre a formação de professores de matemática no interior do estado de São Paulo. Outro trabalho que trata da subjetividade do tema centro-periferia, no campo mais amplo da historiografia, é o de Russel-Wood (1998) que desenvolve um estudo sobre as relações centro-periferia no Brasil Colônia e defende a subjetividade na relação centro-periferia, pois o que se constitui como sendo centro e/ou periferia depende da perspectiva de quem assim os estabelece. Para ele, considerar essa dependência da posição do observador implica também alterar o modo de se conceber espacialidade, cronologia e as circunstâncias sociais e financeiras.

[iv] Ao longo de todo o texto faremos referência aos sujeitos que colaboraram com nossas pesquisas. As narrativas dos professores Alcir, Arimatéia, Chiquito (Francisco de Assis), Felisbela, Joabel, Luiz Carlos, Maria das Graças e Raimundo estão disponíveis, na íntegra, em Morais (2012), já a íntegra das narrativas dos professores Almir, Benedito, Eunice, Fátima, Josimá, Luis Gonzaga, Nélson, Neta (Isabel Maria), Norman, Ozório, Rivaneide e Zilar podem ser lidas no Tomo Travessias desse trabalho.

[v] Para auxiliar na compreensão dos movimentos de migração que trataremos nesse texto, sugerimos a análise da *"Parte Trilhas: indícios de percursos"* no Tomo Travessias.

colégio das freiras, o Colégio Nossa Senhora do Carmo, considerado um dos melhores da região; depois, fixou residência em Natal até concluir os estudos. Já Zilar, que morava e era natural de Patu, foi para Mossoró apenas para estudar como interna do Colégio Sagrado Coração de Maria, onde todas as suas irmãs também estudaram.

Existem, todavia, muitos casos de alunos que migraram em busca de educação em outras instituições escolares. Raimundo foi de Itaú para Mossoró, em 1958, por ser a cidade mais próxima com o nível de ensino ginasial. A mesma situação levou, em 1960, as famílias de Felisbela e Chiquito a se mudarem, respectivamente, de Patu e Campo Grande para Mossoró. Almir, que foi de Umarizal para Caicó em 1966, também mudou em busca de continuar os estudos em nível ginasial, assim como Josimá que, em 1971, foi de Brejo do Cruz para Mossoró e, depois, em 1974, para João Pessoa. Fátima, Ozório e Rivaneide também migraram para dar continuidade aos estudos, contudo, para cursar o nível colegial: Fátima foi de Patu para Natal, em 1974; Rivaneide, no mesmo ano, foi de Patu para Mossoró; e Ozório foi também de Patu para Mossoró, mas, depois, seguiu para Jundiaí (RN), onde concluiu esse nível de escolaridade em uma escola agrícola.

A distinção entre essas urbes, centrais e periféricas, não era perceptível apenas no que tange à educação, mas também a outros aspectos. Felisbela recorda que ao chegar a Mossoró a cidade já era grande, movimentada e ofertava muitas atividades culturais; Raimundo aponta que essa cidade sempre foi o centro da região em termos de economia e política; e Joabel diz da importância dessa cidade por seu comércio e seus aspectos culturais. Caicó destacou-se durante um longo período pela produção de algodão, como recorda Eunice; já Almir aponta que essa era uma cidade que também tinha certa centralidade no comércio da região; e Neta fala das características culturais de Caicó como algo que também a distinguiu por certo tempo.

Não que essas cidades menores, ou essas "zonas urbanas periféricas" no que se refere ao macrocontexto do estado, não mantivessem certo nível de centralidade em suas microrregiões ou mesmo nos respectivos municípios: possuíam também estruturas de ensino que as distinguiam das zonas rurais (ou de outras cidades "extremamente periféricas"), como os Grupos Escolares ou professores com melhores qualificações, por exemplo; as "feiras" que centralizavam os comércios locais; as estruturas sociais e administrativas das cidades ou mesmo do estado (como bancos, batalhões de polícias, correios, associações etc); as atividades culturais locais; a eletricidade a motor; entre outras características, conferia-lhes uma estrutura marcadamente distinta das zonas rurais e as zonas urbanas ainda menores.

Nesse sentido, e nos contextos aqui retratados, principalmente a partir da década de 1940, prolongando-se até meados de 1980, as zonas rurais se distinguem de todos esses outros espaços destacando-se como marcadamente marginais, e existindo como espaços de vida singulares, com suas particularidades, suas rotinas próprias e vivências peculiares, possibilitando a atribuição de uma identidade distinta aos sujeitos desses espaços e contextos. Essa identidade rural (ou campesina) é, por exemplo, uma das que se atribui, distinguindo-os de um ou outro modo, os professores Felisbela, Chiquito, Raimundo, Norman, Nélson, Eunice, Ozório, Rivaneide, Josimá e Luis Gonzaga.

Identificar-se como marcado pelo contexto parece insuflar a partilha de características comuns, como a vida simples, as fortes amizades entre os conhecidos, a ausência de preocupações com violência ou vícios externos, o contato constante e intenso com a natureza, de trabalhos dos mais diversos (seja no campo ou em casa), as brincadeiras tão artesanais quanto tradicionais, a grande distância entre os espaços e a dificuldade de acesso à educação.

A maior parte desses sujeitos que se reconhecem como tendo origem campesina iniciaram suas vidas escolares ainda na zona rural, onde frequentaram, no geral, salas multisseriadas, com uma professora, em escolas que funcionavam em espaços improvisados e caseiros, além de serem distantes de suas casas, no geral. A alfabetização, feita por meio da "carta de ABC" e da "cartilha", era de responsabilidade da família das crianças que, muitas vezes, recorria a terceiros por não ter ninguém com nível de instrução que pudesse ensinar as crianças, que começavam a frequentar alguma instituição com educação formal apenas a partir, aproximadamente, dos oito anos de idade. Muitas vezes, os professores dessas escolas eram conhecidos próximos ou mesmo familiares, alguém da própria comunidade rural, e ensinavam apenas o primário ou para algumas séries desse nível.

A educação no campo, por ser particularmente diferenciada, por vezes precária ou inexistente, proporcionou diferentes vivências aos sujeitos que moravam nessas regiões, como foi o caso de Felisbela, que só começou a frequentar a Escola Isolada de Jerusalém com nove anos de idade, quando essa instituição foi o criada; sua professora era uma de suas tias – que outra tia, depois, substituiu – e ensinava apenas até o terceiro ano primário. Ao concluir essa série, Felisbela ficou um ano sem estudar, quando auxiliou sua tia nessa instituição.

Chiquito também viveu na zona rural e só começou a frequentar o Grupo Escolar Professor Adriel Melo, de Campo Grande, com quatorze anos de idade, e a partir da segunda série, pois não havia escola isolada onde morava. Logo que concluiu o primário, já começou a lecionar nesse nível em uma instituição rural. Outra experiência nesse sentido é a de Ozório,

que estudou em uma escola distante de onde morava e para a qual se deslocava a pé; como ajudava o pai na agricultura, ia pouco às aulas, mas sempre estudava à noite à luz da lamparina. Por achar que ele tinha facilidade em aprender e por desfrutar de certa autonomia para isso, sua professora o promoveu ao segundo ano primário, direto, para o quinto. Nélson é outro que lembra ter começado a frequentar uma escola que ficava a uma légua e meia de sua casa, depois passando a estudar em uma mais próxima. Contudo, ao concluir o ensino primário na zona rural ficou sem estudar por cerca de dez anos por não querer mudar-se para a cidade sem a família, apesar do seu pai desejar que ele fosse. Almir, diferente de Nélson, viveu muito tempo longe dos pais e alguns irmãos para estudar. Como seus pais sobreviviam da agricultura e viajavam muito em busca de um local apropriado para a vida no campo, Almir e alguns irmãos moravam em outras cidades com o objetivo de se instruírem. Foi desse modo que ele concluiu o primário em Umarizal, no Grupo Escolar Zenon Souza, tendo que seguir para Caicó em busca do ginasial.

Essa necessidade de buscar a continuação dos estudos nos centros urbanos é, nesse contexto das décadas de 1940 a 1970, muito comum, e foi pelo que passou todos esses professores que viveram na zona rural e precisaram migrar dessas regiões para as sedes dos municípios. Como aconteceu com Almir, Nélson seguiu para a zona urbana de Caicó, aproximadamente aos dezenove anos de idade, para cursar o ginasial; Eunice foi para a sede de Caicó, ainda para concluir o primário, pois a escola que tinha que frequentar era muito longe de sua casa; e Norman precisou ir para a mesma urbe ainda mais cedo, pois não havia oferta do nível primário na região onde vivia.

Essa necessidade de ir em busca de educação nas urbes também foi vivida pela família de Felisbela que mudou para a zona urbana de Patu para que ela concluísse o primário e, em seguida, foram para Mossoró para que ela pudesse cursar o ginásio; pela de Chiquito, que passou a morar em um sítio próximo da zona urbana de Campo Grande para cursar o primário e, depois, quando já contava cerca de vinte anos, seguiram para Mossoró para os estudos de nível ginasial. Raimundo, diferente desses professores, precisou seguir sozinho para a zona urbana de Itaú para estudar o primário, dirigindo-se também para Mossoró para o ginásio; para esse mesmo município seguiu Josimá, também para cursar o ginasial, depois de já ter mudado para a zona urbana de Brejo do Cruz para concluir o primário. Na região de Patu, Ozório e Rivaneide recordam que também tiveram que ir da região campesina para a urbe em busca de concluir o primário e cursar o ginásio, pois só havia oferta de poucas séries primárias nas regiões onde moravam.

Essa situação periférica em que vivem as zonas rurais no estado é o que faz surgir, no Rio Grande do Norte, movimentos orquestrados pela igreja católica, notadamente pela Arquidiocese de Natal, que tiveram início na década de 1940 e duraram até meados de 1960. Essas atividades ficaram conhecidas como Movimento de Natal e buscaram, em um primeiro momento, o desenvolvimento das zonas rurais e, em um segundo, a educação das populações que viviam nessas regiões, por meio das Escolas Radiofônicas e do Movimento de Educação de Base. Com essas ações, a igreja se propunha a alfabetizar, conscientizar e politizar as comunidades rurais, mas também difundir a doutrina católica e impedir a expansão das ideias comunistas no campo[2].

No que tange especificamente ao poder público, ações dessa natureza, aparentemente, eram quase inexistentes. Restringiam-se ao envio de professores para comunidades rurais quando solicitado por alguma família mais abastada, para possibilitar a instalação de escolas isoladas. Mesmo nesses casos, os professores contratados, no geral, eram aqueles que não tinham um nível de instrução muito avançado, possuindo, muitas vezes, apenas o nível de educação em que iram lecionar[3]. Assim, a situação desses espaços era marginal também no que tange à formação dos professores, chegando ao ponto de direcionarem às cidades aqueles professores considerados como tendo nível de conhecimento muito alto para estarem atuando nas regiões campesinas, substituindo-os por professores com formações mais incompletas, como aconteceu com a irmã de Eunice. Para que sua irmã fosse atuar na cidade, já que havia concluído um curso, em nível ginasial, para se profissionalizar como professora, foi substituída por outra, na zona rural, que possuía apenas o primário.

Devido a essa situação, é em busca de educação que muitas pessoas migram das áreas agrícolas para as sedes dos municípios e de “cidades periféricas” para outras “centrais”, seja para estudar o primário, o ginasial, ou o colegial. Essas migrações levavam a outras vivências, como as alterações das rotinas rurais para as urbanas, implicando mudanças de hábitos e do próprio reconhecimento de si como aquele que não tem mais uma “identidade rural”: Felisbela recorda que essa migração implicou outros cuidados, em busca de mais segurança, podando-lhes a liberdade que gozavam no campo; Luis Gonzaga recorda que a mudança gerou certa desconfiança em relação às pessoas com quem passaram a conviver, pelo fato de não conhecê-las e não saberem se poderiam confiar nelas, algo que não existia no interior, além disso, lembra esperar ansiosamente pelos recessos escolares para retornar ao campo, reencontrar os amigos e ter a mesma rotina de antes; Norman também relata essa ligação forte

com o campo, que o levava a ir para lá sempre que surgissem oportunidades, para reviver a rotina rural e as brincadeiras que não eram possíveis na cidade.

Para outros, contudo, esse processo de migração representava uma forma de buscar a fuga da roça, procurar oportunidades outras que o campo aparentemente não lhes ofereceria, investir em devires que não o dos campesinos: como Rivaneide, que gostava da vida na cidade e não desejava retornar à zona rural, ou Raimundo e Josimá, que viam na educação o meio de não se tornarem agricultores, como estariam "fadados" a se tornar caso não optassem pelos estudos.

Para conseguirem estudar havia, todavia, outras implicações, como o fato de migrarem com suas famílias, receberem deles o apoio para se instruírem ou não. Aqueles que mudaram com as famílias receberam um apoio diferenciado para realizar os estudos, são os casos de Nélson, Eunice, Luis Gonzaga, Chiquito, Luiz Carlos, Benedito e Felisbela; outros mudaram sem seus familiares, mas receberam todo o apoio necessário como Norman, Josimá, Alcir, Almir, Zilar, Fátima e Ozório. Em outros casos, contudo, houve objeção por parte de familiares, como foram os casos de Rivaneide e Raimundo, que tiveram que enfrentar certa resistência por parte do pai para se instruírem – no primeiro caso, por achar que Rivaneide não estava dando o devido valor aos estudos e, no segundo, por achar que os filhos homens deveriam trabalhar, produzir, e que os estudos eram para as mulheres. Joabel migrou com sua família para Mossoró devido ao trabalho de seu pai, e também enfrentou certa resistência por parte dele quando sua mãe resolveu matriculá-los na escola, pois, como o de Raimundo, seu pai também achava que os homens deveriam trabalhar.

Nos casos daqueles que migraram sem suas famílias, alguns viveram em internatos como são os casos de Alcir, Zilar e parte das formações de Ozório e Almir. Alguns tiveram que recorrer aos parentes, como Fátima, que poderia ter ido estudar o colegial em Mossoró, mas foi para Natal por ter tios lá; Norman também foi estudar em Natal morando com tios e, antes, estudou em Caicó vivendo na casa de um avô; Rivaneide, também morando com familiares, foi estudar em Mossoró; Almir e Zilar chegaram também a morar dois anos na casa de parentes. Em outros casos, ou circunstâncias, contudo, recorreram aos auxílios das Casas do Estudante das cidades por onde passaram, como Josimá, Raimundo, Almir e Ozório, ou outros meios, como o aluguel de casas, ou o deslocamento diário entre o campo e as urbes, ou mesmo entre cidades.

Esses diferentes espaços e meios sociais marcaram esses sujeitos de modos distintos, pois nos internatos confessionais, a rotina, segundo relatam Alcir e Zilar, era rigorosa, com

horários bem definidos para os estudos e as outras atividades, bem como a ocupação dos espaços, como salas de aulas, salas de estudos individuais ou de brincadeiras; nos internatos agrícolas, diferentemente, onde estudaram Ozório e Almir, a rotina não era tão rígida, mas tinham também suas tarefas e viviam mais para os estudos, já que não tinham muitos outros afazeres na escola. Antes de optar por viver no internato, Almir narra sua experiência quando morou na casa de uma tia, de onde saiu por achar que as despesas estavam ficando muito altas, pois estavam lá ele e um irmão. Rivaneide, diferente de Almir, narra que foi uma experiência muito sofrida viver com parentes, pois foi obrigada a trabalhar, tanto em Patu quanto em Mossoró, sobrando pouco tempo para estudar ou para outras atividades. Nas Casas do Estudante, as experiências são distintas, mas uma marca relativamente comum é a de ser esse um espaço de dificuldades e de estudos.

Raimundo morou nas Casas do Estudante de Mossoró, Natal e Fortaleza, de 1958 até 1963 (aproximadamente), e lembra-se de ter se alimentado muito mal, quando não passou fome, além das muitas noites mal dormidas. Mudou-se para a Casa do Estudante de Fortaleza por ter passado por um período de falta de alimentação na moradia de Natal, e relata que nesse novo alojamento viveu "outra sequência desastrosa de miséria". Ozório também narra que passou uma série de necessidades quando morou na Casa do Estudante de Mossoró, em meados da década de 1970. Arimatéia não passou pessoalmente por essa realidade, mas relata sobre muitos amigos que a viveram e sobre as dificuldades que lá diziam passar, chegando a ter apenas caldo de feijão como opção de refeição. Norman, quando foi morar em Natal, em 1972, apesar de ter ido viver com uma tia, frequentemente passava o dia na Casa do Estudante por ter muitos colegas de Caicó que moravam lá e outros que residiam perto – as Casas do Estudante eram espaços muito concorridos e quando não se conseguia vagas nelas, alugavam-se e dividiam-se casas próximas de lá. Ele narra que muita gente de todo o interior vivia nesses alojamentos e também fala das dificuldades pelas quais passavam esses alunos.

Josimá foi outro que passou por essas moradias. No seu caso, viveu por nove anos para realizar os estudos nas de Brejo do Cruz, Mossoró e João Pessoa. Considera que vivenciou algumas dificuldades, mas que a experiência não foi tão ruim, julgando que era melhor morar na Casa do Estudante do que com parentes, pois, com esses, não teria tanta liberdade. Almir viveu na Casa do Estudante de Caicó, entre 1970 e 1972, e não relata ter passado contratempos, pelo contrário, diz que era um ambiente muito bom e agradável, apesar de ser coletivo, acrescentando que o governo, nesse período, se preocupava em oferecer alimentação de boa qualidade. Essa realidade relatada pelo professor Almir, contudo, é

distinta da que viveu a Casa da Estudante de Caicó (direcionada ao público feminino) anos antes, em 1962, quando, então, lá residiam 25 estudantes da região. Nesse ano o poder público não realizou os repasses financeiros com os quais havia se comprometido, deixando a Casa em situação financeira muito difícil, tornando iminente a possibilidade de fechar o espaço[4]. Essa mesma situação aconteceu e, aparentemente, mais de uma vez, com a Casa do Estudante de Natal que, em 1965, também sofreu ameaças de fechamento por falta de recursos e acúmulo de dívidas no comércio local[5].

Como eram locais nos quais só viviam estudantes e para onde iam visando a dar continuidade às suas formações, os estudos eram parte das rotinas dessas Casas, como lembram Norman, Arimatéia, Almir e Josimá. Arimatéia julga que muitos dos que passaram fome nessas residências conseguiram ter formação melhor do que aqueles que tinham condições financeiras mais favoráveis, vivendo mais confortavelmente, pois lá se dedicavam muito a aprender, opinião que vai ao encontro da experiência narrada por Josimá, quando ele conta que uma das coisas que o fazia estudar era o fato de morar nesse local, pois, apesar de poderem fazer outras coisas, a principal atividade que realizavam era essa. Ele avalia que estar nesses espaços facilitava porque, caso precisassem de ajuda para resolver algum exercício, tinham os colegas mais adiantados para auxiliá-los. Josimá diz agradecer muito por tudo o que aprendeu nesses espaços, como conviver coletivamente e não se desviar dos princípios que acreditava corretos.

Por esses elementos, compreendemos que, aparentemente, os espaços das Casas do Estudante eram de restrições, mas, paradoxalmente, de favorecimento aos estudos, e possibilitavam experiências outras como desfrutar de certo grau de liberdade, lidar e buscar ultrapassar os problemas apostando na coletividade.

Assim, cada um desses distintos espaços e convívios sociais, tenha sido com familiares ou não, ajudaram ou impuseram restrições diferentes nos percursos escolares de cada um desses sujeitos. Além dessas experiências, alguns deles enfrentaram outros obstáculos como o de se deslocar aos seus locais de origem para visitar os familiares, pela dificuldade de acesso entre as regiões ou outros motivos, como o financeiro. É o que lembram Rivaneide, Ozório, Fátima e Josimá, os quais, em muitas ocasiões, passavam todo o período letivo sem voltar às suas casas.

A falta de ligação ou a carência de transporte entre as cidades, ou mesmo a situação precária das vias de acesso do Rio Grande do Norte, pelo menos até a década de 1980, são dificuldades relatadas e apontadas como alguns dos principais empecilhos, nesse período, para

o desenvolvimento do estado. Esses são elementos que, a título de exemplo, influenciam na tomada de decisão de seguir para um ou outro local[vi]. O fato de Mossoró e Patu serem ligadas por ferrovia, apesar de haver poucos horários disponíveis para a viagem de trem, era um dos fatores que facilitava o deslocamento entre essas regiões, como lembram Fátima, Zilar, Josimá e Rivaneide. Almir recorda que a falta de uma boa estrutura rodoviária fazia com que a cidade de Umarizal ficasse ilhada nos períodos de chuva, levando seus moradores a ficarem sem contato com as demais regiões do estado nesses períodos. A falta de estradas bem pavimentadas entre Caicó e os outros setores do RN, até mesmo que ligassem à capital, Natal, é um dos fatores que influencia para que o comércio local flua, e que alguns alunos optem por ir para os estados da Paraíba ou Pernambuco por ter acessos melhores, como se pode inferir dos relatos de Norman, Neta e Almir. É a existência de boas estradas que facilitam também a ligação entre Mossoró e algumas cidades do Ceará, como apontam Luis Gonzaga, Benedito e Arimatéia; é essa característica que leva Benedito, ao deslocar-se de Natal para Fortaleza na década de 1970, a se sentir no Ceará ao chegar a Mossoró, pelo fato da estrada ser asfaltada no trecho que ligava essa cidade a Fortaleza, enquanto a ligação Mossoró-Natal ainda era de terra batida.

Nesse sentido, aventamos que essas limitações ou dificuldades de acesso às regiões e cidades podem ter sido um dos principais fatores a impor obstáculos ao processo de formação de professores – das disciplinas gerais e de matemática em particular – no estado do Rio Grande do Norte. Some-se a isso o movimento de criação e desmantelamento de centros e periferias no estado, como já apontamos anteriormente, pois, durante muito tempo, no tocante à graduação formal e específica de professores, o estado viveu situações de precariedade e pouca oferta desses cursos e, consequentemente, de centros formadores.

Relacionados aos cursos para qualificar professores primários para o RN, que formalmente eram realizados pelas Escolas Normais em nível colegial ou ginasial, por muito tempo só houve oferta nas cidades de Natal e Mossoró (e essa apenas a partir da década de 1920). Somente na década de 1950 é criado outro desses centros de formação de professores

[vi] Além dos elementos que são aqui apresentados para justificar essa afirmação, Baraldi (2003) já abordava como a existência de uma malha ferroviária influenciou os movimentos de migração nos processos de formação e atuação dos professores de matemática na região de Bauru, interior de São Paulo. Para além desse trabalho, indicamos a pesquisa historiográfica de Campos (2012), que tematiza as vias de circulação do século XVIII, hoje conhecidas como “estradas coloniais”, e as ferrovias de Minas Gerais dos séculos XIX e XX, analisando seus formatos e percursos, objetivos e métodos de construção, contextos políticos e relações interpessoais que permeavam a existência dessas estradas, bem como a povoação dos territórios, o processo de urbanização, as políticas e as dificuldades para sua criação e manutenção. Essa autora argumenta que o estudo dos caminhos é fundamental para compreender os processos históricos de ocupação, exploração, povoamento, desenvolvimento econômico e práticas culturais das regiões.

primários no interior, em Caicó. Nesse mesmo período, cria-se uma extensa rede de Escolas Normais Regionais de Primeiro Ciclo no estado, que formariam docentes em nível ginasial dada a grande escassez desses profissionais em todo o território potiguar, quando foram fundadas instituições em quatorze cidades, a saber: Martins, Pau dos Ferros, Santa Cruz, Santana dos Matos, Florânia, Nova Cruz, Angicos, Macau, Currais Novos, Alexandria, Apodi, Ceará-Mirim, Caraúbas e Assú[6]. Entretanto, até esse período, todo o restante do interior vivia em situação periférica em relação àqueles dois centros que foram, por algum tempo, responsáveis por possibilitar professores para o interior e a capital.

Outro exemplo em que a marca dos centros e periferias tem relevo em relação à formação de professores primários vem das cercanias da década de 1960, quando é criado no estado o Curso de Treinamento para Professores Leigos: os principais centros escolhidos foram Natal, Mossoró, Caicó e Pau dos Ferros (outras cidades receberam apenas algumas etapas, como Martins, Angicos, São José do Mipibu e Santa Cruz) e, assim, os professores residentes nas demais regiões deveriam se deslocar para essas cidades caso desejassem obter essa formação, como foi o caso da mãe de Fátima, que foi de Patu para Mossoró onde precisou alugar uma casa para poder levar todos os filhos e passar os três meses de curso.

A descentralização das possibilidades formativas formais de professores primários para as cidades menores, em relação a esses centros criados ao longo desse período, é sentida apenas na década de 1980, quando são oferecidos cursos segundo um modelo semi presencial, como o Logos II, ofertados também em municípios menores, e cursos de capacitação que passaram a ser oferecidos pelas Diretorias Regionais de Ensino (por um tempo os Núcleos Regionais, ditos NURE). Todavia, mesmo essas diretorias, muitas vezes, ofereciam cursos apenas nas cidades onde estavam sediadas, reforçando a existência dos centros de formação, como é possível apontar a partir das narrativas de Zilar, Fátima, Josimá e Rivaneide.

Entretanto, no que tange à formação de professores para atuarem no ensino de matemática em nível ginasial ou colegial, especificamente, todo o estado do Rio Grande do Norte viveu em situação marginal até, pelo menos, a década de 1960, por não haver nenhuma oferta de curso específico e regular para profissionalizar para o magistério desses níveis. As primeiras possibilidades nesse sentido, para os professores que atuavam/atuariam nesses ciclos de instrução, só aparecem em meados dessa década e, novamente, Natal se destaca como centro em relação a todo o interior, com a realização dos cursos da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) e a criação de curso superior de formação específica, a Licenciatura em Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e

Letras de Natal (FAFICIL), posteriormente incorporado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Desse modo, para receber alguma formação específica para lecionar no ensino ginasial, à época, era necessário deslocar-se para Natal ou para as capitais dos estados vizinhos, como Paraíba, Ceará e Pernambuco, como indicam os professores, nossos colaboradores.

Neta, Felisbela, Chiquito, Raimundo, Zilar, Almir e Norman foram alguns dos sujeitos que se deslocaram para Natal em busca dessas possibilidades formativas e, dentre eles, Almir foi também a Recife com essa finalidade. Contudo, era uma possibilidade que exigia certo investimento por parte desses professores e Felisbela, a título de exemplo, não pode continuar lecionando matemática devido à inviabilidade financeira. Ela começou a ensinar matemática em 1966, depois de fazer a primeira etapa da CADES em Natal, mas, por falta de recursos financeiros, não pode fazer a segunda etapa no ano seguinte, 1967, deixando de lecionar essa disciplina.

A interiorização da formação só começa a ocorrer a partir da criação, em 1974, do curso de Matemática da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN), em Mossoró, vindo depois uma maior descentralização com a criação dos cursos de Caicó e Patu, já entre o fim da década de 1970 e o início da de 1980.

A criação desses cursos foi o que possibilitou a formação de muitas pessoas do interior, em nível superior e de modo intencional, nessa área, pois, sem eles, muitos não teriam condições de fazer os investimentos necessários para ir a outras cidades ou mesmo não teriam interesse, como apontam Norman, Almir, Luis Gonzaga, Eunice, Ozório, Fátima, Rivaneide, Zilar, Chiquito, Arimatéia e Luiz Carlos. Eunice é uma das que indica que não teria saído de Caicó caso não tivessem criado o curso nessa cidade, e diz que não saberia por qual outro optaria, já que desejava ser professora de matemática. Como eles narram, cada um desses cursos em nível superior passou a formar professores graduados para atuar em diversas regiões do estado e mesmo em estados vizinhos, gerando também outros muitos movimentos de migração.

Contudo, apesar da criação desses centros de formação de professores de matemática no interior, foram muitas as dificuldades encontradas por alguns sujeitos para realizar os cursos nas regiões de Natal, Mossoró, Caicó e Patu, em parte devido às ligações intermunicipais ou à necessidade de moradia nesses outros locais, como anteriormente apontamos; em outra, pela necessidade de deslocamento diário.

Luiz Carlos, que foi professor do curso de Mossoró, recorda que teve alunos na URRN de todo o interior próximo, e muitos deles viajavam todos os dias de ônibus, o que considerava um sacrifício. Devido a isso, e por julgar que seria "uma maldade, uma falta de humanidade" reprovar um desses alunos por décimos, afirma que tinha muito zelo por eles, justamente por essas outras dificuldades que já enfrentavam. Luis Gonzaga, que é professor do curso de Caicó, relata que sabe do sofrimento que alguns alunos da região enfrentaram para frequentarem o curso, citando, como exemplo, o caso de uma de suas primeiras alunas que era da cidade de Belém do Brejo do Cruz, na Paraíba, trabalhava nessa cidade durante o dia e estudava em Caicó à noite; como não havia carro direto para voltar para sua cidade após as aulas, à época, ela dormia na cidade de Jardim de Piranhas, indo para Belém logo cedo para entrar no trabalho, ou seja, era obrigada a dormir fora de casa todos os dias em que ia para a aula, chegando a faltar algumas vezes devido a essas dificuldades de locomoção. Zilar também lembra casos de muitos alunos no curso de Patu que precisavam viajar diariamente e que enfrentavam obstáculos muito grandes por não terem transportes regulares, narrando situações de alguns que viajavam na carroceria de caminhão e que precisavam ir por um caminho mais distante no período de chuva – porque não havia passagem pela estrada mais próxima, que era de terra – e, quando isso acontecia, esses alunos precisavam dormir em outra cidade, retornando às suas apenas no dia seguinte, chegando quase no horário de ir para as escolas trabalhar, pois já lecionavam.

Antes da criação desses cursos de formação de professores para ensinar matemática, algumas regiões consideradas como centrais, e por isso gozando de certo *status* no que tange à qualidade do ensino, acabavam oferecendo professores para atuar nessa área, mesmo que não houvessem frequentado cursos específicos. Raimundo lembra que seus primeiros contatos com o ensino, mesmo que informalmente, aconteceram quando foi cursar o ginásio em Mossoró e retornava para Itaú nos períodos de férias; pelo fato de ter ido estudar naquela cidade, julgavam que ele era bom em matemática e, por isso, lecionava essa disciplina aos colegas. Esse mesmo professor viveu ainda outra experiência nesse sentido ao concluir o colegial em Fortaleza e retornar para sua casa em Itaú; quando isso aconteceu, recebeu uma comitiva de Mossoró que foi convidá-lo para lecionar no Instituto de Educação de Mossoró, que era, à época, uma instituição modelo de educação pública na região.

Norman passou por uma experiência análoga de ser logo convidado a lecionar matemática por ter concluído o colegial em Natal, ao retornar para Caicó. Josimá viveu isso ao retornar para Belém do Brejo do Cruz, após concluir o colegial em João Pessoa e também

Zilar, quando retornou para Patu depois de concluir o colegial em Brasília (DF). Chiquito lembra que algumas pessoas passavam a atuar como professores primários nas cidades menores do interior apenas por terem cursado algumas séries ginasiais nas cidades maiores da região, com Mossoró ou Caicó.

Apontaríamos que essas situações aconteciam por essas cidades maiores, ou esses centros em relação à educação, possuírem, no imaginário popular, uma educação de qualidade muito maior do que a ofertada "no interior", como se pode perceber nas narrativas dos sujeitos, as quais indicam que muitas famílias que gozavam de situações financeiras mais confortáveis enviavam seus filhos, das cidades interioranas, para Natal (ou ainda João Pessoa, Recife e Fortaleza) para que recebessem uma educação "melhor", acreditando que se desenvolveriam mais. Talvez devido a esse imaginário, Neta tenha nutrido, por um longo período de sua vida, o desejo de ir viver em Natal, o que a levou a tomar determinadas decisões para morar na capital do estado (mesmo a contragosto do marido), a enfrentar a necessidade de viver em residências universitárias e em casa de familiares, e ainda a ficar distante dos filhos, mudando-se, posteriormente e definitivamente, com toda a família.

Esse desejo de Neta de mudar-se de sua região de origem para uma cidade maior era, todavia, distinta das vividas pela maioria dos professores citados, como também de seu próprio esposo. A maior parte daqueles que se afastaram de suas regiões por algum período, viam essa migração como temporária, tendo regressado ou guardado, de um ou outro modo, o vínculo com suas regiões ou o desejo do retorno, como Fátima, Ozório, Rivaneide, Luis Carlos, Norman, Almir e Benedito. Outros, como ela, criaram vínculos com os novos espaços, como também aconteceu com Luis Gonzaga.

Norman retorna a Caicó quando não consegue passar no vestibular e, mesmo depois de cursar a graduação em Natal, volta novamente por saber que havia poucos professores formados em sua cidade de origem, o que abria, a ele, muitas oportunidades de emprego; Almir, outro desses casos, afirma ter escolhido um curso na área de educação por saber que poderia retornar a Caicó, como o fez logo depois de concluir sua graduação. Rivaneide, também por não ter passado no vestibular, opta por retornar para Patu e depois decide cursar graduação apenas quando surgisse a oportunidade nessa cidade. Fátima escolhe prestar vestibular em Mossoró por ser mais perto de Patu e por saber que havia residências universitárias femininas na Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), retornando de vez para Patu logo depois de concluir seus cursos. Ozório também relata que mesmo tendo muitas opções de emprego naquela cidade, escolhe retornar para Patu, e alguns dos motivos

que cita é sua ligação com a zona rural e as serras dessa região. Também dessa região, Zilar aponta que não nutria mais o desejo de morar na região após ter cursado o colegial em Brasília, mas, ao retornar a passeio, acaba criando outros vínculos e não volta a sair, também apontando a ligação com a região rural e a vida campesina como um dos fatores que a levaram a isso. Luiz Carlos é outro que retorna para o local que considera "o seu", a capital do RN, depois do período em que foi lecionar em Mossoró. Raimundo retorna para Itaú por não ser aprovado no colegial e, depois, quando foi viver um tempo no Mato Grosso a trabalho, retorna para o RN logo que surge a oportunidade. Benedito, que é cearense e foi trabalhar em Natal, não retornou para seu estado de origem, mas afirma guardar até o presente esse vínculo com seu estado. Josimá opta por fazer a graduação em Cajazeira, na Paraíba, por não precisar morar em Campina Grande ou João Pessoa, distantes de sua região de origem. No caso de Luis Gonzaga, que é do Ceará e foi para Caicó para ensinar no curso dessa cidade, apesar de afirmar que alimentou por um tempo a intenção de voltar para seu estado de origem, criou vínculos na região seridoense, de onde diz se reconhecer hoje como pertencente; devido a isso, apesar dos vínculos familiares que tem em seu estado, julga não se ver retornando para lá.

Assim, a ligação com os espaços de origem e/ou as condições oferecidas para criar vínculos com novos espaços poderiam ser apontados como marcas cruciais para algumas regiões e/ou cidades fixarem pessoas e, entre elas, professores. Uma das regiões que possui dificuldade quanto a esse aspecto é a de Patu, como lembram Ozório, Fátima e Zilar. Ozório bem define que o curso de Patu já teve muitos "professores sazonais", ou seja, já passaram muitos docentes pelo curso de Matemática dessa cidade, mas em períodos curtos de tempo, por não conseguirem se fixar na região ou na própria instituição. Seja pelas questões econômicas, climáticas, sociais ou pessoais; seja pela estrutura da universidade, do curso ou mesmo da cidade, fato é que os professores apontam essa como uma das grandes dificuldades pela qual passa Patu e seu curso de matemática impossibilitando seu desenvolvimento.

Como os próprios depoentes sugerem, a estrutura arquitetônica do curso e da universidade é um outro elemento que opera para a existência de "professores sazonais", pois as estruturas físicas dessas instituições facultam experimentações e atribuições de significados distintos pelos sujeitos[vii]. A falta de estrutura física própria para o campus de Patu, por

[vii] Além das considerações que apresentamos nesse texto sobre os significados que os nossos colaboradores atribuem aos espaços físicos, sugerimos a leitura de Bencostta (2005). Nesta obra são apresentados estudos sobre as funções dos espaços arquitetônicos escolares, abordando como desempenham a função de representar valores. Essa valoração é revelada pelo estudo cuidadoso do modo como se organizam, interna e externamente, os espaços, permitindo compreender tanto intenções na distribuição e criação de novas instituições quanto o

exemplo, é um dos elementos negativos no início de seu funcionamento, como apontado por todos os sujeitos que tiveram ligação com o curso dessa instituição. Para a professora Fátima, esse é um elemento que denuncia o descaso do poder público municipal com relação a essa instituição. Além disso, o fato do campus, inicialmente, funcionar no prédio de uma escola de ensino básico, tendo uma estrutura precária para o funcionamento de uma universidade, é um dos elementos que levava a formação superior oferecida por esse estabelecimento a não diferir muito da formação do colegial. Para ela e para o professor Ozório, o campus só conseguiu começar a melhorar e se desenvolver após a estadualização da universidade e da conquista do prédio próprio, quando fizeram as ampliações e adaptações necessárias.

Essa não é uma característica que tem relevo apenas nas narrativas desses sujeitos, pois os professores que tiveram vínculo com o campus de Caicó, analogamente, discorrem sobre as dificuldades relacionadas aos espaços físicos, por também ter iniciado seu funcionamento em um espaço emprestado. Sobre essa instituição, Norman considera que foi um grande avanço quando conseguiram a estrutura própria, apesar de ter sido insuficiente para a demanda por um longo período, apontando que a estrutura projetada para o campus (que ainda hoje não está finalizada) é grandiosa e muito elegante. Estudar na estrutura própria da universidade parece ser um diferencial para o processo de formação desse professor, que fez seu curso em Natal, e também para Arimatéia, que fez seu curso em Mossoró. Ambos evidenciam em suas falas o fato de terem estudado nas estruturas recém inauguradas dos campus da UFRN e da FURRN, respectivamente, o que possibilita acreditar que isso lhes confere, de algum modo, certa distinção. Em relação à relevância que podem ter as estruturas arquitetônicas, mas não necessariamente do ensino superior, Felisbela aponta que, ao chegar a Mossoró, em 1960, foi estudar no Instituto de Educação, que era uma instituição modelo recém inaugurada com estrutura física muito grande e bonita; o mesmo elemento destacado por Arimatéia ao falar de outra instituição modelo que foi fundada em Mossoró na década de 1980, a Escola Estadual Abel Freire Coelho. O espaço arquitetônico é um dos elementos que atravessam, ainda, as narrativas de Benedito, Luis Carlos e Almir, para falar sobre a importância e qualidade dos cursos ofertados na Universidade Federal do Ceará e na Universidade Federal de Pernambuco.

A partir de todos esses elementos, é possível inferir que esses espaços, as estruturas físicas dessas instituições, podem estar possibilitando, historicamente, a valoração em relação

---

funcionamento social da escola. São potentes, nas considerações dos autores desses textos, os exemplos de como algumas arquiteturas escolares denunciam e representam princípios e políticas públicas, bem como os das modificações sofridas por alguns espaços escolares devido a intenções específicas, em distintos contextos, e as ações e debates que envolvem as políticas de construção de edifícios escolares.

às instituições educacionais e aos próprios cursos ofertados. Ou seja, eles podem ser um dos elementos pelos quais se avalia a qualidade ou viabilidade dos trabalhos desenvolvidos e dos processos formativos vivenciados. Assim, de alguma forma, dizem da educação, de sua qualidade e dos valores que são atribuídos a esse processo, seja como um elemento para descrever a grandiosidade de algumas instituições, como as confessionais, os Institutos de Educação, o Ateneu Norte Riograndense ou as universidades; seja como um dos elementos que denunciam a situação periférica da educação nas cidades menores, ou mesmo das zonas rurais, com suas salas de aula adaptadas em casas, sem acomodações para as professoras, ou funcionando em estruturas precárias, quando existentes[7].

Voltando a tratar dessas regiões marcadamente periféricas, a situação de marginalização não difere no que diz respeito à realidade de formação de professores para atuarem nas regiões campesinas. Pelo que percebemos, essa região sempre viveu em estado de periferia em relação às cidades e à profissionalização dos professores no Rio Grande do Norte, pois não é possível detectar a zona rural como mote de nenhum curso de formação oferecido pelo poder público pelo menos até a década de 1990, o que levou os profissionais da educação dessas regiões, até esse período, a receber – quando aconteceu – a mesma formação do professor que atuaria nas regiões urbanas, ou seja, não era oferecida nenhuma qualificação específica para trabalhar com uma realidade tão distinta e singular quanto a rural, lembrando que esses docentes atuavam em escolas e lidavam com públicos, contextos e modelos de escolas distintos daqueles encontrados nas cidades, tendo, a título de exemplo, salas de aula multisseriadas, muitas vezes as únicas opções para uma escolarização campesina, onde, no geral, não existiam níveis de ensino que ultrapassassem o primário.

Essa realidade, aparentemente, começa a mudar apenas a partir do fim da década de 1990, quando surgem cursos como o Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO) que, apesar de ocorrer nas cidades interioranas e também formar professores para as urbes, buscava atender e dar uma formação voltada para o público campesino, respeitando, inclusive, seus locais de atuação. Os estágios, por exemplo, aconteciam nos espaços de atuação rural, para onde tinham que se deslocar os professores do curso para realizar a observação de suas práticas, como recorda Zilar. Posteriormente, é criado o primeiro curso realmente voltado para os professores ruralistas, o Pedagogia da Terra[8].

Em todos esses casos e situações, nos centros ou nas periferias, nas significações dos espaços físicos, nas afetações desses espaços em comportamentos ou identidades, nas vivências de deslocamento e/ou migração, ou mesmo no caso daqueles que não se deslocaram

para realizar os estudos, se formar, ou atuar implica considerar as vivências espaciais e sociais em seus processos de formação sempre locais: esse é um traço comum nas narrativas mobilizadas.

Além de todos os pontos anteriormente citados, é possível notar muitas outras referências às vivências espaciais desses sujeitos. Maria das Graças lembra o auxílio dos pais para atravessar um riacho que se formava entre sua casa e a escola, lembra também dos espaços que ocupava nas escolas e no comércio de seu pai para estudar, relata o medo que sentia de passar em determinada região quando foi estudar à noite, das caronas que precisou pegar e do transporte que seu pai adquiriu para evitar que ela percorresse esse trajeto sozinha, além da *Kombi* que o Diocesano de Santa Luzia dispunha para trazer e levar professores.

Quando era diretor do Anexo II do Instituto de Educação de Mossoró, Raimundo se afastou de Mossoró e até mesmo do RN devido a um desentendimento com um professor que era usuário de drogas; Chiquito lembra a casa alugada onde foi morar quando chegou a Mossoró, a construção da casa própria da família, a vivência nos espaços da cidade e narra a única dificuldade que teve para realizar os estudos, que foi a de se deslocar. Esse obstáculo é também um dos motes da narrativa de Arimatéia e Luiz Carlos, que tiveram que percorrer longas distâncias a pé para realizarem seus estudos em nível ginasial e colegial e, depois, para fazer a faculdade, apesar de viverem em cidades distintas. Na narrativa de Arimatéia é possível perceber uma identidade atravessada pelas espacialidades, a do "mossoroense de igreja", narrando suas vivências nesses espaços, com os quais teve muito contato durante toda a vida. Além disso, denuncia que, em meados da década de 1970, pessoas atuavam em escolas da periferia de Mossoró por "apadrinhamento" – indicação de conhecidos que possuíam certa influência –, o que enfatiza a marginalidade dessas regiões.

O professor Alcir narra suas vivências no Seminário Santa Terezinha, no Diocesano de Santa Luzia e na FURRN, além das viagens que fez para Roma e o Rio de Janeiro. A professora Felisbela relata sua vivência no interior, suas experiências nos espaços rurais e em uma urbe menor, suas impressões e vivências nos espaços de Mossoró e as ocupações dos espaços escolares. Joabel recorda suas práticas nos espaços do comércio de Mossoró, sua banca da feira e suas experiências da cidade: a transformação de uma região periférica em central, a mudança de costumes de um espaço seguro em um de risco, as constrições impostas pela necessidade do deslocamento entre os espaços e como, por ser professor, vivenciou isso.

Sobre esse deslocamento e a rotina corrida, a professora Neta fala do "professor taxi": aquele que se deslocava muito entre os locais de trabalho e suas residências. A professora

trata das dificuldades dessa sua rotina entre os espaços de Caicó e posteriormente de Natal – quando piorou devido às grandes distâncias entre as escolas –, fala do seu gosto pelas viagens para se formar, dos artifícios para morar em Natal, das dificuldades iniciais vividas nessa nova vida, da identidade construída por aqueles que são da região do Seridó e do sonho que tinha vinculado a uma dada estrutura arquitetônica. Norman também trata de suas vivências nos espaços de Caicó e de Natal e das dificuldades que viveu para se deslocar nessa última cidade, o que é também tratado pelo professor Almir, que aborda ainda suas vivências nos espaços de Umarizal, da Escola Agrícola de Catolé do Rocha, de Caicó e Recife. Eunice e Nélson também tratam das limitações vividas na zona rural e falam das dificuldades que enfrentaram para concluir a graduação quando o campus ganhou prédio próprio; ela ainda trata do uso dos espaços para ensinar matemática, e ele das experimentações espaciais em cursos que realizou fora de Caicó.

Sobre a região de Patu, Ozório comenta como acredita que a universidade auxiliou o desenvolvimento desse local, trata dos inconvenientes e das escolhas que os espaços impuseram em sua formação, além de abordar os aspectos geográficos de Patu como elementos que possibilitam ou impedem o desenvolvimento dessa cidade. Zilar detalha suas vivências em Mossoró, Patu e Brasília, além de trazer elementos que viabilizam pensar as relações entre a política, o poder e as vivências espaciais, o que é possível pensar também a partir da narrativa de Fátima, que traz elementos sobre como diferentes espaços permitem distintas rotinas, ao falar de suas vivências no interior e no litoral. Rivaneide trata de suas vivências na zona rural e urbana de Patu, das vivências distintas desses espaços, e também contribui com elementos para compreender as rotinas espaciais de Mossoró quando narra suas dificuldades e vivências nessa cidade.

Alguns professores possibilitam entender as relações espaciais vividas entre estados, quais as vivências entre essas limitações espaciais simbólicas (ou não) e como essas se diluem e tornam-se também fluxos. Josimá traz elementos da Paraíba e do RN, suas vivências nessas espacialidades, como essas limitações geográficas podem dificultar ou possibilitar experiências distintas e, por vezes, parecer não existir, tornando-se mais fácil ir para outro estado do que se deslocar no próprio estado de origem. Benedito e Luis Gonzaga tratam de suas vivências espaciais no interior cearense, na capital do estado, Fortaleza, e na migração para o RN, contribuindo com experiências que interconectam o Rio Grande do Norte ao Ceará. Benedito permite perceber essas relações de espacialização ao migrar entre capitais. Já

Luis oferece subsídios para perceber como alguém que se reconhece sertanejo opta por voltar para o interior por sentir-se marcado com essa identidade.

Todos eles possibilitam pensar as mudanças e permanências históricas das regiões e cidades por onde passaram e compreender como algumas cresceram e se desenvolveram em alguns aspectos e foram em sentido oposto em outros, mostrando que o estado enfrenta ainda muitas dificuldades para se desenvolver e atender às necessidades das mais diversas regiões. Relativamente à formação, hoje as demandas são outras: alguns centros se mantiveram e outros foram criados; dificuldades surgiram, algumas permaneceram e outras não são tão mais perceptíveis como eram; os espaços se transformaram e transformaram os sujeitos, que também, entre si, continuamente, se moldaram nesse processo constante e complexo de afetações.

---

[1] Ver as publicações nº 99 e 253 do Jornal *A Folha, Registros BD e BI* no Tomo Travessias, que noticiam concursos para seleção de alunos "pobres e capazes" para atribuição de bolsas de estudos pelo Fundo Nacional do Ensino Médio. Na nota do ano de 1959 é possível ver que, no ano anterior, 1958, pelo menos 20 alunos haviam ganhado bolsas para estudar no Ginásio Diocesano Seridoense, dos quais 10 eram internos.

[2] Maiores informações sobre esses movimentos da igreja católica, sugerimos o artigo de Paiva (1997).

[3] Além das narrativas de nossos colaboradores e do texto "*Entre narrativas e subjetividades: uma invenção histórica possível"*, no qual tratamos extensivamente sobre o nível de instrução dos professores que atuavam nessas regiões, ver a publicação nº 55 do Jornal *A Folha*, *Registro BC* no Tomo Travessias, que noticia a situação de funcionamento das escolas rurais e a necessidade de migração do campo para a cidade dos alunos que necessitam continuar os estudos.

[4] Ver a publicação nº 93-Ano IX do Jornal *A Folha, Registro BP* no Tomo Travessias, que denuncia a situação pela qual passava a Casa da Estudante de Caicó no ano de 1962.

[5] Ver a publicação nº 205-Ano XII do Jornal *A Folha*, *Registro BW* no Tomo Travessias, que denuncia a situação da Casa do Estudante de Natal pela falta dos repasses financeiros públicos.

[6] (SILVA, 2011).

[7] Além das narrativas de nossos colaboradores, sugerimos a leitura da publicação nº 55 do Jornal *A Folha*, que trata do funcionamento das instituições escolares rurais, *Registro BC* no Tomo Travessias.

[8] Para maiores informações sobre esse curso, sugerimos o trabalho de Costa (2006).

Sumário PASSOS

Capítulo Formação

> A palavra *formação* é uma dessas palavras caídas. Caídas e esquecidas. A velha ideia de formação nos parece agora irremediavelmente anacrônica. Ademais, não podemos agora nem sequer tomá-la em seu antigo esplendor e em sua antiga solidez. [...] Às misérias de nosso presente só podemos lhe opor, agora, uma ideia caída. Mas talvez, enquanto caída, cheia de possibilidades. (LARROSA, 2009, p. 67, grifo do autor).

No parecer emitido sobre a nossa proposta de mestrado, quando estávamos concorrendo a uma das bolsas do Programa de Pós-Graduação, no final do ano de 2010, uma das questões levantadas pelo avaliador foi sobre a concepção de formação de professores de matemática que estávamos mobilizando. Essa pergunta era pertinente, já que desenvolveríamos uma proposta que pretendia olhar para a formação de professores de matemática de um espaço específico, antes da criação do mais antigo curso de formação de professores de matemática dessa região. Para nós, o que entendíamos por formação, àquela altura, era muito claro: qualquer processo vivenciado pelos professores em cursos que tivessem como intenção prepará-los, de algum modo, para atuarem em sala de aula. Entretanto, a pergunta era colocada em outra direção e isso nos moveu a buscar referências.

Realizamos estudos sobre os conceitos de formação de professores de matemática e logo percebemos que, no geral, os mais usualmente mobilizados no nosso campo de investigação eram os de formação inicial e formação continuada (ou, para alguns autores, contínua). Nessas concepções, a formação de professores "pode ser entendida como 'dar forma', modelar algo ou alguém de acordo com um modelo que se presume ser o mais ideal"[1], portanto, acontecendo basicamente em cursos institucionais que se enquadram nesses dois tipos de classificação, nos quais os de formação inicial compreendiam os cursos de graduação em Licenciatura em Matemática, Ciências, Ciências com habilitação em Matemática, Pedagogia ou Magistério, ou ainda os cursos das Escolas Normais; os cursos de formação continuada englobariam outros que acontecem quando os professores já se encontram em atuação no ensino, cujo objetivo seria qualificá-los, de alguma forma, em suas práticas como professores de matemática, como é o caso dos cursos de treinamentos, capacitação, aperfeiçoamento, entre outros[2]. Para o modo como entendíamos formação de professores de matemática naquele momento, esses conceitos pareceram suficientes. Assim, sabíamos que a noção de formação de professores de matemática em que estivemos imersos era essa, embora

não a tenhamos definido em nosso trabalho de mestrado, classificando os modelos de formação estudados.

Contudo, felizmente, outras coisas sempre acontecem... Com o desenvolvimento de nossa pesquisa de mestrado, as orientações, as discussões em grupos, algumas disciplinas, os apontamentos das bancas de qualificação e defesa e nossas próprias vivências começamos a perceber e pensar que outras movimentos acontecem durante esses cursos e atravessam os movimentos de formação clássicos, ou "intencionais". Um desses movimentos que apontamos já no mestrado, mesmo que timidamente, era em relação às Casas do Estudante, que, ao abrigarem os alunos para que esses realizassem seus estudos, aparentemente os marcava, de forma que ao inventarem narrativamente suas histórias, sempre eram apontadas, de forma expressiva, as experiências nessas instituições; outro exemplo eram as relações familiares, que também apontamos de forma sutil naquele primeiro movimento. Nesse ínterim, somos movidos a pensar na migração como outro possível "atravessador" da formação dos professores de matemática. Contudo, com "atravessar" estávamos entendendo qualquer movimento que tenha proporcionado, de uma forma ou outra, experiência[3] para aqueles sujeitos, não fazendo efetivamente parte da formação deles: eram, portanto, até então, momentos periféricos de formação.

Damos, então, inicio ao doutorado, seguindo-se o processo de produção de dados, estágios, disciplinas, discussões nos grupos de pesquisa, leituras, leituras e mais leituras. Em cada um desses momentos éramos movidos de modos diferentes, atravessados de formas diferentes, levados a pensar em outras coisas, transformando nossas concepções quase que diariamente e, de algum modo, era esse o movimento que desejávamos e esperávamos do doutorado. Em conjunto, esses acontecimentos nos levaram a refletir que, de algum modo, trabalhávamos com um conceito de formação de professores de matemática cristalizado, consagrado na academia, espaço comum, o que nos levou a refletir que, se existiam movimentos que "atravessavam" a formação de professores de matemática, marcando-os e, assim, tornando-se experiência, isso era também formação de algum modo.

A essa altura, estávamos com uma perspectiva para abordar o tema migração na formação de professores de matemática, pois já entendíamos a constituição do sujeito como um movimento que acontece coletivamente, de forma complexa, nas relações entre o sujeito, o outro e ele mesmo, envolvendo ainda as culturas, as sociedades, os espaços, levando-nos a pensar em defender que a migração "atravessa" a formação de professores de matemática e alinhavando essa defesa com as narrativas que, a esta altura já sabíamos, ofereciam elementos

para isso. Contudo, ao começarmos a pensar que esse atravessar era também formar, sentimos novamente a necessidade de estudar sobre a formação de professores de matemática e procurar, se possível, outras perspectivas.

Foi com essa intenção que organizamos o estágio na Universidade de Lisboa, junto à professora Hélia Oliveira. Esse estágio, na verdade, já tinha sido cogitado por nós desde o início do planejamento da proposta, estando inclusive no calendário desde a primeira versão do projeto de pesquisa. Entretanto, inicialmente, nossa intenção na realização desse estágio era a de buscar, com as experiências dos pesquisadores portugueses, subsídios para abordarmos o tema migração, que estávamos perseguindo. Como nada acontece tão regularmente assim – felizmente –, esses movimentos durante o percurso nos levaram a Portugal já com nova intenção: a de buscar outra perspectiva de formação de professores de matemática que nos ajudasse a falar dos processos que percebíamos, já que as pesquisas brasileiras, embora apontassem a necessidade de ampliação do conceito de formação e sinalizassem para isso[i], de um ou outro modo, ainda trabalhavam numa perspectiva mais cristalizada desse conceito, como nós também trabalhávamos, apesar de tentarmos vislumbrar compreensões mais amplas e tematizar outros processos.

Assim, mobilizados pelos trabalhos do Ghoem e pelo desencadeamento dos acontecimentos em nossas próprias pesquisas, percebíamos que muitos eram os fluxos e demandas, os desejos e experiências, as fugas e mobilizações que atravessavam – e atravessam – o processo que temos chamado de formação de professores de Matemática. A tudo isso, a essa altura, já estávamos considerando também parte da formação, desejando, portanto, trabalhar com uma perspectiva de formação docente que não a consagrada como clássica e usual, aquela que ocorre em cursos formais, mas, para além dessa razão, tratar essa formação como uma formação de sensibilidades.

Essa perspectiva de formação, em geral, e a da formação de professores de Matemática, em particular, nos parecia corroborar com as defendidas e estudadas pela professora Hélia Oliveira em sua pesquisa de doutorado, que, ao estudar a formação de

[i] Fiorentini e Nacarato (2010, p. 10) apontam como necessidades e intenções futuras do grupo de pesquisa em que estão inseridos discutir e desenvolver estudos teóricos que os auxiliem a conceber e tratar a "formação e desenvolvimento profissional como uma conquista contínua e sempre inconclusa, que tem início muito antes do ingresso na licenciatura e se prolonga por toda vida, ganhando força principalmente nos processos compartilhados de práticas reflexivas". Vale salientar que o grupo do qual os pesquisadores se referem é um dos mais antigos no Brasil a tematizar e teorizar sobre a formação de professores de matemática, fazendo também parte desse grupo alguns pesquisadores que têm servido de referência quanto a este tema. (PASSOS et al, 2006; FIORENTINI; CRECCI, 2006).

identidade profissional de professores de matemática em início de carreira, desenvolveu um longo estudo sobre identidade e identidade profissional[4].

Para ela, assim como para nós, a noção de identidade está atrelada à narrativa, à auto-narrativa e, acrescentaríamos, às narrativas que inventam sobre nós[5]. A forma como nos vemos, queremos ser vistos, nossos projetos, desejos e intenções fazem parte do processo de formação de nossas identidades. Em sua pesquisa, a professora Hélia endossa ainda a noção de que a resposta para a pergunta "quem sou eu?" é "[...] necessariamente uma narrativa em que existe um enredo que conecta diferentes acontecimentos e experiências pessoais, físicas ou mentais, por forma a criar uma unidade coerente e significativa"[6].

Ainda sobre essa perspectiva, ao apresentar a noção de que a identidade profissional do professor está ligada à narrativa, e essa às experiências particulares, a professora afirma que "[...] a auto-interpretação que a pessoa-professor faz de si próprio enquanto professor não é uma descrição neutra, muito pelo contrário, expressa inevitavelmente as suas orientações, os seus gostos e os seus valores"[7]; o que vai ao encontro do que temos defendido sobre serem as narrativas dos professores que entrevistamos, nas pesquisas desenvolvidas pelo Ghoem, narrativas construídas de experiências, memórias; inventadas a partir dos sujeitos que são no presente, de intenções e mobilizações do hoje[8]. As invenções que o sujeito faz de si no momento em que narra suas experiências, em que se narra, são movidas pelos modos como esse sujeito deseja ser reconhecido, assim, se inventando narrativamente, de um modo que é único e singular, que estará diretamente relacionada às intenções do sujeito, num contexto, num tempo, num espaço[9].

Tal como acreditamos, Hélia defendia que "na profissão é muito difícil, em geral, separar as dimensões pessoais e profissionais do professor [...]", ao passo que "as crenças e as teorias pessoais dos futuros professores determinam profundamente o seu estilo de ensino, o qual é (re)confirmado pelas experiências iniciais"[10]. Assim, corroborando as ideias defendidas por ela, acreditamos que o professor não consegue separar suas dimensões pessoais das profissionais, estando, portanto, sua forma de ver o mundo, de interpretar as experiências, suas vivências anteriores, suas decepções, crenças, esperanças de dentro e de fora dos contextos de formação e atuação acadêmicos, refletidos em sua prática em sala de aula, ou seja, também formam o professor – pelo menos do modo como estávamos entendendo. Portanto, para nós, não há a possibilidade de dissociação entre ser professor e ser humano: o professor é sujeito, e, como sujeito, formado por todas as linhas de força que o atravessam constantemente.

E foi em busca dessa perspectiva que realizamos o estágio na Universidade de Lisboa, no qual, nas sempre produtivas conversas com a professora Hélia, percebemos que, mesmo defendendo essas concepções, essa perspectiva estaria vinculada ao que se definia como "desenvolvimento profissional", conceito também usualmente mobilizado nas pesquisas brasileiras, e não ao conceito "formação de professor". Compreendemos que o grupo português também trabalha em uma perspectiva de formação focada ainda em nível institucional, entendendo a formação de professores de matemática também como um processo de "'fora para dentro', do curso e do formador para o formando"[11]; o que nos levou a pensar que talvez essa concepção estivesse relacionada com o fato do contexto de estudo daquele grupo ser os cursos de formação intencional, assim como o dos grupos brasileiros que trabalham com a formação de professores de matemática.

Logo pensamos que, talvez, ao invés de "formação de professores de matemática", devêssemos usar "desenvolvimento profissional", pois, para esses grupos, a noção de desenvolvimento profissional difere da noção de "formação de professores", pois, enquanto a formação representa esse movimento que acontece de "fora para dentro", das intenções institucionais e do formador para o formando, "o desenvolvimento profissional constitui um movimento de "dentro para fora", do professor em formação para o ambiente onde está inserido". Assim, "a formação atende sobretudo ao que o professor não tem e "deveria ter" e o desenvolvimento profissional dá especial atenção às realizações do professor e ao que ele se revela capaz de fazer" [12]; desse modo, estaríamos trabalhando com uma perspectiva que compreende os processos que acontecem para além da academia e que "fazem parte" do professor de matemática.

Aparentemente, essa seria uma solução: usar "desenvolvimento profissional" em detrimento de "formação de professor". Contudo, não era tão simples. A noção de desenvolvimento profissional, que surge para se opor a uma noção cristalizada de formação, embora tenha suas aproximações com a noção que entendemos, parece ainda ser movida e levada a observar o professor, a formação e seu desenvolvimento, a partir de um ponto de vista acadêmico, ou do ponto de vista do contexto em que vive no momento em que age no ensino e em que é observado. Ou seja, no geral, ainda lança um olhar para o professor a partir apenas do contexto escolar. Além disso, é uma perspectiva que considera que, embora o desenvolvimento profissional do professor se dê em múltiplas instâncias, ela ganha maior força na formação institucional, o que, para nós, não é necessariamente uma verdade.

Surge, então, outra noção: a de "formação contínua", que não era a mesma com que havíamos entrado em contato anteriormente – análoga à formação continuada. Nessa, o discurso é de que o desenvolvimento profissional pode ser entendido "como um processo pessoal, permanente, contínuo e inconcluso, que envolve múltiplas etapas e instâncias formativas. Além do crescimento pessoal ao longo da vida, compreende também a formação profissional (teórico-prática) da formação inicial", bem como seu desenvolvimento na atuação e na formação continuada. Nessa perspectiva, o que nos chamava mais atenção no discurso era a afirmação de que a formação contínua "ocorre ao longo de toda a vida e acontece de modo integrado às práticas sociais e às cotidianas escolares de cada um, ganhando intensidade e relevância em algumas delas"[13], com o que, de fato, concordamos plenamente. Contudo, observamos nos trabalhos que usam essa noção o mesmo que havíamos notado nos anteriores: a prisão ao contexto institucional. Tudo gira em torno das instituições escolares: é basicamente o contexto institucional que é considerado e diz algo ao observar as experiências do sujeito que o formaram como professor.

Com isso, começávamos a perceber que o problema, talvez, não fosse compreender e escolher um desses conceitos, mas, sim, trabalhar com um desses conceitos, pois percebemos que havia uma distância entre os discursos e as práticas, havia algo que distanciava os conceitos que estávamos estudando e o modo como, de fato, os pesquisadores agiam nessas outras perspectivas. O que percebemos é que, embora entendendo o "desenvolvimento profissional" e a "formação contínua" de uma forma mais ampla, as pesquisas sempre tratam de situar a formação ou o desenvolvimento profissional dos professores em contextos escolares. Além disso, no geral, não se volta a atenção para os contextos que formaram esses professores antes do que se chama de formação inicial e/ou continuada[14]. Assim, o problema parecia estar relacionado não só com escolher um termo, um conceito, mas com os discursos e as práticas decorrentes dessas escolhas.

O que percebemos desse mergulho nos estudos sobre a formação de professores de matemática é que, aparentemente, os conceitos são criados, cristalizados e, quando parecem estar ultrapassados, por não mais falarem do que é possível perceber nas realidades de sala de aula e das instituições de ensino, elabora-se um novo conceito que amplia o anterior, impondo algumas diferenciações, mas mantendo semelhanças. Quando, mais uma vez, surge a necessidade da mudança, amplia-se ainda mais o conceito, criando-se nova terminologia, outra vez "abandonando" a anterior. Por isso tantas formações: formação inicial, formação continuada, desenvolvimento profissional, formação contínua, formação docente, entre

outras[15]. Começamos então a perceber que o problema poderia estar na linguagem, pois, aparentemente, o nosso movimento natural é propor que as palavras estão diretamente relacionadas às coisas e, assim, quando essas palavras, ou jogos de palavras, não dizem mais das coisas, precisa-se de novas. Quando assim acredita-se, parece ser natural supor que a relação é sempre direta para todos: *uma* palavra (ou uma combinação delas) diz sempre *uma* mesma coisa para todos, o que parece ser equivocado[16].

"A ideia de que existe uma única linguagem 'normal', uma espécie de moeda corrente usada igualmente por todos os membros da sociedade, é uma ilusão", na linguagem, as palavras, ou as combinações resultantes delas, nem sempre dizem as mesmas coisas para todos, não falam dos mesmos objetos, pois "qualquer linguagem em uso consiste de uma variedade muito complexa de discursos, diferenciados segundo a classe, região, gênero, situação etc., os quais de forma alguma podem ser simplesmente unificados em uma única comunidade linguística homogênea"[17]. Assim, começamos a notar que a conceituação existente sobre formação de professores (de matemática) sendo "imutável" e, portanto, cristalizada, tende a nos fixar numa perspectiva que, aparentemente, diz de um algo quase palpável de tão concreto e comum a todos, em todos os locais do globo. Contudo, para nós, a expressão "formação de professores de matemática", assim como cada palavra que a compõe, é "antes *funcional* do que *ontológica*: fala do que fazemos, não do estado fixo das coisas."[18] Fala das verdades negociadas pela coletividade e também de verdades subjetivas, verdades que dizem quais saberes são necessários para que um sujeito se torne professor e que o legitimam a tornar-se um; diz dos fluxos que o levam a ser ou não, e, sendo, definem as possibilidades e impossibilidades de continuar a ser; fala, ainda, das verdades que dizem como se deve ser o professor que é – ou acredita ser –, seus modos de agir, como deve se comunicar e como e o que deve comunicar.

Percebendo isso, optamos por voltar ao nosso ponto inicial: trataremos, defenderemos e trabalharemos em uma noção de formação de professores de matemática que é móvel, assim como aquilo do que ela trata. Nos aproximamos, assim, de uma concepção que defende a formação do professor como "um processo temporal pelo qual um indivíduo singular alcança sua própria forma"[19], entendendo essa forma como múltipla, subjetiva. Desse modo, por mais que aparentemente seja transgressor ou não natural trabalhar com uma expressão que já "foi superada" – quase descartada – e que soe como desordeiro propor, aceitar, trabalhar e defender uma noção de formação de professores que aceite o movimento – ou melhor, que só se dê em movimento e pelo movimento –, defenderemos nossa opção dizendo que

entendemos ser a “desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito”[20], pois, para nós, as palavras não estão diretamente ligadas à coisas, grudadas, presas umas à outras, não aceitando outros significados senão os que *elas já são*. Ao contrário, entendemos palavras e significados como construções, invenções humanas e, portanto, criações que estarão diretamente ligadas aos contextos, aos sujeitos, aos jogos e negociações de verdades; às intenções, aos desejos e às múltiplas possibilidades de atribuição de significados[21].

Entendemos, então, que a formação não tem uma “idéia prescritiva de seu desenvolvimento nem um modelo normativo de sua realização”: é “algo assim como um devir plural e criativo”. “Sua estrutura básica é um movimento de ida e volta que contém um momento de saída de si seguido por outro movimento de regresso a si”. Nesse sentido, o ponto de partida do processo é sempre o que já é próprio, o já comum, cotidiano, familiar, conhecido, “que se divide e separa de si mesmo para ir até o alheio, ou o estranho ou desconhecido e regressar depois, formado ou transformado, ao lugar de origem”[22].

Ainda nessas perspectivas, estaríamos mais próximos de uma compreensão de formação como algo que diz “primeiramente, de um cultivo, um fazer com que o vir-a-ser manifeste-se sendo, na plenitude das potencialidades do que se forma, e transforma-se”[23]. Assim, se alguém disse que “a formação de professores [...] deve dizer de um esforço, conjunto, quase uno, de professor e aluno, na concretização do projeto pelo qual nos tornamos humanos”[24], proporíamos reescrever dizendo ser um esforço, conjunto e quase uno, sim, mas, de um sujeito, que entre muitas coisas é também professor, e o mundo, na concretização de projetos pelo qual nos tornamos humanos.

A formação seria o processo contínuo que acontece a partir do momento que começamos a nos munir de ferramentas que nos permitirão experimentar o mundo e atribuir significados a ele. Esses ferramentais que usamos para ler o mundo nos são dados pelo próprio mundo a partir das vivências nos espaços-tempos, com as diferentes sociedades, culturas, linguagens, memórias, narrativas, histórias que, por sua vez, nos oferecem novos ferramentais e dos quais lançamos mão de alguns cada vez que vamos atribuir significados a algo novo do e no mundo; esse processo, para nós, é o de formação do sujeito e, portanto, também, o de formação de professores, pois esses são frutos de um aglomerado de histórias até então, formados por inúmeras forças que os levam a ser professores e os levam, cada um, a ser professor de dado modo, a depender dos contextos, das intenções etc. São esses fluxos

que entendemos como formação de professores de matemática, sendo, portanto, cada um, sempre único, singular, pessoal e intransmissível.

Portanto, percebemos que, na tese, na tentativa de fazer com que o leitor entenda algo no sentido do que desejaremos comunicar sobre o que chamamos de "formação de professores de matemática", ou mais amplamente "formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte", ele terá que compreender que, para nós, as palavras não dizem coisas diretamente, é sempre "impossível encontrar-lhes um espaço de acolhimento, definir por baixo de umas e outras um lugar-comum"[25]. Defenderemos assim, de início, que essa expressão, em si, não diz nada, mas potencialmente diz muita coisa, assim como toda palavra e suas combinações. Trata-se de um conceito sempre em movimento, ele próprio em formação, que dependerá sempre do contexto em que está imerso, das concepções e perspectivas, das intenções, das inquietações, dos movimentos e interpretações possíveis e cabíveis daqueles que falam e dos outros que lêem, interpretam, atribuem significados, compreendendo-o sempre a partir de outros contextos, concepções, perspectivas, intenções e formações singulares.

Teremos que encontrar algum modo de dizer que isso só ficou claro para nós quando propusemos e nos pusemos a observar a formação do ponto de vista da historiografia – e talvez só tenha sido possível por isso. Só ficou perceptível quando notamos o professor como um sujeito histórico e, ao pensarmos na formação dele desse modo, notamos que nos documentos mobilizados a expressão "formação de professores" não aparece no contexto do Rio Grande do Norte pelo menos até meados da década de 1980 e, quando aparece, diz apenas dos cursos Normais ou das Licenciaturas. Ao observarmos a ausência ou restrição do significado aplicado a essa combinação de palavras, e se sabíamos da existência de outras possibilidades de formação – mesmo que pensássemos apenas nas institucionais –, ficou claro que é uma noção que toma outras formas, por mais que dela não se lance mão enquanto expressão, por mais que não se fale sobre ela.

Sabíamos, por exemplo, da existência de documentos que tratavam de cursos de capacitação e treinamentos, modelos de formação institucionais, o que denuncia, conhecendo o contexto, outra perspectiva de formação. Esses cursos que acontecem no Rio Grande do Norte da década de 1950 a de 1980, assim como em todo o Brasil – bem como trabalhos de pesquisa que surgem nas décadas de 1970 e 1980 sobre a égide da expressão "formação continuada" –, tinham como preocupação básica atualizar os professores de matemática, ou, como se dizia, à época, treinar, reciclar, ou até "adestrar" em novas técnicas ou metodologias de ensino, uma concepção fortemente baseada nas concepções da "racionalidade técnica"[26],

amplamente difundidas no Brasil nesse período. Assim, percebemos que, por exemplo, poderíamos inferir que a noção de formação de professores de matemática amplamente difundida nesse momento estava ligada à noção tecnicista de capacitar os professores com métodos de ensino com os quais reproduziriam conhecimento.

Essa concepção, por exemplo, começa a mudar a partir da década de 1990, quando surgem novas perspectivas impulsionadas pelas pesquisas acadêmicas, que estudam o pensamento do professor e o professor reflexivo, e pelos "próprios formadores-pesquisadores, ao perceberem que as propostas, embasadas apenas em aportes teórico-científicos, consistiam em simplificações da prática profissional e reduziam o problema pedagógico à sua dimensão apenas instrutiva [...]"[27], ignorando toda uma dimensão humana da prática educativa.

Entretanto, para nós, pensar que elas são amplamente difundidas e conhecidas não é o mesmo que pensar que são comuns a todos, pois, se em suas narrativas, os professores nos falam que para ser professor, em determinado contexto e espaço-tempo, a formação necessária era saber conteúdo, afirmam que existiam professores e esses sabiam conteúdo, então, para nós, existiam professores formados, e essa noção de formação estaria ligada ao saber conteúdo e não à técnica e/ou à dimensão humana. Eram outras as necessidades, outros os contextos, outras as realidades e outras intenções; portanto, nessas, cabiam outras perspectivas de formação de professores de matemática.

No Rio Grande do Norte, embora houvesse formação de professores para os anos iniciais desde o início do século XIX nas Escolas Normais, aparentemente não existiram cursos de formação específica para professores atuarem no ensino ginasial, pelo menos até a década de 1950. Entretanto, se existiram professores atuando nesse nível de ensino – por mais que fossem pessoas formadas para outras profissões ou, ainda, sem essas credenciais –, isso só era possível porque havia uma consenso que legitimava essa possibilidade, e essa legitimação é atravessada, para nós, por uma concepção de qual a formação de professores de matemática seria necessária para isso.

Assim, pelo que entendemos, a noção de formação de professores de matemática sempre esteve presente nos diferentes contextos sociais, desde que se existisse a figura do professor, recebendo, de algum modo, diferentes acepções. Toda noção sempre dirá de verdades individuais e coletivas, negociadas diariamente – à medida que o meio vai formando os sujeitos e esses, por sua vez, formam o meio –, que passam a indicar, por exemplo, o que é ser professor e o que é necessário para ser professor, mesmo que esse seja um movimento inconsciente e não dito. Essas negociações entre sujeitos e grupos legitimam e definem quem

pode ou não ser professor, quem tem ou não formação para ser professor; independente de estar essa legitimação ligada à capacidade para ensinar conteúdo ou de ter uma didática, da necessidade de se ter professores ou da necessidade daqueles que vieram a ser professores.

Para nós, esses processos históricos são signos das concepções de formação disseminados em determinados espaços-tempos, por dados contextos e grupos sociais, assim como o são a migração, as Casas do Estudante, as experiências nas famílias, a falta de recursos, entre muitas outras vivências singulares pelas quais passaram os sujeitos que colaboraram com nossas pesquisas, formando-os, de um dado modo, professores de matemática no Rio Grande do Norte.

Essa fluidez do conceito é que pode, ainda, nos dar sinais para elaborar outras compreensões sobre as necessidades que impulsionaram o surgimento de tantas definições para falar do processo de formação de professores de matemática: ao tentarmos estabilizá-lo, territorializá-lo, a única saída seria a elaboração de um novo que supere o anterior. Isso nos levou a perceber que a tentativa de teorizar sobre a formação de professores de matemática seria uma tentativa falida, já de início, se partíssemos de um ponto de vista que enquadra o processo, definindo-o, limitando-o.

Proporemos, portanto, duas compreensões intrinsecamente interligadas: (1) que o processo de formação do professor (de matemática) não se restringe apenas aos espaços físicos das instituições escolares, ou, tampouco, apenas aos cursos de formação, mas, sim, que esse processo se dá na vida cotidiana, na rua, na lanchonete; em casa, com a família, com os amigos; no jogo, no parque, nas viagens e passeios; é um processo constante e móvel, sempre inacabado, sempre em devir; etéreo, fluido, fugaz, volátil; é, antes, um processo de formação do próprio ser, de sua subjetividade e; (2) que esses processos acontecem em meio a concepções de formação de professores de matemática que, por serem perspectivas de vida, formam esses professores de dados modos, e que, por sua vez, formarão outros, em outros processos de formação; são noções que mudam a partir de verdades e negociações subjetivas e coletivas e, ao mudar, formam professores com outras concepções e, portanto, de formas distintas.

Contudo, caberá ressaltar neste ponto que não estamos propondo considerar não haver a possibilidade de uma formação institucional e intencional, que diga de modos de agir, de posturas, de métodos e técnicas de ensino, ou, tampouco, negar a possibilidade de existir um processo de profissionalização dos sujeitos que se tornam (ou já são) professores. Salientamos que o que propomos é compreender como esses outros espaços de formação, essas outras

vivências e experiências podem atravessar e ser atravessadas por esses movimentos de formação institucional, esses processos que efetivam uma profissionalização dos professores, reconfigurando suas crenças, suas concepções, expectativas etc., redimensionando e possibilitando compreensões outras para entender os complexos processos de formação e atuação docentes em nosso país.

Se entendermos o processo de formação de professores de matemática desse modo, aparentemente as noções de "formação inicial" e "formação continuada" não fariam sentido, posto que a formação sempre *está*; é processo. Contudo, para nós, é claro que pensar isso não é concluir que propomos suspender todas as teorias até então elaboradas; muito pelo contrário: nos reconhecemos como seres criados também nesse fluxo, seres que só puderam pensar a formação de professores de matemática de um dado modo porque existem outros modos de pensá-la.

Ao propormos pensar a formação de professores de matemática nesses moldes, sugeriremos uma reelaboração de conceitos. Entretanto, mais importante do que só repensar conceitos em sua nomenclatura, adaptando-os ao que propomos, é repensar esses conceitos *a partir* de uma "nova" noção de formação – e não só repensarmos, mas tornarmos essas perspectivas prática de pesquisa e de vida –, o que poderia nos abrir possibilidades para tentarmos elaborar compreensões e tentar solucionar outras demandas sobre a formação dos professores de matemática da atualidade, tematizando, por exemplo, por que alguns alunos de graduação valorizam ou se dedicam mais às disciplinas específicas que às pedagógicas? Por que professores nas formações institucionais corroboram os discursos de produção de conhecimento junto aos alunos, mas, em suas práticas, agem opondo-se a esses discursos? Por que algumas práticas de ensino julgadas inadequadas ainda fazem parte dos roteiros de atuação dos professores recém formados ou que atuam há poucos anos? Por que tanto se ensina sobre metodologias diferenciadas e sempre nos deparamos com os métodos "tradicionais" de ensino? Por que tantos modos distintos de atuar em salas de aula? E, ainda, por que é tão difícil construir alguns conceitos com os professores nesses mesmos cursos institucionais?

Vislumbramos que um possível meio para compreender e buscar respostas a essas perguntas é pensar nos processos de formação que os sujeitos vivenciaram, para tentar perceber em quais contextos e quais concepções de "formação de professores de matemática" estiveram inseridos em seus processos singulares, pessoais. Desse modo, poderíamos compreender os processos de formação desses professores de matemática – ou tentarmos nos

aproximar –, para compreender quais as diferentes concepções sobre esses processos que ali estão a coabitar uma mesma sala de formação institucional. Desse modo, concebemos que poderemos, de fato, de um ou outro modo, influenciar de forma mais significativa os processos de formação.

No limite, nossa opção é por pensar o sujeito como: um ser histórico, em fluxo, em movimento, em processo, em formação, sendo, portanto, a formação do professor, um processo junto à formação da própria subjetividade que, dentre as muitas possibilidades de futuro, os muitos devires, tornou-se também professor. E é esse "tornou-se professor", ou ainda "tornar-se professor de algum modo", que propomos entender como o processo "formação de professor de matemática" ao qual tentamos atribuir alguns significados nessa pesquisa.

Portanto, para entendermos os processos do macro[ii] acontecimento que estamos chamando de "formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte", percebemos que seria necessário entender quais fluxos levaram os sujeitos a se tornarem professores; como eles são atravessados pelas múltiplas forças dos espaços-tempos que passam a ocupar processualmente; como esses espaços-tempos ressoam em suas subjetividades; como eles são, de fato, formados, enquanto subjetividades; quais as forças que os impelem às mudanças, às desterritorializações, às migrações, às formações.

Essas reflexões nos impulsionaram a pensar em outra problemática: a análise dos dados. Ao refletir sobre o modo como desenvolvemos a análise das narrativas no mestrado e que, até então, era o modo como estávamos procedendo à análise das narrativas para o doutorado (pois entendemos que a análise dos dados se dá durante todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, já que, a todo o momento, e de um ou outro modo, estamos atribuindo significados às narrativas que vamos tendo acesso), percebemos que este não seria suficiente para compreender o processo de formação de professores de matemática como passamos a pensá-lo.

Foi nesse ponto que nos pusemos a refletir mais incisivamente sobre como havíamos procedido, de fato, no movimento de análise das narrativas e na produção da nossa narrativa durante o mestrado, para entender e tentar elaborar um protocolo do procedimento que usamos na nossa análise narrativa de narrativas. Percebemos que, àquela altura, realizamos basicamente cinco movimentos distintos para a produção da nossa narrativa, sendo esses

[ii] Com "macro" nos referimos aos múltiplos e complexos processos que são abarcados pelo tema que tratamos, pondo em relevo que nesses sempre existirão muitos outros movimentos singulares dos quais nenhuma pesquisa isolada – ou mesmo em um exercício coletivo – conseguiria abordar.

movimentos não lineares e, portanto, impossíveis de ordenar, mas que podemos elencar: (a) um dos movimentos ocorreu durante os procedimentos da entrevista, transcrição e textualização, em que, à medida que íamos tendo o contato com as narrativas que criávamos, conseguíamos elencar os cursos, ou os principais "elementos de formação", que conseguíamos perceber, a partir das narrativas, o que possibilitou a elaboração de uma "linha do tempo da formação de professores de matemática na região de Mossoró", na qual distribuímos temporalmente esses "elementos de formação"; (b) um segundo movimento ocorreu com a leitura de cada narrativa isoladamente: íamos criando uma "linha do tempo da formação de cada colaborador", com os elementos da formação de cada um, mas sempre refletindo na outra linha do tempo; (c) realizamos a leitura e uma espécie de fichamento de todas as narrativas históricas que haviam sido produzidas no Ghoem e que faziam parte do mapeamento, bem como de outras narrativas históricas que nos ajudassem a abordar o assunto, com a finalidade de entendermos o contexto, no Brasil e na região, do movimento de formação de professores de matemática e, desses, elaboramos uma narrativa histórica contextualizando a educação e formação no Brasil; (d) lemos todos os documentos a que tivemos acesso, com vistas a elaborar elementos sobre o que pesquisávamos a partir deles e; por fim, (e) cruzamos essas várias "linhas do tempo", tanto de uma análise global quanto das leituras individuais das narrativas, com os elementos das várias fontes, e incorporamos novos elementos na narrativa que já havíamos elaborado, criando uma nova narrativa, que se tornou a versão histórica que apresentamos ao final do mestrado.

Ao procedermos essa autoanálise sobre o método de construção de nossa narrativa no mestrado, e munidos com concepções sobre multiplicidade e fluxos históricos mais sólidos, percebemos que na elaboração daquela primeira narrativa, talvez por termos elaborado linhas do tempo e seguido, de algum modo, uma linearidade temporal, tenha prevalecido uma impressão de sequencialidade e convergência de fluxo que não pretendíamos constituir, mesmo com a explicitação de elementos de dispersão de uma linearidade e com o exercício de alguns movimentos temporais de idas e voltas, operacionalizados por meio da análise de modelos formativos.

Uma das possibilidades levantadas, a partir dessa percepção, foi a de elaborar mais de uma análise narrativa de narrativas, nas quais lançaríamos mão de fontes distintas e focaríamos processos distintos, pois, ao fazer isso, "não vemos as mesmas coisas maiores ou menores, em caracteres grandes ou pequenos, vemos coisas diferentes"[28]. Desse modo, poderíamos discutir as possibilidades de elaboração de múltiplas histórias, pois, ao focarmos

movimentos distintos falamos de fluxos também distintos e, portanto, narramos histórias diferentes. Esse exercício permitiria ver e discutir, ainda, quais as potencialidades do uso de diferentes fontes, o que nos facultam as fontes orais, o que permitem as fontes escritas e quais ganhos temos ao mobilizarmos ambas, em conjunto. Por fim, poderíamos ainda focar diferentes aspectos dos processos de formação no Rio Grande do Norte, apresentando possibilidades distintas de processos formativos.

Outra técnica que sentimos necessidade de mobilizar, para tentarmos atingir o objetivo de analisar esses processos de formação subjetivos, foi o exercício de análise que uma das componentes do Ghoem, Ednéia Martins-Salandim, havia proposto em sua tese[29] e que temos estudado e discutido no grupo chamando-o de *análise de singularidades*, sabendo que analisar singularidades em uma narrativa não é "buscar o que a narrativa tem de única, mas se sensibilizar com as conexões que essa narrativa permite, os modos como promove variações, como põe em jogo a previsibilidade do mundo, como subverte as causas que a tornariam inteligível"[30]. Não que a análise narrativa de narrativas não permitisse esse movimento de sensibilização frente às narrativas, contudo, esse modelo de análise, por si só, não ofereceria recursos para procedermos com um movimento analítico para tentarmos atribuir significados à formação de sujeitos, embora percebêssemos que esse modelo permitiria, comportaria em si, uma análise de singularidades.

Assim, para procedermos com essa análise mais pontual, optamos por mobilizar a análise de singularidades, pois sabíamos que sua proposta é analisar os processos de formação singulares, lançando mão das narrativas isoladamente, numa tentativa de colocar em "suspenso" as demais, para que o pesquisador tente significar, a partir do modo como o sujeito se inventa em sua narrativa, quais movimentos, quais fluxos foram singularmente importantes para o processo de formação daquele professor.

Não se trata "de um analisar entendido como parcializar, fracionar, dissecar, dividir", ou de "converter a narrativa em teoria. Não é afastar, não é descrever ou representar, e está além da interpretação que conduz à verdade ou à compreensão do real. É promover um movimento questionador, 'indagativo' e explorador que, ao nos agenciar, nos ajude a pensar com"[31]. Sabíamos, portanto, que esse é, antes, um processo de sensibilização do pesquisador frente às narrativas, para que possa significar para si um possível modo de criação do sujeito, tentando seguir esse modo de inventar-se e perceber, com a narrativa, esse processo singular e pessoal.

É evidente, para nós, que esses processos são sempre inalcançáveis, inacessíveis, indizíveis – e sempre o serão –, entretanto, entendemos como passíveis de se atribuir signos plausíveis que falem sobre modos de se formar, modos de se subjetivar. Assim, é possível ao pesquisador atribuir significados aos processos de formação a partir das narrativas e de todo o processo de criação que a envolve, inclusive a entrevista, na qual, a nosso ver, o pesquisador viveu um momento singular e muito significativo para realizar esse procedimento de análise.

Desse modo, decidimos realizar um exercício de análise que aponta para a união de três modelos de análise que o Ghoem vem estudando e exercitando. Um primeiro modelo seria o que chamamos de análise por convergências, em que elencamos, a partir dos documentos analisados, os temas, acontecimentos evidentes, convergentes e/ou divergentes, mas que tratam de um mesmo aspecto ou evento[32]. Para isso, considera-se o conjunto das narrativas produzidas para uma determinada pesquisa. O segundo modelo é o da "análise de singularidades", em que se lança mão das narrativas produzidas a partir das entrevistas, mas de forma isolada, consideradas uma a uma, com vistas a perceber como aquele sujeito se constituiu e se constitui, em seu processo de formação único, a partir da narrativa em que se inventa. Esse seria, portanto, um processo de sensibilização para compreender como esse sujeito, narrativamente, se torna o que é[33]. O terceiro modelo seria a análise narrativa de narrativas, em que se elabora uma narrativa, a partir de outras, e diferente dessas, em que fica patente a subjetividade do sujeito que narra, mas também "as malhas das compreensões que ele retira de quaisquer fontes por ele julgadas potenciais contribuições para a compreensão de uma dada situação ou modo de narrar"[34].

Entendemos a natureza distinta desses movimentos analíticos e suas intenções particulares, contudo, não os compreendemos como sendo divergentes, por isso apostamos na possibilidade de uma análise que os una, para permitir compreensões outras dos acontecimentos que estudamos. Decidíamos que esse seria, portanto, o movimento de análise que optaríamos por perseguir em nossa pesquisa de doutorado e que, certamente, nos forneceria uma outra história da formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte, mais sensível, mais singular, ela também única – dentre outras a serem criadas[iii]. Nessa, esperamos deixar nítido que *a formação de professores é um fluxo histórico, um processo complexo, resultado de vivências individuais e coletivas*.

[iii] Uma discussão sobre nossos processos de análises e as construções dos textos narrativos está registrada no Tomo Travessias, *"Capítulo Registros"*.

[1] (PASSOS et al, 2006, p. 194).
[2] (FIORENTINI et al, 2002; PONTE 2014; ALBUQUERQUE; GONTIJO, 2013; PASSOS et al, 2006).
[3] (LARROSA, 2002; 2016).
[4] (OLIVEIRA, 2004a; 2004b).
[5] (GARNICA, 2015).
[6] (OLIVEIRA, 2004a, p. 76).
[7] (OLIVEIRA, 2004, p. 85).
[8] (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011).
[9] (GARNICA, 2015; BRUNER, 1991; 1997; MASSEY, 2008; ALBUQUERQUE JR; 2009).
[10] (OLIVEIRA, 2004b, p. 3).
[11] (PONTE, 2014, p. 364).
[12] (PONTE, 2014, p. 364).
[13] (PASSOS et al, 2006, p. 195).
[14] (PASSOS et al, 2006, p. 195).
[15] (FIORENTINI et al, 2002; FIORENTINI, 2008; FIORENTINI; NACARATO, 2005; FIORENTINI; CRECCI, 2013; PONTE 2014; 1998; 1994; 2005; ALBUQUERQUE; GONTIJO, 2013; PASSOS et al, 2006; GUIMARÃES et al, 2005).
[16] (FOUCAULT, 1999).
[17] (EAGLETON, 2003, p. 6).
[18] (EAGLETON, 2003, p. 13).
[19] (LARROSA, 2009, p. 45).
[20] (FOUCAULT, 1999, p. XI).
[21] (FOUCAULT, 1999).
[22] (LARROSA, 1998 *apud* PASSOS 2006, p. 194).
[23] (GARNICA, 1997)
[24] (GARNICA, 1997).
[25] (FOUCAULT, 1999, p. XII).
[26] (FIORENTINI et al, 2002, p.157).
[27] (FIORENTINI et al, 2002, p.157).
[28] (RICOEUR, 2007, p. 222).
[29] (MARTINS-SALANDIM, 2012).
[30] (FERNANDES, 2014, p. 150).
[31] (FERNANDES, 2014, p. 151).
[32] (BARALDI, 2003; TOILLIER, 2013).
[33] (MARTINS-SALANDIM, 2012; FERNANDES, 2014).
[34] (GARNICA, 2010a, p.11; BOLÍVAR, 2002; CURY, 2011).

Sumário PASSOS

Fluxos históricos, processos complexos, vivências coletivas e individuais: uma narrativa

As ações empreendidas pela igreja católica no campo da educação, a partir da proclamação da república, são algumas das iniciativas que possibilitam, mais tarde, formar muitos sujeitos, dentre os quais professores, pois, por ter tomado para si, em parte, a responsabilidade de educar, muitos padres e freiras tornaram-se também professores e/ou deram a oportunidade a muitos outros sujeitos a trabalharem no ensino, tenham se profissionalizado ou não nessa função[1].

Alcir Leopoldo Dias da Silveira[2] foi um dos que se tornou padre, e *a possibilidade* de se tornar professor surgiu *devido ao fato de ter ido para uma diocese que mantém um seminário e um colégio*[i]. Ele é um dos mais novos entre os nove filhos de dois cearenses interioranos. Seus pais não estudaram, mas ele conta que sua mãe falava bem o português e seu pai era autodidata, tendo chegado a escrever alguns livros. Seu pai trabalhava construindo estradas de ferro, e por ter trabalhado na construção do trecho Mossoró/Souza, Alcir passou boa parte de sua infância em Mossoró, mas lembra ter vivido esse período também em outras cidades, seguindo a estrada de ferro[3]. Em determinado momento retornou a Mossoró e, a partir de 1946, *foi estudar como interno no Seminário dessa cidade*, onde cursou o seminário menor – o primeiro ciclo de formação para se tornar clérigo. Seguiu depois para o seminário maior no Rio de Janeiro e em Roma, onde se ordena padre, retornando para atuar na Diocese mossoroense. Alcir aponta que essa cidade, à época, era muito menor e todos se conheciam; era boa para viver *por ser pacata*, *por haver uma devoção à padroeira da cidade*, *pelos mossoroenses valorizarem a família e se preocuparem com a formação integral do jovem*, do cidadão, *tanto moral quanto religiosa*.

Ao retornar a essa Diocese, em 1961, *começou a lecionar* latim no Seminário Santa Terezinha, no qual havia estudado, e logo tornou-se o vice diretor do Diocesano de Santa Luzia, tendo, por isso, ficado muito conhecido na cidade e mesmo na região, por *ocupar essa função em um dos mais importantes colégios da cidade*. Considera que *havia um bom ensino*

[i] As marcações em itálico nesse texto indicam elementos que ocorrem nas narrativas de nossos colaboradores e foram, por nós, percebidas como vivências que os encaminharam em seus percursos e/ou marcaram seus processos formativos, levando-os a se tornarem (ou deixarem de ser) professores de matemática e a serem de dados modos (os modos que os fazem ser o que são). Interpretamos esses elementos (a) como experiências que os mobilizaram aos ou outros caminhos, a alterações ou permanências; (b) como marcas que mostram formações que ocorrem atravessadas por discursos, ações e contextos dos mais diversos, constituindo suas subjetividades, com valores e crenças particulares; e ainda (c) como rastros de práticas que os moldaram em distintos contextos, tornando-os os professores que foram/são. Para compreender melhor nossa intenção com (e sobre) essas marcas, esses elementos destacados ao longo da narrativa, ver o texto *Capítulo Registros* no Tomo Travessias.

e diz que os *professores não faltavam*; quando acontecia, existia sempre alguém para substituir, pois era um *sistema rígido de aula após aula* e de *disciplina* para os alunos. No ano de 1962, em conversa com o diretor e também professor padre Sátiro, confessou que *gostava muito de matemática* quando aluno do seminário menor. Devido a isso, o diretor *o convidou para começar a lecionar matemática* a partir do ano seguinte, 1963, com *o objetivo de formar uma nova geração de alunos nessa disciplina*, pois era considerada o "bicho papão". Desse modo, Alcir deveria ensinar essa disciplina com o *objetivo de convencer os alunos de que a matemática é apreensível e aprazível*. Nesse período, difundia-se a matemática moderna[4] e *foi esse conteúdo que relata ter começado a lecionar* na primeira série ginasial, na base: juros, regra de três, proporção. Para isso, diz que os conhecimentos que possuía *eram os que havia produzido no seminário menor*, quando foi estudante.

Nessa outra instituição, recorda que *viviam de muito estudo*: pelas manhãs aconteciam as aulas e às tardes e noites estudavam individualmente e, devido a isso, atribui muito do conhecimento que produziu *a esse estabelecimento*, *aos bons professores*, mas também à *disciplina imposta pelos superiores*, para que estudassem cerca de seis horas por dia, além das quatro horas em sala de aula.

Com isso, Pe. Alcir foi professor de matemática no ano de 1963 e acredita que conseguiu fazer, em partes, o que desejava o Pe. Sátiro, *mostrando aos alunos qual a importância dos conteúdos dessa disciplina para suas vidas e aplicando-os em situações cotidianas*. No ano seguinte, *apesar de ter gostado muito de lecionar matemática*, *infelizmente teve que sair* do ensino dessa área, porque o professor de português afastou-se, fazendo-o passar a lecionar essa outra matéria, por considerar *a mais importante e necessária para todas as profissões*. Lembra que *não gostava muito de língua portuguesa*, mas estudou bastante e o que aprendeu deve ao fato de tê-la ministrado; dava ênfase no ensino de redação e leitura, *era muito exigente* e colocava os alunos para falar em público, em exercícios de oratória. Após essa mudança, *passou a atuar o resto da vida nessa outra disciplina*, profissionalizando-se e tornando-se parte, inclusive, dos corpos docentes dos cursos de Letras da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN), também a convite de Pe. Sátiro, e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), depois de cursar mestrado em Letras no Rio de Janeiro.

Quando lecionou matemática, a cidade estava passando por uma escassez de professores nessa área, por isso, Alcir *indicou um dos bons alunos do científico* do Diocesano para submeter-se a uma espécie de prova prática de didática, para verificar a possibilidade

desse assumir as turmas de matemática que lhe seriam atribuídas. Essa *possibilidade* foi dada a Francisco de Assis Silva, conhecido pelo apelido de Chiquito, que havia ingressado no colegial do Diocesano naquele mesmo ano.

Chiquito é de uma família pequena, tendo apenas um irmão, e cresceu morando com a mãe na casa dos avós, em um sítio, no qual diz ter vivido uma infância e uma juventude *de menino de pobre, ajudando nos afazeres de casa e do roçado*. Depois de fazer a primeira série primária com sua mãe, *pois a educação começava na família*, foi matriculado, em 1954, na segunda série do Grupo Escolar de Campo Grande e, no meio do ano, sua professora *o transferiu para a terceira série*, ou seja, cursou cada série em meio ano. Em 1957, logo após concluir o quinto ano primário, *começou a lecionar por esse município em uma fazenda* e, em 1959, foi *convidado para substituir uma ex-professora* na quinta série do Grupo Escolar.

No mês de janeiro do ano subsequente, 1960, Chiquito participou de um cursinho preparatório para prestar o exame de admissão, ministrado por um professor do colégio dos padres, de Mossoró. Ele foi aprovado para estudar no Instituto de Educação, onde cursou todo o ginasial entre os anos de 1960 e 1963. Em 1964, após receber o resultado final, foi ao Colégio Diocesano dessa cidade *para tentar uma vaga isento de taxas no científico*, posto essa ser uma instituição privada. Ao conversar com o diretor, *ganhou não só a vaga* como também quatro livros que precisaria adquirir para que estudasse naquele ano. Três semanas após o início das aulas, *Chiquito foi chamado à diretoria e solicitado a preparar uma aula* para passar por uma avaliação, com vistas a assumir algumas turmas que estavam sem professor. Ele foi admitido nesse processo e passou a ensinar matemática nessa escola a partir daquele ano até aposentar-se, em 1997. Sobre essa avaliação, lembra que *teve um pouco de dificuldade para preparar a aula* quando lhe deram os exercícios, mas *já tinha uma metodologia que havia criado* e *uma experiência que considera tê-lo ajudado*, pois já havia ministrado aulas particulares, preparatórias para o exame de admissão, no período que estudava no ginásio.

Por não ter formação didática, à época, Chiquito lembra que *sua rotina escolar era muito difícil*, resumindo-se às *aulas expositivas, resolução de exercícios, trabalhos em grupos e interrogatórios* – que julga uma estratégia muito boa e criativa da época –, mas considera que os alunos aprendiam muita coisa. Diz que começou a lecionar *sem muita técnica*, mas *nunca deu aula sentado* ou *colocou aluno para fora de sala*, mesmo tendo alunos complicados e mais velhos do que ele; aponta que isso era possível também porque *a escola dava cobertura ao professor* quando esse tinha razão. Apesar da falta de formação, considera

que não teve dificuldades para começar a ensinar, até *porque foi avançando nas turmas e níveis de ensino gradualmente* e, segundo narra, quando não estava em aula, *estava em casa preparando suas aulas, elaborando e corrigindo provas, comprando livros* etc., pois *gostava de estudar* e o fazia, inclusive, aos fins de semana. Aponta também que *não teve dificuldades nos estudos*, apenas *para se deslocar* e no que tange a *questão financeira*, mas *nada que o impedisse de estudar*.

O professor Chiquito considera que nesse período, década de 1960, os outros professores eram como ele: *só sabiam o conteúdo, o que era suficiente para caracterizar a possibilidade de tornar-se professor*, pois não havia formação específica na região, o que era uma dificuldade. Lembra que quando cursou o ginasial, todos os seus professores eram padres, doutores, advogados etc., *não existia professor leigo*, mas vigorava o sistema de *dar o conteúdo para os alunos* e *esses que deveriam aprender*. Recorda que as seccionais, que representavam a Secretaria de Educação, *cobravam muito a formação dos professores às escolas particulares* e, como não tinha quase ninguém com essa formação, começavam a lecionar e *ficavam inscritos para realizar cursos que aconteciam nas férias*, no fim dos semestres letivos. *Por isso*, recorda que após alguns anos de atuação na profissão, foi realizar um curso da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), em Natal.

Depois do segundo ano em que foi realizar esse curso, *abriram na região, vestibular para o curso de Letras*, ao qual se submeteu e foi aprovado. Ao concluir esse curso, *lançaram vestibular com vagas para o curso de Matemática*, cuja seleção ele prestou, obtendo êxito. Iniciou o curso e, ao chegar ao sétimo período, o professor da disciplina Estágio Supervisionado *afastou-se* e *surgiu a possibilidade* de Chiquito tornar-se docente dessa disciplina *por já tê-la cursado no curso de Letras*. Devido a essa segunda *casualidade*, *foi convidado a compor o quadro do corpo docente* do Departamento de Matemática da FURRN, onde também permaneceu até aposentar-se.

Ao lecionar a disciplina de Estágio, relata que os alunos sempre assumiam as turmas que deveriam inicialmente observar, pois os professores davam desculpas para não ir às suas aulas. Considera que essas situações eram problemáticas, pois os alunos sabiam os conteúdos, mas iam para aprender um pouco mais sobre a prática de ensino, a didática, o que não acontecia. Essas situações ocorriam nos dois primeiros estágios – que deveriam ser de observação e participação em planejamento e avaliação –; no terceiro, quando os alunos efetivamente deveriam assumir aulas e Chiquito ia observá-los, diz que *tinha mais tristezas do*

que alegrias. Além desse ponto, outro fator que observou como prejudicial, nesse processo de formação institucional de professores de matemática, foi *os professores das escolas não permitirem que os estagiários criassem suas próprias metodologias de ensino*, levando-os a seguir os mesmos métodos que utilizavam.

Para Chiquito, *a cada dia o professor está aprendendo mais* e *nenhum vai para a sala de aula preparado, nem quando faz uma faculdade*. Para ele, tem professor que simplesmente dá suas aulas e pronto, mas acredita que no cotidiano escolar, *o docente deve ver e respeitar o aluno, a família, a escola* e *dar as condições para que o aluno que tenha dificuldade possa aprender algo mais*. Julga que não teve dificuldades no magistério *por ter medo de errar* e, por isso, se *preocupava com seu próprio aprimoramento*. Ainda acredita que *o professor não precisa saber tudo*, mas *precisa ser sincero com os alunos*, assumindo que não sabe e se comprometendo a buscar o conhecimento.

Assim como Chiquito, quem também começou a lecionar matemática por *uma possibilidade dada por instituições ligadas à igreja católica* e *por ser uma boa aluna* foi Isabel Maria Nóbrega Montenegro Diniz, ou simplesmente Neta, que começou a lecionar português e matemática no ginásio da mesma escola onde estudou, o Educandário Santa Terezinha, em Caicó.

Neta viveu toda a infância e juventude nessa cidade, cresceu com sua avó, mãe e dois irmãos. Diz que foi uma infância *muito boa por brincar bastante*, mas também lembra que *apanhou muito*, pois, no período, sempre que "teimava", resolviam dessa forma. Da adolescência, considera que *foi muito castrada*, já que sua mãe não a deixava fazer muitas coisas a sós. Apesar da juventude mais limitada (ou talvez por isso), relata que *leu muito*, porque *lia também para a sua avó que era cega* e *isso a fez desenvolver gosto pela leitura*.

Começou a estudar com sua mãe e sua avó, com quem aprendeu a ler, e com uma professora particular; em seguida foi estudar no Grupo Escolar dessa cidade, onde ingressou já na terceira série primária. Lembra que *sempre estudava sozinha*, pois sabia que sua mãe *não tinha condições de ensiná-la por não ter paciência*, e recorda que a educação familiar era diferente em relação à escola, pois sempre *ensinavam a respeitar o ambiente escolar e os professores.* No Grupo, relata que as atividades eram feitas *com muito rigor*, no *horário determinado, sempre formavam uma fila* no pátio da escola para cantar o hino nacional, *aprendiam o que é pátria* e a *desenvolver um verdadeiro amor por seus símbolos*.

Ao concluir o primário, *participou de uma seleção e foi contemplada com uma bolsa de estudos* do governo, que custearia todo o ensino médio do período em uma instituição

particular. *Por conseguir essa bolsa de estudos*, foi cursar o primário no Santa Terezinha, em 1956, quando começou a ensinar particular, procurada pelos pais de algumas crianças. Assim, conta que ia para a escola pela manhã, ensinava particular à tarde e estudava/lia à noite, tendo sua avó como companhia.

Antes de concluir esse nível de ensino, *surgiu a oportunidade* para começar a lecionar, pois, *como a diretora da escola a conhecia*, foi convidada para substituí-la no quinto ano primário de uma escola ligada ao Educandário Santa Terezinha. Neta julga que isso acontecia devido à necessidade de professores: como não havia professores qualificados, contavam com os professores *com conhecimento*. No ano seguinte, 1960, quando ingressou no colegial, assumiu essas disciplinas no ginasial e, para ela, *o sistema de ensino que seguia foi criado por si mesma, assim como o das irmãs (freiras),* que *era um sistema muito rigoroso e direcionado para o que o professor exigia*. Diz que havia um direcionamento e um acompanhamento pelo MEC, para saber se estavam desenvolvendo o ensino corretamente, mas *era um sistema de cima para baixo*.

Considera que os professores *eram bons*, *exigiam silêncio*, e *os alunos não podiam se mexer*, o professor *era respeitado em sala de aula* e, com isso, *conseguiam dar suas aulas e cobrar os conteúdos*, sendo mais ou menos exigentes. Lembra que existiam alguns professores que ficavam *só sentados falando*, mas *não deixavam os alunos conversar*, e, com outros, *viviam a expressão "faça o seu giz falar*", pois era só o giz e o quadro. Independentemente do perfil do professor, as aulas *eram menos barulhentas*, pois *eram obrigados a ficar quietos*. Em síntese, diz que o sistema era: *o professor falava, tudo o que dizia estava correto, e o aluno só tinha que aceitar e aprender*. Havia a figura do inspetor escolar, que realizava a fiscalização dos conteúdos que estavam sendo dados e das cadernetas, e todos já sabiam quem era e quando estava fiscalizando, mas não havia nenhum tipo de estudo ou planejamento conjunto.

Neta recorda que lecionava enquanto cursava, *a contragosto*, o técnico em contabilidade ainda em Caicó. *Ficou na cidade mesmo sem desejar*, pois *alimentava o sonho de ser médica* e, para isso, *planejava estudar o científico em um internato em Natal* e lembra que já estava tudo certo para isso acontecer, mas um tio interveio e sugeriu a sua mãe que não a deixasse ir e a matriculasse no pedagógico, para ajudar na renda de casa. *Como ficou muito chateada com a situação*, lembra que não quis fazer esse curso, matriculando-se, sem desejar, no técnico. A professora lembra que, como seus planos de ir para Natal não foram adiante, além de fazer esse outro curso que não pretendia, *casou-se cedo* e teve sua primeira filha no

último ano do técnico em contabilidade. Depois disso, teve outros dez filhos e defende que eles *nunca a impediram que fizesse qualquer coisa em sua vida*, pois continuou a trabalhar em três experientes.

Ao concluir o técnico, passou a lecionar oficialmente, em 1963, nas turmas que já lecionava e também no técnico em contabilidade do Colégio Diocesano Seridoense (CDS). No ano seguinte, 1964, lembra que *teve que optar* por ensinar ou português ou matemática, *pois participaria de um curso da CADES*, em Natal (curso que tornaria a fazer nos anos de 1965 e 1966); assim, *por ser mais fácil conseguir professores para ensinar português, optou por fazer o curso na área matemática*, passando a ensinar apenas essa disciplina. Em 1964, ainda, passou a ensinar também no Instituto de Educação de Caicó e, com isso, trabalhava os três turnos. No Instituto de Educação, por falta de professor com formação adequada para lecionar, *chegou a ser diretora do pedagógico* e, *pensando em se profissionalizar em administração escolar*, prestou o vestibular para o curso de Administração que estava sendo criado no campus de Caicó da UFRN em 1974, mesmo sem conhecer a realidade do curso. Foram aprovados na seleção ela e o esposo – que também lecionava matemática – e logo ao fim do primeiro ano do curso, surgiram boatos de que os cursos de Administração e Direito não continuariam sendo ofertados em Caicó e, desse modo, aqueles que quisessem continuar no curso *deveriam transferir a matrícula para Natal* ou poderiam mudar de curso. Neta recorda que *poderia ter mudado para Pedagogia*, mas viu nessa situação a *possibilidade de ir morar em Natal*, como tanto desejava.

Apesar da resistência do marido, Neta procurou saber como realizar a transferência e, *aproveitando uma reunião que aconteceu em Natal* com os professores das escolas de segundo grau, para a qual foi como diretora do Pedagógico, *permaneceu por mais dois dias nessa cidade para providenciar a transferência do curso e buscar escolas onde pudesse trabalhar com o marido*. Ao retornar a Caicó, *comunicou que iriam para Natal* e foram em 1975, onde, no início, ficaram cerca de três meses nas residências universitárias e outros dois meses na casa de uma sobrinha do esposo; nesse período, os filhos ficaram com a mãe de Neta, em Caicó, e foram buscá-los em julho, quando conseguiram se organizar e alugar uma casa.

Em Natal, Neta lecionava em duas instituições no turno matutino; à noite, tinha aulas na UFRN e dava aulas na rede estadual, pois transferiu seu contrato para lá; e, no período da tarde, era bolsista na UFRN. No ano seguinte, em 1976, *foi convidada por uma colega de turma para trabalhar na fábrica de seu pai* exercendo a função de administradora e recebeu

uma proposta de trabalho na qual ganharia o dobro do que estava recebendo. *Como era mãe de oito filhos,* como diz, *aceitou a proposta,* deixou todas as escolas – menos a do Estado – e continuou no curso; assim, trabalhava na empresa pela manhã e tarde, e dava aulas e fazia a faculdade à noite. Ao concluir a graduação, recebeu o convite para tornar-se professora do curso de Administração da UFRN, mas recusou por ser dedicação exclusiva, pois *não quis largar o ensino na rede estadual, os seus alunos*.

Esse convite foi feito pelo reitor da UFRN, que já havia sido Secretário da Educação no período que ela era diretora do curso pedagógico de Caicó, e já *a conhecia de lá*, pois, quando secretário, ele foi a Caicó devido a uma greve que houve no Instituto de Educação. Neta narra que o pedagógico não aderiu, pois, *ela não permitiu nenhum professor do pedagógico descer para participar da greve*. Nessa ocasião, relata que disse aos professores que *ninguém estava ali para contestar um secretário, nem governo, mas, sim, para fazer educação e cumprir as ordens, porque essa era a formação deles, educação, e deveriam dar o exemplo, já que estavam formando professores*. Conta que a greve havia sido ocasionada porque alguns docentes quiseram ficar solidários ao diretor geral, que julgava estar equivocada uma ordem que foi dada pelo estado.

Neta recorda que no período em que lecionou, *vivia uma rotina muito corrida*, pois tinha atividade nos três expedientes e, muitas vezes, alguns professores se obrigavam a isso pela escassez de docentes; no seu caso, além disso, *precisava de mais dinheiro e podia assumir o compromisso*. Lembra poucas mudanças na educação, mais ligadas a currículo e avaliação, alterações que não eram muito perceptíveis no dia a dia da escola, mas critica a departamentalização do ensino, pois acha que *quebra a continuidade que deveria existir*. Relata um período que não recebiam o salário regularmente, cerca de três anos, quando fizeram umas reformas no quadro do magistério e elaboraram umas divisões dos contratos, os quais precisavam ser recadastrados anualmente, em Natal; devido à burocracia, esse registro demorava o ano todo, fazendo com que os professores recebessem seus salários apenas ao fim do ano letivo, em dezembro ou janeiro do ano seguinte, *passando o ano todo sem receber absolutamente nada*.

Ela diz que *o magistério foi algo maravilhoso que viveu, apesar de não querer no início, por não ter ido estudar em Natal*. Diz que *agradece* todos os dias por isso, porque, segundo conta, *foi melhor do que seus planos*, pois, depois que construiu com o esposo o Centro Educacional Integrado do Seridó (CEIS), em Caicó, percebeu que *havia realizado seu sonho, mas de um modo diferente do que pensava*: o espaço físico da escola, *que possibilitou*

formar médicos e muitos outros profissionais, se aproximava ao de uma antiga casa que existia em Caicó, *modelo que Neta sonhava em copiar para construir seu consultório*, caso tivesse se formado médica.

A professora diz ter visto muitos alunos que iam para Caicó num jumento e que se formaram, enquanto outros, cujos pais de tudo deram, não aproveitaram a oportunidade. Por isso, afirma que *a formação é relativa*, pois, para ela, apesar de haver a influência do exterior, do meio, da família, *cada um traz em si o que quer ou não*; *uma motivação pessoal*. Assegura que, para si, a educação tem um sentido especial porque *não é só a formal, a escolar*, mas *a da vida como um todo*, pois considera que *a cada dia se está aprendendo, é um constante renovar-se*.

Assim como Neta, Chiquito e Alcir, Raimundo de Freitas Melo é mais um dos que se torna professor de matemática *por surgir uma possibilidade casual*. Ao retornar para sua cidade de origem depois de prestar um vestibular e não conseguir sua aprovação, recebeu o convite para lecionar no Instituto de Educação Jerônimo Rosado, em Mossoró.

Filho de pequeno agricultor, *de família humilde*, Raimundo considera que teve uma *educação familiar forte*, *tradicionalista*. É um dos mais novos e *foi um dos primeiros a estudar* entre os irmãos. Trabalhou na agricultura até seus dez anos e *viu que continuaria como agricultor se permanecesse ali*, no interior de Itaú. Foi quando *resolveu começar a estudar para buscar outro futuro* e, para isso, *enfrentou problemas com seu pai*. Narra que foram muitos embates, tendo chegado a ameaçar fugir de casa, mas, por intervenção dos irmãos, seu pai aceitou sua decisão. Recorda que saiu para se instruir no início da década de 1950, e *passou pelas casas do estudante* de Mossoró, Natal e Fortaleza, *onde enfrentou muitas dificuldades*, mas *era a única possibilidade que tinha* para estudar fora; *não tinha recursos para outras atividades*, assim, *só tinha como atividade os estudos*: casa do estudante, livros e colégio.

Quando aluno, lembra que *professor só o era em sala de aula, não tinha preocupação com os estudantes fora desse ambiente* e *todas as atividades eram feitas na própria escola*. *Não teve dificuldades com os estudos*, a não ser o de *acesso a materiais*, pois era tudo limitado também por falta de poder de aquisição. Em Itaú só havia uma escola primária e era pública; dos professores, apenas um tinha formação em educação, *os outros eram leigos*, mas, por ter *certo conteúdo*, considera que eram *melhor qualificados do que alguns que possuem formação hoje*. Em 1965 prestou o vestibular para Engenharia em Fortaleza e em Campina Grande: no primeiro, ficou na lista de suplência e, no segundo, não conseguiu concluir o

exame porque o processo foi interrompido devido a uma grande confusão entre os universitários da Paraíba e os vestibulandos de Fortaleza. Ao retornar a essa cidade, descobriu que havia sido convocado pela universidade, *mas perdeu a vaga por não se apresentar no prazo*. Diz ter sido *uma experiência tão forte* que voltou para Itaú *decidido a não estudar mais* e foi quando recebeu a visita de uma comissão de Mossoró *convidando-o para lecionar matemática*.

Os primeiros contatos de Raimundo com o ensino aconteceram quando, cursando o ginasial, ensinava aos colegas ao voltar de férias para sua cidade. *Como tinha pouca coisa para fazer* em Itaú, relata que *acabava se dedicando aos estudos e antecipando os conteúdos de matemática* que seriam estudados no período seguinte, foi quando diz ter *despertado o interesse para ser professor, pois achava muito bonito a postura, o fato de usarem ternos para dar aula* etc.

Oficialmente, ele ingressou no magistério naquela oportunidade, em 1965, inicialmente ensinando matemática, física e química no ginasial. Em 1967 *foi a Recife participar de um curso* no Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE) e, ao retornar, em 1968, *tornou-se diretor do Anexo II*, Escola Padre Flávio, do Instituto de Educação, *e começou a lecionar também* na Escola Técnica de Comércio União Caixeiral. O professor Raimundo diz que *sempre procurava se aproximar de seus alunos porque havia sentido distância de seus professores*; esses eram as figuras que *estava lá perante o birô, numa posição de quase rei*, para os quais os alunos tinham *pouca condição de se dirigir*. Isso ele afirma ter mudado e praticado durante toda a vida, buscando uma *relação de amigo pra amigo, de pai pra filho*, de *boa comunicação*, de *bom entrosamento* para que houvesse maior aprendizado. Recorda ainda que *sempre procurou cumprir os planos de curso*, porém havia muito acúmulo de atividades, devido à *necessidade de professores ser grande* e a *remuneração baixa*, quando chegou a dar cinquenta e seis horas de aula por semana e ainda fazendo o curso de Economia na FURRN.

Ao concluir o curso, *deixou de ser professor de matemática na educação básica*, pois foi prestar assessoria num projeto de integração indígena na Fundação Universidade de Mato Grosso, entre 1972 e 1973, voltando para o RN em seguida para assessorar um projeto da UFRN, onde prestou concurso e ficou como professor universitário – mas, mesmo lá, ensinou disciplinas ligadas à matemática. Essa ida para o Mato Grosso *foi ocasionada por problemas com um professor envolvido com drogas que o ameaçou de morte*, quando ocupava o cargo de diretor. Nesta função, recorda que não teve problemas com os alunos, a família era muito

presente na escola, muito participativa, mas *teve dificuldades com professores*, pois faltavam, não tinham responsabilidade, não preparavam aulas, se envolviam com alunas e alguns, como esse, tinham problemas com vícios.

Raimundo considera que *ensinar foi prazeroso, tranquilo e que os alunos eram mais interessados*, relacionando isso ao fato de que entravam mais velhos na escola, quando estariam mais maduros, *possuindo metas para a vida*. Sobre o ensino de matemática, diz estar diferente, pois antes *era tido como um instrumento puro e sem aplicabilidade*, e, hoje, aprende-se já no início que há utilidade. Assim, diz esperar que a modernização dos conteúdos e das metodologias tenham contribuído para que o ensino dessa disciplina avance.

Como Raimundo, quem viu na educação uma possibilidade de buscar outro destino que não o trabalho na agricultura foi Josimá Gomes Guimarães, que também ingressou no magistério *por uma casual possibilidade que surgiu ao retornar para sua cidade de origem, após concluir o colegial*.

Josimá cresceu na, à época, zona rural de Brejo do Cruz, chamada Belém do Brejo do Cruz – hoje uma cidade, homônima –, no interior da Paraíba. De *família humilde*, recorda que *as opções existentes de ocupação* para ele e seus quatro irmãos eram *estudar ou trabalhar*. Lembra que inicialmente todos estudavam, embora seus pais preferissem que ficassem apenas na lide, o que acabou acontecendo com seus irmãos, pois, com o tempo, *apenas ele continuou na escola*.

Fez o primário na zona rural e diz que aprendeu não pelo fato de estudar em um estabelecimento particular, mas, sim, por existir o "argumento" – estratégia que consistia em responder oralmente a questões sobre tabuada e soletração – *avaliado com a palmatória* e, *por ter medo*, se preparava bem para as perguntas. Como havia apenas esse nível escolar onde morava, aos quatorze anos Josimá *precisou sair de casa* e morar em Brejo do Cruz, na casa do estudante, para continuar sua instrução e, para isso, *recebeu todo o apoio da família*. Depois de morar três anos nesse local e por ter *se acostumado a morar fora*, seguiu para estudar na cidade de Mossoró, onde também viveu por três anos na casa do estudante. Após concluir o ginasial nessa cidade, foi cursar o colegial em João Pessoa (PB) e, novamente, morou três anos em outra casa do estudante. Lembra que foi para essa última cidade porque *a maior parte dos colegas estava indo* e, além disso, *tinha uma avó e uma tia que moravam lá, as quais poderia recorrer nos dias que não houvesse refeição na casa do estudante*.

Josimá narra que os alunos, nesse período, pareciam mais interessados pelos estudos e *estar na escola era como estar em casa, o mesmo respeito que tinha aos pais, deveria ter aos*

professores; *todos os horários eram marcados*; *ninguém podia sair das salas para brincar*, ou seja, diz que *só iam para a escola aqueles que tivessem interesse de estudar e aprender*. Outro aspecto que aponta como fulcral para fazer alguns alunos, como ele, estudarem, era o fato de *morar em casas do estudante*. Sobre os professores, diz que apesar de não serem formados institucionalmente ou terem formações em outras áreas, *tinham os livros didáticos* e eram *verdadeiras autoridades*, *muito comprometidos, dificilmente faltavam* e *mantinham a ordem e o silêncio das salas de aula, o que fazia os alunos aprender melhor*, como julga. Para realizar os estudos, Josimá teve que *estudar muito e sofreu um pouco*, porque tinha o interesse em aprender, mas, *por ser pobre, tinha despesas que implicavam no processo*.

Ao concluir o colégio e *não obter a aprovação no vestibular para o curso de Engenharia*, ele retornou para Belém do Brejo do Cruz e ficou sabendo que o prefeito estava à *procura de alguém para assumir a disciplina de matemática* no ginásio aberto nessa cidade, cargo que Josimá ocupou. Assim, em 1977, passou a lecionar matemática de quinta à oitava séries em Belém e, pouco tempo depois, também por *possibilidades* que surgiram, conseguiu uma transferência para lecionar em Catolé do Rocha (PB) e iniciar a docência em João Dias, no interior do RN. Inicialmente, *se espelhou em seus professores, nos que gostava*, pois diz que o aluno reconhece o bom professor: *aquele que tem segurança, que tem domínio nos conteúdos*. Então, diz que ensinava o que realmente sabia, o que tinha aprendido, e foi assim que começou a lecionar e ter contato com os alunos e a escola, *onde viu o que podia ou não fazer*.

Como estava lecionando nas duas cidades, optou por fazer o vestibular para o curso de Ciências, com habilitação em Matemática, em Cajazeiras, na Universidade Federal da Paraíba, para o qual foi aprovado e concluiu em março de 1982. Fez esse curso recém-criado em Cajazeiras *por ser uma cidade relativamente próxima*, o que possibilitava *realizar o curso e continuar trabalhando.* Para isso, colocou um substituto em João Dias, conseguiu concentrar todas as aulas em Catolé do Rocha para dois dias, quintas e sextas-feiras, e *frequentava o curso nos demais dias letivos da semana*, apesar do curso ocorrer regularmente durante todos os dias. Conseguiu fazer toda a graduação dessa forma, conversando com seus professores e explicando sua situação.

Ao se graduar, foi efetivado como professor dos dois estados, RN e PB, e em 1988, transferiu seu contrato de João Dias para Patu, onde foi trabalhar no Ginásio Comercial, que era particular, mas mantinha convênio com o estado. Após oito anos, mudou dessa para uma escola pública de ensino médio, e ficou ensinando apenas nesse nível, tanto em Catolé do

Rocha quanto em Patu. Josimá diz que, no início, assim como os alunos, *os professores também eram mais interessados e comprometidos*, apontando que o problema da educação na região não é salarial, mas, sim, de *falta de compromisso do professor com o trabalho*.

Ele conta que agia diferente de muitos professores em alguns aspectos como, por exemplo, em relação à reprovação, pois, em determinado momento, *parou de reprovar os alunos do segundo e terceiro anos do ensino médio*. Julga que estava na escola *para fazer de tudo para o aluno aprender*, mas, se isso não acontecia por falta de interesse do aluno, *ele não era o culpado* e que não seria mais possível, nesses anos escolares, *consertar erro que já vinha de um longo período*, referindo-se aos conteúdos não aprendidos no ensino fundamental. Um dos motivos que o levou a tomar essa decisão foi uma *experiência* na qual *foi chamado pela diretora de uma escola e solicitado a aprovar o filho de uma pessoa importante da região*, sendo que essa era apenas uma dentre oito crianças de uma mesma série que o professor Josimá havia reprovado; o professor narra que, após questionamentos, *para não ser injusto, as oito crianças foram aprovadas*, o que o fez perceber que para *filho de pobre não tem jeito, mas há pra "filho de papai"*.

O professor Josimá lembra que *sempre facilitava um pouco para os alunos perceberem que ele tinha interesse em suas aprendizagens* e, por isso, não dava para apenas exigir. À noite dificilmente havia alunos menores de idade e muitos *com situações particulares mais delicadas*, então *buscava auxiliar*. Além disso, recorda ainda que, como *não gostava de discutir com os alunos* e *não os levava para a secretaria*, encerrava qualquer discussão que surgisse dizendo para o aluno ficar quieto e não atrapalhar sua aula, aproveitando-se que os alunos temiam a disciplina de matemática por ser de fácil reprovação. O professor aponta que *ficou desgostoso com o salário que foi caindo com o tempo*, além de indicar inúmeras falhas do sistema de educação do RN, criticando a média de aprovação, o sistema de recuperação, a quantidade e a carga horária das disciplinas, julgando que a disciplina de matemática deveria ser dividida, pois *um só professor não consegue dar todo o conteúdo*. Apesar dessas questões, diz nunca ter reclamado do magistério, *por gostar muito e considerar que se deu bem na profissão*.

Mais um dos que iniciou a carreira profissional no magistério *por surgir a possibilidade* e *depois se profissionalizar na área por já estar atuando*, como Josimá e Chiquito, foi Almir da Costa Dantas, que começou a lecionar para o estado, em Caicó, após *seu irmão – a quem substituiu – ter se afastado*. Pela falta de pessoas com formação

institucional ou outra qualificação para ocupar a vaga, essa oportunidade surgiu para ele por ser *indicado como bom aluno* do Diocesano Seridoense (CDS).

Almir diz, assim como Raimundo, Chiquito e Josimá, que é *de origem humilde*; teve nove irmãos, seus pais eram agricultores e apenas alfabetizados, mas *sempre buscaram educar os filhos*, que tentaram *vencer na vida por meio dos estudos*. Considera que *sua educação familiar foi rígida* e que seus pais acompanhavam seus estudos de perto, apesar de viverem longe, devido à agricultura.

Ele morou e cursou todo o primário na cidade de Umarizal, mas para fazer o ginasial foi para Caicó, em 1966, onde cursou os dois primeiros anos no CDS, indo concluir esse nível de ensino no Colégio Agrícola de Catolé do Rocha (PB), na Paraíba. Almir lembra que o *interesse dos alunos era muito grande*, principalmente porque tinham a perspectiva de *vencer na vida*, e narra que *estudou com a elite de Caicó e no internato agrícola*, apesar de não ter recursos, *por ter conseguido uma bolsa de estudos* mantida pelo governo, que arcava com todas as despesas. Ao concluir o ginasial no colégio agrícola, diz que poderia ter ido fazer o técnico em agronomia em Bananeiras (PB), mas aponta que *não tinha vocação para a agricultura* e, com isso, em 1969, optou por retornar a Caicó para cursar o científico de 1970 a 1972, quando *morou na casa do estudante* dessa cidade. Foi nesse ínterim, especificamente em 1971, que Almir tornou-se professor de matemática do ginasial, após ser indicado como bom aluno dessa disciplina no CDS.

O professor recorda ter tido dificuldades para realizar os estudos *devido a questões financeiras*, pois, como morava fora de casa, os pais *precisavam fazer um esforço sobre-humano* para conseguir manter os filhos estudando, *por isso começou a atuar como professor*, *por necessidade*, pois *havia tentado entrar para as forças armadas*, mas, dispensado, uma forma de continuar seus estudos era conseguindo um emprego e lecionar foi a *possibilidade* que surgiu.

Como não tinha formação para lecionar, ele *se espelhava em professores de matemática que tinha como ídolos*, os quais *considerava muito bons*, como a professora Neta e João Bangu (o esposo dela). Esses professores o auxiliaram muito, *pois, sempre que surgiam dúvidas, os procurava e era prontamente atendido e incentivado*. Foi assim que diz *ter buscado desempenhar bem sua função de professor*, ao que lembra *ter se somado a alguns cursos de formação específica* que fez, como a Preparação Intensiva do Professor do Ensino Médio (PIPEM).

Almir julga que os professores nesse período tinham a mesma formação que ele: *eram alunos ou ex-alunos que haviam se destacado nos estudos e diz que eram mais comprometidos, não faltavam, mesmo trabalhando o ano todo sem receber* – pois só recebiam no início do ano consecutivo. Por isso, ele atribui a culpa da educação pública estar em decadência aos professores, pois os que trabalham nas redes públicas são os mesmos das privadas e, apesar da remuneração ser menor nessa, só fazem greve nas instituições públicas, o que aponta como falta de compromisso.

Em 1972 prestou o vestibular em Natal, para onde se mudou em 1973 para cursar Matemática na UFRN e onde continuou lecionando, por conseguir transferir seu contrato com o estado. No ano seguinte, 1974, foi para Recife fazer uma Licenciatura de Curta Duração em Ciências, oferecida pelo Programa de Melhoria do Ensino (PREMEN) em parceria com o CECINE e, para isso, Almir recebia uma bolsa desse programa e ainda conseguiu o afastamento remunerado pelo contrato como professor, *o que era muito motivador*. Ele narra que *optou por interromper sua graduação* para fazer esse outro curso porque, além do conhecimento que oferecia, *daria ascensão financeira no estado em curto prazo*.

Após a conclusão desse curso, retomou a matrícula da UFRN e continuou o curso de Matemática, mas ele lembra que atrasou um ano do curso porque precisou se matricular em poucas disciplinas por semestre por dar uma grande quantidade de aulas, *pois toda sua família foi morar em Natal*. Como eram muitos irmãos, os pais eram muito pobres, e apenas ele e mais dois trabalhavam, *precisavam ganhar mais para sustentar todos*. Assim, ensinou em muitas escolas e teve época de dar cinquenta e seis horas de aula por semana, além das aulas da faculdade. Após concluir sua graduação, *retornou para Caicó como desejava*, participou de uma seleção para se tornar professor do curso de Matemática recém criado nessa cidade e ingressou no seu corpo docente.

O professor Almir afirma que após fazer os cursos, das universidades e do PIPEM, *mudou em termos de conhecimento, mas não em termos de prática profissional*, pois começou com uma linha de trabalho que sempre buscou seguir. Ele defende que, como ele e seus professores fizeram, mesmo que haja uma carência do docente para alguma coisa, ou em alguma área, com *dedicação e esforço esse consegue superar*.

Assim como Neta, Almir vivenciou um período no qual o professor não recebia o salário regularmente. Essa mesma situação resultou numa experiência diferente para Felisbela Freitas de Oliveira: *o afastamento do ensino de matemática*. Com algumas vivências análogas

às anteriormente apresentadas, Felisbela, *enquanto estudante do colegial*, começou a lecionar também por uma *possibilidade* que surgiu, que foi a *necessidade de recursos financeiros*.

Também com uma *infância campesina*, Felisbela é a segunda de quinze irmãos e, por isso, *começou a trabalhar em casa muito cedo*. Apesar de sua mãe ter estudado apenas até o terceiro ano primário e seu pai ter sido alfabetizado por ela após o casamento, recorda que eles sempre *cuidaram para que os filhos estudassem* e, por isso, mudaram do campo para a cidade de Patu, para que os filhos pudessem continuar os estudos e seguiram posteriormente para Mossoró, em 1960, com o mesmo objetivo. Nessa cidade, todos de sua família trabalharam em muitas coisas *para sobreviver* e, segundo recorda, a *educação familiar que receberam foi rígida*, *vinculada à igreja católica*, pois os pais se preocupavam em *formar cidadãos*.

Pelas *dificuldades financeiras* que viveram, ela recorda que *suas ocupações eram basicamente o trabalho e os estudos*: durante o ginasial, estudava e fazia trabalhos extras para familiares e quando ingressou no colegial, começou a trabalhar no comércio. Nesse nível, iniciou o curso de técnico de contabilidade, mas por não gostar, mudou para o pedagógico e, quando iniciaria o terceiro ano, surgiu a *possibilidade* de se tornar professora de matemática. *Participou de um curso da CADES na área de matemática*, no ano de 1966 – o mesmo que Chiquito –, *a convite de um tio* e recebeu uma licença temporária para lecionar essa disciplina durante aquele ano. Foi convidada para ensinar no Diocesano, mas *não aceitou por ser no mesmo horário que cursaria o terceiro ano*. Assim, passou a lecionar no ginasial do contraturno da mesma instituição na qual estudava, o Instituto de Educação. No ano seguinte, 1967, deveria cursar a segunda etapa da CADES, mas *como o governo não pagou o período que ela havia lecionado* e havia deixado o emprego no comércio para trabalhar na escola, *não teve recursos para ir concluir o curso*. Como *não renovaria sua licença como professora de matemática* e *naquele ano abriram vagas para o vestibular de Letras* na FURRN, Felisbela resolveu prestar esse exame, para o qual foi aprovada, e *passou a atuar no ensino de português a partir de então*, tendo chegado também a ser docente do curso de Letras após se graduar.

Ela lembra que os professores não tinham formação, só a partir do ano de 1966 é que começaram a aparecer esses *cursos de preparação*, mas, até então, qualquer pessoa ou profissional que *dominasse o conteúdo* e *quisesse ensinar*, poderia dar aula. Ela aponta que teve professores excelentes, *não eram por formação, mas eram por amor*, e acredita que se tornou professora devido a *esses bons docentes*.

Para Felisbela, hoje os professores estão mais preocupados com a aprendizagem do aluno, mas, em contrapartida, os alunos estão mais desinteressados e acredita que isso se deve ao fato de que, àquela época, de um modo geral, *os alunos eram mais carentes e viam na educação uma possibilidade de crescer*, levando-os a ter um maior compromisso com os estudos. No seu caso, por exemplo, disse que nunca teve dificuldade para aprender, mas teve para *realizar os estudos*, pois *não tinha condições* de comprar os livros que deveria, *além de trabalhar*, o que a fazia estudar, por vezes, de madrugada.

A professora fala que não teve dificuldades no magistério, apenas com os alunos que não queriam estudar, pois, *por se preocupar, era exigente*, mas *compreendia os alunos* e sempre *buscava meios de fazê-los aprender*. Para ela, hoje há uma *falta de professores bons de matemática em Mossoró, não por falta de formação*, mas *por não dominarem o conteúdo*, ou *por não conseguirem ter domínio de sala sem autoritarismo*.

Assim como aconteceu com Felisbela e os demais professores, Zilar Rocha Ferreira também começou a lecionar por uma *possibilidade* que surgiu, apesar de *não ter dificuldades financeiras* como muitos deles. Essa oportunidade surgiu depois de concluir o colegial e retornar para sua cidade natal, como aconteceu com Raimundo e Josimá.

Natural de Patu, onde viveu toda a infância, Zilar é uma das mais novas entre quatorze irmãos; seu pai era fazendeiro e sua mãe professora, por quem foi alfabetizada e com quem estudou boa parte do primário. Seu pai não estudou muito, mas sua mãe sim e, ambos, *faziam o maior esforço para que todos os filhos se instruíssem*: a mãe ensinando-os inicialmente e dando o suporte para estudarem fora e o pai atendendo as necessidades financeiras para isso. A educação que recebeu com eles, como diz, foi *muito rígida*, com *educação religiosa e moral fortes*. Além disso, relata que *tinham condições e oportunidades que poucas famílias tinham*.

Zilar viveu parte da infância na zona urbana e outra na zona rural de Patu e, mesmo neste período, estudava na sede do município. Recorda ter estudado pouco tempo no Grupo Escolar dessa cidade, mas lembra que sua professora, apesar de ensinar bem, era *muito rígida e falava alto*. Concluiu o primário e cursou o ginásio como interna no Colégio Sagrado Coração de Maria, em Mossoró, no qual teve muito contato com as freiras e recebeu uma *formação religiosa e educacional muito forte*. Pelo que descreve, nessa escola *o sistema era bem estruturado e normatizado*, a *observação era constante* e, como interna, *estudava pelo menos em dois turnos*; *saía pouco, seguia as normas, ao ponto de ganhar a confiança das*

freiras, e *havia uma forte vivência e divisão de gêneros* (inclusive relacionadas aos professores, dentre os quais recorda ter estudado com um homem apenas).

Ao concluir esse nível de instrução, Zilar iria estudar na Escola Doméstica em Natal, como suas irmãs, porém, *não foi devido a um desentendimento de seu pai com a administração dessa escola, por uma das irmãs ter deixado de lecionar lá*. Assim, *foi estudar em Brasília* (DF) – em outra instituição confessional – e morar com uma de suas irmãs. Recorda que no colegial, *optou por fazer o científico, por achar que o pedagógico não dava futuro* e narra que foi um período no qual estudou bastante. Ao concluí-lo, prestou o vestibular e não passou, foi quando voltou a Patu a passeio, em 1971, mas *seu pai não a deixou retornar*. Como *ficou em Patu* e *por ter concluído o colegial em Brasília*, *recebeu o convite* de um tio que trabalhava como diretor do Ginásio Comercial dessa cidade para ensinar matemática de quinta à oitava série e aceitou, *começando a lecionar no dia seguinte*. Lembra que pela necessidade, não era exigida formação, assim, *tendo o conhecimento, já era convidado para lecionar*. Narra que iniciou nessa profissão, mas *planejava retornar para Brasília*. Contudo, *começou a namorar e* após cinco meses *casou, o que a fez permanecer na cidade*, da qual não deseja mais sair.

Um ano depois de ingressar no magistério, a professora Zilar participou do curso da CADES em Natal, em 1972. Recorda que seu pai *não queria deixá-la fazer o curso e ensinar, pois dizia que os filhos não precisavam trabalhar,* foi com a ajuda da mãe e insistência do diretor da escola, seu tio, *que conseguiram convencê-lo a permitir que ela pudesse participar do curso e continuasse lecionando*. Depois desse curso, apenas na década de 1980 apareceu *outra possibilidade de formação* para Zilar, com a instituição da graduação em Ciências e plenificação em Matemática da FURRN em Patu, do qual ela foi aluna da primeira turma e, logo após concluí-lo, tornou-se professora. Mais tarde, ocupou o cargo de diretora de uma instituição de nível primário e ainda participou, como formadora, de um curso oferecido após a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Quando começou a lecionar, considera que os alunos eram mais interessados, o que julga estar ligado ao fato de que antes *tinham apenas a escola* e hoje há outras coisas que os fazem se desinteressar pelas aulas, *que são repetitivas*. Em contrapartida, considera que o ensino melhorou em relação à oferta de disciplinas, *que auxiliam as crianças a se desenvolverem*, além do método de ensino e o próprio sentido de educação que está mais amplo, já que à época, era tudo *muito pautado na memorização*. Considera que antes era *mais*

fácil para o professor, *pois havia mais tranquilidade na sala de aula*, pois os alunos ficavam quietos.

Como começou a lecionar sem formação específica, Zilar iniciou sua experiência *se espelhando em seus professores de matemática*. Lembra que gostava muito de ensinar, *mas não realizava planejamento*, dava suas aulas sem planos e quando surgiu essa exigência, julgava *que não precisava por já saber como ensinar*. Recorda que *não haviam pessoas capacitadas para ensinar como realizar o planejamento*, mas era exigido pelo estado, e só depois se conscientizou *do quanto era importante*. Ela diz que *estudava para as aulas em mais de um livro didático* e foi *a primeira professora a adotar um com os alunos* em Patu, pois diz que *não acreditava em aluno estudando matemática sem livro*. Como diretora, recorda que sempre falavam em mudanças, *mas não encontrava mudança alguma, pois era um choque de mudança no qual tudo ficava como estava*. Diz que investiam muito nos professores, que, por sua vez, se empolgavam nos dias das formações com as bolsas que recebiam, com os trabalhos, com o ensino, mas, quando chegavam à sala de aula, *voltavam às mesmas práticas*.

A professora afirma que sempre se considerou *muito rígida* como docente de matemática e que o *magistério foi muito gratificante* para ela, *pois tanto aprendeu quanto ensinou*. Assume que *gosta de ser chamada de professora*, por ter gostado muito de lecionar, e diz *sentir falta da sala de aula* principalmente pelo contato com o aluno. Considera que *não faria outra coisa, caso voltasse a trabalhar*, pois aponta que aprendeu muito, tanto como professora do Comercial e da UERN quanto como diretora. Diz que no ensino, o sujeito *vai crescendo a cada dia como pessoa, como profissional*, e *sente a necessidade de se aprofundar mais no que ensina*. Sobre o ensino de matemática, avalia que mudou por dar sentido ao que se aprende, pois era muito diferente: o aluno sabia realizar operações fora da escola, mas na sala ia mal, pois *era um ensino distante da realidade* da criança.

Quem também conhece essa realidade de Patu e começou a lecionar nessa cidade por surgir a *possibilidade* foi Maria Rivaneide dos Santos Ferreira. A casualidade com essa professora, semelhantemente aos casos de Zilar, Raimundo e Josimá, aconteceu após não passar no vestibular e retornar para sua cidade de origem.

Rivaneide tem quatro irmãs, viveu sua infância em sítios, diz que foi um período de *muito sacrifício* por *não ter dinheiro* e *acesso às coisas de forma fácil*, mas recorda *que não era obrigada a trabalhar*. Contudo, como ela e as irmãs *queriam ganhar dinheiro*, apanhavam frutas de oiticica para vender. Aprendeu a ler em casa e começou a frequentar a

escola ainda na zona rural, onde estudou em duas diferentes e diz que *os professores não se reciclavam* e, por isso, *davam aulas apenas escrevendo e apagando*. Estudou o quarto e quinto anos primários já na zona urbana de Patu, onde *não teve vida fácil* morando na casa de uma tia, que *a tratava como empregada*.

Ao fim desse ciclo, por não passar no exame de admissão ao Ginásio Comercial, seu pai a levou de volta para o sítio, *deixando-a de castigo* durante o ano, *período que diz ter passado com raiva*. Próximo ao fim do ano, seu pai permitiu que retornasse para a sede do município e lembra que *tinha tanta vontade de ficar na cidade e estudar* que, durante o período que faltava, *estudou como nunca* e foi aprovada no exame. Durante o ginásio, *para não reprovar e voltar para o interior*, diz que estudava muito sempre que podia, pois morava com um tio com quem precisava trabalhar. Lembra que sua situação *melhorou muito* a partir do terceiro ano do ginásio, quando inauguraram o Ginásio Municipal e seus pais também foram morar na zona urbana.

Rivaneide recorda que existia uma *verdadeira competição política ligada aos dois colégios ginasiais*, pois cada um era ligado a um grupo político. Ela, por exemplo, inicialmente estudava no Comercial e sua família recebia uma bolsa do governo, por ser muito pobre e não ter condições de pagar para as duas filhas que estudavam lá, mas, devido as eleições, recorda que *perderam essa bolsa pelo fato de apoiarem o prefeito que ganhou adversário*. Como foi esse o prefeito eleito, quando ele conseguiu abrir a escola ginasial pública, foram estudar nela, onde Rivaneide concluiu esse nível.

No ano seguinte, *foi morar em Mossoró para estudar o segundo grau*. Nessa cidade, narra ter passado outro período de *sofrimento*, pelo fato de sua tia, com quem passou a morar, *colocá-la para fazer todos os trabalhos domésticos*; *por morar muito distante da escola;* e porque *sua mãe se esforçava muito* para mantê-la estudando nessa cidade. Ao concluir esse nível escolar e não ser aprovada no vestibular, retornou para Patu e o prefeito, um ex-professor, *a convidou para ensinar matemática*, pois, além de *ser muito amigo de seus pais*, sabia que *era uma aluna estudiosa, que decorava bem* – pois, como diz, *o ensino era tudo com base na memorização*.

Recorda que essa foi *a única possibilidade de emprego que lhe apareceu* e como *estava precisando de emprego, apesar de ser a disciplina que mais odiava*, aceitou e começou a trabalhar em 1977, com um contrato pelo Estado, quando passou o ano quase todo sem receber seu salário. Rivaneide lembra que havia gostado, quando estudante, apenas do conteúdo de matemática da sexta série e preferia as contas, *a matemática tradicional*, porque

depois começou a aderir à geometria, *cujo conteúdo não dominava*. Como *não tinha muita base para ensinar no ginasial*, preparava as aulas depois que chegava da escola, à noite, *quando pegava o livro do professor e ia estudar o conteúdo, fazendo os exercícios do livro e corrigindo*. *Não leu nada e ninguém a orientou*: pegou o *livro do professor* e foi estudar o conteúdo para passar para os alunos. Foi assim que diz ter aprendido muito e ensinado, mas considera que sofreu bastante, pois *não tinha segurança no conteúdo, era inexperiente, alguns conteúdos não conseguiu aprender* e, como tinham muitos alunos por sala e lhe davam muito trabalho, *ela precisava gritar muito para tentar fazer com que eles se calassem*, mas foi levando e gostando.

Como estava lecionando matemática, chegou a prestar o vestibular para esse curso em Mossoró, mas não foi aprovada. Depois dessa tentativa, decidiu só prestar nova seleção quando abrissem algum curso em Patu, assim, voltou a tentar o ingresso no nível superior quando o curso de Ciências foi criado nessa cidade e, após algumas tentativas, ingressou em 1985 e concluiu a habilitação em Matemática em 1989. Rivaneide lembra que gostava dos conteúdos de matemática até o segundo ano, mas, na faculdade, *diz ter perdido o gosto* com Álgebra, Cálculo, pois considerava difícil. *Diz que não aprendeu* e *passou com a ajuda dos colegas e alguns professores*, mas acredita que isso pode ter acontecido na faculdade *por não ter tempo para estudar* – pois trabalhava pela manhã e à tarde –, *já estava ganhando o seu dinheiro e se desinteressou*. Depois de graduar-se, narra que casou e foi morar em Natal, para onde transferiu o trabalho e continuou ensinando.

A professora lembra que começou a lecionar *sem querer, pois não queria ser professora, desejava ser pediatra*, tanto que o primeiro vestibular que fez foi para Medicina, em Natal. Contudo, como *foi a única oportunidade de trabalho*, optou por *agarrar e se dedicar*; fez o vestibular por já atuar na área, se graduou como professora de matemática, trabalhou a vida toda e se aposentou, *mesmo sendo o que não queria*, por isso considera que ter sido professora *foi um desafio*. Diz não ter se frustrado por isso, pelo contrário, *diz ser grata* porque foi a oportunidade que apareceu quando precisou e não se decepcionou, pois *conseguiu tudo o que quis na vida através desse trabalho e de seu esforço*.

Rivaneide afirma que *tratava todos os seus alunos igualmente* e, por isso, não tinha problemas com eles, mas diz que *eles tinham com ela* pelo fato de lecionar uma disciplina da qual *tinham raiva*. Lembra que tinha alunos que estudavam e tiravam boas notas, mas, outros, *ela aprovava por não gostar de reprovar*. Sobre o ensino de matemática, diz não saber como está por ter se afastado há muito tempo e *não querer mais isso para ela*.

Assim como Rivaneide, Josimá, Zilar e Raimundo, quem começou a lecionar logo depois de concluir o colegial foi José Arimatéia de Souza. Para ele, a *possibilidade* surgiu por *ter sido um bom aluno* e *por gostar de matemática*, área na qual se graduou depois, mesmo *sonhando em cursar Medicina*, como Neta e Rivaneide, curso ao qual diz que não poderia fazer pelas *limitações financeiras* que vivia.

Filho de pai salineiro e mãe analfabeta, Arimatéia teve quinze irmãos e lembra que *seu pai desejava que todos os filhos estudassem*, mas apenas ele realizou os estudos e, por isso, *seu pai não o levou para trabalhar nas salinas*. Tal qual seu pai, também *desejou que seus filhos estudassem* e *sonhava que um deles se tornasse médico*, mas os três seguiram outras profissões. Ele se identifica como *mossoroense de igreja*, pois recorda que durante toda a vida desenvolveu atividades ligadas à religião católica.

Arimatéia estudou o primário no Grupo Escolar Trinta de Setembro e lembra que tinha aulas particulares de reforço com uma *professora que usava a palmatória*. Caso sofresse a palmatória e dissesse ao chegar em casa, seu pai *o colocava de joelhos no milho* e fazia uma pergunta de cálculo, caso errasse, *recebia o número de palmatórias equivalente ao que disse*, dividido para as duas mãos. Sobre isso, ainda, lembra que todos os pais *tinham a palmatória* e *eram respeitados*: ou os filhos estudavam ou apanhavam.

Cursou o quinto ano primário e o primeiro ano do ginásio no Colégio Diocesano de Santa Luzia, onde foi aluno de Alcir e Chiquito e, pelo que narra, havia sempre muito *respeito, rigidez, disciplina* e *ordem.* Recorda que o professor Alcir, nessa escola, *puxava a orelha do aluno para que aprendesse*, ou *colocava de castigo em pé de frente para a parede* e, quando vinha escrevendo, *dava um pequeno chute* na criança. Ele considera que, apesar dos excessos, isso o marcou porque *fez com que os alunos estudassem*. Um ano depois teve que estudar no Ginásio Municipal à noite, pois, *como seus irmãos não queriam estudar e seu pai estava mais apertado financeiramente*, matriculou todos nessa outra instituição e pediu a Arimatéia *para trabalhar e ajudar nas finanças de casa*. Como não tinha muito tempo para estudar, pois passava o dia todo trabalhando, foi reprovado nesse ano letivo e, no ano seguinte, foi fazer o segundo ano do ginásio no Colégio Estadual (o anterior Instituto de Educação), onde terminou o ginasial e o colegial.

Ao concluir o segundo grau, *foi convidado* para lecionar no terceiro ano do científico do União Caixeiral; depois, em 1972, o convite foi para lecionar no Colégio Estadual. Como não podia fazer o curso de Medicina, *como desejava*, se interessou em fazer o curso de Matemática que apareceu em Mossoró, em 1974, *por ter tendência para cálculo* e,

possivelmente, por já estar lecionando, sendo aprovado na seleção para ingressar na primeira turma, da qual Chiquito também fazia parte. *Logo após ser aprovado no vestibular*, recebeu convite para lecionar no Ginásio Municipal, e, nos anos seguintes, tornou-se monitor na universidade, começou a lecionar no Diocesano e, ainda, dava aulas particulares. O professor Arimatéia lembra que *teve dificuldades na universidade* porque era preciso uma base de estudos a qual não tinha e, ainda, por problemas para se locomover em Mossoró.

Depois de concluir a graduação, passou a ensinar em uma escola modelo que estava sendo criada em Mossoró, continuou trabalhando no Diocesano e ingressou no corpo docente do curso de Matemática da FURRN. Assim, *passou dez anos ministrando quatorze horas aulas por dia*. Em 1986, recebeu convite do reitor para ensinar na universidade com dedicação exclusiva, ao qual aceitou, *apesar do receio de não receber o salário*, pois a universidade, até então, atrasava seus pagamentos – chegando a ficar meses consecutivos sem pagar. Nessa instituição, desenvolveu inúmeras atividades administrativas (de curadoria, assessoria, diretorias etc), além de desenvolver atividades de ensino em diversos cursos, mas sempre vinculado ao ensino de matemática. Arimatéia recorda que em 1981 fez uma especialização na FURRN que *deu um aumento financeiro bom*; ao concluí-la, alguns professores foram fazer o mestrado em Fortaleza, em 1983, mas, quando estava fazendo esse curso, em 1984, houve uma reunião para negociar o plano de cargos e salários, ao fim do qual decidiram que a distribuição das classificações na universidade seriam concedidas pelo tempo de serviço na universidade. Desse modo, ele *tornou-se titular tendo apenas a especialização* e, com isso, não chegou a concluir o mestrado.

O professor defende que os docentes, na Universidade, tem que ter uma boa postura, *pois os alunos se espelham muito neles* e, quando gostam da disciplina, reproduzem tudo: *o conhecimento e a postura do professor, dentro e fora da sala*.

Segundo lembra, *o sofrimento na universidade foi grande*, pois essa já foi muito pobre. Julga que hoje a universidade tem facilidades que não havia quando estudou, um período que *foi sofrido*, pois *precisava pagar a universidade e faltava dinheiro*, precisando recorrer ao Crédito Educativo do Governo Federal. Recorda que deveriam começar a *pagar esse empréstimo* dois anos depois de concluída a graduação e, atribui a isso e à *necessidade de manter o casamento* – pois casou-se no mesmo ano em que concluiu o ensino superior – *o fato de ter precisado de muitos empregos*.

Arimatéia avalia que não teve dificuldades para dar aula – com exceção de *falta de tempo para se dedicar* – e nem medo, o que só sentiu *quando foi convidado para lecionar na*

faculdade, mas um professor de lá *o ajudou a enfrentar esse desafio*. Ele diz que se *dedicou ao ensino porque gostava de lecionar* e que tem um *ciclo de amizades muito grande* devido a sua profissão, o que o levou a ser *reconhecido por muitos como "professor", recebendo-o bem onde chega*. Narra que poderia morar em Natal, onde vive sua filha, mas diz que não quer, pois em Mossoró *ele tem esse reconhecimento, é professor*, em Natal ele *seria "povo"*.

Ele aponta que houve mudanças na educação, pois *os alunos não respeitam mais os professores* e *os pais não se envolvem com as escolas*, o que acontecia antes. Além disso, diz que hoje há o ensino a distância que facilitou a realização dos estudos, mas tem ressalvas, pois julga que *o ensino de matemática tem que ser com base no quadro e na exposição oral*. Julga que parte do desestímulo que envolve a educação é causada por *problemas de investimento*, mas parte é devido às escolas que *não deixam os professores ficarem à vontade*, se tornarem mais próximos dos alunos, pois, quando lecionava, jogava bola com seus alunos, *o que possibilitava gerar outros vínculos entre os professores e os alunos* que, para ele, *se tornava uma família*, na qual havia o respeito dos educandos para com os docentes.

Como o ingresso de Arimatéia e dos demais casos similares ao dele, Norman Batista Pereira é mais um dos que inicia sua carreira no magistério de matemática após *concluir o colegial, não conseguir a aprovação no primeiro vestibular* e *retornar à sua cidade natal*, surgindo daí a *possibilidade* de lecionar em Caicó, em 1972.

Norman é um dos oito filhos de um casal de agricultores. Seus pais sempre viveram na zona rural, ele, porém, muito cedo *precisou ir para a cidade realizar os estudos*, mas *aproveitava todas as férias escolares para ir à zona rural*. Recorda que foi uma infância e juventude muito boas, estudando o primário e o ginásio, brincando e trabalhando. Recorda que sempre tinham uma ocupação de trabalho, seja dentro ou fora de casa, pois *eram responsáveis por fazer tudo*. Como diz, *foram criados trabalhando*.

Pelo que narra, os professores do ginásio não tinham formação específica para lecionar, mas julga que *eram bons, capacitados, pois eram determinados* e *tinham conhecimento*. Na escola, os alunos tinham que cumprir certos rituais: *ir fardado, entrar na sala de aula, muitas vezes cantar o hino nacional, tinha obediência, cumprir as normas*; *não podiam fazer muita coisa, caso contrário, eram suspensos*, assim, ficavam com certo medo de fazer coisas erradas. Para ele, os alunos eram interessados, pois realmente *tinham que estudar*, já que alguns pais não tinham preparo e outros tinham que trabalhar. Narra que para todos os alunos filhos de trabalhadores rurais, como ele, ou de cabeceiros (que trabalhavam carregando

coisas na cabeça), *a dificuldade era o espelho que os incentivava nos estudos, porque não tinham nada*.

Iniciou o colegial em Caicó, no Diocesano, mas, *pela dificuldade de desenvolver seus estudos lá* e *pela necessidade*, pois faltavam professores, juntou-se a um grupo de estudantes que decidiu ir morar em Natal para fazer o terceiro ano do colegial e, assim, aproveitar para já se adaptar à vida na capital, pois *planejava fazer a universidade lá*, apesar de julgar ser *muito difícil para um filho de agricultor sair da zona rural para morar na capital*. Recorda que, à época, Natal *era um pouco contramão para quem ia do interior do estado*, mas foi e concluiu o colegial, fez o primeiro vestibular e não passou, com isso, retornando no ano seguinte para Caicó, em 1973, quando *recebeu o convite e começou a lecionar matemática* no Centro Educacional José Augusto (CEJA).

Ele recorda que *teve dificuldades nesse início*, pois não tinha nenhuma formação específica: *dava aula porque dava aula*. Narra que *tinha algumas poucas folhas de planejamento, aquelas que usava para estudar o conteúdo* ou *os exercícios que ia resolver na sala*. Lembra que havia muitos alunos fora da idade escolar normal e tinham muita dificuldade, assim, *não podendo cobrar muito, buscava ficar em uma média*. Recorda que sempre buscou chegar cedo, era mais uma de suas práticas: *chegar antes do início da aula*.

No ano seguinte retornou a Natal para prestar o vestibular novamente e, *depois de ter iniciado no magistério*, viu que o *curso de Matemática seria uma opção*, já que não queria cursar engenharia. Lembra que gostava muito de química e não sabe o porquê de não ter feito vestibular para esse curso, mas acredita que foi pelo fato de *achar o magistério de matemática mais acessível, pensando no mercado de trabalho*, o que acredita ter dado certo. Assim, prestou o vestibular e passou para esse curso; como havia *se empolgado lecionando matemática*, *buscou* alguma escola que precisasse de professor de matemática e conseguiu, continuando a atuar no magistério durante o período da graduação, atribuindo *ao trabalho* o fato de ter conseguido concluir o curso. Recorda que, na graduação, podia optar por licenciatura ou bacharelado: tentou cursar o bacharelado, mas *não conseguiu seguir nessa habilitação*, indo, então, para a licenciatura.

Como Caicó era carente de professores de matemática, pois não tinha ninguém formado nessa área, Norman *retornou para sua cidade de origem ao concluir o curso*, em 1978, pois lembra que *era uma facilidade para os graduados conseguirem trabalho*. Em 1979, quando o curso de Matemática de Caicó foi criado, diz ter se tornado o primeiro coordenador. *As dificuldades eram muitas*, mas descreve que, aos poucos, foram conseguindo

estruturar o curso. Como professor de lá, diz que *tudo o que fazia era baseado no planejamento*, pegava os planos de curso, analisava-os, estudava e ia lecionar o que tinha no programa; não aplicava seminários, todos os conteúdos ele explicava no quadro, era o *sistema de quadro e giz*. Recorda que era professor da graduação e do Centro Educacional, concomitantemente, e dava muitas aulas, *pois a demanda era grande*, além disso, rememora que seus alunos da faculdade eram também professores do CEJA e de outros colégios, ou seja, *eram alunos e, ao mesmo tempo, colegas de trabalho*; o próprio diretor do CEJA, por exemplo, era seu aluno na faculdade e chefe na escola.

Aponta que o exercício do magistério *foi gratificante, se sentiu realizado* e é uma *profissão na qual o profissional só cresce*, considerando que alguns professores têm dificuldade por *não possuírem uma boa formação lógica para aprender matemática* e, consequentemente, ensinar; além disso, afirma que o professor *tem que ser calmo, se relacionar bem com os alunos*, pois acredita que *não devem brigar com os estudantes, nem deixá-los fazer o que quiser*: *deve chegar a um entendimento*. Para ele, o cotidiano da escola não alterou muito do que era em seu período de estudos, a diferença estava na *prática como professor*, na *necessidade de realizar os planejamentos*, ir para a sala sabendo o que iria ministrar; um *cotidiano que exigia responsabilidade*.

Como lembrado por Norman, havia certa *facilidade* para aqueles que concluíam a graduação em conseguir lecionar, contudo, não apenas por esses: muitas vezes a aprovação no vestibular já sinalizava *a possibilidade* de tornar-se professor. Isso aconteceu com Maria das Graças Bezerra Sathler, em Mossoró; ela foi convidada para ensinar matemática logo depois de ser aprovada no vestibular para o curso de Agronomia.

Filha de pequeno comerciante, Maria das Graças cresceu *ajudando seu pai* no comércio, onde *tinha contato com matemática* e sempre era *muito incentivada* pelo pai a estudar essa matéria, pois lhe dizia ser *difícil*. Sua mãe era dona de casa e ambos, pai e mãe, *sempre incentivaram ela e seus três irmãos aos estudos, buscando dar todo o suporte para que pudessem estudar*, pois se preocupavam com isso. Diz *não ter vivido muita coisa especial* na infância ou na juventude porque sempre *trabalhou muito* e *se dedicou aos estudos* por gostar; na loja do pai, *quando não estava no balcão atendendo algum freguês, estava com um livro no colo estudando*.

Com uma *história escolar precoce*, cursou o primário e o ginásio no Colégio Sagrado Coração de Maria que era, para ela, *modelo de disciplina, rigor, organização e competência*, ao qual atribui também o esforço e dedicação que teve à matemática. Recorda que algo que a

deixava bastante insatisfeita era, ao fim do ano, os professores *não terem dado todos os conteúdos do livro dessa disciplina*; quando acontecia, aproveitava as férias e *estudava o que faltava até terminar o livro*. Dessa escola, lembra ainda o aspecto religioso que era *bastante forte*, no qual faziam visitas à capela regularmente. Ao concluir esses primeiros níveis escolares, no fim da década de 1960, saiu do colégio das irmãs para fazer o colegial no Diocesano de Santa Luzia e *estranhou a rotina*, primeiro por *ser um colégio misto* e, segundo, porque era *menos rigoroso*. Julga que *o rigor do colégio das irmãs foi muito importante na sua formação* e, por isso, acredita que todos precisam de limites – não de modo exagerado. Maria das graças avalia que, durante as décadas de 1960 a 1980, os colégios realmente valorizavam o ensino, *o pessoal era dedicado e sério* e, onde estudou, considera que *o ensino era impecável*. As aulas eram *apenas expositivas*, basicamente a fala e o giz, pois não existiam outros recursos.

Ao concluir o colegial, foi aprovada no vestibular para o curso de Agronomia e, *logo após passar no vestibular*, em 1971, foi convidada para lecionar no Colégio Sagrado Coração de Maria, aos dezessete anos. No ano seguinte, por outro convite, passou a ensinar também no Diocesano, onde ficou ensinando até se formar. Depois de formada, passou ainda um ano ensinando no cursinho do Diocesano, quando deixou de vez a escola para ensinar apenas na Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), onde havia passado em um concurso, em 1975. Na ESAM, *se dedicou as disciplinar ligadas à matemática* e foi isso que a fez, mais tarde e por outras casualidades, cursar um mestrado em Engenharia Agrícola, por ser uma área muito ligada ao cálculo.

Narra que *não teve dificuldades nos estudos*, sempre foi aprovada e chegou a ser laureada na universidade por obter apenas médias acima de nove. A dificuldade que teve foi ligada *a questão financeira*, pois se lembra de, muitas vezes, *ver seus pais juntando o dinheiro de troco* para poder pagar o colégio e dar condições para poderem se dedicar. Em outra ocasião, recorda *os esforços do pai* para comprar uma moto para buscá-la na escola, à noite, para não deixá-la voltar sozinha para casa. A professora Maria das Graças diz que *esses episódios são muito marcantes* e acredita que *pesaram muito para que valorizasse o esforço dos pais*, buscando dar um retorno a eles.

Recorda especialmente de alguns professores, entre eles o de Matemática na Universidade, que não tinha uma didática tão boa, mas *a impressionou muito pela retidão de caráter* e *pela forma como tratava os alunos*. À Maria das Graças, por exemplo, percebendo seu interesse em matemática e ciente da inviabilidade dela tornar-se monitora por não ter

cursado todos os Cálculos, esse professor chegou *a oferecer uma bolsa de estudos do próprio salário* para ela prestar uma monitoria. Narra que esse dinheiro *a ajudou muito* e, no semestre seguinte, submeteu-se à seleção para ser monitora, função que ocupou até o fina de sua graduação. Recorda que o único problema que teve com algum professor durante seus estudos, já na faculdade, foi pelo fato de não responder a seus questionamentos, pois, na *tentativa de aproveitar as aulas ao máximo por trabalhar e não ter muito tempo para estudar*, sempre fazia perguntas, as quais, muitas vezes, esse docente não respondia.

Na ESAM, a professora lembra que a maior parte dos docentes eram formados em áreas técnicas e, por isso, recebiam *cursos de técnicas de didática*, o que muitos deles achava desnecessário, mas ela, ao contrário, *achava importante*. Acredita que alguns professores *já possuem certa tendência para o exercício da profissão*, *conseguem falar bem e prender a atenção de uma plateia*, sendo também, de algum modo, *atores*; aponta que *não é suficiente apenas o conhecimento específico na disciplina que leciona* e, sim, que é necessário *também um conhecimento didático*. Recorda que não teve nenhum problema no magistério, *nem com indisciplina*; as dificuldades que teve foram em relação a alunos que *ingressavam no ensino superior com um conhecimento básico muito superficial*, por vezes falho, além das *dificuldades financeiras que eles enfrentavam*. Contudo, avalia que *instituição nenhuma afeta, interfere, pode formar alguém competente se o sujeito não quiser, não buscar*.

Semelhante ao ingresso no magistério de Maria das Graças, Luiz Carlos Avelino da Trindade também ingressou na profissão docente em Natal, após ser aprovado no vestibular para Engenharia Civil. *A possibilidade* para ele surgiu pouco depois de iniciar seu curso, mas, de modo análogo ao caso de Maria das Graças e de alguns dos outros professores surgiu *casualmente* e em um momento de *necessidade*.

Luiz é filho único do primeiro relacionamento de seu pai e cresceu vivendo com sua mãe. Diz ser *de família humilde*, pai funcionário público e mãe professora. Afirma que viveu uma *infância das melhores*, apesar das restrições, e que cresceu passando por diversas cidades, devido ao trabalho do pai, nas quais fez o primário. Quando foi ingressar no ginasial, conversou com o pai que *precisariam fixar residência em algum local para poder estudar*, pois *tinha interesse nisso*. Foi quando passou a morar com sua mãe em Natal, onde viveu toda a juventude e pôde cursar os demais níveis de instrução sem migrar, até concluir o nível superior.

Recorda que sempre direcionou as disciplinas para a área técnica, pois ele *sempre quis fazer engenharia* e, por isso, *matemática foi uma das que sempre cuidou*, pois sabia de sua

importância. Luiz rememora um acontecimento ao qual atribui o fato de ter começado a estudar mais essa disciplina e diz ter sido marcante que foi, entre 1965 ou 1966, devido a algumas greves, não ter conseguido *fazer nada na prova final* e, então, deveria ter sido reprovado, contudo, explicou ao professor seu desejo de fazer engenharia e, esse, *o deu outra chance para fazer a prova quinze dias depois*. Narra que passou esses quinze dias estudando fortemente, fez a prova e acertou todas as questões sendo, então, aprovado (mesmo com a desconfiança do professor de que ele não havia conseguido fazer sem colar). Para ele, *esse professor foi o mais marcante* e quem *o colocou no mundo da matemática*, já que depois dessa experiência, *seu gosto pela matéria foi crescendo exponencialmente*.

Para ele, sua família *teve dificuldades financeiras*, pois, apesar de ter vivido uma situação econômica razoavelmente confortável, *não eram ricos*; diz ter passado por *muitas dificuldades também por ter que se deslocar a pé* de sua casa para o colégio, que ficava muito longe. Narra que começou a melhorar quando ingressou na universidade, pois, embora o pai tenha sido muito ausente em sua educação, comprou-lhe um carro simples para ele se deslocar, ainda que tenha deixado *por sua conta conseguir um emprego para manter a gasolina*. *Como gostava de matemática, estava no curso de Engenharia Civil* e surgiu *a possibilidade de lecionar*, começou a dar aulas dessa disciplina, em 1972, *para manter o seu deslocamento e fazer a faculdade*. Luiz Carlos diz que a maioria dos professores, nesse período, ingressava no ensino *por necessidade, porque se ganhava melhor no magistério.* Ou procuravam uma vaga para lecionar nas escolas ou eram convidados por se destacar nos estudos – como ele – e iam até a Secretaria de Educação onde pegavam uma autorização para ensinar como *professor autorizado*, situação na qual permaneceu por muito tempo.

O professor Luiz Carlos cursou até o quarto ano de Engenharia Civil, porém, quando começou a estagiar, diz ter percebido que não era o que queria por *não se sentir bem naquela profissão, pois as pessoas eram ou muito ignorantes ou muito esnobes*; com isso, *como estava gostando da experiência de lecionar matemática*, *mudou de curso* e concluiu sua graduação em Licenciatura em Matemática em 1975. No ano seguinte, 1976, recebeu o convite para lecionar no curso de Matemática da FURRN, onde permaneceu até 1982, e depois foi aprovado em um concurso para a Escola Técnica Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN (ETFERN), atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN (IFRN), onde se aposentou.

Segundo narra, *dava suas aulas demonstrando* as sentenças, o que considera que foi um grande ganho *da criação do curso de Matemática* no estado. Outra prática que recorda ter

usado, devido à experiência que narrou do período de estudante, era a de *sempre dar uma nova oportunidade aos seus alunos que reprovavam, pois entendia que nem sempre o aluno está apto a realizar uma avaliação* (muitas vezes, pelos diversos problemas pessoais pelos quais passa na sociedade). Lembra-se de ter reprovado aluno, mas considera que não tem inimizade por isso, pois só não realizava uma nova avaliação se o aluno não tivesse interesse. Além disso, em Mossoró, recorda que tinha *muito zelo pelos alunos que se deslocavam para lá para estudar, devido às outras dificuldades que enfrentavam*. Além disso, diz que sempre trabalhou de forma *ética*, com *companheirismo, coleguismo, profissionalismo*, e, por isso, não misturava as relações profissionais e pessoais: *bebia com os alunos, mas na sala de aula era outra relação*, ou seja, *nunca beneficiou aluno nenhum por conviver bem fora de sala de aula*, o que julga ser comum hoje e, principalmente, nas universidades. Avalia que *sempre levou a sério a profissão*, citando uma situação em que foi posto para fora de um dos colégios onde ensinou porque negou o pedido que a diretora lhe fez de aprovar uma aluna que ele havia reprovado – cujos pais ajudavam muito financeiramente a escola.

Diz lembrar-se que, no seu período de infância e juventude, *era um orgulho para a família ter um filho padre ou professor*, *dignificava o sujeito não pela remuneração, mas pela qualidade ética, pelo sinônimo de professor como um homem sério* e critica dizendo que hoje, devido à corrupção, há muitos docentes que se beneficiam desse sistema e principalmente nas universidades, apesar de ainda existirem professores sérios. Em relação às rotinas escolares, diz que não mudou nada, com exceção da existência de alguns computadores em algumas escolas, mas, mesmo com isso, o sistema continua igual: *professor na sala, sofrendo, sem incentivos para pesquisar*. Aponta que isso ocorre *porque os políticos não se preocupam com a educação* e *não remuneram bem os professores*, ao que se soma o fato que *não há um acompanhamento técnico adequado para realizar as atividades didáticas*, em todas as dimensões da escola. Considera que o professor deveria ser bem remunerado por merecer, pois, para ele, *os professores são professores por gostarem do que fazem, por gostarem de formar opinião, por quererem trabalhar com pessoas, gostar de discutir*.

O professor Luiz considera que o ensino de matemática ainda não é satisfatório, pois os professores *mais bem qualificados – com melhores didáticas, maiores conhecimentos, com pós-graduação* – é que deveriam estar no ensino básico, sendo bem remunerados, pois é a base e acrescenta que *ninguém nasce sabendo*, portanto, *é preciso ter paciência para ensinar*, pois, *só com o amadurecimento que o aluno vai conseguir analisar as coisas de longe, é um desbravamento.*

Um dos alunos do professor Luiz Carlos na FURRN, quando lecionou em Mossoró, Joabel Azevedo Dantas, também ingressou na carreira do magistério após ser aprovado no vestibular. Um pouco diferente das vivências anteriormente citadas, esse professor *buscou a possibilidade* para começar a lecionar, como Luiz recorda que alguns docentes o fizeram na região de Natal.

De família oriunda *do sertão, pobre* e *composta por dezesseis filhos*, Joabel diz que não passou fome porque seu pai era trabalhador. Foi buscando *melhores condições de vida* que sua família chegou a Mossoró, onde ele cresceu e vive. Recorda que a infância foi *mais ou menos, não tinha privilégios* e foi *mais trabalhando*, apesar de brincar também. Ao chegar a essa cidade, sua mãe colocou os filhos para estudar, mesmo contrária ao que desejava o esposo; Joabel cursou todo o primário, mas, ao concluí-lo, seu pai falou que não teria condições de pagar para ele estudar na União Caixeiral. Como queria muita estudar, pelo que narra, ele ficou *repetindo a quarta série por alguns anos e insistindo com o pai*, até que esse *montou um pequeno comércio para ele "se virar"*.

Apesar do comércio que o pai montou, continuou estudando em escolas públicas e rememora que *só começou a estudar com mais afinco com vinte anos de idade*, quando ingressou no ginasial e teve um pouco mais de liberdade: realizava seus estudos, cuidava do seu pequeno comércio e jogava bola, pois *alimentava o desejo de jogar profissionalmente*. Diz que *os estudos eram complicados*, *provas difíceis* e, por isso, sempre se reunia com colegas para estudar aos sábados e domingos, pois *era mesmo preciso estudar*; além disso, *gostava de fazer isso porque tinha um objetivo na vida: ser alguma coisa*, pois vê o estudo como *o futuro de qualquer pessoa, a possibilidade de conseguir algum emprego*. Assim, julga que não foi o melhor aluno, mas *era responsável*, *cumpria o que deveria*, concluindo o segundo grau aos vinte e sete anos, em 1977.

Nesse mesmo ano, prestou a seleção para a FURRN, colocando como opções os cursos de Administração e Matemática, conseguindo aprovação para o segundo. Considera que a graduação foi muito boa, mas, no início, *não gostava muito*; lembra-se de alguns professores que o marcaram muito por *serem bons*, *ensinar bem* e *ter moral*. Ao ser aprovado no vestibular, Joabel *buscou uma das escolas de Mossoró para saber se não precisavam de professor*; pouco tempo depois foi chamado para lecionar matemática e *começou a ensinar na que considerava a pior turma da escola*, a qual narra que conseguiu *controlar*. Para ele, *fez muitas coisas que não poderia mais fazer*: *colocar aluno para fora de sala*, *suspender*, *ser rígido* etc., mas diz que também *conversava*, *aconselhava*, *tentava mudar o comportamento*

dos alunos mais complicados, não batia em mesa, não gritava, não usava camisa com botões abertos, apagava sempre o quadro, não sentava sobre a mesa do professor, separava as carteiras, brincava com os alunos, fazia círculo, tentava ser dinâmico.

O professor comenta que teve dificuldades nos estudos *por acumular atividades*: cuidava de seu comércio – o qual abria às 4h ou 5h da manhã –, dava aulas nos turnos matutino, intermediário e vespertino e fazia a faculdade à noite. Recorda que teve um período que precisou cursar o estágio e, para isso, *tinha que faltar às aulas em uma das instituições onde trabalhava para ir ao estágio em outra*, mas o professor de onde estagiava o ajudou e liberou para que fosse dar suas aulas normais. Na faculdade, Joabel não conseguiu formar-se no tempo regular *por ter passado por alguns problemas durante o curso*: a morte de sua esposa, de sua mãe e de um de seus irmãos; além disso, quebrou uma perna, que o obrigou a passar mais de um ano acamado.

Devido a isso tudo, ele narra que *na faculdade terminou quase sem aprender*, concluiu *no maior sacrifício*, e *não se considerava um grande professor de matemática* porque, apesar de ser bom em álgebra, tinha dificuldade em geometria, na parte gráfica, e em trigonometria. Suas dificuldades nesses campos de conhecimento o levaram a *nunca ensinar aos terceiros anos do ensino médio* e também a disciplina de *física*.

Joabel considera que *o sistema de ensino* e *a metodologia de seu tempo eram muito melhores* e, ainda, que os professores pareciam *ensinar por amor, com saber* e *vontade*; prova disso, era que chegava o tempo de se aposentar e muitos desses profissionais não o fazia. Ele mesmo diz ter se afastado da sala de aula *por problemas de saúde* e diz *ter sentido, pois gostava muito dos alunos*, com os quais *aprendia muito a cada dia, construía amizades, apesar de ser duro, rigoroso* e *moralista*. Não recorda de seus professores falarem sobre suas formações, mas diziam ter batalhado muito para estarem lá e *os aconselhava, o que ele também fazia com seus alunos*.

Lembra que havia trocado o futebol pelo comércio e o comércio pela profissão de professor, *pois gostava de ensinar* e *acreditava que teria futuro*, todavia, examina que *se tivesse ficado com o comércio seria rico*, atualmente. Para ele, um dos problemas da educação é que *os políticos não a valorizam, não investem nesse sistema, nem nos professores*, e aponta que por falta desses investimentos o aluno fica ocioso e a escola sem norma e segurança.

Para Joabel, o exercício do magistério *foi bom porque os alunos colaboravam* e pondera que a educação mudou, pois antes *era mais séria, mais rigorosa, mais responsável* e *havia a participação da comunidade, dos alunos, do diretor, dos órgãos responsáveis* e *da*

família, cuja participação não existe mais. Considera que hoje os alunos não são mais interessados, não estudam, e se *um professor bom fosse ensinar como sabe, não passariam muitos*; assim, julga que os alunos são aprovados porque o profissional facilita, *pois é forçado pelo sistema de educação*.

A possibilidade de ingresso de Joabel na profissão docente é próxima à que aconteceu com Francisca Eunice de Medeiros, com a diferença que essa recebeu convite para lecionar *logo após ser aprovada no vestibular*, como Maria das Graças. No caso da professora Eunice, a aprovação foi para a primeira turma do curso de Licenciatura em Ciência, da região do Seridó, que habilitaria plenamente em Matemática.

Na zona rural de Caicó, Eunice viveu com seus pais e mais treze irmãos. Ela rememora que sua *infância foi de brincadeira, criatividade, trabalho com os pais* e *estudos*. Avalia que a *educação familiar era rígida*, mas se lembra de que *seus pais não os batiam*, pois era preciso apenas falar sério para serem respeitados. Aprendeu a contar e desfiar todo o alfabeto com uma pessoa que os pais contrataram, *pois essa fase era responsabilidade da família*, e passou a frequentar uma escola ainda no campo. Aproximadamente em 1970, *pelas dificuldades para frequentar escolas no sítio*, seu pai *mandou todos os filhos para viverem na sede do município* para darem continuidade às suas instruções. Eunice concluiu o primário, fez o ginasial e o colegial em instituições públicas dessa cidade, concluindo os estudos em 1978.

Ela aponta que os alunos eram mais interessados e atribui a isso o fato de que *não tinham muitas outras distrações*, assim, viam a escola *como uma opção de lazer* e por isso aprendiam. Relata que a escola isolada era *muito rígida*, *como uma ditadura*, na qual os alunos *tinham que ficar calados* e os que eram indisciplinados *sofriam muito*; em Caicó, os alunos também *não podiam falar*, os professores eram também muito disciplinadores e os *que mais falavam*. Diz que, muitas vezes, *o de matemática era o pior que tinha*, *pois sempre queria estar correto* e comenta que foi colocada para fora de sala de aula pela primeira vez em novembro de 1972, pois esse professor estava abordando a diferença de retângulos e ela comentou com uma amiga que a sua borracha era um retângulo, por ter ouvido o comentário, o professor *disse que o seu retângulo estava no quadro e não na borracha dela e a suspendeu por oito dias*. Entretanto, apesar de quase todos os professores terem esse perfil, lembra uma professora de língua portuguesa, uma exceção, da qual *os alunos gostavam muito, pois dava mais espaço a eles*. Eunice atribui essa diferenciação da professora ao fato dela lecionar também na universidade.

Eunice credita à experiência de ter sido suspensa pelo professor de matemática *o despertar de sua curiosidade para essa disciplina* e conta que se tornou professora dessa matéria devido a isso. Assim, passou a *desejar cursar Matemática* e, em 1978, ficou apreensiva por estar concluindo o segundo grau e ainda não ter o curso em Caicó. No ano seguinte, em 1979, abriram vagas no vestibular para esse curso. Ela submeteu-se e foi aprovada. Comenta que achava que não conseguiria *por estar concorrendo com muitos professores*, inclusive com *o ex-professor que a colocou para fora de sala*, que só conseguiu passar no ano seguinte.

A *grande maioria de sua turma já atuava como docente*; àqueles que ainda não lecionavam *foi logo realizado convite para assumirem turmas de matemática*, como no seu caso, que aceitou e passou a ensinar essa disciplina. Diz que, como era período militar e os concursos só começaram a surgir mais tarde, *esses convites aconteceram ainda com muitas outras turmas do curso*: ao serem aprovados no vestibular, eram convidados a assumir turmas de matemática na região.

A experiência que Eunice, quando começou a lecionar, como narra, foi das aulas que deu para os colegas no ginasial e segundo grau e *acredita que foi essa experiência que a fez aceitar o emprego*, mas lembra que seu primeiro contato com o ensino profissionalmente foi *angustiante* e quase a fez *desistir de dar aulas*.

Começou a lecionar no mês de março de 1979, mas seu curso começou apenas no segundo semestre. Assim, como não tinha nenhum preparo, *narra que teve que se inspirar em sua própria formação, nos seus professores*. *Inspirou-se no seu professor de matemática*, mas *fazendo o oposto do que ele fazia*, tendo ele, portanto, como contraexemplo: *queria ir às carteiras dos alunos, atendê-los, tirar dúvidas e diz que foi assim sua prática profissional durante todo o período em que atua*.

Eunice lembra que até 1998 *tentava sozinha fazer algo diferente*, sem conhecimento algum, pois critica que *as disciplinas que são feitas na universidade não servem para atuar no ensino fundamental e médio*, assim como critica outros cursos dos quais participou, oferecidos pelo estado, nos quais *os professores vinham com o mesmo sistema de ensino tradicional*, o que, para ela, não resolvia, pois *procurava algo novo*. Foi quando *participou de um curso para os professores do estado devido aos PCN* e um professor de matemática foi formá-los sobre *o ensino de matemática e a interdisciplinaridade*. No ano seguinte, 1999, a universidade ofereceu um curso de especialização na cidade em "Formação de professores por uma perspectiva interdisciplinar", do qual Eunice participou e, ao fim, desenvolveu um

trabalho sobre sua prática e o intitulou de “Matemática, arte e imaginação: buscando uma prática transdisciplinar”.

A professora lembra que *não gostava de ir para a escola no início do magistério*, mas depois *foi se adaptando e adequando à sua realidade*. Para ela, *houve uma mudança muito grande em suas aulas desde o começo para agora*, pois diz ter buscado fazer diferente, caso contrário, julga que estaria com as mesmas práticas de quando iniciou. Para ela, a escola mudou em relação a algumas práticas, pois passou-se a se preocupar em realizar trabalhos interdisciplinares, mas ressalta que *só alguns professores conseguiram mudar*, outros não se envolveram muito com essas ações. Eunice pôde executar essa mudança em uma das escolas onde trabalhou, pois, na outra, *não conseguia realizar muitas atividades*, com isso, *julga que teve duas práticas de ensino*, pois *não a permitiam fazer muito em uma das instituições*, embora, paradoxalmente, fosse a que oferecesse mais recursos para os docentes.

Para a professora Eunice, o magistério *foi a renda, o sustento da família* e diz que *gosta muito do que faz*. Nunca foi *uma professora agressiva, procurava a amizade, o diálogo*, pois acha que esse é o melhor caminho, mas diz que até por esse caminho, hoje, surgem dificuldades. Em relação ao ensino de matemática, diz que estão havendo mudanças, mas avalia que *depende muito de quem está na sala de aula* e *se estão ou não sendo barrados*, pois, como experienciou, *há pessoas que se formaram com o sistema tradicional e não aceitam mudanças* e, devido a isso, existem pessoas que estão buscando mudar, que tentam propostas diferentes, mas *são impedidos de avançar por aqueles*. A professora narra, por exemplo, que foi *colocada para fora da sala por quatro vezes*, *“pediram suas salas”, devido aos seus métodos inovadores*. Além disso, teve alguns problemas com professores que a acusavam de *tomar seus conteúdos*, por desenvolver trabalhos interdisciplinares, *chegando a ser suspensa por isso*. Mesmo com isso tudo, diz que *não vai desistir de trabalhar dessa forma*, apenas quando se aposentar, pois atribui isso à falta de conhecimento de algumas pessoas.

Também de Caicó, como Eunice, Norman e Neta, quem teve *a possibilidade* de ingressar no magistério por convite, *após ser aprovado no vestibular*, foi Nelson José de Araújo. Ele ingressou na profissão no ano seguinte ao de Eunice, em 1980, e, apesar de serem conterrâneos, contemporâneos e terem cursado a mesma graduação, possuem experiências distintas em suas carreiras profissionais na educação.

Nelson é o mais novo entre sete irmãos e é filho de agricultores; por este motivo, *começou cedo a trabalhar na agricultura* e viveu até os dezoito anos na zona rural da cidade

de Caicó. Estudou o primário na região campesina e só voltou a estudar *após a morte do pai, quando decidiu morar com a mãe na zona urbana*. Na cidade, refez o quinto ano primário, por estar a muito tempo sem estudar, fez o ginásio e o segundo grau à noite, e todos os dias tinha que cumprir as atividades de casa após chegar da escola, pois, durante o dia, *passava de oito a nove horas trabalhando no comércio*.

Recorda que os alunos eram muito interessados, esforçados, lembrando, por exemplo, que *dava aulas de matemática* com alguns colegas, aos fins de semana, aos demais amigos do ginásio que não tinham tempo para estudar ou não assimilavam os conteúdos com facilidade. Diz que seus professores *eram interessados* e *gostavam dos alunos*, *não os prejudicavam*, *eram amigos*, *trabalhavam muito* e *eram bons*; suas aulas eram também boas, mas *eram todas aulas teóricas, num sistema mais tradicional*.

Ao concluir o segundo grau, passou no vestibular para o curso de Ciências – que durante a sua graduação mudou para Licenciatura em Matemática – e *logo foi convidado* pela diretora do, à época, Núcleo Regional de Ensino (NURE) para lecionar para o estado. Nelson recorda que *seu rendimento como professor seria melhor do que recebia no mercado*, assim, começou a dar aulas, *já no primeiro e no segundo grau*. Começou dando aula de Biologia, *o que diz ter sido um pouco difícil já que estava estudando para ser professor de Matemática*, mas foi colocado para atuar em sua área de formação após dois anos de trabalho.

Também sem nenhuma formação para lecionar, Nelson diz que começou *tentando transmitir para os alunos aquilo que ele havia aprendido quando estudante*; tinha sido um bom estudante, *dominava o conteúdo de matemática* e era isso que tentava passar em suas aulas. *A didática que empregava era a mesma que tinha recebido quando aluno*, pois só mais tarde, na universidade, veio a estudar Didática. Ele considera que a realização da graduação e mais um curso de conteúdo que fez em Currais Novos, em 1982, *o auxiliaram muito no desenvolvimento do trabalho em sala de aula*. Avalia que as escolas eram muito precárias, não tinham estruturas de laboratório, *funcionavam apenas com o sistema tradicional de ensino*, o giz e o quadro, mas, mesmo com isso, reafirma que *os alunos e professores eram muito interessados*. Narra que *enfrentou movimentos grevistas no início do magistério*, pelo fato do governo não pagar bem os professores, pois se *no início havia compensado sair do comércio para o magistério*, depois *os salários foram caindo e ele teve que enfrentar essa dificuldade*.

O professor Nelson comenta que a realização dos *seus estudos foi feita com muita dificuldade*, por *sempre ter que conciliar com o trabalho*, recorda que nunca perdeu nenhum

ano de estudo, apenas quando já estava na faculdade foi que *passou por um cansaço mental*, que lhe *ocasionou um problema na aprendizagem*, levando-o a ter um problema com a disciplina de Física, mas o professor lhe deu um prazo para estudar e aplicou uma prova, na qual foi aprovado.

Ele considera que o exercício do magistério *foi bom* e avalia que *apesar do pouco recurso* e de *trabalhar em um sistema tradicional*, *buscava desenvolver bem*, tendo enfrentado *muita dificuldade* apenas quando já estava próximo de se aposentar, *por falta de interesse dos alunos*. Para ele, o ensino não é mais tradicional, pois as escolas possuem núcleos de computadores, contudo, aponta que *os alunos não estão interessados e as escolas estão com o funcionamento precário por falta de interesse dos governos, o que gera também a falta de interesse dos professores*. Nelson diz reconhecer que *foi muito exigente no início, tendo talvez reprovado aluno indevidamente*, mas o fez *por ter sido educado com professores que exigiam muito dele*; depois foi flexibilizando, se aposentando bem mais maleável, pois, como diz: *já quase não reprovava ninguém, apenas quem queria*.

Similares a essas vivências, a de Nelson e as de todos os outros professores citados, pelo menos até meados da década de 1980, o ingresso na carreira docente no ensino superior também ocorreu com *o surgimento de possibilidades*, por vezes atreladas *às necessidades* e, não dificilmente, para aqueles que *haviam acabado de concluir a graduação*. Uma dessas oportunidades apareceu para Benedito Tadeu Vasconcelos Freire, que se tornou professor da UFRN em 1971.

Natural do interior do Ceará, o pai de Benedito é ex funcionário da Receita Federal e viveram no interior até seu pai aposentar-se, quando foram morar na capital, Fortaleza, *para que os filhos pudessem continuar as instruções e ter acesso mais fácil aos estudos*. Recorda ter vivido bons períodos de infância e juventude, *ligados a igreja, com a família próxima, unida, apesar dos poucos recursos por ser numerosa*; aos filhos cabia a responsabilidade de *ir à escola, estudar as atividades escolares em casa* e *comportar-se com educação*, pois lembra que seus pais sempre se preocupavam que estudassem, pois *acreditavam que só assim conseguiriam progredir na vida*, tanto que muitos dos quatorze filhos são formados. Benedito iniciou o primário na cidade de São Benedito e o concluiu, assim como o ginasial e o colegial, em Fortaleza, onde também cursou sua graduação.

Relata que teve bons professores e, no geral, *ministravam suas aulas no quadro negro*; durante as aulas, esses profissionais *eram as figuras centrais* sendo os que *detinham o conhecimento* e, os alunos, *era sua plateia atenta*, o que diz ser diferente de hoje quando *o*

professor é o facilitador da aprendizagem; eles eram *extremamente rigorosos com a disciplina dos alunos*; e na organização das classes havia os bedéis, que eram *os alunos responsáveis por manter a ordem em sala na ausência do professor*, por *organizar as filas para cantar o hino nacional no pátio* e por *encaminhar a ida e o retorno dos alunos para o recreio*. Sobre os alunos, lembra que *na classe média*, na qual vivia, *o interesse era muito grande*, pois diz que *a família e os amigos valorizavam quem estudava além d*e *aparecerem melhores possibilidades de emprego*. Em sua casa, por exemplo, diz que *tinham um bom ambiente de estudo* e isso *era levado a sério pela família*, para a qual seria considerado um acontecimento drástico alguém ser reprovado.

Benedito prestou vestibular na Universidade Federal do Ceará (UFC) para *Engenharia Civil e colocou Matemática como segunda opção*, obtendo aprovação para essa, iniciando seu curso em 1967. Ele não se lembra de existir a opção de Licenciatura, se inscrevendo logo para o Bacharelado, mas recorda *alguns poucos alunos que cursavam a outra habilitação*. Julga que isso poderia acontecer porque o licenciado ensinaria em escolas, onde *receberia baixos salários* e, além disso, eram informados que o bacharelado *facilitava para cursar mestrado e doutorado e se tornar pesquisador*. Assim, *como Benedito diz que pretendia ser professor universitário*, seguiu por essa habilitação.

Suas primeiras experiências com o ensino foram no científico, quando foi procurado por dois garotos para dar aulas de matemática; depois disso, ao ingressar no nível superior, ganhou uma bolsa do CNPq e começou a dar aulas de monitoria em Cálculo I e em um curso pré-vestibular, quando diz ter percebido que *precisava entender de algum mecanismo que facilitasse transmitir os conhecimentos matemáticos que possuía*. Dessa forma, *fala ter se espelhado muito nos professores que teve, reconhecendo a influência desses em sua didática, nos seus estudos* e *no modo como se relacionava com os alunos*.

Logo após concluir a graduação, o professor Benedito *foi convidado para ensinar no Rio Grande do Norte*, na UFRN, pois não havia professores suficientes para a demanda, indo morar em Natal a partir de 1971. Depois de ingressar no ensino superior, recorda que para se qualificar em um período que não era tão favorável para isso, *os docentes chegaram a fazer acordos entre si*, para participarem de cursos, porque *eram muito preocupados com suas qualificações*. Do mesmo modo, pelo que narra, ele se preocupava em oferecer disciplinas e cursos de aperfeiçoamento para os professores de matemática do ensino básico, pois diz que se preocupava em *contribuir com a melhoria do nível desses profissionais*.

Benedito diz que *vem de uma família de professores* e lecionar, para ele, foi *algo estimulante e muito prazeroso*. Sobre o ensino de matemática, acredita que os cursos de Matemática devem desenvolver, nos futuros docentes, *mecanismos para resolver problemas*, pois o professor de matemática *pode treinar os jovens para desenvolver suas qualidades de resolver problemas, o que tornará o aluno ativo e participativo no processo de ensino e aprendizagem*.

Análogo ao caso de Benedito, também graduou-se em Matemática pela UFC e pouco tempo depois passou a lecionar na UFRN, mas no campus de Caicó, o professor Luis Gonzaga Vieira Filho. Esse professor não ingressou por convite, pois já teve que prestar concurso, mas *a possibilidade* de atuação surgiu inusitadamente.

Luis cresceu na zona rural de Cascavel, também no interior do Ceará, e lembra que foram para a capital do estado *por seu pai ter sido contratado por um padre*, com quem fez amizade e para quem fazia alguns serviços. Seu pai trabalhava com inúmeras coisas – como carpintaria, construção, consertos etc. – e havia concluído o primário; sua mãe era analfabeta, mas se preocupava que eles estudassem e narra que, *pelo respeito que tinham*, mesmo sabendo que ela não sabia ler, *sentavam e faziam as atividades da escola*, *não tinham coragem de mentir*. Lembra-se de ter recebido uma educação *um pouco rígida*, na qual *não tinham muita liberdade*, para seguir *um caminho reto*, a educação que chamavam de *bons costumes*. Viveu sua infância no sítio, período que avalia *não ter achado ruim*, morando também com os avós, quando recorda que *realizavam algumas tarefas de casa* e *iam se divertir*; já a juventude, vivida em Fortaleza, considera que foi mais de estudos e para a prática de esportes.

Luis Gonzaga estudou até o segundo ano primário em Cascavel e narra situações nas quais *estudava a tabuada e decorava por não gostar de apanhar*, pois sua professora utilizava uma palmatória que havia sido feita pelo seu pai, *pesada, de uma madeira firme*, e avalia que era uma experiência *horrível, porque várias crianças ficavam chorando*. Em Fortaleza, concluiu o primário, o ginásio, o segundo grau e cursou também a graduação, nos quais não relata sobre práticas dessa natureza. Recorda que para realizar os estudos *teve dificuldades para adquirir os livros* – que eram compartilhados por todos os irmãos, passando de um para o outro – e *a falta de alguém para auxiliá-los no início dos estudos* – pois o pai trabalhava fora e a mãe e os avós não sabiam ler.

Para ele, a rotina escolar *era normal*, os professores *eram bem rigorosos*, *tinham autonomia para fazer as coisas*, mas os alunos não: *não escolhiam nem o lugar para sentar*;

as salas eram organizadas de modo que cada aluno já tinha o seu lugar de acordo com a ordem da lista de presença. Recorda que o sistema *era tão rigoroso*, que a maioria dos professores nem olhava para os alunos quando fazia a chamada, conferindo visualmente a ausência apenas quando não havia resposta ao nome cantado. Narra que sempre gostou muito das aulas de seus professores de matemática, *pois eram bons*, *organizados* e *cobravam*; um deles era formado em Estatística, *mas ensinava muito bem e era rigoroso, do qual gostou muito e chegou até a copiar a letra*. Lembra que o colégio tinha o diretor geral e cada turma tinha o diretor de turma, que era uma espécie de *diretor de disciplina da escola*. Sobre os alunos, considera que eram interessados e supriam as dificuldades estudando e formando grupos de estudos para cumprir as tarefas.

Avalia que *esse sistema rigoroso funcionava*, pois *não havia baderna na escola*, diferente de hoje; assim, diz que *as escolas funcionavam de forma organizada, apesar de não ter liberdade*, à época. Julga que as pessoas não terem liberdade para participar de movimento estudantil, devido ao *regime militar, foi o que mais atrapalhou esse rigor*, pois *o regime* tolheu as organizações estudantis, interferindo em suas vidas políticas. Recorda que houve um fato marcante em relação a isso: um professor, no seu início do ginasial, foi preso acusado de comunismo, quando *falavam para eles que os comunistas eram as piores pessoas do mundo* e, inclusive, *comiam crianças*. Para Luis isso foi muito chocante *porque não entendia como aquele professor era um comunista e parecia tão legal*.

Ele rememora que ao concluir o segundo ano, já havia completado dezoito anos e *desejava trabalhar*, foi quando surgiu um concurso para oficial de justiça, do Tribunal da Justiça do Ceará, para o qual se submeteu e foi aprovado. Com isso, *começou a trabalhar concomitantemente com o terceiro ano*, o que fez com que fosse estudar à noite. Avalia que não foi muito bom *porque a qualidade do ensino era inferior e queria se preparar para o vestibular*, o que tinha que fazer por conta própria. No quarto bimestre letivo, pôde estudar um pouco mais, pois conversou com alguns professores de *disciplinas que não o auxiliariam a passar no vestibular*, nas quais já estava aprovado, para ser dispensado de suas aulas. Quando prestou o vestibular, lembra que *queria cursar Engenharia*, mas *prestou para Matemática por não se sentir preparado* e ficou na suplência. No meio do ano tentou novamente para o mesmo curso e foi aprovado, iniciando sua graduação no segundo semestre, quando *esqueceu completamente a Engenharia por julgar que era aquilo mesmo que queria*. Luiz relata as *dificuldades para conciliar os estudos com o trabalho*, o que melhorou a partir do terceiro período da graduação, quando conseguiu se dedicar apenas a faculdade por pedir

afastamento do trabalho. Aponta que fez isso *por ter acumulado três bolsas* – o que era permitido no período – *e pelo trabalho não ser o que queria*, pois *era muito formal*, no qual *tinha que usar terno*, o que diz nunca ter gostado.

Luis Gonzaga recorda que poderiam optar pela Licenciatura, pelo Bacharelado ou por ambos, mas optou pelo Bacharelado *porque sempre pensou em ser professor universitário, nunca quis ensinar em escolas de educação básica*. Suas primeiras experiências de ensino foram em uma monitoria que prestou. Depois disso já atuou como professor universitário, na UFRN. Ele lembra que *ficou sabendo casualmente do concurso para essa universidade* no fim de 1981, por meio de um amigo. Mesmo sem conhecer bem o edital ou a cidade para onde iria, Caicó, foi prestar a seleção e obteve êxito, começando a lecionar no curso em 1982, quando os alunos iniciariam a habilitação específica. Narra que a maioria dos seus alunos da primeira turma *já atuavam no ensino*; alguns do quais *já eram professores antes mesmo de entrarem na graduação*, o que afirma que acontece até hoje, quando alguns alunos que *não possuem a menor formação entram no curso e já estão dando aulas de matemática*. O professor Luis afirma que muitos desses alunos que já atuam *possuem métodos tão naturalizados em suas práticas* que, durante a graduação, os docentes do curso *não conseguem mudar*.

Para o professor, sair de Fortaleza para ir para Caicó foi, no início, difícil, mas logo se adaptou à cidade, *principalmente por conseguir fazer amigos*. Um dos suportes que recebeu, segundo narra, *foi de seus alunos que não eram tão jovens, pois conversavam, saíam para um barzinho, mostravam as coisas de Caicó etc*. Além disso, recorda que teve problemas no mestrado – o qual cursava, mas só concluiu em outra oportunidade –, e acabou *se envolvendo com outras atividades para mudar o foco*.

O professor Luis diz que *se identifica muito com o magistério, pois acha prazeroso o que faz*; se considera um docente *rigoroso*, apesar de hoje estar um pouco mais desanimado, *devido ao pouco interesse dos alunos*, mas acredita que está cumprindo com o seu dever *de dar os conteúdos e cobrar*. Julga que apesar dos alunos reclamarem por ser rigoroso, *considera que depois agradecerão exatamente aos professores que foram assim*, pois não poderão dizer que ele não ensinou algum conteúdo. Em relação ao ensino de matemática, afirma se preocupar com os discursos e algumas tentativas em torno da contextualização por alguns exemplos nesse sentido serem absurdos.

Luis, Benedito e também Arimatéia, Chiquito, Luiz Carlos, Zilar, Almir e Norman passaram, em algum momento de suas formações, a atuar como docentes no ensino superior.

Assim como esses professores o ingresso de Maria de Fátima Dutra na carreira docente nesse nível deu-se por *uma possibilidade* que surgiu logo após concluir sua graduação. A oportunidade para Fátima também surgiu pela *necessidade de docentes*, mas, diferente desses outros professores que foram trabalhar em cursos para formarem professores de matemática com graduações na área, ela iniciou pela formação em Agronomia, por ter visto muito Cálculo.

Maria de Fátima é uma das dez filhas de um casal de comerciantes e funcionários públicos. Sua mãe era professora e, além dela, lembra outras duas tias que também lecionavam. Recorda que era uma criança tímida e mal falava na escola, mas diz que *foi uma infância movimentada*; a juventude, que devido aos estudos viveu uma parte em Natal e outra em Mossoró, foi *de estudos e momentos de diversão*, o que também vivia em Patu quando ia de férias. Ela estudou todo o primário e ginasial nessa cidade, para dar continuidade aos estudos foi viver em Natal, em 1974, onde cursou o segundo grau.

Na escola, até o ginasial, lembra que *usavam uniformes, faziam filas para entrar nas salas, cantavam o hino nacional semanalmente, gostava muito da merenda* e *recebiam do colégio uma mochila verde e um caderno*, nos quais havia um desenho e escrito: "ordem e progresso", USAID e AA, referência à Aluízio Alves. Diz que não entendia o que era política, sabia apenas que tinha o material e a merenda que *o governo mandou*; viviam uma *ditadura, mas não sabia nem o que era isso*, ouvia falar apenas que os policiais estavam procurando os *comunistas, o que também não sabia o que era*. Recorda que os professores *eram muito exigentes* e a lei que existia *era obedecer*: o aluno *ficar quieto na sala de aula*, pois *tinha que seguir as normas*; caso o aluno dissesse qualquer coisa, *era suspenso* e lembra que ocorria *até expulsão* e, se fosse expulso, não havia onde estudar. Atribui essa rigidez ao *contexto da ditadura militar*, pois *era isso que viviam*, apesar de só entender sobre isso depois. Dos alunos, lembra que muitos reclamavam de matemática, pois *já havia muita dificuldade nessa disciplina*, mas ela e sua irmã sempre tiravam notas boas; recorda que estudou a matemática moderna, mas sem saber por que era moderna, *só ouvia falar que havia mudado e tinha passado a ser moderna*.

Ao concluir o ginasial, Fátima narra que não houve dificuldade para sair de Patu e ir para Natal, *pois já sabia que ao concluí-lo teria que sair para estudar fora*, já que na cidade não havia segundo grau; tinha isso em mente, *pois já eram preparados para prosseguir nos estudos*. No segundo grau, também eram obrigados *a usar farda* e era um *sistema muito rígido, tudo trancado* e *havia porteiro*. Ao concluir o científico, *soube da existência das*

residências femininas na ESAM, em Mossoró, e por isso decidiu prestar o vestibular para Agronomia e para Letras (na FURRN), foi aprovada em ambos os cursos e foi cursá-los, em 1978. Morou na vila acadêmica da ESAM onde estudava durante o dia e, à noite, estudava na FURRN.

Ao concluir os dois cursos, haviam fundado o campus da FURRN em Patu e *uma amiga sugeriu que fosse dar aulas lá*, foi e ingressou em 1984, permanecendo até hoje. No mesmo ano, além da Universidade, começou a lecionar na rede estadual de educação, pois foi aprovada no concurso do estado para professora de português, onde permaneceu por oito anos, até que pediu dedicação exclusiva na universidade. Os primeiros contatos de Fátima com o ensino ocorreram quando, ainda no ginasial, ela deu algumas aulas no primário substituindo sua tia e explicando alguns conteúdos para colegas de classe, mas se recorda que *não pensava em ser professora*, *nunca havia suscitado essa possibilidade* e, inicialmente, *não gostava de lecionar*, mas ingressou na profissão e *hoje não pensa em deixar*; já poderia ter se aposentado, mas *não deseja fazê-lo*.

Para a professora, a educação na região melhorou muito depois da criação do curso, que possibilita uma graduação a muitas pessoas que, por questões financeiras, não conseguiriam cursar o ensino superior. Exemplo disso, para ela, são muitos professores da zona rural que não teriam graduação, caso não existisse o campus, pois *não teriam condições de sair* para cursá-lo em outras cidades. Fátima acredita que o ensino de matemática deveria estar muito bem, *pois os professores estão formados em nível superior*, mas aponta que *os alunos têm pavor à matemática*. Considera que isso *pode ser um problema social*, no qual as crianças crescem com medo *por ouvir de outras pessoas que é difícil e que ninguém consegue aprender esse conteúdo*, como acontecia no passado, como narra, quando *alguns professores contribuíam para criar essa aversão à disciplina divulgando essas ideias*. Apesar disso, diz haver alunos que gostam e conseguem ter sucesso.

Com um ingresso no ensino superior muito próxima a de todos os outros professores, Osório Barboza de Menezes ingressou no magistério por uma *possibilidade* que lhe apareceu logo após concluir seu curso de graduação. Ele também é formado em Agronomia pela ESAM e ingressou no ensino no curso de Ciências de Patu, na região de onde é natural, como a professora Fátima.

Filho de agricultor e dona de casa, Osório teve doze irmãos *aos quais ajudou a criar nas atividades agrícolas*. Ele considera que *teve uma infância muito feliz*, pois, *apesar de ser de origem humilde*, lembra que *trabalhavam na agricultura*, *brincava* e *seu pai os ensinava*

muito, apesar de ser semianalfabeto. Afirma que sua juventude *também foi muito boa, dedicada ao trabalho* e *aos estudos*. Recorda que a educação familiar *era muito rigorosa e ligada ao catolicismo,* na qual eram ensinados a respeitar os mais velhos e seus conselhos, devido à experiência. Apesar das *dificuldades* para estudar e de *não ter ficado com uma boa lembrança da primeira escola que buscou,* Osório cursou o primário ainda na zona rural, em Olho D'Água do Borges, e o ginasial em Patu; logo após, *para continuar seus estudos,* saiu da região aos 21 anos de idade. Como desejava *seguir para a área de engenharia*, foi cursar o científico em Mossoró, mas logo após o primeiro ano *conseguiu uma bolsa para concluí-lo no internato agrícola em Jundiaí*. Ao finalizar esse nível, trabalhou por quatro anos no Norte do país e retornou, quando foi prestar o vestibular e foi aprovado.

Nas escolas onde estudou, diz que na zona rural era uma educação *bem tradicional, reprodutivista, com base na memorização, o chamado "decoreba"*, mas com a qual conseguiram aprender, pois *corrobora que precisamos memorizar algumas coisas para, depois, aprender os conceitos*. Já durante o ginásio, lembra que havia um inspetor de ensino que ia a escola em intervalos de tempo *muito longos,* ou seja, *praticamente era inexistente*; mas, apesar disso, *a escola era muito respeitada, ensinavam e os alunos avançavam*. Os seus professores eram pessoas simples, mas *contribuíram muito para sua formação* e de muitos outros. Osório afirma que os alunos eram muito interessados pelos estudos, eram sequiosos pelo conhecimento; ele mesmo, por exemplo, *só considerava que estava sendo bom aluno se tirasse dez em todas as disciplinas,* caso contrário, ficava decepcionado consigo mesmo, e lembra que isso era comum entre os estudantes. Mas se lembra de que em Mossoró, o nível de desinteresse dos alunos era um pouco maior.

Foi o único dos irmãos que se formou, pois*, como eram muito pobres, os outros não tiveram oportunidade;* seguiu pelos estudos *por ter sido muito motivado,* de algum modo, *por uma professora que sempre comparava seu nome ao do autor do hino nacional*, que sempre cantavam na escola por ser o período da ditadura militar. Apesar *das diversas dificuldades* que teve para realizar os estudos fora, *devido às distâncias e a limitação financeira, considera positivo o fato de não ter*, à época, *ensino de segundo grau em Patu, pois não se acomodou na cidade*. *Sonhava com a universidade* e, mais tarde, conseguiu cursar Agronomia na ESAM, em Mossoró.

Osório iniciou sua graduação no ano de 1981 e diz que, nesse período, quem era desse curso *conseguia ensinar qualquer coisa na cidade*, pois era um curso com um grande reconhecimento. Às vezes, *se faltassem professores nas escolas estaduais, os diretores*

procuravam os alunos do curso para ocuparem as vagas. Seus primeiros contatos com o ensino começaram nesse período, na escola técnica agrícola que existia em Mossoró e em cursinhos, onde ensinou matemática e biologia, entre 1981 e 1985.

Ao concluir a graduação Osório *ficou sabendo que tinham vagas de Cálculo no campus de Patu* e, *apesar de ter muitas oportunidades de emprego em Mossoró*, foi em busca dessas vagas, fez uma seleção e ingressou no corpo docente do campus, pois diz que tinha *vontade de retornar para essa região* e *sempre desejou ensinar na universidade*. Ele narra que, no início, por serem contratados pela universidade como horistas, apenas cumpriam às horas de aula, não tendo nenhuma outra atividade para exercer e, com isso, só viam os alunos na sala de aula, na qual *os docentes reproduziam um conhecimento e, sem o questionarem, esse se tornava verdade para os graduandos*.

Começou a ensinar na FURRN de Patu em 1986 devido à graduação em Agronomia, mas, depois, fez uma especialização, exigida pela universidade, e um mestrado. Recorda que a especialização possibilitou que ele assumisse uma série de disciplinas que *são deixadas de lado no curso de Matemática*, como sociologia, psicologia etc. Diz que *houve algumas críticas no sentido dele assumir essas disciplinas*, mas *defende que o conhecimento horizontalizado, de diversas áreas, possibilita fazer interlocuções que a verticalização não permite, pois, com esta, sabe-se muito de um ponto muito específico*.

O professor Osório diz que, para ele, *o magistério foi tudo*; que, além do seu, *o nome que mais gosta de ouvir é o de professor*. Diz que um dos prazeres da profissão é o fato *de ter sempre que estudar*, o que acha inadmissível se o professor não o fizer. Ele considera que *a família e a escola* são muito importantes, pois *são a base da formação social, da educação de cada sujeito*, pois cada um *recebe influência dos outros com quem convive ao longo de sua história pessoal*. Avalia que a escola deve formar *para a técnica e a cidadania de modo convergente*, pois não pode tender apenas para um dos aspectos; *deve buscar uma formação completa* e, para isso, *julga que a família tem um papel fundamental*. Sobre o ensino de matemática, declara que hoje é mais confortável para o aluno *pela perspectiva de relacionar o conhecimento teórico com o cotidiano*, em processos que busca facilitar a aprendizagem, mas acredita que alguns usos podem ser perigosos. Acredita que deve haver muita cautela no ensino de matemática e não se falar apenas do que é prazeroso, pois considera que *para aprender matemática o aluno precisa estudar muito*.

Osório, Fátima, Luis Gonzaga e Benedito ingressaram profissionalmente no ensino de matemática após concluírem suas graduações; Nelson, Eunice, Joabel, Luiz Carlos e Maria

das Graças iniciaram logo depois de começarem seus cursos superiores; Norman, Arimatéia, Rivaneide, Zilar, Almir, Raimundo e Josimá tornaram-se professores ao concluírem o colegial; nível que cursavam Felisbela, Neta e Chiquito quando começaram a lecionar matemática no ginasial; e ainda Alcir, que tornou-se professor dessa disciplina principalmente devido ao contato com a igreja católica. A partir dos relevos dados das vivências singulares, é possível notar que todos esses professores passaram por processos símiles em alguns aspectos. Ingressaram na profissão docente em níveis de instrução diferentes, por meios diversos, mas todos se remetem a processos que os formaram professores antes mesmo de entrarem na carreira, bem como a fluxos vivenciados posteriormente.

Poderíamos apontar que esses processos formativos, vividos majoritariamente a partir das décadas de 1950, ocorrem fortemente entre os signos da necessidade e da possibilidade. Não entendemos esses signos de forma limitada, ligada apena à contingência: há necessidade "quando uma 'premissa eficiente e ativa' é tornada coletivamente consciente, estabelecendo metas – e não acabamentos" [5], ou seja, quando um fluxo histórico, as verdades coletivamente negociadas, as vivências e experiências individuais e coletivas impulsionam a algo que pode e/ou deve ser; às possibilidades, que, por sua vez, são unidades dialéticas entre as contingências e as potências, os estímulos.

Há muitas vivências que denunciam as necessidades e possibilidades ligadas às contingências, como aquelas ligadas (i) à migração: quando pessoas ou grupos se deslocam para se instruir ou para garantir a sobrevivência; (ii) às questões financeiras: quando, por exemplo, no caso dos nossos depoentes, não é possível adquirir os livros por falta de recursos, deixam de estudar também por isso; submetem-se a viver na Casa do Estudante, malgrado as precariedades, por ser uma das poucas opções ou a única opção; começam a trabalhar paralelamente aos estudos, para suprir a escassez de recursos ou quando, ao contrário, vivem determinadas histórias por desfrutarem de situações financeiras confortáveis; e ainda (iii) à educação: pela ausência de professores, de escolas, de políticas públicas etc.

Contudo, há muitas experiências ligadas a esses signos pelas potências, os devires: quando se estabelece uma necessidade e se vivenciam diferentes possibilidades porque se deseja estudar visando a um "futuro melhor", ou porque se espera retribuir à família o esforço, por não se pretender trabalhar na agricultura ou mesmo por se desejar continuar vivendo na cidade; nas diferentes vivências com as profissões porque deseja ganhar um salário, ou quer ir para um ou outro lugar, porque aspira trabalhar no ensino superior, anseia um salário maior, ou ainda porque deseja outro tipo de emprego.

Muitas vezes esses signos estão ligados às vivências físicas, às constrições biológicas, ou a questões racionais, lógicas, mas, é possível perceber que eles estão também intrinsecamente ligados à outra dimensão que não necessariamente física ou racional, mas, sim, ao imaginário de cada sujeito, aos sonhos, às crenças. Imaginação, desejos, expectativas, angústias, emoções etc., estariam ligadas a uma imagem poética, que é sempre "uma emergência da linguagem, está sempre um pouco acima da linguagem significante"[6], pois todo sujeito é, potencialmente, um ser poético por lidar com o mundo mediante sua capacidade de imaginação, simbolização e criação[7]. Sujeitos interpretam o que é do plano empírico por meio de imagens mentais diretamente ligadas ao contexto em que se vive, do macro ao micro, pois "os partilhamentos imaginários reluzem com mais intensidade nas pequenas comunidades, em grupos sociais restritos. [...] Estão à margem sem, necessariamente, serem marginais. Vão contornando as beiras, dão-lhes destaque. Às vezes lampejam"[8]. E vão formando sujeitos, e seguem se formando os sujeitos, levando-os a viver de dados modos e interpretar o mundo de formas distintas, compartilhadas, mas subjetivas.

Como é possível notar, também nesse nível do imaginário a formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte acontece, direcionando caminhos, possibilitando experiências, fazendo vibrar os fluxos históricos, pois "se existe 'história' é porque acontece o que poderia não se suceder"[9], e essa não sucessão lógica, previsível, em grande parte, é resultante das necessidades e possibilidades ditadas pelo ser poético, suas vivências e as verdades que o constituem, o atravessam, pois "as crenças e sonhos fundamentam atitudes, predispõem a ações e traduzem um conhecimento. Suas raízes se sustentam em valores assumidos ou não"[10].

Entendemos que o imaginário desses professores de matemática, por exemplo, são atravessados – de modos diversos e sempre particulares – pela disciplinarização, o rigor e as exigências que vivenciaram nas escolas em que estudaram; pela presença da igreja católica em suas vidas; pelos valores ensinados por suas famílias e os outros grupos sociais com os quais convivem e conviveram; pelas diferentes identidades que constituíram para si ao longo de seus percursos formativos; pelos sonhos e desejos vivenciados ou não, em realizações ou frustrações; pelas crenças (re)elaboradas na prática sobre o que é ser um bom professor, a postura que esse deve ter em sala de aula, as ações que deve ou não empreender ao ensinar os conteúdos e ainda os saberes que devem dominar para a docência; e pelos diferentes discursos, significados atribuídos e experiências sobre ditadura militar, professores leigos,

educação, profissão docente, reconhecimento profissional, papel do professor e da escola, política educacional e a própria ideia de formação.

É possível notar que essas formações foram se dando pelas vivências diárias, pelas experiências da escola que os levaram a replicar práticas ou buscar outras a partir da negação. Práticas atravessadas pelos cursos que os auxiliaram nos conhecimentos dos conteúdos que lecionavam, nas ações didáticas que empreendiam ou, ao contrário, que não os influenciaram nesses aspectos – como acreditam. Formações das mais diversas que, muitas vezes, só depois os levaram aos cursos específicos para uma profissionalização no campo no qual já estavam atuando, caracterizando, na maioria dos casos, a formação intencional e específica como uma ação a *posteriori*. Foram processos formativos que emergiram de "casualidades", possibilidades e necessidades, constrições e potências, imaginários; formações com aproximações por cursos, atividades profissionais, contextos, temporalidades, espacialidades, identidades e vivências, mas impossíveis de serem classificadas ou enquadradas em uma definição estática, uma ideia categórica; são formações tão distintas e singulares quanto complexas.

---

[1] Ver nos textos "*Brasil, Rio Grande do Norte, Mossoró: uma versão histórica sobre a dinâmica da formação de professores (de matemática)"* e "*Documentos oficiais, fontes 'primárias': uma interpretação*" as justificativas para essas afirmações. Os dados produzidos pelas nossas pesquisas, tanto a partir dos documentos oficiais quanto das narrativas, apontam que houve muitos religiosos, tanto padres quanto freiras, atuando como professores no RN, além de muitos outros sujeitos que iniciaram no magistério nessas instituições confessionais.

[2] As narrativas integrais dos professores citados nesse texto e que colaboraram com nossa pesquisa podem ser acessadas em Morais (2012) - www.fc.unesp.br/ghoem/trabalhos/42_3_dissertacao_marcelo_morais.pdf - ou no Tomo Travessias dessa tese.

[3] No texto *"A complexa relação entre sujeito, espaço e sociedade: uma possibilidade que por vezes nos escapa"* desse Tomo realizamos uma análise sobre como os processos migratórios e as vivências envolvendo as espacialidades estão presentes na formação de nossos colaboradores; algumas dessas vivências serão citadas ao longo desse texto.

[4] Para compreender melhor alguns contextos educacionais e históricos referenciados ao longo do texto – como cursos, alterações no sistema de ensino etc –, ver "*Brasil, Rio Grande do Norte, Mossoró: uma versão histórica sobre a dinâmica da formação de professores (de matemática)"*, "*Documentos oficiais, fontes 'primárias': uma interpretação*" e "*Entre narrativas e subjetividades: uma invenção histórica possível"* nesse mesmo Tomo.

[5] (COSTA, 2008, p. 146).

[6] (BACHELARD, 1978, p. 190).

[7] (BACHELARD, 1978).

[8] (TANUS, 2002, p. 172).

[9] (COSTA, 2008, p. 151).

[10] (TANUS, 2002, p. 172).

Sumário PASSOS

Capítulo Horizontes

Um horizonte, — a saudade
Do que não há de voltar;
Outro horizonte, — a esperança
Dos tempos que hão de chegar;
No presente, — sempre escuro,—
Vive a alma ambiciosa
Na ilusão voluptuosa
Do passado e do futuro.
(ASSIS, 1994, p. 38).

"Não sabia muito bem o que estava eu ali a fazer, sei que a mim foi proposto um jogo. Encaro como um jogo, porque tinha suas regras e eu estava me divertindo ao pensar em fazer parte dele... Primeiro: um problema. Sem querer, infringi uma das regras do jogo: percebi que comecei a observar e me observar bem antes de começar. Um movimento, um olhar, escolhas... Sentado? De pé? Aqui? Ali? Não, não; melhor naquele canto mais distante, a visão certamente será melhor! Estou eu, já observando e me observando, no lugar que parecia ideal: uma visão panorâmica da cena que eu queria ver, distante, como se eu não participasse dela – embora não fosse minha intenção ser neutro – com lápis e caderno na mão. Quero começar a escrever, mas... não, não é hora! Após alguns minutos – claro que durante esses continuei a observar e me observar, também sem a intenção de fazê-lo – começa o jogo. Agora sim, já posso... Primeira observação: observação de mim mesmo. Fiquei desnorteado, não sabia como começar a jogar, tentei primeiro ver, ouvir, sentir... Mas parece que não foi boa a ideia, eram muitas informações simultâneas! E aquele que parecia o melhor lugar, de repente passou a não ser tão bom assim: clima gélido, muito movimento, coisas para anotar de todos os lados. Além disso, de repente, percebi que, de observador, passei a ser observado: um estranho, no chão, em um caminho, anotando coisas? Mas, enfim, parece que consegui um jeito de executar a minha tarefa no jogo (ou comecei a me desvincular de algumas coisas, senão, não teria nada como resultado dele). Daí que vem a história que criei sentado, ali, naquele local, naquele jogo...

Tinha inicialmente trinta pessoas à vista, distribuídas em três locais distintos: dois pátios e uma lanchonete. O fluxo era constante, as pessoas pareciam agir normalmente, embora, à minha vista, algumas poucas pessoas agissem de forma diferente: estavam observando também, assim como eu. Tinha o panorama de um local, mas não ouvia nada de lá, a única coisa que conseguia ouvir eram umas moças

conversando perto de onde eu estava. Ouvia ainda o som das árvores, pássaros e... sim, sim, os meus pensamentos que estavam falando muito, minhas mãos nem deram conta de anotar tanta informação! Via, além de pessoas, um cachorro... não, não só um, dois; na verdade, foram chegando (ou eu fui percebendo os demais) três, quatro... Sim, agora sim! Eram quatro cachorros – eu acho. Além desses animais, percebi um grande movimento de pássaros. Mas, sim, as pessoas... A essa altura, o movimento estava começando a aumentar. Algumas pessoas passavam de bicicleta, em ritmos variados: algumas muito rápidas, outras, no entanto, pareciam nem pedalar de tão lentas que iam e vinham. Motos se locomoviam também das mais diversas formas, algumas passavam em locais próprios para pedestres, outras faziam rondas com os vigilantes daquele local. Alguns carros também se fizeram presentes à cena, alguns só de passagem – talvez só para dar mais movimento a ela –, outras pararam para compor o cenário. As outras pessoas, as que não se enquadravam nas que estavam de bicicleta, ou moto, ou carro, apareciam e desapareciam constantemente, pintando imagens impossíveis de descrever de tão móveis e mutantes. Senti-me tentando agarrar o ar com as próprias mãos... O que, há alguns instantes, contava como sendo trinta, eram agora cinquenta e cinco pessoas, já formando filas, se dividindo em grupos – alguns pequenos, outros grandes; duplas, trios... –, mas, também havia os solitários (entre estas contavam aquelas com ações estranhas, como a minha: os observadores). Só uma coisa em relação às pessoas não havia mudado: as meninas que conversavam próximo ao local em que eu estava! Se eu tivesse que descrever só o que ouvi, só teria o assunto delas... Ah, e as plantas e pássaros, claro! Falando sobre o que foi ouvido, acho que em algum momento estavam fazendo algum serviço com um trator; diria que perto, mas nem tanto... talvez a, aproximadamente, uns quinhentos metros de onde eu estava. Mas, voltando às pessoas: algumas também só fizeram parte das imagens rapidamente: passavam sozinhas, com outras pessoas, com objetos, conversando, em silêncio, comendo, e por aí ia... Comecei a suspeitar que estava perto de um evento. Por quê? Muitas pessoas estavam indo em uma mesma direção, algumas passavam com copos plásticos, vasilhames de água, crachás... Sim, depois de um tempo confirmei que era um evento: ouvi o hino nacional e o cerimonialista! E o movimento à minha frente não parava – assim como a conversa das moças que estavam perto! Percebi que, em alguns momentos, eu e alguns daqueles outros – os observadores – observávamos as mesmas coisas. Uma pessoa passava de bicicleta, outra jogava algo no lixo, uma dupla conversando etc. Alguns outros observadores, daqueles que estavam agindo estranho,

como eu, começaram a mudar de lugar, dois brincaram com um dos cachorros que estavam por lá, outros, por enquanto, continuavam do mesmo jeito: só observando e anotando, claro! O cenário continuou mudando, a quantidade de pessoas à vista caiu novamente, o fluxo parece ter diminuído, mas, nem por isso deixou de ter tantas informações...

Sem querer, começo a prestar atenção novamente em mim, não sei se por conta dos dedos que estavam doendo de tanto e tão rápido que escrevia, ou por conta do sol que estava me alcançando e, de alguma forma, me atrapalhando. O que sei é que comecei a me observar, assim como algumas pessoas que passavam e alguns dos outros observadores. Neste momento, percebo sinais de que o jogo possivelmente estava terminando, alguns dos observadores estavam entrando na cena como aquelas outras pessoas que agiam normalmente. Acho que muito me escapou, do macro ao micro, então, penso no que me escapa diariamente, mas... O jogo estava no fim, ao contrário da conversa das meninas que estavam bem perto: essa parecia que não ia terminar tão cedo. Era hora de parar com o jogo e me misturar às múltiplas e infinitas cenas que se formariam depois que me tornasse parte delas, como uma daquelas pessoas normais, embora já o fizesse, sendo um observador, sentado, ali, naquele local, naquele jogo. Normal...”

*****

Mais uma vez, lá estávamos pensando na forma e em como escrever. Dessa vez, não era para a tese, era para “algo mais simples”: um texto para uma das disciplinas que cursávamos no doutorado, intitulada *Educação Etnomatemática: história, cultura e prática pedagógica*. Esse texto, que intitulamos de *Um jogo, uma história...* foi o resultado de um exercício etnográfico que o professor havia proposto: fazer uma observação de dez minutos na cantina da Unesp de Rio Claro e elaborar um texto dessa observação. O estilo do texto era livre, assim como eram livres o que seria observado e a forma como seria feita a observação.

Pela liberdade, e pelas intenções que nos cercavam sobre formas de escrita, optamos por usar um estilo mais literário e uma forma de observação na qual permitimos nos inserir. Talvez, no fundo, fosse isso que desejássemos para a nossa tese. Mas a academia aceitaria um texto nesse formato como tese, ou parte da tese? Optamos por uma escrita mais simples para nós; mais fluida, mais natural – interessante como o

que pode ser mais natural para uns pode não ser para outros. Entretanto, infelizmente e insistentemente, as regras da academia – ou melhor, daqueles que a fazem – impõe-nos a escrever de um mesmo modo, de uma mesma forma, em uma mesma fôrma, como se todos fossemos iguais. Reconhecemos a importância de existirem padrões, parâmetros que balizem os fazeres acadêmicos, e não era a isso que desejávamos nos opor: nossas inquietações estavam relacionadas às imposições, às normatizações, às regulamentações que não permitem a ação das subjetividades, das particularidades, das movimentações, questionamentos e criações sempre necessárias à produção dos saberes acadêmicos – corriqueiramente ausentes. Sabíamos, todavia, que o importante para os trabalhos acadêmicos é o autor se fazer compreender, é comunicar o que deseja; dizer suas verdades, como as alcançou e ser (ou não) legitimado por um grupo, seus pares. Nesse exercício, por exemplo, conhecendo-se as intenções do texto e seu contexto, nossa opção para a forma e estilo de escrita tinha afetado o que foi observado ou o que foi comunicado? A cena era real e a tínhamos descrito, assim como eram reais todas as observações feitas; foi real a conversa, os pássaros, os outros observadores, o frio, a dor nos dedos etc. e, mais importante, tínhamos conseguido colocar todas essas verdades no texto. Para nós, a escolha causava afetações, sim, mas, em outro sentido: tinha afetado o fato de termos optado por nos inserir na cena, trazendo outros elementos que não apareceriam se tivéssemos nos colocado apenas como observadores neutros, descrevendo apenas o que foi observado; essa escolha afetou o modo como passamos a nos criar nessa realidade e em texto; afetou também o fato de nos mostrarmos sensíveis ao que tínhamos vivido e, certamente, tornado experiência pelo fato de termos nos debruçado sobre; afetou também, e talvez principalmente, os modos como os leitores desse texto podem ter construído aquela cena; os modos como possibilitamos que nos criassem ao lê-lo: seres de carne, como eles, que sentem, que vivem, que mudam e mudam.

Gostamos do texto, nos afeiçoamos a ele, e cada vez que o líamos nos víamos nele e recriávamos aquele momento novamente: os pássaros, as bicicletas, os cachorros... Muitos outros, provavelmente, preferiram não escrever desse modo, possivelmente não tenham gostado da nossa opção, talvez achassem mais cômodo e defendessem a escrita dita “formal”, “normal” – mas, perguntamos: “formal ou normal para quê ou para quem?”. Por estarmos na academia, para alguns, escrever desse modo talvez fosse quase uma heresia – e talvez quiséssemos ser hereges, nos juntando a muitos outros para questionar as verdades absolutas, questionar as formas canônicas, as

naturalizações, as impossibilidades de permitir a experimentação. O que desejávamos não era impor mais obrigações: "tem que escrever diferente!". Não. O que desejávamos era defender o direito de buscar outras possibilidades, outras potencialidades criadoras, analisando os ganhos que poderíamos ter com outras formas de escrita, o que poderíamos criar a partir delas, o que elas nos permitiriam dizer que outra forma não permitiria e o como poderíamos criar outros mundos, permitir outros significados[1]. Para nós, "uma forma nova permite dizer coisas novas e, nesse sentido, a subversão aos modelos canônicos das composições acadêmicas deve, cada vez mais, ser exercitada"[2], e esse exercício, essa narrativa que elaboramos para a disciplina foi uma experimentação de nossas capacidades e das potencialidades de uma forma de narrativa, pois acreditamos que, de algum modo, "nós organizamos nossas experiências e nossa memória de acontecimentos humanos principalmente", e não exclusivamente, "na forma narrativa: história, desculpas, mitos, razões para fazer e para não fazer, e assim em diante"[3].

Víamos nas narrativas – como ainda vemos – uma forte potencialidade para a produção de conhecimento sobre nossas subjetividades, principalmente quando afirmamos nos enquadrar num paradigma de pesquisa qualitativa, pois, "narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por 'necessidade narrativa', e não por verificação empírica e precisão lógica, e, ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas"[4], pois "a 'verdade' narrativa é julgada por sua verossimilhança e não por sua verificabilidade"[5].

Com aquela narrativa da disciplina, não estávamos querendo "o conforto de um final feliz, mas a compreensão de situações que, ao se tornarem interpretáveis, tornam-se suportáveis"[6], desejávamos, de um modo ou outro, elaborar um texto que possibilitasse interpretações, já que defendemos a noção de que um dos modos de organização e/ou interpretação do mundo se dá de forma narrativa[7]. Para nós, "a narrativa é forma discursiva, criadora, modo de organizar os ingredientes com os quais dominamos, pela fala, pela escrita, pelo gesto, na ação, nossos modos de ser no mundo"[8]. O modo de elaboração narrativa, para nós, era principalmente um modo de criarmos um mundo, possibilitarmos que nossos leitores criassem outros mundos, racionalizassem de outros modos, atribuíssem outros significados[9], que fossem em direção aos nossos, já que usávamos outra linguagem, que, aparentemente, é mais natural ao que é humano – ou, pelo menos, a alguns humanos.

E talvez fosse esse o sonho para a tese que desejávamos, naquele momento, construir... Uma tese que, por um lado, fosse parte de nós, que mostrasse a nós de algum modo, que nos inventasse, na qual nos reconhecêssemos e que nos permitíssemos conhecer e, por outro, que fosse, do mesmo modo, nosso trabalho, que falasse da pesquisa, que mostrasse tudo o que desejávamos defender, que possibilitasse outros modos de interpretação; enfim, que fosse de fato nossa tese! Ao fim do processo de pesquisa, que estava apenas no início, eram essas coisas que esperávamos trazer em nossa tese. O que não sabíamos, ainda, é que aquele exercício na cantina tinha nos marcado, tinha se tornado experiência em nós...

E lá se foram as disciplinas, os estágios e as produções dos dados; se foram também as viagens, as movimentações, as inquietações; reflexões, questionamentos, teorizações. Após todos esses movimentos, a forma parecia estar clara e comunicaria o que desejávamos: três tomos, cada um problematizando um processo distinto do desenvolvimento da pesquisa, teorizando sobre coisas diferentes e usando como mote para a escrita, de cada tomo, três narrativas literárias. A ideia de usar os textos literários era a de destacar o modo como a literatura atravessou o nosso processo, nos auxiliando, inclusive, na elaboração textual. Com uma dessas histórias, *Se um viajante numa noite de inverno*, buscaríamos o modo como o autor narrou a história do viajante em busca do livro, e, com ela, tentaríamos falar de nossa busca para constituir a tese; outra seria *Nove noites*, pois o modo como o autor narra sua história ao desenvolver uma pesquisa nos inspirou a narrar os nossos e problematizar as fontes. A *Quinta história* nos fornecia elementos para tematizar a análise e os modos de elaborar as narrativas. Essa forma era, sem dúvida, a ideal para o nosso trabalho – ou, pelo menos, assim julgávamos ser.

Entretanto, como nada acontece tão linearmente – felizmente –, outros fluxos nos fizeram repensar a forma[i] e não foi difícil reformular aquela forma inicial: pensamos em dividir o corpo da tese em apenas dois **Tomos**, os quais poderíamos denominar de **Passos** e **Travessias** indicando sempre os movimentos. As narrativas dos colaboradores, os documentos dos arquivos que seriam mobilizados nas análises e

[i] Após essa primeira proposta, a forma foi alterada por duas vezes: a primeira mudança ocorreu principalmente por corroborarmos uma sugestão dada pelo Vicente de colocar as narrativas de nossos colaboradores como apêndices, pois, ao propormos e enviarmos exemplos de um movimento de análise que intencionadamente englobaria os exercícios de análise de singularidades, convergência e narrativa de narrativas, essas fontes seriam cotejadas quase que por completo; a segunda mudança ocorreu após o Exame de Qualificação desse trabalho, quando membros da banca examinadora nos fizeram perceber que pôr as narrativas em apêndice – em um trabalho que defende que a forma comunica algo – era, de um ou outro modo, dar uma relevância menor àquelas narrativas. Assim, optamos por incorporar novamente as narrativas ao trabalho, entendendo que são, também, partes fundamentais do corpo dessa tese.

mapas que auxiliariam nas interpretações dos documentos e narrativas formariam o **Tomo Travessias** e, para o **Tomo Passos**, buscaríamos apoio apenas em um dos textos, o *Se um viajante numa noite de inverno,* mas, dessa vez, não em relação ao modo de narrar, e, sim, em relação à forma do livro, assim, poderíamos narrar o nosso processo de desenvolvimento da pesquisa, intercalando versões históricas sobre a formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte, pois, desse modo, tanto se mostraria o nosso fluxo de formação e todas as outras coisas que passam a fazer parte desse fluxo – que é um dos temas centrais de nosso trabalho –, quanto se mostraria como vamos criando histórias à medida em que vamos desenvolvendo a pesquisa – que é o que falamos quando afirmamos efetuar análises desde o início da pesquisa –, e como são, cada uma, a história sobre a formação de professores de matemática no Rio grande do Norte, assim como são, também, todas juntas, uma história dessa formação.

Nessa nova forma, mobilizaríamos do mesmo modo a *Quinta história*, pois as narrativas que elaboraríamos, em uma ou outra história – a do nosso processo de formação ou a da formação de professores de matemática no RN –, seriam guiadas pela noção de que ao contar, focar, analisar coisas distintas, criamos outras histórias, falamos de outros processos, que coabitam uns nos outros. Além desse, ainda teríamos inspiração em *Nove Noites* para o modo de narrar, pois nos chamou muito a atenção o modo como o autor consegue ir criando uma história, mostrando sua descontinuidade ao brincar com o tempo, em idas e vindas, ora retomando algumas coisas, ora avançando em outras direções. Assim que optássemos por escrever a história sobre o nosso processo e as narrativas históricas sobre a formação no Rio Grande do Norte, elaboraríamos histórias que iriam e viriam, que criaria e recriaria, que se moveria nos fluxos dos tempos de que falam, brincando com as verdades, das quais se lêssemos só uma ou outra, teríamos perspectivas, mas seriam parciais e, mesmo que lidas por completo também o seriam, pois, certamente, outras histórias escapariam às que pretendíamos narrar. A aposta nessa forma se justificaria ainda por abraçarmos a noção de que "a melhor esperança de análise hermenêutica é apresentar uma explicação intuitivamente convincente do significado do texto como um todo, à luz de suas partes"[10], portanto, faríamos durante todo o trabalho a análise do texto – que, nesse caso, diz do nosso processo de desenvolvimento da tese e as próprias histórias sobre a formação de professores de matemática no RN –, a partir de suas partes.

Pensamos inicialmente em dispor os textos, como no livro *Se um viajante numa noite de inverno*, de Ítalo Calvino, também com os títulos: "Capítulo 1", "Título da

primeira história", "Capítulo 2", "Título da segunda história", "Capítulo 3"... e assim sucessivamente, mas fomos levados a perceber[ii] que essa forma, mesmo que não linear, dava certa sequencialidade que não desejávamos para a tese. Assim, pensamos que poderíamos denominar os textos "Capítulos" com palavras que tivessem relação com as viagens empreendidas e com os conteúdos presentes nos textos, que seriam escritos de modo que o leitor percebesse que não é uma sequência linear: brincaríamos com esse fluxo e tempo cronológico, voltando sempre a começos, começos diferentes, mas começos que nos levariam a finais, ora mais à frente, ora mais atrás numa linha cronológica de desenvolvimento dessa tese.

Outra ideia que tivemos para a forma é que ela deveria nos auxiliar a reafirmar que metodologia é processo e, assim, narraríamos a história tentando mostrar como a metodologia foi elaborada e reelaborada em movimento. Poderíamos, por exemplo, trazer um primeiro texto em que começaríamos a narrar nossa história de algum ponto, antes ainda do doutorado (talvez quando ingressamos no mestrado), no qual poderíamos discutimos sobre História Oral, Educação Matemática e Metodologia de Pesquisa por terem sido os primeiros segundo uma perspectiva teórica com o qual tivemos que entrar em contato ao ingressar no Ghoem e, além disso, poderíamos abordar também as primeiras compreensões que elaboramos sobre ação de pesquisar e nossas compreensões sobre a análise narrativa de narrativas, de forma um pouco mais aprofundada, já que durante todo esse Tomo da tese faríamos uso desse método de análise em nossas narrativas históricas. Poderíamos iniciar de nossa viagem de Mossoró para Rio Claro e, por isso, denominar de **Capítulo Viagem**. Esse primeiro capítulo, iniciando a partir de nossas primeiras viagens, possibilitaria aproximar o leitor de nossas vivências como migrantes, as quais nos afetaram a ponto de tematizarmos na tese, e nos ajudaria, inclusive, a mostrar que as histórias sempre terão inícios arbitrários, pois somos fluxo.

Feito isso, o segundo texto poderia denominar-se **Brasil, Rio Grande do Norte, Mossoró: uma versão histórica sobre a dinâmica da formação de professores de (matemática)**, no qual apresentaríamos uma versão histórica da formação de professores de matemática, a primeira sobre o tema que tratamos, construída com base em nossa narrativa do mestrado que foi, de fato, a primeira versão que tivemos sobre o acontecimento que estudamos. Nesse texto, colocaríamos o foco na legislação, nos contextos educacionais e nas perspectivas ideológicas que atravessavam esses

[ii] Essa alteração também ocorreu após a realização do Exame de Qualificação dessa tese.

contextos, tanto do Brasil quanto do Rio Grande do Norte, visitando alguns acontecimentos sobre a formação de professores no RN, situando-os nesses contextos gerais. As fontes que mobilizaríamos para essa versão seriam basicamente as mesmas do mestrado e, devido a isso, Mossoró surgiria no texto de forma mais evidente, mas não mais importante que as demais regiões, que se tornariam cada vez mais visíveis nas análises seguintes.

O texto da sequência, que retoma o processo de construção da tese, poderia chamar **Capítulo Caminhada**, pois abordaria as discussões teóricas que fomos construindo ao longo do percurso do mestrado e doutorado em torno das noções de História e Memória, trazendo ainda o que entendemos por Narrativas e Experiência. Além disso, poderíamos mostrar como começamos a fazer as primeiras escolhas, com relação às técnicas de pesquisa, e como começamos a produzir os primeiros dados nos arquivos institucionais. Embora tenha sido um processo concomitante com a realização das entrevistas, esse processo poderia ser abordado em outro texto, pois, daí, mostraríamos um outro movimento de um mesmo fluxo.

Assim, no texto seguinte, que seria uma nova versão histórica, poderíamos intitular de **Documentos oficiais, fontes "primárias": uma interpretação** e construiríamos uma narrativa a partir apenas dos documentos oficiais, uma história a partir apenas das fontes "primárias", já que teríamos acabado de abordar sobre essas fontes no texto anterior. Para essa análise, centraríamos o foco da nossa narrativa nos cursos de formação institucionais, pois, assim, apresentaríamos as versões institucionais e oficiais sobre esses cursos. Nesse texto, Patu provavelmente será uma região que pouco aparecerá na narrativa, dada à dificuldade de acesso à documentação histórica sobre o tema que estudamos na região.

No **Capítulo Espaços**, voltaríamos à história da tese e recontá-la-íamos com outro foco. Falaríamos, por exemplo, do processo de criação dos documentos produzidos a partir das entrevistas e também do desenvolvimento dos estágios na UERN e UFRN, concomitantes ao processo de produção inicial dos dados. O texto receberia esse título porque, ao falarmos dos estágios, traríamos as discussões teóricas em torno das noções de Espaços, Tempos e constituição de Sujeitos e Identidades que começamos a elaborar e a partir dos quais começaram a se fixar nossas concepções para tematizar a migração no processo de formação de professores. Assim, daríamos relevo a uma dimensão pouco explorada nas pesquisas em Educação Matemática.

Se fossemos realmente abordar sobre a produção das narrativas nesse texto, o próximo poderia trazer uma análise apenas a partir das narrativas de nossos colaboradores, com foco também nos cursos institucionais de formação, e o texto poderia ser intitulado de **Entre narrativas e subjetividades: uma invenção histórica possível**. Isso abriria possibilidades para discutirmos sobre as potencialidades das fontes, o que se ganha e o que percebemos que podemos perder ao usar apenas uma ou outra fonte. Essa discussão seria produzida posteriormente...

No texto seguinte abordaríamos outros movimentos de nossa pesquisa e, por isso, chamaríamos de **Capítulo Movimentos**. Trataríamos do início de nossa busca pela forma e como, nessa busca, a literatura entrou em nossa pesquisa nos ajudando a, inclusive, teorizar e problematizar sobre a formação de professores de matemática e nosso próprio processo de formação, e como isso nos afetou, inclusive, nos procedimentos técnicos da pesquisa, que mudaram a partir da sensibilização causada pela literatura e por tudo o que estávamos lendo.

Essa sensibilização poderia ser o mote para a construção da versão histórica da sequência, que intitularíamos de **A complexa relação entre sujeito, espaço e sociedade: uma possibilidade que por vezes nos escapa**. Assim, elaboraríamos um texto narrativo sobre a formação de professores de Matemática no RN com foco nos elementos que inicialmente nos escapavam e que começamos, no processo, a perceber como parte da formação desses professores, ou seja, nos elementos não formais de educação, como os espaços das Casas do Estudante, as relações de centro e periferia, campo e cidade, carência e urgência, a migração, entre outros. Para isso, buscaríamos mobilizar as diferentes fontes para tentar perceber o que essas nos possibilitariam falar sobre esses temas.

Por estarmos começando a trazer versões históricas que apontam a concepção de formação de forma mais ampla, poderíamos trazer, no **Capítulo Formação**, a teorização sobre a noção de formação de professores que defendemos, narrando o processo de nossa busca por autores da área que nos auxiliassem a abordar esse tema e dizendo de como começamos a perceber a necessidade de ampliação dessa noção, amplamente difundida e cristalizada de modo limitado e limitante. Nesse texto, abordaríamos, ainda, como a ampliação de uma noção nos fez sentir a necessidade de mobilizar outro movimento analítico para dar conta de trabalhar com essa concepção de forma mais ampla e, assim, elaborar uma versão histórica que dissesse de subjetividades e fluxos históricos distintos.

Assim, poderíamos elaborar outra versão histórica da tese com base no exercício de análise que propomos, com foco na análise de singularidades, mas unindo aos outros dois movimentos de análise que o grupo estuda. Essa versão seria construída com foco no processo de formação dos professores de matemática no Rio Grande do Norte, mas, como já teríamos abordado outros signos da formação nas versões anteriores, nos deteríamos em outros processos, como as necessidades e possibilidades, os sonhos e desejos, as expectativas e frustrações, as experiências como alunos, etc. Se conseguíssemos por tudo isso em prática, já seriam cinco histórias distintas, e essa poderia ser nossa última versão histórica, até porque é preciso encerrar esse relatório de tese em algum momento. Sendo assim, poderíamos intitular esse texto como **Fluxo histórico, processo complexo, vivências coletivas e individuais: uma narrativa.**

Se conseguíssemos elaborar esses tantos textos e executar o plano pensado, a tese teria alcançado os objetivos que tínhamos estabelecido quando elaboramos aquele texto para a disciplina de Etnomatemática: falar de nós e do nosso trabalho, mostrar nosso processo e o que defendemos. A tese, em si, seria, como defendemos, nossa metodologia: o processo; a articulação coerente entre teoria e prática, e, de quebra, demonstraria o que entendemos por teorização, resultado de uma antropofagia de tudo a que tivemos acesso durante o processo.

Entretanto, percebemos que algumas coisas que pensamos sobre a forma podem se perder. Nosso leitor pode não se lançar à leitura desse modo, com esse olhar, então, poderíamos explicar isso em uma introdução. Não, não... Melhor: uma vez Vicente, em uma orientação, nos disse que uma coisa é você dizer o que faz e, muitas vezes – na maioria – não fazer, e outra é você fazer, permitir que o leitor detecte o que você fez e, só depois, dizer. Desse modo, pensamos que isso poderia ser também mote para a construção de nossa tese. Assim, poderíamos escrever um capítulo que brinca com os tempos, um capítulo que estará entre o passado e o futuro, que diz do que já estará feito (esperamos) quando pensamos no que poderíamos fazer, o **Capítulo Horizontes**. Nele problematizaríamos a forma; explicaríamos as opções pelos recursos mobilizados e pelo formato pretendido; tematizaríamos, desde seu início, as intenções veladas que temos ao escrever; explicando, ainda, como chegamos ao que chegamos e quais as potencialidades desse ponto, móvel, de chegada. No início desse texto, poderíamos, inclusive, trazer o texto gerado quando do exercício de observação etnográfica, que, para nós, disse tanto... Assim, *diríamos, no início do Capítulo Horizontes, coisas em relação àquele texto que diríamos sobre a tese*.

Existem ainda outros detalhes que poderíamos tentar executar no texto e esclarecer no Capítulo Horizonte. Por exemplo, já que vamos construir narrativas, ao invés de citar no corpo do texto ou puxar notas de rodapé para as referências – como usualmente se faz –, traríamos notas de fim, como mais um modo de insistirmos na defesa de que a teorização não é apenas citar autores, mas, sim, realizar muitos movimentos, sendo um deles o de "ancorar suas teorizações nas suas próprias reflexões e práticas"[11], assim, "obrigando" nossos leitores a não buscar a referência que citamos, ficando, assim como nós, mais livres delas[12].

Já que falaríamos do nosso processo de formação durante a produção da tese, tendo a intenção de materializar no texto esse processo, poderíamos fazê-lo em relação ao próprio modo de narrar. Já que nosso processo de sensibilização foi vivido durante o desenvolvimento da pesquisa – no qual passamos a nos perceber em movimento, como alguém em formação, como singularidade –, poderíamos começar narrando no impessoal, no lugar de um narrador qualquer, de um "bom pesquisador" – para alguns – e, no processo, nos inserirmos no texto. Esse recurso poderia, aparentemente, dar certa linearidade ao texto, mas não entendemos que o mesmo comprometa nossas intenções, posto que cada texto, isoladamente, estaria escrito em um dado tempo verbal e apenas um deles explicaria essa mudança.

Ao fim, caso consigamos executar esses exercícios e usando o mesmo recurso que Ítalo Calvino, ao unir os títulos aparentemente arbitrários de suas histórias – no nosso caso, as intenções das histórias –, poderemos defender que: *"Uma versão histórica sobre a formação de professores de matemática, apresentando versões a partir dos documentos oficiais, mostrando análises a partir das narrativas dos sujeitos, diz de possibilidades dentre as quais muitas outras nos escapam: a formação de professores é um fluxo histórico, um processo complexo, resultado de vivências individuais e coletivas".*

Sim, está claro! Essa forma, para nós, deve ser a nossa tese. Será uma tese rizoma, como desde o início queríamos que ela fosse, pois "um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo [...] o rizoma tem como tecido a conjunção 'e... e... e...'. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser."[13]. Assim, poderíamos defender, entre outras coisas, que a tese não é, ela está... Criaríamos um fim, mas um fim arbitrário, assim como seria arbitrário seu início. Ela é construção de uma vida, de tudo o que somos, de tudo o que nos formou. Ainda que a forma proposta tenha seu início e seu fim bem

delimitados, embora pareça ser concluída, nunca será, estará sempre sendo, sempre no meio, "o lugar onde as coisas adquirem velocidade"[14]. Ela mostrará movimento: cada texto que fala do processo começará de um início possível, assim como terminará em um fim possível, do mesmo modo como as versões históricas, que podem ter um início e um fim possíveis. Entretanto, como tudo, tese, textos, histórias são sempre parciais, têm um início e um fim móveis, flexíveis, arbitrados.

Essa será uma tese como toda tese deveria ser: falará de um "antes", que também faz parte dela, que também a produziu, e sinaliza muitas possibilidades de "depois", possíveis continuidades; abre problemas mais do que os resolve, mostra um pesquisador desejante, mostra devires.

Assim, criaremos narrativas, "pelo menos três histórias, verdadeiras, porque nenhuma delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil e uma, se mil e uma noites me dessem"[15].

Acho que, no fim, é isso que esperamos: que essa tese faça sentido para o leitor, que o tenha feito perceber como foi o nosso processo de formação e o que pretendemos fazer. Se não conseguir fazê-lo, sei que o problema é de comunicação e de formação, pois nos formamos de determinados modos e com determinados valores, interpretando a vida de dado jeito, dando determinadas palavras a determinadas coisas e determinadas coisas a determinadas palavras, e os nossos leitores – àqueles aos quais, por acaso, não conseguimos nos fazer compreensíveis –, certamente possuem outras(os) formação, valores, formas de compreensão.

Para nós, essa tese não terá sentido se não for feita dessa forma, com movimento, com velocidade, com subjetividade(s). Por isso, na verdade, o fim será o começo, não o começo no papel, mas o começo imaginado, planejado, projetado.

Daí, então, poderemos realmente finalizar, mesmo porque, acreditamos, já estaremos nos estendendo demais e a intenção desse texto será apenas finalizar, arrematar o trabalho (talvez Vicente já tenha até questionado o tamanho, ou não, se ele entendeu nossa explicação talvez ele deva até ter achado a ideia interessante). Para finalizar o texto poderíamos retomar o começo (algum dos tantos começos, que nem sabemos mais qual seria), e se conseguirmos executar como imaginamos, acreditamos que conseguiremos alcançar os objetivos que propusemos, tanto para o texto quanto os traçados no projeto – nomeadamente: (geral:) compreender e elaborar versões históricas, a partir de diversas perspectivas documentais e testemunhais, de como se deu a formação dos professores que ensinavam matemática no estado do Rio Grande do

Norte, nas séries que correspondem aos atuais ensinos fundamental e médio, incluindo possíveis aspectos relacionados ao desenvolvimento desse processo de formação, antes e durante o período de criação dos quatro mais antigos cursos superiores que habilitavam professores em matemática nesse estado; (específicos:) compreender os aspectos de formação dos professores que lecionavam matemática, nas séries que correspondem aos atuais ensinos fundamental e médio, nas diversas regiões do estado do Rio Grande do Norte, antes da criação dos cursos que habilitavam professores de matemática; Compreender como se deu o processo de constituição dos quatro mais antigos cursos superiores que habilitavam professores de matemática no Rio Grande do Norte, os fatores que levaram a isso, bem como o envolvimento dos pedagogos nesse processo; Buscar compreensões acerca do "formar-se professor", analisando os fatores relativos a este processo; e construir uma versão histórica sobre o tema foco da pesquisa.

Entretanto, se executarmos a tese desse modo, ao final estaremos no início e, no início, em um final. Talvez esse seja um problema, talvez precisemos escrever um texto para o início e um para o fim, para realmente começar e terminar: as tão pedidas introdução e conclusão dos trabalhos acadêmicos – afinal estamos na academia e, para que uma tese seja uma tese, "sempre se pede. Por quê? Resposta: é assim porque assim é. Sempre foi? Sempre será. E se não foi? Mas eu estou dizendo que é. Pois"[16].

Assim, fugindo um pouco dos padrões desses textos, poderíamos fazer um texto intitulado **Desaceleração: das possíveis portas de entrada** e outro chamado **Capítulo Registros**. No primeiro, poderemos trazer algumas introduções possíveis, tratar de assuntos que também dizem sobre nossa tese, mas sem dizer claramente sobre ela; esse texto poderia ser uma introdução para os dois Tomos e servir para desacelerar o leitor, fazê-lo ir e vir, de modo a estar mais lento, mais reflexivo, mais desacelerado para a leitura da tese (mesmo cientes que, com ou sem esse texto, ele lerá como quiser). O segundo poderia compor o Tomo Travessias e trataria das questões que não seriam abordadas no Tomo Passos, pois seria produzido após sua conclusão; assim, poderia falar dos procedimentos que utilizamos para os nossos movimentos de análise, as construções narrativas, as discussões sobre os usos das fontes e como, para nós, os diferentes textos dessa tese se interconectam para tratar da formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte.

Falta apenas saber como começar, ou por onde começar... O começo. É difícil começar, principalmente a escrever, pois, no geral, esse é um momento complicado

quando um leque de possibilidades, desejos e insatisfações se mostram: “Vou começar assim”; “não, melhor assim!”; “daquela forma estava mais interessante...”; “quem sabe assim!?”. Sempre uma indecisão, uma indefinição. Mas passado algum tempo, o texto começa a tomar forma, a ganhar velocidade, seguindo rumo ao objetivo de comunicar “algo”...

---

[1] (GARNICA, 2015).
[2] (GARNICA, 2015, p. 11).
[3] (BRUNER, 1991, p. 4).
[4] (BRUNER, 1991, p. 4).
[5] (BRUNER, 1991, p. 12).
[6] (BRUNER, 1991, p. 16).
[7] (GARNICA, 2015; BRUNER, 1991; 1997; 2014).
[8] (GARNICA, 2015, p. 9).
[9] (GARNICA, 2015; BRUNER, 1991; 1997; 2014).
[10] (BRUNER, 1991, p. 7).
[11] (D’AMBROSIO, 1996, p. 81).
[12] (D’AMBROSIO, 1996).
[13] (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 38).
[14] (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 39).
[15] (LISPECTOR, 1998, p. 98).
[16] (LISPECTOR, 1999, p. 74).

Sumário PASSOS

REFERÊNCIAS

ABRANTES, A. C. S. **Ciência, Educação e Sociedade:** o Caso do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibecc) e da Fundação Brasileira de Ensino de Ciências (Funbecc). Tese de doutorado do Curso de Pós-graduação em história das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro. 2008.

ALBUQUERQUE JR, D. M. **História:** a arte de inventar o passado. Bauru/SP: EDUSC, 2009.

ALBUQUERQUE JR. D. M. **A Invenção do Nordeste e outras artes.** 4 ed. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2011.

ALBUQUERQUE, L. C.; GONTIJO, C. H. A complexidade da formação de professores de matemática e suas implicações para a prática docente. **Espaço Pedagógico,** v. 20, n. 1, p. 76-87, 2013.

ALONSO, K. M. Educação a distância no Brasil: A busca de identidade In: Preti, O. (Org.), **Educação a distância:** Inícios e indícios de um percurso. Nead/IE – UFMT. Cuiabá: UFMT, 1996, p. 57-74.

AMASCENO, A. F. (Org). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal). **Projeto Pedagógico Pedagógico do curso de Licenciatura em Matemática.** Natal: UFRN, 2002. 23 p. PPC - Licenciatura em Matemática UFRN/Caicó.

AQUINO, L. C.; MEDEIROS NETA, O. M.. O Curso Normal Regional de Pau dos Ferros: a inauguração da formação docente do Alto Oeste Potiguar (1951-1961). In: **Anais - VII Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2013, Cuiabá. VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Cuiabá: UFMT/SBHE, 2013.

AQUINO, L. C.; STAMATTO, M. I. S. De Escola Normal de Natal a Instituto de Educação Presidente Kennedy (1908-1965): a trajetória de uma instituição de referência na formação de professoras no Estado do Rio Grande do Norte - um lugar generificado. In: **VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 2006, Uberlândia. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e desafios da pesquisa e do Ensino de História da Educação. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 1411-1421.

ARAÚJO, A. R. M. ; MARTINS, D. K. O.; PAIVA, M. M. A Igreja e poder público nas políticas de Educação Básica do Rio Grande do Norte: uma parceria de sucesso em Caicó na década de 1920. In: **XXVI Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação - ANPAE**, 2013, Recife/PE. Anais do XXVI Simpósio Brasileiro de Política e Administração Da Educação - ANPAE. Fortaleza/CE: Biblioteca ANPAE, 2013.

ARAÚJO, A. R. M. A educação promovida pelas Filhas do Amor Divino em Caicó (1925 - 1941). In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2013, Cuiabá/MT. VII Congresso Brasileiro de História da Educação: circuitos e fronteiras da História da Educação no Brasil. Cuiabá/MT: EDUFMT, 2013.

ARAÚJO, A. R. M.; MARTINS, D. K. O.; PAIVA, M M . A Igreja e poder público nas políticas de Educação Básica do Rio Grande do Norte: uma parceria de sucesso em Caicó na

década de 1920. In: **Anais**, 2013, Recife/PE. XXVI Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação - ANPAE. Fortaleza/CE: Biblioteca ANPAE, 2013.

ARAÚJO, M. M. A educação escolar citadina (Rio Grande do Norte, 1924-1927). In: MIGUEL, E. B. M.; VIDAL, D. G.; ARAUJO, J. C. S. (org.). **Reformas educacionais**: A manifestação da Escola Nova no Brasil (1920-1946) (Coleção memória da educação). Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011, p. 139-154.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro.** 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Tradução: Mario W. Barbosa)

ASLAN, R. **Zelota – A vida e a época de Jesus de Nazaré.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013. (Tradução Marlene Suano)

ASSIS, M. Os dois Horizontes. In: **Crisálida - Obra completa, Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/poesia/maps01.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2016

BACHELARD, G. A Poética do Espaço. In: **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço.** Traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção: Os pensadores)

BARALDI, I. M. Ensaio de macramé: História Oral e Educação Matemática. In: GARNICA, A. V. M. (Org.). **Mosaico, Mapa, Memória**: ensaios na interface História Oral-Educação Matemática. 1.ed. Bauru - SP: Canal 6, 2006, v. 1. CD ROM

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP):** uma história em construção. 2003. 241 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2003.

BARALDI, I. M. Revisitando uma região: traços da formação de professores de Matemática no interior paulista. In: A. V. M. G. (Org.). **Cartografias Contemporâneas**: Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. 1ed.Curitiba: Appris, 2014, p.193-218.

BARALDI, I. M.; GAERTNER, R. **Textos e Contextos**: um esboço da CADES na História da Educação (Matemática). Blumenau: Edifurb, 2013.

BENCOSTTA, M. L. A. **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.

BENCOSTTA, M. L. A. **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.

BLOCH, M. **Apologia a História ou O Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001. (Tradução André Telles).

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNANDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa en Educación**: enfoque y metodología. Madrid: La Muralla, 2001.

BOLIVAR, António. ´De nobis ipsis silemus?´: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa em educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v.4, 2002. Acesso em 23/julho/2015 em http://redie.ens.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html.

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, A. (org.). **Tempo e História.** São Paulo: Companhia das letras, 1992. p. 19- 32.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. ed. 3. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. ed. 2. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Decreto no 19.890, de 18 de abril de 1931.** 1931. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/129393/decreto-19890-31>. Acesso em: 26 set. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Decreto-Lei n. 4.244 - de 9 de Abril de 1942.** 1942. Disponível em: < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto-lei%204.244-1942%20reforma%20capanema-sino%20secund%E1rio.htm>. Acesso em: 11 set. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Decreto-Lei nº 8.777, de 22 de Janeiro de 1946.** 1946. Disponível em: < http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8777-22-janeiro-1946-416416-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 set. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Lei de Diretrizes e Bases de 1971 - Lei 5692/71.** 1971. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>. Acesso em: 03 set. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Lei de Diretrizes e Bases de 1961 - Lei 4024/61.** 1961. Disponível em: < http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/108164/lei-de-diretrizes-e-base-de-1961-lei-4024-61>. Acesso em: 05 set. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Lei nº 5.540, de 28 de Novembro de 1968.** 1968. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm>. Acesso em: 20 set. 2012.

BRITO, A. J. (Org). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal). **Projeto Pedagógico Licenciatura em Matemática.** Natal: UFRN, 2002. 20 p. PPC - Licenciatura em Matemática UFRN/Natal.

BRITO, A. J.; CRUZ, S.S. L. e FERREIRA, J. P. C. A inserção do Movimento da Matemática Moderna na UFRN. **Diálogo Educacional.** PUCPR. V. 6. (18). p. 91 a 100. maio/agosto. 2006.

BRITO, A. J.; GUTIERRE, L. S. A formação de professores que ensinavam matemática no Rio Grande do Norte entre 1960 e 1970: o convênio SUDENE/USAID. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, 9., 2007, Belo Horizonte. **Anais...**, Belo Horizonte: [s.n.], 2007.

BRUNER, J. **Fabricando Histórias:** Direito, Literatura, Vida. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

BRUNER, J. The Narrative Construction of Reality. **Critical Inquiry**. v. 18, nº 1, p. 1-21, 1991.

BRUNER, Jerome. **Actos de Significado**: para uma psicologia cultural. Lisboa: Edições 70, 1997. (Tradução de Vanda Prazeres).

BURKE, P. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929 - 1989). ed. 2. São Paulo: Editora Unesp, 1992. (Tradução: Nilo Odália).

CALVINO, I. **Marcovaldo ou As estações na cidade.** São Paulo: Companhia das letras, 1994. (Tradução Nilson Moulin).

CALVINO, I. **O visconde partido ao meio.** São Paulo: Companhia das letras, 1996. (Tradução Nilson Moulin).

CALVINO, I. **Se um viajante numa noite de inverno.** São Paulo: Companhia das letras, 1999. (Tradução Nilson Moulin).

CAMPOS, H. G. **Caminhos da História:** estradas reais e ferrovias. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

CAMPOS, H. G. **Caminhos da História**: estradas reais e ferrovias. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

CARVALHO, B. **Nove noites.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CARVALHO, M. C. A. O dilema da eterna transitoriedade na formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental no Brasil. **Educacao em Perspectiva** , v. 4, p. 37-62, 2013.

CERTEAU, M. Práticas de Espaço. In: **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 167-217.

COSTA, A. N. **Mossoró:** nossa terra. Natal: SESC-RN, 2008.

COSTA, F. H. (Org). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Mossoró). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática.** Mossoró: UERN, 2010. 154 p. PPC - Licenciatura em Matemática UERN/Mossoró.

COSTA, G. C. G. Tempo histórico e imanência: os conceitos de "necessidade" e "possibilidade" numa história aberta. **Trilhas Filosóficas.** Caicó, Ano 1, n 2, p 144 a 156, jul.-dez., 2008.

COSTA, G. F. **A formação do professor em diferentes espaços socializadores:** um olhar sobre os alunos do curso Pedagogia da Terra da UFRN. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

COUSIN, A. O. A. O Movimento da Matemática Moderna nos Boletins da Sociedade Paranaense de Matemática. **Revista Diálogo Educacional** (PUCPR. Impresso) , v. 11, p. 751-768, 2011.

CURY, F. G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins.** Rio Claro, 2011. 289f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás.** Rio Claro, 2007. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2007.

CURY, F. G.; SOUZA, L. A.; SILVA, H. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Bolema.** (Rio Claro), v. 28, p. 910-925, 2014.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática:** da Teoria à Prática. Campinas: Papirus, 1996.

DALLABRIDA, N. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

DALLABRIDA, N.; TRIVIZOLI, D. M.; VIEIRA, L. As mudanças experimentadas pela cultura escolar do ensino secundário devido a implementação da reforma Capanema de 1942 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961. In: **VIII Colóquio "Ensino Médio, História e Cidadania"**, 2013, Santa Catarina. VIII Colóquio "Ensino Médio, Cultura e Cidadania". Santa Catarina: UDESC, 2013. p. 1-13.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1440. O Liso e o Estriado. In: **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. (Volume 5) Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. p. 158-190. (Tradução de Peter Pál Pelbart).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1933. Micropolítica e Segmentaridade. In: **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. (Volume 3). Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. p. 76 - 106

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1933. Micropolítica e Segmentaridade. In: **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. (Volume 3). Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. p. 76 – 106. (Tradução de Suely Rolnik).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. (Volume 1) Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 10 – 39. (Tradução de Aurélio Guerra Neto).

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 250, dez./1981.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 251, dez./1981a.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 257, dez./1982.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 296, dez./1985.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 317, dez./1987.

DOCUMENTA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, V. 74, dez./1967.

DUTRA, M. F. (Org). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Patu). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática.** Patu: UERN, 2010. 88 p. PPC - Licenciatura em Matemática UERN/Patu.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura:** uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Tradução: Waltensir Dutra).

FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de Matemática no Maranhão:** cartas para uma cartografia possível. Rio Claro, 2011. 388f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

FERNANDES, F. S. **A quinta história:** composições da Educação Matemática como área de pesquisa**.** Rio Claro, 2014. 233f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2014.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. ed. 4. Rio de janeiro: Editora FGV, 2001.

FILGUEIRA, M. C. M. **Dominação Política e Universidade.** Mossoró: Editora Fundação Vingt-un Rosado – Coleção Mossoró, 2006.

FILLOS, L. M. **A Educação Matemática em Irati (PR):** memórias e história. Curitiba, 2008. 228 f. Dissertação (Mestrado) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FINATO, J. A. R.; BARALDI, I. M.; MORAIS, M. B. CADES: um ensaio sobre uma formação de professores de Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 5, p. 88-100, 2012.

FIORENTINI, D. A pesquisa e as práticas de formação de professores de Matemática em face das políticas públicas no Brasil. **Bolema**, v. 21, n. 29, p. 43-70, 2008.

FIORENTINI, D.; CRECCI, V. Desenvolvimento profissional DOCENTE: um termo guarda-chuva ou um novo sentido a formação?. **Formação Docente** (online), v. 5, n. 8, p. 11-23, 2013.

FIORENTINI, D.; NACARATO, A. M. **Cultura, formação e desenvolvimento profissional de professores que ensinam matemática.** São Paulo: Musa Editora; Campinas, SP: GEPFPM-PRAPEM-FE/UNICAMP, 2005.

FIORENTINI, D.; NACARATO, A. M.; FERREIRA, A. C.; LOPES, C. S.; FREITAS, M. T. M.; MISKULIN, R. G. S. Formação de professores que ensinam matemática: um balanço de 25 anos de pesquisa brasileira. **Educação em Revista**, n. 36, p. 137-160, 2002.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências sociais. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999. (Tradução: Salma Tannus Muchail)

FOUCAULT, M. Introdução a Vida não Fascista. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Edipo – Capitalismo e Esquizofrenia**, Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder,** Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1979.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1979.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

FREIRE, D. J. **Mossoró, 1954.** Mossoró: ESAM/FGD, 1991.

FREIRE, M. D. Paradigmas de Segurança no Brasil: da ditadura aos dias atuais. **Aurora**, nº 5, p. 49-58, 2009.

FREIRE, S. H. S. L. M. **O Colégio Nossa Senhora das Vitórias em Assú/RN**: reconstruindo suas práticas educativas (1927-1937). Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró (RN), 2013.

GAERTNER, R. **A Matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968:** da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. 2004. 249 f. Tese (Doutorado). UNESP, Rio Claro, 2004.

GAERTNER, R.; BARALDI, I. M. Um Ensaio Sobre História Oral e Educação Matemática: pontuando princípios e procedimentos. **Bolema** (Rio Claro), nº 30, p. 47-61, 2008

GALETTI, I. P. **Educação Matemática e Nova Alta Paulista:** orientação para tecer paisagens. 2004. 204 f. Dissertação (Mestrado). UNESP, Rio Claro, 2004.

GARNICA, A. V. M. Ceci n´est pas un article: impressões fragmentadas sobre Arte e Educação Matemática. **Zetetiké**, 2015 (no prelo)

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAUJO, Jussara do Loióla (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, v. 1, p. 77 - 98.

GARNICA, A. V. M. Presentificando ausências: a formação e a atuação de professores de Matemática. In: Maria da Conceição Ferreira dos Reis Fonseca. (Org.). **Convergências e Tensões no campo da formação e do trabalho docente:** Educação Matemática (Parte IV - Coleção Didática e Prática de Ensino). ed. 1. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2010a, p. 555-569.

GARNICA, A. V. M. Professor e professor de matemática: das informações que se tem acerca da formação que se espera. **Revista Faculdade de Educação**, São Paulo , v. 23, n. 1-2, jan. 1997 . Disponível em < http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100012.>. Acessos em: 24 de setembro de 2015.

GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, p. 20-35, 2010b.

GARNICA, A. V. M. Sobre historiografia: fragmentos para compor um discurso. **Rematec** (UFRN), v. 8, p. 51-65, 2013.

GARNICA, A. V. M. Uma agenda para a História da Educação Matemática no Brasil?. **HISTEMAT. Revista de História da Educação Matemática** (Online), v. 01, p. 104-127, 2015b.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regime de historicidade e história oral. **Bolema** (Rio Claro), v. 25, nº 41, p. 213-250, 2011.

GARNICA, A. V. M.; SILVA, H.; FERNANDES, D. N. História Oral: pensando uma metodologia para a Educação Matemática. **Anais do V Congresso Internacional de Ensino da Matemática (V CIEM)**. ULBRA, 2010.

GARNICA; A. V. M. **A experiência do labirinto:** metodologia, história oral e educação matemática. São Paulo: UNESP, 2008.

GARNICA; A. V. M.; SOUZA, L. A. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GOMES, M. L. M. Formação e atuação de professores de Matemática, testemunhos e mapas. In: A. V. M. G. (Org.). **Cartografias Contemporâneas**: Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. 1ed.Curitiba: Appris, 2014, p. 11-38.
GOMES, M. L. M. **História do ensino de Matemática:** uma introdução. Belo Horizonte: CAED-UFMG, 2012.

GONÇALVES, N. G. A Escola Superior de Guerra e a Lei 5692/71: educação e a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento. In**: VI Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2011, Vitória - ES. VI Congresso Brasileiro de História da Educação. Vitória - ES: UFES, 2011. Disponível em: http://snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares

GREENBLATT, S. **Possessões Maravilhosas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

GUATTARI, F., ROLNIK, S. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005

GUIMARÃES, H. M.; SILVA, A.; PONTE, J. P.; SANTOS, L.; ABRANTES, M.; ABRANTES, P. **Paulo Abrantes – Intervenções em Educação Matemática.** Lisboa: Associação de Professores de Matemática, 2005.

GUTIERRE, L. S.. **O ensino da Matemática no Rio Grande do Norte (1950-1980):** trajetória de uma modernização. 2008. 150 f. Tese (Doutorado) - UFRN, Natal, 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006. (Tradução: Beatriz Sidou)

IBGE. Ministério da Fazenda. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** 2014. Disponível em: < http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=24&search=rio-grande-do-norte> Acesso em: 28 outubro 2015

KAFKA, F. **A metamorfose.** São Paulo: Hedra, 2011. (Tradução: Celso Donizete Cruz)

KELLER, E. F. O paradoxo da subjetividade científica. In: SCHNITMAN, Dora Fried (orga.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KULESZA, W. A. Igreja e educação na Primeira República. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 25, 2002, Caxambu. Anped. Caxambu: Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/25/wojciechandrzejkuleszat02.rtf>. Acesso em: 28 set. 2012

LARROSA, J. **Carta aos leitores que vão nascer**. Conferência COLE 7. 2007.

LARROSA, J. **Nietzsche & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.

LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, F. R. **Grupo de Estudo do Ensino de Matemática – GEEM**: Formação de Professores e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Ponfitifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

LIRA, A. T. N. **A legislação de Educação no Brasil durante a ditadura Militar (1964-1985)**: um espaço de disputas. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

LISPECTOR, C. **A bela e a fera**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999

LISPECTOR, C. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. A quinta história. In: _____. **A legião estrangeira.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999. p. 74-76.

LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998a.

LOZANO, A. A. C. **Os Livros Didáticos de História e a Doutrina da Segurança Nacional.** São Bernardo do Campo, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

MAIOR, M. S. **Kardec – A biografia.** Rio de Janeiro: Record, 2012

MARCHELLI, P. S. Da LDB 4.024/61 ao debate contemporâneo sobre as bases curriculares nacionais. **Revista e-Curriculum**, v. 12, n. 03, p. 1480 - 1511 out./dez. 2014. Disponível em: < http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: 29 ago. 2016.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. Rio Claro, 2012. 379f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2012.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas técnicas agrícolas e Educação Matemática:** história, práticas e marginalidade. Rio Claro, 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2007.

MASSEY, D. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAURÍCIO, L. A. **Centro de Ciências:** origens e desenvolvimento – uma relação sobre seu papel e possibilidades dentro do contexto educacional. Dissertação de mestrado em Educação no Instituto de Física/Faculdade de Educação USP, São Paulo. 1992.

MEDEIROS, C. M. L. O programa acadêmico da Faculdade de Filosofia de Natal e a formação de professores no Rio Grande Do Norte (1956-1960). In: **VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas - HISTED**, 2006, Campinas/SP. Anais do VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas - HISTED. Campinas/SP: 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/C/Cristiana%20moreira%20lins%20de%20medeiros.pdf>. Acesso em: 14 de outubro de 2015.

MEDEIROS, S. A Docência (e a formação docente) na Educação a Distância (EaD): notas para reflexão. **Educação em Perspectiva** (Viçosa), v. 1, n. 2, p. 231-354, jul./dez. 2010.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MELO, P. B. **Minhas memórias da Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró.** Mossoró: ESAM/FGD, 1982.

MENDES, L. F. G. **Educação para a Gestão da Mobilização e Segurança Nacional**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2009.

MONTE, M.; ANTUNES, A. **Chuva no mar.** Intérpretes: Marisa Monte, Carminho. Rio de Janeiro: Som livre, 1 CD.

MORAIS, M. B. **Fluxos, encontros e histórias:** singularidades da formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte. 2016. (No prelo).

MORAIS, M. B. **O uso da História como Recurso Metodológico no Ensino de Matemática.** 2010. 70 f. Monografia (Graduação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2010.

MORAIS, M. B. **Peças de uma história:** formação de professores de matemática na região de Mossoró/RN. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2012.

MORAIS, M. B. Sobre sujeitos e paisagens, movimentos e mutações: a migração e a formações de professores de matemática. In: **II Simpósio Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas**, 2014, Mossoró. Anais do II Simpósio Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas. Mossoró: UERN, 2015. p. 314-328.

MORAIS, M. B.; GARNICA, A. V. M. Da duração situada: um estudo sobre historiografia, espaço e Educação Matemática. **Revemat: Revista Eletrônica de Educação Matemática**, 2016 (No prelo).

MORATORI, F. **Os corredores infinitos**. 2011. Disponível em: <http://riosemmargens.blogspot.com.br/2011/10/material-em-processo-caminho-ii.html>. Acesso em: 11 nov. 2016.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 21 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. (Tradução: Eloá Jacobina).

MORIN, E. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D. F. (orga.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015 (Tradução: Eliane Lisboa).

NASCIMENTO, P. D.; LEITE, T. S.; GALVÃO, K. M.; MACIEL, F. M. F. F. Casa da Estudante: psicologia corporal em uma residência para estudantes do ensino médio. In: **Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais.** 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. Anais... Centro Reichiano, 2004.

NIELSON NETO, H. **Filosofia Básica.** 2. Ed. São Paulo: Atual Editôra LTDA, 1985.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo.** São Paulo: Editora Escala, 2006.

NONATO, R. **A escola do outro tempo (professores de Mossoró)**. Mossoró: Coleção O Mossoroense, 1968.

NÓVOA, A. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigação em educação.** 2 Série, número 3, 2015. P. 13-22

OLIVEIRA FILHO, F. **O School Mathematics Study Group e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil**. 2009. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, A. L.; SILVA, L. E. Ideologia segundo John Tompson: reflexões da política de educação no período da ditadura militar brasileira (1964-1985). **Revista HISTEDBR On-line**, nº 54, p.220-229, dez. 2013. Disponível em: < http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640179>. Acesso em: 12 set. 2016.

OLIVEIRA, H. **A construção da identidade profissional de professores de matemática em início de carreira.** Lisboa, 2004. 584f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 2004a.

OLIVEIRA, H. Percursos de identidade do professor de Matemática em início de carreira: o contributo da formação inicial. **Quadrante**, v. 13, n. 1, p. 115-145, 2004b.

OLIVEIRA, M. C. A. A geometria na formação de normalistas em tempos de Escola Nova: apropriações mineiras na década de 1930. **Revista da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, v. 01, p. 04-14, 2014.

PAIVA M. Sociedade, Educação e Religião: O Caso da Ação Educativa Em Natal(1944-1964). **Educação em Questão**, v. 07, n.1/2, p. 107-123, 1997.

PAIVA, M. M. A. (Re)Construção da Escola Primária no Rio Grande do Norte. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. **IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação - "Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de**

História da Educação", 2006. 4227 – 4237. Acesso em: 06/02/2012, disponível em: http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/382MarluciaPaiva.pdf.

PASSOS, C. L. B.; NACARATO, A. M.; FIORENTINI, D.; MISKULIN, R. G. S.; GRANDO, R. C.; GAMA, R. P.; MEGID, M. A. B. A; FREITAS, M. A. M.; MELO, M. V. Desenvolvimento profissional do professor que ensina Matemática: uma meta-análise de estudos brasileiros. **Quadrante**, v. 15, n. 1-2, p. 93-219, 2006.

PEREIRA, Y. A. **Memórias de um suicida.** 23. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1997. (Ditado pelo Espírito Camilo Cândido Botelho).

PINTO, T. P. **Projetos Minerva:** uma caixa de jogos caleidoscópica. Bauru, 2013. 386 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru (SP), 2013.

PONTE, J. P. (org.). **Práticas profissionais dos professores de matemática**. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2014.

PONTE, J. P. A formação do professor de Matemática: Passado, presente e futuro. In: SANTOS, L.; CANAVARRO, A. P.; BROCADO, J. **Educação matemática**: Caminhos e encruzilhadas - Encontro Internacional em Homenagem a Paulo Abrantes). Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2005, p.267-284.

PONTE, J. P. Da formação ao desenvolvimento profissional. **Actas do ProfMat98**, p. 27-44, 1998.

PONTE, J. P. O professor de Matemática: Um balanço de dez anos de investigação. **Quadrante**, v. 3, n. 2, p. 79-114, 1994.

PORTELLI, A. **Ensaios de História Oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010. (Tradução: Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago)

QUEIROZ, E. **Contos.** São Paulo: Ediouro, 2004.

RAMOS, A. G. **O primeiro ciclo na universidade brasileira:** contribuição para o estudo de sua implantação e funcionamento**.** Rio de Janeiro, 1979. 312f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro (RJ), 1979.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de Matemática:** (im)possibilidades de leitura. Rio Claro, 2006. 288f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. Centros e periferias no mundo luso-brasileiro (1500-1808). **Revista Brasileira de História**, vol. 18, n. 36, 1998.

SAID, E. **Orientalismo:** o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, F. R.; BEZERRA NETO, L. Estado, educação e tecnologia na ditadura civil-militar brasileira. **Revista HISTEDBR On-line**, nº 40, p.113-125, dez. 2010. Disponível em: < http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639809>. Acesso em: 23 set. 2016.

SANTOS, W. S. A concepção privatista e excludente da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 4024/61: uma análise introdutória. **Revista espaço acadêmico**, nº 76, set 2007. Disponível em: < http://www.espacoacademico.com.br/076/76santos.htm >. Acesso em: 29 ago. 2016.

SAVIANI, D. Análise crítica da organização escolar brasileira através das Leis nº. 5.540/68 e 5.692/71. In: **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 11. ed. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SEARA, H. F. **Núcleo de Estudo e Difusão do Ensino da Matemática – NEDEM – "Não é Difícil Ensinar Matemática"**. 2005. 228 f. Dissertação (Mestrado) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SENNETT, R. **Carne e Pedra:** o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de sessão Janeiro: BestBolso, 2008.

SILVA, B. C. **Breve história do CECINE:** como a ciência virou dúvida e investigação. 2012 (mímeo)

SILVA, D. S. **Educandário da zona urbana de Mossoró; patronos.** Mossoró: ESAM/FGD, 1984.

SILVA, H. **Centro de Educação Matemática (CEM):** fragmentos de identidade. Rio Claro, 2006. 480f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2007.

SILVA, H.; VIOLA DOS SANTOS, J. R. Sobre teorização, estética ficcional e algumas aproximações entre o Modelo dos Campos Semânticos e a História Oral. In: ANGELO, C. L. et al. **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática**: 20 anos de história. São Paulo: Midiograf, 2012. p. 110-128.

SILVA, M. C. F. **O Curso Normal de 1º Ciclo em Assú/RN (1951-1971)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2011.

SILVA, R. C.; NOMERIANO, A. S. Ideologia e política: uma análise das leis impostas pelo estado burguês e da legislação educacional brasileira. **Revista HISTEDBR On-line**, nº 59, p.176-190, out 2014. Disponível em: < http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/viewFile/8640355>. Acesso em: 29 ago. 2016.

SILVA, T. T. P. **Os Movimentos Matemática Moderna**: compreensões e perspectivas a partir da análise da obra "Matemática – Curso Ginasial" do SMSG. 2013. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

SILVEIRA, E. S. História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. **Ciência e Conhecimento**, v.1, p. 1-7, 2007.

SILVEIRA, R. J. T. Educação e Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento no contexto brasileiro pós-1964. In: 62ª Reunião Anual da SBPC, 2010, Natal. **Anais da 62ª Reunião Anual da SBPC.** Acesso em 28/12/2012. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/2648.htm

SOUZA, K. C. A. A poesia de repente improvisa o passado: narrativa, memória e identidade. In: VON ZUBEN, M. C. et al. (orgs.). **Sujeitos, Saberes e Práticas Sociais.** Mossoró: Edições UERN, 2012.

SOUZA, L. A. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar.** Rio Claro, 2011. 419f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

SOUZA, L. A.; GARNICA, A. V. M. As Matemáticas Modernas: um ensaio sobre os modos de produção de significado ao(s) movimento(s) no ensino primário brasileiro. **Revista Latinoamericana**, v. 16, p. 369-393, 2013.

SOUZA, L. A.; GARNICA, A. V. M. Movimentos de um Movimento: um estudo sobre os significados atribuídos ao escolanovismo e seus ritmos. **Educação Matemática Pesquisa** (Online), v. 14, p. 481-506, 2012.

TANUS, M. I. J. **Mundividências:** histórias de vidas de migrandes professores. São Paulo: UNIC: Zouk, 2002.

THOMPSON, P. **A voz do passado:** história oral. 2. ed. Rio de janeiro: Paz e Terra. 1992.

TOILLIER, J. S. **A formação do professor (de matemática) em terras paranaenses inundadas**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

UNESCO. **Brazil - National Centre for Research and Development in Science Teanching.** Paris, August 1968.

VALE, A. M.; GOES, R. R. Sobre a história do professor leigo do Brasil (Paraná) nos séculos XX – XXI : diversidades das situações, precariedade, desafio econômico-político e ético. In: **Anais do VII Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares**, 7., 2010, São Paulo. Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares. São Paulo: 2010. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/24/T1121598294951.DOC>. Acesso em: 05 outubro 2012.

VALENTE, W. R. A Matemática Moderna nas Escolas do Brasil: Um Tema Para Estudos Históricos Comparativos. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 18, p. 19-34, 2006.

VALENTE, W. R. Osvaldo Sangiorgi e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, v. 8, n. 25, p. 583-613, set./dez. 2008.

VALENTE, W. R.; PINHEIRO, N. V. Ensinar e avaliar cientificamente a matemática nos anos iniciais: Lourenço Filho e a Revista Escola Nova. **Boletim GEPEM** (Online), v. 67, p. 16-35, 2015.

VIANNA, C. R. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática.** São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VIGHI, C. S. B. **Professores leigos em escolas rurais:** trajetórias de vida profissional de um passado revisitado. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado) – UFPel, Pelotas, 2008.

VIGHI, C. S. B. Trajetória profissional de docentes leigos em escolas rurais: reflexos de um processo de formação pessoal. In: **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPED SUL**, 2010, Londrina. VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPED SUL. Santa Catarina: VRSYS, 2010, p 1-16.

WHITE, H. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso:** ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994. 310p.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: _____. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2012.

XAVIER, F. C. **Há dois mil anos**. 29. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1996. (Ditado pelo Espírito Emmanuel).

Sumário PASSOS

Sumário TRAVESSIAS

SUMÁRIO (Se um viajante...)